



Universidade de Lisboa

Faculdade de Letras

PSICOMAQUIA:
O COMBATE ESPIRITUAL NOS
SERMONÁRIOS DE SANTO ANTÓNIO DE
LISBOA E DE FREI PAIO DE COIMBRA

BEATRIZ ALVES CALDEIRA

2024

Dissertação de Mestrado especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em
História, na especialidade de História Medieval, orientada pelo Prof.º Doutor Armando
José Gomes do Norte

À minha mãe

RESUMO/ABSTRACT

Resumo:

Elemento estruturante da espiritualidade ocidental desde a sua origem, em tempos pré-cristãos, a ideia de guerra interior cristalizou-se, ao longo de toda a Idade Média, numa imagética militar recorrente com características *sui generis*, um *topos* que perpassou toda a literatura cristã coeva e, de um modo especial, a arquetípica *Psicomaquia* de Prudêncio, em que se representam, em tons épicos, as lutas alegóricas travadas na alma do cristão entre as virtudes e os vícios, entre o Bem e o Mal. Esta dissertação de mestrado pretendeu contribuir para aprofundar o conhecimento do imaginário da guerra no Ocidente medieval, a partir da análise das representações ligadas a este tema em duas importantes obras literárias da primeira metade do século XIII, reconhecidas como exemplares raros do género parenético no Portugal medieval, designadamente os *Sermones Dominicales et Festivi* do franciscano Santo António de Lisboa (e de Pádua) e a *Summa Sermonum* do dominicano Frei Paio de Coimbra. Enquadrando a imagética bélica antoniana e pelagiana na longa tradição literária da *Psicomaquia*, questionou-se e procurou-se justificar, neste estudo, a admirável frequência com que os dois pregadores portugueses recorreram à guerra enquanto fonte de metáforas, alegorias, exemplos, similitudes e outros recursos retórico-linguísticos frequentes na sermonística medieval. Procedeu-se, para o efeito, a uma análise comparativa da génese e receção dos construtos bélicos presentes nas suas obras, um exame em que a ênfase recai sobre o seu entendimento enquanto imagens verbais (*picturae*), elementos de um processo de comunicação narrativo que se procurou reconstituir, veículos de disposições morais, doutriniais e laudatórias de reconhecida eficácia na retórica cristã, mas de acrescida complexidade e importância no Ocidente europeu dos séculos XII e XIII, em profunda transformação.

Palavras-chave:

Idade Média (Séc. XIII)

Práticas e representações culturais

Literatura parenética portuguesa

Ordens mendicantes

Psicomaquia

Santo António de Lisboa

Frei Paio de Coimbra

Abstract:

A structuring element of Western spirituality since its origins in pre-Christian times, the idea of inner warfare crystallized, throughout the Middle Ages, into a recurring military imagery with *suis generis* characteristics – a *topos* that permeated all contemporary Christian literature, and in a special way Prudentius's archetypal *Psychomachia*, in which the allegorical struggles between Virtues and Vices, Good and Evil, fought within the Christian soul, are represented in epic tones. This dissertation aimed to deepen the knowledge of war imagination in the medieval West by analyzing depictions related to this theme in two significant literary works from the first half of the 13th century, recognized as rare specimens of the parenetic genre in medieval Portugal, namely *Sermones Dominicales et Festivi*, attributed to the Franciscan St. Anthony of Lisbon (and of Padua), and *Summa Sermonum de Festivitatibus* by the Dominican Frei Paio of Coimbra. Framing the martial imagery identifiable in the two sermon collections within the long psychomachic literary tradition, this study questioned and sought to ascertain why the two Portuguese preachers resorted with admirable frequency to war as a source of metaphors, allegories, examples, similes, and other rhetorical-linguistic devices common in medieval sermon literature. To this end, a comparative analysis on the warlike constructs' genesis and reception was conducted, a exam emphasizing their understanding as verbal images (*picturae*), elements of a narrative communication process which we sought to reconstitute, vehicles of moral, doctrinal, and laudatory dispositions of recognized efficacy in Christian rhetoric, but increased complexity and importance in the deeply transforming European West of the 12th and 13th centuries.

Keywords:

Middle Ages (13th century)

Practices and cultural representations

Portuguese parenetic literature

Mendicant Orders

Psychomachia

St. Anthony of Lisbon

Frei Paio of Coimbra



Ilustração: David mata Golias.
Iluminura em pergaminho, por miniaturista anónimo.
Manuscrito de Vestfália, “O Espelho da Salvação
Humana” (1360).

GRATIARUM ACTIO

Empreender um trabalho desta natureza assemelha-se, por vezes, a uma verdadeira Psicomaquia. Todos os que já o fizeram saberão reconhecer a oportunidade da analogia. É um combate interior prolongado contra um sem-número de obstáculos cuja superação exige empenho, dedicação e sacrifício... e um combate solitário. Paradoxalmente, não seria possível travá-lo sem a ajuda, apoio e incentivo de um conjunto de “veteranos” e “companheiros de armas” – mestres, colegas, amigos e familiares. A todos os que continuamente marcharam ao meu lado na campanha pessoal que foi, para mim, a elaboração deste trabalho, não queria, por isso, deixar de dirigir um agradecimento especial. Afinal, a vitória, se assim se pode chamar a este ciclo que agora se encerra, também a eles se deve.

Assim, como não poderia deixar de ser, começo por expressar o meu reconhecimento ao Professor Armando Norte, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL), tendo, à partida, a ingrata certeza de que nenhuma palavra de agradecimento, por mais sincera, poderá saldar a dívida que contraí para com ele nos três anos em que me acompanhou neste percurso. Desde logo, pela sua pronta e entusiástica aceitação da responsabilidade de orientar alguém que então mal conhecia e cujo caminho cruzara o seu da forma mais inusitada para um medievalista, anos antes, numa cadeira opcional de História da Antiguidade Tardia, que extraordinariamente lecionou nesse ano. E, desde então, por tanto mais... pela disponibilidade manifesta desde o primeiro minuto para ajudar com desafios académicos não necessariamente afetos à dissertação, de que me fiz valer em mais do que uma ocasião; pelas horas infindáveis que sacrificou na leitura, revisão e correção atenta e cirúrgica destas páginas, contribuindo com sugestões, críticas e pistas de leitura que levaram a que o resultado final fosse o que se apresenta; pela palavra tranquilizadora, animadora e solidária que sempre me reservou nos muitos momentos de desânimo, incerteza e ansiedade que pontuaram a feitura deste trabalho, sem a qual essas pequenas crises – na sua maioria injustificadas, reconheço-o agora, mas não menos angustiantes então – teriam sido tão mais difíceis de ultrapassar; pela minha iniciação ao mundo da investigação histórica, recheada de experiências irrepetíveis e inesquecíveis a ele inteiramente devidas, que tomo como provas da confiança e amizade que depositou em mim, e com as quais poderá sempre contar da minha parte; pela sua forma despretensiosa de interpretar e exercer o papel de orientador científico e mestre, que tanto lhe admiro e que tão mais fácil tornou a minha experiência do crescimento e da aprendizagem; numa palavra, por ter sido para mim, mais do que um orientador, uma figura modelar, enquanto ser humano e intelectual. E, verdadeiramente, que melhor

reconhecimento se poderia dirigir a alguém que consagra a sua carreira ao estudo das vidas e obras dos seus homólogos medievais e soube inculcar-me o gosto também por essa vertente da cultura medieval? Uma retribuição por tudo isto, sei-o bem, jamais poderia caber num parágrafo de agradecimento. Mas fica a certeza de que nada foi esquecido, na expectativa de poder vir a ser retribuído.

O segundo agradecimento, devo-o ao Professor José Varandas da FLUL. Acompanhou-me com toda a diligência, paciência e boa disposição que lhe são características numa fase ainda inicial da minha formação, manifestando sempre total abertura para ouvir as minhas cogitações e responder às minhas interrogações; quer nas suas aulas de História Militar Medieval, quer durante o seminário final de licenciatura, em que aceitou prontamente orientar-me, propondo um tema de trabalho que continua a ser-me caro. Foi, para além disso, por iniciativa sua que fui reconduzida ao Professor Armando – confessadamente das melhores partes que esta jornada me reservou. Mais, a ele se deve, em boa medida, o indisfarçável interesse que nutro pelas coisas da guerra (mesmo as imaginadas) e, em última instância, que me trouxe ao tema deste trabalho.

Sinto-me também no dever de dirigir uma palavra de agradecimento aos restantes membros do corpo docente da FLUL, em especial do núcleo de Estudos Medievais, pelos muitos ensinamentos que tive o privilégio de colher, tanto em aulas frequentadas ainda durante a licenciatura como mais tarde, nos seminários de mestrado: o Professor Hermenegildo Fernandes; a Professora Ana Maria Rodrigues; o Professor Bernardo Sá-Nogueira; a Professora Manuela Santos Silva; a Professora Julieta Araújo; e a Professora Filipa Roldão. As suas lições foram, no seu conjunto, impactantes sob a minha forma de olhar o passado medieval nas suas diversas vertentes e, por extensão, também sob o resultado final deste trabalho.

Não posso também deixar de expressar uma palavra de apreço para com todos os docentes que, no Workshop de Estudos Medievais e na Escola de Outono em Estudos Medievais, onde este projeto de mestrado foi apresentado numa fase ainda muito embrionária, contribuíram com observações que viriam a revelar-se de grande valia para o seu desenvolvimento. Destaco, neste sentido, os preciosos comentários e sugestões da Professora Joana Gomes, do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto (FLUP); do Professor Hermenegildo Fernandes (FLUL); das Professoras Maria João Branco e Amélia Aguiar, do Instituto de Estudos Medievais (NOVA FCSH); e do Professor Denis Menjot, da Université Lumière Lyon 2 (U. Lyon 2).

Agradeço igualmente à instituição científica que me acolheu enquanto investigadora numa fase ainda muito precoce do meu percurso académico – o CH-UL – na pessoa do seu então diretor, o Professor Luís Filipe Barreto. Este agradecimento estende-se, naturalmente, aos funcionários e investigadores do centro, com os quais tive o prazer de privar, de forma mais ou menos circunstanciada, algures no curso desta jornada, e de quem contei sempre com a maior simpatia e disponibilidade para ajudar em assuntos administrativos e académicos, em especial, ao André Morgado, ao Filipe Fernandes, à Ana Patrícia Estácio, à Inês Araújo e ao Rui Miguel Rocha.

Tenho também a agradecer aos meus amigos, à Xana, ao Afonso e ao Diogo os incontáveis jantares e serões partilhados ao longo das últimas duas décadas e, em especial, os dos últimos três, que tantas vezes serviram para expiar as inevitáveis angústias que acompanharam o desenvolvimento deste trabalho, contribuindo, à sua maneira, para que chegasse a bom porto.

E, porque os últimos são os primeiros, à minha família cabe o mais especial dos agradecimentos, que é também o mais difícil. Quando o que se quer reconhecer são o amor, amparo, compreensão e paciência incondicionais, as palavras tendem a minguar, parecendo insuficientes. Mas a verdade é que esta dissertação devo-a, acima de tudo, aos que me são mais próximos: ao meu avô, pelo apoio, incentivo e constante cuidado posto em que nada me faltasse para prosseguir os estudos; à minha avó, cujo desaparecimento recente deixou um vazio profundo e irreparável na minha vida, furtando-me da possibilidade de partilhar esta conquista com ela, que acreditava mais do que eu nas minhas capacidades e tanto me elogiava a dedicação ao trabalho (arrependo-me agora de todos os minutos que essa dedicação nos roubou); à minha irmã, que sem o saber é para mim um exemplo de resiliência e superação; ao meu pai, que sempre soube muito bem compreender e respeitar as ausências (físicas e de espírito) que a realização deste trabalho implicou; e à minha mãe, a minha melhor amiga, mas também a minha primeira e mais entusiástica leitora, especialista como ninguém em aturar pacientemente as crises existenciais e os acessos de mau humor que a escrita me suscita mais vezes do que devia. Devo-lhe tudo o que sou e tudo o que alguma vez alcancei. Este trabalho não é diferente. As páginas que se seguem são para ela.

I. EXORDIUM

Parte preambular do sermão erudito medieval, que visa captar a atenção da audiência e introduzir o tema.

Siegfried Wenzel

Medieval Artes Prædicandi.

A synthesis of scholastic sermon structure.

1) Tema

A guerra acompanhou, desde tempos imemoriais, o percurso do Homem na história. Como tal, e à semelhança de outras práticas públicas e coletivas ancestrais, também ela não deixou de enraizar-se como um elemento estruturante do imaginário humano, do qual a representação se afigura como uma componente determinante, sintetizadora, segundo Jacques Le Goff, de “todas e quaisquer traduções mentais de uma realidade exterior apreendida”¹. No que concerne às representações da Idade Média, o elevado quantitativo de construtos bélicos do período, que subsistem até à atualidade por todo o Ocidente europeu, e a frequência com que o tema da guerra se depara surgem como uma prova indelével do impacto decisivo do fenómeno militar sobre a evolução das sociedades medievais, justificando-se, neste sentido, a recuperação das palavras elucidativas de Philippe Contamine: “o imaginário medieval vivia com obsessões pela guerra, como sugere a recorrência, século após século, de idênticos e perenes simbólicos”².

Enquanto repositório privilegiado para o estudo das práticas e das representações culturais, na linha das propostas de Roger Chartier³, a literatura produzida na Cristandade ao longo da Idade Média confere perspetivas singulares também no que concerne à mundividência dos homens medievais face à guerra, inesgotável fonte de critérios para criar protagonistas e heróis, de motes para trechos narrativos e digressões de cariz especulativo orientadas por interesses éticos e, por isso, tema recorrente e transversal à totalidade dos géneros literários em coexistência no período, desde novelas de cavalaria à poesia épica e lírica, às crónicas e escritos religiosos, como as hagiografias⁴. Muitas destas formas, acrescidas de tantas outras que ultrapassam as fronteiras do que se entende convencionalmente por “literário”, marcaram o panorama de produção escrita do reino de Portugal, a partir de um período tão recuado como o que remonta aos séculos fundacionais da nacionalidade⁵. Não ficaram à margem deste amplo rol de produções

¹ Jacques Le Goff, *O imaginário medieval*, trad. Manuel Ruas (Lisboa: Editorial Estampa, 1994), 11–2.

² Philippe Contamine, *War in the Middle Ages*, trad. Michael Jones (Oxford: Blackwell Publishing, 1984), 13.

³ Roger Chartier, *A História Cultural. Entre práticas e representações*, trad. Maria Manuela Galhardo, 2.^a ed. (Lisboa: Difel, 1988).

⁴ Sobre a expressão literária em Portugal na Idade Média, são do maior interesse os estudos de Mário Martins, *Estudos de Literatura Medieval* (Braga: Livraria Cruz, 1956).

⁵ Feliciano Ramos, *História da Literatura Portuguesa*, 7.^a ed. (Braga: Livraria Cruz, 1960); António José Saraiva e Óscar Lopes, “Idade Média” in *História da literatura portuguesa*, 17.^a ed. (Porto: Porto Editora, 2001), 35–155.

originais as obras identificáveis com um dos géneros que, em virtude das suas propriedades comunicativas, das suas funcionalidades eminentemente ético-moralizantes, didáticas e persuasivas, e das próprias vicissitudes do contexto histórico, conheceu maior popularidade ao longo do medievo: a prédica⁶.

O presente estudo partiu da aspiração, marcadamente ambiciosa, de estudar a imagética da guerra, a partir de uma perspetiva multidimensional, num amplo *corpus* de textos editados, compreendendo numerosas peças literárias em latim e língua vulgar, produzidas por letrados portugueses ou ativos no reino de Portugal, ao longo dos séculos XII e XIII. Com esse objetivo em vista, procedeu-se a um levantamento dos textos literários editados, remetentes à referida cronologia. Contudo, a inexequibilidade do estudo no tempo determinado para o efeito, com o rigor científico e metodológico que se exige a uma investigação deste fôlego – em especial no que concerne à necessária consideração da especificidade de cada género literário e do corpo de estudos aprioristicamente desenvolvidos sobre cada peça – depressa se tornou evidente, tal a amplitude e diversidade de fontes identificadas. Perante esta impossibilidade, o projeto, que recebeu inicialmente o título de *Ler a guerra: representações da guerra na literatura portuguesa medieval (séc. XII-XIII)*, foi sujeito a uma delimitação mais rigorosa do seu núcleo documental, sem que se comprometesse a originalidade da proposta de investigação inicial, *grosso modo* contida nas abordagens menos convencionais que se projetavam na aproximação ao tema.

Esta limitação implicou, desde logo, o abandono da referida pretensão totalizadora, e passou pela restrição do estudo das representações bélicas a um género literário específico, a homilética, mais concretamente a duas importantes obras do século XIII, reconhecidas como testemunhos bem representativos da parenética medieval portuguesa, designadamente os *Sermones Dominicales et Festivi* (*Sermões Dominicais e Festivos*), uma coleção de 77 homilias atribuídas ao célebre franciscano e taumaturgo português, Santo António de Lisboa, *S. Antonius Patavinus* (†1231)⁷, e a chamada *Summa Sermonum de Festivitatibus* (*Suma dos Sermões das Festas*), um *corpus* formado por 406 panegíricos da autoria do dominicano Frei Paio de Coimbra, *Frater Pelagius Parvus*

⁶ Sobre o relevo assumido pela pregação no período em apreço, vid. O. C. Edwards, “Part II: The Middle Ages,” in *A History of Preaching*, vol. 1 (Nashville: Abingdon Press, 2004), 245–50.

⁷ Santo António de Lisboa, *Obras completas. Sermões dominicais e festivos*, introd., trad. e notas Henrique Pinto Rema, 2 vols. (Porto: Lello & Irmão, 1987).

(†1249)⁸, prior do convento da Ordem dos Pregadores (O.P.) naquela cidade, fundado uma década após a entrada de franciscanos e dominicanos no reino de Portugal, em 1217⁹.

Se, por um lado, este lote, composto por cerca de cinco centenas de sermões, passava assim a configurar um corpo documental coerente e coeso, facilmente autonomizável da restante expressão literária coeva, dadas as próprias especificidades do género parenético, o afunilamento do objeto de estudo obrigou à revisão e alteração do título da dissertação, entretanto rebatizada na sua versão definitiva: *Psicomaquia: o combate espiritual nos sermonários de Santo António de Lisboa e de Frei Paio de Coimbra*. Considerou-se ser este o título mais sugestivo do objeto de estudo, e, portanto, o que melhor cumpria a sua função, apontando desde logo para a aceção literária e fortemente interiorizante em que a guerra se perfila nas obras em apreço, enquanto abundante repertório de matéria para construtos literários imaginosos envolvendo desde pregadores guerreiros, exércitos de demónios, igrejas e conventos debaixo de cerco, espadas espirituais; enfim, toda uma imagética indissociável da noção de combate espiritual, guerra interior, ou *Psicomaquia*, à maneira de Prudêncio (†410)¹⁰.

O objetivo central deste estudo passou precisamente por contribuir para o aprofundamento do conhecimento já reunido em torno da imagética da guerra na Idade Média, através da identificação e da análise destes temas bélicos nas vastas obras parenéticas dos dois mendicantes, um filão relevante, apenas parcamente estudado nas peças em questão. Acresceu igualmente, como referido inicialmente, a intenção de considerar a problemática a partir de um conjunto relativamente diverso de espetros de observação, por norma menos convencionais no panorama historiográfico português, inscritos, respetivamente, no domínio da história da comunicação, da história simbólica e da história das emoções. Assim, constituiu-se originalmente o seguinte quadro de objetivos específicos: (i) a análise dos construtos bélicos enquanto artifícios retóricos ou veículos de comunicação, na perspetiva da sua entrega e receção por parte das audiências a que se destinavam as obras, inscritas num género de reconhecida importância pelas suas propriedades persuasivas e oral-auditivas, tanto mais decisivas quando praticadas em

⁸ Bernardino Fernando da Costa Marques, “Mundividência cristã no sermonário de Frei Paio de Coimbra” (PhD diss., Universidade de Coimbra, 2011).

⁹ Raul A. Rolo, “Dominicanos,” in *Dicionário de história religiosa de Portugal*, ed. Carlos Moreira Azevedo, vol. C-I (Lisboa: Círculo de Leitores, 2000), 82–6; António Montes Moreira, “Franciscanos,” in *Dicionário de história religiosa*, 273–80.

¹⁰¹⁰ Aurélio Clemente Prudêncio, “Psychomachia,” in *Patrologia cursus completus: Series Latina*, ed. J. - P. Migne, vol. LX (Paris: Migne, 1862), 11–90; *Prudentius’ Psychomachia*, ed. Marc Mastrangelo (Nova Iorque: Routledge Taylor & Francis, 2022).

sociedades predominantemente orais, como era a medieval; (ii) o exame das ideologias implícitas a esses construtos; (iii) a apreciação da simbólica inerente às figuras dos guerreiros, do armamento e dos espaços em que se desenrolam os conflitos; (iv) e, finalmente, a análise das emoções (positivas ou negativas) expressas nos sermões, historiograficamente entendidos enquanto manifestações literárias privilegiadas para o estudo dos sentimentos em contexto religioso.

O carácter complementar dos quatro objetivos elencados, que concorrem, no seu conjunto, para melhor caracterizar e explicar o peso do tema da guerra interior nos sermonários antoniano e pelagiano, tornava, evidentemente, indesejável o sacrifício, parcial ou total, de qualquer deles, na contingência, admitida desde o início, de se impor a priorização de determinadas perspetivas sobre as restantes, algo a que os próprios condicionalismos da investigação acabaram mesmo por conduzir. Assim, ganhou espontaneamente força uma abordagem mais enraizada no domínio da história da comunicação, tendente à análise das representações bélicas à luz das suas potencialidades retóricas, ao seu entendimento como elementos de um processo de comunicação narrativo. Uma aproximação que, de resto, por razões que se farão óbvias durante a leitura do estudo, não elidiu por completo observações às ideologias, individuais e coletivas, que subjazem à imagética bélica antoniana e pelagiana, à sua forma simbólica e, inclusivamente, às emoções que lhe estão implícitas.

2) Práticas metodológicas

No âmbito das metodologias implementadas na aproximação ao tema, aliou-se a um tratamento quantitativo uma abordagem qualitativa, assente na heurística textual e na análise comparativa dos motivos bélicos consubstanciados nos *Sermones* antonianos e na *Summa Sermonum* pelagiana. A contemporaneidade de Santo António e de Frei Paio, a familiaridade de ambos com as particularidades do contexto peninsular, a circunstância de terem conservado estreitas relações com o mosteiro regrante de Santa Cruz de Coimbra (facto comprovado da vida do menorita, e deduzido em relação ao dominicano), com acesso a uma das maiores livrarias monásticas da Cristandade, e ainda a sua bem conhecida adesão à mensagem mendicante, na sequência da entrada dos franciscanos e dos dominicanos no reino de Portugal, constituem apenas alguns dos fatores de peso que motivaram e justificaram a referida abordagem comparativa, no sentido de averiguar como as semelhanças, mas também as especificidades dos percursos dos dois pregadores

se refletiram na forma e nos conteúdos dos sermonários compostos, em especial no que concerne à questão específica da imagética bélica que encerram.

Do ponto de vista hermenêutico, a mencionada pretensão de analisar as representações da guerra à luz da comunicação impôs também como requisito metodológico obrigatório a consideração das abordagens convencionalmente adotadas no seio deste domínio historiográfico, com a reconstituição do processo de comunicação narrativo de que formam parte os construtos bélicos a assentar na adaptação de um diagrama semiótico modelar, cuja estrutura se explanará com maior circunstância na economia do texto. Neste particular, cabe também sublinhar o valor instrumental assumido pelas várias tabelas que integram o amplo conjunto de apêndices documentais com que foi contemplado o trabalho, algumas das quais têm valor autónomo. No sentido de facilitar o processo analítico dos excertos textuais e a sua sistematização, começaram por se idealizar dois quadros sinópticos¹¹ – cada qual dedicado a um dos sermonários – nos quais se disponibilizam as transcrições e traduções da imagética bélica antoniana e pelagiana, possibilitando a sua mais imediata confrontação nas duas obras em apreço. Entretanto, procurou-se assegurar ao máximo a uniformidade entre os dois quadros, tanto no que concerne à sua estrutura, projetada em seis colunas – discriminando, respetivamente, o número do sermão, a sua identificação, o seu tema, o enquadramento narrativo do excerto isolado, as citações identificadas nessa passagem, e o trecho propriamente dito – como no que diz respeito aos sinais e notações textuais, bem como às siglas e abreviaturas neles utilizados, estendidas às restantes tabelas que compõem o primeiro grupo de apêndices¹². A primeira, individualizando as *picturae bellorum* presentes nos sermonários e detalhando as suas fontes imagéticas, *topoi* e mensagens, foi decisiva para sustentar e melhor ilustrar a tese da dimensão retórica inerente à imagética bélica antoniana e pelagiana; a segunda, reunindo os significantes bélicos identificados nas prédicas, bem como os seus respetivos significados, serviu sobretudo de auxiliar à elaboração de um glossário simbólico, também disponibilizado em apêndice.

Ainda no âmbito metodológico, houve a preocupação de conduzir a investigação com base nas mais recentes e completas edições críticas quer dos *Sermones* do menorita, quer da *Summa Sermonum* do dominicano. Os primeiros foram, e continuam a ser, objeto

¹¹ Vid. *Tabulae* tabelas A e B.

¹² Vid. *Tabulae* tabelas C e D.

de múltiplas edições¹³ – em especial em Portugal e Itália, onde o culto antoniano mais cedo se enraizou –, desde a sua primeira edição crítica integral, bilíngue, levada a cabo por António Maria Locatelli e impressa em Pádua entre 1895 e 1913¹⁴. Considerada de alto valor crítico nos círculos de estudos antonianos, a edição locatelliana providenciaria a base para a primeira tradução da totalidade dos sermões do menorita para italiano, por Carlo Varotto, em 1963-66¹⁵, e, poucos anos depois, em 1970, também para português, por Henrique Pinto Rema¹⁶. O presente estudo foi desenvolvido justamente com base na segunda edição desta obra, publicada em 1987, com numerosas emendas face à primeira¹⁷.

Menor atenção editorial receberam até hoje os sermões de Frei Paio de Coimbra, circunstância que se deveu, em parte, ao facto de a obra do dominicano português ter permanecido oculta até meados do século passado, mais especificamente até 1947, ano em que o franciscano Frei José Montalverne identificou a única cópia até ao momento conhecida da *Summa Sermonum*, conservada num dos códices da livraria abacial de Santa Maria de Alcobaça, e lhe consagrou algumas páginas no seu estudo sobre a Assunção de Nossa Senhora nos mais antigos manuscritos da abadia alcobacense¹⁸. O manuscrito em questão seria divulgado em meio académico graças a um estudo primacial publicado, em 1973, por Mário Martins, intitulado “O sermonário de Frei Paio de Coimbra do Cód. Alc. 5 / CXXX”, onde se anunciava já a premência de uma edição crítica das 406 prédicas do dominicano¹⁹. Contudo, porque os primeiros esforços direccionados a trazer a público a obra não foram além de edições parciais²⁰ ou de transcrições²¹, teria de se aguardar até 2010 por um trabalho editorial integral, concretizado, por fim, na tese de Doutoramento

¹³ Para uma síntese completa das edições e traduções de que foi objeto o sermonário antoniano, vid. José Francisco Meirinhos, “S. António de Lisboa, escritor. A tradição dos Sermones: manuscritos, edições e textos espúrios”, *Mediaevalia*, 11-12 (1997): 168–73.

¹⁴ Santo António de Pádua, *S. Antonii Patavini Sermones dominicales et in solemnitatibus*, ed. Antonio Maria Locatelli, 3 vols. (Pádua: Typis atque impensis Societatis S. Antonii Patavini, 1895).

¹⁵ Santo Antonio di Padova, *Prediche. Opera omnia*, ed. e trad. Carlo Varotto, 5 vols. (Siena: Cantagalli, 1963-1966).

¹⁶ Santo António de Lisboa, *Obras completas*.

¹⁷ Henrique Pinto Rema, “Introdução,” in *Obras completas. Sermões dominicais e festivos*, introd., trad. e notas Henrique Pinto Rema, vol. 1 (Porto: Lello & Irmão, 1987), LXXXII.

¹⁸ Francisco Montalverne, “A Assunção de Nossa Senhora nos mais antigos manuscritos do Mosteiro de Alcobaça,” *Colectânea de Estudos* 3 (1947): 129–33.

¹⁹ Mário Martins, “O sermonário de Frei Paio de Coimbra do Cód. Alc 5,” *Didaskalia*, 3 (1973): 340.

²⁰ John G. Tuthill, “The sermons of Brother Paio: thirteenth century Dominican preacher (Sermons in latin text)” (PhD diss., University of California, 1982).

²¹ Os sermões encontram-se transcritos em Bernardino Fernando da Costa Marques, “Sermonário de Frei Paio de Coimbra. Edição e interpretação da estrutura e formas de pregação” (MA diss., Universidade do Porto, 1994).

em filosofia medieval de Bernardino da Costa Marques²². Foi, portanto, nesta edição em latim do sermonário do dominicano – a única até ao momento a englobar a totalidade dos 406 sermões – que assentou este estudo.

O texto em português das prédicas do dominicano que se disponibiliza no quadro sinóptico apresentado em anexo, a par do texto original, em latim, consiste assim numa tradução própria da versão latina, parcial, porquanto limitada a um conjunto de marcadores textuais que se consideraram ser os que mais interessavam ao tema do trabalho e, porventura, não isenta de fragilidades, dada a falta de experiência prévia em trabalho de tradução. Procurou-se, ainda assim, assegurar rigor ao processo, recorrendo para o efeito a um conjunto de instrumentos linguísticos e de fixação textual, como gramáticas latinas e dicionários²³; e, sempre que possível, a traduções existentes dos textos mais citados pelos dois pregadores, quer bíblicos – no que se seguiu sempre a mesma edição da *Sagrada Escritura*²⁴ –, quer hagiográficos e de outra natureza – no que se fez uso de um conjunto mais variado de obras.

3) Visões historiográficas

a) A guerra medieval na historiografia

A guerra e o fenómeno bélico constituíram, desde sempre, objeto de interesse historiográfico. Foi, aliás, na intenção humana em registar para a posteridade a memória dos grandes conflitos armados que se convencionou procurar as próprias origens e fundamentos da história. O entendimento desta última enquanto explicação elaborada de um passado integrado num contexto de encadeamentos causais, mais do que numa dimensão exclusivamente enunciativa, emergiria somente no seio da cultura greco-latina, em Heródoto de Halicarnasso (†420 a.C.)²⁵. Como é sabido, foi precisamente na busca

²² O texto em latim do sermonário encontra-se editado por Marques, “Mundividência cristã,” 1–778.

²³ B. L. Gildersleeve e Gonzalez Lodge, *Latin Grammar* 3.^a ed. (Londres: Macmillan and. Co., Limited, 1903); Hans H. Orberg, *Lingua latina per se illustrata*, 2 vols. (Newburyport: Focus Publishing, 1998); *Dicionário de Latim-Português*, 4.^a ed. (Porto: Porto Editora, 2017); Frederico Lourenço, *Nova Gramática do Latim* (Lisboa: Quetzal, 2019).

²⁴ *Bíblia Sagrada* (Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica, Centro Bíblico dos Capuchinhos, 2008).

²⁵ Jonas Grethlein, “The Rise of Greek Historiography and the Invention of Prose,” in *The Oxford History of Historical Writing*, ed. Andrew Feldherr e Grant Hardy, vol. 1, *Beginnings to AD 600* (Oxford: Oxford University Press, 2011), 148–50; Daniel Woolf, “Foundations,” in *A Global History of History* (Cambridge: Cambridge University Press, 2011), 36; Rens Bod, “Antiquity: The Dawn of the ‘Humanities’,” in *A New History of the Humanities. The Search for Principles and Patterns from Antiquity to the Present* (Oxford: Oxford University Press, 2013), 21.

por uma explicação para o conflito que, no início do século V a.C., eclodira entre gregos e persas, sob cujo desfecho se erigira a Grécia do seu tempo, que o «Pai da História» – como ficaria reputado – compôs as suas *Histórias*²⁶. Para o efeito, submeteu múltiplos testemunhos orais a uma forma ainda rudimentar de análise crítica, de modo a aferir a sua plausibilidade²⁷. Na esteira de Heródoto, também os atenienses Tucídides (†401 a.C.) e Xenofonte (†354 a.C.) procuraram inquirir sobre um conflito que lhes estava próximo – desta feita, a Guerra do Peloponeso, opondo Atenas e Esparta, assim como as suas respetivas colónias e aliados –, e que se revelara não menos decisivo para os destinos da sua civilização. O primeiro, na sua celebrada *História da Guerra do Peloponeso*²⁸, fundamentada, tal como a obra de Heródoto, muito mais na palavra falada do que na escrita, mas, ao contrário desta última, recorrendo a declarações de testemunhas oculares; e o segundo, na sua *Anábase*²⁹, um relato sobre a experiência do próprio autor na liderança de um grupo de mercenários gregos, após a morte do seu contratante, o persa Ciro, o Jovem³⁰. Ainda no âmbito da historiografia grega, embora já em pleno período helenístico, também Políbio (†118 a.C.), considerado o historiador mais proeminente depois de Tucídides, se deteve quase exclusivamente sobre o relato pormenorizado das campanhas pelas quais Roma levou a cabo a conquista do mundo então conhecido, nas suas *Histórias*³¹, em que privilegiou tanto as declarações de testemunhas oculares, como os dados empíricos, da sua própria experiência³².

Apesar das significativas inovações que introduziram no panorama historiográfico³³, os autores romanos conferiram ainda maior dignidade às ações bélicas do seu passado próximo do que o haviam feito os seus antecessores gregos. Com efeito, no que representou um dos mais precoces esforços tendo em vista a elaboração de uma narrativa sobre a história da cidade de Roma, Cneu Névio (†201 a.C.) dedicou toda uma epopeia – *Bellum Poenicum*³⁴ – ao relato da Primeira Guerra Púnica, conflito em que o

²⁶ Heródoto, *Histórias*, 8 vols. (Lisboa: Edições 70, 1997-2007).

²⁷ Bod, “Antiquity,” 21.

²⁸ Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso*, introd., trad. e notas David Martelo (Lisboa: Edições Sílabo, 2008).

²⁹ Xenofonte, *Anábase. A expedição dos dez mil*, introd., trad. e notas Rui Valente (Évora: Sementes da Mudança, 2008).

³⁰ Woolf, “Foundations,” 40.

³¹ Políbio, *The Histories*, ed. Brian McGin e trad. Robin Waterfield (Oxford: Oxford University Press, 2010).

³² Woolf, “Foundations,” 41.

³³ Ibid, 42–49.

³⁴ Cneu Névio, *Bellum Poenicum*, ed. e trad. Enrico Flores (Nápoles: Liguori, 2012).

próprio interviera³⁵. Mais tarde, Júlio César (†44 a.C.) descreveu em prosa, no *Comentarii de Bello Gallico*³⁶, as campanhas militares por si conduzidas, entre 58 e 52 a.C, contra gauleses e germanos, no âmbito da conquista da Gália; Salústio (†34 a.C.) escreveu sobre a guerra movida pelos romanos contra o rei africano, Jugurta, na sua segunda grande monografia histórica, intitulada *Bellum Iugurthinum*³⁷; Tito Lívio (†16 a.C.) discorreu sobre as peripécias violentas da história de Roma, na célebre *Ab Urbe Condita*³⁸; Suetónio (†140) chamou a si a escrita das biografias das figuras mais ilustres do Império, em especial na política e nas armas: os Césares³⁹; e Cornélio Tácito (†120) descreveu de forma sumária e sequencial os principais eventos militares que marcaram a história de Roma desde César Augusto, nos *Annales*⁴⁰, obra que deu o nome a esse novo género historiográfico introduzido pela cultura latina, cuja popularidade ao longo da Idade Média seria, de resto, difícil de ignorar⁴¹.

À semelhança do que se verificou na época clássica, também no decurso da chamada Antiguidade Tardia, entre os séculos IV e VIII, a guerra foi elemento onnipresente no discurso historiográfico⁴², figurando ora como assunto principal, ora de modo mais tangencial, em muitas das histórias narrativas do período, muito variáveis quanto aos seus estilos, idiomas, subgéneros, audiências, contextos de produção e, sobretudo, objetivos⁴³, estes últimos tantas vezes transcendentais ao da mera reconstituição fidedigna do acontecido. Na *Historia Ecclesiastica* de Eusébio de Cesareia (†339), por exemplo, relata-se a célebre vitória de Constantino sobre as tropas de Magêncio, junto à Ponte Mílvia, num episódio em que os factos históricos se confundem inevitavelmente com o mito⁴⁴; na *Res Gestae*, composta em latim por Amiano Marcelino (†391), contêm-se digressões etnográficas sobre os inimigos de Roma, considerações sobre tecnologia e maquinaria militar e narrações detalhadas de determinadas campanhas

³⁵ Woolf, “Foundations,” 43.

³⁶ Júlio César, *A Guerra das Gálias*, introd. biografia e notas Victor Raquel, 2.ª ed. (Lisboa: Edições Sílabo, 2016).

³⁷ Gaio Salústio Crispo, *Obras*, ed. Juan Martos Fernández (Madrid: Cátedra, 2018).

³⁸ Tito Lívio, *História de Roma – Ab Urbe Condita*, introd., trad. e notas Paulo Matos Peixoto, 6 vols. (Rio de Janeiro: Praumape, 1989–1990).

³⁹ Suetónio, *Vidas dos Doze Césares*, introd. Victor Raquel, 3 vols., 2.ª ed. (Lisboa: Edições Sílabo, 2022).

⁴⁰ Tácito, *Anais*, ed., introd., notas e índices Ricardo Nobre, pref. Nuno Simões Rodrigues e trad. José Liberato Freire de Carvalho (Lisboa: Edições Colibri, 2022).

⁴¹ Sarah Foot, “Annals and Chronicles in Western Europe,” in *The Oxford History of Historical Writing*, ed. Sarah Foot e Chase F. Robinson, vol. 2, 400–1400 (Oxford: Oxford University Press, 2011), 346–68.

⁴² Daniel Woolf, “History during the First Millennium AD,” in *A Global History*, 75–118.

⁴³ Conor Whately, “War in Late Antiquity: Secondary Works, Literary Sources and Material Evidence,” in *War and Warfare in Late Antiquity*, ed. Alexander Sarantis e Neil Christie (Leiden-Boston: Brill, 2013), 121.

⁴⁴ Eusébio de Cesareia, *História Ecclesiastica*, trad. Wolfgang Fischer (São Paulo: Novo Século, 1999).

e episódios bélicos, como o Cerco de Amida (359) ou a Batalha de Adrianópolis (378)⁴⁵; na compilatória *História Nova*, do historiador grego, Zósimo (†520), descrevem-se demorada e minuciosamente as campanhas dos imperadores Juliano e Joviano contra os Persas⁴⁶; na *Crónica*, de Pseudo-Josué, o *Estilita* (†séc. VI), relatam-se as guerras bizantino-sassânidas (†506), de que o autor teria sido testemunha ocular⁴⁷; e na incontornável *História das Guerras*, de Procópio de Cesareia (†554), propicia-se a narração das campanhas militares do imperador Justiniano⁴⁸, cujas obras mais tardias – *Sobre os edifícios*⁴⁹ e *Anekdotia*, ou *História Secreta*⁵⁰ – têm igualmente sido consideradas fundamentais para o estudo da guerra no período em questão⁵¹. As peças acima elencadas estão, naturalmente, muito longe de esgotar a panóplia de trabalhos historiográficos tardo-antigos nos quais foi dada uma ênfase significativa ao elemento guerreiro, a elas se podendo juntar, avançando ligeiramente na cronologia, tantas outras: a *Crónica* de Pseudo-Zacarias de Mitileno (†536)⁵²; as *Histórias*, de Agátias Escolástico (†582)⁵³; a *História*, do bizantino Menandro Protetor (†séc. VI)⁵⁴; a *História Eclesiástica*, de Evrágio Escolástico (†594)⁵⁵; a *História*, de Teofilato Simocata (†630)⁵⁶; o anónimo *Chronicon Paschale*, do século VII⁵⁷; a *Crónica*, do bispo arménio, Sebeos (†séc. VII)⁵⁸; a *Crónica*, de Teófanos, o Confessor (†817)⁵⁹; e, já em pleno período alto-medieval, os *Anais* (*Ta'rikh al-rusul wa'l-muluk*), do historiador árabe al-Tabari (†923)⁶⁰.

⁴⁵ Amiano Marcelino, *Res Gestae*, ed. e trad. J. C. Rolfe (London: The Loeb Classical Library, 1963).

⁴⁶ Zósimo, *Storia Nuova*, trad. Fabrizio Conca (Milão: BUR, 2007).

⁴⁷ Pseudo-Josué o Estilita, *Chronicle*, introd., trad. e notas Frank R. Trombley e John W. Watt (Liverpool: Liverpool University Press, 2000).

⁴⁸ Procópio de Cesareia, *History of the Wars*, trad. H. B. Dewing (Londres: William Heinemann, 1914).

⁴⁹ Procópio de Cesareia, *The Buildings of Justinian*, trad. Aubrey Stewart e notas C. W. Wilson e Hayter Lewis (Londres: Palestine Pilgrim's Text Society, 1888).

⁵⁰ Procópio de Cesareia, *Secret History*, trad. H. B. Dewing (Nova Iorque: Harvard University Press, 1935).

⁵¹ Conor Whately, "War in Late Antiquity," 121–22.

⁵² Pseudo-Zacarias de Mitileno, *Historia Ecclesiastica Zachariae Rhetori vulgo adscripta*, ed. E.W. Brooks (Paris: Louvain, 1924).

⁵³ Agátias Escolástico, *The Histories*, introd., trad. e notas Joseph D. Frendo (Nova Iorque: Walter de Gruyter, 1975).

⁵⁴ Menandro Protetor, *The History of Menander the Guardsman*, trad. R. C. Blockley (Liverpool: Redwood Burn, 1985).

⁵⁵ Evrágio Escolástico, *Ecclesiastical History*, introd. e trad. Michael Whitby (Liverpool: Liverpool University Press, 200).

⁵⁶ Teofilato Simocata, *The History of Theophylact Simocatta: an english traslation with introduction*, trad. Michael e Mary Whitby (Oxford: Oxford University Press, 1986).

⁵⁷ *Chronicon Paschale 284-628 AD*, trad. Michael e Mary Whitby (Oxford: Oxford University Press, 1989).

⁵⁸ Sebeos, *The Armenian History attributed to Sebeos*, trad. e notas R. W. Thompson (Liverpool: Liverpool University Press, 1999).

⁵⁹ Teófanos, *The Chronicle of Theophanes Confessor*, trad. introd. e comentário Cyril Mango e Roger Scott (Oxford: Clarendon Press, 1997).

⁶⁰ Abu Ja'far Muhammad ibn Jarir al-Tabari, *The History of al-Tabari*, ed. Ehsan Yarshater, 40 vols. (Albany: State University of New York Press, 1985–1901).

Os escritos dos autores medievais vieram, mais do que introduzir mudanças significativas nas formas de escrever sobre o passado⁶¹, contribuir para engrossar uma tradição historiográfica em que o interesse por matérias militares sempre se afirmou de forma proeminente⁶². Foi justamente o caso de um conjunto de textos que assumiram a forma do que Menéndez Pidal designou de “história poética”⁶³ e que fizeram, sem dúvida, da guerra e da figura do guerreiro tema central, a saber: a poesia épica e as canções de gesta, originadas em contexto franco em torno de Carlos Magno – de que se afiguram, porventura, como os testemunhos mais representativos a *Chanson de Roland*, a *Chanson de Guillaume* e a *Gormond et Isambert*⁶⁴ –, e outras expressões literárias medievais surgidas noutras geografias europeias – como o mais longo e substancial poema heroico escrito em anglo-saxónico, *Beowulf*⁶⁵; a anónima *Canção dos Nibelungos* (*Nibelungenlied*)⁶⁶, de origem germânica; a coleção de sagas compiladas pelo islandês Snorri Sturluson (†1241)⁶⁷, como a *Heimskringla*, sobre os primeiros reis da Noruega⁶⁸; o anónimo poema épico russo *Slovo o Polku Igoreve*⁶⁹, em que se canta a heroica expedição conduzida por Ígor Sviatoslavich e pelos seus guerreiros contra Polovtsy⁷⁰; o *Cantar de mio Cid*⁷¹, sobre as façanhas do guerreiro castelhano, Rodrigo Diaz de Bivar; e, inclusivamente, a controversa *Gesta de Afonso Henriques*, a comprovar-se a sua existência⁷². Estas peças, em que se cristalizam lembranças épicas de grandes feitos de armas, teriam originalmente sido compostas com o objetivo de serem lidas numa ambiência guerreira, distinguindo-se, portanto, de uma outra forma de escrever sobre a guerra na Idade Média, por vezes não menos fantasiosa, mas cujo objetivo era mais declaradamente histórico, visando a preservação das memórias de violentas campanhas e

⁶¹ Daniel Woolf, “An Age of Global Violence, c. 1000 to 1450,” in *A Global History*, 119–176; Rens Bod, “The Middle Ages: The Universal and the Particular,” in *A New History*, 84–102.

⁶² Catherine Croizy-Naquet e Michelle Szkilnik, “Préface,” in *L’écriture de la guerre au Moyen Âge*, eds. Catherine Croizy-Naquet e Michelle Szkilnik (Paris: Louvain-la-Neuve, 2021), 1–4.

⁶³ Ramón Menéndez Pidal, *Historia y Epopeya* (Madrid: Centro de Estudios Históricos, 1934), 20.

⁶⁴ *La Chanson de Roland*, ed. Pierre Jonin (Paris: Gallimard, 1979); *La Chanson de Guillaume*, ed. e trad. François Suard (Paris: Le Livre de Poche, 2008); *Gormond Et Isebart*, ed. Alphonse Bayot (Bruxelas: Misch & Thron, 1906).

⁶⁵ *Beowulf*, trad., introd., e notas Luísa Azuaga e Angélica Varandas (Lisboa: Assírio & Alvim, 2022).

⁶⁶ *The Nibelungenlied*, trad. Cyril Edwards (Oxford: Oxford University Press, 2010).

⁶⁷ Sverre Begge, “Scandinavian Historical Writing, 1100–1400,” in *The Oxford History*, 415–18.

⁶⁸ Snorri Sturluson, *Heimskringla*, trad. Alison Finlay e Anthony Faulkes, 2 vols. (Exeter: Viking Society for Northern Research/University College London, 2014–16).

⁶⁹ *The Tale of Igor*, trad. Helen de Vere Beauclerck (Londres: C. W. Beaumont, 1918).

⁷⁰ Jonathan Shepard, “The Shaping of Past and Present, and Historical Writing in Rus’, c. 900–c.1400,” in *The Oxford History*, 297.

⁷¹ *Poema de Mio Cid*, ed. e notas Ramón Menéndez Pidal (Madrid: Ediciones de «La Lectura», 1913).

⁷² António José Saraiva, *A épica medieval portuguesa*, 2.ª ed. (Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1991), 11–8.

operações militares⁷³. Entre outras, conservadas sobretudo em testemunhos cronísticos e analísticos, os maiores destaques vão para os memoriais de Paulo Diácono (†799) sobre a gesta armada dos lombardos⁷⁴; a descrição das ações militares de Carlos Magno por Enginhardo (†840), na *Vita Caroli*⁷⁵; os episódios da Primeira Cruzada, narrados na *Historia Francorum qui ceperunt Iherusalem*⁷⁶ e na *Historia rerum in partibus transmarinis gestarum*⁷⁷, compostas, respetivamente, por Raimundo de Aguilers (†séc. XII) e Guilherme de Tiro (†1186)⁷⁸; as descrições da tomada de Constantinopla, durante o quarto movimento cruzadístico, realizadas pelos cavaleiros francos Godofredo de Villehardouin (†1213)⁷⁹ e Roberto de Clari (†1216)⁸⁰; e as narrativas em língua vernácula de João Froissart (†1405) sobre as primeiras fases da Guerra dos Cem Anos e as Guerras da Independência escocesas⁸¹.

Mas, se é, portanto, indesmentível o peso que a guerra já exercia sobre os escritos dos historiadores do período greco-romano, tardo-antigo e medieval – e continuaria, de resto, a exercer, de forma tão ou mais pronunciada, sobre os da época moderna⁸² – a verdade é que foi somente no século XX – a centúria que testemunhou a revolução disciplinar da história, com a sua consolidação como ciência universitária e o estabelecimento de pontes interdisciplinares e transdisciplinares entre as Ciências sociais e Históricas – que a história militar emergiu como um domínio historiográfico *per se* e se complexificaram os seus questionários e metodologias. A Idade Média, em particular, se bem que nunca deixara de ser objeto de interesse historiográfico quanto à história militar, converteu-se, a partir da década de 80, num campo frutuoso de numerosos e rigorosos estudos sobre as mais diversas temáticas relacionadas com a guerra, quer no mais lato

⁷³ Croizy-Naquet e Szkilnik, “Préface,” 5.

⁷⁴ Paulo Diácono, *History of the Lombards (Historia Langobardorum)*, trad. William Dudley Foulk (Filadélfia: University of Pensilvânia, 1907).

⁷⁵ Enginhardo, *Vida de Carlos Magno* (Lisboa: Teorema, 1998).

⁷⁶ Raimundo de Aguilers, *Historia Francorum qui ceperunt Iherusalem*, trad. John Hugh Hill e Laurita Lyttleton Hill (Filadélfia: American Philosophical Society, 1968).

⁷⁷ Guilherme de Tiro, *A history of deeds done beyond the sea*, ed. e trad. E. A. Babcock e A. C. Krey (Nova Iorque: Octagon Books, 1976).

⁷⁸ Daniel Woolf, “An Age of Global,” 133–5.

⁷⁹ Godofredo de Villehardouin, *De la Conquête de Constantinople*, ed. Edmond Faral (Paris: Les Belles Lettres, 1938).

⁸⁰ Roberto de Clari, *The Conquest of Constantinople*, trad., introd. e notas Edgar Holmes McNeal (Nova Iorque: Columbia University Press, 1936).

⁸¹ João Froissart, *Chronicles of France, England, Spain and the adjoining Countries*, trad. Thomas Johnes, 2 vols. (London: William Smith, 1843).

⁸² Rui Bebianno, *A Pena de Marte. Escrita da guerra em Portugal e na Europa (sécs. XVI–XVIII)* (Coimbra: Minerva, 2000).

universo da historiografia internacional⁸³, no qual se afiguraram fundamentais, entre outros contributos, os de Philippe Contamine⁸⁴, Kelly DeVries⁸⁵ e Clifford J. Rogers⁸⁶, quer no panorama historiográfico nacional⁸⁷, onde, por sua vez, importa relevar as investigações de Pedro Gomes Barbosa⁸⁸ João Gouveia Monteiro⁸⁹, Mário Jorge Barroca⁹⁰, Luís Filipe Oliveira⁹¹ e Miguel Gomes Martins⁹², para citar apenas os nomes mais óbvios.

Para além das obras destes autores, muitos foram também os trabalhos sobre temáticas militares que, não tendo partido especificamente ou exclusivamente de historiadores especializados no estudo dos sistemas de agressão e de defesa, contribuíram com uma série de dados passíveis de proporcionar uma visão mais abrangente e completa do fenómeno da guerra na Idade Média, e do seu peso na vida dos homens do período: dados políticos, jurídicos, económicos e sociais sobre a realidade militar, mas também dados relacionados com as categorias mentais, que estão na génese das representações dessa mesma realidade. Estas últimas, foram vertidas sobretudo na literatura e na iconografia do período, e objeto de menor atenção historiográfica, particularmente em termos nacionais⁹³.

b) Novos caminhos historiográficos

⁸³ B. S. Bachrach, “Medieval Military Historiography,” in *Companion to Historiography*, ed. M. Bentley (Londres: Routledge, 1997), 203–20.

⁸⁴ Contamine, *War in the Middle Ages*.

⁸⁵ Kelly DeVries, *Infantry Warfare in the Early Fourteenth Century. Discipline, Tactics and Technology* (Woodbridge: The Boydell Press, 1996).

⁸⁶ Clifford J. Rogers, ed., *The Oxford Encyclopedia of Medieval Warfare and Military Technology*, 3 vols. (Oxford: Oxford University Press, 2010).

⁸⁷ Miguel Gomes Martins e João Gouveia Monteiro, “The Medieval Military History,” in *The historiography of medieval Portugal c. 1950-2010*, dir. José Mattoso (Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2010), 459-481.

⁸⁸ Pedro Gomes Barbosa, *1147 – Conquista de Lisboa* (Lisboa: Tribuna, 2004).

⁸⁹ João Gouveia Monteiro, *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média* (Lisboa: Notícias, 1998).

⁹⁰ Mário Barroca, *Do Castelo da Reconquista ao Castelo Românico (Século IX a XII)* (Lisboa: Comissão Portuguesa da História Militar, 1994).

⁹¹ Luís Filipe Oliveira, *A Coroa, os Mestres e os Comendadores. As Ordens Militares de Avis e de Santiago (1330-1449)* (Faro: Universidade do Algarve, 2009).

⁹² Miguel Gomes Martins, *A arte da guerra em Portugal: 1245 a 1367* (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014).

⁹³ Vejam-se, a propósito, Armando de Sousa Pereira, *Representações da Guerra no Portugal na Reconquista (séculos XI-XIII)* (Lisboa: Comissão Portuguesa de História Militar, 2003); Inês Meira Araújo, José Varandas e Margarida Garcez Ventura, “Representações de modelos clássicos militares no rei medieval português,” *História (São Paulo)* no. 31 (2012): 27–46; Inês Meira Araújo, “As representações da guerra medieval. As Tapeçarias de Pastrana como ponto de partida” *Cadernos de História da Arte* 1 (2013): 43-56; “Um imaginário bélico da baixa idade média: modelos de representação do guerreiro muçulmano na iconografia bélica” *Hamsa. Journal of Judaic and Islamic Studies* 5 (2015): 30-42.

Ainda mais circunstanciais em contexto português são os trabalhos que se detiveram sobre os tópicos aqui tratados, de forma mais central ou tangencial, nomeadamente a análise da imagética bélica cristalizada na literatura medieval à luz dos questionários propostos por domínios historiográficos consagrados ao estudo da comunicação, dos símbolos ou das emoções. Trata-se, claro, de uma lacuna não particularizável ao tema em questão, mas antes transversal a toda a historiografia portuguesa, na qual escasseiam, de uma forma geral, os estudos desenvolvidos no âmbito da história da comunicação, da simbólica e das emoções para a Idade Média, período ainda pouco conhecido quanto a estas matérias.

Acresce que, dos poucos trabalhos suscitados por estas vias de investigação, a vasta maioria se conglomerou em torno do estudo dos sistemas de comunicação. Neste particular, para além dos contributos daquela que se pode considerar a figura cimeira no estudo da temática, Godofredo Ferreira⁹⁴, é especialmente digna de referência a inovadora coletânea de ensaios sobre as *Comunicações na Idade Média*, desenvolvida ao abrigo do protocolo assinado em 1998, entre a Fundação Portuguesa das Comunicações e a Universidade de Coimbra, visando o desenvolvimento da investigação científica precisamente no âmbito da história das comunicações, tendo início em tempos anteriores ao da institucionalização do correio-mor em Portugal, no dealbar do século XVI. Dando corpo ao protocolo, a obra reuniu, na sua feitura, um conjunto de autores que, trabalhando nas suas respetivas áreas de especialidade, contribuíram com estudos que permitiram aclarar o papel das comunicações em várias frentes: na estruturação dos poderes, com especial incidência no poder régio – mormente na importância que, na sua consolidação, assumiram a escrita de chancelaria e os relatos cronísticos – e no poder local – com ênfase na rede de comunicações concelhias nos séculos XIV e XV⁹⁵; enquanto suporte institucional, concretamente, das instituições régia, apostólica, diocesana e

⁹⁴ Godofredo Ferreira, *Assistentes do Correio-Mor do Reino em Coimbra* (Lisboa: Sociedade Astória, 1966); *Assistentes do Correio-Mor do Reino em Viseu* (Lisboa: Sociedade Astória, 1969).

⁹⁵ Leontina Ventura, “Comunicar no Portugal medieval: as informações das Chancelarias Régias,” in *As comunicações na Idade Média*, ed. Maria Helena da Cruz Coelho (Lisboa: Fundação Portuguesa das Comunicações, 2002), 14–36; António Resende de Oliveira, “Comunicar no Portugal medieval: os relatos dos cronistas,” in *As comunicações*, 38–63; Maria Helena da Cruz Coelho, “A rede de comunicações concelhias,” in *As comunicações*, 64–101.

universitária⁹⁶; em contextos bélicos⁹⁷; e na génese e expedição de cartas⁹⁸. Mais recentemente, e num estudo que, de resto, se enquadra com propriedade na segunda das referidas vertentes, Luís Miguel Duarte deu continuidade à investigação de Armindo de Sousa sobre as cortes medievais portuguesas procedendo à análise da composição sociológica dos atendentes às Cortes de 1481-82, e do modo como a sua distribuição pelos diversos assentos visava precisamente refletir o posicionamento e o prestígio político de cada elemento na sociedade⁹⁹.

No que respeita ao passado dos símbolos, o interesse que despertou no panorama historiográfico português em nada se diferenciou do conferido aos sistemas de comunicação, senão, talvez, pelo seu caráter ainda mais vestigial. Os principais estudos inscritos nesse domínio de investigação, devem-se, entre outros autores, aos quais se fará referência mais adiante neste trabalho, a Saul António Gomes, que, num ensaio sobre o *Y*, ou *littera Pythagorae*, mostrou a larga fortuna granjeada pela letra simbólica, interpretada mediante parâmetros cristológicos, na literatura, na arte, na tumulária, na numária e nos selos que circulavam dentro das fronteiras do reino português nos séculos medievais¹⁰⁰; Ana de Oliveira Dias, que analisou a simbólica do número e da forma geométrica no programa iconográfico e iconológico da cópia laurbanense – a única cópia portuguesa – do *Commentarium in Apocalypsin*, de Beato de Liébana (†798)¹⁰¹; Isabel Fernandes, que procedeu ao exame da carga simbólica inerente à produção arquitetónica e artística associada às ordens militares, tomada como determinante para a compreensão do papel político e social que estas instituições religiosas desempenharam no reino português¹⁰²; e, mais recentemente, Pedro Chambel, que se deteve sobre a problemática

⁹⁶ Maria Alegria Fernandes Marques, “As comunicações entre Portugal e a Santa Sé na Idade Média,” in *As comunicações*, 104–19; Maria do Rosário Barbosa Morujão, “A circulação de mensagens na Diocese de Coimbra (séculos XIII-XIV),” in *As comunicações*, 120–45; José Antunes, “As comunicações como suporte das instituições universitárias,” in *As comunicações*, 146–68.

⁹⁷ João Gouveia Monteiro, “As comunicações em contextos bélicos,” in *As comunicações*, 171–89.

⁹⁸ Maria José Azevedo Santos, “Na volta do correio”. A correspondência de D. Pedro, Duque de Coimbra (1429-1148),” in *As comunicações*, 192–217.

⁹⁹ Luís Miguel Duarte, “The Portuguese Medieval Parliament: Are We Asking the Right Questions?,” *e-JPH* 1, no. 2 (2003): 1–12.

¹⁰⁰ Saul António Gomes, “A Littera Pythagorae e a sua simbologia cristológica na Idade Média Portuguesa,” *Humanitas*, 60 (2008): 177–203.

¹⁰¹ Ana de Oliveira Dias, “Commentarium in Apocalypsin: o número e a forma geométrica na tradição simbólica das ilustrações do «Beato» de São Mamede de Lervão” (MA. diss., Universidade de Lisboa, 2012).

¹⁰² Isabel Cristina Ferreira Fernandes, “Castelos e conventos das ordens militares em Portugal: A simbologia religioso-militar (séculos XII-XIV),” in *Hombres de religión y guerra. Cruzada y guerra santa en la Edad Media peninsular (siglos X-XV)*, eds. Carlos de Ayala Martínez e J. Santiago Palacios Ontalva (Madrid: Sílex, 2018), 167–84.

da simbologia animal e das cores em fontes escritas galaico-portuguesas da época medieval, tendo em curso um projeto de investigação nessa vertente¹⁰³.

Já a história das emoções constitui, porventura, dos três domínios aqui abordados o mais descurado pela historiografia portuguesa, sendo, de novo, reveladora, a esse propósito a dificuldade em identificar uma figura de autoridade indiscutida na matéria. Entre os autores que subscreveram esta perspetiva mais antropológica nos seus estudos, surgem António de Oliveira Marques, pela sua investigação sobre a afetividade e os rituais de luto na sociedade medieval portuguesa¹⁰⁴; e Maria de Lurdes Rosa, em virtude das suas abordagens ao sagrado, às devoções e à religiosidade no Portugal medieval¹⁰⁵. Exceção feita a iniciativas isoladas como estas, que apesar do seu indiscutível mérito não conheceram grande continuidade historiográfica, parecem não ter surtido impacto entre os medievalistas portugueses, nem os estudos que, no estrangeiro, começaram a desbravar estas vertentes do passado medieval, nem mesmo os trabalhos de autores que, mais recentemente, o vêm fazendo.

Verdadeiramente pioneiros no âmbito da história da comunicação foram trabalhos desenvolvidos em outras latitudes, como os de Sophia Menache, que contribuíram para pôr a descoberto os fundamentos religiosos da comunicação medieval, controlados pela Igreja muito antes de se alargarem a outros poderes hegemónicos (monarquias cristãs) e contra-hegemónicos (movimentos heréticos)¹⁰⁶. No que respeita à história simbólica, são incontornáveis os nomes de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, autores da primeira e mais importante obra de referência sobre a matéria, o *Dicionário dos Símbolos*¹⁰⁷. Quanto ao domínio da história das emoções, mais recente, se bem que filiado também ele em antecedentes historiográficos incontornáveis¹⁰⁸, a autora de primeira importância é a historiadora americana Bárbara Rosenwein, responsável por uma reinterpretação do

¹⁰³ Pedro Alexandre de Sacadura Chambel, *Estudos de simbologia na cultura medieval galaico-portuguesa* (Chişinău, Miron Costin: Generis Publishing, 2023; “Apresentação do projeto de investigação “Dicionário de Simbologias Animais”. Problemática, questões e orientações,” in *Bestiário Medieval: Perspetivas de Abordagens*, eds. Adelaide Miranda e Pedro Chambel (Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2014), 9–19.

¹⁰⁴ A. H. de Oliveira Marques, *A sociedade medieval portuguesa. Aspectos da vida quotidiana* (Lisboa: A Esfera dos Livros, 2010), 135–62, 248–59.

¹⁰⁵ Maria de Lurdes Rosa, “Sagrado, devoções e religiosidade,” in *História da Vida Privada em Portugal*, ed. José Mattoso (Lisboa: Círculo de Leitores, 2011), 376–401.

¹⁰⁶ Sophia Menache, *The Vox Dei. Communication in the Middle Ages* (Oxford: Oxford University Press, 1990).

¹⁰⁷ Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, eds., *Dicionário dos Símbolos. Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números*, 3.^a ed., trad. Cristina Rodriguez e Artur Guerra (Lisboa: Teorema, 2019).

¹⁰⁸ Johan Huizinga, *O declínio da Idade Média*, trad. Augusto Abelaira (Braga: Ulisseia, 1996).

fenómeno religioso pressupondo um entendimento da sociedade medieval como uma sociedade de “comunidades emocionais”¹⁰⁹.

No segundo grupo de estudos, que, na esteira destes últimos, se vêm mais recentemente desenvolvendo em cada um dos referidos domínios historiográficos, inscrevem-se, com propriedade, os de Mariëlle Hageman e Marco Mostert, de cuja iniciativa resultou uma importante obra subordinada ao tema das imagens e textos medievais como forma de comunicação¹¹⁰; Michel Pastoureau, autor do mais aprofundado estudo existente até ao momento sobre a simbólica na Idade Média, no qual são explorados, entre outros aspetos, os códigos simbólicos inerentes aos animais, às plantas e às cores¹¹¹; e Damien Boquet e Piroska Nagy, seguindo Rosenwein com o objetivo de pôr a descoberto a abundância e diversidade de experiências emocionais em coexistência na sociedade da época, nomeadamente “piedades afetivas” e “sentimentos religiosos”, se serviram de um rico e variado *corpus* de fontes, integrado por vários textos parenéticos medievais¹¹². Entre estes, consta uma prédica antoniana enumerativa dos vários estágios de progressão emocional do penitente, invocada a título ilustrativo da manipulação mendicante das emoções para fins pastorais¹¹³.

A terminar, sublinha-se o papel instrumental de todos os contributos supramencionados para esta investigação, com os estudos inscritos no domínio da comunicação a conferirem perspetivas inestimáveis sobre o sermão como principal vetor de comunicação da Igreja na Idade Média e conceitos tão centrais como o de *pictura* verbal, ou narrativa; os trabalhos respeitantes à esfera da simbólica a possibilitarem o exame da simbologia bélica antoniana e pelagiana, dentro do esquema semiótico de análise de uma mensagem poética proposto por Umberto Eco¹¹⁴; e as obras desenvolvidas no âmbito da história das emoções, a alertarem para as implicações antropológicas inerentes às figurações bélicas presentes nos sermonários de Santo António e de Frei Paio.

¹⁰⁹ Barbara Rosenwein, *Emotional communities in the early Middle Ages* (Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2006).

¹¹⁰ Mariëlle Hageman e Marco Mostert, eds., *Reading Images and Texts. Medieval Images and Texts as Forms of Communication* (Turnhout: Brepols, 2005).

¹¹¹ Michel Pastoureau, *Una historia simbólica de la Edad Media occidental*, trad. Julia Bucci (Madrid: Conocimiento, 2013).

¹¹² Damien Boquet e Piroska Nagy, *Medieval Sensibilities. A History of Emotions in the Middle Ages*, trad. Robert Shaw (Cambridge: Polity, 2018).

¹¹³ Ibid, 241.

¹¹⁴ Umberto Eco, *La struttura assente. Introduzione alla ricerca semiologica* (Milão: Bompiani, 1968); *O Signo*, trad. Maria de Fátima Marinho (Lisboa: Presença, 2017).

c) Estudos antonianos e pelagianos

O avultado número de autores que se dedicaram, a uma escala internacional, ao estudo da vida e da obra do menorita torna aqui evidentemente impossível e, porventura, escusável a sua enumeração exaustiva. Pelo seu significativo contributo para esta circunstância, não pode, contudo, deixar de se fazer uma breve menção ao prolífico *Centro de Estudos Antonianos* (CSA), de Pádua, que, desde a sua fundação em 1959, prepara e coordena investigações científicas, estudos e congressos sobre a doutrina, história, tradição e hagiografias antonianas, no quadro de referência da piedade popular. Recentrando a questão à historiografia portuguesa, a fim de realçar alguns dos seus mais importantes contributos, a primeira edição portuguesa do sermonário antoniano, produzida por Henrique Pinto Rema, aliada à sublimação de Santo António enquanto Doutor da Igreja, em 1946, muito contribuiu para a explosão de estudos centrados no franciscano, que se verificou a partir da segunda metade do século XX no panorama historiográfico português. Destaque, neste contexto, para os incontornáveis contributos de Fernando Félix Lopes, autor de uma das primeiras e mais completas biografias antonianas¹¹⁵, bem como para os trabalhos de Francisco da Gama Caeiro, que permanece até ao momento como o maior especialista no sermonário do santo, tendo somado à sua obra de referência sobre os *Sermones*¹¹⁶ um conjunto de estudos mais particulares, integrados em obras coletivas e revistas¹¹⁷, a que sucederam os trabalhos de Agostinho Figueiredo Frias¹¹⁸, de Maria Cândida Pacheco¹¹⁹, de Maria de Lourdes Sirgado Ganho¹²⁰ e de José Francisco Meirinhos¹²¹.

¹¹⁵ Fernando Félix Lopes, *Santo António de Lisboa. Doutor Evangélico* (Braga: Missões Franciscanas, 1953); *Santo António de Lisboa. Doutor Evangélico* (Braga: D. Franciscana, 1992).

¹¹⁶ Francisco da Gama Caeiro, *Santo António de Lisboa*, 2 vols. (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1995).

¹¹⁷ Francisco da Gama Caeiro, "Natureza e símbolo em Santo António de Lisboa," *Revista da Faculdade de Letras* 8 (1964): 75–82; "Santo António de Lisboa e o Cântico dos Cânticos," *Revista da Faculdade de Letras* 8 (1964): 207–39; "Lembranças de Portugal na obra de Santo António," *Brotéria* 80 (1965): 726–32; "Fontes portuguesas da formação cultural do Santo," *Itinerarium* 27 (1981): 136–64; "Hermenêutica e conhecimento em Santo António de Lisboa," *Cultura Portuguesa* 1 (1981): 11–5; "Ensino e pregação teológica em Portugal na Idade Média: algumas observações," *Revista Española de Teología* 44 (1984): 113–35.

¹¹⁸ Agostinho Figueiredo Frias, *Lettura ermeneutica dei «sermones» di sant'Antonio di Padova. Introduzione alle radici culturali del pensiero antoniano* (Pádua: Centro Studi Antoniani, 1995).

¹¹⁹ Maria Cândida Pacheco, *Santo António de Lisboa. Da Ciência da Escritura ao Livro da Natureza* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997).

¹²⁰ Maria de Lourdes Sigardo Ganho, *O essencial sobre Santo António de Lisboa* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007).

¹²¹ José Francisco Meirinhos, "Da gnosiologia à moral pragmática da pregação em S. António de Lisboa," *Mediaevalia* 2 (1992): 69–90.

Para além destes estudos pioneiros, igualmente determinantes para a progressão do conhecimento sobre as múltiplas facetas do homem e da obra foram as numerosas publicações associadas à celebração de centenários e de aniversários da vida do Santo. Vejam-se os estudos congregados nas atas do Colóquio Antoniano, realizado em 1982, no âmbito das celebrações do 750.º aniversário da morte de Santo António de Lisboa¹²²; e, sobretudo, os ensaios das atas do Congresso Internacional Pensamento e Testemunho, decorrido em 1996, por ocasião da efeméride do 8.º Centenário do nascimento do Santo, que juntou especialistas de várias instituições portuguesas e internacionais¹²³. O resultado foi a produção de um sólido corpo de estudos publicado em dois volumes, englobando colaborações de grande importância sobre diversas temáticas antonianas, tais como: as fontes do pensamento do taumaturgo¹²⁴; o sermão antoniano e a sua dimensão literária, estrutura e funções, e processos exegéticos e hermenêuticos¹²⁵; a fundamentação filosófica do pensamento do menorita e as suas implicações cosmológicas, antropológicas, gnosiológicas, ético-estéticas e ontológicas¹²⁶; a dimensão teológica,

¹²² *Colóquio Antoniano* (Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1982).

¹²³ *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 2 vols. (Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996).

¹²⁴ José Acácio A. de Castro, “Fontes do naturalismo antoniano (A metodologia antoniana e as abordagens de Aristóteles, Plínio e Isidoro de Sevilha),” in *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 1 vol. (Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996), 335–47; João Mário Soalheiro Costa, “Cristocentrismo no pensamento antoniano. Perspectivas e fontes,” in *Congresso Internacional*, 349–75; Agostinho Figueiredo Frias, “A utilização antoniana do *De animalibus* de Aristóteles nos *Sermones*,” in *Congresso Internacional*, 349–86; Manuel Barbosa da Costa Freitas, “O Cristocentrismo nos Sermões de Santo António,” in *Congresso Internacional*, 387–94; Laura Gaffuri, “La «Miscellanea» del codice del Tesoro (Ms 720, XIII In.) della Biblioteca Antoniana di Padova,” in *Congresso Internacional*, 395–403; Joana Corte-Real Lencart, “A formação cultural de Santo António,” in *Congresso Internacional*, 405–15; Klaus Reinhardt, “Presencia de la *Glossa ordinaria* en los *Sermones* de san Antonio de Lisboa,” in *Congresso Internacional*, 417–26; Manuel Augusto Rodrigues, “A hebraística nos sermões de Santo António,” in *Congresso Internacional*, 427–44.

¹²⁵ Geraldo J. A. Coelho Dias, “A crítica da vida religiosa por Santo António e o elogio do santo por Fr. Paio de Coimbra,” in *Congresso Internacional*, 447–65; Antonio Linage Conde, “El «contador historias» en la obra de San Antonio,” in *Congresso Internacional*, 467–76; Bernardino Fernando da Costa Marques, “O Prólogo aos Sermões Dominicais de Santo António de Lisboa. Estrutura e sentido,” in *Congresso Internacional*, 477–83; Amadeu Torres, “Marcas retóricas e dialécticas na parénese antoniana,” in *Congresso Internacional*, 515–23.

¹²⁶ Agustí Boadas I Lllavat, “Lugar de san Antonio en la teoría del conocimiento de la «Escuela Franciscana»,” in *Congresso Internacional*, 527–37; Wolfgang Borowsky, “The Anthropology of Saint Antony” in *Congresso Internacional*, 539–41; António José de Brito, “O pensamento político de Santo António. Notas de leitura de um não especialista,” in *Congresso Internacional*, 543–48; Manuel de Jesus Couraceiro, “*Sensus et ratio*. Para um estudo do pensamento gnoseológico em Santo António de Lisboa,” in *Congresso Internacional*, 549–85; Maria João Ferraz Castelo Branco Fernandes, “O contributo de Santo António para o desenvolvimento da estética da luz,” in *Congresso Internacional*, 587–600; J. M. da Costa Macedo, “*Paupertas*. Raízes e horizontes,” in *Congresso Internacional*, 601–10; José Francisco Meirinhos, “A *theologia* em Santo António e a definição agostiniana de dialectica,” in *Congresso Internacional*, 611–22; Maria Isabel Pacheco, “O ser (esse) em Santo António de Lisboa,” in *Congresso Internacional*, 623–36; José Antônio de C. R. Souza, “Algumas considerações sobre o pensamento político papal à época de

espiritual e mística dos *Sermones*¹²⁷; e a projeção da sua figura, tanto no contexto específico do franciscanismo medieval¹²⁸, como na hagiografia, na pastoral, na eclesiologia, na mariologia, na história da piedade popular, na liturgia, na missiologia, na evangelização e na etnologia¹²⁹, assim como na arte e na iconografia¹³⁰, desde a Idade

Santo António,” in *Congresso Internacional*, 637–49; António Braz Teixeira, “Do criacionismo antoniano ao criacionismo leonardino,” in *Congresso Internacional*, 649–57.

¹²⁷ Jorge M. Ayala Martínez, “Elocuencia cristiana y teología en el sermonario de San Antonio de Padua,” in *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 2 vol. (Braga: Universidade Católica Portuguesa-Família Franciscana Portuguesa, 1996), 667–73; Luís Manuel Aires V. Bernardo, “A tolerância nos sermões dominicais de Santo António de Lisboa,” in *Congresso Internacional*, 675–84; Pedro Calafate, “Filosofia e espiritualidade em Santo António de Lisboa,” in *Congresso Internacional*, 685–94; Maria de Lourdes Sirgado Ganho, “Ter e ser em Santo António de Lisboa,” in *Congresso Internacional*, 695–704; Antonio García y García, “La reforma de la Iglesia en tiempos de San Antonio de Lisboa,” in *Congresso Internacional*, 705–24; Henrique Pinto Rema, “As riquezas da pobreza na obra de Santo António de Lisboa,” in *Congresso Internacional*, 723–38; Carlos H. do C. Silva, “Experiência mística e discernimento espiritual em Santo António de Lisboa,” in *Congresso Internacional*, 739–56; Ana Paula Loureiro de Sousa, “Direito e justiça em Santo António,” in *Congresso Internacional*, 757–64; J. M. Soto Rábanos, “¿ Formación jurídica en Antonio de Lisboa?,” in *Congresso Internacional*, 765–84; Saturino Alvarez Turienzo, “El Libro de las Criaturas y el Libro de las Escrituras en los Sermones de San Antonio de Lisboa,” in *Congresso Internacional*, 785–800.

¹²⁸ Belarmino Afonso, “Santo António de Lisboa na poesia e na religiosidade popular transmontana,” in *Congresso Internacional*, 803–24; David de Azevedo, “O capítulo Geral da Ordem dos Frades Menores em 1221 na vida de Santo António,” in *Congresso Internacional*, 823–34; João Francisco Marques, “Santo António na Parenética Seiscentista Portuguesa,” in *Congresso Internacional*, 835–54; Francisco de Asís Chavero Blanco, “Los Sermones de Sancto Antonio de Juan de La Rochelle. Para una tipología de la santidad franciscana,” in *Congresso Internacional*, 853–74; António Manuel da Cruz Correia, “Santo António patrono e imagem de culto em igrejas e mosteiros do Porto e Gaia,” in *Congresso Internacional*, 887–916; Aires A. Nascimento, “Um fragmento de sermão do século XIII em honra de Santo António: a água, o anjo e o livro,” in *Congresso Internacional*, 917–36; Carmino da Silva, “Culto de Santo António em Goa,” in *Congresso Internacional*, 937–44; Franquelim Neiva Soares, “Paróquias e capelas de Santo António na arquidiocese de Braga (1550-1850),” in *Congresso Internacional*, 945–90; Manuel Pereira Gonçalves, “A voz de Santo António, o seu eco e a missão evangelizadora,” in *Congresso Internacional*, 991–1008; Henrique Rivera de Ventosa, “Doble simbolismo franciscano del «doctor evangélico» S. Antonio,” in *Congresso Internacional*, 1009–18; Margarida Garcez Ventura, “Breves notas sobre a institucionalização de permanências numa súplica do povo de Lisboa ao papa Eugénio IV,” in *Congresso Internacional*, 1019–31.

¹²⁹ António de Sousa Araújo, “«Antoninhos da Conceição» ou Dicionário de Capuchos Franciscanos,” in *Congresso Internacional*, 1035–42; Paulo Drumond Braga / Isabel M. R. Mendes Drumond Braga, “Santo António na Terra, Santo António no Mar. Breve Estudo das Invocações Antonianas,” in *Congresso Internacional*, 1043–50; Gaspar Calvo Moralejo, “María, «arco iris» y «estrella», en los sermones de S. Antonio de Padua,” in *Congresso Internacional*, 1051–64; António José Rebelo Ferraz / João Mário Soalheiro Costa, “Memória antoniana no Concelho de Vila Nova de Foz Côa,” in *Congresso Internacional*, 1065–78; Maria Aliete Galhoz, “Santo António no Romanceiro Popular Português,” in *Congresso Internacional*, 1079–88; Xosé Lois García, “Interpretacións simbólicas no bestiario de San Antonio,” in *Congresso Internacional*, 1089–96; Maria Teresa Herrera del Castillo, “Contribuição para um estudo da estilística e expressividade linguística sobre Santo António através de uma hagiografia,” in *Congresso Internacional*, 1097–112; José Adílio Barbosa Macedo, “Santo António nas Igrejas e Capelas de Angola (até à data da independência),” in *Congresso Internacional*, 1113–136; Maria Alegria Fernandes Marques, “O culto a Santo António na diocese de Coimbra. Subsídios para a sua história,” in *Congresso Internacional*, 1137–64; Cayetano Sánchez Fuertes, “El culto y devoción a San Antonio en Extremo Oriente,” in *Congresso Internacional*, 1165–78; António Pereira da Silva, “Presença de Santo António na Terra Santa,” in *Congresso Internacional*, 1179–84.

¹³⁰ Carlos Javier Castro Brunetto, “A iconografia portuguesa de Santo António e a sua difusão no Brasil,” in *Congresso Internacional*, 1187–94; Mimma Pasculli Ferrara, “La Chiese barocche di S. Antonio tra Puglia e Napoli Capitale: Esemplicazioni di architettura, statuaria, cicli decorativi,” in *Congresso Internacional*, 1195–220; Liana Bertoldi Lenoci, “Aspectos da devoção antoniana na Puglia,” in *Congresso*

Média até ao período contemporâneo. Merecem igualmente especial referência, neste sentido, os artigos resultantes do Simpósio Internacional Antoniano, ocorrido em 2016, no âmbito do espírito comemorativista dos 70 anos da elevação de Santo António a Doutor da Igreja¹³¹. A publicação dos estudos foi assegurada pela Editorial Franciscana e englobou contributos que, embora maioritariamente incidentes sobre a vida do menorita e as manifestações devocionais que se seguiram à sua morte, em particular o seu processo de elevação a Doutor da Igreja¹³², não deixaram igualmente de abordar o seu sermonário, mais concretamente as questões do pensamento e do conceito de paz em Santo António¹³³, bem como da importância da *Glosa Ordinária*¹³⁴ e da simbólica da natureza nos *Sermões*¹³⁵, esta última vertente mais recentemente explorada também por Martinho Soares¹³⁶. Enfim, tudo temáticas associadas, no seu conjunto, à dimensão erudita do Santo.

Foi por meados do século passado, num momento de recrudescimento das investigações sobre a faceta intelectual de Santo António, em consequência da referida elevação do menorita a Doutor da Igreja, em 1946, que o franciscano Frei José Montalverne identificou o sermonário de Frei Paio de Coimbra na livraria de Santa. Maria de Alcobaça, em 1947, o que terá contribuído significativamente para o interesse desde logo demonstrado pelos antonianistas em relação à obra de um contemporâneo do Santo.

Internacional, 1221–32; Manuel Cadafaz de Matos, “Ideologia e práticas de representação antonianas na cultura ocidental do Renascimento. A imagem de Santo António na iconografia e na história do livro quinhentista,” in *Congresso Internacional*, 1233–76; Pedro Segado Bravo, “Los milagros de San Antonio en la retablistica de Lorca (Murcia),” in *Congresso Internacional*, 1277–96; Nuria Torres Ballesteros, “San Antonio y el Niño en el arte de fines del gótico hispano,” in *Congresso Internacional*, 1297–311.

¹³¹ *Exulta Lusitana Felix. Santo António, 70 anos Doutor da Igreja. Simpósio Internacional Antoniano*, ed. Gonçalo José Gomes Figueiredo (Lisboa: Editorial Franciscana, 2017).

¹³² Guilherme d’Oliveira Martins, “Santo António de Lisboa – Doutor da Igreja,” in *Exulta Lusitana*, 41–4; Teresa Cerejo, “Fontes Biográficas de Santo António,” in *Exulta Lusitana*, 61–74; Isabel Dâmaso Santos, “Santo António: da *Vita Prima* ao palco,” in *Exulta Lusitana*, 75–86; Joaquim Cerqueira Gonçalves, “O Franciscanismo de Santo António,” in *Exulta Lusitana*, 87–98; José António de C. R. de Souza, “Santo António e os Bispos,” in *Exulta Lusitana*, 99–118; Maria de Lourdes Sigardo Ganho, “Santo António Doutor da Igreja,” in *Exulta Lusitana*, 131–6; Isidro Pereira Lamelas, “Doutores na Igreja e ‘Doutores da Igreja’: Génese e significado de um título,” in *Exulta Lusitana*, 137–58; Eleonora Lombardo, “Sant’ António nella devozione della fine del Medioevo. I sermoni per il 13 giugno,” in *Exulta Lusitana*, 159–74; Gonçalo Figueiredo, “*Humildade Gloriosa*, Santo António em Aquilino Ribeiro,” in *Exulta Lusitana*, 175–84; Luciano Bertazzo, “*Exulta, Lusitana felix*. Carta apostólica de Pio XII referente ao título de Doutor Evangélico atribuído a Santo António de Lisboa e de Pádua (1946). Génese e evolução,” in *Exulta Lusitana*, 185–206.

¹³³ Maria Cândida Pacheco, “O pensamento de Santo António de Lisboa – Itinerância e busca,” in *Exulta Lusitana*, 45–52; Américo Pereira, “A paz em Santo António de Lisboa,” in *Exulta Lusitana*, 53–60.

¹³⁴ Maria Manuela Brito Martins, “A ‘Glosa Ordinária’ nos ‘Sermões Dominicais e Festivos’,” in *Exulta Lusitana*, 207–26.

¹³⁵ José Acácio Aguiar de Castro, “Simbólica da natureza nos Sermões antonianos,” in *Exulta Lusitana*, 119–30.

¹³⁶ Martinho Soares, “O «Livro da Natureza» de Santo António ao Pe. António Vieira,” *Ephata* 3 (2021): 57–94.

De facto, apesar da publicação tardia, e do muito menor quantitativo de estudos que mereceu, em comparação com a obra de Santo António, o sermonário de Frei Paio esteve também longe de passar à margem do interesse dos medievalistas, muitas vezes tratado a par do franciscano. No artigo publicado em 1973, sobre o sermonário de Frei Paio de Coimbra, Mário Martins realizou o estudo codicológico da obra do dominicano, procedeu à identificação da tipologia dos sermões nela contidos, avançou uma primeira hipótese sobre a sua funcionalidade, expôs dados de grande importância sobre o autor e a forma como o seu iberismo se refletiu nalgumas temáticas dos panegíricos e disponibilizou uma lista completa das prédicas e das festas a que se destinavam¹³⁷. Em 1975, o mesmo autor publicou uma outra obra particularmente importante, intitulada *Alegorias, Símbolos e Exemplos Morais da Literatura Medieval Portuguesa*¹³⁸. Nela explorava alguma imagética observável em várias produções literárias latinas e vernaculares portuguesas, entre as quais os *Sermones* de Santo António de Lisboa e a *Summa* de Frei Paio de Coimbra. Consagrando a cada sermonário um capítulo, Mário Martins logrou identificar motivos semelhantes, que pareciam repetir-se nas duas peças, nomeadamente símbolos e alegorias envolvendo cidades fortificadas e castelos, cavaleiros e quadrigas. Para além da exposição e análise desta imagética, especialmente relevante para o assunto de que se ocupa este estudo, foi o sugestivo capítulo na mesma obra dedicado ao tema da Psicomaquia ou combate espiritual, que o medievalista abordou a partir da análise de um conjunto de peças literárias, compreendendo um catecismo em português do século XIV – o chamado *Livro das confissões* de Martim Pérez –, as traduções portuguesas do *Libro de Buen Amor* e do *Livro da Vida Solitária*, a vasta alegoria *Boosco Deleitoso*, de finais do século XIV, e inclusivamente o sermonário de Frei Paio de Coimbra. Muita da imagética consubstanciada nas prédicas de Santo António e de Frei Paio que se viu objeto de análise neste estudo de 1975, seria posteriormente recuperada, sem grandes desenvolvimentos adicionais, em *A Bíblia na Literatura Medieval Portuguesa*, uma obra publicada pelo mesmo autor em 1979¹³⁹.

Para além dos incontornáveis trabalhos de Mário Martins sobre o sermonário pelagiano – que, como referido, contaram com uma dimensão eminentemente comparativa face à obra de Santo António e tocaram o tema específico da imagética bélica

¹³⁷ Martins, “O sermonário de Frei Paio,” 337-62.

¹³⁸ Mário Martins, *Alegorias, símbolos e exemplos morais da literatura medieval portuguesa* (Lisboa: Edições Brotéria, 1975).

¹³⁹ Mário Martins, *A Bíblia na Literatura Medieval Portuguesa* (Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1979).

–, de especial interesse para este estudo foram também os trabalhos subsequentemente desenvolvidos pelo medievalista norte-americano, John G. Tuthill. Este autor editou parte das prédicas do dominicano na sua tese de doutoramento apresentada à Universidade de Berkeley e foi o responsável pelo primeiro estudo de grande fôlego sobre o sermonário¹⁴⁰. Nele, Tuthill afluou temas explorados em maior profundidade nos seus artigos dedicados à mariologia na *Summa*¹⁴¹, à estrutura erudita dos seus sermões¹⁴², bem como ao seu autor, pensamento e temáticas teológicas, questão abordada em detalhe num ensaio publicado nas *Actas do II Encontro de História Dominicana*¹⁴³. Deste importante encontro, decorrido no Porto, em 1984, resultariam mais dois contributos de grande relevo para o aprofundamento do conhecimento sobre o sermonário do dominicano, o primeiro dos quais da autoria de Klaus Reinhardt, que procurou, a partir do exame das dez primeiras prédicas da *Summa*, consagradas à festividade do apóstolo Santo André, averiguar o lugar ocupado pela *Bíblia* nos sermões de Frei Paio, bem como a relação entre a exegese bíblica e a pregação neste autor, sem esquecer ainda as fontes exegéticas dos seus sermões¹⁴⁴. Já o segundo artigo, da autoria de Geraldo Coelho Dias, incidiu sobre a análise da presença do *Antigo Testamento* no sermonário do dominicano, a partir do escrutínio das suas cinquenta primeiras prédicas¹⁴⁵.

Não menos prolíficos, no que à elaboração de estudos sobre o sermonário e sobre a figura de Frei Paio diz respeito, foram os anos 90, com a publicação de uma entrada consagrada ao dominicano no *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa* da autoria de Aires Augusto do Nascimento¹⁴⁶, a dissertação de mestrado em filosofia medieval de Bernardino da Costa Marques¹⁴⁷, os trabalhos de José Geraldês Freire¹⁴⁸ e

¹⁴⁰ Tuthill, “The sermons of Brother Paio”.

¹⁴¹ John G. Tuthill, “Fr. Paio’s Sermons on the Virgin Mary,” in *Actas do Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada*, vol. 2 (Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, 1981), 193–204.

¹⁴² John G. Tuthill, “The school sermon Exported: the case of Pelagius Parvus,” in *Viator. Medieval and Renaissance studies*, ed. Matthew Fisher (California: University of California, 1991), 169–88.

¹⁴³ John G. Tuthill, “Fr. Paio and his 406 sermons,” in *Actas do II Encontro sobre História Dominicana*, vol. III, tomo I (Porto: Arquivo Histórico Dominicano Português, 1984), 347–6.

¹⁴⁴ Klaus Reinhardt, “Die Sermones von Fray Paio de Coimbra OP (ca. 1250) im Lichte der Biblischen Exegese seiner Zeit,” in *Actas do II Encontro*, 365–72.

¹⁴⁵ Geraldo J. A. Coelho Dias, “Os Sermões de Fr. Paio de Coimbra e o Antigo Testamento,” in *Actas do II Encontro*, 381–89.

¹⁴⁶ Aires A. Nascimento, “Paio de Coimbra, Frei,” in *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, ed. Giuseppe Tavani e Giulia Lanciani (Lisboa: Caminho, 1993), 504–6.

¹⁴⁷ Marques, “O sermonário de Frei Paio”; “Santo António de Lisboa na ‘Summa Sermonum’ de Frei Paio de Coimbra, O.P.,” *Mediaevalia*, 11–2 (1997): 183–210.

¹⁴⁸ José Geraldês Freire, “Latim Medieval II. S. Frei Paio de Coimbra (1),” *Boletim de Estudos Clássicos* no. XIII, 25 (1996): 53–62; “Latim Medieval II. ‘S. Frei Paio de Coimbra’ (2),” *Boletim de Estudos Clássicos* no. XIII, 25 (1996): 65–73.

de Adelino Cardoso Pereira¹⁴⁹, e o artigo conjunto de Agostinho Figueiredo Frias e de Bernardino da Costa Marques¹⁵⁰. Importa também sublinhar que alguns dos estudos desenvolvidos por esta altura sobre a obra do dominicano assumiram uma dimensão eminentemente comparativa face aos *Sermones* de Santo António, como foi o caso dos ensaios de Maria Cândida Monteiro Pacheco¹⁵¹ e da dissertação de mestrado em Filosofia medieval do referido Agostinho Figueiredo Frias¹⁵².

Já na viragem do século, a elaboração de trabalhos centrados na *Summa Sermonum* continuou a não dar sinais de abrandamento, como o demonstram os estudos de Adelino Cardoso Pereira¹⁵³, José Marques¹⁵⁴ e Saul António Gomes¹⁵⁵ – que se ocuparam na íntegra ou parcialmente do autor e dos seus escritos – e, sobretudo, Bernardino da Costa Marques, cuja tese de doutoramento, para além de facultar a edição integral em latim das prédicas de Frei Paio, comporta o mais aprofundado trabalho desenvolvido até ao momento sobre o sermonário do dominicano. Nele, enquadrou os principais temas teológicos e filosóficos identificáveis na sua parenética, com predominância dos temas de pendor epistemológico e de racionalidade teológica¹⁵⁶.

d) Historiografia e Psicomaquia

¹⁴⁹ Adelino Cardoso Pereira, “A concordância entre a natureza e a graça segundo Frei Paio de Coimbra,” in *História do Pensamento Filosófico Português*, ed. Pedro Calafate, Vol. I (Lisboa: Caminho, 1999), 505–19.

¹⁵⁰ Agostinho Figueiredo Frias e Bernardino Fernando da Costa Marques, “Theologia, scientia et ars dans les Sermones de Frater Pelagius Parvus Colimbriensis, O.P.,” in *Actes du colloque ‘Le vocabulaire des écoles des Mendicants au moyen âge’* (Turnhout Belgique : Brepols, 1999), 16–25.

¹⁵¹ Maria Cândida Pacheco, “Exegese e Pregação em St. António de Lisboa e Frei Paio de Coimbra,” in *Actas da II Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval*, vol. IV (Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1990), 1297–308; “Exégese et prédication chez deux auteurs portugais du XIII^{ème} Siècle: saint Antoine et Frère Pelagius,” in *De l’Homélie au Sermon. Histoire de la Prédication Médiévale*, ed. J. Hamesse e X. Hermant (Louvain: Institut d’Études Médiévales, 1993), 169–81.

¹⁵² Agostinho Figueiredo Frias, “De signis pulsandis: leitura hermenêutica de Santo António de Lisboa e Frei Paio de Coimbra” (MA diss., Universidade do Porto, 1994).

¹⁵³ Adelino Cardoso Pereira, “Sermão da festa da Invenção da Santa Cruz por S. Frei Paio de Coimbra” (MA diss., Universidade de Coimbra, 2001).

¹⁵⁴ José Marques, “S. Tiago na Sermonária Medieval Portuguesa,” in *Actas de las Jornadas sobre O Caminho de Santiago. Portugal na memória dos peregrinos*, ed. Humberto Baquero (Porto: Xunta de Galicia, 2001), 27–50.

¹⁵⁵ Saul António Gomes, “A questão judaica nos autores medievais portugueses,” *Caderno de Estudos Sefarditas* 9 (2009): 93–120.

¹⁵⁶ Marques, “O sermonário de Frei Paio”; “Fundamentação epistemológica da teologia como ciência e sabedoria na Summa Sermonum de Frei Paio, o Pequeno, da Ordem dos Frades Pregadores, Prior e Mestre do Convento de Coimbra,” in *Os dominicanos em Portugal (1216-2016): Estudos de história religiosa*, ed. António Gouveia, José Nunes e Paulo de Oliveira Fontes (Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa, 2018), 97–106.

Não obstante o amplo *corpus* de estudos já consagrado às obras dos dois pregadores, de que se elencaram aqui apenas alguns dos mais importantes trabalhos, constata-se que, à exceção das abordagens literárias relevantes, mas pouco mais que incipientes, realizadas por Mário Martins à imagética da Psicomaquia nas duas obras referidas, a questão esteve longe de merecer, até ao momento, a devida atenção em contexto historiográfico português, contrariamente ao que se tem vindo a verificar na restante historiografia europeia.

Neste particular, o tema foi sobretudo estudado na perspetiva das suas relações com a espiritualidade medieval, com numerosos autores a ver na imagética da Psicomaquia a consubstanciação literária da ideia de guerra interior, na feição por esta assumida na tradição cristã, compaginável com as noções de *miles Christi* e *militia Christi*. Na senda dos estudos pioneiros de Adolf Harnack¹⁵⁷, Johann Auer¹⁵⁸ e André Vauchez¹⁵⁹, destaque para o amplo corpo de ensaios reunido na mais recente obra, *'Militia Christi' e Crociata nei secoli XI-XIII*, englobando um apreciável conjunto de contributos sobre o tema da Psicomaquia na tradição monástica¹⁶⁰.

Outros autores, como Jean Leclercq¹⁶¹, lançaram sobre a imagética bélica consubstanciada nos textos monásticos medievais um olhar mais antropológico, defendendo o seu entendimento como um meio de redireccionamento ou canalização da agressão por parte de indivíduos aos quais as práticas da guerra estavam vedadas, configurando, nesse sentido, uma *catarsis*. Uma perspetiva que, de resto, vem, mais recentemente, sendo desenvolvida por estudiosos sensíveis às problemáticas da história

¹⁵⁷ Adolf Harnack, *Militia Christi. Die chrustliche Religion und der Soldatenstand in den ersten drei Jahrhunderten* (Tübingen: J.C.B. Mohr, 1905).

¹⁵⁸ Johann Auer, "Militia Christi," in *Dictionnaire de Spiritualité*, ed. André Derville, Paul Lamarche e Aimé Solignac, t. 9 (Paris : Beauchesne, 1976), 1210–23.

¹⁵⁹ André Vauchez, *A Espiritualidade na Idade Média Ocidental (séculos VIII a XIII)* (Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1994), 51–54; "La notion de *Miles Christi* dans la spiritualité occidentale aux XII^e et XIII^e siècles," in *Chevalerie et Christianisme aux XII^e et XIII^e siècles*, ed. Martin Aurell e Catalina Girbea (Rennes : Presses universitaires de Rennes, 2011), 67–75.

¹⁶⁰ Jean Leclercq, "Militare Deo dans la tradition patristique et monastique," in *'Militia Christi' e Crociata nei secoli XI-XIII: Atti della undecima Settimana internazionale di studio* (Milano: Centro di studi medioevali, 1992), 3–20; Réginald Grégoire, "Esegesi biblica e 'militia Christi'," in *'Militia Christi' e Crociata*, 21–47; Friedrich Prinz, "Primi stadi della 'militia Christi' altomedioevale nella tarda antichità e nel sistema ecclesiastico imperiale del periodo carolingio e degli Ottoni," in *'Militia Christi' e Crociata*, 49–66; Ambrogio M. Piazzoni, "'Militia Christi' e Cluniacensi," in *'Militia Christi' e Crociata*, 241–71; Pietro Zerbi, "La 'militia Christi' per i Cisterciensi," in *'Militia Christi' e Crociata*, 273–97; I Deug-Su, "La 'militia Christi' nella vita eremitica tra i secoli XI e XII," in *'Militia Christi' e Crociata*, 299–341; Cosimo Damiano Fonseca, "'Militare Deo' e 'militia Christi' nella tradizione canonica," in *'Militia Christi' e Crociata*, 343–54.

¹⁶¹ Jean Leclercq, *Monks and Love in Twelfth-Century France* (Oxford: Clarendon Press, 1979), 86–108.

do género, como Jacqueline Murray¹⁶² e Andrew Taylor¹⁶³, mais insistentes na leitura das representações bélicas como manifestações de masculinidade por parte dos autores monásticos, atendendo ao papel definidor que esta jogaria, então, no exercício da guerra.

Uma terceira via interpretativa, subscrita por Martha G. Newman¹⁶⁴, Caroline Walker Bynum¹⁶⁵ e Mary Carruthers¹⁶⁶, acentuou, por sua vez, a função retórica dos construtos bélicos presentes na literatura religiosa medieval, enfatizando o modo como tais motivos ligados aos ideais de *miles* e de *militia Christi* se podem tomar: ora como reflexivos da autoimagem dos autores dos textos – no caso em apreço, do entendimento que faziam sobre os meios de progressão do indivíduo em direção ao divino e sobre o modo como os vários cenários em que se inscreviam (o cenóbio ou o eremitério) e práticas que cultivavam (como a oração, o estudo, a abnegação ascética) auxiliariam nesse processo –; ora ainda como meios mediante os quais os autores eclesiásticos buscaram fortalecer reivindicações ideológicas mais amplas, nomeadamente defender a superioridade de certas ordens religiosas, práticas e modelos de santidade acima de outros.

A questão foi mais recentemente recuperada por Katherine A. Smith¹⁶⁷ que, conciliando as três perspetivas anteriores, identificou padrões figurativos recorrentes ligados ao tema da Psicomaquia num conjunto apreciável de textos monásticos dos séculos XI e XII, como sermões, cartas e hagiografias, tomando essa imagética como reflexiva e, ao mesmo tempo, instrumental na definição de identidades religiosas e de género. No mesmo sentido, caminhou ainda John D. Hosler¹⁶⁸, na sua obra de referência sobre a guerra na tratadística de João de Salisbúria (†1180), onde a “guerra metafórica”

¹⁶² Jacqueline Murray, “Masculinizing Religious Life: Sexual Prowess, the Battle for Chastity and Monastic Identity,” in *Holiness and Masculinity in the Middle Ages*, ed. P.H. Cullum e Katherine J. Lewis (Toronto: University of Toronto Press, 2004), 24–42.

¹⁶³ Andrew Taylor, “A Second Ajax: Peter Abelard and the Violence of Dialectic,” in *The Tongue of the Fathers: Gender and Ideology in Medieval Latin*, ed. David Townsend e Andrew Taylor (Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1998), 14–34.

¹⁶⁴ Martha G. Newman, *The Boundaries of Charity: Cistercian Culture and Ecclesiastical Reform, 1098–1180* (Stanford: Stanford University Press, 1996).

¹⁶⁵ Caroline Walker Bynum, *Jesus as Mother: Studies in the Spirituality of the High Middle Ages* (Berkeley: University of California Press, 1982).

¹⁶⁶ Mary Carruthers, *The Craft of Thought: Meditation, Rhetoric, and the Making of Images, 400–1200* (Nova Iorque: Cambridge University Press).

¹⁶⁷ Katherine Allen Smith, *War and the Making of Medieval Monastic Culture* (Woodbridge: The Boydell Press, 2013), 112–155; “Spiritual Warriors in Citadels of Faith: Martial Rhetoric and Monastic Masculinity in the Long Twelfth Century,” in *Negotiating Clerical Identities. Priests, Monks and Masculinity in the Middle Ages*, ed. Jennifer D. Thibodeaux (Hampshire: Palgrave Macmillan, 2010), 86–110.

¹⁶⁸ John D. Hosler, *John of Salisbury. Military Authority in the Twelfth-Century Renaissance* (Leiden-Boston: Brill, 2013), 119–148.

é tida como sugestiva da autoperceção do pensador cristão ducentista e, simultaneamente, fundamental na definição da própria identidade eclesiástica.

Por contraste, estes trabalhos colocam em evidência o carácter lacunar apresentado pelo tema da Psicomaquia no panorama historiográfico português, um quadro que este estudo pretendeu contribuir para subverter, *grosso modo* subscrevendo as abordagens mais conciliatórias das várias perspetivas de Smith e Hosler.

4) Estrutura

Especificados assim o objeto, os objetivos e os aspetos metodológicos do estudo, e elencados alguns dos mais relevantes contributos já desenvolvidos, a nível nacional como internacional, sobre a historiografia das temáticas militares, da comunicação, dos símbolos e das emoções, incidindo nos sermonários antoniano e pelagiano, mais propriamente no tema específico da Psicomaquia na tradição cristã, cabem, por último, algumas considerações sobre a sua estruturação formal. Na sua partição, adotou-se uma estrutura símile à dos sermões – mais do que um artifício retórico (que o é) ou do que uma aproximação metafórica ao objeto de estudo (que também o é) –, era algo a que a exposição do tema convidava, coadunando-se particularmente bem com os objetivos e propósitos pretendidos. Assim, fez-se corresponder a introdução ao *Exordium*, o corpo principal à *Dilatatio*, dividida em duas *Clausulae*, e a conclusão à *Clausio*. Manteve-se o paralelo na bibliografia, chamada *Corpus Fontis*, nos anexos, intitulados *Tabulae*, e nos índices, ou *Indices*.

No interior da *Dilatatio*, partindo da premissa bem conhecida de que todos os textos – e em especial os literários – conservam marcas estruturais e temáticas do contexto da sua produção, consagrou-se o primeiro capítulo (*Clausula I*) ao enquadramento dos autores e dos seus sermonários na conjuntura que os viu nascer. Este primeiro capítulo, de cariz mais contextualizante, que antecede o estudo da imagética bélica propriamente dita, desdobra-se em três subcapítulos. O primeiro dos quais (*Paisagens medievais*) é dedicado à exposição de alguns traços conjunturais da Europa e do reino de Portugal na viragem do século XII para o século XIII, correspondente ao tempo em que viveram Santo António e Frei Paio. Um período plenamente enquadrado dentro da mais ampla Idade Média Plena (ou Idade Média Central), atravessada por uma vaga de prosperidade e de revitalização, de que surgiu como expressão mais acentuada o chamado renascimento cultural do século XII, que se fez acompanhar também na esfera do religioso pelo

surgimento de novas formas e experiências de espiritualidade, na origem do surto mendicante, abraçado pelos dois pregadores portugueses.

As implicações deste renascimento espiritual são frisadas no segundo subcapítulo (*Horizontes monásticos*), onde se viu pertinência em agrupar e comparar sumariamente a Ordem dos Frades Menores (O.F.M.) e a Ordem dos Pregadores (O.P.), no respeitante às suas origens, primeiros desenvolvimentos e lógicas de expansão e implantação, abordando, nos mesmos termos, os impactos políticos, económicos, sociais e culturais das duas ordens no Ocidente europeu e, mais localizadamente, no reino de Portugal. Aqui, à semelhança do que se verificou por toda a Cristandade, franciscanos e dominicanos envolveram-se ativamente na vida política e social do reino; criaram escolas nas dependências dos mosteiros por si fundados, com o objetivo de colocarem ao serviço da missão evangélica e apostólica o estudo e o saber; e encontraram entre agostinhos e cistercienses figuras que se destacaram pelos seus conhecimentos, tornadas modelares para ambas as ordens mendicantes e, nalguns casos, campo de recrutamento de novos membros.

No terceiro subcapítulo (*Paradigmas parenéticos*), expõem-se as consequências da chamada “Revolução Homilética” que se produziu entre as décadas finais do século XII e o início da centúria seguinte na Cristandade ocidental, referindo as principais linhas de força que passaram então a definir o ofício do pregador e as técnicas de elaboração de sermões, de modo a aferir a conformidade dos autores e das obras deste estudo face a estas tendências mais vastas do universo cultural medieval¹⁶⁹. Não sendo objetivo deste estudo repetir exaustivamente as informações da bem conhecida vida de Santo António e da menos bem conhecida vida de Frei Paio, procurou-se, ainda assim, expor, em linhas gerais e numa perspetiva comparativa, alguns apontamentos biográficos sobre os dois pregadores, bem como as fontes elucidativas dos seus percursos, à maneira de preâmbulo para a caracterização geral das peças. De novo, neste particular, a intenção foi sobretudo a de expor, numa perspetiva comparada, aspetos fundamentais dos dois sermonários: conservação e transmissão dos manuscritos, organização interna observada, locais e datas de produção, finalidades e destinatários, estrutura e fontes de inspiração das prédicas e, finalmente, assuntos e motivos dominantes.

Já o segundo capítulo (*Clausula II*), incidente sobre as representações bélicas propriamente ditas, desdobra-se em dois subcapítulos. No primeiro (*A Psicomaquia na*

¹⁶⁹ A expressão é de James J. Murphy, *Rhetoric in the Middle Ages. A history of Rhetorical Theory from St. Augustine to the Renaissance* (Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1974), 310.

tradição literária cristã), visou-se o enquadramento da imagética militar dos sermonários antoniano e pelagiano numa linha cultural e espiritual com origens mais remotas. Neste particular, assumiu-se o objetivo de demonstrar como os vetores evolutivos do tema literário da guerra espiritual acompanharam e mapearam, no âmbito do cristianismo, os da génese da própria ideologia do *miles Christi*, à medida que o conceito foi sendo objeto de sucessivas apropriações por vários grupos ou elites espirituais no interior da Igreja (mártires, monges, leigos piedosos, cruzados, mendicantes). Traçou-se, pois, numa perspetiva diacrónica (desde o longínquo período do cristianismo primitivo até ao século XIII), uma síntese das principais cristalizações literárias do tema num conjunto de escritos eclesiásticos variados (como sermões, crónicas, hagiografias e epístolas), produzidos sobretudo por indivíduos ligados ao ramo regular da Igreja, no qual, significativamente, se filiaram os dois pregadores.

Já no segundo subcapítulo (*A Psicomaquia nos sermonários de Santo António e Frei Paio*), analisaram-se os construtos bélicos presentes nas coleções de sermões antoniana e pelagiana na perspetiva das suas potencialidades retóricas, propondo-se o seu entendimento como imagens verbais (*picturae*) – artifícios da retórica eclesiástica cujas duas principais características residiriam na forma simbólica e na função eminentemente persuasiva assumidas nos textos. Assim, com o objetivo de ilustrar o primeiro ponto, começou por se proceder a uma análise fracionada dos símbolos e signos da guerra que compõem as *picturae bellorum* antonianas e pelagianas, demonstrativa do modo como recapitulam e, em certa medida, atualizam os padrões figurativos próprios da Psicomaquia na tradição literária cristã. Em seguida, procedeu-se a uma tentativa de reconstituição do processo de comunicação narrativo integrado por estas imagens verbais, consideradas como reflexivas dos contextos, saberes, ideologias e preferências (linguísticas, estéticas, etc.) dos autores dos sermonários; questionadas do ponto de vista do seu impacto sobre os recetores das obras; interrogadas quanto às suas lógicas de distribuição pelos sermonários, em função das ocasiões a que se destinavam; e, por fim, examinadas quanto às mensagens ou assuntos que neles mais veicularam. Dito de outro modo, procuraram-se perspetivar as *picturae* à luz das teorias da comunicação, enquanto mensagens e, como tal, modeladas em função dos seus emissores, destinatários, canais e sinais.

O estudo fecha, naturalmente, com a suma de conclusões e as considerações finais (*Clausio*), seguidas da bibliografia (*Corpus Fontis*), onde se optou pela inclusão de todas as obras e documentos consultados, mesmo aqueles que, não tendo sido explicitamente

canalizados para este estudo, se consideraram potencialmente interessantes para a prossecução de futuros trabalhos de investigação sobre as temáticas aqui afloradas. A apresentação das referências bibliográficas, elaboradas de acordo com a norma de citação Chicago (17.^a edição), seguiu o modelo convencional de divisão observado nos livros de estilo editoriais, distinguindo as fontes editadas analisadas (divididas em fontes primárias e secundárias) dos estudos consultados.

Após a bibliografia, a complementar o estudo, disponibilizam-se um conjunto apreciável de anexos documentais (*Tabulae*), cuja inclusão no corpo do trabalho decorreu sobretudo do que se considerou ser a natureza supletiva e enriquecedora destes materiais para os fins prosseguidos e da potencialidade da sua consulta autónoma por eventuais interessados. Dividem-se em dois grupos: o primeiro é integrado por várias tabelas, cujo papel instrumental na elaboração do estudo, bem como as estruturas e conteúdos, já oportunamente se detalharam; enquanto o segundo é constituído por dois glossários. O glossário de parenética contém breves definições e esclarecimentos sobre os termos técnicos da sermonística medieval, aos quais se foram fazendo referência no corpo do trabalho. Quanto ao glossário de signos e símbolos da guerra, projeta-se mediante uma estrutura mais complexa. Contém: o nome dos combatentes e das geografias de combate, das peças do armamento e de outros elementos militares (expresso em português e, entre parênteses, no latim dos *Sermones* e da *Summa Sermonum*); a sua identificação, que consiste, no caso das primeiras, numa breve referência histórica, geralmente tanto mais breve quanto mais conhecida for a personagem e/ou a geografia, e, no caso das últimas, numa sucinta descrição técnica da constituição e funcionalidade das armas, equipamentos e estruturas; e a exposição da sua respetiva simbologia nas obras antoniana e pelagiana. Em seguida, separados por pontuação (-.), citam-se, com referência às Tabelas A e B, o sermonário e o número do sermão onde se encontram essas associações simbólicas. Contribuindo para facilitar referências cruzadas, detalharam-se entre parênteses outras informações, como o nome da prédica, a cláusula referida, se aplicável, e as citações com as associações simbólicas. Certas entradas do glossário fecham remetendo para outras, por partilharem afinidades temáticas e ou simbólicas no quadro de uma mesma *Pictura*. Aos glossários seguem-se, por último, um grupo de índices, facilitadores da consulta do estudo: um índice geral dos capítulos, um índice analítico e um índice de ilustrações.

II. DILATATIO

Parte intermédia do sermão erudito medieval, expositiva e explicativa do tema em várias cláusulas, com recurso a estratégias argumentativas diversas.

Siegfried Wenzel

Medieval Artes Prædicandi.

A synthesis of scholastic sermon structure.

1) Clausula I: Pregadores e parenética

a) Paisagens medievais

Em 1927, Charles Homer Haskins, eminente medievalista norte-americano da primeira metade do século XX, publicou na *Cambridge University Press* a primeira edição da sua célebre obra, *The Renaissance of the Twelfth Century*¹⁷⁰. Nela advogava que o Renascimento Italiano, tal como definido por Jakob Burckhardt no seu *Die Cultur der Renaissance in Italien* (1860)¹⁷¹, teria, na verdade, sido precedido por movimentos de contornos análogos, como o chamado “Renascimento Carolíngio”, o “Renascimento Otoniano” ou o extraordinário despertar intelectual que se foi perfilando na Cristandade ocidental a partir de finais do século XI e, sobretudo, ao longo de toda a centúria seguinte, precipitado por sucessivos movimentos de tradução de obras da Antiguidade Clássica do árabe para língua latina¹⁷². Este último, foi um processo que decorreu em centros nevrálgicos de contacto intercultural entre cristãos, islâmicos e judeus, implantados nas áreas hispânica, em redor de Toledo, e siciliana, onde se desenvolveram escolas de tradução, fortemente impactantes sobre o pensamento ocidental do século XIII, em que nasceram e viveram Santo António e Frei Paio¹⁷³.

Durante séculos ignorados pelo mundo cristão, após o grande vazio cultural ocasionado pelo desmoronamento do império carolíngio, a que se convencionou chamar feudalismo¹⁷⁴, voltaram a recheiar as estantes das bibliotecas monásticas, catedralícias e particulares de toda a Cristandade os redescobertos tratados de medicina de Galeno e Hipócrates; as obras de gramática de Prisciano, Donato e Quintiliano; os textos de retórica de Cícero; a poesia de Virgílio, Horácio e Ovídio; os livros de astronomia de Plínio e Higino; as peças de música e aritmética de Boécio; e, acima de tudo, os incontornáveis tratados de lógica e dialética de Aristóteles – a *Logica Nova* –; entre muitos outros legados

¹⁷⁰ Charles Homer Haskins, *The Renaissance of the Twelfth Century* (Cambridge: Harvard University Press, 1927).

¹⁷¹ Jakob Burckhardt, *The Civilization of the Renaissance in Italy*, trad. S. G. C. Middlemore (Viena: The Phaidon Press, 1860), 89–144.

¹⁷² Haskins, *The Renaissance*, 27–8.

¹⁷³ Charles Homer Haskins e Dean Putnam Lockwood, “The Sicilian Translators of the Twelfth Century and the First Latin Version of Ptolemy’s *Almagest*,” *Harvard Studies in Classical Philology* 21 (1910): 75–102; Charles Burnett, “The Coherence of the Arabic-Latin Translation Program in Toledo in the Twelfth Century,” *Science in Context* 14, no. 1-2 (2001): 249–88.

¹⁷⁴ François Louis Ganshof, *Que é o Feudalismo?* trad. Jorge Borges de Macedo (Lisboa: Publicações Europa-América, 1976), 80; Georges Duby, *As três ordens ou o imaginário do feudalismo*, trad. Maria Helena Costa Dias (Lisboa: Editorial Estampa, 1994), 19.

do passado greco-romano, agora amplamente enriquecidos pelos comentários e contributos originais dos mais eminentes intelectuais islâmicos e judaicos¹⁷⁵. Esse movimento de recuperação das obras antigas suscitou um ambiente de questionamento e inquietação intelectual que viria a revelar-se propenso ao incremento e diversificação da produção literária coeva¹⁷⁶; impulsionaria a cópia e circulação de manuscritos¹⁷⁷; induziria à pluralização das matérias lecionadas nas escolas eclesiásticas em proliferação pelo espaço europeu¹⁷⁸; animaria o movimento escolástico e, com ele, o surgimento de um novo método de estudo e de investigação¹⁷⁹; daria argumento às grandes polémicas e enfrentamentos teológicos da época, em torno das vias preferenciais de acesso à divindade, polarizadas entre a fé e a razão¹⁸⁰; e culminaria, a partir do final do século XII, na fundação e multiplicação dos *studia generalia* (que rapidamente se começaram a também designar por universidades) pelo Ocidente europeu¹⁸¹. À confluência destes e de outros processos, que depois do Ano Mil lançaram a Europa ocidental numa verdadeira espiral cultural ascendente, Haskins chamou “Renascimento do Século XII”¹⁸².

Por norma, alheado do contexto que o viu nascer – o do debate historiográfico instalado na década de 1920 em torno dos critérios de periodização da modernidade e da medievalidade¹⁸³ – o conceito de Renascimento do Século XII ver-se-ia subsequentemente dado a grande popularidade entre muitos dos historiadores que, à semelhança de Haskins, procuraram caracterizar este reavivamento cultural do décimo segundo século, ampliando-o ao seguinte¹⁸⁴. Um reavivamento indissociável da vaga de

¹⁷⁵ Julio Valdeón Baroque, “O Despertar Intelectual. As Escolas Urbanas e as Universidades”, in *Grande História Universal*, editado por Carlos Moretón Abón, vol. 11, *A Idade Média (II)* (Lisboa: Ediclube, 2006), 146.

¹⁷⁶ Michel Zink, “Literatura(s)”, in *Dicionário analítico do Ocidente medieval*, editado por Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt, vol. 2 (São Paulo: Editora Unesp, 2017), 90–1.

¹⁷⁷ Manuel C. Diaz y Diaz, “La circulation des manuscrits dans la Péninsule Ibérique du VIII^e au XI^e (à suivre)”, *Cahiers de civilisation médiévale* 12, no. 47 (1969): 219–41; Pascale Bourgain, “The circulation of texts in manuscript culture”, in *The Medieval Manuscript Book*, editado por Michael Johnston e Michael Van Dussen (Cambridge: Cambridge University Press, 2015), 145.

¹⁷⁸ Susana Guijarro González, “Knowledge in the Cloisters: Monastic and Cathedral Schools in the Middle Ages”, *Arbor* 184, no. 731 (2008): 450.

¹⁷⁹ Franco Alessio, “Escolástica”, in *Dicionário analítico do Ocidente medieval*, editado por Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt, vol. 1 (São Paulo: Editora Unesp, 2017), 411.

¹⁸⁰ Jacques Le Goff, *Os intelectuais na Idade Média*, trad. Marcos de Castro (Rio de Janeiro: José Olympio, 2006), 66–9.

¹⁸¹ Jacques Verger, “Patterns”, in *A History of the University in Europe*, editado por Hilde de Ridder-Symoens, vol. I, *Universities in the Middle Ages* (Cambridge: Cambridge University Press, 1988), 47–55; “Universidade”, in *Dicionário analítico*, 643.

¹⁸² Haskins, *The Renaissance*, 32–368.

¹⁸³ Norman F. Cantor, *Inventing the Middle Ages: The Lives, Works, and Ideas of the Great Medievalists of the Twentieth Century* (Nova Iorque: William Morrow, 1991), 17–28.

¹⁸⁴ *Ibid.*, 24.

expansionismo (demográfico, económico e social, mas também político e geográfico) que, pelo mesmo período, se fez sentir na Cristandade e que reverberou ao longo de toda a centúria seguinte no panorama europeu em que viveram e se formaram figuras marcantes da Idade Média portuguesa, como Santo António de Lisboa e Frei Paio de Coimbra, deixando marcas profundas e perduráveis, longe de se circunscreverem exclusivamente ao plano cultural.

Este sopro de prosperidade generalizada viu-se desencadeado por um surto demográfico possivelmente iniciado ainda no século XI, em consequência da melhoria geral das condições do clima, do abrandamento da incidência de epidemias e do fim das invasões alto-medievais¹⁸⁵. O aumento sustentado da população europeia, bem conhecido e para o qual existem várias explicações, induziria, por seu turno, a um conjunto de desenvolvimentos relevantes no domínio agrícola, com a introdução de novas culturas e de aperfeiçoamentos técnicos no cultivo dos campos, visando a maximização da sua produtividade, num ciclo de alimentação recíproca¹⁸⁶. Desencadearia, por outro lado, a descolagem do fenómeno de renascimento urbano, que se caracterizou pela proliferação de novas vilas, mas também pelo repovoamento e crescimento significativo das cidades antigas, sobretudo nas regiões do norte de Itália, da Flandres e da Renânia¹⁸⁷. Em conjunto com os núcleos urbanos pré-existentes, agora reanimados e aumentados pelo afluxo contínuo de população oriunda do meio rural, as novas cidades tornaram-se o palco principal das grandes transformações observáveis no decurso da Idade Média Central¹⁸⁸.

Neste processo convergiram vários fatores, a começar pelo milagre económico que então se produziu em contexto europeu, traduzível, entre outros aspetos, na expansão de uma economia rural apta à produção de excedentes¹⁸⁹; no reflorescimento da atividade mercantil e artesanal¹⁹⁰; na multiplicação de centros de manufatura¹⁹¹; na consolidação de circuitos terrestres e marítimos de troca e transação de mercadorias que interligavam as zonas de maior desenvolvimento económico¹⁹²; na melhoria geral das comunicações e

¹⁸⁵ Giovanni Vitolo, “O crescimento demográfico e a urbanização,” in *Idade Média*, ed. Umberto Eco, vol. II, *Catedrais, cavaleiros e cidades* (Lisboa: D. Quixote, 2016), 134.

¹⁸⁶ Catia Di Girolamo, “A extensão de terras cultivadas e a economia rural,” in *Idade Média*, 138–40.

¹⁸⁷ Henri Pirenne, *As cidades da Idade Média*, trad. Carlos Montenegro Miguel (Lisboa: Publicações Europa-América, 2009), 82–90; Jacques Le Goff, “Cidade,” in *Dicionário analítico*, p. 250–1.

¹⁸⁸ Pirenne, *As cidades*, 168–82; Le Goff, “Cidade,” 255–62.

¹⁸⁹ Girolamo, “A extensão de terras,” 139–40.

¹⁹⁰ Diego Davide, “Mercados, feiras, comércio e vias de comunicação,” in *Idade Média*, 141.

¹⁹¹ Diego Davide, “A expansão das manufaturas e as corporações de ofícios,” in *Idade Média*, 156.

¹⁹² Christophe Picard, *L’océan Atlantique musulman. De la conquête arabe à l’époque almohade. Navigation et mise en valeur des côtes d’al – Andalus et du Maghreb occidental (Portugal – Espagne – Maroc)* (Paris: éditions Maisonneuve & Larose/ Éditions UNESCO), 341–508.

acessibilidades, graças à construção de novas infraestruturas viárias e portuárias¹⁹³; na monetarização da economia, com um incremento significativo na cunhagem e circulação da moeda, no desenvolvimento do crédito e na expansão da banca¹⁹⁴; e na multiplicação de mercados urbanos de dimensão local ou regional, bem como de feiras anuais, que rapidamente se instituíram como verdadeiros centros do comércio inter-regional e internacional, instalados em zonas estratégicas a que acorriam periodicamente mercadores itinerantes para comercializar produtos de luxo ao abrigo de diversos privilégios e isenções legais¹⁹⁵.

Para além de se terem instituído como palcos principais desta evolução da vida económica, as cidades em crescimento foram ainda, no mesmo período, meios de desenvolvimento de novas formas de organização socioeconómica, como as guildas de mercadores e as corporações de artes e ofícios, associações que asseguravam a proteção e cooperação entre indivíduos ligados a uma mesma atividade profissional, tendo em vista a obtenção de vantagens e privilégios comuns¹⁹⁶. Na sua demanda por maior liberdade face ao domínio dos senhores feudais, rapidamente estas corporações assumiram um papel decisivo também a nível político, formando o substrato a partir do qual emergiram gradualmente as camadas dirigentes das novas cidades, um autêntico patriciado urbano, composto por uma burguesia endinheirada e instruída, emuladora da velha nobreza e autoconsciente da sua crescente relevância sociopolítica, que veio juntar-se aos intelectuais, aos mercadores, aos artesãos, aos marginalizados e às minorias, para reclamar o seu lugar no seio de uma sociedade progressivamente mais complexa, móvel e heterogénea¹⁹⁷. Não obstante algumas diferenças de ritmo, começava assim a estilhaçar-se, agora de forma mais ou menos uniforme por toda a Cristandade ocidental, o tradicional esquema de ordens da sociedade trifuncional, composta por *oratores*, *bellatores* e *laboratores*, tal como se vira cristalizada ainda no início do século XI por Adalberão de Laon (†1030) no seu célebre *Carmen ad Rotbertum regem*¹⁹⁸.

A par da relevância no plano social, os meios urbanos afirmaram-se ainda enquanto espaços de primeira grandeza no que à cultura diz respeito. Com efeito, neles

¹⁹³ Maria Elisa de Soldani, “O tráfego marítimo e os portos,” in *Idade Média*, 145–50.

¹⁹⁴ Valdo d’Arienzo, “O crédito e a moeda,” in *Idade Média*, 150–3; Thomas N. Bisson, “Moeda,” in *Dicionário analítico*, 248–54.

¹⁹⁵ Pierre Monnet, “Mercadores,” in *Dicionário analítico*, 209–10.

¹⁹⁶ Otto Gerhard Oexle, “Guilda,” in *Dicionário analítico*, 547; Diego Davide, “A expansão das manufaturas e as corporações de ofícios,” in *Idade Média*, 153.

¹⁹⁷ Jacques Le Goff, “O homem medieval,” in *O Homem Medieval*, ed. Jacques Le Goff (Lisboa: Editorial Presença, 1989), 9–30.

¹⁹⁸ Duby, *As três ordens*, 52–71.

se fizeram sentir, de forma muito vincada, a circulação de pessoas e códices, bem como a multiplicação da rede escolar, com o surgimento das escolas diocesanas e das universidades. A influência que o ambiente citadino exerceu sobre estas últimas, em particular, está bem patente naquele que foi o modelo organizacional perfilhado por tais estabelecimentos de ensino de tipo superior, tomado de empréstimo do meio corporativo, mais concretamente da experiência das confrarias de artes e ofícios, também elas produtos das cidades nascentes. Delas beberam, por exemplo, o uso de estatutos e a transmissão de conhecimentos entre mestres e discípulos¹⁹⁹.

A onda de otimismo e expansionismo observável no plano demográfico, económico e social, encontrou paralelo também a nível geográfico, já que a um aumento generalizado da mobilidade em contexto europeu, com a consolidação dos grandes circuitos de peregrinação²⁰⁰, as deslocações empreendidas por mestres e escolares em direção às universidades nascentes (*peregrinatio academica*)²⁰¹, as deambulações protagonizadas por comerciantes para vender produtos nas grandes feiras e mercados urbanos²⁰², e as viagens das embaixadas enviadas em missões de representação diplomática²⁰³, somou-se o trânsito de grandes contingentes populacionais para fora do espaço europeu, em direção ao Oriente, integrados no âmbito das primeiras Cruzadas²⁰⁴. Apesar do seu carácter essencialmente militar e agressor, os movimentos cruzadísticos que se desenrolaram a partir de finais do século XI tiveram a virtude de contribuir para a densificação das relações de intercâmbio civilizacional entre a Cristandade e o Islão, ao promoverem a circulação de gentes e, com elas, de novas ideias e conhecimentos; mas também de concorrer para o reavivamento da atividade comercial mediterrânica, possibilitando às repúblicas marítimas italianas a consolidação das suas posições no Mediterrâneo oriental e o reforço do seu papel enquanto distribuidoras de produtos oriundos dessas paragens em contexto europeu²⁰⁵.

¹⁹⁹ Armando Norte, “Letrados e cultura letrada em Portugal (sécs. XII e XIII)” (PhD diss., Universidade de Lisboa, 2013), 31–32.

²⁰⁰ Michel Sot, “Peregrinação,” in *Dicionário analítico*, 394–408.

²⁰¹ Sobre a *peregrinatio academica* dos portugueses na Cristandade entre os séculos XII e XV, vide Armando Norte e André de Oliveira Leitão, “A mobilidade dos escolares portugueses: a *peregrinatio academica* entre os séculos XII e XV,” *Lusitania Sacra* 33 (2016): 43–98.

²⁰² Davide, “Mercados, feiras,” 142.

²⁰³ Julia Costa Lopez, “International Relations in/and the Middle Ages,” in *Routledge Handbook of Historical International Relations*, ed. Benajmin de Carvalho, Julia Costa Lopez, Halvard Leira (Routledge: Taylor & Francis, 2021), 412.

²⁰⁴ Steven Runciman, *A History of the Crusades*, 3 vols. (Cambridge: Cambridge University Press, 1954).

²⁰⁵ Diego Davide, 147–8.

Por outro lado, as Cruzadas asseguraram dentro do perímetro da *Christianitas* – ou pelo menos nas suas regiões mais internas e distanciadas das ultraperiferias ibérica e eslava²⁰⁶ – a manutenção das condições mínimas de paz necessárias ao florescimento económico e cultural que se verificou no período, funcionando, em consonância com anteriores disposições da Igreja destinadas à limitação da brutalidade da guerra em determinados territórios europeus (*Paz de Deus*, 975) e em certas épocas do ano (*Tréguas de Deus*, 1027), enquanto mecanismos de evasão para outros palcos da violência inerente às ações protagonizadas por senhores feudais e belicosos filhos segundos²⁰⁷. Estes últimos, produtos de um sistema dominante de práticas sucessórias unilineares, excludentes dos secundogénitos, que a explosão demográfica muito contribuíra para fazer aumentar²⁰⁸.

Neste mundo em que a guerra surgiu simultaneamente enquanto a origem das principais calamidades e a resposta à sua resolução, em que a violência se encontrava de algum modo presente em tudo, mas nem sempre se reduzia às operações militares, foi também indiscutível o papel crucial destas expedições guerreiras direcionadas à cidade de Jerusalém e à Terra Santa, sob pretexto de libertação do túmulo de Cristo da presença do Infiel e de expansão da fé cristã, ao nível da consolidação do papel político de um Papado recém-emergido da Querela das Investiduras²⁰⁹, que se assumia agora enquanto grande potência na vanguarda dos destinos da Cristandade, em detrimento de outras entidades políticas – reinos, ducados, condados, principados – que então despontavam e se consolidavam pelas armas e pela diplomacia, no mesmo espaço em que anteriormente haviam existido impérios²¹⁰. Regra geral proclamadas pelo pontífice, ou por outra instância eclesiástica com autoridade para o efeito, as Cruzadas possibilitaram a cauterização parcial da ameaça que representavam para a *plenitudo potestatis* papal a insubordinação e a capacidade bélica instalada destes novos poderes, ao providenciarem um substrato unificador da Cristandade contra a ameaça de um inimigo comum, sob a liderança incontestável da Igreja²¹¹. Os movimentos cruzadísticos, que viriam a encontrar

²⁰⁶ Jacques Le Goff, “Centro / Periferia,” in *Dicionário analítico*, 227–46; Hermenegildo Fernandes, “Entre Mouros e Cristãos. A sociedade de fronteira no sudoeste peninsular interior (séculos XII-XIII)” (PhD diss., Universidade de Lisboa, 2001); “Dos limites às fronteiras: problemas de escala e funções,” in *Nação e Identidades. Portugal, os Portugueses e os Outros*, ed. Sérgio Campos de Matos, Isabel Castro Henriques, Hermenegildo Fernandes e José da Silva Horta (Lisboa, Portugal: Caleidoscópio, 2009), 157–75.

²⁰⁷ Ben Lowe, “Peace and Truce of God,” in *The Oxford Encyclopedia of Medieval Warfare and Military Technology*, editado por Clifford J. Rogers (Oxford: Oxford University Press, 2010) 109–11.

²⁰⁸ Léopold Génicot, “Nobreza,” in *Dicionário analítico*, 314–24.

²⁰⁹ Girolamo Arnaldi, “Igreja e Papado,” in *Dicionário analítico*, 650.

²¹⁰ Michel Parisse, “Império,” in *Dicionário Analítico*, 675–86.

²¹¹ Girolamo Arnaldi, “Igreja e Papado,” in *Dicionário analítico*, 650.

afinidades com ações militares desenvolvidas em território europeu contra ameaças à Santa Sé, surgiram, neste sentido, como mais uma peça fundamental do programa de centralização pontifícia, historiograficamente designada como teocracia papal, encetado com a reforma implementada a partir de 1073 por Gregório VII (*pontif.*, 1073-†1085) e continuada pelos seus sucessores – com destaque para Inocêncio III (*pontif.*, 1198-†1216) –, visando o fortalecimento interno das estruturas eclesiais, a sua libertação dos abusos do patronato leigo, e sobretudo o alargamento da supremacia do mundo espiritual a todos os domínios da esfera temporal²¹². Um confronto entre poder temporal e poder espiritual que se arrastou durante longos séculos, e que ficou conhecido na doutrina política como a Teoria dos Dois Gládios (*Gladius Materialis* e *Gladius Spiritualis*)²¹³, designação que, em si mesma, recorre à imagética militar da Psicomaquia em que o período foi fértil, e de que os sermões em geral são uma manifestação exuberante²¹⁴.

Foi, em suma, neste Ocidente europeu em transformação, marcado pela explosão demográfica, pela densificação das malhas urbanas e pelo despertar da vida citadina, pelo reavivamento do comércio e pela monetarização da vida económica, pela complexificação do tecido social e pelo surgimento do espírito associativo, pela expansão geográfica para lá dos limites da Cristandade e pela intensificação dos intercâmbios civilizacionais, pelos movimentos cruzadísticos e pela irrupção de novos atores políticos dominantes; enfim, neste cenário perpassado por um clima geral de expansão, prosperidade e revitalização, do qual surgiu como expoente máximo o renascimento cultural do século XII, que se assistiu também a um verdadeiro renascimento espiritual, com a emergência, a partir das décadas finais do século XI, de uma aspiração ao aperfeiçoamento da vida cristã, patente na busca incessante por uma adaptação ao ideal de vida apostólica²¹⁵. Foi essa a mola para a criação das ordens mendicantes, e a lição interiorizada pelas congregações de Santo António e Frei Paio.

b) Horizontes monásticos

i) O ideal de vida apostólica

²¹² Ibid, 645–6.

²¹³ Patrick Stephen Healy, “Two swords, Doctrine of the,” in *The Oxford Dictionary of the Middle Ages*, ed. Robert E. Bjork (Oxford: Oxford University Press, 2010), 615; Joseph Canning, *A History of Medieval Political Thought 300 – 1450* (Londres-Nova Iorque: Routledge, 1996), 99 – 100.

²¹⁴ Smith, *War and monastic culture*, 6.

²¹⁵ Vauchez, *A Espiritualidade na Idade Média*, 182–3.

O ideal de vida apostólica, a que aspiravam os mendicantes, exprimia um desejo de adesão ao exemplo de Cristo e dos apóstolos (*Imitatio Christi*), que recuperava o seu denominador ideológico do modelo evangélico da Igreja primitiva, assente na dupla exigência do voto de pobreza absoluta e de pregação itinerante²¹⁶. Deste apelo do primeiro cristianismo dimanara, por um lado, o mote para a codificação do Direito Canónico, com a compilação dos cânones conciliares e dos decretos pontifícios que haviam regulado a vida da Igreja desde os seus primeiros séculos, um processo observado sobretudo em torno da universidade de Bolonha²¹⁷; e, por outro lado, o impulso para a reestruturação promovida pelos reformistas gregorianos sobre o clero regular, suscitada pela eclosão espontânea, entre as décadas finais do século XI e o início da centúria seguinte, de uma miríade de movimentos eremítico-penitenciários com novas ideias de ordenação da vida monástica, que subscreviam a noção de retorno ao ideal de vida apostólica, em corte com os vícios que apontavam à hierarquia eclesiástica, como a simonia, o nepotismo e o nicolaísmo²¹⁸.

Um modelo em parte já preconizado pelos cónegos regulares de tradição agostiniana, cuja orientação para a vida urbana e para o envolvimento direto com o mundo secular, visando a *cura animarum* por intermédio da pregação e da assistência aos mais necessitados, justificou que se vissem depositários de um incentivo significativo por parte dos seguidores de Gregório VII, que continuavam a dar corpo e a implementar a reforma que tomou o seu nome – a reforma gregoriana²¹⁹. A centúria ficou assim marcada pelo crescimento e expansão pela Cristandade das casas da Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho (C.R.S.A.)²²⁰. Uma tendência geral de que não ficou à margem a Península Ibérica, sobretudo o contexto português, onde é bem conhecido o crucial papel político, diplomático e cultural que a comunidade de cónegos regrantes do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra (1131) desempenhou ao nível da consolidação do reino de Portugal enquanto unidade política autónoma – precisamente a instituição onde estudou

²¹⁶ Michael F. Cusato, “Apostolic life,” in *The Oxford Dictionary*, 80.

²¹⁷ Júlio Valdeón Baruque, “A Renovação da Igreja. De Cister às Ordens Mendicantes,” in *A Idade Média (II)*, ed. Luís Krus (Lisboa: Ediclube, 2006), 127.

²¹⁸ *Ibid.*, 128.

²¹⁹ Antonio García y García, “Las órdenes mendicantes en el concilio IV lateranense de 1215,” in *Actas do II Encontro*, 65; “La reforma de la Iglesia,” 706–17.

²²⁰ Anthony Allaria, “Canons and Canonesses Regular,” in *The Catholic Encyclopedia*, eds. Charles G. Herbermann et al., vol. III (Nova Iorque: Robert Appleton Company, 1908), 288; Saul António Gomes, “Cónegos Regrantes de Santo Agostinho,” in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, ed. Carlos Moreira Azevedo, vol. A-C (Lisboa: Círculo de Leitores, 2000), 429–30; “Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho” in *Ordens religiosas em Portugal. Das origens a Trento – Guia Histórico*, ed. Bernardo Vasconcelos e Sousa, 3.^a ed. (Lisboa: Livros Horizonte, 2005), 175.

Santo António de Lisboa antes de se juntar aos mendicantes de Coimbra, a mesma em que, presumivelmente, também Frei Paio de Coimbra professou ou com a qual manteve, pelo menos, contactos próximos²²¹.

E foi justamente dentro do quadro da vida canónica organizado segundo a Regra de Santo Agostinho que se institucionalizou no seio da Igreja uma das grandes iniciativas de reforma monástica do período, surgida em Prémontré, no ano de 1120, sob a inspiração de São Norberto (†1134). A Ordem dos Cónegos Regulares Premonstratenses (C.R.P.), fundada por este asceta oriundo da cidade germânica de Xanten, conciliou os princípios fundamentais da vida comunitária, do despojamento, da austeridade e da contemplação com uma intensa atividade predicatória, levada a cabo nas cercanias dos conventos da congregação²²².

Não obstante, bem mais numerosos parecem ter sido os impulsos destinados à restauração do monaquismo de tradição beneditina, que se considerava, nos finais do século XI, estar afastado da sua matriz original de simplicidade e de austeridade, devido à centralidade conferida no seio da Ordem de Cluny (O.Clun.) à exuberância da liturgia nos ofícios e do desapego geral dos monges face ao trabalho manual, assim contrariando os próprios fundamentos e normas da regra, sintetizadas no mote *Ora et Labora*²²³. Desta atitude reformista, que procurou restituir à vida monacal os ideais de pobreza radical, de simplicidade evangélica, de penitência e de amor à solidão e ao trabalho manual, resultou, entre o final do século XI e o início do século seguinte, o nascimento de várias *ordines*, como a Ordem de Grandmont (O.Gram.), fundada em 1076 por Santo Estêvão de Muret (†1224)²²⁴; a Ordem dos Cartuxos (O.Cart.), nascida em 1084, da iniciativa de um mestre da escola episcopal de Reims, São Bruno de Colónia (†1101)²²⁵; a Ordem de Cister (O.Cist.), fundada na Borgonha, em 1098, por um abade cluniacense, Roberto de

²²¹ Saul António Gomes, “Cónegos regulares de Santa Cruz,” in *Dicionário de História Religiosa*, 435; In *Limine Conscriptio. Documentos, Chancelaria e Cultura no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra (Séculos XII a XIV)* (Viseu: Palimage e Centro de História da Sociedade e da Cultura, 2007), 105–53.

²²² F. M. Geudens, “Premonstratensian Canons,” in *The Catholic Encyclopedia*, eds. Charles G. Herbermann et al., vol. XII (Nova Iorque: Robert Appleton Company, 1911), 387; Saul António Gomes, “Premonstratenses,” in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, ed. Carlos Moreira Azevedo, vol. A-C (Lisboa: Círculo de Leitores, 2000), 56; João Luís Inglês Fontes, “Ordem dos Cónegos Regulares Premonstratenses,” in *Ordens religiosas em Portugal*, 225.

²²³ C. G. Alston, “Cluny, Congregation of,” in *The Catholic Encyclopedia*, eds. Charles G. Herbermann et al., vol. IV (Nova Iorque: Robert Appleton Company, 1908), 73; Geraldo J. A. Coelho Dias, “Cluniacenses,” in *Dicionário de História Religiosa*, 381–2.

²²⁴ D. R. Webster, “Grandmont, Abbey and Order of,” in *The Catholic Encyclopedia*, eds. Charles G. Herbermann et al., vol. VI (Nova Iorque: Robert Appleton Company, 1909), 417.

²²⁵ D. R. Webster, “Carthusian Order, The,” in *The Catholic Encyclopedia*, 388; Antão López, “Cartuxos,” in *Dicionário de História Religiosa*, 300.

Molesme (†1111)²²⁶; e a Ordem de Fontevrault (O.Font.), surgida em 1101, fruto das diligências de um asceta bretão, Roberto de Arbrissel (†1117)²²⁷.

O notável florescimento e expansionismo conhecidos ao longo de todo o século XII por estas iniciativas de reforma monástica – com especial destaque para as reformas de Cister e Prémontré – acabaria, a prazo, na reedição de anteriores desvios face aos preceitos apostólicos, traduzindo-se num progressivo afastamento face ao ideal de pobreza e, assim, num aumento da perceção social do distanciamento entre os ideais propugnados e as práticas levadas a cabo pelas ordens monásticas. Aspetos que contribuíram para uma progressiva desconexão entre a Igreja e a sociedade e para o aparecimento de uma nova vaga de ímpetos reformistas ao longo do período compreendido entre 1100 e 1200, movimentos espirituais que, mais uma vez, encontravam os seus fundamentos numa leitura radical do ideal de vida apostólica e se mostravam contestatários das formas de espiritualidade monástica, das hierarquias eclesiásticas e da autoridade dos sacramentos ministrados pelos clérigos. Estas iniciativas de renovação religiosa, também radicadas em camadas influentes do laicado urbano, autênticas fraternidades de penitentes, socialmente inclusivas, consagradas à pregação e apologéticas dos ideais de pobreza voluntária, de pureza e de sobriedade – que nem sempre caracterizavam a conduta moral dos clérigos – viriam rapidamente a ser encaradas pelo Papado como desviantes face à ortodoxia católica e, como tal, marcadas pelo anátema da heresia²²⁸.

Pela significativa adesão popular que mereceu desde a primeira hora, destaca-se frequentemente o valdismo como um dos movimentos heréticos mais impactantes do período, cujo impulso inicial se deveu a Pedro Valdo (†1205), um abastado mercador de tecidos da cidade francesa de Lyon que, algures na década de 1160, renunciou à sua fortuna para se entregar à mendicância e à pregação itinerante da penitência²²⁹. A iniciativa logrou grande adesão nas regiões da Provença e do Languedoque, no sul de França, difundindo-se subsequentemente à Europa Central²³⁰. Por outro lado, a Santa Sé viu-se igualmente na contingência de enfrentar a ameaça cátara, que, tal como os valdenses e outras fações heterodoxas, com destaque para os humilhados e as beguinas,

²²⁶ F. M. Gildas, “Cisterciens,” in *The Catholic Encyclopedia*, 780; Pedro Gomes Barbosa, “Cistercienses,” in *Dicionário de História Religiosa*, 346.

²²⁷ J. C. Dickinson, “Fontevrault, Convent of,” in *New Catholic Encyclopedia*, 793–4.

²²⁸ M. D. Lambert, *Medieval Heresy. Popular Movements from Bogomil to Hus* (Nova Iorque, Holmes and Meier, 1976), 8–9.

²²⁹ Ciro Di Fiori, “Aspirações de Renovação Religiosa na Igreja e Heresias,” in *Idade Média*, 221–2.

²³⁰ N. A. Weber, “Waldenses,” in *The Catholic Encyclopedia*, 529–30.

colocavam desafios à coesão interna da Igreja²³¹. O catarismo, considerado por alguns especialistas como uma nova Igreja, mais do que um simples movimento herético – já que postulava uma verdadeira rutura doutrinal face à ortodoxia católica, e não apenas um desejo de pobreza radical e de pregação itinerante –, encontrava a pedra de toque da sua doutrina na luta universal entre o Bem e o Mal, entre o mundo terreno, material, corruptor da Igreja, que importava combater, e a dimensão espiritual, ascética, à qual deveriam aspirar os fiéis²³². Esta crença dualista, escorada no maniqueísmo, proveniente do mundo oriental, irradiou a partir da Península Balcânica, onde se registou logo pelo século XI, tendo sido trazida pelos cruzados para a Europa central, onde conquistou um grande número de devotos nas regiões do Languedoque (albigenses) e do Norte e Centro de Itália (patarinos), a partir de finais do século XII²³³.

Embora as heresias se tenham afigurado como uma constante na Igreja desde os primeiros tempos do cristianismo, momento em que a indefinição da ortodoxia católica e do corpo da doutrina deixou margem à eclosão de movimentos divergentes²³⁴, estas dissidências não se assumiram enquanto fenómenos coletivos de massas até às décadas finais do século XII, quando sobretudo o valdismo e o catarismo adquiriram a capacidade de atrair populações e, por conseguinte, de se instituírem como ameaças reais à sobrevivência da Igreja²³⁵, de que se veriam excomungados em novembro de 1184, no Concílio de Verona, presidido pelo Papa Lúcio III (*pontif.*, 1181-†1185) e pelo imperador germânico Frederico I (*imp.*, 1155-†1190)²³⁶. A dinâmica expansiva que continuou, contudo, a caracterizar a trajetória destes movimentos precipitaria, no início do século XIII, nova resposta por parte da Santa Sé, que desta feita partiu da iniciativa de Inocêncio III e assentou numa dupla diretiva: por um lado, numa tentativa de repressão do catarismo com recurso a mecanismos de coerção violenta, nomeadamente a promoção de uma cruzada contra os albigenses e o seu protetor, Raimundo VI de Toulouse (*com.*, 1194-†1222), num conflito principiado em 1209, que se arrastaria na região do Languedoque por mais de duas décadas, até 1229, contribuindo para a instituição da Inquisição, em

²³¹ Fiori, “Aspirações de Renovação,” 221–2.

²³² N. A. Weber, “Cathari,” in *The Catholic Encyclopedia*, 435.

²³³ Valdeón Baroque, “A Renovação da Igreja,” 138.

²³⁴ *Ibid.*, 138.

²³⁵ José D’Assunção Barros, “Heresias entre os séculos XI e XV. Uma revisitação das fontes e da discussão historiográfica – notas de leitura,” *Arquipélago* no. 2, XI–XII (2007–2008): 126–30.

²³⁶ Valdón Baroque, “A Renovação da Igreja,” 138.

1231²³⁷; e, por outro lado, na reintegração dos humilhados e de certas franjas dos valdenses no seio da Igreja, o que se traduziu num esforço de abertura moderada face a estas ambições reformistas que pela primeira década do século XIII continuavam a surgir sob a forma de iniciativas pauperístico-evangélicas, orientadas no sentido de uma adaptação radical ao ideário da vida apostólica²³⁸.

ii) O movimento mendicante

Uma das mais impactantes iniciativas pauperístico-evangélicas surgidas no contexto religioso reformista da primeira metade do século XIII foi a que partiu, em 1206, do filho de um mercador italiano, Giovanni di Pietro Bernadone, que, renunciando aos bens terrenos para se dedicar a uma vida de contemplação e de serviço aos ideais de pobreza e humildade evangélica, se retirou para junto de uma edícula dedicada a Nossa Senhora da Porciúncula, localizada nas imediações da pequena comuna italiana de Assis²³⁹. Em conjunto com onze jovens leigos tocados pelo mesmo ideal de vivência religiosa, Francisco de Assis (†1226) – como ficaria conhecido para a História após renunciar ao seu nome de batismo – formou uma confraria de penitentes que, a partir de 1209, iniciou, com o consentimento de Inocêncio III, um intenso labor dedicado às obras de caridade, à pobreza radical e à pregação itinerante da penitência, do despojamento e da confissão, procurando em tudo replicar as obras dos doze apóstolos de Cristo²⁴⁰.

Pelo mesmo ano em que Francisco de Assis se retirava da vida secular, um cônego do cabido regular da diocese castelhana de Osma, Domingos de Gusmão (†1221), nascido em Caleruega, iniciava um aceso combate anti-herético, centrado na pregação contra os albigenses em Laugarais, região de Toulouse onde tivera a oportunidade de testemunhar a gravidade da ameaça que impendia sobre a religião católica, quando por ali passara entre 1203 e 1205, enquanto membro de um séquito liderado por D. Diogo de Acebes, bispo de Osma (*episc.*, 1201-†1207)²⁴¹. Coadjuvado por sete cônegos regulares do cabido de Osma, Domingos de Gusmão fundou em Toulouse – precisamente no mesmo ano de

²³⁷ Grado Merlo, “Os movimentos religiosos, as igrejas heréticas e as ordens mendicantes,” in *História Universal*, ed. Dino Carpanetto et al., vol. 6, *A Igreja e o Papado. A crise do século XIV. A Europa fora da Europa* (Barcelona: PSA, SL, 2005), 406.

²³⁸ *Ibid*, 423.

²³⁹ Jacques Le Goff, *São Francisco de Assis*, trad. M. Castro (Rio de Janeiro: Editora Record, 2011), 62–69; André Vauchez, *François D’Assise. Entre histoire et mémoire* (Paris: Fayard, 2009), 56–72.

²⁴⁰ Le Goff, *São Francisco*, 62–69; Vauchez, *François D’Assise*, 56–72.

²⁴¹ Guy Bedouelle, *Dominique, ou la grace de la parole* (Paris : Fayard-Mame, 1982), 15–9; Donald J. Goergen, *St. Dominic. The story of a preaching Friar* (Nova Iorque: Paulist Press, 2026), 31–46.

1206 em que São Francisco reconhecia a sua vocação – uma pequena confraternidade de pregadores itinerantes, que, a partir de 1215, mediante autorização de Inocêncio III, aliaram ao combate anti-herético pela palavra os ideais da pobreza radical, da humildade, da simplicidade e da penitência, tão ansiados no período por toda a Cristandade²⁴².

Nasciam, assim, a Ordem dos Frades Menores (*Ordo Fratrum Minorum*), também chamados franciscanos ou menoritas, e a Ordem dos Pregadores (*Ordo Fratrum Prædicatorum*), ou dominicanos, sob a respetiva inspiração de São Francisco de Assis e de São Domingos de Gusmão, duas personagens igualmente marcantes e carismáticas, mas com percursos de vida e objetivos diversos, que viriam inevitavelmente a condicionar os propósitos fundamentais e o devir das novas fundações por si criadas e inspiradas²⁴³. Com efeito, longe de se reduzirem a meros detalhes, as diferenças entre as duas primeiras e mais impactantes ordens mendicantes fizeram-se sentir desde o momento do seu enquadramento na ortodoxia católica, com a escolha de diferentes regras de vida. Um processo que incluía a escolha de um texto normativo já existente e aprovado dentro da Igreja, tal como instituíra Inocêncio III para impedir a criação de novas regras, visando a segregação de minorias religiosas, o que acabou por ser formalizado na quarta sessão do Concílio de Latrão, realizada em 1215²⁴⁴

Esta determinação não representou qualquer entrave aos propósitos de Domingos de Gusmão, que optou previsivelmente pela Regra de Santo Agostinho, observada na sua militância enquanto cônego regente, vendo a sua ordem aprovada precisamente em 1215 por Inocêncio III e confirmada logo no ano seguinte por Honório III (*pontif.*, 1216-†1227) através da bula *Religiosam Vitam*²⁴⁵. Contudo, o mesmo não se verificou em relação à fundação de Francisco de Assis. De tal forma eram notórias a intransigência da mensagem franciscana e a irredutibilidade do *Poverello* em ver aprovada uma regra própria, que levaram inicialmente a Ordem dos Frades Menores a marginalizar a heterodoxia no entender pontifício²⁴⁶. Circunstância que se tornou especialmente gravosa para o Papado, tendo em conta a enorme expansão e aceitação do movimento franciscano, fazendo urgir a sua subordinação à Santa Sé e o seu enquadramento dentro do modelo institucional das ordens

²⁴² Bedouelle, *Dominique, ou la grace*, 24–8; Goergen, *St. Dominic. The story*, 31–46.

²⁴³ Hermínia Vasconcelos Vilar, “Os frades mendicantes,” in *História Religiosa de Portugal*, dir. Carlos Moreira de Azevedo, vol. 1, *Formação e limites da cristandade* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2000-2002), 228.

²⁴⁴ García y García, “La reforma de la Iglesia,” 717.

²⁴⁵ Honório III, “*Religiosam vitam*,” in *Bullarum diplomatum et privilegiorum sanctorum romanorum pontificum*, ed. L. Tomassetti, vol. III, *A Lucio III (na. MCLXXXII) ad Clementem IV (na. MCCLXVIII)* (Roma: Taurinensis, 1858), 309–11.

²⁴⁶ Armando Norte, *Os intelectuais em Portugal na Idade Média* (Lisboa: A Esfera dos Livros, 2020), 208.

religiosas. O primeiro texto normativo pelo qual se regeu a orgânica interna da ordem menorítica, a *Formula Vitae* ou *Regula primitiva* – não mais que um aglomerado de passagens do *Evangelho* pontuadas por algumas normas de vida comunitária– seria aprovado oralmente e “*ad experimentum*”²⁴⁷ por Inocêncio III, entre 1209 e 1210, sucedendo-lhe uma nova regra, em 1221, que ficou sugestivamente conhecida como *Regula Non Bullata* (ou seja, uma regra carecendo de aprovação por bula papal), e, finalmente, uma versão revista desta última, a *Regula Bullata*, aprovada por Honório III, em 1223, pela bula *Solet annuere*²⁴⁸.

Paralelamente à imposição de um interdito à criação de novas regras, em 1215, na quarta sessão do concílio de Latrão²⁴⁹, a Igreja promovera igualmente um modelo de organização interna altamente hierarquizado e centralizado para as novas ordens religiosas, que deveriam depender diretamente de um governo posto, em última instância, sob a autoridade do pontífice²⁵⁰. Uma configuração que viria a definir não só as ordens de menor dimensão, mais tarde associadas aos mendicantes, entre as quais os Trinitários ou Cativos (O.SS.T.), os Eremitas de Santo Agostinho (O.E.S.A.), os Mercedários (O. de M.) e os Carmelitas (O. Carm.), mas também as próprias ordens dos pregadores e dos menores. Conquanto não sem alguma resistência inicial a essa disposição por parte dos menoritas, derivada de uma atitude crítica de Francisco de Assis tanto em relação às hierarquias eclesiásticas – que partilhava com muitos dos líderes de movimentos ditos heréticos do período – como à posse comunitária de um convento ou mosteiro, unidades básicas de organização interna de qualquer ordem religiosa, em que via uma infração ao voto de pobreza²⁵¹.

Verdadeiramente decisivo no que à inversão deste posicionamento inicial de Francisco de Assis disse respeito foi o resultado do primeiro envio de frades franciscanos em missão à Terra Santa e a vários reinos da Europa para a difusão da ordem, na sequência

²⁴⁷ García y García, “La reforma de la Iglesia,” 717.

²⁴⁸ Honório III, “*Solet annuere*,” in *Bullarium Franciscanum sive Romanorum Pontificum Constitutiones, Epistolae, Ac Diplomata Continens Tribus Ordinibus Minorum, Clarissarum, Et Poenitentium; A Seraphico Patriarcha Sancto Francisco Institutis Concessa Ab Illorum Exordio Ad Nostra Usque Tempora*, eds. G. G. Sbaraglia e K. Eubel, vol. 1, *Tomus Primus: ab Honorio III ad Innocentium VIII* (Roma: Typis Sacrae Congregationis De Propaganda Fide, 1759), 15–9.

²⁴⁹ García y García, “La reforma de la Iglesia,” 717.

²⁵⁰ António Manuel Ribeiro Rebelo, “1153 – Uma religião sem fronteiras: as ordens religiosas,” in *História Global de Portugal*, eds. Carlos Fiolhais, José Eduardo Franco e José Pedro Paiva (Lisboa: Círculo de Leitores, 2020), 224.

²⁵¹ A questão da aceitação do convento esteve longe de gerar consenso no seio da ordem fundada por Francisco de Assis e encontrar-se-ia inclusive na origem da sua fratura interna entre observantes e claustrais. Sobre este assunto, vide Vilar, “Os frades mendicantes,” 228.

do Capítulo Geral de 1217²⁵². A operação culminou num autêntico revés, com a dispersão e retorno dos frades a Itália após uma receção hostil nas áreas da Germânia e da Hungria, em consequência da sua organização muito rudimentar e da incapacidade manifestada pelos menoritas em falar ou compreender a língua dos autóctones²⁵³.

Apesar da breve experiência eremítica que caracterizou igualmente a forma de vida dos primeiros frades pregadores no início da sua difusão, em 1217, ao contrário do que se verificou em relação aos franciscanos, com Domingos de Gusmão pareceu nunca ter sido posta em causa a elementaridade de uma organização interna hierarquizada e da propriedade do convento enquanto realidade nuclear para cumprir os fins unificadores da ordem e as necessidades formativas dos seus pregadores, aspetos bem sublinhados nos estatutos do capítulo geral da Ordem dos Pregadores de 1221. Seria, aliás, a estrutura projetada por Domingos de Gusmão para a sua ordem a providenciar o modelo de organização interna em que assentaria também a fundação de Francisco de Assis, depois de ultrapassadas as resistências iniciais à hierarquização e conventualidade, motivo pelo qual as duas congregações acabariam por vir a assumir uma configuração interna muito semelhante.

Muito semelhante terá também sido a função instrumental que as duas ordens desempenharam ao serviço do Papado, no âmbito do combate contra as heresias então travado pela Igreja. Na sequência da cruzada lançada por Inocêncio III contra os albigenses, em 1208 – que, após um período de mais de duas décadas de conflito se saldaria pela aniquilação do movimento no Sul de França²⁵⁴ – sedimentou-se a convicção do pontífice teocrático de que a conversão dos heréticos se devia operar não só por via do expediente bélico, mas também pelas armas da *auctoritas* e da *ratio*, ou seja fundada na autoridade dos textos bíblicos e patrísticos e na razão das suas argumentações²⁵⁵. Paralelamente às conversões forçadas e às práticas de extermínio que, apesar de mais imediatas, acarretavam custos avultados e complexidades logísticas de diversa ordem, ademais redundando muitas vezes no reacendimento e perpetuação (se não no fortalecimento) das dissidências e em poucos ganhos de fiéis, importava promover

²⁵² Fernando Félix Lopes, “Franciscanos de Portugal antes de formarem província independente: ministros e provinciais a que obedeciam,” in *Colectânea de estudos de história e de literatura*, vol. 2 (Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1997), 10.

²⁵³ *Ibid.*, 10.

²⁵⁴ Merlo, “Os movimentos religiosos,” 412

²⁵⁵ *Ibid.*

soluções mais eficazes²⁵⁶. Estas só poderiam derivar da adesão voluntária dos hereges à ortodoxia católica, em consequência de uma doutrinação persuasiva, fundada em autoridades irrefutáveis e em argumentações sólidas, mas também da abstenção e correção dos comportamentos reprováveis que manchavam a conduta moral dos dignatários eclesiásticos, na base do descontentamento e da permeabilidade popular à mensagem dos movimentos desviantes²⁵⁷.

As ordens mendicantes viriam, por certo, a desempenhar ao serviço da Igreja funções não apenas adstritas à luta anti-herética contra movimentos desviantes no seio da Igreja, sendo bem conhecido, por exemplo, o envolvimento de franciscanos e de dominicanos na pregação de certos movimentos cruzadísticos contra os infiéis e até contra entidades seculares²⁵⁸, ou a sua presença na Cúria Pontifícia enquanto capelães, confessores, canonistas, penitenciários-mores, chanceleres e legados papais²⁵⁹. Não obstante, na fase inicial das duas instituições, terá sido a compreensão, por parte do Papado, das potencialidades decisivas que a pregação itinerante, o proselitismo e o rigorismo mendicante na observância da pobreza e da austeridade podiam assumir no combate aos movimentos heterodoxos, o que justificou o esforço exercido por Inocêncio III e pelo seu sucessor, Honório III, na sua subordinação a Roma e subsequente favorecimento²⁶⁰. Com efeito, o impulso inicial derivado da aspiração papal em aliar a cruzada armada contra os inimigos da fé da Igreja a uma verdadeira cruzada da palavra foi o que viabilizou em larga medida o vertiginoso processo de expansão da Ordem dos Frades Menores e da Ordem dos Pregadores. No final do pontificado de Honório III, em 1227, já as duas congregações se encontravam amplamente difundidas por todos os recantos da Cristandade²⁶¹.

É, de resto, bem conhecido que a Península Ibérica constituiu um dos primeiros destinos de menoritas e pregadores, tendo o ano de 1217 assinalado a entrada das duas ordens em território português²⁶². Isso significa que toda a implantação das primeiras

²⁵⁶ Christopher Tyerman, *A guerra de Deus: Uma nova história das Cruzadas*, vol. 2 (Rio de Janeiro: Imago, 2010), 703.

²⁵⁷ Manuel Macário Clemente, “Santo António e a reforma do clero do seu tempo,” in *Colóquio Antoniano* (Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1982), 208.

²⁵⁸ Christoph T. Maier, *Preaching the Crusades. Mendicant Friars and the Cross in the Thirteenth Century* (Cambridge: Cambridge University Press, 1994), 1–161.

²⁵⁹ C. H. Lawrence, “In Service of the Papacy,” in *The Friars. The impact of the mendicant orders on medieval society* (Londres-Nova Iorque: I. B. Tauris, 2013), 181–201.

²⁶⁰ Ibid.

²⁶¹ Fiori, “Aspirações de Renovação Religiosa,” 226.

²⁶² João Luís Inglês Fontes, Maria Filomena Andrade e Ana Maria S. A. Rodrigues, “Mosteiros e conventos no Portugal medieval: vida espiritual e lógicas de implantação,” *Summa* no. 25 (2020): 15; Maria Leonor

fundações conventuais decorreu sob um ambiente de crise, que atingiu durante várias décadas o reino de Portugal. Tratou-se de um longo período de depressão política, económica e social, que se estendeu desde 1190 a 1250, e a que José Mattoso chamou elucidativamente “Sessenta anos de crise”²⁶³.

Para a conjuntura pouco propícia registada durante este hiato, que coincidiu plenamente com o período em que Santo António de Lisboa e Frei Paio de Coimbra viveram, estudaram e intervieram ativamente na vida pública do reino e da Cristandade, terão concorrido fatores de diversa ordem. A começar por uma sucessão de pestes e ciclos de fome, que incidiram de forma especialmente pronunciada sobre certas regiões do norte, sul e litoral do território português, entre 1192 e 1210, em consequência das más condições climatéricas e das pobres colheitas agrícolas observáveis durante esses anos²⁶⁴. Carências agravadas pelos conflitos que consumiram o reino a partir de 1190, tanto a nível externo, com os constantes enfrentamentos a Sul contra os almóadas e na região de Trás-os-Montes e da Beira Interior contra os reinos vizinhos de Leão e Castela²⁶⁵; como a nível interno, com as violentas disputas de poder entre a Coroa, o clero e o poder senhorial, que, a partir do final do reinado de Sancho I (*rex*, 1185-†1211) assumiram um carácter praticamente ininterrupto e desembocaram na situação de anarquia que explodiu durante o governo de D. Sancho II (*rex*, 1223-†1248), e se arrastou sem fim à vista até 1248, quando triunfou a monarquia de D. Afonso III (*rex*, 1248-†1279)²⁶⁶.

Apesar deste clima conjuntural de crise, o território português comungou de algumas tendências gerais de crescimento urbano e de reativação da vida económica presentes durante os séculos XII e XIII na Cristandade ocidental. Circunstância especialmente válida para a zona compreendida entre o Tejo e o Mondego, em que viveram boa parte das suas vidas Santo António e Frei Paio, florescente, apesar de envolvida num clima de instabilidade permanente, perante as ofensivas almóadas

Ferraz de Oliveira Santos, “Os primórdios da presença dominicana em Portugal: 1220-1418,” in *Os dominicanos em Portugal*, 13–4.

²⁶³ José Mattoso, “Sessenta anos de Crise (1190–1250),” in *História de Portugal*, dir. José Mattoso, vol. II, *A Monarquia Feudal* (Lisboa: Editorial Estampa, 1997), 95–133.

²⁶⁴ *Ibid.*, 102–4.

²⁶⁵ *Ibid.*, 95–102.

²⁶⁶ *Ibid.*, 104–33; José Mattoso, “A Crise de 1245,” in *Portugal Medieval. Novas interpretações* (Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985), 57–75; José Varandas, “Bonus Rex Ou Rex Inutilis: as Periferias e o Centro – Redes de Poder no Reinado de D. Sancho II (1223-1248),” (PhD diss., Universidade de Lisboa, 2004), 289–409; Hermenegildo Fernandes, *D. Sancho II* (Lisboa: Temas e Debates, 2010), 331–338.

registadas entre 1190 e 1192²⁶⁷. Lideradas por Abu Ya'qub Yusuf, ou al-Mansur, estas incursões, culminantes na devastação de várias localidades estremenhas e na perda cristã dos núcleos estratégicos de Alcácer do Sal e de Silves, foram sucedidas por novos assaltos logo no início do século XIII, que determinaram a queda do castelo de Salvaterra em poder almóada, em 1211²⁶⁸. Mesmo após a neutralização definitiva da ameaça muçulmana, no rescaldo do revés almóada em Las Navas de Tolosa, em 1212, essa zona de marca continuou a encontrar na guerra uma realidade omnipresente. Serviu de plataforma às operações militares portuguesas lançadas sobre a planura alentejana até à finalização dos enfrentamentos contra o Islão, em 1249, por D. Afonso III²⁶⁹. Apesar de tudo, nela erguiam-se, nas primeiras décadas do século XIII, três importantes polos urbanos densamente povoados, que animavam a vida económica e social do reino, fervilhando com o constante rebuliço do trânsito e cruzamento de gentes de diversas procedências e o dinamismo da atividade artesanal e comercial, mas também com a miséria das massas de indigentes que se amontoavam nos seus centros e periferias²⁷⁰.

Estes contornos em que no período se via envolta a vida nas cidades fronteiriças de Lisboa, Santarém e Coimbra – e, em bom rigor, na totalidade das grandes urbes europeias do século XIII²⁷¹ – configuraram desde logo um cenário atrativo para os mendicantes. Por outras palavras, foi justamente nas áreas urbanas que menoritas e pregadores encontraram os meios em que melhor puderam cumprir o seu propósito, assente na pregação e na assistência às populações²⁷². No interior das suas muralhas, as cidades comportavam aglomerados populacionais em permanente renovação e em constante risco de incorrência na heresia e noutros vícios, a que se somavam grandes turbas de desvalidos e enfermos, que enchiam os hospitais e as leprosarias, sem esquecer, nos territórios hispânicos, os muçulmanos, cuja constante presença motivava um esforço de evangelização direcionado para a fronteira²⁷³.

²⁶⁷ José Mattoso, “Orientações da cultura portuguesa no princípio do século XIII,” in *Portugal medieval*, 226–7.

²⁶⁸ *Ibid.*, 227.

²⁶⁹ Francisco García Fitz, “La guerra en la Península Ibérica y la conquista de Alcácer (1217),” in *Da conquista de Lisboa à conquista de Alcácer (1147-1217). Definição e dinâmicas de um território de fronteira*, eds. Isabel Cristina F. Fernandes e Maria João V. Branco (Lisboa: Edições Colibri, 2019), 397.

²⁷⁰ Bronislaw Geremek, “O marginal,” in *O Homem Medieval*, 233–48; Hanna Zaremska, “Marginais,” in *Dicionário analítico*, 139–56.

²⁷¹ Pirenne, *As cidades*, 113; Maria da Rocha Beirante, “Santarém à chegada dos Dominicanos,” in *Actas do II Encontro*, 197–200.

²⁷² José Mattoso, “O enquadramento social e económico das primeiras fundações franciscanas,” in *Portugal Medieval*, 332.

²⁷³ *Ibid.*

Dentro dos limites do reino de Portugal, as cidades de Lisboa e Coimbra, e a vila de Alenquer, um senhorio régio concedido às rainhas portuguesas, encontraram-se entre os destinos a que acorreram primeiramente, em pleno reinado de D. Afonso II, franciscanos e dominicanos: os primeiros, integrados numa comitiva liderada por Frei Zacarias de Roma e Frei Gualter²⁷⁴, e os segundos, numa delegação conduzida pelo futuro provincial da Hispânia, Frei Soeiro Gomes (*provinc.*, 1221-†1233)²⁷⁵ – ambas destacadas para a Península Ibérica depois de os primeiros capítulos gerais das duas ordens terem determinado o início da sua difusão pelo Ocidente europeu, em 1217. Obedecendo à lógica de implantação seguida nas restantes paragens da Cristandade, menoritas e pregadores optaram pela fixação nas grandes zonas urbanas ou periurbanas do reino – fora das muralhas, junto aos principais portões de acesso à cidade, nas suas partes baixas, geralmente junto ao rio, acompanhando a expansão da cidade para lá das muralhas, e fazendo uso de capelas pré-existentes, mais tarde transformados em conventos²⁷⁶. Tendência geral a que escapou somente Alenquer, onde a presença mendicante foi apadrinhada pelas senhoras da pequena vila estremenha, as infantas irmãs de D. Afonso II²⁷⁷.

As isenções da Santa Sé, aliadas ao apoio régio de que usufruíram em território português, determinaram a rápida difusão das duas ordens a partir dos primeiros assentamentos a outros polos urbanos do reino, como Guimarães, Santarém, Évora e Porto, onde, tal como nos primeiros assentamentos, após um momento inicial pautado por experiências eremíticas – a chamada fase nomádica ou hermética – os mendicantes começaram a instalar-se em conventos próprios, com as fundações franciscanas a acompanharem o movimento de ganhos militares para sul²⁷⁸ e as dominicanas a surgirem estrategicamente nos centros urbanos mais populosos²⁷⁹. Este processo de implantação conventual, iniciado presumivelmente a partir de finais da década de 20, intensificou-se ao longo das décadas de 30 e 40, a despeito da resistência que lhe opôs o clero local, envolto, entre 1237 e 1242, em diferendos particularmente graves com os dominicanos no Porto e em Leiria, e com os menoritas em Guimarães, no Porto e em Leiria, e em 1279,

²⁷⁴ Moreira, “Franciscanos,” 273.

²⁷⁵ Rolo, “Dominicanos,” 82.

²⁷⁶ Catarina Almeida Marado, “Sharing the City: The Establishment of Mendicant Houses in Portuguese Medieval Towns,” *The Journal of Medieval Monastic Studies*, 4 (2015): 8-9.

²⁷⁷ António Domingos de Sousa Costa, *Mestre Silvestre e Mestre Vicente: juristas da contenda entre D. Afonso II e suas irmãs* (Braga: Editorial Franciscana, 1963).

²⁷⁸ Fontes, Andrade e Rodrigues, “Mosteiros e conventos no Portugal medieval,” 16.

²⁷⁹ *Ibid.*, 17.

também na cidade de Braga²⁸⁰. Sintomáticos do sucesso da pregação mendicante junto das populações das ditas localidades, estes antagonismos colocam a descoberto o carácter concorrencial das relações prevalecentes à data entre os mendicantes e o clero diocesano e paroquial do reino português²⁸¹. Já junto de regrantes e de beneditinos, as desavenças não foram menores, sobretudo com os primeiros, que viram os mendicantes usurpar a sua autoridade moral e rendimentos, recrutar frades entre os seus professores e imiscuir-se numa esfera de competência que lhes era particularmente cara: a da pregação²⁸².

Para além das rivalidades observáveis neste período entre os mendicantes e as estruturas eclesiásticas implantadas em território nacional, semelhantes atritos fizeram-se sentir entre menoritas e dominicanos, que se digladiaram pelo monopólio da pregação em cidades portuguesas como Guimarães, Porto e Santarém, tendo mesmo obrigado à regulamentação de espaços e de tempos para a atividade pastoral de cada congregação²⁸³, como verificado noutras áreas da Cristandade²⁸⁴. Estas rivalidades, atestadas para Portugal, refletiram-se igualmente nos pleitos entre as duas instituições religiosas pela presença nas cortes régias europeias, onde os seus membros desempenharam um papel ativo enquanto pregadores, conselheiros espirituais e confessores dos monarcas, mas também como preceptores de infantes, legados, representantes, testamenteiros e inquiridores régios, de forma cada vez mais ativa e reforçada, até se tornar dominante na Baixa Idade Média²⁸⁵.

Também emulando o que se observou na restante Cristandade, foi notória, em contexto português, a proximidade de menoritas e pregadores à cúria régia desde os primórdios das duas ordens no reino²⁸⁶, encontrando-se particularmente bem estudada para esta cronologia inicial a propensão dominicana à intermediação das contendas jurídicas em que se viram envolvidos os monarcas portugueses²⁸⁷. Não obstante esta

²⁸⁰ Maria Alegria Fernandes Marques, “O clero: homens de oração e de acção,” in *Nova história de Portugal*, eds Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques, vol 3., *Portugal em definição de fronteiras* (Lisboa: Editorial Presença, 1996), 232–3.

²⁸¹ Vilar, “Os frades mendicantes,” 229–30.

²⁸² José Mattoso, “Estratégias de Pregação no século XIII,” in *Fragmentos de uma composição medieval* (Lisboa: Estampa, 1987), 195.

²⁸³ *Ibid.*

²⁸⁴ Jacques Le Goff, “Ordres mendiants et l’urbanisation dans la France médiévale (enquête du Centre de recherches historiques),” *Annales E.S.C.* 25 (1970): 924–946.

²⁸⁵ Lawrence, “In the Houses of Kings,” in *The Friars*, 166–80.

²⁸⁶ João Francisco Marques, “Franciscanos e dominicanos confessores dos reis portugueses das duas rimeiras dinastias: espiritualidade e política,” in *Espiritualidade e Corte em Portugal, séculos XVI a XVIII*, Atas (Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1993), 53–60.

²⁸⁷ Saul António Gomes, “Os dominicanos e a cultura em tempos medievais: o caso português,” *Biblos. Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, 7 (2009): 264.

proximidade dos mendicantes à Coroa portuguesa, aparentemente mais acentuada no caso dos pregadores do que no dos menoritas para os séculos XII e XIII, nem sempre as relações entre as duas partes foram pacíficas, como comprova a ordenação expedida por D. Afonso II em torno dos anos de 1219 e 1220 contra Frei Soeiro Gomes, a propósito da publicação dos célebres “*decretos laicales*” por parte do provincial dos dominicanos na Hispânia, um putativo conjunto de disposições anti-heréticas²⁸⁸; ou ainda a conhecida intervenção dominicana e franciscana na deposição de D. Sancho II, apesar do favor com que as duas ordens haviam contado desde os anos 30 por parte do *Capelo*²⁸⁹.

O surgimento do serviço régio mendicante como uma opção atrativa junto das monarquias da Cristandade esteve longe de se explicar apenas pelo caráter reformador e piedoso das iniciativas de São Francisco e de São Domingos. Com efeito, tal preferência ter-se-á encontrado antes associada à instrução, na maioria dos casos avançada, de que eram detentores os mendicantes, fruto do investimento feito desde um período muito inicial pelas duas ordens na preparação teológica e cultural dos seus postulantes²⁹⁰. Franciscanos e dominicanos, revigoraram, de facto, o panorama intelectual clerical, que experimentava, desde os finais do século XII, um certo abrandamento, fruto da decadência observável na maioria das escolas monásticas da Cristandade e do baixo nível de formação que caracterizava, regra geral, o clero diocesano²⁹¹. Problemas a que a Igreja procurara dar resposta, em 1179, na terceira sessão do Concílio de Latrão, quando determinou a obrigatoriedade das escolas catedralícias, paroquiais e conventuais, de garantirem a presença de mestres-escola que nelas assegurassem o ensino gratuito²⁹². Esta normativa esteve, no entanto, longe de ser respeitada em todas as escolas da Igreja, muitas vezes por escassez de rendimentos que sustentassem a permanência do mestre-escola, outras pela aparente pouca predisposição cultural do baixo-clero, e outras ainda por um acentuado laxismo ou desconhecimento na transposição das normativas sinodais e conciliares²⁹³.

²⁸⁸ Para o debate em torno do teor dos “*decretos laicales*” vide L. Gonzaga de Azevedo, *História de Portugal*, vol V (Lisboa: Búlion, 1942), 182–3; Francisco da Gama Caeiro, “Os primórdios dos Frades Pregadores em Portugal. Enquadramento histórico-cultural,” in *Actas do II Encontro*, 165–70.

²⁸⁹ Fernandes, *Sancho II*, 210, 303–9.

²⁹⁰ Gomes, “Os dominicanos e a cultura,” 261–94; Fernando Félix Lopes, “Escolas públicas dos Franciscanos em Portugal antes de 1308,” in *Colectânea de estudos de história e literatura*, vol. 2, *A ordem franciscana na história e cultura portuguesa* (Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1997), 354.

²⁹¹ Joaquim C. H. Lavajo, “A Ordem dos Pregadores como resposta às exigências de renovação eclesial e intelectual da «Hispania» medieval,” in *Actas do Segundo Encontro*, 227.

²⁹² *Ibid.*

²⁹³ Rema, “Introdução,” XVIII.

A significativa renovação introduzida pelos mendicantes na cultura eclesial do seu tempo não deve obliterar, contudo, aquele que foi o inicial posicionamento antagónico da Ordem dos Frades Menores e da Ordem dos Pregadores em relação ao ensino livresco. Se entre os dominicanos a prioridade passou sempre pelo ministério da pregação anti-herética, já entre os menoritas pareceu ser dada primazia à observância rigorosa da mendicância e da penitência, surgindo a atividade pastoral como uma preocupação complementar. A enorme relevância que assumia o trabalho pastoral entre os dominicanos justificou, pois, a significativa ênfase que desde a primeira hora colocou Domingos de Gusmão, aluno do mais antigo estudo geral hispânico (Palência, c. 1208)²⁹⁴, na formação dos seus religiosos. Uma posição amplamente contrastante com as reservas nutridas em relação ao saber por parte do *Poverello*, que procurou sempre mitigar o que considerava ser a alienação livresca dos menoritas, em favor da observância rigorosa do despojamento, da simplicidade evangélica e da penitência, guardando a convicção de que a propriedade de livros por parte dos seus confrades representava uma infração ao princípio da pobreza absoluta e no pressuposto de que a razão potenciava o afastamento entre a Humanidade e Deus²⁹⁵. A exceção óbvia era a *Bíblia*, o grande livro oficial da Igreja Católica, reverenciado enquanto objeto sagrado pelos fiéis, que nele veem consubstanciada a palavra revelada de Deus ao Homem²⁹⁶.

Aparentemente determinante para a inversão parcial deste posicionamento terá sido o encontro de São Francisco com Santo António de Lisboa no Capítulo Geral das Esteiras de 1221, onde o português terá sensibilizado o fundador da comunidade de Assis para as vantagens de colocar o conhecimento doutrinal ao serviço da missão evangélica²⁹⁷. Desde logo sinalizadora do sucesso da argumentação do menorita foi a moderada abertura do *Poverello* à conventualidade da Ordem Seráfica, que se verificou a partir de 1223, encontrando uma das suas principais motivações na premência de providenciar polos de estudo estáveis onde os frades menores se pudessem instruir, para melhor prosseguirem os propósitos da pregação²⁹⁸. O mesmo se verificou, desde as origens, entre os dominicanos, cujas antigas constituições estatuíam desde logo a

²⁹⁴ Demetrio de Mansilla, “Situación política religiosa de la Península Ibérica (1215-1220),” in *Actas do II Encontro*, 54.

²⁹⁵ Francisco da Gama Caeiro, *Santo António de Lisboa*, vol. 2 (Lisboa: Instituto Nacional - Casa da Moeda, 1995), 361.

²⁹⁶ Ibid.

²⁹⁷ António Cruz, “A cultura (1100-1245),” in *História de Portugal*, ed. José Hermano Saraiva, vol. 2, 1245 – 1640 (Lisboa: Publicações Alfa, 1983), 354.

²⁹⁸ Lopes, “Franciscanos de Portugal,” 11.

proibição de fundar novos conventos sem a presença de um mestre ou leitor, no sentido de assegurar convenientemente a preparação dos religiosos para o ministério do ensino e da pregação²⁹⁹.

De resto, o lugar central que ocupou na génese identitária dominicana o apreço pelo saber cedo se refletiu, ora na chamada dos frades pregadores à direção da Inquisição eclesiástica – os mais conhecedores da doutrina e, como tal, igualmente os mais aptos a assegurar a sua aplicação e a sanção do seu incumprimento –, ora no complexo modelo em que assentou a organização dos estudos da ordem de São Domingos, de que, como referido, seria, aliás, decalcado o próprio modelo franciscano³⁰⁰. Os mais prestigiados estabelecimentos de ensino mendicantes, os chamados estudos gerais (distintos dos estudos gerais universitários, ainda que comungando de muitas características), funcionaram no interior dos conventos mais relevantes das duas ordens, estrategicamente situados nas imediações de importantes polos universitários do período, como Paris, Toulouse, Montpellier, Bolonha, Pádua, Oxford e Cambridge, entre outros, nos quais se movia uma verdadeira elite intelectual, a partir da qual foram recrutados os ocupantes dos mais altos cargos das congregações franciscana e dominicana (priors e mestres), bem como os elementos genericamente mais habilitados a assegurar a difusão da mensagem mendicante³⁰¹. Consequentemente, estas escolas superiores franciscanas e dominicanas, às quais eram enviados apenas os professores mais promissores e capacitados à persecução de estudos teológicos avançados, que os habilitavam à docência, depressa se tornaram altamente prestigiadas pela qualidade do seu ensino, e inclusivamente concorrenciais face às universidades europeias³⁰². O reconhecimento dessa capacidade intelectual levou a que, a partir de finais do século XIII, menoritais e pregadores fossem associados por essas mesmas instituições de ensino ao magistério da teologia (em processos nem sempre pacíficos), como veio a acontecer no próprio estudo geral português, de forma argumentável logo a partir da sua fundação, em 1290; seguramente, a partir do início do século XIV³⁰³.

Para além destes estabelecimentos de ensino anexados aos conventos mendicantes, alguns dos quais situados nas imediações das primeiras cidades universitárias, o sistema de ensino das duas ordens assentou ainda, na sua base, em

²⁹⁹ Lavajo, “A Ordem dos Pregadores,” 228.

³⁰⁰ Lawrence, “The capture of the Schools,” in *The Friars*, 127–51.

³⁰¹ Ibid.

³⁰² Ibid.

³⁰³ Caeiro, “Ensino e pregação,” 124.

estruturas escolares mais elementares, implantadas à escala provincial e conventual: os chamados *studium solemne* e *studium conventuale* no caso dos dominicanos, a que equivaliam do lado franciscano os *studia generalia*, termo genérico em que cabiam tanto as escolas conventuais como as escolas provinciais dos menoritas, levando ainda a alguma confusão semântica entre a designação destes estudos mendicantes com a das universidades emergentes³⁰⁴. Acrescendo a estes estudos provinciais e conventuais, conhece-se ainda para o século XIII a fundação nas cidades de Túnis e de Múrcia, pelo dominicano São Raimundo de Penhaforte (†1275), de dois importantes *studia linguarum*, escolas dominicanas especializadas no ensino avançado do árabe e do hebraico em articulação com as doutrinas corânica e rabínica que, a par do conhecimento da teologia cristã, assumiam, naturalmente, grande importância no âmbito das disputas apologéticas e da missão promovida pelos dominicanos, tão mais eficaz quanto fosse o conhecimento do idioma das populações a evangelizar³⁰⁵. De resto, a partir de 1236, o ensino do árabe e do hebraico, que já anteriormente se verificaria em território hispânico, institucionalizou-se também, ainda que a um nível necessariamente mais elementar, noutras escolas conventuais dominicanas implantadas em espaço peninsular, inclusivamente em contexto português³⁰⁶.

Apesar da falta de informação pormenorizada sobre as escolas franciscanas e dominicanas estabelecidas no reino de Portugal para o período anterior à fundação da universidade, o carácter padronizado do sistema de ensino mendicante, que previa, como referido, o funcionamento de estabelecimentos de ensino nas áreas anexas aos conventos fundados pelas duas ordens, associado ao reconhecimento de títulos doutorais, em vários documentos públicos, aos mestres das casas conventuais mendicantes implantadas nas principais urbes portuguesas (Évora, Lisboa, Santarém, Coimbra, Porto, Guimarães, etc.)³⁰⁷, permite deduzir que o contexto português não escapou a esta tendência geral³⁰⁸. O mesmo se verificaria relativamente às disciplinas que constituíam os programas de estudo nestas escolas, em que se privilegiaria a teologia, mas também, a um nível propedêutico, matérias de cariz mais genérico, ligadas às artes liberais, nomeadamente ao ramo do trívio³⁰⁹: a primeira, em resultado da importância da formação doutrinal dos

³⁰⁴ Lavajo, “A Ordem dos Pregadores,” 230.

³⁰⁵ Ibid, 230–2.

³⁰⁶ Ibid.

³⁰⁷ Norte, “Letrados e cultura,” 287.

³⁰⁸ Lopes, “Escolas públicas dos Franciscanos,” 354.

³⁰⁹ Gordon Leff, “The Trivium and the three philosophies,” in *A History of the University*, 307–35.

pregadores para os mendicantes; e as segundas, fruto da relevância assumida pela gramática, pela retórica e pela dialética (ou lógica) no âmbito da pregação, viabilizando, respetivamente, a capaz expressão dos conhecimentos doutrinários, uma desejável intensidade persuasiva e um sólido racional da exposição.

c) Paradigmas parenéticos

Conceptualmente, no sentido mais amplo e livre do termo, a pregação religiosa engloba a multiplicidade de ministérios da palavra através dos quais a comunidade cristã procurou, desde os primeiros tempos da Igreja, edificar as almas e exortar os fiéis, tendo por base o anúncio da verdade do *Evangelho*, tais como a homilética litúrgica, a instrução catequética, a evangelização e a exortação moral³¹⁰. Distintivos entre si pelas suas motivações mais particulares, tempos e lugares, estes ministérios originaram uma literatura de púlpito – a chamada parenética – que, não tendo consistido numa criação literária originária da Idade Média, conheceu nos séculos centrais da medievalidade uma popularidade sem precedência em épocas anteriores³¹¹. Para tal, concorreram aspetos diversos, de cariz antropológico, espiritual, sociológico e, sobretudo, histórico. Os últimos são indelével das particularidades conjunturais do período e dos interesses dos atores em presença, grande parte dos quais ligados à Igreja e amplamente envolvidos na dupla função de ensinar e exortar os fiéis, duas atividades inerentes à predicatória³¹².

Entre os numerosos cultores que a escrita parenética encontrou por todo o Ocidente cristão nos séculos XII e XIII, destacaram-se muitas das mais prolíficas autoridades eclesiásticas consagradas. Foi o caso de Ivo de Chartres (†1115), autor de mais de uma vintena de sermões sobre questões litúrgicas, dogmáticas ou morais, tidos como reveladores da piedade e erudição do bispo franco³¹³; do teólogo e místico agostiniano, Hugo de São Vítor (†1141), a quem é afeto um sermonário constituído por um total de cem prédicas populares, usualmente conhecido por *Sermones Centum*³¹⁴; do líder espiritual da ordem de Claraval, São Bernardo (†1153), responsável por mais de três

³¹⁰ M. C. Hilker, “Preaching, III (Theology of),” in *New Catholic Encyclopedia*, eds. T. Carson e J. Cerrito, vol. 11 (Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979), 626; J. E. Carver, “Preaching, Medieval English,” in *New Catholic Encyclopedia*, 632.

³¹¹ Hilker, “Preaching, III,” 626.

³¹² *Ibid*, 626–7.

³¹³ J. Leclercq, “Ivo of Chartres, St.,” *New Catholic Encyclopedia*, eds. T. Carson e J. Cerrito, vol. 6 (Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979), 679–80.

³¹⁴ G. A. Zinn e D. Van Den Eynde, “Hugh of Saint-Victor,” in *New Catholic Encyclopedia*, 156–9.

centenas de sermões, entre os quais os célebres *Sermones Super Cantica Canticorum*³¹⁵, que circularam largamente na Idade Média, vários deles recebidos na abadia alcobacense, com particular ênfase no culto mariano³¹⁶; de Pedro Lombardo (†1160), a quem é atribuída uma coleção de trinta e três prédicas alegóricas, que o escolástico teria composto no exercício do bispado parisiense³¹⁷; do discípulo deste último, Pedro de Poitiers (†1205), que conciliou o magistério da teologia no estudo geral parisino e, mais tarde, o mandato como chanceler da mesma universidade, com a prática predicatória, cristalizada numa coleção de quase sessenta sermões³¹⁸; do teólogo britânico, Estêvão de Langton (†1228), de quem se conhecem mais de cinco centenas de sermões³¹⁹; do escolástico Roberto de Grosseteste (†1253), autor de um vasto lote de cerca de oitenta peças homiléticas, muitas delas de apreciável extensão, em que repassa o entendimento que fez da luz, base da sua metafísica e da sua doutrina da iluminação³²⁰; e do teólogo beneditino e enérgico reformador do clero português, na condição de legado papal, João Halgrin de Abbeville (†1237), que escreveu quatro livros contendo perto de duas centenas de sermões dedicados aos *Evangelhos* e às *Epístolas Paulinas*, do *Novo Testamento*³²¹. A estes e outros nomes viriam somar-se, a partir do início do século XIII, os de inúmeros franciscanos e dominicanos, em cuja produção escrita a sermonística ocupou igualmente – e sem grande surpresa, atendendo à importância consignada pelos mendicantes ao pastoreio das almas – um lugar de grande destaque. Vejam-se, a propósito, as amplas coleções de sermões atribuídas ao franciscano João de Rupella (†1245), autor de um notável conjunto de 266 *Sermones*³²²; ao dominicano Guilherme Pérault, ou Guilherme III de Paris (†c. 1270), nome sob o qual assina os seus *Sermones de Tempore et de Sanctis*³²³; a Martinho de Polónia, ou Martinho de Tropau (†d. 1278), da Ordem dos

³¹⁵ P. Zerbi, “Bernard of Clairvaux, St.,” in *New Catholic Encyclopedia*, eds. T. Carson e J. Cerrito, vol. 2 (Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979), 335–8.

³¹⁶ António Anselmo, “Os códices alcobacenses da Biblioteca Nacional: I. Códices portugueses”, in *Inventário dos códices alcobacenses da Biblioteca Nacional de Lisboa*, eds. A. F. de Ataíde e Melo (Lisboa: Biblioteca Nacional, 1930-32), 56.

³¹⁷ I. C. Brady, “Peter Lombard,” in *New*, 221–2.

³¹⁸ P. S. Moore, “Peter of Poitiers,” in *New Catholic Encyclopedia*, 202–3.

³¹⁹ L. ANTL, “Stephen Langton,” in *New Catholic Encyclopedia*, eds. T. Carson e J. Cerrito, vol. 13 (Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979), 523–4.

³²⁰ J. A. Weisheipl, “Robert Grosseteste,” in *New Catholic Encyclopedia*, eds. T. Carson e J. Cerrito, vol. 12 (Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979), 263–4.

³²¹ Maria Cândida Proença, “Abbeville, João,” in *Dicionário de História de Portugal*, vol. 1 (Lisboa: Círculo de Leitores, 2015), 10.

³²² I. C. Brady, “John of la Rochelle (de Rupella),” in *New Catholic Encyclopedia*, eds. T. Carson e J. Cerrito, vol. 7 (Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979), 972.

³²³ Charles Callan, “William Perault,” in *The Catholic Encyclopedia*, eds. Charles G. Herbermann et al., vol. XV (Nova Iorque: Robert Appleton Company, 1912), 350–2.

Pregadores, ao qual estão igualmente creditados alguns *Sermones de Tempore et de Sanctis*; a Tiago de Voragine (†1298), outro frade dominicano autor de um alargado conjunto de sermões, ultrapassando as trezentas peças, os *Sermones de Sanctis, De Tempore, Quadragesimales, De Beata Maria Virgine*³²⁴; e, por último, a Santo António de Lisboa e Frei Paio de Coimbra, sem dúvida os dois maiores pregadores da Idade Média portuguesa, embora não os únicos.

No que concerne à temática da pregação e dos seus agentes em Portugal na Idade Média, foi já salientada³²⁵, e subsequentemente reiterada³²⁶, a ausência em panorama historiográfico nacional de um estudo sistemático e aprofundado sobre a questão, certamente derivada da exiguidade de fontes documentais disponíveis e das dificuldades impostas pela natureza, muitas vezes genérica e fragmentária, dos dados passíveis de recolher sobre o assunto³²⁷. Contudo, não restam dúvidas de que, à semelhança do que se verificou no restante cenário europeu ao longo de todo o período medieval, esta prática salvífica foi uma realidade corrente também em contexto português, recomendada com veemência pelos concílios gerais e diocesanos³²⁸. Esta asserção encontra-se atestada, para os séculos XII e XIII, por testemunhos de vária ordem³²⁹, designadamente: referências à entrega circunstante de prédicas, contidas em crónicas, hagiografias, documentação régia e papal, constituições sinodais, entre outra documentação³³⁰; copiosos sermonários e instrumentos de auxílio à composição parenética inventariados nas livrarias dos mosteiros portugueses e das sés de certas dioceses hispânicas vizinhas³³¹; e notícias de múltiplos

³²⁴ Michael Ott, “Blessed Jacopo de Voragine,” in *The Catholic Encyclopedia*, eds. Charles G. Herbermann et al., vol. VIII (Nova Iorque: Robert Appleton Company, 1910), 58–62.

³²⁵ Patricia Anne Odber de Baubeta, “Towards a History of Preaching in medieval Portugal,” *Portuguese Studies*, 7 (1991): 2.

³²⁶ José Marques, “A pregação em Portugal na Idade Média. Alguns aspectos,” *Via spiritus* 9 (2002): 317.

³²⁷ Baubeta, “Towards a History,” 2.

³²⁸ João Francisco Marques, “A pregação medieval portuguesa,” in *Os Reinos Ibéricos na Idade Média. Livro de Homenagem ao Professor Doutor Humberto Carlos Baquero Moreno*, eds. Luís Adão da Fonseca, Luis Carlos Amaral, Maria Fernanda Ferreira Santos (Porto: Fac. Letras Universidade do Porto-Livraria Civilização Editora, 2003), 599.

³²⁹ Às evidências da pregação em Portugal oferecidas pela cronologia em questão viriam somar-se tantas outras, em momentos mais tardios da medievalidade, nomeadamente os pequenos afloramentos interiores ou exteriores aos edifícios sagrados, conhecidos como púlpitos, que proliferaram na arquitetura religiosa portuguesa do gótico final e se vulgarizaram enquanto locais, por excelência, da entrega dos sermões, em resposta a uma corrente com origem na Alemanha e no norte da Europa, apostada numa melhor adaptação da arquitetura à liturgia, facilitadora da visão do altar e a audição da pregação aos fiéis. Sobre este assunto, vide Lúcia Maria Cardoso Rosas, “Arquitetura religiosa tardo-medieval e pintura mural: relações litúrgicas e espaciais”, *Revista da Faculdade de Letras: Ciências e Técnicas do Património*, 2 (2003): 431; Catarina Almeida Marado, *Arquiterura conventual e cidade medieval: a formação e os impactos dos sistemas urbanísticos mendicantes em Portugal (séc. XIII-XV)* (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018), 153.

³³⁰ Marques, “A pregação em Portugal,” 319.

³³¹ *Ibid*, 320–7.

indivíduos procedentes do território português que se destacaram no exercício do ministério, quer no interior do reino, quer para lá das suas fronteiras³³².

A título exemplificativo do primeiro dos três pontos referidos, pode mencionar-se a descrição que merece no relato da conquista de Lisboa (1147), o *De Expugnatione Lyxbonensi*³³³ (presumivelmente composto em data próxima à dos acontecimentos relatados), o célebre sermão aos cruzados anglo-normandos, germânicos e flamengos intervenientes na operação, pregado por D. Pedro Pitões, bispo do Porto (*episc.*, 1145-1152), que contou com o auxílio de intérpretes, no sentido de traduzir as suas palavras do latim para as línguas vernáculas dos ouvintes³³⁴. O uso de intérpretes foi, de resto, um expediente a que recorreram com frequência os pregadores medievais, no sentido de superar diferenças linguísticas que constituíssem obstáculos à doutrinação de audiências menos esclarecidas³³⁵. Destaque-se ainda outra prédica inclusa na mesma crónica, que um sacerdote anónimo entregou aos combatentes, em tom exortativo, durante a missa campal decorrida nos momentos que antecederam o assalto final à cidade de Lisboa³³⁶. Estes são dois dos mais precoces indícios de que há registo de atividade parenética desenvolvida em Portugal, no âmbito militar, subsistindo igualmente evidências coevas para outros contextos, e em documentação de natureza diversa. Facto comprovado, por exemplo, pela carta de couto da cidade de Braga, datada de 12 de abril de 1112, na qual se menciona igualmente a pregação³³⁷. Também numa determinação resultante do Sínodo de Lisboa de 1240 se recomendava que, por intermédio deste ministério, os párocos incitassem os fiéis a venerar as relíquias do padroeiro da cidade, o mártir São Vicente, albergadas no interior da Sé lisboeta³³⁸. É seguro afirmar, portanto, que, embora a pregação tenha sofrido um impulso renovado com a entrada mendicante no reino – conforme se infere, desde logo, da necessidade de emitir legislação visando a regulamentação da atividade e a mitigação da sua prática abusiva³³⁹ – e tenha, inclusivamente, assumido contornos distintos, discriminados mais à frente neste estudo, o certo é que o anúncio e explicação da palavra de Deus, enquanto objetivo primordial do

³³² Ibid, 327–34.

³³³ *De expugnatione lyxbonensi - A Conquista de Lisboa aos Mouros. Relato de um Cruzado*, trad. e notas Aires A. Nascimento (Lisboa: Veja, 2007), 56–147.

³³⁴ Ibid, 62–3.

³³⁵ Beverly Mayne Kienzle, “Medieval Sermons and their performance: theory and record”, in *Preacher, Sermon and Audience in the Middle Ages*, ed. Carolyn Muessig (Leiden: Brill, 2002), 109–10.

³³⁶ *De expugnatione lyxbonensi*, 118–27.

³³⁷ Marques, “A pregação em Portugal,” 318–9.

³³⁸ Marques, “A pregação medieval,” 602.

³³⁹ Mattoso, “Estratégias de pregação,” 195.

ministério sacerdotal, se afigurava já como uma prática em panorama português muito antes da penetração das ordens mendicantes no reino, nem por isso se tendo convertido em monopólio exclusivo de franciscanos e dominicanos após esta data³⁴⁰.

Em segundo lugar, sinalizadora da sua centralidade tanto entre o clero secular como junto das ordens monásticas, nomeadamente de crúzios e cistercienses, foi o enorme peso que assumiram os homiliários e os instrumentos de apoio à escrita de sermões no conjunto de obras arroladas nas livrarias de mão das instituições eclesíásticas então implantadas no recém-fundado reino de Portugal e nas áreas a ele adjacentes³⁴¹. A literatura parenética revelou-se efetivamente um dos géneros mais expressivos, em termos de incidência temática, nas livrarias monásticas portuguesas dos séculos XII e XIII, conforme o comprovam desde logo os fundos bibliográficos dos dois principais polos de saber do reino na cronologia em questão: o do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, onde a sermonística se revelou o sexto género mais recorrente³⁴²; e o Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, no qual, por sua vez, ocupou mesmo o topo da lista no âmbito das preferências temáticas dos crúzios³⁴³. Mesmo desconsiderando as tipologias textuais com as quais a parenética apresentou afinidades, como o comentário escriturístico, das aproximadamente quatro centenas e meia de peças que no período formaram o recheio bibliográfico do fundo alcobacense, perto de meia centena são obras homiléticas³⁴⁴. Um quantitativo que mais do que quintuplica no acervo crúzio, onde os textos homiléticos ultrapassam as duas centenas e meia, distribuindo-se por 13 dos 99 códices então acomodados no *armarium* da canónica³⁴⁵. Da comparação dos dois espólios se infere a presença, em ambos, dos trabalhos de três importantes figuras da arte predicatória: do papa Leão Magno (*pontif.*, 440-†461), autor de um *Liber sermonum* e de um *Sermo LXI*, indexados, respetivamente, na livraria alcobacense e crúzia³⁴⁶; de Hugo de São Vítor, o mais prolífico no género no armário abacial, identificando-se nove peças homiléticas suas contra a única presente nos armários dos cônegos regrantes, intitulada *In Salomonis Ecclesiasten Homiliae XIX*³⁴⁷; e de Bernardo de Claraval, autor de três sermonários presentes no fundo alcobacense – os seus *Sermones de Santo Malachia*, *Sermones in*

³⁴⁰ Marques, “A pregação medieval,” 600–1.

³⁴¹ Marques, “A pregação em Portugal,” 320–7.

³⁴² Armando Norte, “Letrados e cultura,” 388–90.

³⁴³ Ibid, 452–55.

³⁴⁴ Ibid, 372.

³⁴⁵ Ibid, 452.

³⁴⁶ Ibid, 452–55, 388–90.

³⁴⁷ Ibid, 388–90.

Cantica Canticorum e Sermones de Tempore, de Sanctis et de Diversis –, e de nada menos que 41 títulos arrolados na livraria crúzia, entre os quais um *Sermo in transitu Sancti Malachiae*³⁴⁸. Às peças homiléticas destes autores, comuns aos dois fundos bibliográficos, juntaram-se ainda, nos escaparates alcobacenses, cinco exemplares de umas *Lectiones Epistolarum vel Evangeliorum*, presumivelmente atribuíveis ao abade beneditino de Saint-Mihiel dur Meuse, Esmaragdo (†d. 825)³⁴⁹; um tratado prático de fazer sermões conhecido como *Processus*, de João de Rupella³⁵⁰; o próprio sermonário de Frei Paio de Coimbra³⁵¹; uns *Sermones*, compostos por Ivo de Chartres; uma outra obra, identificada pelo mesmo título, atribuída a Hildeberto de Lavardin, ou de Tours (†1133)³⁵²; um tratado místico conhecido como *De Viduitate*, de Bartolomeu, bispo de Silves (episc., 1268-†1292)³⁵³; um *Sermo*, do celebrado teólogo e gramático João Alexandrino (†séc. VI)³⁵⁴; e, finalmente, uma peça intitulada *Replicatio Sermonum a Prima Conversione*, credenciada ao asceta visigodo da Abadia de São Pedro de Montes, Valério de Bierzo (†d. 695)³⁵⁵. Já nos armários da canónica crúzia, há ainda a assinalar 61 textos parenéticos atribuídos a Aimo de Halberstadt (†853), que aí se notabilizou como o autor mais prolífico no género³⁵⁶; 45 peças homiléticas da autoria de Beda (†735)³⁵⁷; 33 títulos do pontífice Gregório Magno (pontif., 590-†604)³⁵⁸; 16 testemunhos da autoria de Rábano Mauro (†856)³⁵⁹; 14 de Agostinho de Hipona (†430)³⁶⁰; 11 de Jerónimo de Estridão (†419/420)³⁶¹; cinco exemplares de uns *Sermones* de Cesário de Arles (†543)³⁶²; e três homilias de Orígenes (†253/254)³⁶³. Com duas peças homiléticas no armário crúzio, surgem ainda João Crisóstomo (†407), Máximo de Turim (†d. 408) e Cromácio de Aquileia (†407). Enfim, identificados apenas com um título, estão recenseados Cristiano Drutmário (†c. 880), Ambrósio de Milão (†397), Aimo de Auxerre (†c. 855), Cassiodoro (†c. 583), Pedro Crisólogo (†c. 450), Eusébio Galicano (†séc. V), Odo de Cluny (†942),

³⁴⁸ Ibid.

³⁴⁹ Ibid.

³⁵⁰ Ibid.

³⁵¹ Ibid.

³⁵² Ibid.

³⁵³ Ibid.

³⁵⁴ Ibid.

³⁵⁵ Ibid.

³⁵⁶ Ibid, 452–55.

³⁵⁷ Ibid.

³⁵⁸ Ibid.

³⁵⁹ Ibid.

³⁶⁰ Ibid.

³⁶¹ Ibid.

³⁶² Ibid.

³⁶³ Ibid.

Fulberto de Chartres (†1028), Fulgêncio de Ruspe (†533), Macário do Egito (†c. 389) e, finalmente, mestre Hugo (†séc. XII), uma figura algo obscura que se crê, contudo, que seria português³⁶⁴.

A caracterizar o género nas duas livrarias identificam-se, por sua vez, várias obras homiléticas anónimas e pseudo-autógrafas. Enquanto as primeiras foram mais numerosas no fundo alcobacense, onde estão contabilizadas num total de 17, para apenas sete identificáveis no armário crúzio, a lógica inverte-se em relação às segundas, mais numerosas no fundo da canónica coimbrã, onde perfazem um total de três os sermonários pseudo-autógrafos (pertencentes, respetivamente, a Pseudo-Agostinho, a Pseudo-Orígenes e a Pseudo-Crisóstomo), contando-se apenas um na livraria dos cistercienses (de Pseudo-Jerónimo)³⁶⁵.

A terminar as observações relativas ao peso da homilética nas livrarias monásticas portuguesas, cabe apenas referir os casos menos impressionantes do Mosteiro de São Vicente de Fora, em cujo inventário se identifica uma única obra do género (uma anónima *Omellie per quas legunt ad mensam in dominico*) e do Mosteiro de Santa Cruz de Cortes, onde por sua vez teriam figurado um *Librum Sermonum Sancti Augustini* e uns anónimos *Caterniones de sermonibus*³⁶⁶.

No que respeita às livrarias catedrálcias, a escassez dos dados disponíveis sobre os núcleos bibliográficos das sés portuguesas e das instituições que delas dependiam na hierarquia eclesiástica (igrejas paroquiais e colegiais), para os séculos XI e XIII, não deve ser necessariamente interpretada como uma ausência absoluta. Em todo o caso, para suprir esta lacuna, seguindo propostas historiográficas na mesma direção, consideraram-se os fundos das livrarias de certas sés castelhano-leonesas localizadas junto ao território português como sugestivos, por analogia, da centralidade que a literatura parenética teria então assumido também nas preferências bibliográficas do clero diocesano do reino³⁶⁷. Um exercício comparativo que se crê virtuoso, atendendo à proximidade geográfica entre tais estabelecimentos, à sua pertença a um mesmo contexto religioso e bem assim às frequentes trocas de contactos entre dioceses vizinhas³⁶⁸. Sobre a biblioteca da Sé de Burgo-Osma sabe-se, por exemplo, ter disposto, entre os anos de 1200 e 1299, de pelo menos onze títulos homiléticos, quatro dos quais de autor anónimo, três da autoria de

³⁶⁴ Ibid.

³⁶⁵ Ibid.

³⁶⁶ Ibid.

³⁶⁷ Ibid, 480.

³⁶⁸ Ibid.

Inocêncio III, e os restantes quatro, intitulados *Homilias*, *Divinum Prudentium*, *Sermones Ugonis* e *Iste pauper clamavit*, atribuíveis, respetivamente, a São Gregório Magno, a Roberto de Grosseteste, ao dominicano francês Hugo de Saint-Cher (†1263) e ao ministro geral dos franciscanos, Boaventura de Bagnoregio (*min. Gen.*, 1257-†1274)³⁶⁹. Quanto à livraria da Sé de Salamanca, há notícia de nela terem existido, pelo ano de 1275, uns *Sermones*, compostos por Inocêncio III, e quatro sermonários anónimos, todos sob o título genérico de *Sermones*³⁷⁰. Já o armário da livraria da Sé de Zamora, albergava no seu interior, em 1285, um *Livro de sermões*, atribuído a Inocêncio III, ao qual se juntaram, entre 1286 e 1290, um *Liber sermonum* e um *Liber Homelarium*, ambos anónimos³⁷¹.

Amplamente contrastante com a riqueza homilética das livrarias monásticas e, presumivelmente, catedralícias, implantadas aquém-fronteiras nos séculos XII e XIII, foi a falta de popularidade que o género parece ter granjeado nas bibliotecas particulares dos clérigos portugueses do mesmo período. Contudo, bem mais crível do que a total inexistência de sermonários nestes núcleos bibliográficos – sugerida pelos poucos dados disponíveis sobre a sua composição – seria a sua presença em menor número, justificável pelas próprias finalidades inerentes à parenética, que a tornavam menos suscetível ao uso em contextos devocionais privados e atendendo à orientação geral do clero português para os assuntos jurídicos³⁷².

No que se refere às principais temáticas e preocupações em torno das quais orbitou a pregação pré-mendicante em contexto português, em nada contribuiu para o seu conhecimento a quase impossibilidade de identificar nos fundos das livrarias supramencionadas sermonários de clérigos seculares, crúzios e cistercienses nascidos ou operando dentro das fronteiras do reino. Assinalem-se como exceção um sermão sobre a *Primeira Epístola de São João*, da personagem algo esquiva de mestre Hugo, e a peça sobre a viuvez, de mestre Bartolomeu, bispo de Silves, ambos pertencentes ao elenco bibliográfico de Santa Cruz de Coimbra.

Não obstante, os enunciados de alguns sermões inventariados nesses fundos bibliográficos são, contudo, por vezes algo esclarecedores nesse sentido: aludem a imperativos morais exigidos pela Igreja aos fiéis, como a confissão e a compunção, o desprezo pela carne, o amor ao próximo e a Deus, a posse de esperança, a esmola, a

³⁶⁹ Ibid, 505–13.

³⁷⁰ Ibid.

³⁷¹ Ibid.

³⁷² Ibid, 532–44.

caridade, a oração, a prudência face às riquezas e a pobreza. Refletem ainda a devoção cristológica e mariológica, típicas do período, e insistem em temas teológicos e lições evangélicas. Por outro lado, parece razoável admitir que tais temáticas sejam próximas às que permearam as hagiografias coevas atribuídas a membros do clero secular e regular português ou identificadas em sua posse, atendendo às afinidades entre os dois géneros, ao nível dos problemas de índole pastoral³⁷³. Dando crédito a esta tese, é possível identificar um conjunto variado de temas, incluindo a correção dos vícios do povo e dos pecados do clero, a condenação das práticas simoníacas e de ligações incestuosas, a necessidade de refrear as paixões e de libertar a Igreja do domínio do século, o incentivo à mortificação e à austeridade no comer e no vestir, a importância da clemência para com os moçárabes aprisionados e da assistência aos desvalidos, e o apelo à construção de igrejas e à peregrinação aos lugares santos³⁷⁴.

Um terceiro e último indicador da relevância assumida pela pregação em contexto português, nos séculos XII e XIII, assenta, como referido, no significativo número de indivíduos procedentes do reino que se notabilizaram no exercício do ministério. Foi justamente o caso de Frei João Fróis (†1236), cuja vida se encontra relatada por Nicolau de Santa Maria, cronista da Congregação de Santa Cruz de Coimbra, na sua narrativa seiscentista sobre a Ordem dos Cónegos Regulares de Santo Agostinho³⁷⁵. Natural da cidade de Coimbra e cónego no mosteiro crúzio da mesma cidade, João Fróis terá sido nomeado, em 1216, pregador régio de Filipe II, rei de França (*rex*, 1180-†1223), ao qual ofereceu e dedicou quatro livros compostos em latim, contendo sermões seus (dois santorais e dois dominicais), tirando proveito da avançada formação teológica obtida previamente no estudo geral parisiense³⁷⁶. Veja-se igualmente o célebre caso de Pedro Julião, ou Pedro Hispano – o futuro papa João XXI (*pontif.*, 1276-†1277) –, a quem são atribuídas um total de 155 homilias *de tempore*³⁷⁷, a despeito das dificuldades inerentes ao seu enquadramento na vasta obra literária, já de si heterogénea, controversa e oscilante, do papa português³⁷⁸.

³⁷³ Marques, “A pregação medieval,” 600–1.

³⁷⁴ Ibid.

³⁷⁵ Nicolau de Santa Maria, *Chronica da ordem dos conegos regrantes do patriarcha S. Agostinho*, vol. 2 (Lisboa: Officina de Ioam da Costa, 1668), 438–43.

³⁷⁶ Marques, “A pregação em Portugal,” 327; Norte, “Letrados e cultura,” 279.

³⁷⁷ José Meirinhos, “Pedro Hispano (século XIII). Vol. II: ... et multa scripsit” (PhD diss., Universidade do Porto, 2002), 307–12.

³⁷⁸ Armando Norte, *João XXI, O Papa Português* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2016), 126.

Por outro lado, muitos mendicantes portugueses auferiram a fama de exímios pregadores, podendo destacar-se, neste sentido, os percursos de dois franciscanos ativos no século XIII: Frei António de Santarém e Frei Paio, Ministro Geral da Província Franciscana de Santiago (ou de Portugal) (*min. prov.*, 1267-1268/1272-?), a qual superintendia os conventos franciscanos portugueses, admitindo-se a existência de diretrizes centralizadas relativas aos temas e orientações da pregação. Do primeiro, sabe-se, graças ao relato da sua vida contido na *Crónica dos 24 Gerais da Ordem dos Frades Menores*, da autoria do menorita Frei Arnaldo de Sarrano³⁷⁹, ter desenvolvido uma intensa atividade centrada na pregação contra as heresias, enquanto guardião do convento franciscano da cidade de Évora³⁸⁰; ao passo que, do segundo, conhece-se o importante papel desempenhado, em 1267, no âmbito da pregação da cruzada no reino de Portugal, da qual se viu incumbido pelo papa Clemente IV (*pontif.*, 1265-†1268), através da bula *Redemptor noster*³⁸¹.

A estes nomes devem ainda juntar-se os de mais dois franciscanos ativos entre finais do século XIII e inícios da centúria seguinte, que, embora procedentes de outros territórios hispânicos, se imiscuíram intimamente no cenário religioso português do período, conforme dão conta os relatos das suas vidas, contidos nas principais crónicas da ordem em que ingressaram. São eles o famoso João Gil de Zamora, Ministro Geral da Província de Santiago (*min. prov.*, séc. XIV?), que foi responsável pela escrita de uns *Sermones Dominicales et Festivi Communes*³⁸²; e Álvaro Pais, bispo da sé de Silves (*episc.*, 1333-†1352), em cuja produção escrita constam, ao lado de obras como o *Speculum regis*, uns *Sermones* nos quais se debruça sobre temas teológicos ou intenta contribuir para solucionar problemas de política eclesiástica, procurando ao mesmo tempo traçar orientações de vida espiritual³⁸³.

Em suma, se no âmbito da pregação medieval portuguesa Santo António e Frei Paio estiveram longe de surgir como exemplos únicos, a verdade é que os dois mendicantes emergem como casos paradigmáticos. Tal deve-se ao facto de, em contraste

³⁷⁹ Arnaldo de Sarrano, *Chronica XXIV Generalium Ordinis Fratrum Minorum in Analecta Franciscana ad Historiam Fratrum Minorum Spectantia*, eds. a Patribus Collegii S. Bonaventurae (Florença: Quaracchi, 1987), 336–42.

³⁸⁰ Ibid.

³⁸¹ Manuel da Esperança, *Historia Seraphica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na Província de Portugal. Primeira Parte que contem seu princípio, o augmento no estado primeiro de Custódia* (Lisboa: Officina Craesbeckiana, 1656), 612–13. Cf. Lopes “Franciscanos de Portugal,” 40; Baubeta, “Towards a History,” 8.

³⁸² Lopes “Franciscanos de Portugal,” 54–8.

³⁸³ Pedro Calafate, “Álvaro Pais,” in *Dicionário da Literatura*, 47.

com a tendência geral, terem deixado evidências tangíveis e de autoria indisputada da sua dedicação ao ministério, consubstanciadas em dois importantes sermonários que atestam a rápida receção entre a elite cultural clerical do reino das novas formas de composição parenética surgidas na viragem do século XIII. À sua conservação não terão certamente sido alheios fatores como a qualidade dos sermões, a sua aplicabilidade prática e a própria reputação granjeada pelos autores, cujos percursos singulares são bem sugestivos das novas exigências do *múnus* da pregação no período.

i) Pregadores

Foram de tal modo notórias as transformações que se produziram entre as décadas finais do século XII e o início da centúria seguinte no ofício do pregador e nas técnicas de elaboração dos sermões, que alguns autores empregaram mesmo o termo “Revolução Homilética” para definir o panorama geral da pregação no Ocidente cristão durante esse hiato em que viveram Santo António e Frei Paio³⁸⁴.

(1) *Munus prædicandi*

Concomitante com as alterações significativas que se verificaram em contexto europeu na época – como o crescimento das cidades, o reavivamento do comércio, o surgimento das universidades e o desenrolar dos movimentos cruzadísticos – esta Revolução Homilética foi, em larga medida, produto da reorientação de uma pregação até então amplamente clerical, maioritariamente destinada a audiências compostas por clérigos e limitada à paráfrase das homilias dos Padres da Igreja ou dos comentários da *Sagrada Escritura* por eles inspirados, para um verdadeiro “falar aos fiéis”, não redutível a uma simples récita³⁸⁵. Neste, passavam a assumir crescente centralidade as necessidades dos públicos leigos, assim como a posse de competências retóricas e oratórias mais aprofundadas por parte dos pregadores³⁸⁶. No essencial, o fenómeno traduziu-se numa complexificação das técnicas de formulação e entrega do sermão, acompanhada pela emergência de uma crescente atitude de especialização e profissionalização dos seus agentes³⁸⁷, e viu-se suscitado por uma convergência de vários fatores conjunturais

³⁸⁴ Murphy, *Rhetoric in the Middle Ages*, 342; Phyllis B. Roberts, “The Ars Prædicandi and the Medieval Sermon” in *Preacher, Sermon and Audience*, 47.

³⁸⁵ Jean Leclercq, “Il magisterio del predicatore nel XIII secolo,” in *Predicare nel Medioevo* (Milão: Jaca Book, 2001), 3–4.

³⁸⁶ Ibid.

³⁸⁷ Ibid.

decisivos. O mais óbvio e determinante destes aspetos assentou na premência da Igreja em fazer face aos movimentos heréticos que ameaçavam fragmentar a sua unidade e em angariar apoio popular para os seus planos de reforma. Tais objetivos, já caracterizados, motivaram e justificaram a ênfase posta pela legislação eclesiástica, pontifical e sinodal, na organização e reforço da pregação ao povo³⁸⁸.

A perseguição destes fins, por parte do Papado, obrigou também a um controlo mais efetivo dos indivíduos aos quais era permitido pregar, o que decorreu, sobretudo, da revalidação de condições jurídicas, por essa altura já consubstanciadas no Direito Canónico³⁸⁹. Com efeito, num dos decretos promulgados por Lúcio III contra os hereges, no Concílio de Verona (1184) – sem dúvida destinado a dar resposta ao crescente perigo que impendia sobre Roma perante a prédica pública levada a cabo por movimentos laicos hostis às hierarquias eclesiásticas, cujo conteúdo incidia frequentemente sobre doutrinas heréticas – lembrava-se a ilicitude da prática à revelia das autoridades eclesiásticas³⁹⁰. A determinação foi recuperada durante o pontificado de Inocêncio III, desta feita por ocasião da quarta sessão do Concílio de Latrão (1215), cujo décimo cânone (*De prædicatoribus instituendis*) enfatizava a responsabilidade dos bispos em nomear homens aptos a edificar os fiéis pela palavra e pelo exemplo³⁹¹, e equiparava os hereges aos membros do clero regular que pregavam sem permissão³⁹². Nas determinações resultantes dos dois concílios salvaguardava-se, pois, a pregação, não só enquanto monopólio da Igreja, mas também como atividade hierárquica: o seu exercício constituía, acima de tudo, um dever inerente à carreira eclesiástica, podendo igualmente surgir como um privilégio, se concedido a membros do clero regular e a leigos em ocasiões solenes, ou em conjunturas muito particulares, que impusessem a mobilização geral da população – como momentos de cruzada ou de combate contra a heresia – por parte de um padre, de um bispo, de um arcebispo ou mesmo do próprio pontífice. Cada uma destas dignidades reunia poder para autorizar a prática no interior da sua área de influência: respetivamente, a paróquia, a diocese, a arquidiocese, e no caso do sucessor direto de São Pedro – de quem partiu a autorização cedida *in favorem populi* aos mendicantes – em toda a extensão da Cristandade³⁹³.

³⁸⁸ Marie-Anne Polo de Beaulieu, “Pregação”, in *Dicionário analítico*, 415.

³⁸⁹ García y García, “La reforma de la Iglesia,” 719–20.

³⁹⁰ Ibid.

³⁹¹ Beaulieu, “Pregação”, 415.

³⁹² García y García, “La reforma de la Iglesia,” 720.

³⁹³ Leclercq, “Alcuni casi di coscienza,” in *Predicare nel Medioevo*, 46.

Para além da recuperação e confirmação das premissas que no direito comum da Igreja legitimavam juridicamente o exercício da pregação, uma outra das prioridades do Papado foi a melhoria dos padrões culturais, morais e espirituais dos indivíduos que se ocupavam desta atividade pastoral, quer como obrigação intrínseca ao sacerdócio, quer em virtude de uma nomeação extraordinária para o encargo, no sentido de atender aos novos desafios impostos pela conjuntura do período³⁹⁴. Tal melhoria foi promovida através de diversos estatutos originados em reuniões sinodais e provinciais a partir de 1215 e, ainda antes desta data, pelo significativo impulso pontifício conferido aos mendicantes³⁹⁵. As suas *Artes Prædicandi* – manuais teóricos e práticos para instrução do pregador, frequentemente complementados por tratados e materiais de auxílio à composição parenética³⁹⁶ – permitem, a par dos *sermones ad prædicatores*, traçar genericamente o perfil ideal então preconizado para os que se ocupavam da *cura animarum*. Não raras vezes, atribuíam maior relevo a aspetos como o elenco das virtudes morais e disposições internas que devia possuir o pregador do que à descrição das técnicas de construção do sermão propriamente ditas.

Assim, podem resumir-se em pelo menos cinco os atributos, ou condições, exigidos a partir da primeira metade do século XIII aos indivíduos encarregados da pregação³⁹⁷. Em primeiro lugar, requeria-se autoridade, não só jurídica, para o seu exercício, mas também intelectual, para sustentar a legitimidade dos ensinamentos transmitidos por seu intermédio ao *populus christianus* – esta última resultante, no entendimento coevo, da exclusiva fundamentação no *Verbo Domini*³⁹⁸. Em segundo lugar, pedia-se santidade pessoal, manifesta sobretudo na justeza de propósito na conversão e direção espiritual dos fiéis, que para serem consideradas meritórias deviam visar, não a obtenção de glória ou de vantagens terrenas por parte do pregador, mas tão somente a salvação dos seus ouvintes³⁹⁹. Em terceiro lugar, aspirava-se à plenitude de conhecimento, ou sólida preparação intelectual, em particular no âmbito das disciplinas que constituíam o vértice da atividade predicatória – a teologia e a retórica⁴⁰⁰. Em quarto

³⁹⁴ García y García, “La reforma de la Iglesia,” 720.

³⁹⁵ Phyllis Roberts, “The Pope and the Preachers: Perceptions of the Religious Role of the Papacy in the Preaching Tradition of the Thirteenth-Century English Church,” in *The Religious Roles of the Papacy: Ideals and Realities 1150–1300*, ed. Christopher Ryan (Toronto: Brepols, 1989), 277–97.

³⁹⁶ Roberts, “The Ars Prædicandi,” 41; H. Caplan, “Ars Prædicandi,” in *New Catholic Encyclopedia*, eds. T. Carson e J. Cerrito, vol. 1 (Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979), 734–5.

³⁹⁷ Leclercq, “L’ideale del predicatore,” in *Predicare nel Medioevo*, 6–7.

³⁹⁸ Ibid.

³⁹⁹ Ibid.

⁴⁰⁰ Ibid.

lugar, impunha-se o conhecimento dos momentos oportunos para a entrega dos sermões, tanto mais importante quando se sabe que permitia, por exemplo, acautelar a aceitação dos ensinamentos neles proferidos e evadir contendas pelos tempos e lugares de exercício desta prática pastoral, originalmente suscitadas pela desvinculação mendicante dos discursos, dos momentos e espaços ordinários da celebração litúrgica, em favor da conquista e sacralização de um tempo e um espaço quotidianos⁴⁰¹. E, finalmente, requeria-se o auxílio da graça divina, do qual se acreditava depender diretamente o sucesso da prédica, fruto da lógica marcadamente providencialista que, no período, predominava no entendimento e explicação da realidade histórica⁴⁰².

(2) Dois pregadores portugueses: Santo António e Frei Paio

Este ideal de pregador impôs-se gradualmente ao longo da primeira metade do século XIII, sobretudo graças a franciscanos e dominicanos, encarregados do magistério da pregação, obrigatoriamente detentores de estudos teológicos avançados, auferidos após a tomada do hábito ou ainda antes do seu ingresso nas duas ordens, como foi a regra entre a primeira geração de mendicantes, na qual se enquadram Santo António e Frei Paio, cujos dados biográficos se expõem sumariamente em seguida.

(a) Testemunhos

Se as principais fases da vida de Santo António são relativamente fáceis de reconstituir, o mesmo já não se pode afirmar sobre o percurso de Frei Paio de Coimbra, bem mais obscuro quando comparado com o do franciscano. A circunstância decorre não só da menor atenção historiográfica até ao momento consagrada ao dominicano, mas também da exiguidade e extrema concisão das fontes disponíveis para conhecer os seus passos, amplamente contrastantes quer com os incontáveis estudos biográficos já elaborados sobre Santo António, quer com a abundância da documentação que sobreviveu até à atualidade sobre a proeminente vida do menorita, em virtude de uma intensa

⁴⁰¹ Ibid; Jean-Claude Schmitt, “Temps liturgique et temps des exempla,” in *Prédication et liturgie au Moyen Âge: Études réunies*, eds. Nicole Bériou et Franco Morenzoni (Turnhout: Brepols, 2008), 223–36.

⁴⁰² Leclercq, “L’ideale del predicatore,” in *Predicare nel Medioevo*, 6–7.

produção hagiográfica desencadeada imediatamente após a sua morte, apostada na sua santificação⁴⁰³.

Sobre Santo António, estima-se que a primeira e mais importante legenda antoniana, a anónima *Vita Prima* ou *Assídua*⁴⁰⁴, tenha saído da pena de um franciscano paduano, em resultado de solicitações apostólicas nesse sentido por parte das mais altas hierarquias da ordem menorítica, logo nos primeiros meses do ano de 1232, menos de um ano após a sua morte, a 13 de junho de 1231⁴⁰⁵. Esta primeira narrativa sobre a vida, os milagres e as manifestações de piedade, que se sucederam à morte do santo, seria em larga medida ecoada nas restantes hagiografias antonianas, que se lhe seguiram, não só na *Legenda Secunda*⁴⁰⁶ e na *Vita del Dialogus*⁴⁰⁷, datadas ainda da primeira metade do século XIII⁴⁰⁸, mas também na *Benignitas*⁴⁰⁹, na *Raymundina*⁴¹⁰ e na *Rigaldina*⁴¹¹, resultantes da retoma da produção hagiográfica centrada no franciscano, que se verificou pelo final da mesma centúria e início da seguinte, possivelmente suscitada pelo ambiente festivo em torno da conclusão da Basílica de Santo António de Pádua, ocorrida pelo mesmo período⁴¹².

Apenas alguns anos antes do surto hagiográfico antoniano, cerca de 1260, circulara uma história dominicana, a chamada *Vitae Fratrum*⁴¹³, iniciada em 1256, por Frei Gerardo de Frachet (†1271)⁴¹⁴, a pedido do Capítulo e do Mestre Geral da Ordem dos Pregadores, Humberto de Romans (*mag. gen.*, 1254-1263)⁴¹⁵. Fruto de um primeiro esforço originado no interior da ordem fundada por Domingos de Gusmão para perpetuar

⁴⁰³ E. Lombardo e J. F. Meirinhos, “De Fernando Martins a Santo António de Lisboa, um santo para o mundo,” in *História Global de Portugal*, 242.

⁴⁰⁴ *Vita prima di S. Antonio o assidua: c. 1232*, ed. Virgílio Gamboso (Pádua: EMP, 1981).

⁴⁰⁵ Henrique Pinto Rema, “Introdução geral,” in *Fontes Franciscanas III – Fontes Agiográficas Antonianas: Santo António de Lisboa (Legendas e Sermões)*, vol 1 (Braga: Editorial Franciscana, 1995–6), 16; J. G. Freire, “O latim medieval em Portugal: língua e cultura,” in *Instituto de Estudos Clássicos: um passado com futuro*, ed. D. F. Leão (Coimbra: Imprensa da Universidade, 2005), 157; Norte, *Os intelectuais em Portugal*, 195.

⁴⁰⁶ *Offício ritmico e vita secunda*, ed. Virgílio Gamboso (Pádua: EMP, 1985).

⁴⁰⁷ *Vita del Dialogus e Benignitas*, ed. Virgílio Gamboso (Pádua: EMP, 1986).

⁴⁰⁸ Rema, “Introdução geral,” 16–7.

⁴⁰⁹ *Vita del Dialogus*.

⁴¹⁰ *Vite Raymundina e Rigaldina*, ed. Virgílio Gamboso (Pádua: EMP, 1992).

⁴¹¹ *Ibid.*

⁴¹² V. M. Camacho, “A produção hagiográfica sobre António de Lisboa/Pádua no século XIII,” *Signum* 19 (2018): 166.

⁴¹³ Gerardo de Frachet, *Vitae Fratrum Ordinis Prædicatorum necnon Cronica Ordinis ab Anno MCCIII usque ad MCCLIV*, ed. B. M. Reichert (Bruxelas: Lovanii, 1896), 295–96.

⁴¹⁴ Gillette Tyl-Labory, “Géraud de Frachet,” in *Dictionnaire des lettres françaises*, eds. Robert Bossuat, Louis Pichard e Guy Raynaud de Lage, t. 1, *Moyen Âge* (Paris: Fayard, 1992), 514–5.

⁴¹⁵ C. Lozier, “Humbert of Romans” in *New Catholic Encyclopedia*, 198–9.

a memória da sua origem e princípios identitários⁴¹⁶, e afirmar a sacralidade da sua missão, num momento particularmente conflituoso entre os frades mendicantes e os clérigos seculares parisienses, iniciado em 1254 e prolongado pelo menos até 1259⁴¹⁷, a obra reserva a sua quinta e última parte à recolha dos relatos das mortes e milagres *post mortem* dos primeiros dominicanos, entre os quais Frei Paio de Coimbra⁴¹⁸. O pequeno texto relativo ao frade português, enviado pelo segundo provincial da Ordem dos Pregadores da Hispânia, Frei Gil de Santarém (*min. prov.*, 1233-1238; 1257-1265)⁴¹⁹, a Frei Gerardo⁴²⁰ – que possivelmente se teria cruzado com o biografado aquando da sua visita aos conventos da parte ocidental da Hispânia, em 1241⁴²¹ – constitui a principal fonte para o estudo do percurso do dominicano. O seu conteúdo limitar-se-ia a ser reproduzido sem grandes acrescentos em dois testemunhos portugueses bem mais tardios, que esgotam a documentação sobre o pregador contemporâneo de Santo António, a saber: a *História de São Domingos*, de Frei Luís de Sousa (†1632)⁴²², que já então lamentava a exiguidade de informes sobre a vida do seu confrade, ecoando apenas os dados já consubstanciados na *Vitae Fratrum*⁴²³; e o *Hagiólogo Lusitano*, da autoria do presbítero Jorge Cardoso (†1669)⁴²⁴, que, por sua vez, se fundamentou na obra de Frei Luís de Sousa⁴²⁵.

Embora variem em conteúdo e extensão, as principais fontes hagiográficas que sobreviveram até à atualidade sobre Santo António e Frei Paio – respetivamente a *Vita Prima* e a narrativa contida na *Vitae Fratrum* – partilham também afinidades dignas de realce. A começar pela sua pertença ao mesmo género literário, a hagiografia, cujas finalidades eminentemente edificantes – de preservar para a posteridade modelos de vida exemplares a serem reproduzidos por todos os fiéis – aconselham desde logo a depuração das informações neles contidas sobre os biografados⁴²⁶. Por outro lado, deve igualmente

⁴¹⁶ Tuthill, “Fr. Paio and his,” 347–8.

⁴¹⁷ Na origem dos atritos esteve a intromissão dos mendicantes na esfera do magistério universitário e da pastoral, que deu argumento às reclamações apresentadas pelos clérigos seculares da diocese de Paris ao papa Inocêncio IV, em 1254. Sobre esta questão, vide A. A. Alves, “A morte e os mortos em *Vitae Fratrum* de Gerardo de Frachet (1256-1260),” *Signum* 15, 1 (2014): 85–8.

⁴¹⁸ *Ibid.*, 89–90.

⁴¹⁹ Aires A. Nascimento, “Gil de Santarém, Frei,” in *Dicionário da Literatura*, 294–5.

⁴²⁰ Martins, “O sermonário de Frei Paio,” 343; Marques, “Mundividência cristã,” 12–3.

⁴²¹ Marques, “Mundividência cristã,” 12–3.

⁴²² Luís de Sousa, *História de S. Domingos*, t. 1 (Lisboa: Officina de Antonio Rodrigues, 1866), 309–16.

⁴²³ Frachet, *Vitae Fratrum*, 295–6.

⁴²⁴ Jorge Cardoso, *Hagiólogo Lusitano*, t. 2 (Lisboa: Officina Craesbeekiana, 1657), 570–1, 583–4.

⁴²⁵ Marques, “Mundividência cristã,” 12.

⁴²⁶ Claudio Leonardi, “Agiografia,” in *Lo spazio letterario del Medioevo. Il Medioevo latino*, eds. G. Cavallo, C. Leonardi e E. Menestò, vol. 1, t. 2, *La produzione del testo* (Roma: Salerno Editrice, 1995), 421–62.

sublinhar-se o facto de os referidos testemunhos privilegiarem sobretudo, na sua economia narrativa, o relato dos acontecimentos respeitantes à fase final das vidas dos dois mendicantes e dos momentos subsequentes às suas mortes, em detrimento do início dos seus percursos, que o carácter genérico das descrições mantém envolto em contornos mais nublados, por desconhecimento ou irrelevância. Assim, nas hagiografias em geral, muitas das informações avançadas em relação a esse período inicial estão longe de ser apoditicamente determináveis, não podendo, nas mais das vezes, sair do domínio da suposição, como sucede com os dois frades portugueses.

(b) Primeiros anos

Independentemente das incertezas que subsistem neste particular, reúne algum consenso a tese que aponta que tanto Fernando Martins – primeiro nome seguro do homem que passaria à história enquanto Santo António⁴²⁷ – como Frei Paio – o único com esse nome que surge referenciado entre os dominicanos portugueses do século XIII, ainda que com variantes onomásticas⁴²⁸ – tenham nascido no decurso da última década do século XII. O primeiro, por volta do ano de 1190, em Lisboa, e, de acordo com a tradição, no seio de uma família abastada, pertencente à nobreza ou à burguesia endinheirada do reino⁴²⁹. O segundo, também de possível ascendência nobre⁴³⁰, cerca de

⁴²⁷ Dado a grande divulgação e aceitação nos setores historiográficos mais antigos ou tradicionalistas, o nome Fernando Martins de Bulhões, ou Bulhões, encontra-se hoje historiograficamente desacreditado. Sobre este assunto, vide Lopes, *Santo António*, 24.

⁴²⁸ Entre os muitos nomes associados ao dominicano surgem ainda os de Frater Pelagius Parvus, Frater Pelagius Hispaniae Divus Pelagius Conimbricensis, Pelagius Parvus Lusitanus, Santo Payo, Santo Frei Payo, São Frei Pelágio, Paio Menor, Paio o Pequeno e Frei Paio. Vide Marques, “Mundividência cristã,” 12.

⁴²⁹ Não devem ignorar-se aqui as reservas que a tese da pertença do menorita a uma família de sólida condição patrimonial e de grande prestígio social suscitou junto de alguns antonianistas. Para Henrique Pinto Rema, “Introdução,” 16–8, as alusões dos legendistas antonianos à nobreza do franciscano português e à fortuna da sua família devem ser interpretadas *lato sensu*, respetivamente, enquanto adjetivação da sua condição moral e referência à felicidade dos seus pais em tê-lo como filho, e não como descritivas da sua condição social e patrimonial. Contudo, numa altura em que a posse de propriedade privada estava vedada à nobreza ou à burguesia endinheirada, o edifício situado junto à Sé de Lisboa, que a tradição desde cedo identificou como a moradia paterna do Santo, deixa escassa margem para dúvidas, se não propriamente em relação à nobreza, pelo menos no que se prende com o desafogo financeiro da família do Santo.

⁴³⁰ Abonatórias da ascendência nobre do dominicano, sugerida por Fr. Luís de Sousa na sua *História de São Domingos*, são, para J. G. Tuthill, “Fr. Paio and his,” 348, a tendência da O.P. em recrutar os seus mais altos dignitários, como o de prior conventual, ocupado por Fr. Paio, a partir da pequena nobreza, bem como a rápida aceitação e favor granjeados pelos dominicanos junto da Coroa portuguesa, sugestivos de que alguns dos primeiros pregadores já seriam bem conhecidos em círculos régios, possivelmente pelos laços que de parentesco que os uniam a famílias da nobreza do reino.

cinco anos depois, com grande probabilidade na cidade de Coimbra⁴³¹. De resto, implantada num território extremamente fustigado pelas depredações muçulmanas até ao ano de 1212, a urbe coimbrã revelar-se-ia verdadeiramente central nos percursos dos dois religiosos, em larga medida por aí se situar a opulenta e poderosa casa dos monges regrantes de Santa Cruz de Coimbra, beneficiária dos favores régios dos primeiros monarcas portugueses⁴³².

Foi, com efeito, no mosteiro fundado em 1131, sob a égide de D. Telo⁴³³, que Fernando Martins beneficiou de uma exigente formação auferida algures entre os anos de 1210 e 1220, na sequência da sua inicial passagem, entre 1197 e 1209, pela escola do cabido da Sé de Lisboa, localizada defronte à sua moradia familiar, e, mais tarde, algures entre 1209 e 1210, também pela escola claustral do Mosteiro de São Vicente de Fora, filial da casa crúzia de Coimbra e igualmente devedora do patronato régio⁴³⁴. É muito possível que durante a referida estada na canónica coimbrã, o futuro santo tenha cruzado o seu caminho com o de Frei Paio⁴³⁵ que, num panegírico dedicado ao seu conterrâneo, se lhe refere pelo nome de batismo, Fernando, sugerindo, pois, uma certa familiaridade e um presumível conhecimento pessoal⁴³⁶. A confirmar-se, esse contacto remontaria, com grande probabilidade, a um período de estreita ligação ou mesmo, quem sabe, de eventual filiação do dominicano, autor da *Summa*, aos crúzios, completamente omitido na *Vitae Fratrum*, mas extrapolada a partir do conhecimento demonstrado face aos trabalhos de autoridades como Santo Agostinho, Gregório Magno e Bernardo de Claraval, bem como das orientações que perpassam a sua parenética, fruto da influência do mosteiro regrente de São Vítor de Paris⁴³⁷. Os aprofundados saberes jurídico-legais que nela evidencia igualmente ter possuído e a recorrência com que cita compilações de normas canónicas, como o *Decretum Gratiani* e o *Liber Extra* (ou *Decretales Gregorii IX*), dão igualmente argumento à hipótese de ter prosseguido estudos de direito, quiçá na universidade de Bolonha⁴³⁸, um dos destinos académicos mais procurados pelos escolares do reino no início do século XIII⁴³⁹. Embora não isenta de fragilidades, a tese que aponta que o

⁴³¹ Sousa, *História de São Domingos*, 309. Cf. Martins, “O sermonário de Frei Paio,” 341; Tuthill, “Fr. Paio and his,” 348; Nascimento, “Paio de Coimbra, Frei,” 504; Marques, “Mundividência cristã,” 12.

⁴³² Gomes, *In Limine Conscriptio*, 153–8.

⁴³³ *Ibid.*, 121–42.

⁴³⁴ Lopes, *Santo António*, 19–71.

⁴³⁵ Martins, “O sermonário de Frei Paio,” 345; Marques, “Mundividência cristã,” 15.

⁴³⁶ Marques, “Mundividência cristã,” 15.

⁴³⁷ Aires A. Nascimento, “Paio de Coimbra, Frei,” 504.

⁴³⁸ Marques, “Mundividência cristã,” 16.

⁴³⁹ Norte, “Letrados e cultura,” 186–7.

contemporâneo de Santo António tenha rumado a Bolonha para cursar Direito é consistente com as escassas informações fornecidas a seu respeito pela *História de São Domingos*, de Frei Luís de Sousa, que o diz “conhecido por letras e virtudes” e nascido no seio de uma família nobre⁴⁴⁰. Isto tendo em conta que, no período – salvo raras exceções, em que os estudantes usufruíam de bolsas concedidas pelos reis ou pelas instituições religiosas a que estavam filiados – os elevados custos associados à persecução de estudos académicos fora do reino restringiam-na a um grupo minoritário de indivíduos, na sua maioria membros de famílias abastadas, como a de Frei Paio⁴⁴¹.

(c) Itinerários

Os moldes em que se operou o ingresso dos dois religiosos nas ordens mendicantes merecem pouca mais atenção nos textos hagiográficos do que as suas origens e percursos académicos, revelando-se, ainda assim, significativamente mais conhecidos no caso de Fernando Martins. De facto, sabe-se a seu respeito que, por volta do ano de 1220, à data ainda cônego no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, onde fora ordenado sacerdote em 1218, trocou o hábito regante pela indumentária menorítica, revelando uma inquietação de espírito que o instava a seguir o exemplo dos cinco franciscanos italianos martirizados no Norte de África, adotando então o nome do grande eremita egípcio, Santo Antão (†356)⁴⁴², a quem fora dedicado o conventículo franciscano da cidade de Coimbra⁴⁴³.

Pela mesma altura, em ano difícil de precisar, já com uma idade avançada e a formação académica concluída – a fazer fé na *História de São Domingos*, de Frei Luís de Sousa⁴⁴⁴ – também o autor da *Summa* abraçou a forma de vida mendicante, tomando, talvez, por influência de Frei Gil de Santarém, que então retornava do estudo geral parisiense⁴⁴⁵, o hábito dominicano das mãos do primeiro provincial da Ordem dos Pregadores da Hispânia, Frei Soeiro Gomes, que ocupou a posição entre os anos de 1221 e 1233⁴⁴⁶.

⁴⁴⁰ Sousa, *História de São Domingos*, 309.

⁴⁴¹ Norte, “Letrados e cultura,” 61–2.

⁴⁴² R. T. Meyer, “Anthony of Egypt, St.,” in *New Catholic Encyclopedia*, eds. T. Carson e J. Cerrito, vol. 1 (Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979), 505–6.

⁴⁴³ Lopes, *Santo António*, 82; Caeiro, *Santo António*, 34; Norte, *Os intelectuais em Portugal*, 210.

⁴⁴⁴ Sousa, *História de São Domingos*, 309.

⁴⁴⁵ Aires A. Nascimento, “Paio de Coimbra, Frei,” 504.

⁴⁴⁶ Marques, “Fundamentação epistemológica,” 97–8.

O ingresso de Frei Paio na ordem fundada por São Domingos de Gusmão inaugurou na vida do dominicano um período em que a sua atenção se deverá ter centrado no exercício dos ofícios de pregador e confessor⁴⁴⁷, desconhecendo-se-lhe qualquer outra atividade até 1228. Por volta desse ano, foi indigitado prior do Convento de São Domingos de Coimbra, fundado em 1227 no lugar da Figueira Velha, junto ao rio Mondego, sob o mecenato das infantas D. Sancha e D. Branca, filhas de D. Sancho I⁴⁴⁸. Foi justamente nessa posição de prior do convento dominicano que, em 1233, se deslocou a Bolonha para participar no Capítulo Geral da Ordem dos Pregadores⁴⁴⁹, tendo igualmente assistido, no dia 24 de maio desse ano, à primeira exumação do corpo de São Domingos, aí sepultado⁴⁵⁰. Comprova-o uma das prédicas dedicadas pelo frade português ao fundador da Ordem dos Pregadores, na qual Frei Paio afirmava ter testemunhado o perfume sobrenatural emanado do sepulcro do santo aquando da sua abertura⁴⁵¹. Não é ainda de descartar – embora sejam praticamente nulas as informações passíveis de reunir sobre o assunto –, a hipótese de o contemporâneo de Santo António ter desempenhado, no mesmo período, funções na esfera do serviço régio. Conjetura-se, com algum risco, que tenha sido preceptor de D. Sancho II, atendendo a que o infante terá sido o provável destinatário de uma predica concebida pelo dominicano em forma de *Speculum Principis*⁴⁵². Nela elencam-se, em tom didático, como era próprio do género – um dos muitos com os quais a predicação apresentava ligações⁴⁵³ – as virtudes que deviam orientar a conduta de um príncipe cristão, resumíveis, nas suas palavras, a onze atributos: idade apropriada, sabedoria, justiça, verdade, honesta convivência, alegria, liberalidade, oração frequente, sobriedade, atividade e humildade⁴⁵⁴.

À semelhança do que parece ter-se verificado em relação a Frei Paio, os anos que se sucederam à mudança de observância constituíram uma fase de grande atividade para Santo António. Nos finais de 1220, após um breve período de recolhimento no eremitério

⁴⁴⁷ Martins, “O sermão de Frei Paio,” 356–7; Nascimento, “Paio de Coimbra, Frei,” 505; Marques, “Mundivência cristã,” 15–6.

⁴⁴⁸ Santos, “Os primórdios da presença,” 19.

⁴⁴⁹ Martins, “O sermão de Frei Paio,” 356–7; Nascimento, “Paio de Coimbra, Frei,” 505; Marques, “Mundivência cristã,” 15–6.

⁴⁵⁰ Martins, “O sermão de Frei Paio,” 356–7; Nascimento, “Paio de Coimbra, Frei,” 505; Marques, “Mundivência cristã,” 15–6.

⁴⁵¹ Marques, “Mundivência cristã,” 464: “*Reuera enim in apertione sepulcri eius, tanti odoris suavitatis emanavit quantam me nunquam arbitror percepissem nam tunc temporis ipse presens fui Bononie...*”.

⁴⁵² Ibid, 124–9.

⁴⁵³ I Deug-Su, “Gli ‘specula’,” in *Lo spazio letterario*, 515–340; Silvia Serventi, “A predicação e as Artes Prædicandi,” in *Idade Média*, 403.

⁴⁵⁴ Marques, “Mundivência cristã,” 1240–9.

de Santo Antão, embarcou para o Magrebe, dando início a um curto apostolado por terras norte-africanas, muito abalado pelo episódio dos mártires de Marrocos, humilhados e degolados às mãos do Miramolim⁴⁵⁵. A chegada das relíquias dos cinco religiosos supliciados ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, para onde se viram trasladadas por ordem do infante D. Pedro (†1258) (irmão de D. Afonso II), por meados de 1220, e o conhecimento da sua história terá causado funda impressão em Santo António, impelindo-o ao apostolado⁴⁵⁶. A doença que o atingiu subitamente nesse inverno de 1220 obrigou-o, contudo, a renunciar à missão evangelizadora entre os infiéis, conduzindo-o a Itália, onde, na primavera do ano, seguinte marcou presença no Capítulo Geral das Esteiras, presidido pelo fundador da ordem⁴⁵⁷. Ter-se-á seguido a estadia do menorita no eremitério franciscano de Montepaolo, por um breve período, interrompido de forma inesperada pelo início do seu percurso como pregador aclamado, catapultado por uma prédica entregue em Forlí, no dia 24 de setembro de 1222, perante os frades então reunidos na pequena comuna italiana para assistir às ordenações sacras que ali decorriam⁴⁵⁸. Bem sugestiva do sucesso do sermão foi a sua nomeação, dias depois, como pregador no Capítulo Provincial de São Miguel, episódio que desencadeou uma ação de aproximadamente uma década, muito orientada para o magistério da teologia e para a atividade predicatória, desenvolvida em várias regiões do norte de Itália e do sul de França, onde a ameaça dos desvios à ortodoxia se revelava mais latente⁴⁵⁹. Tratou-se, sem dúvida, da fase mais ativa na vida pública de Santo António, a que os relatos fazem remontar os contactos com algumas das personalidades mais relevantes do seu tempo: São Francisco de Assis, por quem se viu incumbido da missão de ensinar teologia aos seus confrades, entre o final de 1223 e o início de 1224⁴⁶⁰, o que lhe valeu a consagração como primeiro mestre e lente dos franciscanos; Tomás Galo (†1246)⁴⁶¹, célebre teólogo agostiniano de ascendência franca, de quem bebeu diretamente os ensinamentos de teologia mística lecionados no mosteiro piemontês de Santo André de Vercélio, por onde passou no ano de 1224, antes de se entregar, ele próprio, ao magistério⁴⁶²; e o papa Gregório IX (*pontif.*, 1127-†1241),

⁴⁵⁵ Sigano, O essencial sobre,” 8.

⁴⁵⁶ Ibid.

⁴⁵⁷ Norte, *Os intelectuais em Portugal*, 214.

⁴⁵⁸ S. Clasen, “Anthony of Padua,” in *New Catholic Encyclopedia*, 506.

⁴⁵⁹ Norte, *Os intelectuais em Portugal*, 219.

⁴⁶⁰ Lopes, Santo António, 138–40; Rema, “Introdução,” 26; Norte, *Os intelectuais em Portugal*, 216.

⁴⁶¹ P. Edwards e G. A. Zinn, “Thomas Gallus of Vercelli,” in *New Catholic Encyclopedia*, eds. T. Carson e J. Cerrito, vol. 14 (Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979), 30.

⁴⁶² C. Toussaint, “Antoine de Padoue (Saint),” in *Dictionnaire de théologie catholique: contenant l'exposé des doctrines de la théologie catholique, leurs preuves et leur histoire*, eds. A. Vacant, E. Mangenot e E. Amann, vol 1 (Paris: Letouzey et Ané, 1908), 1446.

anterior cardeal Ugolino dos Condes de Segni⁴⁶³, com quem privou em mais de uma ocasião. Primeiro, em 1227, quando na igreja de São João de Latrão, em Roma, na posição de ministro provincial da Emília-Romanha, pregou diante do colégio cardinalício e do pontífice, recebendo do papa o epíteto de «Arca do Testamento»⁴⁶⁴, seguido, anos depois, pelo de «Martelo dos Hereges»⁴⁶⁵. Mais tarde, no tumultuoso capítulo geral de Assis de 1230, a que o menorita português se deslocou na chefia de uma delegação franciscana com o propósito de interceder junto da suprema autoridade da Igreja pela causa favorável ao partido de Frei Elias, na contenda que o opunha à facção liderada por Frei João Parente, motivada por dúvidas relativas à obrigatoriedade jurídica do testamento de São Francisco⁴⁶⁶.

(d) Anos finais

Os últimos anos de Santo António e de Frei Paio inscreveram-se numa conjuntura bastante conturbada, marcada pelo agravamento de conflitos nos quais ambos os religiosos tomaram parte. Com efeito, é de crer que a última ação de alcance social do menorita antes da sua retirada definitiva, em maio de 1231, para o eremitério de Campo San Piero, localizado nas cercanias de Pádua – onde consagrou os últimos meses da sua vida à oração e, aparentemente, à composição de uma parte importante da sua obra homilética –, tenha passado por uma deslocação a Verona⁴⁶⁷. Aí se dirigiu com o propósito de pedir, sem o êxito pretendido, a libertação de um tal Ricardo, conde de São Bonifácio, ao tirano Ezzelino III da Romano (*com.*, 1237-†1259), um partidário de Frederico II (*imp.*, 1225-†1250) no litígio que então grassava entre o imperador e o Papado, e que a partir de 1228 se refletira, em território transalpino, numa escalada da animosidade entre as facções rivais de guelfos (favoráveis ao Papado) e gibelinos (simpatizantes do império)⁴⁶⁸.

Em relação a Frei Paio de Coimbra subsistem, por sua vez, evidências que apontam para uma participação na causa favorável à deposição de D. Sancho II, em 1245, nomeadamente a sua provável identificação com o “*dilectus filius prior fratrum*

⁴⁶³ J. M. Powell, “Gregory IX,” in *New Catholic Encyclopedia*, 1967–79.

⁴⁶⁴ Lopes, *Santo António*, 187; Rema, “Introdução,” 29; Norte, *Os intelectuais em Portugal*, 218.

⁴⁶⁵ Zacharia Laselve, *Annus Apostolicus* (Veneza: Typographia Balleoniana, 1794), 197.

⁴⁶⁶ Rema, “Introdução,” 29; Norte, *Os intelectuais em Portugal*, 219.

⁴⁶⁷ Rema, “Introdução,” 31; Norte, *Os intelectuais em Portugal*, 227.

⁴⁶⁸ Rema, “Introdução,” 31.

Prædicatorum” de que fala a bula *Inter alia desiderabilia*, emitida pela chancelaria de Inocêncio IV (*pontif.*, 1243-†1254) no dia 20 de março desse ano⁴⁶⁹. Na dita bula, um libelo preparatório da deposição do monarca, o pontífice acusava D. Sancho II de conduzir mal os destinos do reino de Portugal e incumbia expressamente os bispos do Porto e de Coimbra, bem como o prior dos dominicanos, de reformarem o seu comportamento⁴⁷⁰. Não é de todo surpreendente que a responsabilidade pela execução do ditame papal tenha recaído sobre Frei Paio, atendendo aos indícios que apontam para a significativa proximidade ao monarca dos mendicantes, em geral, e do autor da *Summa*, em particular. É considerando esta proximidade e o provável envolvimento de Frei Pelágio Abril – Paio é uma contração de Pelágio, outro dos vários nomes pelo qual ficou conhecido o autor da *Summa* – na controvérsia que culminaria no triunfo da monarquia de D. Afonso III, que se explica também a sua presença enquanto testemunha na abertura do testamento de D. Sancho II, em março de 1248, à data aparentemente prior do convento dominicano do Porto⁴⁷¹. Cidade onde teria provavelmente procurado refúgio temporário a partir de 1246, a fim de escapar à enorme cólera, contra os clérigos, do monarca deposto, nesse ano fortificado em Coimbra⁴⁷².

(e) Morte e memória

A presença na verificação do testamento de D. Sancho II constitui a última intervenção pública de que se tem notícia sobre Frei Paio, que morreu com pouco mais de 50 anos, no primitivo convento dominicano da cidade de Coimbra, onde foi sepultado em campa rasa, por volta de 1249, cerca de dezoito anos após Santo António, cuja data e local do passamento se conhecem com maior rigor⁴⁷³. A morte do franciscano ocorreu no dia 13 de junho de 1231, junto ao convento das clarissas de Arcela, localizado nos subúrbios da cidade de Pádua⁴⁷⁴. Dando crédito aos relatos que o mencionam, os primeiros indícios do culto ao menorita ter-se-iam registado imediatamente após a difusão da notícia da sua morte, com a multiplicação das manifestações coletivas de adoração protagonizadas pelos habitantes de Arcela; as altercações que se seguiram pela posse do

⁴⁶⁹ Tuthill, “Fr. Paio and his,” 350.

⁴⁷⁰ Varandas, “Bonus Rex,” 366–7; Fernandes, *D. Sancho II*, 369.

⁴⁷¹ Nascimento, “Paio de Coimbra, Frei,” 505; Marques, “Mundividência cristã,” 14–5; “Fundamentação epistemológica,” 97–8.

⁴⁷² Tuthill, “Fr. Paio and his,” 350.

⁴⁷³ Nascimento, “Paio de Coimbra, Frei,” 505.

⁴⁷⁴ Rema, “Introdução,” 32.

seu corpo, plenamente integradas no contexto das disputas medievais pelas relíquias, de que as mais importantes seriam os corpos incorruptos dos santos⁴⁷⁵; as procissões que acompanharam a sua trasladação para a catedral de Santa Maria de Pádua, onde foi sepultado o seu corpo com todas as exéquias requeridas; e as peregrinações empreendidas pelos fiéis ao seu túmulo, que se foram sucedendo e multiplicando após o enterramento, à medida que a fama de milagreiro do futuro santo⁴⁷⁶ se começou a difundir de Pádua a outras geografias, na origem do carácter eminentemente popular do seu culto⁴⁷⁷.

Uma das mais antigas manifestações de devoção tributadas a Santo António em território português, onde o culto antoniano começou igualmente a enraizar-se desde um período muito inicial, partiu precisamente de Frei Paio que, com o objetivo de homenagear o franciscano e de exortar à imitação das suas virtudes, lhe consagrou duas prédicas no seu sermonário, servindo-se, para o efeito, da *Vita Prima* antoniana⁴⁷⁸. Embora o próprio autor da *Summa* não tenha deixado de ver-se envolto, após a sua morte, numa aura de santo e taumaturgo⁴⁷⁹, a compilação hagiográfica dos seus milagres, realizada na *Vitae Fratrum* – mais propriamente para glória da ordem fundada por São Domingos do que com o propósito específico de homenagear o dominicano⁴⁸⁰ – e as poucas efígies que se lhe conhecem em pequenas estátuas difundidas pela região do Mondego e nos frontispícios de algumas obras portuguesas mais tardias⁴⁸¹, constituem os únicos testemunhos que sobreviveram do seu culto titubeante, aliás, nunca homologado pela hierarquia religiosa. Tais testemunhos evidenciam que a sua devoção persistiu no tempo, não tendo, contudo, ultrapassado o plano local ou alcançado a exuberância do culto antoniano, que se desdobrou numa multiplicidade de exteriorizações devocionais perduráveis nos séculos e assumiu proporções verdadeiramente universais, por força do movimento que imediatamente após a morte do franciscano se originou de forma

⁴⁷⁵ Charles Freeman, *Holy Bones, Holy Dust. How Relics Shaped the History of Medieval Europe* (New Haven-Londres: 2012), 256.

⁴⁷⁶ Indícios claros da enorme aceitação com que esta faceta de taumaturgo do menorita já contaria no século XIV, pelo menos em meios franciscanos, são duas importantes peças hagiográficas, consagradas quase exclusivamente à compilação dos seus milares: a *Vida e Milagres de Santo António de Lisboa*, ed. F. T. Brito (Lisboa: Typ. da Comp. Nacional Editora, 1984) e o *Livro dos Milagres ou Florinhas de Santo António de Lisboa*, introd. e trad. F. F. Lopes, 7.^a ed. (Braga: Editorial Franciscana, 2019).

⁴⁷⁷ Norte, *Os intelectuais em Portugal*, 228–9.

⁴⁷⁸ Dias, “A crítica da vida religiosa,” 458; Marques, “Santo António,” 183–210.

⁴⁷⁹ Martins, “O Sermonário de Fr. Paio,” 344.

⁴⁸⁰ Martins, “O sermonário de Fr. Paio,” 344.

⁴⁸¹ Marques, “Mundividência cristã,” 16–7.

espontânea entre as camadas populares e as autoridades civis e eclesiásticas da cidade de Pádua a favor da sua canonização⁴⁸².

Ao contrário do que se passou com Frei Paio, o reconhecimento formal da santidade do menorita por parte da Igreja não só obedeceu a todas as etapas processuais que na primeira metade do século XIII começaram a ver-se contempladas no Direito Canónico para as canonizações – fruto das políticas centralizadoras da Igreja, que progressivamente chamou a si a prerrogativa de reconhecer os seus santos e, subsequente, a legitimidade dos seus cultos – como foi um dos mais céleres de que há registo na história, graças a uma convergência de interesses políticos entre as principais partes que nele se viram envolvidas. O ato solene que encerrou o processo teve lugar na catedral de Espoleto, a 30 de maio de 1232, no sexto ano do pontificado de Gregório IX, tendo culminado na inscrição do nome do menorita no catálogo dos santos da Igreja Católica, e na fixação do dia da sua festa no aniversário da sua morte (13 de junho)⁴⁸³. Do *negotium sanctitatis* sobreviveram apenas dois documentos, emitidos pela chancelaria pontifícia na sequência da cerimónia solene decorrida em Espoleto, designadamente a bula *Cum dicat Dominus*, de 11 de junho de 1232⁴⁸⁴, pela qual a canonização foi anunciada a toda a Cristandade, de que se conservou um exemplar do século XIII na livraria dos crúzios de Coimbra⁴⁸⁵ – o que demonstra o rápido reconhecimento da sua importância e culto em território português –, e a *Litteras quas*, de 1 de junho do mesmo ano⁴⁸⁶, publicada a fim de comunicar a inscrição do nome do taumaturgo português no catálogo dos santos à população paduana, a grande impulsionadora da sua santificação⁴⁸⁷.

ii) Sermonários

Não obstante a relevância da *fama sanctitatis*, no âmbito da difusão dos nomes de Santo António e de Frei Paio entre os fiéis, poucas dúvidas subsistem hoje quanto à sua faceta de intelectuais distintos e de exímios pregadores, consubstanciada na composição

⁴⁸² Lopes, *Santo António*, 233; Rema, “Introdução,” 32–3; Norte, *Os intelectuais em Portugal*, 229.

⁴⁸³ Armando Norte e Beatriz A. Caldeira, “«Beatissimum Antonium in cathalogo sanctorum conscripsit.» O processo de canonização de Santo António, Doutor Evangélico,” in *Os Santos e a Identidade local* (Lisboa: Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa - Edições Colibri, 2023), 101–20.

⁴⁸⁴ Gregório IX, “Cum dicat Dominus,” in *Bullarium Franciscanum*, 79–81.

⁴⁸⁵ Aires A. Nascimento e José Francisco Meirinhos, *Catálogo dos Códices da Livraria de Mão do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra na Biblioteca Pública Municipal do Porto* (Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1997), 167.

⁴⁸⁶ Gregório IX, “Litteras quas” in *Bullarium Franciscanum*, 79.

⁴⁸⁷ Lopes, *Santo António*, 262; Roberto Paciocco, *Sublimia negotia. Le canonizzazioni dei santi nella curia papale e il nuovo Ordine dei frati Minori* (Pádua: Centro Studi Antoniani, 1996), 162.

dos seus sermonários, testemunhos que são, simultaneamente, modelos da forma, efeitos e funções da pregação mendicante na fase primitiva das duas ordens, em que se afirmavam e modelavam os seus princípios e práticas.

Do ponto de vista formal, as duas coleções de sermões foram elaboradas segundo o modelo do chamado *Sermo Modernus*, também designado escolástico ou temático, surgido entre os finais do século XII e o início da centúria seguinte, em estreita relação com o desenvolvimento da escolástica, das ordens mendicantes e das universidades⁴⁸⁸.

(1) O estilo: *Sermo Modernus*

A Revolução Homilética produzida entre os finais do século XII e as primeiras décadas do século XIII na Cristandade ocidental esteve longe de se limitar a um movimento que acrescentou exigências ao papel dos pregadores. Na verdade, encontrou o seu maior expoente na emergência de um novo modelo de sermão, o *Sermo Modernus*, assim designado por oposição ao *Sermo Antiquus*, ou homilia Patrística, este último baseado na paráfrase e no comentário linear da leitura bíblica imposta pelo ciclo litúrgico⁴⁸⁹. Em vez de assumir a forma de um simples comentário sobre determinadas passagens do *Evangelho*, o *Sermo Modernus*, formulado pelos mestres parisienses de teologia do século XII⁴⁹⁰, assemelhava-se antes a uma exposição erudita, cujo propósito fundamental era transmitir instruções morais e ensinamentos doutrinários⁴⁹¹; daí que a sua principal característica distintiva da homilia Patrística fosse a sua organização em torno de um tema específico eleito pelo pregador, que isolava da liturgia diária uma breve citação, tomando-a como mote para o início da exposição⁴⁹².

Esta finalidade expositiva do *Sermo Modernus* impôs a sua subordinação a uma estrutura rigorosa, impulsionando assim o surgimento das *Artes Prædicandi*, nas quais se sistematizavam, à maneira dos manuais universitários, sobretudo as regras inerentes à génese do sermão: as normas a que devia obedecer a escolha do seu tema; as várias divisões e subdivisões em que se devia repartir; e as técnicas disponíveis para o

⁴⁸⁸ Serventi, “A predicação,” 405.

⁴⁸⁹ Roberto Rusconi, “La Predicazione: Parole in Chiesa, Parole in Piazza,” in *Lo spazio letterario del Medioevo. Il Medioevo latino*, eds. G. Cavallo, C. Leonardi e E. Menestò, vol 2, *La circolazione del testo* (Roma: Salerno Editrice, 1994), 575–83.

⁴⁹⁰ Serventi, “A predicação,” 405.

⁴⁹¹ Ibid, 404.

⁴⁹² Rusconi, “La Predicazione,” 575–83.

desenvolvimento e articulação da sua matéria, em conformidade com os preceitos da nova retórica da pregação⁴⁹³.

Das mais de três centenas de *Artes Prædicandi* que sobreviveram do período medieval, perfaz um conjunto relativamente extenso as que remontam aos séculos XII e XIII e conheceram então grande popularidade em contexto europeu, como o *Liber quo ordine sermo fieri debeat*, do beneditino Guiberto de Nogent (†1125); a *Summa de Arte Prædicatoria*, do teólogo cisterciense Alano de Lille (†1203); a *De artificioso modo prædicandi*, atribuída ao cônego regular Alexandre de Ashby (†séc. XIII); a *Summa de Arte Prædicandi*, do subdiácono da catedral de Salisbúria, Tomás de Chobham (†c. 1233); a *Ars Dilatandi Sermones*, atribuída a Ricardo de Thetford (†séc. XIII); a *Ars Concionandi*, de Pseudo-Boaventura; a *Ars Prædicandi*, composta pelo teólogo e bispo de Paris, Guilherme d’Auvergne (†1249); o *Processus negociandi theamata sermonum*, de João de Rupella; a *Rudimentum doctrinae*, elaborada pelo franciscano Guiberto de Tournai (†1284); a *De eruditione religiosorum prædicatorum*, do Mestre Geral da Ordem dos Pregadores, Humberto de Romans (†1277); e a *Ars faciendi sermones*, do franciscano João de Gales (†1285)⁴⁹⁴.

Embora variem em conteúdo e alcance, estes tratados oferecem, no seu conjunto, um retrato bastante nítido e completo da estrutura preconizada para o sermão moderno, que, refletindo a entrada do método de ensino universitário ao serviço da função pastoral, constava obrigatoriamente de três partes principais: *exordium*, *dilatatio* e *clausio*⁴⁹⁵. *Exordium* e *clausio* correspondiam, respetivamente, a uma espécie de introito, em que se procedia ao anúncio do tema do sermão (uma breve sentença extraída das *Escrituras*, que servia de apoio ao desenvolvimento de todo o discurso) e do seu protema (uma segunda citação das *Escrituras* que servia para reconduzir a audiência ao tema, depois da oração propiciatória); e a uma conclusão, contendo uma exortação à penitência, um sumário das principais noções a reter da recém-proferida prédica e a doxologia final⁴⁹⁶. Era, no entanto, a *dilatatio* que correspondia à parte mais substancial e formalmente mais extensa do sermão moderno. Resultava do desenvolvimento do tema, que se operava através da sua introdução (*introductio thematis*), da sua divisão em várias partes ou cláusulas (*divisio thematis*) e da sua explanação, com recurso a múltiplas estratégias

⁴⁹³ Siegfried Wenzel, *Medieval Artes Prædicandi. A synthesis of scholastic sermon structure* (Toronto: The Medieval Academy of America, 2015), 44–6.

⁴⁹⁴ Ibid, 1–43.

⁴⁹⁵ Rema, “Introdução,” 1-7; Marques, “Mundividência cristã,” 26.

⁴⁹⁶ Rema, “Introdução,” 1-7; Marques, “Mundividência cristã,” 26.

argumentativas, como são exemplos a citação de autoridades, a inserção de *exempla* e *similitudines* no texto e a explicação dos sentidos bíblicos contidos nas palavras (exegese)⁴⁹⁷.

Para além de providenciar um esquema ordenador das ideias a expor durante o discurso, a rígida estrutura a que obedecia o sermão erudito supunha também evidentes vantagens do ponto de vista mnemónico, auxiliando o pregador na memorização do seu conteúdo e facilitando a apreensão dos seus ensinamentos por parte das audiências⁴⁹⁸. Se bem que nunca totalmente descurado por parte dos agentes da pregação, o conhecimento das características dos públicos das prédicas foi outra das questões que passou a merecer maior atenção no *Sermo Modernus*. Comprovam-no, de resto, as numerosas alíneas contidas nas *Artes Prædicandi* em que se preceituava o ajuste das palavras e do estilo do sermão à moldura mental do seu público-alvo, por forma a surtir o efeito desejado⁴⁹⁹. Indissociável dessa preocupação foi também a generalização do recurso à didática dos *Exempla* e das *Anedoctæ*, historietas edificantes mais comumente extraídas das *Sagradas Escrituras* e de peças hagiográficas, mas também de mitos e contos populares, que os pregadores inseriam no tecido narrativo do sermão, com o objetivo de facilitar aos ouvintes a assimilação dos seus principais ensinamentos⁵⁰⁰.

As recolhas de *exempla* e de outros recursos literários persuasivos empregues no desenvolvimento das prédicas, como as *similitudines* – analogias ou comparações maioritariamente extraídas do mundo da natureza, em vez dos *exempla* e das *anedoctæ*, quase sempre bebidos da história humana⁵⁰¹ –, que se foram multiplicando a partir de finais do século XII e inícios da centúria seguinte, contribuíram amplamente para colocar ao dispor dos pregadores um sólido *corpus* de materiais de apoio à composição parenética, complementar aos manuais de *artes prædicandi*⁵⁰². No centro dessa constelação de materiais encontrava-se necessariamente o grande livro oficial da Igreja Católica, no qual o sermão temático encontrou a sua principal inspiração e fonte de motivos: a *Bíblia*, mais precisamente o arquétipo de todos os exemplares em circulação

⁴⁹⁷ Rema, “Introdução,” 1-7; Marques, “Mundividência cristã,” 26.

⁴⁹⁸ Roberts, “The Ars Prædicandi,” 41.

⁴⁹⁹ Ibid.

⁵⁰⁰ Jacques Le Goff, “O Judeu nos Exempla Medievais: o Caso do Alphabetum Narrationum,” in *O maravilhoso e o quotidiano no Ocidente medieval* (Lisboa: Edições 70, 1924), 141; Hugo O. Bizzarri, *El exemplum antiguo: modelos de conducta y formas de sabiduría en la España medieval* (Turnhout: Brepols, 2023), 19.

⁵⁰¹ Roberts, “The Ars Prædicandi,” 56.

⁵⁰² Ibid.

na Idade Média latina, resultante da tradução da *Septuaginta* grega, ou *Bíblia dos Setenta*, para latim, por São Jerónimo (†429)⁵⁰³, no século V, conhecida como edição *Vulgata*⁵⁰⁴.

Ficou a dever-se justamente à enorme relevância assumida pela *Sacra Pagina* no âmbito da pregação mendicante o surgimento de um modelo de *Bíblia* integral que, comparativamente a formatos anteriores, não apresentava um tamanho mais reduzido e, por conseguinte, uma maior portabilidade – adaptando-se plenamente às deambulações de franciscanos e de dominicanos – como continha igualmente capítulos e cabeçalhos que, por sua vez, simplificavam e agilizavam largamente a localização das passagens bíblicas pelos pregadores⁵⁰⁵. A partir do início da centúria ducentista, generalizou-se por toda a Cristandade o interesse neste novo modelo de *Bíblia* portátil, de que subsiste pelo menos um exemplar em contexto português do século XIII, conservado no fundo de Alcobaça da Biblioteca Nacional de Lisboa, fruto da presença mendicante no reino⁵⁰⁶.

Em particular, uma prova do abundante uso feito pelos menoritas das *Escrituras* foi, ainda, a iniciativa de elaborar um compêndio litúrgico com os textos bíblicos a que recorriam com maior frequência na sua pastoral, o chamado *Breviarium secundum consuetudinem romanae curiae*, sem dúvida a variante de Breviário que, na sequência da reforma promovida no início do século XIII por Inocêncio III, com vista à unificação dos livros litúrgicos, conheceu maior divulgação e aceitação na Cristandade, até ao seu afastamento definitivo, mais de três séculos depois, em 1525⁵⁰⁷.

Para além deste *Breviarium*, redigido e adotado pelos franciscanos em 1226, merecem igualmente referência, no âmbito dos mais importantes auxílios bíblicos à pregação, as *Distinctiones*, as *Concordantiae* e, sobretudo, as glosas bíblicas, ou seja, os comentários produzidos pelos Doutores da Igreja, tidos como autoridades indisputadas, sobre o texto das *Sagradas Escrituras*, com o propósito de elucidar o sentido das passagens nele contidas, uma técnica em tudo conforme à usada em círculos académicos e escolásticos⁵⁰⁸. O recurso a tais comentários foi muito usual no contexto da pregação temática, que assentava, acima de tudo, na instrução do significado das *Escrituras*,

⁵⁰³ F. X. Murphy, “Jerome, St.” in *New Catholic Encyclopedia*, 757–60.

⁵⁰⁴ Beryl Smalley, *The Study of the Bible in the Middle Ages* (Notre Dame Indiana: University of Notre Dame Press, 1978), 11; John Barton, *Uma história da Bíblia* (Lisboa: Temas e Debates, 2019), 544; José Antunes, “A Bíblia,” in *Dicionário da literatura*, 85–7; Maria Manuela Brito Martins, “Habitatio e aedificatio na Bíblia Latina,” *Didaskalia* 35, no. 1-2 (2005): 685-699.

⁵⁰⁵ Barton, *Uma história da Bíblia*, 415.

⁵⁰⁶ Luís Correia de Sousa, “O iluminado 51 da Biblioteca Nacional de Portugal: uma Bíblia portátil do século XIII,” *Invenire: Revista de Bens Culturais da Igreja* 1 (2015): 16–25.

⁵⁰⁷ Matías Augé, *Liturgia. Historia. Celebración. Teología. Espiritualidad* (Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 1995), 39.

⁵⁰⁸ Barton, *Uma história da Bíblia*, 418.

encontrando-se, como tal, intimamente ligada à exegese ou hermenêutica bíblica⁵⁰⁹, cujo modelo formal – uma perpetuação da matriz interpretativa já anteriormente seguida pelos Pais da Igreja – resultou originalmente de um entendimento da *Sacra Pagina*, considerada a palavra revelada de Deus, feito à luz de uma premissa incontestável: a existência de plena consonância entre os ensinamentos bíblicos e o sistema de crenças cristão⁵¹⁰. Uma vez que, na prática, esta consonância nem sempre se verificava, subscrevia-se a ideia de que a multiplicidade de inconformidades identificáveis entre as *Escrituras* e os princípios da fé apontava para uma miríade de incongruências ilusórias, facilmente superáveis através da descodificação dos sentidos mais profundos encerrados no texto bíblico. Trata-se de um entendimento que acabou por ser formalizado no esquema quadriforme de interpretação do cânone testamentário, em que cabiam os quatro sentidos extraíveis das passagens bíblicas: o sentido literal ou histórico, que assumia um caráter meramente informativo, descrevendo o que aconteceu no passado, contendo preceitos ou fazendo recomendações; o sentido alegórico ou simbólico, que estudava o significado profundo das metáforas e comparações bíblicas, remetendo para a verdade em que se devia acreditar; o sentido tropológico, figurado ou moral, que ensinava o que se devia fazer, ou seja, como se devia comportar o cristão para atender aos preceitos divinos; e o sentido anagógico, místico ou contemplativo, que introduzia o leitor no êxtase da união com o Deus, indicando aquilo a que se devia aspirar⁵¹¹.

Instrumentos fundamentais no âmbito deste processo interpretativo, os comentários escriturísticos dos maiores exegetas foram objeto de compilação e ordenação alfabética em obras de referência desde um período anterior ao século VII, uma prática acentuada a partir de finais do século XII e prolongada à centúria seguinte, em resposta às necessidades do ensino universitário, não por acaso fortemente permeado pelos mendicantes, no século XIII⁵¹². Da multiplicidade de compilações de glosas em circulação nos séculos XII e XIII, foram essencialmente duas as que mereceram maior difusão na época, designadamente a *Glosa Ordinária* (*Glosa Vulgar*), um comentário contínuo de toda a *Sagrada Escritura*, convencionalmente atribuído a Valafrido Estrabão

⁵⁰⁹ Roberts, “The Ars Prædicandi,” 50.

⁵¹⁰ Henri de Lubac, *Éxégèse médiévale: les quatre sens de l'Écriture* (Paris: Éditions du Cerf, 1993), 305-55; Barton, *Uma história da Bíblia*, 417.

⁵¹¹ Lubac, *Éxégèse médiévale*, 171-207; Barton, *Uma História da Bíblia*, 418; Stephen Penn, “The Bible and Biblical Exegesis,” in *Handbook of Medieval Culture*, ed. Albrecht Classen, vol. 1 (Berlim: De Gruyter, 2015), 134-48.

⁵¹² Rusconi, “La Predicazione,” 575-83.

(†849)⁵¹³, poeta e teólogo nascido na Suábia, discípulo do famoso monge carolíngio Rábano Mauro⁵¹⁴, que dirigiu a abadia do mosteiro beneditino de Reichenau, situado na atual Alemanha; e a *Glosa Interlinear*, uma compilação inspirada na *Glosa Ordinária*, iniciada pelo doutor escolástico Anselmo de Laon (†1117)⁵¹⁵ e continuada pela sua escola⁵¹⁶. Independentemente das incertezas que prevalecem quanto a estas atribuições autorais que, embora sustentadas numa longa tradição historiográfica, estão hoje longe de gerar consenso entre os especialistas⁵¹⁷, o certo é que as reputadas glosas, sem dúvida as duas maiores obras exegéticas da Idade Média, nas quais se recolheram e organizaram alfabeticamente cerca de seis milhares de comentários de Pais e Doutores da Igreja, contribuíram para enriquecer o conhecimento das *Escrituras*⁵¹⁸. Daí que se tenha generalizado a prática da sua inserção nos exemplares da *Vulgata*, ora inscritas entre as linhas do texto bíblico (caso das glosas interlineares, por norma mais curtas), ora nas suas margens (caso das glosas ordinárias, geralmente mais desenvolvidas)⁵¹⁹.

Do amplo repertório de instrumentos de natureza antológica que serviram de apoio à composição parenética, são igualmente dignos de realce certos materiais extrabíblicos, como as coleções de vidas dos santos, algumas das quais elaboradas com o propósito específico de facultar aos pregadores fontes para a extração de *exempla*. Foi o caso do legendário *Abbreviatio in gestis et miraculis sanctorum*, preparado algures na primeira metade do século XIII pelo dominicano João de Mailly (†séc. XIII), e ainda da coletânea de *vitae* elaborada cerca de 1260 pelo seu confrade genovês, Tiago de Voragine⁵²⁰, originalmente circulando sob a designação de *Flores seu legendæ Sanctorum*. Tanto as *vitae* reunidas na obra de João de Mailly como as *legendæ* contidas na coletânea de Tiago de Voragine (vulgarizada sob o nome de *Legenda Aurea* e conhecedora de enorme popularidade na Idade Média, instituindo-se como arquétipo para todos os legendários medievais subsequentes⁵²¹) encontram-se organizadas por ordem da sucessão das festas dos respetivos santos no calendário romano geral, facilitando o seu uso e consulta instrumentais⁵²².

⁵¹³ M. F. McCarthy, “Walafrid Strabo,” in *New Catholic Encyclopedia*, 606.

⁵¹⁴ M. F. McCarthy, “Rabanus Maurus, Bl.,” in *New Catholic Encyclopedia*, 37–9.

⁵¹⁵ P. Rousseau, “Anselm of Laon,” in *The Catholic Encyclopedia*, 498.

⁵¹⁶ Barton, *Uma história da Bíblia*, 426.

⁵¹⁷ Smalley, *The Study of the Bible*, 56–9.

⁵¹⁸ Barton, *Uma história da Bíblia*, 426.

⁵¹⁹ Ibid.

⁵²⁰ Ott, “Blessed Jacopo,” 58–62.

⁵²¹ Ibid.

⁵²² Rusconi, “La Predicazione,” 575–83.

O modelo de organização interna observado nas duas peças visava, sobretudo, facilitar aos pregadores o acesso aos conteúdos hagiográficos, importantes fontes de matéria edificante no âmbito da elaboração de prédicas destinadas às festas dos santos. Estas prédicas, à semelhança das compostas para outras solenidades da liturgia católica, sobreviveram somente sob a forma de *Reportationes* – sermões, ou excertos de sermões, passados a escrito por membros das audiências aquando da sua entrega⁵²³ –, ou ainda, como foi mais comum, no formato de sermões-modelo (ou *Themata Sermonis*) – peças de cariz esquemático utilizadas pelos pregadores na composição das próprias prédicas⁵²⁴ –, reunidas em coleções e postas em circulação a partir de finais do século XII⁵²⁵.

Importantes repertórios de *materia prædicabilis* ao dispor dos pregadores, estas coleções de sermões-modelo prestavam-se, por norma, a uma organização temática. Circularam na Cristandade, quer sob a forma de sermonários *Ad Status*, contendo sermões-modelo, auxiliares à composição de prédicas ajustadas aos diferentes grupos e ordens da sociedade medieval⁵²⁶; quer ainda sob a forma de sermonários inspirados no arco cronológico do ano litúrgico, incorporando *materia prædicabilis* para sermões a recitar nas Missas Dominicais (*Sermones Dominicales*), no período da Quaresma (*Sermones Quadragesimales*), no tempo do Advento (*Sermones Adventuales*), nas solenidades dos santos (*De Sanctis*) e restantes festas litúrgicas (*Sermones Festiui*)⁵²⁷.

Na prática, a Revolução Homilética produzida na Cristandade entre os finais do século XII e o início da centúria seguinte, fruto da intensificação pontifícia da pregação popular e do impulso papal dado às ordens mendicantes, no âmbito das disputas da Igreja com as heresias e as entidades seculares, traduziu-se no surgimento do *Sermo Modernus* e na proliferação de um amplo e diverso arsenal textual destinado à pregação de acordo com este novo modelo parenético: entre outros materiais, *Artes Praedicandi*, recolhas de *Exempla*, *Anedoctae*, *Similitudines*, *Distinctiones* e *Concordantiae*, compêndios litúrgicos, Glosas Bíblicas e coleções de sermões-modelo.

⁵²³ Carolyn Muessig, “Medieval reportationes: hearing and listening to sermons,” in *L'Eloquence de la chair entre écriture et oralité*, eds. C. V. Meli e A. Heneveld (Paris: Honoré Champion, 2018), 77–90.

⁵²⁴ Rusconi, “La Predicazione,” 575–83.

⁵²⁵ Roberts, “The Ars Prædicandi,” 52.

⁵²⁶ Carolyn Muessig, “Audience and Preacher: Ad Status Sermones and Social Classification,” in *Preacher, Sermon and Audience*, 255–78; Rusconi, “La Predicazione,” 575–83.

⁵²⁷ George Ferzoco, “The Context of Medieval Sermon Collections on Saints,” in *Preacher, Sermon and Audience*, 279–92; Juissi Hanska, “Reconstructing the Mental Calendar of Medieval Preaching: a Method and its Limits: an Analysis of Sunday Sermons,” in *Preacher, Sermon and Audience*, 293–316.

(2) A forma: os *Sermones* e a *Summa Sermonum*

No âmbito dos sermões-modelo preparados para o ano litúrgico, em que se inscrevem as coleções homiléticas antoniana e pelagiana, é de todo o interesse observá-los à luz da sua materialidade, contextos, objetivos, estruturas, fontes e motivos.

(a) Materialidade

Do cotejo entre os manuscritos em que se conservaram os *Sermones* de Santo António e os exemplares em que sobreviveu a *Summa Sermonum* de Frei Paio, ressalta de imediato que a obra do franciscano, preservada tanto sob a forma de fragmentos como de peças completas, num total de 18 exemplares datados do período compreendido entre os séculos XIII e XV, amplamente dispersos pelas regiões do centro de Itália, do sudeste da Alemanha, do norte da Áustria e de França⁵²⁸, conheceu maior circulação em panorama europeu do que o sermonário do dominicano. Este, por seu turno, parece não ter suscitado mais do que um interesse circunstancial e localizado, conforme se depreende da existência de uma única cópia da obra, executada já depois da morte de Frei Paio, em outubro de 1250, no *scriptorium* do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, por um monge alcobacense de nome Frei Domingos Peres de Lisboa, que teria agido a pedido de D. Pedro Eanes, abade do mosteiro cisterciense de São João de Tarouca. Assim o sugere o cólofon final do manuscrito, no qual surge a seguinte nota bibliográfica: “*Explicit summa composita a fratre Pelagio Parvo Ordinis Predicatorum et scripta ad preces domini Iohannis abbatis Sancti Iohannis de Theruca per manus Dominici Petri Ulixbonensis, Alcobacie monachi, mense Octobris, era m.cc.lxxx.viii.*”⁵²⁹. A preservação da obra no fundo de Alcobaça, onde foi reproduzida a partir do original, obriga a admitir que o sermonário só pôde ser copiado por empréstimo de outra entidade, quicá o próprio convento dos dominicanos de Coimbra, onde Frei Paio foi prior e cujo espólio literário se perdeu⁵³⁰.

Inserto no códice alcobacense nº 5, CXXX, à guarda da Biblioteca Nacional Portuguesa (BNP), onde é antecedido por um *Sermo Natalis*, de autoria incerta, e precedido por uma *Ars Prædicandi* do teólogo franciscano João de Rupella, o sermonário pelagiano foi escrito sobre um suporte pergamináceo, em letra de transição do século

⁵²⁸ Meirinhos, “S. António de Lisboa,” 167.

⁵²⁹ Martins, “O sermonário de Frei Paio,” 345; Tuthill, “Fr. Paio and his,” 351.

⁵³⁰ Aires A. Nascimento, “Circulação do livro manuscrito,” in *Dicionário da Literatura*, 157.

XIII, com iniciais a vermelho e azul, filigranadas. Consta de um índice alfabético, que ocupa os fólios iniciais do manuscrito (fls. 2-3v), e de 406 sermões-modelo, redigidos em língua latina, que abrangem os 179 fólios seguintes. Deste amplo *corpus* de mais de quatro centenas de sermões festivos, ritmados pelo andamento do calendário litúrgico dominicano e hispânico, 313 prédicas destinam-se especificamente às festas dos santos e mártires, manifestações devocionais observadas pelos fiéis em honra dos seus homens e mulheres veneráveis desde o longínquo período da Igreja primitiva, normalmente no dia das suas mortes, que, na crença cristã, assinalava o início das suas existências espirituais (“*Die Natalis*”)⁵³¹. Tais ocasiões foram, ao longo de toda a Idade Média, enquadradas por rituais litúrgicos específicos, como procissões e romarias em devoção às figuras santas, a exposição dos seus relicários, por vezes ricamente adornados, aos fiéis, a leitura das suas *vitae*, e, inclusivamente, a récita pública de sermões em sua homenagem⁵³². Como tal, é facilmente compreensível que o significativo aumento deste tipo de celebrações religiosas, registado entre os séculos X e XIV no Ocidente cristão, se tenha feito acompanhar da multiplicação de sermonários com sermões *De Sanctis* no panorama da produção homilética medieval, tais como a coletânea de prédicas do arcebispo de Acre, Tiago de Vitry (†1240), o sermonário do teólogo dominicano Pedro de Reims (†1247), os *Sermones De Sanctis* de Inocêncio III, ou a *Summa Sermonum* de Frei Paio⁵³³. A obra do dominicano português inclui sermões para as festas de 60 santos, principiando com 10 panegíricos para a solenidade de Santo André, celebrada a 30 de novembro (início do Advento), e terminando com cinco sermões para a festa de Santa Catarina de Alexandria, celebrada a 25 de novembro (fim do tempo comum, ou seja, fora dos ciclos litúrgicos do Natal e da Páscoa)⁵³⁴.

⁵³¹ P. J. Geary, “Cult of saints,” in *Encyclopedia of Religion*, ed. L. Jones, vol. 3 (Michigan: Thomson Gale, 1987), 2082.

⁵³² Freeman, *Holy Bones*, 14; Philippe Buc, *The Dangers of Ritual* (Princeton: Princeton University Press, 2001), 223.

⁵³³ Ferzoco, “The Context of Medieval,” 279–92.

⁵³⁴ Figuram no sermonário de Fr. Paio prédicas consagradas às seguintes festas: Santo André (10 sermões); São Nicolau, bispo e confessor (8 sermões); Santa Eulália (5 sermões); Santa Luzia (6 sermões); São Tomé (4 sermões); Santo Estêvão (7 sermões); São João Evangelista (8 sermões); Santos Inocentes (8 sermões); São Tomás de Cantuária (9 sermões); São Silvestre (5 sermões); São Sebastião (7 sermões); Santa Inês (8 sermões); São Vicente (10 sermões); São Paulo (10 sermões); Santa Águeda (3 sermões); Cadeira de São Pedro (4 sermões); São Matias (5 sermões); São Gregório Magno (5 sermões); São Bento (4 sermões); Santo Ambrósio (4 sermões); São Jorge (2 sermões); São Marcos Evangelista (4 sermões); São Filipe e São Tiago Menor (9 sermões); São João junto à porta latina (2 sermões); São Barnabé (3 sermões); Santo António de Lisboa (2 sermões); São Gervásio e São Protásio (2 sermões); o nascimento de São João Batista (8 sermões); São João e São Paulo (2 sermões); São Pedro e São Paulo (9 sermões); Santa Marinha (2 sermões); Santa Marina (2 sermões); Santa Maria Madalena (9 sermões); São Tiago Maior (13 sermões); Cadeias de São Pedro (3 sermões); São Domingos (10 sermões); São Lourenço (6 sermões); Santo Hipólito (1 sermão); São Bartolomeu (8 sermões); Santo Agostinho de Hipona (4 sermões); martírio de São João

Intercaladas nas prédicas em honra dos santos e mártires, destacam-se ainda, na obra pelagiana, 45 peças consagradas às festas de Cristo, designadamente a Vigília de Natal (8 sermões), a festa do Natal (9 sermões), a Circuncisão do Senhor (6 sermões), a Epifania do Senhor (12 sermões), a Invenção da Santa Cruz (4 sermões) e a Exaltação da Santa Cruz (6 sermões), na qual se celebrava o episódio da descoberta da Vera Cruz por Santa Helena, no ano de 326, e a sua subsequente recuperação dos Persas, pelo imperador Heráclio, em 630. Há ainda a destacar três homilias compostas para solenidades de natureza mais específica, designadamente as festas do Dia de Comunhão, do Dia das Rogações e do Dia dos Fiéis Defuntos. Por último, ressalta um número substancial de sermões em louvor da Virgem Maria, num total de 45 prédicas destinadas às festas evocativas dos mistérios relacionados com a Purificação (8 sermões), a Anunciação (11 sermões), a Assunção (15 sermões), e a Natividade (11 sermões) da mãe de Cristo⁵³⁵. A presença de tais prédicas na obra de Frei Paio é, de resto, bem sintomática do extraordinário ímpeto assumido pela devoção mariana no Ocidente cristão ao longo dos séculos XII e XIII, bem patente no impressionante número de catedrais e igrejas paroquiais que então tomaram a Virgem por padroeira⁵³⁶. Uma tendência da qual não ficou, aliás, à margem o próprio território português, onde o culto da Virgem depressa chegou, trazido pelos clérigos e cavaleiros vindos de além-Pirenéus, pelos peregrinos portugueses que acorriam a santuários e a terras estrangeiras, e por narrativas da vida e milagres da mãe de Cristo, recolhidas em polos culturais de referência e incorporadas nas livrarias dos mosteiros e das sés implantados no reino⁵³⁷.

Como não podia deixar de ser, também o sermonário antoniano reflete, ainda que em menor escala, a magnitude dessa onda de devoção mariana que então se produziu na Cristandade e que, integrada no culto dos santos, reforçou a religiosidade crística,

Batista (6 sermões); São Cornélio (1 sermão); São Cipriano (2 sermões); São Mateus (8 sermões); São Maurício (2 sermões); São Cosme e São Damião (2 sermões); São Miguel Arcanjo (6 sermões); São Jerónimo (4 sermões); São Francisco de Assis (2 sermões); São Dionísio Areopagita (5 sermões); São Lucas Evangelista (8 sermões); São Simão e São Judas (5 sermões); Todos os Santos (8 sermões); São Martinho de Tours (7 sermões); Santa Cecília (5 sermões); São Clemente (6 sermões); e, finalmente, Santa Catarina de Alexandria (5 sermões).

⁵³⁵ Ao lado dos sermões *De Sanctis* constam ainda na *Summa* pelagiana prédicas consagradas às seguintes efemérides: Vigília de Natal (8 sermões), Natal (9 sermões); Eucaristia (Comunhão) (1 sermão); Circuncisão do Senhor (6 sermões); Epifania (12 sermões); Purificação de Maria (8 sermões); Anunciação de Maria (11 sermões); Rogações (1 sermão); Invenção da Santa Cruz (4 sermões); Assunção da Virgem Maria (15 sermões); Natividade da Virgem Maria (11 sermões); Exaltação da Santa Cruz (6 sermões); e Fiéis Defuntos (1 sermão).

⁵³⁶ Marques, “Mundividência cristã,” 73. John G. Tuthill, “Fr. Paio’s Sermons,” 193-204; “Fr. Paio’s Sermons,” 193-204.

⁵³⁷ Avelino de Jesus da Costa, “A Virgem Maria Padroeira de Portugal na Idade Média,” *Lusitania Sacra* 2 (1957): 7-49.

contribuindo decisivamente para aumentar a participação dos fiéis nos ritos oficiais da Igreja. Inteiramente redigida em língua latina e denotando grande riqueza vocabular, a obra do menorita foi fixada num total de 77 sermões, oito prólogos e um epílogo, organizados segundo o calendário litúrgico romano. As homilias antonianas são convencionalmente repartidas por três grupos, a saber: os *Sermones Dominicales*, que correspondem formalmente à fração mais ampla do sermonário do Santo, perfazendo um total de 53 prédicas, pontuadas por sete prólogos e por um epílogo, para as 53 eucaristias do calendário litúrgico⁵³⁸; os *Sermones Mariani*, um pequeno conjunto de apenas quatro sermões e um prólogo consagrados às quatro festividades litúrgicas que assinalam os momentos mais importantes da vida da Virgem, designadamente as solenidades da Purificação, da Anunciação, da Assunção e do Nascimento de Maria⁵³⁹; e os *Sermones Festiui*, um apartado inacabado, integrado por apenas 20 homilias, repartidas em sete sermões para as sete festas de Cristo – Nascimento, Circuncisão, Epifania, Última Ceia, Crucificação, Ressurreição, Ascensão –, duas homilias em louvor da Virgem, oito sermões compostos para as solenidades dos santos – Protomártir Santo Estêvão, São João Evangelista, os Santos Inocentes, São Paulo, São Pedro, São Filipe e São Tiago, São João Batista, e São Pedro e São Paulo –, uma homilia para a Quarta-feira de Cinzas, um sermão para o Dia das Rogações, e, finalmente, uma prédica para a festa do Pentecostes⁵⁴⁰.

⁵³⁸ No amplo *corpus* dos *Sermones Dominicales* integram-se as homilias do Domingo da Septuagésima; Domingo da Sexagésima; Domingo da Quinquagésima; 1.º Domingo da Quaresma; 1.º Domingo da Quaresma – A Penitência; 2.º Domingo da Quaresma; 2.º Domingo da Quaresma – Segundo Sermão; 3.º Domingo da Quaresma; 3.º Domingo da Quaresma – Em louvor de Maria Santíssima; 4.º Domingo da Quaresma; 5.º Domingo da Quaresma; Domingo de Ramos; Páscoa do Senhor; Domingo na Oitava da Páscoa; 2.º Domingo depois da Páscoa; 3.º Domingo depois da Páscoa; 4.º Domingo depois da Páscoa; 5.º Domingo depois da Páscoa; 6.º Domingo depois da Páscoa; Domingo de Pentecostes; 1.º Domingo depois do Pentecostes; 2.º Domingo depois do Pentecostes; 3.º Domingo depois do Pentecostes; 4.º Domingo depois do Pentecostes; 5.º Domingo depois do Pentecostes; 6.º Domingo depois do Pentecostes; 7.º Domingo depois do Pentecostes; 8.º Domingo depois do Pentecostes; 9.º Domingo depois do Pentecostes; 10.º Domingo depois do Pentecostes; 11.º Domingo depois do Pentecostes; 12.º Domingo depois do Pentecostes; XIII Domingo depois do Pentecostes; XIV Domingo depois do Pentecostes; XV Domingo depois do Pentecostes; XVI Domingo depois do Pentecostes; XVII Domingo depois do Pentecostes; XVIII Domingo depois do Pentecostes; XIX Domingo depois do Pentecostes; XX Domingo depois do Pentecostes; XXI Domingo depois do Pentecostes; XXII Domingo depois do Pentecostes; XXIII Domingo depois do Pentecostes; XXIV Domingo depois do Pentecostes; Primeiro Domingo do Advento; Segundo Domingo do Advento; Terceiro Domingo do Advento; Quarto Domingo do Advento; Primeiro Domingo depois da Oitava do Natal do Senhor; Segundo Domingo depois do Natal do Senhor; Primeiro Domingo depois da Oitava da Epifania; Segundo Domingo depois da Oitava da Epifania; e Terceiro Domingo depois da Oitava da Epifania.

⁵³⁹ Constituem o *corpus* de sermões consagrados à mãe de Cristo as prédicas da Natividade de Maria Virgem Santíssima; Anunciação de Maria Virgem Santíssima; Purificação de Maria Virgem Santíssima; e Assunção de Maria Virgem Santíssima.

⁵⁴⁰ Contam-se entre os sermões festivos o do Natal do Senhor; Festa do Protomártir Santo Estêvão; Festa de São João Evangelista; Festa dos Santos Inocentes; Circuncisão do Senhor; Epifania do Senhor; Conversão de São Paulo; Festa da Purificação de Maria Virgem Santíssima; Cadeira de São Pedro; Quarta-feira de Cinzas; Anunciação de Maria Santíssima; Ceia do Senhor; Ressurreição do Senhor; Festividade

Reitere-se aqui que o santoral ficou inacabado por morte do Doutor Evangélico, em 1131, motivo pelo qual se podem identificar no seu sermonário sermões consagrados quase exclusivamente aos mais ilustres dos santos – os apóstolos e evangelistas –, aos quais teria dado primazia, escapando a esta norma apenas o Protomártir Santo Estêvão e os Santos Inocentes.

Tudo somado, a prevalência na homilética antoniana de sermões destinados às Missas dominicais parece sinalizar o entendimento que o Santo fazia da edificação dos fiéis como produto de um esforço continuado, bem mais do que de pregações de circunstância, cujo impacto sobre as audiências, apesar de aparentemente mais profundo – em virtude do aparato cénico que as envolvia, da fama dos pregadores que as realizavam, da qualidade retórica dos seus sermões e do valor doutrinal da sua substância – tendia, contudo, a desvanecer mais rapidamente⁵⁴¹. Uma visão que parece ter-se imposto gradualmente no período – conforme sugere a relativa abundância de coleções de sermões dominicais que sobreviveram da Idade Média, por oposição a outras tipologias de sermonários – e que poderá ter influenciado a obra do franciscano, cuja data e o local de composição se desconhecem por completo.

(b) Contextos

Se não subsistem hoje quaisquer dúvidas quanto à autenticidade dos *Sermones* e da *Summa Sermonum*, o mesmo já não se pode afirmar sobre a data e o local em que foram elaborados e coligidos os respetivos sermões. No caso do menorita, tais questões deram, nas últimas décadas, argumento a acesos debates entre especialistas na obra antoniana, que expressaram entendimentos divergentes face ao assunto. A corrente historiográfica mais antiga viu no sermonário o produto de um intenso labor desenvolvido pelo frade português durante os escassos anos que antecederam a sua morte, em Campo San Piero⁵⁴². Nos antípodas deste entendimento surgiu uma segunda tese, asseverando a possibilidade de ter sido ainda durante a estadia entre os cónegos regantes de Santa Cruz de Coimbra, em Portugal, que o Santo começou a redigir os sermões dominicais⁵⁴³.

dos Apóstolos São Filipe e São Tiago; Invenção da Santa Cruz; Ladainhas/Rogações; Ascensão do Senhor; Festa do Pentecostes; Natividade de São João Baptista; e os Apóstolos São Pedro e São Paulo.

⁵⁴¹ Hanska, “Reconstructing the Mental,” 293–316.

⁵⁴² Raphael Huber, *St. Anthony of Padua Doctor of the Church Universal* (Washington: The Bruce Publishing Company, 1948), 87–8.

⁵⁴³ Raol Manselli, “La coscienza minoritica di Antonio di Padova di fronte all’Europa del suo tempo,” *Il Santo. Rivista francescana di storia, dottrina e arte* 2 (1982): 29–35.

Quanto à posição que reúne atualmente maior acolhimento, concilia as duas perspectivas anteriores, advogando o entendimento dos *Sermones* enquanto resultado de um trabalho gradual, cujos fundamentos gerais e eventual idealização remontariam às leituras de Santo António durante a sua estância em Santa Cruz de Coimbra, às quais viriam somar-se, num momento mais adiantado da sua vida, os contactos mais ou menos imediatos com os fundos literários das bibliotecas dos conventos de França e Itália, por onde passara pregando e onde se entregara ao magistério⁵⁴⁴. De acordo com esta posição conciliatória, as referências colhidas na casa dos cruzios, em Coimbra, embora não tendo servido de imediata valia ao Santo para a escrita dos seus sermões, nunca verdadeiramente o abandonaram: nem durante o tempo em que se empenhou na angariação de materiais para a sua obra, talvez nos anos de 1222 e 1223, quando foi nomeado para comissões pastorais e evangélicas importantes na região italiana de Rimini, na sequência da sua ordenação enquanto pregador no Capítulo de São Miguel (setembro de 1222); nem quando se dedicou à composição dos sermões dominicais e marianos, provavelmente entre 1223 e 1227, período em que foi indigitado como leitor no convento dos frades menores de Bolonha e conciliou, em terras gaulesas, o ministério da pregação com responsabilidades docentes, destinadas à preparação teológica dos membros recém-ingressados na ordem franciscana; nem mesmo quando investiu os seus últimos esforços na elaboração dos sermões festivos, a pedido do cardeal-bispo titular da igreja de Óstia, Rinaldo de Jenne, futuro papa Alexandre IV (*pontif.*, 1254-†1261)⁵⁴⁵, quase certamente entre o outono de 1230 e a primeira metade do ano de 1231, na sequência da sua retirada para Campo San Piero. Como se referiu, este terceiro e último grupo de prédicas do sermonário antoniano ficaria inacabado, por morte do menorita, em junho do mesmo ano⁵⁴⁶.

Bem menos fraturante se revelou o debate historiográfico em torno da data e do local de composição da *Summa* pelagiana, tendo a maioria dos autores que se debruçaram sobre a obra de Frei Paio convergido quanto à possibilidade de os seus sermões terem, tal como as prédicas antonianas, sido escritos ao longo de um período relativamente extenso, de vários anos, como se infere desde logo da identificação de múltiplos panegíricos para a mesma festa no sermonário do conimbricense⁵⁴⁷. Considerando que a obra constitui a primeira coletânea do género atribuída a um dominicano em contexto português, é

⁵⁴⁴ Beniamino Costa, “Introductio,” in *Sermones Dominicales et Festivi*, eds. Beniamino Costa, Leonardo Frasson, Ioanne Luisetto (Pádua: EMP, 1979), 22–4.

⁵⁴⁵ P. M. Savage, “Alexander IV, Pope,” in *The Catholic Encyclopedia*, 257–9.

⁵⁴⁶ Ibid. Costa, “Introductio,” 22–4.

⁵⁴⁷ Nascimento, “Paio de Coimbra, Frei”, 505.

razoável admitir que a sua composição se iniciou em Coimbra, em data anterior ao ingresso de Frei Paio na Ordem dos Pregadores⁵⁴⁸. Uma hipótese não totalmente desmentida pela crítica interna da *Summa*, que, contudo, sustenta os anos compreendidos entre 1234 e 1240, em que o contemporâneo de Santo António envergaria já o hábito dominicano, como os mais prováveis para a redação da maior parte dos sermões⁵⁴⁹, compilados cerca de 1250, pouco antes da sua morte, talvez no convento dos Dominicanos de Coimbra⁵⁵⁰.

(c) Objetivos

No que concerne às finalidades e aos destinatários dos sermonários, sabe-se que nem os sermões do menorita, nem os do dominicano se prestavam a ser pronunciados tal como foram escritos, sob a forma de tópicos ou esquemas de pregação, e muito menos se adequavam, nesses moldes, a ser proferidos em meios populares, onde a sua descodificação encerraria certamente dificuldades para audiências menos instruídas, em alguns casos, intransponíveis⁵⁵¹. Uma circunstância para a qual concorrem, entre outros fatores, o idioma das prédicas, inteiramente escritas em latim; a densa rede de citações alusivas a episódios, personalidades e lugares que estariam seguramente longe de ser do conhecimento do público geral; mas também o caráter erudito das matérias versadas no seu conteúdo, fortemente sugestivo de que as duas obras se direcionavam a públicos especializados e instruídos⁵⁵². Nesse sentido, supõe-se que terão servido tanto o propósito de manuais de teologia e de oratória sacra, destinados à preparação de futuros pregadores da ordem franciscana e dominicana, como, sobretudo, a função de auxiliares de pregação, ou repositórios de *materia prædicabilis*, ao dispor dos mendicantes e de outros religiosos que a eles tivessem acesso⁵⁵³. Supletivamente, poderão ter fornecido temas e motes para leituras em contexto litúrgico⁵⁵⁴.

⁵⁴⁸ Ibid.

⁵⁴⁹ Marques, “Mundividência cristã,” 60.

⁵⁵⁰ Ibid.

⁵⁵¹ Pacheco, “Exegese e Pregação,” 1298; Marques, “A pregação em Portugal,” 344; Marques, “A pregação medieval,” 606.

⁵⁵² Pacheco, “Exegese e Pregação,” 1298; Marques, “A pregação em Portugal,” 344; Marques, “A pregação medieval,” 606.

⁵⁵³ Pacheco, “Exegese e Pregação,” 1298; Marques, “A pregação em Portugal,” 344; Marques, “A pregação medieval,” 606.

⁵⁵⁴ Pacheco, “Exegese e Pregação,” 1298; Marques, “A pregação em Portugal,” 344; Marques, “A pregação medieval,” 606.

Que a audiência direta do sermonário antoniano se compunha exclusivamente de menoritas oferece poucas dúvidas, insinuando-se essa intenção logo no prefácio geral dos *Sermones Dominicales*, onde o Santo confessa ter partido justamente dos seus confrades o pedido para a compilação dos 77 sermões que constituem a sua obra homilética⁵⁵⁵. A ideia é, por sua vez, confirmada no epílogo da mesma série de prédicas, em que o próprio esclarece tê-la composto para a consolação dos seus irmãos, edificação dos fiéis e remissão dos pecados⁵⁵⁶, oferecendo igualmente aos seus leitores algumas estratégias para motivação dos públicos das homilias⁵⁵⁷. Os frades da Ordem dos Menores tinham, pois, nos *Sermones* antonianos um manual didático, mas também um manual rico em esquemas formais e motes de pregação que podiam empregar no arranjo e desenvolvimento das suas próprias prédicas, ficando, naturalmente, ao critério de cada pregador a adaptação das arengas às audiências a que ultimamente se destinavam, de acordo com os preceitos das *artes prædicandi*⁵⁵⁸. Como referido, para além destas finalidades, é possível que a obra do menorita tenha igualmente servido o propósito de repositório de leituras a realizar em contexto litúrgico, tanto entre os menoritas como entre os religiosos de outras observâncias, que a ela acederam por intermédio dos copiosos exemplares em que foi preservada⁵⁵⁹.

Contrariamente ao que sucede em relação ao sermonário do franciscano, não constam na *Summa* de Frei Paio quaisquer pistas explícitas acerca dos objetivos inerentes à sua composição. Porém, a rígida estrutura e o conteúdo dos sermões do dominicano permitem desde logo entrever que tais propósitos não terão divergido dos fins didáticos supracitados para as prédicas do menorita, transversais, de resto, à vasta maioria das coleções de sermões-modelo que sobreviveram do período medieval⁵⁶⁰. Deixam também escassa margem para dúvidas os destinatários imediatos do sermonário, identificando-se nalgumas das suas prédicas expressões como “*nostri ordinis*”, sugestivas de que a obra se destinaria originalmente aos dominicanos, talvez aos frades do próprio convento de que Frei Paio fora prior, em Coimbra⁵⁶¹. Entretanto, a *Summa* parece ter suscitado

⁵⁵⁵ Santo António, “Sermões dominicais e festivos,” in *Santo António de Lisboa, Doutor evangélico, Sermões dominicais e festivos*, ed. e trans. Henrique Pinto Rema, vol. I (Porto: Lello & Irmão, 1987), 3: “[...] os pedidos e o amor dos confrades, que a tal empresa me compeliram [...]”.

⁵⁵⁶ Ibid, 605: “Eia, portanto, irmãos caríssimos [...] para vossa consolação, edificação dos fiéis e remissão dos meus pecados, compus como soube, esta obra dos Evangelhos pelo curso do ano.”

⁵⁵⁷ Marques, “Mundividência cristã,” 35.

⁵⁵⁸ Francisco da Gama Caeiro, *Santo António de Lisboa*, vol. 2 (Lisboa: Instituto Nacional - Casa da Moeda, 1995), 185-6.

⁵⁵⁹ Ibid.

⁵⁶⁰ Martins, “O sermonário de Fr. Paio,” 339.

⁵⁶¹ Tuthill, “Fr. Paio and his,” 354.

igualmente algum interesse em círculos cistercienses – apontando para a existência de um sistema de relações culturais entre as duas casas monásticas, porventura ampliável às relações entre instituições eclesiásticas alcobacenses e conimbricenses – disso dando conta a cópia em que se conservam atualmente os 406 panegíricos, executada, como referido, a pedido do abade do Mosteiro de São João de Tarouca, no *scriptorium* de Santa Maria de Alcobaça, de onde, contudo, nunca chegaria a sair, subsistindo mesmo indícios de que teria sido usada na escola desse mosteiro⁵⁶². Destaque, neste sentido, para a coerência temática discernível no agrupamento dos textos do códice alcobacense em que foi inserido o manuscrito, onde figura em conjunto com um tratado concebido por João de Rupella para a instrução dos pregadores. Um arrumamento que sugere a finalidade pedagógica assumida pela obra do dominicano na escola monacal de Santa Maria de Alcobaça, de acordo com as lógicas de organização que geralmente superintendiam à constituição de códices. Na mesma finalidade didática residiria o interesse de D. Pedro Eanes em possuir um exemplar do mesmo sermonário, ainda que possivelmente adaptado à espiritualidade cisterciense dos monges de São João de Tarouca⁵⁶³.

(d) Estrutura e fontes

Se as peças dos dois pregadores portugueses partilham, como se viu, notórias afinidades no que concerne às suas finalidades didáticas e destinatários religiosos, o mesmo já não se pode afirmar relativamente à estrutura orgânica a que obedecem os seus sermões que, embora genericamente alinhados com o modelo do sermão erudito medieval, isto é, do *Sermo Modernus*, não deixam de apresentar entre si diferenças de organização interna. Com efeito, enquanto a prédica de Santo António respeita, no essencial, a conhecida divisão clássica em tema, protema, divisão, explanação e conclusão, nem sempre estes elementos figuram integralmente no sermão de Frei Paio, merecendo especial referência, no caso vertente, a habitual ausência do protema, uma criação do século XIII, cujo uso se generalizou sobretudo a partir da segunda metade da mesma centúria⁵⁶⁴.

Não obstante, nas prédicas dos dois sermonários figura invariavelmente o elemento definidor do sermão escolástico, ou temático: o tema de inspiração litúrgica,

⁵⁶² Nascimento, “Paio de Coimbra, Frei,” 505.

⁵⁶³ Ibid.

⁵⁶⁴ Roberts, “The Ars Praedicandi,” 44.

uma curta sentença extraída das *Sagradas Escrituras*, a servir de ponto de partida para a *dilatatio*, que principiava pela *divisio thematis*. Nos sermões de Frei Paio, este processo de divisão do tema obedece tanto aos esquemas das circunstâncias da ação (“*Quis*”, “*Quid*”, “*Quomodo*”, “*Quando*”, “*Ubi*”, “*Ex quibus*”, “*A quo*”, “*Qualiter*”, respetivamente, “*Quem*”, “*O quē*”, “*Como*”, “*Quando*”, “*Onde*”, “*De quem*”, “*A quem*”, “*De que modo*”) recomendadas pela escolástica⁵⁶⁵, como a uma lógica de repartição numérica adjuvante da mnemónica (e.g., “*Primo*”, “*Secundo*”, “*Tertio*”)⁵⁶⁶, métodos usados com maior parcimónia no processo de *divisio* das prédicas antonianas, bem mais clara do que a do dominicano, por usar cláusulas estritas⁵⁶⁷.

Mas as diferenças entre a homilética dos dois mendicantes não se esgotam neste particular, refletindo-se igualmente nas tendências hermenêuticas manifestas na *explanatio*. Se é evidente que ambos conhecem os quatro sentidos bíblicos e os aplicam, por vezes, em simultâneo, predomina em Frei Paio o uso do sentido literal ou histórico, que, desde a segunda década do século XIII, se impusera entre a comunidade letrada parisiense, graças à influência da escola de São Vítor de Paris⁵⁶⁸. Por seu turno, preponderam em Santo António as interpretações alegóricas, que melhor se prestavam a aplicações morais, reflexo do abundante uso que o Santo fez da *Glosa Interlinear*⁵⁶⁹. De facto, estão contabilizadas num total de mais de 1300 as transcrições de glosas bíblicas realizadas pelo menorita nos seus sermões, das quais mais de oito centenas, o equivalente à expressiva maioria, remetem para a glosa atribuída a Anselmo de Laon, na qual preponderam as leituras espirituais-alegóricas da *Bíblia*, e as restantes 550 para a *Glosa Ordinária*. A *Glosa Interlinear* foi, por sua vez, a que mais influenciou o sermonário de Frei Paio, ainda que a uma escala bem menos impressiva, perfazendo, no seu conjunto, menos de duas centenas as glosas bíblicas identificáveis na obra do dominicano.

À margem destas diferenças, é seguro afirmar que a *Sacra Pagina* se instituiu como o centro da pregação de Santo António e de Frei Paio, que, curiosamente, encontraram no *Antigo Testamento* o maior repositório de motivos para as suas homílias, o equivalente a um total de 3564 citações, no caso do franciscano, e a 3323 citações, no caso do dominicano, ficando-se o *Novo Testamento* por apenas 2363 e 1749 citações,

⁵⁶⁵ Nascimento, “Paio de Coimbra, Frei,” 505.

⁵⁶⁶ Dias, “Os Sermões de Fr. Paio,” 386.

⁵⁶⁷ Pacheco, “Exegese e pregação,” 1302–3.

⁵⁶⁸ Reinhardt, “Die Sermones von Fray Pai,” 365–72; Marques, “Mundividência cristã,” 60.

⁵⁶⁹ Caeiro, “Hermenêutica e conhecimento,” 11–5; Frias, “De signis pulsandis”.

respetivamente⁵⁷⁰. Trata-se, à primeira vista, de um dado pouco expectável, atendendo à predominância de temas cristológicos e mariológicos nos dois autores, ambos centrais na fundação das duas ordens, que reclamavam o regresso ao apostolado cristão primitivo e à sua mensagem. Neste pressuposto, seria mais previsível a preferência de ambos por motivos neotestamentários nas suas prédicas, descritivos dos episódios essenciais da Vida, Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo, e dos momentos mais relevantes da vida da Virgem.

Por outro lado, a predileção pelo *Antigo Testamento* afigura-se como uma prática comum na época medieval, em que esteve longe de ser rara a fundamentação preferencial dos autores na chamada *Bíblia* hebraica. Nela encontravam uma quase inesgotável fonte de paralelismos (políticos, militares e sociais) com o seu próprio tempo⁵⁷¹. Da análise comparativa aos livros do *Velho Testamento* ressaltam também tendências análogas na utilização que dele fizeram os dois mendicantes. Foram os *Livros Sapienciais* os mais procurados por ambos, seguidos de perto pelos *Livros Proféticos*, depois pelo *Pentateuco* e, por último, pelos *Livros Históricos*⁵⁷². De resto, também no que toca aos livros mais invocados do *Novo Testamento*, os sermonários refletem notórias afinidades, indo, nas duas obras, o maior número de citações para os *Livros Históricos*, seguidos pelos *Sapienciais* e, finalmente, pelo *Livro Profético* (o *Apocalipse de São João*)⁵⁷³.

Imediatamente abaixo da *Bíblia*, na hierarquia das autoridades em que mais se apoiaram Santo António e Frei Paio, surgem os Padres da Igreja, merecendo especial destaque, neste contexto, a Patrística Latina, personificada por Santo Agostinho – a figura fundadora da teologia monástica em que ambos se formaram⁵⁷⁴ – seguido por Gregório Magno, Isidoro de Sevilha (†636) e Bernardo de Claraval. A homilética e os comentários escriturísticos do bispo de Hipona, os *Dialogorum* e os *Moralia in Job* do sumo pontífice, as *Etimologias* do bispo de Sevilha e os sermões e epístolas do cisterciense foram, do universo da Patrística, os mais citados pelos dois mendicantes. Contudo, bem vincada nos seus sermonários encontra-se ainda a influência de outras autoridades cujos trabalhos rechearam os armários da canónica regente de Coimbra, entre as quais se incluem Jerónimo de Estridão, Ambrósio de Milão, Orígenes, Papias, João Crisóstomo, João

⁵⁷⁰ Marques, “Mundividência cristã,” 67–70.

⁵⁷¹ Saúl António Gomes, “Três Ensaaios de História Monástica Medieval Portuguesa,” *Revista de História da Sociedade e da Cultura* 8 (2008): 90.

⁵⁷² Marques, “Mundividência cristã,” 67–70; Gomes, “Três Ensaaios,” 91.

⁵⁷³ Marques, “Mundividência cristã,” 67–70; Gomes, “Três Ensaaios,” 91.

⁵⁷⁴ R. J. Teske, “Augustine, St.,” in *New Catholic Encyclopedia*, 850–68.

Damasceno, Beda, Pedro Damiano, Euquerio de Lugduno, Cesário de Arles e Fulgêncio de Ruspe⁵⁷⁵.

Ao lado dos escritos dos Pais da Igreja, também as obras de nomes maiores da teologia, como o *Liber sententiarum* de Pedro Lombardo, a famosa *Historia scholastica* de Pedro Comestor, a enciclopédica *De rerum naturis* do carolíngio Rábano Mauro e os comentários escriturísticos de Hugo de São Vítor, deixaram a sua marca na parenética dos dois pregadores portugueses. Já o mesmo não se pode afirmar acerca dos trabalhos de insígnies canonistas, como Graciano, Inocência III e Gregório IX. De facto, embora o saber jurídico tenha sido um denominador comum às obras de Santo António e Frei Paio, apenas no sermonário do dominicano sobressaem citações explícitas extraídas de importantes compilações de direito, como o *Decretum Gratiani* e as *Decretales Gregorii IX*, em parte justificativa de uma eventual formação jurídica em Bolonha, de que teria beneficiado o conimbricense⁵⁷⁶.

Não é também de estranhar, atendendo a que a vasta maioria das prédicas da *Summa Sermonum* se destinava às solenidades dos mártires e santos, que o dominicano se tenha servido de narrativas hagiográficas com maior frequência que o menorita, tomadas tanto de peças autónomas como de coletâneas, como a célebre *Legenda Aurea* de Tiago de Voragine, acolhida nos claustros do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, ainda no século XIII⁵⁷⁷. De salientar é ainda o recurso que fez de situações reais, tanto autobiográficas como testemunhais⁵⁷⁸, que a prédica antoniana ignora por completo, nem por isso refletindo menor variedade nas suas fontes de inspiração do que a *Summa*. Exemplifica-o, com grande propriedade, o uso feito nos *Sermones*, pelo menorita, do célebre bestiário de Hugo de Folieto, o chamado *Aviarium (de bestiis et aliis rebus)*, cuja riqueza em alegorias morais, introduzidas por intermédio das diferentes aves, constituiu, sem surpresa, um atrativo para o Santo, claramente influenciado na sua parenética pela visão panteísta franciscana e por uma visão agostiniana de matriz platónica, contrastante com o pendor aristotélico da sermonística do dominicano⁵⁷⁹.

Por último, também não ficaram à margem das leituras dos dois pregadores portugueses autores profanos, identificando-se num e noutro referências às obras dos filósofos Aristóteles, Cícero, Séneca, Plínio e Boécio, dos poetas Ovídio, Horácio e

⁵⁷⁵ Gomes, “Três Ensaiois,” 91–2.

⁵⁷⁶ Marques, “Mundividência cristã,” 16.

⁵⁷⁷ Anselmo, “Os códices alcobacenses,” 55.

⁵⁷⁸ Nascimento, “Paio de Coimbra, Frei,” 505.

⁵⁷⁹ Marques, “Mundividência cristã,” 39.

Juvenal, do dramaturgo Terêncio, do historiador judaico Flávio Josefo, do gramático e filólogo Cassiodoro e do político romano Catão. Nomes a que se somaram ainda, nos sermões antonianos, os dos gramáticos Varrão, Solino, Sérvio e Donato, dos poetas Públio Siro, Tíbulo, Lucano e Marcial, do historiador Cláudio Eliano e dos farmacologistas Dioscórides e Escribão Largo. Já na obra do dominicano, sobressaem ainda citações a obras atribuídas aos filósofos Platão, Diógenes, Epicuro, Avicena e Averróis, ao jurista romano Ulpiano, aos poetas Pérsio Flaco e Claudiano e ao historiador romano Patérculo⁵⁸⁰.

Resumidamente, os sermonários de ambos seguiram, no essencial, as lições da *Bíblia*, da Patrística Ocidental e dos principais teólogos medievais, sem se furtarem aos ensinamentos dos autores clássicos mais consagrados – no que estavam bem sintonizados com a tradição cristã – mas acomodando ainda escolhas distintas, em resultado de opções teológicas diferenciadas: mais enraizadas no platonismo de cariz agostiniano, em Santo António; e mais próximas das novas reorientações aristotélicas do cristianismo, em Frei Paio.

(e) Motivos

Tão ou mais variadas do que as influências que impregnaram os sermonários dos dois mendicantes são as matérias versadas nos seus conteúdos, que oferecem uma multiplicidade de dados relativos aos principais acontecimentos e doutrinas teológicas do período. Não podendo caber aqui a pretensão de esquadriñar minuciosamente a complexa mensagem consubstanciada em cada sermonário, justifica-se, ainda assim, o realce de algumas constantes temáticas identificáveis nas duas obras, que não ignoraram algumas das questões mais eminentes do seu tempo. Tomem-se, a título exemplificativo, as preocupações manifestas por ambas em matéria de heterodoxia religiosa, face aos movimentos heréticos e à premência da sua conversão ao catolicismo⁵⁸¹. Diferenças que, contudo, tenderam a ser suplantadas, no caso de Frei Paio, pela exaltação dos mistérios do cristianismo e pela exposição do exemplo edificante da vida dos santos, e, no caso do franciscano, pelas exortações morais aos ideais apostólicos da pobreza, da humildade e

⁵⁸⁰ Gomes, “Três Ensaíos,” 91–2.

⁵⁸¹ Ibid, 108–10; Alice Tavares, “La literatura de la polémica religiosa judeocristiana en Portugal antes de la expulsión, en 1497,” in *Iberia Judaica. Asociación Hispana de Estudios Hebraicos. La polémica judeo-cristiana en Hispania. The Jewish – Christian Controversy in Hispania*, vol. II (Alcobendas: Asociación Hispana de Estudios Hebraicos (AHEH), 2010), 177–92.

da penitência, assentes, no pensamento antoniano, sobre os quatro princípios fundadores da sua doutrina criacionista: Deus, o Mundo, o Homem e a Alma⁵⁸². Já o pensamento de Frei Paio, tal como vertido na sua parenética, espraia-se por uma miríade de temas teológicos, que abrangem elucubrações sobre a função racional da fé, a teologia como ciência em sentido aristotélico, os vestígios de Deus na natureza, a providência divina, a condição feminina e as normativas morais do comportamento do príncipe cristão⁵⁸³.

No sentido de facilitar a assimilação destas mensagens aos futuros auditores e leitores das suas prédicas, os dois mendicantes socorreram-se de uma multiplicidade de efeitos literários e de artifícios retóricos, tais como *exempla*, extraídos da *Bíblia*, de peças hagiográficas e, no caso de Frei Paio, da sua experiência pessoal; etimologias de nomes próprios e topónimos, tomados de peças de pendor classificativo; provérbios e sentenças, bebidos das obras dos autores do mundo clássico e dos Padres da Igreja; símbolos e alegorias; e ainda *similitudines* e analogias. Enfim, recursos elaborados a partir de um amplo conjunto de motivos: anatómicos, zoológicos, botânicos, mineralógicos e meteorológicos, ligados ao mistério da Criação divina, de que o sermão aos pássaros de São Francisco e o sermão aos peixes de Santo António são exemplos significativos. Acrescem-lhes numerosos motivos bélicos, representando estes últimos um amplo filão das obras dos dois mendicantes, enquadrável na longa tradição literária da Psicomaquia, em seguida objeto de tratamento circunstanciado.

⁵⁸² Carlo Varotto, “Dizionario della dottrina di S. Antonio,” *Il Santo* 8 (1968): 21–60.

⁵⁸³ Marques, “Mundividência cristã,” 71–135.

2) Clausula II: Imagética bélica

a) A Psicomaquia na tradição literária cristã

Ó cela, tu és o tabernáculo do exército sagrado, a linha de batalha do exército vitorioso, o acampamento de Deus (Gn 32,2), a torre de David, construída como uma fortaleza, cercada por mil escudos, cada qual o escudo de um herói (Ct 4,4)! [...] Tu és um baluarte para aqueles que se apressam para a batalha, uma muralha para os corajosos, uma defesa para os combatentes que não conhecem a palavra ‘rendição’. Deixai a bárbara fúria do inimigo circundante rugir, deixai-os avançar insidiosamente e atirar os seus projéteis, e deixai que as espadas brandidas vos pressionem de todos os lados como uma floresta. Aqueles que estão no vosso interior, armados com a couraça da fé (Ef 6,14), dançam de alegria sob a inexpugnável proteção de Cristo, seu comandante, e celebram as suas vitórias sobre um inimigo que já sucumbiu à derrota certa⁵⁸⁴.

O excerto em epígrafe, extraído do *Liber qui dicitur ‘Dominus uobiscum’* (séc. XI), obra teológica da autoria do monge beneditino e prior do mosteiro italiano de Fonte Avellana, Pedro Damiano (*pri.*, 1043-†1072)⁵⁸⁵, constitui, senão a mais antiga, certamente uma das mais vívidas e expressivas descrições da cela monástica como uma fortificação militar identificável nos escritos dos autores cristãos da Idade Média⁵⁸⁶. É um exemplo ilustrativo e particularmente feliz do modo como as representações alegóricas e metafóricas da guerra que perpassaram os sermonários de Santo António de Lisboa e de Frei Paio de Coimbra estiveram longe de se afigurarem como uma originalidade das suas obras; ou tão-pouco do género literário e do período em que se inscrevem. Tais construtos configuram antes um dos mais antigos e apreciados *topoi* literários e iconográficos do mundo ocidental – o do combate espiritual ou Psicomaquia –, cuja história corre, no âmbito do cristianismo, a par com a da génese do conceito, correlato, de *militia Christi* (“Guerra de Cristo”)⁵⁸⁷.

⁵⁸⁴ Pedro Damiano, “*Liber qui dicitur ‘Dominus uobiscum’*,” in *Patrologia cursus completus: Series Latina*, ed. J. -P. Migne, vol. CXLV (Paris: Migne, 1853), 247–8: “*O cella sacrae militiae tabernaculum, procinctus triumphatoris exercitus, castra dei, turris David, quae aedificata est cum propugnaculis; mille clypei pendent ex te, omnis armatura fortium !, (Cant. IV.) [...] Tu vallum in expeditione currentium, tu munitio fortium, tu praesidium cedere nescientium pugnatorum. Fremat hostium circumfusa barbaries, accedant vineae, phalaricis, missilia iaculentur, vibrantium gladiatorum silva densescat; qui in te sunt, lorica fidei praemuniti sub imperatoris sui invicta protectione tripudiant, et de hostium suorum dejectione jam certi triumphant.*”.

⁵⁸⁵ C. Duggan, “Peter Damian, St.,” in *New Catholic Encyclopedia*, 186–7.

⁵⁸⁶ Smith, *War and monastic*, 149.

⁵⁸⁷ Em determinados contextos, o termo pode igualmente traduzir-se por “hoste de Cristo”.

Na aceção mais consensualizada entre os autores especializados no assunto, a noção de *militia Christi*, verdadeiramente estruturante da espiritualidade cristã, tanto oriental quanto ocidental, remete para a luta (física e espiritual) que o cristão é chamado a travar contra a origem do mal (*Principium Iniquitatis*) e as suas diferentes encarnações e afiliações, enquanto protagonista do grande confronto cósmico entre o Bem e o Mal, que só terminaria com a Parúsia, a segunda vinda de Cristo à Terra para presidir ao Juízo Final⁵⁸⁸. Foi nas *Escrituras*, mais precisamente em diversos versículos das *Epístolas Paulinas* – de todos os textos canónicos neotestamentários, sem dúvida os mais expostos e glosados durante os primeiros séculos da era cristã⁵⁸⁹ – que a noção encontrou o seu substrato primário. A analogia que nelas operou o Apóstolo dos Gentios, não por acaso um antigo combatente, entre a vida do cristão e a *praxis* militar – o que, por outras palavras, se tem também qualificado como teoria paulina da guerra espiritual – tornar-se-ia parte de uma linguagem à qual cada contexto socio-religioso conferiria uma nova capacidade de evocação⁵⁹⁰.

Tendo em vista o enquadramento da imagética ligada ao *topos* da Psicomaquia nos sermonários antoniano e pelagiano, procurou-se traçar uma síntese das principais expressões literárias do tema em que a noção de *militia Christi*, enquanto combate interior, se foi cristalizando nas obras de vários autores cristãos, como Pedro Damiano, desde a origem bíblica deste conceito, ao longo dos cinco momentos-chave do seu desenvolvimento: a *Era dos mártires* (sécs. I-III), o monaquismo pré-beneditino (sécs. IV-V), o período alto-medieval (sécs. VI-X), os séculos que testemunharam a eclosão das Cruzadas (sécs. XI e XII) e, finalmente, a centúria que assistiu ao surgimento do surto mendicante.

i) Origens bíblicas

A conceção metafísica de guerra que subjaz à imagética militar discernível nos sermonários de Santo António e Frei Paio, e em tantas outras obras deixadas por nomes maiores do cristianismo, foi antecedida por expressões análogas, com origem no que o historiador alemão, Johan Auer, intitulou de “um fundo humano primitivo e pré-cristão”⁵⁹¹. O tema teria, com efeito, primeiro surgido no século VII a.C., no âmbito do

⁵⁸⁸ Paolo Tomea, “‘Il proelium’ cristiano: scene dai testi agiografici,” in *‘Militia Christi’ e crociata*, 574.

⁵⁸⁹ Grégoire, “Esegesi biblica,” 21.

⁵⁹⁰ Leclercq, “Militare Deo,” 9.

⁵⁹¹ Auer, “Militia Christi”, 1210–23.

zoroastrismo, que concebia o mundo como palco do perpétuo enfrentamento entre um espírito bom e um espírito maligno, cujo desfecho passava invariavelmente pelo triunfo do primeiro e pelo alcance da felicidade por parte de todos os homens que ao lado dele haviam combatido⁵⁹². Se, na religião de Zaratustra, a *militia* surgia, pois, como traço característico da conceção metafísica e religiosa do homem, entre os gregos, de Homero aos tempos helenísticos, foi sinónimo de *agon*, quer dizer, de uma competição estética ou atlética, ao serviço de uma divindade local, de um clã ou de todo o povo, que visava, ultimamente, a realização do ideal humano e social da *Paideia*⁵⁹³. Já no contexto do estoicismo romano, a luta em prol da autorrealização e da glória, que se entendia ser a da busca pela liberdade moral – a *Virtus* romana – deu ensejo a um sem-número de reflexões em autores como Séneca, cujo famoso aforismo “Viver é lutar” (“*Vivere militare est*”)⁵⁹⁴, devedor da filosofia pré-socrática e socrática⁵⁹⁵, ecoaria, entretanto, nos escritos dos seus sucessores mais imediatos, Epicteto e Marco Aurélio. Um e outro, com diferentes nuances e em contextos distintos, estabeleceram igualmente uma analogia entre a vivência humana e o exercício militar⁵⁹⁶.

Assemelhável à feição assumida pela noção de *militia* na ética pré-cristã, mas com ela inconfundível, em razão da posição relativamente secundária para a qual relega o Homem em favor de Deus e da forte componente escatológica que a caracteriza⁵⁹⁷, a conceção cristã de combate, a que se convencionou chamar *militia Christi*, encontrou as suas ORIGENS BÍBLICAS na *Sacra Pagina*, mais concretamente nas *Epístolas de São Paulo*⁵⁹⁸. Embora os episódios militares e o elemento guerreiro constituam realidades omnipresentes tanto nos textos que perfazem o cânone veterotestamentário como nos *Evangelhos*, a configuração da guerra reveste-se, naturalmente, de características muito

⁵⁹² Khodadad Rezakhani, “Zoroastrism,” in *The Oxford Dictionary of Late Antiquity*, ed. Oliver Nicholson, vol. 2 (Oxford: Oxford University Press, 2018), 1611–3.

⁵⁹³ Werner Jaeger e Gilbert Highet, *Paideia: the Ideals of Greek Culture* (Nova Iorque: Oxford University Press, 1945), 13.

⁵⁹⁴ Lúcio Aneu Séneca, “Carta 96” in *Seneca ad Lucilium Epistulae Morales*, ed. E. Capps, T. E. Page e W. H. D. Rouse e trad. R. M. Gummere, vol. 3, *Letters XCIII–CXXIV* (Londres-Nova Iorque: William Heinemann e G. P. Putnam’s Sons, 1925), 106.

⁵⁹⁵ No âmbito da filosofia pré-socrática, Heráclio já considerava que “O conflito é o pai de tudo, de tudo o rei”. Sócrates descrevia a sua experiência terrena em termos muito próximos aos de uma missão militar que lhe fora confiada pela divindade, da qual nem mesmo o medo da morte o teria levado a desertar. Vide Auer, “*Militia Christi*”, 1210–1; Grégoire, “Esegesi bíblica,” 24–5.

⁵⁹⁶ Sobre o conceito de “*militia*” na filosofia clássica, veja-se Hilarius Emonds e Geistlicher Kriegsdienst, “Der Topos der Militia spiritualis in der antiken Philosophie,” in *Heilige Überlieferung*, eds. Ildefons Herwegen e Odo Castel (Münster: Aschendorff, 1938), 21–50; P. F. Beatrice, “L’allegoria nella Psychomachia di Prudenzius,” *Studia Patavina* 18 (1971): 25–73.

⁵⁹⁷ Grégoire, “Esegesi bíblica,” 38.

⁵⁹⁸ Auer, “*Militia Christi*”, 1212; Vauchez, “La notion de *Miles Christi*,” 67.

distintas em cada um dos *Testamentos*, num e noutro ressaltando, porém, ora textos que lhe são favoráveis, ora passagens que a condenam categoricamente⁵⁹⁹. Uma ambiguidade sintomática do texto bíblico como um construído humano de cerca de onze séculos⁶⁰⁰, que deu argumento a numerosas discussões entre os canonistas medievais sobre a noção de guerra justa, as circunstâncias em que era permitido aos cristãos tomar as armas e o posicionamento a adotar pelos fiéis face à violência⁶⁰¹.

Conforme se depreende da leitura de muitos dos seus versículos, a *Bíblia* hebraica, mais do que retomar certas noções de *militia* próprias da tradição estoica – nomeadamente a de agonismo existencial, bem refletida na célebre interrogação do *Livro de Job*: “A vida do homem sobre a terra, não é ela uma luta?” (Job 7,1) –, oferece no seu cânone, em particular em certos textos dos *Livros Históricos*, conhecidos por *Josué*, *Juízes* e *Reis*, um manancial de batalhas épicas, conquistas sangrentas e episódios de extermínio em massa. Ações não raras vezes ordenadas e legitimadas por um Deus representado, em linha com a tradição do *herem* bíblico⁶⁰², em entornos manifestamente punitivos: vingativo das injúrias perpetradas contra o seu povo, interventivo nos combates dos seus servos e decisivo na vitória destes últimos sobre o inimigo⁶⁰³. É esse Deus que instrui Josué sobre a estratégia a adotar para conquistar Jericó e que, no sétimo dia de cerco à cidade, provoca o desmoronamento das suas muralhas, introduzindo nela os hebreus (Js 6,1-27); que conduz o povo de Israel à vitória sobre os filisteus em Mispá, ao fazer sobre estes trovejar a sua voz estrondosa, enchendo-os de terror (1 Sm 7,1-17); que dita a derrota de Senaquerib frente ao rei de Judá, Ezequias, e a libertação de Jerusalém, ao enviar um anjo que fere cento e oitenta e cinco mil homens do acampamento dos assírios (2 Rs 18-19); que, atendendo às orações de Josafat, dissipa a ameaça que representava para Israel a aliança militar entre moabitas, amonitas e meonitas, instigando entre estes povos a discórdia e levando-os a arremeter uns contra os outros (2 Cr 20,22); enfim, que assegura a quase totalidade dos triunfos do seu povo, na sua condição de líder das forças militares hebraicas, à qual se supõe estar associado o significado do recorrente qualificativo “Deus dos exércitos” (“*Adonai Sebaoth*” e “*Dominus exercitum*”, em hebraico e latim, respetivamente), com múltiplas ocorrências no *Antigo Testamento*, aproximando-se das

⁵⁹⁹ Ana Belén Sánchez Prieto, *Guerra y Guerreros en España según las fuentes canónicas de la Edad Media* (Madrid: Servicio de Publicaciones del E.M.E., 1990), 28–9.

⁶⁰⁰ Armindo dos Santos Vaz, “A imagem de um Deus violento na Bíblia.” *Didaskalia* 32, no. 2 (2002): 63.

⁶⁰¹ Prieto, *Guerra y Guerreros*, 26.

⁶⁰² Vaz, “A imagem de um Deus,” 65–71.

⁶⁰³ *Ibid*, 21.

300⁶⁰⁴. Não obstante, está hoje longe de gerar consenso, nos círculos de estudos bíblicos, que, nos muitos versículos em que se classifica Yahvé como “Deus dos exércitos”, o título conserve uma relação efetiva com as instituições militares⁶⁰⁵.

De facto, o aparecimento do epíteto no quadro da tradição hebraica, tanto em contextos em que é claramente entendido em termos bélicos como em passagens em que a sua leitura na aceção militar se afigura desajustada, não permite atestá-lo com certeza⁶⁰⁶. Estima-se que, na sua origem mais remota, ou seja, no seio das sociedades siríaco-palestinas primitivas – alheias à realidade de exército enquanto estrutura militar endémica e normalizada – a expressão designasse metaforicamente o conjunto de entidades astrais e meteorológicas ordenadas por Deus, que integravam o imaginário literário-mítico do mundo cananeu, e não um efetivo agrupamento militar, como seria tantas vezes interpretado pelos autores medievais⁶⁰⁷. Quanto à brutalidade inerente às narrações de certos episódios veterotestamentários, constitui um traço característico do género épico desde o seu aparecimento na *Ilíada*, suscetível de idealização, hipersimplificação e exagero dos contornos de violência das campanhas militares e das cenas de extermínio, em prol da galvanização das figuras do herói ou do soberano, sem que às ocorrências descritas corresponda necessariamente (ou integralmente) o real acontecido⁶⁰⁸.

Menos prolífico nessa tipologia de narrativas é, à primeira vista, o *Novo Testamento*, onde a imagem que se projeta é a de um Deus em tudo contrastante com a divindade punitiva da tradição hebraica: benevolente e encarnado em Cristo, proclamando a bênção dos pacíficos e pregando o amor aos inimigos⁶⁰⁹. Contrariamente ao que seria expectável, nem por isso deixam de ressaltar na literatura neotestamentária referências surpreendentes e por vezes desconcertantes à discórdia e ao derramamento de sangue.⁶¹⁰ É, afinal, Cristo quem, no *Evangelho de São Mateus*, declara icasticamente perante os seus seguidores: “Não penseis que vim trazer a paz à terra; não vim trazer a paz, mas a espada.” (Mt 10,34); quem, aquando da sua reunião com Pedro no Monte dos Olivais, ordena ao apóstolo: “Mete a tua espada na bainha, pois todos quantos se servirem da espada morrerão à espada.” (Mt 26,52); e quem descreve o fim dos tempos como uma

⁶⁰⁴ Leland Ryken, James C. Wilhoit, Tremper Longman III (eds.), “Army, armies,” in *Dictionary of Biblical Imagery* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1998), 200–5.

⁶⁰⁵ Vaz, “A imagem de um Deus,” 75.

⁶⁰⁶ *Ibid.*, 75.

⁶⁰⁷ José Augusto Ramos, “O mar nos textos religiosos antigo,” *Lusitania Sacra* 40 (2019): 29–30.

⁶⁰⁸ Vaz, “A imagem de um Deus,” 69; Susan Niditch, *War in the Hebrew Bible: A Study of the Ethics of Violence* (Nova Iorque: Oxford University Press, 1993).

⁶⁰⁹ Smith, *War and monastic*, 16.

⁶¹⁰ *Ibid.*

série de eventos violentos e aterrorizantes (Mt 24,6-41). Uma violência retórica que sobressai nos restantes *Evangelhos*: no de São Marcos, que relata a violenta expulsão dos cambistas do templo (Mc 11,15); no de São Lucas, em que Cristo adverte: “Quem não está comigo está contra mim, e quem não junta comigo, dispersa” (Lc 11,23) e prevê o cerco e a conquista sangrenta de Jerusalém (Lc 19,41-44); e no de São João, em que se refere o ataque de Pedro ao servo do sacerdote (Jo 18,10). Acrescem certos episódios dos *Atos dos Apóstolos*, como o do cegamento de Saulo no caminho para Damasco (Act 9,1-25). Mas, como referido, foram sobretudo os textos paulinos que forneceram, mais do que o conceito, muito do vocabulário da “*militia Christi*”, expressão a que Paulo de Tarso recorre repetidamente para evocar a vida do cristão (Rm 13,12; Ef 6,14-17; 1 Ts 5,6), que o apóstolo compara a uma interminável luta interior contra as tentações da carne (Rm 8,3-16; Gl 5,16-26) e as forças do mal, representadas por Satanás e pelos príncipes do mundo das trevas (Ef 6,11-13). Na descrição desse combate espiritual, são frequentemente empregues metáforas militares e atléticas, separadas ou em conjunto (e.g., 2 Tm 4,7), sendo o cristão equiparado, ora a um atleta numa corrida, em busca do prémio final da salvação (Fl 2,16; 3,14; 1 Cor 9,23-27), numa linha filiada na ideia do *agon* grego⁶¹¹; ora, como foi mais comum, a um “soldado de Cristo” (2 Tm 2,3), que “combate o bom combate da fé” (1 Tm 6,12). O equipamento militar cristão, replicativo do de qualquer soldado romano, mas feito de luz para melhor combater as obras das trevas (Rm 13,12-13), é objeto de detalhada descrição, enfatizando o valor simbólico de cada um dos seus elementos: a cinta, a couraça, as sandálias, o escudo, o capacete e a espada correspondem, respetivamente, à verdade, à justiça, ao amor aos inimigos, à fé, à esperança e à palavra de Deus (Ef 6,14-17). Já a recompensa pela luta vitoriosa contra os impulsos da carne e as seduções do mundo, que o *miles Christi* trava enquanto elemento de uma *coorte*, na qual presta auxílio aos seus companheiros de luta (Fl 2,25), ou seja, aos outros cristãos, e lealdade unicamente ao seu comandante, Cristo (2 Tm 2,4), seria uma coroa imperecível (2 Tm 4,6-8). Como é evidente, à recorrência desta imagética nos textos paulinos não foi alheio o próprio percurso do santo enquanto soldado imperial e temível perseguidor de cristãos, refletido na simbologia religiosa da espada de pomo circular e guardas curvas, empunhada na mão direita, tornada o seu atributo iconográfico na arte cristã⁶¹². O *Livro*

⁶¹¹ Vid supra.

⁶¹² Louis Réau, “S. Paulo” in *Iconographie de l’Art Chrétien*, t. III, *Iconographie des Saints*, vol. 3, *P-Z Répertoires* (Paris: Presses Universitaires de France, 1959), 1034-1050; Luís U. Afonso, “São Paulo na Arte Portuguesa da Idade Média,” in *Paulo de Tarso. Grego e Romano, Judeu e Cristão*, eds. José Augusto

do *Apocalipse*, também atribuído ao evangelista São João, retomaria, de resto, algumas destas noções de guerra espiritual primeiramente expostas nas *Cartas de São Paulo*, ao preconizar os últimos dias como cenário da luta final entre os seguidores do Cordeiro (Cristo) e da Besta (Diabo), que culminaria na vitória dos primeiros e na sua subsequente introdução na beatitude da Jerusalém Celeste⁶¹³.

Estas narrativas militares que pontuam o Antigo e o Novo testamentos seriam, ao longo do primeiro milénio da era cristã, objeto de aturados e prolíficos trabalhos de interpretação escriturística, logo iniciados pelos autores da primeira Patrística, cujos comentários influenciariam determinantemente a leitura que delas se faria na época medieval, em particular nas duas já referidas compilações de glosas que conheceram maior circulação no período: a *Glosa Ordinária* e a *Glosa Interlinear*⁶¹⁴. Desse esforço hermenêutico resultou, no que à *Bíblia* hebraica diz respeito, uma espiritualização das narrativas históricas das suas guerras e carnificinas, tidas como problemáticas se interpretadas *ad litteram*, porquanto consideradas irreconciliáveis com a mensagem contida no *Novo Testamento* e com o fundamental preceito cristão da *imitatio Christi*⁶¹⁵. Em parte, a razão que levaria, aliás, diversos movimentos classificados como heréticos no interior do catolicismo, menos entusiastas quanto a leituras espirituais (i.e., alegóricas, tropológicas ou morais) de tais passagens, a reivindicar a exclusão do *Antigo Testamento* do cânone bíblico, como foi o caso do marcionismo, no século II, e do catarismo, já em pleno período medieval⁶¹⁶. À pressão exercida pelo primeiro desvio sectário se teria devido o impulso dado a uma leitura não literal das guerras dos hebreus, visível nos escritos de Orígenes, convertendo as campanhas dos reis de Israel em prefigurações das batalhas espirituais travadas por Cristo e pelos apóstolos contra as forças do mal⁶¹⁷. Uma tradição interpretativa a que as gerações seguintes de exegetas dariam continuidade, promovendo a conversão dos profetas e dos líderes militares mais celebrados das *Escrituras* hebraicas, como Abraão, Moisés, Eliseu, Josué, David e Job, em virtuosos arquétipos de guerreiros espirituais, a serem imitados por todos os cristãos, em particular pelos clérigos⁶¹⁸.

Ramos, Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012), 213–25.

⁶¹³ Smith, *War and monastic*, 16.

⁶¹⁴ Ibid.

⁶¹⁵ Lubac, *Éxégèse médiévale*, 328; Barton, *Uma história da Bíblia*, 429; Grégoire, “Esegesi biblica,” 25–6.

⁶¹⁶ Smith, *War and monastic*, 10–1.

⁶¹⁷ Ibid, 11.

⁶¹⁸ Ibid.

No que respeita aos textos do *Novo Testamento*, os mesmos autores que haviam logrado a espiritualização dos episódios mais grotescos e violentos da *Bíblia* hebraica foram igualmente responsáveis, por um lado, pela interpretação belicista de cenas neotestamentárias desprovidas de conotações bélicas, daí resultando, por exemplo, o motivo do “Cristo triunfante” (“*Christus victor*”)⁶¹⁹ – ora sobre o Diabo, como no episódio da tentação no deserto (Mt 4,1-10), concebida como uma luta; ora sobre a morte, no que, por sua vez, se convencionou entre os primeiros exegetas apelidar de “batalha” da crucificação – e, por outro lado, pela espiritualização das cenas mais violentas dos *Evangelhos*, de que se procuraram extrair preceitos mais conformes à ética cristã, numa lógica em tudo análoga à que sustentara a hermenêutica das guerras veterotestamentárias⁶²⁰. As *Epístolas de São Paulo*, talvez em razão do caráter já manifestamente alegorizado das suas guerras e dos seus guerreiros, suscitaram particular apreciação entre os primeiros comentadores da *Bíblia*, nomeadamente Orígenes, São Jerónimo e Santo Agostinho⁶²¹. A densa e sedimentar camada de interpretações construída sobre tais passagens pelos três Pais da Igreja contribuiu em larga medida para ampliar e consolidar os atributos simbólicos do *miles* e da *militia Christi* da tradição paulina. Ambos são termos com características historicamente evolutivas⁶²². Tendo começado por designar, no contexto do cristianismo primitivo, respetivamente, qualquer cristão, sem especificação adicional, e o seu esforço por levar uma vida piedosa, depressa foram associados à figura do mártir e à prática do martírio, em função das perseguições promovidas no interior do Império Romano contra os seguidores de Cristo⁶²³.

ii) Cristianismo primitivo

Não obstante as futuras apropriações de que viriam a ser objeto por parte de certos grupos ou elites espirituais da Igreja (mártires, monges, leigos piedosos, cruzados, mendicantes), os títulos de *miles Christi* e de *militia Christi* foram no CRISTIANISMO PRIMITIVO interpretados num sentido muito próximo daquele em que haviam primeiro surgido em São Paulo: todo o cristão era um soldado de Cristo, e *militare Deo* consistia

⁶¹⁹ Leland Ryken, James C. Wilhoit, Tremper Longman III (eds.), “Jesus, images of,” in *Dictionary of Biblical Imagery*, 1506–7.

⁶²⁰ Leclercq, “*Militare Deo*,” 4–9; Grégoire, “Esegesi biblica,” 23–34; Smith, *War and monastic*, 16–23.

⁶²¹ Leclercq, “*Militare Deo*,” 4–9; Grégoire, “Esegesi biblica,” 23–34; Smith, *War and monastic*, 16–23.

⁶²² Auer, “*Militia Christi*,” 1210–23; Vauchez, “La notion de *Miles Christi*,” 67–75; Smith, *War and monastic*, 71–112.

⁶²³ Auer, “*Militia Christi*,” 67, Vauchez, “La notion de *Miles Christi*,” 67–8; Smith, *War and monastic*, 71.

no esforço diário exercido pelos crentes por levar uma vida piedosa em face das constantes tentações e tribulações do mundo⁶²⁴. A evidência deste entendimento, em tudo devedor da conceção de *militia* consagrada pelo estoicismo romano, transparece sobretudo na abundante imagética em que se consubstanciou o *topos* da Psicomaquia nos trabalhos dos primeiros autores cristãos.

Ora, é a São Clemente de Roma (*pontif.*, 92-†99)⁶²⁵ que se deve o mais antigo testemunho da instrumentalização cristã do léxico do combate espiritual paulino como forma de descrever os desafios interiores enfrentados pelos fiéis. No texto em questão, conhecido simplesmente por *Primeira Epístola de Clemente* (c. 96), o pontífice exortava os crentes da cidade grega de Corinto a “combaterem como soldados” (“*Στρατευσόμεθα οὖν ἄνδρες ἀδελφοί*”) contra os vícios, para isso servindo no exército espiritual liderado por Cristo e seus representantes terrenos com “ordem” (“*πῶς εὐτάκτως*”), “disciplina” (“*πῶς ἐκτικῶς*”) e “submissão” (“*πῶς ὑποταγμένως*”). Ao mesmo tempo, dava como exemplo a hierarquia e a rígida disciplina da máquina militar romana, insistindo na necessidade de a Igreja adotar um modelo de organização hierárquico que possibilitasse a distinção das suas dignidades⁶²⁶. Dentro dessa linha, Cipriano de Cartago (†258)⁶²⁷ representou o mundo como um “acampamento celeste” (“*caelestibus castris*”) no seu tratado teológico *De mortalitate* (c. 253), no qual o cristão (“*qui Deo militat*”), identificado como militar de Deus, era alvo das investidas perpetradas por um exército de inimigos que simbolizavam diversas calamidades, designadamente “guerras” (“*bella*”),

⁶²⁴ Auer, “Militia Christi”, 68; Vauchez, “La notion de Miles Christi,” 67–8; Smith, *War and monastic*, 72–3.

⁶²⁵ H. Dressler, “Clement I, Pope, St.,” in *New Catholic Encyclopedia*, 773–5.

⁶²⁶ São Clemente de Roma, “Epístola I ad Corinthios,” in *Patrologiae cursus completus: Series Graeca*, ed. J. -P. Migne, vol. I (Paris: Migne, 1857), 281–84: “*Στρατευσόμεθα οὖν ἄνδρες ἀδελφοί μετὰ πάσης ἐκτενείας ἐν τοῖς ἀμώμοις προστάγμασιν αὐτοῦ κατανοήσωμεν τοὺς στρατευομένους τοῖς ἡγουμένοις ἡμῶν πῶς εὐτάκτως πῶς ἐκτικῶς πῶς ὑποταγμένως ἐπιτελοῦσιν τὰ διατασσόμενα οὐ πάντες εἰσὶν ἑπαρχοὶ οὐδὲ χιλιάρχοι οὐδὲ ἐκατόνταρχοι οὐδὲ πεντηκόνταρχοι οὐδὲ τὸ καθεζῆς ἀλλ’ ἕκαστος ἐν τῷ ἰδίῳ τάγματι τὰ ἐπιτασσόμενα ὑπὸ τοῦ βασιλέως καὶ τῶν ἡγουμένων ἐπιτελεῖ οἱ μεγάλοι δίχα τῶν μικρῶν οὐ δύνανται εἶναι οὔτε οἱ μικροὶ δίχα τῶν μεγάλων σύγκρασις τίς ἐστὶν ἐν πᾶσιν καὶ ἐν τούτοις χρήσις λάβωμεν τὸ σῶμα ἡμῶν ἢ κεφαλὴ δίχα τῶν ποδῶν οὐδὲν ἐστὶν οὕτως οὐδὲ οἱ πόδες δίχα τῆς κεφαλῆς τὰ δὲ ἐλάχιστα μέλη τοῦ σώματος ἡμῶν ἀναγκαῖα καὶ εὐχρηστά εἰσὶν ὅλῳ τῷ σώματι ἀλλὰ πάντα συνπνεῖ καὶ ὑποταγῇ μιᾷ χρῆται εἰς τὸ σώζεσθαι ὅλον τὸ σῶμα Σωξέσθω οὖν ἡμῶν ὅλον τὸ σῶμα ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ καὶ ὑποτασέσθω ἕκαστος τῷ πλησίον αὐτοῦ καθὼς ἐτέθη ἐν τῷ χαρίσματι αὐτοῦ*”. Sobre esta passagem da obra de São Clemente, vide Leonardo dos Santos Silveira e André Chevitarese, “O exército romano e o corpo humano na Primeira Carta de Clemente de Roma aos Coríntios: uma análise de 1Cle 37.1–38.1,” in *Estudos Clássicos*, ed. Gabriele Cornelli e Luciano Coutinho, vol. IV, *Percursos* (Coimbra/Brasília: Imprensa da Universidade de Coimbra e Cátedra Unesco Archai, 2018), 401–27; Auer, “Militia Christi”, ?; Vauchez, “La notion de Miles Christi,” 67–8; Smith, *War and monastic*, 72–3.

⁶²⁷ M. Bévenot, “Cyprian, St.,” in *New Catholic Encyclopedia*, eds. T. Carson e J. Cerrito, vol. 11 (Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967–1979), 457–60.

“fomes” (“*fames*”), “terramotos” (“*terrae motus*”) e “pestes” (“*pestilentias*”)⁶²⁸. O bispo de Cartago concebeu ainda, na mesma obra, a mente dos fiéis (“*mens hominis*”) como uma fortaleza “cercada por todos os lados pela infestação do diabo” (“*Obsessa undique diaboli infestatione*”), que incessantemente enviava reforços, ou seja, novos vícios, para darem continuidade a um assalto ao qual se impunha aos sitiados resistir, sob pena de deitarem a perder a coroa da glória (“*coronam gloriae*”), que era a Salvação⁶²⁹.

Igualmente enquadrável no tema da Psicomaquia, foi a imagética a que o poeta Comodiano (c. †300)⁶³⁰ recorreu em três dos 75 ensaios acrósticos do seu *carmen* apologético *Instructiones adversus gentium deos pro christiana disciplina* ou, simplesmente, *Instructiones* (c. 270-275), para retratar o crente, aí descrito como “bom soldado” (“*bonus miles*”) a quem competiria “seguir o comando do rei” (“*Imperio regis omni virtute parendum*”), Cristo⁶³¹, apoiando aquele que “labuta em armas contra um mundo que se lhe opõe” (“*Laborat frater adversante mundo sub armis*”), em prol de toda a Igreja, um autêntico “acampamento” (“*castris*”), cuja paz dependeria do desfecho

⁶²⁸ Cipriano de Cartágo, “De mortalitate,” in *Patrologia cursus completus: Series Latina*, ed. J. -P. Migne, vol. IV (Paris: Sirou, 1853), 583–4: “Agnosceret enim se debet, fratres dilectissimi, qui Deo militat, qui positus in caelestibus castris divinam jam sperat, ut ad procellas et turbines mundi trepidatio nulla sit in nobis, nulla turbatio, quando haec ventura praedixerit Dominus providae vocis hortatu instruens et docens et praeparans atque corroborans Ecclesiae suae populum ad omnem tolerantiam futurorum, bella et fames et terrae motus et pestilentias per loca singula exsurgere praenuntiavit et cecinit.” Cf. Auer, “Militia Christi”, 1210; Vauchez, “La notion de Miles Christi,” 70; Smith, *War and monastic*, 73.

⁶²⁹ Cipriano, “De mortalitate,” 585: “Caeterum, quid aliud in mundo, quam pugnam adversus Diabolum, quotidie geritur, quam adversus jacula ejus et tela conflictationibus assiduis dimicatur? Cum avaritia nobis, cum impudicia, cum ira, cum ambitione congressio est, cum carnaliis vitiis, cum illecebris saecularibus assidua et molesta luclatio est. Obsessa mens hominis et undique Diaboli infestatione vallata vix occurrit singulis, vix resistit.” Cf. Smith, *War and monastic*, 73–4.

⁶³⁰ P. Lejay, “Commodianus,” in *The Catholic Encyclopedia*, 105.

⁶³¹ Comodiano, “Instructiones adversus gentium deos pro christiana disciplina,” in *Patrologia cursus completus: Series Latina*, ed. J. -P. Migne, vol. V (Paris: Sirou, 1844), 241–2: “*Militiae nomen cum dederis freno teneris. / Incipe tunc ergo dimittere pristina gesta: / Luxuria vita, quoniam labor imminet armis. / Imperio regis omni virtute parendum, / Tempora posirema si vis pertingere laeta. / Ille bonus miles, semper exspecta fruenda; / Blauidire noli tibi, desidias omnino mitte, / Ut tuo praeposito cottidie pasto sis, ante / Solicitus esto, matutinus signa revise. / Cum videres bellum, agonia sume propinqua. / Haec gloria regis, militem videre paratum: / Rex adest, optato propter spem dominicaturum. / Ille parat dona, ille pro victoria laetus / Suscipit, et proprium satelitem dedicat esse. / Tu tibi praeterea in Belian parcere noli: / Impiger esto magis, ut reddat famam pro morte.*” Cf. Smith, *War and monastic*, 73–4.

vitorioso⁶³² dessa “guerra cotidiana” (“*bellum cottidianum*”)⁶³³. Para concluir, na mesma tradição figurativa se pode enquadrar a longa analogia entre a exigente preparação dos guerreiros e o cultivo da autodisciplina por parte dos seguidores de Cristo, feita por Ambrósio de Milão (†397) no mais proeminente dos seus escritos ascético-morais, um manual de ética cristã intitulado *De Officiis* (c. 388)⁶³⁴. Enquanto da primeira dependia a experiência na guerra (“*disciplinam bellicam*”); da segunda decorria a capacidade de os cristãos fazerem face aos ataques do Diabo⁶³⁵, o que determinaria a sua conversão em “armas da justiça” (“*arma justitiae*”), capazes de destruir o pecado (“*quibus peccatum destruat*”)⁶³⁶.

Se, a partir dos exemplos, é indesmentível que a imagética do combate espiritual marcou um conjunto apreciável de obras cristãs na Antiguidade Tardia, mais discutível é que o tema tenha chegado a assumir, em qualquer um dos referidos testemunhos literários do período e, inclusive, posteriores, a centralidade ou os contornos de vividez, cor e profundidade que são intrínsecos às peças de Aurélio Clemente Prudêncio⁶³⁷. Possuidor

⁶³² Comodiano, “Instructiones,” 247–8: “*Justus ergo non sum, fratres, de cloaca levatus; / Nec me supertollo, sed doleo vestri, qui cerno / Ex tanto poulo nullum in agone coronari / Certe si non ipsi pugnat, vel suggerat illis. / Cladem objurgatis; o venter effercite luxu, / Laborat frater adversante mundo sub armis, / Et fartus opibus nec pugnas, nec pugnanti te sistis? / Stulte, non intendis unum bellare pro multis? / In talem pendet Ecclesia tota, si vincat. / Abstinere vides fratrem, et pugnare cum hoste. / Optas tu in castris pacem, foras ille repugnat: / Misericors esto, ut sis ante omnia salvus. / Nec metuis Dominum praeconio tanto clamantem: / Inimicis etiam qui jubet alimenta praebere, / Prandia ab eo prospice Tobia, qui semper / Omnibus omnino diebus eum paupere sumpsit. / Pascere tu quaeris, stulte, qui te denuo pascat. / Vis ille mihi paret, qui componi proponit? / Laute cibatum distento ventre declamat / Oppressus inopia frater juxta tabescens. / De die dominica quid dicis? Sin non ante locavit, / Excita de turba pauperem, quem ad prandium ducas / In tabulis spes est vestra de Christi refecto.*”. Cf. Smith, *War and monastic*, 73–4.

⁶³³ Ibid, 249–50: “*Belligerare quaeris, stulte, quasi bella quescant. / Ex protoplastro die pugnatur in fine vobis. / Libido precipitat, bellum vicisti. / Luxuria suadet, abutere, bellum vicisti. / Vino copioso parce, ne per illum (illud) aberres. / Maledicti retine linguam, unde Dominum adoras. / Compesce furorem: pacificum redde te cunctis. / Oppressos miseriis deprimere cave minores. / Tutorem accomoda tantum, et noli nocere. / Tramite vos recto ducite sincero prae zelo. / In tuis divitiis comem te redde pusillis. / De labore tuo dona, nudum vesti: sic vinces. / Insidia nulli facias, qui Deo deservis. / Aspice principium, unde periit invidus hostis. / Non sum ego doctor, sed lex docet ipsa clamando. / Verba geris tanta vane, qui sub uno momento / Martyrium quaeris otiosus tollere ChriSanto.*”. Cf. Smith, *War and monastic*, 73–4.

⁶³⁴ J. E. Lynch, “Ambrose, St.,” in *New Catholic Encyclopedia*, 337–40.

⁶³⁵ Ambrósio, “De Officiis,” in *Patrologia cursus completus: Series Latina*, ed. J. -P. Migne, vol. XVI (Paris: Vrayet, 1845), 33: “*Qui disciplinam bellicam vult assequi, quotidie exercetur armis, et tamquam in procintu positus praeludit praelium, et velut coram posito praetendit hoste: atque ad peritiam viresque jiaculandi, vel suos explorat lacertos, vel adversariorum declinat ictus, et a vigilantibus exit obtuto.*”. Cf. Smith, *War and monastic*, 74–5.

⁶³⁶ Ambrósio, “De Officiis,” 78: “*Ea est etiam quae dicitur vacuitas animi ab angoribus; ut neque in doloribus molliores simus, neque in prosperis elatiores. Quod sibi ad eapescendam rempublicam adhortantur aliquos, haec praecepta dant, quando magis nos qui ad officium Ecclesiae vocantur, talia debemus agere quae placeant Deo; ut praetendat in nobis virtus Christi, et ita simus nostro probati imperatori, ut membra nostra arma justitiae sint, arma non carnalia in quibus peccatum regnet, sed arma fortia Deo quibus peccatum destruat: moriatur caro nostra, ut in ea omnis culpa moriatur; et quasi ex mortuis viventes, novis resurgamus operibus ac moribus!*”. Cf. Smith, *War and monastic*, 74–5.

⁶³⁷ M. P. Cunningham, “Prudentius” in *New Catholic Encyclopedia*, 792–3.

de uma formação poética de exceção e cultor de uma métrica rebuscada, o contemporâneo de Santo Ambrósio, consagrado pela tradição como o «Horácio cristão» ou o «primeiro poeta cristão», adaptou formas clássicas, como o hino literário e a épica alegórica, à narração da história salvífica, tendo versificado, tanto os “gloriosos feitos de Cristo” (“*gesta Christi insigni*”), cujo expoente máximo teria sido a “vitória da paixão” (“*tropaeum passionis*”), como o combate interior travado pelos cristãos contra o pecado⁶³⁸. Assim, enquanto os primeiros foram cantados ao longo dos 125 versos do seu *Hymnus Omni Hora*, o nono de uma coleção de 12 hinos que o poeta, presumivelmente nascido em Tarracona, compôs para serem lidos em determinados momentos do dia, conhecida como *Cathemerinon* (c. 348-410)⁶³⁹; o segundo foi representado nos termos de uma verdadeira saga heroica (c. 1000 versos), naquela que constitui, sem disputa, a obra mais original e impactante do *corpus* prudenciano, ao ponto de se ter imposto como arquétipo para futuras peças literárias centradas no tema da guerra espiritual, que não por acaso lhe tomou o nome – a famosa *Psychomachia* (c. 410)⁶⁴⁰. Neste longo poema alegórico, cujo título encontra justamente na expressão “combate espiritual” a sua tradução mais fidedigna, Prudêncio confere um impulso significativo ao entendimento da *militia Christi* como uma guerra interior⁶⁴¹. Representou a alma do cristão como um campo de batalha, no qual se travam sete combates singulares, graficamente violentos⁶⁴². De um lado, as virtudes humanas da Fé (“*Fides*”), da Castidade (“*Pudicitia*”), da Paciência (“*Patientia*”), da Humildade e da Esperança (“*Mens Humilis et Spes*”), da Temperança (“*Sobrietas*”), da Razão e da Caridade (“*Ratio et Operatio*”), e da Concorrência e da Fé (“*Concordia et Fides*”); do outro lado, os vícios da Idolatria (“*Veterum Cultura Deorum*”), da Luxúria (“*Sodomita Libido*”), da Ira (“*Ira*”), do Orgulho e do Engano (“*Superbia et Fraus*”), da Lascívia (“*Luxuria*”), da Avareza (“*Avaritia*”) e da Discórdia (“*Discordia*”)⁶⁴³. A popularidade desta imagética durante a Idade Média seria de tal

⁶³⁸ Sobre o autor e a obra, consultar também a síntese realizada por Paulo Farmhouse Alberto, “Prudêncio,” in S. Vicente (Lisboa: Truduvarius, 2012), 5–10.

⁶³⁹ Aurélio Clemente Prudêncio, “*Liber Cathemerinon*,” in *Patrologia cursus completus: Series Latina*, ed. J. -P. Migne, vol. LIX (Paris: Migne, 1862), 862: “*Da, puer, plectrum, choreis ut canam fidelibus / Dulce carmen, et melodum, gesta Chri- / [sti insignia. / Illunc camoena nostra solum pangat, hunc lau- / [det lyra.*”; 871–2: “*Solve vocem, meus, sonoram, solve linguam / [mobilem, / Die tropaeum passionis, die triumphatem / [crucem, / Pange vexillum, notatis quod refulget frontibus / O novum caede stupenda vulneris miraculum!*”. Cf. Smith, *War and monastic*, 74–5.

⁶⁴⁰ Prudêncio “*Psychomachia*,” 19–90.

⁶⁴¹ Vauchez, “*La notion de Miles Christi*,” 67–8.

⁶⁴² Smith, *War and monastic*, 75

⁶⁴³ João Beato, “O combate da «Ira» contra a «Patientia» na «Psychomachia» de Prudêncio,” *Didaskalia* 17, no. 2 (1987): 429–35; A. A. de Sousa, “A *Psychomachia* de Prudêncio: epopeia alegórica” (MA diss.,

ordem que o número de manuscritos do período em que se conservou o texto em questão – profusamente copiado, glosado e incorporado em florilégios ricamente iluminados com imagens dos combates, muito usados para ensinar gramática latina nas escolas monásticas do Ocidente cristão, ou simplesmente para leitura e meditação dos monges⁶⁴⁴ – rivalizou com o de algumas das maiores obras de Santo Agostinho⁶⁴⁵.

Sem dúvida menos impactante sobre as mentalidades e a arte religiosa medieval do que a *Psychomachia*, mas igualmente significativa, no que ao tema da guerra espiritual diz respeito, foi ainda a série de 14 poemas reunidos pelo mesmo autor numa obra intitulada *Peristephanon* (traduzível livremente como “Sobre as coroas”), que o próprio compusera algures entre os anos de 348 e 410 em honra de vários mártires cristãos, sobretudo hispânicos e romanos, muitos dos quais (como São Lourenço) aí representados enquanto heróis (“*viros*”), cuja principal e derradeira arma era a morte em salvaguarda da fé, no momento do martírio⁶⁴⁶.

O crescente acolhimento que mereceu junto dos autores cristãos da Antiguidade Tardia a analogia do martírio com a ideia de *militia Christi*, acompanhou o desenrolar das perseguições que, desde Nero, no primeiro século, as autoridades imperiais romanas moviam contra os seguidores de Cristo, e que conheceriam o seu término apenas durante o governo de Diocleciano (303-313). Uma última investida, não mais violenta do que as anteriores – atingindo mais o património e as instituições do que as pessoas –, mas mais longa e, por isso, convencionalmente designada por Grande Perseguição (303-311)⁶⁴⁷. No intervalo cronológico em questão, a imagética do mártir-guerreiro inundou as páginas de um conjunto apreciável de textos cristãos, entre os quais se conta o *Ad martyres* (c. 203) de Tertuliano (†240)⁶⁴⁸ como um dos exemplares mais precoces. Através deste texto, o autor exortava vários fiéis que aguardavam a execução a imaginar o cárcere (“*papilionibus*”) como um local onde as agruras enfrentadas os preparariam para servir

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1992); “A criação de símbolos na Psicomaquia de Prudêncio,” *Didaskalia* 34 (2004): 195–211.

⁶⁴⁴ H. Silvestre, “Aperçu sur les commentaires carolingiens de Prudence,” *Sacris erudiri*, 9 (1957): 50 – 74; Sinéad O’Sullivan, *Early Medieval Glosses on Prudentius’s Psychomachia: The Weitz Tradition* (Leiden-Boston: Brill, 2004), 22–34.

⁶⁴⁵ Robert Louis Wilken, *The Spirit of Early Christian Thought: Seeking the Face of God* (New Haven-Londres: Yale University Press, 2005), 228.

⁶⁴⁶ Aurélio Clemente Prudêncio, “Liber Peristephanon,” in *Patrologia cursus completus: Series Latina*, ed. J. -P. Migne, vol. LX (Paris: Migne, 1862), 294–5: “*Antiqua fanoram parens, / Jam Roma Christo dedita, / Laurentio viatrix duce / Ritum triumphas barbarum.*”.

⁶⁴⁷ Ferdinand Lot, *O fim do mundo antigo e o princípio da Idade Média*, trad. Emanuel Godinho (Lisboa: Edições 70, 2019), 37

⁶⁴⁸ W. Le Saint, “Tertullian,” in *New Catholic Encyclopedia*, 834 –8.

no “exército do Deus vivo” (“*militiam Dei vivi*”) e, nessa condição, a triunfar sobre o diabo no “dia do combate” (“*diem agonis*”), sendo premiados com a “coroa da eternidade” (“*corona aeternitatis*”) ⁶⁴⁹. Por sua vez, escrevendo presumivelmente pouco tempo antes da sua morte, em 203, a mártir romana Santa Perpétua representou o próprio martírio tal como lhe teria sido revelado numa visão (“*in horomate*”), por si relatada na *Passio Perpetuae et Felicitatis* (c. 203) ⁶⁵⁰: um combate pancrácio travado numa arena repleta (“*arenam populum ingentem attonitum*”), onde a santa defrontava um inimigo egípcio (“*AEgyptius foedus*”) simbolizando o Diabo (“*diabolum*”), tendo que o derrotar, e, perecendo, receber o ramo da vitória (“*accepi ramum*”), que seria a vida eterna ⁶⁵¹. Já São Cipriano de Cartago, transcorrido cerca de meio século, retratava vividamente na sua maior e mais difundida obra apologética – *De lapsis* (c. 251) ⁶⁵² – a marcha triunfal dos mártires rumo ao firmamento, qual exército resplandecente de soldados de Cristo (“*militum Christi cohors candida*”) regressando do combate (“*de praelio revertentes*”)

⁶⁴⁹ Tertuliano, “Ad martyres,” in *Patrologia cursus completus: Series Latina*, ed. J. -P. Migne, vol. I (Paris: Migne, 1844), 623–4: “Sit (4) nunc, benedicti, carcer etiam christianis molestus? Vocati sumus ad militiam Dei vivi jam tunc, cum in sacramenti verba respondimus (5). Nemo miles ad bellum cum deliciis venit; nec de cubiculo ad aciem procedit, sed de papilionibus (a) expeditis et substrictis, ubi omnis duritia et imbonitas et insuavitas constitit. Etiam in pace, labore et (6) incommotis bellum pati jam ediscunt, in armis deambulando, campum decurrendo, fossam moliendo, testudinem (7) densando (e). Sudore omnia constant, ne corpora arque animi expavescant : de umbra ad solem, de sole ad coelum (8) de tunica ad loricam, de silentio ad clamorem, de quiete ad tumultum. Proinde vos, benedicti, quodcumque hoc durum est, ad exercitationem virtutum animi et corporis deputate. Bonum agonem (9) subituri estis in quo agonotheses, Deus vivus est; ystarches (f), Spiritus sanctus corona, aeternitatis. [...] Itaque Epistates (g) vester Christus Jesus, qui vos spiritu unxit, et ad hoc scamna produxit, voluit vos ante diem agonis ad duriores tractationem a liberiore conditione seponere, ut vires corroborarentur in vobis.”. Cf. Auer, “Militia Christi”, 1212; Smith, *War and monastic*, 76; “Spiritual Warriors,” 89.

⁶⁵⁰ E. Hoade, “Perpetua and Felicity, SS.,” in *New Catholic Encyclopedia*, 130–1.

⁶⁵¹ “Passio Sanctarum Martyrum Perpetuae et Felicitatis,” in *Patrologia cursus completus*, 39–41: “Pridie quam pugnaremus, video in horomate hoc: [...] Et adspicio populum ingentem attonitum. Et, quia sciebam me ad bestias datam esse, mirabar quod non mitterentur mihi bestiae. Et exivit quidam contra me AEgyptius foedus specie cum adjutoribus suis pugnaturus mecum. Veniunt et ad me adolescentes decori adjutores et favitores mei, et expoliata sum, et facta sum masculus. Et coeperunt me favitores mei oleo defrigere, quomodo solent in agone, et illum contra AEgyptium video in afa volutantem. Et exivit vir quidam mirae magnitudinis, ut etiam excederet fastigium amphitheatri, discinctam habens tunicam et purpuram inter duos clavos per medium pectus, habens et calliculas multiformes ex auro et argento factas, et ferens virgam quasi lanista, et ramum viridem in quo erant mala aurea. Et petiit silentium, et dixit: Hic AEgyptius si hanc vicerit, occidet illam gladio; et si hunc vicerit, accipiet ramum istum. Et recessit. Et accessimus ad invicem et coepimus mittere pugnos. Ille mihi pedes apprehendere quaerebat : ego autem illi calcibus faciem caedebam, et sublata sum in aere, et coepi eum sic caedere quasi terram conculcans. At ubi vidi moram fieri, junxi manus, ita ut digitos in digitos mitterem. Et apprehendi illi caput, et cecidit in faciem; et calcavi illi caput. Et coepit populus clamare, et favitores mei psallere. Et accessi ad lanistam, et accepi ramum. Et osculatus est me, et dixit mihi : Filia, pax tecum. Et coepi ire cum gloria ad portam Sanavivariam. Et expectata sum : et intellexi me non ad bestias, sed contra Diabolum esse pugnaturam; sed sciebam mihi victoriam imminere.”. Cf. Tomea, “Il ‘proelium’ cristiano,” 604; Smith, *War and monastic*, 133; “Spiritual Warriors,” 105.

⁶⁵² Bévenot, “Cyprian, St.,” 457–60.

carregado dos espólios do inimigo vencido (“*de hoste prostrato trophaea referentes*”)⁶⁵³. Descontando ligeiras variações decorrentes das especificidades de cada espécie literária, todos os exemplos citados comungam, pois, de um mesmo padrão figurativo, que tende a conceber o mártir como guerreiro e o martírio como uma luta que coloca os fiéis de Cristo face a face com o Maligno, adversário supremo, encarnado nos perseguidores romanos ou pagãos que procuravam provocar a discórdia entre os crentes e convencê-los à apostasia.

Para terminar, merecem, porventura, uma referência destacada dos textos supracitados certas obras de pendor hagiográfico em que a presença do combate espiritual se justifica desde logo pela experiência efetiva dos seus protagonistas nos exércitos imperiais (*militia temporalis* ou *Caesaris*), antes do seu abandono em favor de uma forma mais elevada de combate, travado exclusivamente no plano espiritual; abandono esse que está na origem do seu martírio. Tal é o caso das *passiones* de Maximiliano de Tébessa (†295), Marcelo de Tânger (†298), Júlio, o Veterano (†304) e Maurício de Tebas (†286), todos soldados romanos executados por colocarem a sua lealdade para com Cristo acima da sua fidelidade ao imperador e, como tal, representados enquanto arquétipos virtuosos de mártires-guerreiros nas suas respetivas vidas e paixões, a saber: as *Acta Maximiliani Thebestensis*, as *Acta sancti Marcelli centurionis*, a *Passio Iuliani milites*, de autorias anónimas, e a *Passio Agaunensium Martyrum* (c. 420), de Euquério de Lião (†449)⁶⁵⁴. Mais tardia que os restantes testemunhos, composta algures entre os finais do século III e os inícios do seguinte, a paixão atribuída ao bispo de Lião – para quem a legião tebana se compunha de “homens ativos nas coisas da guerra” (“*viri in rebus bellicis strenui*”) e “nobres pela virilidade” (“*virtute nobiles*”), mas ainda “mais nobres pela fé” (“*sed nobiliores fide*”), que combatiam pelo imperador com coragem (“*imperatorem fortitudine*

⁶⁵³ Cipriano, “Liber de Lapsis,” in *Patrologia cursus completus*, 466: “*Confessores, praeconio boni nominis claros et virtutis ac fidei laudibus gloriosos, laetis conspectibus intuemur, sanctis osculis adhaerentes, desideratos diu inexplibili cupiditate complectimur. Adest militum Christi cohors candida, qui persecutionid urgentis ferociam turbulentam stabili congressione fregerunt, parati ad patientiam carceris, armati ad tolerantiam mortis. Repugnastis forrtiter saeculo, spectaculum gloriosum praeuistis Deo, secuturis fratribus fuistis exemplo. Religiosa vox Christum locuta est, in quem se semel credidisse confessa est. Illustres manus quae non nisi divinis operibus assueverant, sacrificiis sacrilegis restituerunt. Sanctificata ora coelestibus cibus, post corpus et sanguinem Domini, profana contagia et idolorum reliquias respuerunt. Ab impio sceleratoque velamine, quo illie velabantur sacrilicantium capita captiva, caput vestrum liberum mansit. Frons cum signo pura, Diaboli coronam ferre non potuit, coronae se Domini reservavit. Quam vos laete sinu suo excipit mater Ecclesia de praelio revertentes ! quam beata, quam gaudens portas suas aperit, ut adonatis agminibus intretis, de hoste prostrato trophaea referentes !*”. Cf. Auer, “Militia Christi,” 1212; Vauchez, “La notion de Miles Christi,” 70; Smith, *War and monastic*, 76.

⁶⁵⁴ A. Neuwirth, “Eucherius of Lyons, St.,” in *New Catholic Encyclopedia*, 438.

certabant”) e por Cristo com devoção (“*Christum devotione certabant*”) ⁶⁵⁵ – sinaliza a apreciação que a imagética do combate espiritual como martírio continuou a suscitar no Ocidente cristão bem para lá do século IV. Isto apesar de, nessa centúria, o triunfo definitivo do cristianismo no mundo romano ter contribuído largamente para uma transformação do corpo ascético no exército espiritual ⁶⁵⁶.

iii) Primeiro monaquismo

Com o esmorecimento dos ímpetos persecutórios das autoridades imperiais romanas contra os primeiros seguidores de Cristo, ditado pela promulgação do Édito de Tolerância (311) – que colocava oficialmente termo às invetivas dioclecianas ⁶⁵⁷ – e, pouco depois, do Édito de Milão (313) – pelo qual o Imperador Constantino concedia formalmente a liberdade de culto à Igreja ⁶⁵⁸ – o vocabulário da *militia Christi* foi objeto de nova apropriação, desta feita por parte de uma minoria de eleitos que se advogavam herdeiros diretos dos mártires: os monges ⁶⁵⁹.

Tendo reclamado gradualmente uma função representativa da restante comunidade dos fiéis perante Cristo no seio da Igreja ⁶⁶⁰, os precursores do emergente ideal monástico recorreram com frequência a este léxico militar para descrever os novos desafios por si enfrentados, quer na busca por uma união íntima com Deus através da oração, da contemplação, da mortificação dos sentidos e da pobreza extrema, abraçadas na solidão da vida eremítica (também chamada heroica ou anacoretica) ⁶⁶¹; quer na demanda por imitar Cristo e reviver a felicidade dos primeiros cristãos de Jerusalém, seguindo os conselhos evangélicos, que vieram a dar origem aos três votos monásticos: pobreza, obediência e castidade, sobre os quais a vida cenobítica (ou comunitária) foi assente ⁶⁶². Ambas as manifestações de religiosidade surgiram nos desertos que circundavam o Mediterrâneo oriental, nos quais se internaram Santo Antão, São Pacómio

⁶⁵⁵ Euquério de Lião, “*Passio Agaunensium Martyrum*,” in *Patrologia cursus completus: Series Latina*, ed. J. -P. Migne, vol. L (Paris: Migne, 1865), 828: “*Illi in auxilium Maximiano ab Orientis partibus acciti venerant, viri in rebus bellicis strenui, et virtute nobiles, sed nobiliores fide; erga imperatorem fortitudine, Erga Christum devotione certabant*.” Cf. Smith, *War and monastic*, 78.

⁶⁵⁶ Smith, *War and monastic*, 110.

⁶⁵⁷ Lot, *O fim do mundo*, 39–50.

⁶⁵⁸ Ibid.

⁶⁵⁹ Smith, “*Spiritual Warriors*,” 90.

⁶⁶⁰ Leclercq, “*Militare Deo*,” 10.

⁶⁶¹ Ângela Beirante, “*Eremitismo*,” in *Dicionário de História Religiosa*, 149–54.

⁶⁶² Geraldo J. A. Coelho Dias, *Quando os monges eram uma civilização... Beneditinos: espírito, alma e corpo* (Porto: CITCEM-Edições Afrontamento, 2001), 105.

(†346), São Paulo de Tebas (†341), São Macário, Santo Atanásio de Alexandria (†373) e São Simeão, o *Estilita* (†459), entre outros, sintomaticamente apelidados de Padres do deserto⁶⁶³. Uma via mais tarde prosseguida também na Europa ocidental, onde o monaquismo se viu difundido desde a sua origem, graças a nomes como o de Evrágio Pôntico (†339), São Jerónimo e João Cassiano (†435)⁶⁶⁴, acabando por se impor nos territórios da Itália e do sul da Gália, dois grandes centros do movimento monástico, que tiveram em Eusébio de Vercelli (†371), São Paulino de Nola (†431), São Martinho de Tours (†397) e São Cesário de Arles, alguns dos seus maiores representantes⁶⁶⁵.

Ilustrativas do entendimento que, no âmbito do PRIMEIRO MONAQUISMO, pré-benedictino, começou por se fazer do ascetismo enquanto *militia Christi* são as figurações alusivas ao eremita-guerreiro, que constam nos escritos de alguns dos grandes promotores dessa forma de vida originária do Oriente. Neste contexto, merece destaque a *Vida de Santo Antão*, pela precocidade e, sobretudo, pela enorme dignidade dada ao tema do combate espiritual no modelo de santidade aí perfilado. É considerada por alguns especialistas como o primeiro testemunho do subgénero hagiográfico das *vitae* (sucessoras das atas e das *passiones* dos mártires), sinalizado também como o principal texto do ascetismo ocidental⁶⁶⁶. A obra, composta em grego em 356, por Atanásio de Alexandria⁶⁶⁷, logo após a morte do protagonista – inspirada nas biografias romanas, readaptando-as para fins religiosos⁶⁶⁸ –, e traduzida pela primeira vez para o latim por Evrágio Pôntico⁶⁶⁹, cerca de 374, narra uma série de violentos enfrentamentos entre Santo Antão e o Diabo, travados no deserto do Egito. Segundo o hagiógrafo, ao primeiro ataque ali perpetrado pelo antigo inimigo (“*antiqui hostis*”), que emprega contra o eremita as armas dos pensamentos indevidos (“*cogitationes sordidas*”) e da luxúria (“*lasciviae*”), o santo responde fortificando o corpo (“*corpus omne vallabat*”), a fé (“*fide*”), as vigílias (“*vigiliis*”) e os jejuns (“*jejunii*”)⁶⁷⁰. Dava-se assim ensejo a um confronto interior que

⁶⁶³ Ibid.

⁶⁶⁴ Ibid.

⁶⁶⁵ Ibid.

⁶⁶⁶ William Harmless, “The life of Antony: Text and Context,” in *Desert Christians: An Introduction to the Literature of Early Monasticism* (Oxford-Nova Iorque: Oxford University Press, 2004), 57–84.

⁶⁶⁷ V. C. de Clercq, “Athanasius, St.,” in *New Catholic Encyclopedia*, 817–20.

⁶⁶⁸ Harmless, 57–84.

⁶⁶⁹ A. Maas, “Evrégios Ponticus,” in *The Catholic Encyclopedia*, eds. Charles G. Herbermann et al., vol. V (Nova Iorque: Robert Appleton Company, 1910), 70–2.

⁶⁷⁰ Atanásio de Alexandria, “Vita et Conversatio S. P. N. Antonii,” in *Patrologiae cursus completus: Series Graeca*, ed. J. -P. Migne, vol. XXVI (Paris: Migne, 1857), 847; Evrágio Pôntico, “Vita Beati Antonii Abbatis,” in *Patrologiae cursus completus: Series Latina*, ed. J. -P. Migne, vol. LXXIII (Paris: Migne, 1849), 129: “Postquam autem Diabolus orationibus ejus ad Deum, per passionis fidem se intellexit elidi, consueta adversum omnes adolescentes, arma arripiens, nocturnis eum inquietabat illecebris. Et primum noctibus

mais não representava que a continuidade da luta iniciada por Cristo contra as forças do mal, tal como concebida no *Novo Testamento*, retomando o episódio bíblico dos 40 dias de Cristo no deserto (Mt 4:1-11; Mc 1:12-13; Lc 4:1-13). Foi justamente ao poder e auxílio divinos que se viu atribuído o triunfo do santo sobre o Maligno e suas tentações, em linha com o que se tornaria, de resto, um lugar-comum do *proelium* hagiográfico⁶⁷¹. Defensor solitário de fortes romanos (“*castellum*”) abandonados às investidas do diabo, invicto combatente de demónios aparentados de soldados armados (“*milites armati*”) e intrépido conquistador de territórios pagãos e demoníacos, fruto dos seus avanços pelo deserto⁶⁷²; Santo Antão surge figurado em a *vita* de Atanásio como o arquétipo do monge-guerreiro⁶⁷³. Nas próprias palavras atribuídas pelo patriarca de Alexandria ao santo, uma figura mais hostilizada pelo Inimigo do que os restantes cristãos, em razão da eficácia com que os seus triunfos lesavam o poder demoníaco, assentes na disciplina monástica, consubstanciada na observância das práticas ascéticas da pobreza, da castidade, do jejum, da vigília e da oração⁶⁷⁴.

Transportado para o Ocidente, este entendimento, que elevava o asceta à dignidade de líder da *militia Christi*, ressalta, por exemplo, da representação de Santo Antão feita por São Jerónimo⁶⁷⁵ na *Vida de São Paulo* (c. 375), a primeira biografia de um asceta do deserto destinada a um público falante da língua latina, cuja popularidade se acentuou em épocas posteriores, contabilizando-se mais de uma centena de cópias medievais sobreviventes da peça⁶⁷⁶. São Jerónimo atribui pretensamente a São Paulo a fundação do monaquismo, reservando a Santo Antão o mero papel de seu protegido, a quem reconhece, no entanto, os atributos da coragem, resistência e contenção, considerados, no século IV, próprios de um *miles Christi*⁶⁷⁷. É a este estereótipo literário

infesta multitudine et horribili metu sonitus eum exagitare conabatur. Per dies etiam tam apertis in eum tellis irruerat, ut nullus ambigeret, quin Antonius contra Diabolum dimicaret. Nam et ille cogitationes sordidas conabatur inserere, et hic eas oratu submovebat assidue. Ille titillabat sensus naturali carnis ardore; hic fide, vigiliis et jejunii corpus omne vallabat.” Cf. Auer, “Militia Christi”, 1213; Tomea, “Il ‘proelium’ cristiano,” 605–6; Smith, *War and monastic*, 79–81.

⁶⁷¹ Tomea, “Il ‘proelium’ cristiano,” 605–6; Smith, *War and monastic*, 80–81.

⁶⁷² Atanásio, “Vita et Conversatio,” 861–2, 899–900, 937–8; Evrágio, “Vita Beati Antonii,” 133, 144, 162–3.

⁶⁷³ Smith, *War and monastic*, 81.

⁶⁷⁴ Atanásio, “Vita et Conversatio,” 177–8; Evrágio, “Vita Beati Antonii,” 137–8: “*Hostille illis contra omnes Christianos, maxime vero contra monachos et virgines Christi, odium est. Eorum semitis laqueos praetendunt, eorum mentes impiis atque obscenis cogitationibus nituntur evertee; sed nihil vobis in hoc territoris incutiant. Fidelium enim orationibus atque jejuniis ad Dominum statim corruunt; nec tamen si paululum cessaverint, prorsus plenam putetis esse victoriam.*” Cf. Smith, *War and monastic*, 81.

⁶⁷⁵ Murphy, “Jerome,” 756–60.

⁶⁷⁶ Smith, *War and monastic*, 82.

⁶⁷⁷ Ibid.

que obedece a caracterização do eremita egípcio por São Jerónimo, enquanto bom combatente (“*bonus praeliator*”), inabalável nos seus confrontos contra as encarnações do mal que habitavam o deserto, porquanto protegido com o escudo da fé (“*scutum fidei*”) e envergando a “lorica da esperança” (“*loricam spei*”) da tradição paulina⁶⁷⁸. Ainda mais significativas são as metáforas que perpassaram o mais proeminente tratado do mesmo Pai da Igreja sobre a virgindade, escrito sob a forma de uma epístola a uma virgem enclausurada de nome Eustóquia (c. 384)⁶⁷⁹. Nesta narrativa, equiparando a vida ascética a um combate solitário (“*certamen*”), São Jerónimo encorajava a jovem a enfrentar as contrariedades temporárias do seu celibato de olhos postos na Salvação, qual guerreiro em campanha, transportando pesadas estacas para assentamento dos seus acampamentos (“*ferre vallum*”), carregando as suas armas (“*arma sumere*”), subsistindo à base de virtualhas (“*cibaria*”) e desfalecendo sob o peso da armadura (“*lassescere sub lorica*”), a fim de alcançar a vitória (“*victorem*”)⁶⁸⁰. Sublinhava, ademais, o caráter danoso e irreversível – implicando nada menos do que a servidão eterna (“*servire perpetuo*”) – que, no âmbito desse combate ascético contra a carne, acarretaria uma só derrota, sinónimo da cedência definitiva às tentações carnis⁶⁸¹. Estas últimas, configurando verdadeiras hostes de inimigos (“*magnis hostium inimicorum*”), que cercavam constantemente os monges, numa batalha em que a carne (“*caro fragilis*”) combatia “sozinha contra muitos” (“*pugnat sola cum pluribus*”)⁶⁸². Figurações presentes em inúmeros testemunhos hieronimianos, com as quais rivalizariam, em vividez e complexidade, as representações elaboradas por João Cassiano⁶⁸³ nas *Collationes Patrum* (c. 426-428), destinadas aos monges que haviam abraçado a vida comunitária. Aí as provações inerentes à espiritualidade monástica são

⁶⁷⁸ Jerónimo de Estridão, “Vita S. Pauli Primi Eremitae,” in *Patrologia cursus completus: Series Latina*, ed. J. -P. Migne, vol. XXIII (Paris: Vrayet, 1845), 23: “*Stupens itaque Antonius, et de eo quod viderat secul volvens, ulterius progreditur [Ver. Ms. Regrediebatur]. Nec mora, inter saxosam convallem haud grandem homunculum videt, aduneis naribus, fronte cornibus asperata, cujus extrema pars corporis in caprarum pedes desinebat. Ad hoc Antonius spectaculum, scutum fidei et loricam spei, ut bonus praeliator arripuit: nihilominus memoratum animal, palmarum fructus eidem ad viaticum, quasi pacis obsides, offerebat [Al. Afferebat].*” Cf. Smith, *War and monastic*, 82.

⁶⁷⁹ Smith, *War and monastic*, 83–4.

⁶⁸⁰ Ibid.

⁶⁸¹ Jerónimo de Estridão, “Epistola XXII,” in *Patrologia cursus completus: Series Latina*, ed. J. -P. Migne, vol. XXII (Paris: Vrayet, 1845), 423: “*Quis sanctorum sine certamine coronatus est? [...] Nonne melius est brevi tempore dimicare (b), ferre vallum, arma sumere, cibaria, lassescere sub lorica, et postea gaudere victorem, quam impatientia unius horae servire perpetuo?*” Cf. Smith, *War and monastic*, 84.

⁶⁸² Jerónimo, “Epistola XXII,” 396: “*Magnis inimicorum circumdamur agminibus, hostium plena sunt omnia. Caro fragilis, et cinis futura post modicum, pugnat sola cum pluribus.*” ?” Cf. Smith, *War and monastic*, 84.

⁶⁸³ F. Chiovaro, “Cassian, John (Johannes Cassianus),” in *New Catholic Encyclopedia*, 205–7.

concebidas como verdadeiras batalhas contra a carne e os oito vícios mortais⁶⁸⁴, cuja superação se traduziria na elevação do monge ao posto espiritual (“*spiritalis ordinem*”) do fiel centurião do *Evangelho de São Mateus* (Mt 8:5-13)⁶⁸⁵. No entendimento do principal responsável pela introdução do ascetismo dos desertos orientais nos mosteiros do Ocidente, a proteção oferecida pela armadura deste último equivalia metaforicamente às propriedades defletoras do pecado da indumentária monástica, que encontrava o seu componente mais importante no “cinturão duplo” (“*cingulum duplicis*”), representativo da determinação do monge em extinguir as “flechas ardentes da luxúria” com o “gelo da abstinência”⁶⁸⁶.

Indissociável do entendimento da vida ascética como *militia Christi* é também muita da imagética encontrada em escritos de nomes maiores do monaquismo ocidental, destacando-se a hagiografia dedicada pelo eremita franco Sulpício Severo (†420)⁶⁸⁷ à vida do seu amigo Martinho de Tours (c. 396)⁶⁸⁸, complementada por três epístolas, em que fez a apologia do bispo contra os seus detratores, e por dois *dialogi*, contendo o elenco dos milagres operados pelo futuro santo. Numa lógica em tudo análoga à que subordinou as representações dos mártires-soldados nas suas *passiones*, a conotação de Martinho com a figura do guerreiro espiritual é, em a *vita* que lhe consagra Sulpício, indelével da efetiva experiência militar do bispo de Tours, cujos dados biográficos o dizem filho de um veterano, convocado para o exército romano aos quinze anos, onde teria permanecido até depois do batismo. Já antes, a posse de virtudes como a paciência, a humildade e a

⁶⁸⁴ João Cassiano, “Collationum XXIV,” in *Patrologia cursus completus: Series Latina*, ed. J. -P. Migne, vol. XLIX (Paris: Migne, 1846), 595: “Quae cum utraque desideria, id est, carnis et spiritus in uno eodemque sint homine, intestinum quotidie intra nos geritur bellum, dum concupiscentia carnis quae praecipitanter fertur ad vitia, his quae ad presentem requiem pertinet, deliciis gaudet. Quibus contra concupiscentia spiritus adversata, ita desiderat tota spiritualibus studiis inhaerere, ut etiam necessarios carnis usus optet excludere, sic illis jugiter occupari cupiens, ut nullam penitus fragilitati ejus curam cupiat impartiri.”, 642: “Sciendum tamen non eundem esse in omnibus ordinem praeliorum, quia, sicut diximus, non uno modo impugnamur omnes, et oportet unumquemque nostrum secundum qualitatem belli quo principaliter infestatur, concertationum luctamen arripere, ita ut alium necesse sit adversus vitium quod tertium ponitur, primum exercere conflictum; alium contra quartum seu quintum, et ita prout ipsa vitia in nobis obtinent principatum : utque impugnationis exigit modus, nos quoque oportet ordinem instituere praeliorum, secundum quem proventus quoque victoriar triumphique succedens faciet nos ad puritatem cordis et perfectionis plenitudinem pervenire.”. Cf. Smith, *War and monastic*, 90–1.

⁶⁸⁵ Cassiano, “Collationum,” 673: “Si igitur nos quoque viriliter adversus perturbationes et vitia dimicantes potuerimus ea ditioni nostrae discretionisque subiacere, ac militantes in carne nostra extinguere passiones, vel instabilem cogitationum nostrarum cohortem rationis imperio subjugare, ac Dominicae crucis salutaris vexillo dirissimas adversariorum potestatum turbas a terminis nostri pectoris propulsare, pro tantorum meritis triumphorum, ad spiritualis hujus centurionis ordinem provehemur [...]”. Smith, *War and monastic*, 91.

⁶⁸⁶ João Cassiano, “De Coenobiorum institutis,” in *Patrologia cursus completus: Series Latina*, ed. J. -P. Migne, vol. XLIX (Paris: Migne, 1846), 59–71 e 397–403.

⁶⁸⁷ F. G. Sottocornola, “Sulpicius Severus,” in *New Catholic Encyclopedia*, 693–4.

⁶⁸⁸ H. G. J. Beck, “Martin of Tours, St,” in *New Catholic Encyclopedia*, 220.

moderação teriam concorrido, segundo o hagiógrafo, para o reputar, não como soldado (“*non miles*”), mas como monge (“*sed monachus*”)⁶⁸⁹. A enraizada convicção monástica acerca da incompatibilidade entre as duas formas de vida, que se estima, aliás, ter estado na origem do abundante uso que os primeiros monges e, mais tarde, outros religiosos, fizeram do vocabulário da guerra espiritual – passível de interpretar, nesse sentido, como instrumento de demarcação entre os que oravam e os que combatiam⁶⁹⁰ – encontra, porventura, a sua expressão mais flagrante no episódio da renúncia de Martinho ao serviço militar. Segundo o relato, autointitulando-se “soldado de Cristo” (“*Christi ego miles sum*”), o futuro bispo declara perante o imperador Juliano (*imp.* 361-†363) estar-lhe desse modo vedada a participação em práticas militares (“*pugnare mihi non licet*”), numa ação que este último atribuiu, não à fé, mas ao receio da batalha (“*metu pugnare*”). Em resposta à acusação imperial, protegido, não com um escudo ou com um capacete (“*non clypeo protectus aut galea*”), mas somente com o sinal da cruz (“*signo crucis*”), Martinho teria penetrado ileso as fileiras do inimigo (“*cuneos hostis*”)⁶⁹¹ no dia do combate.

O ideal monástico de santidade em torno do qual se desenvolveu o imaginário da guerra espiritual na *vita* escrita por Sulpício Severo conciliou o pacifismo cristão com os modelos de heroísmo enraizados na tradição clássica e veterotestamentária⁶⁹². Fez convergir na figura de São Martinho atributos espirituais do mártir e do asceta do deserto, acentuando os milagres enquanto prova de santidade⁶⁹³. Este seria, de resto, o mesmo ideário que, transcorridos dois séculos, inspiraria Gregório Magno na caracterização que fez de São Bento de Núrsia (†546)⁶⁹⁴ no livro segundo dos seus *Diálogos* (c. 593). O autor da mais célebre das regras monásticas, que lhe tomou o nome – a *Regula Benedicti* (c.

⁶⁸⁹ Sulpício Severo, “De Vita Beati Martini,” in *Patrologia cursus completus: Series Latina*, ed. J. -P. Migne, vol. XX (Paris: Migne, 1845), 161: “*Nam frugalitatem in eo laudare non est necesse, qua ita usus est ut jam illo tempore non milles, sed monachus putaretur.*”. Cf. Leclercq, “Militare Deo,” 9; Smith, *War and monastic*, 85–7.

⁶⁹⁰ Leclercq, “Militare Deo,” 9.

⁶⁹¹ Severo, “De Vita Beati Martini,” 162–3: “*Christi ego miles sum: pugnare mihi non licet. Tum vero adversus hanc vocem tyrannus infremuit, dicens, eum metu pugnare, quae postera die erat futura, non religionis gratia detractare militiam. At Martinus intrepidus, immo illato sibi terrore constantior : Si hoc, inquit, ignaviae ascribitur non fidei, crastina die ante aciem inermis astabo : et in nomine Domine Jesu, signo crucis non clypeo protectus aut galea, hostium cuneos penetrabo securus. [...] et quamvis pius Dominus servare militem suum, licet inter hostium gladios et tela, potuisset; tamen ne vel aliorum morte Sancti violaretur obtutus, exemit pugnare necessitatem : neque enim aliam pro milite suo Christus debuit praestare victoriam, quam ut, subactis sine sanguine hostibus, nemo moretur.*”. Cf. Leclercq, “Militare Deo,” 9; Smith, *War and monastic*, 85–7.

⁶⁹² Smith, *War and monastic*, 87.

⁶⁹³ Ibid.

⁶⁹⁴ J. Rippinger, “Benedict, St.,” in *New Catholic Encyclopedia*, 236–8.

530) – é representado por São Gregório como guerreiro espiritual de distinção, pela sua perfeição ascética e reputação de taumaturgo. Virtudes manifestas, ora na vitória sobre o pecado (“*vicit peccatum*”) – conforme é apelidado o desfecho do episódio em que se vê obrigado a rolar nu sobre um campo de urtigas, a fim de refrear a luxúria⁶⁹⁵ –, ora ainda na construção que promove de um “*castrum*” cristão em território conquistado ao inimigo – como é prefigurada a fundação da abadia italiana de Monte Cassino, no local de um antigo santuário pagão⁶⁹⁶. Através da sua regra, São Bento propôs-se estruturar de forma orgânica a vida cenobítica nos mosteiros da ordem por si fundada, a primeira do catolicismo, cujos membros, emulando os seus antecessores, reservariam para si o papel de protagonistas no eterno combate que opunha Cristo e as virtudes cristãs ao Diabo e aos vícios por ele inspirados, autorrepresentando-se os beneditinos como tal em muitos dos seus escritos.

iv) Tempos alto-medievais

A regra atribuída a São Bento de Núrsia, composta e primeiro testada no mosteiro de Monte Cassino⁶⁹⁷, resultou do desenvolvimento e aprimoramento de um texto normativo anterior, composto algures entre os anos de 500 e 530, em Itália, por um autor anónimo: a Regra do Mestre (*Regula Magister*)⁶⁹⁸. Nele, ressaltavam já com assinalável frequência termos compagináveis com o ideário da guerra espiritual. Estão, por exemplo,

⁶⁹⁵ Gregório Magno, “*Vita S. Benedicti*,” in *Patrologia cursus completus: Series Latina*, ed. J. -P. Migne, vol. LXVI (Paris: Migne, 1866), 132: “*Cum subito superna gratia respectus ad semetipsum reversus est, atque urticarum et veprium juxta densa succrescere fruteta conspiciens, exutus indumento nudum se in illis spinarum aculeis et urticarum incendiis projecit : ibique diu volutatus, toto ex eis corpore vulneratus exit, et per cutis vulnera eduxit a corpore vulnus mentis; quia voluptatem traxit in dolorem. Cumque bene poenaliter foris arderet, exstinxit quot intus illicite ardebat. Vicit itaque peccatum, quia mutavit incendium.*”. Cf. Smith, *War and monastic*, 87–8.

⁶⁹⁶ Gregório, “*Vita S. Benedicti*,” 152: “*Sanctus vir ad alia demigrans loca non hostem mutavit. Nam tanto post graviora praelia pertulit, quantum contra se aperte pugnantes ipsum malitiae magistrum invenit. Castrum namque quod Cassinum dicitur, in excelsi montis latere situm est, qui videlicet mons distenso sinu hoc idem castrum recepit, sed per tria militia in altum se subriens, velut ad aera cacumen tendit : ubi vestustissimum fanum fuit, in quo ex antiquorum more gentium a stulto rusticorum populo Apollo colabatur. Circumquaque etiam in cultu daemonum luci succreverant, in quibus adhuc eodem tempore infidelium insana multitudo sacrificiis sacrilegis insudabat. Illuc itaque vir Dei perveniens, contrivit idolum, subvertit aram, succendit lucos, atque in ipso templo Apollinis oraculum beati Martini, ubi vero ara ejusdem Apollinis, fuit oraculum sancti Joannis construxit, et commorantem circumquaque multitudinem praedicatione continua ad fidem vocabat.*”. Cf. Smith, *War and monastic*, 87–8.

⁶⁹⁷ Ripinger, “*Benedict, St.*,” 237.

⁶⁹⁸ Para os argumentos favoráveis à derivação da Regra de S. Bento da Regra do Mestre vide, entre outros autores, Marilyn Dunn, “Mastering Benedict: Monastic Rules and their Authors in Early Medieval West,” *English Historical Review* 105 (1990): 567–94. Para o contra-argumento, pressupondo uma datação mais tardia para o texto anónimo, vide Adalbert de Vogüé, “The Master and St Benedict: A Reply,” *English Historical Review* 107 (1992): 95–103.

contabilizadas mais de vinte ocorrências das formas “*miles*”, “*militia*” e “*militare*”⁶⁹⁹. Para além disso, todos os que viviam de acordo com os preceitos da vida monástica integram figurativamente uma “ordem de santos guerreiros” (“*sanctae militiae ordo*”) ⁷⁰⁰.

Mais do que subscrever as escolhas semânticas da *Regra do Mestre*, a *Regra de São Bento* contribuiu em larga medida para desenvolver a imagética em que, nela e noutros textos dos TEMPOS ALTO-MEDIEVAIS, se consubstanciou a noção de *militia Christi*, originando complexas metáforas militares ligadas à vida cenobítica⁷⁰¹. Fá-lo ao longo do prólogo e de 73 capítulos – onde os termos “*militia*” e “*militare*” surgem seis vezes, provavelmente como sinónimos de “obediência” ou “serviço”⁷⁰². Tais construtos metafóricos associavam o cenobita à figura do soldado e toda a sua existência de abnegação a um combate, simultaneamente, singular, por este conduzido no seu interior contra a tentação de ceder à vontade própria, e coletivo, remetente para a batalha da “santa obediência” (“*sanctae oboedientiae militanda*”) que o próprio era, por sua vez, chamado a travar enquanto membro das “fileiras fraternas” (“*fraterna acie*”), que formavam a “milícia monasterial” (“*monasteriale militia*”) ⁷⁰³. Neste certame, empunhava as “gloriosas e poderosíssimas armas da obediência” (“*obedientiae fortissima atque praeclara arma assumis*”) para “militar sob o abade” (“*sub abbate militare*”), o representante terreno de Cristo (“*Domino Christo vero Regi militaturus*”), que, enquanto líder desse exército, levava os seus soldados a participar na Sua morte, mas também no Seu triunfo sobre o Inimigo⁷⁰⁴. Ao lado desta luta, protagonizada pelos que “militam sob uma regra e um abade” (“*militans sub regula vel Abbate*”), o autor da regra invocava outra, que identificava com o anacoretismo, uma das fórmulas de vida eremítica que a experiência religiosa abrangeu na Alta Idade Média. Esta foi abraçada por todos os que “na companhia de muitos aprenderam a lutar contra o Demónio e, bem adestrados nas fileiras fraternas, já estão seguros para a luta isolada do deserto sem a consolação de

⁶⁹⁹ Giles Constable, “Metaphors for religious life in the Middle Ages,” *Revue Mabillon* 19 (2008): 240–1.

⁷⁰⁰ “Ad Monachos Magistri Regula,” in *Patrologia cursus completus: Series Latina*, ed. J. -P. Migne, vol. LXXXVIII (Paris: Migne, 1862), 1004: “In exercendo maxime divino officio prae omnibus sanctae debet militiae ordo constitui;”. Cf. Smith, *War and Monastic Culture*, 90.

⁷⁰¹ Constable, “Metaphors for religious,” 240–1.

⁷⁰² Christine Mohrmann, “La langue de Saint Benoît,” in *Sancti Benedicti Regula Monachorum*, ed. Philibert Schmitz (Maredsous: Editions de Maredsous, 1955), 9–39; Eugène Manning, “La signification de militare-militia-miles dans la Règle de S. Benoît,” *Revue Benedictine* 72 (1962): 135–8; Gregorio Penco, “Il concetto di monaco e di vita monastica in occidente nel secolo VI,” *Studia monastica* 1 (1959): 7–50; Benedict Guevin, “Benedict’s “Military” Vocabulary Reconsidered,” *American Benedictine Review* 49 (1998): 138–47.

⁷⁰³ Bento de Núrsia, *Benedicti Regula Monachorum*, ed. Eduardus Woelfflin (Leipzig: B.G. Teubneri, 1895), 6, 8.

⁷⁰⁴ Bento, *Benedicti Regula*, 6. Cf. Leclercq, “Militare Deo,” 14–5.

outrem, e aptos para combater com as próprias mãos e braços, ajudando-os Deus, contra os vícios da carne e dos pensamentos”⁷⁰⁵.

A conceção da vida monástica como uma forma de *militia Christi*, inerente à imagética militar discernível na *Regra de São Bento*, ecoaria nos escritos de muitos monges pertencentes às comunidades monásticas espalhadas pelo Ocidente cristão, nas quais se foi, desde cedo, impondo a observância do texto do abade de Monte Cassino, ou apenas o seu conhecimento como elemento de espiritualidade⁷⁰⁶. A este conhecimento da regra beneditina se deveu o uso de terminologia militar na *Regra de Santo Isidoro de Sevilha*, do princípio do século VII⁷⁰⁷. Nesta regra, pela qual se pautou a vida nos mosteiros hispânicos até à tardia implantação do monaquismo beneditino no território, no século XI, descreve-se a entrada na vida monástica como um momento em que os professos “abandonavam o mundo em favor do combate de Deus” (“*Qui relictio saeculo ad militiam Xpi [...] conuertuntur*”), ou ofereciam a sua liberdade à “guerra divina” (“*diuinae militiae*”) contra as forças diabólicas⁷⁰⁸. Estabelece-se, inclusivamente, na regra isidoriana, uma comparação entre o alistamento militar e a profissão religiosa: assim como o primeiro oficializava a entrada do soldado na legião, a segunda, dizia Santo Isidoro, fosse “pela palavra ou pela escrita” (“*professione aut uerbi aut scripti*”), autenticava o ingresso dos que “estão destinados ao combate celeste no acampamento do espírito” (“*qui in spiritualibus castris caelesti militiae sunt signandi*”) no “número e na sociedade dos servos de Deus” (“*in numerum societatemque seruorum Xpi transire non possunt*”)⁷⁰⁹.

Se na cronologia em apreço a noção de *militia Christi* não foi, portanto, apanágio exclusivo da espiritualidade beneditina – sem prejuízo da eventual influência

⁷⁰⁵ Bento, *Benedicti Regula*, 8: “Deinde secundum genus est anachoritarum, id est heremitarum horum qui non conversationis fervore novicio sed monasterii probatione diuturna didicerint contra Diabolum multorum solacio iam docti pugnare et bene extracti, fraterna ex acie ad singularem pugnam heremi securi iam sine consolatione alterius sola manu vel brachio contra vitia carnis vel cogitationum Deo auxiliante sufficiunt pugnare.” Cf. Leclercq, “Militare Deo,” 14–5.

⁷⁰⁶ Dias, “A Regra de S. Bento em Portugal e no Brasil,” in *Quando os monges*, 56.

⁷⁰⁷ J. T. Crouch, “Isidore of Seville, St.,” in *New Catholic Encyclopedia*, 602–5.

⁷⁰⁸ Isidoro de Sevilha, “Regula Isidori,” in *San Leandro, San Isidoro, San Fructuoso, Reglas monasticas de la Espana visigoda*, ed. Julio Campos Ruiz e Ismael Roca Melia, vol. II (Madrid: editora, 1971), 94–5: “*Qui relictio saeculo ad militiam xpi pia et salubri humilitate conuertuntur, omnia sua primum aut indigentibus diuidant, aut monasterio conferant. Tunc enim serui xpi liberum animum diuinae militiae offerunt quando a se spei saecularis uincula cuncta praecedunt.*”. Cf. Constable, “Metaphors for religious 241.

⁷⁰⁹ Isidoro, “Regula Isidori,” 95: “*Sicut enim ii qui ad saecularem promouerunt militiam in legionem non transeunt nisi antea in tabulis conferantur, ita et ii qui in spiritalibus castris caelesti militiae sunt signandi nisi prius professione aut uerbi aut scripti teneantur, in numerum societatemque seruorum xpi transire non possunt.*”. Cf. Constable, “Metaphors for religious 241.

indiretamente exercida pelos principais textos beneditinos no alargamento do tema a outras experiências monásticas –, a verdade é que parece ter sido justamente junto dos que viveram sob a divisa “*Ora et labora*” que assumiu maior centralidade. Para tal, muito terá concorrido a imagética militar, presente na constelação de obras que frequentemente acompanharam a *Regra de São Bento*, como foi o caso dos escritos de Gregório Magno⁷¹⁰. Merece referência, neste particular, a comparação que, no terceiro livro dos *Diálogos* – a mesma obra em que pintara a eidética hagiográfica de São Bento, desde cedo considerada imprescindível à leitura das prescrições normativas da *regula* –, o beneditino fez da vida monástica uma batalha contra o Diabo. Asseverava perante Pedro, o Diácono, que “sem batalha, não há palma da vitória. Nenhum dos que não lutam até ao fim contra as hostilidades do antigo inimigo (“*antiqui hostis*”) pode ser vitorioso. Este espírito maligno está sempre atento aos nossos pensamentos, palavras e atos, sempre à procura de evidências com que nos incriminar no dia do Julgamento.”. Ao que, recuperando do primeiro capítulo da *Regra* a imagem das “fileiras fraternas” (“*fraterna acie*”), o seu discípulo respondia: “Deve ser extremamente exaustivo e assustador permanecer firme na linha da frente (*acie*) da batalha, enfrentando continuamente os ataques do inimigo”⁷¹¹.

As passagens remetentes para este entendimento da vida monástica como uma forma de combate espiritual travado em nome de Cristo contra as forças do mal revelaram-se, entretanto, tudo menos raras nos escritos de São Gregório. Também no extenso comentário exegético tecido ao *Livro de Job* (c. 660) – os reputados e amplamente divulgados *Moralia in Job* –, se demorou numa detalhada analogia entre o guerreiro (“*vir fortis*”) e o homem santo (“*vir sanctus*”), a propósito de um dos versículos descritivos do famoso “cavalo de guerra” (Jb 39,25). Nas suas palavras, tal como o primeiro empalidecia de medo perante o combate (“*quasi pavere per pallorem cernitur*”), mas, impelido pela fúria (“*sed per iram vehementer urgetur*”), avançava ao encontro dos “inimigos armados” (“*Hostis armati*”), também o segundo se via abalado pela fragilidade da sua natureza na iminência da morte, mas, animado pela certeza de que morrendo viveria (“*quod moriendo verius vivat*”), subjugava os impulsos carnaís (“*edomita carnis superbia*”) e procurava escapar aos “enganos” (“*dolos*”) suscitados por outros “espíritos impuros”

⁷¹⁰ Smith, *War and monastic*, 90.

⁷¹¹ Gregório Magno, “Dialogorum,” in *Patrologia cursus completus: Series Latina*, ed. J. -P. Migne, vol. LXXVII (Paris: Migne, 1862), 269–72: “Gregor. Sine labore certaminis non est palma victoriae. Unde ergo victores sunt, nisi quod contra antiqui hostis insidias decertaverunt? Malignus quippe spiritus cogitationi, locutioni, atque operi nostro semper insistit, si fortasse quid inveniatur unde apud examen aeterni iudicis accusator existat. [...] Petr. Laboriosum est valde atque terribile contra inimici insidias semper intendere, et continue quasi in acie stare.”. Cf. Smith, *War and monastic*, 93–4.

(“*immundorum spirituum*”)⁷¹². Enfim, semelhante entendimento se insinuou em partes diversas da mesma obra, como, por exemplo, nas interpretações construídas pelo pontífice em torno do célebre versículo de Job que afirmava ser a vida do homem uma luta sobre a terra (Jb 7,1), muito comentado também nos mosteiros beneditinos do período carolíngio por autores como Ambrósio Autperto (†784) e Pascásio Radberto (†860)⁷¹³.

Para a perpetuação da colagem do monge beneditino à figura do *miles Christi* no universo carolíngio, muito contribuiu a chamada *Expositio in regulam Sancti Benedicti*, composta por Esmaragdo no início do século IX⁷¹⁴. Tida como o primeiro comentário integral à *Regra de São Bento*⁷¹⁵, com a qual, à semelhança dos *Diálogos* gregorianos, circulou no período alto-medieval e mesmo além dele⁷¹⁶, a obra do abade de Saint-Mihiel tomou a terminologia militar empregue por São Bento como ponto de partida para uma oposição entre os “soldados do século” (“*milites saeculi*”) e os “soldados de Cristo” (“*milites Christi*”). Por seu intermédio, procurou evidenciar a inferioridade dos primeiros, que combatiam com armas físicas (“*infirmas et lubricas armas*”) e enfrentavam inimigos de carne e osso (“*hostes*”), atraindo sobre si mesmos e aqueles que matavam a condenação eterna (“*aeternam poenam*”), estando-lhes destinados a descida aos abismos, (“*descendant ad tartara*”), o encerramento no Inferno com os demónios (“*cum daemonibus mancipentur in inferno*”) e a lamentação com o Diabo (“*cum diabolo gugeant*”); aos segundos, que, por sua vez, pelejavam com armas espirituais (“*arma fortissima atque praeclara*”) e tinham por inimigos os vícios (“*pugnant contra vitia*”), buscando a vida eterna (“*aeternam vitam*”), e estando-lhes prometidas a subida à glória (“*ascendant ad gloriam*”), a posse do reino dos céus com os anjos (“*cum angelis in perpetuo possideant regnum*”) e o eterno regozijo com Cristo (“*cum Christo*

⁷¹² Gregório Magno, “*Moralium Libri*,” in *Patrologia cursus completus: Series Latina*, ed. J. -P. Migne, vol. LXXVI (Paris: Migne, 1857), 612–16: “*Sicut enim vir fortis, cum vicino jam belli certamine armis accingitur, et palpitatur et festinat, tremit et saevit, quasi pavore per pallorem cernitur, sed per iram vehementer urgetur; ita vir sanctus, cum passioni se propinquare conspiciat, et naturae suae infirmitate concutitur, et spei suae soliditate roboratur; et de vicina morte trepidat, et tamen quod moriendo verius vivat, exultat. [...] Hostes armati sunt immundi spiritus, innumeris contra nos fraudibus accincti. Qui cum suadere nobis iniqua nequeunt, ea sub virtutum specie nostris obtutibus opponunt, et quasi sub quibusdam armis se contegunt, ne in sua malitia a nobis nudi videantur. Quibus armatis hostibus in occursum pergimus, quando eorum insidias longe praevidemus. Effosa igitur terra, armatis hostibus in occursum pergere, est, edomita carnis superbia, dolos immundorum spirituum mirabiliter explorare.*”.

⁷¹³ Sobre os comentários exegéticos construídos em torno deste versículo do Livro de Job e outras passagens análogas, é da maior importância a síntese de Grégoire, “*Esegesi bíblica*,” 27–8.

⁷¹⁴ J. M. O’ Donnell, “*Smaragdus of Saint-Mihiel*,” in *New Catholic Encyclopedia*, 228.

⁷¹⁵ Dias, “*Comentários à Regra de S. Bento*,” in *Quando os monges*, 90–91.

⁷¹⁶ Smith, *War and monastic*, 94–6.

exsultent”)⁷¹⁷. No âmbito deste combate interior, mais do que “cingir os lombos com a fé”, conforme prescrevia São Bento na sua *Regra*, o monge devia, segundo Esmaragdo, envergar o “cinturão duplo” de que falava já Cassiano, simbolizando a fé e as obras. Eram estes os dois atributos próprios de todos quantos se mostravam “varonilmente preparados para a batalha” (“*praelio viriliter praeparati*”)⁷¹⁸ ou para integrar as “linhas de soldados ordenados para travar guerra contra o Diabo” (“*instructus ordo militum ad bellandum contra diabolum*”), que apenas o anacoreta (“*iste solus monachorum*”) abandonava para combater (“*pugnaturus*”), pois “ninguém será coroado sem um confronto (2 Tim. 2:5); nem a graça de Deus abandona ninguém que lute contra os vícios da carne com prontidão e boa vontade”⁷¹⁹.

Esta noção interiorizada de *militia Christi* surgiria bem vincada nos mais proeminentes escritos de Rábano Mauro⁷²⁰, para quem os combatentes de Cristo (“*Milites Christi*”) eram justamente todos aqueles que lutavam contra o Diabo (“*qui contra Diabolum pugnant*”) e que, fortalecidos pelas virtudes, à cabeça das quais se encontraria a Humildade, contendiam corajosamente contra as hostes de vícios (“*et contra vitia fortiter dimicant*”), lideradas pela Soberba⁷²¹. É significativo que, nesta passagem, o abade de Fulda não nomeasse especificamente o monge enquanto *miles Christi*, em notório contraste com a tendência observável nos testemunhos acima mencionados, de São Gregório e Esmaragdo, mas em plena consonância com as teorizações do monge britânico, Alcuíno de York (†804)⁷²², de quem Rábano teria chegado a ser discípulo em

⁷¹⁷ Esmaragdo de Saint-Mihiel, “*Commentaria in Regulam sancti Benedicti*,” in *Patrologia cursus completus: Series Latina*, ed. J. -P. Migne, vol. CII (Paris: Migne, 1851), 696: “*Sunt enim milites saeculi, sunt et milites Christi: sed milites saeculi infirma et lubrica arma; milites autem Christi fortissima sumunt atque praeclara. Pugnant illi contra hostes, ut se et interfectos aeternam perducant ad poenam: pugnant isti contra vitia, ut post mortem aeternam vitam consequi possint ad praemia: illi ut descendant ad tartara, isti ut ascendant ad gloriam; illi ut post mortem cum daemonibus mancipentur in inferno, isti ut cum angelis in perpetuo possideant regnum [...] illi ut cum Diabolo semper gugeant, isti cum Christo exsultent.*”. Cf. Smith, *War and monastic*, 94–6.

⁷¹⁸ Esmaragdo, “*Commentaria in Regulam*,” 712: “*Elegantissime enim, et more prophetico beatus Pater Benedictus duplicem hic monachorum posuit conculum. Cognovit autem quia fides sine operibus mortua est, et opera sine fide vacua.*”. Cf. Smith, *War and monastic*, 94–6.

⁷¹⁹ Esmaragdo, “*Commentaria in Regulam*,” 726: “*Acies dicitur instructus ordo militum ad bellandum contra Diabolum. Ex qua iste solus monachorum ordo egreditur pugnaturus. Pugna vocata eo quod promitus in bello pugnis praeliari incipiebant. Nullus enim absque certamine coronabitur; neque gratia Dei desertit quemquam, si cum alacritate et bona voluntate pugnaverit contra vitia carnis.*” Smith, *War and monastic*, 94–6.

⁷²⁰ McCarthy, “*Rabanus Maurus, BL.*,” 37–9.

⁷²¹ Rábano Mauro, “*De universo*,” in *Patrologia cursus completus: Series Latina*, ed. J. -P. Migne, vol. CXI (Paris: Migne, 1864), 612–6: “*Milites autem Christi illi esse dicuntur, qui contra Diabolum pugnant, et contra vitia fortiter dimicant*”; “*Expositio in epistolam ad Ephesios*,” in *Patrologia cursus completus: Series Latina*, ed. J. -P. Migne, vol. CXII (Paris: Migne, 1852), 471–2; “*De Clericorum Institutione*,” in *Patrologia cursus completus: Series Latina*, ed. J. -P. Migne, vol. CVII (Paris: Migne, 1864), 415–8.

⁷²² L. Wallach, “*Alcuin, BL.*,” in *New Catholic Encyclopedia*, 242–4.

Tours⁷²³. Rábano Mauro abria assim espaço à associação do termo a leigos piedosos, como Luís, o Pio (*imp.* 813-†840), que o próprio qualificaria, numa coleção de poemas por si composta e dedicada ao imperador entre 810 e 814, intitulada *De laudibus sanctae crucis*, enquanto “vencedor universal” (“*victorem ubique*”), dotado por Cristo de armas espirituais eficazes contra os inimigos da Igreja⁷²⁴.

Na linha das conceções carolíngias de *militia Christi* achadas em Alcuíno e Rábano Mauro, se inscreve, com grande propriedade, a representação que, transcorrido cerca de um século, Odão de Cluny (†942)⁷²⁵ fez de Geraldo de Aurillac (†909)⁷²⁶, enquanto “*athleta coelestis militiae*”, na famosa hagiografia que o abade da recém-fundada ordem cluniacense (c. 910) dedicou ao aristocrata francês da Auvérnia e futuro papa: a *Vita sancti Geraldi Auriliacensis comitis* (c. 930)⁷²⁷. Tratava-se de um momento em que a Igreja procurava já restringir e redirecionar em favor da defesa dos *pauperes* a violência das elites guerreiras, proporcionando aos seus membros modelos de santidade a imitar⁷²⁸. Ao contrário de outros santos guerreiros, como, por exemplo, o seu antecessor São Martinho, Geraldo de Aurillac nunca chegou a abraçar a vida monástica. Foi a luta por si conduzida no século contra os vícios convencionalmente reprovados pela Igreja aos membros da sua classe – atividade sexual, acumulação de riqueza, conduta violenta – acompanhada da sua dedicação a atividades muito valorizadas pelos cluniacenses – como o estudo e a oração – que lhe valeram o elogio do seu hagiógrafo⁷²⁹. Não seria, no entanto, o ideal de *miles Christi* proposto pelo conde franco a predominar na espiritualidade ocidental a partir do século XI, ainda muito influenciado pela conceção beneditina de *militia Christi*, na natureza exclusivamente interiorizada dos seus combates. Vingaria um outro, originário dele: o do guerreiro secular disposto a morrer em nome da fé,

⁷²³ Smith, *War and monastic*, 97.

⁷²⁴ Rábano Mauro, “De laudibus sanctae crucis: De imagine Caesaris,” in *Patrologia cursus completu*, 144: “Conscripsi dudum nm Cristi laude libellum / Versibus et prosa, tibi quem nunc, induperator, / Offero, sancte, libens, cuius praecedit imago / Stans armata fide victorem monstrat ubique.” Cf. Elizabeth Sears, “Louis the Pious as Miles Christi: The Dedicatory Image in Hrabanus Maurus’s De Laubibus Sanctae Crucis,” in *Charlemagne’s Heir: New Perspectives on the Reign of Louis the Pious (814-840)*, ed. P. Godman e R. Collins (Oxford: Oxford University Press, 1990), 605–28; Smith, *War and monastic*, 97.

⁷²⁵ R. Grégoire, “Odo of Cluny, St.,” in *New Catholic Encyclopedia*, eds. T. Carson e J. Cerrito, vol. 10 (Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979), 554–5.

⁷²⁶ F. Behrends, “Gerald of Aurillac, St.,” in *New Catholic Encyclopedia*, 157.

⁷²⁷ Odão de Cluny, “De Vita sancti Geraldi Auriliacensis comitis,” in *Patrologia cursus completus: Series Latina*, ed. J. -P. Migne, vol. CXXXIII (Paris: Migne, 1853), 669: “*Athleta coelestis militiae dudum in paelestra mundanae conversationis agonizans, cuneos vitiotumm viriliter debellavit.*” Cf. Smith, *War and Monastic Culture*, 99.

⁷²⁸ Duby, *As três ordens* 97–8.

⁷²⁹ Piazzoni, “‘Militia Christi’,” 241–8; Smith, *War and monastic*, 97–9.

combatendo fisicamente contra os inimigos da Igreja e espiritualmente contra as forças da descrença em Cristo, a quem se chamaria cruzado.

v) Era das Cruzadas

À enraizada convicção eclesiástica na dupla natureza (física e espiritual) da guerra – travada por todos quantos, a partir de 1096, rumaram a Oriente, integrados nos sucessivos movimentos cruzadísticos, por intermédio dos quais o Papado logrou a canalização da violência cavaleiresca para fora dos limites da Cristandade, ou que se dedicaram à defesa da Igreja contra os seus principais inimigos, em território europeu, enquadrados em movimentos idênticos ou análogos – se deve o desenvolvimento de que foram objeto os grandes temas da Psicomaquia em vários escritos religiosos dos séculos XI e XII, a chamada ERA DAS CRUZADAS, nos quais se associavam os protagonistas dessas expedições militares à figura do *miles Christi*⁷³⁰. Foi, por exemplo, o caso das narrativas sobre a Primeira Cruzada atribuídas aos clérigos franceses Pedro Tudebode (†séc. XII)⁷³¹ e Gilo de Paris (†1142)⁷³², que nelas dotaram os cruzados de armas e armaduras espirituais complementares ao armamento físico. Para o primeiro, de quem muito pouco se sabe, à exceção do facto de ter sido testemunha ocular de certos eventos por si relatados na *Historiam de Hierosolymitano itinere*, como o cerco de Antioquia (1097-1098), esses combatentes eram “cavaleiros do Deus verdadeiro” (“*Milites igitur veri Dei*”), mais protegidos pelo “sinal da cruz” (“*signo crucis protecti*”) do que por quaisquer armaduras materiais⁷³³. Já para o segundo, que era monge cluniacense de Toucy, em Auxerre, à data em que compôs os versos da épica *Historia Vie Hierosolimitane*, os cruzados eram acima de tudo guerreiros que, munidos das “armas da fé” (“*arma fidei*”), não temiam os Turcos⁷³⁴.

O duplo combate travado pelo cruzado, inicialmente implícito, tornar-se-ia, durante o primeiro quartel do século XII, explícito, com o aparecimento em cena da

⁷³⁰ Auer, “Militia Christi”, 122–3; Vauchez, “La notion de *Miles Christi*,” 70; Smith, *War and monastic*, 100–10.

⁷³¹ Susan B. Edgington, “Peter Tudebode,” in *The Crusades - An Encyclopedia*, ed. Alan V. Murray, vol. 3 (Santa Barbara: Santa Barbara: ABC-CLIO, 2006), 948.

⁷³² Pawel Derecki, “Gilo of Toucy,” in *Encyclopedia of the Medieval Chronicle*, eds. Graeme Dunphy e Cristian Bratu, vol. III (Leiden: Brill, 2010), 60.

⁷³³ Pedro Tudebode, “*Historiam de Hierosolymitano itinere*” in *Patrologia cursus completus: Series Latina*, ed. J. -P. Migne, vol. CLV (Paris: Migne, 1853), 783: “*Milites igitur veri Dei undique signo crucis protecti [...]*”. Cf. Smith, *War and monastic*, 106.

⁷³⁴ Gilo de Paris, *Historia Vie Hierosolimitane*, ed. e trad., C. W. Grocock e J. E. Siberry (Oxford: Oxford University Press, 1997), 160–1.

primeira ordem religioso-militar, a Ordem dos Cavaleiros do Templo (O.T.), ou Templários, que conciliavam o ideal do monge com o exercício da guerra e da violência⁷³⁵; ou, nas palavras de Bernardo de Claraval, seu acérrimo defensor, tanto combatiam contra os inimigos da Igreja na terra como contra “as hostes espirituais do mal nos céus” (“*decertatur [...] contra spiritualia nequitiae in caelestibus*”), daí que fossem duas as espadas (“*gladio*”) que empunhavam e duas as armaduras (“*loricae*”) com que se protegiam – umas forjadas no aço (“*ferri*”), para os combates terrenos, outras na fé (“*fidei*”), para os certames travados na alma⁷³⁶. Quando se tratava de identificar o caminho mais seguro para o reino dos céus, poucas eram, porém, as dúvidas sustentadas pelo cisterciense, autor do *Elogio da Nova Milícia* (c. 1130), quanto à superioridade da forma de *militare Christi* que se desenrolava no plano interior e passava por “declarar guerra” (“*bellum indicere*”) contra “vícios e demónios” (“*vitiis sive daemoniis*”)⁷³⁷. Eram esses “inimigos interiores” (“*hostes intimos*”) que primeiro importava dominar, antes de atacar os “inimigos exteriores” (“*exteriores hostes*”), conforme procurou fazê-lo notar Guido, monge e quinto prior da Grande Cartuxa (*pri.*, 1109-†1136)⁷³⁸, numa epístola dirigida cerca de 1129 a Hugo de Payns, primeiro mestre da Ordem do Templo (*mag. templ.* 1118-†1136)⁷³⁹. Verdadeiramente, a missiva era um sermão exortativo aos Pobres Soldados de Cristo, para valorizarem a orientação religiosa da sua vocação, acima da vocação militar⁷⁴⁰. Tanto para São Bernardo como para Guido, era, pois, a frente espiritual a mais importante desse “conflito duplo” (“*duplex conflictus*”), o que, no entendimento de Pedro,

⁷³⁵ Luís Filipe Oliveira, “Ordem Militar do Templo,” in *Ordens Religiosas em Portugal*, 461.

⁷³⁶ Bernardo de Claraval, “Liber ad milites Templi de laude novae militiae,” in *Patrologia cursus completus: Series Latina*, ed. J. -P. Migne, vol. CLXXXII (Paris: Migne, 1859), 921–2: “*Novum, inquam, militiae genus, et saeculis inexpertum L qua gemino pariter conflictu infatigabiliter decertatur, tum adversus carnem et sanguinem, tum contra spiritualia nequitiae in coelestibus* (125). [...] *Caeterum cum uterque homo suo quisque gladio potenter accingitur, suo cingulo nobiliter insignitur; quis hoc non aestimet omni admiratione dignissimum, quod adeo liquet esse insolitum? Impavidus profecto miles, et omni ex parte securus, quo ut corpus ferri, sic animum fidei lorica induitur.*”. Cf. Smith, *War and monastic culture*, 108.

⁷³⁷ Bernardo de Claraval, “Liber ad milites Templi,” 921: “*Sed et quando animi virtute vitiis sive daemoniis bellum indicitur, ne hoc quidem mirabile, etsi laudabile dixerim, cum plenus monachis cernatur mundus.*”. Cf. Smith, *War and monastic culture*, 108.

⁷³⁸ B. Du Moustier, “Guigo I,” in *New Catholic Encyclopedia*, 565.

⁷³⁹ Guido da Cartuxa, “Epistolae,” in *Patrologia cursus completus: Series Latina*, ed. J. -P. Migne, vol. CLIII (Paris: Migne, 1854), 598: “*Ad corporea quidem bella pugnasque visibiles dilectionem vestram exhortari nequaquam novimus; ad spiritualia vero, in quibus et quotidie versamur, etsi excitare idonei non sumus, admonere saltem desideramus. Frustra quippe exteriores hostes impetimus, si non prius intimos superamus. [...] Acquiramus itaque, dilectissimi, prius nosmetipsos, ut secure deinceps ad externos pugnemus inimicos; mentes nostras prius a vitiis, dehinc terras purgemus a barbaris.*”.

⁷⁴⁰ Para o debate instalado em torno das motivações inerentes à carta endereçada por Guido a Hugo de Payns, ver Helen Nicholson, *A Brief History of The Knights Templar* (Gloucestershire: Sutton, 2001), 37; Alain Demurger, *Os templários. Uma Cavalaria Cristã na Idade Média*, trad. Karina Jannini (Rio de Janeiro: Difel, 2007), 74.

o Venerável (†1156)⁷⁴¹, fazia dos templários “monges em virtudes e cavaleiros em ações” (“*monachi virtutibus, milites actibus*”), tal como o expressou o teólogo franco numa carta endereçada por volta de 1146 ao terceiro mestre da Ordem do Templo, Everaldo de Barres (*mag. templ.* 1147-1149)⁷⁴².

Mais significativa do que esta imagética, resultante da identificação privilegiada da *militia Christi* com a cruzada na espiritualidade cristã dos séculos XI e XII, foram as elaboradas metáforas militares ratificadas pela visível associação que, paralelamente, os monges continuaram a fazer dessa noção à vida no cenóbio, em particular nos escritos endereçados aos membros das respetivas congregações; corresponderem estas às antigas fundações beneditinas e cluniacenses ou às novas ordens religiosas que haviam, entretanto, despontado na viragem do século XI, como a dos cónegos regrantes, a dos cistercienses, a dos cartuxos, entre outras. Descritas com recurso a terminologia militar pelos nomes maiores destas congregações, certas vertentes da vida monástica foram revalorizadas então pela Igreja, como o noviciado, o cariz comunitário da vida no cenóbio, a solidão como meio privilegiado de união com Deus, os papéis dos superiores monásticos e a separação entre o mosteiro e o mundo⁷⁴³.

No que respeita aos noviços, o escrúpulo posto pelos monges na sua formação suscitou várias analogias militares. É desde logo ilustrativa, a este respeito, a similitude operada pelo cónego regrante Godofredo, *armarius* da abadia agostiniana de São Vítor de Paris (*arm.*, 1185/1186-†1195)⁷⁴⁴, entre o convento e o castelo, numa epístola endereçada a um tal Pedro Mangot, onde afirmava que “um claustro sem uma biblioteca” (“*claustrum sine armarium*”) era semelhante a “um castelo sem um arsenal” (“*castrum sine armamentario*”)⁷⁴⁵. E, de facto, tendo a leitura a virtude de ensinar acerca do “embate entre os vícios e as virtudes” (“*uirtutum et uitiorum congressum*”), cada livro lido pelo noviço tinha o condão de se converter, ora num escudo, que permitia ao aspirante à vida monástica fortificar a sua cela, ora num projétil, que podia arremessar contra invasores demoníacos, de acordo com o cluniacense Pedro, abade de Celles (*abb.*, 1150-1162)⁷⁴⁶,

⁷⁴¹ P. Edwards, “Peter the Venerable, BL.,” in *New Catholic Encyclopedia*, 207–8.

⁷⁴² Pedro, o Venerável, “Epistolarum libri sex,” in *Patrologia cursus completus: Series Latina*, ed. J. -P. Migne, vol. CLXXXIX (Paris: Migne, 1854), 434: “*Estis monachi virtutibus, milites actibus : illud spiritualiter implendo, istud corporaliter exercendo.*”. Cf. Smith, *War and monastic*, 109.

⁷⁴³ Smith, *War and monastic*, 112–4.

⁷⁴⁴ P. Michaud-Quantini, “Godfrey of Saint-Victor,” in *New Catholic Encyclopedia*, 327–8.

⁷⁴⁵ Godofredo de São Vítor, “Epistolae,” in *Patrologia cursus completus: Series Latina*, ed. J. -P. Migne, vol. CCV (Paris: Migne, 1855), 845: “*Clastrum sine armario (8), quasi castrum sine armamentarium.*”. Cf. Smith, *War and monastic culture*, 115.

⁷⁴⁶ P. Edwards, “Peter of Celle,” in *New Catholic Encyclopedia*, 198.

na obra *De afflictione et lectione* (séc. XII)⁷⁴⁷. Forças que facilmente derrotavam o “novo recruta” (“*rudis tiro*”) no seu “primeiro contacto com a batalha” (“*in prima belli congressione*”), a menos que este se fizesse valer da experiência do seu “instrutor” (“*campidoctor*”), São Paulo, dominando os seus preceitos, conforme o recomendou o beneditino Pedro Damião ao jovem monge Marino, seu sobrinho⁷⁴⁸. A estas figurações, ligadas à preparação escolar dos postulantes, somaram-se outras, nascidas das preocupações nutridas por vários monges quanto às “muitas e duras guerras do corpo” (“*Multa et dura corporis bella*”) enfrentadas pelos noviços, recuperando as palavras pelas quais o beneditino, João de Fruttuaria (†1049) se referiu, no *Tractatus de ordine vitae et morum institutione* (séc. XI), às dificuldades impostas ao cumprimento dos votos de celibato pela juventude (“*adolescentia*”), então coincidente, para a maioria dos professores, com o noviciado⁷⁴⁹. Uma fase da vida religiosa que também Pedro Damião descreveu, no *Liber qui dicitur ‘Dominus uobiscum’*, nos termos de um conflito em que todo o “impulso hostil” (“*hostilis impetus*”) ataca o noviço num “assalto direto” (“*recto cursu*”), e em que as tempestades de dardos (“*telorum tempestates*”) mais violentas são aquelas que “acometem com os vícios da carne” (“*cum vitiis carnis ingruunt*”) ⁷⁵⁰. Não conseguindo aniquilar o noviço (“*tironem Christi*”) por estes meios, infligindo-lhe “a ferida da má vontade” (“*vulnere malae voluntatis*”), o Maligno tentava muitas vezes destruí-lo aplacando-lhe a sede com o “cálice da venenosa razão” (“*poculo venenosae rationis*”), expressão que o beneditino Anselmo de Cantuária (†1109)⁷⁵¹ usou para se referir, numa carta endereçada a um noviço cluniacense de nome Lanzo, à aversão pela vida religiosa,

⁷⁴⁷ Pedro de Celes, “De afflictione et lectione,” in *La spiritualité de Pierre de Celle*, ed. J. Leclercq (Paris: Librairie Philosophique, 1946), 233–4: “*Exarmat enim propugnacula sua mille clypeis pendentibus ex eis (Cant IV.4) qui non uacat lectionibus diuinis. O quam cito et sine labore capietur ciuitatutua cellae, nisi se defenderit auxilio Dei et scuto diuinae paginae!... Lectio ista docet qua uirtutum et uitiorum congressum tam continue narrat, ut paene nusquam hic sileat.*”. Cf. Smith, *War and monastic*, 115.

⁷⁴⁸ Pedro Damião, “Opuscula,” in *Patrologia cursus completus*, 721: “*Rudis tiro facile in prima belli congressione prosteunitur, nisi, adhibito prius campidoctoris officio, diligentius informetur.*”. Cf. Smith, *War and monastic*, 115–6.

⁷⁴⁹ João de Fruttuaria, “Tractatus de ordine vitae et morum institutione,” in *Patrologia cursus completus: Series Latina*, ed. J. -P. Migne, vol. CLXXXIV (Paris: Migne, 1862), 563: “*Multa et dura corporis bella sustinet adolescentia : et calore sanguinis inflammata, ut evadere possit, omni indiget custodia. Quanto plura sunt quar impugnant pudicitiam, tanto maiora sunt praemia; quia ubi major labor, ibi merces erit amplior.*”. Cf. Smith, *War and monastic culture*, 115–6.

⁷⁵⁰ Pedro Damião, “Opuscula,” in *Patrologia cursus completus: Series Latina*, ed. J. -P. Migne, vol. CXLV (Paris: Migne, 1853), 721: “*In vos siquidem recto cursu omnis hostilis impetus irruit, vobis omne belli robur incumbit. In vos omnigenum telorum densissimar grandines et constipatis adversum vos iniquis spiritibus cum vitiis carnis turbulentissimae vobis ingruunt tempestates. Fervent, fervent in ossibus bella, et tanquam vagus Vesuvius, vel Aetna vaporati corporis vestri caminus flammaram globos eructat.*”. Cf. Smith, *War and monastic*, 117.

⁷⁵¹ F. S. Schmitt, “Anselm of Canterbury, St.,” in *New Catholic Encyclopedia*, 495–7.

que as privações da renúncia ao mundo podiam suscitar no recém-professo⁷⁵². Este devia, como tal, ser introduzido aos aspetos quotidianos da vida monástica, em conjunto com os outros noviços, e apoiado pelos *seniores* do cenóbio na sua observância, de forma a superar os desafios do noviciado; ou, como o expôs de modo bem mais enfático Pedro, o Venerável, numa epístola presumivelmente destinada a Pedro Abelardo (†1142)⁷⁵³, devia ser convenientemente munido de “armas celestes” (“*armis coelestibus*”) entre a “multidão de recrutas” (“*tironum multitudinem*”), e instigado à “guerra espiritual” (“*spiritualem militiam*”) pelos veteranos (“*veteranus*”), de forma a triunfar com estes sobre o “inimigo” (“*hostem*”) nos “acampamentos celestes” (“*castra caelestes*”)⁷⁵⁴. De resto, foram muitos os autores monásticos que, na linha do cluniacense, conceberam metáforas militares em elucubrações sobre o dever dos *seniores* em ensinarem aos noviços os valores fundamentais do claustro, o que não raras vezes fizeram associando-os alegoricamente a várias peças do aparato de guerra dos cavaleiros coevos. São paradigmáticas, a este respeito, as correspondências simbólicas tentadas na *De humanis moribus per similitudines* – uma das mais extensas parábolas reunidas na *Similitudo militis* (séc. XI) de Pseudo-Anselmo de Cantuária – relativamente a vários elementos do equipamento do *miles temporalis* e as virtudes monásticas, com base na premissa inicial de que “tudo o que é necessário ao cavaleiro temporal para combater contra o inimigo visível, o é igualmente ao cavaleiro espiritual para combater contra o inimigo invisível”⁷⁵⁵. Assim, por exemplo, a montada do cavaleiro equivalia ao corpo do monge, que ia para a batalha apeado, segurando numa mão o “freio da abstinência” (“*frenum abstinentia dicitur*”) e na outra a “lança da paciência” (“*Patientia quasi lancea est*”); o seu “elmo” (“*galea*”)

⁷⁵² Anselmo de Cantuária, “Epistolarum libri quator,” in *Patrologia cursus completus: Series Latina*, ed. J. -P. Migne, vol. CLVIII (Paris: Migne, 1864), 1095: “*Saepe namquam dum tironem Christi vulnere malae voluntatis aperte malevolus non valet perimere, sitentem eu poculo venenosae rationis malevole callidus tentat extinguere. Nam, cum monachum nequit obruere vitar quam professus est odio, nititur eum conversationis, in qua est, subruere fastidio.*”. Cf. Smith, *War and monastic*, 118.

⁷⁵³ S. R. Smith, “Abelard, Peter,” in *New Catholic Encyclopedia*, 15–9.

⁷⁵⁴ Pedro, o Venerável, “Epistolarum libri sex.,” in *Patrologia cursus completus*, 78: “*Erit et mihi super omnia jucunditas, qui te quasi unicum filium suscipiam [excipiam], lacte pietatis alam, gremio amoris confovebo, inter Christi parvulos educabo, inter tironum multitudinem armis coelestibus armabo et ad spiritualem militiam quantum licuerit animabo, tecumque pariter contra hostem pugnabo. Aderit supernum auxilium, ut in castris coelestibus pariter militantes hostem vincamus, vincentes coronemur, et veraciter philosophantes, ad philosophiar debitum finem, beatam aeternitatem scilicet, pertingamus.*”. Cf. Smith, *War and monastic*, 118.

⁷⁵⁵ “Eadmeri monachi liber de S. Anselmi similitudinibus,” in *Patrologia cursus completus: Series Latina*, ed. J. -P. Migne, vol. CLIX (Paris: Migne, 1854), 702: “*Sicut miles temporalis armis munitus esse spiritualibus. Quaecumque enim militi contra hostem visibilem sunt necessaria, ipsa eadem spiritualiter intellecta et spirituali militi contra hostem invisibilem sunt percellentia.*”. Cf. Leclercq, “Militare Deo,” 16; Smith, *War and monastic*, 120; Hosler, “The language of War,” in *John of Salisbury*, 129.

representava a “esperança” (“*spes*”), a “couraça” (“*lorica*”) simbolizava a “justiça” (“*justitia*”), pois as “obras da justiça” (“*opera justitiae*”) assemelhavam-se aos “anéis do gibão” (“*annuli loricae*”), o “escudo” (“*scutum*”) equivalia à “fé” (“*fidei*”), enquanto a “espada” (“*gladio*”) significava a “palavra de Deus” (“*verbum Dei*”), que devia ser “cravada na garganta do Inimigo” (“*Gladio accingitur, unde idem hostis juguletur*”)⁷⁵⁶.

Tão ou mais permeáveis à anterior imagética do que as considerações tecidas pelos monges em torno do noviciado foram as reflexões apologéticas da vida comunitária que o revivalismo eremítico do século X suscitou entre os membros das principais ordens religiosas da Igreja, na origem das várias iniciativas semi-eremíticas que o período viu nascer, como a dos Cartuxos e de Grandmont⁷⁵⁷. Visando sobretudo enfatizar os valores da unidade, da obediência e do apoio mútuo, sobre os quais assentava a vida em comunidade, as construções alegóricas fomentadas nesses contextos distinguem-se, naturalmente, das relativas ao noviciado, pela sua natureza e destinatários⁷⁵⁸. Por outro lado, retomam e desenvolvem muitas das metáforas originalmente surgidas na *Regra Beneditina* – o texto que mais contribuiu para estruturar a vida cenobítica – como a da “linha de batalha monástica”, que inspirou uma reflexão desenvolvida por Pedro de Celles na *Adhortatio ad claustrales* (c. 1179)⁷⁵⁹. Para o cluniacense, tal como as fileiras dos exércitos temporais (“*acies*”) tendiam a ser tanto mais terríveis (“*terribilis*”) para o inimigo quanto mais eficaz fosse a disposição das várias unidades militares que as integravam (“*funditores*”, “*sagittarios*”, “*signiferos*”), também a comunidade monástica (“*acies Domini*”, “*acies castrorum Dei*”) se revelava tanto mais apta a defender-se dos vícios e das incursões diabólicas quanto mais perfeita fosse a união fraterna dos seus monges (“*charitate compactos et unitos*”)⁷⁶⁰. A mesma metáfora sustentou a fervorosa apologia da vida comunitária que o contemporâneo do abade de Montier-la-Celle, Pedro, o Venerável, desenvolveu numa carta endereçada a um antigo monge cluniacense de

⁷⁵⁶ Ibid.

⁷⁵⁷ Smith, *War and monastic*, 121.

⁷⁵⁸ Ibid.

⁷⁵⁹ Ibid.

⁷⁶⁰ Pedro de Celles, “Adhortatio ad claustrales,” in *Patrologia cursus completus: Series Latina*, ed. J. -P. Migne, vol. CCII (Paris: Migne, 1855), 1145–6: “Estote acies, estote terribiles. Omnis acies quar ordinata non est, terribilis non est; et si terribilis non fuerit, acies Domini esse non poterit. [...] Scitis qui de rebus militaribus agunt, funditores, sagittarios in suis locis disponunt, signiferos in sibi competentibus, robur belli in subsidiis, debiliores in locis tutioribus, quia impetum adversantium ferre non valent; et propter hoc ipsa acies ita ordinata, terribilis est hostibus, quia ingediendi ei aditum in se non relinquit. Sic acies castrorum Dei per plana et aspeta hujus mundi ordinata incedere debet, ne aditum hosti incursare cupienti ullatenus relinquat [...] quos enim Diabolus charitate compactos et unitos videt, vehementer abhorret, quaque carentes secure invadet.” Cf. Smith, *War and monastic*, 122.

nome Gilberto de Senlis, que havia optado pela via eremítica, ou abandonado “a multidão de acampamentos ordenados para a batalha” (“*castrorum ad pugnam ordinatorum multitudini*”), à qual se podia, no entendimento do teólogo franco, comparar a “vida comunitária do monge claustral” (“*claustraliu[m] communiter viventiu[m]*”). O cenobita, defendia o autor da missiva, lutava “contra o inimigo com maior segurança” (“*securius adversus adversarium dimicat*”) do que o eremita, pois, ao invés de sair sozinho ao seu encontro, apoiava-se nos seus “companheiros de armas” (“*commilitones*”, “*compugnantes*”, “*coadjutores*”)⁷⁶¹. Aos quadros figurativos do “combate coletivo” recorreram outros autores monásticos em mensagens exortativas à coesão entre os monges das respectivas ordens ou irmandades. Tratam-se de testemunhos bem sintomáticos da natureza concorrencial pela qual se pautaram, por vezes, as relações entre as congregações que então formavam a rede monástica da Igreja, sinalizando em especial as dinâmicas entre Cluny e Cister⁷⁶². Por exemplo, a decisão de Roberto de Châtillon (†1210) em trocar as vestes alvas dos cistercienses pelo hábito negro dos monges de Cluny suscitou acesa reprovação por parte de Bernardo de Claraval, expressa numa carta dirigida ao seu sobrinho, a quem exortou a regressar sem demora para junto dos “companheiros de armas” (“*commilitones*”) que abandonara aquando da sua fuga da “batalha” (“*praelium*”)⁷⁶³. Foi também como uma deserção que o autor da *Vita venerabilis Amedaei Altae Ripae* (c. 1160) retratou o abandono da abadia cisterciense de Bonnevaux por parte de Amadeu de Hauterive (†c. 1150) e o seu subsequente ingresso na ordem de Cluny, numa expressão de arrependimento que pôs na boca do protagonista da hagiografia, entretanto retornado para junto dos “companheiros de armas” (“*commilitones*”) por si abandonados quando, “enganado pelas astúcias do inimigo”

⁷⁶¹ Pedro, o Venerável, “Epistolarum,” 91–2: “*Nam claustraliu[m] communiter viventiu[m] cohabitatio castrorum ad pugnam ordinatorum multitudini videtur comparari, ubi quiaque tanto securius adversus adversarium dimicat, quanto sibi vicinius adiutorium de commilitationis dextera sperat. In illo enim praelio non solum de sua quilibet praeliator virtute praesumit, sed etiam de aliorum dextera levaque compugnantium viribus quandoque magis quam de suis confidit. Laborant ibi singuli, et saluti suae insidiantes perimere, et coadjutores modis omnibus defensare.*”.

⁷⁶² Smith, *War and monastic*, 121.

⁷⁶³ Bernardo de Claraval, “Epistolae,” in *Patrologia cursus completus*, 78–9: “*Surge, miles Christi, surge, excutere de pulvere, revertete ad praelium unde fugisti [...] Na quia fugisti ex acie, putas te manus hostium evasisse? Libentius te insequitur adversarius fugientem quam sustineat repugnantem, et audacius insistit a tergo quam resistat in faciem. Securus nunc, proiectis armis, capitis matutunos somnos, cum illa hora Christus resurrexit, et ignoras quor exarmatus, et tu timidiot, et hostibus minus timendus sit? Armatorum multitudo circumvaliaverunt domum, et tu dormis? Jam ascendunt aggerem, jam dssupant sempem, jam irruunt per posticum. Tutiusne est ergo tibi ut te inveniant solum, quam cum aliis; nudum in lectulo, quam armatum in campo? Expergiscere, sume arma, et fuge ad commilitones tuos, quos fugiens deserueras*”. Cf. Smith, *War and monastic*, 128.

(“*hosti callidi arte deceptus*”), se deixara cair nas “muitas armadilhas dos demónios” (“*multiplices daemonum laqueos*”)⁷⁶⁴.

Tal como, por vezes, os monges que escreveram sobre a vida comunitária a conceberam metaforicamente como um “combate coletivo”, os responsáveis por reflexões centradas nas experiências eremíticas ou semi-eremíticas tenderam a associar essas formas de vida religiosa, por definição solitárias, a uma espécie de “combate singular”, em tudo similar ao travado pelos primeiros eremitas do deserto⁷⁶⁵. São exemplificativas, a este respeito, as *Picturae* que ressaltam de dois testemunhos epistolográficos da segunda metade do século XI. Um desses escritos foi da autoria de Ivo de Chartres, tendo como presumível destinatário Roberto de Arbrissel, que, durante a década de 1090, dispensou o período de vivência comunitária recomendado pela Igreja aos indivíduos que pretendiam viver retirados do mundo e procurou o isolamento eremítico na floresta de Craon⁷⁶⁶. Foi advertido pelo bispo de Chartres do perigo de ser “esmagado por um número incontável de adversários” (“*innumera adversariorum multitudine comprimar*”), dada a sua falta de experiência no “combate singular” (“*singulari certamine*”), e, por conseguinte, aconselhado a apresentar-se “aos acampamentos de Cristo” (“*castris Christi*”) para ser “armado com o espírito de conselho e de fortaleza” (“*spiritu consilii et fortitudinis armatus*”) e treinado a “evitar as armadilhas do antigo inimigo” (“*callidates antiqui hostis evitare*”)⁷⁶⁷. O segundo escrito foi dirigido por Pedro Damião a um abade beneditino – talvez João de Fécamp (†1078)⁷⁶⁸ –, junto do qual defendeu a inferioridade da força espiritual dos cenobitas diante dos eremitas, argumentando que

“Aqueles procuram abrigo atrás do escudo da mão protetora de Deus, ao passo que estes saem para o campo de batalha e recebem o distintivo da vitória. Aqueles defendem o que é seu, mas

⁷⁶⁴ *Vita venerabilis Amedaei Altae Ripae* (†c.1150), ed. Anselme Dimier, *Studia monastica* 5 (1963), 287: “*Heu! Heu quid feci? Prodidit, inquam, prodidit commilitones meos. Illos in procinctu constitui, ego autem turpiter victus aufugi. Illi nunc strenue dimicant, ut post victoriam, bravium perenne recipiant* (1 Cor. 9:24); *ego vero cum adversantium tela evadere volui, hostis callidi arte deceptus, multiplices daemonum laqueos incurri.*”. Cf. Smith, *War and monastic*, 129.

⁷⁶⁵ Deug-Su, “La ‘militia Christi’,” 299–40; Smith, *War and monastic*, 130.

⁷⁶⁶ B. Hamilton, “Robert of Arbrissel, BL.,” in *New Catholic Encyclopedia*, 266.

⁷⁶⁷ Ivo de Chartres, “*Epistolae*,” in *Patrologia cursus completus: Series Latina*, ed. J. -P. Migne, vol. CLXII (Paris: Migne, 1854), 46: “*Contra spirituales itaque nequitias pugnaturus, si securus vis pugnare, castris Christi militum ordinate pugnantium te inserte, ne si singulari certamine contra exercitatos inexercitatus pugnare contenderis* [al. *Contendis*, ita ms. C.], *innumera adversariorum tuorum multitudine comprimar*. *Postquam vero Spiritu consilii et fortitudinis armatus calliditates antiqui hostis evitare consueveris, jam exercitatu* [al. *Idem exerc.*] *in spirituali certamini poteris solus, si ita contingat, contra quoslibet hostes certamen inire, quorum impetus didiceris sustinere in acie.*”. Cf. Deug-Su, “La ‘militia Christi’,” 300–1; Smith, *War and monastic*, 131.

⁷⁶⁸ T. Kennedy, “John of Fécamp,” in *The Catholic Encyclopedia*, 90–1.

estes trazem os espólios. Com Deus como seu defensor, aqueles são invencíveis, ao passo que estes se alegram somente em pisar diariamente os pescoços dos seus inimigos. Protegidos atrás das suas muralhas, os monges lutam para impedir que os seus atacantes entrem, mas os eremitas empurram as ameaçadoras fileiras do inimigo para longe das suas linhas e forçam-nos a fugir.”⁷⁶⁹

Foram também muitos os monges que recorreram a uma linguagem de cariz bélico em disposições exortativas à prática ascética ou ao cultivo das virtudes cristãs, originando imagens alusivas ao *topos* do “combate singular”⁷⁷⁰. João de Fruttuaria, por exemplo, pretendendo apelar à Humildade, representou, no seu *Tractatus de ordine vitae*, o monge como um guerreiro que, protegido pela parafernália militar da tradição paulina – a “lorica do amor” (“*lorica charitatis*”), o “gládio da palavra de Deus” (“*gladio spiritus, quod est verbum Dei*”), o “escudo da fé” (“*scutum fidei*”) e o “capacete da salvação” (“*galeam salutis et spei*”) – combatia contra uma “besta de três cabeças” (“*triformem bestiam*”). Um ser tricéfalo representativo do trio de vícios formado pelo Orgulho (“*superbiam*”), que tem um “bafo insanável” (“*insanabilis flatus*”); pela Vaidade (“*inanem gloriam*”), que “emite terríveis vozes e rugidos com a sua garganta inchada” (“*voces et rugitus terribiles ex turgidis faucibus*”); e pela Inveja (“*invidiam*”), que “cospe fogo” (“*evomit flammam*”), procurando queimar os desprevenidos⁷⁷¹. Já o prior dos cartuxos de Portes, Bernardo (*pri.* 1115-1147/1149-1155)⁷⁷², procurou incitar um anacoreta a tomar as “armas espirituais” (“*spiritualia instrumenta*”) das lágrimas e da oração, no âmbito dos seus “combates” (“*certamina*”) contra os pensamentos impuros e o orgulho, autênticos

⁷⁶⁹ Pedro Damiano, “Epistolae,” in *Patrologia cursus completus: Series Latina*, ed. J. -P. Migne, vol. CXLIV (Paris: Migne, 1853), 395: “*Fratres itaque in monasterio immobiliter permanentes, tolerandi sunt; ad eremum vero fervido spiritu transmigrantes plausibus ac praeconiis efferendi. Illi siquidem sub divinae protectionis clypeo delitescunt; isti vero in campum certaminis prodeuntes victoriae titulis decorantur. Illi defendunt sua; isti referunt spolia. Illi Deo protegente sunt insuperabiles; isti quotidie satagunt hostium suorum calcare cervices. Illi contra moenia constituti obsidentes, ne ingrediantur obsistunt; isti minaces hostium cuneos procul de suis finibus terga cedentes expelunt.*”. Cf. Deug-Su, “La ‘militia Christi’,” 308–11; Smith, *War and monastic*, 133.

⁷⁷⁰ Smith, *War and monastic*, 134.

⁷⁷¹ João de Fruttuaria, “*Tractatus de ordine vitae*,” 579: “*Arripiendum namque tibi est totis viribus iuge certamen contra crudelissimam et triformem bestiam, id est superbiam, inanem gloriam, et invidiam, cujus in corpore tria capita, et in ipsis capitibus dentes ferrei comminuentes omnia. O quam multos viros haec immanissima bestia momordit et dejecit, atque sub pedibus suis conculcavit! Circumda itaque tibi fortem armaturam, ut possis stare contra tantam nequitiam. Indue te lorica charitatis, accinge te gladio spiritus, quod est verbum Dei : sume scutum fidei, pone galeam salutis et spei in capite tuo, sint pedes tui calceati in praeparationem evangelii pacis, ut nullus in te pateat locus insidiis potentis adversarii (Ephes. VI, 11-17). Caput superbiae sicut viperae, furor ejus ut furor draconis, et flatus ejus lethifer, ut insanabilis flatus reguli. Illud enim praestantius caeteris, tres venenatas ex vipereo ore ad ferendum educit linguas. [...] Cenodoxiae alterum caput, multiforme prodigium, et multiplex malum, diras voces et rugitus terribiles ex turgidis faucibus quadripartito modo altius afflat. [...] Ipsa quoque invidia duplices evomit flammam.*”. Cf. Smith, *War and monastic*, 136.

⁷⁷² Ambroise-Marie Bulliat e Léon Joly, *La Chartreuse Sainte Marie de Portes : Étude historique par Dom Ambroise-Marie Bulliat de l'Ordre des chartreux et de l'abbé Léon* (Salzburgo: Institut für Anglistik und Amerikanistik, 2000), 53.

“inimigos invisíveis” (“*invisibiles inimici*”), enviados pelo Diabo para atormentar os solitários⁷⁷³. O mesmo inimigo que, segundo o autor da *Magna Vita Sancti Hugonis* (c. 1212) – o beneditino Adão, abade de Eynsham (*abb.*, 1214-†1228)⁷⁷⁴ – direcionava as suas “armas malévolas” (“*malitie instrumenta*”) e atirava, “como que de uma robusta balista” (“*quasi balistam robustissimam*”), virotes, a fim de incitar a carne do biografado, Hugo⁷⁷⁵, à rebelião contra o seu espírito, durante as orações solitárias a que aquele se entregava na sua cela, na Grande Cartuxa, onde foi monge antes de assumir o bispado de Lincoln (*episc.* 1186-†1200)⁷⁷⁶.

Refletindo, por sua vez, a importância acrescida conferida pelos membros das novas ordens religiosas, ao abade, ou abadessa, não só enquanto figuras exemplares pelas suas virtudes e saber, mas também enquanto governantes, responsáveis pela administração da abadia, do mosteiro ou de qualquer outra congregação religiosa, um conjunto apreciável de escritos monásticos dos séculos XI e XII promoveu a sua comparação quer a fortalezas inexpugnáveis, quer a líderes militares, tendo muitos deles sido compostos por ocasião das mortes desses superiores religiosos, em sua honra⁷⁷⁷. Veja-se, por exemplo, a analogia que no *Planctus de transitu Odilonis abbatis* (c. 1049) – um dos dois lamentos fúnebres que se conhecem em honra de Odilo de Cluny (*abb.*, 994-†c. 1049)⁷⁷⁸ – se estabelece, com base numa paráfrase do *Cântico dos Cânticos* (Ct 4,4), entre o quinto abade dos cluniacenses e uma “torre forte” (“*Turri fortis*”), munida de “escudos supernos” (“*clypeus supernis*”), cercada por “sete ameias” (“*propugnacula septem*”) das quais pendiam os “broquéis dos heróis” (“*Fortia arma virorum*”),

⁷⁷³ Bernardo de Portes, “Letter to Reynald, c. 13–14,” in *Lettres des premiers chartreux*, trad. Maurice Laporte, vol. II (Paris: Éditions du Cerf, 1980), 71: “*Tu vero adversus haec et omnia omnino tentationum genera, adversus quoque nocturnas ilusiones, virtute orationis armare, et clypeum illum arripe, de quo Apostolus ait (Eph. 6:16) [...]. Sincerus enim amore et fervens fides crucis Christi universa machinamenta inimici irrita facit; et effusa cum lacrymis oratio omne genus tentationis superat et repellit. Haec sunt spiritualia instrumenta atque certamina militiae tuae coram Rege, cui militare coepisti [...] Ieiunanti tibi, oranti, psallenti, non deerunt invisibiles inimici, applaudentes tibi et dicentes: “Euge, euge, quis similis tibi? Quis ita placet Deo? O se scirent homines sanctitatem tuam!”*. Cf. Smith, *War and monastic*, 135.

⁷⁷⁴ D. H. Farmer, “Eynsham, Adam of,” in *Oxford Dictionary of National Biography*, ed. H. C. G. Matthew e Brian Harrison, vol. 1 (Oxford: Oxford University Press, 1885-1901), 153–4.

⁷⁷⁵ H. Farmer, Hugh of Lincoln, St.,” in *New Catholic Encyclopedia*, 153–4.

⁷⁷⁶ Adão de Eynsham, *Magna vita Sancti Hugonis*, ed. e trad. D. L. Douie e D. H. Farmer, vol. 1 (London: Clarendon Press, 1985), 28: “*immo nouam ingresso militiam omnia temptator innouavit antiaue sue malitie instrumenta; precipue, quasi balistam robustissimam et eo, ut sperabat, insuperabat, insuperabilem, quo michi inseparabilem tetendit, immo accendit contra me stimulum carnis mee.*”. Cf. Smith, *War and monastic*, 135.

⁷⁷⁷ Smith, *War and monastic*, 141.

⁷⁷⁸ R. Grégoire, “Odilo of Cluny, St.,” in *New Catholic Encyclopedia*, 152; Monique Goulet e Anne-Marie Deschamps, “Planctum describere : les deux lamentations funèbres de Jotsaud en l’honneur d’Odilon de Cluny [suivi du Complément musical par A.M. Deschamps],” *Cahiers de Civilisation Médiévale* 39 (1996): 187–210.

inexpugnável por “inimigos malignos” (“*hostis malignus*”)⁷⁷⁹. Por sua vez, a diligência com que Boso de Bec (*abb.*, 1126-†1136) vigiou (“*Invigilans*”) o “acampamento” ao seu cuidado – a abadia beneditina de Nossa Senhora de Bec (“*castris Domini*”) – dos ataques perpetrados por tais inimigos, durante os anos em que aí exerceu o cargo de quarto abade, deu argumento ao elogio que lhe teceu o seu confrade Pedro de Saint-Pierre-sur-Dives (†séc. XII), na *Gesta septem abbatum Beccensium* (c. 1150-1159), onde surge prefigurado como um comandante de guerra (*dux belli*)⁷⁸⁰. A recorrência com que a metáfora surgiu aplicada à figura do abade ou da abadessa nos escritos do período é também devedora do cariz simbólico da função que lhes era cometida pela comunidade monástica, junto da qual eram representantes terrenos de Cristo, a quem começara por ser associado o título de líder militar nas alegorias bélicas tecidas em torno de certos episódios da sua vida pelos primeiros exegetas. Dando continuidade a essa tradição imagética, Herberto de Losinga (†1119)⁷⁸¹, por exemplo, numa das suas *Epístolas*, comparou a Encarnação à chegada de um corpo de reforços durante uma batalha, conduzidos por um imperador (“*imperator*”), Cristo, que carregava sobre as forças inimigas, derrotando-as e ao seu líder, o Diabo, assim condenado às “chamas eternas”⁷⁸². Já o cisterciense Galando de Regni (†séc. XII)⁷⁸³ representou, numa das suas *Parábolas*, o mesmo confronto cósmico nos moldes de um duelo medieval, opondo dois enormes cavaleiros (“*milites gigantes*”): um cavaleiro maligno, simbolizando o Diabo, e o seu oponente, Cristo, arquétipo do cavaleiro cristão, por quem o primeiro é violentamente decepado⁷⁸⁴. Noutros casos, os próprios monges foram diretamente implicados nesse

⁷⁷⁹ “Planctus de transitu domni Odilonis abbatis clunicensis,” in *Patrologia cursus completus: Series Latina*, ed. J. -P. Migne, vol. CXLII (Paris: Migne, 1853), 1045: “*Dilectus turri comparatur, et mysticis armis munitur. Odilo, dum vixit, virtutum sparsit odores, / Turris erat fortis, clypeus munita supernis, / Quam circumcingebant propugnacula septem, / Fortia pendebant ex illis arma virorum, / Nullus et hanc hostis potuit superare malignus.*” Cf. Smith, *War and monastic*, 141.

⁷⁸⁰ Pedro de Dives, “*Gesta septem abbatum Beccensium*,” in *Patrologia cursus completus: Series Latina*, ed. J. -P. Migne, vol. CLXXXI (Paris: Migne, 1854), 1717: “*Taliter egregius Boso pastorque peritus, / Invigilans castris Domini ter quattuor annis, / Justitiae tectus lorica vir bene doctus, / Neumatis at gladio sancti praeinctus actuo, / Tum clypeo fidei tutus galeaque salutis, / Fortis ut athleta non segniter intus agebat, / Hostis ab incursu servando suos satagebat.*”

⁷⁸¹ Charles Harold Evelyn White, “Losinga, Herbert de,” in *Dictionary of National Biography*, ed. Sidney Lee, vol. 34 (London: Smith, Elder & Co., 1893), 300–5.

⁷⁸² Herberto de Losinga, “Letter 13,” in *Epistolae Herberti de Losinga, primi episcopi norwicensis*, ed. Robert Anstruther (Londres: Legare Street Press, 1846), 24: “*Suis laborantibus copiis expectatus supervenit imperator, hostilibus irruit manibus, cedit, expugnavit, afflixit, extinxit, ipsumque primum paricidam et peccati patrem ignominiosa condemnatione perpetuis in incendiis colligavit.*” Cf. Smith, *War and monastic*, 143.

⁷⁸³ Jan M. Ziolkowski, “Review to Galand de Reigny, petit livre des proverbes, por Jean Chatillon”, *Speculum* 78 (2003): 503–4.

⁷⁸⁴ Galando de Regni, “Parabole 12,” in *Parabolaire*, introd., trad. e notas C. Freidlander, J. Leclercq e G. Raciti (Paris: Éditions du Cerf, 1992), 208–21. Cf. Smith, *War and monastic*, 143.

confronto entre o Bem e o Mal, como se verificou num dos sermões do beneditino Julião de Vézelay (†1160)⁷⁸⁵, onde integravam um exército espiritual que avançava sob o comando de um rei – mais uma vez, Cristo – contra os seus inimigos mortais: os espíritos malignos e os homens maus, identificados com os habitantes da “cidade inimiga” (“*ciuitas inimica*”) – a cidade das trevas e da confusão – que queimavam, infligindo sobre eles uma pesada derrota⁷⁸⁶.

Por seu turno, no que se afigurou como uma circunstância sintomática da porosidade das fronteiras que, na Idade Média, separavam o claustro e o século, o incremento exponencial da guerra de cerco como estratégia preferencial de resolução de conflitos armados, por oposição à batalha formal, ou em campo aberto⁷⁸⁷, e a decorrente proliferação de fortalezas militares, que se verificaram a partir do século XI⁷⁸⁸, produziram um aumento do interesse dos escritores monásticos pelos castelos e pelos cercos alegóricos, modelados com base nos *castra Dei* das *Escrituras* (Gn 32,2), mas também nas fortificações coevas⁷⁸⁹. Muito recorrente em exortações à resistência contra os vícios e ao cultivo das virtudes monásticas, a representação do mosteiro ou da Igreja como uma fortaleza inexpugnável, perpetuamente sitiada por forças demoníacas, encontrou um dos seus exemplos mais paradigmáticos na descrição que Pedro Damião fez da cela monástica no seu *Liber qui dicitur ‘Dominus uobiscum’*, já anteriormente referido⁷⁹⁰. Igualmente digna de nota foi a comparação feita pelo cisterciense Galando de Regni entre o mosteiro e uma “cidade fortificada” (“*ciuitate munita*”), em que as torres simbolizavam o abade e os priores, responsáveis pela vigilância do claustro contra eventuais ataques perpetrados por inimigos espirituais, e os grossos panos de muralhas

⁷⁸⁵ John F. Romano, “Julian of Vézelay, a Twelfth-Century Critic of his Monastery’s Worldly Success,” *Medieval Sermon Studies* 50 (2006): 51–69.

⁷⁸⁶ Julião de Vézelay, “Sermon IX,” in *Sermons*, introd., trad. e notas D. Vorreux, vol. I (Paris: Éditions du Cerf, 1972), 214–6: “*Sed debellauit Ierusalem rex contrariae ciuitatis regem et populum et, quod re et figura factum est, Iesus expugnauit Hai. Hai chaos interpretatur. Ipsa est ciuitas tenebrarum et confusionis, malignorum spirituum hominumque populoso, pro dolor!*”. Cf. Smith, *War and monastic*, 145.

⁷⁸⁷ António Horta Fernandes, “Conceptualização estratégica,” in *Homo strategicus ou a ilusão de uma razão estratégica?* (Lisboa: Edições Cosmos e Instituto da Defesa Nacional, 1998), 35.

⁷⁸⁸ Smith, *War and monastic*, 147.

⁷⁸⁹ R. S. Loomis, “The Allegorical Siege in the Art of the Middle Ages,” *American Journal of Archaeology* 23 (1919): 255–69; Roberta D. Cornelius, *The figurative castle: a Study in the Mediaeval allegory of the Edifice with Especial Reference to Religious Writings* (PhD diss., Bryn Mawr, 1930); Jill Mann, “Allegorical Buildings in Medieval Literature,” *Medium Ævum* 63 (1994): 191–210; Malcolm Hebron, *Medieval Siege: Theme and Image in Middle English Romance* (Oxford: Oxford University Press, 1997), 142–3; Christiana Whitehead, *Castles of the Mind: A Study of Medieval Architectural Allegory* (Cardiff: University of Wales Press, 2003), 87–116; Abigail Margaret Wheatley, *The Idea of the castle in Medieval England* (York: York Medieval Press, 2004).

⁷⁹⁰ Damião, “*Liber qui dicitur*,” 247–8.

representavam os monges, “unidos pelo cimento do amor” (“*amoris cemento ligatis*”)⁷⁹¹. Tal como o mosteiro, também a alma humana se viu repetidamente assimilada, em termos metafóricos, a uma fortaleza, cujos “muros da virtude” (“*Virtutum muros*”) e a “cidadela da razão” (“*arcem rationis*”) o Diabo procurava continuamente atacar e derrubar com máquinas de guerra (“*arietes*”), segundo São Bernardo⁷⁹². Outras vezes, o senhor do Inferno incitava as paixões e os vícios a amotinarem-se para subjugar a guarnição das virtudes e fazer cair em sua posse o castelo da alma, conforme o expôs, por sua vez, Honório de Auto (†1154)⁷⁹³. Como tal, esse castelo interior devia ser fortificado com as palavras da *Escritura*, os sacramentos e as boas obras, no entendimento do cisterciense Tomás de Perseigne (†1190)⁷⁹⁴, ao passo que os seus defensores – as virtudes – deviam ser convenientemente equipados para combater o Diabo nas suas muralhas e evitar que a alma fosse levada cativa pelos atacantes demoníacos e lançada nos calabouços do Inferno⁷⁹⁵. A terminar, não deve ser esquecida a aplicação que os monges fizeram também da Jerusalém Celeste à mesma metáfora, por vezes retratada como uma cidade debaixo de ataque por hordas de guerreiros monásticos, determinados a tomar a sua Salvação pela força, como postulado, por exemplo, numa epístola dirigida por São Bernardo a um monge apóstata de nome Fulco, que o abade de Claraval exortou a regressar ao seu mosteiro, a fim de tomar parte no cerco imposto por Cristo à sua própria cidadela (i.e., o Reino dos Céus)⁷⁹⁶.

⁷⁹¹ Galando de Regni, “Proverbes 37-39,” in *Petit livre de proverbes*, ed. e trad. J. Châtillon, M. Dumontier e A. Grélois (Paris: Éditions du Cerf, 1998), 88: “*In cenobio monachorum, uelut in ciuitate munita (Ps 30:22) [...] Porro huius urbis turres tam abbates quam ceteri prioris uel prelati sunt. Porte uero, qui seculares ad hunc ordinem introducere monendo sciunt. Murus autem, ex ipsis fratribus ordinatim distributis, et amoris cemento ligatis fit*”. Cf. Smith, *War and monastic*, 149–50.

⁷⁹² Bernardo de Claraval, “*Liber Sententiarum*,” in *Patrologia cursus completus: Series Latina*, ed. J. -P. Migne, vol. CLXXXIV (Paris: Migne, 1862), 1717: “*Virtutum muros arietes huiusmodi concutiant, arcem deiciunt rationis*.”. Cf. Smith, *War and monastic*, 151.

⁷⁹³ E. A. Synan, “Honorius of Autun,” *New Catholic Encyclopedia*, 88–9; Honório de Auto, “*Speculum ecclesiae*,” in *Patrologia cursus completus: Series Latina*, ed. J. -P. Migne, vol. CLXXII (Paris: Migne, 1854), 1097: “*Hoc castellum a turba hostium exterius obsidetur, a factione civium interius commovetur dum proximi exteriora damna ei inferunt, vicia autem et carnis desideria interiora bona obruunt*.”. Cf. Smith, *War and monastic*, 151.

⁷⁹⁴ Pierre-Yves Emery de Taizé, “Thomas le Cistercien: Commentaire sur le Cantique des cantiques,” *Collectanea cisterciensia* 73 (2011): 375–384.

⁷⁹⁵ Tomás de Perseigne, “*Commentarium in Cantica*,” in *Patrologia cursus completus: Series Latina*, ed. J. -P. Migne, vol. CCVI (Paris: Migne, 1853), 410–12, 15. Cf. Smith, *War and monastic*, 151.

⁷⁹⁶ Bernardo de Claraval, “*Epistolae*,” 86–7: “*Quid agis in urbe, delicate miles? Commilitones tui quos fugiens deseruisti, pugnare et vincunt; [...] Sume arma, resume vires, dum adhuc praelium durat. Adsunt Angeli spectatores et protectores : adest ipse Dominus adjutor et susceptor, qui doceat manus tuas ad praelium, et digitos tuos ad bellum (Psal. CXLIII, 1). [...] Si te Christus agnoscit in bello, recognoscet in coelo; et sicut promisit, manifestabit tibi se ipsum (Joan. XVI, 21) [...]*”. Cf. Smith, *War and monastic*, 146.

As obras de São Bernardo, em especial as suas epístolas, exerceram, entretanto, um impacto significativo sobre um seu contemporâneo, João de Salisbúria⁷⁹⁷. Este, nunca tendo chegado a abraçar a vida monástica, constitui um exemplo sugestivo do modo como o *topos* da Psicomaquia se cristalizou entre os eclesiásticos ligados ao ramo secular da Igreja⁷⁹⁸. Tal como os autores monásticos do seu tempo, o bispo de Chartres (1176-†1180) aplicou a designação “*Christi militum*” sobretudo aos clérigos, em particular, a Tomás Becket, arcebispo de Cantuária (*archi.*, 1162-†1170)⁷⁹⁹, de quem foi secretário, entre os anos de 1161 e 1170, e a quem sublimou na *vita* que compôs, pela “campanha justa” que conduziu contra Henrique II (*rex*, 1154-†1189), em favor da liberdade eclesiástica⁸⁰⁰. João de Salisbúria foi também responsável por múltiplas construções alegóricas envolvendo armamento espiritual, como, por exemplo, a que consta de uma carta dirigida à Igreja de Cantuária, onde reiterava, fundamentando-se nos versículos bíblicos descritivos da armadura espiritual do cristão, que todos os que combatiam por Cristo, quer pela oração, quer pelas armas, se encontravam protegidos pela “armadura do zelo” (“*armaturam zeli*”), pela couraça da justiça (“*loricam justitiae*”) e pelo “capacete do juízo certo” (“*galea iudicium certum*”)⁸⁰¹. Quanto às metáforas de combate singular, também elas abundantes nas obras de João de Salisbúria, concordaram bem com as suas disposições sobre o novo método de aprendizagem quodlibético que viera substituir a *meditatio* pela *disputatio*, ou seja, a reflexão passiva pela discussão ativa. A disputa verbal é concebida pelo discípulo de Abelardo como um combate travado num “campo de batalha de oradores” (“*campum oratoribus*”)⁸⁰²; o mestre, como um “instrutor” (“*campidoctor*”), que ensina aos seus “recrutas” (“*tironibus*”) “a arte do envolvimento no combate [argumentativo]” (“*exercitium congregendi artem*”)⁸⁰³; e a dialética

⁷⁹⁷ Hosler, “The language of War,” in *John of Salisbury*, 127–8.

⁷⁹⁸ Ibid, 119–40.

⁷⁹⁹ M. D. Knowles, “Becket, Thomas, St.,” in *New Catholic Encyclopedia*, 193–4.

⁸⁰⁰ João de Salisbúria, “*Vita Sancti Thomae Cantuar.*,” in *Joannis Saresberiensis postea episcopi Cartonensis opera omnia nunc primum in unum collegit*, ed. J. A. Giles, vol. 5 (Londres: B. Duprat, 1848), 235. Cf. Hosler, “The language of War,” 127.

⁸⁰¹ João de Salisbúria, “*Epistola CCXCVI.—Ad conventum cantuariensem*,” in *Joannis Saresberiensis postea episcopi Cartonensis opera omnia nunc primum in unum collegit*, ed. J. A. Giles, vol. 2 (Londres: B. Duprat, 1848), 235: “*Eis tamen qui inspirante Christo armaturam zeli assumpserint, induti pro thorace justitiam, et pro galea iudicium certum, dux et custos aderit fidelis Deus, qui eos super vires tentare non patierur [...]*”. Cf. Hosler, “The language of War,” 132.

⁸⁰² João de Salisbúria, “*Policraticus I–V*,” in *Joannis Saresberiensis postea episcopi Cartonensis opera omnia nunc primum in unum collegit*, ed. J. A. Giles, vol. 3 (Londres: B. Duprat, 1848), 254: “*Ergo enim campum istum oratoribus ate patere cognoui et in eo declamatores in ancipiti materia saepius desudasse, dum in absolutione parricidii fides laborat et parricidalis impietas meritum fidei conatur extinguere.*”. Cf. Hosler, “The language of War,” 138.

⁸⁰³ João de Salisbúria, “*Metalogici*,” in *Joannis Saresberiensis postea episcopi Cartonensis opera omnia nunc primum in unum collegit*, ed. J. A. Giles, vol. 5 (Londres: B. Duprat, 1848), 147: “*Itaque pari modo,*

(“*dialecticae*”), que viera agilizar a discussão ativa, como uma “lâmina afiada” (“*ensis acutus*”)⁸⁰⁴. Mas, na origem de semelhante imagética, encontraram-se também, nas obras do bispo de Chartres, reflexões sobre os vícios e as virtudes cristãs, cujo confronto alegoricamente representou como uma operação de cerco no seu *Entheticus Major* (c. 1155) – um poema satírico sobre filosofia, razão humana e verdade divina – em que os vícios “invadem cidadelas” (“*Irrumpunt arces*”), simbolizando as almas cristãs, sem que nenhum aparato defensivo (“*adamas*”, “*ferreus agger*”, “*aqua*”, “*fossae*”, “*iniqua palus*”) lhes oferecesse resistência, senão as próprias virtudes⁸⁰⁵. Enfim, seria justamente de nomes com ligações ao clero secular, como João de Salisbúria, e não de autores do universo monástico, que partiriam as mais inovadoras expressões literárias afetas ao tema da Psicomaquia no início do século XIII, *grosso modo* resultantes da assimilação feita da pregação anti-herética mendicante à noção de *militia Christi*.

vi) Mendicância

As novas congregações religiosas surgidas no início do século XIII – os frades mendicantes – envolvidas no combate em nome de Cristo por intermédio da pregação do *Evangelho* ao povo dos campos e das cidades, protagonizaram o que foi por alguns autores descrito como uma verdadeira “superação mística da cruzada”⁸⁰⁶. Romperam com a conceção eclesiástica de que a guerra, se legitimamente praticada pelos cristãos, se podia converter num veículo de salvação, defendendo, inversamente, que os fiéis, em particular os religiosos, só deviam munir-se de armamento espiritual⁸⁰⁷. Curiosamente, não foi de autores franciscanos ou dominicanos que partiu o enquadramento do material vivo da MENDICÂNCIA dentro das estruturas tradicionais da *militia Christi*, que ocupou um lugar tão central na literatura monástica. É particularmente significativo, a este

rei rationalis opifex, et campi doctor eorum, qui logicam profitentur, in praecedentibus instrumenta disputandi, [0910B] et quasi arma tironum suorum locavit in arena, dum sermonum simplicium significationem evolveret, et item enuntiationum locorumque naturam aperiret. Consequenter autem instrumentorum exercitium docet, et quodammodo congregiendi artem tironibus tradit, et quasi membra moveat colluctantium, proponendi et respondendi, convincendi et evadendi, vias monstrat, et eam propter quam caetera praemissa sunt, facultatem praeceptis informat.”. Cf. Hosler, “The language of War,” 138.

⁸⁰⁴ João de Salisbúria, *Metalogici*, 257.

⁸⁰⁵ João de Salisbúria, *Johannis Saresberiensis Entheticus de Dogmate Philosophorum*, ed. C. Petersen, (Haburgo: J. A. Meissnerum, 1843), 63–4: “*Irrumpunt arces, nullamque resistere posse, / Si semel insurgant grandia, scito seram. / Non adamas obstat vitiis, non ferreus agger, / Non aqua, non fossae, sed nec iniqua palus. / Ergo tam saevi qua possunt arte repelli / Hostes? Aut qui eos cogit inire fugam?*”.

⁸⁰⁶ A expressão é de F. Cardini, “La cavaleria mística,” in *Società, istituzioni, spiritualità. Studi in onore di Cinzio Violante*, vol. 1 (Espoleto: Centro Italiano di Studi sull’Alto Medioevo, 1994), 163–71.

⁸⁰⁷ Vauchez, “La notion de *Miles Christi*,” 1222.

respeito, que nos escritos de São Francisco de Assis, mesmo naqueles que assumiram uma função normativa para a vida da Ordem, como a *Regra não bulada* e a *Regra bulada*, tenha sido feita uma escolha terminológica precisa, que afastava o conceito de *militare Deo* do ideal franciscano, substituindo-o pelo de *servire Deo*, mais coerente com a proposta cristã do *Poverello*⁸⁰⁸. Assim, o novo enquadramento da guerra e das suas representações parece antes ter partido de elementos exógenos às duas ordens, nomeadamente do Papado, cujo principal interesse, no quadro de instabilidade política então latente na Cristandade, provocado pelo crescimento das heresias, mas também pelo agudizar das disputas pelo poder, opondo a cúria romana ao Império, foi o de aliar a cruzada armada contra os inimigos da fé da Igreja a uma verdadeira “cruzada da palavra”⁸⁰⁹. Indesligáveis do cometimento desta empresa aos mendicantes, por parte da Santa Sé, as representações de franciscanos e dominicanos enquanto *milites Christi*, feitas em vários documentos emitidos pela chancelaria pontifícia ao longo da primeira metade do século XIII, concorreram para enraizar a *novitas* das ordens recém-surgidas no passado religioso da Igreja, enquadrando-as com as categorias mentais, linguísticas e culturais já experimentadas no universo eclesiástico⁸¹⁰.

A imagem de São Domingos e dos seus confrades como “soldados de Cristo”, perfilou-se tanto nos decretos emitidos pela chancelaria de Honório III como nos do seu sucessor, Gregório IX. O primeiro pontífice, numa carta apostólica dirigida por volta de 1217 ao prior e aos frades do convento dominicano de San Romano, envolvidos na pregação anti-herética na região de Toulouse, concebeu como uma *militia Christi* da palavra a ação do pai da Ordem dos Pregadores e dos seus companheiros. Neles via os “invictos atletas de Cristo” (“*invicti Christi addele*”), protegidos com o “escudo da fé” (“*scuto fidei*”) e o “capacete da salvação” (“*galea salutis*”), destemidos perante “aqueles que podem matar o corpo” (“*eos qui corpus possunt occidere*”) e armados contra os inimigos da fé ortodoxa com o “verbo de Deus, que é mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes” (“*verbum Dei quod est penetrabilius omni gladio ancipiti*”)⁸¹¹.

⁸⁰⁸ Roberto Paciocco, “«Sub iugo servitutis». Francesco, i francescani e la ‘militia Christi’,” in *Militia Christi’ e Crociata*, 704.

⁸⁰⁹ Grado G. Merlo, “‘Militia Christi’ come impegno antiereticale (1179-1233),” in *Militia Christi’ e Crociata*, 355–8.

⁸¹⁰ Paciocco, “«Sub iugo servitutis»,” 702.

⁸¹¹ Honório III, “Doc. 79,” in *Monumenta diplomatica sancti Dominici*, eds. V. Koudelka e R. J. Loenertz, vol. 25 (Roma: Apud Institutum Historicum Fratrum Praedicatorum, 1966), 78: “[...] *invicti Christi addele (sic), scuto fidei et galea salutis armati, non timentes eos qui corpus possunt occidere [...] verbum Dei quod est penetrabilius omni gladio ancipiti [...]*”. Cf. Merlo, “‘Militia Christi’,” 371.

Foi, de resto, à luz do mesmo conceito que Gregório IX explicou o surgimento da Ordem dos Pregadores na *Fons sapientiae*, a bula pela qual, em julho de 1234, canonizou São Domingos. Nela, fez corresponder simbolicamente as quatro quadrigas da oitava visão de Zacarias (Zc. 6,1-2) às quatro quadrigas do Senhor: a primeira, identificada com a Igreja Primitiva, era puxada por “cavalos vermelhos” (“*equos rufos*”), simbolizando aqueles que “não temeram a espada deste mundo [...] e se tornaram mártires” (“*praesentem gladium non tementes [...] effecti martyres*”), derramando o seu sangue como “vítimas racionais” (“*rationabilis hostiae*”); a segunda, associada à ordem beneditina, era puxada por cavalos negros, a cor própria dos “que choram e fazem penitência” (“*qui lugentibus et poenitentibus*”), ou seja, os beneditinos, conduzidos por São Bento (“*novus Israel auriga*”) para “o deserto claustral” (“*claustrale desertum*”), onde recuperaram o “bem da vida comum” (“*communis vitae bonum*”); a terceira, ligada às ordens de Cister e dos florenses, era movida por “cavalos brancos” (“*equi albi*”), representativos dos frades dessas ordens, tendo por auriga São Bernardo; e, finalmente, a quarta, correspondente às ordens franciscana e dominicana, era puxada por cavalos “malhados e robustos” (“*varii et robusti*”), simbolizando pregadores e menoritas, conduzidos para a batalha “contra uma multidão hostil” (“*adversus infestissimam multitudinem*”) por “generais eleitos” (“*electis ducibus*”), um dos quais era São Domingos, em cujo espírito Deus teria instilado a “força da fé” (“*fidei fortitudo*”) e o “fervor da pregação divina” (“*fervor Divinae praedicationis*”)⁸¹².

De resto, os franciscanos já antes tinham sido visados nos mesmos moldes noutros documentos emitidos pela chancelaria de Gregório IX. Veja-se, por exemplo, a bula *Licet Sacrosancta*, datada de outubro de 1227, pela qual o pontífice tomava sob proteção da Igreja de Roma os frades menores e o seu lugar em Bassano, fazendo idêntica recomendação aos prelados de Grado e de Pádua, confiando que, revestidos da armadura espiritual paulina (Ef. 6,14-17), combateriam os hereges da diocese de Vicenza e dos territórios de Ezzelino III da Romano⁸¹³. Quanto ao pai dos franciscanos, foi qualificado

⁸¹² Gregório IX, “Bula XL,” in *Bullarium privilegiorum ac diplomatum Romanorum pontificum amplissima collectio*, ed. C. Coquelines, vol. III, *Ab Lucio III. Ad Clementem IV., scilicet ab na. MCLXXXI ad an. MCCLXVIII* (Roma: Taurinensis, 1740), 484: “[...] *sed iam propemodum vulpecular demolientes, convertere in alienae vitis amaritudinem intendebant, adversus infestissimam multitudinem, militiam adunare voluit propriorem. Et sicut inpraesentiarum cernimus post trium signis differentium tyrocinia quadrigarum, in quadriga quarta equos varios et robustos, Praedicatorum et Minorum fratrum agmina cum electis ducibus simul in praelium directurus, spiritum sancti Dominici suscitavit, et ei velut equo suar gloriar praebens fidei fortitudinem, et fervorem divinar praedicationis hynitum, circumdedit collo eius.*” Cf. Merlo, “‘Militia Christi’,” 367–8.

⁸¹³ Gregório IX, “*Licet Sacrosancta*,” in *Bullarium franciscanum romanorum pontificum*, ed. G. G. Sbaraglia e K. Eubel, vol. I, *Ab Honorio III ad Innocentium III* (Roma: Typis Sacrae Congregationis De

numa das bulas da sua canonização, a *Mira circa nos*, de 19 de julho do ano seguinte, como um “outro Sansão” (“*alter Sampson*”), que exterminara “muitos milhares de filisteus” (“*non tantum mille sed multa Philistinorum*”) – quer dizer, hereges –, não com uma “queixada de burro” (“*arepta mandibula*”), como o juiz do Antigo Testamento, mas com a sua “pregação simples, desadornada das palavras persuasivas da sabedoria humana” (“*prædicatione siquidem simplici, nullis verborum persuasibilium humanae sapientiae coloribus adornata*”)⁸¹⁴. Gregório IX retomava assim uma imagem de São Francisco já abundantemente explorada na sua primeira hagiografia oficial, a *Vita prima sancti Francisci*, encomendada pelo pontífice a Frei Tomás de Celano (†1260)⁸¹⁵ – um dos putativos autores da *Vita Prima* antoniana⁸¹⁶ – pouco antes da abertura do processo de santificação do *Poverello*, na primavera de 1228⁸¹⁷.

De facto, parece ter sido justamente nas representações das figuras fundadoras dos ordens franciscana e dominicana que o tema do combate espiritual começou por surgir também nos escritos dos seus membros. Em relação ao santo de Assis, cujo aparente despreço pelos temas da guerra espiritual esteve longe de ser vinculativo para os menoritas, merece destaque um episódio da sua primeira narrativa biográfica que se presta perfeitamente ao seu enquadramento como *milites Christi*. Nele se relata como, antes da sua conversão, Francisco, envolvido nos preparativos para uma expedição militar à Apúlia, que lhe permitiria concretizar a sua suposta vocação cavaleiresca⁸¹⁸, sonhou com uma casa “cheia de armas: selas, escudos, lanças e outros apetrechos bélicos”.

Propaganda Fide, 1759), 34: “*Cum igitur induti lorica iustitiae, assumpto scuto fidei, in quo possitis tela omnia nequissimi ignea extinguere, galea salutis et gladio Spiritus, quod est verbum Dei, accineritis vos viriliter et constantes ad debellandas quin potius capiendas vulpeculas quae moliuntur in Vicentina diaecesi et circumvicinis regionibus, ac praesertim in Bassano et terris nobilium virorum filiorum Azolini de Romano, vineam Domini Sabaoth demoliri*.”. Cf. Vauchez, “La notion de Miles Christi,” 70; Merlo, “‘Militia Christi’,” 372.

⁸¹⁴ Gregório IX, “*Mira circa nos*,” in *Bullarium franciscanum romanorum pontificum*, ed. G. G. Sbaraglia e K. Eubel, vol. I, *Ab Honório III ad Innocentium VIII* (Roma: Typis Sacrae Congregationis De Propaganda Fide, 1759), 42–3: “*Qui audita interius voce invitantis amici, impiger furgens Mundi vincula blandientis quasi alter Sampson gratia divina praeventus dirupt, & Spiritu fervoris concepto, afinique arepta mandibula, prædicatione siquidem simplici, nullis verborum persuasibilium humanae sapientiae coloribus adornata, sed tamen Dei virtute potenti, qui infirma Mundi eligit, ut fortia quaecumque confundat, non tantum mille; sed multa Philistinorum eo, qui tangit montes, & fumigant, favente, prostravit*”. Cf. Vauchez, “La notion de Miles Christi,” 74; François D’Assise, 226; Paciocco, *Sublimia negotia*, 116.

⁸¹⁵ J. A. Hellmann, “Thomas of Celano,” in *New Catholic Encyclopedia*, 33.

⁸¹⁶ Norte, *Os intelectuais em Portugal*, 195.

⁸¹⁷ R. Armstrong, “Francis of Assisi,” in *New Catholic Encyclopedia*, 871 (vol. 5); Paciocco, *Sublimia negotia*, 99–100.

⁸¹⁸ Para uma perspectiva de análise que vê em São Francisco um representante da espiritualidade cavaleiresca, indicada como uma das matrizes da sua “vocação”, vide P. Rajna, “S. Francesco e gli spiriti cavallereschi,” *Nuova Antologia*, 61 (1926): 385–95 e Hilarin Felder, *Der Christuseritter aus Assisi* (Zurique: Götschmann, 1941), 24–35; *Die Ideale des hl. Franziskus von Assisi* (Paderborn: Schöningh, 1935), 25–44. Para uma posição divergente, vide Paciocco, “‘Sub iugo servitutis’,” 701.

Equipamento posto à sua disposição “para que, qual outro David, em nome do Senhor, Deus dos exércitos”, libertasse “Israel dos inimigos que há muito o cumulavam de opróbrios”⁸¹⁹. Foram essas as palavras com que Tomás de Celano interpretou a missão espiritual do *Poverello*, dizendo-o um “valeroso cavaleiro de Cristo” (“*fortissimus miles Christi*”), que percorreria “cidades e povoações a anunciar o Reino dos Céus, a paz, o caminho da salvação e a penitência para o perdão dos pecados, não com artifícios da sabedoria humana, mas com a virtude do espírito”⁸²⁰. Estavam assim lançados os fundamentos hagiográficos para a representação que, mais de três décadas depois, também São Boaventura⁸²¹ fez do *Poverello*, na sua *Legenda Maior* (c. 1263). O ministro geral dos franciscanos acentuou a metáfora militar em torno de outros episódios da vida de São Francisco, apresentando, por exemplo, os seus estigmas como ferimentos de guerra que o próprio sofrera no final da sua vida, autêntica “batalha espiritual” em que, qual “valente soldado de Cristo” (“*strenuissime miles Christi*”), empunhara as armas do seu “Chefe invencível” (“*invictissimi Ducis*”), com as quais vencera “todos os inimigos” (“*omnes adversarios*”), e hasteara a “bandeira do Rei supremo” (“*vexillum Regis altissimi*”), à vista da qual “todos os combatentes do exército divino” (“*omnes pugnatores divini exercitus*”) se animaram, valendo-lhe a elevação a seu “comandante” (“*dux*”), o provimento com as “armas do Céu” (“*armis caelestibus*”) e a condecoração com as “insígnias da cruz” (“*crucis insignibus*”) ⁸²². Quanto a São Domingos, são mais esparsos e tardios os testemunhos dominicanos que retratam o fundador da Ordem dos Pregadores como *miles Christi*. Especialmente digna de realce, neste particular, é a imagética

⁸¹⁹ Tomás de Celano, “Vita prima S. Francisci,” in *Analecta Franciscana*, vol. X (Florença: Ad Claras Aquas, 1926-1941), 9–10: “Videbatur ei namque domum suam total habere plenam militaribus armis, sellis scilicet, clypeis, lanceis, et caeteris apparatibus; gaudensque plurimum, quid hoc esset secum tacitus mirabatur. Non enim consueverat talia in domo sua videre, sed potius pannorum cumulos ad vendendum. Cumque ad subitum rerum eventum stupelet non modicum, responsum est eu omnia haec arma sua fore militumque suorum. [...] Et quidem pulchre satis primo de armis fit mentio, et opportune multum arma traduntur contra fortem armatum militi pugnaturo, ut quasi alter David in nomine domini Deu exercituum ab inveterato inimicorum opprobio liberet Israelem.”

⁸²⁰ Ibidem 38: Circuibat proinde fortissimus miles Christi Franciscus civitates et castella, non in persuasibilibus humanae sapientiae verbis, sed in doctrina et virtute spiritus, annuntians regnum Dei, praedicans pacem, docens salutem et poenitentiam in remissionem peccatorum.” Cf. Vauchez, “La notion de Miles Christi,” 70; Paciocco, “«Sub iugo servitutis»”, 701.

⁸²¹ J. M. Hammond, “Bonaventure, St.,” in *New Catholic Encyclopedia*, 779–93.

⁸²² Boaventura de Bagnoregio, *Legenda Maior S. Francisci Assisiensis et eiusdem Legenda Minor* (Florença: Ad Claras Aquas, 1941), 113: “Eia nunc, strenuissime miles Christi, ipsius fer arma invictissimi Ducis, quibus munitus insigniter, omnes adversarios superabis ! Fer vexillum Regis altissimi, ad cuius intuitum omnes pugnatores divini exercitus animentur ! Fer nihilominus sigillum summi pontificis Christi, quo verba et facta tua tamquam irreprehensibilia et authentica merito ab omnibus acceptentur ! [...] Iam vere impleta est prima visio, quam vidisti, videlicet quod dux in militia Christi futurus, armis deberes caelestibus, signoque crucis insignibus decorari.” Cf. Vauchez, “La notion de Miles Christi,” 71; Paciocco, “«Sub iugo servitutis»”, 701–2.

desenvolvida em torno da atividade predicatória que levou a cabo no Languedoque, durante a participação na cruzada contra os albigenses e o seu protetor, Raimundo VI de Toulouse, em 1208, promovida por Inocêncio III e liderada por Simão IV de Montfort (com., 1209-†1218), à qual aludiu Frei Gerardo de Frachet na *Vita Fratrum* (1256-1260). Na peça hagiográfica em questão, composta para autoconsumo cultural da Ordem dos Pregadores, o dominicano afirmava que “nesse tempo o conde de Montfort combateu contra os hereges com a espada material, e o abençoado Domingos com a espada da palavra de Deus”⁸²³.

Estas tentativas de enquadramento de São Francisco e de São Domingos no arquétipo literário do soldado de Cristo, a par das sucessivas representações que fizeram menoritas e pregadores da sua vocação como uma *militia Christi*, são, porventura, reflexivas de uma autoimagem partilhada pelos mendicantes, tornando-os particularmente recetivos aos temas literários da Psicomaquia. Não causa assim estranheza que a minuciosa descrição das armas e dos combates do *miles temporalis* tenha sido, justamente, o meio eleito pelo teólogo franciscano, Pedro João Olivi (†1298)⁸²⁴, discípulo de Frei João Peckham no estudo geral parisiense, para explicar aos beguinos da região de Narbona as virtudes morais necessárias a que se tornassem dignos de Cristo no seu famoso tratado sobre espiritualidade, escrito em língua occitana – *Lo cavalier armat* (c.1290) –, num contexto escatológico marcado pela vinda do Anticristo⁸²⁵. Ou que o dominicano Guilherme Péroult (†c. 1271)⁸²⁶, por exemplo, tenha expressado semelhantes preocupações pela conduta moral dos seus confrades, aos quais se destinaria originalmente a sua popular enciclopédia teológico-moral, *Summa de virtutibus et vitiis* (c. 1236), nela representando igualmente o homem justo como um cavaleiro enfrentando sete inimigos, identificados com os sete vícios mortais, e fazendo corresponder simbolicamente as diversas componentes do seu equipamento militar às sete virtudes cardeais, que se opunham a tais vícios⁸²⁷.

⁸²³ Gerardo, *Vita Fratrum*, 322: “Illo quoque tempore comes Montisfortis pugnans contra hereticos gladio materiali et beatus Dominicus gladio verbi Dei in partibus illis”.

⁸²⁴ G. Gál, “Peter John Olivi,” in *New Catholic Encyclopedia*, 189–90.

⁸²⁵ Pedro João Olivi, *Lo Calavier Armat*, ed. e trad. R. Manselli e M. H. Vicaire in *La religion populaire en Languedoc du XIII^e à la moitié du XIV^e siècle* (Toulouse: Éditions Privat, 1976), 203–16. Cf. Vauchez, *A Espiritualidade na Idade Média*, 141; “La notion de *Miles Christi*,” 75.

⁸²⁶ Petit-Radel, “Guillaume Péroult, frère prêcheur,” in *Histoire littéraire de la France*, ed. Firmin Didot, vol. 19 (Paris: Treuttel et Wurtz, 1838), 307–16.

⁸²⁷ Guillaume Péroult, *Summa de virtutibus et vitiis*, (Veneza: Paganinus de Paganinis, 1497).

Enfim, no quadro da tradição cristã, a Psicomaquia foi um tema literário em constante transmutação – refletindo, de resto, as sucessivas apropriações da noção de *miles Christi* por parte de certos grupos ou elites espirituais no interior da Igreja, desde o simples cristão ao mártir, ao monge, ao leigo piedoso, ao cruzado e ao frade mendicante –, que, não obstante, se foi consubstanciando literariamente em padrões figurativos recorrentes, o que se pode considerar sub-topoi da guerra espiritual: o do Armamento Espiritual, Duelo Interior (ou combate singular), Hostes Espirituais (ou combate coletivo) e Cerco Alegórico. Estes temas são, contudo, mais do que meras cristalizações literárias de um conceito estruturante da espiritualidade cristã, como o foi o da *militia Christi*, tendo constituído igualmente eficazes veículos de comunicação ao serviço da mensagem cristã.

b) *As Picturae Bellorum* nos sermonários de Santo António e Frei Paio

Apreender o significado e o valor das representações bélicas contidas nos testemunhos acima mencionados, e bem assim nos sermonários antoniano e pelagiano, implica ver nelas mais do que meras cristalizações literárias do tema da guerra espiritual; implica, com efeito, atender à forma simbólica, mas também à função retórica que assumiram nos textos em questão. Por outras palavras, concebê-las como *Picturae*, imagens narrativas construídas a partir de metáforas, símiles, exemplos e outros recursos retórico-linguísticos, que se apresentavam ao leitor ou ao ouvinte, tendo por objetivo fixar-lhe a atenção, ajudá-lo a seguir as ideias e facilitar-lhe a assimilação de mensagens religiosas precisas, registando-se-lhe ultimamente na memória sob a forma de imagens mentais⁸²⁸. Estes construtos constam em número superior a uma centena nos sermonários antoniano e pelagiano, difundidos por cerca de um quinto das suas prédicas⁸²⁹.

Não obstante o seu uso desde os primeiros tempos do cristianismo – em razão do qual se podem considerar verdadeiros motivos de retórica eclesiástica⁸³⁰ –, as *Picturae* não só experimentaram uma complexificação e diversificação significativas na literatura religiosa dos séculos centrais da Idade Média – não por acaso tidos como um período que encontrou no símbolo o principal eixo do seu pensamento e sensibilidade⁸³¹, e um

⁸²⁸ Carruthers, *Craft of Thought*, 203–5; Hageman e Mostert, *Reading Images and Texts*, 5.

⁸²⁹ Vide infra “Canais”.

⁸³⁰ Carruthers, *Craft of Thought*, 203–5.

⁸³¹ Pastoureau, *Uma história simbólica*, 11; “Símbolo,” in *Dicionário Analítico*, 555–72.

momento-chave na génese da comunicação de tipo moderno⁸³² –, como o seu uso conheceu então um aumento exponencial, em particular no âmbito da pregação⁸³³.

Propondo o entendimento dos construtos bélicos presentes nos sermonários de Santo António e de Frei Paio enquanto imagens verbais, ou *Picturae*, oferece-se uma caracterização destes motivos nos seus principais aspetos distintivos: forma simbólica e função retórica. Assim, proceder-se-á a uma análise fracionada dos símbolos e signos da guerra que compõem as *Picturae Bellorum* antonianas e pelagianas, ilustrando como recapitulam e, em certa medida, atualizam os padrões figurativos característicos da Psicomaquia na tradição cristã. Em seguida, e com maior circunstância, ensaiar-se-á a reconstituição do processo de comunicação narrativo que estas imagens verbais da guerra integram, analisando-as então como espelhos dos contextos, saberes, ideologias e preferências dos autores dos sermonários; questionando-as do ponto de vista do seu impacto sobre os destinatários das obras; interrogando-as quanto às suas lógicas de distribuição no texto e, mais especificamente, nas prédicas dos mesmos; e, por fim, escrutinando-as quanto às mensagens ou assuntos mais veiculados nas duas obras.

i) Florestas de Símbolos

O homem medieval, diz-se, vivia numa “floresta de símbolos”⁸³⁴. Comungava da convicção de que toda a realidade natural e histórica possuía uma significação que a transcendia; o mesmo é dizer, uma dimensão eminentemente simbólica que, inclusivamente, se revelava por vezes mais forte e verdadeira do que o real percecionado⁸³⁵. Aos seus olhos, os mistérios do mundo, da alma e de Deus, invisíveis, ocultos por detrás do visível – o símbolo – exigiam, pois, um constante esforço de decifração⁸³⁶. Esta mundividência simbólica foi herdada do neoplatonismo e, sobretudo, de Santo Agostinho. Fora ele quem primeiro afirmara, no século V, que em cada coisa (*res*) existe um sinal (*signum*)⁸³⁷, postulado que valeria ao bispo de Hipona a passagem à

⁸³² Martin Aurell, “Raport Introductif,” in *Comunicazione e propaganda nei secoli XII e XIII*, eds. Rossana Castano, Fortunata Latella e Tania Sorrenti (Toma: Viella, 2007), 10.

⁸³³ Marie-Anne Polo de Beaulieu, “Usages et mésusages des images selon les prédicateurs du Moyen Âge (XIII^e-Xv^e s.),” in *Vécteurs de l’idéal et mutation des sociétés politiques*, ed. Jean-Philippe Genet (Paris: Éditions de la Sorbonne, Publications de l’École française de Rome, 2023), 371–400.

⁸³⁴ Le Goff, “O homem medieval,” 27.

⁸³⁵ Pastoureau, *Una historia simbólica*, 22; “Símbolo,” 555–72.

⁸³⁶ Beverly Mayne Kienzle, *Heresy and Crusade in Occitania, 1145–1229. Preaching in the Lord’s Vineyard* (York: York Medieval Press, 2001), 64–7.

⁸³⁷ Agostinho de Hipona, “De doctrina Christiana,” in *Patrologia cursus completus: Series Latina*, ed. J. - P. Migne, vol. XXXIV (Paris: Migne, 1865), 36: “*Signum est enim res [...]*”. Cf. Kurt Villads Jensen, “A

história como o pai de toda a simbologia medieval⁸³⁸ e que concorreu para elevar o homem do Ocidente cristianizado à condição de intérprete privilegiado do mundo simbólico⁸³⁹, refletindo-se em virtualmente todas as vertentes da Idade Média: da linguagem verbal – sugestivamente prolífica em verbos evocativos do ato de “significar” (*denotare, depingere, figurare, monstrare, repraesentare, significare*)⁸⁴⁰ – à cultura, cujos ritos, instituições e relações sociais, o costume, a arte e a literatura, mais não eram do que formas simbólicas nas quais os homens encapsulavam a sua experiência para a tornar intermutável⁸⁴¹.

No universo literário, o símbolo assumiu quase sempre a forma da alegoria⁸⁴². Uma noção descentrada da sua aceção na Idade Média, quando o que se considera hoje uma mera figura retórica – representando ou sugerindo algo – era o método, por excelência, da exegese, esse exercício hermenêutico em quatro graus – literal, ou histórico; moral, ou tropológico; alegórico, ou simbólico; e anagógico, ou contemplativo – conduzido sobre o que se julgava ser a principal chave para a descoberta do sentido inscrito pelo Criador na criação: a *Sagrada Escritura*⁸⁴³. Assim, era quase sempre esse esforço hermenêutico empreendido sobre o texto bíblico, em última instância conducente à Revelação, que radicava as *Picturae* verbais, imbuídas, pois, de uma forte carga simbólica, ao ponto de se poderem considerar, também elas, verdadeiras florestas de símbolos, subprodutos da mentalidade simbólica medieval, ao serviço dos mistérios de um culto. De resto, da multiplicidade de símbolos e signos que se cristalizavam no imaginário do período, foram, sem dúvida, os relativos à guerra, seus protagonistas, meios e espaços, os que maior preponderância assumiram nos sistemas figurativos medievais, indício do papel fundamental ocupado então pelo fenómeno militar no devir das sociedades e instituições, e enquanto elemento e veículo de espiritualidade⁸⁴⁴.

A identificação e decomposição das *Picturae* antonianas e pelagianas inspiradas no tema da guerra espiritual permite, desde logo, aferir a centralidade discursiva que o pensamento simbólico e os símbolos da guerra, em particular, assumiram nos *Sermones*

língua moderna e a da Idade Média,” in *A Cruzada nas Fronteiras do Mundo* (Lisboa: Chiado Editora, 2014), 55.

⁸³⁸ Pastoureau, *Una historia simbólica*, 11.

⁸³⁹ Gomes, “A Littera Pythagorae,” 177.

⁸⁴⁰ Pastoureau, *Una historia simbólica*, 11.

⁸⁴¹ Eco, “O homem como animal simbólico,” in *O Signo*, 108.

⁸⁴² Michel Zink, “L’allégorie,” in *Littérature française du Moyen Age* (Paris: Presses Universitaires de France, 1992), 227.

⁸⁴³ *Ibid*, 228–31.

⁸⁴⁴ *Ibid*, 232.

e na *Summa*. De facto, no âmbito do processo exegético, foram atribuídas significações simbólicas à quase totalidade dos guerreiros, peças do armamento, meios e espaços de combate bíblicos. Muitas vezes, ao mesmo significante – no sentido dado ao termo por René Alleau, como elemento que encerra em si algo abstrato, i.e., a sacralidade que une o *Anthropos* e o *Cosmos* através do poder do *Logos*⁸⁴⁵ – associaram-se, inclusivamente, várias significações, podendo estas ser, quanto ao sentido ou valorização moral, unívocas, se sempre negativas ou sempre positivas, ou, antes, como é mais frequente, serem polissémicas, ambivalentes, expressando-se nos dois sentidos. Um indício da polivalência e polissemia que os próprios símbolos assumem no interior dos quadros semânticos fundamentais dos dois sermonários.

(1) Combatentes Espirituais

Dos numerosos elementos militares invocados pelos dois pregadores nas suas *Picturae* bélicas enquanto SIGNIFICANTES, assumiu, naturalmente, grande preponderância a figura do combatente, enquanto entidade individual e coletiva (vid. [gráfico 1](#)).

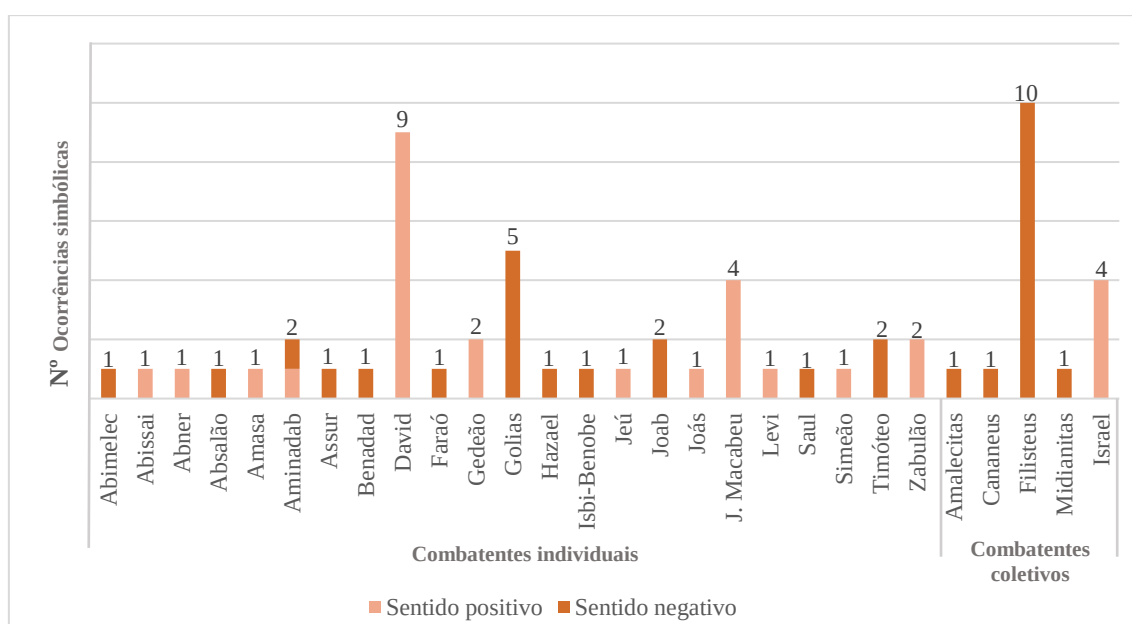


GRÁFICO 1: COMBATENTES ESPIRITUAIS – SIGNIFICANTES I [SA E SSP_CUMULATIVO EM VALORES ABSOLUTOS]

Apartando da análise um conjunto de entidades tipológicas, por não serem identificáveis – consistem em nomes de indivíduos, na forma de substantivos comuns – no âmbito dos combatentes individuais, categoria a que se reportam cerca de três quartos

⁸⁴⁵ René Alleau, *A Ciência dos Símbolos*, trad. Isabel Braga (Lisboa, Ed. 70, Col. Esfinge, 1982), 59.

do total de ocorrências simbólicas afetas aos agentes da guerra interior, verificou-se a tendência dos dois autores em privilegiar ligações simbólicas a alguns dos mais afamados guerreiros da tradição veterotestamentária, bem como lógicas de conotação simbólica destas figuras estritamente dependentes do seu retrato bíblico.

Neste particular, David (“*David*”) foi, de entre os combatentes bíblicos, objeto do maior número de ligações simbólicas por parte de Santo António e de Frei Paio. Trata-se do jovem pastor que, na *Bíblia*, sucedeu a Saul como rei de Israel, depois de atingir com a sua funda e decapitar o gigante filisteu, Golias⁸⁴⁶, episódio muito celebrado na cultura medieval⁸⁴⁷, que o imortalizou como um dos *Neuf Preux* – elite formada pelos três guerreiros bíblicos, três heróis clássicos e três combatentes da épica medieval, tomados como modelos de valor, virtude e virilidade por Jacques de Longuyon (†séc. XIV) no início do século XIV⁸⁴⁸. Não admira, pois, que as referências comportem, na sua totalidade, significados positivos. Com efeito, nas *Picturae* bélicas das duas peças, o fundador da dinastia de Jerusalém surge sobretudo enquanto símbolo cristológico, significando Cristo, que extirpou o Diabo do mundo com a pedra da Paixão, numa tendência em tudo alinhada com a que preponderou na tradição exegética medieval. Prefigura igualmente o pregador, que se apoia na cruz de Cristo para amputar a cabeça do Maligno; o penitente, que, mortificando-se, derrota os sentidos do corpo e o Diabo; o mendigo Lázaro, que rouba ao rico o poder da riqueza e o prazer da gula; e os fiéis de Cristo em perigo nas partes dos albigenses, salvos por São Domingos de Gusmão⁸⁴⁹.

Como o mais visado de entre os combatentes bíblicos contemplados na simbólica militar antoniana e pelagiana, segue-se-lhe, natural e antagónico, o próprio gigante de Get, Golias (“*Goliath*”), que, com a sua enorme altura e pesada armadura de bronze, atemorizou os maiores guerreiros do exército de Saul, à exceção do futuro rei de Israel, por quem foi derrotado e morto⁸⁵⁰. Ao contrário do que se verifica em relação a David – Cristo – as prédicas antonianas e pelagianas associam invariavelmente o campeão dos

⁸⁴⁶ George M. Alexander, *The Handbook of Biblical Personalities* (Nova Iorque: The Seabury Press, 1981), 63; Richard R. Losch, *Todos os Personagens da Bíblia de A a Z* (Cambridge: Wm. B. Eerdmans, 2008), 42; Leland Ryken, James C. Wilhoit, Tremper Longman III (eds.), “David” in *Dictionary of Biblical Imagery*, 688.

⁸⁴⁷ Colum Hourihane (ed.), *King David in the Index of Christian art* (Princeton: Princeton University Press), 384.

⁸⁴⁸ Ruth Mazo Karras, *Thou art the Man. The masculinity of David in the Christian and Jewish Middle Ages* (Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2021), 2–3.

⁸⁴⁹ Vid. *Tabulae*, tabela D, 034.

⁸⁵⁰ Alexander, *The Handbook of Biblical*, 100; Losch, *Todos os Personagens da Bíblia*, 64.

filisteus ao Diabo, que se serve dos pecadores como que de uma armadura para dar batalha a Cristo e seus seguidores⁸⁵¹.

Por sua vez, ocupando a terceira posição entre as figuras militares às quais foram cometidos mais significados e, de resto, conotado com valores manifestamente positivos, encontra-se um outro elemento da tríade bíblica dos *Neuf Preux*, o terceiro filho de Matatias, Judas Macabeu (“*Iudas Machabaeus*”), responsável pela liderança das hostes hebraicas na revolta iniciada pelo seu pai contra o domínio selêucida e a helenização forçada da Judeia, bem como pela purificação do Templo de Jerusalém das práticas pagãs, após a reconquista da cidade⁸⁵². Assim, simbolicamente, associa-se-lhe, sobretudo, o pregador, que glorifica a Deus, protege o próximo e fere o Diabo; o penitente, que purifica e reedifica a alma; e o varão justo, perpetuamente assediado pelos vícios diabólicos⁸⁵³.

Ainda digno de menção é o conjunto apreciável de guerreiros bíblicos cuja menor celebridade granjeada no período medieval os converteu em símbolos manifestamente menos apelativos aos olhos dos dois mendicantes, estando contabilizadas apenas duas ocorrências simbólicas de Aminadab, Gedeão, Joab, Timóteo e Zabulão. O primeiro caso é Aminadab (“*Aminadab*”)⁸⁵⁴, responsável pela guarda da Arca do Testamento, após a sua restituição pelos filisteus e antes de ser levada para Jerusalém por David, cuja simbologia, ambivalente, o liga quer ao corpo, negativamente conotado e imputado ao Pecado Original, quer ao Filho de Deus⁸⁵⁵. O segundo caso de uma personagem duplamente investida de valor simbólico é Gedeão (“*Gideon*”)⁸⁵⁶, herói bíblico e juiz de Israel, que se notabilizou pelo ataque que, com apenas 300 homens, conduziu contra um acampamento de 135.000 midianitas, entre os quais instilou terror empunhando tochas acesas, entoando trombetas e partindo ânforas, e que encarna a figura do penitente, que, na lanterna da contrição, na trombeta da confissão e no partir da ânfora da mortificação da própria carne, vence o Diabo⁸⁵⁷. Quando a Joab (“*Joab*”)⁸⁵⁸, sobrinho, general dos exércitos de David e opositor do seu sucessor, que planeou o assassinato de Abner e matou Amasa, à traição, e Absalão, contra a vontade do rei, é evocativo do Diabo, que matou Adão com os vícios da gula, da vanglória e da avareza, e liquidou no homem os

⁸⁵¹ Vid. *Tabulae*, tabela D, 051.

⁸⁵² Alexander, *The Handbook of Biblical*, 166; Losch, *Todos os Personagens da Bíblia*, 93.

⁸⁵³ Vid. *Tabulae*, tabela D, 065.

⁸⁵⁴ Losch, *Todos os Personagens da Bíblia*, 11.

⁸⁵⁵ Vid. *Tabulae*, tabela D, 009.

⁸⁵⁶ Alexander, *The Handbook of Biblical*, 98–9; Losch, *Todos os Personagens da Bíblia*, 62.

⁸⁵⁷ Vid. *Tabulae*, tabela D, 049.

⁸⁵⁸ Alexander, *The Handbook of Biblical*, 142–3; Losch, *Todos os Personagens da Bíblia*, 87.

preceitos da caridade para com Deus e para com o próximo⁸⁵⁹. Já Timóteo (“*Timotheum*”)⁸⁶⁰ era o comandante selêucida e feroz inimigo dos hebreus, liderados por Judas Macabeu, representativo, também ele, do Maligno, líder dos vícios, que reúne e conduz para dar batalha ao varão justo, temeroso de que o pregador atravessasse o rio da pregação, indo da margem das palavras à margem das obras⁸⁶¹. Quanto a Zabulão (“*Zabulon*”)⁸⁶², o sexto filho de Jacob e Lia, patriarca e epónimo da sua tribo, distintiva pelo seu espírito guerreiro e devoção, foi simbolizado, nas duas obras, pelo apóstolo São Pedro, destemido perante o gládio de Nero e fortalecido pela força de Deus na batalha contra o Inimigo⁸⁶³.

Por fim, integrando o rol dos combatentes bíblicos que foram objeto de apenas uma única leitura alegórica, surgem, negativamente conotados, Abimelec (“*Abimelech*”), filho de Gedeão e um dos Juízes da *Bíblia*, que se tornou rei de Siquém, depois de eliminar todos os seus setenta irmãos, à exceção de Jotão, morrendo a tentar tomar Tebas, atingido na cabeça por um pedaço de mó atirado do cimo das muralhas da cidade por uma mulher⁸⁶⁴, designando, compreensivelmente, o prelado sequioso de poder, que perece, também ele, ao ser atingido pela soberba na tentativa de ascender na hierarquia eclesiástica⁸⁶⁵; Absalão (“*Absalom*”), terceiro filho de David, que assassinou o seu irmão Amnon pela desonra da sua irmã e conspirou contra o seu pai, a quem procurou, sem sucesso, usurpar o trono⁸⁶⁶, figurando Adão⁸⁶⁷, arquétipo do pecador no imaginário literário e teológico ocidental⁸⁶⁸; Assur (“*Assur*”)⁸⁶⁹, o descendente de Sem e destruidor da cidade de Nínive, que, tal como o rei usurpador e saqueador do templo de Jerusalém, Hazael (“*Hazael*”)⁸⁷⁰, e o gigante filisteu, Isbi-Benobe (“*Iesbidenob*”)⁸⁷¹, são associados ao Inimigo, causador de semelhante devastação na alma humana e desejoso de se igualar a Cristo⁸⁷²; o Faraó (“*Pharaonis*”), rei e comandante supremo do exército no antigo Egito

⁸⁵⁹ Vid. *Tabulae*, tabela D, 063.

⁸⁶⁰ Alexander, *The Handbook of Biblical*, 271; Losch, *Todos os Personagens da Bíblia*, 149.

⁸⁶¹ Vid. *Tabulae*, tabela D, 087.

⁸⁶² Losch, *Todos os Personagens da Bíblia*, 155.

⁸⁶³ Vid. *Tabulae*, tabela D, 093.

⁸⁶⁴ Alexander, *The Handbook of Biblical*, 7–8; Losch, *Todos os Personagens da Bíblia*, 4.

⁸⁶⁵ Vid. *Tabulae*, tabela D, 001.

⁸⁶⁶ Alexander, *The Handbook of Biblical*, 13–14; Losch, *Todos os Personagens da Bíblia*, 4–5; Leland Ryken, James C. Wilhoit, Tremper Longman III (eds.), “Absalom,” in *Dictionary of Biblical*, 63–64.

⁸⁶⁷ Vid. *Tabulae*, tabela D, 004.

⁸⁶⁸ Alexander, *The Handbook of Biblical*, 14–5; Losch, *Todos os Personagens da Bíblia*, 6; “Adam,” in *Dicionary of Biblical*, 75.

⁸⁶⁹ Alexander, *The Handbook of Biblical*, 38–9; Losch, *Todos os Personagens da Bíblia*, 20.

⁸⁷⁰ Alexander, *The Handbook of Biblical*, 108; Losch, *Todos os Personagens da Bíblia*, 68.

⁸⁷¹ Alexander, *The Handbook of Biblical*, 121; Losch, *Todos os Personagens da Bíblia*, 75.

⁸⁷² Vid. *Tabulae*, tabela D, 014, 056, 059.

e um dos principais inimigos dos hebreus na *Bíblia*⁸⁷³, evocativo, por isso, do Diabo⁸⁷⁴; e, por fim, Saul (“*Saul*”), o primeiro rei de Israel, cujo orgulho, desobediência para com os preceitos divinos e ciúmes face ao heroísmo de David ditaram o trágico fim do seu reinado⁸⁷⁵, surgindo negativamente conotado como símbolo do rico vestido de púrpura, a quem o mendigo arrebatou o poder da riqueza⁸⁷⁶. Mais positivamente implicados, nas duas coleções de sermões, mas também eles invocados numa única ocasião, foram seis personagens bíblicas. Abissai (“*Abysai*”), sobrinho e comandante do rei David, a quem resgatou do gigante filisteu, Isbi-Benobe, no que lhe valeu a conquista de um lugar ao lado dos “três valentes” do fundador da dinastia de Jerusalém⁸⁷⁷, figurando o próprio “pai” da Ordem dos Pregadores, Domingos de Gusmão, campeão e defensor dos fiéis de Cristo perante os albigenses⁸⁷⁸; Abner (“*Abner*”), o primo de Saul e comandante das suas hostes, e Amasa (“*Amasam*”), o líder das forças de Absalão, ambos mortos por Joab⁸⁷⁹, surgindo o primeiro como sinónimo da caridade de Deus⁸⁸⁰, e o segundo, da caridade para com o próximo, que o Maligno extingue no homem⁸⁸¹; Jeú (“*Iehu*”), comandante no exército de Jorão de Israel e responsável pelo extermínio da dinastia de Omeri e de todos os sacerdotes e adoradores de Baal⁸⁸², símbolo do homem justo, que reúne e mata pela penitência os afetos carnis⁸⁸³; Joás (“*Ioas*”), rei de Israel que, a pedido do profeta Eliseu, feriu por três vezes a Síria com a sua flecha⁸⁸⁴, representando como tal o penitente, que fere, também ele, o seu corpo com a flecha da penitência⁸⁸⁵; e, finalmente, Levi (“*Levi*”), o líder da tribo dos levitas, e Simeão (“*Simeon*”), o chefe dos simeonitas, irmãos que protagonizaram o massacre de Siquém, através do qual lograram vingar o rapto e desonra da sua irmã, Dina⁸⁸⁶, surgindo o primeiro ligado à confissão e o segundo ao coração contrito, unidos para resgatar a alma cativa na casa do Diabo, presa à cadeia do mau hábito⁸⁸⁷.

⁸⁷³ Bridget McDermott, *Warfare in Ancient Egypt* (Gloucestershire: Sutton Publishing, 2004), 118–9.

⁸⁷⁴ Vid. *Tabulae*, tabela D, 043.

⁸⁷⁵ Alexander, *The Handbook of Biblical*, 248–50; Losch, *Todos os Personagens da Bíblia*, 135.

⁸⁷⁶ Vid. *Tabulae*, tabela D, 077.

⁸⁷⁷ Alexander, *The Handbook of Biblical*, 9–10; Losch, *Todos os Personagens da Bíblia*, 4.

⁸⁷⁸ Vid. *Tabulae*, tabela D, 002.

⁸⁷⁹ Alexander, *The Handbook of Biblical*, 10–1, 26; Losch, *Todos os Personagens da Bíblia*, 4, 11.

⁸⁸⁰ Vid. *Tabulae*, tabela D, 003.

⁸⁸¹ Ibid, 008.

⁸⁸² Alexander, *The Handbook of Biblical*, 86; Losch, *Todos os Personagens da Bíblia*, 133.

⁸⁸³ Vid. *Tabulae*, tabela D, 062.

⁸⁸⁴ Losch, *Todos os Personagens da Bíblia*, 88.

⁸⁸⁵ Vid. *Tabulae*, tabela D, 064.

⁸⁸⁶ Alexander, *The Handbook of Biblical*, 174–5, 259–60; Losch, *Todos os Personagens da Bíblia*, 96, 142.

⁸⁸⁷ Vid. *Tabulae*, tabela D, 069, 082.

Entre os contendentes que suscitaram associações simbólicas nos *Sermones* e na *Summa Sermonum*, há igualmente entidades coletivas, nomeadamente certos povos guerreiros mencionados na *Bíblia*, responsáveis, contudo, por apenas pouco mais de um quarto do total de ocorrências simbólicas ligadas aos combates espirituais (vid. [gráfico 1](#)). Deste universo, foram, curiosamente, os filisteus (“*Philisthaei*”), principais inimigos e opressores dos hebreus na época dos Juízes e durante toda a monarquia de Saul⁸⁸⁸, que reuniram o maior número de ocorrências simbólicas nos sermonários antoniano e pelagiano. Sem surpresa, são consistentemente negativos os significados que lhes estão associados, figurando, por ordem decrescente de frequência, os Demónios, os Sentidos do corpo, os Pecadores, o Rico e o Diabo⁸⁸⁹. Abaixo dos filisteus, com apenas quatro ocorrências, mas envolto em conotações bem mais positivas, surge o próprio povo de Deus, eleito para receber e guardar a lei divina, testemunhar a existência e unicidade do Criador, cumprir os Seus mandamentos e preparar o caminho para a vinda do Messias, Israel (“*Israel*”)⁸⁹⁰, ao qual foram simbolicamente assimilados tanto os pregadores que, reunidos na unidade da fé, dirigem o exército do espírito e da pregação no combate contra os demónios, libertando destes o ímpio, como o verdadeiro penitente, triunfante sobre os mesmos inimigos mediante o trovão e a espada da confissão⁸⁹¹. E, por último, como combatentes coletivos de menor relevância no discurso simbólico antoniano e pelagiano, aparecem os Amalecitas (“*Amalecitrae*”), os Cananeus (“*Chananaeus*”) e os habitantes da Média (“*Medos*”), todos invocados numa única ocasião; os descendentes de Amalec⁸⁹² e a prole de Madai, filho de Jefe⁸⁹³, enquanto sinónimo dos demónios, que desejam igualar-se a Deus⁸⁹⁴; e os Cananeus, descendentes de Canã e de seu pai, Cam, o filho proscrito de Noé⁸⁹⁵, enquanto significantes do Diabo, contra o qual o penitente marcha na confissão, extirpando-o do terreno do seu espírito e limpando-o dos vícios⁸⁹⁶.

Por sua vez, de realçar ainda um conjunto significativo de elementos militares de cariz mais genérico, que caem igualmente na categoria do que aqui se convencionou chamar de Combatentes Espirituais e cuja expressividade enquanto significantes – a soma das suas ocorrências simbólicas praticamente iguala a dos combatentes bíblicos – se pode

⁸⁸⁸ Losch, *Todos os Personagens da Bíblia*, 59.

⁸⁸⁹ Vid. *Tabulae*, tabela D, 045.

⁸⁹⁰ Losch, *Todos os Personagens da Bíblia*, 75–6.

⁸⁹¹ Vid. *Tabulae*, tabela D, 060.

⁸⁹² Losch, *Todos os Personagens da Bíblia*, 10.

⁸⁹³ Ibid, 99.

⁸⁹⁴ Vid. *Tabulae*, tabela D, 007.

⁸⁹⁵ Losch, *Todos os Personagens da Bíblia*, 34.

⁸⁹⁶ Vid. *Tabulae*, tabela D, 023.

tomar como sugestiva, entre outros aspetos, da versatilidade simbólica que lhes foi reconhecida pelos autores dos sermonários. São entidades menos condicionadas pela ótica bíblica e pela tradição exegética, comparativamente aos guerreiros veterotestamentários (vid. [gráfico 2](#)).

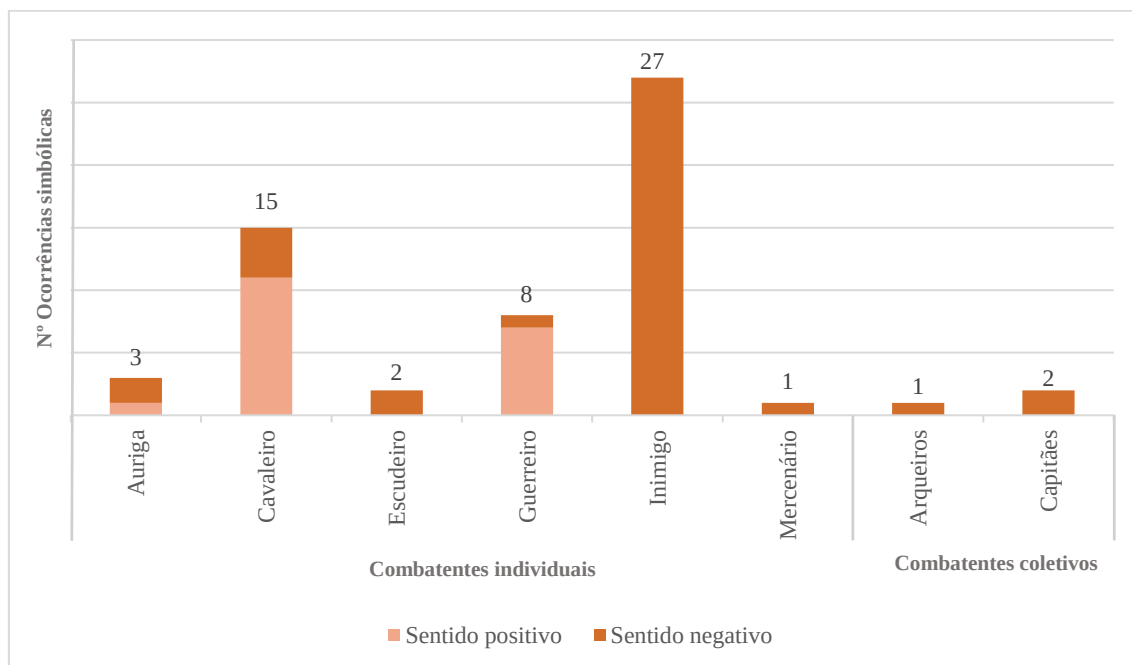


GRÁFICO 2: COMBATENTES ESPIRITUAIS – SIGNIFICANTES II [SA E SSP_CUMULATIVO EM VALORES ABSOLUTOS]

No que respeita aos combatentes tipológicos, a preponderância cabe indiscutivelmente aos individuais, reportando-se-lhes 91% das incidências simbólicas identificadas neste apartado. Aqui, em posição de destaque, com nada menos que 27 ocorrências repartidas entre as duas obras, surge a figura do oponente bélico (“*Inimicus*”, “*Hostis*”), que prima pela sua plurissignificação: mais comumente representativo do Diabo, ou Satanás – nome derivado de uma palavra hebraica que significa precisamente “o adversário”⁸⁹⁷ – o Inimigo militar personifica também, em consonância com a interpretação preponderante face aos oponentes bélicos de Israel, os vícios e apetites considerados mais ameaçadores do recolhimento espiritual do clero regular, como a carne, o mundo, a riqueza e a tentação, assim como os principais adversários espirituais da Igreja, designadamente os hereges e suas maldades, os pecadores, os pagãos, o Anticristo, os perseguidores dos cristãos e os demónios⁸⁹⁸. Outro combatente investido de grande valor figurativo nos sermonários de Santo António e de Frei Paio, e, de resto, em toda a literatura cristã coeva, foi o Cavaleiro (“*Sessor*”, “*Ascensor*”), com 15

⁸⁹⁷ Chevalier e Gheerbrant, eds., “Diabo,” in *Dicionário dos Símbolos*, 264.

⁸⁹⁸ Vid. *Tabulae*, tabela D, 057.

ocorrências simbólicas na soma das duas peças. Consoante a sua montada, as forças de cavalaria que integra e o equipamento de que se mune, o cavaleiro tem dois valores opostos: figura ora Deus, Cristo, o espírito e certas virtudes cristãs, como a humildade, a castidade, o amor da pobreza, a dupla caridade e o propósito da perseverança final; ora se lhe associam antes o Diabo e os espíritos do negócio, da ambição e da glória temporal⁸⁹⁹. Quanto ao Guerreiro (“*Debellator, Bellator, Miles*”), tipologia bastante mais genérica e menos visada do que o cavaleiro, porventura mais atrativo enquanto portador de significado numa cronologia tão dominada pelas ideologias e pelo ideal cavaleiresco⁹⁰⁰, embora o seu uso não o demonstre no caso em apreço, é nas prédicas do franciscano e do dominicano objeto de oito associações simbólicas, por ele se entendendo tanto a virtude da humildade, Cristo, a graça do Espírito Santo e os bons prelados e pregadores, como o espírito da soberba e os cinco sentidos do corpo⁹⁰¹. Outra tipologia de combatente usada nas *Picturae Bellorum* antonianas e pelagianas, desta feita em três ocasiões, foi o condutor de carros de guerra (“*Auriga*”), a quem competia controlar e direcionar os cavalos que puxam a quadriga⁹⁰²; função diretiva de que, de resto, parecem decorrer as significações que lhe foram apontadas, enquanto símbolo da graça do Espírito Santo, que orienta o pregador no anúncio do Evangelho, e, bem assim, dos vícios da arrogância e da inveja, do torpor da indolência e da falsa confiança, que inspiram e dirigem os maliciosos e luxuriosos⁹⁰³. Também estreitamente dependente das competências militares reconhecidas ao seu significante, é o significado imputado a Escudeiro (“*Armiger*”), objeto de apenas duas leituras alegóricas, que o ligam tanto à hipocrisia, pela qual perece o prelado ambicioso, como à soberba, escudeira do Diabo⁹⁰⁴. E, por fim, a encerrar o rol de guerreiros simbólicos individuais identificados nas *Picturae Bellorum* antonianas e pelagianas, surge, com uma única ocorrência alegórica, o Mercenário (“*Mercenarius*”), combatente profissional presente em quase todos os exércitos medievais, cuja prestação de serviços militares decorria do pagamento de um estipêndio, não de um ideal ou

⁸⁹⁹ Ibid, 028.

⁹⁰⁰ Jean Flori, *A Cavalaria. A origem dos nobres guerreiros da Idade Média*, trad. Eni Tenório dos Santos (São Paulo: Madras, 2005), 157.

⁹⁰¹ Vid. *Tabulae*, tabela D, 053.

⁹⁰² Eduardo Ferreira, “Carros de guerra da Antiguidade Pré-Clássica. Tipologias Comparadas (c. 2500 – c. 608 a. C.)” (PhD diss., Universidade de Lisboa, 2019), 294–307.

⁹⁰³ Vid. *Tabulae*, tabela D, 015.

⁹⁰⁴ Ibid, 036.

lealdade a um senhor⁹⁰⁵, daqui decorrendo a sua associação simbólica ao prelado que serve a Igreja apenas pela recompensa temporal⁹⁰⁶.

Quanto aos combatentes tipológicos coletivos, configuram um conjunto pouco expressivo, perfazendo as suas incidências menos de um décimo do total identificado no que diz respeito aos significantes enquadráveis nesta categoria. É o caso dos Capitães (“*Duces*”) que, com apenas duas ocorrências simbólicas, são em ambas associados à razão vã, cujas exortações, figuradas nas vontades carnavais e nas tentações subtis, aparentam exortar racionalmente⁹⁰⁷; e ainda dos Arqueiros (“*Sagittarius*”), combatentes especializados no uso do arco e detentores de habilidades específicas de mira, força e coordenação no arremesso de flechas, desde logo invocadas na sua única ocorrência simbólica, pela qual são ligados aos demónios, que se servem das línguas dos detratores e dos adutores para ferir com precisão⁹⁰⁸.

Fazendo agora o balanço do simbolismo assumido pelo combatente, é iniludível a carga predominantemente negativa que encerra nas prédicas dos dois pregadores portugueses (vid. [gráfico 3](#)).

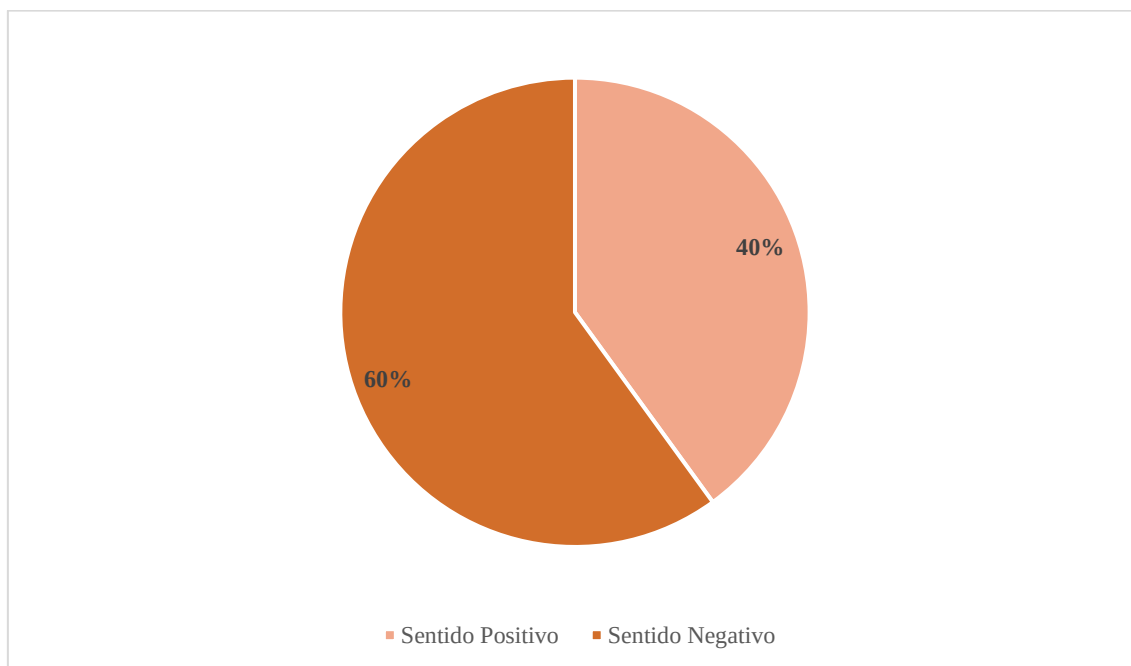


GRÁFICO 3: COMBATENTES ESPIRITUAIS – SENTIDO [SA E SSP_CUMULATIVO EM VALORES ABSOLUTOS]

⁹⁰⁵ Monteiro, *A guerra em Portugal*, 84–8; “Mercenaries, medieval,” in *The Hutchinson Dictionary of Ancient and Medieval Warfare*, ed. Matthew Bennet (Abingdon: Helicon, 2005), 211; John D. Hosler, “Mercenaries,” in *The Oxford Encyclopedia of Medieval Warfare and Military Technology*, ed. Clifford J. Rogers, vol. 2 (Oxford: Oxford University Press, 2010), 2–3.

⁹⁰⁶ Vid. *Tabulae*, tabela D, 070.

⁹⁰⁷ Vid. *Tabulae*, tabela D, 025.

⁹⁰⁸ *Ibid*, 011.

Para tal circunstância, concorreu, acima de tudo, a tendência manifesta pelos dois autores em privilegiar ligações simbólicas aos principais inimigos dos heróis eleitos por Deus – Abimelec, Absalão, Assur, Benadad, o Faraó, Golias, Hazeel, Joab, Saul, Timóteo, os Amalecitas, os Cananeus e os Filisteus⁹⁰⁹ –, ou mesmo com a figura mais genérica do oponente bélico⁹¹⁰, entidades que, no plano espiritual, se ligam com propriedade aos maiores adversários do religioso.

De resto, este quadro valorativo negativo permanece inalterado mesmo quando se atende aos particularismos inerentes ao simbolismo do guerreiro em cada um dos sermonários em análise. Com efeito, numa e outras obras, a tendência geral foi para o estabelecimento de associações simbólicas com significantes que caem dentro da categoria de inimigos, enquanto entidades concretas ou genéricas, o que ultimamente determina a conotação negativa de que em ambas se reveste o agente da guerra. Transversal aos dois sermonários foi ainda a preponderância simbólica neles assumida por significantes classificáveis como combatentes individuais, em detrimento dos elementos rotuláveis como combatentes coletivos. Não por acaso, é precisamente no primeiro grupo que se inscrevem todos os combatentes simbólicos cuja presença se confirmou em ambas as obras, entre os quais se contam não só personagens bíblicas, como Aminadab, David, Golias e Zabulão, como também guerreiros-tipo, designadamente o Cavaleiro, o Guerreiro e o Inimigo. Alguns destes símbolos surgem, para além disso, associados aos mesmos significados em ambas as peças, como é o caso de David, que os dois pregadores ligam a Cristo e ao Pregador; Golias, que figura nas duas obras o Diabo; Zabulão, para um e outro autor, evocativo do apóstolo São Pedro; o Cavaleiro, símbolo cristológico tanto para o Doutor Evangélico como para o seu conterrâneo dominicano; e o Inimigo, representativo para ambos do Diabo. A terminar o breve conspecto comparativo, de referir ainda a prevalência, nos *Sermones* antonianos, das ligações simbólicas às entidades bélicas passíveis de identificação, contrastante com o maior protagonismo granjeado pelos combatentes genéricos nas prédicas do dominicano.

Feito o exame dos combatentes que exerceram a função de significantes na imagética bélica antoniana e pelagiana, e lançando agora um olhar de conjunto sobre os seus respetivos SIGNIFICADOS, a sua classificação tipológica em “entidades humanas (ou naturais) e divinas (ou sobrenaturais)”, “práticas e atributos virtuosos e viciosos” e “*loci*

⁹⁰⁹ Ibid, 001, 004, 007, 014, 019, 023, 043, 045, 051, 056, 063, 077, 087.

⁹¹⁰ Ibid, 057.

físicos e metafísicos”, e a avaliação das diferentes proporcionalidades em que se distribuem por estas quatro categorias gerais permite traçar um retrato bastante preciso das entidades às quais os dois mendicantes mais reservaram a dignidade de guerreiros espirituais nas suas prédicas. Uma primazia que, neste particular, cabe indiscutivelmente às entidades pertencentes ao primeiro grupo, reportando-se-lhes 75% dos significados associados ao combatente nas obras dos dois pregadores portugueses. No entanto, vale a pena atender às diferenças observáveis no peso assumido pelas entidades humanas e divinas (vid. [gráfico 4](#)).

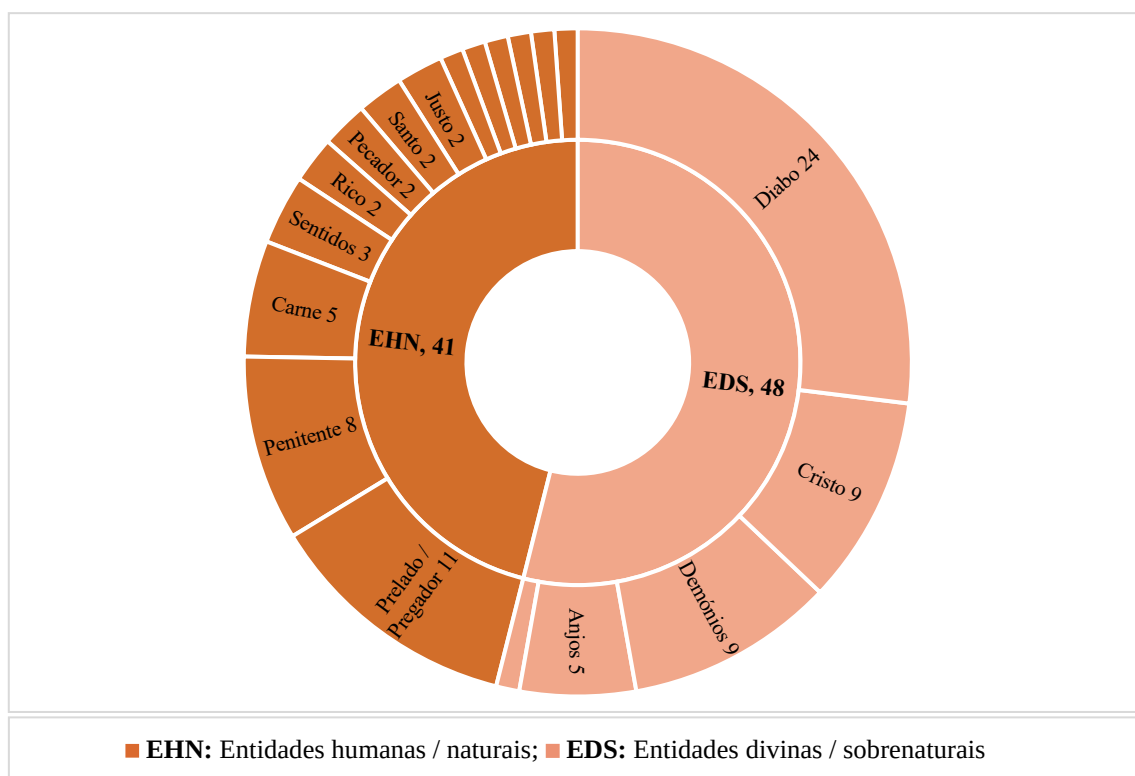


GRÁFICO 4: COMBATENTES ESPIRITUAIS – SIGNIFICADOS I [SA E SSP_CUMULATIVO EM VALORES ABSOLUTOS]

Neste domínio, o protagonismo cabe a um conjunto de entidades supraterras encimado pelo Diabo⁹¹¹, que partilha o título de senhor da guerra com os Demónios⁹¹² e com as entidades supernas e divinas, designadamente Deus⁹¹³, Cristo⁹¹⁴ e diversos tipos de Espíritos, com destaque para os angelicais⁹¹⁵. Abaixo destes, mas assumindo também eles com grande frequência o papel de *milites* nas *Picturae Bellorum* concebidas pelos dois mendicantes, divisam-se, em concordância com o que se verificou na tradição

⁹¹¹ Ibid, 014, 019, 023, 028, 043, 045, 051, 056, 057, 059, 063, 087.

⁹¹² Ibid, 007, 011, 045, 054, 057.

⁹¹³ Ibid, 028.

⁹¹⁴ Ibid, 009, 028, 034, 053.

⁹¹⁵ Ibid, 028, 053.

psicomáquica cristã, vários seres e entidades terrenas: do lado do bem, o Prelado e pregador da Igreja⁹¹⁶, o Penitente⁹¹⁷, o Varão justo⁹¹⁸, o Santo⁹¹⁹, o Mendigo⁹²⁰ e o Fiel de Cristo⁹²¹; do lado do mal, o Prelado mercenário⁹²², o Pecador⁹²³, Adão⁹²⁴, o Rico⁹²⁵, o Herege⁹²⁶, o Pagão⁹²⁷, o Corpo⁹²⁸, os Cinco sentidos⁹²⁹ e a Carne, perecível como o Corpo⁹³⁰.

Por sua vez, igualmente personificados como combatentes nas prédicas antonianas e pelagianas, mas com menor frequência que as entidades acima mencionadas, surge um conjunto apreciável de atributos e práticas viciosas ou virtuosas (vid. [gráfico 5](#)).

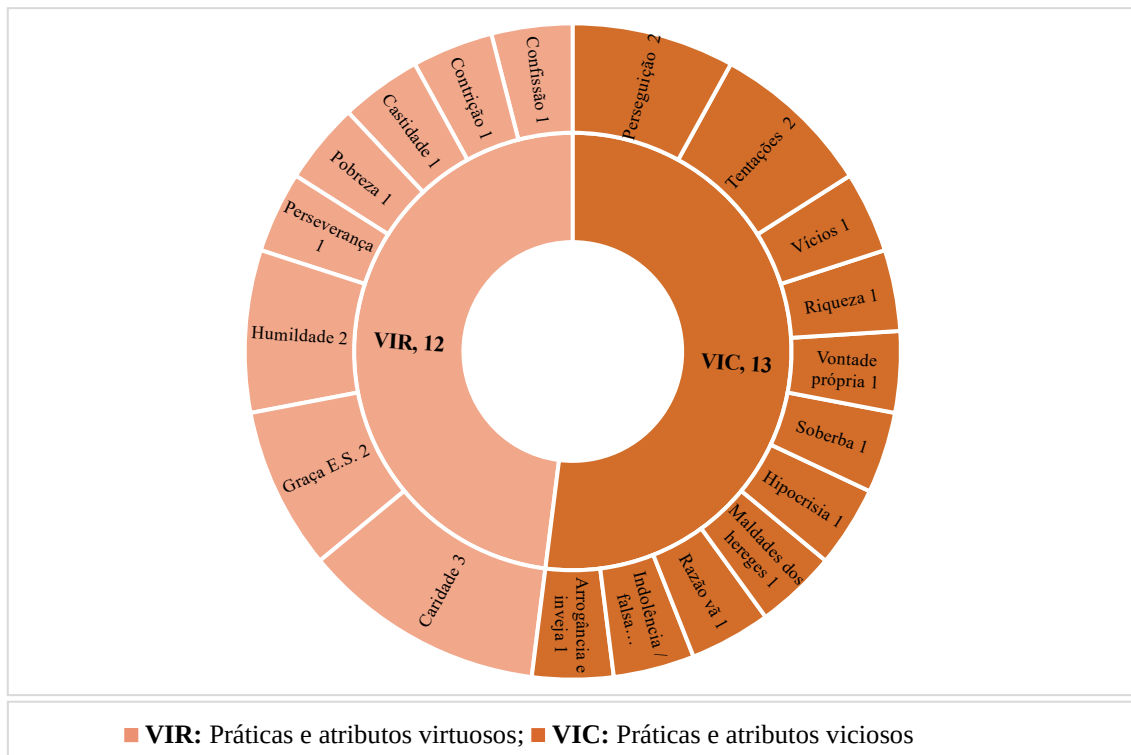


GRÁFICO 5: COMBATENTES ESPIRITUAIS – SIGNIFICADOS II [SA E SSP_ CUMULATIVO EM VALORES ABSOLUTOS]

⁹¹⁶ Ibid, 001, 034, 053, 060, 065, 070.

⁹¹⁷ Ibid, 034, 049, 064, 065, 066.

⁹¹⁸ Ibid, 062, 065.

⁹¹⁹ Ibid, 002, 093.

⁹²⁰ Ibid, 034.

⁹²¹ Ibid.

⁹²² Ibid, 070.

⁹²³ Ibid, 045, 057.

⁹²⁴ Ibid, 004.

⁹²⁵ Ibid, 045, 077.

⁹²⁶ Ibid, 057.

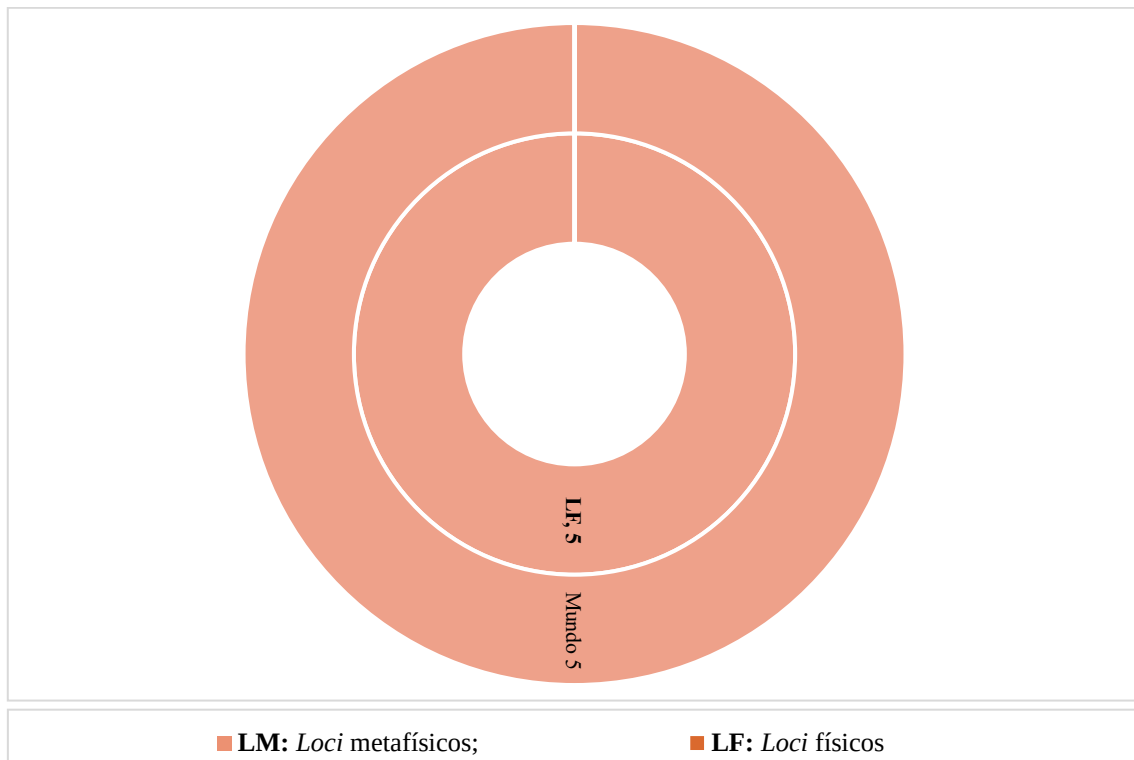
⁹²⁷ Ibid.

⁹²⁸ Ibid, 009.

⁹²⁹ Ibid, 045, 053.

⁹³⁰ Ibid, 057.

É o caso da Caridade⁹³¹, da Confissão⁹³², da Contrição⁹³³, da Humildade⁹³⁴, da Castidade⁹³⁵, da Pobreza⁹³⁶, do Propósito da perseverança final⁹³⁷ e da Graça do Espírito Santo⁹³⁸. Contra elas, elevam-se a Arrogância e a Inveja⁹³⁹, o Torpor da indolência e da Falsa confiança⁹⁴⁰, a Razão vã⁹⁴¹, as Tentações subtis e futuras⁹⁴², as Maldades dos hereges⁹⁴³, a Perseguição do Anticristo⁹⁴⁴, a Perseguição à Igreja primitiva⁹⁴⁵, a Hipocrisia⁹⁴⁶, a Soberba⁹⁴⁷, a Vontade própria⁹⁴⁸ e a Riqueza⁹⁴⁹. Para terminar, há ainda um *loci* físico, por cinco vezes qualificado como inimigo do religioso: o Mundo secular, lugar da matéria, inimiga do espírito⁹⁵⁰ (vid. [gráfico 6](#)).



⁹³¹ Ibid, 003, 008, 028.

⁹³² Ibid, 069.

⁹³³ Ibid, 082.

⁹³⁴ Ibid, 028, 053.

⁹³⁵ Ibid, 028.

⁹³⁶ Ibid.

⁹³⁷ Ibid.

⁹³⁸ Ibid, 015, 053.

⁹³⁹ Ibid, 015.

⁹⁴⁰ Ibid, 015.

⁹⁴¹ Ibid, 025.

⁹⁴² Ibid.

⁹⁴³ Ibid, 057.

⁹⁴⁴ Ibid.

⁹⁴⁵ Ibid.

⁹⁴⁶ Ibid, 036.

⁹⁴⁷ Ibid.

⁹⁴⁸ Ibid, 057.

⁹⁴⁹ Ibid.

⁹⁵⁰ Ibid.

GRÁFICO 6: COMBATENTES ESPIRITUAIS – SIGNIFICADOS III [SA E SSP_CUMULATIVO EM VALORES ABSOLUTOS]

De resto, quando se atende às especificidades dos significados inerentes aos combatentes por sermonário, observam-se tendências idênticas, com as entidades humanas e sobrenaturais a serem as mais significadas pela figura do Guerreiro, tanto nos *Sermones* antonianos como na *Summa* pelagiana, com prevalência das primeiras em ambas as obras. Seguem-se-lhes as práticas e atributos virtuosos e viciosos, tendo, contudo, aquelas assumido maior preponderância nas prédicas do menorita e estas prevalecido nos sermões do dominicano. Quanto aos *loci* físicos e metafísicos, nenhum foi significado pelo combatente nos sermões do Doutor da Igreja, pelo que as cinco ocorrências, simbólicas em que o Guerreiro figura o mundo, reportam-se, na sua totalidade, à *Summa* pelagiana. A terminar, de referir a identificação de alguns significados associados à figura do combatente tanto por Santo António como por Frei Paio: o Pregador, Pecador, São Pedro, os Demónios, o Diabo e Cristo, de entre as entidades humanas e divinas; e as Tentações e a Graça do Espírito Santo, do universo de práticas e atributos virtuosos e viciosos.

(2) Equipamentos Metafóricos

Tendo-se procedido à identificação dos Combatentes Espirituais, cabe agora averiguar de que equipamentos se munem, que meios mobilizam e em que cenários se defrontam estes guerreiros espirituais convocados na prosa por Santo António e por Frei Paio. Como poderosos meios de linguagem simbólica na imagética bélica antoniana e pelagiana, distinguem-se vários SIGNIFICANTES, cujo valor discursivo decorre, em boa medida, da utilidade que encerram no equipar dos combatentes acima identificados, servindo-lhes enquanto armamento ofensivo ou defensivo propriamente dito e como peças acessórias, integrantes, também elas, da sua indumentária guerreira e cavaleiresca (vid. [gráfico 7](#)).

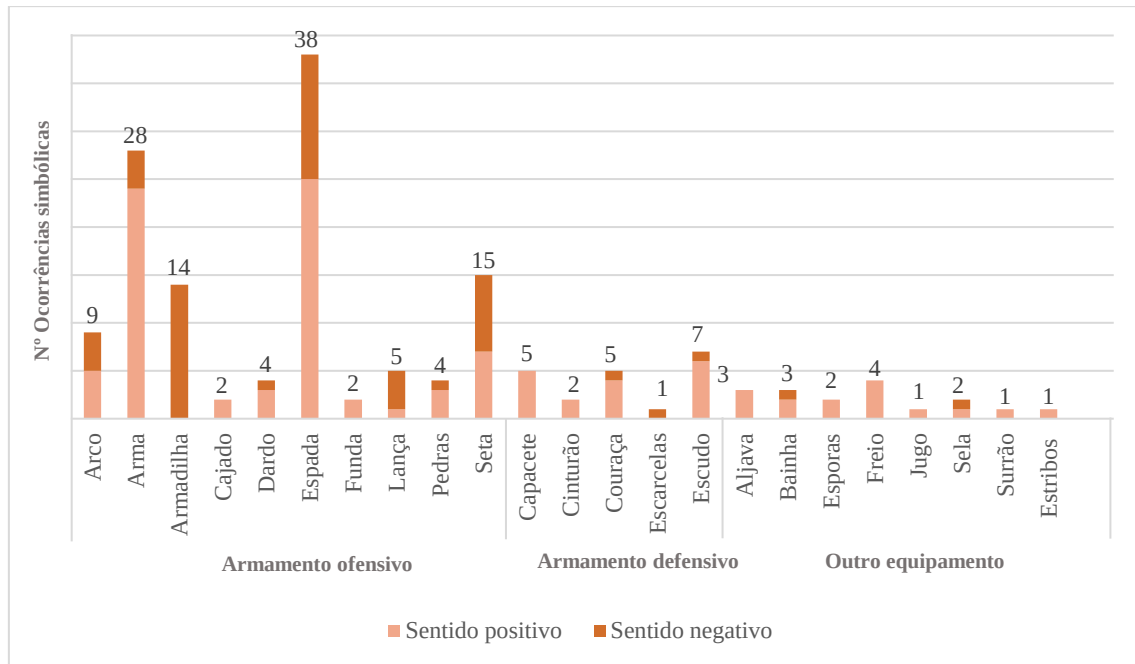


GRÁFICO 7: EQUIPAMENTOS METAFÓRICOS – SIGNIFICANTES [SA E SSP_CUMULATIVO EM VALORES ABSOLUTOS]

Neste particular, mais do dobro das peças do equipamento metafórico identificadas são itens de armamento ofensivo, aqueles que melhor se coadunam com a tónica exortativa e combativa que os dois mendicantes procuraram imprimir nas suas prédicas, estando mais ligados à ideia de ação e de beligerância. Plena de significações, a Espada (“*Gladium*”), arma branca de combate corpo-a-corpo que, na cultura medieval, era ao mesmo tempo o símbolo, por excelência, da liderança e da autoridade, da atividade guerreira e da dignidade cavaleiresca, mas também da ação e do combate pela conquista⁹⁵¹, foi objeto de numerosas associações simbólicas por parte dos autores dos sermonários (38 ocorrências). Leituras que exploram, todas elas, as potencialidades cortantes, perfurantes e mortíferas dessa arma específica, mas cujo sentido, oscilante entre o positivo e o negativo, é ultimamente determinado pela identidade do seu portador. Assim, munindo o Penitente, ou sendo por este forjada, a espada designa o Amor e o Temor divino, a Acusação própria, a Mortificação da carne e a Confissão, que se quer aguçada de ambas os lados, a fim de cortar os vícios espirituais e carnisais. Quando cingida pelo Pregador ou pelo Bom prelado da Igreja, figura a Pregação, que corta as obras carnisais e as concupiscências e fere com precisão e destreza os apóstatas e as iniquidades dos pecadores, bem como vários elementos instrumentais à prática pastoral, como a Palavra de Deus, ou *Evangelho*, e as Autoridades, Sentenças e Palavras mobilizadas pelo pregador na edificação dos fiéis. Por sua vez, quando esgrimida pelo varão justo, representa a Dor,

⁹⁵¹ Chevalier e Gheerbrant, eds., “Espada,” in *Dicionário dos Símbolos*, 298.

que este deve dobrar ou triplicar para matar os falsos profetas e fazer calar o seu apetite, bem como a Penitência, com que elimina os afetos carnavais. Brandida por Deus, simboliza quer o Poder divino, que se abate sobre os Pecados e a Opulência dos carnavais no dia do Juízo, quer Cristo, a sua Paixão e a sua Consciência e Justiça, com que o Pai trespassa, respetivamente o Diabo, a Alma fiel e o Pecador, quer ainda a Culpa, com que fere o Homem. Empunhada pelo Homem, figura a culpa com que enfrenta o Criador. Nas mãos dos infelizes, é a glória temporal com que se ferem e matam. Ao serviço do Maligno, é sinónimo da Má persuasão diabólica e da Sugestão do Diabo, mortíferas para a alma e para as virtudes. E, por fim, sem portador identificado, representa a Morte da carne; o vício da Soberba, que mata a alma com dupla morte; o Tumultuoso pensamento do coração, que apenas Deus purga da consciência; a Dor, que trespassou a alma de Maria Santíssima durante a Paixão de Cristo; e, finalmente, a Malícia e o Demónio, ambos espiritualmente mortíferos para o Pecador⁹⁵².

Abaixo da espada, com menos preponderância simbólica nos sermonários em análise (28 ocorrências), surge a Arma (“*Arma*”), por definição, qualquer instrumento concebido ou usado para infligir danos corporais ou materiais⁹⁵³. Percebe-se, neste pressuposto, a sua ligação aos Defensores do Diabo, aos cinco Sentidos do corpo, às Necessidades da vida presente e aos Dentes dos aventos e usurários, todos considerados elementos disruptivos e destrutivos, quer da vida interior, quer da própria Igreja. Destrutivos e disruptivos, mas dos próprios inimigos espirituais dos fiéis e da Santa Sé, e, como tal, também eles simbolizados pela arma, são os autores e argumentos ao dispor dos pregadores, bem como um leque alargado de virtudes morais distintivas do homem santo, designadamente a Alegria espiritual, a Humildade, a Contenção, a Sagrada vigília, o Amor à pobreza, o Desprezo pelas honras, a Fé nas glórias celestes, a Assiduidade da oração, a Obediência, a Abstinência, a Ciência da pregação, a Graça de fazer milagres, o Poder para subjugar demónios, a Paciência, a Conduta honesta e a Eficácia da pregação⁹⁵⁴.

Muito significativa foi também a carga simbólica inerente à Seta, ou Flecha (“*Sagitta, Iaculum, Penna*”) (14 ocorrências), posicionada imediatamente abaixo da arma na hierarquia dos elementos do equipamento militar conotados com maior número de significados. Neste caso, mais do que a aljava que alberga o projétil, ou mesmo que o

⁹⁵² Vid. *Tabulae*, tabela D, 038.

⁹⁵³ Chevalier e Gheerbrant, eds., “Arma,” in *Dicionário dos Símbolos*, 86–7.

⁹⁵⁴ Vid. *Tabulae*, tabela D, 013.

arqueiro e o arco que o disparam, é sobretudo a sua capacidade de ferir com precisão à distância, de atingir e penetrar profundamente o alvo⁹⁵⁵, que motiva a associação simbólica a um conjunto de elementos que, no plano espiritual, encerram o potencial de atingir e penetrar com a mesma precisão e profundidade. Serve tanto para fins edificantes, como as Dores e Punções do coração contrito, a Pregação, a Inteligência, a Vida santa e a Doutrina, a Penitência, o Amor e os Evangelistas, como se presta consequências mais nefastas e mortíferas, como os Dentes dos Aparentos e Usurários, a Vida perversa e blasfema, a Glória vã, as Adulações, as Maledicências, as Maldições, as Blasfêmias e a Tentação diabólica⁹⁵⁶.

Quanto à Armadilha (“*Decipula*”, “*Laqueus*”) (4 ocorrências), ao contrário dos elementos até agora analisados, surge sempre negativamente conotada, porquanto alegoricamente assimilada a um conjunto de vícios mobilizados pelo Diabo para arrastar os pecadores para o fogo infernal, designadamente a Rapina, o Furto, a Fraude, a Soberba, a Adulação, o Mau exemplo ou Má vida, a Deceção herética e, por último, a Eterna condenação⁹⁵⁷. Uma univocidade que esteve longe de caracterizar a simbólica do Arco (“*Arcus*”), significante em várias ocasiões (10 ocorrências), pautando-se, nessa condição, pela sua polivalência e plurissignificação. Pela sensação de penetração e precisão mortífera que induz⁹⁵⁸, tal como a Seta, evoca a Confissão, a Pregação, a Misericórdia e a Justiça de Deus, bem como a Divina Escritura e a Vitória. No entanto, a sua destrutividade penetrante converte-o igualmente num símbolo de outros elementos destrutivos no plano interior, como a Sentença eterna, a Enganadora sugestão do Diabo, o Pregador soberbo e as Línguas dos detratores e adutores⁹⁵⁹. Uma semiótica partilhada, de resto, com as restantes armas de propulsão e projéteis que veicularam significados na imagética em análise, como a Lança (“*Lancea*”)⁹⁶⁰, que figura os vícios capitais da Gula, da Vanglória e da Avareza, o Poder da riqueza e a Força da caridade⁹⁶¹; o Dardo (“*Iaculum, Telum*”), representativo da Advertência, da Indignação e da Satisfação, bem como dos Insultos do Diabo, inflamáveis de vício para vício⁹⁶²; as Pedras (“*Lapidum*”), ou seja, a Solicitude, cuja pancada atinge e mata espiritualmente o prelado ambicioso; a

⁹⁵⁵ Chevalier e Gheerbrant, eds., “Seta,” in *Dicionário dos Símbolos*, 327–9.

⁹⁵⁶ Vid. *Tabulae*, tabela D, 079.

⁹⁵⁷ Ibid, 011.

⁹⁵⁸ Chevalier e Gheerbrant, eds., “Arco,” in *Dicionário dos Símbolos*, 81–3.

⁹⁵⁹ Vid. *Tabulae*, tabela D, 010.

⁹⁶⁰ Chevalier e Gheerbrant, eds., “Lança,” in *Dicionário dos Símbolos*, 399.

⁹⁶¹ Vid. *Tabulae*, tabela D, 068.

⁹⁶² Ibid, 033.

Paixão de Cristo, pela qual o Diabo é vencido; a Ciência do Velho Testamento, arremessada pelo pregador; as Duras reprimendas dos sentidos, com que devem ser durissimamente feridos os carnaís⁹⁶³; e a Funda (“*Funda*”)⁹⁶⁴, que, sendo constituída por correias iguais, designa a Balança do exato juízo, ou a Igualdade da doutrina e da vida⁹⁶⁵. Não fica ainda completo o elenco das armas ofensivas investidas de carga simbólica nos sermonários sem o Cajado (“*Baculum*”)⁹⁶⁶, bordão de pastor tomado por David aquando da sua saída contra Golias, ao qual é associada a Cruz de Cristo, na qual deve apoiar-se o pregador no seu ofício, encerrando toda a utilidade para os sacerdotes guiarem o rebanho dos fiéis⁹⁶⁷.

Por sua vez, menos consonantes com a noção de combatividade que os autores dos sermonários procuraram suscitar junto dos seus destinatários por intermédio da imagética bélica são as ideias de passividade, defesa e proteção inerentes ao armamento defensivo. Não causa assim estranheza que as tipologias defensivas invocadas enquanto significantes sejam menos variadas do que as ofensivas, nem tão-pouco surpreende o número de apenas 20 ocorrências simbólicas, das mais de uma centena identificadas ligadas ao equipamento metafórico, menos de um quinto deste universo (vid. [gráfico 7](#)). Neste âmbito, o protagonismo coube ao Escudo (“*Clypeus, Scutum*”), peça defensiva portátil e manobrável que, justamente pelas suas propriedades defletoras⁹⁶⁸, representa ora Os que repelem de si as setas da pregação, ora ainda uma série de elementos salvíficos, como a Cruz de Cristo, a Fé, a Boa vontade e a Verdade⁹⁶⁹. Quanto ao Capacete (“*Cassis, Galea*”), o seu simbolismo foi, em parte, bebido das *Epístolas Paulinas*, onde, precisamente pelas suas valências defensivas e protetoras, figura a Salvação⁹⁷⁰. No entanto, os significados que lhe estão associados nos sermonários relacionam-se igualmente com o próprio simbolismo da parte anatómica que protege, a cabeça. Comparada, ao longo de toda a Idade Média, a um universo ou microcosmos, pela sua forma esférica e pela função ordenadora que assume face às restantes partes do corpo⁹⁷¹, a cabeça instituiu-se, a partir de finais do século XII, como o mais importante elemento

⁹⁶³ Ibid, 072.

⁹⁶⁴ Chevalier e Gheerbrant, eds., “Funda,” in *Dicionário dos Símbolos*, 341.

⁹⁶⁵ Vid. *Tabulae*, tabela D, 048.

⁹⁶⁶ Chevalier e Gheerbrant, eds., “Báculo,” in *Dicionário dos Símbolos*, 109.

⁹⁶⁷ Vid. *Tabulae*, tabela D, 022.

⁹⁶⁸ Chevalier e Gheerbrant, eds., “Escudo,” in *Dicionário dos Símbolos*, 296.

⁹⁶⁹ Vid. *Tabulae*, tabela D, 037.

⁹⁷⁰ Chevalier e Gheerbrant, eds., “Capacete,” in *Dicionário dos Símbolos*, 156–7.

⁹⁷¹ Chevalier e Gheerbrant, eds., “Cabeça,” in *Dicionário dos Símbolos*, 136–7.

dos sistemas de representação estabelecidos em torno do corpo no Ocidente cristão⁹⁷². Aí, tal como nos dois sermonários, frequentemente significou Cristo, a cabeça do corpo místico formado pela Igreja, protegido pelo Pai sob o “capacete da humanidade”⁹⁷³. No que respeita à couraça (“*Lorica*”), armadura protetora do tórax, do abdómen e das costas do guerreiro, feita de pequenos anéis de metal entrelaçados ou de “escamas” de metal unidas por tiras, envergada pelo Diabo, simboliza os Maus, a ele inseparavelmente ligados e de tal modo fundidos entre si que se tornam impenetráveis à Graça divina e à Pregação; revestindo Cristo, figura a Justiça, com a qual se protegeu o Filho de Deus quando expulsou o Diabo do mundo; e, ostentando-a o Pregador, representa a Paciência entretecida pelos vínculos da Inflexível caridade⁹⁷⁴. Já a simbologia associada ao Cinturão (“*State*”)⁹⁷⁵ prima na imagética antoniana e pelagiana pela sua falta de originalidade, tendo sido inteiramente bebida das *Cartas Paulinas*, onde significa a Verdade, virtude com a qual se deve proteger todo o bom cristão⁹⁷⁶. Destaque ainda, no âmbito do equipamento defensivo, para as Escarcelas (“*Ocreae*”), associadas às Escusas da luxúria, com as quais o impúdico se defende da culpa deste pecado e, por extensão, ao próprio Diabo⁹⁷⁷.

Finalmente, nas *Picturae Bellorum* antonianas e pelagianas, divisam-se ainda um conjunto de oito peças, também elas características do equipamento guerreiro e cavaleiresco. Os seus significados e simbologias (17 referências) resultam, não tanto das suas propriedades ofensivas e defensivas, visto que podem ser usadas em ambos os cenários, mas dos fins auxiliares que servem, quer ao nível do controle da montada do combatente espiritual, quer no que respeita à proteção e transporte do seu armamento (vid. [gráfico 7](#)). No grupo das primeiras se enquadra com propriedade o freio (“*Frenum*”), elemento que reuniu o maior número de associações simbólicas, correspondente a uma peça metálica que atravessa a boca da cavalgadura e que, prendendo-se às rédeas, permite controlar a sua direção, velocidade e movimentos, daí resultando a oportunidade da sua conotação a um conjunto de virtudes e práticas ascéticas: a Abstinência, com que o bom prelado deve frear o seu corpo; a Temperança, a ser possuída por todo aquele que quer ser Soldado de Deus para resistir às ciladas do Diabo; o Silêncio, com que a Soberba

⁹⁷² Pastoureau, *Una historia simbólica*, 263.

⁹⁷³ Vid. *Tabulae*, tabela D, 024.

⁹⁷⁴ Ibid, 032.

⁹⁷⁵ Chevalier e Gheerbrant, eds., “Cinto,” in *Dicionário dos Símbolos*, 198–9.

⁹⁷⁶ Vid. *Tabulae*, tabela D, 031.

⁹⁷⁷ Ibid, 035.

refreia o Hipócrita; e ainda a Disciplina, que serve de guia aos Penitentes⁹⁷⁸. Quanto à Aljava (“*Pharetram*”), à Bainha (“*Vagina*”) e ao Surrão (“*Pera*”), partilham a capacidade contentora. Assim, a primeira, é associado ao Coração, passível de albergar no seu interior dores e punções; a Consciência, que se abre a toda a Tentação diabólica; e a Memória, capaz de guardar adulações, maledicências, maldições e blasfémias⁹⁷⁹. A segunda simboliza o Espírito dos perversos, no qual está embainhada a Sugestão diabólica, bem como a toda a Humanidade, que acolhe no seu âmago a Divindade⁹⁸⁰. E o último, a bolsa de pastor na qual David depositou cinco pedras lisas, colhidas do fundo de um riacho aquando do seu enfrentamento contra Golias, liga-se à Graça do Novo Testamento, na qual devem ser depositadas as cinco pedras da ciência veterotestamentária⁹⁸¹. Já no que concerne à Sela (“*Sella*”) e aos Estribos (“*Strepas*”), é a função de estabilização do cavaleiro, assumida por estes elementos, que sustenta a sua ligação simbólica, respetivamente, às virtudes da Humildade⁹⁸² e da Constância⁹⁸³, promotoras do equilíbrio interior do religioso. Na mesma linha de pensamento, que coloca na dependência das propriedades morfológicas e funcionais do significante o seu respetivo significado, compreende-se o nexo da associação das Esporas (“*Calcaria*”) ao Amor e Temor divinos, com os quais o Espírito espicaça o corpo do Bom pastor, para que alcance a Vida eterna⁹⁸⁴, assim como a ligação do Jugo (“*Iugum*”)⁹⁸⁵ ao Desejo de Cristo ou ao Preceito suave, apostado aos pregadores para os direcionar no seu *munus*⁹⁸⁶.

Tudo somado, e ao contrário do que se constatou ser válido a respeito do combatente, o sentido associado ao equipamento guerreiro tem um cariz predominantemente positivo (vid. [gráfico 8](#)).

⁹⁷⁸ Ibid, 047.

⁹⁷⁹ Ibid, 006.

⁹⁸⁰ Ibid, 017.

⁹⁸¹ Ibid, 083.

⁹⁸² Ibid, 078.

⁹⁸³ Ibid, 041.

⁹⁸⁴ Ibid, 039.

⁹⁸⁵ Chevalier e Gheerbrant, eds., “Jugo,” in *Dicionário dos Símbolos*, 389.

⁹⁸⁶ Vid. *Tabulae*, tabela D, 067.

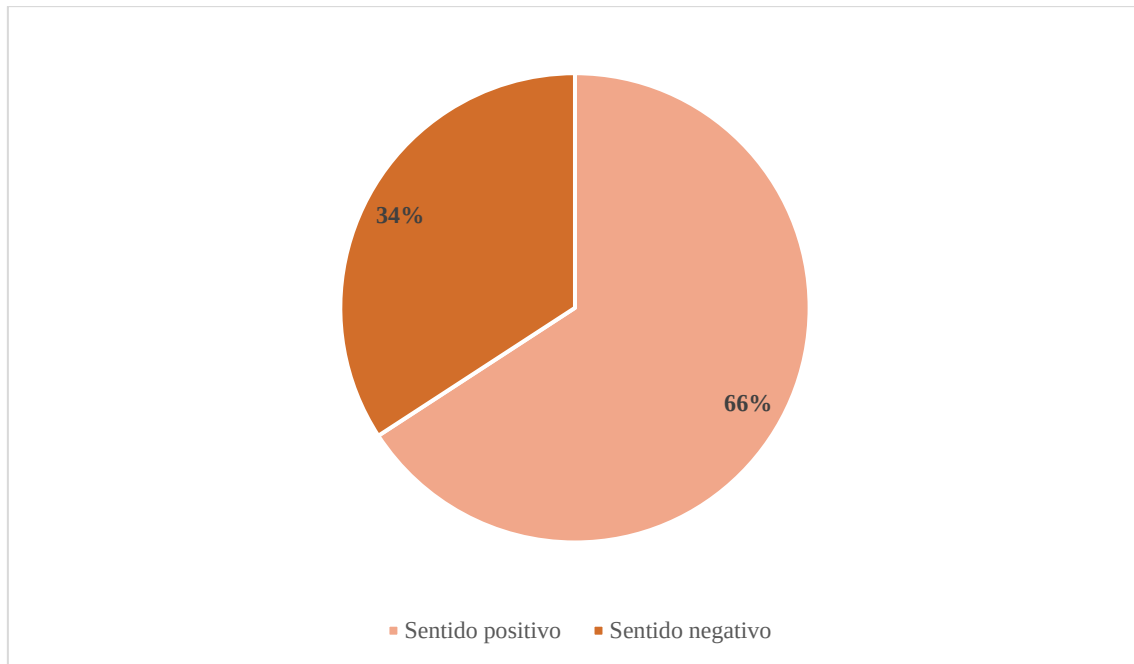


GRÁFICO 8: EQUIPAMENTOS METAFÓRICOS – SENTIDO [SA E SSP_CUMULATIVO EM VALORES ABSOLUTOS]

Algo que foi válido para todo o equipamento no geral, e para cada uma das suas tipologias em particular, decorrendo da sua mais frequente associação à indumentária do combatente divino, santo e clerical, ao serviço do qual o armamento ofensivo exerce uma função destrutiva dos principais inimigos interiores do religioso e da Igreja; as peças defensivas encerram propriedades apotropaicas; e os restantes elementos comungam de uma utilidade eminentemente acessória no combate espiritual.

Tendências valorativas gerais não desmentidas pelas especificidades do simbolismo associado ao equipamento bélico em cada sermonário, predominantemente positivo em ambos. A mesma consonância com o quadro geral se verifica no que à hierarquia das suas tipologias mais invocadas diz respeito, com os dois autores a privilegiarem ligações simbólicas aos elementos do armamento ofensivo, seguidos pelos itens do armamento defensivo e, por último, por outras peças do equipamento guerreiro e cavaleiresco, numa tendência análoga à qual não foi alheia a tónica exortativa partilhada pelas duas peças. De resto, é justamente no primeiro grupo – o do armamento ofensivo – que se enquadram a maioria dos significantes transversais às duas obras, designadamente o Arco, a Arma, a Armadilha, a Espada e a Seta, aos quais se somam ainda o Escudo e a Aljava. A terminar, de alertar ainda para circunstância algo curiosa de apenas à Espada terem sido associados os mesmos significados por parte dos dois pregadores, designadamente à Pregação e à Palavra de Deus.

Atente-se agora na distribuição tipológica dos SIGNIFICADOS associados aos Equipamentos Metafóricos identificados nas imagens bélicas antonianas e pelagianas. Ao

contrário do que sucede com os Combatentes Espirituais, há uma esmagadora preponderância no que concerne às associações simbólicas a determinadas práticas e atributos virtuosos ou viciosos, indiciária das preocupações ético-moralizantes que infundiram abundantemente o grosso filão formado pelas prédicas dos *Sermones* e da *Summa* marcadas por motivos militares (vid. [gráfico 9](#)).

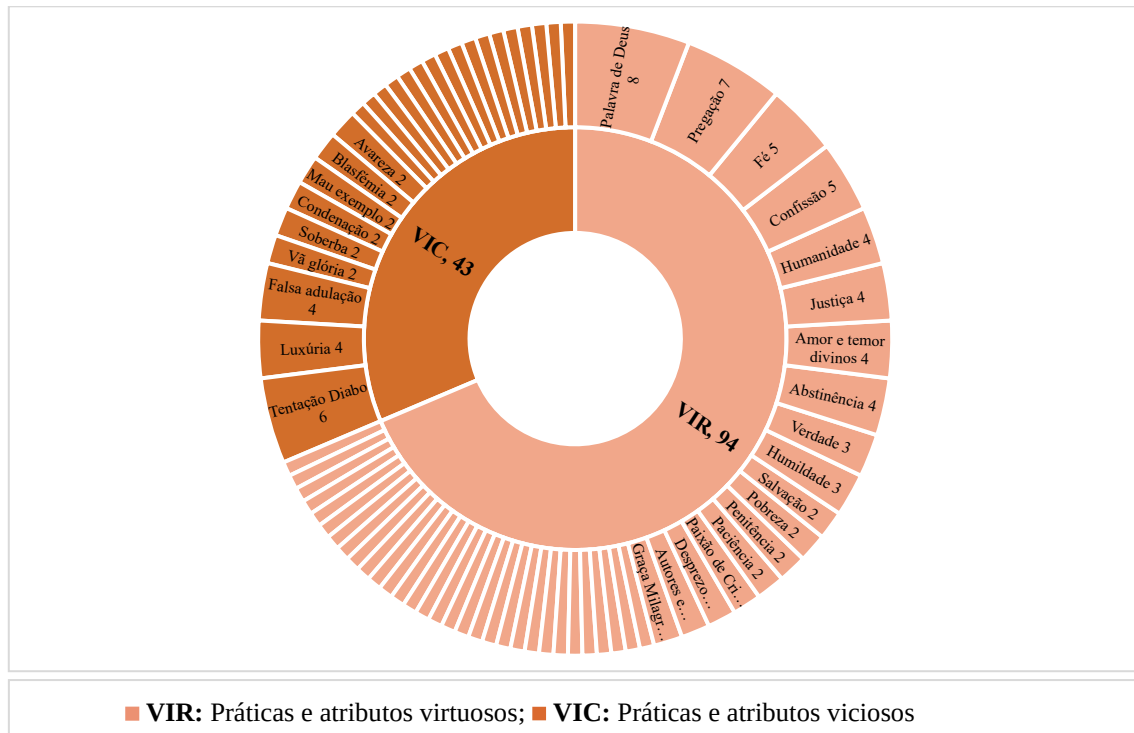


GRÁFICO 9: EQUIPAMENTOS METAFÓRICOS – SIGNIFICADOS I [SA e SSP_CUMULATIVO EM VALORES ABSOLUTOS]

Assim, do lado das práticas, atributos e dádivas virtuosas aos quais foi reconhecida uma função instrumental no combate interior, surgem, por ordem decrescente da sua importância, a Palavra de Deus, a sua Graça e Conhecimento⁹⁸⁷; a Pregação⁹⁸⁸; a Confissão⁹⁸⁹ e a Fé⁹⁹⁰; a Abstinência⁹⁹¹, o Amor e Temor divinos⁹⁹², a Humanidade⁹⁹³ e a Justiça⁹⁹⁴; a Humildade⁹⁹⁵ e a Verdade⁹⁹⁶; o Conhecimento das autoridades e argumentos⁹⁹⁷, o Desprezo pelas honras⁹⁹⁸, a Graça de fazer Milagres⁹⁹⁹, a Paixão de

⁹⁸⁷ Ibid, 038, 083.

⁹⁸⁸ Ibid, 010, 013, 038, 079.

⁹⁸⁹ Ibid, 010, 038.

⁹⁹⁰ Ibid, 037.

⁹⁹¹ Ibid, 013, 047.

⁹⁹² Ibid, 039.

⁹⁹³ Ibid, 017, 024, 029.

⁹⁹⁴ Ibid, 010, 032, 038.

⁹⁹⁵ Ibid, 013, 078.

⁹⁹⁶ Ibid, 031, 037.

⁹⁹⁷ Ibid, 013, 038.

⁹⁹⁸ Ibid, 013.

⁹⁹⁹ Ibid.

Cristo¹⁰⁰⁰, a Paciência¹⁰⁰¹, a Penitência¹⁰⁰², a Pobreza¹⁰⁰³ e a Salvação¹⁰⁰⁴; e a Advertência¹⁰⁰⁵, a Alegria espiritual¹⁰⁰⁶, a Assiduidade da oração¹⁰⁰⁷, o Exato juízo¹⁰⁰⁸, a Boa vontade¹⁰⁰⁹, a Caridade¹⁰¹⁰, a Constância¹⁰¹¹, a Contrição¹⁰¹², o Desejo de Cristo¹⁰¹³, a Obediência¹⁰¹⁴, a Discrição¹⁰¹⁵, a Dor¹⁰¹⁶, o Duplo temor¹⁰¹⁷, as Duras reprimendas dos sentidos¹⁰¹⁸, a Honestidade¹⁰¹⁹, a Igualdade da doutrina e da vida¹⁰²⁰, a Indignação penitencial¹⁰²¹, a Inteligência¹⁰²², a Memória da paixão de Cristo¹⁰²³, a Misericórdia e justiça de Deus¹⁰²⁴, a Mortificação da carne¹⁰²⁵, a Pena presente¹⁰²⁶, o Poder do Senhor¹⁰²⁷, o Poder para subjugar demónios¹⁰²⁸, as Punções e dores da contrição¹⁰²⁹, a Sagrada vigília¹⁰³⁰, a Satisfação penitencial¹⁰³¹, a Temperança¹⁰³², a Contenção de todo o tipo¹⁰³³, a Santidade¹⁰³⁴ e a Vitória¹⁰³⁵. Já as práticas, características e dispensas viciosas associadas a peças da indumentária guerreira, configuram um conjunto menos apreciável, de que fazem parte, por ordem dos mais recorrentes, a Sugestão, a Tentação e os Insultos

¹⁰⁰⁰ Ibid, 038, 072.

¹⁰⁰¹ Ibid, 013, 033.

¹⁰⁰² Ibid, 038, 07.

¹⁰⁰³ Ibid, 013.

¹⁰⁰⁴ Ibid, 024.

¹⁰⁰⁵ Ibid, 033.

¹⁰⁰⁶ Ibid, 013.

¹⁰⁰⁷ Ibid.

¹⁰⁰⁸ Ibid, 048.

¹⁰⁰⁹ Ibid, 037.

¹⁰¹⁰ Ibid, 068.

¹⁰¹¹ Ibid, 041.

¹⁰¹² Ibid, 006.

¹⁰¹³ Ibid, 067.

¹⁰¹⁴ Ibid, 013.

¹⁰¹⁵ Ibid, 038

¹⁰¹⁶ Ibid.

¹⁰¹⁷ Ibid, 039.

¹⁰¹⁸ Ibid, 072.

¹⁰¹⁹ Ibid, 013.

¹⁰²⁰ Ibid, 048.

¹⁰²¹ Ibid, 033.

¹⁰²² Ibid, 079.

¹⁰²³ Ibid, 013.

¹⁰²⁴ Ibid, 010.

¹⁰²⁵ Ibid, 038.

¹⁰²⁶ Ibid.

¹⁰²⁷ Ibid.

¹⁰²⁸ Ibid, 013.

¹⁰²⁹ Ibid, 079.

¹⁰³⁰ Ibid, 013.

¹⁰³¹ Ibid, 033.

¹⁰³² Ibid, 047.

¹⁰³³ Ibid, 013.

¹⁰³⁴ Ibid, 079.

¹⁰³⁵ Ibid, 010.

diabólicos¹⁰³⁶; a Falsa adulação¹⁰³⁷ e a Luxúria¹⁰³⁸; a Avareza¹⁰³⁹, a Blasfémia¹⁰⁴⁰, o Mau exemplo ou má vida¹⁰⁴¹, a Eterna condenação¹⁰⁴², a Soberba¹⁰⁴³ e a Vã glória¹⁰⁴⁴; o Castigo¹⁰⁴⁵, a Culpa¹⁰⁴⁶, a Deceção herética¹⁰⁴⁷, a Dor da Virgem aquando da morte do seu filho¹⁰⁴⁸, a Fingida humildade¹⁰⁴⁹, a Fraude¹⁰⁵⁰, o Furto¹⁰⁵¹, a Glória temporal¹⁰⁵², a Gula¹⁰⁵³, a Má persuasão¹⁰⁵⁴, as Maldições¹⁰⁵⁵, as Maledicências¹⁰⁵⁶, a Malícia¹⁰⁵⁷, a Morte¹⁰⁵⁸, as Necessidades da vida presente¹⁰⁵⁹, o Perjúrio¹⁰⁶⁰, o Poder da riqueza¹⁰⁶¹, a Rapina¹⁰⁶², o Silenciar dos pecados¹⁰⁶³, a Solitude do ambicioso¹⁰⁶⁴, a Sugestão perversa¹⁰⁶⁵ e o Tumultuoso pensamento do coração¹⁰⁶⁶.

Igualmente simbolizadas nas diversas peças do equipamento do combatente, mas de forma bem menos recorrente do que as práticas e atributos virtuosos ou viciosos, distinguem-se certos seres e entidades humanas (ou naturais) e divinas (ou sobrenaturais) (vid. [gráfico 10](#)).

¹⁰³⁶ Ibid, 033.

¹⁰³⁷ Ibid, 012.

¹⁰³⁸ Ibid, 012, 035.

¹⁰³⁹ Ibid, 012, 068.

¹⁰⁴⁰ Ibid, 079.

¹⁰⁴¹ Ibid, 012.

¹⁰⁴² Ibid.

¹⁰⁴³ Ibid, 012, 038.

¹⁰⁴⁴ Ibid, 068.

¹⁰⁴⁵ Ibid, 038.

¹⁰⁴⁶ Ibid.

¹⁰⁴⁷ Ibid, 012.

¹⁰⁴⁸ Ibid, 038.

¹⁰⁴⁹ Ibid, 078.

¹⁰⁵⁰ Ibid, 012.

¹⁰⁵¹ Ibid.

¹⁰⁵² Ibid, 038.

¹⁰⁵³ Ibid, 068.

¹⁰⁵⁴ Ibid, 038.

¹⁰⁵⁵ Ibid, 079.

¹⁰⁵⁶ Ibid.

¹⁰⁵⁷ Ibid, 038.

¹⁰⁵⁸ Ibid.

¹⁰⁵⁹ Ibid, 013.

¹⁰⁶⁰ Ibid, 012.

¹⁰⁶¹ Ibid, 068.

¹⁰⁶² Ibid, 012.

¹⁰⁶³ Ibid, 047.

¹⁰⁶⁴ Ibid, 072.

¹⁰⁶⁵ Ibid, 012.

¹⁰⁶⁶ Ibid, 038.

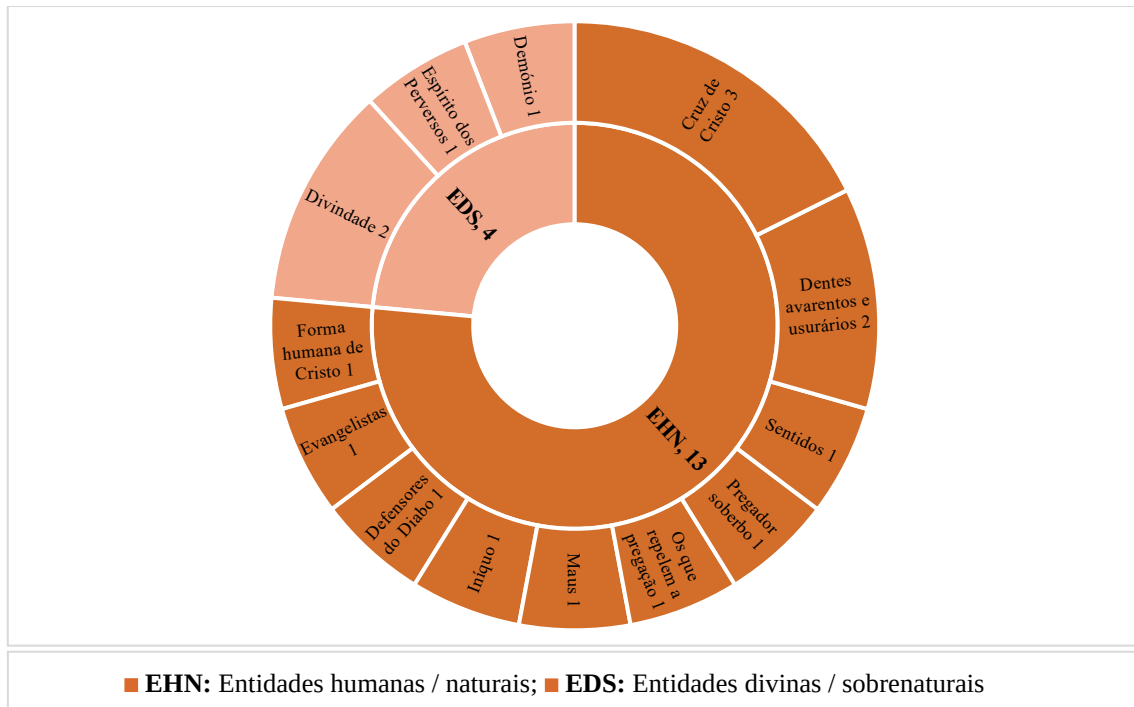


GRÁFICO 10: EQUIPAMENTOS METAFÓRICOS – SIGNIFICADOS II [SA E SSP_CUMULATIVO EM VALORES ABSOLUTOS]

No primeiro grupo, quantitativamente mais expressivo, há a referir, do lado da bondade, a Cruz de Cristo¹⁰⁶⁷, a sua Forma humana¹⁰⁶⁸ e os Evangelistas¹⁰⁶⁹; da parte da maldade, os Dentes dos avarentos e usurários¹⁰⁷⁰, os Defensores do Diabo¹⁰⁷¹, o Iníquo¹⁰⁷², os Maus¹⁰⁷³, Os que repelem de si a pregação¹⁰⁷⁴, o Pregador soberbo¹⁰⁷⁵ e os Sentidos do corpo¹⁰⁷⁶. Abaixo das entidades humanas ou naturais, mas a suscitar, também eles, ligações simbólicas ao equipamento guerreiro nos sermonários em análise, surgem algumas entidades divinas e sobrenaturais, designadamente a Divindade¹⁰⁷⁷, o Demónio¹⁰⁷⁸ e o Espírito dos Perversos¹⁰⁷⁹.

¹⁰⁶⁷ Ibid, 022, 037.

¹⁰⁶⁸ Ibid, 013.

¹⁰⁶⁹ Ibid, 079.

¹⁰⁷⁰ Ibid, 013, 079.

¹⁰⁷¹ Ibid, 013.

¹⁰⁷² Ibid, 038.

¹⁰⁷³ Ibid, 032.

¹⁰⁷⁴ Ibid, 037.

¹⁰⁷⁵ Ibid, 010.

¹⁰⁷⁶ Ibid, 013.

¹⁰⁷⁷ Ibid, 038.

¹⁰⁷⁸ Ibid.

¹⁰⁷⁹ Ibid, 017.

O mesmo se verificou relativamente a certos *loci* – a Consciência¹⁰⁸⁰, a Memória¹⁰⁸¹ e a Geena¹⁰⁸² – com a particularidade da sua pertença integral ao mundo metafísico (vid. [gráfico 11](#)).

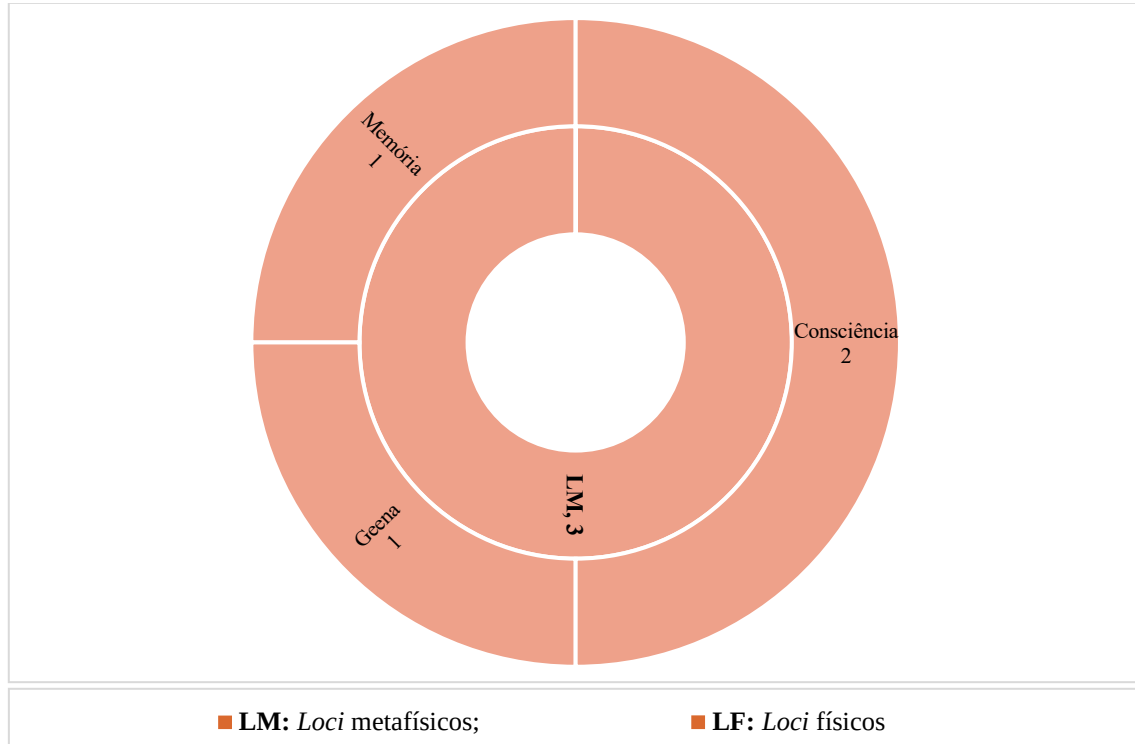


GRÁFICO 11: EQUIPAMENTOS METAFÓRICOS – SIGNIFICADOS III [SA E SSP_CUMULATIVO EM VALORES ABSOLUTOS]

Sobre os significados mais associados ao equipamento metafórico em cada um dos sermonários em análise, bastará referir que a sua distribuição pelas três categorias supramencionadas obedece, de uma forma geral, à lógica observada para o exame conjunto das duas peças. Em ambas, as práticas e atributos virtuosos e viciosos foram, pois, os mais significados pelos elementos do equipamento guerreiro, com prevalência dos primeiros. As principais diferenças que ressaltam do confronto entre os dois sermonários, neste âmbito, registam-se apenas ao nível das categorias que num e noutro se mostraram as menos expressivas, com as entidades humanas e naturais e os *loci* físicos e metafísicos a ocuparem, respetivamente, a segunda e a terceira posições nas preferências do franciscano, numa lógica que se inverte no caso do dominicano, mais propenso a associar o aparato de guerra aos espaços do que às entidades. Por fim, valerá a pena detalhar quais os significados que tanto o autor dos *Sermones* como o compositor da *Summa* associaram ao equipamento guerreiro, entre os quais se contam sobretudo

¹⁰⁸⁰ Ibid, 006, 038.

¹⁰⁸¹ Ibid, 006.

¹⁰⁸² Ibid, 012.

práticas e atributos virtuosos (Pregação, Palavra de Deus e seu conhecimento, Verdade, Justiça, Fé, Abstinência, Humildade) e viciosos (Luxúria, Condenação, Má vida ou mau exemplo e Soberba), bem como um *loci* metafísico (a Consciência), sem que nenhum significado transversal às duas obras tenha sido possível identificar no que às entidades diz respeito.

(3) Operações Militares Alegóricas

Ao lado dos Combatentes Espirituais e do Equipamento Metafórico, por eles envergado, sobressaem como SIGNIFICANTES nas *Picturae Bellorum* dos *Sermones* e na *Summa Sermonum* um conjunto de elementos militares cuja simbologia é indissociável da função que serviram, fosse como meios de transporte e de comunicação, fosse ainda como meios de alojamento e organização dos contingentes metafóricos (vid. [gráfico 12](#)).

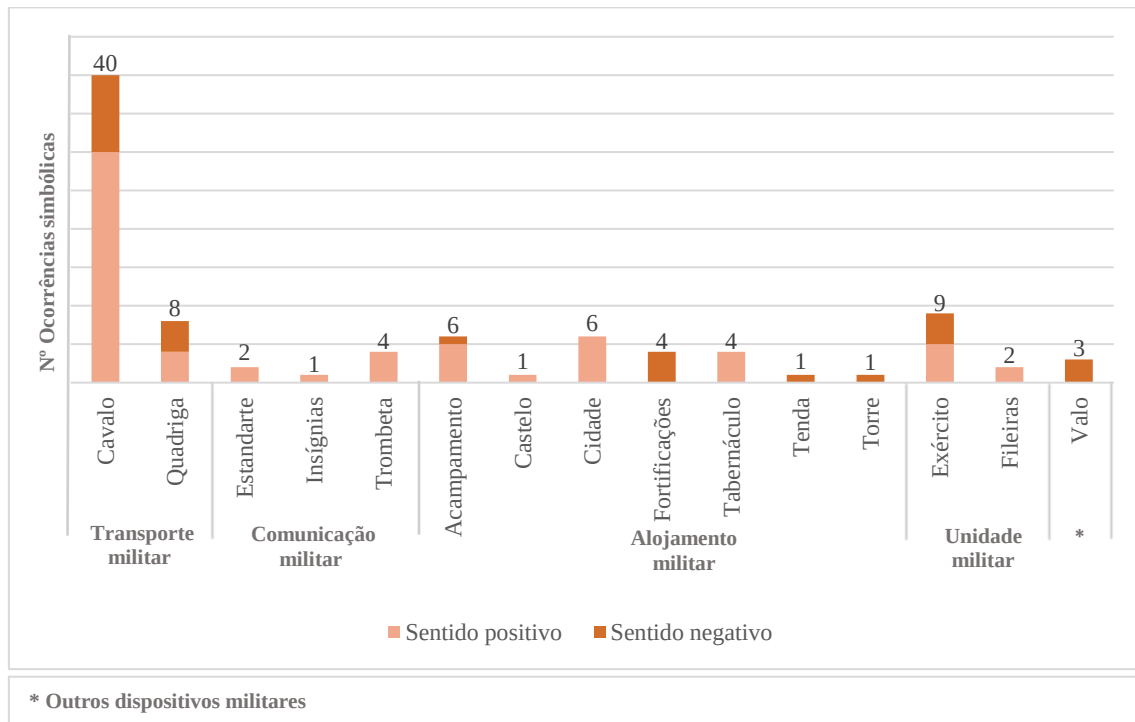


GRÁFICO 12: OPERAÇÕES MILITARES ALEGÓRICAS – SIGNIFICANTES [SA E SSP_CUMULATIVO EM VALORES ABSOLUTOS]

Nesta série de 15 tipos de elementos simbólicos, foram os respeitantes aos meios de transporte que veicularam o maior número de leituras alegóricas na imagética bélica antoniana e pelagiana, totalizando cerca de metade das incidências apuradas nesta categoria (48 ocorrências), em boa medida graças ao Cavalo (“*Equus*”), animal quadrúpede fundamentalmente adestrado para uso em combate e transporte de homens e imagem central de uma aristocracia guerreira. Foi, de todos os significantes bélicos identificados nas *Picturae* bélicas, o mais expressivo em termos de recorrência (40

ocorrências), em consonância com a tendência observável noutros textos medievais portugueses, onde é um animal habitualmente muito invocado pelo seu simbolismo medieval e cristão¹⁰⁸³. Além disso, é alargado o leque das suas conotações simbólicas, apresentando uma valoração moral predominantemente positiva, em notório contraste com o sentido negativo que ostenta normalmente nas fontes religiosas, estreitamente dependente da própria simbologia do seu cavaleiro e da unidade de cavalaria que integra¹⁰⁸⁴. Assim, tendo Cristo por cavaleiro, ou pertencendo à cavalaria divina, o cavalo figura o Varão justo, a Boa vontade, São Tomás, a Cruz de Cristo, o Príncipe católico, o Filho de Deus e São Dionísio, ao passo que, montado pelo Diabo, ou integrando a cavalaria diabólica, figura o Cobiçoso, Judas Iscariotes, o Poder mundano, o Fausto secular, a Vida próspera, a Abundância de riquezas e ainda os vícios da Rapacidade e da Tenacidade¹⁰⁸⁵. A própria cor da montada influi na sua simbologia: sendo branca a sua pelagem, matiz da pureza e do Bem na teologia cristã¹⁰⁸⁶, representa a Humanidade do bom pastor de Cristo, o Corpo do bom prelado da Igreja, os Perfeitos, o Corpo de Cristo, os Corpos imaculados e Castos e os Apóstolos e Evangelistas, alvos pela sua castidade e inocência¹⁰⁸⁷; se vermelha, tonalidade que a Idade Média conotou sobretudo com o pecado, o Inferno e o sangue¹⁰⁸⁸, por ele se entende o Ladrão e Salteador, os Aproveitados e os Patriarcas, que viveram em guerras de sangue¹⁰⁸⁹; se negra, cor ligada sobretudo à aflição e à penitência nos círculos eclesiásticos, bem como aos pecados e ao Mal¹⁰⁹⁰, significa o Prelado que serve a Igreja apenas pela recompensa temporal, os Recentemente convertidos e os Profetas, que muitas tribulações sofreram¹⁰⁹¹; se amarela, cor da avareza, da inveja, da mentira e da traição¹⁰⁹², simboliza o Tirano, os Falsos irmãos e o Hipócrita; e se multicolor, os Pregadores, que preferem a variedade no hábito¹⁰⁹³.

O cavalo não foi, entretanto, o único significante bélico identificado na imagética bélica antoniana e pelagiana que serviu enquanto veículo de transporte do combatente,

¹⁰⁸³ Chevalier e Gheerbrant, eds., “Cavalo,” in *Dicionário dos Símbolos*, 171–7; Afonso Soares de Sousa, “O Cavalo na Idade Média Portuguesa,” *Medievalista* 32 (2022): 205–11.

¹⁰⁸⁴ Chambel, “Apresentação do projeto,” 12.

¹⁰⁸⁵ Vid. *Tabulae*, tabela D, 028.

¹⁰⁸⁶ Michel Pastou

Tabulae, tabela D, reau, Branco. *História de uma Cor*, trad. José Alfaro (Lisboa: Orfeu Negro, 2023), 24.

¹⁰⁸⁷ Vid. *Tabulae*, tabela D, 028.

¹⁰⁸⁸ Michel Pastoureau, *Vermelho. História de uma Cor*, trad. José Alfaro (Lisboa: Orfeu Negro, 2019), 15.

¹⁰⁸⁹ Vid. *Tabulae*, tabela D, 028.

¹⁰⁹⁰ Michel Pastoureau, *Preto. História de uma Cor*, trad. José Alfaro (Lisboa: Orfeu Negro, 2014), 12.

¹⁰⁹¹ Vid. *Tabulae*, tabela D, 028.

¹⁰⁹² Michel Pastoureau, *Amarelo. História de uma Cor*, trad. José Alfaro (Lisboa: Orfeu Negro, 2021), 10.

¹⁰⁹³ Vid. *Tabulae*, tabela D, 028.

categoria em que se enquadram igualmente a Quadriga (“*Quadrigae*”), carro de guerra aberto de duas ou quatro rodas, usualmente (mas não forçosamente) puxado por quatro cavalos, que assumiu grande importância nos contextos político militares dos mundos clássico e pré-clássico¹⁰⁹⁴. Ambivalente, a simbologia da quadriga decorre igualmente das forças ao serviço das quais atua e dos cavalos que a puxam¹⁰⁹⁵: pertencendo ao Diabo, simboliza os Sentidos do corpo, através dos quais este se dirige espontaneamente para os bens temporais, bem como os vícios da Malícia, da Luxúria, da Avareza, puxados pelas montadas diabólicas acima mencionadas; ao passo que integrando os exércitos divinos, corresponde, por sua vez, à Lei Natural, à Lei Mosaica, às Leis Evangélicas e à Doutrina dos Santos Padres, puxadas por cavalos pertencentes à cavalaria divina¹⁰⁹⁶.

Várias foram, por sua vez, as estruturas bélicas cujos fins habitacionais inspiraram as leituras alegóricas que delas fizeram o menorita e o dominicano nas suas prédicas, estando contabilizadas em cerca de um quarto as suas incidências simbólicas (vid. [gráfico 12](#)). Símbolo ambivalente e polissémico, o Acampamento (“*Castrum*”) (6 ocorrências), instalação militar temporária, surge associado a significados variáveis em função das hostes que alberga no seu interior e às quais presta apoio. Assim, se o acampamento dos Filisteus simboliza o Coração do homem mau, habitáculo do Diabo, os acampamentos de Deus são, pelo contrário, identificados com as Hierarquias angelicais, os Conventos e Congregações das ordens cisterciense, dominicana e menorítica, a Alma fiel e, inclusivamente, as Hostes de santos¹⁰⁹⁷. No que respeita à Cidade (“*Urbs*”), as suas leituras tropológicas têm a particularidade de estarem, no seu conjunto, polarizadas sobre o eixo positivo¹⁰⁹⁸. Centro da vida económica, política, cultural e social no período medieval¹⁰⁹⁹, a cidade surge também para os dois pregadores como centro espiritual, designando a Fé dos homens, a Alma do fiel ou pecador e a Igreja triunfante, perpetuamente assediadas pelo Diabo e pelos vícios¹¹⁰⁰. Se fortificada, representa a Virgem, onde os fiéis buscam refúgio na hora da tentação, ou ainda o Bom prelado, promotor da unidade entre os fiéis, apto a defender-se das injustiças, capaz de sustentar os fracos e necessitados e ainda de se expor e opor aos adversários da Igreja¹¹⁰¹. Ambos,

¹⁰⁹⁴ Ferreira, “Carros de guerra,” 10.

¹⁰⁹⁵ Chevalier e Gheerbrant, eds., “Carro,” in *Dicionário dos Símbolos*, 162–4.

¹⁰⁹⁶ Vid. *Tabulae*, tabela D, 074.

¹⁰⁹⁷ Ibid, 005.

¹⁰⁹⁸ Chevalier e Gheerbrant, eds., “Cidade,” in *Dicionário dos Símbolos*, 162–4.

¹⁰⁹⁹ Pirenne, *As cidades*.

¹¹⁰⁰ Vid. *Tabulae*, tabela D, 030.

¹¹⁰¹ Ibid.

acampamento e cidade, estiveram, entretanto, longe de esgotar o universo das estruturas militares às quais os autores dos sermonários em análise atribuíram significados no âmbito do processo exegético. Juntam-se-lhes ainda, nesse sentido, as Fortificações (“*Munitione*”), tomadas como sinónimo dos Falsos cristãos e dos Carnais, com que o Diabo cerca a Igreja, mas também das Tentações, dos Maus pensamentos e dos Deleites carnis, com que, por sua vez, sitia a alma dos fiéis¹¹⁰²; o Tabernáculo (“*Tabernaculum*”), tenda sagrada montada no centro do acampamento militar, no qual assinalava a presença de Deus como rei guerreiro¹¹⁰³, pela qual se entendem o Justo, a Penitência, e ainda a Virgem e o seu Corpo¹¹⁰⁴; o Castelo (“*Constructio*”)¹¹⁰⁵, ligado aos Pensamentos, partes de um edifício de interioridade que se esboroa quando a alma é arrastada para a vingança¹¹⁰⁶; a Tenda (“*Tabernaculum*”, “*Tentoria*”)¹¹⁰⁷, símbolo do Corpo, armado na satisfação da penitência e nas obras da caridade¹¹⁰⁸; e, finalmente, a Torre (“*Turris*”)¹¹⁰⁹, estrutura que se erguia acima das muralhas do castelo, figurativa da altura da dignidade¹¹¹⁰.

A integrar um terceiro grupo de significantes surgem, por sua vez, dois elementos cujos fins organizacionais são os que mais ressaltam da sua simbologia (vid. [gráfico 12](#)). A começar pelo próprio Exército (“*Exercitus*”) (9 ocorrências), que se destacou como o mais expressivo neste âmbito, ora surgindo positivamente conotado, ora associado a sentidos mais desviantes, consoante a sua composição e liderança. Assim, vale por Espírito, Pregação, Anjos, Pensamentos e Afetos, como vale por Espíritos malignos e Vícios¹¹¹¹. Sendo celestes, os exércitos figuram as Fileiras dos santos inocentes e as congregações dos Pregadores, Religiosos, Prelados e Beatos da Igreja, que marcham às ordens de Cristo¹¹¹². Já a gritaria ou alarido do exército é identificada com as Tentações provocadas pelos demónios e com o Apetite carnal¹¹¹³. Neste terceiro grupo cabem igualmente as Fileiras (“*Acies*”), formações ordenadas de combatentes a que são

¹¹⁰² Vid. *Tabulae*, tabela D, 046.

¹¹⁰³ Chevalier e Gheerbrant, eds., “Tabernáculo” in *Dicionário dos Símbolos*, 625; Nuno Moniz Pereira, *Símbolos da Igreja Cristã* (Lisboa: Presselivre, 2009), 90.

¹¹⁰⁴ Vid. *Tabulae*, tabela D, 084.

¹¹⁰⁵ Chevalier e Gheerbrant, eds., “Castelo” in *Dicionário dos Símbolos*, 168–9.

¹¹⁰⁶ Vid. *Tabulae*, tabela D, 026.

¹¹⁰⁷ Chevalier e Gheerbrant, eds., “Tenda” in *Dicionário dos Símbolos*, 640–1.

¹¹⁰⁸ Vid. *Tabulae*, tabela D, 086.

¹¹⁰⁹ Chevalier e Gheerbrant, eds., “Torre” in *Dicionário dos Símbolos*, 649–50.

¹¹¹⁰ Vid. *Tabulae*, tabela D, 088.

¹¹¹¹ *Ibid.*, 042.

¹¹¹² *Ibid.*

¹¹¹³ *Ibid.*

assimiladas as nove Ordens angelicais (Serafins, Querubins, Tronos, Dominações, Principados, Potestades, Virtudes, Arcanjos e Anjos) e as nove tipologias de Religiosos que lhes correspondem (Contemplativos, Doutores, Confessores, Abades e Priores, Subprios, Mestres de noviços, Santos, Superiores gerais das ordens, Visitadores)¹¹¹⁴.

Por seu turno, os significados do Estandarte, das Insígnias e da Trombeta (7 ocorrências) prendem-se, acima de tudo, com as suas valências comunicacionais em contexto militar (vid. [gráfico 12](#)). Assim, à Trombeta (“*Tuba, Bucina*”), usada para orientar o movimento das tropas no decurso das ações militares¹¹¹⁵, encontram-se associadas a Pregação, a entoar pelo pregador entre os Estéreis de boas obras e a convocar para a guerra contra os vícios, bem como os apóstolos São Pedro e São Paulo, cuja sonoridade da pregação tocara a reunir as nações no combate dos vícios¹¹¹⁶. Já o Estandarte (“*Signum, Vexillum*”) e as Insígnias (“*Insignia*”), expedientes visuais largamente utilizados em tempos de guerra, por exemplo, no decurso das batalhas, funcionavam como um sinal para os diversos grupos que compunham a hoste atacarem, ou ainda como distintivo de afiliação, posição, patente ou autoridade¹¹¹⁷. Associam-se-lhes, respetivamente, a Cruz de Cristo e a virtude da Humildade, ambas exercendo funções análogas às dos seus significantes no plano espiritual: a primeira, ao ser elevada pelo pregador perante os fiéis; e a segunda, distinguindo o corpo livre de sentidos viciosos e do orgulho dos corpos corrompidos pelo pecado¹¹¹⁸.

Por último, não enquadrável nas categorias supramencionadas e, por isso, tratado separadamente, há a referir o Valo (“*Vallum, Fovea*”) (3 ocorrências) (vid. [gráfico 12](#)). Designando um parapeito com estacas aguçadas que defende um campo entrincheirado, o Valo figura os Hereges e os Primeiros movimentos, usados pelo Inimigo para bloquear, respetivamente, a Igreja e a Alma¹¹¹⁹. Mas, se remetente para um fosso, valado ou barranco, outra das aceções que lhe foi reconhecida pelo Santo, representa antes as Diversas tribulações, que o Diabo cava em torno da alma humilde¹¹²⁰.

Perscrutados quanto ao seu sentido, os significantes passíveis de encaixar na categoria de meios mobilizados durante operações militares, para fins de transporte,

¹¹¹⁴ Ibid, 044.

¹¹¹⁵ Monteiro, “As comunicações,” 182; sobre a simbologia da trombeta, vide Chevalier e Gheerbrant, eds., “Trombeta,” in *Dicionário dos Símbolos*, 662.

¹¹¹⁶ Vid. *Tabulae*, tabela D, 090.

¹¹¹⁷ Monteiro, “As comunicações,” 181; sobre a simbologia do estandarte, vide Chevalier e Gheerbrant, eds., “Estandarte,” in *Dicionário dos Símbolos*, 306–7.

¹¹¹⁸ Vid. *Tabulae*, tabela D, 040, 058.

¹¹¹⁹ Ibid, 092.

¹¹²⁰ Ibid.

alojamento, comunicação e organização dos contingentes, transparece o seu sentido predominantemente positivo (vid. [gráfico 13](#)). Uma valoração geral determinada pela sua mobilização maioritária ao serviço das forças do Bem, que se aplica a todas as tipologias *per se*, com a óbvia exceção das Fortificações e do Valo, sempre associados às intervenções diabólicas e, como tal, negativamente conotados, e ainda da Quadriga, que assume um simbolismo ambivalente.

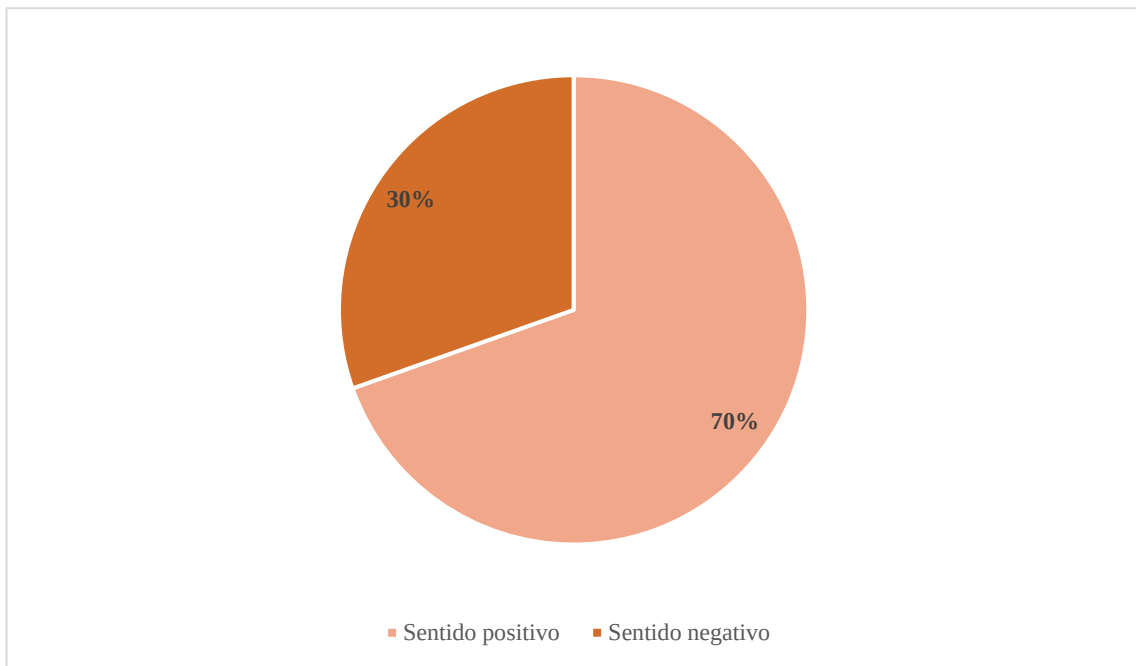


GRÁFICO 13: OPERAÇÕES MILITARES ALEGÓRICAS – SENTIDO [SA E SSP_CUMULATIVO EM VALORES ABSOLUTOS]

De volta à análise das especificidades assumidas pelos significantes em cada sermonário, são também poucas as mudanças a assinalar neste particular; tanto no que se prende com o sentido que exibem, maioritariamente positivo em ambas as obras, como no que respeita à hierarquia dos mais invocados, tendo os dois autores mostrado preferência pelo estabelecimento de associações simbólicas com os meios de transporte – em particular com o Cavalo –, seguidos pelos meios de alojamento. No sermonário antoniano, seguem-se-lhes como os mais procurados enquanto significantes, por ordem decrescente, os meios de comunicação, as unidades militares e outros dispositivos bélicos; e, nas prédicas pelagianas, as unidades e os restantes dispositivos militares, sem que nenhuma ligação simbólica aos meios de comunicação tenha sido possível identificar da parte do conimbricense. Possíveis de identificar, mas enquanto significantes transversais aos dois sermonários, foram, por sua vez, o Cavalo, a Quadriga, o Acampamento, a Cidade, a Fortaleza, o Exército e o Valo. No entanto, deste universo

apenas o Cavalo e a Cidade assumiram significados análogos nas duas obras, com o primeiro a simbolizar o Varão justo e a segunda a Alma fiel.

Circunscrevendo a análise aos SIGNIFICADOS dos meios alegóricos, a sua repartição pelas quatro categorias supramencionadas aponta para a colagem preferencial que os dois mendicantes fizeram destes elementos bélicos a certas entidades humanas e naturais, em notório contraste com o observado face aos combatentes e Equipamentos Metafóricos, mais insistentes na representação das entidades divinas e sobrenaturais do imaginário teológico cristão e nas várias práticas e atributos considerados virtuosos ou viciosos à luz do sistema de valores monástico (vid. [gráfico 14](#)).

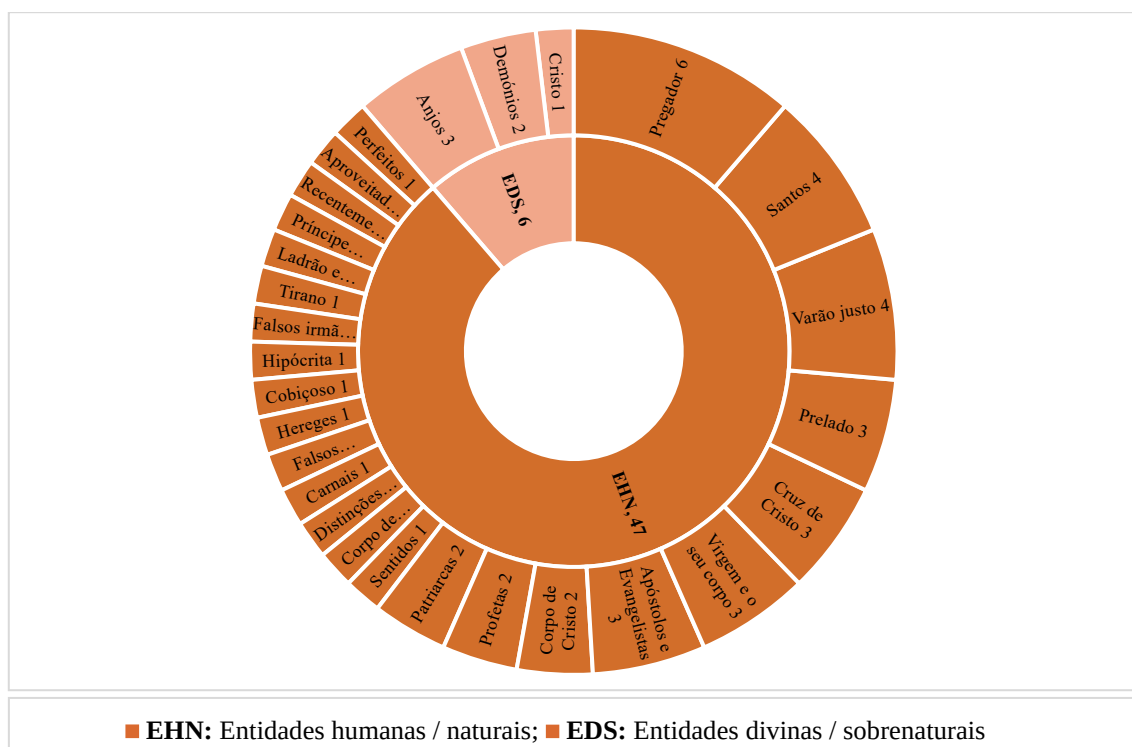


GRÁFICO 14: OPERAÇÕES MILITARES ALEGÓRICAS – SIGNIFICADOS I [SA e SSP_CUMULATIVO EM VALORES ABSOLUTOS]

Dos elementos enquadráveis nas várias categorias, assumiram especial preponderância os Pregadores¹¹²¹, o Varão justo¹¹²² e os Santos¹¹²³, seguidos pelos Apóstolos e Evangelistas¹¹²⁴, pela Virgem e o seu Corpo¹¹²⁵ e pela Cruz de Cristo¹¹²⁶, bem como pelos Patriarcas¹¹²⁷, os Profetas¹¹²⁸, o Bom prelado e Pastor da Igreja e o seu

¹¹²¹ Ibid, 029, 042.

¹¹²² Ibid, 029, 084.

¹¹²³ Ibid, 005, 029, 090.

¹¹²⁴ Ibid, 029.

¹¹²⁵ Ibid, 030, 084.

¹¹²⁶ Ibid, 029, 040.

¹¹²⁷ Ibid, 029.

¹¹²⁸ Ibid.

Corpo¹¹²⁹ e o Corpo de Cristo¹¹³⁰, e, finalmente, pelos Perfeitos¹¹³¹, os Aproveitados¹¹³², os Recentemente convertidos¹¹³³, o Príncipe católico¹¹³⁴, o Ladrão e Salteador¹¹³⁵, o Prelado mercenário¹¹³⁶, o Tirano¹¹³⁷, os Falsos irmãos¹¹³⁸, o Hipócrita¹¹³⁹, o Cobiçoso¹¹⁴⁰, os Hereges¹¹⁴¹, os Falsos cristãos¹¹⁴², os Carnais¹¹⁴³, as Várias distinções de irmãos¹¹⁴⁴, o Corpo e os seus Sentidos¹¹⁴⁵. Menos representados por tais elementos bélicos foram, desta feita, as forças cósmicas, a saber, os Anjos¹¹⁴⁶, os Demónios¹¹⁴⁷ e Cristo¹¹⁴⁸.

Os meios bélicos significaram também, muitas vezes, certas práticas, atributos e dons virtuosos e viciosos (vid. [gráfico 15](#)).

¹¹²⁹ Ibid, 029, 030.

¹¹³⁰ Ibid, 029.

¹¹³¹ Ibid.

¹¹³² Ibid.

¹¹³³ Ibid.

¹¹³⁴ Ibid.

¹¹³⁵ Ibid.

¹¹³⁶ Ibid.

¹¹³⁷ Ibid.

¹¹³⁸ Ibid.

¹¹³⁹ Ibid.

¹¹⁴⁰ Ibid.

¹¹⁴¹ Ibid, 092.

¹¹⁴² Ibid, 046.

¹¹⁴³ Ibid.

¹¹⁴⁴ Ibid, 044.

¹¹⁴⁵ Ibid, 074.

¹¹⁴⁶ Ibid, 005, 042, 044.

¹¹⁴⁷ Ibid, 042.

¹¹⁴⁸ Ibid, 029.

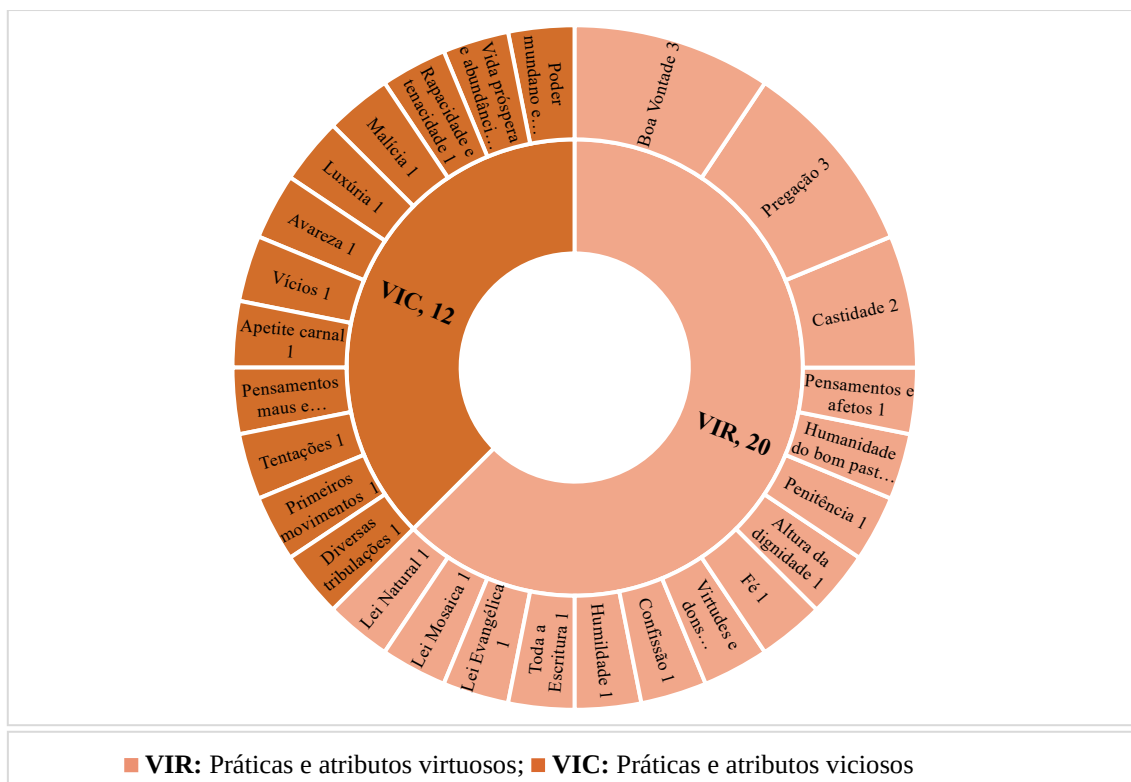


GRÁFICO 15: OPERAÇÕES MILITARES ALEGÓRICAS – SIGNIFICADOS II [SA E SSP_CUMULATIVO EM VALORES ABSOLUTOS]

No primeiro grupo, mais expressivo, figuram a Pregação¹¹⁴⁹ e a Boa vontade¹¹⁵⁰, a Castidade¹¹⁵¹, e ainda as Leis Natural¹¹⁵², Mosaica¹¹⁵³ e Evangélicas¹¹⁵⁴, toda a Sagrada Escritura¹¹⁵⁵, a Humildade¹¹⁵⁶, a Confissão¹¹⁵⁷, as Virtudes e Dons espirituais¹¹⁵⁸, a Fé¹¹⁵⁹, a Altura da dignidade¹¹⁶⁰, a Penitência¹¹⁶¹, a Humanidade do bom pastor de Cristo¹¹⁶² e os Pensamentos e Afetos¹¹⁶³; e no segundo, o Poder mundano e o Fausto secular¹¹⁶⁴, a Vida próspera e a Abundância de riquezas¹¹⁶⁵, a Rapacidade e a Tenacidade¹¹⁶⁶, a

¹¹⁴⁹ Ibid, 090.

¹¹⁵⁰ Ibid, 029.

¹¹⁵¹ Ibid.

¹¹⁵² Ibid, 074.

¹¹⁵³ Ibid.

¹¹⁵⁴ Ibid.

¹¹⁵⁵ Ibid.

¹¹⁵⁶ Ibid, 058.

¹¹⁵⁷ Ibid, 090.

¹¹⁵⁸ Ibid, 005.

¹¹⁵⁹ Ibid, 030.

¹¹⁶⁰ Ibid, 088.

¹¹⁶¹ Ibid, 084.

¹¹⁶² Ibid, 029.

¹¹⁶³ Ibid, 042.

¹¹⁶⁴ Ibid, 029.

¹¹⁶⁵ Ibid.

¹¹⁶⁶ Ibid.

Malícia¹¹⁶⁷, a Luxúria¹¹⁶⁸, a Avareza¹¹⁶⁹, os Vícios¹¹⁷⁰, o Appetite carnal¹¹⁷¹, os Pensamentos maus e Deleites carnis¹¹⁷², as Tentações¹¹⁷³, os Primeiros movimentos¹¹⁷⁴ e as Diversas tribulações¹¹⁷⁵.

Ocupando, por sua vez, a terceira posição como os elementos mais figurados pelos meios alegóricos, há a aduzir certos *loci* interiores e de espiritualidade (vid. [gráfico 16](#)). Foi o caso da Alma fiel ou do fiel¹¹⁷⁶, dos Pensamentos¹¹⁷⁷, dos Conventos e Congregações religiosos¹¹⁷⁸ e ainda da Igreja¹¹⁷⁹.

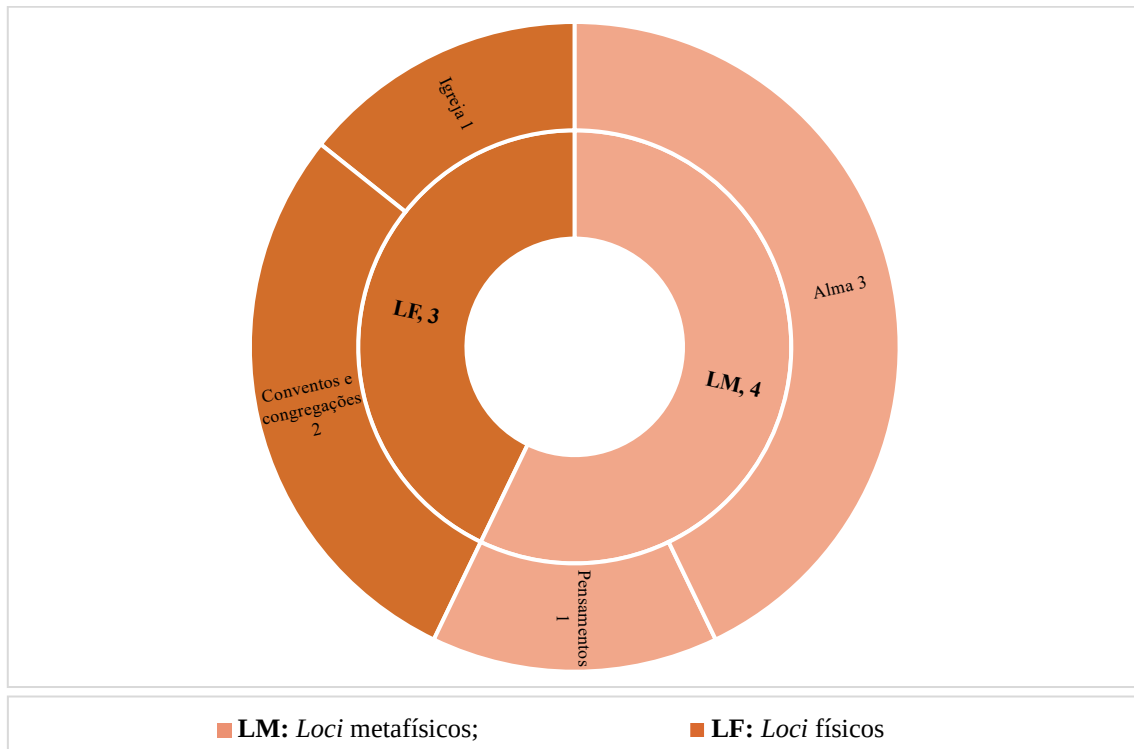


GRÁFICO 16: OPERAÇÕES MILITARES ALEGÓRICAS – SIGNIFICADOS III [SA E SSP_CUMULATIVO EM VALORES ABSOLUTOS]

Particularizando agora a análise, centrando-a nos significados mais associados aos meios metafóricos em cada sermonário, constata-se, em concordância com o que se ressalta da sua análise conjunta, que os mais significados por estes elementos foram, em

¹¹⁶⁷ Ibid, 074.

¹¹⁶⁸ Ibid.

¹¹⁶⁹ Ibid.

¹¹⁷⁰ Ibid, 042.

¹¹⁷¹ Ibid.

¹¹⁷² Ibid, 046.

¹¹⁷³ Ibid.

¹¹⁷⁴ Ibid, 092.

¹¹⁷⁵ Ibid.

¹¹⁷⁶ Ibid, 005, 030.

¹¹⁷⁷ Ibid, 026.

¹¹⁷⁸ Ibid, 005.

¹¹⁷⁹ Ibid, 030.

ambos os seres terrenos e celestes (com os primeiros a superiorizarem-se aos segundos nos *Sermones* antonianos e o inverso a verificar-se na *Summa* pelagiana), seguidos pelas ações morais e imorais (tendo as primeiras assumido especial preponderância tanto nas prédicas do menorita como nos panegíricos do dominicano) e, por fim, pelas espacialidades físicas e metafísicas (assumindo-se estas exclusivas para o Santo e aquelas mais expressivas no caso do conimbricense). A concluir, atente-se nos significados transversalmente associados aos meios numa e noutra obras, circunstância que se aplica ao Justo, ao Corpo, à Cruz, aos Pregadores e à Alma fiel.

(4) Arenas de Combate Interior

Ao lado dos combatentes, dos equipamentos e dos meios de combate, a compor as *picturae bellorum* presentes nos sermonários em análise, é ainda possível discernir um conjunto menos expressivo de SIGNIFICANTES, que apresentam como denominador comum a identificação com algumas geografias de combate bíblicas, ligadas a centros que desempenham uma função análoga no combate espiritual, assemelhando-se a verdadeiras Arenas de Combate Interior (vid. [gráfico 17](#)).

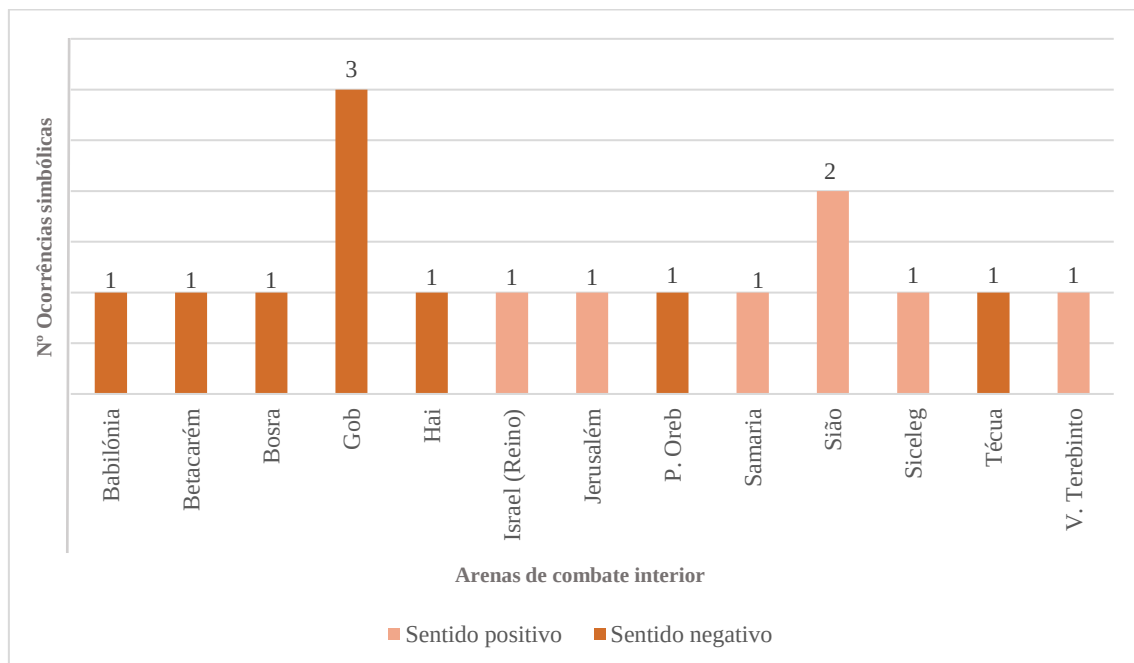


GRÁFICO 17: ARENAS DE COMBATE INTERIOR – SIGNIFICANTES [SA E SSP_CUMULATIVO EM VALORES ABSOLUTOS]

A análise dos símbolos e signos integrantes desta categoria permite aferir conotações simbólicas cujos sentidos vão do positivo ao negativo, variando em função do significado etimológico das localizações, da visão bíblica prevalecente sobre os próprios

povos e dos desfechos dos conflitos de que são palco. Algo já refletido, aliás, nas leituras dos instrumentos de auxílio à interpretação escriturística usados pelos dois pregadores portugueses na composição dos seus sermões. No que respeita aos cenários de guerra, em particular, a maior concentração de leituras alegóricas identificadas recai sobre Gob (“Gob”), a antiga cidade filisteia que foi palco de várias batalhas opondo o povo de Deus aos seus principais inimigos, os Filisteus¹¹⁸⁰, por isso representativa do Mundo onde Cristo derrotou o Diabo, da Carne onde o penitente se bate contra os cinco sentidos e ainda das Chagas do Filho de Deus de onde emanou a redenção da Humanidade¹¹⁸¹. Segue-se-lhe, dos cenários de combate investidos de maior carga simbólica, Sião (“Sion”), a mais oriental das duas colinas da antiga Jerusalém, onde se elevava a cidade forte dos Jebuseus conquistada por David e tornada a capital do seu reino, onde foi erigido por Salomão o templo destinado a albergar a Arca da Aliança¹¹⁸². Daí decorre, presumivelmente, a sua associação à Santa Igreja, guarnecida por Cristo e fora da qual não há salvação assim como ao Entendimento, ao qual deve alcançar o fiel para se penitenciar¹¹⁸³.

No que concerne aos cenários de combate bíblicos merecedores de leitura alegórica, caem na categoria das geografias negativamente conotadas: Babilónia (“Babylonem”), que delimitava o poderoso império, com capital em Babel, cujo domínio sobre grande parte do antigo Oriente ditou o célebre “exílio babilónico”¹¹⁸⁴, sendo tomado, nesse pressuposto, como sinónimo da Alma do pecador, contra a qual Deus emprega a vassoura da destruição para dela varrer os pecados¹¹⁸⁵; Betacarém (“Bethacarem”), cidade denominada “casa estéril”, onde foi edificado um farol que serviria para alertar contra os ataques dos inimigos de Israel¹¹⁸⁶, simbolizando, de acordo com a sua denominação, o Lar dos desumanos e isentos de boas obras¹¹⁸⁷; Bosra (“Bosra”), chamada a “fortificada”, cidade pertencente ao reino Nabateu, mais tarde instituída como metrópole da província romana da Arábia sob o nome de Nova Trajana Bosra¹¹⁸⁸, equiparada à Congregação desavinda e dissoluta dos claustrais¹¹⁸⁹; Hai (“Hai”),

¹¹⁸⁰ Losch, *Todos os Personagens da Bíblia*, 64; Leland Ryken, James C. Wilhoit, Tremper Longman III (eds.), “City,” in *Dictionary of Biblical Imagery*, 548.

¹¹⁸¹ Vid. *Tabulae*, tabela D, 050.

¹¹⁸² Losch, *Todos os Personagens da Bíblia*, 140; Ryken, Wilhoit, Longman III (eds.), “City,” 549.

¹¹⁸³ Vid. *Tabulae*, tabela D, 080.

¹¹⁸⁴ Losch, *Todos os Personagens da Bíblia*, 24; Ryken, Wilhoit, Longman III (eds.), “City,” 548.

¹¹⁸⁵ Vid. *Tabulae*, tabela D, 016.

¹¹⁸⁶ Losch, *Todos os Personagens da Bíblia*, 30; Ryken, Wilhoit, Longman III (eds.), “City,” 550.

¹¹⁸⁷ Vid. *Tabulae*, tabela D, 020.

¹¹⁸⁸ Losch, *Todos os Personagens da Bíblia*, 32; Ryken, Wilhoit, Longman III (eds.), “City,” 550.

¹¹⁸⁹ Vid. *Tabulae*, tabela D, 021.

antiga cidade cananea capturada e destruída pelos hebreus sob o comando de Josué, que contra ela teria elevado o seu escudo¹¹⁹⁰, representando Abundância de bens temporais, tomada para ser distribuída aos pobres e incendiada quando considerada pó e cinza, contra a qual o religioso deve erguer a Fé acompanhada de obras¹¹⁹¹; o Penhasco de Oreb (“*Petra Oreb*”), local bíblico que tomou o nome do príncipe medianita aí decapitado pelos efraimitas às ordens de Gedeão¹¹⁹², sinónimo da Dor e do Desprezo da carne, lugar onde o penitente derrota o Diabo¹¹⁹³; e Tércua (“*Thecua*”), cidade cujo nome significa a “trombeta”, situada a sul de Jerusalém, na fronteira do deserto da Judeia¹¹⁹⁴, que figura os hipócritas, no seio dos quais os pregadores devem fazer soar a trombeta da pregação¹¹⁹⁵.

Já nos antípodas desta escala valorativa há a destacar, com sentido positivo: Israel (“*Israel*”); a sua antiga capital, Samaria (“*Samaria*”); e a cidade judaica de Siceleg (“*Siceleg*”) – todas simbolizando a Alma: ora a Alma libertada por Deus dos demónios¹¹⁹⁶, ora a Alma assolada pela carência de bens temporais aquando do seu cerco pelo Diabo¹¹⁹⁷, ora ainda a Alma tomada pelos Espíritos malignos e por estes incendiada com o fogo da iniquidade¹¹⁹⁸. Quanto ao Vale de Terebinto (“*Valle Terebinthi*”), também chamado Vale do Carvalho ou de Elá, que na narrativa bíblica se notabilizou sobretudo por ter sido cenário do enfrentamento entre David e Golias¹¹⁹⁹, é um local representativo, não da Alma, mas da Humildade da cruz, para onde os verdadeiros pregadores dirigem o Exército do espírito e da pregação, por forma a aí combaterem os demónios¹²⁰⁰.

Do anterior, resulta, em geral, que as espacialidades de combate se encontram polarizadas, sobretudo, num eixo negativo (vid. [gráfico 18](#)). A explicação para tal radica no maior quantitativo de ligações simbólicas a espacialidades de conflito associadas aos inimigos do povo de Deus, induzindo à sua associação a valores menos positivos.

¹¹⁹⁰ Losch, *Todos os Personagens da Bíblia*, 65; Ryken, Wilhoit, Longman III (eds.), “City,” 551.

¹¹⁹¹ Vid. *Tabulae*, tabela D, 073.

¹¹⁹² Losch, *Todos os Personagens da Bíblia*, 72; Ryken, Wilhoit, Longman III (eds.), “City,” 550.

¹¹⁹³ Vid. *Tabulae*, tabela D, 073.

¹¹⁹⁴ Losch, *Todos os Personagens da Bíblia*, 148; Ryken, Wilhoit, Longman III (eds.), “City,” 548.

¹¹⁹⁵ Vid. *Tabulae*, tabela D, 085.

¹¹⁹⁶ Ibid, 060.

¹¹⁹⁷ Ibid, 075.

¹¹⁹⁸ Ibid, 081.

¹¹⁹⁹ Losch, *Todos os Personagens da Bíblia*, 148, 153; Leland Ryken, James C. Wilhoit, Tremper Longman III (eds.), “Valley,” in *Dictionary of Biblical Imagery*, 3054.

¹²⁰⁰ Vid. *Tabulae*, tabela D, 091.

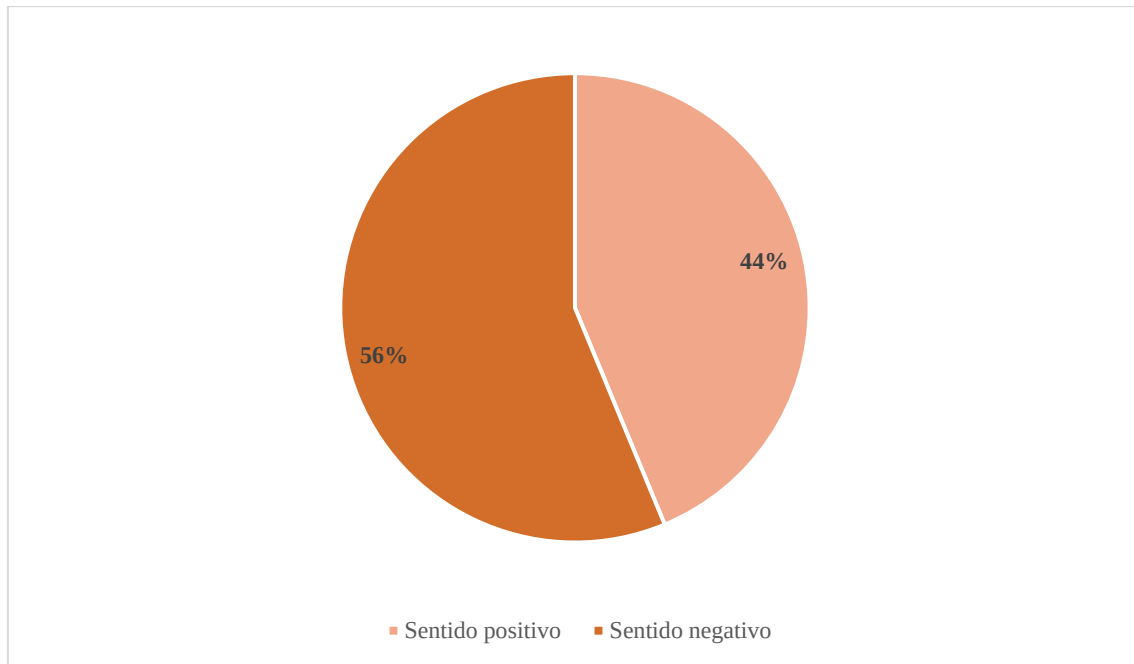


GRÁFICO 18: ARENAS DE COMBATE INTERIOR – SENTIDO [SA E SSP_CUMULATIVO EM VALORES ABSOLUTOS]

Mais curiosa é a concentração de todas as ocorrências simbólicas afetas a geografias de combate na obra de Santo António. Ao contrário, não são identificáveis na obra pelagiana quaisquer leituras simbólicas de espaços de conflito espiritual. Algo que sinaliza a já referida menor propensão global do dominicano para o exercício exegético na sua parenética, privilegiando as interpretações literais da *Bíblia*.

Tudo somado, a preponderância de SIGNIFICADOS classificáveis como *loci* remete para o entendimento, por parte do menorita, destas geografias de combate bíblicas como palcos naturais para os certames espirituais (vid. [gráfico 19](#)).

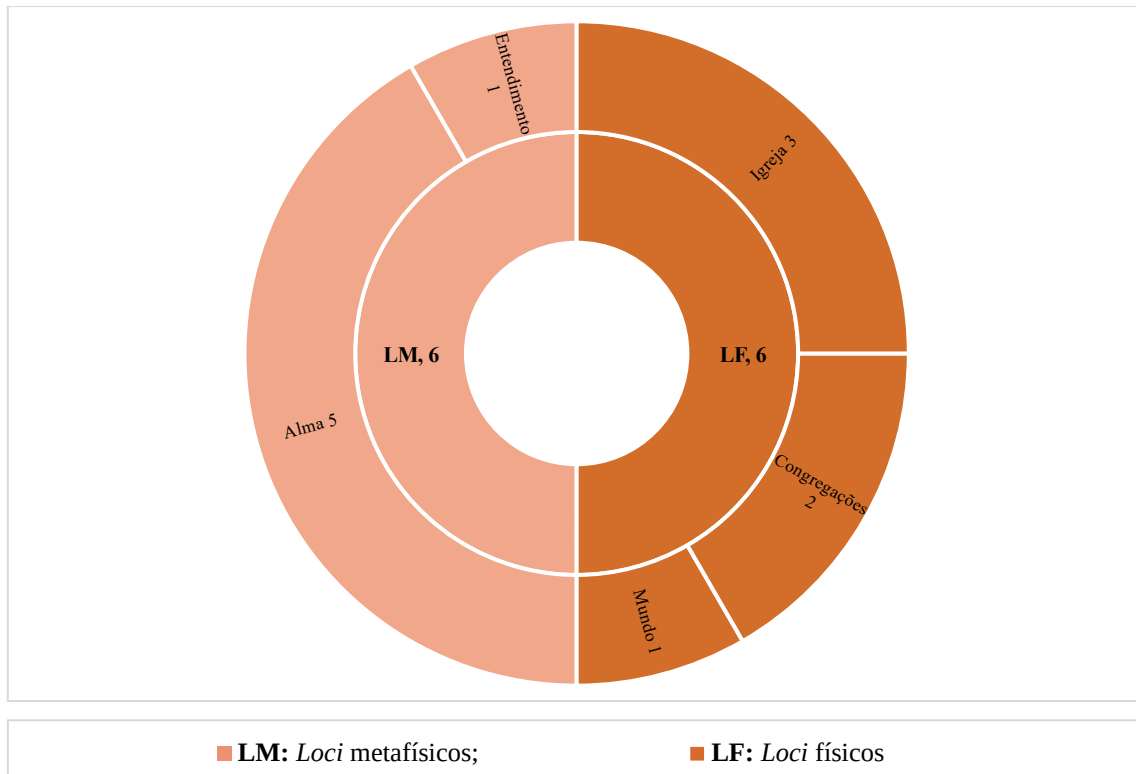


GRÁFICO 19: ARENAS DE COMBATE INTERIOR – SIGNIFICADOS I [SA E SSP_CUMULATIVO EM VALORES ABSOLUTOS]

Aqui, o protagonismo cabe, sem surpresa, ao que era considerado na Idade Média como o *locus* da interioridade, por excelência¹²⁰¹ – a Alma¹²⁰² –, seguida por *loci* de espiritualidade, como a Igreja¹²⁰³ e as Congregações religiosas¹²⁰⁴, e ainda pelo Entendimento¹²⁰⁵ e pelo Mundo¹²⁰⁶.

Menos simbolicamente equiparadas a cenários bélicos foram, compreensivelmente, as entidades humanas e divinas (vid. [gráfico 20](#)).

¹²⁰¹ Jacques Le Goff e Nicholas Truong, *Uma história do corpo na Idade Média*, trad. Marcos Flamínio Peres (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006), 36.

¹²⁰² Vid. *Tabulae*, tabela D, 016, 060, 075, 081.

¹²⁰³ Ibid, 060, 075, 080.

¹²⁰⁴ Ibid, 021.

¹²⁰⁵ Ibid, 080.

¹²⁰⁶ Ibid, 050.

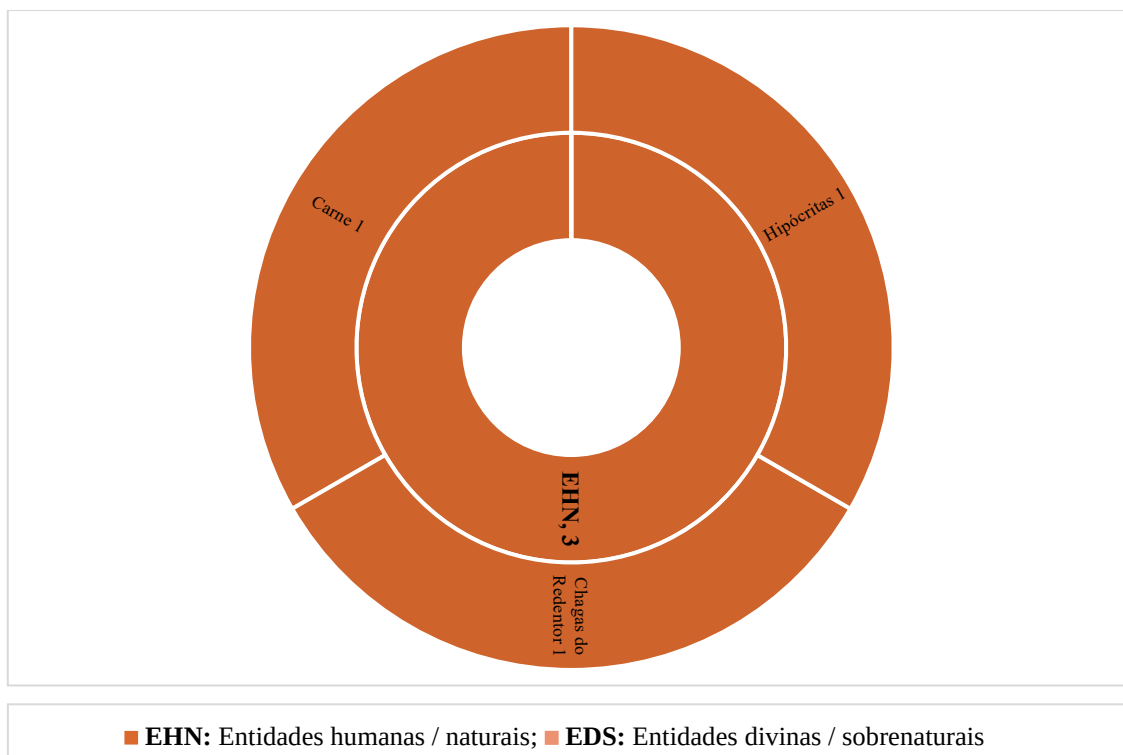


GRÁFICO 20: ARENAS DE COMBATE INTERIOR – SIGNIFICADOS II [SA E SSP_CUMULATIVO EM VALORES ABSOLUTOS]

Neste particular, associadas às geografias de combate, identificaram-se somente entidades naturais, designadamente a Carne¹²⁰⁷, as Chagas do Redentor¹²⁰⁸ e os Hipócritas¹²⁰⁹.

Por fim, também simbolizados como espaços bélicos em apenas três ocasiões, identificaram-se certas virtudes e vícios: a Humildade¹²¹⁰, a Dor e o Desprezo¹²¹¹ e a Abundância de bens temporais¹²¹² (vid. [gráfico 21](#)).

¹²⁰⁷ Ibid.

¹²⁰⁸ Ibid.

¹²⁰⁹ Ibid, 085.

¹²¹⁰ Ibid, 091.

¹²¹¹ Ibid, 073.

¹²¹² Ibid, 055.

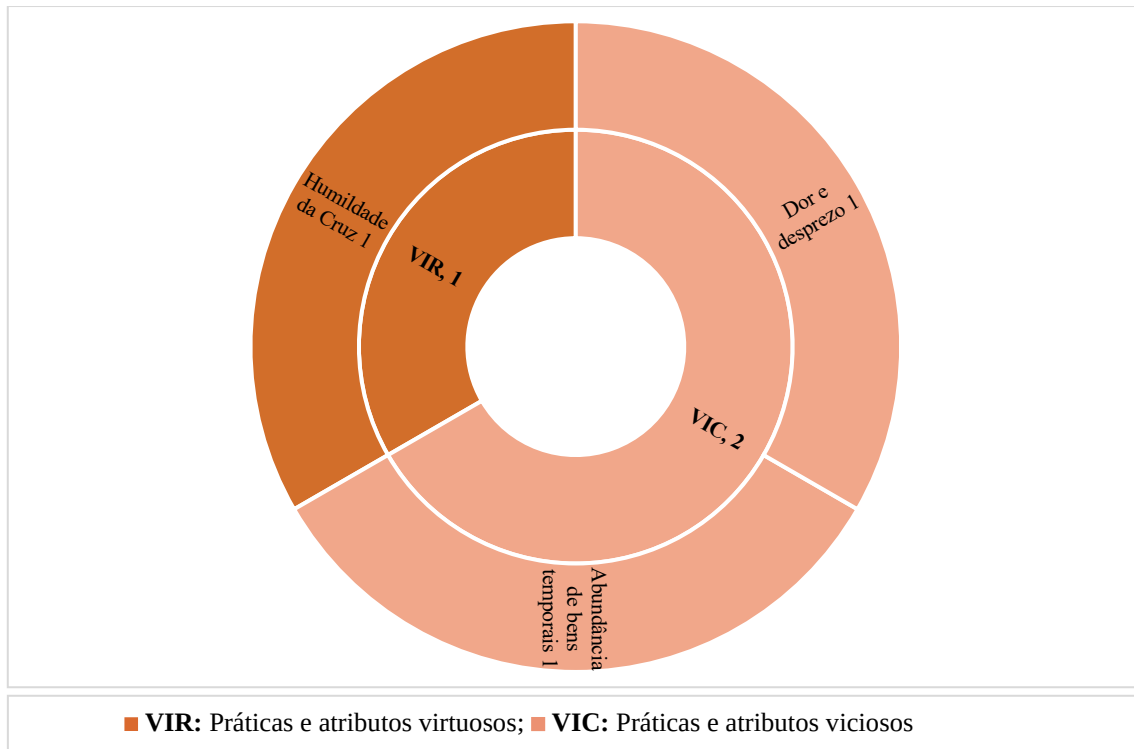


GRÁFICO 21: ARENAS DE COMBATE INTERIOR – SIGNIFICADOS III [SA E SSP_CUMULATIVO EM VALORES ABSOLUTOS]

Decompostas as *Picturae Bellorum* identificadas nos sermonários antoniano e pelagiano e ordenados os seus fragmentos simbólicos em função das quatro categorias acima analisadas – combatentes, equipamentos, operações e arenas de combate espirituais – assiste-se ao perfilar, nítido, de uma composição pictórica geral, concordante com a tradição literária cristã da Psicomaquia, mas simultaneamente atualizada em função do tempo e dos contextos dos autores e das obras. Nela se vislumbra o eterno enfrentamento cósmico entre o Bem e o Mal, protagonizado pelos guerreiros supernos – Deus, Cristo e os Espíritos angelicais – e pelos contingentes malignos – o Diabo, os Demónios e os Espíritos Iníquos – forças opostas e em oposição que, munidas do seu respetivo equipamento – de um lado, a Palavra de Deus e a Pregação, do outro, a Sugestão diabólica –, com ele investem os seres terrenos – os Pregadores, os Justos e os Santos, mas também os Prelados simoníacos e os Hereges – autênticas operações de combate dispostas nas proverbiais arenas de guerra que são a Alma humana e a Igreja. Eis, enfim, a Psicomaquia, já não propriamente à maneira de Prudêncio, mas tal como, transcorridos cerca de seis séculos, a conceberam Santo António de Lisboa e Frei Paio de Coimbra, influenciados por uma tradição pictórica que deixara rasto no plano literário, acompanhando a evolução dos conceitos de *miles* e *militia Christi*, mas igualmente atentos à oportunidade da sua

instrumentalização retórica no plano pastoral, sob a forma de imagens narrativas – florestas de símbolos, ramificando-se em múltiplas direções.

ii) Vozes de Deus

A centralidade acrescida que, a partir do início do século XIII, assumiram as imagens narrativas na composição de sermões – os vetores, por excelência, de comunicação da Igreja na Idade Média¹²¹³ – foi, naturalmente, indissociável das transformações por que passou então a própria prática da pregação. Como se viu, a mais significativa mutação registada no quadro pastoral, na cronologia em questão, passou por uma intensificação da pregação *ad populum*, bem sintomática do empenho que, na esteira da reforma gregoriana e, sobretudo, da quarta sessão do concílio de Latrão, a Igreja pôs na preservação do monopólio da palavra e dos sacramentos, em face do conflito herético e das disputas pelo poder que a opunham ao Império¹²¹⁴. Esse intensificar da pregação popular foi possível somente graças ao significativo patrocínio pontifício conferido às, então recém-surgidas, ordens franciscana e dominicana, que fizeram da missão pastoral junto das camadas populares o seu objetivo primordial, muito valorizando, para o efeito, a formação intelectual dos professores. Daí, a apropriação que, ao longo do século XIII, foram protagonizando franciscanos e dominicanos do magistério da teologia nas grandes universidades europeias, onde as exigências inerentes ao ensino da composição de sermões temáticos (estruturalmente mais complexos do que as homilias patrísticas), ainda na centúria anterior, impulsionara o surgimento e proliferação das *Artes Prædicandi* (ou *Artes Concionandi*)¹²¹⁵.

Refletindo as crescentes preocupações nutridas pelos eclesiásticos quanto à capacidade persuasiva da sermonística, que se pretendia, mais do que nunca, apelativa à sensibilidade dos seus destinatários, segundo os princípios do *docere et emovere* (ensinar e comover) herdados pelos autores cristãos das regras da retórica antiga, nas quais se reconhecia já às emoções (*affectus* ou *passiones*) o papel de auxiliares essenciais da arte de convencer¹²¹⁶, tais manuais didáticos categorizavam os públicos das homilias mediante

¹²¹³ Menache, *The Vox Dei*, 23; Sophia Menache e Jeannine Horowitz, “Rhetoric and Its Practice in Medieval Sermons,” *Historical Reflections / Réflexions Historiques* 22, no. 2 (1996): 321–350.

¹²¹⁴ Lia Ross, “Communication in the Middle Ages,” in *Handbook of Medieval Culture*, 203–231.

¹²¹⁵ Ibid.

¹²¹⁶ Damien Boquet, “Les passions du salut dans l’Occident médiéval,” in *Histoire des émotions*, ed. Georges Vigarello, vol. 1, *De l’Antiquité aux Lumières* (Paris: Éditions du Seuil, 2016), 217; Stephen Cummins e Max Stille, “Religious Emotions and Emotions in Religion: The Case of Sermons,” *Journal of Religious History* 45 (2021): 8–22.

critérios variáveis¹²¹⁷. O cisterciense Alano de Lille, por exemplo, propôs, na sua célebre *Summa de arte prædicatoria*, sermões-modelo tematicamente adaptados à edificação de fiéis de vários perfis: obstinados, luxuriosos, pobres, ricos, soldados, oradores, doutores, prelados, príncipes, enclausurados, casados e viúvos¹²¹⁸.

Pelo século XIII, essa literatura didática insistia nas valências retóricas de diferentes modalidades discursivas, em função da natureza das audiências às quais se destinavam as suas prédicas – o estilo expositivo formal, retórico e adornado (também chamado *Sermo Eruditus*) usado na pregação aos clérigos¹²¹⁹, diferenciava-se de um outro, mais coloquial, direto e acessível (conhecido como *Sermo Humilis*)¹²²⁰, reservado à pastoral de audiências menos esclarecidas, como eram, por norma, as laicas, cuja expressão no início designava precisamente aqueles que não sabiam ler, por oposição ao termo “*clericus*”, frequentemente sinónimo de letrado¹²²¹. Embora o recurso a *Picturae* se preconizasse nos dois estilos discursivos – pelas próprias vantagens mnemónicas que a sua inserção nas arengas proporcionava aos pregadores, cada vez mais investidos na récita de cor, ao invés da simples leitura¹²²² – as imagens tendiam assim a assumir uma natureza mais concreta e menos rebuscada no *Sermo Humilis* do que no *Sermo Eruditus*, onde, pelo contrário, o seu cariz mais abstrato e intrincado se justificava desde logo pela natureza mais complexa e abstrata das noções mais convenientes aos clérigos¹²²³.

A ampliação do efeito produzido pelas imagens narrativas sobre os públicos dos sermões encontrava-se, entretanto, quase sempre, assegurada pela exposição destes últimos a imagens materiais inspiradas nesses temas; menos na forma de iluminuras, que ilustravam os próprios manuscritos em que as prédicas se conservavam e circulavam por escrito; sobretudo na iconografia de retábulos, esculturas, vitrais e frescos, presentes na maior parte das Igrejas e praças das grandes urbes europeias, integrando os cenários, por excelência, da performance do pregador – ato por intermédio do qual entregava os sermões às respetivas audiências, a elas adaptando o idioma e o estilo da sua pregação,

¹²¹⁷ Ross, “Communication in the,” 225.

¹²¹⁸ Alano de Lille, *The Art of Preaching*, introd. e trad. Gillian Rosemaru Evans (Kalamazoo: Cistercian Publications, 1981), 70–1. Cf. Ross, “Communication in the,” 225.

¹²¹⁹ Ross, “Communication in the,” 225–6.

¹²²⁰ Ibid. E. Auerbach, *Literatursprache und Publikum in der lateinischen Spätantike und im Mittelalter* (Berna: Francke Verlag, 1958), 25–53; R. MacMullen, “A Note on *Sermo Humilis*,” *The Journal of Theological Studies* (1966): 108–12; Sophie Lunn-Rockliffe, “*Sermo Humilis*,” in *The Oxford Dictionary of Late Antiquity*, ed. Oliver Nicholson, vol. 2 (Oxford: Oxford University Press, 2018), 1362.

¹²²¹ Joaquim Veríssimo Serrão, *História das Universidades* (Porto: Lello & Irmão, Editores, 1983), 12; Norte, “Letrados e cultura,” 44.

¹²²² Beaulieu, “Usages et mésusages,” 371.

¹²²³ Ross, “Communication in the,” 230.

por forma a maximizar a sua eficácia, de acordo com os preceitos das *Artes Prædicandi*. Uma técnica que esteve na origem, por um lado, do crescente protagonismo da pregação aos leigos em língua vernácula, que se fazia, por norma, acompanhar da clarificação de termos, eventos e personalidades, bem conhecidos da elite que dominava o latim, mas obscuros, ou mesmo incógnitos, para o grosso da população¹²²⁴; e, por outro lado, de uma crescente abertura ao gesto, no âmbito da edificação dos fiéis, que, não obstante as suas vantagens junto dos públicos laicos, aos quais facilitavam a visualização de certas ideias, esteve longe de ser imediata. As primeiras *Artes Prædicandi*, nomeadamente a de Alano de Lille, espelhavam bem as reservas sustidas pelos autores quanto a uma pregação “mímica e teatral” (“*theatralis et mimica*”), que desvirtuasse a mensagem ou dela distraísse pelo excesso de emoção suscitada¹²²⁵. Tais reservas foram tributárias de um entendimento da gesticulação que via nos movimentos exagerados e frenéticos reflexo de malignidade, possessão, pecado e, por conseguinte, de desordem interna da alma¹²²⁶, inculcado pelo triunfo da conceção dual da pessoa humana, que a partir do século XII se verificou no Ocidente cristão¹²²⁷. Preconceitos que foram, contudo, sendo superados a partir da centúria seguinte, em parte, graças ao advento das ordens mendicantes, cuja pregação sintetizou eficazmente a tradição retórica antiga e a tradição jogralesca, baseada na mímica e no gesto exagerado¹²²⁸. Esta última, particularmente vincada entre os franciscanos, que procuraram conscientemente encarnar o modelo do «jogral de Cristo», cultivando abundantemente a arte do gesto significativa¹²²⁹. Assim o ilustra, com grande propriedade, o dramático estilo de pregação de São Francisco, descrito em pormenor em

¹²²⁴ Menache e Horowitz, “Rhetoric and its,” 328.

¹²²⁵ Paul Zumthor, *A letra e a voz. A “literatura” medieval*, trad. Amálio Pinheiro e Jerusa de Carvalho Pires (São Paulo: Companhia das Letras, 1993), 150. Cf. Beatriz A. Caldeira, “Paul Zumthor: Entre a História e a Literatura: Um estudo crítico da obra *A letra e a voz. A “literatura” medieval*,” *Revista de História das Ideias* 42 (2024): 255–76.

¹²²⁶ Aires A. Nascimento, “Gesto Litúrgico,” in *O Corpo e o Gesto na Civilização Medieval*, eds. Ana Isabel Buescu, João Silva de Sousa e Maria Adelaide Miranda (Lisboa: Edições Colibri-Núcleo Científico de Estudos Medievais / IEM, 2006), 111–3; Chiara Frugoni, *Le Moyen Âge par ses images* (Paris: Les Belles Lettres, 2015), 87–8; Cornelius O’Boyle, “Gesturing in the Early Universities,” *Dynamis* 20 (2000): 249–81; Jacques Le Goff, *O maravilhoso e o quotidiano no Ocidente Medieval*, trad. António José Pinto Ribeiro (Lisboa: Edições 70, 1924), 53–67; *O imaginário medieval*, 149–55; Jean-Claude Schmitt, *La raison des gestes dans l’Occident Médiéval* (Paris: Éditions Gallimard, 1990), 278–84; “The rationale of gestures in the West: third to thirteenth centuries,” in *A Cultural History of Gesture. From Antiquity to the Present Day*, eds. Jan N. Bremmer e Herman Roodenburg (Cambridge: Polity Press, 1991), 59–70; “Introdução,” in *O Corpo e o Gesto*, 17–36; José Mattoso, “O corpo, a saúde e a doença,” in *História da Vida Privada*, 358–62.

¹²²⁷ Jérôme Baschet, *Corps et âmes. Une histoire de la personne au Moyen Âge* (Paris: Éditions Flammarion, 2016), 21–60; Barbara Pekar, “Discussion of Medieval Dialogue between the Soul and the Body and Question of Dualism,” *Arts & Humanitas* 9, no. 2 (2015): 172–99.

¹²²⁸ Schmitt, *La raison des gestes*, 281.

¹²²⁹ *Ibid.*

certos episódios das suas *vitae*¹²³⁰ e emulado em passos emblemáticos das hagiografias e iconografias antonianas¹²³¹. Tanto o *Poverello* como o menorita português se notabilizaram pela sua capacidade de inflamar as audiências, surgindo como exemplos pioneiros de uma prática de pregação pedagógica sistematicamente orientada para proporcionar ao auditório uma experiência de tipo sensorial, interpoladora e animadora dos sentidos.

Tal como o apelo a imagens materiais pelos pregadores durante a performance dos sermões – apanágio de um estilo de pregação “mímico e teatral” – esteve longe de gerar consenso em todos os círculos da Igreja, o mesmo aconteceu com a inserção de imagens alegóricas na sua tessitura textual. À utilidade didática que reconheciam muitos autores ao uso de imagens evocativas, opunham-se as objeções dos que viam nelas uma forma de entretenimento que desviava os fiéis do principal fundamento da fé – o conteúdo da *Bíblia*. Foi esta a posição assumida pelo franciscano Géraud du Pescher, que não poupou críticas na sua *Ars faciendi sermones* (finais do século XIV) aos pregadores de quem dizia:

(...) perseguindo as suas fantasias, constroem cidades e castelos, com torres e janelas e outras coisas imaginadas, e armam cavaleiros com escudo, capacete, lança, espada e armadura. Moralizam essas imagens em si mesmas e não provam nada das *Escrituras*, recorrem a comparações com a sua realidade, como se as *Escrituras* precisassem de ser reforçadas pelas comparações humanas. Tais pregadores, menosprezam as *Escrituras* e confundem a teologia¹²³².
(...)

¹²³⁰ Na mais antiga hagiografia consagrada ao *Poverello*, a *Vita Prima sancti Francisci* de Tomás de Celano – um dos putativos autores da *Vita prima* antoniana – relata-se como, durante um sermão por si entregue no convento das clarissas de São Damião, em Assis, com o objetivo de ilustrar simbolicamente o significado da penitência, São Francisco teria traçado no solo um círculo de cinzas e permanecido em silêncio no seu interior, instantes antes de entoar com devoção o hino *Miserere*. Um outro episódio narrado na mesma *vita*, dá conta de como na sua cidade natal teria pregado nú com uma corda ao pescoço, em sinal de arrependimento pelo pedaço de frango que comera durante a convalescença. Já na *Vita Secunda S. Francisci*, consta que durante um sermão aos menoritas sobre a importância da humildade, tendo acabado de orar, ordenou que lhe trouxessem cinzas, vertendo-as depois ao seu redor e sobre a cabeça. Cf. Anna V. Toporova, “Gesture in Medieval Western European Sermons,” *RSUH / RGGU Bulletin* 3 (1019): 10–20.

¹²³¹ Indissociáveis da conceção franciscana de comunhão entre a universalidade das criações de Deus, cristalizada no *Cântico das Criaturas* (*Laudes Creaturarum*) de São Francisco, o episódio relatado nas *Florinhas de S. Francisco* sobre a sua pregação ao lobo de Gubbio que, segundo a lenda, graças às palavras e ao toque do menorita teria cessado os ataques até então perpetrados contra o pequeno povoado italiano, e ainda o episódio do seu sermão aos pássaros que, de acordo com a mesma hagiografia, após a sua benção se teriam alinhado no céu em forma de cruz, apresentam analogias evidentes com o *Sermão de Santo António aos Peixes*. Trata-se de uma das mais emblemáticas histórias associadas ao menorita português, descrita pela primeira vez na *Legenda Rigaldina*, posteriormente recolhida no *Livro dos Milagres* ou *Florinhas de Santo António de Lisboa*, e de então em diante abundantemente representada, não só na arte e na iconografia associadas ao Santo, mas inclusivamente na vertente literária, onde deu, por exemplo, mote ao famoso sermão lido em 1654, em Terras do Maranhão, no Brasil, pelo padre jesuíta António Vieira. Cf. Roberto Rusconi, “The preacher saint in late medieval Italian art,” in *Preacher, sermon and audience*, 185.

¹²³² K. A. Rivers, *Preaching the Memory of Virtue and Vice. Memory, Images and Preaching in the Late Middle Ages*, (Turnhout, Brepols, 2010), 200; Beaulieu, “Usages et mésusages,” 385.

Noutros casos, mais do que no uso propriamente dito de *Picturae* literárias, era o caráter apócrifo e prosaico dos seus motivos que, aos olhos dos setores mais conservadores da Igreja, as tornava impróprias em peças com objetivos didáticos de instrução moral e doutrinal, como os sermões¹²³³. Porém, as inegáveis vantagens retóricas que subjaziam a certas imagens narrativas enquadráveis neste lote, como as alusivas a duelos, batalhas, cercos e armamento, facilmente compreensíveis, quando não autoexplicativas, tornavam-nas especialmente aliciantes para os pregadores numa sociedade fortemente militarizada, como a medieval, em que a guerra se afigurava como uma realidade omnipresente e invasiva de todos os domínios da vida humana, e a sua extensão primordial – a violência – nunca deixava de desconcertar os que a sofriam ou testemunhavam. Por isso, não deixavam de recorrer a elas na edificação dos fiéis. E assim o fizeram também Santo António e Frei Paio.

A assimilação destas novidades na parenética – recurso alargado ao gesto, maior gosto pelo uso de imagens e flexibilidade da sua utilização estendida ao plano da linguagem e da vida comum – modificou consideravelmente os termos da pregação e da sua entrega às audiências. O resultado foi a multiplicação de *Picturae* presentes nos sermonários do período, para produzir efeitos retóricos. Assim, a identificação de *Picturae* bélicas nos *Sermones* antonianos e na *Summa Sermonum* pelagiana remete, de imediato, para a função retórica assumida nas duas obras e, por conseguinte, para a sua inscrição num processo de comunicação narrativo. Um sistema genericamente passível de reconstituir a partir da reconversão e adaptação do diagrama semiótico básico proposto por Umberto Eco, em 1968, na obra *La struttura assente*, para descodificação de uma mensagem poética (vid. [diagrama 1](#)).

¹²³³ Beaulieu, “Usages et mésusages,” 385–6.

MODELO DE DESCODIFICAÇÃO DE UMA MENSAGEM POÉTICA – DIAGRAMA DE COMUNICAÇÃO

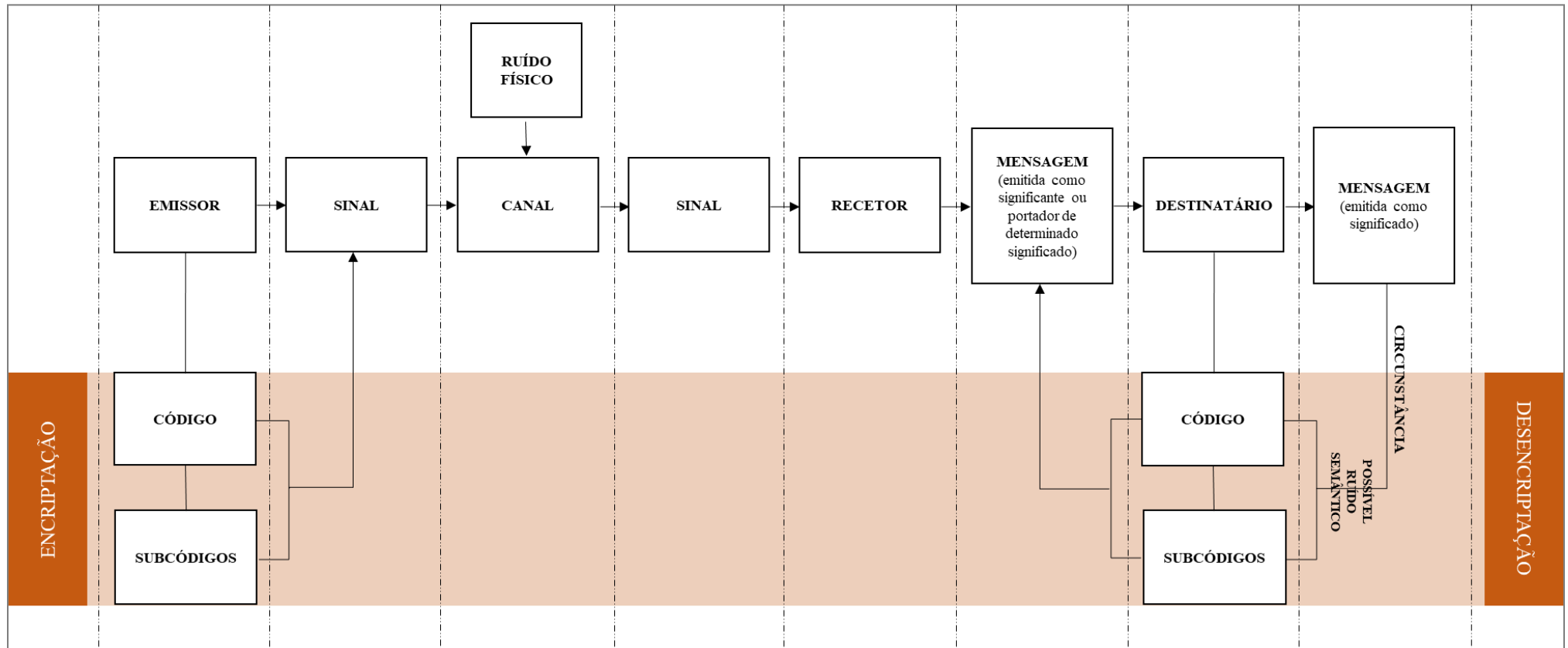


DIAGRAMA 1 - MODELO DE DESCODIFICAÇÃO DE UMA MENSAGEM POÉTICA.

Fonte: Umberto Eco, *La struttura assente. Introduzione alla ricerca semiológica* (Milão, Bompiani, 1968), 58.

Adaptando o modelo de comunicação entre máquinas, proposto na *Teoria Matemática da Comunicação* (1949), de Shannon e Weaver, ao processo comunicativo entre humanos, Eco opera com base na dupla hipótese de que toda a cultura deve ser estudada como um fenómeno de comunicação, ou toda ela é, no seu sentido mais radical, comunicação, e de que todos os aspetos da cultura podem ser concebidos como conteúdos da comunicação ou são, no limite, passíveis de se converterem em unidades de sentido¹²³⁴. O diagrama, sugestivamente intitulado *Modelo do processo de descodificação de uma mensagem poética (ou estética)*, consta de vários elementos, indeligiáveis entre si, mas agrupáveis, para efeitos práticos, em duas categorias: os atores da comunicação, considerando todos os elementos afetos à participação humana na cadeia de comunicação, desde o(s) emissor(es), ao(s) destinatário(s) e respetivos códigos e subcódigos; e os vetores da comunicação, em que cabem os fatores técnicos, nomeadamente o(s) meio(s) e conteúdo(s). As virtudes do modelo para o estudo das valências retóricas da guerra espiritual nos sermonários antoniano e pelagiano são evidentes, atendendo aos próprios pressupostos inerentes ao desenvolvimento do diagrama por Eco, que, a título exemplificativo, o aplicou ao estudo da imagética aquática petrarquiana¹²³⁵.

(1) Emissores: Santo António e Frei Paio

No modelo semiótico de Eco, o EMISSOR (encomendante, autor e transmissor) remete a mensagem ao destinatário como forma significativa, encriptada mediante um sistema de CÓDIGOS e SUBCÓDIGOS de conotação, o mesmo é dizer, de convenções socioculturais que determinam a correspondência entre significante e significado. Na seleção desses códigos e subcódigos, o emissor é duplamente condicionado: por um lado, pelo seu património de saber, a panóplia de conhecimentos de que dispõe; e, por outro lado, pelas circunstâncias que rodeiam a comunicação, isto é, o complexo de condições materiais, económicas e culturais próprias do contexto em que se produz¹²³⁶. Tendo nos seus sermonários encapsulado várias noções na forma de imagens narrativas alusivas à guerra, recorrendo a um aparato retórico formado por códigos linguísticos (nomeadamente o uso do latim vulgar) e subcódigos estético-literários (mais

¹²³⁴ F. Becerra Artieda, “Umberto Eco y el análisis semiótico-estructural de los fenómenos socioculturales,” in *Medios, Masas y audiencias. Lecturas sobre teoría social de la comunicación*, ed. Luis Ricardo Sandoval (Comodoro Rivadavia: EDUPA, 2013), 242.

¹²³⁵ Eco, *La struttura assente*, 100–1.

¹²³⁶ *Ibid*, 246–53.

precisamente, os grandes temas da Psicomaquia), Santo António e Frei Paio configuram-se, evidentemente, como os emissores de um processo de comunicação no qual as imagens militares são os conteúdos (vid. [diagrama 2](#)).

No que se refere ao código, o idioma adotado pelos dois pregadores na composição dos sermonários, transversal, de resto, à totalidade dos sermões compostos, corresponde, do ponto de vista ortográfico, sintático e vocabular, ao latim característico da Idade Média, mais propriamente o da última fase da latinidade, dito vulgar¹²³⁷. Uma forma gramatical que começara a diferenciar-se do latim clássico no início do século VII¹²³⁸. Todavia, a sua linguagem está muito longe de poder classificar-se como rudimentar, em razão da correção e elegância por que prima nas duas obras.

Essas características idiomáticas são, em parte, devedoras dos textos originais, onde se inspiraram e de onde copiaram abundantemente os dois autores, entre outros: a *Vulgata*, os escritos dos Padres da Igreja, os compêndios de teologia e ciências naturais, os dicionários e os florilégios. O idioma surge, entretanto, como complemento do estilo expositivo erudito que transparece da parenética antoniana e pelagiana, onde o recurso irrestrito ao ornato literário concorreu para a complexidade de que tantas vezes se revestiram as imagens narrativas da guerra nos dois sermonários¹²³⁹. Na construção dos sermões, usaram quer o ornato fácil (*ornatus facilis*), obtido pelo emprego da aliteração, do oxímoro, da *gradatio* e da interrogação retórica, que predominaram na obra do menorita¹²⁴⁰, quer o ornato difícil (*ornatus difficilis*), alcançável pela metáfora e pela comparação, quase sempre absorvidas pelos mecanismos próprios do processo exegético em contexto parenético, mas ainda assim bastante expressivas na obra pelagiana¹²⁴¹.

De outro modo, explicar a recuperação dos grandes *topoi* da Psicomaquia pelos dois religiosos – importante elemento do sistema de subcódigos inerente ao processo de comunicação narrativo em questão (vid. [diagrama 2](#)) – impõe, em primeira instância, sondar os seus contactos com o fenómeno da guerra e da violência, que terão experienciado desde cedo nas suas vidas. Uma circunstância para a qual teriam desde logo concorrido os laços de parentesco, que conjeturalmente os ligavam a famílias da

¹²³⁷ Sobre o latim antoniano vide Rema, “Introdução,” 62–3; sobre o latim de Fr. Paio, vide Dias, “A crítica da vida,” 458.

¹²³⁸ Gualtiero Calboli, “Latino volgare e latino classico,” in *Lo spazio letterario*, 11–62; Zink, *Littérature française*, 10–1.

¹²³⁹ Torres, “Marcas retóricas e dialécticas,” 517–9.

¹²⁴⁰ *Ibid.*

¹²⁴¹ Dias, “A crítica da vida,” 458.

nobreza do reino¹²⁴², um grupo heterogéneo pelas suas origens que, não obstante, fundamentava o seu poder sobretudo na função militar¹²⁴³. A tais ligações familiares somar-se-iam os (bem menos dúbios) locais de nascimento e paradeiros no interior do reino durante os primeiros tempos de vida, radicados numa zona de marca – a extensão compreendida entre Lisboa e Coimbra – enredada num clima de violência endémica entre a última década do século XII e meados da centúria seguinte, por conta das hostilidades que opunham a Coroa portuguesa ao Islão¹²⁴⁴. Assim, sem pretender incorrer numa leitura demasiado determinística dos factos, há que equacionar a possibilidade de essa dupla proximidade inicial dos dois pregadores ao fenómeno militar, sugerida pelo que se conhece (ou conjectura) das suas origens familiares e geográficas, ter contribuído para a propensão de buscarem precisamente na guerra, motivos para as suas *Picturae*, ao fazer dela, que fez parte dos ares do tempo, elemento essencial dos seus universos mentais. Esta atmosfera de beligerância acompanharia, de resto, os dois pregadores também em fases mais adiantadas dos seus percursos, materializando-se noutros conflitos que atingiram localizadamente o território português ou o transbordaram, espalhando-se ou restringindo-se a outras geografias percorridas pelos dois religiosos: as perseguições direccionadas contra os cristãos no Magrebe, o conflito opondo a Igreja aos albigenses no sul de França, e as contendas entre guelfos e gibelinos em território transalpino, aos quais se viu irremediavelmente exposto o menorita; e a violenta guerra civil, opondo os partidários de Sancho II aos apoiantes do irmão, em que se viu definitivamente precipitado o reino português, em 1245, com a publicação da bula de deposição e o início do processo que culminaria na destituição do *rex inutilis*, no qual se estima, aliás, que o dominicano interveio ativamente. Tendo essas figurações bélicas partido de dois indivíduos continuamente expostos à guerra e à violência ao longo das suas vidas, que, não obstante, viram estas práticas ser-lhes interditadas pelo próprio *habitus* monástico, é até possível considerá-las psicologicamente como possíveis expressões catárticas, resultantes do redireccionamento de uma violência latente, difícil de exteriorizar de outro modo.

¹²⁴² Sobre a questão das origens sociais de Santo António e Fr. Paio vide supra II 1) C) i) (2) (b) *Primeiros anos*.

¹²⁴³ Génicot, “Nobreza,” 314; Maria Cândida Proença, “Nobreza,” in *Dicionário de História de Portugal*, vol 4 (Lisboa: Círculo de Leitores, 2020), 43.

¹²⁴⁴ A propósito das procedências geográficas dos dois religiosos, vide supra II 1) C) i) (2) (b) *Primeiros anos*. Sobre a premência dos assuntos militares na região da Estremadura entre finais do século XII e meados da centúria seguinte, vide supra II 1) B) 2) *O movimento mendicante*.

Difícilmente justificável apenas pela familiaridade com a guerra física, o apelo exercido pela guerra metafórica junto dos dois pregadores portugueses torna-se, porventura, ainda mais compreensível quando se atende aos trajetos religiosos de Santo António e Frei Paio anteriores aos respetivos ingressos nas ordens franciscana e dominicana, considerando o enorme peso da noção de *militia Christi* no universo monástico dos séculos XI e XII. Um peso nunca verdadeiramente igualado na tradição mendicante, bem patente na recorrência com que, como se viu, se insinuaram os *topoi* da Psicomaquia nas descrições que, dos diversos aspetos da vida monástica, fizeram nos seus escritos muitos dos nomes que então perfilharam esse estilo de vida. Autores de peças que tanto refletiram como contribuíram para influenciar a identidade monástica, e que seriam certamente bem conhecidas por Santo António e por Frei Paio, possivelmente desde um período muito precoce dos seus percursos religiosos, por constarem muitas delas no fundo bibliográfico do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, onde ambos terão ingressado, ou mesmo em polos bibliográficos com os quais não é impossível que os crúzios tenham sustido contactos culturais, como os mosteiros de São Vicente de Lisboa e de Santa Maria de Alcobaça¹²⁴⁵. Integram esse rol bibliográfico obras como a *Vida de Santo Antão*, de Atanásio; a *Vida de São Martinho*, de Sulpício Severo; as *Colações*, de João Cassiano; a *Regra de São Bento*, de Esmaragdo; as *Epístolas*, de Ivo de Chartres; as *Parábolas*, de Galando de Regni; e as *Epístolas*, de São Bernardo¹²⁴⁶. Enfim, todas peças anteriormente referidas a título ilustrativo da centralidade assumida pela noção de guerra espiritual na identidade monástica com presença assinalada nos referidos armários claustrais no século XIII (sendo frequentemente usadas a par da *Bíblia*, na *lectio divina* e para fins contemplativos por parte dos monges¹²⁴⁷), e que devem ter atuado como potenciais formatadores ideológicos da ideia de *militia Christi* em Santo António e Frei Paio. Um entendimento sugerido, de resto, pela recorrência da imagética psicomáquica em descrições dos seus sermonários sobre as várias vertentes da forma de vida mendicante, como a da pregação.

Assim, ao lado das potencialidades retóricas reconhecidas à imagética bélica, a proximidade dos dois autores com a guerra, enquanto *praxis* efetiva e *topos* literário, concorrem, no seu conjunto, para explicar a inclinação dos dois mendicantes em

¹²⁴⁵ Nascimento, “Circulação do livro manuscrito,” 155–9.

¹²⁴⁶ Nascimento e Meirinhos, *Catálogo dos Códices*; Anselmo, “Os códices alcobacenses”.

¹²⁴⁷ José Mattoso, “A leitura e a escrita na cultura monástica medieval,” in *A História Contemplativa* (Lisboa: Temas e Debates, 2020), 161–83.

buscarem nela motivos para os seus sermões, recorrendo a obras nas quais os temas da Psicomaquia assumiam já grande centralidade, coincidentes, em certos casos, com os textos a que teriam tido acesso privilegiado no início dos seus percursos religiosos, mas nem por isso inteiramente adstritos a esse universo (vid. [gráfico 22](#)).

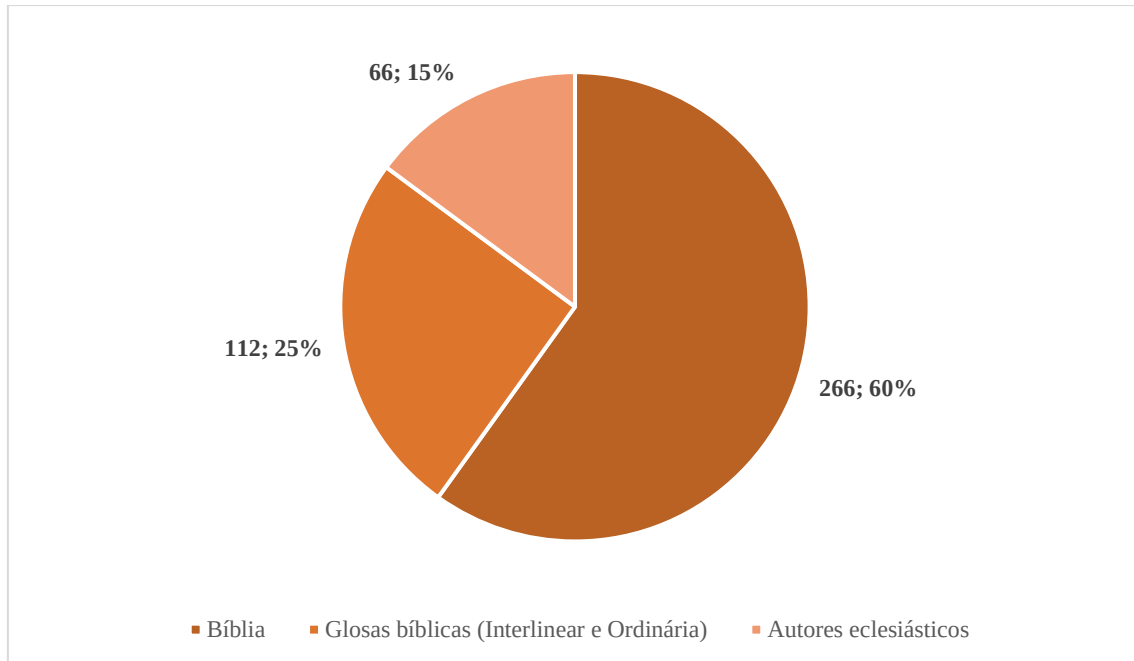


GRÁFICO 22: EMISSORES – FONTES IMAGÉTICAS [SA E SSP_CUMULATIVO EM VALORES ABSOLUTOS]

Hierarquizando as peças mais requisitadas por Santo António e Frei Paio, enquanto fontes imagéticas, em função do número de citações que lhes estão afetas nas *Picturae Bellorum* presentes em cada sermonário, constata-se, previsivelmente, que a *Bíblia* configurou o maior repertório de motivos das imagens militares antonianas e pelagianas, perfazendo, no seu conjunto, bem mais de metade do total de referências (266 ocorrências) (vid. [gráfico 22](#))¹²⁴⁸. A sua distribuição pelos dois testamentos bíblicos, revela-se, entretanto, bastante desigual, com as pertencentes à literatura veterotestamentária¹²⁴⁹ a superiorizarem-se por larga margem às bebidas do Novo

¹²⁴⁸ Vid. *Tabulae*, tabela C, 001a, 002a, 003a, 004abef, 005a, 006ad, 007adgijn, 008acefg, 009a, 010a, 011ad, 012abgij, 013a, 014a, 015a, 016ab, 017abde, 018a, 019a, 020a, 021abce, 022ab, 023a, 024a, 026ab, 028a, 029a, 030a, 031a, 032ac, 033ab, 034acd, 035ab, 036a, 038a, 039ab, 040a, 041a, 042b, 043a, 044a, 045a, 046a, 047adf, 048ad, 049a, 050a, 051a, 052a, 053a, 054ab, 055ab, 056aceim, 057ac, 058a, 059a, 060a, 061a, 062a, 063abfghijkl, 064ab, 065a, 066a, 067ad, 068a, 069a, 070a, 071a, 072a, 073a, 074a, 075adefghi, 076a, 077a, 078a, 079a, 080acdef, 081abc, 082adefghijklmn, 083ac, 084cdefghilm, 085abcdefghi, 087abcd, 088a, 089abcdeghijklm, 090a, 091a, 092abcd, 093a, 094a, 096bc, 098ab, 099abcd, 100ad, 101a, 102abcdgijk, 103abcdeghijklmp, 104acdefghi, 105abcdefgh, 106ab, 107acdefg, 108ade, 109a, 110abcd.

¹²⁴⁹ Ibid, 001a, 002a, 003a, 004abef, 005a, 006ad, 007agijn, 008cefg, 010a, 011ad, 012abgj, 013a, 016b, 017bdefg, 018a, 019a, 020a, 021ace, 022ab, 023a, 024a, 025ab, 026ab, 027a, 029a, 030a, 031a, 032ac, 033ab, 034ac, 035b, 036a, 038a, 040ab, 041a, 042a, 043a, 044a, 045a, 046a, 047ad, 048ad, 049a, 050a, 051a, 053a, 054ab, 057ac, 058a, 059a, 060a, 061a, 063aghk, 064ab, 066a, 067ad, 068a, 069a, 071a, 072a,

*Testamento*¹²⁵⁰, numa decorrência inevitável do cariz pletórico das cenas bélicas na tradição hebraica, contrastante com a sua maior rarefação em contexto neotestamentário¹²⁵¹.

Cabe ainda especificar que dos livros veterotestamentários foi na literatura sapiencial que os dois pregadores colheram mais motivos militares¹²⁵², com destaque para o *Livro de Job*¹²⁵³, seguido de perto pelo *Livro dos Salmos*¹²⁵⁴ e, a maior distância, pelos *Livro dos Provérbios*¹²⁵⁵, *Cântico dos Cânticos*¹²⁵⁶, *Livro da Sabedoria*¹²⁵⁷, *Eclesiastes*¹²⁵⁸ e *Ben Sira* (ou *Eclesiástico*)¹²⁵⁹. Quanto aos textos dos *Livros Históricos*, que depois dos *Sapienciais* foram, compreensivelmente, os mais avocados em matéria de guerra dos livros do *Antigo Testamento*¹²⁶⁰, destacam-se, por ordem decrescente de importância, os chamados *Samuel*¹²⁶¹, *Macabeus*¹²⁶², *Reis*¹²⁶³, *Juízes*¹²⁶⁴, *Josué*¹²⁶⁵, *Judite*¹²⁶⁶ e *Crônicas*¹²⁶⁷. Pouco menos relevante do que os *Livros Históricos*, enquanto fonte de imagética militar, foi, por sua vez, a literatura profética¹²⁶⁸, cujos episódios

073a, 074a, 075adefg, 077a, 080adef, 081abc, 082adefghijklmn, 083c, 084cdei, 085abcdehi, 087abcd, 088a, 089abcghjkm, 090a, 091a, 092ac, 093a, 094a, 096bc, 098ab, 099abd, 100d, 101a, 102abdghijk, 103abcdgklp, 104acef, 105abcdeefgh, 106ab, 107acdefg, 108ade, 109a, 110abd.

¹²⁵⁰ Ibid, 007d, 008a, 009a, 012i, 014a, 015a, 016a, 017a, 021b, 028a, 034d, 035ac, 039ab, 047f, 052a, 055ab, 056aceim, 062a, 063bfijl, 065a, 070a, 075hi, 076a, 078a, 079a, 080c, 083a, 084fghlm, 085fg, 089deil, 092bd, 099c, 100a, 102c, 103ehijm, 104dghi, 110c.

¹²⁵¹ Sobre a guerra no *Novo Testamento*, vide supra II 2) A) 1) *Origens bíblicas*.

¹²⁵² Vid. *Tabulae*, tabela C, 002a, 004bf, 006d, 007ln, 008cg, 012gj, 013a, 017b, 024a, 025a, 032ac, 033ab, 034c, 035b, 036a, 040a, 043a, 045a, 046a, 047d, 058a, 063aghk, 064a, 067d, 071a, 075de, 080a, 081b, 082adejkmn, 085bcdehi, 087ac, 088a, 089ck, 090a, 092a, 093a, 098ab, 099ab, 101a, 102dk, 103b, 104aef, 105a, 108ade, 109a, 110abd.

¹²⁵³ Ibid, 002a, 004b, 006d, 007lno, 017b, 040a, 043a, 045a, 046a, 047d, 063ghk, 071a, 080a, 082ad, 085i, 089k, 090a, 102dk, 104a.

¹²⁵⁴ Ibid, 004f, 008g, 032c, 033a, 035b, 075de, 081b, 082jmn, 085ceh, 087ac, 092a, 104cef, 108ad, 110a.

¹²⁵⁵ Ibid, 012g, 032a, 067d, 085b, 093a, 098ab, 099a, 108e.

¹²⁵⁶ Ibid, 013a, 033b, 034c, 058a, 089c, 103b, 105a.

¹²⁵⁷ Ibid, 008c, 012j, 063a, 064a, 088a, 099b.

¹²⁵⁸ Ibid, 024a, 025a, 109a, 110bd.

¹²⁵⁹ Ibid, 036a, 082ek, 085d, 101a.

¹²⁶⁰ Ibid, 001a, 003a, 007a, 008f, 011ad, 018a, 019a, 020a, 021ace, 022ab, 025b, 026ab, 027a, 029a, 031a, 042a, 044a, 047a, 048ad, 050a, 051a, 053a, 054b, 067a, 069a, 072a, 073a, 074a, 082gh, 084cdei, 087d, 089hjm, 091a, 092c, 099d, 102bi, 103c, 107cd.

¹²⁶¹ Ibid, 001a, 003a, 007a, 008f, 011ad, 018a, 019a, 020a, 021ae, 022ab, 044a, 051a, 053a, 072a, 073a, 074a, 082g, 089hm, 091a, 099d, 102i.

¹²⁶² Ibid, 047a, 048ad, 049a, 067a, 084dei, 089j.

¹²⁶³ Ibid, 025b, 026ab, 027a, 029a, 031a, 082h, 102b.

¹²⁶⁴ Ibid, 023a, 042a, 050a, 054b.

¹²⁶⁵ Ibid, 021c, 087d, 092c.

¹²⁶⁶ Ibid, 103c, 107cd.

¹²⁶⁷ Ibid, 084c.

¹²⁶⁸ Ibid, 007gj, 008e, 010a, 012a, 016b, 017de, 023a, 030a, 034a, 038a, 041a, 054a, 057c, 059a, 060a, 061a, 064b, 066a, 068a, 077a, 080ef, 081ac, 082fi, 083c, 085a, 087b, 089ab, 100d, 102gj, 103dgkl, 105befgh, 106a, 107aefg.

invocados se distribuíram, por ordem descendente, pelos livros de *Isaías*¹²⁶⁹, *Zacarias*¹²⁷⁰, *Jeremias*¹²⁷¹, *Ezequiel*¹²⁷² e *Habacuc*¹²⁷³, *Oseias*¹²⁷⁴, *Joel*¹²⁷⁵ e *Naum*¹²⁷⁶ e *Miqueias*¹²⁷⁷. Em menor número, recolheram motivos bélicos nos livros do *Pentateuco*¹²⁷⁸, maioritariamente extraídos no *Génesis*¹²⁷⁹ e, em quantidade inferior, dos *Números*¹²⁸⁰ e do *Deuteronomio*¹²⁸¹, do *Êxodo*¹²⁸², e, finalmente, do *Levítico*¹²⁸³.

No âmbito dos livros do *Novo Testamento*, foram inevitavelmente as *Epístolas Paulinas* que se assumiram como a mais significativa fonte de imagética bélica dos sermonários em questão¹²⁸⁴, nas quais, como se viu, radicou a noção e vocabulário da *militia Christi*¹²⁸⁵. É curioso notar que foram estes textos, mais precisamente a *Epístola aos Efésios*, e não os livros do *Velho Testamento* – como seria expectável, por a eles se reportarem o grosso das citações feitas nas *Picturae Bellorum* presentes nos sermonários antoniano e pelagiano –, que forneceram o passo mais invocado pelos dois mendicantes nas suas imagens militares: a descrição da armadura e das armas espirituais do cristão¹²⁸⁶. Em menor escala, as epístolas aos *Coríntios*¹²⁸⁷, a *Timóteo*¹²⁸⁸ e aos *Gálatas*¹²⁸⁹ contribuíram igualmente para converter as *Cartas de São Paulo* no maior fundo de motivos militares usados por Santo António e Frei Paio entre o universo de textos do *Novo Testamento*, no que foram seguidas pelo *Apocalipse de São João*¹²⁹⁰, pelos *Evangelhos* (com destaque para o *Evangelho de São Lucas*¹²⁹¹, seguido pelos de São

¹²⁶⁹ Ibid, 007f, 008e, 010a, 038a, 054a, 060a, 061a, 064b, 068a, 080e, 082f, 083c, 089a, 102gj, 103gk, 107f.

¹²⁷⁰ Ibid, 016b, 017e, 080f, 100d, 103d, 105befgh.

¹²⁷¹ Ibid, 012a, 017d, 041a, 077a, 081ac, 082i, 085a, 087b.

¹²⁷² Ibid, 007j, 030a, 034a.

¹²⁷³ Ibid, 007g, 106a, 107a.

¹²⁷⁴ Ibid, 059a, 066a.

¹²⁷⁵ Ibid, 057c, 103l.

¹²⁷⁶ Ibid, 107eg.

¹²⁷⁷ Ibid, 089b.

¹²⁷⁸ Ibid, 004ae, 005a, 006a, 012b, 057a, 075afg, 080d, 089g, 094a, 096bc, 102a, 103ap, 105cd, 106b.

¹²⁷⁹ Ibid, 004ae, 005a, 006a, 012b, 096bc, 102a, 103a, 105cd.

¹²⁸⁰ Ibid, 057a, 075fg.

¹²⁸¹ Ibid, 075a, 089g, 094a.

¹²⁸² Ibid, 103p, 106b.

¹²⁸³ Ibid, 080d.

¹²⁸⁴ Ibid, 007d, 021b, 039a, 047f, 055ab, 056aceim, 075i, 076a, 089l, 092b, 099c, 100a, 103ej, 104d, 110c.

¹²⁸⁵ Sobre as origens bíblicas da noção e vocabulário da *militia Christi*, vide supra II 2) a) i) *Origens bíblicas*.

¹²⁸⁶ Vid. *Tabulae*, tabela C, 021b, 039a, 047f, 055ab, 056ce, 075i, 076a, 089l, 092b, 099c.

¹²⁸⁷ Ibid, 007d, 103e, 104d, 110c.

¹²⁸⁸ Ibid, 103j.

¹²⁸⁹ Ibid, 100a.

¹²⁹⁰ Ibid, 014a, 015a, 016a, 017a, 028a, 065a, 078a, 079a, 083a, 084ghm, 085fg, 089i, 092d, 102c, 103hi, 104h.

¹²⁹¹ Ibid, 008a, 035a, 039b, 062a, 063bfj, 103m.

*Mateus*¹²⁹² e de *São João*¹²⁹³) e *Atos dos Apóstolos*¹²⁹⁴ e pelas *Cartas aos Hebreus*¹²⁹⁵, pelas *Cartas Católicas* (ou *Universais*)¹²⁹⁶.

Perfazendo, por sua vez, um quarto do universo total de citações presentes nas imagens militares dos *Sermões* e da *Summa* (112 ocorrências), as *Glosas Ordinária* – um comentário contínuo de toda a *Bíblia* convencionalmente atribuído a Valafrido Estrabão¹²⁹⁷ – e *Interlinear* – uma compilação de comentários bíblicos inspirada na *Glosa Ordinária*, iniciada pelo doutor escolástico Anselmo de Laon e continuada pela sua escola¹²⁹⁸ – configuraram os mais significativos repertórios de motivos bélicos depois das *Sagradas Escrituras*, embora também elas sejam, em bom rigor, indissociáveis do texto bíblico, por serem sobre ele apostas e baseadas (vid. [gráfico 22](#))¹²⁹⁹. Importa, contudo, referir que, para tal estatística, contribuíram quase inteiramente os *Sermões* antonianos, aos quais cabem nada menos que 95% do conjunto de glosas discerníveis nas *Picturae* imaginadas¹³⁰⁰. Considerando a utilidade prática das *Glosas Ordinária* e *Interlinear*, enquanto instrumentos de apoio à hermenêutica bíblica, trata-se de um dado coerente com o inexplicável desinteresse do dominicano pela exegese bíblica na sua parenética, e com o abundante uso que, inversamente, dela fez o menorita, enquanto estratégia argumentativa. À margem desse desequilíbrio, vale a pena alertar para a preferência notória de ambos pela *Glosa Ordinária*¹³⁰¹, cujo uso ultrapassa em mais do dobro o da *Glosa Interlinear*¹³⁰². Dá-se, entretanto, o caso de as glosas atribuídas a Valafrido Estrabão ou a Anselmo de Laon incidirem maioritariamente sobre episódios militares veterotestamentários, mais especificamente sobre cenas bélicas extraídas dos *Livros*

¹²⁹² Ibid, 009a, 012i, 052a, 089e.

¹²⁹³ Ibid, 034d, 070a, 080c.

¹²⁹⁴ Ibid, 008a, 009a, 012i, 034d, 035a, 039b, 052a, 062a, 063bfj, 070a, 080c, 089e, 103m.

¹²⁹⁵ Ibid, 063il, 089d, 104i.

¹²⁹⁶ Ibid, 075h, 084fl, 104g.

¹²⁹⁷ Barton, *Uma história da Bíblia*, 426.

¹²⁹⁸ Ibid.

¹²⁹⁹ Ibid, 001bcd, 003cd, 004cd, 005bc, 006b, 007bcefhio, 008bd, 011b, 012cdefh, 013b, 014b, 015b, 016c, 017fgijk, 018bc, 019bcde, 020bcdefhi, 021d, 022cef, 023c, 024bcdf, 028b, 029b, 031c, 032b, 035c, 040b, 044b, 046b, 048bc, 049b, 051bcd, 052c, 053bc, 055cdefgh, 056bdfghjkl, 057b, 058b, 060bcdefgh, 061cd, 063cde, 067bc, 069b, 072c 075bc, 080b, 100e, 102h, 106c, 108c.

¹³⁰⁰ Ibid, 001bcd, 003cd, 004cd, 005bc, 006b, 007bcefhio, 008bd, 011b, 012cdefh, 013b, 014b, 015b, 016c, 017fgijk, 018bc, 019bcde, 020bcdefhi, 021d, 022cef, 023c, 024bcdf, 028b, 029b, 031c, 032b, 035c, 040b, 044b, 046b, 048bc, 049b, 051bcd, 052c, 053bc, 055cdefgh, 056bdfghjkl, 057b, 058b, 060bcdefgh, 061cd, 063cde, 067bc, 069b, 072c 075bc.

¹³⁰¹ Ibid, 001bcd, 003cd, 004cd, 007efhio, 008bd, 011b, 012cdefh, 013b, 014b, 015b, 016c, 017fgijk, 018b, 019be, 020befh, 021d, 022cef, 023c, 024f, 028b, 035c, 040b, 044b, 046b, 048bc, 049b, 051bcd, 052b, 053bc, 055fh, 056fj, 057b, 060h, 063cde, 067bc, 069b, 072c, 080b, 100e, 102h, 106c, 108c.

¹³⁰² Ibid, 005bc, 006b, 007bc, 017i, 018c, 019cd, 020cdi, 024bcd, 029b, 031c, 032b, 055cdeg, 056bdghkl, 058b, 060bcdefg, 061cd, 075bc.

*Históricos*¹³⁰³, no que denotará porventura a preocupação dos dois mendicantes em colocar a violência das narrativas históricas da *Bíblia* ao serviço dos preceitos evangélicos, adequando-as assim à pastoral de públicos cristãos.

Por último, pouco mais de um sétimo das referências identificáveis nas *Picturae bellorum* antonianas e pelagianas (66 ocorrências) foram extraídas das obras de autores eclesiásticos (vid. [gráfico 22](#))¹³⁰⁴. Entre os autores em cujas obras os dois pregadores mais se apoiaram para a construção de uma imagética guerreira destacam-se, por ordem decrescente, São Jerónimo, graças à sua famosa onomástica bíblica, *Liber de situ et nominibus locorum hebraicorum*¹³⁰⁵; São Gregório, pelos seus incontornáveis *Moralia in Job*¹³⁰⁶ e por uma *Homiliae XL in Ezechielem*¹³⁰⁷; Santo Isidoro de Sevilha, pelas suas *Etymologiae*¹³⁰⁸ e *De Differentiis Verborum*¹³⁰⁹; Santo Agostinho, pelas suas *Epistolae*¹³¹⁰, *De Baptismo contra Donatistas*¹³¹¹, *Enarrationes in Psalmos*¹³¹² e *De trinitate*¹³¹³; Pedro Lombardo, pelas suas *Collectanea in epistolas Pauli*¹³¹⁴, *Commentaria in Psalmos*¹³¹⁵ e *Sententiarum libri quatuor*¹³¹⁶; e Alano de Lille, pelas suas *Distinctiones dictionum theologicarum*¹³¹⁷ e *Ab Insulis*¹³¹⁸. Outros grandes nomes da história eclesiástica associados a obras invocadas numa única ocasião são os de Orígenes¹³¹⁹, Gregório de Nissa¹³²⁰, Santo Ambrósio¹³²¹, Euquério de Lugduno¹³²², Judas Ciríaco¹³²³, Atanásio de Alexandria¹³²⁴, do papa Calisto II¹³²⁵, dos carolíngios Valafrido

¹³⁰³ Ibid, 001bcd, 003cd, 007bcei, 018bc, 019bcde, 020bcefi, 021d, 022cef, 023c, 031c, 044b, 048bc, 049b, 051bcd, 053bc, 067bc, 069b, 072c.

¹³⁰⁴ Ibid, 003b, 006ce, 007km, 011d, 016d, 017ch, 018d, 020g, 022d, 023b, 024e, 027b, 031b, 034b, 036b, 038bc, 042b, 046c, 047bce, 049c, 050b, 054c, 059b, 061b, 072b, 082bclop, 083bd, 084abjk, 087e, 088bcd, 089f, 095a, 096a, 099ef, 100bcfghi, 101b, 102ef, 103fno, 104b, 107b, 108b.

¹³⁰⁵ Ibid, 003b, 011d, 018d, 020g, 022d, 027b, 031b, 042b, 047bc, 050b, 054c, 072b, 099ef.

¹³⁰⁶ Ibid, 006e, 007km, 017c, 059b, 061b, 104b.

¹³⁰⁷ Ibid, 017h.

¹³⁰⁸ Ibid, 024e, 034b, 036b, 038b, 047e.

¹³⁰⁹ Ibid, 023b.

¹³¹⁰ Ibid, 046c.

¹³¹¹ Ibid, 038c.

¹³¹² Ibid, 087e.

¹³¹³ Ibid, 088d.

¹³¹⁴ Ibid, 089f.

¹³¹⁵ Ibid, 108b.

¹³¹⁶ Ibid, 102e.

¹³¹⁷ Ibid, 006c.

¹³¹⁸ Ibid, 016d.

¹³¹⁹ Ibid, 103f.

¹³²⁰ Ibid, 049c.

¹³²¹ Ibid, 100i.

¹³²² Ibid, 101b.

¹³²³ Ibid, 088c.

¹³²⁴ Ibid, 084b.

¹³²⁵ Ibid, 096a.

Estrabão¹³²⁶ e Rábano Mauro¹³²⁷, e do bispo e teólogo Martinho de Leão¹³²⁸. Rematando, destaque ainda para a utilidade que encerraram enquanto provedoras de *exempla* bélicos uma hagiografia pseudo-autógrafa alusiva a Santo Ambrósio, a *Acta S. Sebastiani Martyris*¹³²⁹, e várias obras anónimas do mesmo género, como a *Inventio Sanctae Crucis*¹³³⁰, a *Passio S. Margaritae Virginis et Martyris*¹³³¹ e a *Passio Sancti Vicentii Levitae et Martyris*¹³³², ou associadas a espécimes literárias diversos, como os *Verba seniorum*¹³³³, o *Breviarium iuxta ritum Ordinis Prædicatorum*¹³³⁴ e umas *Meditationes de humana conditione*¹³³⁵.

Em suma, na construção da imagética bélica antoniana e pelagiana, depois da *Bíblia* e das glosas, assumiram especial importância as peças onomásticas, os escritos exegéticos e morais, os tratados doutrinários e teológicos e as lexicografias e gramáticas dos grandes nomes da Patrística, com destaque para o do tradutor da *Bíblia* – São Jerónimo –, de um pontífice – Gregório Magno –, de dois bispos – Isidoro de Sevilha e Agostinho de Hipona – e de duas importantes figuras da escolástica – Pedro Lombardo e Alano de Lille.

Feita a análise conjunta das fontes imagéticas das *Picturae Bellorum* antonianas e pelagianas, cabe agora atentar nas suas especificidades, pois o que acima se verificou válido para os dois autores, no geral, o é também para cada um, em particular, no que respeita à *Bíblia* e às glosas, com as ressalvas feitas, o mesmo não se pode afirmar sobre as obras dos autores eclesiásticos. Com efeito, se Santo António manifestou, de facto, preferência pela extração de motivos bélicos das obras dos grandes nomes da Patrística, Frei Paio, por sua vez, inclinou-se no sentido das peças de cariz hagiográfico, num dado expectável atendendo à natureza dos seus sermões, compostos para as festas dos santos do calendário litúrgico hispânico e dominicano.

Claro que, apesar de terem comungado no essencial das mesmas fontes imagéticas, em especial no que à *Bíblia* diz respeito, os dois pregadores apresentaram ligeiras variâncias nas suas preferências temáticas (vid. [gráfico 23](#)).

¹³²⁶ Ibid, 102f.

¹³²⁷ Ibid, 100b.

¹³²⁸ Ibid, 100f.

¹³²⁹ Ibid, 082b.

¹³³⁰ Ibid, 088b.

¹³³¹ Ibid, 095a.

¹³³² Ibid, 083b, 084a.

¹³³³ Ibid, 084jk.

¹³³⁴ Ibid, 100h.

¹³³⁵ Ibid, 083d.

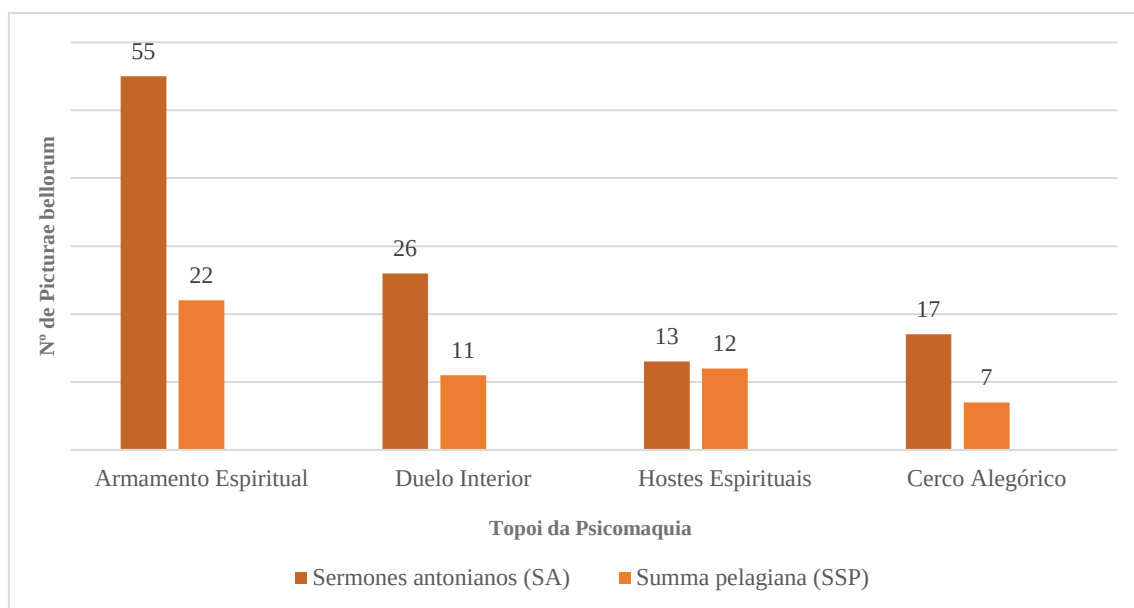


GRÁFICO 23: EMISSORES – TOPOI DA PSICOMAQUIA [SA E SSP_INDIVIDUALIZADO EM VALORES ABSOLUTOS]

Olhando para os dois sermonários, constata-se que foi aos quadros figurativos do Armamento Espiritual que mais recorreram Santo António e Frei Paio. As *Picturae Bellorum* evocativas das diversas peças do equipamento guerreiro constituíram mais de metade do total de imagens narrativas alusivas à guerra identificadas em cada uma das obras (55 e 22 ocorrências no sermonário antoniano e pelagiano, respetivamente)¹³³⁶. Intuindo-se, à partida, um nexos íntimo entre as fontes imagéticas e os *topoi* explorados nas *Picturae*, mais uma vez, não causa surpresa que tenham sido precisamente os versículos paulinos descritivos da armadura e das armas espirituais do cristão¹³³⁷ os mais recorrentemente invocados nas imagens narrativas de Armamento Espiritual concebidas pelos dois mendicantes¹³³⁸.

Quanto ao tema do Duelo Interior, muito presente, em números absolutos, na *Summa pelagiana* (11 ocorrências), teve maior relevância nos *Sermones antonianos* (26 ocorrências)¹³³⁹. Arquétipo das representações do confronto opondo o cristão aos vícios e aos espíritos malignos, o célebre episódio veterotestamentário do enfrentamento entre *David e Golias*, culminante no derrube e na decapitação do Filisteu pela funda e espada

¹³³⁶ Ibid, 001, 002, 003, 004, 005, 006, 007, 008, 009, 010, 012, 014, 015, 016, 017, 019, 021, 024, 025, 027, 028, 029, 030, 031, 032, 033, 034, 036, 039, 040, 041, 042, 043, 044, 045, 047, 051, 054, 055, 056, 057, 058, 059, 060, 061, 062, 063, 064, 065, 066, 067, 068, 071, 074, 075, 076, 077, 078, 080, 082, 083, 084, 085, 086, 088, 089, 091, 093, 098, 099, 100, 101, 104, 105, 106, 107, 108.

¹³³⁷ Ryken, Wilhoit, Longman III (eds.), “Armor,” in *Dictionary of Biblical Imagery*, 190–200.

¹³³⁸ Vid. *Tabulae*, tabela C, 021b, 039a, 047f, 055abcdefgh, 056cdefghijkl, 075i, 076a, 089l, 092b, 099c.

¹³³⁹ Ibid, 001, 003, 008, 009, 010, 017, 018, 019, 022, 023, 030, 031, 040, 046, 047, 048, 050, 051, 053, 054, 055, 056, 063, 064, 069, 074, 079, 083, 084, 088, 091, 094, 095, 096, 098, 099, 108.

do herói bíblico¹³⁴⁰, revelou-se o mais aludido entre as *Picturae* de *duellum* empregues pelos dois pregadores¹³⁴¹.

A disparidade observável no peso consignado a este tema em cada um dos sermonários encontrou, por curta margem, paralelo no que diz respeito ao *topos* das Hostes Espirituais, atendendo à maior proporção em que constaram nas prédicas do menorita as imagens narrativas de combate coletivo (13 ocorrências para 12 na obra do dominicano)¹³⁴², cujo principal travejamento imagético foi o episódio da *Oitava Visão de Zacarias*, descritivo de quatro quadrigas emergentes do meio de duas montanhas de bronze, puxadas por cavalos multicolores, simbolizando os quatro ventos celestes¹³⁴³.

Quanto ao tema do Cerco Alegórico, granjeou, também ele, maior representatividade interna na obra do franciscano, sendo, pois, mais numerosas nesta do que na obra do dominicano as imagens narrativas que se lhe encontram associadas (17 ocorrências para apenas 7 na *Summa*)¹³⁴⁴, mais comumente modeladas no episódio veterotestamentário do *Castigo de Edom*, descritivo do abatimento da espada divina sobre as fortalezas deste reino bíblico¹³⁴⁵.

Resumindo, tanto Santo António como Frei Paio mostraram interesse sobretudo por imagens relacionadas com Armamento Espiritual e Duelo Interior. Ambos se fundamentaram praticamente ao mesmo nível em imagens de Hostes Espirituais, nenhum tendo, contudo, manifestado especial preferência por este tema. O mesmo já não se pode afirmar sobre o tema do Cerco Alegórico, que ocupa o terceiro lugar nas preferências do franciscano, tendo sido o menos subscrito pelo dominicano na sua imagética.

(2) Destinatários: pregadores e menoritas

Tanto como o reflexo do contexto sociocultural em que se inseriram Santo António e Frei Paio, e das ideologias por eles perfilhadas, os CÓDIGOS linguísticos e SUBCÓDIGOS estético-literários que transparecem das *Picturae Bellorum* presentes nos *Sermones* e na *Summa* são também o produto de um esforço adaptativo das duas obras às necessidades e gostos de franciscanos e dominicanos investidos do *munus* da pregação,

¹³⁴⁰ Ryken, Wilhoit, Longman III (eds.), “Battle stories,” in *Dictionary of Biblical Imagery*, 294–309.

¹³⁴¹ Vid. *Tabulae*, tabela C, 007abci, 008f, 018c, 019abcd, 020aci, 053c, 074a, 089m.

¹³⁴² Ibid, 005, 011, 013, 020, 044, 045, 049, 052, 057, 058, 067, 070, 072, 078, 090, 092, 093, 097, 102, 103, 105, 106, 107, 109, 110.

¹³⁴³ Ibid, 105befgh.

¹³⁴⁴ Ibid, 010, 011, 012, 020, 021, 024, 025, 026, 029, 035, 038, 039, 042, 047, 052, 060, 073, 081, 086, 087, 094, 102, 103, 110.

¹³⁴⁵ Ibid, 060abcdefgh.

os seus públicos invocados – aqueles que são mencionados nas próprias obras como os seus DESTINATÁRIOS imediatos, que a sociolinguística distingue oportunamente dos públicos alargados aos quais seriam culturalmente acessíveis as peças (público genérico) e dos públicos aos quais se sabe que estas efetivamente chegaram (público atestado)¹³⁴⁶. O esforço de adaptação apostava, quer em aumentar o conhecimento de menoritas e pregadores sobre determinadas noções de cariz moral, laudatório e, sobretudo, doutrinal – no âmbito da aplicabilidade teórica dos sermonários, enquanto manuais de teologia –, quer em promover a retoma e apologia de tais noções pelos próprios pregadores franciscanos e dominicanos, em prédicas por estes endereçadas a outros públicos – no âmbito da aplicabilidade prática destas peças, enquanto prontuários de pregação (vid. [diagrama 2](#)).

Relativamente inacessível a comunidades laicas ou familiarizadas apenas com um latim rudimentar, e, por conseguinte, de uso desaconselhado na pastoral das populações, o idioma das prédicas antonianas e pelagianas coadunava-se melhor com a finalidade didática dos dois sermonários junto dos seus respetivos públicos. De facto, o conhecimento da língua de Cícero era imperativo para os destinatários imediatos dos *Sermones* e da *Summa*, constituindo o latim a língua franca e oficial, sob a qual estava estruturada não só a missa e todo o ritual sacramentário no interior da Igreja, mas a própria aprendizagem em toda a rede escolar eclesiástica¹³⁴⁷. Uma tendência geral de que não ficaram, naturalmente, à margem, nem as escolas anexas às casas mendicantes estabelecidas nos espaços além-pirenaico e transalpino – onde mais interveio o Doutor Evangélico e onde se situaria, algures, a comunidade menorítica a pedido da qual terá compilado e adaptado os seus *Sermones* –, nem os estabelecimentos de ensino que funcionavam nos conventos mendicantes inscritos na própria geografia portuguesa – onde se acolheu o convento dominicano de Coimbra, no qual se sabe que Frei Paio exerceu o cargo de prior e a cujos conversos terá endereçado a sua *Summa*. Para além de atender às necessidades formativas dos públicos atestados dos sermonários, o uso do idioma latino contava igualmente com a inegável virtude de restringir a sua acessibilidade a públicos clericais ortodoxos, salvaguardando o risco da monopolização das prédicas por iniciativas heréticas, na sua maioria originadas nas camadas laicas da sociedade, e, como tal, ignorantes do latim¹³⁴⁸.

¹³⁴⁶ Aurell, “Raport Introductiff,” 15.

¹³⁴⁷ Norte, “Letrados e cultura,” 617.

¹³⁴⁸ Menache, *The Vox Dei*, 150–55.

Por sua vez, a permeabilidade dos sermonários aos *topoi* da Psicomaquia sinaliza sem dúvida a eficácia persuasiva que neles viram os autores das obras, mercê do reconhecimento e maravilhamento coletivos que os temas bélicos suscitariam na audiência imediata¹³⁴⁹. Uma circunstância para a qual terão contribuído tanto a proximidade de pregadores e menoritas ao fenómeno bélico, como o emprego de estratégias retóricas precisas por parte dos autores dos sermonários. No que respeita ao primeiro ponto, muito do que ficou dito sobre a exposição dos dois pregadores portugueses à *praxis* da guerra parece ser válido para os seus destinatários *mutatis mutandis*, embora a esse propósito nada seja possível afirmar fora do domínio da especulação ou sem arriscar incorrer em esquematismos e generalismos ousados. A rarefação de estudos específicos sobre a constituição social de menoritas e pregadores nas áreas gaulesa, itálica e portuguesa torna muito difícil avaliar a sua efetiva proximidade com o fenómeno da guerra por essa via. Aqui deve, porém, ser relevada o facto de muitos dos frades das primeiras gerações de franciscanos e dominicanos, nas quais se enquadram com propriedade os destinatários imediatos dos *Sermones* e da *Summa Sermonum*, apresentarem ligações prévias a ordens monásticas cujos conversos, muitas vezes secundogénitos, tendiam a provir de famílias aristocráticas ou oligárquicas de grande protagonismo, aderindo muitas das vezes à espiritualidade monástica em fases já adiantadas das suas vidas e com experiência militar atestada, apenas para transitarem depois para a observância mendicante¹³⁵⁰. Acresce que a conjuntura nas respetivas geografias em que se inseriam os destinatários imediatos dos sermonários era marcada pela presença endémica ou pontual da guerra, à qual seriam expostos inadvertidamente, ou em resultado do exercício de funções como a de capelães militares, que franciscanos e dominicanos começaram por desempenhar ativamente em campanhas conduzidas ou apoiadas pelo Papado, e mais tarde ao serviço dos poderes seculares¹³⁵¹.

Beneficiando à partida do contacto próximo com o fenómeno bélico enquanto elemento do quotidiano, a receptividade dos destinatários das prédicas antonianas e pelagianas à mensagem moral e doutrinal veiculada nas *Picturae Bellorum* foi amplificada pelas estratégias retóricas idealizadas pelos dois autores. Destaque para a colagem do título de *miles Christi* aos pregadores franciscanos e dominicanos,

¹³⁴⁹ Smith, *War and monastic*, 114.

¹³⁵⁰ Ibid, 52.

¹³⁵¹ David S. Bachrach, "The Friars go to War: Mendicant Military Chaplains, 1216-C. 1300," *The Catholic Historical Review* 90, no. 4 (2004): 633; Maier, *Preaching the Crusades*, 32–161.

implicando-os diretamente na ação narrativa, em imagens bélicas inspiradas em episódios com grande fortuna na tradição psicomáquica cristã. Este mecanismo retórico, em particular, foi acionado em cerca de um quarto das mais de uma centena de imagens bélicas identificadas nos sermões do menorita e do dominicano, resultando evidente a grande oportunidade que lhe reconheceram os dois pregadores, embora com ligeiras nuances dignas de nota (vid. [gráfico 24](#)).

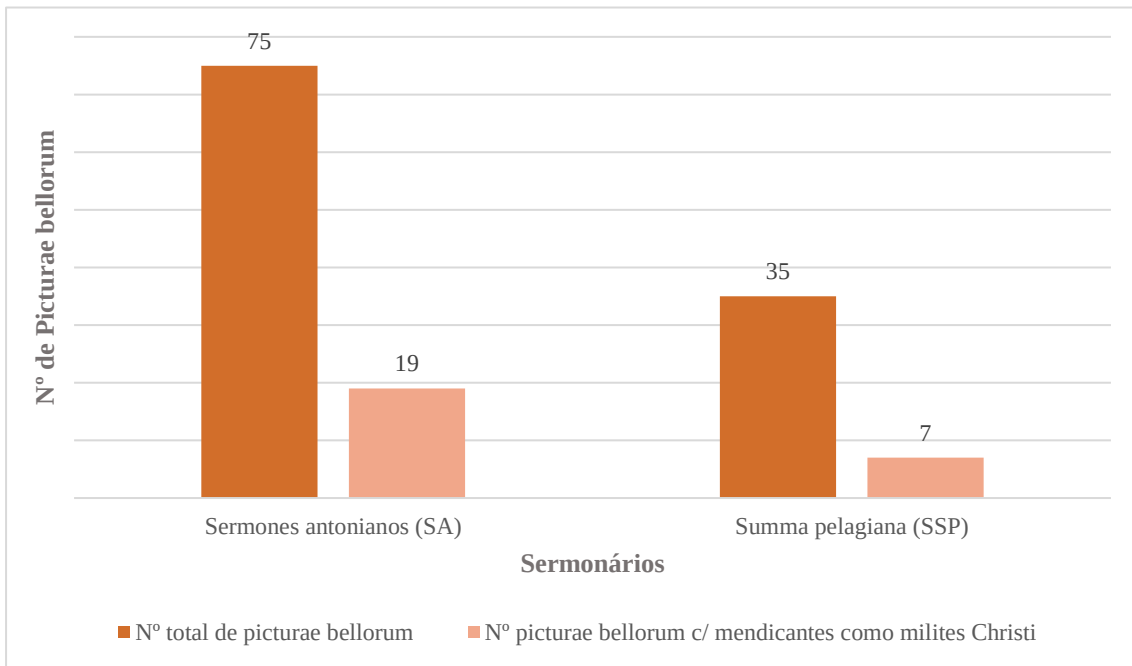


GRÁFICO 24: DESTINATÁRIOS – FIGURAÇÕES BÉLICAS [SA E SSP_INDIVIDUALIZADO EM VALORES ABSOLUTOS]

Da distribuição das figurações implicando diretamente os mendicantes como soldados de Cristo resulta que foi Santo António quem mais recorreu, em termos absolutos, ao expediente retórico, já que do total de imagens contendo representações do pregador enquanto combatente espiritual 73% pertencem aos *Sermones*¹³⁵² e apenas 27% à *Summa*¹³⁵³. Um desequilíbrio que, em termos relativos, se esbate mais, perfazendo as imagens narrativas implicando diretamente o mendicante enquanto *miles Christi* 25% do total de *Picturae Bellorum* identificadas nos *Sermones* antonianos e 20% das imagens bélicas presentes na *Summa* pelagiana. Sabendo-se da importância assumida em contexto mendicante pela noção de *militia Christi* enquanto substrato ideológico unificador dos frades no combate anti-herético, esta assimetria, muito evidente em termos absolutos, mas mais esbatida em valores relativos, pode ser reflexiva das diferenças de conjuntura em

¹³⁵² Vid. *Tabulae*, tabela C, 003, 012, 015, 017, 019, 020, 028, 029, 042, 045, 047, 048, 055, 056, 057, 061, 065, 066, 070.

¹³⁵³ Ibid, 077, 081, 089, 097, 103, 104, 105.

que se inseriam cada pregador e as suas respetivas audiências. Por outras palavras, a maior frequência com que ressaltam das prédicas do Santo associações simbólicas do pregador à figura do *miles Christi* é coerente com o grande acolhimento popular das heresias nas áreas itálica e gaulesa e, por conseguinte, o intenso envolvimento dos mendicantes inscritos nessas geografias no combate anti-herético. Da mesma forma, a menor propensão manifesta pelo dominicano no que à associação da imagem do combatente espiritual aos seus confrades diz respeito poderá prender-se com a passagem do fenómeno herético à margem do Ocidente hispânico na mesma cronologia, salientada, aliás, pelo próprio conimbricense, no seu nono sermão para a festa de São Tiago, onde afirmava que pela graça do patrono da reconquista nenhuma das províncias cristãs da Hispânia fora conspurcada e destruída pela “putrefação dos hereges” (“*hereticorum putredine*”)¹³⁵⁴.

Ainda no que se prende com as *Picturae Bellorum* em que o pregador figura como *Miles Christi*, vale a pena atentar nos episódios bélicos invocados pelo menorita e pelo dominicano (vid. [gráfico 25](#)).

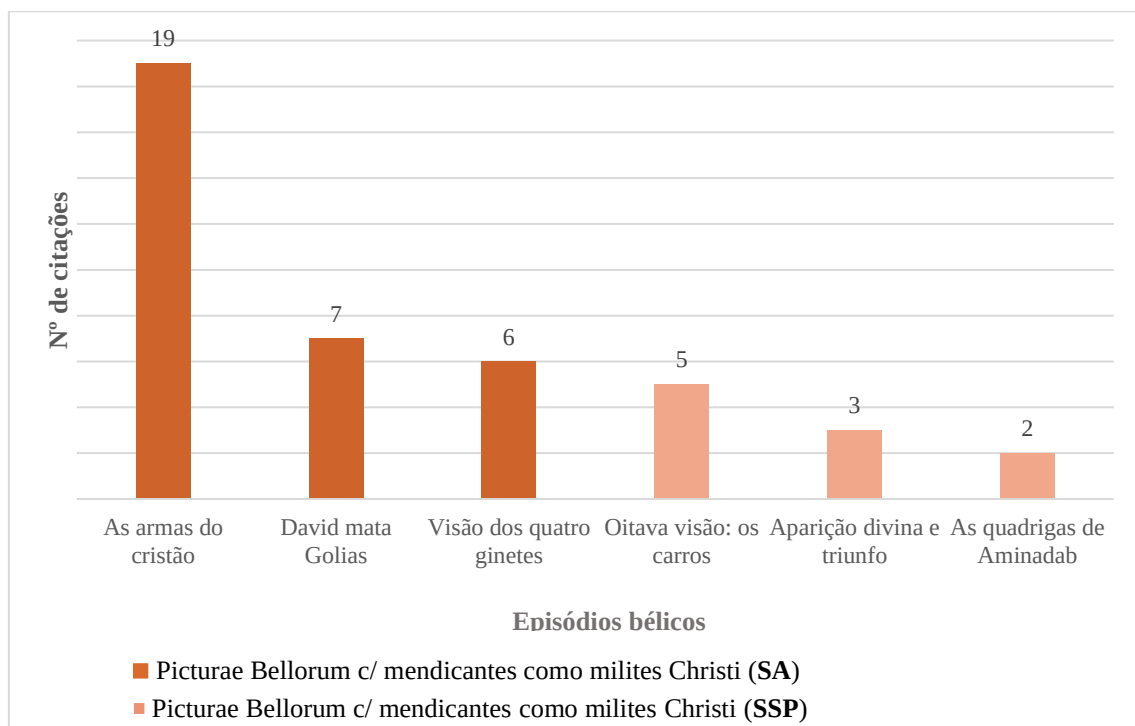


GRÁFICO 25: DESTINATÁRIOS – FONTES IMAGÉTICAS [SA E SSP_INDIVIDUALIZADO EM VALORES ABSOLUTOS]

Descontando a origem bíblica que partilham, a sua análise comparativa põe sobretudo em relevo aquelas que são as significativas diferenças observáveis no que concerne às fontes imagéticas das figurações bélicas nos *Sermones* antonianos e na *Summa* pelagiana. Nos primeiros, as *Picturae* bélicas implicando diretamente o pregador

¹³⁵⁴ Vid. *Tabulae*, tabela B, 255I.

enquanto combatente encontraram, de longe, o maior reduto de motivos no passo neotestamentário descritivo das armas espirituais do cristão¹³⁵⁵, seguido pelo episódio veterotestamentário do triunfo de David sobre Golias¹³⁵⁶ e pela, também ela célebre e amplamente reproduzida na arte pictórica coeva, *Visão dos quatro ginetes*¹³⁵⁷, do *Apocalipse de São João*, descritiva dos quatro cavaleiros apocalípticos que, mediante a abertura dos sete primeiros selos da revelação, montados sobre os corcéis branco, ruivo, preto e amarelo, cada qual com as suas valências, funções e atributos, se lançaram sobre a terra, purgando-a dos pecados da humanidade¹³⁵⁸. Do lado do dominicano, os mais procurados foram, por sua vez, os carros de guerra da *Oitava visão de Zacarias*¹³⁵⁹, já identificados, de resto, na origem da figuração que na sua *Fons sapientiae* Gregório IX realizara das ordens franciscana e dominicana¹³⁶⁰, um passo dos *Salmos* atribuído a David, conhecido por *Aparição divina e triunfo*, no qual este monarca expressa a sua gratidão a Deus por o livrar dos seus inimigos e lhe conceder a vitória sobre os mesmos, e a frase do *Cântico dos Cânticos* sobre as *Quadrilhas de Aminadab*¹³⁶¹.

Quanto aos *topoi* das imagens em que o pregador se vê diretamente envolvido no certame espiritual, radicanho estas do processo exegético, coincidem sem grande surpresa com os temas dos próprios episódios bíblicos mais invocados pelos dois mendicantes (vid. [gráfico 26](#)).

¹³⁵⁵ Vid. *Tabulae*, tabela C, 047f, 055abcdefgh, 056cdefghijkl.

¹³⁵⁶ Ibid, 019abcd, 020aci.

¹³⁵⁷ Ibid, 017aijk, 028a, 065a.

¹³⁵⁸ Dias, “Commentarium in Apocalypsin,” 75; “A «ciência numérica» no imaginário medieval: o exemplo das ilustrações do «Beato» de São Mamede de Lorvão,” in *O imaginário medieval*, eds. Carlos Guardado da Silva (Lisboa: Edições Colibri-Câmara Municipal de Torres Vedras-Instituto Alexandre Herculano, 2014): 91; Fernando Galván Freile, “Representaciones bélicas en el arte figurativo medieval: particularidades del caso hispano,” *Memoria y Civilización* 2 (1999): 61; Alessandra Acconci, “Os programas figurativos da Igreja Cristã na Europa (Mosaicos, Pinturas, Esculturas, Vitrais, Pavimentos, Livros),” in *Idade Média*, 547–50.

¹³⁵⁹ Vid. *Tabulae*, tabela C, 105befgh.

¹³⁶⁰ Ibid, 104ef.

¹³⁶¹ Ibid, 103b, 105a.

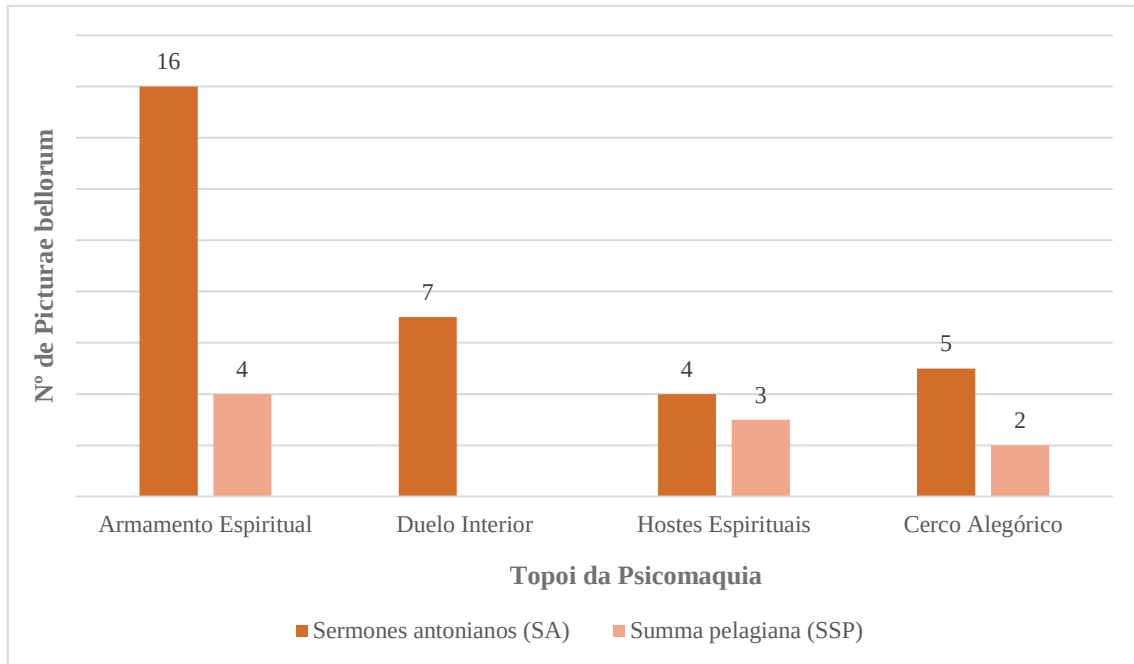


GRÁFICO 26: DESTINATÁRIOS – TOPOI DA PSICOMAQUIA [SA E SSP_INDIVIDUALIZADO EM VALORES ABSOLUTOS]

Assim, é seguro afirmar que também neste âmbito são mais as diferenças do que as similitudes a apontar entre os *Sermones* e a *Summa*. Embora tanto nas prédicas do menorita como nos sermões do dominicano o pregador se tenha mais frequentemente visto sendo munido das diversas armas pelas quais podia triunfar sobre os seus inimigos espirituais, nas primeiras achou-se por diversas vezes intervindo diretamente em cenas de duelo interior, seguidas por episódios de cerco alegórico e de combate coletivo, ao passo que nos segundos protagonizou mais comumente operações de cerco alegórico, seguidas de episódios de combate coletivo e nenhuma cena de duelo interior.

Combatendo de armadura completa, enfrentando inimigos letais, marchando ao lado de outros pregadores e protagonizando assaltos a fortalezas espirituais – foi, em suma, à luz destes padrões figurativos que menoritas e pregadores se autorrepresentaram no exercício das suas funções, concebendo-as e à sua religiosidade dentro do esquema mental da *militia Christi* aquando da leitura dos sermonários antoniano e pelagiano.

(3) Canais: Sermones e Summa Sermonum

As coleções de sermões dos dois mendicantes, i.e. os *Sermones* e a *Summa*, são identificáveis com os CANAIS no diagrama de comunicação modelar de Eco (vid. [diagrama 2](#)). Curiosamente, não subsistem na tessitura textual das prédicas quaisquer

indícios de oralidade, comuns em peças do género¹³⁶², descredibilizando a tese de que seriam destinadas ou se teriam destinado a outras audiências mais largas, generalizadas e laicas¹³⁶³. Portanto, a constituição do sermão-modelo foi o meio eleito por Santo António e Frei Paio para atender às necessidades formativas e operacionais de menoritas e pregadores, veiculando-lhes noções por escrito e apetrechando-os com um largo repositório de temas militares, que podiam ser retomados oralmente junto de outros públicos.

Quando se atende às lógicas de distribuição das imagens bélicas pelas prédicas constata-se que assumiram grande centralidade em quase metade (36 ocorrências) dos sermões em que foi possível identificar os temas da Psicomaquia (67 ocorrências), num universo de 483 peças revistas (vid. [gráfico 27](#)).

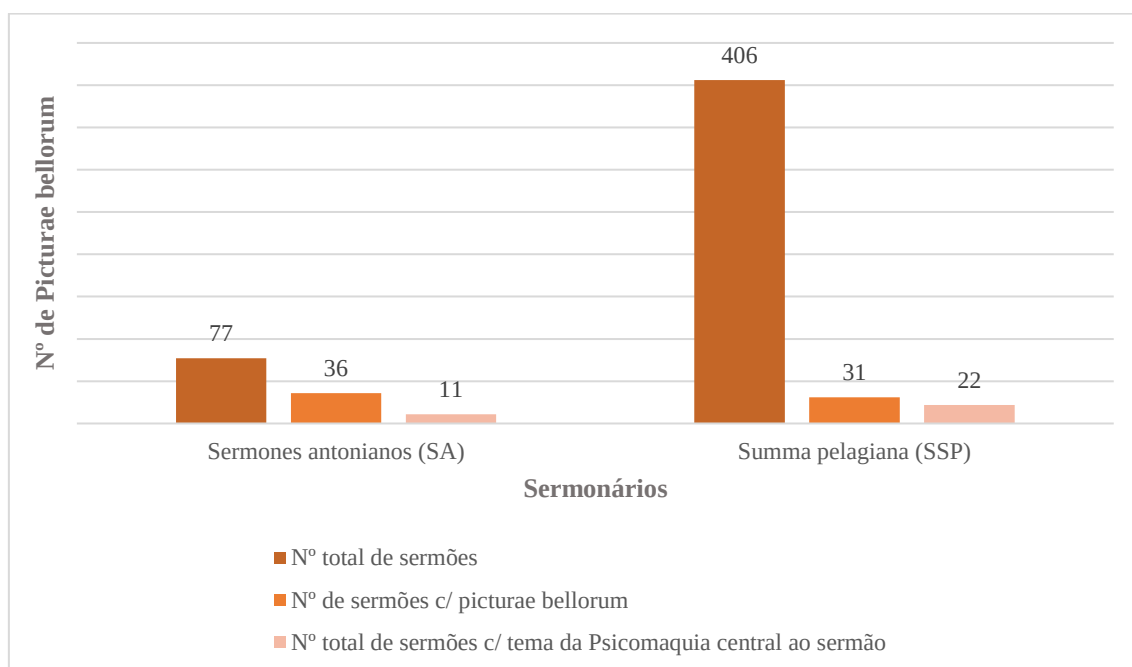


GRÁFICO 27 – CANAIS: DISTRIBUIÇÃO DE PICTURAE BELLORUM [SA E SSP_INDIVIDUALIZADO EM VALORES ABSOLUTOS]

Começando por restringir a análise aos sermões que exibem estas figurações bélicas, verifica-se uma distribuição aproximada entre as compostas por Santo António (36 ocorrências), que recorreu a imagens narrativas da guerra em aproximadamente metade das suas prédicas¹³⁶⁴, e as saídas da pena de Frei Paio (31 ocorrências), que fez

¹³⁶² Zumthor, *A letra e a voz*, 35. Cf. Caldeira, “Paul Zumthor,” 266–7.

¹³⁶³ Rema, “Introdução,” 57–8.

¹³⁶⁴ Vid. *Tabulae*, tabela C, 001, 002, 003-005, 006-011, 012, 013, 014-017, 018, 019, 020, 021-022, 023, 024-028, 029-031, 032, 033-035, 036-038, 039, 040-044, 045-046, 047-048, 049-051, 052-054, 055-056, 057, 058-059, 060, 061-065, 066, 067, 068-069, 070, 071, 072, 073-074, 075.

uso de *Picturae* bélicas em menos de um décimo dos seus sermões¹³⁶⁵. Assim, parece seguro afirmar que para o menorita o recurso a imagens narrativas da guerra configurou um dispositivo ordinário, de que lançou mão amiúde, enquanto para o dominicano foi, inversamente, um dispositivo retórico extraordinário. Por sua vez, constata-se que das homilias antonianas exibindo *Picturae Bellorum* a vasta maioria (29 ocorrências) foram compostas para as eucaristias dominicais¹³⁶⁶, seis para outras solenidades do calendário litúrgico¹³⁶⁷ e apenas uma para as festividades em honra da Virgem¹³⁶⁸, tendo os sermões dominicais sido assim os mais permeáveis à imagética bélica na obra do menorita (vid. [gráfico 28](#)).

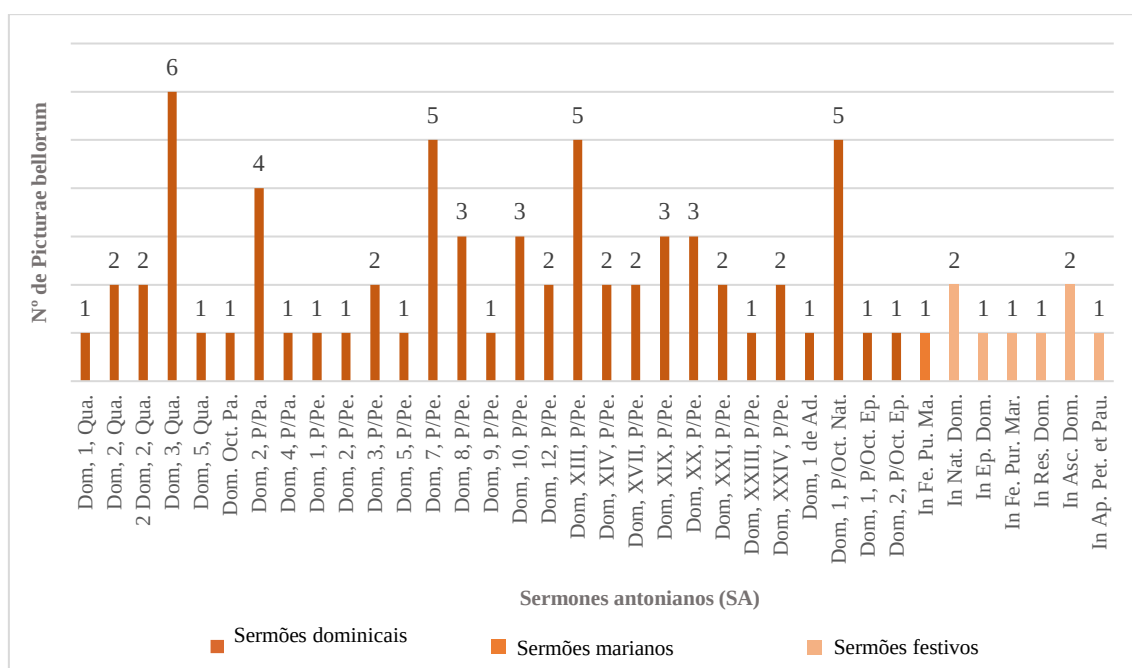


GRÁFICO 28 – CANAIS: DISTRIBUIÇÃO DE *PICTURAE BELLORUM* [SA_INDIVIDUALIZADO EM VALORES ABSOLUTOS]

Uma circunstância especialmente válida para as prédicas destinadas aos domingos depois do Pentecostes, nas quais figuram a maioria das *Picturae* bélicas identificadas (39 ocorrências)¹³⁶⁹. Seguem-se-lhes, por ordem decrescente, as homilias destinadas aos

¹³⁶⁵ Ibid, 076, 077, 078, 079, 080, 081, 082, 083-084, 085, 086, 087, 088, 089, 090, 091, 092, 093, 094, 095, 096-097, 098, 099, 100, 101, 102-103, 104, 105, 106-107, 108, 109, 110.

¹³⁶⁶ Ibid, 001, 002, 003-005, 006-011, 012, 013, 014-017, 018, 019, 020, 021-022, 023, 024-028, 029-031, 032, 033-035, 036-038, 040-044, 045-046, 047-048, 049-051, 052-054, 055-056, 057, 058-059, 060, 061-065, 066, 067.

¹³⁶⁷ Ibid, 068-069, 070, 071, 072, 073-074, 075.

¹³⁶⁸ Ibid, 039.

¹³⁶⁹ Ibid, 019, 020, 021, 022, 023, 024, 025, 026, 027, 028, 029, 030, 031, 032, 033, 034, 035, 036, 037, 038, 040, 041, 042, 043, 044, 045, 046, 047, 048, 049, 050, 051, 052, 053, 054, 055, 056, 057, 058, 059.

domingos quaresmais¹³⁷⁰, os sermões subsequentes à Páscoa¹³⁷¹, Oitava do Natal¹³⁷² e Oitava da Epifania¹³⁷³ e, por fim, as prédicas da Oitava da Páscoa¹³⁷⁴ e primeiro Domingo do Advento¹³⁷⁵. No que respeita aos Sermões festivos, os consagrados ao Natal do Senhor¹³⁷⁶ e à Ascensão do Senhor¹³⁷⁷ foram os mais suscetíveis a imagística militar, seguidos dos sermões da Epifania do Senhor¹³⁷⁸, Festa da Purificação de Maria¹³⁷⁹, Ressurreição do Senhor¹³⁸⁰ e Apóstolos Pedro e Paulo¹³⁸¹. Já das quatro homilias compostas em honra da Virgem, a única na qual recorreu a imagética militar destinou-se à Festa da Purificação de Maria¹³⁸². Quanto ao número de *Picturae* por prédica, a vasta maioria das prédicas antonianas perpassadas por imagens militares (17 ocorrências), exibem uma única figuração¹³⁸³; 10 prédicas contêm duas imagens bélicas¹³⁸⁴; quatro sermões encerram três representações¹³⁸⁵; três arengas comportam cinco *Picturae*¹³⁸⁶; um sermão apresenta quatro imagens narrativas¹³⁸⁷ e um outro, seis figurações militares¹³⁸⁸. A maior permeabilidade de certos sermões a imagens bélicas explica-se, no caso antoniano, menos pela ocasião a que se destinam as prédicas do que pelos assuntos que nelas aborda o menorita, algo que ressalta desde logo dos motes das arengas

Quanto às prédicas pelagianas nas quais foi possível identificar *Picturae* bélicas, a maior parte são sermões *De Sanctis* (26 ocorrências)¹³⁸⁹ e as restantes homilias destinam-se a outras solenidades litúrgicas (5 ocorrências)¹³⁹⁰. Do que decorre que os panegíricos para as festas dos santos configuram o conjunto de sermões da *Summa* mais

¹³⁷⁰ Ibid, 001, 002, 003-005, 006-011, 012,

¹³⁷¹ Ibid, 014-017, 018.

¹³⁷² Ibid, 061-065.

¹³⁷³ Ibid, 066, 067.

¹³⁷⁴ Ibid, 013.

¹³⁷⁵ Ibid, 060.

¹³⁷⁶ Ibid, 068-069.

¹³⁷⁷ Ibid, 073-074.

¹³⁷⁸ Ibid, 070.

¹³⁷⁹ Ibid, 071.

¹³⁸⁰ Ibid, 072.

¹³⁸¹ Ibid, 075.

¹³⁸² Ibid, 039.

¹³⁸³ Ibid, 001, 012, 013, 017, 019, 020, 023, 032, 057, 060, 066, 067, 039, 070, 071, 072, 075.

¹³⁸⁴ Ibid, 002-003, 004-005, 021-022, 036-038, 045-046, 047-048, 055-056, 058-059, 068-069, 073-074.

¹³⁸⁵ Ibid, 029-031, 033-035, 049-051, 052-054.

¹³⁸⁶ Ibid, 024-028, 040-044, 061-066.

¹³⁸⁷ Ibid, 014-017.

¹³⁸⁸ Ibid, 006-011.

¹³⁸⁹ Ibid, 076, 077, 078, 079, 080, 081, 082, 083-084, 085, 089, 090, 091, 092, 093, 094, 095, 096-097, 098, 099, 101, 102-103, 104, 105, 106-107, 108, 109, 110.

¹³⁹⁰ Ibid, 086, 087, 088, 10.

permeáveis à utilização de imagética militar na transmissão das suas mensagens (vid. gráfico 29).

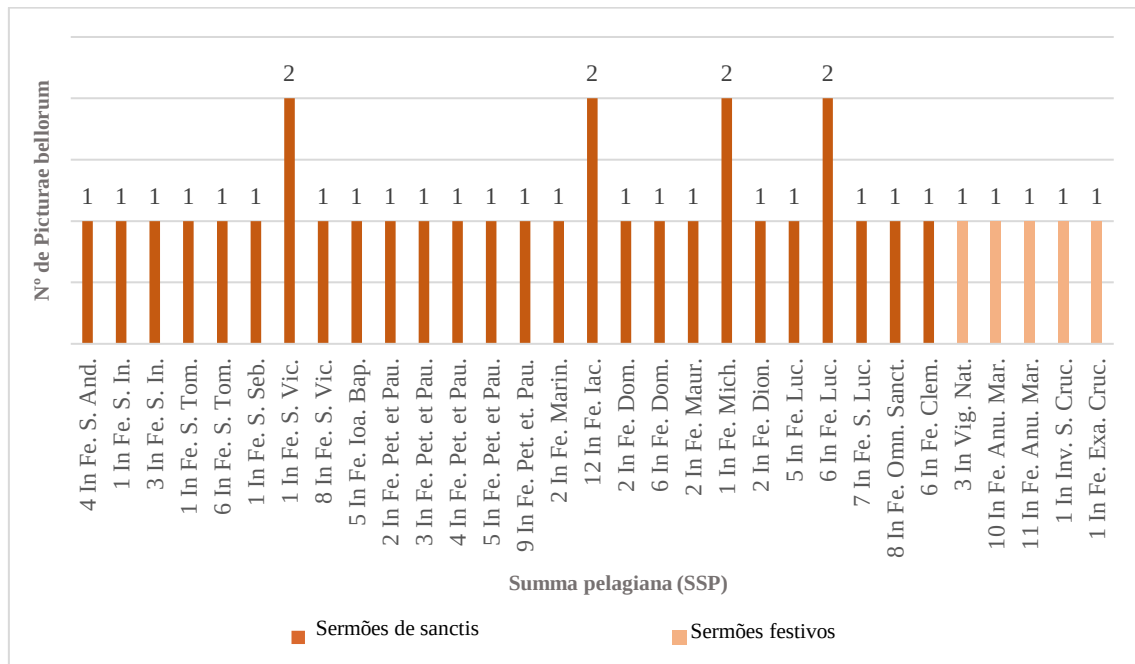


GRÁFICO 29 – CANAIS: DISTRIBUIÇÃO DE *PICTURAE BELLORUM* [SSP INDIVIDUALIZADO EM VALORES ABSOLUTOS]

Desse universo de sermões especificamente concebidos para as festas dos veneráveis do calendário litúrgico dominicano e hispânico, foram, por sua vez, as homílias escritas em honra de São Pedro e São Paulo que congregaram o maior número de *Picturae Bellorum* (5 ocorrências)¹³⁹¹. Abaixo delas, surgem entre os sermões mais sensíveis aos *topoi* da Psicomaquia os para a festa de São Lucas¹³⁹², as homílias para a solenidade de São Vicente¹³⁹³, as prédicas consagradas aos Santos Inocentes¹³⁹⁴, São Tomás¹³⁹⁵, São Tiago¹³⁹⁶, São Miguel¹³⁹⁷ e São Domingos¹³⁹⁸, e as arengas em honra de Santo André¹³⁹⁹, São Sebastião¹⁴⁰⁰, São João Batista¹⁴⁰¹, Santa Marina¹⁴⁰², São

¹³⁹¹ Ibid, 090, 091, 092, 093, 094.

¹³⁹² Ibid. 105, 106-107, 108.

¹³⁹³ Ibid. 083-084, 085.

¹³⁹⁴ Ibid, 078, 079.

¹³⁹⁵ Ibid, 080, 081.

¹³⁹⁶ Ibid, 096-097.

¹³⁹⁷ Ibid, 102-103.

¹³⁹⁸ Ibid, 098, 099.

¹³⁹⁹ Ibid, 076.

¹⁴⁰⁰ Ibid, 082.

¹⁴⁰¹ Ibid, 089.

¹⁴⁰² Ibid, 095.

Maurício¹⁴⁰³, São Dionísio¹⁴⁰⁴, Todos os Santos¹⁴⁰⁵ e São Clemente¹⁴⁰⁶. Flagrante, atendendo ao tema em questão, é, por sua vez, que do rol de prédicas consagradas pelo dominicano às festividades dos santos militares – São Sebastião, São Jorge, São João e São Paulo, São Tiago Apóstolo, São Maurício e Companheiros, São Miguel Arcanjo e São Martinho –, nem todas exibem *Picturae* bélicas, sendo o caso dos sermões consagrados a São Jorge, São Martinho e São João e São Paulo. Tão-pouco se pode afirmar que nas peças escritas em honra dos santos guerreiros nas quais foi possível identificar os temas da guerra espiritual se tenham concentrado a maioria das *Picturae Bellorum*, num dado bem indiciário do maior peso assumido pelo assunto abordado do que pela ocasião a que se destinam os sermões, no que à permeabilidade dos mesmos a imagética bélica diz respeito. No que concerne às prédicas compostas para outras solenidades litúrgicas, foram as consagradas à Festa da Anunciação de Maria as que melhor se coadunaram com os temas da guerra interior¹⁴⁰⁷, abaixo das quais surgem os sermões para a Vigília do Natal¹⁴⁰⁸ e as festas da Invenção¹⁴⁰⁹ e Exaltação da Santa Cruz¹⁴¹⁰. No que respeita ao número de *Picturae Bellorum* por sermão, na *Summa* a maioria das homilias com motivos militares (27 ocorrências) exibem apenas uma única imagem bélica¹⁴¹¹, sendo residuais os sermões nos quais esse número foi ultrapassado, ainda assim por pouco (4 ocorrências)¹⁴¹².

Particularizando agora a análise aos sermões contendo imagens bélicas afetas ao tema, constata-se que das prédicas enquadráveis neste lote, a larga maioria partiu do dominicano (21 ocorrências)¹⁴¹³ e apenas 10 do Doutor Evangélico¹⁴¹⁴. Daqui se infere a maior preponderância que, em termos absolutos, a Psicomaquia enquanto tema central ao sermão assumiu na obra de Frei Paio. Em termos relativos, contudo, este cenário inverte-se, verificando-se essa preponderância narrativa do tema em menos de um décimo das prédicas do dominicano e pouco mais desse valor nos Sermões de Santo António. Desse

¹⁴⁰³ Ibid, 101.

¹⁴⁰⁴ Ibid, 104.

¹⁴⁰⁵ Ibid, 109.

¹⁴⁰⁶ Ibid, 110.

¹⁴⁰⁷ Ibid, 086-087.

¹⁴⁰⁸ Ibid, 077.

¹⁴⁰⁹ Ibid, 088.

¹⁴¹⁰ Ibid, 100.

¹⁴¹¹ Ibid, 076, 078, 079, 080, 081, 082, 085, 089, 090, 091, 092, 093, 094, 095, 098, 099, 101, 104, 105, 108, 109, 110.

¹⁴¹² Ibid, 083-084, 096-097, 102-103, 106-17.

¹⁴¹³ Ibid, 080, 081, 082, 083-084, 085, 087, 088, 089, 092, 093, 095, 098, 099, 100, 101, 102-103, 104, 105, 106-107, 108, 109, 110.

¹⁴¹⁴ Ibid, 003-005, 006-011, 014-017, 024-028, 040-044, 047-048, 049-051, 052-054, 061-065, 067.

conjunto de prédicas da *Summa*, a maioria destina-se às festas dos santos, em particular, à solenidade de São Lucas, o venerável ao qual se destina o maior quantitativo de sermões encerrando figurações bélicas centrais à préica (3 ocorrências). São eles o quinto, sexto e sétimo panegíricos para a festa do Evangelista, cujos motes, desde logo indiciários dessa centralidade, são, respetivamente, “As quatro quadrigas e os quatro cavalos de Cristo”¹⁴¹⁵, “As três quadrigas e os quatro cavalos de Faraó ou do demónio”¹⁴¹⁶ e “A missão dos Evangelistas”¹⁴¹⁷.

Ao lado de São Lucas, outros santos viram os seus louvores estabelecidos em mais do que uma préica fortemente inspirada nos temas da *Psicomaquia* (2 ocorrências), como São Tomás, no primeiro e sexto sermões para a sua festa, tendo como motes “As virtudes do prelado”¹⁴¹⁸ e “O prelado, cidade fortificada”¹⁴¹⁹; São Vicente, no primeiro e oitavo panegíricos que lhe consagrou o conimbricense na *Summa*, sugestivamente intitulados “A vitória sobre os inimigos da alma”¹⁴²⁰ e “O gládio da morte do pecador e a paz do justo”¹⁴²¹; S Pedro e São Paulo, na quarta e quinta arengas concebidas para a celebração litúrgica dos dois apóstolos, tendo como temas “Os apóstolos, príncipes dos povos”¹⁴²² e “A exemplar amizade de São Pedro e São Paulo”¹⁴²³; e São Domingos, nos segundo e sexto sermões dedicados pelo conimbricense ao pai da Ordem dos Pregadores, cujos motes consistem em “As virtudes de São Domingos”¹⁴²⁴ e “São Domingos, guarda e porteiro do palácio do Senhor”¹⁴²⁵. Objetos de louvor numa única préica comportando temas militares afetos ao tema do sermão foram ainda São João Batista¹⁴²⁶, Santa Marina¹⁴²⁷, São Dionísio¹⁴²⁸, Todos os Santos¹⁴²⁹, São Clemente¹⁴³⁰ e os santos militares, São Sebastião¹⁴³¹, São Maurício e Companheiros¹⁴³² e São Miguel Arcanjo¹⁴³³. Mas o

¹⁴¹⁵ Ibid, 105.

¹⁴¹⁶ Ibid, 106.

¹⁴¹⁷ Ibid, 107.

¹⁴¹⁸ Ibid, 080.

¹⁴¹⁹ Ibid, 081.

¹⁴²⁰ Ibid, 083-084.

¹⁴²¹ Ibid, 085.

¹⁴²² Ibid, 092.

¹⁴²³ Ibid, 093.

¹⁴²⁴ Ibid, 098.

¹⁴²⁵ Ibid, 099.

¹⁴²⁶ Ibid, 089.

¹⁴²⁷ Ibid, 095.

¹⁴²⁸ Ibid, 104.

¹⁴²⁹ Ibid, 109.

¹⁴³⁰ Ibid, 110.

¹⁴³¹ Ibid, 082.

¹⁴³² Ibid, 101.

¹⁴³³ Ibid, 345.

dominicano conferiu igualmente grande dignidade aos temas da guerra interior em certas peças destinadas a outras solenidades: no *Décimo Primeiro Sermão da Festa da Anunciação de Maria*¹⁴³⁴; no *Primeiro Sermão da Festa da Invenção da Santa Cruz*¹⁴³⁵; e no *Primeiro Sermão da Festa da Exaltação da Santa Cruz*¹⁴³⁶.

Do lado antoniano, todos os sermões em que os temas da guerra interior assumiram uma posição de grande centralidade na economia narrativa se destinam às eucaristias dominicais, em particular, as subsequentes ao Pentecostes (5 ocorrências). Enquadram-se neste grupo de prédicas o *Sermão do Sétimo Domingo depois do Pentecostes*, subdividido num “Sermão alegórico e moral acerca da pequena cidade sitiada por grande rei”, num “Sermão acerca dos cinco livros de Moisés e sua interpretação e significado” e num “Sermão moral relativo ao átrio, à porta, ao meio e ao oráculo do templo e aos quatro cavalos e o seu significado”¹⁴³⁷; o *Sermão do XIII Domingo depois do Pentecostes*, repartido n’ “Um Tema sobre a queda do nosso primeiro parente, e a miséria do Redentor”, n’ “Um sermão moral sobre os sete filhos de Job, que são as sete beatitudes” e num “Sermão contra os hipócritas, e aqueles que procuram posições de honra”¹⁴³⁸; o *Sermão do XVII Domingo depois do Pentecostes*, subdividido num “Tema de sermão acerca do pregador e do prelado da Igreja e das suas armas” e num sermão sobre “O ternário maldito, que o Senhor destruiu na sua Paixão, para nos dar a paz”¹⁴³⁹; o *Sermão do XIX Domingo depois do Pentecostes*, desdobrado numa pregação sobre “A subida e renovação da alma”, num “Tema de sermão referente aos cinco filhos de Matatias e ao seu significado” e num “Tema de sermão sobre a mortificação da carne e a repressão dos sentidos”¹⁴⁴⁰; e, finalmente, o *Sermão do XX Domingo depois do Pentecostes*, composto por um “Tema para a Anunciação do Senhor” e por um sermão sobre “As três guerras. Fala-se da natureza da salamandra e do parda e das penas do inferno”¹⁴⁴¹.

Entretanto, o franciscano deu especial relevo aos temas da Psicomaquia também nas prédicas destinadas ao segundo e terceiro domingos da quaresma, concentrando-se aqueles, no caso da primeira, em três dos mais pequenos sermões nos quais se

¹⁴³⁴ Ibid, 181.

¹⁴³⁵ Ibid, 087.

¹⁴³⁶ Ibid, 100.

¹⁴³⁷ Ibid, 024, 025, 026, 207, 028.

¹⁴³⁸ Ibid, 040, 041, 042, 043, 044.

¹⁴³⁹ Ibid, 047, 048.

¹⁴⁴⁰ Ibid, 049, 050, 051.

¹⁴⁴¹ Ibid, 052, 053, 054.

compartimenta, concretamente, num “Sermão aos pregadores”, num “Sermão sobre a confissão, em que são necessárias cinco coisas” e num “Sermão contra os curiosos e acerca dos que só se dedicam às coisas do século”¹⁴⁴²; e, no caso da segunda, em cinco mais pequenas arengas, mais especificamente, um “Sermão ao pregador”, um “Sermão sobre a armadura do diabo e a luta do mesmo”, um “Sermão sobre a armadura de Cristo e a sua vitória”, um “Sermão contra os soberbos”, um “Sermão sobre a tríplice limpeza e a sua significação” e um “Sermão contra os tíbios”¹⁴⁴³. O mesmo se verificou ainda nos temas do Segundo Domingo depois da Páscoa¹⁴⁴⁴, do Primeiro Domingo depois da Oitava do Natal¹⁴⁴⁵ e do Segundo Domingo depois da Oitava da Epifania¹⁴⁴⁶.

Em suma, feita a análise das lógicas de distribuição das *Picturae Bellorum* pelos *Sermones* e pela *Summa Sermomum*, identificáveis com os canais no processo de comunicação narrativo em questão, é pacífico afirmar que, enquanto no sermonário antoniano o uso de imagética bélica teve um carácter ordinário, nas prédicas do dominicano encerrou uma natureza eminentemente extraordinária. Foi, contudo, na obra do dominicano que, em termos absolutos, a Psicomaquia enquanto tema central ao sermão assumiu maior preponderância, contrastando com o seu carácter mais marginal nas prédicas do menorita. Em todo o caso, num e noutro sermonários, a permeabilidade de determinadas prédicas a motivos bélicos parece decorrer menos da ocasião a que estas se destinam do que dos assuntos nelas abordados.

(4) Sinais e mensagens (de significantes a significados): *Picturae Bellorum*

Portadoras de um vasto leque de disposições de cariz moral, doutrinal e laudatório nos sermonários antoniano e pelagiano, as *Picturae Bellorum* correspondem aos SINAIS do diagrama semiótico de Eco, tornados MENSAGENS SIGNIFICANTES aquando da sua receção pelo aparelho visual do destinatário e MENSAGENS SIGNIFICADO depois da sua descricção pelo recetor (vid. [Diagrama 2](#)). Atentando nas noções veiculadas por tais imagens, sobressai a pluralidade de tópicos abordados por Santo António e Frei Paio junto dos seus confrades, que abrangem desde a angelologia à antropologia, da apologética ao

¹⁴⁴² Ibid, 003, 004, 005.

¹⁴⁴³ Ibid, 006, 007, 008, 009, 010, 011.

¹⁴⁴⁴ Ibid, 014, 015, 016, 017.

¹⁴⁴⁵ Ibid, 066.

¹⁴⁴⁶ Ibid, 067.

apostolado, da cristologia à demonologia, da eclesiologia à escatologia, da ética à hagiologia, da mariologia à penitência e à própria pregação. Transversais, muitos deles, às imagens bélicas contidas nos dois sermonários, estes assuntos estiveram, todavia, longe de ser equitativamente relevados por cada pregador nesse filão das suas obras, nem por isso deixando de ressaltar também do exercício comparativo tendências análogas a ambos (vid. [gráfico 30](#)).

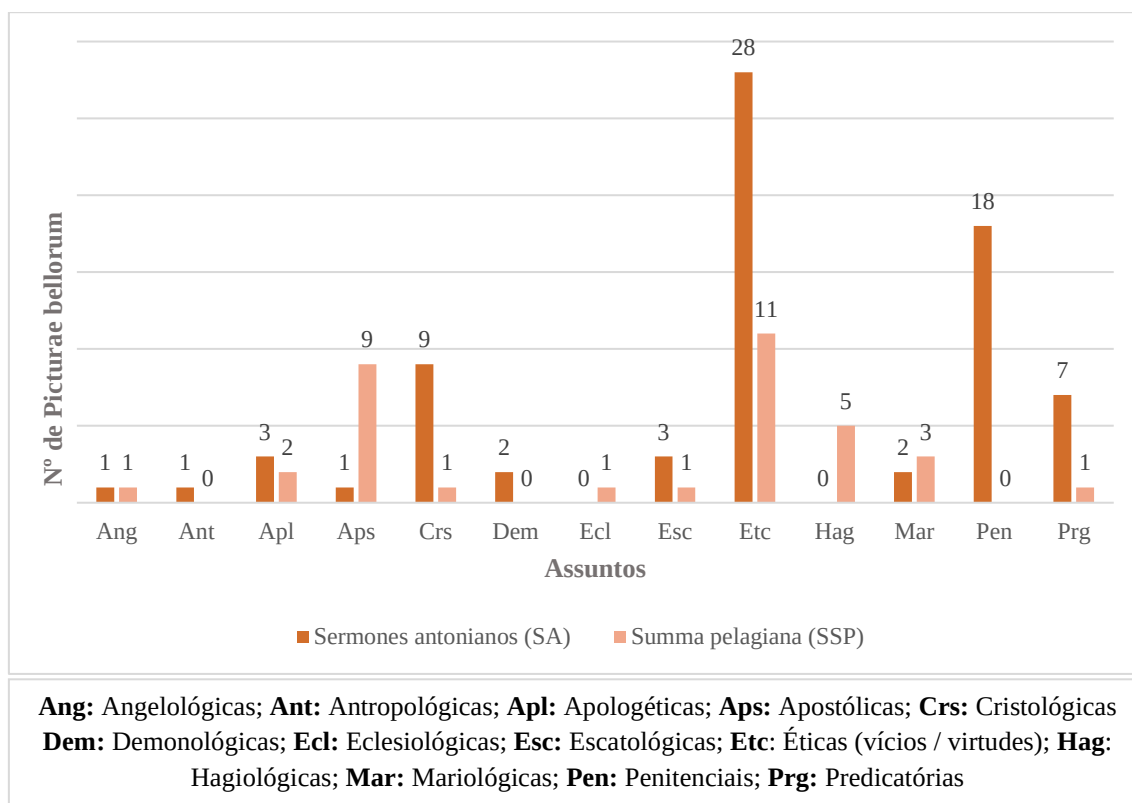


GRÁFICO 30 – SINAIS E MENSAGENS: ASSUNTOS DAS *PICTURAE BELLORUM* [SA E SSP_INDIVIDUALIZADO EM VALORES ABSOLUTOS]

(a) Mensagens éticas

Insinuando-se em nada menos que 28 das 77 *Picturae* bélicas que constam nos *Sermones antonianos* e em 11 das 35 que integram a *Summa pelagiana*, as disposições exemplares sobre os vícios e as virtudes do clero foram, em ambos os sermonários, as mais veiculadas em tais construtos, representando aproximadamente um terço do total (vid. [gráfico 30](#))¹⁴⁴⁷. O resultado é natural, considerando tanto a vocação pastoral do clero, como a conjuntura em que foram originadas as obras, numa altura em que se

¹⁴⁴⁷ Ibid, 001, 002, 009, 011, 013, 017, 021, 025, 026, 032, 036, 038, 041, 042, 043, 045, 047, 048, 055, 056, 058, 059, 066, 067, 070, 071, 073, 080, 081, 082, 084, 097, 098, 100, 101, 104, 107, 110.

multiplicavam as críticas contra as condutas reprováveis dos religiosos, por parte da população, em geral, e dos setores ditos heréticos, como o valdismo, em particular, colocando a própria sobrevivência da Igreja na estreita dependência da moralização dos costumes eclesiásticos¹⁴⁴⁸.

De entre as mensagens de cariz ético-moralizante veiculadas nas imagens bélicas presentes nos *Sermones* e na *Summa*, abundaram as advertências morais contra os vícios mortais¹⁴⁴⁹. A começar pela admoestação que o franciscano teceu contra o ternário maldito (“*maledicto ternario*”), formado pela gula, pela vanglória e pela avareza, no seu *Sermão do Primeiro Domingo da Quaresma*, em comentário ao episódio veterotestamentário da *Derrota e morte de Absalão* às mãos de Joab, onde afirmava serem tais vícios autênticas lanças (“*tres lanceas, idest gulam, vanagloriam et avaritiam*”) com as quais o Diabo trespassou o coração de Adão (“*in corde eius [Adami] tres lanceas diabolus infixit*”)¹⁴⁵⁰. Aos trespassados pelo Maligno com a terceira lança – os avarentos e os usurários –, caberiam, no lugar de dentes, armas e setas (“*arma et sagittae*”), usadas para devorarem os pobres e se apossarem das fortunas alheias (“*qui pauperes devorant et substantias aliorum sibi acquirunt*”)¹⁴⁵¹.

Para além destes vícios, o menorita condenou também a soberba, desta feita no *Sermão do Terceiro Domingo da Quaresma*. Nas suas palavras, guardava este vício a entrada do coração (“*atrium cordis*”) do soberbo, qual valente armado (“*Fortis armatus*”) que apenas a humildade, mais forte (“*Fortior est humilitas*”), sobrevivendo ao seu encontro, podia derrotar e despojar das armas dos cinco sentidos do corpo (“*Arma [...] sunt quinque sensus corporis*”). Era, afinal, dos sentidos corpóreos que a soberba se munia para dar luta às restantes virtudes (“*quibus quasi quibusdam armis ceteros impugnat*”)¹⁴⁵². A reprovação moral de que voltou a ser objeto este vício por parte do Santo, no seu *Sermão do Décimo Segundo Domingo depois do Pentecostes*, suscitou ainda a sua associação simbólica a uma espada de dois fios (“*rhomplaea*”), cujo golpe, ao atingir a Alma, provocaria duplo perecimento da mesma (“*Haec est, superbia, duplici morte interficiens animam*”)¹⁴⁵³.

¹⁴⁴⁸ Rema, “Introdução,” 76-8; Clemente, “Santo António e a reforma,” 209-13.

¹⁴⁴⁹ Vid. *Tabulae*, tabela C, 001, 009, 001, 017, 025, 026, 032, 036, 041, 042, 043, 056, 058, 059, 066, 070, 082, 097, 101, 104, 107. Cf. Joseph Delany, “Vice,” in *The Catholic Encyclopedia*, 320-5.

¹⁴⁵⁰ Vid. *Tabulae*, tabela A, 004I-V; tabela C, 001; tabela D, 004, 063, 068.

¹⁴⁵¹ Vid. *Tabulae*, tabela A, 029I-II; tabela C, 032; tabela D, 013, 079.

¹⁴⁵² Vid. *Tabulae*, tabela A, 008XXIX; tabela C 009; tabela D 013, 021, 058.

¹⁴⁵³ Vid. *Tabulae*, tabela A, 032I-II; tabela C, 036; tabela D, 038.

Quanto à tibieza e à ociosidade, o carácter pernicioso que, tal como a soberba, aportariam à alma foi enfatizado pelo Santo no *Sermão do Terceiro Domingo da Quaresma*. Aí, a propósito de um comentário ao episódio veterotestamentário do *Saque e incêndio de Ciclag pelos Amalecitas*, estabeleceu uma analogia entre tais vícios e a via pela qual toda a incursão demoníaca assalta a Alma, permitindo a sua tomada e destruição pelos espíritos malignos com o fogo da iniquidade, assim como a captura e perecimento de todas as suas virtudes (“*anima [...] a parte australi, idest a tepiditate et otiositate suae vitae, a malignis spiritibus capitur et igne iniquitatis succenditur, et quidquid virtutis intus est a minimo usque ad magnum captivatur.*”)¹⁴⁵⁴.

A prática da troca de favores espirituais e comércio de objetos sagrados por vantagens temporais, designada por simonia, que a reforma promovida por Gregório VII procurara, sem sucesso, sanar, foi outro dos vícios eclesiásticos fortemente reprovados por Santo António¹⁴⁵⁵. Desta feita, por intermédio de uma intrincada imagem convocada no seu *Sermão do Segundo Domingo depois da Páscoa*, relativa ao célebre e amplamente reproduzido episódio da *Visão dos quatro ginetes*, descritivo dos quatro cavaleiros apocalípticos montados sobre os corcéis branco, ruivo, preto e amarelo. No comentário feito a este episódio do *Apocalipse de São João*, o Santo socorre-se da imagem do Espírito, que se mostra montado sobre o corcel branco do Prelado casto (“*Equus albus significat corpus boni pastoris et Ecclesiae praelati. Hic equus debet esse albus albedine castitatis. Miles huius equi est spiritus*”), para receber o troféu da Vida eterna (“*bravium vitae aeternae*”), tendo por freio a Abstinência (“*quem freno abstinentiae refrenare*”), por esporas o Amor e o temor de Deus (“*calcaribus divini amoris et timoris*”), por arma um Arco composto pela corda flexível do *Novo Testamento* e pela rígida madeira do *Antigo* (do qual sai o Dardo da inteligência) (“*Arcus divinam Scripturam significat: per lignum vetus, per chordam, quuae remittit duritiam, novum Testamentum, per sagittam intelligentia vulnerans corda designatur*”) e por coroa a Pura intenção (“*Corona in capite est pura intentio in mente*”). Ao lado deste cavalgavam o Espírito da Ambição e da Glória Mundana, montado sobre o Corcel vermelho do prelado simoníaco (“*Equus rufus est ‘fur et latro, qui non intrat per ostium in ovile ovium’.* [...] *Qui per simoniam assequitur praelaturam fur est, officium pastoris simonia, tamquam nocte furva, usurpando, quia*

¹⁴⁵⁴ Vid. *Tabulae*, tabela A, 008XXXI-XXXIV; tabela C, 011; tabela D, 007, 027, 081.

¹⁴⁵⁵ N. Weber, “Simony,” in *The Catholic Encyclopedia*, eds. Charles G. Herbermann et al., vol. XIV (Nova Iorque: Robert Appleton Company, 1912), 250–8; Sobre a crítica deste vício pelo Santo vide Clemente, “Santo António e a reforma, 208.

quod alienum est suum facit. Sessor huius equi est spiritus ambitionis et gloriae temporalis”), empunhando a aguda e polida Espada da glória temporal (“*Gladius acutus et limatus est gloria temporalis*”); o Espírito do Negócio, montado sobre o Corcel negro do prelado mercenário (aquele que serve a Deus por amor ao dinheiro e às glórias temporais) (“*Equus niger est mercenarius. Sessor equi nigri, idest, mercenarii est spiritus negotiationis*”), segurando na mão a Balança do engano (pois as suas pregações não correspondem às obras que pratica) (“*Hic habet in manu stateram dolosam. Ecclesiae mercenariu, qui, saecularibus negotiis implicitus, curam non habet de Dei ovibus.*”); e o Diabo, montado sobre o Corcel amarelo do tirano deste mundo (“*Hic est equus quartus [...] Sicut miles per equum, sicut diabolus, cui nomen est mors*”), matando por onde passa, inibindo os prelados de confessarem os seus pecados, devorando os avarentos e destruindo as hierarquias da Igreja, com a Espada da má persuasão, a Fome da palavra divina, a Morte do pecado mortal e as Feras dos impulsos carnis (“*interfecere gladio “malae persuasionis, fame divini verbi”, morte mortalis peccati, est bestiis terrae, idest primis motibus carnis miserae*”)¹⁴⁵⁶.

Ampliando o rol de vícios contra os quais Santo António advertiu os seus confrades recorrendo às *Picturae* bélicas que perpassaram as suas prédicas, está outro pecado mortal: a luxúria. Veja-se a vívida gravura do Apetite carnal que pintou no seu *Sermão do Sétimo Domingo depois do Pentecostes* ao interpretar uma citação extraída do *Eclesiastes*, descritiva de um cerco posto por um grande rei a uma cidade em que habitavam poucos homens, de onde os invasores se veem repelidos pela sabedoria de um homem pobre e sábio. Mostra-o a cercar a Alma (“*Iste rex magnus vallat animam*”) e os Afetos da razão, seus habitantes (“*Viri animae sunt rationis affectus*”), com as Estacas aguçadas dos primeiros movimentos (“*acutis palis primorum motuum*”) e as Fortificações dos maus pensamentos e dos deleites carnis (“*munitiones pravaram cogitationum et carnalium delectationum*”) e a ser subsequente afastado pela Graça do Espírito Santo (“*Veniat vir pauper, idest Sancti Spiritus gratia [...] et liberet a tam gravi obsidione animam*”)¹⁴⁵⁷. Para proteção contra tão nefasto inimigo, impunha-se aos menoritas envergar diversos elementos da armadura espiritual paulina: o Cinturão da verdade (“*State succincti lumbos vestros in veritate*”), a Couraça da justiça (“*induite lorica m iustitiae*”), as Sandálias do anúncio do Evangelho da paz (“*calceati pedes in*

¹⁴⁵⁶ Vid. *Tabulae*, tabela A, 015IX-XVIII; tabela C, 017; tabela D, 010, 028, 029, 038, 039, 047, 070, 079, 089. Cf. Martins, *Alegorias, símbolos e exemplos*, 65–6; *A Bíblia na Literatura*, 29–31.

¹⁴⁵⁷ Vid. *Tabulae*, tabela A, 027XII; tabela C, 025; tabela D, 030, 046, 092.

praeparatione evangelii pacis”), o Escudo da fé (“*scutum fidei*”), o Elmo da salvação (“*galeam salutis*”) e a Espada do Evangelho (“*gladium spiritus quod est verbum Dei*”)¹⁴⁵⁸. Mas, claro está, à Guerra do lascivo deleite dos sentidos (“*in bello sensuum lasciviens delectatio designatur*”) apenas Deus a purgava da consciência, aquando da confissão dos pecados (“*Haec Dominus de terra tunc conterit, cum turbam tumultuantem de domo conscientiae eicit, qua eiecta, intrat, intrans pacificat*”)¹⁴⁵⁹.

Alvo das críticas do Santo foi também a grande fome, ou ardente desejo de bens temporais (“*fames magna, idest ardens desiderium temporalium*”), numa imagem presente no *Sermão do Sétimo Domingo depois do Pentecostes*, nascida da interpretação moral do menorita sobre o episódio do *Cerco de Samaria*. Um mal que, nas suas palavras, se abate sobre a Alma fiel (ou a Igreja), quando sitiada e despojada do alimento da graça pelo Diabo (“*Ecclesia, vel anima, dum a diabolo obsidetur, paulatim refectio gratiae subtrahitur qua subtracta*”). Levava os pecadores à troca das Oitenta moedas argêntas das oito bem-aventuranças do corpo (a Claridade, a Agilidade, a Subtileza e a Imortalidade corpóreas) e da Alma (a Sabedoria, a Alegria, a Concórdia entre a carne e o espírito, e a Amizade para com Deus e para com o próximo) (“*Istos argenteos dant infelices peccatores*”) pela Cabeça de jumento da sabedoria mundana (“*ut emant caput asini, idest stoliditatem asininam, idest huius mundi sapientiam*”) e ainda ao câmbio das Cinco moedas de prata das cinco virtudes cristãs (a Inocência baptismal, a Piedade da religião, o Espírito devoto, a Confissão dos pecados e o Amor para com Deus e para com o próximo) (“*Quinque argentei sunt quinque virtutes*”) pela quarta parte do Esterco dos bens temporais (“*Stercora, [sunt] temporalia*”)¹⁴⁶⁰.

Mais do que a fome que atinge a alma ou a Igreja cercadas pelo Diabo, a falta de bens temporais era ainda para o franciscano a Espada que consome os carnaís (“*defectiva temporalium prosperitas intelligitur, cui carnales serviunt a qua si decesserint credunt se fame et gladio comsumi*”)¹⁴⁶¹ não fosse, afinal, para eles que se precipitam a alta velocidade os Carros de guerra dos sentidos corpóreos (“*Quadrigar Aminadab sunt sensus corporis*”), perturbando a razão com o Tumulto dos maus pensamentos (“*tumultu malarum cogitationum*”) à sua passagem ¹⁴⁶².

¹⁴⁵⁸ Vid. *Tabulae*, tabela A, 046VIII-XX; tabela C, 056; tabela D, 024, 031, 032, 033, 037, 038, 076.

¹⁴⁵⁹ Vid. *Tabulae*, tabela A, 049III-IV; tabela C, 059; tabela D, 010, 038, 052.

¹⁴⁶⁰ Vid. *Tabulae*, tabela A, 027XIII; tabela C, 026; tabela D 019, 075.

¹⁴⁶¹ Vid. *Tabulae*, tabela A, 038III; tabela C, 041; tabela D, 038.

¹⁴⁶² Vid. *Tabulae*, tabela A, 049II; tabela C, 058; tabela D., 009, 074.

A ambição de poder foi outro dos vícios estigmatizados pelo Santo. Daí que no seu *Sermão do Décimo Terceiro Domingo depois do Pentecostes* tenha conjurado a imagem do fim violento do Prelado ambicioso, prefigurado no episódio veterotestamentário da *Morte de Abimelec no cerco a Tebas*: ao aproximar-se o iníquo da Torre da altura da dignidade eclesiástica, para a expugnar (“*Turris est altitudo dignitatis, ad quam expugnandam accedit.*”), via ser-lhe esmagado o propósito pela Pancada do juízo rigoroso (“*ipse dissipabitur percussione districti iudicii*”), provocada pelo Pedaco de mó da solicitude (“*fragmen molae [...] est sollicitudo ambitiosi*”), que a carne arremete do cimo das ameias (“*Et ecce mulier etc. Mulier ista caro est*”). Tal como Abimelec, o ambicioso acabava assim por perecer às mão do seu escudeiro, a Hipocrisia (“*Armiger, ”qui arma gerit” et cum ipsis non pugnat, est hypocrisis, per quam infelix Abimelech magis vult perire quam per mulierem, idest per opera carnalia.*”)¹⁴⁶³.

Quanto à sede de riquezas, as nefastas consequências que, no seu entendimento, encerrava para os pregadores transparecem da imagem mostrada ao leitor no *Sermão do Primeiro Domingo depois da Oitava da Epifania*: a conversão dos Pregadores ricos num arco falso (“*arcus dolosus*”) que, ao invés de mandar Setas de vida santa e de doutrina e ferir o adversário, manda Setas de vida perversa e de blasfémia contra o Senhor (“*mittere sagittas sanctae vitae et doctrinae, et percutere adversarium, mittunt sagittas perversae vitae et blasphemiae contra Dominum.*”)¹⁴⁶⁴.

Pouco menos numerosas do que as disposições exortativas ao combate de certos vícios imaginadas por Santo António foram as idealizadas pelo dominicano que, por exemplo, promovendo uma concordância entre um versículo do *Livro de Job* – “*Disparou as suas setas contra mim, atravessou os meus rins sem piedade*” (“*Posuit me sibi quasi signum, etc. [circumdedit me lanceis suis, convulneravit] usque lumbos meos.*”) – e o episódio hagiográfico da *Paixão de São Sebastião* – em que o santo foi sagitado a mando do imperador Diocleciano pela sua fé e brandura para com os prisioneiros cristãos –, no primeiro sermão para a festa deste santo procurou com este atributo dominante da sua iconografia¹⁴⁶⁵ advertir os seus confrades contra o perigo do trespassamento pelas flechas da Luxúria, da Inveja, e da Idolatria (“*Sagitte igitur persecutorum sunt temptationes demoniorum quibus [...] Quidam uero deficiunt ut Ananias et Saphira. [...] tales sunt:*

¹⁴⁶³ Vid. *Tabulae*, tabela A, 038IV-V; tabela C, 042; tabela D, 001, 036, 072, 088.

¹⁴⁶⁴ Vid. *Tabulae*, tabela A, 056I-II; tabela C, 066; tabela D, 010.

¹⁴⁶⁵ Maria João Toscano Rico, *São Sebastião* (Lisboa: Centro de Estudos Clássicos – FLUL, 2013), 10; André Simões, “S. Sebastião, mártir de ontem e de hoje,” in *Os Santos e a Identidade*, 93.

Luxuriosi [...] Inuidi [...] Augures uel ydolatre”). Somavam-se-lhes ainda a seta, especialmente aguçada, da Detração (“*sagitta [...] Detractionis, ualve acuta est.*”), passível de defletir apenas com o Escudo da boa vontade (“*Detractionis, tegat te Christo scuto bone uoluntatis*”), e o Dardo da adulação (“*sagitta [...] Adulationis, toxicata est melle maledictionis et ideo suauiter interfecit auditores per dulcedinem uane laudis.*”), envenenado com o doce mel e o vinho do vão louvor, defletível apenas com o escudo da verdade (“*Adulationis, tegat te Christo scuto ueritatis*”)¹⁴⁶⁶.

Mais penoso que o castigo reservado aos luxuriosos, aos invejosos, aos idólatras, aos detratores e aos adutores, condenados a perecer trespassados pelas flechas diabólicas, era ainda, para Frei Paio, a punição que impendia sobre os que se alegravam com o infortúnio dos justos. Contra estes se pronunciou igualmente, desta feita no *Segundo sermão da festa de São Maurício e companheiros*, tomando o tema do seguinte versículo de Ben Sira: “*Aqueles que se alegram com a dor dos piedosos, perecerão na armadilha e a dor os consumirá ainda vivos*” (“*Laqueo peribunt, etc. [qui oblectantur casu iustorum, dolor autem consumet illos antequam] usque moriantur.*”). Segundo o conimbricense, aos que incorriam em tão grave delito, estava reservada a morte por estrangulamento, tal como ao imperador Maximiliano, responsável pela dizimação da legião tebana, de que São Maurício fora primicério. Nas suas palavras, para arrastar os pecadores para a armadilha da geena (“*laqueum gehenne*”), o Diabo começava por os constriuir (“*stringit eos*”) com a armadilha dos múltiplos pecados (“*laqueo multiplicis culpe*”), a saber: a Luxúria, a Avareza, a Soberba, a Falsa adulação, o Mau exemplo, ou má vida, a Deceção herética e a Eterna condenação¹⁴⁶⁷.

Já as batalhas a travar por todos os que desejassem evitar semelhante destino, foram elencadas pelo dominicano no *Segundo sermão da festa de São Dionísio*, onde fez concordar a descrição bíblica do célebre *Cavalo de guerra de Job*, que “*De longe, fareja a batalha, a voz atroadora dos chefes e o alarido dos exércitos.*” (“*Procul odoratur bellum, etc. [exhortationem ducum, et ululatum] usque exercitus.*”) com o que se diz na sua hagiografia, de como, estando na Grécia, se inteirou das perseguições movidas em Roma por Nero contra os primeiros cristãos. Identificou aí as batalhas contra a Tentação futura (“*bellum [...] temptationis future*”), as Maldades dos hereges (“*bellum [...] prauitatus heretice*”), o Povo pagão (“*bellum [...] gentis pagane*”), a Riqueza (“*bellum*

¹⁴⁶⁶ Vid. *Tabulae*, tabela B, 107I-XV; tabela C, 082; tabela D, 006, 010, 011, 037, 053, 054, 079. Cf. Martins, *Alegorias, símbolos e exemplos*, 98.

¹⁴⁶⁷ Vid. *Tabulae*, tabela B, 342I; tabela C, 101; tabela D, 012.

[...] *multe pecunie*”), a Perseguição movida pelo Anticristo (“*bellum [...] persecutionis extreme, id est, Antichristi*”) e a Perseguição à Igreja primitiva (“*bellum [...] persecutionis primitiue Ecclesie*”), cada qual sentida de longe, respetivamente, pelo Justo (“*odoratur discretus iustus*”), o Pregador ferveroso (“*odoratur predicator feruidus*”), o Príncipe católico (“*odoratur princeps catholicus*”), o Cobiçoso (“*odoratur aduccatus cupidus*”), os Patriarcas, os Profetas, Cristo, os Apóstolos e os Pregadores modernos (“*odorati sunt ¶ patriarche ¶ prophete ¶ Christus ¶ apostoli ¶ et predicatorum moderni*”) e, por fim, por São Dionísio e restantes mártires (“*odoratus fuit beatus Dionisius et ceteri martires*”)¹⁴⁶⁸.

Frei Paio foi ainda mais longe na alegoria militar no âmbito da advertência moral que dirigiu contra os vícios da malícia, da luxúria e da avareza, no seu *Sexto Sermão da festa de São Lucas Evangelista*, ao recuperar do trigésimo nono sermão sobre o *Cântico dos Cânticos*, de São Bernardo, a imagem da destruição, pelos carros de guerra de Cristo, das três quadrigas do Diabo, figuradas nas quadrigas do exército do Faraó: a Quadriga da malícia (“*De prima quadriga, habet malicia currum suum*”), que andava sobre as rodas da Cólera, da Impaciência, da Ousadia e da Imprudência (“*rotis III^{or} consistentem, quarum ¶ prima seuitia ¶ II^a, impatientia ¶ III^a, audacia ¶ IIII^a, impudencia*”), puxada pelos cavalos do Poder mundano e do Fausto secular (“*trahitur autem duobus equis: ¶ primo, terrena potencia, ¶ II^o, seculari pompa*”), tendo por aurigas a Arrogância e a Inveja (“*aurige ¶ primus, tumor ¶ et II^{us} liuor*”); a Quadriga da luxúria (“*De II^a, habet luxuria quadrigam suam*”) que, assente sobre as rodas dos Prazeres da mesa, dos Desejos sexuais, da Moleza dos vestidos e do Relaxamento do ócio e do sono (“*rete eius ¶ prima ingluuiens uentris ¶ II^a, libido cohitus, ¶ III^a, mollicies uestium ¶ IIII^a, ocii soporisque resolutio*”), era puxada pelos cavalos da Vida próspera e da Abundância de riquezas (“*Duo equi ¶ primus, prosperitas uite ¶ II^{us}, rerum habundantia*”), tendo por aurigas o Torpor da indolência e a Falsa confiança (“*aurige ¶ primus, ignauie torpor ¶ II^{us}, infida securitas*”); e ainda a Quadriga da avareza (“*De III^a, habet auaritia quadrigam*”), que andava sobre a Mesquinhez, a Desumanidade, o Desprezo de Deus e o Esquecimento da morte (“*cuius rote: ¶ prima pusillanimitas ¶ II^a, inhumanitas ¶ III^a, contemptus Dei ¶ IIII^a, mortis obliuio.*”), sendo puxada pelos cavalos da Rapacidade e da Tenacidade (“*Duo equi ¶ primus, rapacitas ¶ II^{us}, tenacitas*”)¹⁴⁶⁹.

¹⁴⁶⁸ Vid. *Tabulae*, tabela B, 358I-IX; tabela C, 104; tabela D, 029, 057.

¹⁴⁶⁹ Vid. *Tabulae*, tabela B, 367IV-IX; tabela C, 107; tabela D, 015, 029, 043, 074. Cf. Martins, *Alegorias, símbolos e exemplos*, 90–1.

À margem das disposições veiculadas por Santo António e Frei Paio nas *Picturae* bélicas dos seus sermonários não ficaram mensagens exortativas ao cultivo de determinadas virtudes¹⁴⁷⁰. Por exemplo, a importância da discrição na evasão dos pecados carnis e de outras tentações diabólicas insinuou-se no sermonário antoniano em duas imagens muito semelhantes, resultantes da interpretação que do mesmo passo bíblico do *Livro de Job* – o do cavalo de guerra que “Cheira de longe a batalha, a exortação dos capitães e o alarido do exército” (“*odoratur bellum, exhortationem ducum et ululatum exercitus*”): primeiro, no *Sermão Segundo Domingo da Quaresma*, onde a discrição é o nariz da alma fiel (“*Anima enim fidelis naso, idest virtute discretionis*”), com que pressente de longe a batalha da carne (“*bellum carnis*”), as sugestões da razão vã (“*suggestiones vanae rationis*”) e as tentações do demónio (“*tentationes daemonum*”)¹⁴⁷¹; e, de novo, no *Sermão da Festa da Purificação de Maria Virgem Santíssima*, onde tal virtude é, por sua vez, o olfato (“*odoratu discretionis*”) que permite ao varão justo (“*viro iusto*”) acautelar-se das tentações subtis (“*subtiles tentationes*”) e do apetite carnal (“*carnalis appetitus*”)¹⁴⁷².

Na razão, virtude intelectual, Santo António achava outra qualidade indispensável a todos os religiosos, como resulta evidente da imagem perfilada no *Sermão do Domingo na Oitava da Páscoa*, fruto da leitura do seguinte versículo do *Cântico dos Cânticos*: “Formosa és e engraçada, filha de Jerusalém, terrível como um exército em ordem de batalha.” (“*Pulchra es, et decora, filia lerusalem, terribilis, ut castrorum acies ordinata.*”). Trata-se da imagem do apavoramento dos espíritos imundos (“*immundis spiritibus*”) pela Alma que deve ordenar os afetos da razão e os pensamentos do entendimento como é ordenado um exército pronto a combater contra os inimigos (“*affectus rationis et cogitationes mentis ita ordinaverit, sicut acies militum contra hostes pugnatura est ordinata.*”)¹⁴⁷³.

Quanto à fé em Cristo, pelas propriedades protetoras que supunha para a alma dos que a nutriam, o franciscano viu-a, no seu *Sermão do Terceiro Domingo depois do Pentecostes*, simbolizada no escudo erguido por Josué contra a cidade de Hai a mando de Deus, aquando da sua conquista. Dizia: “o escudo na mão é a fé posta por obras. Quando a elevamos dos bens terremos, Hai, que se interpreta montão de pedras, e simboliza a

¹⁴⁷⁰ Vid. *Tabulae*, tabela C, 002, 013, 021, 038, 045, 047, 048, 055, 067, 071, 073, 080, 081, 084, 098, 100, 110. Cf. Martin Augustine Waldron, “Virtue,” *The Catholic Encyclopedia*, 270–8.

¹⁴⁷¹ Vid. *Tabulae*, tabela A, 006I; tabela C, 002; tabela D, 018, 025, 029, 042.

¹⁴⁷² Vid. *Tabulae*, tabela A, 06 I; tabela C, 071; tabela D, 025, 029, 042.

¹⁴⁷³ Vid. *Tabulae*, tabela A, 014I-II; tabela C, 013.

abundância de bens temporais, é tomada e incendiada. [...] Eleva o escudo (“*Clypeum*”) com a mão e contra Hai quem faz acompanhar a fé de obras. Com elas devasta, pelo seu desprezo, a soberba e a abundância do mundo.” Assim, concluía, apenas os soberbos e os avarentos descartavam o escudo da fé “na esterqueira das riquezas, enquanto procuram os bens temporais.” (“*sterquilinum divitiarum abiciunt, dum ipsa temporalia quaerunt.*”)¹⁴⁷⁴. A obrigação moral dos fiéis em levarem à Santa Igreja o dom da fé no Verbo Encarnado, assim como as propriedades salvíficas reconhecidas pelo menorita a esta virtude teologal, estão ainda patentes na imagem convocada no *Sermão do Décimo Segundo Domingo depois do Pentecostes*: a da proteção da fortaleza da alma no interior da cidade forte da Igreja (“*Ecclesia, est urbs fortitudinis nostrae, ”extra quam non est salus”*”), munida do muro da divindade e do antemuro da humanidade do Salvador (“*in qua Salvator noster fuit positus murus et antemurale. Murus, divinitas; antemurale ipsius est humanitas*”)¹⁴⁷⁵.

O bom prelado devia aliar às virtudes da Discrição, da Razão e da Fé no Verbo Encarnado a Boa vontade, a Humildade, a Constância, o Duplo amor e a Temperança, ou, conforme o expôs o Santo no *Sermão do XXI Domingo depois do Pentecostes*, devia apetrechar-se, como soldado de Deus (“*miles Dei*”), com o cavalo da boa vontade (“*equum bonae voluntatis*”), com a sela da humildade (“*sellam humilitatis*”), com os estribos da constância (“*strepas constantiae*”), com as esporas do duplo amor (“*calcaria gemini timoris*”), com o freio da temperança (“*frenum temperantiae*”), com o escudo da fé (“*clipeum fidei*”), com a couraça da justiça (“*loricam iustitiae*”), com o capacete da salvação (“*galeam salutis*”) e com a lança da caridade (“*lanceam caritatis*”); ora para sua proteção contra a invasão dos inimigos da Soberba, do Ócio, da Dor da pobreza e da Consolação das riquezas – a enfermidade de Cafarnaum (“*infirmas Capharnai*”) –, ora para combater os Vícios da carne e da alma (“*vitia carnis et animae*”), os Demónios (“*daemones*”), os que têm poder sobre os pecadores (“*eos qui super hos possunt, qui in tenebris peccatorum sunt*”), os que conduzem à morte dos mundanos (“*mundanorum [...] interitum ducentes*”), e o Espírito mau, em vista dos bens celestes (“*spiritus nequam [...] pro caelestibus*”)¹⁴⁷⁶.

¹⁴⁷⁴ Vid. *Tabulae*, tabela A, 023I-V; tabela C, 021; tabela D, 037, 055.

¹⁴⁷⁵ Vid. *Tabulae*, tabela A, 032IV-VI; tabela C, 038; tabela D, 080.

¹⁴⁷⁶ Vid. *Tabulae*, tabela A, 046I-VII; tabela C, 055; tabela D, 024, 028, 032, 037, 039, 041, 047, 049, 068, 078.

Mas não fica completo o elenco das virtudes consideradas pelo franciscano como necessárias a todo o religioso, sem as exaltadas no seu *Sermão do Segundo Domingo depois da Oitava da Epifania*, a saber: a Castidade do corpo (“*castitas corporis*”), o Amor da pobreza (“*amor paupertatis*”), a Excelência da dupla caridade (“*excellencia geminae caritatis*”) e o Propósito da perseverança final (“*propositum perseverantiae finalis*”). Ao lado da Humildade do espírito (“*humilitas mentis*”), já antes sublimada pelo Santo, acorriam em socorro do Varão justo (“*virum instum*”) sempre que o Diabo reunia contra este o seu exército dos vícios (“*exercitu vitiorum*”). Vinham estas, de resto, montadas sobre os cavalos da boa vontade (“*Hae, in equis bonae voluntatis*”), adornados com os freios da abstinência e da disciplina (“*frenis abstinentiae et disciplinae*”), feitos de ouro, pela discrição (“*aureis discretione*”)¹⁴⁷⁷.

Quando às qualidades distintivas dos que se encarregavam do ofício da pregação – muitas delas análogas às exigíveis do bom prelado –, a Perseverança, a Paciência, a Caridade e a Pregação posta em obras foram tidas como fundamentais. É o que se infere da representação feita do pregador nos sermões do *XIV Domingo depois do Pentecostes* e *XVII Domingo depois do Pentecostes* fez o menorita do pregador, a quem dizia aludirem os seguintes versículos do *Livro de Job*: “*Exulta com brio, corre ao encontro dos armados. Despreza o pavor e não cede à espada.*” (“*Exultat audacter, in occursum pergit armatis. Contemnit pavorem, nec cedit gladio.*”). Assim, nas suas palavras, o pregador devia exultar com o brio da inquebrantabilidade perante a adversidade (“*Prædicator exultat audacter, quia adversis non frangitur*”), avançar ao encontro dos armados de perversidade e malícia (“*In occursum pergit armatis, quia prave ac male agentibus sese pro defensione iustitiae opponit*”) e desprezar o pavor da pena vindoura e a espada da pena presente (“*In pavore ventura poena metuitur, in gladio iam poena de praesenti percussione sentitur.*”)¹⁴⁷⁸; devia sair a ferir o diabo sediado no coração do pecador (“*egressio eius ad percutiendum diabolum, qui habitat in corde peccatoris*”), equipado com a couraça da paciência (“*patientiae lorica*”), entretecida pelos vínculos da inflexível caridade (“*vinculis inflexibilis caritatis*”), o Cinturão da verdade (“*State succincti lumbos vestros in veritate*”), as sandálias do anúncio do Evangelho da paz (“*calceati pedes Praeparatione evangelii pacis*”), o escudo da fé (“*scutum fidei*”), o elmo da salvação (“*galeam salutis*”) e a espada da palavra de Deus, com o que podia proteger os acampamentos das almas dos fiéis (“*Et protegebat castra gladio suo, idest verbo Dei*’

¹⁴⁷⁷ Vid. *Tabulae*, tabela A, 057VIII-XI; tabela C, 067; tabela D, 028, 029, 042, 047, 057, 060, 066, 087.

¹⁴⁷⁸ Vid. *Tabulae*, tabela A, 039I; tabela C, 045; tabela D, 029, 038.

sibi credito; quo animas fidelium a tribus debet protegere)¹⁴⁷⁹ contra a tentação da carne (“*tentatione carnis*”), a adversidade do mundo (“*mundanae adversitatis*”) e a incursão do demónio (“*incursu hostis, idest daemonis*”) ¹⁴⁸⁰; e devia atravessar com as suas hostes o rio da pregação (“*flumen prædicationis*”), indo da margem das palavras (“*ripa verborum*”) à margem das obras (“*ripa verborum*”), assim ponto em fuga o Diabo com todo o seu exército¹⁴⁸¹.

Para terminar o elenco das mensagens ético-moralizantes veiculadas por Santo António e por Frei Paio nas suas *Picturae Bellorum*, importa ainda deitar um olhar sobre as virtudes que o dominicano mais procurou incitar os seus confrades a cultivar. Às que deviam enformar a conduta do bom prelado – coragem, predisposição para o anúncio do Evangelho, agilidade das obras e da contemplação, desejo de martírio e desprezo pelos bens temporais – enumerou-as, em parte, o conimbricense, no *Primeiro Sermão da festa de São Tomás Bispo e Mártir*, identificando-as com os atributos possuídos por este homem venerável, comparável, nas suas palavras, a um cavalo de Deus (“*de beato Thoma martire dicitur quasi de equo Dei*”) que, fortalecido pela audácia de coração (“*Audacia cordis*”) contra a pusilanimidade (“*pusillanimitatem*”), revestido da graça da pregação (“*Gratia predicationis*”) contra a taciturnidade (“*taciturnitatem*”) e dotado da agilidade das obras e da contemplação (“*Agilitas actionis et contemplationis*”) contra a tardança do ócio (“*pigricie tarditatem*”), resfolegara perante a morte iminente (“*propinque occisionis*”), escoicinhara fora a terra da cobiça mundana (“*terrene cupiditatis*”), exultara com a boa consciência (“*bone consciencie*”), correria ao encontro do halo da santidade (“*aureole*”), desprezara a ameaça (“*comminationis*”) e não recuara perante o golpe da degolação iminente (“*ictum presentis iugulationis*”) ¹⁴⁸².

Todavia, para Frei Paio, não se esgotavam ainda nas virtudes reconhecidas ao seu correligionário São Tomás as qualidades exigidas ao prelado da Igreja. Pedia-se-lhe igualmente, como o referiu o dominicano no seu sexto sermão dedicado à festa do mesmo santo, a capacidade de gerar concórdia entre os fiéis, paciência, auxílio aos fracos e necessitados e dotes apologéticos, pois Deus estabelecera-o, ora como cidade fortificada (“*debet prelatus esse ciuitas munita*”), promotora da harmonia entre os súbditos (“*concordiam inter subditos faciendo*”) e apta a suportar pacientemente as injustiças

¹⁴⁷⁹ Vid. *Tabulae*, tabela A, 042I-IV; tabela C, 047; tabela D, 005, 024, 038, 039, 045, 057, 065.

¹⁴⁸⁰ Vid. *Tabulae*, tabela A, 042I-IV; tabela C, 047; tabela D, 005, 024, 038, 039, 045, 057, 065.

¹⁴⁸¹ Vid. *Tabulae*, tabela A, 042VIII-X; tabela C, 048; tabela D, 065, 068, 087.

¹⁴⁸² Vid. *Tabulae*, tabela B, 075I-VI; tabela C, 080; tabela D, 029. Cf. Martins, *Alegorias, símbolos e exemplos*, 94.

(“*pacienter iniurias sustinendo*”); ora como coluna (“*debet prelatus esse [...] columna*”), capaz de sustentar os fracos e necessitados (“*infirmos et debiles sustentando*”); ora ainda como muralha (“*debet prelatus esse [...] murus*”), expondo-se ou opondo-se aos adversários da Igreja (“*se aduersariis exponendo uel opponendo*”)¹⁴⁸³.

Quanto às armas, ou virtudes, pelas quais podiam triunfar sobre os seus inimigos todos os que, como São Vicente, desejassem ser recompensados com o maná da vida eterna, foram elencadas pelo contemporâneo de Santo António no primeiro sermão para a festa do mártir hispânico, recorrendo à etimologia do seu nome já que, “em todo o catálogo dos mártires de Cristo dificilmente se encontra um atleta (“*athleta*”) que tenha tantas vitórias: São Vicente venceu, de facto, na vida e na morte, na terra e no mar. Venceu o próprio Daciano, que se assemelhava a um furibundo cavalo do diabo (“*equum diaboli furibundum*”). Venceu também o cavaleiro dele (“*ascensorem eius*”), ou seja, o antigo inimigo”, e ainda “todos os carrascos que o torturavam”. Aos que, como São Vicente, desejassem receber o maná escondido da mão de Cristo (“*de manu Christi manna absconditum capere*”), eram também três os inimigos sobre os quais havia que triunfar (“*oportet prius de hiis tribus hostibus triumphare*”): sobre o Diabo (“*Diabolum*”), pelas armas da alegria espiritual (“*Spiritualem leticiam*”), da memória da Paixão de Cristo (“*Passionis Christi memoriam*”) e da humildade perfeita (“*Humilitatem perfectam*”); a Carne (“*Carnem*”), pelas armas da discreta abstinência (“*Discretam abstinentiam*”), de todo o género de contenção (“*Omnimodam continentiam*”) e da sagrada vigília (“*Sacram uigiliam*”); e o Mundo (“*Mundum*”), pelas armas do amor à pobreza (“*Amorem paupertatis*”) do desprezo pelas honras (“*Contemptum honoris*”) e da fé nas glórias celestes (“*Fidem glorie celestis*”)¹⁴⁸⁴.

Diversas teriam, por sua vez, sido as virtudes de que se munira São Domingos, cuja enumeração por Frei Paio, no segundo sermão consagrado ao fundador da Ordem dos Pregadores, transparece propósitos moralizantes, talvez dos próprios costumes da Ordem dos Pregadores Assim, ao pai dos dominicanos, Frei Paio dizia-o vitorioso sobre seis inimigos: o Diabo (“*diabolo*”), pelas armas da assiduidade da oração (“*orationis assiduitatem*”) e da exímia humildade (“*eximiam humilitatem*”); o Mundo (“*undo*”), pelo desprezo das honras (“*honorum calcionem*”) e pela pobreza voluntária (“*uoluntariam paupertatem*”); a Vontade própria (“*propria uoluntate*”), pela devota

¹⁴⁸³ Vid. *Tabulae*, tabela B, 081I-III; tabela C, 081; tabela D, 030.

¹⁴⁸⁴ Vid. *Tabulae*, tabela B, 122V-XVII; tabela C, 084; tabela D, 013, 057. Cf. Martins, *Alegorias, símbolos e exemplos*, 177.

obediência (“*deuotam obedientiam*”); a Própria carne (“*propria carne*”), pela eficaz abstinência (“*efficacem abstinentiam*”); os Hereges (“*hereticis*”), pela quantidade de milagres (“*miraculorum multitudinem*”) e admirável paciência (“*mirabilem pacienciam*”); e os Restantes pecadores (“*ceteris peccatoribus*”), pela honestíssima conduta (“*conuersationem honestissimam*”) e eficácia da pregação (“*predicationis efficaciam*”)¹⁴⁸⁵.

Na glorificação da cruz de Cristo o conimbricense viu, por sua vez – mais do que uma virtude –, uma obrigação moral de todos os fiéis, para o que convocou também seus confrades no *Primeiro Sermão da festa da exaltação da Santa Cruz*, através da concordância que aí estabelecida entre um trecho da *Epístola aos Gálatas* – “*Quanto a mim, porém, de nada me quero gloriar, a não ser na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo*” (“*Michi autem absit gloriari nisi in cruce Domini nostri Ihesu Christi*”) – e o episódio hagiográfico do triunfo do imperador bizantino, Heráclio, sobre o persa Cosroes II, culminante na recuperação do que era a mais preciosa das relíquias sagradas para os romanos: a Vera Cruz¹⁴⁸⁶. Nesta se deviam, nas palavras do dominicano, gloriar os fiéis como se gloria aquele que corre para o prémio no velocíssimo cavalo (“*sicut gloriatur currens ad brauium in equo uelocissimo*”), o príncipe no terrívelíssimo estandarte (“*sicut gloriatur princeps in uexillo terribilissimo*”) o que haverá de combater no afiadíssimo gládio (“*sicut gloriatur preliaturus in gladio probatissimo*”)¹⁴⁸⁷.

Na categoria de virtude teologal cai, por último, o que Frei Paio qualificou como abundante devoção do amor (“*habundans deuotio caritatis*”), no último dos sermões consagrados a São Clemente na sua *Summa*, que principia com o seguinte versículo do salmo 45: “A corrente do rio alegre a Cidade de Deus” (“*Fluminis impetus letificat ciuitatem Dei.*”). Tropologicamente, isto é, no sentido moral, a Cidade simboliza, para o dominicano, a Alma fiel (“*ciuitas est mens fidelis*”) – cidade pequena, humilde, parca de homens, ou seja, de atitudes heroicas e virtuosas no seu juízo (“*ciuitas parua, id est, mens humilis, et pauci in ea uiri, id est, motus uiriles et uirtuosi iuditio suo*”) –, contra a qual investe um grande rei, o Diabo, e o seu exército de orgulhosos (“*uenit contra eam rex magnus, id est, diabolus, qui est rex habens magnum exercitum superborum*”), que a cercam com o Fosso das tribulações e as Fortificações das tentações (“*et uallauit eam,*

¹⁴⁸⁵ Vid. *Tabulae*, tabela B, 264I-III; tabela C, 098; tabela D, 013, 052, 057.

¹⁴⁸⁶ Peter Heather, *Cristandade. O Triunfo de Uma Religião, 300–1300 d.C.*, trad. Miguel Martins (Lisboa: Edições 70, 2023), 252.

¹⁴⁸⁷ Vid. *Tabulae*, tabela B, 324I-VIII; tabela C, 100; tabela D, 028, 029.

uallo diuersorum tribulationum, extruxitque munitiones per girum multarum temptationum”). Contudo, a animar a alma cercada, está o rio do amor de Deus, cada vez maior, cada vez mais largo (“*flumen letificans est habundans deuotio caritatis*”)¹⁴⁸⁸.

(b) Mensagens penitenciais

Às disposições ético-moralizantes – condenatórias de certos vícios eclesiásticos ou exortativas ao cultivo de determinadas virtudes cristãs – sucederam-se as mensagens afetas à penitência como as mais veiculadas nas *Picturae Bellorum* em análise,¹⁴⁸⁹. Circunstância para a qual, curiosamente, contribuiu apenas o franciscano, cujo sermonário colige as 18 imagens bélicas compagináveis com temáticas penitenciais identificadas (vid. [gráfico 30](#)). É verdade que, no seu primeiro sentido, ou seja, como atitude interior de arrependimento manifesta pelo pecador face ao pecado cometido – entendido como ofensa a Deus e, nesse sentido, como causa de distanciamento entre Criador e criatura – a penitência equivalia, também ela, a uma virtude moral¹⁴⁹⁰. No entanto, correspondia igualmente a um sacramento da Nova Lei instituída por Cristo. Pressupunha o perdão dos pecados cometidos após o batismo através da absolvição sacerdotal aos que, com verdadeira contrição, os confessassem e se predispuessem à sua expiação, através de atos de mortificação interiores ou exteriores – numa recapitulação do mistério da Paixão de Cristo e da agonia sacrificial experimentada pelo filho de Deus em nome da Humanidade¹⁴⁹¹. Em conjunto com a humildade e a pobreza, a penitência constituiu uma das três grandes vias em que foram moldadas as prédicas antonianas, e, de resto, todo o movimento franciscano do século XIII que, não por acaso, tomou o nome de Penitentes de Assis¹⁴⁹².

Assim, é significativo que a associação simbólica estabelecida entre os requisitos exigidos pela Igreja Católica ao penitente e as armas necessárias ao cavaleiro que sai em caçada tenha sido o meio eleito pelo franciscano para os explanar aos seus confrades, no

¹⁴⁸⁸ Vid. *Tabulae*, tabela B, 401I-IV; tabela C, 110; tabela D, 030, 046, 092. Cf. Martins, *Alegorias, símbolos e exemplos*, 32–3; *A Bíblia na literatura*, 32–3; Marques, “Mundividência cristã,” 65.

¹⁴⁸⁹ Vid. *Tabulae*, tabela C, 004, 005, 010, 015, 023, 027, 028, 030, 031, 033, 044, 049, 050, 051, 053, 054, 064, 065.

¹⁴⁹⁰ E. Hanna, “The Virtue of Penance,” in *The Catholic Encyclopedia*, eds. Charles G. Herbermann et al., vol. XI (Nova Iorque: Robert Appleton Company, 1911), 80–92; É. Amann, “Pénitence,” in *Dictionnaire de théologie catholique : contenant l'exposé des doctrines de la théologie catholique, leurs preuves et leur histoire*, ed. A. Vacant, E. Mangenot e E. Amann, vol. 12 (Paris: Letouzey et Ané), 722–48.

¹⁴⁹¹ E. Hanna, “The Sacrament of Penance,” *The Catholic Encyclopedia*, 748–70; Amann “Pénitence,” 748–845.

¹⁴⁹² Rema, “Introdução,” 77.

Segundo Sermão do Segundo Domingo da Quaresma, partindo da interpretação moral que aí fez do versículo do *Livro do Génesis* sobre o *Envio de Esaú à caça por Isaac*: “Toma as tuas armas, a aljava e o arco, e traz-me da tua caça, para que eu coma e a minha alma te abençoe” (“*Tolle arma tua, pharetram et arcum, et affer mihi de venatione tua, ut comedam et benedicat tibi anima mea*”). Na aljava e no arco, o Santo simbolizava as armas do penitente, pois as setas na aljava são as punções e dores do coração contrito (“*sagittae in pharetra sunt punctiones et dolores contritionis in corde*”) e, tal como no arco existem duas extremidades flexíveis (“*duo scilicet cornua flexibilia*”), uma parte média, dura e inflexível (“*medium durum et inflexibile*”) e ainda uma corda mole, por meio da qual se fletem as duas extremidades (“*chordam mollem, per quam ipsa cornua flectuntur*”), igualmente na confissão deviam existir a dor dos pecados passados e o temor das penas eternas (“*Duo cornua confessionis sunt dolor de peccatis praeteritis et timor de poenis aeternis*”), o firme propósito do penitente em não voltar ao vômito (“*medium durum et inflexibile est firmum propositum, quod debet habere poenitens, ne ultra revertatur ad vomitum*”) e a esperança de perdão, que verdadeiramente flecte da sua rigidez aquelas duas extremidades da dor e do temor (“*chorda mollis est spes veniae, quae vere illa duo cornua, doloris et timoris, a sua rigiditate flectit*”). Ao arco da confissão (“*arcu confessionis*”) devia o pecador unir ainda o assobio da acusação sincera (“*cornu nudae accusations*”) e o cão dos remorsos da consciência (“*canem conscientiae mordacis*”), a fim de não omitir nada do pecado e da circunstância do pecado (“*ne aliquid de peccato et circumstantia peccati intactum permittat*”), bem como o dardo da advertência, da indignação e da satisfação (“*iaculum animadversionis, indignationis et satisfactionis*”), para que se mortifique, se indigne contra si mesmo e satisfaça pelos seus pecados (“*ut seipsum feriat, sibi ipsi indignetur, pro peccatis suis satisfaciat*”)¹⁴⁹³. Devia, de igual modo, armar-se com as espadas do amor e do temor divino (“*gladios divini amoris et timoris*”) e sair a matar o diabo e a sua soberba e tudo o que lhe pertence, o pecado e as circunstâncias do pecado (“*interficere diabolum et ipsius superbiam et omnia ad ipsum pertinent, idest peccatum quae ad et circumstantiam peccati*”), a fim de destes libertar a alma cativa na casa do diabo, ligada à cadeia do mau hábito (“*animam, in domo diaboli captivam et malae consuetudinis catena ligatam*”)¹⁴⁹⁴. O pecador devia também triunfar sobre as hostes diabólicas no penhasco da sua penitência (“*petra [...] ipsius poenitentiae*”), servindo-se da lanterna da contrição (“*lampade cotritionis*”), da trombeta

¹⁴⁹³ Vid. *Tabulae*, tabela A, 007V-X; tabela C, 004; tabela D, 006, 010, 033, 079.

¹⁴⁹⁴ Vid. *Tabulae*, tabela A, 007XI-XIII; tabela C, 005; tabela D, 038, 069, 082.

da confissão (“*bucina confessionis*”) e do partir da ânfora da mortificação da carne (“*confractioe lagenea, idest mortificatione carnis propriae*”)¹⁴⁹⁵; como devia reunir o exército dos pensamentos e dos afetos (“*poenitens, congregato omni exercitu, scilicet cogitationum et affectionum*”), subir com ele ao monte do seu entendimento (“*ascendere in [...] mentem suam*”), e aí, ao encontrar o santuário da alma deserto da graça do Espírito Santo (“*Sanctificatio tunc est deserta, cum anima, [...] peccat mortaliter, et sic a Sancti Spiritus gratia efficitur deserta*”), o altar da fé profanado (“*Altare profanatur, cum fides destruitur*”), as portas dos cinco sentidos do corpo queimadas pelo fogo da concupiscência (“*Portae exuruntur, cum sensus corporis igne concupiscentiae dissipantur*”), os átrios do coração tomados pelos arbustos nascidos dos pensamentos supérfluos (“*In atriiis virgulta nascuntur, cum in corde superfluarum cogitationum multitudo generatur*”) e os pastórios dos segredos do espírito destruídos pelos desejos ilícitos (“*Pastophoria ergo diruuntur, cum secreta mentis per desideria illicita dilaniantur*”), irromper num paroxismo penitencial, rasgando os vestidos, com a contrição do coração (“*In scissione vestimentorum, cordis contritio*”), fazendo grande pranto, com lacrimosa confissão (“*in planctu, lacrimosa confessio*”), deitando sobre a cabeça cinza, com a humilde satisfação (“*in impositione cineris super caput, humilis satisfactio*”) e prostrando-se com o rosto por terra, com a lembrança da última resolução (“*in casu in faciem super terram, ultimae resolutionis recordatio*”)¹⁴⁹⁶;

Mais veiculadas na imagética militar antoniana do que as disposições enumerativas dos vários estágios do processo penitencial foram determinadas fases do mesmo. Veja-se a confissão, identificada pelo franciscano com uma guerra na qual o penitente extirpava o Diabo do terreno do espírito (“*Contra hunc [diabolum] poenitens in confessione debet ascendere et eum de terra mentis suae extirpare et ipsam a vitiis purgare*”)¹⁴⁹⁷, mas também representada como uma espada, que devia, ora projetar-se da boca do Prelado da Igreja e ser aguçada de ambas as partes, a fim de poder cortar os vícios espirituais, que são a Soberba e a Vanglória, e os vícios carnis, que são a Avareza, a Gula e a Luxúria (“*utraque parte acuta, ut vitia spiritualia, quae sunt superbia et vanagloria, et vitia carnalia, quae sunt avaritia, gula et luxuria, valeat resecare*”)¹⁴⁹⁸; ora ser empunhada pelos verdadeiros penitentes, na derrota dos demónios (“*Philisthaei,*

¹⁴⁹⁵ Vid. *Tabulae*, tabela A, 045VII-IX; tabela C, 054; tabela D, 014, 049, 073.

¹⁴⁹⁶ Vid. *Tabulae*, tabela A, 044I-II; tabela C, 049; tabela D, 042, 065, 080.

¹⁴⁹⁷ Vid. *Tabulae*, tabela A, 044III-IV; tabela C, 050; tabela D, 023.

¹⁴⁹⁸ Vid. *Tabulae*, tabela A, 015III; tabela C, 015; tabela D, 038.

”*idest daemones*”, *exterriti caeduntur a filiis Israel, idest vere poenitentibus.*”) ¹⁴⁹⁹; ora ainda munir o Espírito Santo, para que, saltando este, qual inflexível guerreiro (“*Gratia enim dicitur durus debellator*”), sobre o espírito do pecador (“*mentem peccatoris*”), trespassasse com ela os quatro inimigos da confissão (“*quattor hostes in confessione*”) – o amor do pecado (“*amor peccati*”), a vergonha de o confessar (“*pudor confitendi*”), o medo da penitência (“*timor poenitentiae*”) e o desespero do perdão (“*desperatio veniae*”). Punha assim termo ao repouso do Diabo à sombra da soberba (“*In umbra superbia, quae dicitur umbra mortis, idest diaboli*”) e à noite do pecado mortal (“*Nox [...] significat mortale peccatum*”) ¹⁵⁰⁰.

A satisfação, último ato do processo penitencial, foi também por diversas vezes encorajado pelo Santo com recurso a terminologia. Assim, segundo o franciscano, à Babilónia, que era a Alma do pecador, varria-a Deus de todos os pecados que a haviam humilhado na confissão (“*Babylonem Dominus scopat, cum animam, peccatis confusam, confessione a peccatis emundat*”), ao feri-la com as mortificações da satisfação (“*satisfactionis flagellis percutit*”) ¹⁵⁰¹. De igual modo, ao Pecador impunha-se ferir a terra do seu corpo (“*terram sui corporis*”) com a flecha da penitência (“*iaculo poenitentiae*”) ¹⁵⁰²; dobrar ou triplicar a espada da dor (“*duplicare aut triplicare gladium doloris*”), para eliminar os afetos carnis e os seus apetites ¹⁵⁰³; reuni-los e exterminá-los com a espada da penitência (“*gladio poenitentiae*”) ¹⁵⁰⁴; apor o cilício e o gládio da mortificação sobre a carne (“*Cilicium et gladius idem significant, carnis scilicet afflictionem*”) ¹⁵⁰⁵; derrotar os sentidos do corpo pelo suplício da carne e humilhá-los na lembrança da sua vileza (“*poenitens sensus corporis percutit in carnis mortificatione et humiliat in suae vilitatis recordatione*”) ¹⁵⁰⁶; e dar a morte ao Diabo, mortificando-se (“*Iste talis ac tantus, dum se affligit, Goliath Gethaeum, idest diabolum, percutit.*”) ¹⁵⁰⁷.

Já contra os que simulavam a penitência, o Santo pronunciou-se por duas ocasiões com recurso a análoga imagética. Fê-lo, primeiro, no *Sermão do Sétimo Domingo depois do Pentecostes*, onde os que mortificavam a carne na santidade simulada eram simbolizados pelo cavalo amarelo visto por São João no *Apocalipse* (“*Equus pallens*

¹⁴⁹⁹ Vid. *Tabulae*, tabela A, 038VII-VIII; tabela C, 044; tabela D, 038, 045, 060.

¹⁵⁰⁰ Vid. *Tabulae*, tabela A, 054XV-XVI; tabela C, 064; tabela D, 038, 053.

¹⁵⁰¹ Vid. *Tabulae*, tabela A, 008XXX; tabela C, 010; tabela D, 016.

¹⁵⁰² Vid. *Tabulae*, tabela A, 027XIV-XV; tabela C, 027; tabela D, 064, 079.

¹⁵⁰³ Vid. *Tabulae*, tabela A, 028V; tabela C, 030; tabela D, 038.

¹⁵⁰⁴ Vid. *Tabulae*, tabela A, 028VI-VIII; tabela C, 031; tabela D, 038, 062.

¹⁵⁰⁵ Vid. *Tabulae*, tabela A, 030I-II; tabela C, 033; tabela D, 038.

¹⁵⁰⁶ Vid. *Tabulae*, tabela A, 044V-VIII; tabela C, 033, 044, 070.

¹⁵⁰⁷ Vid. *Tabulae*, tabela A, 045IV-VI; tabela C, 053; tabela D, 034, 045, 050, 051.

significat falsos fratres”), ladeados pelo corcel negro dos recém-convertidos (“*equus niger significat noviter conversos*”) – portadores de uma balança, para que, na mesma medida em que pecaram, praticassem obras de justiça (“*ut sicut exhibuerunt membra sua servire immunditiae, luxuriae et iniquitati, ducenti ad aliam iniquitatem [...] ita nunc exhibeant membra suae servire iustitiae, ducenti in sanctificationem*”); pelo cavalo vermelho dos aproveitados (“*equus rufus significat proficientes*”) – abducentes da paz da sua carne e munidos da espada da discórdia nas obras de penitência (“*Isti sumunt pacem de terra, 'idest carne sua' [...] Istis datur magnus gladius, per quem intelligitur discretio, quam debent habere in operibus poenitentiae*”); e pelo cavalo branco dos perfeitos (“*equus albus significat perfectos*”) – possuidores do arco da vitória, porquanto triunfantes do mundo, do diabo e da carne (“*Isti habent in manu arcum, scilicet victoriae, de mundo, diabolo et carne triumphantes*”)¹⁵⁰⁸. Voltou à imagem dos corcéis no *Sermão do Primeiro Domingo depois da oitava do Natal do Senhor*, onde o prelado hipócrita, simulador da penitência, tornava a surgir como o corcel amarelo sob o qual o Diabo deslizava pelo mundo (“*equus pallidus est hypocrita; miles enim, nomen [illi] mors, diabolus*”), tendo por escudeiro a soberba (“*scutifer, infernus, idest superbia*”), que alimentava a montada diabólica com a cevada e a água da abstinência, para que parecesse aos homens pessoa de jejum (“*quae equum hordeo et aqua, idest austeritate abstinentiae pascit, 'ut videatur hominibus ieiunans*”), pondo-lhe em cima a sela da fingida humildade (“*cui sellam fictae humilitatis supponit*”) e a refreando-a com o freio do silêncio (“*quem freno silentii infrenat*”)¹⁵⁰⁹.

(c) Mensagens cristológicas e apostólicas

Depois das disposições sobre a penitência, foram as relativas a Cristo e aos apóstolos que mais propiciaram o recurso dos dois mendicantes à imagética militar (10 ocorrências). A distribuição destas figurações bélicas pelos dois sermonários revelou-se, entretanto, muito desigual. A quase totalidade das *Picturae Bellorum* arvorando mensagens cristológicas constam das prédicas do franciscano e apenas uma se pode assacar à *Summa pelagiana*¹⁵¹⁰; a lógica inverte-se, curiosamente, em matéria de apostolado, com o grosso das imagens bélicas ligadas a assuntos apostólicos a reportarem

¹⁵⁰⁸ Vid. *Tabulae*, tabela A, 027XIII-XVII; tabela C, 028; tabela D, 011, 029, 038, 079.

¹⁵⁰⁹ Vid. *Tabulae*, tabela A, 054XV; tabela C, 065; tabela D, 028, 029, 036, 047, 053, 078. Cf. Martins, *Alegorias, símbolos e exemplos*, 65–6; *A Bíblia na Literatura*, 29–30.

¹⁵¹⁰ Vid. *Tabulae*, tabela C, 008, 014, 016, 018, 040, 063, 068, 069, 074, 088.

antes aos sermões do dominicano, cabendo uma única na obra do menorita (vid. [gráfico 30](#))¹⁵¹¹.

No que respeita às mensagens cristológicas, tema central do dogma e foco, por excelência, das controvérsias teológicas do período envolvendo as heresias¹⁵¹², o menorita recorreu por diversas vezes à imagística da Psicomaquia na explicação que fez das doutrinas da Pessoa de Cristo, como a da Encarnação¹⁵¹³ – implicando os princípios da divindade do Filho de Deus, da Sua natureza humana e da União Hipostática das naturezas humana e divina na Divina Pessoa de Cristo¹⁵¹⁴. O mistério do Verbo Encarnado foi em duas ocasiões concebido pelo Santo nos termos de um triunfo militar protagonizado pelo Filho Unigénito sobre o Diabo. No seu *Sermão do Terceiro Domingo da Quaresma*, ao comentar um passo da *Parábola do Homem Valente* do *Evangelho de São Lucas*, representou o Maligno desarmado e espoliado do domínio do mundo, na sequência da descida do Filho de Deus do trono do Pai à terra, em que Cristo se apresenta protegido, qual inflexível guerreiro (“*durus debellator*”), pela Couraça da justiça (“*Lorica lesu Christi fuit iustitia*”) e pelo Capacete e as vestiduras da Humanidade (“*Galea est Humanitas [...] Iesus Christus vestimenta nostrae humanitatis accepit*”)¹⁵¹⁵. Por sua vez, no *Sermão do Primeiro Domingo depois da oitava do Natal do Senhor*, onde voltou a debruçar-se sobre o mesmo trecho bíblico, aludiu à cessação do domínio diabólico do mundo e da noite da era anterior à vida de Cristo. Ambos terminados pelo salto do Filho de Deus desde o trono real do Pai ao meio da terra que fora posta fora dos limites da vida eterna pelo Diabo, trespassado com a aguçada Espada da divindade, escondida na Bainha da humanidade (*Gladius est divinitas, qui in vagina humanitatis fuit absconditus [...] Hoc gladio transfossus fuit diabolus, qui terram exterminabat*)¹⁵¹⁶. De resto, tal como, segundo o franciscano, Deus escondera a Espada da divindade na Bainha da humanidade, resguardara também a sua cabeça debaixo do Capacete da humanidade (“*Galea humanitas, caput divinitas; caput latens sub galea, divinitas sub humanitate*.”)¹⁵¹⁷.

¹⁵¹¹ Vid. *Tabulae*, tabela C, 075, 090, 091, 092, 093, 094, 096, 105, 106, 108.

¹⁵¹² A. Maas, “Christology,” in *The Catholic Encyclopedia*, 50–73.

¹⁵¹³ Vid. *Tabulae*, tabela C, 008, 063, 068.

¹⁵¹⁴ W. Drum, “The Incarnation,” in *The Catholic Encyclopedia*, eds. Charles G. Herbermann et al., vol. VII (Nova Iorque: Robert Appleton Company, 1911), 200–15.

¹⁵¹⁵ Vid. *Tabulae*, tabela A, 008XXIII-XXVIII; tabela C, 008; tabela D, 013, 024, 037, 053.

¹⁵¹⁶ Vid. *Tabulae*, tabela A, 054VI-XIV; tabela C, 063; tabela D, 017, 038, 053.

¹⁵¹⁷ Vid. *Tabulae*, tabela A, 059II; tabela C, 068; tabela D, 024.

Outras doutrinas cristológicas veiculadas na imagética militar antoniana e pelagiana prendem-se com as obras de Cristo¹⁵¹⁸, em particular, a sua Paixão¹⁵¹⁹. Ilustram este mistério, no sermonário antoniano, várias imagens inspiradas nos temas da guerra espiritual. Veja-se, a propósito, a resultante da leitura alegórica operada pelo menorita no *Sermão do Segundo Domingo depois da Páscoa* sobre o célebre episódio da *Visão dos quatro ginentes* do *Apocalipse de São João*: a visão do Filho de Deus montado sobre o cavalo branco da Sua Humanidade (“*Equus albus humanitatem significat boni pastoris Iesu Christi, qui bene dicitur equus albus, quia ab omni labe peccati immunis*”), envergando vestes brancas perante o povo liberto, já depois de se ter apresentado junto da humanidade cativa montando o corcel vermelho da sua Paixão (“*Vir super equum rufum Salvator est, cuius vestimenta, idest caro, rubra est sanguine Passionis, qui captivo populo in rufo equo ostenditur; in Apocalypsi Ioannis, iam liberato populo, in albis demonstratur*”), empunhando um arco composto pela Corda flexível da misericórdia e pela rígida Madeira da justiça divina (“*Arcus, constans ex chorda et ligno, misericordiam et iustitiam Dei significat. Sicut enim chorda flectit lignum, sic misericordia iustitiam*”) e levando na cabeça a Coroa de espinhos, que lhe fora aposta antes da saída para o Calvário (“*Christo, Deo et homini, data fuit corona secundum humanitatem, qua coronavit eum mater sua, in die desponsationis suae*”)¹⁵²⁰. Cristo viera mediar o combate em que Deus, armado com a Espada do castigo (“*gladio poenae*”), e o Homem, munido do Gládio da culpa (“*gladio culpa*”), se enfrentavam, pedindo ao Homem que não pecasse e ao impedindo que o Pai o ferisse, com o seu sofrimento (“*Hominem enim arguit, ne delinqueret, et patiando Deo Patri obstitit, ne feriret*”)¹⁵²¹. Nesse sofrimento redentor teria o Diabo encontrado a sua perdição: ferido no Lago da Paixão (“*in lacu Passionis percussus*”)¹⁵²²; combatido e morto com o Cajado da cruz (“*baculo crucis*”)¹⁵²³; espoliado do domínio do mundo e aprisionado no Cárcere infernal, na terceira das guerras movidas contra Deus (“*triplex bellum diabolus fecit Domino*”), quando tentou no deserto o Filho de Deus e do Homem e contribuiu para que aquele fosse pregado no patíbulo da cruz (“*ipsum Deum et hominem tentavit in deserto et affigi fecit crucis patibulo*”)¹⁵²⁴. Assim,

¹⁵¹⁸ Vid. *Tabulae*, tabela C, 016, 040, 069, 074, 018, 014, 088.

¹⁵¹⁹ M. Judge, “Passion of Christ, II (In the Bible),” in *New Catholic Encyclopedia*, 920–4.

¹⁵²⁰ Vid. *Tabulae*, tabela A, 015V-VIII; tabela C, 016; tabela D, 010, 028, 029. Cf. Martins, *Alegorias, símbolos e exemplos*, 65–6; *A Bíblia na Literatura*, 29–30.

¹⁵²¹ Vid. *Tabulae*, tabela A, 038I-II; tabela C, 040; tabela D, 038.

¹⁵²² Vid. *Tabulae*, tabela A, 059II; tabela C, 069; tabela D, 050.

¹⁵²³ Vid. *Tabulae*, tabela A, 076VIII; tabela C, 074; tabela D 022, 034, 045.

¹⁵²⁴ Vid. *Tabulae*, tabela A, 017I-III; tabela C, 018; tabela D 034, 050, 051.

surge retratado nas prédicas antonianas o Maligno, no âmbito dos seus confrontos com Cristo, de cuja boca, nas palavras do menorita, saiu a pregação, que no *Velho Testamento* corta as obras carnavais, e no *Novo* as concupiscências (“*exivit prædicatio, quae utrunque secat: in veteri Testamento carnalia opera, et in novo concupiscentias*”)¹⁵²⁵. No madeiro da cruz (“*lignum crucis*”) também Frei Paio viu a principal arma para debelar o Inimigo (“*per ipsum iuste diabolus uincitur*”). Foi esse o tema central do *Primeiro Sermão da Invenção da Santa Cruz*, onde, significativamente, o dominicano se socorreu de um *exemplum* hagiográfico inspirado no lendário relato da visão da cruz e da vitória de Constantino na batalha da Ponte Mílvia¹⁵²⁶, episódio que assinalou o início da unificação do Império sob o signo do cristianismo, motivo inúmeras vezes repetido e ilustrado na arte cristã de evidentes potencialidades retóricas¹⁵²⁷.

Noutro sentido, menos numerosas do que as *Picturae Bellorum* afetas a temas cristológicos no sermonário antoniano foram as mensagens apostólicas¹⁵²⁸. Ainda assim, a equiparação de São Pedro e de São Paulo a duas trombetas militares (“*Isti duo apostoli dicuntur tubae argenteae*”), cuja sonoridade da pregação (“*prædicationis sonoritatem*”) convoca os povos para a guerra contra os vícios (“*bellum contra vitia*”), incita à vigilância contra o Adversário diabólico (“*Sobrii, inquit, estote, et vigilate, quia adversarius vester diabolus*”) e aconselha os fiéis a revestirem-se com o Escudo da fé (“*Assumentes, inquit, scutum fidei, in quo possitis omnia tela ignea nequissimi extinguere*”), foi o meio eleito pelo menorita para sublimar os dois apóstolos, no único sermão que lhes consagrou¹⁵²⁹. Por seu turno, para Frei Paio fora tripla a batalha travada pelos dois discípulos de Cristo contra o Diabo, o mundo e a carne (“*pugnauerunt: ¶ primo, contra diabolum ¶ IIº, contra mundum ¶ IIIº, contra carnem*”)¹⁵³⁰ e louvável a sua entreaajuda na derrota dos tiranos (“*tyrannorum debellatione*”), como Nero e seus cúmplices, que combateram, não com uma espada material, mas com uma espada espiritual (“*debellauerunt namque Neronem et complices eius, non materiali gladio sed spirituali*”)¹⁵³¹. Assim, da mesma forma que ao Diabo o decapitara a espada do Apóstolo dos Gentios, com a qual o próprio começara

¹⁵²⁵ Vid. *Tabulae*, tabela A, 015I-II; tabela C, 014; tabela D 038.

¹⁵²⁶ Vid. *Tabulae*, tabela B, 202I-III; tabela C, 088.

¹⁵²⁷ Sobre este sermão do dominicano, vide Pereira, “Sermão da festa”; Sobre o episódio da batalha da Ponte Mílvia, vide Stephen Dando-Collins, *Constantine at the Bridge. How the Battle of the Milvian Bridge Created Christian Rome* (Nashville: Turner, 2022); Heather, “Com este sinal vencerás,” in *Cristandade. O Triunfo*, 33–4.

¹⁵²⁸ M.L. Held, F. Klostermann, “Apostles,” in *New Catholic Encyclopedia*, 570–3.

¹⁵²⁹ Vid. *Tabulae*, tabela A, 079I-IX; tabela C, 075; tabela D, 090.

¹⁵³⁰ Vid. *Tabulae*, tabela B, 226I; tabela C, 090; tabela D, 057.

¹⁵³¹ Vid. *Tabulae*, tabela B, 229I-III; tabela C, 093.

por perseguir a Igreja (“*hoc gladio persequebatur [...] diabolus, Ecclesiam saluatoris, sed eodem decapitatus est postea*”)¹⁵³², aos restantes inimigos da fé de Cristo os debelara o Primeiro Apóstolo, que saíra a dar-lhes batalha, fortalecido pelo Filho de Deus como uma torre, um forte e um habitáculo inexpugnável (“*Iste enim quasi turris et forte et inexpugnabile habitaculum est*”), dela voltando honrado com grandes despojos (“*honustus magnis spoliis*”)¹⁵³³.

Enaltecido pelo dominicano nas suas prédicas com recurso a imagética militar foi também São Tiago, o patrono da chamada Reconquista. O seu culto, registado logo a partir do terceiro quartel do século IX na região de entre o Douro e Minho, foi-se alargando a outras geografias, atualmente portuguesas, ao longo das centúrias seguintes, ao ritmo da dilatação das fronteiras cristãs para Sul e da institucionalização do rito romano no território controlado¹⁵³⁴. Em Coimbra, a progressiva devoção ao apóstolo São Tiago Maior encontrava-se já enraizada pelos séculos XII e XIII, dada a localização da cidade como importante ponto de passagem para as rotas de peregrinação a Santiago de Compostela, onde estariam albergadas as relíquias do santo¹⁵³⁵. As 13 prédicas consagradas por Frei Paio ao apóstolo guerreiro são, de resto, sugestivas de um aprofundado conhecimento das lendas originadas em torno da sua figura em contexto peninsular, muitas das quais recolhidas no *Liber Sancti Iacobi*, ou *Codex Calistinus*, peça litúrgica de que houve uma cópia integral na livraria abacial de Santa Maria de Alcobaça, no período em questão¹⁵³⁶, a que se deve, em boa medida, a difusão da imagem de São Tiago cavaleiro¹⁵³⁷. Desta obra o dominicano bebeu vários *exempla* inspirados nas lendas e milagres atribuídos ao apóstolo – com destaque para os constantes no nono e décimo sermões da sua festa, sobre as intervenções de São Tiago em favor de um nobre vassalo dos condes de Fuente Calcaria, Guillermo, e no episódio da conquista de Coimbra por Fernando I de Leão¹⁵³⁸. Outros episódios tomados por Frei Paio respeitavam a certos

¹⁵³² Vid. *Tabulae*, tabela B, 227I; tabela C, 091; tabela D, 051.

¹⁵³³ Vid. *Tabulae*, tabela B, 233I; tabela C, 094; tabela D, 093.

¹⁵³⁴ José Marques, “O culto de S. Tiago no Norte de Portugal,” *Lusitânia Sacra* 4 (1992): 99–147; Pereira, *Representações da Guerra*, 41; Paulo Farmhouse Alberto, *São Tiago e São Nicolau* (Lisboa: Centro de Estudos Clássicos – FLUL, 2016), 10–9.

¹⁵³⁵ Saul António Gomes, “Coimbra e Santiago de Compostela: aspectos de um inter-relacionamento nos séculos medievos,” *Revista Portuguesa de História* 34 (2000): 487.

¹⁵³⁶ Anselmo, “Os códices alcobacenses,” 22.

¹⁵³⁷ A. Moralejo, C. Torres, J. Feo, *Liber Sancti Iacobi-Codex Calixtinus. Textos diversos* (Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2004), 597–8; Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva (cord.), *Hagiografia e História*, vol 1: *Banco de dados das hagiografias ibéricas (séculos XI ao XIII)* (Rio de Janeiro: Pem, 2009), 65.

¹⁵³⁸ Vid. *Tabulae*, tabela B, 254I-II, 255, I.

episódios da vida do Santo, como a Conversão de Fileto, apresentada no décimo sermão dedicado ao apóstolo, nas suas palavras, eleito por Deus para lutar a boa milícia (“*militandam bonam miliciam*”) contra Labão, o Anjo e Esaú¹⁵³⁹. Dos 12 apóstolos de Cristo visados na imagética bélica pelagiana houve ainda lugar para Judas Iscariotes, cavalo que tinha como cavaleiro o Senhor, da cavalaria da salvação (“*Iudas equus fuit, ascensorem habuit Dominum, equitatu salutis*”), mas que acabou por transitar para a cavalaria de Satanás por ter traído Cristo (“*qui post bucellam introiuit in eum equus sathane factus, et illius habenis ductus contra Dominum equitauit*”)¹⁵⁴⁰.

Outras foram ainda as imagens bélicas presentes na *Summa* envolvendo os apóstolos. Príncipes dos povos (“*Principes populorum*”), como são apostrofados na quarta prédica do dominicano, composta para a festa de São Pedro e São Paulo, os discípulos de Cristo ter-se-iam, segundo Frei Paio, aliado aos anjos e a Deus contra os príncipes demoníacos e heréticos, concertados a favor do Diabo¹⁵⁴¹. Os apóstolos sucediam aos patriarcas e aos profetas do Testamento Velho e antecediavam os novos pregadores, conforme pretendeu também ilustrar o dominicano na quinta prédica que compôs para a festa do terceiro evangelista canónico, considerado o autor do terceiro evangelho e do livro dos *Atos dos Apóstolos*, São Lucas¹⁵⁴². Aí retratou, comentando uma frase dos *Cantares*, sobre as *Quadrigas de Aminadab*, a perturbação da alma fiel com o estrépito da voz da Sinagoga (ou Igreja), provocado pela passagem das quatro quadrigas de Deus: a Quadriga da Lei Natural (“*quadrigam naturalis legis*”), assente sobre as rodas do não dizer e do não fazer aos outros o que não desejaríamos para nós e do dizer e fazer aos outros o que para nós desejaríamos (“*que III^{or} currit rotis, scilicet: ¶ prima, non dicere, ¶ II^a, non facere alii quod tibi odis, ¶ III^a, dicere ¶ III^a, et facere alii quod tibi uis*”), puxada pelos cavalos vermelhos dos Patriarcas, como Abraão e Jacob, que viveram em guerras de sangue (“*In hac quadriga [...] sunt equi ruffi; quia patriarche prelia sanguinis exercebant, ut Abraham [...] et filii Iacob*”); a Quadriga da Lei Mosaica (“*quadrigam mosaice legis*”), cujas rodas são a doutrina moral, o ensino dos ritos, as determinações legais e o conjunto dos vários ensinamentos (“*que III^{or} currit rotis, scilicet ¶ prima doctrina moralium ¶ II^a, ceremonialium ¶ III^a, iudicialium ¶ III^a, mixtorum*”), posta em marcha por cavalos negros, os Profetas, que muitas tribulações sofreram, como

¹⁵³⁹ Vid. *Tabulae*, tabela B, 258I-III; tabela C, 096.

¹⁵⁴⁰ Vid. *Tabulae*, tabela B, 367I-III; tabela C, 106; tabela D, 029.

¹⁵⁴¹ Vid. *Tabulae*, tabela B, 228I-IV; tabela C, 092.

¹⁵⁴² José Carlos Carvalho, “S. Lucas e o seu culto em Portugal,” in *Os Santos e a Identidade*, 13.

Elias, Isaías, Jeremias e tantos outros (*“In hac quadriga [...] fuerunt equi negri, quia prophete multas tribulationes sustinebant, sicut Helyas, Ysaías, Ieremias et multi alii”*); a Quadriga das Leis Evangélicas (*“quadrigam euangelice legis”*), que anda sobre as doutrinas histórica, alegórica, tropológica e anagógica (*“que III^{or} currit rotis, scilicet ¶ prima, doctrina hystorie ¶ II^a, allegorie ¶ III^a, tropologie ¶ IIII^a, anagoge”*), atrelada aos seus cavalos brancos, os apóstolos e evangelistas, alvos pela sua castidade e inocência (*“In hac quadriga sunt equi albi [...] quia apostoli et euangeliste ¶ castitate ¶ et innocentia pallebant”*); e a Quadriga da Sagrada Escritura (*“quadrigam tocious Sacre Scripture”*), assente sobre a Lei Natural, a Lei Velha, a Lei Nova e a Doutrina dos Santos Padres (*“ideo IIII^{or} rotis currit; predicatio enim populorum uadit et concordat ¶ primo, legi nature ¶ II^o, mosayce ¶ III^o, euangelice ¶ IIII^o, sequentium Patrum doctrine ut Augustinus, Ieronimus, Gregorius et huiusmodi”*), tracionada pelos cavalos fortes e multicolores que são os novos pregadores, vestidos de várias maneiras e cores e variados no modo de pregar (*“In hac quadriga sunt equi uarii et fortes, quia predicatorum uarietatem preferunt in habitu et fortitudinem in predicationis discursu”*)¹⁵⁴³. Foi, por seu turno, com recurso à imagética do arco e da flecha, desta feita tomada dos *Salmos*, que no *Sétimo Sermão da festa de São Lucas*, Frei Paio explanou aos seus confrades a dupla missão dos evangelistas – Marcos, Lucas, Mateus, João –, assemelháveis, no seu entendimento, a flechas desferidas por Cristo para dispersar os perseguidores e converter os predestinados, cujas penas eram as virtudes cardeais da Prudência, da Temperança, da Justiça e da Fortaleza (*“euangelistarum missio, ibi, misit sagittas suas. [...] IIII^{or} penne harum sagittarum sunt IIII^{or} uirtutes cardinales, scilicet: ¶ prima, prudentia ¶ II^a, temperantia ¶ III^a, iusticia ¶ IIII^a, fortitudo”*)¹⁵⁴⁴.

(d) Mensagens predicatórias

Implícitas em apenas oito *Picturae* bélicas, entre as mais de uma centena identificadas nos sermonários de Frei Paio e Santo António, as cogitações sobre o ofício da pregação só surgem abaixo das disposições cristológicas e apostólicas na hierarquia dos assuntos preditados pelos dois mendicantes¹⁵⁴⁵. Note-se, por sua vez, que à obra do

¹⁵⁴³ Vid. *Tabulae*, tabela B, 366I-VIII; tabela C, 105; tabela D, 009, 015, 029, 067, 074. Cf. Martins, *Alegorias, símbolos e exemplos*, 88–9; *A Bíblia na Literatura*, 38–9; Marques, “Mundividência cristã,” 80.

¹⁵⁴⁴ Vid. *Tabulae*, tabela B, 368I-IV; tabela C, 108; tabela D, 079.

¹⁵⁴⁵ Vid. *Tabulae*, tabela C, 003, 006, 012, 019, 020, 057, 061, 089.

franciscano pertencem a maioria das imagens bélicas ligadas a temáticas predicatórias (7 ocorrências), marginais no sermonário pelagiano (1 ocorrência) (vid. [gráfico 30](#)).

Para o menorita, o pregador devia libertar o pecador cativo do pecado por intermédio da sua pregação, seguindo os preceitos da *imitatio Christi*, ou, nas palavras antonianas, sair em combate contra os demónios e instalar o acampamento da sua vida (“*castra suae conversationis*”) e as tendas da sua pregação (“*tentoria suae praedicationis*”) junto da Pedra do socorro que é Cristo (“*lapidem adiutorii, lesum Christum*”)¹⁵⁴⁶; devia aumentar a comunidade dos fiéis, conciliando na sua pastoral a mensagem dos dois Testamentos e legitimando com obras os ensinamentos proferidos, ou empunhar o Arco da pregação (“*arcus est praedicatio*”), composto pela Madeira do Velho Testamento e pela Corda do Novo (“*lignum veteris et chorda novi Testamenti*”), e fortificá-lo na sua mão (“*Arcus in manu instatur, cum praedicatio opere adiuvatur*”)¹⁵⁴⁷; estava ainda obrigado a confortar os fiéis, pregar contra a hipocrisia e anunciar a Paixão de Cristo, i.e., armar-se de fortaleza (*Confortaini [...] o praedicatores*) no meio da Igreja que é a caridade (“*Medium Ecclesiae est caritas*”), entoar a Trombeta da pregação (“*bucina praedicationis*”) entre os hipócritas e elevar o Estandarte da cruz (“*vexillum crucis*”) entre os estéreis de boas obras¹⁵⁴⁸; era-lhe também exigido que pregasse contra os vícios da avareza, da gula e da luxúria, i.e., que se munisse do Cajado da cruz de Cristo (“*In baculo crux Christi*”), das Cinco pedras da ciência veterotestamentária (“*in quinque lapidibus scientia Veteris Testamenti*”), do Surrão da graça neotestamentária (“*in pera gratia Novi*”) e da Funda do exato juízo (“*in funda aequa libra iudicii*”) para que saísse a combater os ricos, os inebriados com a gula e os luxuriosos¹⁵⁴⁹; do mesmo modo, devia apoiar os penitentes, i.e., conduzir o exército do espírito e da pregação (“*aciem mentis et praedicationis*”) contra as tropas demoníacas que se ajuntam para combater contra aqueles que militam nos tabernáculos da penitência (“*contra illos qui militant in tabernaculis poenitentiae*”)¹⁵⁵⁰; como devia visar a moralização dos costumes, i.e., entoar a trombeta da pregação a convocar os pecadores para a guerra contra os vícios (“*Tuba ergo est praedicatio, quae convocat ad bellum contra vitia*”)¹⁵⁵¹; finalmente, estava ainda incumbido de pregar acerca da vitória de Cristo sobre o Diabo, i.e., elevar o Estandarte

¹⁵⁴⁶ Vid. *Tabulae*, tabela A, 007I-V; tabela C, 003; tabela D, 045, 060, 084.

¹⁵⁴⁷ Vid. *Tabulae*, tabela A, 008II-VI; tabela C, 006; tabela D, 010.

¹⁵⁴⁸ Vid. *Tabulae*, tabela A, 011I-X; tabela C, 012; tabela D, 020, 040, 061, 085, 090.

¹⁵⁴⁹ Vid. *Tabulae*, tabela A, 021I-II; tabela C, 019; tabela D, 022, 034, 048, 072, 083.

¹⁵⁵⁰ Vid. *Tabulae*, tabela A, 022I-IX; tabela C, 020; tabela D, 012, 042, 045, 060, 084, 091.

¹⁵⁵¹ Vid. *Tabulae*, tabela A, 048I-III; tabela C, 057; tabela D, 038, 053, 090.

da pregação da cruz vitoriosa sobre o Diabo (“*Super quem [diabolum] ‘prædicatores tune signum levant, cum eum crucis virtute victum prædicant’*”)¹⁵⁵².

Já para Frei Paio, a palavra de Deus assemelhava-se a um gládio (“*sermo diuinus gladius appellatur*”), pois tal como o gládio armava os soldados do mundo, a palavra divina munia os soldados de Cristo (“*milites Christi*”), quer dizer, os bons prelados e pregadores, que guardavam a Igreja (“*humilem Ecclesiam saluatoris [...] universi boni prelati et predicatorum custodiunt*”), fortes contra o Mundo, a Carne e os Demónios (“*fortes contra mundum IIº, fortiores contra carnem IIIº, fortissimi contra demones*”), armados com as espadas das Autoridades, das Sentenças e das Palavras desenferrujadas do erro (“*omnes tenentes gladios: primo, auctoritates IIº, sententias IIIº, sermones, ab omni erroris rubigine perlumatos*”) e experientes no combate argumentativo, por engenho natural, pelo estudo e pelo Espírito Santo (“*bella doctissimi: primo, docti, per ingenium naturale IIº, doctiores, per studium IIIº, doctissimi per Spiritum Sanctum*”). De igual modo, penetrava ela no mais íntimo do coração dos Ouvintes (“*cordis intima ipsorum audientium penetrat*”), separava os religiosos dos Pais e dos amigos mundanos (“*a parentibus et mundanis amicis separat*”), consumia e devorava os Carnais (“*carnalitatem hominum consumit et deuorat*”), combatia os Hereges (“*contra hereticos pugnat*”) e amputava os Membros do Diabo (“*membra diaboli amputat*”)¹⁵⁵³.

(e) Mensagens apologéticas, hagiológicas e mariológicas

A suscitar o recurso de Santo António e de Frei Paio à imagística da guerra estiveram também elucubrações de teor apologético, hagiológico e mariológico; as primeiras, polemizando contra as heresias e a religião judaica, presentes em ambos os sermonários antoniano (3 ocorrências) e pelagiano (2 ocorrências) (vid. [gráfico 30](#))¹⁵⁵⁴; as segundas, encerrando sobretudo louvores aos santos, num tempo de incremento substancial do seu culto no Ocidente cristão, todas inclusas nos sermões *De Sanctis* de Frei Paio (5 ocorrências) (vid. [gráfico 30](#))¹⁵⁵⁵; e as terceiras, expondo os mistérios afetos à mãe de Cristo, figura central da vida devocional, da reflexão teológica e da sermonística medievais, particularmente em voga a partir do século XII, com prolongamentos ao

¹⁵⁵² Vid. *Tabulae*, tabela A, 054I; tabela C, 061; tabela D, 040.

¹⁵⁵³ Vid. *Tabulae*, tabela B, 219I-XIII; tabela C, 089; tabela D, 034, 038, 051, 053.

¹⁵⁵⁴ Vid. *Tabulae*, tabela C, 024, 029, 072, 076, 077.

¹⁵⁵⁵ Vid. *Tabulae*, tabela C, 078, 083, 095, 099, 109.

seguinte, veiculadas, também elas, em imagens de cariz militar contidas na *Summa pelagiana* (3 ocorrências) e nos *Sermones antonianos* (vid. [gráfico 30](#))¹⁵⁵⁶.

Apesar do antagonismo expresso pelo franciscano e pelo dominicano em muitos dos seus sermões relativamente aos opositores da fé de Cristo, o estilo didático das prédicas, a sua compilação numa espécie de manuais ou sínteses teológicas deliberadamente idealizadas para atender às necessidades dos pregadores, levaram a que o discurso ali materializado não fosse tão deliberadamente argumentativo contra a os desvios heterodoxos e as outras religiões do Livro como seriam, porventura, as prédicas, se efetivamente pronunciadas pelos dois mendicantes¹⁵⁵⁷. Nos sermões dirigidos aos seus confrades, os desvios heréticos mereceram tratamento indiferenciado, todos eles encaixando sob a genérica categoria de “heresias”. Para o menorita, assemelhavam-se a estacas aguçadas, com as quais o Diabo cercava a Igreja e os poucos cristãos virtuosos que nela habitavam (“*Vallo haereticorum et munitione falsorum christianorum diabolus obsidet Ecclesiam*”)¹⁵⁵⁸. Ao invés de comungar da indiferença herética pelo assalto diabólico às almas fiéis, o Bom prelado devia condoer-se do modo como o Maligno incendiava essas cidades (“*civitates, idest animas fidelium*”) com o Fogo da cobiça (“*igne cupiditatis*”), como nelas exterminava as virtudes com a Espada da sugestão (“*gladio suggestionis*”) e como esmagava as boas obras e esventrava o propósito da boa vontade¹⁵⁵⁹. Ainda no domínio da controvérsia religiosa, merecedora de breve referência por parte do menorita nas suas prédicas foi a longa guerra (“*longa concertatio*”) opondo a Igreja à Sinagoga; assim, nas suas palavras, se à primeira Deus a fortificava e aumentava, à segunda a diminuía diariamente¹⁵⁶⁰. Já Frei Paio, tendo igualmente posto em linguagem bélica a descrição do conflito entre a Igreja e as heresias, justificou a sua proliferação com a cessação do gládio do espírito, que é a palavra de Deus (“*gladio spiritus quod est Verbum Dei*”)¹⁵⁶¹ e convocou os pregadores dominicanos ao seu combate, munidos das armas das autoridades eclesiásticas e dos respetivos argumentos (“*arma [...] id est, auctores et rationes*”), por intermédio dos quais poderiam destruir os hereges e pagãos¹⁵⁶².

¹⁵⁵⁶ Vid. *Tabulae*, tabela C, 039, 062, 079, 086, 087.

¹⁵⁵⁷ João Francisco Marques, “Apologética,” in *Dicionário de História Religiosa*, 82–102; J. Antunes, “Apologética,” in *Dicionário da Literatura*, 57–8.

¹⁵⁵⁸ Vid. *Tabulae*, tabela A, 027VI-XI; tabela C, 024; tabela D, 030, 046, 092. Cf. Martins, *A Bíblia na Literatura Medieval*, 29.

¹⁵⁵⁹ Vid. *Tabulae*, tabela A, 028II-III; tabela C, 029; tabela D, 038, 056.

¹⁵⁶⁰ Vid. *Tabulae*, tabela A, 072I-III; tabela C, 072; tabela D, 034, 077.

¹⁵⁶¹ Vid. *Tabulae*, tabela B, 004I; tabela C, 076; tabela D, 038.

¹⁵⁶² Vid. *Tabulae*, tabela B, 036I; tabela C, 077; tabela D, 013, 053.

Diversas foram, por sua vez, as prédicas em que o dominicano recorreu à imagética da Psicomaquia para estabelecer o louvor de determinadas figuras veneráveis da história eclesiástica. No *Primeiro Sermão da Festa dos Santos Inocentes*, por exemplo, conjurou a imagem dos meninos de Deus, figurados nos exércitos celestes (“*Et exercitus qui sunt in celum, id est, acies innocentum*”), seguindo Cristo, seu comandante, montados sobre os corcéis brancos dos seus corpos imaculados (“*sequebantur eum in equis albis, id est, in corporibus immaculatis*”)¹⁵⁶³. Ao padroeiro da cidade de Lisboa, São Vicente, representou-o no primeiro sermão da sua festa como invicto atleta de Cristo, recuperando o episódio hagiográfico do seu martírio, recompensado por Deus com os manás da Renovação espiritual (“*manna [...] Spiritualis refectionis*”), da Consolação angelical (“*manna [...] Angelice consolationis*”) e da Eterna fruição (“*manna [...] Eterne fruitionis*”) pelos seus triunfos sobre o Diabo, o imperador Daciano e os seus carrascos¹⁵⁶⁴. Também no elogio que teceu da fé inabalável de Santa Marina (ou Margarida) de Antioquia, também chamada Santa Pelágia, feito no segundo sermão da sua festa, evocou a imagem da Virgem triunfante sobre o Maligno, nascida de um *exemplum* inspirado na cena hagiográfica do seu enfrentamento com o dragão, conforme reproduzida na chamada *Passio S. Margaritae Virginis et Martyris* (séc. IX). Segundo a narrativa em questão – uma das mais significativas e difundidas da dracomaquia cristã¹⁵⁶⁵ –, o desprezo da Virgem pelas atenções de que fora alvo por parte do governador de Antioquia da Pisídia valeu-lhe o cativeiro, durante o qual orara a Deus para que a deixasse ver o seu Adversário, materializado num terrível dragão emergente do canto mais afastado do cárcere. Capturada e engolida pela encarnação diabólica, a santa fez-se valer do sinal da cruz, que levava consigo como sinal de devoção, para lhe rasgar o ventre, dividindo-o ao meio, assim emergindo ilesa e triunfante do confronto¹⁵⁶⁶. O tema do enfrentamento entre o Santo e o dragão, muito recorrente na literatura hagiográfica – recuperando e atualizando as narrativas de dracomaquia do mundo clássico e bíblico¹⁵⁶⁷ – voltou a insinuar-se no sermonário pelagiano, servindo de inspiração a outros dois *exempla* convocados pelo dominicano, respetivamente, no *Terceiro Sermão da festa de São*

¹⁵⁶³ Vid. *Appendices* tabela B, 067I; tabela C, 078; tabela D, 028, 029, 042.

¹⁵⁶⁴ Vid. *Appendices* tabela B, 122I-IV; tabela C, 083.

¹⁵⁶⁵ Sobre o simbolismo do dragão em contexto bíblico e hagiográfico, veja-se Daniel Ogden, *Dragons, Serpents and Slayers in the Classical and Early Christian Worlds – A Sourcebook* (Nova Iorque: Oxford University Press, 1956), 187–256; Maria Pia Ciccarese, *Animali simbolici: Alle origine del bestiário cristiano* (Bolonha: Biblioteca Patrística, 2002), 379–392.

¹⁵⁶⁶ Vid. *Appendices* tabela B, 235I; tabela C, 095.

¹⁵⁶⁷ Ogden, *Dragons, Serpents and Slayers*, 385.

Silvestre, extraído de uma das duas principais versões conhecidas da *vita* deste santo, a *Vita S. Sylvestri Papae et Confessoris* (finais do séc. IV) e no *Segundo Sermão da festa de São Filipe, Apóstolo*, tomado, por sua vez, da *Historia certaminis apostolici* de Pseudo Abdias e da *Historia ecclesiastica* de Orderico Vital. O relato da vitória de São Silvestre sobre o dragão é assimilado ao triunfo do cristianismo sobre o paganismo: na origem da crise provocada em Roma pelo bafo pestilento de um dragão estava, afinal, a renúncia ao culto dracónico por parte das virgens vestais, que, antes do triunfo da religião cristã no Império, o alimentavam diariamente com farináceos, tendo depois cessado de o fazer, enchendo-o de indignação; surgindo Silvestre a restituir a ordem na cidade, conforme instruído por São Pedro numa visão, descendo até ao abismo subterrâneo onde habitava o dragão e amarrando-o às suas portas, que só tornariam a ser abertas no Dia do Juízo¹⁵⁶⁸. O mesmo se aplica à narrativa da vitória de São Filipe sobre o mítico ser que, surgido na base de uma estátua do deus Marte, a que o apóstolo fora conduzido pelos pagãos da Cítia e onde fora obrigado a oferecer sacrifícios, havia matado o filho do sacerdote que ministrava os sacrifícios e dois tribunos daquela província, empestando com o seu bafo todos os ali reunidos. Contudo, quando no lugar da estátua se ergueu a cruz e o apóstolo ordenou ao dragão, em nome de Cristo, que abandonasse aquelas terras para ir habitar um lugar deserto, os mortos foram ressuscitados e os enfermos recuperaram a sua saúde¹⁵⁶⁹. Outra das pessoas veneráveis louvadas na imagética militar pelagiana foi o próprio fundador da Ordem dos Pregadores, a quem Frei Paio reservou a dignidade de protegido de Deus na batalha contra os albigenses, referindo-se-lhes como verdadeiros seguidores do Diabo, a quem São Domingos decepara com a espada da sua pregação (“*beatus Dominicus, quia membra hostis, id est, diaboli amputavit*”)¹⁵⁷⁰. Assemelhavam-se, pois, os santos a varões gloriosos (“*uiros gloriosos*”), saídos para o combate em nome de Cristo contra a Carne, o Mundo e o Diabo, vencidos pelo seu martírio e pelo brilho dos seus milagres (“*hii sunt qui sicut dixi pro fide Trinitatis ¶ primo cum carne ¶ IIº, cum mundo ¶ IIIº, cum diabolo pugnaverunt et eos uicerunt ydrias sicut ibi dicitur, id est, corpora confringendo et lampadibus, id est, miraculis coruscando*”)¹⁵⁷¹.

No que respeita à questão mariológica, também o dogma da Maternidade Divina foi ilustrado pelo menorita à base de imagética bélica, por ser um dos privilégios

¹⁵⁶⁸ Vid. *Appendices* tabela B, 086I. Cf. Ogden, *Dragons, Serpents and Slayers*, 221–7; Le Goff, *O imaginário medieval*, 234.

¹⁵⁶⁹ Vid. *Appendices* tabela B, 194I. Cf. Ogden, *Dragons, Serpents and Slayers*, 207–20.

¹⁵⁷⁰ Vid. *Appendices* tabela B, 268I–VI; tabela C, 099; tabela D, 002, 034, 057, 059.

¹⁵⁷¹ Vid. *Appendices* tabela B, 382I; tabela C, 109; tabela D, 057.

essenciais de Maria, de que decorria a sua mediação na distribuição de graças divinas¹⁵⁷². O menorita aludiu-lhe no *Sermão da Festa da Purificação de Maria Virgem Santíssima*, representando nele o armamento de Cristo no tabernáculo da Virgem, resguardado pelo Escudo da justiça e o Capacete da salvação, armas usadas para combater as Potestades aéreas (“*Tabernaculum significat beatam Mariam, in qua Christus se armavit lorica iustitiae et galea salutis, ut contra aereas potestates debellaret*”)¹⁵⁷³. Já no *Sermão do Primeiro Domingo depois da Oitava do Natal do Senhor* comparou a dor suportada pela Virgem durante a Paixão do seu Filho a uma espada que lhe trespassasse a Alma (“*Dolor, quem beata Maria sustinuit in Passione sui Filii, fuit quasi gladius, qui ipsius animam pertransivit*”)¹⁵⁷⁴, uma simbologia achada no *Evangelho de São Lucas*, que a partir do século XVI se tornaria a base da estatuária mariana da “Mater dolorosa”, comumente representada iconograficamente com as sete espadas sobre o peito, sinal da plenitude do sofrimento¹⁵⁷⁵.

Quanto a Frei Paio, no *Terceiro Sermão da festa dos Santos Inocentes* retratou o enfurecimento de Herodes contra a Virgem refugiada no Egito, e a moção de guerra lançada pelo mesmo contra os meninos da sua descendência, figurando o rei da Judeia como um dragão irado (“*iratus est draco, id est, Herodes, in mulierem, id est, contra beatam Virginem in Egiptum fugientem, et abiit Herodes facere prelium cum reliquis de semine eius, id est, cum pueris de genere eius*”)¹⁵⁷⁶. O dominicano tocou também o dogma da Maternidade Divina. Primeiro, no *Décimo Sermão da Anunciação de Maria*, representando a investidura de Cristo como guerreiro no tálamo do útero virginal, no qual o Filho de Deus se teria munido das armas com as quais derrotou o Príncipe do mundo e todo o seu exército (“*Dei Filii, quia hodie in thalomo uteri uirginalis nouus miles effectus fuit et inde noua arma sumpsit, quibus principem mundi cum toto suo exercitu debellauit*”)¹⁵⁷⁷. Fê-lo, de novo, no *Décimo Primeiro Sermão da Anunciação de Maria*, onde, por sua vez, equiparou a mãe de Cristo a uma cidade fortificada, vivificada pelo rio do Espírito Santo, na qual os fiéis procuravam refúgio da guerra da tentação (“*dicitur*

¹⁵⁷² E. Dublanchy, “Marie,” in *Dictionnaire de théologie catholique: contenant l'exposé des doctrines de la théologie catholique, leurs preuves et leur histoire*, eds. A. Vacant, E. Mangenot e E. Amann, vol. 9 (Paris: Letouzey et Ané, 1927), 2339–470.

¹⁵⁷³ Vid. *Tabulae*, tabela A, 036I-II; tabela C, 039; tabela D, 084.

¹⁵⁷⁴ Vid. *Tabulae*, tabela A, 054V; tabela C, 062; tabela D, 038.

¹⁵⁷⁵ Dublanchy, “Marie,” 2339–470.

¹⁵⁷⁶ Vid. *Tabulae*, tabela B, 069III; tabela C, 080.

¹⁵⁷⁷ Vid. *Tabulae*, tabela B, 180; tabela C, 087.

autem beata Virgo ciuitas [...] quia sicut in tempore guerre ad ciuitatem confugitur, sic tempore temptationis et persecutionis ad Virginem”)¹⁵⁷⁸.

(f) Mensagens escatológicas

À margem dos assuntos veiculados pelos dois mendicantes na sua imagética bélica não ficaram também preocupações escatológicas, concernentes ao fim dos tempos e às últimas coisas – quer as respeitantes ao indivíduo, tratando da sua morte, do Julgamento Particular, do Purgatório, do Céu e do Inferno (escatologia individual), quer as afetas a todo o universo criado, abrangendo o fim do mundo e a segunda vinda do Salvador (Parúsia), a ressurreição dos mortos e o Julgamento Universal (escatologia geral)¹⁵⁷⁹. Tais preocupações infundiram, contudo, apenas quatro imagens inspiradas em temas militares, das mais de uma centena identificadas nos sermonários antoniano (3 ocorrências) e pelagiano (1 ocorrência) (vid. [gráfico 30](#))¹⁵⁸⁰.

O menorita, ao aludir ao Juízo Final – essa dupla manifestação da justiça divina, ocorrida no final da existência individual (Julgamento Particular) e no final dos tempos (Julgamento Geral), quando Cristo, como juiz, pontificaria em majestade, assistido por São Miguel para separar os eleitos dos condenados, através da contagem exata das suas boas ações e dos seus pecados¹⁵⁸¹ – concebe-o de três formas distintas: figura-o como cenário da vibração da espada da divindade pelo Pai, produzindo esplendor sobre os santos e a sombra trémula da condenação sobre o ímpio (*“Pater in die sua vibrabit gladium, idest Filium suum, quia ei omne iudicium dabit, qui splendorem sanctis et umbram tremulam damnationis ostendet impiis”*)¹⁵⁸²; retrata-o como palco do cerco das almas separadas dos corpos pelos demónios inimigos, com as trincheiras da condenação (*“animas exeuntes a corporibus daemones inimici circumdabunt vallo, trahentes eas ad societatem suae damnationis”*), do seu cerco e apertamento, devido às iniquidades cometidas por obras, palavras e pensamentos (*“et undique circumdabunt te et*

¹⁵⁷⁸ Vid. *Tabulae*, tabela B, 181I-V; tabela C, 087; tabela D, 030, 052.

¹⁵⁷⁹ Patrick Toner, “Eschatology,” in *The Catholic Encyclopedia*, 80–5; E. Mangelot, “Eschatologie,” *Dictionnaire de théologie catholique: contenant l’exposé des doctrines de la théologie catholique, leurs preuves et leur histoire*, eds. A. Vacant, E. Mangelot e E. Amann, vol. 5 (Paris: Letouzey et Ané, 1939), 456–7; Bernhard Töpfer, “Escatologia e milenarismo,” in *Dicionário Analítico*, 395–410.

¹⁵⁸⁰ Vid. *Tabulae*, tabela C, 034, 035, 060, 085.

¹⁵⁸¹ J. Rivière, “Jugement,” in *Dictionnaire de théologie catholique: contenant l’exposé des doctrines de la théologie catholique, leurs preuves et leur histoire*, eds. A. Vacant, E. Mangelot e E. Amann, vol 8 (Paris: Letouzey et Ané, 1939), 1721.

¹⁵⁸² Vid. *Tabulae*, tabela A, 030III-VI; tabela C, 034; tabela D, 038.

coangustabunt, quando non solum operis, sed etiam locutionis et cogitationis iniquitates ante oculos eorum replicabunt”) e do seu derribamento por terra, com a redução da carne a pó (“*Et ad terram prosternunt, cum caro in pulverem redigitur*”) ¹⁵⁸³; imagina-o ainda como o derradeiro momento em que a Espada do poder divino se cobriria com o Sangue dos pecados e a Gordura da opulência dos carnaís (“*In die iudicii gladius, idest potestas, Domini, ulciscens se de inimicis suis, eri repleta sanguine et incrassata adipe, idest puniet peccata et opulentiam carnalium*”) e se vingaria dos Hipócritas, dos Libidinosos e dos Gordos abades e priores (“*de sanguine agnorum, idest hypocritarum*’ [...] *et hircorum, idest libidinosorum*” e *medullatorum arietum, idest pinguium abbatum et priorum, qui sunt duces gregis*”), habitantes na fortificação da congregação desavinda e dissoluta dos Claustrais, exteriormente fortificada por muros, mas interiormente exposta a todo o vício transeunte (“*Victima enim, idest ultio, Domini erit in Bosra, quae interpretatur munita idest discordi et dissoluta claustralium congregatione, quae est exterius muris munita, sed interius omni transeunti vitio exposita*”) ¹⁵⁸⁴. Já Frei Paio, limitou-se, neste particular, a aludir, no Oitavo Sermão da festa de São Vicente, ao perecimento do Pecador (“*peccator*”) pelos gládios da Consciência (“*gladio conscientie grauitur stimulantis*”), da Malícia (“*In gladio malicie uel iniquitatis acriter trucidantis*”) do Demónio (“*gladio diaboli crudeliter malignantis*”) e do Juízo de Cristo, este último – dizia –, capaz de matar com grande justiça (“*In gladio iudicis Christi iustissime occidentis*”) ¹⁵⁸⁵.

(g) Mensagens angelológicas e demonológicas

Entre os muitos assuntos que suscitaram o recurso de Santo António e de Frei Paio a imagética militar contam-se igualmente os temas angelológicos (ou angiológicos) e demonológicos. Os primeiros, genericamente, de sentido positivo, porquanto afetos, entre outras questões, à função, natureza e organização dos Anjos na teologia cristã, foram comuns aos sermonários antoniano (1 ocorrência) e pelagiano (1 ocorrência) (vid. [gráfico 30](#)) ¹⁵⁸⁶. Já os segundos, de sentido negativo, pois incidentes sobre os anjos maus,

¹⁵⁸³ Vid. *Tabulae*, tabela A, 030V-VII; tabela C, 035; tabela D, 026.

¹⁵⁸⁴ Vid. *Tabulae*, tabela A, 050I-VIII; tabela C, 060; tabela D, 021, 038.

¹⁵⁸⁵ Vid. *Tabulae*, tabela B, 129I-IX; tabela C, 085; tabela D, 038.

¹⁵⁸⁶ Vid. *Tabulae*, tabela C, 052, 102.

assinalaram presença somente nos *Sermones* antonianos (2 ocorrências) (vid. [gráfico 30](#))¹⁵⁸⁷.

Na exposição que os dois mendicantes fizeram perante os seus confrades das doutrinas angelológicas – impelidos, talvez, pelo grande debate teológico surgido no século XIII visando a determinação da natureza exata dos anjos, que encontrou um dos seus grandes nomes na figura de São Tomás de Aquino, para quem tais habitantes celestiais eram espíritos puros, incorpóreos, mas que podiam assumir temporariamente aparência física nos seus contactos com os homens¹⁵⁸⁸ – tanto o menorita como o dominicano acharam um importante travejamento retórico na imagética das fileiras (ou hostes) angelicais. No *Sermão do Vigésimo Domingo Depois do Pentecostes*, procurando alertar para a função dos anjos enquanto mensageiros de Deus, que anunciavam a sua vontade aos homens e garantiam a sua realização, surgindo, na missão e na forma, como intermediários entre o celeste e o terrestre, Santo António invocou do *Evangelho de São Mateus* os exércitos enviados pelo rei da *Parábola do grande banquete* para vingar os seus servos. Viu neles prefigurados os próprios exércitos angelicais (“*exercitibus, idest angelis*”) enviados pelo Senhor no dia do Juízo Final para exterminar os pecadores e incendiar a cidade da carne, em que estes haviam habitado, com o fogo da geena (“*civitatem perdet, idest carnem, in qua habitaverunt*”)¹⁵⁸⁹.

Quanto a Frei Paio, recorreu à mesma imagética das hostes angelicais (“*exercitus angelorum*”), no *Primeiro Sermão da festa de São Miguel Arcanjo*, mas para aí explanar a hierarquia dos anjos. Fundamentando-se na *De Caeleste Hierarchiaem* (séc. IX), erroneamente atribuída a Dionísio, o Aeropagita (†séc. I), agrupou-os em nove coros, ou fileiras (“*sunt IX ordines quasi IX ordinate acies*”), por sua vez ordenadas em três tríades, ou acampamentos (“*ierarchiis quasi in tribus castris*”), decalcados dos *castra Dei* das *Escrituras* (Gn 32,2), numa configuração que atravessou toda a Idade Média, alojando-se, sem nenhuma mudança ou hesitação, no retrato do Paraíso da *Divina Comédia*, de Dante Alighieri. O primeiro deles era o acampamento da epifania (“*epyffania*”), integrado pelas fileiras angelicais que dispunham de um contacto mais próximo com o Criador, contemplando e glorificando a Deus, designadamente: os Serafins (“*Seraphim*”), que

¹⁵⁸⁷ Vid. *Tabulae*, tabela C, 007, 022.

¹⁵⁸⁸ H. Pope, “Angels,” in *The Catholic Encyclopedia*, eds. Charles G. Herbermann et al., vol. I (Nova Iorque: Robert Appleton Company, 1907), 400–15; A. Beugnet, “Ange,” in *Dictionnaire de théologie*, 1189–1273; Philippe Faure, “Anjos,” in *Dicionário Analítico*, 80-94; Herculano Alves, “Anjos na Bíblia e no ambiente do povo bíblico,” in *Os Santos e a identidade*, 23.

¹⁵⁸⁹ Vid. *Tabulae*, tabela A, 045I-II; tabela C, 052; tabela D, 042.

cantam louvores e se consomem em adoração; os Querubins (“Cherubim”), que guardam e transmitem os mistérios sagrados; e os Tronos (“Tronis”), que manifestam a onnipotência divina. Em segundo lugar, vinha o acampamento da hiperfania (“*yperffania*”), composto pelos anjos que dirigem os planos da sabedoria, tendo como missão governar os diversos mundos, como seria o caso das Dominações (“*Dominationibus*”), que desempenham missões relevantes; dos Principados (“*Principatibus*”), que servem como guias dos mensageiros; e das Potestades (“*Potestatibus*”), que cuidam da forma das vontades. Seguia-se, por último, o acampamento da hiponafia (“*ypoffonia*”), formado pelos anjos executantes das ordens divinas e protetores dos homens, nomeadamente: as Virtudes (“*Virtutibus*”), que removem obstáculos à concretização dos desígnios de Deus; os Arcanjos (“*Archangelis*”), mensageiros dos mesmos desígnios; e os Anjos (“*Angelis*”), seus executantes¹⁵⁹⁰.

Ao chefe dos anjos rebeldes, que se opõem a Deus e encarnam as forças do mal – como foi consagrado na tradição cristã o Diabo, uma criatura “caída”, em tudo inferior ao Criador, que ocuparia na hierarquia infernal um lugar homólogo ao de São Miguel na hierarquia celeste¹⁵⁹¹ – Santo António associou-o ao Pecado e aos vícios da Malícia, da Luxúria e da Rejeição dos ensinamentos pregados. No âmbito do comentário que teceu no *Sermão do Terceiro Domingo da Quaresma* ao episódio da saída de Golias do acampamento dos filisteus, figurou-o a emergir do Acampamento dos pecadores (“*Hic egreditur de castris Philisthinorum, 'qui [...] significant peccatores*”), protegido pela Armadura de bronze dos fortes defensores dos seus partidos, composta pela Couraça dos maus (“*Lorica diaboli sunt mali*”), pelas Escarcelas das escusas da luxúria (“*Ocreae sunt excusationes luxuriae*”) e pelo Escudo daqueles que repelem de si as setas da pregação (“*'Clypeus diaboli sunt illi qui sagittas praedicationis a se repellunt*”)¹⁵⁹². No *Sermão do Terceiro Domingo depois do Pentecostes*, o Santo imputou-lhe ainda a extinção no Homem dos preceitos da caridade de Deus e do próximo, prefigurados nos dois príncipes mortos por Joab no *Antigo Testamento*, Abner e Amasa. Ao preceito da caridade de Deus, o Maligno entregava a morte (“*Diabolus, ut in nobis interficiat caritatem Dei*”) conduzindo o Homem ao meio da porta da vaidade do mundo (“*primo adducit nos ad*

¹⁵⁹⁰ Vid. *Tabulae*, tabela B, 345I-IX; tabela C, 102; tabela D, 005, 030, 042, 044, 053. Cf. Martins, *Alegorias, símbolos e exemplos*, 176–7; Marques, “Mundividência cristã,” 78–80.

¹⁵⁹¹ William Kent, “Devil,” in *The Catholic Encyclopedia*, 600–29; E. Mangenot, “Démon,” in *Dictionnaire de théologie catholique: contenant l'exposé des doctrines de la théologie catholique, leurs preuves et leur histoire*, eds. A. Vacant, E. Mangenot e E. Amann, vol. 4 (Paris: Letouzey et Ané, 1931), 321–409; Jérôme Baschet, “Diabo,” in *Dicionário Analítico*, 358–71.

¹⁵⁹² Vid. *Tabulae*, tabela A, 008VIII-XXII; tabela C, 007; tabela D, 005, 013, 024, 035, 037, 045, 051, 053.

medium portae. Porta est ingressus et egressus vitae nostrae, cuius medium est mundi vanitas”), onde o feria com o prazer da carne (“*in qua, dum ei loquitur in dolo, temporalia promittendo, percutit eum in inguine, idest carnis voluptate*”). Quanto preceito da caridade do próximo, eliminava-o atravessando os fiéis com a espada da sugestão, que trazia embainhada no espírito dos perversos (“*Gladius in vagina est diaboli suggestio in perversorum mente*”)¹⁵⁹³.

(h) Mensagens antropológicas e eclesiológicas

Finalmente, a fechar o rol dos assuntos visados pelos autores dos *Sermones* e da *Summa* com auxílio da imagética bélica surgem ainda a Antropologia (1 ocorrência) e a Eclesiologia (1 ocorrência) (vid. [gráfico 30](#)). As mensagens antropológicas levaram o franciscano a buscar inspiração no tema da guerra espiritual numa única ocasião, no *Sermão do XIV Domingo depois do Pentecostes*, onde, comungando da concepção coeva da pessoa humana, concebeu implicitamente as duas dimensões do Homem – material e espiritual – como contrárias e conflitantes entre si¹⁵⁹⁴. Para ele, a vida do Homem era uma guerra, isto é, uma tentação (“*Hominis vita est militia, idest tentatio*”), pois a carne, corrupta, de si gera moléstias e, nos próprios bens que faz, vê surgirem os males, tais como indolência no ócio da contemplação, vanglória na abstinência (“*ex se sibi molestias gignit, et in ipsis bonis quae agit, mala suboriri sentit, ut in otio contemplationis desidiam, in abstinentia vanamgloriam*”)¹⁵⁹⁵.

Na perspetiva das mensagens eclesiológicas, Frei Paio socorreu-se da imagética das hostes espirituais no *Primeiro Sermão da festa de São Miguel Arcanjo*, para fazer notar aos seus confrades como a organização hierárquica das ordens religiosas da Igreja refletia a própria hierarquia celeste, inserindo-se assim numa longa tradição monástica que supunha o entendimento da vida religiosa em termos angelológicos, não a circunscrevendo apenas à imitação de Cristo e dos Apóstolos¹⁵⁹⁶. As tríades, ou

¹⁵⁹³ Vid. *Tabulae*, tabela A, 023VI-XI; tabela C, 022; tabela D, 003, 008, 017, 038, 063.

¹⁵⁹⁴ Francis Aveling, “Man,” in *The Catholic Encyclopedia*, eds. Charles G. Herbermann et al., vol. IX (Nova Iorque: Robert Appleton Company, 1910) 70–85; Jean-Claude Schmitt, “Corpo e alma,” in *Dicionário Analítico*, 290–1; Baschê, *Corps et âmes*, 21–60; Peklar, “Discussing Medieval Dialogue,” 1972–99. A respeito do modo como a “antropologia” antoniana se constrói, vide Mário A. Santiago de Carvalho, “Carne e (en)carnação (no “Sermo Dominica XIII post Pentecosten” de Santo António de Lisboa,” *Revista da Faculdade de Letras* 3 (1986): 243–87.

¹⁵⁹⁵ Vid. *Tabulae*, tabela A, 039II; tabela C, 046; tabela D, 052.

¹⁵⁹⁶ David Keck, *Angels and Angelology in the Middle Ages* (Cambridge: Cambridge University Press, 1981), 117–28; G. Joyce, “The Church,” in *The Catholic Encyclopedia*, 400–60; E. Dublanchy, “Église,” in *Dictionnaire de théologie*, 2107–2223.

acampamentos angelicais (epifania, hiperfania e hipofania), equiparavam-se, no entendimento do conimbricense, aos conventos e mosteiros das ordens de Cister, dos Pregadores e dos Menores, também eles verdadeiros acampamentos (“*castra*”), armados pelos seus primeiros abades e mestres (São Bento, São Domingos e São Francisco) e bem assim pelos que vieram depois (Frei Roberto, Frei Jordão, entre outros), os quais Jacob teria já vislumbrado, em espírito (Gn 32,2). Da mesma forma, aos nove coros, ou fileiras angelicais, que integravam tais acampamentos, guardando a cidade da fé dos homens (“*custodiam et deffensionem ciuium, id est, fidelium hominum*”), derrotando os demónios e os maliciosos que a cercavam (“*debellationem hostium, id est, demonum et malorum hominum*”) e servindo continuamente a Deus (“*continuum sui imperatoris obsequium*”), correspondiam, para Frei Paio, nove tipos de irmãos. Combatiam, também eles, pela sua respetiva Ordem e pela Igreja (“*pugnant pro patria, id est, Ordine et Ecclesia*”), defendendo-as dos seus inimigos (“*defendendis*”), aumentando-as (“*dilatandis*”) e enriquecendo-as (“*ditandis*”). São eles os Contemplativos (“*acies contemplatiuorum*”), que, tal como os Serafins, se consomem nas chamas do amor divino e com elas inflamavam os outros; os Doutores (“*acies doctorum*”), comparáveis aos Querubins, que conhecem e ensinam os mistérios divinos ao povo de Deus; os Confessores (“*acies confessorum*”), que, emulando os Tronos, manifestam a onipotência divina, absolvendo os penitentes em nome de Deus; os Abades e priores (“*acies abbatum, priorum*”), cuja função, da maior relevância como a das Dominações, passa por levar os religiosos à obediência, bom exemplo e autodomínio; os Subpriors e outros subalternos (“*acies subpriorum et aliorum obedientialium*”), como, por exemplo, os mestres de ofícios (“*cellerarii*”), os quais se assemelham aos Principados, ensinando os súbditos a reverenciar os seus superiores; os Mestres de noviços (“*acies magistrorum nouitiorum*”), correspondentes às Potestades, pois contribuem para a paz no convento, ensinando os outros a protegerem-se e a resistirem às tentações dos demónios através de orações, bons conselhos e outras razões; os Religiosos a quem Deus concedeu a graça dos milagres (“*acies illorum quibus Deus concessit gratiam miraculorum*”), tais como São Bento de Núrsia, São Francisco de Assis, Santo António de Lisboa e muitos outros santos, assimiláveis às Virtudes; os Maiores dignitários no interior da Ordem, como, por exemplo, os Superiores Gerais da Ordem dos Pregadores (“*acies omnium aliorum subpeditorum et specialiter generalium Predicatorum*”), equiparáveis aos os Arcanjos, ocupantes do topo da hierarquia angelical; e, por último, os Visitadores (“*fratrum*”).

uisitatorum”), com correspondência nos Anjos, aconselhando os irmãos a observar a Regra e as Constituições¹⁵⁹⁷.

¹⁵⁹⁷ Vid. *Tabulae*, *tabela B*, 345I-IX; *tabela C*, 102; *tabela D*, 005, 030, 042, 044, 053. Cf. Martins, *Alegorias, símbolos e exemplos*, 176–7; Marques, “Mundividência cristã,” 78–80.

MODELO DE DECODIFICAÇÃO DE UMA MENSAGEM POÉTICA – DIAGRAMA DE COMUNICAÇÃO APLICADO

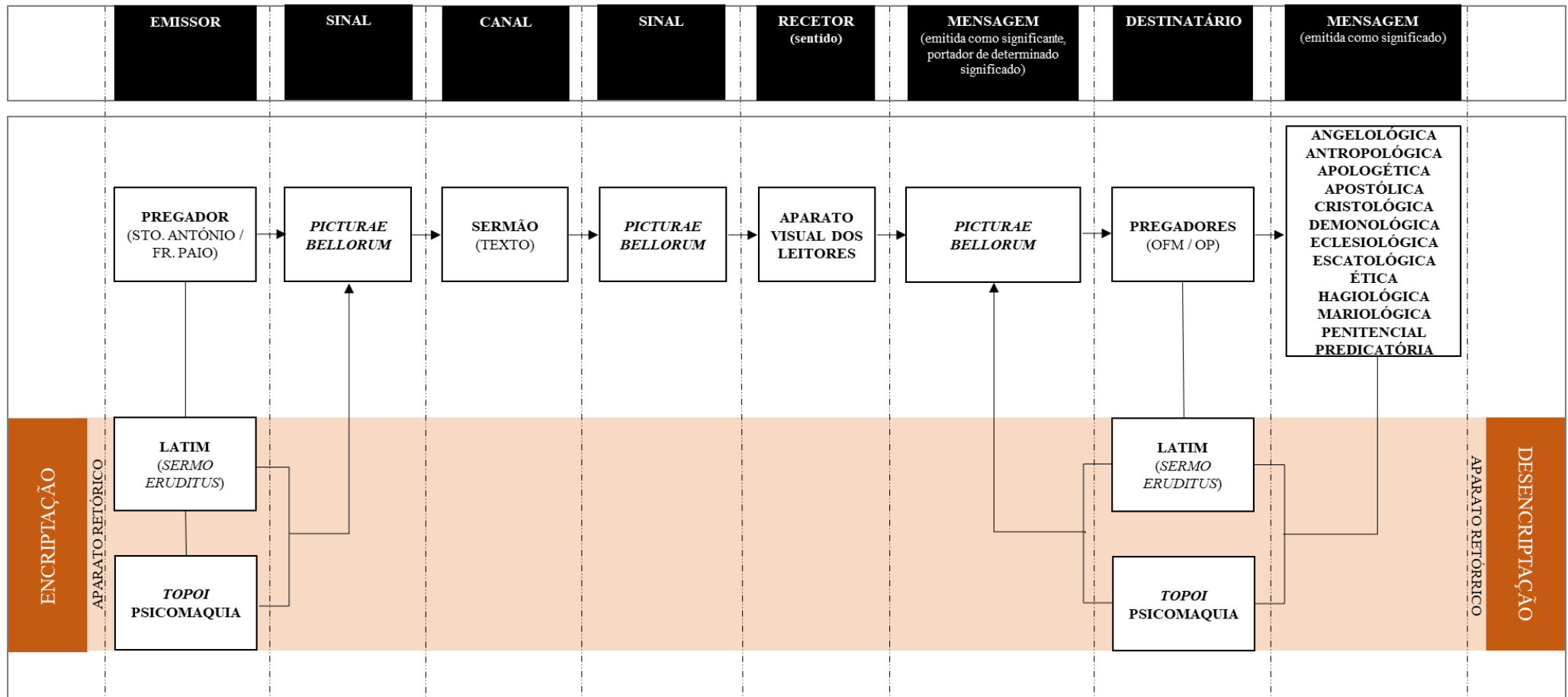


DIAGRAMA 2 – MODELO DE DECODIFICAÇÃO DE UMA MENSAGEM POÉTICA. DIAGRAMA DE COMUNICAÇÃO APLICADO.

Fonte: Umberto Eco, *La struttura assente. Introduzione alla ricerca semiológica* (Milão, Bompiani, 1968).

III. CLAUSIO

Parte última do sermão erudito medieval, consistindo numa fórmula final de cariz recapitulativo e exortativo.

Siegfried Wenzel

Medieval Artes Prædicandi.

A synthesis of scholastic sermon structure.

Chegado o momento de balanço, importa – à maneira de uma *Clausio* de um sermão erudito medieval – recuperar brevemente os objetivos delineados no início da investigação, para melhor sumarizar e recapitular os seus principais resultados e contributos, sugerindo, de caminho, possibilidades de enriquecimento e aprofundamento do conhecimento do tema principal – a Psicomaquia ou combate espiritual nos sermonários de Santo António e Frei Paio de Coimbra –, abrindo ainda campo para eventuais perspetivas de investigação a ele adjacentes.

Antes de mais, caraterizar o tema da Psicomaquia à luz da reinterpretação cristã da fórmula clássica estabelecida por Prudêncio e explicar o peso significativo que assumiu nos sermonários de Santo António e de Frei Paio de Coimbra, com base numa análise dos padrões simbólicos e das potencialidades retóricas inerentes ao uso das representações bélicas nas duas coletâneas — as *Picturae Bellorum*, como se convencionou chamá-las ao longo do estudo — revelou-se uma tarefa, à partida, tão vantajosa quanto ambiciosa. Aliás, duplamente vantajosa, atendendo ao caráter praticamente inexplorado da problemática da guerra espiritual no panorama historiográfico português e aos seus potenciais contributos para proporcionar um conhecimento mais sólido e completo do fenómeno da guerra na Idade Média – especialmente das suas implicações na cultura e espiritualidade do século XIII –, mas também permitindo conhecer melhor o conteúdo e a forma dos sermonários de Santo António de Lisboa e de Frei Paio de Coimbra, na sua complexidade, originalidade e relação com a parenética do período. Ao mesmo tempo, era indiscutivelmente uma proposta ambiciosa, não isenta de dificuldades, face aos vários condicionalismos em presença: a amplitude do *corpus* documental, composto por aproximadamente cinco centenas de sermões, esrupulosamente examinados (406 pelagianos, 77 antonianos); a circunstância de a obra pelagiana estar redigida em latim, exigindo um esforço hermenêutico acrescido, que resultou na tradução integral ou parcial de numerosas homilias relativas ao tema; a multiplicidade de perspetivas que o assunto suscitava, dando azo, por vezes, a hesitações e interrogações sobre a pertinência do questionário, das metodologias e dos objetivos a alcançar; e a referida rarefação de estudos que, desde a primeira hora, tornou imprescindível recorrer a numerosos trabalhos recenseados no panorama historiográfico internacional.

Não obstante os desafios colocados à investigação, que foram gradualmente superados, esta revelou-se, afinal, frutífera, aportando novos contributos, instrumentos de trabalho e perspetivas interpretativas. A natureza literária das fontes tornava-as

particularmente propícias à persecução dos fins, entretanto, fixados. Em especial, a permeabilidade dos sermões a fatores de ordem conjuntural e a abertura dos dois pregadores à imagética da Psicomaquia motivaram e, em boa medida, justificaram a grande importância conferida, na economia narrativa do trabalho, à reconstituição da conjuntura do Ocidente europeu e do reino de Portugal, recém-fundado e em definição de fronteiras, coincidente com o final do século XII e o início da centúria seguinte — o tempo e as geografias em que Santo António e Frei Paio viveram, intervieram ativamente na cena religiosa e conceberam e materializaram as suas obras.

As transformações então registadas na cena religiosa, plenamente enquadradas numa paisagem dominada pelos renascimentos e expansionismos europeus – políticos, económicos, sociais e culturais – atingiram o seu auge numa aspiração de reforma religiosa, espiritual e de costumes, traduzida no retorno à vida apostólica, desejado por certos setores laicos e eclesiásticos. Esse ideal foi perseguido por grande parte das iniciativas religiosas surgidas desde as décadas finais do século XI: fossem elas condenadas pelo Papado e, por isso, consideradas heréticas, com críticas dirigidas às hierarquias e aos vícios eclesiásticos que comportaram uma séria ameaça à integridade da Igreja; fossem enquadradas pela Santa Sé na ortodoxia católica, como as que surgiram no início do século XIII, sob o impulso de São Francisco de Assis e São Domingos de Gusmão, originando a Ordem dos Frades Menores e a Ordem dos Pregadores.

A eficácia da pregação popular e a autêntica cruzada da palavra protagonizada por franciscanos e dominicanos contra os desvios heréticos e os vícios mais enraizados no clero da época, aliada ao rápido reconhecimento e apoio pontifício conferidos às duas ordens e à consequente difusão destas pela Cristandade, contribuiu para inaugurar uma nova era no quadro da pregação medieval, mais do que nunca atenta às necessidades espirituais dos públicos laicos. Dessa renovação resultou a emergência de um novo ideal de pregador, que exigia, para o exercício da *cura animarum*, o respeito por certas condições *sine qua non*: autorização eclesiástica, santidade pessoal, sólida preparação intelectual, conhecimento dos tempos e lugares de pregação e auxílio da graça divina.

Foi precisamente este o modelo de pregador interiorizado por Santo António e Frei Paio, cujos itinerários, bem sugestivos a esse respeito, se podem resumir numa sucessão de aproximações e afastamentos que os tornam, à partida, comparáveis: ambos indivíduos de ascendência portuguesa e com presumíveis ligações a famílias abastadas do reino – o primeiro nasceu na cidade de Lisboa, enquanto o segundo se crê originário de Coimbra; ambos cónegos regulares de santo agostinho, ou de algum modo associáveis

à ordem, tocados, entretanto, pela mensagem mendicante – o primeiro viu na proposta religiosa do *Poverello* de Assis o modo mais pleno e puro de a encarnar, enquanto que o segundo adotou os ensinamentos do pai da Ordem dos Pregadores; ambos figuras proeminentes das respetivas ordens e intervenientes ativos na vida político-religiosa do seu tempo – o primeiro destacou-se pregando e lecionando teologia em terras itálicas e gaulesas, enquanto o segundo parece ter-se atido ao território que o viu nascer, onde exerceu o cargo de prior conventual dos dominicanos de Coimbra; ambos considerados figuras santas, modelos de virtude a imitar pelos fiéis – o primeiro foi inscrito, de facto, no catálogo dos santos da Igreja Católica, sendo oficialmente imortalizado e mitificado como tal num culto universal que ainda hoje persiste, enquanto o segundo foi apenas canonizado por *vox populi* e objeto de uma devoção muito mais local, até se tornar num vulto esmaecido; ambos homens de saber, intelectuais distintos – o primeiro foi formalmente reconhecido pela Igreja como «Doutor Evangélico», enquanto o segundo foi-o apenas circunstancialmente pelos membros da própria ordem.

A faceta de intelectuais e pregadores fulgurantes partilhada pelos dois religiosos cristalizou-se nas respetivas obras homiléticas: dois dos mais precoces sermonários latinos mendicantes conhecidos, produtos da chamada Revolução Homilética desencadeada na Cristandade pelo reforço pontifício da pregação popular entre o final do século XII e o início do seguinte. Um movimento também marcado pelo surgimento de um novo modelo de sermão, em linha com o novo modelo de pregador, adotado pelos dois mendicantes portugueses – o sermão moderno, erudito ou temático –, alternativo à homilia patrística, desta se distinguindo pela sua finalidade expositiva e rígida estrutura tripartida (*exordium*, *dilatatio*, *clausio*) e pela proliferação de um amplo conjunto de materiais de auxílio à composição parenética, apostados em aumentar a força persuasiva da mensagem cristã, consubstanciados em *Artes Prædicandi*, glosas bíblicas, recolhas de *Exempla*, *Similitudines*, *Anedoctæ*, *Distinctiones* e *Concordantiæ* e coleções de sermões-modelo.

Em particular, o tratamento a que foram sujeitos os *Sermones* de Santo António e a *Summa* de Frei Paio, ao nível da respetiva materialidade, contextos, objetivos, estruturas, fontes e motivos, permitiu evidenciar as principais afinidades e singularidades existentes entre os dois sermonários. Ambos foram preservados apenas na forma de cópias – o primeiro consistia num dominical e santoral, cuja difusão pelo Ocidente europeu foi proporcional à fama do seu peripatético autor, ao passo que a segunda correspondia a um santoral que foi objeto de um interesse mais circunstancial, cujo

impacto parece não ter ultrapassado as fronteiras do reino português. Ambos foram compostos em latim, presumivelmente ao longo de vários anos e coligidos no final das vidas dos dois pregadores para responder às necessidades formativas e funcionais dos novos agentes da pregação – os primeiros tiveram como audiência imediata os menoritas e, a segunda, os dominicanos. Ambos estavam alinhados com a estrutura tripartida do sermão erudito medieval, tendo como principal fonte de inspiração a *Bíblia* – os primeiros compõem-se de prédicas que respeitam invariavelmente as subdivisões clássicas do *Sermo Modernus* (tema, protema, divisão, explanação e conclusão), nele predominando as leituras alegóricas das *Escrituras*, características do platonismo de cariz agostiniano, enquanto a segunda é constituída por arengas nas quais nem sempre o protema está presente e em que prevalecem as interpretações literais da *Sacra Pagina*, logo mais próximas das reorientações aristotélicas do cristianismo. Ambos portadores de uma miríade de mensagens moralizantes, doutriniais e laudatórias – os primeiros privilegiam exortações aos ideais apostólicos da pobreza, da humildade e da penitência, ao passo que na segunda abundam elucubrações doutriniais e disposições laudatórias sobre os santos do calendário litúrgico hispânico. Enfim, ambos apoiados num amplo arsenal de efeitos literários e artifícios retóricos – quaisquer deles encontrando no mundo bélico uma quase inesgotável fonte de motivos para avigorar a sua pregação, originando figurações enquadráveis no tema, aqui central, da guerra espiritual.

As principais cristalizações literárias do *topos* da Psicomaquia, segundo a tradição cristã, olhadas numa perspetiva diacrónica e trazendo à colação escritos eclesiásticos produzidos desde o longínquo período do cristianismo primitivo até ao despontar da mendicância, evidenciam dois traços muito distintivos, embora de sinais opostos. Por um lado, a linhagem de textos onde são representadas lutas espirituais sinaliza a existência de símbolos perenes no interior da Psicomaquia, isto é, de um arsenal de motivos permanentemente reiterados ao longo do tempo, genericamente agrupáveis em quatro categorias simbólicas: Armamento Espiritual (equipamento defensivo e ofensivo, envergado pelo cristão no confronto com os inimigos da fé), Duelo Interior (combate singular travado intimamente, fruto da sempiterna tensão entre vícios e virtudes que se agitam em cada ser humano), Hostes Espirituais (milícias de defesa da fé, formadas para combates coletivos entre as forças do Bem e as forças do Mal) e Cerco Alegórico (operações militares de assédio e assalto destinadas a vencer o Inimigo espiritual). Por outro lado, o mesmo rol de textos não deixa de exprimir o carácter evolutivo do tema, isto é, as suas propriedades transmutativas, ao longo dos séculos. Mais especificamente, o

modo como acompanhou a génese e o desenvolvimento da própria ideologia medieval do *miles* e da *militia Christi*, refletindo as sucessivas apropriações e adaptações destes ideais por diferentes grupos ou elites espirituais no interior da Igreja: o simples cristão – para quem o mero esforço diário de levar uma vida piedosa se assemelhava a um verdadeiro combate divino perante as constantes tentações e tribulações do mundo, tal como foi originalmente representado na *Bíblia* (nomeadamente nas *Epístolas Paulinas*) e ecoou nos escritos dos primeiros autores e exegetas cristãos (Clemente de Roma, Cipriano de Cartago, Comodiano, Ambrósio de Milão e Prudêncio); o mártir – cuja principal e derradeira luta por Cristo, em salvaguarda da fé, se cumpria com a sua morte no exato momento do martírio (de novo, Prudêncio e Cipriano de Cartago, e, ainda, Tertuliano, Santa Perpétua e Euquério de Lião); o monge – que militava por Cristo, quer na solidão da vida eremítica, munindo-se das armas da oração, da contemplação, da mortificação dos sentidos e da pobreza extrema, quer na vida coletiva do cenóbio, aí se defendendo com os votos monásticos da pobreza, da obediência e da castidade, conforme postulado por nomes do primeiro monaquismo (Atanásio de Alexandria, Evrágio Pôntico, São Jerónimo, João Cassiano e Sulpício Severo) e, depois deles, por figuras do monaquismo beneditino, tanto na visão tradicional (São Bento, Gregório Magno, Ambrósio Autperto, Pascásio Radberto, Esmaragdo de Saint-Mihiel e Rábano Mauro) como nas suas versões reformadas (Godofredo de São Vítor, Pedro de Celles, Pedro Damião, João de Fruttuaria, Anselmo de Cantuária, Pedro, o *Venerável*, entre outros); o leigo piedoso – que combatia espiritualmente o Mal no século, evitando os vícios convencionalmente reprovados pela Igreja aos membros da sua classe e dedicado a atividades piedosas, ainda em linha com as propostas do monaquismo beneditino (Rábano Mauro e Odão de Cluny); o cruzado – disposto a morrer em nome da fé, combatendo fisicamente os inimigos da Igreja e espiritualmente as forças da descrença em Cristo, conforme retratado por vários outros autores eclesiásticos (Pedro de Tubedobe, Gilo de Paris, Bernardo de Claraval, Guido da Cartuxa e Pedro o *Venerável*); e, finalmente, o frade mendicante – que protagonizou uma verdadeira superação mística da Cruzada, propondo, no combate em nome de Cristo, uma adaptação radical aos preceitos apostólicos, nomeadamente a pregação itinerante do *Evangelho* ao povo dos campos e das cidades, como foi defendido, em primeira instância, por pontífices (Honório III e Gregório IX), mais tarde por líderes franciscanos e dominicanos (Tomás de Celano, Boaventura de Bagnoregio, Pedro João Olivi e Guilherme Pérault) e, ultimamente, comungado por Santo António e Frei Paio.

Esta síntese das representações arquetípicas ligadas ao tema da Psicomaquia e respetivos sub-topoi na tradição literária cristã viabilizou em larga medida o enquadramento da imagética bélica antoniana e pelagiana, enxertando-a numa linha figurativa da guerra, de origens remotas e profundas implicações ideológicas. Ao mesmo tempo, permitiu melhor apreender a originalidade do tema da guerra espiritual nas duas obras parenéticas. A vertente das representações bélicas começou por ser objeto de apreciação isolada, aquando do exame dos padrões simbólicos inerentes às *Picturae Bellorum* antonianas e pelagianas, verdadeiras florestas de símbolos nascidas das leituras espirituais da *Bíblia*, nas quais o homem medieval via a principal chave para a descoberta do sentido oculto instilado pelo Criador na criação. Essa análise, apoiada em dados quantitativos e qualitativos, permitiu evidenciar a centralidade discursiva do pensamento simbólico e dos símbolos (ou significantes) da guerra nos dois sermonários. Assim, os significantes bélicos foram enquadrados em quatro categorias produtoras de significado – Combatentes Espirituais, Equipamentos Metafóricos, Operações Militares Alegóricas e Arenas de Combate Interior –, e analisados nos respetivos sentidos e significados. Por sua vez, os subtópicos foram agrupados em três categorias amplas – Entidades humanas e divinas, Vícios e virtudes, e *Loca* físicos e metafísicos –, que se impuseram naturalmente, facilitando largamente as conclusões particulares e de conjunto acerca da simbólica da guerra, tal como postuladas por Santo António e Frei Paio.

No que respeita aos quatro significantes bélicos, há que reconhecer que as escolhas dominantes dos dois mendicantes são genericamente coerentes com o que se sabe do conteúdo e das preocupações retóricas da respetiva parenética. Relativamente aos Combatentes Espirituais, sobressai a tendência manifesta por ambos de favorecer a simbólica dos guerreiros individuais em detrimento dos guerreiros coletivos. Isso é visível na recorrente invocação, para a luta espiritual, de famosos guerreiros veterotestamentários (David, Golias, Judas Macabeu, Aminadab, Gedeão, Joab, Timóteo e Zabulão, Abimelec, Absalão, Assur, Isbi-Benobe, o Faraó, Saul, Abissai, Abner, Amasa, Jeú, Joás, Levi e Simeão) e de arquétipos militares singulares (o Inimigo, o Cavaleiro, o Guerreiro, o Auriga, o Escudeiro e o Mercenário), em aberto contraste com a exiguidade de povos guerreiros bíblicos (Amalecitas, Cananeus, Filisteus, Midianitas e Israel) e de arquétipos militares plurais (Arqueiros e Capitães) chamados ao combate.

Por sua vez, ao nível dos Equipamentos Metafóricos do guerreiro, entre as peças de armamento invocadas como símbolos militares, a escolha mais comum recaiu claramente nos itens de armamento ofensivo – aqueles que melhor se coadunam com a

tónica exortativa e combativa que os dois mendicantes procuraram imprimir nas prédicas, estando mais ligados à ideia de ação e de beligerância (desde logo, a Espada, símbolo supremo da atividade guerreira e da cavalaria medieval, mas também outras peças militares, como a Seta, a Armadilha, a Lança, o Dardo, as Pedras, o Cajado e a Funda), preferidos às peças defensivas simbólicas (o Capacete, o Cinturão, a Couraça, as Escarcelas e o Escudo) e, inclusivamente, a acessórios da indumentária guerreira e cavaleiresca (a Aljava, a Bainha, as Esporas, o Freio, o Jugo, a Sela, o Surrão e os Estribos).

Por outro lado, no que concerne às Operações Militares Alegóricas, os dois pregadores recorreram, sobretudo, à simbólica dos meios de transporte (com preferência pela imagética do Cavalo, animal-epítome, representativo em si mesmo, da aristocracia guerreira e, depois, pela Quadriga), seguidos pelos meios de comunicação militar (tais como o Estandarte, as Insígnias e a Trombeta), dos aquartelamentos (o Acampamento, o Castelo, a Cidade, as Fortificações, o Tabernáculo, a Tenda e a Torre), das unidades militares (o Exército e as Fileiras) e ainda de outros dispositivos militares (especificamente, o Valo).

Igual tendência se observa em relação às Arenas de Combate Interior, irremediavelmente identificáveis com as geografias bíblicas para Santo António. Como cenários da guerra espiritual, o menorita preferiu a cidade filisteia de Gob, seguida de Sião e, a maior distância, de Babilónia, Betacarém, Bosra, Gob, Hai, Israel, Jerusalém, Penhasco de Oreb, Samaria, Siceleg, Técua e Vale de Terebinto. Neste particular, a total ausência de referências a espaços de conflito de valor simbólico em Frei Paio não é despicienda, antes alertando para uma maior literalidade nas leituras da *Sagra Pagina*, que, desde a segunda década do século XIII, era a moda entre a comunidade letrada parisiense, sob a influência da escola de São Vítor de Paris.

Quanto às conotações dos símbolos e signos da guerra presentes nas *Picturae Bellorum* antonianas e pelagianas, é forçoso notar a dicotomia de sentidos (positivo e negativo), que não escapa, por vezes, a alguma ambivalência. Predominantemente, aparecem carregados de simbólica negativa os Combatentes Espirituais e as Arenas de Combate Interior. Por norma, os primeiros são mais associados aos inimigos de Deus, dos heróis hebraicos e do povo eleito – Abimelec, Absalão Assur, Benadad, o Faraó, Golias, Hazael, Isbi-Benobe, Joab, Saul, Timóteo, os Amalecitas, os Cananeus, os Filisteus e os Midianitas –, ou à própria figura arquetípica do Inimigo bélico, entidade que no plano espiritual assume várias personificações e formas – o Diabo, o Prelado sequioso de poder,

Adão, o Rico, os Demónios, os Sentidos do corpo, os Pecadores, a Carne, os Hereges, os Pagãos, o Anticristo e os Perseguidores dos cristãos. Já as Arenas de Combate Interior, correspondem comumente às geografias bíblicas de que procedem estes antagonistas divinos (Babilónia, Betacarém, Bosra, Gob, Hai, o Penhasco de Oreb e Técuá), daí decorrendo a sua ligação a elementos negativos da teologia cristã (o Mundo, a Carne, as Chagas de Cristo, a Alma do Pecador, o Lar dos desumanos e isentos de boas obras, a Congregação desavinda e dissoluta dos claustrais, a Abundância de bens temporais, a Dor e os Hipócritas). Inversamente, mais associados a valores positivos, surgem os Equipamentos Metafóricos e os meios mobilizados nas Operações Militares Alegóricas. Independentemente da sua tipologia, ligam-se sobretudo à indumentária do combatente divino, santo ou clerical, e servem as forças do Bem, representando práticas e atributos virtuosos e vários tipos de religiosos e agentes da vontade divina.

Sobre os significados inerentes à simbólica da guerra nos *Sermones* e na *Summa*, o aspeto mais importante a reter é a sua variabilidade em função das categorias do significante. Ou seja, enquanto tendências gerais: as entidades divinas e sobrenaturais (Deus, Cristo, os Anjos, o Diabo, os Demónios e vários tipos de Espíritos) figuraram como Combatentes Espirituais; as práticas e atributos virtuosos e viciosos (a Palavra de Deus, a Pregação e a Sugestão diabólica) foram significadas por peças da indumentária guerreira; as entidades humanas e naturais (como os Pregadores, os Justos, os Santos, os Prelados Simoníacos e os Hereges) foram equiparadas aos meios mobilizados nas operações militares espirituais; enfim, os *loci* físicos e metafísicos (nomeadamente a Alma e a Igreja) assumiram o simbolismo dos espaços em que decorreram os confrontos religiosos. Assim ordenados, os elementos simbólicos formam uma composição pictórica plenamente enquadrada no tema da Psicomaquia, na forma da tradição literária cristã, concretamente de feição mendicante. De facto, nas visões de Santo António e Frei Paio, sobressai o eterno tema do embate cósmico entre Bem e Mal, opondo combatentes celestiais (Deus, Cristo e os Espíritos angelicais) às hostes infernais (o Diabo, os Demónios e os Espíritos Iníquos), munidos dos respetivos equipamentos (de um lado, a Palavra de Deus e a Pregação; do outro, a Sugestão diabólica), com que se armam os Homens (sejam eles os Pregadores, os Justos e os Santos; ou os Prelados simoníacos e os Hereges), no contexto de contendias travadas nas proverbiais arenas alegóricas da Fé: a Alma humana e a Igreja cristã.

Numa segunda parte do estudo, analisou-se pormenorizadamente a vertente retórica de toda esta imagética da Psicomaquia, sob a perspetiva da teoria da

comunicação, dada a natureza de palavra comunicável dos sermões. Por isso, reconstituiu-se o processo de comunicação narrativo das *Picturae Bellorum* antonianas e pelagianas – chamadas aqui Vozes de Deus, por serem os veículos das disposições morais, doutrinárias e laudatórias nos sermões de Santo António e de Frei Paio. Assim, as imagens bélicas foram analisadas em função dos contextos, saberes, ideologias e preferências dos autores dos sermonários (ou seja, os emissores); questionadas quanto ao impacto causado nas comunidades franciscana e dominicana (primeiros destinatários); examinadas quanto aos meios de transmissão pelos quais foram propagadas (isto é, os canais); e escrutinadas em relação aos assuntos veiculados (verdadeiramente, o conteúdo das mensagens).

Do ponto de vista dos emissores, há que notar dois aspetos distintos, concorrendo para explicar a adesão de ambos os autores ao tema da Psicomaquia. O primeiro elucida sobre os códigos idiomáticos e vocabulares do processo de comunicação narrativo empregues nos sermões. Prende-se, *grosso modo*, com o estilo expositivo erudito da parenética dos dois mendicantes, o sermão erudito (*Sermo Eruditus*), cujos elementos característicos, concretamente, o latim e o ornato literário difícil (*Ornatus Difficilis*) apenas eram acessíveis a clérigos letrados, ao contrário do que sucedia com a modalidade discursiva mais adequada e acessível aos leigos, sugestivamente chamada sermão humilde (*Sermo Humilis*). O segundo aspeto – os subcódigos estético-literários – remete para a proximidade dos autores à guerra: quer enquanto *praxis* efetiva, que atingiu as geografias e contextos em que se inseriram e moveram ao longo das suas vidas (veja-se o contexto da «Reconquista» ibérica, experimentada por ambos; a guerra civil que opôs os partidários de Sancho II aos apoiantes do irmão, vivida por Frei Paio, e a experiência marroquina e as disputas heréticas gaulesas e itálicas, conhecidas por Santo António); quer como tema literário presente nas obras consultadas no decurso dos seus itinerários religiosos, das quais, aliás, se serviram diretamente enquanto fontes imagísticas das suas *Picturae* bélicas. Neste particular, a primazia coube indiscutível e expectavelmente à *Bíblia*, ainda que nela predominando a literatura veterotestamentária, seguida pelas glosas bíblicas, com favorecimento das citações da *Glosa Ordinaria*, atribuída a Valafrido Estrabão. Entre as obras dos autores eclesiásticos de onde foram extraídas as imagens simbólicas, o menorita privilegiou as onomásticas bíblicas, os comentários escriturísticos e os tratados apologéticos e dogmáticos dos grandes nomes da Patrística (São Jerónimo, Santo Agostinho, São Gregório Magno e Santo Isidoro de Sevilha), com o dominicano a privilegiar as hagiografias anónimas (a *Inventio Sanctae Crucis*, a *Passio S. Margaritae*

Virginis et Martyris e a *Passio Sancti Vicentii Levitae et Martyris*) e pseudo-autógrafas (a *Acta S. Sebastiani Martyris* de Pseudo-Ambrósio).

As escolhas idiomáticas e estético-literárias refletem igualmente uma tentativa de ajuste das obras aos propósitos a que se destinavam para os seus destinatários imediatos: os pregadores franciscanos e dominicanos, a quem cabia converter, evangelizar e moralizar as populações no terreno. Com efeito, o uso da língua latina e do ornato literário difícil, próprios do estilo expositivo erudito das duas coletâneas, só é compreensível se tiver sido esse o primeiro público dos dois sermonários. Nessa medida, terão sido inequivocamente concebidos como manuais de teologia e prontuários de pregação, comportando prédicas-modelo adaptáveis às mais variadas audiências com que contactavam menoritas e pregadores. Mais, ao tornar as obras inacessíveis a públicos não clericais, acautelavam o seu uso por iniciativas heterodoxas, na sua maioria radicadas nas camadas laicas da sociedade e, por isso, pouco familiarizadas com o *Sermo Eruditus*.

Quanto ao uso dos *topoi* da guerra espiritual como canais ou meios de evangelização, conversão e moralização mendicante, sugere, em geral, o referido apreço de menoritas e pregadores por temas militares, facilmente justificável atendendo à exposição das duas ordens monásticas à guerra endémica do período. De resto, um gosto empolado pelas estratégias retóricas dos dois pregadores portugueses, nomeadamente a colagem do título de *miles Christi* aos próprios frades agentes da pregação, pressupondo uma implicação direta na ação narrativa e a sua própria elevação à condição de Combatentes Espirituais. Este expediente foi frequentemente usado por Santo António, recorrendo em particular ao episódio neotestamentário das *Armas do cristão*, relatado na Epístola paulina aos Efésios, mas foi também empregue por Frei Paio, embora fundamentado no episódio veterotestamentário da *Oitava visão do profeta Zacarias*. Foi, sobretudo, à luz destes dois esquemas figurativos que menoritas e pregadores foram representados nos dois sermonários, no que se refere ao exercício das suas funções religiosas e espirituais. Sem prejuízo da importância da noção de *militia Christi* como substrato ideológico e simbólico dos frades no combate anti-herético, importa, todavia, sublinhar algumas assimetrias a esse respeito entre as duas coletâneas de sermões. Com efeito, a qualificação de mendicantes como *milites Christi* é mais pronunciada no caso do franciscano do que no dominicano, o que talvez seja fruto das respetivas experiências pessoais, considerando a inscrição de Santo António no centro das polémicas heréticas do período.

Por seu turno, o emprego de imagens bélicas nas prédicas dos dois sermonários revela um uso mais ordinário nos *Sermones* e extraordinário na *Summa*, indicando que, proporcionalmente, Santo António utilizou mais a Psicomaquia nas suas prédicas do que Frei Paio. Paradoxalmente, quando invocada por Frei Paio, a luta espiritual assumiu uma grande centralidade nos seus sermões, servindo mesmo de mote para várias composições, o que nem sempre sucedeu com o menorita. De outro modo: os motivos da Psicomaquia foram frequentemente utilizados pelo santo lisboeta como expediente retórico, mas, muitas vezes, de forma suplementar, colaborando ou coadjuvando os argumentos dos sermões, sem que estes se tornassem o centro do seu tema; ao contrário do que se passou com o dominicano de Coimbra, que, apesar de fazer um uso mais económico da simbólica militar, deu-lhe quase sempre uma expressão muito significativa nessas circunstâncias. Acima de tudo, sai claro que em ambas as obras o uso dados aos motivos bélicos decorreu menos das circunstâncias da sua utilização, relacionando-se mais com os assuntos abordados, aí espalhando-se por uma miríade de tópicos: angelológicos, antropológicos, apologéticos, apostólicos, cristológicos, demonológicos, eclesiológicos, escatológicos, éticos, hagiológicos, mariológicos, penitencias e predicatórios.

Traço comum às duas coleções de sermões, é a predominância concedida à Psicomaquia para o tratamento de disposições ético-moralizantes, refletindo o contexto reformista em que foram fundadas as duas ordens clericais e originadas as peças litúrgicas. Estas mensagens didáticas com frequência se ligaram ao Armamento Espiritual, uma imagética especialmente útil na condenação de um amplo rol de vícios eclesiásticos: gula, vanglória, avareza, soberba, tibieza, ociosidade, simonia, luxúria, desejo de bens temporais, ambição de poder, sede de riquezas, inveja, idolatria, detração, adulação, júbilo perante o infortúnio dos justos, cobiça, malícia, cólera, impaciência, ousadia, imprudência, prazeres da mesa, indolência, falsa confiança, mesquinhez, desumanidade, desprezo de Deus, esquecimento da morte, rapacidade e tenacidade. Do mesmo modo, trata-se de uma imagética exortativa ao cultivo das maiores virtudes cristãs: discricção, razão, fé, boa vontade, humildade, constância, amor, temperança, castidade, pobreza, caridade, perseverança, pregação posta em obras, paciência, predisposição para o anúncio do Evangelho, coragem, agilidade das obras e da contemplação, desejo de martírio, desprezo pelos bens temporais, capacidade de gerar concórdia entre os fiéis, auxílio aos fracos e necessitados, dotes apologéticos, alegria espiritual, memória da Paixão de Cristo, sagrada vigília, assiduidade da oração, obediência e prática de milagres.

Santo António valorizou o uso das imagens bélicas conforme a natureza e a adequação das mensagens aos temas propostos. Por ordem decrescente de importância, priorizou essa utilização simbólica nas mensagens penitenciais, cristológicas, predicatórias, apologéticas, escatológicas, mariológicas, demonológicas, angelológicas, antropológicas e apostólicas, dispensando finalmente o seu uso nas eclesiológicas. Nas mensagens penitenciais, usou as *Picturae* bélicas para expor as exigências da Igreja Católica ao penitente (arrependimento e confissão dos pecados) e para denunciar a penitência simulada, recorrendo novamente às representações do Armamento Espiritual. Nos temas cristológicos, focou o seu emprego na exposição das doutrinas da Pessoa de Cristo (Encarnação) e do Seu sofrimento (Paixão), socorrendo-se para isso de representações militares relacionadas com o Duelo Interior e, novamente, do Armamento Espiritual. No tocante aos temas predicatórios, recorreu às imagens militares para enunciar as principais incumbências e virtudes dos pregadores, insistindo na simbólica do Armamento Espiritual. Por sua vez, utilizou ainda imagética militar para apoiar as comunicações apologéticas, quando tratou das heresias e da religião judaica, servindo-se para esse fim do Armamento Espiritual e do Cerco Alegórico, e para secundar exposições escatológicas, onde aludiu ao Juízo Final, apoiado na mesma simbólica. Na explanação de assuntos mariológicos, identificou nos símbolos militares as virtualidades necessárias para tratar o dogma da Maternidade Divina. O mesmo sucedeu na apresentação dos temas demonológicos, para melhor vincular o Demónio ao Pecado e à extinção dos preceitos da caridade de Deus no Homem, neste caso ilustrados por imagens típicas do Armamento Espiritual e do Duelo Interior. Invocou ainda as *Picturae bellorum* a propósito de temas angelológicos, antropológicos e apostólicos: para exprimir a função dos anjos enquanto mensageiros de Deus, anunciadores da sua vontade aos homens e garantes do seu cumprimento na sua condição de intermediários entre o celeste e o terrestre, apoiando-se na imagística das Hostes espirituais; para discutir a conceção dual da pessoa humana (material e espiritual), socorrendo-se de imagens de combate singular; e para exaltar o apostolado de São Pedro e São Paulo, figurando-os à luz dos padrões do Armamento Espiritual. Finalmente, o Santo não achou adequado recorrer a figurações militares no tratamento de temas eclesiológicos.

Nesse aspeto, Frei Paio foi ainda mais conservador do que o seu contemporâneo, ao dispensar por completo as representações do combate espiritual na exposição de mensagens penitenciais, antropológicas e demonológicas. Recorreu, sim, a elas sobretudo para apresentar questões apostólicas junto dos seus confrades, predominantemente

veiculadas em *Picturae* de combate coletivo (Hostes Espirituais). Em menor escala, o dominicano utilizou também *Picturae* para expor temas hagiológicos, estabelecendo o louvor de vários santos do calendário litúrgico dominicano e hispânico (São Vicente, Santa Marina, São Silvestre, São Filipe e São Domingos), envolvendo-os em cenas de Duelo Interior e munindo-os de Armamento Espiritual. Fez o mesmo no âmbito das exposições mariológicas e hagiológicas, a propósito do dogma da Maternidade Divina, abordando-as com recurso à imagética do Cerco Alegórico. Por sua vez, com alguma surpresa, entendeu que os temas apologéticos se coadunavam pouco com a linguagem militar, usando-a, apesar de tudo, para descrever o conflito entre a Igreja e as heresias e para convocar os pregadores ao combate religioso, munindo-os de um amplo conjunto de Armamento Espiritual. Desvalorizou ainda mais o emprego das *Picturae* bélicas na comunicação de questões angelológicas, cristológicas, eclesiológicas, escatológicas e predicatórias. Ainda assim, empregou esse imaginário belicoso na entrega de três ideias: a apresentação da hierarquia angelical, segundo o Pseudo-Dionísio, recorrendo para tal à imagética das Hostes Espirituais e do Cerco Alegórico; a identificação dos requisitos inerentes ao ofício da pregação, na perspetiva do serviço de Deus, outra vez com recurso aos símbolos característicos das Hostes Espirituais; e a elucidação do destino dos pecadores, aquando do Juízo Final de Cristo, através de imagens extraídas do Duelo Interior.

Este é, no fundo, o retrato possível de um tema de extrema complexidade: desafiante em si mesmo e que se tornou ainda mais complexo com o exame dos dois sermonários, que apresentam muitos aspetos incertos ou em aberto, bem como uma complexidade e riqueza literária que os tornam suscetíveis a problemáticas relativamente novas e aliciantes. Tudo somado, emergem dois aspetos fundamentais e indissociáveis da imagética bélica antoniana e pelagiana, que permitem, mais do que caracterizar, justificar a forma simbólica e a função retórica assumidas pela Psicomaquia nos *Sermones* e na *Summa*. Por um lado, a imagética da luta espiritual é o resultado de uma antiga tradição simbólica que deixou um rasto assinalável no plano literário, acompanhando, a partir de certa altura, a evolução dos ideais de *miles* e *militia Christi*, contribuindo para consolidar a autorrepresentação dos frades mendicantes como soldados de Cristo e da mendicância como contingente militar ao serviço de um combate divino. Por outro lado, a simbólica militar, dada a sua expressividade e força imagética, conformou um dispositivo retórico eficaz, ao serviço dos objetivos pedagógicos e práticos das coletâneas de sermões, de inegável capacidade persuasiva e força comunicacional. Revelou-se, assim, uma fórmula

expositiva eficaz, adaptável à apresentação dos mais diversos assuntos morais e doutrinários. Desse modo, contribuiu para conferir substrato ideológico às duas ordens mendicantes na fase inicial da sua história, quando se delineavam e consolidavam os seus princípios basilares e as principais linhas de ação, de acordo com um programa reformista, fundado em princípios ético-morais que deviam guiar a vida dos cristãos.

A fechar, um lamento: seguramente, entre as muitas vias possíveis e pertinentes para abordar o tema da Psicomaquia nos sermões de Santo António de Lisboa e de Frei Paio de Coimbra, nem todas puderam ser convenientemente exploradas. Primeiro exemplo: teria sido extremamente pertinente confrontar as *Picturae* verbais da guerra identificadas nas duas coleções com a iconografia portuguesa, itálica e gaulesa, a fim de aferir eventuais semelhanças ou divergências entre discursos estéticos – literários e iconográficos. Segundo exemplo: o papel das emoções poderá e deverá ser ampliado em futuros estudos, tantas são as possibilidades abertas por um enfoque dessa natureza, e visto que ficou seguramente por averiguar aqui o lugar simbólico das emoções no interior dos esquemas figurativos da guerra espiritual antoniana e pelagiana: eram as emoções alegoricamente personificadas em combatentes? Configuravam armas ao dispor dos guerreiros espirituais? Equivaliam, talvez, aos meios mobilizados pelos protagonistas nos combates interiores? Ou correspondiam antes às arenas nas quais se enfrentam as milícias espirituais? Identificar as emoções atribuídas pelos dois mendicantes a hereges, pagãos, prelados simoníacos e pecadores e confrontá-las com as disposições interiores relacionadas a cristãos piedosos, prelados virtuosos e homens santos, permitirá, porventura, identificar oscilações nas condutas emocionais dos vários intervenientes e, assim, melhor perceber como serviram discursivamente as emoções para delimitar o perímetro espiritual da Cristandade no período. Terceiro, definitivo e muito sintomático exemplo do tanto que persiste por fazer: continua a faltar uma tradução integral da obra pelagiana para português e outras línguas, imprescindível para um melhor conhecimento da parenética portuguesa medieval e, no limite, do próprio Portugal dos séculos XII e XIII. Ou não fossem os sermões, como os das duas coletâneas aqui examinadas, fontes privilegiadas para o estudo de numerosas e interpeladoras temáticas, longe de se circunscreverem ao imaginário bélico e religioso medieval, antes derramando em tantas e tão variadas direções.

CORPUS FONTIS

1) Fontes

a) Fontes primárias

Marques, Bernardino Fernando da Costa. “Sermonário de Frei Paio de Coimbra. Edição e interpretação da estrutura e formas de pregação.” MA diss., Universidade do Porto, 1994.

———. “Mundividência cristã no sermonário de Frei Paio de Coimbra.” PhD diss., Universidade de Coimbra, 2011.

S. António de Pádua. *S. Antonii Patavini Sermones dominicales et in solemnitatibus*. Editado por Antonio Maria Locatelli. 3 Vols. Pádua: Typis atque impensis Societatis S. Antonii Patavini, 1895.

S. Antonio di Padova. *Prediche. Opera omnia*. Edição e tradução por Carlo Varotto. 5 Vols. Siena: Cantagalli, 1963-1966.

Santo António de Lisboa. *Obras completas. Sermões dominicais e festivos*. Introdução, tradução e notas por Henrique Pinto Rema. 2 Vols. Porto: Lello & Irmão, 1987.

Tuthill, John G. “The sermons of Brother Paio: thirteenth century Dominican preacher (Sermons in latin text).” PhD diss., University of California, 1982.

b) Fontes secundárias

Abu Ja‘far Muhammad ibn Jarir al-Tabari. *The History of al-Tabari*. Edição por Ehsan Yarshater. 40 Vols. Albany: State University of New York Press, 1985–1901.

“Ad Monachos Magistri Regula.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 943–1052. Vol. LXXXVIII. Paris: Migne, 1862.

Adão de Eynsham. *Magna vita Sancti Hugonis*. Edição e tradução por D. L. Douie e D. H. Farmer. 2 Vols. Londres: Clarendon Press, 1985.

Agostinho de Hipona. “De doctrina Christiana.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, ed. J. -P. Migne, 16–121. Vol. XXXIV. Paris: Migne, 1865.

Alano de Lille. *The Art of Preaching*. Introdução e tradução por Gillian Rosemaru Evans. Kalamazoo: Cistercian Publications, 1981.

Ambrósio de Milão. “De Officiis.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 23–184. Vol. XVI. Paris: Vrayet, 1845.

Anselmo de Cantuária. “Epistolarum libri quator.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 1059–147. Vol. CLVIII. Paris: Migne, 1864.

Atanásio de Alexandria. “Vita et Conversatio S. P. N. Antonii.” In *Patrologiae cursus completus: Series Graeca*, editado por J. -P. Migne, 835–978. Vol. XXVI. Paris: Migne, 1857.

- Bento de Núrsia. *Benedicti Regula Monachorum*. Edição por Eduardus Woelfflin. Leipzig: B. G. Teubneri, 1895.
- . “Epistolae.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 67–721. Vol. CLXXXII. Paris: Migne, 1859.
- . “Liber ad milites Templi de laude novae militiae.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 921–41. Vol. CLXXXII. Paris: Migne, 1859.
- . “Liber Sententiarum.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 1135–55. Vol. CLXXXIV. Paris: Migne, 1862.
- Beowulf*. Tradução, introdução e notas por Luísa Azuaga e Angélica Varandas. Lisboa: Assírio & Alvim, 2022.
- Bernardo de Portes. “Letter to Reynald, c. 13–14.” In *Lettres des premiers chartreux*, traduzido por Maurice Laporte, 21–112. Vol. II. Paris: Éditions du Cerf, 1980.
- Biblia Sacra iuxta vulgatam versionem*. Edição por Roberto Weber. Estugarda: Deutsche Bibelgesellschaft, 1969.
- Bíblia Sagrada*. Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica, Centro Bíblico dos Capuchinhos 2008.
- Boaventura de Bagnoregio, “Legenda Maior S. Francisci Assisiensis et eiusdem Legenda Minor.” In *Analecta Franciscana*, 23–200. Vol. X. Florença: Ad Claras Aquas, 1941.
- Cardoso, Jorge. *Hagiológico Lusitano*. T. 2. Lisboa: Officina Craesbeekiana, 1657.
- Cassiano, João. “De Coenobiorum institutis.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 53–477. Vol. XLIX. Paris: Migne, 1846.
- . “Collationum XXIV.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 477–1328. Vol. XLIX. Paris: Migne, 1846.
- . “De mortalitate.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 581–602. Vol. IV. Paris: Sirou, 1844.
- . “De perfecta monachi informatione.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 721–32. Vol. CXLV. Paris: Migne, 1853.
- . “Liber qui dicitur ‘Dominus uobiscum’.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 247–8. Vol. CXLV. Paris: Migne, 1853.
- Cipriano de Cartago. “Liber de Lapsis.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 463–94. Vol. IV. Paris: Sirou, 1844.
- . “De mortalitate.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 581–602. Vol. IV. Paris: Sirou, 1844.
- César, Júlio. *A Guerra das Gálias*. Introdução, biografia e notas por Victor Raquel. 2.^a ed. Lisboa: Edições Sílabo, 2016.

- Chronicon Paschale 284-628 AD*. Tradução por Michael e Mary Whitby. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- Cipriano de Cartago, “Liber de Lapsis.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 463–94. Vol. IV. Paris: Sirou, 1844.
- Clemente. “Epistola I ad Corinthios.” In *Patrologiae cursus completus: Series Graeca*, editado por J. -P. Migne, 199–328. Vol. I. Paris: Migne, 1857.
- Comodiano. “Instructiones adversus gentium deos pro christiana disciplina.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 201–62. vol. V. Paris: Sirou, 1844.
- Crispo, Gaio Salústio. *Obras*. Edição por Juan Martos Fernández. Madrid: Cátedra, 2018.
- Damião, Pedro. “Epistolae.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 205–497. Vol. CXLIV. Paris: Migne, 1853.
- De expugnatione lyxbonensi - A Conquista de Lisboa aos Mouros. Relato de um Cruzado*. Tradução e notas por Aires A. Nascimento. Lisboa: Veja, 2007.
- Diacono, Paulo. *History of the Landobards (Historia Langobardorum)*. Tradução por William Dudley Foulk. Filadélfia: University of Pensilvânia, 1907.
- “Eadmeri monachi liber de S. Anselmi similitudinibus.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 702–7. Vol. CLIX. Paris: Migne, 1854.
- Elredo de Rievaulx. “Regula sive institutio inclusarum.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 701–12. Vol. CXCIV. Paris: Migne, 1855.
- Enginhardo. *Vida de Carlos Magno*. Lisboa: Teorema, 1998.
- Escolástico, Agátias. *The Histories*. Introdução, tradução e notas por Joseph D. Frendo. Nova Iorque: Walter de Gruyter, 1975.
- Escolástico, Evrágio. *Ecclesiastical History*. Introdução e tradução por Michael Whitby. Liverpool: Liverpool University Press, 200.
- Esmaragdo de Saint-Mihiel. “Commentaria in Regulam sancti Benedicti.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 691–931. Vol. CII. Paris: Migne, 1851.
- Euquério de Lião. “Passio Agaunensium Martyrum.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 827–32. Vol. L. Paris: Migne, 1865.
- Eusébio de Cesareia. *História Eclesiástica*. Tradução por Wolfgang Fischer. São Paulo: Novo Século, 1999.

Evrágio Pôntico. “Vita Beati Antonii Abbatis.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 125–94. Vol. LXXIII. Paris: Migne, 1849.

Galando de Regni. *Parabolaire*. Introdução, tradução e notas por C. Freidlander, J. Leclercq e G. Raciti. Paris: Éditions du Cerf, 1992.

———. *Petit livre de proverbes*. Edição e tradução por J. Chântillon, M. Dumontier e A. Grémois. Paris: Éditions du Cerf, 1998.

Gerardo de Frachet. *Vitae Fratrum Ordinis Praedicatorum necnon Cronica Ordinis ab Anno MCCIII usque ad MCCLIV*. Edição por B. M. Reichert. Bruxelas: Lovanii, 1896.

Gilo de Paris. *Historia Vie Hierosolimitane*. Editado e traduzido por C. W. Grocock e J. E. Siberry. Oxford: Oxford University Press, 1997.

Godofredo de São Vítor. “Epistolae.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 814–5. Vol. CCV. Paris: Migne, 1855.

Godofredo de Villehardouin. *De la Conquête de Constantinople*. Edição por Edmond Faral. Paris: Les Belles Lettres, 1938.

Gormond Et Isembart. Edição por Alphonse Bayot. Bruxelas: Misch & Thron, 1906.

Gregório IX. “Bula XL.” In *Bullarium privilegiorum ac diplomatum Romanorum pontificum amplissima collectio*, editado por C. Coquelines, 482–4. Vol. III, *Ab Lucio III. Ad Clementem IV., scilicet ab na. MCLXXXI ad an. MCCLXVIII*. Roma: Taurinensis, 1740.

———. “Cum dicat Dominus.” In *Bullarium franciscanum romanorum pontificum*, editado por G. G. Sbaraglia e K. Eubel, 79–81. Vol. I, *Ab Honorio III ad Innocentium IIII*. Roma: Typis Sacrae Congregationis De Propaganda Fide, 1759.

———. “Licet Sacrosancta.” In *Bullarium franciscanum romanorum pontificum*, editado por G. G. Sbaraglia e K. Eubel, 34–5. Vol. I, *Ab Honorio III ad Innocentium IIII*. Roma: Typis Sacrae Congregationis De Propaganda Fide, 1759.

———. “Litteras quas.” In *Bullarium franciscanum romanorum pontificum*, editado por G. G. Sbaraglia e K. Eubel, 79. Vol. I, *Ab Honorio III ad Innocentium IIII*. Roma: Typis Sacrae Congregationis De Propaganda Fide, 1759.

———. “Mira circa nos.” In *Bullarium franciscanum romanorum pontificum*, editado por G. G. Sbaraglia e K. Eubel, 42–4. Vol. I, *Ab Honorio III ad Innocentium IIII*. Roma: Typis Sacrae Congregationis De Propaganda Fide, 1759.

Gregório Magno. “Vita S. Benedicti.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 125–216. Vol. LXVI. Paris: Migne, 1866.

———. “Dialogorum.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 149–430. Vol. LXXVII. Paris: Migne, 1862.

- . “Moralium Libri.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 9–782. Vol. LXXVI. Paris: Migne, 1857.
- Guido da Cartuxa. “Epistolae.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 593–601. Vol. CLIII. Paris: Migne, 1854.
- Guilherme de Tiro. *A history of deeds done beyond the sea*. Edição e tradução por E. A. Babcock e A. C. Krey. Nova Iorque: Octagon Books, 1976.
- Herberto de Losinga. *Epistolae Herberti de Losinga, primi episcopi norwicensis*. Edição por Robert Anstruther. Londres: Legare Street Press, 1846.
- Heródoto. *Histórias*. 8 Vols. Lisboa: Edições 70, 1997-2007.
- Honório de Auto. “*Speculum ecclesiae*.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 807–1109. Vol. CLXXII. Paris: Migne, 1854.
- Honório III. “Religiosam vitam.” In *Bullarum diplomatum et privilegiorum sanctorum romanorum pontificum*, editado por L. Tomassetti, 309–11. Vol. III, *A Lucio III (na. MCLXXXII) ad Clementem IV (na. MCCLXVIII)*. Roma: Taurinensis, 1858.
- . “Doc. 79.” In *Monumenta diplomatica sancti Dominici*, editado por V. Koudelka e R. J. Loenertz, 78. Vol. 25. Roma: Apud Institutum Historicum Fratrum Praedicatorum, 1966.
- . “Solet annuere.” in *Bullarium Franciscanum sive Romanorum Pontificum Constitutiones, Epistolas, Ac Diplomata Continens Tribus Ordinibus Minorum, Clarissarum, Et Poenitentium; A Seraphico Patriarcha Sancto Francisco Institutis Concessa Ab Illorum Exordio Ad Nostra Usque Tempora*, editado por G. G. Sbaraglia e K. Eubel, 15–9. Vol. 1, *Tomus Primus: ab Honorio III ad Innocentium IIII*. Roma: Typis Sacrae Congregationis De Propaganda Fide, 1759.
- Isidoro de Sevilha. “Regula Isidori.” In *San Leandro, San Isidoro, San Fructuoso, Reglas monasticas de la Espana visigoda*, editado por Julio Campos Ruiz e Ismael Roca Meliá, 79–90. Vol. II. Madrid: La Editorial Catolica, 1971.
- Ivo de Chartres. “Epistolae.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 11–287. Vol. CLXII. Paris: Migne, 1854.
- Jerónimo de Estridão. “Epistola XXII.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 394–425. Vol. XXII. Paris: Vrayet, 1845.
- . “Vita S. Pauli Primi Eremitae.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 17–28. Vol. XXIII. Paris: Vrayet, 1845.
- João de Frutuaria. “Tractatus de ordine vitae et morum institutione.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 559–84. Vol. CLXXXIV. Paris: Migne, 1862.

João de Salisbúria. *Johannis Saresberiensis Entheticus de Dogmate Philosophorum*. Editado por C. Petersen. Haburgo: J. A. Meissnerum, 1843.

———. *Joannis Saresberiensis postea episcopi Cartonensis opera omnia nunc primum in unum collegit*. Editado por J. A. Giles. 5 vols. Londres: B. Duprat, 1848.

João de Salisbúria. *Johannis Saresberiensis Entheticus de Dogmate Philosophorum*. Editado por C. Petersen. Haburgo: J. A. Meissnerum, 1843.

João Froissart. *Chronicles of France, England, Spain and the adjoining Countries*. Tradução por Thomas Johnes. 2 Vols. London: William Smith, 1843.

Julião de Vézelay. *Sermons*. Introdução, tradução e notas por D. Vorreux. Vol. I. Paris: Éditions du Cerf, 1972.

La Chanson de Guillaume. Edição e tradução por François Suard. Paris: Le Livre de Poche, 2008.

La Chanson de Roland. Edição por Pierre Jonin. Paris: Gallimard, 1979.

Lívio, Tito. *História de Roma – Ab Urbe Condita*. Introdução, tradução e notas por Paulo Matos Peixoto. 6 Vols. Rio de Janeiro: Praumape, 1989–1990.

Livro dos Milagres ou Florinhas de Santo António de Lisboa. Introdução e tradução por F. F. Lopes. 7.^a ed. Braga: Editorial Franciscana, 2019.

Manuel da Esperança. *Historia Seraphica da Ordem dos Frades Menores de São Francisco na Província de Portugal. Primeira Parte que contem seu princípio, o augmento no estado primeiro de Custódia*. Lisboa: Officina Craesbeckiana, 1656.

Marcelino, Amiano. *Res Gestae*. Edição e tradução por J. C. Rolfe. London: The Loeb Classical Library, 1963.

Mauro, Rábano. “De laudibus sanctae crucis: De imagine Caesaris.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 133–294. Vol. CVII. Paris: Migne, 1864.

———. “De Clericorum Institutione.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 293–420. Vol. CVII. Paris: Migne, 1864.

———. “De universo.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 9–614. Vol. CXI. Paris: Migne, 1864.

———. “Expositio in epistolam ad Ephesios.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 381–478. Vol. CXII. Paris: Migne, 1852.

Névio, Cneu. *Bellum Poenicum*. Editado e traduzido por Enrico Flores. Nápoles: Liguori, 2012.

Nicolau de Santa Maria. *Chronica da ordem dos conegos regrantes do patriarcha S. Agostinho*. Vol. 2. Lisboa: Officina de Ioam da Costa, 1668.

Odão de Cluny. “De Vita sancti Geraldi Auriliacensis comitis.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 639–710. Vol. CXXXIII. Paris: Migne, 1853.

Officio ritmico e vita secunda. Editado por Virgílio Gamboso. Pádua: EMP, 1985.

Olivi, Pedro João. *Lo Calavier Armat*. Editado e traduzido por R. Manselli e M. H. Vicaire. In *La religion populaire en Languedoc du XIII^e à la moitié du XIV^e siècle*, 203–16. Toulouse: Éditions Privat, 1976.

“Passio Sanctarum Martyrum Perpetuae et Felicitatis.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 13–60. Vol. I. Paris: Migne, 1854.

Pedro de Celles. “Adhortatio ad claustrales.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 1145–6. Vol. CCII. Paris: Migne, 1855.

———. “De afflictione et lectione.” In *La spiritualité de Pierre de Celle*, editado por Jean Leclercq, 15–132. Paris: Librairie Philosophique, 1946.

Pedro de Dives. “Gesta septem abbatum Beccensium.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 1709–17. Vol. CLXXXI. Paris: Migne, 1854.

Pedro o Venerável. “Epistolarum libri sex.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 61–471. Vol. CLXXXIX. Paris: Migne, 1854.

Pérault, Guillaume. *Summa de virtutibus et vitiis*. Veneza: Paganinus de Paganinis, 1497.

Poema de Mio Cid. Edição e notas por Ramón Menéndez Pidal. Madrid: Ediciones de «La Lectura», 1913.

“Planctus de transitu domni Odilonis abbatis clunicensis.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 1013–6. Vol. CXLII. Paris: Migne, 1853.

Políbio. *The Histories*. Editado por Brian McGin e traduzido por Robin Waterfield. Oxford: Oxford University Press, 2010.

Procópio de Cesareia. *The Buildings of Justinian*. Tradução por Aubrey Stewart e notas por C. W. Wilson e Hayter Lewis. Londres: Palestine Pilgrim’s Text Society, 1888.

———. *History of the Wars*. Tradução por H. B. Dewing. Londres: William Heinemann, 1914.

———. *Secret History*. Tradução por H. B. Dewing. Nova Iorque: Harvard University Press, 1935.

Protetor, Menandro. *The History of Menander the Guardsman*. Tradução por R. C. Blockley. Liverpool: Redwood Burn, 1985.

- Prudêncio, Aurélio Clemente. “Liber Cathemerinon.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 775–922. Vol. LIX. Paris: Migne, 1862.
- . “Psychomachia.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 11–90. Vol. LX. Paris: Migne, 1862.
- . “Liber Peristephanon.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 275–596. Vol. LX. Paris: Migne, 1862.
- . *Prudentius’ Psychomachia*. Editado por Marc Mastrangelo. Nova Iorque: Routledge Taylor & Francis, 2022.
- Pseudo-Josué o Estilita. *Chronicle*. Introdução, tradução e notas por Frank R. Trombley e John W. Watt. Liverpool: Liverpool University Press, 2000.
- Pseudo-Zacarias de Mitileno. *Historia Ecclesiastica Zachariae Rhetori vulgo adscripta*. Edição por E.W. Brooks. Paris: Louvain, 1924.
- Raimundo de Aguilers. *Historia Francorum qui ceperunt Iherusalem*. Tradução por John Hugh Hill e Laurita Lyttleton Hill. Filadélfia: American Philosophical Society, 1968.
- Roberto de Clari. *The Conquest of Constantinople*. Tradução, introdução e notas por Edgar Holmes McNeal. Nova Iorque: Columbia University Press, 1936.
- Sebeos. *The Armenian History attributed to Sebeos*. Tradução e notas por R. W. Thompson. Liverpool: Liverpool University Press, 1999.
- Séneca, Lúcio Aneu. “Carta 96.” In *Seneca ad Lucilium Epistulae Morales*, editado por E. Capps, T. E. Page e W. H. D. Rouse e traduzido por R. M. Gummere, 104–7. Vol. 3, *Letters XCIII-CXXIV*. Londres/Nova Iorque: William Heinemann e G. P. Putnam’s Sons, 1925).
- Severo, Sulpício. “De Vita Beati Martini.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 159–76. Vol. XX. Paris: Migne, 1845.
- Simocata, Teofilato. *The History of Theophylact Simocatta: an english traslation with introduction*. Tradução por Michael e Mary Whitby. Oxford: Oxford University Press, 1986.
- Sousa, Luís de. *História de São Domingos*. T. 1 Lisboa: Officina de Antonio Rodrigues, 1866.
- Sturluson, Snorri. *Heimskringla*. Tradução por Alison Finlay e Anthony Faulkes. 2 Vols. Exeter: Viking Society for Northern Research/University College London, 2014–16.
- Suetónio. *Vidas dos Doze Césare*. Introdução por Victor Raquel. 2.^a ed. 3 Vols. Lisboa: Edições Sílabo, 2022.

Tácito. *Anais*. Edição, introdução, notas e índices por Ricardo Nobre, prefácio por Nuno Simões Rodrigues e tradução por José Liberato Freire de Carvalho. Lisboa: Edições Colibri, 2022.

Teófanos. *The Chronicle of Theophanes Confessor*. Tradução, introdução e comentário por Cyril Mango e Roger Scott. Oxford: Clarendon Press, 1997.

Tertuliano. “Ad martyres.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. - P. Migne, 619–28. Vol. I. Paris: Migne, 1844.

The Nibelungenlied. Tradução por Cyril Edwards. Oxford: Oxford University Press, 2010.

The Tale of Igor. Tradução por Helen de Vere Beauclerck. Londres: C. W. Beaumont, 1918.

Tomás de Celano. “Vita prima S. Francisci.” In *Analecta Franciscana*, 9–40. Vol. X. Florença: Ad Claras Aquas, 1926-1941.

Tomás de Perseigne. “Commentarium in Cantica.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 9–862. Vol. CCVI. Paris: Migne, 1853.

Tucídides. *História da Guerra do Peloponeso*. Introdução, tradução e notas por David Martelo. Lisboa: Edições Sílabo, 2008.

Tudebode, Pedro. “Historiam de Hierosolymitano itinere.” In *Patrologia cursus completus: Series Latina*, editado por J. -P. Migne, 758–823. Vol. CLV. Paris: Migne, 1854.

Vida e Milagres de Santo António de Lisboa. Editado por F. T. Brito. Lisboa: Typ. da Comp. Nacional Editora, 1984.

Vita del Dialogus e Benignitas. Editado por Virgílio Gamboso. Pádua: EMP, 1986.

Vita prima di S. Antonio o assidua: c. 1232. Editado por Virgílio Gamboso. Pádua: EMP, 1981.

“Vita venerabilis Amedaei Altae Ripae (†c.1150).” Editado por Anselme Dimier in *Studia monastica* 5 (1963): 265–304.

Vite Raymundina e Rigaldina. Editado por Virgílio Gamboso. Pádua: EMP, 1992.

Xenofonte. *Anábase. A expedição dos dez mil*. Introdução, tradução e notas por Rui Valente. Évora: Sementes da Mudança, 2008.

Zósimo. *Storia Nuova*. Tradução por Fabrizio Conca. Milão: BUR, 2007.

2) Estudos

- Acconci, Alessandra. “Os programas figurativos da Igreja Cristã na Europa (Mosaicos, Pinturas, Esculturas, Vitrais, Pavimentos, Livros).” In *Idade Média*, editado por Umberto Eco, 547–50. Vol. II, *Catedrais, cavaleiros e cidades*. Lisboa: D. Quixote, 2016.
- Afonso, Belarmino. “Santo António de Lisboa na poesia e na religiosidade popular transmontana.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 803–24. 2 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- Afonso, Luís U. “São Paulo na Arte Portuguesa da Idade Média.” In *Paulo de Tarso. Grego e Romano, Judeu e Cristão*, editado por José Augusto Ramos, Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues, 213–25. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.
- Alberto, Paulo Farmhouse. *São Vicente*. Lisboa: Truduvarius, 2012.
- . *São Tiago e São Nicolau*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos – FLUL, 2016.
- Alessio, Franco. “Escolástica.” In *Dicionário analítico do Ocidente medieval*, editado por Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt, 411–28. Vol. 1. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- Alexander, George M. *The Handbook of Biblical Personalities*. Nova Iorque: The Seabury Press, 1981.
- Allaria, Anthony. “Canons and Canonesses Regular.” In *The Catholic Encyclopedia*, editado por Charles G. Herbermann et al., 288–97. Vol. III. Nova Iorque: Robert Appleton Company, 1908.
- Alleau, René. *A Ciência dos Símbolos*. Traduzido por Isabel Braga. Lisboa, Ed. 70, Col. Esfinge, 1982.
- Alston, C. G. “Cluny, Congregation of.” In *The Catholic Encyclopedia*, editado por Charles G. Herbermann et al., 73–4. Vol. IV. Nova Iorque: Robert Appleton Company, 1908.
- Alvarez Turienzo, Saturino. “El Libro de las Criaturas y el Libro de las Escrituras en los Sermones de San Antonio de Lisboa.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 785–800. 2 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- Alves, A. A. “A morte e os mortos em Vitae Fratrum de Gerardo de Frachet (1256-1260).” *Signum* 15, 1 (2014): 84–108.
- Amann, É. “Pénitence.” In *Dictionnaire de théologie catholique : contenant l’exposé des doctrines de la théologie catholique, leurs preuves et leur histoire*, editado por A. Vacant, E. Mangenot e E. Amann, 722–48. Vol. 12. Paris: Letouzey et Ané.
- Anselmo, António. *Os códices alcobacenses da Biblioteca Nacional: I. Códices portugueses*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1926.

- Antl, L. "Stephen Langton." In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 523–4. Vol. 13. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- Antunes, José. "As comunicações como suporte das instituições universitárias." In *As comunicações na Idade Média*, editado por Maria Helena da Cruz Coelho, 146–68. Lisboa: Fundação Portuguesa das Comunicações, 2002.
- . "A Bíblia." In *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, editado por Giuseppe Tavani e Giulia Lanciani, 85–7. Lisboa: Caminho, 1993.
- . "Apologética." In *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, editado por Giuseppe Tavani e Giulia Lanciani, 57–8. Lisboa: Caminho, 1993.
- Araújo, António de Sousa. "«Antoninhos da Conceição» ou Dicionário de Capuchos Franciscanos." In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 1035–42. 2 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- Araújo, Inês Meira, Varandas, José e Margarida Garcez Ventura. "Representações de modelos clássicos militares no rei medieval português." *História (São Paulo)* no. 31 (2012): 27–46.
- Araújo, Inês Meira. "As representações da guerra medieval. As Tapeçarias de Pastrana como ponto de partida." *Cadernos de História da Arte* 1 (2013): 43-56.
- . "Um imaginário bélico da baixa idade média: modelos de representação do guerreiro muçulmano na iconografia bélica." *Hamsa. Journal of Judaic and Islamic Studies* 5 (2015): 30-42.
- Armstrong, R. "Francis of Assisi." In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 871. Vol. 5. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- Arnaldi, Girolamo. "Igreja e Papado." In *Dicionário analítico do Ocidente medieval*, editado por Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt, 632–57. Vol. 1. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- Arnaldo de Sarrano. *Chronica XXIV Generalium Ordinis Fratrum Minorum in Analecta Franciscana ad Historiam Fratrum Minorum Spectantia*. Editado a Patribus Collegii S. Bonaventurae. Florença: Quaracchi, 1987.
- Auer, Johann. "Militia Christi." In *Dictionnaire de Spiritualité*, editado por André Derville, Paul Lamarche e Aimé Solignac, 1210–23. Tomo IX. Paris: Beauchesne, 1976.
- Auerbach, E. *Literatursprache und Publikum in der lateinischen Spätantike und im Mittelalter*. Berna: Francke Verlag, 1958.
- Augé, Matías. *Liturgia. Historia. Celebración. Teología. Espiritualidad*. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 1995.

- Aurell, Martin. “Raport Introductiff.” In *Comunicazione e propaganda nei secoli XII e XIII*, editado por Rossana Castano, Fortunata Latella e Tania Sorrenti, 9–21. Toma: Viella, 2007.
- Aveling, Francis. “Man.” In *The Catholic Encyclopedia*, editado por Charles G. Herbermann et al., 70–85 Vol. IX. Nova Iorque: Robert Appleton Company, 1910.
- Azevedo, Carlos A. Moreira. “Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho.” In *Ordens religiosas em Portugal. Das origens a Trento – Guia Histórico*, editado por Bernardo Vasconcelos e Sousa, 171–5. 3.^a ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.
- Ayala Martínez, Jorge M. “Elocuencia cristiana y teología en el sermonario de San Antonio de Padua.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 667–73. 2 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- Azevedo, David de. “O capítulo Geral da Ordem dos Frades Menores em 1221 na vida de Santo António.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 823–34. 2 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- Azevedo, L. Gonzaga. *História de Portugal*. vol V. Lisboa: Bêlion, 1942.
- Bachrach, B. S. “Medieval Military Historiography.” In *Companion to Historiography*, editado por M. Bentley, 191–208. Londres: Routledge, 1997.
- Bachrach, D. S. “The Friars go to War: Mendicant Military Chaplains, 1216-C. 1300.” *The Catholic Historical Review* 90, no. 4 (2004): 617–33.
- Barbosa, Pedro Gomes. *1147 – Conquista de Lisboa*. Lisboa: Tribuna, 2004.
- . “Cistercienses.” In *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, editado por Carlos Moreira Azevedo, 346–51. Vol. A-C. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000.
- Barroca, Mário. *Do Castelo da Reconquista ao Castelo Românico (Século IX a XII)*. Lisboa: Comissão Portuguesa da História Militar, 1994.
- Barros, José D’Assunção. “Heresias entre os séculos XI e XV. Uma revisitação das fontes e da discussão historiográfica – notas de leitura.” *Arquipélago* no. 2, XI–XII (2007–2008): 126–30.
- Barton, John. *Uma história da Bíblia*. Lisboa: Temas e Debates, 2019.
- Baschet, Jérôme. *Corps et âmes. Une histoire de la personne au Moyen Âge*. Paris: Éditions Flammarion, 2016.
- . “Diabo.” In *Dicionário analítico do Ocidente medieval*, editado por Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt, 358–71. Vol. 1. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

- Baubeta, Patricia Anne Odber de. “Towards a History of Preaching in medieval Portugal.” *Portuguese Studies*, 7 (1991): 1–18.
- Beato, João. “O combate da «Ira» contra a «Patientia» na «Psychomachia» de Prudêncio.” *Didaskalia* 17, no. 2 (1987): 429–35.
- Beatrice, P. F. “L’allegoria nella Psychomachia di Prudenziio.” *Studia Patavina* 18 (1971): 25–73.
- Beaulieu, Marie-Anne Polo de. “Pregação.” In *Dicionário analítico do Ocidente medieval*, editado por Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt, 410–22. Vol. 2. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- . “Usages et mésusages des images selon les prédicateurs du Moyen Âge (XIII^e-XV^e s.).” In *Vécteurs de l’idéal et mutation des sociétés politiques*, editado por Jean-Philippe Genet, 371–400. Paris: Éditions de la Sorbonne, Publications de l’École française de Rome, 2023.
- Bebiano, Rui. *A Pena de Marte. Escrita da guerra em Portugal e na Europa (sécs. XVI–XVIII)*. Coimbra: Minerva, 2000.
- Becerra Artieda, F. “Umberto Eco y el análisis semiótico-estructural de los fenómenos socioculturales.” In *Medios, Masas y audiencias. Lecturas sobre teoría social de la comunicación*, editado por Luis Ricardo Sandoval, 241–66. Comodoro Rivadavia: EDUPA, 2013.
- Beck, H. G. J. “Martin of Tours, St.” In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 220. Vol. 9. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- Bedouelle, Guy. *Dominique, ou la grace de la parole*. Paris: Fayard-Mame, 1982.
- Begge, Sverre. “Scandinavian Historical Writing, 1100–1400.” In *The Oxford History of Historical Writing*, editado por Sarah Foot e Chase F. Robinson, 414–28. Vol. 2, 400–1400. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- Behrends, F. “Gerald of Aurillac, St.” In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 157. Vol. 6. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- Beirante, Ângela. “Eremitismo.” In *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, editado por Carlos Moreira Azevedo, 149–54. Vol. C-I. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000.
- Beirante, Maria da Rocha. “Santarém à chegada dos Dominicanos.” In *Actas do II Encontro sobre História Dominicana*, 197–200. Vol. III, tomo I. Porto: Arquivo Histórico Dominicano Português, 1984.
- Bennet, Matthew, ed. *The Hutchinson Dictionary of Ancient and Medieval Warfare*. Abingdon: Helicon, 2005.
- Bernardo, Luís Manuel Aires V. “A tolerância nos sermões dominicais de Santo António de Lisboa.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do*

- Nascimento de Santo António*, Atas, 675–84. 2 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- Bertazzo, Luciano. “Exulta, Lusitana felix. Carta apostólica de Pio XII referente ao título de Doutor Evangélico atribuído a Santo António de Lisboa e de Pádua (1946). Génese e evolução.” In *Exulta Lusitana Felix. Santo António, 70 anos Doutor da Igreja. Simpósio Internacional Antoniano*, editado por Gonçalo José Gomes Figueiredo, 185–206. Lisboa: Editorial Franciscana, 2017.
- Beugnet, A. “Ange.” In *Dictionnaire de théologie catholique: contenant l’exposé des doctrines de la théologie catholique, leurs preuves et leur histoire*, editado por A. Vacant, E. Mangenot e E. Amann, 1189–1273. Vol. 1. Paris: Letouzey et Ané, 1931.
- Bévenot, M. “Cyprian, St.” In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 457–60. Vol. 11. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- Bisson, Thomas N. “Moeda.” In *Dicionário analítico do Ocidente medieval*, editado por Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt, 242–55. Vol. 1. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- Bizzarri, Hugo O. *El exemplum antiguo: modelos de conducta y formas de sabiduría en la España medieval*. Turnhout: Brepols, 2023.
- Boadas I Lllavat, Augustí. “Lugar de san Antonio en la teoría del conocimiento de la «Escuela Franciscana».” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 527–37. 1 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- Bod, Rens. *A New History of the Humanities. The Search for Principles and Patterns from Antiquity to the Present*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- Boquet, Damien, Piroska Nagy. *Medieval Sensibilities. A History of Emotions in the Middle Ages*. Tradução por Robert Shaw. Cambridge: Polity, 2018.
- Boquet, Damien. “Les passions du salut dans l’Occident médiéval.” In *Histoire des émotions*, editado por Georges Vigarello, 196–222. Vol. 1, *De l’Antiquité aux Lumières*. Paris: Éditions du Seuil, 2016.
- Borowsky, Wolfgang. “The Anthropology of Saint Antony.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 539–41. 1 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- Bourgain, Pascale. “The circulation of texts in manuscript culture.” In *The Medieval Manuscript Book*, editado por Michael Johnston e Michael Van Dussen, 140–59. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- Brady, I. C. “John of la Rochelle (de Rupella).” In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 972. Vol. 7. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.

- . “Peter Lombard.” In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 221–2. Vol. 11. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- Braga, Paulo Drumond e Isabel M. R. Mendes Drumond Braga. “Santo António na Terra, Santo António no Mar. Breve Estudo das Invocações Antonianas.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 1043–50. 2 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- Brito, António José de. “O pensamento político de Santo António. Notas de leitura de um não especialista.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 543–48. 1 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- Buc, Philippe. *The Dangers of Ritual*. Princeton: Princeton University Press, 2001.
- Bulliat, Ambroise-Marie, Léon Joly. *La Chartreuse Sainte Marie de Portes : Étude historique par Dom Ambroise-Marie Bulliat de l'Ordre des chartreux et de l'abbé Léon*. Salzburgo: Institut für Anglistik und Amerikanistik, 2000.
- Burckhardt, Jacob. *The Civilization of the Renaissance in Italy*. Traduzido por S. G. C. Middlemore. Viena: The Phaidon Press, 1860.
- Burnett, Charles. “The Coherence if the Arabic-Latin Translation Program in Toledo in the Twelfth Century.” *Science in Context* 14, no. 1-2 (2001): 249–88.
- Bynum, Caroline Walker. *Jesus as Mother: Studies in the Spirituality of the High Middle Ages*. Berkeley: University of California Press, 1982.
- Caeiro, Francisco da Gama. *Santo António de Lisboa*. 2 Vols. Lisboa: Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 1995.
- . “Ensino e pregação teológica em Portugal na Idade Média: algumas observações.” *Revista Española de Teología* 44 (1984): 113–35.
- . “Fontes portuguesas da formação cultural do Santo.” *Itinerarium* 27 (1981): 136–64.
- . “Hermenêutica e conhecimento em Santo António de Lisboa.” *Cultura Portuguesa* 1 (1981): 11–5.
- . “Lembranças de Portugal na obra de Santo António.” *Brotéria* 80 (1965): 726–32.
- . “Os primórdios dos Frades Pregadores em Portugal. Enquadramento histórico-cultural.” In *Actas do II Encontro sobre História Dominicana*, 161–73. Vol. III, tomo I. Porto: Arquivo Histórico Dominicano Português, 1984.
- . “Santo António de Lisboa e o Cântico dos Cânticos.” *Revista da Faculdade de Letras* 8 (1964): 207–39.

- Calafate, Pedro. “Filosofia e espiritualidade em Santo António de Lisboa.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 685–94. 2 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- . “Álvaro Pais.” In *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, editado por Giuseppe Tavani e Giulia Lanciani, 47–9. Lisboa: Caminho, 1993.
- Calboli, Gualtiero. “Latino volgare e latino classico.” In *Lo spazio letterario del Medioevo. Il Medioevo latino*, editado por G. Cavallo, C. Leonardi e E. Menestò, 11–62. Vol 2, *La circolazione del teSanto* Roma: Salerno Editrice, 1994.
- Caldeira, Beatriz A. “Paul Zumthor: Entre a História e a Literatura: Um estudo crítico da obra *A letra e a voz. A "literatura" medieval*.” *Revista de História das Ideias* 42 (2024): 255–76.
- Callan, Charles. “William Perault.” In *The Catholic Encyclopedia*, editado por Charles G. Herbermann et al., 350–2. Vol. XV. Nova Iorque: Robert Appleton Company, 1912.
- Calvo Moralejo, Gaspar. “María, «arco iris» y «estrella», en los sermones de S. Antonio de Padua.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 1051–64. 2 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- Camacho, V. M. “A produção hagiográfica sobre Antônio de Lisboa/Pádua no século XIII.” *Signum* 19 (2018): 154–83.
- Canning, Joseph. *A History of Medieval Political Thought 300–1450*. Londres-Nova Iorque: Routledge, 1996.
- Cantor, Norman F. *Inventing the Middle Ages: The Lives, Works, and Ideas of the Great Medievalists of the Twentieth Century*. Nova Iorque: William Morrow, 1991.
- Cardini, F. “La cavaleria mistica.” In *Società, istituzioni, spiritualità. Studi in onore di Cinzio Violante*, 163–71. Vol. 1. Espoleto: Centro Italiano di Studi sull’Alto Medioevo, 1994.
- Carruthers, Mary. *The Craft of Thought: Meditation, Thetoric, and the Making of Images, 400–1200*. Nova Iorque: Cambridge University Press.
- Carvalho, José Carlos. “São Lucas e o seu culto em Portugal.” In *Os Santos e a Identidade local*, 13–22. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa - Edições Colibri, 2023.
- Carvalho, Mário A. Santiago de. “Carne e (en)carnação (no “Sermo Dominica XIII post Pentecosten” de Santo António de Lisboa.” *Revista da Faculdade de Letras* 3 (1986): 243–87.

- Carver, J. E. "Preaching, Medieval English." *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 632–5. Vol. 11. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- Castro Brunetto, Carlos Javier. "A iconografia portuguesa de Santo António e a sua difusão no Brasil." In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 1187–94. 2 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- Castro, José Acácio A. de. "Fontes do naturalismo antoniano (A metodologia antoniana e as abordagens de Aristóteles, Plínio e Isidoro de Sevilha)." In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 335–47. 1 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- . "Simbólica da natureza nos Sermões antonianos." In *Exulta Lusitana Felix. Santo António, 70 anos Doutor da Igreja. Simpósio Internacional Antoniano*, editado por Gonçalo José Gomes Figueiredo, 119–30. Lisboa: Editorial Franciscana, 2017.
- Cerejo, Teresa. "Fontes Biográficas de Santo António." In *Exulta Lusitana Felix. Santo António, 70 anos Doutor da Igreja. Simpósio Internacional Antoniano*, editado por Gonçalo José Gomes Figueiredo, 61–74. Lisboa: Editorial Franciscana, 2017.
- Chambel, Pedro Alexandre Sacadura. "Apresentação do projeto de investigação "Dicionário de Simbologias Animais". Problemática, questões e orientações." In *Bestiário Medieval: Perspetivas de Abordagens*, editado por Adelaide Miranda e Pedro Chambel, 9–19. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2014.
- . *Estudos de simbologia na cultura medieval galaico-portuguesa*. Chişinău, Miron Costin: Generis Publishing, 2023.
- Chartier, Roger. *A História Cultural. Entre práticas e representações*. Traduzido por Maria Manuela Galhardo. 2.^a ed. Lisboa: Difel, 1988.
- Chavero Blanco, Francisco de Asís. "Los Sermones de Sancto Antonio de Juan de La Rochelle. Para una tipología de la santidad franciscana." In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 853–74. 2 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- Chevalier, Jean e Alain Gheerbrant, eds. *Dicionário dos Símbolos. Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números*. 3.^a ed. Tradução por Cristina Rodriguez e Artur Guerra. Lisboa: Teorema, 2019.
- Chiovaro, F. "Cassian, John (Johannes Cassianus)." In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 205–7. Vol. 3. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- Ciccarese, Maria Pia. *Animali simbolici: Alle origine del bestiário cristiano*. Bolonha: Biblioteca Patristica, 2002.

- Clasen, S. “Anthony of Padua.” In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 506–7. Vol. 1. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- Clemente, Manuel Macário. “Santo António e a reforma do clero do seu tempo.” In *Colóquio Antoniano*, 205–15. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1982.
- Clercq, V. C. de, “Athanasius, St.” In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 817–20. Vol. 1. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- Coelho, Maria Helena da Cruz. “A rede de comunicações concelhias.” In *As comunicações na Idade Média*, editado por Maria Helena da Cruz Coelho, 64–101. Lisboa: Fundação Portuguesa das Comunicações, 2002.
- . “A crítica da vida religiosa por Santo António e o elogio do santo por Frei Paio de Coimbra.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 447–65. 1 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- Colóquio Antoniano*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1982.
- Conde, Antonio Linage. “El «contador historias» en la obra de San Antonio.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 467–76. 1 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- Constable, Giles. “Metaphors for religious life in the Middle Ages.” *Revue Mabillon* 19 (2008): 231–42.
- Contamine, Philippe. *War in the Middle Ages*. Traduzido por Michael Jones. Oxford: Blackwell Publishing, 1984.
- Cornelius, Roberta D. *The figurative castle: a Study in the Mediaeval allegory of the Edifice with Especial Reference to Religious Writings*. PhD diss., Bryn Mawr, 1930.
- Correia, António Manuel da Cruz. “Santo António patrono e imagem de culto em igrejas e mosteiros do Porto e Gaia.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 887–916. 2 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- Costa Lopez, Julia. “International Relations in/and the Middle Ages.” In *Routledge Handbook of Historical International Relations*, editado por Benajmin de Carvalho, Julia Costa Lopez, Halvard Leira, 408–18. Routledge: Taylor & Francis, 2021.
- Costa, António Domingos de Sousa. *Mestre Silvestre e Mestre Vicente: juristas da contenda entre D. Afonso II e suas irmãs*. Braga: Editorial Franciscana, 1963.
- Costa, Avelino de Jesus da. “A Virgem Maria Padroeira de Portugal na Idade Média.” *Lusitania Sacra* 2 (1957): 7–49.

- Costa, Beniamino. “Introductio.” In *Sermones Dominicales et Festivi*, editado por Beniamino Costa, Leonardo Frasson, Ioanne Luisetto, 1–24. Pádua: EMP, 1979.
- Costa, João Mário Soalheiro. “Cristocentrismo no pensamento antoniano. Perspectivas e fontes.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 349–75. 1 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- Couraceiro, Manuel de Jesus. “*Sensus et ratio*. Para um estudo do pensamento gnoseológico em Santo António de Lisboa.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 549–85. 1 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- Croizy-Naquet, Catherine e Michelle Szkilnik. “Préface.” In *L’écriture de la guerre au Moyen Âge*, editado por Catherine Croizy-Naquet e Michelle Szkilnik, 11–20. Paris: Louvain-la-Neuve, 2021.
- Crouch, J. T. “Isidore of Seville, St.” In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 602–5. Vol. 7. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- Cruz, António. “A cultura (1100-1245).” In *História de Portugal*, editado por José Hermano Saraiva, 323–37. Vol. 2, 1245 – 1640. Lisboa: Publicações Alfa, 1983.
- Cummins, Stephen, Max Stille. “Religious Emotions and Emotions in Religion: The Case of Sermons.” *Journal of Religious History* 45 (2021): 3–24.
- Cunningham, M. P. “Prudentius.” In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 792–3. Vol. 11. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- Cusato, Michael F. “Apostolic life.” In *The Oxford Dictionary of the Middle Ages*, editado por Robert E. Bjork, 80. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- D’Arienzo, Valdo. “O crédito e a moeda.” In *Idade Média*, editado por Umberto Eco, 150–3. Vol. II, *Catedrais, cavaleiros e cidades*. Lisboa: D. Quixote, 2016.
- Dando-Collins, Stephen. *Constantine at the Bridge. How the Battle of the Milvian Bridge Created Christian Rome*. Nashville: Turner, 2022.
- Davide, Diego. “Mercados, feiras, comércio e vias de comunicação.” In *Idade Média*, editado por Umberto Eco, 141–5. Vol. II, *Catedrais, cavaleiros e cidades*. Lisboa: D. Quixote, 2016.
- . “A expansão das manufaturas e as corporações de ofícios.” In *Idade Média*, editado por Umberto Eco, 153–7. Vol. II, *Catedrais, cavaleiros e cidades*. Lisboa: D. Quixote, 2016.
- Delany, Joseph. “Vice.” In *The Catholic Encyclopedia*, editado por Charles G. Herbermann et al., 320–5. Vol. XV. Nova Iorque: Robert Appleton Company, 1912.
- Demurger, Alain. *Os templários. Uma Cavalaria Cristã na Idade Média*. Traduzido por Karina Jannini. Rio de Janeiro: Difel, 2007.

Derecki, Pawel. “Gilo of Toucy.” In *Encyclopedia of the Medieval Chronicle*, editado por Graeme Dunphy e Cristian Bratu, 60. Vol III. Leiden: Brill, 2010.

Deug-Su, I. “La ‘militia Christi’ nella vita eremitica tra i secoli XI e XII.” In *‘Militia Christi’ e Crociata nei secoli XI-XIII: Atti della undecima Settimana internazionale di studio*, 299–341. Milano: Centro di studi medioevali, 1992.

———. “Gli ‘specula’.” In *Lo spazio letterario del Medioevo. Il Medioevo latino*, editado por G. Cavallo, C. Leonardi e E. Menestò, 515–34. Vol 1, t.2, *La produzione del teSanto* Roma: Salerno Editrice, 1995.

DeVries, Kelly. *Infantry Warfare in the Early Fourteenth Century. Discipline, Tactics and Technology*. Woodbridge: The Boydell Press, 1996.

Di Fiori, Ciro. “Aspirações de Renovação Religiosa na Igreja e Heresias.” In *Idade Média*, editado por Umberto Eco, 195–202. Vol. II, *Catedrais, cavaleiros e cidades*. Lisboa: D. Quixote, 2016.

Dias, Ana de Oliveira. “Commentarium in Apocalypsin: o número e a forma geométrica na tradição simbólica das ilustrações do «Beato» de S. Mamede de Lorvão.” MA diss., Universidade de Lisboa, 2012.

———. “A «ciência numérica» no imaginário medieval: o exemplo das ilustrações do «Beato» de São Mamede de Lorvão.” In *O imaginário medieval*, editado por Carlos Guardado da Silva, 81–100. Lisboa: Edições Colibri-Câmara Municipal de Torres Vedras-Instituto Alexandre Herculano, 2014.

Dias, Geraldo J. A. Coelho. “Os Sermões de Frei Paio de Coimbra e o Antigo Testamento.” In *Actas do II Encontro sobre História Dominicana*, 381–89. Vol. III, tomo I. Porto: Arquivo Histórico Dominicano Português, 1984.

———. “Cluniacenses.” In *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, editado por Carlos Moreira Azevedo, 381–5. Vol. A-C. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000.

———. *Quando os monges eram uma civilização... Beneditinos: espírito, alma e corpo*. Porto: CITCEM-Edições Afrontamento, 2001.

Díaz y Díaz, Manuel C. “La circulation des manuscrits dans la Péninsule Ibérique du VIII^e au XI^e (à suivre).” *Cahiers de civilisation médiévale* 12, no. 47 (1969): 219–41.

Dicionário de Latim-Português. 4.^a ed. Porto: Porto Editora, 2017.

Dickinson, J. C. “Fontevrault, Convent of.” *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 773–5 Vol. 5. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.

Dressler, H. “Clement I, Pope, St.” In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 773–5 Vol. 3. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.

- Drum, W. "The Incarnation." In *The Catholic Encyclopedia*, editado por Charles G. Herbermann et al., 200–15. Vol. VII. Nova Iorque: Robert Appleton Company, 1911.
- Du Moustier, B. "Guigo I." In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 565 Vol. 6. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- Duarte, Luís Miguel. "The Portuguese Medieval Parliament: Are We Asking the Right Questions?." *e-JPH* 1, no. 2 (2003): 1–12.
- Dublanchy, E. "Marie." In *Dictionnaire de théologie catholique: contenant l'exposé des doctrines de la théologie catholique, leurs preuves et leur histoire*, editado por A. Vacant, E. Mangenot e E. Amann, 2339–470. Vol. 9. Paris: Letouzey et Ané, 1927.
- . "Église." In *Dictionnaire de théologie catholique: contenant l'exposé des doctrines de la théologie catholique, leurs preuves et leur histoire*, editado por A. Vacant, E. Mangenot e E. Amann, 2339–470. Vol. 4. Paris: Letouzey et Ané, 1939.
- Duby, Georges. *As três ordens ou o imaginário do feudalismo*. Traduzido por Maria Helena Costa Dias. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.
- Duggan, C. "Peter Damian, St." In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 186–7. Vol. 14. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- Dunn, Marilyn. "Mastering Benedict: Monastic Rules and their Authors in Early Medieval West." *English Historical Review* 105 (1990): 567–94.
- Eco, Umberto. *La struttura assente. Introduzione alla ricerca semiologica*. Milão: Bompiani, 1968.
- . *O Signo*. Tradução por Maria de Fátima Marinho. Lisboa: Presença, 2017.
- Edgington, Susan B. "Peter Tudebode. *The Crusades - An Encyclopedia*, editado por Alan V. Murray, 948. Vol. 3. Santa Barbara: Santa Barbara: ABC-CLIO, 2006.
- Edwards, O. C. *A History of Preaching*. Vol. 1. Nashville: Abingdon Press, 2004.
- Edwards, P. "Peter the Venerable, BL." In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 207–8. Vol. 11. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- . "Peter of Celle." In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 198. Vol. 11. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- Edwards, P., G. A. Zinn. "Thomas Gallus of Vercelli." In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 30. Vol. 14. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- Emonds, Hilarius, Geistlicher Kriegsdienst. "Der Topos der Militia spiritualis in der antiken Philosophie." In *Heilige Überlieferung*, editado por Ildefons Herwegen e Odo Castel, 21–50. Münster: Aschendorff, 1938.

- Farmer, D. H. “Eynsham, Adam of.” In *Oxford Dictionary of National Biography*, editado por H. C. G. Matthew e Brian Harrison, 153–4. Vol. 7,. Oxford: Oxford University Press, 1885-1901.
- . “Hugh of Lincoln, St.” In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 198. Vol. 11. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- Faure, Philippe. “Anjos.” In *Dicionário analítico do Ocidente medieval*, editado por Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt, 23–50. Vol. 1. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- Felder, Hilarin. *Der Christusritter aus Assisi*. Zurique: Götschmann, 1941.
- . *Die Ideale des hl. Franziskus von Assisi*. Paderborn: Schöningh, 1935.
- Fernandes, António Horta Fernandes. *Homo strategicus ou a ilusão de uma razão estratégica?* Lisboa: Edições Cosmos e Instituto da Defesa Nacional, 1998.
- Fernandes, Hermenegildo. “Entre Mouros e Cristãos. A sociedade de fronteira no sudoeste peninsular interior (séculos XII-XIII).” PhD diss., Universidade de Lisboa, 2001.
- . “Dos limites às fronteiras: problemas de escala e funções.” In *Nação e Identidades. Portugal, os Portugueses e os Outros*, editado por Sérgio Campos de Matos, Isabel Castro Henriques, Hermenegildo Fernandes e José da Silva Horta, 157–75. Lisboa, Portugal: Caleidoscópio, 2009.
- . *D. Sancho II*. Lisboa: Temas e Debates, 2010.
- Fernandes, Isabel Cristina Ferreira. “Castelos e conventos das ordens militares em Portugal: A simbologia religioso-militar (séculos XII-XIV).” In *Hombres de religión y guerra. Cruzada y guerra santa en la Edad Media peninsular (siglos X-XV)*, editado por Carlos de Ayala Martínez e J. Santiago Palacios Ontalva, 167–84. Madrid: Sílex, 2018.
- Fernandes, Maria João Ferraz Castelo Branco. “O contributo de Santo António para o desenvolvimento da estética da luz.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 587–600. 1 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- Ferrara, Mimma Pasculli. “La Chiese barocche di S. Antonio tra Puglia e Napoli Capitale: Esemplificazioni di architettura, statuaria, cicli decorativi.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 1195–220. 2 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- Ferraz, António José Rebelo e João Mário Soalheiro Costa. “Memória antoniana no Concelho de Vila Nova de Foz Côa.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 1065–78. 2 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- Ferreira, Eduardo. “Carros de guerra da Antiguidade Pré-Clássica. Tipologias Comparadas (c. 2500 – c. 608 a. C.).” PhD diss., Universidade de Lisboa, 2019.

Ferreira, Godofredo. *Assistentes do Correio-Mor do Reino em Coimbra*. Lisboa: Sociedade Astória, 1966.

———. *Assistentes do Correio-Mor do Reino em Viseu*. Lisboa: Sociedade Astória, 1969.

Ferzoco, George. “The Context of Medieval Sermon Collections on Saints.” In *Preacher, Sermon and Audience in the Middle Ages*, editado por Carolyn Muessig, 279–92. Leiden: Brill, 2002.

Figueiredo, Gonçalo. “Humildade Gloriosa, Santo António em Aquilino Ribeiro.” In *Exulta Lusitana Felix. Santo António, 70 anos Doutor da Igreja. Simpósio Internacional Antoniano*, editado por Gonçalo José Gomes Figueiredo, 175–84. Lisboa: Editorial Franciscana, 2017.

Flori, Jean. *A Cavalaria. A origem dos nobres guerreiros da Idade Média*. Traduzido por Eni Tenório dos Santos. São Paulo: Madras, 2005.

Fonseca, Cosimo Damiano. “‘Militare Deo’ e ‘militia Christi’ nella tradizione canonica.” In *‘Militia Christi’ e Crociata nei secoli XI-XIII: Atti della undecima Settimana internazionale di studio*, 343–54. Milano: Centro di studi medioevali, 1992.

Fontes, João Luís Inglês, Maria Filomena Andrade e Ana Maria S. A. Rodrigues. “Mosteiros e conventos no Portugal medieval: vida espiritual e lógicas de implantação,” *Summa* no. 25 (2020): 8–34.

Fontes, João Luís Inglês. “Ordem dos Cónegos Regulares Premonstratenses.” In *Ordens religiosas em Portugal. Das origens a Trento – Guia Histórico*, editado por Bernardo Vasconcelos e Sousa, 171–5. 3.^a ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.

Foot, Sarah. “Annals and Chronicles in Western Europe.” In *The Oxford History of Historical Writing*, editado por Sarah Foot e Chase F. Robinson, 346–67. Vol. 2, 400–1400. Oxford: Oxford University Press, 2011.

Freeman, Charles. *Holy Bones, Holy Dust. How Relics Shaped the History of Medieval Europe*. New Haven-Londres: 2012.

Freire, José Geraldes. “Latim Medieval II. S. Frei Paio de Coimbra (1).” *Boletim de Estudos Clássicos* no. XIII, 25 (1996): 53–62.

———. “Latim Medieval II. ‘S. Frei Paio de Coimbra’ (2).” *Boletim de Estudos Clássicos* no. XIII, 25 (1996): 65–73.

———. “O latim medieval em Portugal: língua e cultura.” In *Instituto de Estudos Clássicos: um passado com futuro*, editado por D. F. Leão, 135–85. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2005.

Freitas, Manuel Barbosa da Costa. “O Cristocentrismo nos Sermões de Santo António.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 387–94. 1 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.

Frias, Agostinho Figueiredo e Bernardino Fernando da Costa Marques. “Theologia, scientia et ars dans les Sermones de Frater Pelagius Parvus Colimbriensis, O.P.” In *Actes du colloque ‘Le vocabulaire des écoles des Mendians au moyen âge*, 16–25. Turnhout Belgique: Brepols, 1999.

Frias, Agostinho Figueiredo. “De signis pulsandis: leitura hermenêutica de Santo António de Lisboa e Frei Paio de Coimbra.” MA. diss., Universidade do Porto, 1994.

———. *Lettura ermeneutica dei «sermones» di sant’Antonio di Padova. Introduzione alle radici culturali del pensiero antoniano*. Pádua: Centro Studi Antoniani, 1995.

———. “A utilização antoniana do *De animalibus* de Aristóteles nos *Sermones*.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 349–86. 1 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.

Frugoni, Chiara. *Le Moyen Âge par ses images*. Paris: Les Belles Lettres, 2015.

Gaffuri, Laura. “La «Miscellanea» del codice del Tesoro (Ms 720, XIII In.) della Biblioteca Antoniana di Padova.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 395–403. 1 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.

Gál, G. “Peter John Olivi.” In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 189–90. Vol. 11. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.

Galhoz, Maria Aliete. “Santo António no Romanceiro Popular Português.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 1079–88. 2 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.

Galván Freile, Fernando. “Representaciones bélicas en el arte figurativo medieval: particularidades del caso hispano.” *Memoria y Civilización* 2 (1999): 55–86.

Ganho, Maria de Lourdes Sigardo. “Ter e ser em Santo António de Lisboa.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 695–704. 2 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.

———. “Santo António Doutor da Igreja.” In *Exulta Lusitana Felix. Santo António, 70 anos Doutor da Igreja. Simpósio Internacional Antoniano*, editado por Gonçalo José Gomes Figueiredo, 131–6. Lisboa: Editorial Franciscana, 2017.

———. *O essencial sobre Santo António de Lisboa*. Lisboa: Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 2007.

Ganshof, François Louis. *Que é o Feudalismo?*. Traduzido por Jorge Borges de Macedo. Lisboa: Publicações Europa-América, 1976.

García Fitz, Francisco. “La guerra en la Península Ibérica y la conquista de Alcácer (1217).” In *Da conquista de Lisboa à conquista de Alcácer (1147-1217). Definição e dinâmicas de um território de fronteira*, editado por Isabel Cristina F. Fernandes e Maria João V. Branco, 391–402. Lisboa: Edições Colibri, 2019.

García y García, Antonio. “La reforma de la Iglesia en tiempos de San Antonio de Lisboa.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 705–24. 2 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.

———. “Las órdenes mendicantes en el concilio IV lateranense de 1215.” In *Actas do II Encontro sobre História Dominicana*, 706–17. Vol. III, tomo I. Porto: Arquivo Histórico Dominicano Português, 1984.

Geary, P. J. “Cult of saints.” In *Encyclopedia of Religion*, editado por L. Jones, 2081–4 Vol. 3. Michigan: Thomson Gale, 1987.

Génicot, Léopold. “Nobreza.” In *Dicionário analítico do Ocidente medieval*, editado por Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt, 314–28. Vol. 2. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

Geremek, Bronislaw. “O marginal.” In *O Homem Medieval*, editado por Jacques Le Goff, 233–48. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

Geudens, F. M. “Premonstratensian Canons.” In *The Catholic Encyclopedia*, editado por Charles G. Herbermann et al., 387–92. Vol. XII. Nova Iorque: Robert Appleton Company, 1911.

Gildas, F.M. “Cistercians.” In *The Catholic Encyclopedia*, editado por Charles G. Herbermann et al., 780–90. Vol. III. Nova Iorque: Robert Appleton Company, 1909.

Gildersleeve, B. L. e Gonzalez Lodge, *Latin Grammar*. 3.^a ed. Londres: Macmillan and Co., Limited, 1903.

Girolamo, Catia Di. “A extensão de terras cultivadas e a economia rural.” In *Idade Média*, editado por Umberto Eco, 138–41. Vol. II, *Catedrais, cavaleiros e cidades*. Lisboa: D. Quixote, 2016.

Godet-Calogeras, Jean-François. “John Pecham’s Commentary on the Rule of the Friars Minor.” In *The English Province of the Franciscans (1224-c.1350)*, editado por M. J. P. Robson, 130–43. Leiden-Boston: Brill, 2017.

Goergen, Donald J. *St. Dominic. The story of a preaching Friar*. Nova Iorque: Paulist Press, 2016.

Gomes, Saul António. “Coimbra e Santiago de Compostela: aspectos de um inter-relacionamento nos séculos medievos.” *Revista Portuguesa de História* 34 (2000): 453–90.

———. “A Littera Pythagorae e a sua simbologia cristológica na Idade Média Portuguesa.” *Humanitas*, 60 (2008): 177–203.

- . “A questão judaica nos autores medievais portugueses.” *Caderno de Estudos Sefarditas* 9 (2009): 93–120.
- . “Cónegos Regrantes de Santo Agostinho.” In *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, editado por Carlos Moreira Azevedo, 429–34. Vol. A-C. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000.
- . “Cónegos regulares de Santa Cruz.” In *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, editado por Carlos Moreira Azevedo, 435–8. Vol. A-C. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000.
- . “Os dominicanos e a cultura em tempos medievais: o caso português.” *Biblos. Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, 7 (2009): 261–94.
- . “Premonstratenses.” In *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, editado por Carlos Moreira Azevedo, 56–9. Vol. P-V. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000.
- . “Três Ensaio de História Monástica Medieval Portuguesa.” *Revista de História da Sociedade e da Cultura* 8 (2008): 45–95.
- . In *Limine Conscriptionis. Documentos, Chancelaria e Cultura no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra (Séculos XII a XIV)*. Viseu: Palimage e Centro de História da Sociedade e da Cultura, 2007.
- Gonçalves, Joaquim Cerqueira. “O Franciscanismo de Santo António.” In *Exulta Lusitana Felix. Santo António, 70 anos Doutor da Igreja. Simpósio Internacional Antoniano*, editado por Gonçalo José Gomes Figueiredo, 87–98. Lisboa: Editorial Franciscana, 2017.
- Gonçalves, Manuel Pereira. “A voz de Santo António, o seu eco e a missão evangelizadora.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 991–1008. 2 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- Goullet, Monique, e Anne-Marie Deschamps. “Planctum describere : les deux lamentations funèbres de Jotsaud em l’honneur d’Odilon de Cluny [suivi du Complément musical par A.M. Deschamps].” *Cahiers de Civilisation Médiévale* 39 (1996): 187–210.
- Grégoire, Réginald. “Odo of Cluny, St.” In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 554–5. Vol. 10. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- . “Esegesi biblica e ‘militia Christi’.” In *‘Militia Christi’ e Crociata nei secoli XI-XIII: Atti della undecima Settimana internazionale di studio*, 21–47. Milano: Centro di studi medioevali, 1992.
- . “Odilo of Cluny, St.” In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 152. Vol. 10. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.

- Grethlein, Jonas. "The Rise of Greek Historiography and the Invention of Prose." In *The Oxford History of Historical Writing*, editado por Andrew Feldherr e Grant Hardy, 148–70. Vol. 1, *Beginnings to AD 600*. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- Guevin, Benedict. "Benedict's "Military" Vocabulary Reconsidered." *American Benedictine Review* 49 (1998): 138–47.
- Guijarro González, Susana. "Knowledge in the Cloisters: Monastic and Cathedral Schools in the Middle Ages." *Arbor* 184, no. 731 (2008): 443–55.
- Hageman, Mariëlle e Marco Mostert, eds. *Reading Images and Texts. Medieval Images and Texts as Forms of Communication*. Turnhout: Brepols, 2005.
- Hamilton, B. "Robert of Arbrissel, BL." In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 266. Vol. 12. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- Hammond, J. M. "Bonaventure, St." In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 779–93. Vol. 2. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- Hanna, E. "The Virtue of Penance." In *The Catholic Encyclopedia*, editado por Charles G. Herbermann et al., 80–92. Vol. XI. Nova Iorque: Robert Appleton Company, 1911.
- . "The Sacrament of Penance." In *The Catholic Encyclopedia*, editado por Charles G. Herbermann et al., 748–70. Vol. XI. Nova Iorque: Robert Appleton Company, 1911.
- Hanska, Juissi. "Reconstructing the Mental Calendar of Medieval Preaching: a Method and its Limits: an Analysis of Sunday Sermons." In *Preacher, Sermon and Audience in the Middle Ages*, editado por Carolyn Muessig, 293–316. Leiden: Brill, 2002.
- Harmless, William. "The life of Antony: Text and Context." In *Desert Christians: An Introduction to the Literature of Early Monasticism*, 57–84. Oxford-Nova Iorque: Oxford University Press, 2004.
- Harnack, Adolf. *Militia Christi. Die chrustliche Religion und der Soldatenstand in den ersten drei Jahrhunderten*. Tübingen: J.C.B. Mohr, 1905.
- Haskins, Charles Homer, e Dean Putnam Lockwood. "The Sicilian Translators of the Twelfth Century and the First Latin Version of Ptolemy's Almagest." *Harvard Studies in Classical Philology* 21 (1910): 75–102.
- Haskins, Charles Homer. *The Renaissance of the Twelfth Century*. Cambridge: Harvard University Press, 1927.
- Healy, Patrick Stephen. "Two swords, Doctrine of the." In *The Oxford Dictionary of the Middle Ages*, editado por Robert E. Bjork, 615. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- Heather, Peter. *O Triunfo de Uma Religião, 300–1300 d.C.* Traduzido por Miguel Martins. Lisboa: Edições 70, 2023.

- Hebron, Malcolm. *Medieval Siege: Theme and Image in Middle English Romance*. Oxford: Oxford University Press, 1997.
- Held, M. L., F. Klostermann. "Apostles." In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 570–3 Vol. 1. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- Hellmann, J. A. "Thomas of Celano." In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 33. Vol. 14. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- Herrera del Castillo, Maria Teresa. "Contribuição para um estudo da estilística e expressividade linguística sobre Santo António através de uma hagiografia." In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 1097–112. 2 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- Hilkert, M. C. "Preaching, III (Theology of)." In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 626–30. Vol. 11. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- Hoade, E. "Perpetua and Felicity, SS." In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 130–1. Vol. 11. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- Hosler, John. *John of Salisbury: Military Authority of the Twelfth-Century Renaissance*. Leiden-Boston: Brill, 2013.
- . "Mercenaries." In *The Oxford Encyclopedia of Medieval Warfare and Military Technology*, editado por Clifford J. Rogers, 2–3. Vol. 2. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- Hourihane, Colum, ed. *King David in the Index of Christian art*. Princeton: Princeton University Press.
- Huber, Raphael. *St. Anthony of Padua Doctor of the Church Universal*. Washington: The Bruce Publishing Company, 1948.
- Huizinga, Johan. *O declínio da Idade Média*. Tradução por Augusto Abelaira. Braga: Ulisseia, 1996.
- Jaeger, Werner, Gilbert Highet. *aideia: the Ideals of Greek Culture*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1945.
- Jensen, Kurt Villads. *A Cruzada nas Fronteiras do Mundo*. Lisboa: Chiado Editora, 2014.
- Joyce, G. "The Church." In *The Catholic Encyclopedia*, editado por Charles G. Herbermann et al., 400–60. Vol. III. Nova Iorque: Robert Appleton Company, 1908.
- Judge, M. "Passion of Christ, II (In the Bible)." In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 920–4. Vol. 10. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- Karras, Ruth Mazo. *Thou art the Man. The masculinity of David in the Christian and Jewish Middle Ages*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2021.

- Keck, David. *Angels and Angelology in the Middle Ages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.
- Kennedy, T. “John of Fécamp.” In *The Catholic Encyclopedia*, editado por Charles G. Herbermann et al., 90–1. Vol. VIII. Nova Iorque: Robert Appleton Company, 1910.
- Kent, W. “Devil.” In *The Catholic Encyclopedia*, editado por Charles G. Herbermann et al., 600–29. Vol. IV. Nova Iorque: Robert Appleton Company, 1908.
- Kienzle, Beverly Mayne. *Cistercians, Heresy and Crusade in Occitania, 1145–1229. Preaching in the Lord’s Vineyard*. York: York Medieval Press, 2001.
- . “Medieval Sermons and their performance: theory and record.” In *Preacher, Sermon and Audience in the Middle Ages*, editado por Carolyn Muessig, 89–124. Leiden: Brill, 2002.
- Knowles, M. D. “Becket, Thomas, St.” In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 193–4. Vol. 2. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- Lambert, M. D. *Medieval Heresy. Popular Movements from Bogomil to Hus*. Nova Iorque, Holmes and Meier, 1976.
- Lamelas, Isidro Pereira. “Doutores na Igreja e “Doutores da Igreja”: Génese e significado de um título.” In *Exulta Lusitana Felix. Santo António, 70 anos Doutor da Igreja. Simpósio Internacional Antoniano*, editado por Gonçalo José Gomes Figueiredo, 137–58. Lisboa: Editorial Franciscana, 2017.
- Laselve, Zacharia. *Annus Apostolicus*. Veneza: Typographia Balleoniana, 1794.
- Lavajo, Joaquim C. H. “A Ordem dos Pregadores como resposta às exigências de renovação eclesial e intelectual da «Hispania» medieval.” In *Actas do II Encontro sobre História Dominicana*, 225–42. Vol. III, tomo I. Porto: Arquivo Histórico Dominicano Português, 1984.
- Lawrence, C. H. *The Friars. The impact of the mendicant orders on medieval society*. Londres-Nova Iorque: I. B. Tauris, 2013.
- Le Goff, Jacques, Nicholas Truong, *Uma história do corpo na Idade Média*. Traduzido por Marcos Flamínio Peres. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006).
- Le Goff, Jacques. *O imaginário medieval*. Traduzido por Manuel Ruas. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.
- . “Centro / Periferia.” In *Dicionário analítico do Ocidente medieval*, editado por Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt, 227–46. Vol. 1. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- . “Cidade.” In *Dicionário analítico do Ocidente medieval*, editado por Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt, 247–67. Vol. 1. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

- . “O homem medieval.” In *O Homem Medieval*, editado por Jacques Le Goff, 9–29. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- . “Ordres mendiants et l’urbanisation dans la France médiévale (enquête du Centre de recherches historiques).” *Annales E.S.C.* 25 (1970): 924-946.
- . *O maravilhoso e o quotidiano no Ocidente medieval*. Traduzido por António José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1924.
- . *Os intelectuais na Idade Média*. Traduzido por Marcos de Castro. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- . *São Francisco de Assis*. Traduzido por M. Castro. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.
- Le Saint, W. “Tertullian.” In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 834–8. Vol. 13. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- Leclercq, Jean. *Monks and Love in Twelfth-Century France*. Oxford: Clarendon Press, 1979.
- . “Ivo of Chartres, St.” In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 679–80. Vol. 6. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- . “Militare Deo dans la tradition patristique et monastique.” In *‘Militia Christi’ e Crociata nei secoli XI-XIII: Atti della undecima Settimana internazionale di studio*, 3–20. Milano: Centro di studi medioevali, 1992.
- . *Predicare nel Medioevo*. Milão: Jaca Book, 2001.
- Leff, Gordon. “The Trivium and the three philosophies.” In *A History of the University in Europe*, editado por Hilde de Ridder-Symoens, 307–35. Vol. I, *Universities in the Middle Ages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- Lejay, P. “Commodianus.” In *The Catholic Encyclopedia*, editado por Charles G. Herbermann et al., 105. Vol. IV. Nova Iorque: Robert Appleton Company, 1910.
- Lencart, Joana Corte-Real. “A formação cultural de Santo António.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 405–15. 1 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- Lenoci, Liana Bertoldi. “Aspectos da devoção antoniana na Puglia.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 1221–32. 2 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- Leonardi, Claudio. “Agiografia.” In *Lo spazio letterario del Medioevo. Il Medioevo latino*, editado por G. Cavallo, C. Leonardi e E. Menestò, 421–62. Vol 1, t.2, *La produzione del teSanto* Roma: Salerno Editrice, 1995.

- Lois García, Xosé. “Interpretacións simbólicas no bestiario de San Antonio.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 1089–96. 2 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- Lombardo, E., J. F. Meirinhos. “De Fernando Martins a Santo António de Lisboa, um santo para o mundo.” In *História Global de Portugal*, editado por Carlos Fiolhais, José Eduardo Franco e José Pedro Paiva, 239–44. Lisboa: Círculo de Leitores, 2020.
- Lombardo, Eleonora. “Sant’ António nella devozione della fine del Medioevo. I sermoni per il 13 giungno.” In *Exulta Lusitana Felix. Santo António, 70 anos Doutor da Igreja. Simpósio Internacional Antoniano*, editado por Gonçalo José Gomes Figueiredo, 159–74. Lisboa: Editorial Franciscana, 2017.
- Loomis, R. S. “The Allegorical Siege in the Art of the Middle Ages.” *American Journal of Archaeology* 23 (1919): 255–69.
- Lopes, Fernando Félix. *Santo António de Lisboa. Doutor Evangélico*. Braga: Missões Franciscanas, 1953.
- . “Franciscanos de Portugal antes de formarem província independente: ministros e provinciais a que obedeciam.” In *Colectânea de estudos de história e de literatura*, 1–92. Vol. 2. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1997.
- . *Santo António de Lisboa. Doutor Evangélico*. Braga: D. Franciscana, 1992.
- López, Antão. “Cartuxos.” *Dicionário de história religiosa de Portugal*, editado por Carlos Moreira Azevedo, 300–1. Vol. C–I. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000.
- . “Escolas públicas dos Franciscanos em Portugal antes de 1308.” In *Colectânea de estudos de história e literatura*, 353–69. Vol. 2, *A ordem franciscana na história e cultura portuguesa*. Lisboa: Academia Portuguesa de Historia, 1997.
- Losch, Richard R. *Todos os Personagens da Bíblia de A a Z*. Cambridge: Wm. B. Eerdmans, 2008.
- Lot, Ferdinand. *O fim do mundo antigo e o princípio da Idade Média*. Traduzido por Emanuel Godinho. Lisboa: Edições 70, 2019.
- Lourenço, Frederico. *Nova Gramática do Latim*. Lisboa: Quetzal, 2019.
- Lowe, Ben. “Peace and Truce of God.” In *The Oxford Encyclopedia of Medieval Warfare and Military Technology*, editado por Clifford J. Rogers, 109–11. Vol. 2. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- Lozier, C. “Humbert of Romans.” In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 198–9. Vol. 7. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- Lubac, Henri de. *Éxégèse médiévale: les quatre sens de l’Écriture*. Paris: Éditions du Cerf, 1993.

- Lunn-Rockliffe, Sophie. "Sermo Humilis." In *The Oxford Dictionary of Late Antiquity*, editado por Oliver Nicholson, 1362. Vol. 2. Oxford: Oxford University Press, 2018.
- Lynch, J. E. "Ambrose, St." In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 337–40. Vol. 1. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- Maas, A. "Evradius Ponticus." In *The Catholic Encyclopedia*, editado por Charles G. Herbermann et al, 70–2. Vol. V. Nova Iorque: Robert Appleton Company, 1910.
- . "Christology." In *The Catholic Encyclopedia*, editado por Charles G. Herbermann et al, 50–73. Vol. IV. Nova Iorque: Robert Appleton Company, 1912.
- Macedo, J. M. da Costa. "Paupertas. Raízes e horizontes." In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 601–10. 1 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- Macedo, José Adílio Barbosa. "Santo António nas Igrejas e Capelas de Angola (até à data da independência)." In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 1113–136. 2 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- MacMullen, R. "A Note on Sermo Humilis." *The Journal of Theological Studies* (1966): 108–12.
- Maier, Christoph T. *Preaching the Crusades. Mendicant Friars and the Cross in the Thirteenth Century*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- Mangenot, E. "Eschatologie." *Dictionnaire de théologie catholique: contenant l'exposé des doctrines de la théologie catholique, leurs preuves et leur histoire*, editado por A. Vacant, E. Mangenot e E. Amann, 456–7. Vol. 5. Paris: Letouzey et Ané, 1939.
- . "Démon." in *Dictionnaire de théologie catholique: contenant l'exposé des doctrines de la théologie catholique, leurs preuves et leur histoire*, editado por A. Vacant, E. Mangenot e E. Amann, 321–409. Vol. 4. Paris: Letouzey et Ané, 1931.
- Mann, Jill. "Allegorical Buildings in Medieval Literature." *Medium Ævum* 63 (1994): 191–210.
- Manning, Eugène. "La signification de militare-militia-miles dans la Règle de S. Benoît." *Revue Benedictine* 72 (1962): 135–8.
- Manselli, Raol. "La coscienza minoritica di Antonio di Padova di fronte all'Europa del suo tempo." *Il Santo. Rivista francescana di storia, dottrina e arte* 2 (1982): 29–35.
- Mansilla Reoyo, Demetrio. "Situacion politico religiosa de la Peninsula Iberica (1215-1220)." In *Actas do II Encontro sobre História Dominicana*, 39–59. Vol. III, tomo I. Porto: Arquivo Histórico Dominicano Português, 1984.

Marado, Catarina Almeida. "Sharing the City: The Establishment of Mendicant Houses in Portuguese Medieval Towns." *The Journal of Medieval Monastic Studies*, 4 (2015): 47–76.

———. *Arquiterura conventual e cidade medieval: a formação e os impactos dos sistemas urbanísticos mendicantes em Portugal (séc. XIII-XV)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018.

Marques, A. H. de Oliveira. *A sociedade medieval portuguesa. Aspectos da vida quotidiana*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 201.

Marques, Bernardino Fernando da Costa. "O Prólogo aos Sermões Dominicais de Santo António de Lisboa. Estrutura e sentido." In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 477–83. 1 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.

———. "Fundamentação epistemológica da teologia como ciência e sabedoria na Summa Sermonum de Frei Paio, o Pequeno, da Ordem dos Frades Pregadores, Prior e Mestre do Convento de Coimbra." In *Os dominicanos em Portugal (1216-2016): Estudos de história religiosa*, editado por António Gouveia, José Nunes e Paulo de Oliveira Fontes, 97–106. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa, 2018.

———. "Santo António de Lisboa na 'Summa Sermonum' de Frei Paio de Coimbra, O.P." *Medievalia*, 11–2 (1997): 183–210.

Marques, João Francisco. "Santo António na Parenética Seiscentista Portuguesa." In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 835–54. 2 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.

———. "A pregação medieval portuguesa." In *Os Reinos Ibéricos na Idade Média. Livro de Homenagem ao Professor Doutor Humberto Carlos Baquero Moreno*, editado por Luís Adão da Fonseca, Luis Carlos Amaral, Maria Fernanda Ferreira Santos, 599–621. Porto: Fac. Letras Universidade do Porto-Livraria Civilização Editora, 2003.

———. "Franciscanos e dominicanos confessores dos reis portugueses das duas rimeiras dinastias: espiritualidade e política." In *Espiritualidade e Corte em Portugal, séculos XVI a XVIII*, 53–60. Atas. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1993.

———. "Apologética." In *Dicionário de história religiosa de Portugal*, editado por Carlos Moreira Azevedo, 82–102. Vol. A–C. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000.

Marques, José. "O culto de São Tiago no Norte de Portugal." *Lusitânia Sacra* 4 (1992): 99–147

———. "A pregação em Portugal na Idade Média. Alguns aspectos." *Via spiritus* 9 (2002): 317–47.

———. "São Tiago na Sermonária Medieval Portuguesa." In *Actas de las Jornadas sobre O Caminho de Santiago. Portugal na memória dos peregrinos*, editado por Humberto Baquero, 27–50. Porto: Xunta de Galicia, 2001.

- Marques, Maria Alegria Fernandes. “O culto a Santo António na diocese de Coimbra. Subsídios para a sua história.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 1137–64. 2 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- . “As comunicações entre Portugal e a Santa Sé na Idade Média.” In *As comunicações na Idade Média*, editado por Maria Helena da Cruz Coelho, 104–19. Lisboa: Fundação Portuguesa das Comunicações, 2002.
- . “O clero: homens de oração e de acção.” In *Nova história de Portugal*, editado por Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques, 225–51. Vol 3., *Portugal em definição de fronteiras*. Lisboa: Editorial Presença, 1996.
- Martins, Guilherme d’Oliveira. “Santo António de Lisboa – Doutor da Igreja.” In *Exulta Lusitana Felix. Santo António, 70 anos Doutor da Igreja. Simpósio Internacional Antoniano*, editado por Gonçalo José Gomes Figueiredo, 41–4. Lisboa: Editorial Franciscana, 2017.
- Martins, Maria Manuela Brito. “A ‘Glosa Ordinaria’ nos ‘Sermões Dominicais e Festivos’.” In *Exulta Lusitana Felix. Santo António, 70 anos Doutor da Igreja. Simpósio Internacional Antoniano*, editado por Gonçalo José Gomes Figueiredo, 207–26. Lisboa: Editorial Franciscana, 2017.
- . “Habitatio e aedificatio na Bíblia Latina,” *Didaskalia* 35, no. 1-2 (2005): 685-699.
- Martins, Mário. *Estudos de Literatura Medieval*. Braga: Livraria Cruz, 1956.
- . *A Bíblia na Literatura Medieval Portuguesa*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1979.
- . *Alegorias, símbolos e exemplos morais da literatura medieval portuguesa*. Lisboa: Edições Brotéria, 1975.
- . “O sermonário de Frei Paio de Coimbra do Cód. Alc 5.” *Didaskalia*, 3 (1973): 337–62.
- Martins, Miguel Gomes e João Gouveia Monteiro. “The Medieval Military History.” In *The historiography of medieval Portugal c. 1950-2010*, dirigido por José Mattoso, 459–81. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2010.
- Martins, Miguel Gomes. *A arte da guerra em Portugal: 1245 a 1367*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.
- Matos, Manuel Cadafaz de. “Ideologia e práticas de representação antonianas na cultura ocidental do Renascimento. A imagem de Santo António na iconografia e na história do livro quinhentista.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 1233–76. 2 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.

- Mattoso, José. “Sessenta anos de Crise (1990–1250).” In *História de Portugal*, dir. José Mattoso, 95–133. Vol. II, *A Monarquia Feudal*. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.
- . “O corpo, a saúde e a doença.” In *História da Vida Privada em Portugal*, editado por José Mattoso, 348–373. Lisboa: Círculo de Leitores, 2011.
- . *A História Contemplativa*. Lisboa: Temas e Debates, 2020.
- . *Fragmentos de uma composição medieval*. Lisboa: Estampa, 1987.
- . *Portugal Medieval. Novas interpretações*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985.
- McCarthy, M. F. “Walafrid Strabo.” In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 37–9. Vol. 11. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- . “Rabanus Maurus, Bl.” In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 606. Vol. 14. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- McDermott, Bridget. *Warfare in Ancient Egypt*. Gloucestershire: Sutton Publishing, 2004.
- Meirinhos, José Francisco. “Da gnosiologia à moral pragmática da pregação em S. António de Lisboa.” *Mediaevalia* 2 (1992): 69–90.
- . “A *theologia* em Santo António e a definição agostiniana de *dialectica*.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 611–22. 1 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- . “Pedro Hispano (século XIII). Vol. II:... et multa scripsit.” PhD diss., Universidade do Porto, 2002.
- . “S. António de Lisboa, escritor. A tradição dos Sermones: manuscritos, edições e textos espúrios.” *Mediaevalia* 11-12 (1997): 139–82.
- Menache, Sophia, Jeannine Horowitz. “Rhetoric and Its Practice in Medieval Sermons.” *Historical Reflections / Réflexions Historiques* 22, no. 2 (1996): 321–350.
- Menache, Sophia. *The Vox Dei. Communication in the Middle Ages*. Oxford: Oxford University Press, 1990.
- Menéndez Pidal, Ramón. *Historia y Epopeya*. Madrid: Centro de Estudios Históricos, 1934.
- Merlo, Grado. “Os movimentos religiosos, as igrejas heréticas e as ordens mendicantes.” In *História Universal*, editado por Dino Carpanetto et al., páginas. Vol. 6, *A Igreja e o Papado. A crise do século XIV. A Europa fora da Europa*. Barcelona: PSA, SL, 2005.
- . ‘Militia Christi’ come impegno antiereticale (1179-1233).” In ‘Militia Christi’ e Crociata nei secoli XI-XIII: Atti della undecima Settimana internazionale di studio, 355–8. Milano: Centro di studi medioevali, 1992.

- Meyer, R. T. “Anthony of Egypt, St..” In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 505–6. Vol. 1. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- Michaud-Quantini, P. “Godfrey of Saint-Victor.” In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 327–8. Vol. 6. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- Mohrmann, Christine. “La langue de Saint Benoît.” In *Sancti Benedicti Regula Monachorum*, editado por Philibert Schmitz, 9–39. Maredsous: Editions de Maredsous, 1955.
- Monnet, “Mercadores.” In *Dicionário analítico do Ocidente medieval*, editado por Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt, 208–23. Vol. 2. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- Montalverne, Francisco. “A Assunção de Nossa Senhora nos mais antigos manuscritos do Mosteiro de Alcobaça.” *Colectânea de Estudos* 3 (1947): 129–33.
- Monteiro, João Gouveia. *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*. Lisboa: Notícias, 1998.
- . “As comunicações em contextos bélicos.” In *As comunicações na Idade Média*, editado por Maria Helena da Cruz Coelho, 171–89. Lisboa: Fundação Portuguesa das Comunicações, 2002.
- Moore, P. S. “Peter of Poitiers.” In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 202–3. Vol. 11. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- Moralejo, A. C. Torres, J. Feo. *Liber Sancti Jacobi-Codex Calixtinus. Textos diversos*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2004.
- Moreira, António M. “Franciscanos.” In *Dicionário de história religiosa de Portugal*, editado por Carlos Moreira Azevedo, 273–80. Vol. C–I. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000.
- Morujão, Maria do Rosário Barbosa. “A circulação de mensagens na Diocese de Coimbra (séculos XIII-XIV).” In *As comunicações na Idade Média*, editado por Maria Helena da Cruz Coelho, 120–45. Lisboa: Fundação Portuguesa das Comunicações, 2002.
- Muessig, Carolyn. “Medieval reportations: hearing and listening to sermons.” In *L'Eloquence de la chair entre écriture et oralité*, editado por C. V. Meli e A. Heneveld, 77–90. Paris: Honoré Champion, 2018.
- . “Audience and Preacher: Ad Status Sermones and Social Classification.” In *L'Eloquence de la chair entre écriture et oralité*, editado por C. V. Meli e A. Heneveld, 575–83. Paris: Honoré Champion, 2018.
- Murphy, F. X. “Jerome, St.” In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 757–60. Vol. 7. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.

- Murphy, James J. *Rhetoric in the Middle Ages. A history of Rhetorical Theory from St. Augustine to the Renaissance*. Berkeley, Los Angeles, Londres: University of California Press, 1974.
- Murray, Jacqueline. “Masculinizing Religious Life: Sexual Prowess, the Battle for Chastity and Monastic Identity.” In *Holiness and Masculinity in the Middle Ages*, editado por P.H. Cullum e Hatherine J. Lewis, 24–42. Toronto: University of Toronto Press, 2004.
- Nascimento, Aires A. “Paio de Coimbra, Frei.” In *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, editado por Giuseppe Tavani e Giulia Lanciani, 504–6. Lisboa: Caminho, 1993.
- . “Circulação do livro manuscrito.” In *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, editado por Giuseppe Tavani e Giulia Lanciani, 155–9. Lisboa: Caminho, 1993.
- . “Gesto Litúrgico.” In *O Corpo e o Gesto na Civilização Medieval*, editado por Ana Isabel Buescu, João Silva de Sousa e Maria Adelaide Miranda, 111–38. Lisboa: Edições Colibri-Núcleo Científico de Estudos Medievais / IEM, 2006.
- . “Gil de Santarém, Frei.” In *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, editado por Giuseppe Tavani e Giulia Lanciani, 294–5. Lisboa: Caminho, 1993.
- . “Um fragmento de sermão do século XIII em honra de Santo António: a águia, o anjo e o livro.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 917–36. 2 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- Nascimento, Aires A., José Francisco Meirinhos, *Catálogo dos Códices da Livraria de Mão do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra na Biblioteca Pública Municipal do Porto*. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1997.
- Neuwirth, A. “Eucherius of Lyons, St.” In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 438. Vol. 5. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- Newman, Martha G. *The Boundaries of Charity: Cistercian Culture and Ecclesiastical Reform, 1098–1180*. Stanford: Stanford University Press, 1996.
- Nicholson, Helen. *A Brief History of The Knights Templar*. Gloucestershire: Sutton, 2001.
- Niditch, Susan. *War in the Hebrew Bible: A Study of the Ethics of Violence*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1993.
- Norte, Armando, Beatriz A. Caldeira. “«Beatissimum Antonium in cathalogo sanctorum conscripsit.» O processo de canonização de Santo António, Doutor Evangélico.” In *Os Santos e a Identidade local*, 101–20. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa - Edições Colibri, 2023.

- Norte, Armando, André de Oliveira Leitão. “A mobilidade dos escolares portugueses: a *peregrinatio academica* entre os séculos XII e XV.” *Lusitania Sacra* 33 (2016): 43–98.
- Norte, Armando. “Letrados e cultura letrada em Portugal (sécs. XII e XIII).” PhD diss., Universidade de Lisboa, 2013.
- . *João XXI, O Papa Português*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2016.
- . *Os intelectuais em Portugal na Idade Média*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2020.
- O’Boyle, Cornelius. “Gesturing in the Early Universities.” *Dynamis* 20 (2000): 249–81.
- O’Sullivan, Sinéad. *Early Medieval Glosses on Prudentiu’s Psychomachia: The Weitz Tradition*. Leiden-Boston: Brill, 2004.
- O’Donnell, J. M. “Smaragdus of Saint-Mihiel.” In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 228. Vol. 13. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- Oexle, Otto Gerhard. “Guilda.” In *Dicionário analítico do Ocidente medieval*, editado por Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt, 546–60. Vol. 2. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- Ogden, Daniel. *Dragons, Serpents and Slayers in the Classical and Early Christian Worlds – A Sourcebook*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1956.
- Oliveira, António Resende de. “Comunicar no Portugal medieval: os relatos dos cronistas.” In *As comunicações na Idade Média*, editado por Maria Helena da Cruz Coelho, 38–63. Lisboa: Fundação Portuguesa das Comunicações, 2002.
- Oliveira, Luís Filipe. *A Coroa, os Mestres e os Comendadores. As Ordens Militares de Avis e de Santiago (1330-1449)*. Faro: Universidade do Algarve, 2009.
- . “Ordem Militar do Templo.” In *Ordens religiosas em Portugal. Das origens a Trento – Guia Histórico*, editado por Bernardo Vasconcelos e Sousa, 461–6. 3.^a ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.
- Orberg, Hans H. *Lingua latina per se illustrata*. 2 Vols. Newburyport: Focus Publishing, 1998.
- Ott, Michael. “Blessed Jacopo de Voragine.” In *The Catholic Encyclopedia*, editado por Charles G. Herbermann et al., 58–62. Vol. VIII. Nova Iorque: Robert Appleton Company, 1910.
- Pacheco, Maria Cândida. “Exegese e Pregação em St. António de Lisboa e Frei Paio de Coimbra.” In *Actas da II Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval*, 1297–308. Vol. IV. Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1990.
- . “Exégese et prédication chez deux auteurs portugais du XIII^{ème} Siècle: saint Antoine et Frère Pelagius.” In *De l’Homélie au Sermon. Histoire de la Prédication Médiévale*, editado por J. Hamesse e X. Hermand, 169–81. Lovaina: Institut d’Études Médiévales, 1993.

- . “O pensamento de Santo António de Lisboa – Itinerância e busca.” In *Exulta Lusitana Felix. Santo António, 70 anos Doutor da Igreja. Simpósio Internacional Antoniano*, editado por Gonçalo José Gomes Figueiredo, 45–52. Lisboa: Editorial Franciscana, 2017.
- . “O ser (esse) em Santo António de Lisboa.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 623–36. 1 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- . *Santo António de Lisboa. Da Ciência da Escritura ao Livro da Natureza*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997.
- Paciocco, Roberto. *Sublimia negotia. Le canonizzazioni dei santi nella curia papale e il nuovo Ordine dei frati Minori*. Pádua: Centro Studi Antoniani, 1996.
- . “«Sub iugo servitutis». Francesco, i francescani e la ‘militia Christi’.” In *‘Militia Christi’ e Crociata nei secoli XI-XIII: Atti della undecima Settimana internazionale di studio*, 700–15. Milano: Centro di studi medioevali, 1992.
- Parisse, Michel. “Império.” *Dicionário analítico do Ocidente medieval*, editado por Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt, 675–90. Vol. 1. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- Pastoureau, Michel. *Una historia simbólica de la Edad Media occidental*. Tradução por Julia Bucci. Madrid: Conocimiento, 2013.
- . “Símbolo.” In *Dicionário analítico do Ocidente medieval*, editado por Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt, 555–72. Vol. 2. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- . *Amarelo. História de uma Cor*. Traduzido por José Alfaro. Lisboa, Orfeu Negro, 2021.
- . *Branco. História de uma Cor*. Traduzido por José Alfaro. Lisboa: Orfeu Negro, 2023.
- . *Preto. História de uma Cor*. Traduzido por José Alfaro. Lisboa: Orfeu Negro, 2014.
- . *Vermelho. História de uma Cor*. Traduzido por José Alfaro. Lisboa: Orfeu Negro, 2019.
- Peklar, Barbara. “Discussiong Medieval Dialogue between the Soul and the Body and Question of Dualism.” *Arts & Humanitas* 9, no. 2 (2015): 172–99.
- Penco, Gregorio. “Il concetto di monaco e di vita monastica in occidente nel secolo VI.” *Studia monastica* 1 (1959): 7–50.
- Penn, Stephen. “The Bible and Biblical Exegesis.” In *Handbook of Medieval Culture*, editado por Albrecht Classen, 134–48. Vol. 1. Berlim: De Gruyter, 2015.

Pereira, Adelino Cardoso. “A concordância entre a natureza e a graça segundo Frei Paio de Coimbra.” In *História do Pensamento Filosófico Português*, editado por Pedro Calafate, 505–19. Vol. I. Lisboa: Caminho, 1999.

———. “Sermão da festa da Invenção da Santa Cruz por S. Frei Paio de Coimbra.” MA. diss., Universidade de Coimbra, 2001.

Pereira, Américo. “A paz em Santo António de Lisboa.” In *Exulta Lusitana Felix. Santo António, 70 anos Doutor da Igreja. Simpósio Internacional Antoniano*, editado por Gonçalo José Gomes Figueiredo, 53–60. Lisboa: Editorial Franciscana, 2017.

Pereira, Armando de Sousa. *Representações da Guerra no Portugal na Reconquista (séculos XI-XIII)*. Lisboa: Comissão Portuguesa de História Militar, 2003.

Pereira, Nuno Moniz. *Símbolos da Igreja Cristã*. Lisboa: Presselivre, 2009.

Petit-Radel “Guillaume Perrault, frère prêcheur.” In *Histoire littéraire de la France*, editado por Firmin Didot, 307–16. Vol. 19. Paris: Treuttel et Wurtz, 1838.

Piazzoni, Ambrogio M. “‘Militia Christi’ e Cluniacensi.” In *‘Militia Christi’ e Crociata nei secoli XI-XIII: Atti della undecima Settimana internazionale di studio*, 241–71. Milano: Centro di studi medioevali, 1992.

Picard, Christophe. *L’océan Atlantique musulman. De la conquête arabe à l’époque almohade. Navigation et mise en valeur des côtes d’al – Andalus et du Maghreb occidental (Portugal – Espagne – Maroc)*. Paris: éditions Maisonneuve & Larose/Éditions UNESCO.

Pirenne, Henri. *As cidades da Idade Média*. Traduzido por Carlos Montenegro Miguel. Lisboa: Publicações Europa-América, 2009.

Pope, H. “Angels.” In *The Catholic Encyclopedia*, editado por Charles G. Herbermann et al., 400–15. Vol. I. Nova Iorque: Robert Appleton Company, 1907.

Powell, J. M. “Gregory IX.” In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 1967–79. Vol. 6. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.

Prieto, Ana Belén Sánchez. *Guerra y Guerreros en España según las fuentes canónicas de la Edad Media*. Madrid: Servicio de Publicaciones del E.M.E., 1990.

Prinz, Friedrich. “Primi stadi della ‘militia Christi’ altomedioevale nella tarda antichità e nel sistema ecclesiastico imperiale del periodo carolingio e degli Ottoni.” In *‘Militia Christi’ e Crociata nei secoli XI-XIII: Atti della undecima Settimana internazionale di studio*, 49–66. Milano: Centro di studi medioevali, 1992.

Proença, Maria Cândida. “Abbeville, João.” In *Dicionário de História de Portugal*, 10. Vol. 1. Lisboa: Círculo de Leitores, 2015.

———. “Nobreza.” In *Dicionário de História de Portugal*, 42–8. Vol. 4. Lisboa: Círculo de Leitores, 2015.

- Rajna, P. “S. Francesco e gli spiriti cavallereschi.” *Nuova Antologia*, 61 (1926): 385–95.
- Ramos, Feliciano. *História da Literatura Portuguesa*. 7.^a ed. Braga: Livraria Cruz, 1960.
- Ramos, José Augusto “O mar nos textos religiosos antigo.” *Lusitania Sacra* 40 (2019): 15–32.
- Réau, Louis. *Iconographie de l’Art Chrétien*. 3 Vols. Paris: Presses Universitaires de France, 1959.
- Rebelo, António Manuel Ribeiro. “1153 – Uma religião sem fronteiras: as ordens religiosas.” In *História Global de Portugal*, editado por Carlos Fiolhais, José Eduardo Franco e José Pedro Paiva, 221–6. Lisboa: Círculo de Leitores, 2020.
- Reinhardt, Klaus. “Die Sermones von Fray Paio de Coimbra OP (ca. 1250) im Lichte der Biblischen Exegese seiner Zeit.” In *Actas do II Encontro sobre História Dominicana*, 365–72. Vol. III, tomo I. Porto: Arquivo Histórico Dominicano Português, 1984.
- . “Presencia de la *Glossa ordinaria* en los Sermones de san Antonio de Lisboa.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 417–26. 1 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- Rema, Henrique Pinto. “Introdução.” In *Obras completas. Sermões dominicais e festivos*. Introdução, tradução e notas por Henrique Pinto Rema, XV-XCIII. Vol. 1. Porto: Lello & Irmão, 1987).
- . “As riquezas da pobreza na obra de Santo António de Lisboa.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 723–38. 2 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- . “Introdução geral.” In *Fontes Franciscanas III – Fontes Agiográficas Antonianas: Santo António de Lisboa (Legendas e Sermões)*, 16–20. Vol 1. Braga: Editorial Franciscana, 1995–6.
- Rezakhani, Khodadad. “Zoroastrism.” In *The Oxford Dictionary of Late Antiquity*, editado por Oliver Nicholson, 1611–3. Vol. 2. Oxford: Oxford University Press, 2018.
- Rico, Maria João Toscano. *São Sebastião*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos – FLUL, 2013.
- Rippinger, J. “Benedict, St.” In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 236–8. Vol. 2. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- Rivera de Ventosa, Henrique. “Doble simbolismo franciscano del «doctor evangélico» S. Antonio.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 1009–18. 2 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.

- Rivers, K. A. *Preaching the Memory of Virtue and Vice. Memory, Images and Preaching in the Late Middle Ages*. Turnhout, Brepols, 2010.
- Rivière, J. “Jugement.” In *Dictionnaire de théologie catholique: contenant l'exposé des doctrines de la théologie catholique, leurs preuves et leur histoire*, editado por A. Vacant, E. Mangenot e E. Amann, 1721–1828. Vol 8. Paris: Letouzey et Ané, 1939.
- Roberts, Phyllis. “The Ars Prædicandi and the Medieval Sermon.” In *Preacher, Sermon and Audience in the Middle Ages*, editado por Carolyn Muessig, 41–62. Leiden: Brill, 2002.
- . “The Pope and the Preachers: Perceptions of the Religious Role of the Papacy in the Preaching Tradition of the Thirteenth-Century English Church.” In *The Religious Roles of the Papacy: Ideals and Realities 1150–1300*, editado por Christopher Ryan, 277–97. Toronto: Brepols, 1989.
- Rodrigues, Manuel AuguSanto “A hebraística nos sermões de Santo António.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 427–44. 1 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- Rogers, Clifford J., ed. *The Oxford Encyclopedia of Medieval Warfare and Military Technology*. 3 Vols. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- Rolo, Raul A. “Dominicanos.” In *Dicionário de história religiosa de Portugal*, editado por Carlos Moreira Azevedo, 82–6. Vol. C–I. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000.
- Romano, John F. “Julian of Vézelay, a Twelfth-Century Critic of his Monastery’s Worldly Succes.” *Medieval Sermon Studies* 50 (2006): 51–69.
- Rosa, Maria de Lurdes. “Sagrado, devoções e religiosidade.” In *História da Vida Privada em Portugal*, editado por José Mattoso, 376–401. Lisboa: Círculo de Leitores, 2011.
- Rosas, Lúcia Maria Cardoso. “Arquitectura religiosa tardo-medieval e pintura mural: relações litúrgicas e espaciais.” *Revista da Faculdade de Letras: Ciências e Técnicas do Património*, 2 (2003): 419–42.
- Rosenwein, Barbara. *Emotional communities in the early Middle Ages*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2006.
- Ross, Lia. “Communication in the Middle Ages.” In *Handbook of Medieval Culture*, editado por Albrecht Classen, 203–231. Vol. 1. Berlim: De Gruyter, 2015.
- Rousseau, P. “Anselm of Laon.” In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 498. Vol. 1. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967–1979.
- Runciman, Steven. *A History of the Crusades* 3 vols. Cambridge: Cambridge University Press, 1954.

- Rusconi, Roberto. “La Predicazione: Parole in Chiesa, Parole in Piazza.” In *Lo spazio letterario del Medioevo. Il Medioevo latino*, editado por G. Cavallo, C. Leonardi e E. Menestò, 571–604. Vol 2, *La circolazione del testo*. Roma: Salerno Editrice, 1994.
- . “The preacher saint in late medieval italian art.” In *Preacher, Sermon and Audience in the Middle Ages*, editado por Carolyn Muessig, 181–200. Leiden: Brill, 2002.
- Sánchez Fuertes, Cayetano. “El culto y devoción a San Antonio en Extremo Oriente.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 1165–78. 2 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- Santos, Isabel Dâmaso. “Santo António: da Vita Prima ao palco.” In *Exulta Lusitana Felix. Santo António, 70 anos Doutor da Igreja. Simpósio Internacional Antoniano*, editado por Gonçalo José Gomes Figueiredo, 75–86. Lisboa: Editorial Franciscana, 2017.
- Santos, Maria José Azevedo. “‘Na volta do correio’”. A correspondência de D. Pedro, Duque de Coimbra (1429-1148).” In *As comunicações na Idade Média*, editado por Maria Helena da Cruz Coelho, 192–217. Lisboa: Fundação Portuguesa das Comunicações, 2002.
- Santos, Maria Leonor Ferraz de Oliveira. “Os primórdios da presença dominicana em Portugal: 1220-1418.” In *Os dominicanos em Portugal (1216-2016): Estudos de história religiosa*, editado por António Gouveia, José Nunes e Paulo de Oliveira Fontes, 9–26. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa, 2018.
- Saraiva, António José e Óscar Lopes. “Idade Média.” In *História da literatura portuguesa*, 35–155. 17.ª ed. Porto: Porto Editora, 2001.
- Saraiva, António José. *A épica medieval portuguesa*. 2.ª ed. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1991.
- Savage, P. M. “Alexander IV, Pope.” In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 257–9. Vol. 1. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- Schmitt, F. S. “Anselm of Canterbury, St.” In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 495–7. Vol. 1. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- Schmitt, Jean-Claude. *La raison des gestes dans l’Occident Médiéval*. Paris: Éditions Gallimard, 1990.
- . “Corpo e alma.” In *Dicionário analítico do Ocidente medieval*, editado por Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt, 285–301. Vol. 1. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- . “Introdução.” In *O Corpo e o Gesto na Civilização Medieval*, editado por Ana Isabel Buescu, João Silva de Sousa e Maria Adelaide Miranda, 17–36. Lisboa: Edições Colibri-Núcleo Científico de Estudos Medievais / IEM, 2006.

- . “Tems liturgique et tems des exempla.” In *Prédication et liturgie au Moyen Âge: Études réunies*, editado por Nicole Bériou et Franco Morenzoni, 223–36. Turnhout: Brepols, 2008.
- . “The rationale of gestures in the West: third to thirteenth centuries.” In *A Cultural History of Gesture. From Antiquity to the Present Day*, editado por Jan N. Bremmer e Herman Roodenburg, 59–70. Cambridge: Polity Press, 1991.
- Sears, Elizabeth. “Louis the Pious as Miles Christi: The Dedicatory Image in Hrabanus Maurus’s *De Laubibus Sanctae Crucis*,” in *Charlemagne’s Heir: New Perspectives on the Reign of Louis the Pious (814-840)*, editado por P. Godman e R. Collins, 605–28. Oxford: Oxford University Press, 1990.
- Segado Bravo, Pedro. “Los milagros de San Antonio en la retablistica de Lorca (Murcia).” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 1277–96. 2 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- Serrão, Joaquim Veríssimo. *História das Universidades*. Porto: Lello & Irmão, Editores, 1983.
- Serventi, Silvia. “A predicação e as Artes Praedicandi.” In *Idade Média*, editado por Umberto Eco, 403–6. Vol. II, *Catedrais, Cavaleiros e Cidades*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2014.
- Shepard, Jonathan. “The Shaping of Past and Present, and Historical Writing in Rus’, c. 900–c.1400.” In *The Oxford History of Historical Writing*, editado por Sarah Foot e Chase F. Robinson, 287–311. Vol. 2, *400–1400*. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- Silva, Andréia Cristina Lopes Frazão da, cord. *Hagiografia e História*. Vol 1: *Banco de dados das hagiografias ibéricas (séculos XI ao XIII)*. Rio de Janeiro: Pem, 2009.
- Silva, António Pereira da. “Presença de Santo António na Terra Santa.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 1179–84. 2 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- Silva, Carlos H. do C. “Experiência mística e discernimento espiritual em Santo António de Lisboa.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 739–56. 2 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- Silva, Carmino da. “Culto de Santo António em Goa.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 937–44. 2 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- Silveira, Leonardo dos Santos, e André Chevitarese. “O exército romano e o corpo humano na Primeira Carta de Clemente de Roma aos Coríntios: uma análise de 1Cle 37.1-38.1.” In *Estudos Clássicos*, editado por Gabriele Cornelli e Luciano Coutinho, 401–27. Vol.

- IV, *Percursos*. Coimbra/Brasília: Imprensa da Universidade de Coimbra e Cátedra Unesco Archai, 2018.
- Silvestre, H. “Aperçu sur les commentaires carolingiens de Prudence.” *Sacris erudiri*, 9 (1957): 50–74.
- Simões, André. “São Sebastião, mártir de ontem e de hoje.” In *Os Santos e a Identidade local*, 91–100. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa - Edições Colibri, 2023.
- Smalley, Beryl. *The Study of the Bible in the Middle Ages*. Notre Dame Indiana: University of Notre Dame Press, 1978.
- Smith, Katherine Allen. “Spiritual Warriors in Citadels of Faith: Martiam Rhetoric and Monastic Masculinity in the Long Twelfth Century.” In *Negotiating Clerical Identities. Priests, Monks and Masculinity in the Middle Ages*, editado por Jennifer D. Thibodeaux, 86–110. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2010.
- . *War and the Making of Medieval Monastic Culture*. Woodbridge: The Boydell Press, 2013.
- Smith, S. R. “Abelard, Peter.” In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 15–9. Vol. 1. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- Soares, Franquelim Neiva. “Paróquias e capelas de Santo António na arquidiocese de Braga (1550-1850).” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 945–90. 2 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- Soares, Martinho. “O «Livro da Natureza» de Santo António ao Pe. António Vieira.” *Ephata* 3 (2021): 57–94.
- Soldani, Maria Elisa de. “O tráfego marítimo e os portos.” In *Idade Média*, editado por Umberto Eco, 145–50. Vol. II, *Catedrais, cavaleiros e cidades*. Lisboa: D. Quixote, 2016.
- Sot, Michel. “Peregrinação.” In *Dicionário analítico do Ocidente medieval*, editado por Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt, 394–409. Vol. 2. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- Soto Rábanos, J. M. “¿ Formación jurídica en Antonio de Lisboa?.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 765–84. 2 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- Sottocornola, F. G. “Sulpicius Severus.” In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 693–4 Vol. 13. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- Sousa, A. A. de. “A Psychomachia de Prudêncio: epopeia alegorica.” MA diss., Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1992.

- . “A criação de símbolos na Psicomaquia de Prudêncio.” *Didaskalia* 34 (2004): 195–211.
- Sousa, Afonso Soares. “O Cavalo na Idade Média Portuguesa.” *Medievalista* 32 (2022): 205–11.
- Sousa, Ana Paula Loureiro de. “Direito e justiça em Santo António.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 757–64. 2 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- Sousa, Luís Correia de. “O iluminado 51 da Biblioteca Nacional de Portugal: uma Bíblia portátil do século XIII.” *Invenire: Revista de Bens Culturais da Igreja* 1 (2015): 16–25.
- Souza, José Antônio de C. R. “Algumas considerações sobre o pensamento político papal à época de Santo Antônio.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 637–49. 1 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- . “Santo Antônio e os Bispos.” In *Exulta Lusitana Felix. Santo António, 70 anos Doutor da Igreja. Simpósio Internacional Antoniano*, editado por Gonçalo José Gomes Figueiredo, 99–118. Lisboa: Editorial Franciscana, 2017.
- Synan, E. A. “Honorius of Autun.” In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 88–9. Vol. 7. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- Taizé, Pierre-Yves Emery de. “Thomas le Cistercien: Commentaire sur le Cantique des cantiques.” *Collectanea cisterciensia* 73 (2011): 375-384.
- Tavares, Alice. “La literatura de la polémica religiosa judeocristiana en Portugal antes de la expulsión, en 1497.” In *Iberia Judaica. Asociación Hispana de Estudios Hebraicos. La polémica judeo– cristiana en Hispania. The Jewish – Christian Controversy in Hispania*, 177–92. vol. II. Alcobendas: Asociación Hispana de Estudios Hebraicos (AHEH), 2010.
- Taylor, Andrew. “A Second Ajax: Peter Abelard and the Violence of Dialectic.” In *The Tongue of the Fathers: Gender and Ideology in Medieval Latin*, editado por David Townsend e Andrew Taylor, 14–34. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1998.
- Teixeira, António Braz. “Do criacionismo antoniano ao criacionismo leonardino.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 649–57. 1 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- Teske, R. J. “Augustine, St.” In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 850–68. Vol. 1. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- Tomea, Paolo. “‘Il proelium’ cristiano: scene dai testi agiografici.” In *‘Militia Christi’ e Crociata nei secoli XI-XIII: Atti della undecima Settimana internazionale di studio*, 573–627. Milano: Centro di studi medioevali, 1992.

- Toner, Patrick. “Eschatology.” In *The Catholic Encyclopedia*, editado por Charles G. Herbermann et al., 80–5. Vol. V. Nova Iorque: Robert Appleton Company, 1909.
- Töpfer, Bernhard. “Escatologia e milenarismo.” In *Dicionário analítico do Ocidente medieval*, editado por Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt, 395–410. Vol. 1. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- Toporova, Anna V. “Gesture in Medieval Western European Sermons.” *RSUH / RGGU Bulletin* 3 (1019): 10–20.
- Torres Ballesteros, Nuria. “San Antonio y el Niño en el arte de fines del gótico hispano.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 1297–311. 2 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- Torres, Amadeu. “Marcas retóricas e dialécticas na parénese antoniana.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 515–23. 1 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- Toussaint, C. “Antoine de Padoue (Saint).” In *Dictionnaire de théologie catholique: contenant l’exposé des doctrines de la théologie catholique, leurs preuves et leur histoire*, editado por A. Vacant, E. Mangenot e E. Amann, 1446. Vol 1. Paris: Letouzey et Ané, 1908.
- Tuthill, John G. “Frei Paio’s Sermons on the Virgin Mary.” In *Actas do Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada*, 193–204 Vol. 2. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, 1981.
- . “Frei Paio and his 406 sermons.” In *Actas do II Encontro sobre História Dominicana*, 347–63. Vol. III, tomo I. Porto: Arquivo Histórico Dominicano Português, 1984.
- . “The school sermon Exported: the case of Pelagius Parvus.” In *Viator. Medieval and Renaissance studies*, editado por Matthew Fisher, 169–88. California: University of California, 1991.
- Tyerman, Christopher. *A guerra de Deus: Uma nova história das Cruzadas*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Imago, 2010.
- Tyl-Labory, Gillette. “Géraud de Frachet.” In *Dictionnaire des lettres françaises*, editado por Robert Bossuat, Louis Pichard e Guy Raynaud de Lage, 514–5. T. 1, *Moyen Âge*. Paris: Fayard, 1992.
- Valdeón Baroque, Julio. “O Despertar Intelectual. As Escolas Urbanas e as Universidades.” In *Grande História Universal*, editado por Carlos Moretón Abón, 127–43. Vol. 11, *A Idade Média (II)*. Lisboa: Ediclube, 2006.
- . “A Renovação da Igreja. De Cister às Ordens Mendicantes.” In *A Idade Média (II)*, editado por Luís Krus, 127–43. Lisboa: Ediclube, 2006.

- Varandas, José. “Bonus Rex Ou Rex Inutilis: as Periferias e o Centro – Redes de Poder no Reinado de D. Sancho II (1223-1248).” PhD diss., Universidade de Lisboa, 2004.
- Varotto, Carlo. “Dizionario della dottrina di S. Antonio.” *Il Santo* 8 (1968): 21–60.
- Vauchez, André. *A Espiritualidade na Idade Média Ocidental (séculos VIII a XIII)*. Tradução por Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- . “La notion de *Miles Christi* dans la spiritualité occidentale aux XII^e et XIII^e siècles.” In *Chevalerie et Christianisme aux XII^e et XIII^e siècles*, editado por Martin Aurell e Catalina Girbea, 67–75. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2011.
- . *François D’Assise. Entre histoire et mémoire*. Paris: Fayard, 2009.
- Vaz, Armindo dos Santos. “A imagem de um Deus violento na Bíblia.” *Didaskalia* 32, no. 2 (2002): 61–109.
- Ventura, Leontina. “Comunicar no Portugal medieval: as informações das Chancelarias Régias.” In *As comunicações na Idade Média*, editado por Maria Helena da Cruz Coelho, 14–36. Lisboa: Fundação Portuguesa das Comunicações, 2002.
- Ventura, Margarida Garcez. “Breves notas sobre a institucionalização de permanências numa súplica do povo de Lisboa ao papa Eugénio IV.” In *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, Atas, 1019–31. 2 Vol. Braga: Universidade Católica Portuguesa–Família Franciscana Portuguesa, 1996.
- Verger, Jacques. “Patterns.” In *A History of the University in Europe*, editado por Hilde de Ridder-Symoens, 35–65. Vol. I, *Universities in the Middle Ages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- . “Universidade.” In *Dicionário analítico do Ocidente medieval*, editado por Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt, 639–57. Vol. 2. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- Vilar, Hermínia Vasconcelos. “Os frades mendicantes.” In *História Religiosa de Portugal*, dir. Carlos Moreira de Azevedo, 228–33. Vol. 1, *Formação e limites da cristandade*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000-2002.
- Vitolo, Giovanni. “O crescimento demográfico e a urbanização.” In *Idade Média*, editado por Umberto Eco, 134–8. Vol. II, *Catedrais, cavaleiros e cidades*. Lisboa: D. Quixote, 2016.
- Vogüé, Adalbert de. “The Mastter and St Benedict: A Reply.” *English Historical Review* 107 (1992): 95–103.
- Waldron, Martin Augustine. “Virtue.” In *The Catholic Encyclopedia*, editado por Charles G. Herbermann et al., 270–8. Vol. XV. Nova Iorque: Robert Appleton Company, 1912.

- Wallach, L. “Alcuin, BL.” In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 242–4. Vol. 1. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- Weber, N. A. “Cathari.” In *The Catholic Encyclopedia*, editado por Charles G. Herbermann et al., 435–7. Vol. III. Nova Iorque: Robert Appleton Company, 1908.
- . “Simony.” In *The Catholic Encyclopedia*, editado por Charles G. Herbermann et al., 250–8. Vol. XIV. Nova Iorque: Robert Appleton Company, 1912.
- . “Waldenses.” In *The Catholic Encyclopedia*, editado por Charles G. Herbermann et al., 527–30. Vol. XV. Nova Iorque: Robert Appleton Company, 1912.
- Webster, D. R. “Grandmont, Abbey and Order of.” In *The Catholic Encyclopedia*, editado por Charles G. Herbermann et al., 417–8. Vol. VI. Nova Iorque: Robert Appleton Company, 1909.
- . “Carthusian Order, The.” In *The Catholic Encyclopedia*, editado por Charles G. Herbermann et al., 388–92. Vol. III. Nova Iorque: Robert Appleton Company, 1909.
- Weisheipl, J. A. “Robert Grosseteste.” In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 263–4. Vol. 12. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- Wenzel, Siegfried. *Medieval Artes Prædicandi. A synthesis of scholastic sermon structure*. Toronto: The Medieval Academy of America, 2015.
- Whately, Conor. “War in Late Antiquity: Secondary Works, Literary Sources and Material Evidence.” In *War and Warfare in Late Antiquity*, editado por Alexander Sarantis e Neil Christie, 101–51. Leiden-Boston: Brill, 2013.
- Wheatley, Abigail Margaret. *The Idea of the castle in Medieval England*. York: York Medieval Press, 2004.
- White, Charles Harold Evelyn. “Losinga, Herbert de.” In *Dictionary of National Biography*, editado por Sidney Lee, 300–5. Vol. 34. London: Smith, Elder & Co., 1893.
- Whitehead, Christiana. *Castles of the Mind: A Study of Medieval Architectural Allegory*. Cardiff: University of Wales Press, 2003.
- Wilken, Robert Louis. *The Spirit of Early Christian Thought: Seeking the Face of God*. New Haven-Londres: Yale University Press, 2005.
- Wolfram, H. “Martin of Troppau.” In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 220–2. Vol. 9. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979).
- Woolf, Daniel. *Global History of History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- Zaremska, Hanna. “Marginais.” In *Dicionário analítico do Ocidente medieval*, editado por Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt, 139–56. Vol. 2. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

- Zerbi, P. “Bernard of Clairvaux, St.” in *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 335–8. Vol. 2. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- Zerby, Pietro. “La ‘militia Christi’ per i Cisterciensi.” In *‘Militia Christi’ e Crociata nei secoli XI-XIII: Atti della undecima Settimana internazionale di studio*, 273–97. Milano: Centro di studi medioevali, 1992.
- Zink, Michel. *Littérature française du Moyen Age*. Paris: Presses Universitaires de France, 1992.
- . “Literatura(s).” In *Dicionário analítico do Ocidente medieval*, editado por Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt, 90–107. Vol. 2. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- Zinn, G. A., D. Van Den Eynde. “Hugh of Saint-Victor.” In *New Catholic Encyclopedia*, editado por T. Carson e J. Cerrito, 156–9. Vol. 7. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1967-1979.
- Ziokolwski, Jan M. “Review to Galand de Reigny, petit livre des proverbes, por Jean Chatillon.” *Speculum* 78 (2003): 503–4.
- Zumthor, Paul. *A letra e a voz. A “literatura” medieval*. Tradução de Amálio Pinheiro e Jerusa de Carvalho Pires. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

TABULAE

1. Tabelas

SINAIS E NOTAÇÕES TEXTUAIS

<i>Itálico</i>	Citações bíblicas
” ” / « »	Citações verbais de outras autoridades
’ ’	Citações, segundo o sentido, de Autores, de documentos e da Bíblia
Negrito	Citações diretamente afetas ao tema de estudo
(I, II, III...)	Chamada para a citação
[]	Texto ajuntado pelos editores
[...]	Supressão de texto

SIGLAS E ABREVIATURAS

TIPOS DE OBRAS

APL	Tratado apologético
BIB	Bíblia
BRV	Breviário
CME	Comentário escriturístico
DBT	Dicionário bíblico-teológico
DGM	Literatura dogmática
ENC	Enciclopédia
EPI	Epístola
HAG	Hagiografia
HOM	Homilia
MST	Literatura mística
OFN	Oração fúnebre
ONO	Onomástica bíblica
SIN	Dicionário de sinónimos
SNT	Sentenças

TESTAMENTOS BÍBLICOS

AT	Antigo Testamento
NT	Novo Testamento

LIVROS BÍBLICOS

PENT	Pentateuco
HIST	Livros Históricos
SAP	Livros Sapienciais
PROF	Livros Proféticos
EVG	Evangelhos e atos
SPA	Cartas de São Paulo
HEB	Carta aos Hebreus

CAT	Cartas Católicas
APC	Apocalipse

CITAÇÕES BÍBLICAS (*)

Ap	Apocalipse de João	Lc	Evangelho de São Lucas
Ct	Cântico dos Cânticos	Lv	Levítico
1 Cor	1.ª Carta aos Coríntios	1 Mac	1º Livro dos Macabeus
2 Cor	2.ª Carta aos Coríntios	2 Mac	2º Livro dos Macabeus
1 Cr	1.º Livro das Crónicas	Mq	Profeta Miqueias
2 Cr	2.º Livro das Crónicas	Mt	Evangelho de São Mateus
Dt	Deuteronómio	Na	Profeta Naum
Ecl	Eclesiastes	Os	Profeta Oseias
Ef	Carta aos Efésios	1 Pe	1.º Carta de São Pedro
Ex	Êxodo	Pr	Provérbios
Ez	Profeta Ezequiel	Rm	Carta aos Romanos
Gn	Génesis	1 Rs	1.º Livro dos Reis
Hab	Profeta Habacuc	2 Rs	2.º Livro dos Reis
Heb	Carta aos Hebreus	Sb	Sabedoria
Is	Profeta Isaías	Sf	Profeta Sofonias
Jb	Job	Sir	Ben Sira
Jdt	Judite	Sl	Salmos
Jl	Profeta Joel	1 Sm	1.º Livro de Samuel
Jo	Evangelho de São João	2 Sm	2.º Livro de Samuel
Jr	Profeta Jeremias	Tg	Carta de São Tiago
Js	Josué	2 Tm	2.ª Carta a Timóteo
Jz	Juízes	Zc	Profeta Zacarias

(*) Sistema de abreviaturas extraído de *Bíblia Sagrada* (Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica, 2008), 14.

OUTROS AUTORES E TEXTOS

AI	<i>Ab Insulis</i>	HCA	<i>Historia certaminis apostolici</i>
ALAN.	<i>Alano de Lille</i>	Hom.	<i>Homiliae</i>
DBD	<i>De Baptismo contra Donatistas</i>	ICC	<i>In Cantica Canticorum</i>
G. NISS.	Gregório de Nissa	IDP	<i>Sermo in dominica in ramis palmarum</i>
HIE	<i>Homiliae XL in Ezechielem</i>	ILJ	<i>In Libro Jesu Nave</i>
HP	<i>Homiliae in Psalmos</i>	ISC	<i>Inventio Sanctae Crucis</i>
AGOST.	Agostinho de Hipona	ISID.	Isidoro de Sevilha
AMBR.	Ambrósio de Milão	J. CIR.	Judas Ciríaco
ASS	<i>Acta S. Sebastiani Martyris</i>	JERON.	Jerónimo de Estridão
ATAN.	Atanásio de Alexandria	LSJ	<i>Liber Sancti Jacobi, Codex Calixtinus</i>
AUT. INCERT.	Autoria incerta	MART.	Martinho de Leão
B. MOMBR.	Bonino Mombrizio	MHC	<i>Meditationes de humana conditione</i>
BERN.	Bernardo de Claraval	MJ	<i>Moralia in Iob</i>
BOEC.	Boécio	ORDER.	Orderico Vital
BOP	<i>Breviarium ritum Ordinis Prædicatorum</i>	ORIG.	Orígenes
CALIST.	Calisto II, Papa	OVID.	Ovídio
CELAN.	Tomás de Celano	P. LOMB.	Pedro Lombardo

CEP	<i>Collectanea in epistolas Pauli</i>	PELAG.	Pelágio I, Papa
CICER.	Túlio Cícero	PG	Patrologia Graeca - Migne
CP	<i>Commentaria in Psalmos</i>	PL	Patrologia Latina - Migne
DC	<i>De consideratione ad Eugenium Papam</i>	PMA	<i>Passio martyrum Agaunensium</i>
DT	<i>De Trinitate</i>	PS. ABD.	Pseudo-Abdias
DDT	<i>Distinctiones dictionum theologialium</i>	PS. AMBR.	Pseudo-Ambrósio
DCP	<i>De consolatione philosophiae</i>	PSM	<i>Passio S. Margaritae Virginis et Martyris</i>
Dialog.	<i>Dialogi</i>	PSS	<i>Passio Sancti Sebastiani Martyris</i>
Diff. I	<i>Lib. I. – De Differentiis Verborum</i>	PSVLM	<i>Passio Sancti Vicentii Levitae et Martyris</i>
DNLH	<i>De nominibus locorum hebraicorum</i>	R. MAUR.	Rábano Mauro
DO	<i>De oratore</i>	SCC	<i>Sermones in Cantica Canticorum</i>
DOT	<i>De obitu Theodosii</i>	SCI	<i>Sanctae Crucis inventio</i>
E. LUGD.	Euquério de Lugduno	SD	<i>Sermones de div</i>
EEP	<i>Epistolarum ex Ponto</i>	Serm.	<i>Sermones</i>
EP	<i>Enarrationes in Psalmos</i>	SLQ	<i>Sententiarum libri quatuor</i>
Epist.	<i>Epistolae</i>	STRAB.	Valafrido Estrabão
Etym	<i>Etymologiae</i>	SULP.	Sulpício Severo
EVRA.	Evrágio de Antioquia	SVS	<i>Sanctuarium seu Vitae Sanctorum</i>
Glo. Int.	Glosa Interlinear	VBA	<i>Vita B. Antonii abbatis</i>
Glo. Ord.	Glosa Ordinária	VS	<i>Verba Seniorum</i>
GREG.	Gregório Magno	VSS	<i>Vita prima sancti Francisci</i>
HE	<i>Historia ecclesiastica</i>	VSSPC	<i>Vita S. Sylvestri Papae et Confessoris</i>

TOPOI PSICOMAQUIA

DLO. INT.	Duelo Interior
HTS. ESP.	Hostes Espirituais
ARM. ESP.	Armamento Espiritual
CER. ALG.	Cerco Alegórico

a) Tabela A – *Sermones antonianos (SA)*, transcrições e traduções das *Picturae Bellorum*

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
004	1º Domingo da Quaresma	<i>Jesus foi conduzido ao deserto.</i>	Dilatatio A tríplice tentação de Adão e de Jesus Cristo.	I	2 Sm 18,4.	3 - [...] Unde dicitur in secundo libro Regum (I): Tulit ergo Ioab tres lanceas in manu sua, et infixit eas in corde Absalom. "Ioab interpretatur inimicus et bene significat diabolum, humani generis inimicum" (II). 'Hic tulit in manu falsae promissionis tres lanceas, idest gulam, vanamgloriam et avaritiam, et infixit eas in corde' (III) , in quo est fons caloris et vita hominis: ex ipso , inquit Salomon (IV), vita procedit , ut calorem divini amoris extingueret et vitam omnino auferret; in corde , inquit, Absalom, "qui interpretatur pax patris" (V). Hic fuit Adam, qui ad hoc in loco pacis et voluptatis fuit positus, ut pacem patris, ipsi obediendo, aeternaliter conservaret. Sed postquam Deo Patri obedire noluit, pacem perdidit et in corde eius tres lanceas diabolus infixit et omnino vita privavit. [...]
				II	Glo. Ord., 2 Sm 3,17.	
				III	Glo. Ord., 2 Sm 18,9.	
				IV	Glo. Ord., 2 Sm 13,14.	
006	2º Domingo da Quaresma	<i>Tomou Jesus consigo a Pedro.</i>	Dilatatio Cláusula II - A transfiguração de Jesus Cristo	I	Jb 39,25.	8. [...] Por isso, diz Job (I) do varão justo: Cheira de bellum, exhortationem ducum et ululatum exercitus . Anima enim fidelis naso, idest virtute discretionis, praesentit bellum carnis et exhortationem ducum , idest suggestiones vanae rationis, quae per duces intelliguntur ne sub specie sanctitatis cadat in foveam iniquitatis; et ululatum exercitus , idest tentationes daemonum, qui tamquam bestiae ululant. Ululare enim proprie est bestiarum. [...]
				II	Jb 7,1.	
				III	OVID., EEP. II, 3, 53.	
007	2º Domingo da Quaresma – Segundo Sermão	<i>Tendo saído, Jesus retirou-se</i>	Exordium. Sermão aos pregadores.	I	1 Sm 4,1.	1- [...] Dicitur in primo libro Regum (I): Egressus est Israel obviam Philistiim in proelium, et castrametatus est iuxta lapidem adiutorii. 'Israel interpretatur semen
				II	JERON., DNLH., PL 23, 849.	

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
007 (Cont.)	2º Domingo da Quaresma – Segundo Sermão	Tendo saído, Jesus retirou-se.	Exordium. Sermão aos pregadores.	III	Glo. Ord., 1Sm 1.c.	Dei’ (II) , et significat prædicatorem vel ipsius prædicatorem, de qua dicit Isaias: <i>Nisi Dominus exercituum reliquisset nobis semen, idest prædicationem, quasi Sodoma fuisset, et quasi Gomorra similes essemus</i> . Hic debet egredi obviam Philistiim in proelium. ”Philistiim interpretatur potione cadentes, et significat daemones, qui potione superbiae inebriati, de caelo ceciderunt” (III) . Contra hos tunc egreditur in proelium, cum per suam prædicationem de eorum manibus nititur eruere impium, sed hoc non potest facere nisi castrametatus fuerit iuxta lapidem adiutorii. ”Lapis adiutorii est Christus” (IV) , de quo dicitur in historia praesentis dominicae: <i>Tulit Iacob lapidem, et supponens capiti suo, dormivit</i> . Sic prædicator lapidem adiutorii, lesus Christum, capiti, idest menti suae, debet supponere, ut in ipso quiescat et in ipso et per ipsum daemones devincat; et hoc est quod dicitur: <i>castrametatus est iuxta lapidem adiutorii</i> , quia iuxta lesus Christum, qui est adiutor in tribulationibus, de ipso confidens, ipsi totum attribuens, castra suae conversationis metari et tentoria suae prædicationis debet figere. Et hoc est in nomine ergo Iesu Christi egredi contra Philisthaeum, contra daemonium, ut de eius manu liberare valeam in ista prædicatione peccatorem, peccato captivum, de illius gratia confisus, qui ‘egressus est in salutem populi sui’. [...]
				IV	Glo. Ord., ibidem.	[...] 11. Segue: <i>E de Sidónia</i> . Sidónia interpreta-se caça da tristeza. Nota que o caçador, que pretende fazer boa caçada, deve possuir cinco coisas: um assobio, um cão veloz e animoso, um dardo limado e aguçado, uma aljava com setas e um arco. Assobio, para chamar a atenção; cão, para apanhar a presa; dardo, para matar; setas e arco, para de longe ferir com as setas os animais que não pode matar de perto com dardo. O caçador figura o penitente, a quem fala o pai da história do presente domingo: Toma as tuas armas, a aljava e o arco, e traz-me da tua caça, para que eu coma e a minha alma te abençoe (V) . As armas do filho penitente são a aljava e o arco; setas na aljava são as punções e dores do coração contrito, das quais diz Job (VI): As setas do Senhor estão cravadas em mim, e a malignidade delas devora o meu espírito. As setas do Senhor são as compunções do coração, com que vulnera misericordiosamente o coração do pecador (VII) , para que, indignando-se contra si mesmo por pausa do pecado, humilhe o espírito de soberba. E isto é o que se acrescenta: A malignidade delas devora, isto é, consome, o meu espírito, ou seja, a minha soberba
			Dilatatio Cláusula I - A saída de Jesus, ou a saída do penitente da vaidade deste mundo	V	Gn 27,3-4.	[...] 11 - Sequitur: <i>et Sidonis</i> . Sidon interpretatur venatio moeroris. Nota quod venator, qui bonam vult facere venationem, quinque debet habere: cornu sonorum, canem velocem et animosum, iaculum limatum et acutum, pharetram cum sagittis et arcum. Cornu, ut personet; canem, ut capiat; iaculum, ut interficiat; sagittas et arcum, ut bestias, quas cominus iaculo non potest interficere, minus sagittis feriat. Venator est poenitens, cui loquitur Pater in historia praesentis dominicae: ’Tolle arma tua, pharetram et arcum, et affer mihi de venatione tua, ut comedam et benedicat tibi anima mea’ (V) . Arma filii poenitentis sunt pharetra et arcus; sagittae in pharetra sunt punções et dolores contritionis in corde, de quibus dicit Iob (VI): Sagittae Domini militant in me, quarum indignatio ebibit Spertum meum. Domini sagittae sunt cordis compunctiones, quae misericorditer vulnerant cor peccatoris’ (VII) , ut, contra se ipsum de peccato indignans, superbiae spiritum humiliet quod subiungitur: <i>Quarum indignatio ebibit, idest consumit, spiritum meum, idest superbiam meam’ (VIII)</i> . In arcu notatur confessio. Unde Dominus in Genesi (IX): Ponam,
				VI	Jb 6,4.	
				VII	Glo. Ord., ibidem.	
				VIII	Glo. Ord., ibidem.	

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
007 (Cont.)	2º Domingo da Quaresma – Segundo Sermão (Cont.)	Tendo saído, Jesus retirou-se. (Cont.)	Dilatatio Cláusula I - A saída de Jesus, ou a saída do penitente da vaidade deste mundo			inquit, arcum meum in nubibus caeli, et erit signum foederis inter me et terram; inter Deum et terram, idest peccatorem cui dictum est: 'Terra es et in terram ibis', ponitur arcus confessionis, quae est signum foederis, pacis et reconciliationis. Et vide quam proprie arcus confessionem significet.
				IX	Gn 9,13.	
				X	Sl 119,4.	12 - Nota quod in arcu sunt quattuor, duo scilicet cornua flexibilia, medium durum et inflexibile; habet etiam chordam mollem, per quam ipsa cornua flectuntur. Similiter in confessione debent esse quattuor. Duo cornua confessionis sunt dolor de peccatis praeteritis et timor de poenis aeternis; medium durum et inflexibile est firmum propositum, quod debet habere poenitens, ne ultra revertatur ad vomitum; chorda mollis est spes veniae, quae vere illa duo cornua, doloris et timoris, a sua rigiditate flectit. Ex tali ergo arcu emittuntur sagittae potentis acutae (X) . Item, venator, idest poenitens, debet habere cornu sonorum, canem et iaculum. In cornu, clamor nudaee accusationis; in cane, latratus conscientiae mordacis; in iaculo vindicta propriae animadversionis vel satisfactionis notantur. Debet enim peccator cum arcu confessionis habere cornu nudaee accusationis et canem conscientiae mordacis, ne aliquid de peccato et circumstantia peccati intactum permittat. Debet etiam habere iaculum animadversionis, indignationis et satisfactionis, ut seipsum feriat, sibi ipsi indignetur, pro peccatis suis satisfaciatur, "ut quot habuit in se oblectamenta, tot de se inveniat holocausta". Haec est bona venatio, de qua dicit Pater filio: <i>Affer mihi de venatione tua, ut comedam et benedicat tibi anima mea</i> . De hac ergo venatione dicit in praesenti evangelio: <i>Egressus Iesus, secessit in partes Tyri et Sidonis</i> . Sequitur secundum. [...]
			Dilatatio Cláusula III - A libertação da filha da Cananeia.	XI	Gn 34,25-26.	17 - Unde sequitur, in eadem Genesis historia (XI): Arreptis duo Iacob filii, Simeon et Levi fratres Dinae, gladiis, sunt ingressi urbem confidenter; interfecisque omnibus masculis, Hemor et Sichem pariter necaverunt, tollentes Dinam de domo Sichem, sororem suam. "Simeon interpretatur audiens tristitiam" (XII) et significat cordis contritionem: "Levi interpretatur additio" (XIII) et significat oris confessionem, quae debet addi cordis contritioni. Hi duo filii Iacob, idest viri poenitentes, et fratres Dinae, idest ipsius animae, debent arripere gladios divini amoris et
				XII	Glo. Int., Gn 29,33.	(VIII). O arco simboliza a confissão. Daí a palavra do Senhor no Génesis (IX): Porei o meu arco nas nuvens do céu, e ele será o sinal de aliança entre mim e a terra. Quer dizer, entre Deus e a terra, que é o pecador ao qual foi dito: <i>És terra e à terra irás</i> , põe-se o arco da confissão, sinal de aliança, de paz e de reconciliação. E vê quão propriamente o arco significa a confissão. 12. Nota que no arco há quatro coisas: duas extremidades flexíveis, uma parte média, dura e inflexível, e ainda uma corda mole, por meio da qual se fletem as duas extremidades. Igualmente na confissão devem existir quatro coisas. As duas extremidades da confissão devem ser a dor dos pecados passados e o temor das penas eternas; a parte média, dura e inflexível, é o firme propósito que o penitente deve ter de não voltar ao vômito; a corda mole é a esperança de perdão, que verdadeiramente flecte da sua rigidez aquelas duas extremidades da dor e do temor. Portanto, um arco desta natureza lança as setas agudas do poderoso (X) . O caçador, isto é, o penitente, deve ter um assobio, um cão e um dardo. No assobio simboliza-se o grito da acusação sincera; no cão, o ladrar dos remorsos da consciência; no dardo, a vingança exercida mediante a correção pessoal e a satisfação. Deve, pois, o pecador ter juntamente com o arco da confissão o assobio da acusação sincera e o cão dos remorsos da consciência, a fim de não omitir nada do pecado e da circunstância do pecado. Deve ainda possuir o dardo da advertência, da indignação e da satisfação, para que se mortifique, se indigne contra si mesmo, satisfaça pelos seus pecados, de modo a experimentar em si tantos holocaustos, quantos prazeres culposos em si experimentou. Eis a boa caçada, de que o pai diz ao filho: <i>Traz-me da tua caçada, para que eu coma e a minha alma te abençoe</i> . Desta caçada se diz no presente Evangelho: <i>Tendo saído Jesus, retirou-se para as partes de Tiro e de Sidónia</i> . Segue o segundo. [...]
				XIII	Glo. Int., Gn 29,34.	17. Por isso, segue na mesma história do Génesis (XI): Os dois filhos de Jacob, Simeão e Levi, irmãos de Dina, empunhando as espadas, entraram resolutamente na cidade, e mortos todos os varões, trucidaram Hemor e Siquém, tirando sua irmã Dina da casa de Siquém. Simeão interpreta-se o que ouve a tristeza (XII) e significa o coração contrito. Levi interpreta-se ajuntamento (XIII) e significa a confissão de boca, que deve ajuntar-se ao coração contrito. Estes dois filhos de Jacob, isto é, os varões penitentes, e os irmãos de Dina, ou seja, as suas almas,

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
007 (Cont.)	2º Domingo da Quaresma – Segundo Sermão (Cont.)	Tendo saído, Jesus retirou-se. (Cont.)	Cláusula III - A libertação da filha da Cananeia.			timoris et interficere diabolum et ipsius superbiam et omnia ad ipsum pertinent, idest peccatum quae ad et circumstantiam peccati; et sic sororem suam, animam, in domo diaboli captivam et malae consuetudinis catena ligatam, poterunt liberare. [...]
008	3º Domingo da Quaresma	Estava Jesus expulsando um demónio	Dilatatio Cláusula II - A prisão de José, ou o demónio que prende o homem	I	Lc 11,21-22.	7 - <i>Cum fortis armatus custodit atrium suum, in pace sunt ea quae possidet; si autem fortior illo superveniens vicerit eum, universa arma eius aufert, in quibus confidebat, et spolia eius distribuet</i> (I).
				II	Gn 49,24.	Dicitur in benedictione Ioseph, circa finem Genesis (II): <i>Sedit in forti arcus eius. "Ioseph interpretatur augmentum"</i> (III) et significat prædicatorem, qui Ecclesiam sua prædicatione debet quotidie augmentare, ut dicere possit cum eodem Ioseph: <i>Crescere me fecit Deus in terra paupertatis meae</i> . In terra paupertatis, idest in exilio huius miserae peregrinationis, Deus prædicatorem crescere facit, cum per ipsum numerum fidelium ad ipsius meritum augmentat. 'Huius arcus est prædicatione; sicut enim in arcu sunt duo, lignum scilicet et chorda, sic in prædicatione debet esse lignum veteris et chorda novi Testamenti (IV). De hoc arcu dicit Iob (V): <i>Arcus meus in manu mea instaurabitur. Arcus in manu instatur, cum prædicatione opere adiuvatur</i> (VI). 'Fructuose, inquit beatus BERNARDUS, prædicare Deum non sufficit, qui linguae sono testimonio operis non praeludit'. Hic arcus debet sedere in forta non in debili, non in prædicatore sed in Christo, ut ipsi totum attribuat, sine quo nihil boni potest facere. Qui vere fuit fortis, quia diabolus fortem alligavit. Unde dicitur in praesenti evangelio: <i>Cum fortis armatus custodit atrium suum</i> etc. Istam sancti evangelii secundam particulam primo allegorice deinde moraliter exponamus.
				III	Glo. Int., Gn 30,24.	7. <i>Quando um valente armado guarda a entrada da sua casa, estão em segurança os bens que possui. Mas se, sobrevindo outro mais valente que ele, o vencer, tira-lhe todas as suas armas, em que confiava, e repartirá os seus despojos</i> (I).
				IV	ALAN., DDT, PL 210, 708.	Diz-se na bênção de José, pelo fim do Génesis (II): O seu arco apoiou-se no forte. José interpreta-se aumento (III) e significa o pregador, que deve todos os dias aumentar a Igreja com a sua pregação, para que possa dizer com o mesmo José: <i>Deus fez-me crescer na terra da minha pobreza</i> . Na terra da pobreza, isto é, no exílio desta miserável peregrinação, Deus faz crescer o pregador, quando aumenta por seu intermédio, atendendo ao seu mérito, o número dos fiéis. O seu arco é a pregação; pois, assim como no arco há duas coisas, a madeira e a corda, assim na pregação deve haver a madeira do Velho Testamento e a corda do Novo (IV). Deste arco diz Job (V): O meu arco fortifica-se na minha mão. O arco na mão fortifica-se quando a pregação é coadjuvada pelas obras (VI).
				V	Jb 29,20.	Não basta, diz S. Bernardo, pregar a Deus frutuosamente, se ao som da língua não precede o testemunho das obras. Este arco deve apoiar-se <i>no forte</i> , não no débil; não no pregador, mas em Cristo, a fim de que atribua tudo a Ele, sem o qual nada de bom pode realizar. Ele verdadeiramente foi forte, porque ligou o diabo, que era forte. Por isso, diz-se no presente Evangelho: <i>Quando um valente armado guarda a entrada da sua casa</i> , etc. Exponhamos esta segunda parte do santo Evangelho, primeiro no sentido alegórico, depois no moral.
				VI	GREG., MJ, PL 76, 134.	8 - "Fortis armatus est diabolus" (VII). Unde de ipso et eius armatura dicitur in ibro Regum (VIII): <i>Egressus est vir spurius de castris Philistinorum, nomine Goliath, de Geth, altitudine sex cubitorum et palmo. Et cassis aerea super caput eius, et lorica hamata induebatur; et ocreas aereas habebat in cruribus, et clypeus aereus tegebat humeros eius. Hastile autem hastae eius erat quasi liciatorium textentium. "Goliath interpretatur transmigrans vel transfigurans" (IX), et "significat diabolus" (X) qui de virtutibus ad vitia, de</i>
				VII	Glo. Ord., Lc 11,21.	8. O valente armado é o diabo (VII). Por isso dele e da sua armadura se escreve no primeiro livro dos Reis (VIII): <i>Saiu dos campos dos filisteus um homem bastardo, chamado Golias, de Get, que tinha seis côvados e um palmo de altura. E trazia na cabeça um capacete de bronze, e estava vestido duma couraça de ponta curva. E tinha nas pernas escarcelas de bronze; e um escudo de bronze cobria os seus ombros. A haste da sua lança era como o órgão dum tear. Golias interpreta-se emigrante ou o que se transfigura</i>
				VIII	1 Sm 17,4-7.	
				IX	Glo. Int., 1 Sm 17,23.	
				X	Glo. Int., 1 Sm 17,21.	

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
008 (Cont.)	3º Domingo da Quaresma (Cont.)	<i>Estava Jesus expulsando um demónio</i> (Cont.)	Dilatatio Cláusula II - A prisão de José, ou o demónio que prende o homem (Cont.)	XI	2 Cor 11,14.	gaudio transmigravit ad poenam: qui se quotidie 'in angelum lucis transfigurat' (XI), ut hominem decipiat. Et est de Geth, "quod interpretatur torcular" (XII); diabolus enim homines in pressuris tribulationum premit, sicut uva premitur in torculari, ut boni, quasi vinum, in aeternae vitae cellaria reponantur, mali vero, tamquam acini, in sterquilinum aeternae damnationis proiciantur. Hic egreditur de castris Philisthinorum, 'qui interpretantur potione cadentes, et significant peccatores, qui, amore mundi inebriati, a gratia Dei cadunt in culpam' (XIII) et a culpa postea ruunt in gehennam. In istorum castris moratur diabolus; hospitium enim diaboli est cor hominis pravi. Unde dicit GLOSSA, super illud Habacuc (XIV): Pro iniquitate vidi tentoria Aethiopiae: "Qui divitiis laborant et honoribus fiunt hospitium daemonum, qui debuerant esse Dei templum" (XV).
				XII	<i>Glo. Ord.</i> , 2 Sm 1,20.	(IX), e significa o diabo (X) , emigrante das virtudes aos vícios, do gozo à pena; ele transfigura-se todos os dias em anjo de luz (XI) para enganar o homem. E é de Get, que se interpreta lagar (XII) , pois o diabo espreme os homens nas prensas das tribulações, tal como a uva é espremida no lagar, a fim de que os bons, como vinho, sejam postos nos armazéns da vida eterna; os maus, porém, com canganhos, sejam lançados à esterqueira da eterna condenação. Sai dos campos dos filisteus, que se interpretam os que caem pela bebida e significam os pecadores, que, inebriados pelo amor do mundo, da graça de Deus caem em culpa (XIII) , e da culpa resvalam depois para a geena. Nos seus campos mora o diabo, pois a morada do diabo é o coração do homem mau. Por isso, escreve a Glossa sobre a frase de Habacuc (XIV): Eu vi na aflição as tendas da Etiópia: Aqueles que trabalham por riquezas e honras tornam-se morada de demónios, eles que deveriam ser templo de Deus (XV).
				XIII	<i>Glo. Ord.</i> , Is 14,31.	Goliath spurius fuit. 'Spurius dicitur ille qui partim nobilis partim est ignobilis' (XVI). Sic diabolus nobilis est creatione, ignobilis quoad vitia. Hic dicitur fuisse <i>altitudine sex cubitorum et palmo</i> . Legitur in Ezechiele (XVII) quod 'vir ille, cuius erat species quasi species aeris, habebat calamus mensurae in manu, quo mensuravit templum, et calamus, ille, erat sex cubitorum et palmo' . Ecce, qualis fuit mensura templi talis et mensura Golias. Mensura templi consistit in diversitate graduum in Ecclesia, et diabolus contra hos habet mensuram suam. 'Per sex cubitos intelliguntur opera misericordiae, scilicet opera vitae activae, per palmum contemplativa, quae vix praegustatur in hac vita, et ita bene palmus' (XVIII). Et diabolus extendit se contra activos et contemplativos.
				XIV	Hab 3,7.	Goliath foi bastardo. Bastardo é aquele que em parte é nobre, em parte ignóbil (XVI) . Assim, o diabo é nobre pela criação, ignóbil quanto aos vícios. Golias tinha seis côvados e um palmo de altura. Lê-se em Ezequiel (XVII) que aquele homem era de aspecto como de bronze e tinha uma cana de medir na mão, com que mediu o templo, e aquela cana era de seis côvados e um palmo . Eis que a medida do templo foi igual à medida de Golias. A medida do templo consiste na diversidade de graus na Igreja, e o diabo contra estes tem a sua medida. Pelos seis côvados entendem-se as obras de misericórdia, a saber, as obras da vida activa; pelo palmo, a vida contemplativa, que mal se experimente nesta vida; e desta forma se diz bem um palmo (XVIII) . E o diabo vira-se contra os activos e os contemplativos.
				XV	<i>Glo. Ord.</i> , ibidem.	Segue: <i>E trazia na cabeça um capacete de bronze</i> . Nota todas as armas de Golias eram de bronze. Assim também são as armas do diabo. As armas do diabo são aqueles que o defendem, para que não seja morto nos maus. São de bronze, porque fortes para defender os seus partidos. Daí o dizer de Job (XIX): Os seus ossos são como canas de bronze . Os ossos sustentam a carne. Os ossos do diabo são aqueles que servem de suporte a outros no mal. Estes assemelham-se a canas de bronze, que têm som, mas não sentem, como as canas. Proferem palavras, mas não praticam bem algum . E assim como o bronze ressoa
				XVI	<i>Glo. Ord.</i> , 1 Sm 17,4.	
				XVII	Ez 40,3.5.	
				XVIII	GREG., MJ, PL 76, 553-554; <i>Glo. Ord.</i> , Ez 40,5.	
				XIX	Jb 40,18.	
				XX	GREG., MJ, PL 76, 654.	

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾	
008 (Cont.)	3º Domingo da Quaresma (Cont.)	Estava Jesus expulsando um demónio (Cont.)	Dilatatio Cláusula II - A prisão de José, ou o demónio que prende o homem (Cont.)	XXI	Jb 41,6-8.	<i>Et lorica hamata induebatur, ita quod macula maculae consita erat. Lorica diaboli sunt mali, inseparabiliter ei connexi. Unde Iob (XXI): Corpus evus quasi scuta fusilia, et compactum squamis se prementibus. Una uni coniungitur, et ne spiraculum quidem incedit per eas; una alteri adhaerebit, et tenentes se nequaquam separabuntur.</i> Squamae diaboli, idest defensores eius, se premunt, quia unus defendit alium. "Magna enim inter molles concordia". 'Ita enim sunt compacti et connexi, quod nec spiraculum divinae gratiae nec praedicationis dominicae per eos potest incedere'. Et sicut complices sunt hic in malo, ita communiter aeterno participabunt supplicio. <i>Et ocreas uereas habebat in cruribus.</i> Ocreae sunt excusationes luxuriae. Luxuriosus enim, quasi quibusdam ocreis, femora protegit, dum luxuriae culpam, ad maiorem suae damnationis cumulum, defendit. Unde Iob: <i>Protegent umbrae umbram eius.</i> 'Umbrae, idest luxuriosi nigri et obscuri, <i>protegent umbram</i>, idest defendunt suam luxuriam; <i>eius</i>, idest diaboli, sub qua dormit et requiescit'. <i>Et clypeus aereus tegebat humeros eius.</i> 'Clypeus diaboli sunt illi qui sagittas praedicationis a se repellunt' (XXII), de quibus dicit Dominus Ezechiel: <i>Fili hominis, mitto ego te ad filios Israel, gentes apostatrices, quae recesserunt a me. Loqueris ad eos verba mea, si forte audiant et quiescant, quoniam irritatores sunt. Sed nolunt audire te, quia nolunt audire me.</i> 9 - <i>Hastile autem hastae eius erat quasi liciatorium textentium.</i> Hastilis adiutorio fit tela. Haec est iniqua tentatio, cuius adminiculo diabolus telam textit iniquitatis. Diabolus enim textit telam sicut aranea, de qua dicitur sic in libro NATURALIUM: Aranea prius extendit fila texturae et ponit ipsam in terminis: deinde textit [...] 10 - Ecce habes quibus armis armatur diabolus, de quo dicitur: <i>Cum fortis amatus custodit atrium suum, in pace sunt ea quae possidet.</i> 'Atrium diaboli ante adventum Christi erat totus mundus' (XXIII), 'non creatione sed primi parentis praevaricatione, ob cuius inobedientiam in eius posteriza-te, Dei permissione, habuit potestatem'. Et sic omnia in pace possidebat, quia non Moyses, non Elias	ao contacto, também estes ripostam ao golpe da admoestação (XX). <i>E estava vestido duma couraça de ponta curva, de modo que as malhas se cosiam entre si. A couraça do diabo são os maus, a ele inseparavelmente ligados. Donde a afirmação de Job (XXI): O seu corpo é como um escudo de bronze fundido, apinhado de escamas que se apertam. Uma está unida à outra, de modo que nem o vento passa por entre elas: uma aderirá à outra e juntas entre si de maneira nenhuma se separarão.</i> As escamas do diabo, isto é, os seus defensores, apertam-se, porque um defende o outro. De facto, há grande concórdia entre as multidões. De tal modo estão fundidos e ligados entre si, que nem o sopro da graça divina e da pregação do Senhor pode circular pelo meio deles. E assim como são neste mundo cúmplices do mal, também em comum participarão do suplício eterno. <i>E tinha nas pernas escarcelas de bronze.</i> Escarcelas são as excusas da luxúria, porque o luxurioso como que protege as pernas com escarcelas quando se defende da culpa da luxúria, para maior cúmulo da sua condenação. Daí Job: <i>As sombras protegem a sua sombra.</i> As sombras, isto é, os luxuriosos negros e obscuros, protegem a sombra, isto é, defendem a sua luxúria, a sua sombra, isto é, do diabo, ao abrigo da qual dorme e repousa. <i>E um escudo de bronze cobria os seus ombros.</i> O escudo do diabo são aqueles que repelem de si as setas da pregação (XXII). Deles diz o Senhor a Ezequiel: <i>Filho do homem, eu te envio aos filhos de Israel, aos poucos apóstatas, que se apartaram de mim; tu, pois, lhes intimarás as minhas palavras, a ver se porventura eles ouvem e cessam de pecar, porque são rebeldes. Mas não te querem ouvir, porque não querem ouvir-me a mim.</i> 9. <i>A haste da sua lança era como o órgão dum tear.</i> Com o auxílio da lançadeira faz-se a teia. Esta é a iníqua tentação, com auxílio da qual o diabo teceu a teia da iniquidade. O diabo teceu a teia como a aranha, da qual se diz assim no <i>Livro de Ciências Naturais</i>: A aranha estende primeiramente os fios da sua urdidura de um extremo a outro; em seguida tece [...] 10. Eis as armas de que se arma o diabo. Dele se diz: <i>Quando um valente armado guarda a entrada da sua casa, estão em segurança os bens que possui.</i> O átrio do diabo, antes da vinda de Cristo, era todo o mundo (XXIII), não pela criação, mas pela
				XXII	Glo. Ord., Jb 39,22.		
				XXIII			

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
008 (Cont.)	3º Domingo da Quaresma (Cont.)	Estava Jesus expulsando um demónio (Cont.)	Dilatatio Cláusula II - A prisão de José, ou o demónio que prende o homem (Cont.)		Glo. Ord., Lc 11,21.	prevaricação do primeiro pai. Por causa da sua desobediência teve poder na sua posteridade, por permissão divina. E assim possuía tudo em paz, porque nem Moisés, nem Elias ou Jeremias ou algum dos patriarcas do Velho Testamento o puderam expulsar do átrio. Desceu, portanto, do <i>trono real</i> , isto é, do seio do Pai, o inflexível guerreiro , como se diz no livro da Sabedoria (XXIV), e saltou para o meio da terra condenada ao extermínio , que o diabo exterminara, com os dois pés juntos, o da divindade e o da humanidade; e assim libertou aqueles <i>que pelo temor da morte</i> , como diz o Apóstolo aos Hebreus, <i>estavam em escravidão toda a vida</i> . Por isso, continua: <i>Mas se, sobrevivendo outro mais valente do que ele, o vencer tirar-lhe-á todas as armas em que confiava, e repartirá os seus despojos. O mais forte é Jesus Cristo (XXV)</i> , de cuja armadura diz Isaías (XXVI): Vestiu-se da justiça como de uma couraça, e pôs sobre a cabeça o capacete da salvação; revestiu-se da vingança como dum vestido, e cobriu-se de zelo como dum manto . A couraça de Jesus Cristo foi a justiça, com a qual expulsou justamente o diabo do átrio, que possuía em paz. Por o diabo ter estendido a mão contra Cristo, em quem nada tinha, mereceu perder Adão com a sua posteridade, em que parecia ter alguma coisa. Merece, de facto, ser privado do privilégio quem dele abusa. E pôs sobre a cabeça o capacete da salvação . A cabeça é a Divindade. <i>Deus é a cabeça de Jesus Cristo</i> , diz o Apóstolo. O capacete é a humanidade. A cabeça, portanto, escondida debaixo do capacete é a Divindade latente sob a humanidade, a qual operou a salvação sobre a terra. Revestiu-se da vingança como dum vestido, e cobriu-se de zelo como dum manto . Recebeu Jesus Cristo as vestiduras da nossa humanidade, a fim de se libertar do diabo inimigo e libertar a sua esposa, a saber, a nossa alma, das suas mãos. Com razão se diz, pois: <i>Se, sobrevivendo outro mais valente do que ele, o vencer, tira-lhe todas as suas armas</i> . As armas do diabo eram aqueles de que se falou acima. Cristo roubou-lhe tudo isto ao fazer de filhos da ira filhos da graça. Assim como David lançou por terra Golias com a funda e uma pedra (XXVII) , também Cristo venceu com a pedra da Paixão o diabo. Por isso, refere David (XXVIII): Toma as armas e o escudo e levanta-te em minha defesa . Toma as armas, ó Filho de Deus, isto é, toma a forma humana, e o <i>escudo</i> , ou seja, a cruz, para que assim armado, venças o forte diabo, que detinha preso no cárcere o género humano. [...]
				XXIV	Sb 18,15.	vel Ieremias, vel aliquis ex patribus Veteris Testamenti eum ab atrio expellere potuerunt. Venit ergo a <i>regalibus sedibus</i> , idest a sinu Patris, durus debellator , ut dicitur in libro Sapientiae (XXIV), et in mediam exterminii terram , quam diabolus exterminaverat, iunctis duobus pedibus divinitatis et humanitatis, <i>prosiliit</i> ; et sic liberavit eos qui timore mortis, ut dicit Apostolus ad Hebraeos, <i>per totam vitam</i> "subditi", <i>obnoxii erant servituti</i> . Unde sequitur: <i>Si autem fortior illo superveniens vicerit eum, universa arma eius aufert, in quibus confidebat, et spolia eius distribuet. 'Fortior est Iesus Christus' (XXV)</i> , de cuius armatura dicit Isaías (XXVI): Indutus est iustitia ut lorica, et galea salutis in capite eius; indutus est vestimentis ultionis, et opertus est quasi pallio zeli . Lorica Iesu Christi fuit iustitia, qua diabolus iuste expulit ab atrio, quod in pace possidebat; 'quia diabolus manum extendit in Christum, in quo nihil habebat, iuste meruit amittere Adam cum sua posteritate, in quo aliquid habere videbatur'. 'Privilegio enim meretur privari, qui privilegio sibi concessio abutitur'.
				XXV	Glo. Ord., Lc 11,22.	
				XXVI	Is 59,17.	<i>Et galea salutis in capite eius</i> . Caput est Divinitas. <i>Caput</i> , inquit Apostolus, <i>Iesu Christi Deus</i> . Galea est Humanitas. Caput ergo latens sub galea est Divinitas latens sub Humanitate, 'quae operata est salutem in medio terrae'. <i>Indutus est etiam vestimentis ultionis et opertus quasi pallio zeli</i> . Ad hoc Iesus Christus vestimenta nostrae humanitatis accepit, ut de inimico diabolo ultionem acciperet et suam sponsam, scilicet animam nostram, de eius manibus liberaret. Bene ergo dicitur: <i>Si fortior illo superveniens vicerit eum, universa arma eius aufert</i> . Arma diaboli erant illi de quibus superius dictum est. Quae omnia Christus ei abstulit, cum de filiis irae fecit filios gratiae. Sicut 'David Goliam in funda et lapide deiecit' (XXVII) , sic Christus in funda Humanitatis et lapide Passionis diabolus devicit. Unde David (XXVIII): Apprehende arma et scutum et exurge in adiutorium mihi . <i>Apprehende arma</i> , o Fili Dei, idest membra humana, <i>et scutum</i> , idest crucem, ut sic armatus fortem diabolus devincas, qui humanum genus vinctum in carcere detinebat. [...]
				XXVII	1 Sm 17,49-50.	
				XXVIII	Sl 34,2.	

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾	
008 (cont.)	3º Domingo da Quaresma (Cont.)	Estava Jesus expulsando um demónio (Cont.)	Dilatatio Cláusula III - O espírito de soberba	XXIX	Mt 12,29.	13 - <i>Cum fortis armatus custodit atrium suum.</i> Fortis armatus est spiritus superbiae, cuius arma sunt cornua excelsa, quibus ventilat et impugnat totum mundum. Unde Daniel: <i>Vidi, inquit, arietem cornibus ventilantem contra occidentem et contra aquilonem et contra meridiem, et omnes bestiae non poterant resistere ei, neque liberari de manibus eius; fecitque secundum voluntatem suam et magnificatus est.</i> Aries iste spiritum superbiae significat, qui cornibus elationis ventilat contra occidentem, aquilonem et meridiem. In occidente pauperes et minores in quibus deficit calor virtutis e potentiae; in aquilone aequales [...]	13. Quando um valente armado guarda a entrada da sua casa. O valente armado é o espírito da soberba, cujas armas são os cornos altivos com que marra e combate toda a gente. Onde a afirmação de Daniel: <i>Vi um carneiro a dar marradas contra o ocidente, contra o aquilão e contra o meio-dia, e nenhuma besta lhe podia resistir nem livrar-se das suas mãos, e procedeu segundo a sua vontade e tornou-se poderoso.</i> Este carneiro significa o espírito de soberba, que dá marradas de orgulho contra o ocidente, o aquilão e o meio-dia. No ocidente entendem-se os pobres e os menores, em que falta o calor da virtude e do poder; no aquilão, os iguais [...]
						15 - <i>Dicamus ergo: Cum fortis armatus custodit atrium suum.</i> Atrium cornutae superbiae est cor superbi, in quo superbia speciale elegit hospitium. Sicut enim 'in corde principium est venarum et prima virtus creans sanguinem', sic a cordis superbia procedit omne malum. Unde: <i>Initium, omnis peccati superbia.</i> Haec atrium cordis custodit, ne aliquis ex eius adversariis ex adverso ascendat et pacem eius conturbet, de qua dicit Dominus in Luca: <i>Et nunc in hac die tua quae ad pacem tibi;</i> et Propheta: <i>Zelavi super iniquos; pacem peccatorum videns.</i>	15. Digamos portanto: <i>Quando um valente armado guarda a sua entrada.</i> A entrada da soberba cornuda é o coração do soberbo, onde ela escolheu especial hospício. Assim como no coração está o princípio das veias e a primeira força criadora do sangue, assim da soberba do coração procede todo o mal. Onde a afirmação: <i>A soberba é o princípio de todo o pecado.</i> A soberba guarda a entrada do coração, não vá algum dos seus adversários entrar pelo lado contrário e perturbar-lhe a paz, da qual diz o Senhor em S. Lucas: <i>Se ao menos neste dia tu também conhecesses o que te pode trazer a paz!</i> E o Profeta: <i>Tive inveja dos iníquos, vendo a paz dos pecadores.</i>
						Sequitur: So autem fortior illo superveniens vicerit eum etc. Fortior est humilitas, de cuius fortitudine dicit David ad Saul, in primo libro Regum: <i>Leonem et ursum infertecti ego servus tuus.</i> "David interpretatur manu fortis", et significat humilem, qui quanto magis humiliatur, tanto magis fortis efficitur. [...]	Segue: <i>Mas se, sobrevivendo um mais forte do que ele, o vencer:</i> O mais forte é a humildade, de cuja fortaleza diz David a Saul no primeiro livro dos Reis: <i>Eu, teu servo, matei um leão e um urso.</i> David interpreta-se forte de mão e significa o humilde, que quanto mais se humilha tanto mais forte se torna. [...]
						Iste humilis servus interficit leonem superbiae et ursum luxuriae. Et nota quod prius leonem et postea ursum se dicit interfecisse, quia nemo luxuriam in seipso potest mortificare, nisi prius spiritum superbiae de cordis sui atrio laboravit expellere. Unde dicitur: <i>Si fortior illo superveniens vicerit illum, universa arma eius aufert in quibus confidebat. Arma,</i> vel <i>vasa,</i> ut dicit Matthaeus (XXIX), spiritus superbiae, sunt quinque sensus corporis, quibus quasi quibusdam armis ceteros impugnat, et in quibus quasi quibusdam vasis venenum elationis mortiferum portat et aliis propinat. Supervenit ergo humilitas a Iesu Chrido, 'qui est Deus benedictus super omnia', qui dicit: <i>Discite a me, quia mitis sum et humilis corde;</i> et intrat in domum fortis, idest atrium cordis, in quo habitat superbia, et ipsam devincit et foras	Este servo humilde mata o leão da soberba e o urso da luxúria. E nota que se diz ter matado antes o leão e depois o urso, porque ninguém pode mortificar em si mesmo a luxúria, se não se esforçar antes por expulsar o espírito da soberba do átrio do seu coração. Por isso, diz-se: <i>Se, sobrevivendo outro mais valente do que ele, o vencer, tira-lhe todas as suas armas em que confiava.</i> As armas, ou, conforme locução de S. Mateus (XXIX), os vasos do espírito da soberba são os cinco sentidos do corpo. Com eles, como se foram armas, dá luta aos restantes. E neles, como em vasos, leva o veneno mortífero do orgulho e o oferece a beber aos outros. Sobrevém, portanto, a humildade por Jesus Cristo, que é Deus bendito acima de tudo. Diz ele: <i>Aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração.</i> E entra na

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
008 (Cont.)	3º Domingo da Quaresma (Cont.)	Estava Jesus expulsando um demónio (Cont.)	Dilatatio Cláusula III - O espírito de soberba (Cont.)			expellit; theriaca enum hummilitatis expellit venenum elationis, qua expulsa, omnia arma eius, in quibus confidebat, humilitas aufert, ut de cetero nihil elatum, nihil altum, nihil vitiosum appareat in sensibus corporis; sed humilitatis insignia ubique repraesentent.
			Dilatatio Cláusula IV - As sete vacas, as sete espigas e os sete anos de fome	XXX	Is 14,23.	20 - [...] De scopa confessionis et satisfactionis dicit Dominus in Isaia (XXX), ubi loquitur de Babylonia: Scopabo eam in scopa terens, dicit Dominus Deus exercituum. Babylonem Dominus scopat, cum animam, peccatis confusam, confessione a peccatis emundat. In scopa terit, cum satisfactionis flagellis percutit. His tribus scopis domus, idest animna hominis, mundatur. De qua munditia dicit Dominus in Isaia: <i>Lavamini, mundi estote, auferte malum cogitationum vestrarum ab oculis meis</i> , scopa contritionis; <i>quiescite agere perverse</i> , emundati scopa confessionis; <i>discite bene facere</i> , scopa satisfactionis castigati.
				XXXI	1 Sm 30,1-2.	Sed quia ex bonis operibus solet oriri securitas vana et otiositas, quae est animae inimica, ideo adiungitur: <i>Invenit vacantem et ornatam.</i> "Omnium, inquit beatus BERNARDUS, tentationum et cogitationum malarum et inutilium sentina otium est". Unde dicitur in primo libro Regum (XXXI) quod Amalecites impetum fecerunt a parte australi in Siceleg, et percusserunt Siceleg, et succenderunt eam igni; et captivas duxerunt mulieres ex ea, a minimo usque ad maximum. 'Amalecites interpretantur lingentes sanguinem, et significant daemones' (XXXII), qui sanguinem animarum, idest compunctionem lacrimarum devorare cupiunt. Isti a parte australi Siceleg invadunt. Auster est ventus tepidus, de quo dicit Iob: <i>Considerate semitas Theman, itinera Saba.</i> "Theman interpretatur auster" tepidus. Hic est fluxa et otiosa vivendi conversatio, per quam tentat diabolus. Nam cum immundus spiritus domum invenit remissam et otio vacantem, intrat ibi. Unde quia 'David ut dicitur in secundo libro Regum (XXXIII), in Hierusalem mansit' , et ad bellum non processit, marcens otio punitur vitio. "Saba interpretatur rete" vel captiva, et significat obligationem culpae, quae se bene tepiditati et otiositati coniungit. Nam qui non districto iudicio sed dissolutis et remissis gressibus vadit et fluxis actibus implicatur, ad ea quae Dei sunt impeditur. Siceleg ergo, "quae interpretatur adductio vocis defecatae"
				XXXII	Glo. Ord., Nm. 14,43.	20. [...] Acerca da limpeza da confissão e da satisfação diz o Senhor em Isaías (XXX), onde fala de Babilónia: Varrê-la-ei com a vassoura da destruição, diz o Senhor Deus dos exércitos. O Senhor varre Babilónia quando lava dos pecados a alma, por eles humilhada, na confissão. Varre-a com a vassoura da destruição, ao feri-la com as mortificações da satisfação. Com estas três limpezas, a casa, isto é, a alma do homem, é lavada. Desta lavagem diz o senhor em Isaías: <i>Lavai-vos, purificai-vos, tirai de diante dos meus olhos a malícia dos vossos pensamentos</i> , com a limpeza da contrição; <i>cessai de proceder mal</i> , purificados pela limpeza da confissão; <i>aprendei a praticar o bem</i> , castigados pela limpeza da satisfação. Mas porque das boas obras costuma provir uma segurança vã e a ociosidade, inimiga da alma, por isso se ajunta: Encontra-a vazia e adornada. O ócio, escreve S. Bernardo, é a sentina de todas as tentações e pensamentos maus e inúteis. Daí dizer-se no primeiro livro dos Reis (XXXI) que os Amalecitas fizeram pela banda do meio-dia uma incursão sobre Siceleg, queimaram-na, tomaram-na e levaram dali cativas as mulheres, desde o mais pequeno ao maior. Amalecitas interpretam-se os que lambem sangue e significam os demónios (XXXII), que desejam lamber e devorar o sangue das almas, ou seja, a compunção das lágrimas. Invadem Siceleg da banda do meio-dia, ou austral. O austro é um vento tépido, do qual escreve Job: <i>Considerai as veredas de Theman e os caminhos de Saba.</i> Teman interpreta-se austro tépido. Este é o modo desleixado e ocioso de viver, por meio do qual o diabo tenta. De facto, quando o espírito imundo encontra casa desleixada e vazia pelo ócio, entra ali. Daí a razão porque David , como se diz no segundo livro dos Reis (XXXIII), ficou em Jerusalém e não foi para a guerra; debilitado pelo ócio, é punido pelo vício. Saba interpreta-se rede ou cativa, e significa o vínculo da culpa, que se liga bem à tibieza ou ociosidade. Efectivamente, quem não anda com rigoroso juízo, mas com passos dissolutos e indolentes e se mete em acções

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
008 (Cont.)	3º Domingo da Quaresma (Cont.)	Estava Jesus expulsando um demónio (Cont.)	Dilatatio Cláusula IV - As sete vacas, as sete espigas e os sete anos de fome (Cont.)	XXXIV	JERON, DNLH, PL 23, 852.	(XXXIV), idest anima, quae non balbutiundo sed recte loquendo debet annuntiare peccatum suum, a parte australi, idest a tepiditate et otiositate suae vitae, a malignis spiritibus capitur et igne iniquitatis succenditur, et quidquid virtutis intus est a minimo usque ad magnum captivatur. Bene ergo dicitur: <i>Invenit vacantem et ornatam.</i> [...]
				XXXV	JERON., o. c., PL 23, 871.	21 - [...] Unde in Canticis loquitur anima poenitens: <i>Nigra sum sed formosa, filiae Ierusalem, sicut tabernacula Cedar, sicut pelles Salomonis. Nolite considerare quod fusca sim, quia decoloravit me sol.</i> O Fliae Ierusalem, idest virtutes angelicae, vel fideles animae, nigra sum cinere et cilicio, ieiuniis et vigiliis exterius, sed formosa mentis puritate, fidei integritate interius. (XXXV) <i>Nigra sum sicut tabernacula Cedar,</i> ”qui interpretatur moeror”, habito enim in tabernaculis, quae de loco ad locum transferuntur et a quibus milites impugnant et impugantur, quia ’non habeo hic manentem civitatem, sed venturam inquiri’ (XXXVI), et dum pugno impugnor; et in his omnibus non est mihi nisi moeror et dolor. <i>Sed formosa sum sicut pelles Salomonis</i> , quae fuerunt hyacinthinae et rubricatae. ‘In pellibus hyacinthinis puritas mentis et contemplatio gloriae caelestis; in rubricatis fidei integritas et martyrii vel afflictionem; [...]
				XXXVI	Heb 13,14.	flutuantes, é impedido de mover-se nas coisas de Deus. Siceleg, portanto, que se interpreta produção de voz pura (XXXIV) , é a alma, que deve anunciar o seu pecado, não a balbuciar, mas correctamente. Fizeram uma incursão pela banda do meio-dia, isto é, da tibieza e ociosidade da sua vida. A alma é tomada pelos espíritos malignos e incendiada pelo fogo da iniquidade, e tudo o que de virtude há dentro dela será feito cativo desde o mais pequeno ao maior. Com razão, pois, se diz: <i>Encontra-a vazia e adornada.</i> [...] 21. [...] Por isso, nos Cânticos fala a alma do penitente: <i>Eu sou negra mas formosa, ó filhas de Jerusalém, sou como as tendas de César, como os pavilhões de Salomão; não repareis em eu ser morena, porque o sol me mudou a cor.</i> Ó filhas de Jerusalém, isto é, ó virtudes angélicas ou almas fiéis, no exterior sou negra pela cinza e cílio, pelos jejuns e vigílias; mas no interior sou formosa, pela pureza do espírito, pela integridade da fé; (XXXV) <i>sou negra como as tendas de Cedar, que se interpreta tristeza</i> , porque habito em tendas que se transferem de lugar para lugar e donde os soldados dão luta e são impugnados, porque não tenho aqui cidade permanente, mas procuro uma futura (XXXVI) , e, enquanto combato, sou combatida; e em tudo isto não tenho senão tristeza e dor. Mas sou formosa como os pavilhões de Salomão, que foram de jacinto e avermelhados. Nos pavilhões de jacinto designa-se a pureza do espírito e a contemplação da glória celeste; nos pavilhões avermelhados, a integridade da fé e a dor no [...]
011	5º Domingo da Quaresma	Quem de vós pode acusar-me de pecado?	Exordium. Sermão aos pregadores ou aos prelados.	I	Jr 6,1.	1 - Prædicatoribus loquitur Ieremias (I): Confortamini, filii Benjamin, in medio Ierusalem; et in Thecua clangite bucina, et in Bethaearem levate vexillum. (II) Benjamin filius dexteræ, (III) ”Ierusalem visio pacis”, (IV) ”Thecua tuba”, (V) ’Bethacarem domus sterilis’ interpretatur. <i>Confortamini</i> ergo, et nolite timere, o prædicatores, (VI) filii Benjamin, idest dexteræ, ’idest vitæ æternæ’ de qua dicitur in Parabolis: (VII) Longitudo dierum in dextera eius. Confortamini, inquam, in medio Ierusalem, (VIII) ’idest Ecclesiae militantis, in qua est visio pacis, idest reconciliatio peccatoris’. Et bene dicit: <i>in medio.</i> Medium Ecclesiae est caritas, quae se extendit ad amicum et inimicum; ad quod medium tenendum prædicator debet confortare fideles Ecclesiae. Et in Thecua, idest (IX) in illis qui, ’cum aliquid faciunt, tamquam hypocritæ, tuba canunt ante se’ - ’qui complacent sibi, ut dicitur in libro Sapientiae (X), in turbis nationum ’ - <i>clangite bucina prædicationis, ut, cum audierint bucinam, dicant: Vae</i>
				II	Gn 35,18.	
				III	Glo. Ord., Is 1,1.	
				IV	Glo. Ord., Jr 1.	
				V	Glo. Ord., Jr 1.	
				VI	Glo. Ord., Pr 3,16.	
				VII	Pr 3,16.	
				VIII	Glo. Ord., Is 1,1.	
				IX	Mt 6,2.	
				X	Sb 6,3.	

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
011 (Cont.)	5º Domingo da Quaresma	<i>Quem de vós pode acusar-me de pecado?</i>	Exordium. Sermão aos pregadores ou aos prelados.			<i>nobis, quia peccavimus, Domine. Et in Bethacarem, idest domo sterili, illorum scilicet qui sun aridi ab humore gratiae, steriles a bono opere - quorum 'terra, idest mens, non suscipit guttam sanguinis a corpore Christi decurrentis' -, levate vexillum crucis; praedicate Passionem Filii Dei, quia tempus adest Passionis; annuntiate mortuis, ut resurgant in mortem Iesu Christi, qui dicit turbis Iudaeorum, in hodierno evangelio: Quis ex vobis arguet me de peccato? etc.</i>
013	Páscoa do Senhor		Dilatatio Clausula II – O revolver da pedra na boca do túmulo	I	Pr 21,31.	4 - [...] (I) 'Equis, inquit Propheta, idest bona voluntas, paratur ad bellum et Dominus salutem tribuit'. "Amanti enim nihil difficile" (II). [...]
				II	CICER., DO 10, 33; BERN., IDP Sermo 1, 2, PL 183, 255	4. [...] (I) O cavalo, diz o Profeta, isto é, a boa vontade, prepara-se para a guerra e o Senhor dá a salvação, pois que ao amante nada é difícil (II). [...]
014	Domingo na Oitava da Páscoa		Dilatatio Clausula I – A reunião dos discípulos	I	Ct 6,3.	5 - [...] Discipuli sunt affectus rationis, qui in unum debent congregari propter metum Iudaeorum, idest daemonum, ne eis noceant. Unde dicitur in Canticis (I): 'Pulchra es, et decora, filia Ierusalem, terribilis, ut castrorum acies ordinata'. 'Filia Ierusalem caelestis est anima' (II), pulchra fide et decora caritate, quae tunc erit terribilis immundis spiritibus, si affectus rationis et cogitationes mentis ita ordinarerit, sicut acies militum contra hostes pugnatura est ordinata. [...]
				II	Glo. Ord., Ct 2,7.	5. [...] Os discípulos simbolizam os afectos da razão, que devem reunir-se, com medo dos judeus, ou seja, dos demónios, para que lhes não façam mal. Por isso, diz-se nos Cânticos (I): <i>Formosa és e engraçada, filha de Jerusalém, terrível como um exército em ordem de batalha. A filha de Jerusalém celeste é a alma (II)</i> , formosa pela fé e engraçada pelo amor. Causará terror aos espíritos imundos, se ordenar os afectos da razão e os pensamentos do entendimento, como é ordenado um exército pronto a combater contra os inimigos. [...]
015	2º Domingo depois da Páscoa	<i>Eu sou o bom pastor.</i>	Dilatatio Cláusula I - O cuidado solícito do bom pastor pelas ovelhas.	I	Ap 1,10-16.	5 - Oves, pro quibus bonus pastor, Iesus Christus, animam suam dedit, sunt illae septem Ecclesiae de quibus habes concordantiam in Apocalypsi (I): <i>Audivi, inquit Ioannes, post me vocem magnam tamquam tubae, dicentis mihi: Quod vides, scribe in libro, et mitte septem Ecclesiis: Epheso et Smyrnae et Pergamo et Thyatirae et Sardis et Philadelphiae et Laodiciae. Et conversus sum, ut viderem vocem quae loquebatur mecum; et conversus vidi septem candelabra aurea, et in medio septem candelabrorum aureorum similem Filio hominis, vestitum potere, et praecinctum ad mammillas zona aurea; caput autem eius et capilli erant candidi tamquam lana alba et tamquam nix, et oculi eius velut flamma ignis; et pedes eius similes arichalco, sicut in camino ardenti; et vox illius tamquam vox aquarum multarum. Et habebat in dextera sua stellas septem, et de ore eius gladius ex utraque parte acutus exibit et facies eius sicut sol lucet in virtute sua. Hanc auctoritatem primo allegorice de Christo, secundo moraliter de Ecclesiae praelato exponamus. [...]</i>

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾	
015 (Cont.)	2º Domingo depois da Páscoa (Cont.)	Eu sou o bom pastor. (Cont.)	Dilatatio Cláusula I - O cuidado solícito do bom pastor pelas ovelhas.			<i>Et de ore eius gladius ex utraque parte acutus exibat. De ore eius, idest de insinuatione, exivit prædicatio, quae utrunque secat: in veteri Testamento carnalia opera, et in novo concupiscentias” (II). [...]</i> 7 - <i>Et de ore eius gladius ex utraque parte acutus exibat. Gladius est confessio, quae debet esse ’ex utraque parte acuta, ut vitia spiritualia, quae sunt superbia et vanagloria, et vitia carnalia, quae sunt avaritia, gula et luxuria, valeat resecare’ (III). [...]</i>	acerca de Cristo, em segundo lugar moralmente acerca do Prelado da Igreja. [...] E saía da sua boca uma espada de dois fios. Da sua boca, isto é, por insinuação sua, saiu a pregação, que no Velho Testamento corta as obras carnaís, e no Novo as concupiscências (II). [...] 7. E da sua boca saía uma espada de dois fios. A espada é a confissão, que deve ser aguçada de ambas as partes, a fim de que possa cortar os vícios espirituais, que são a soberba e a vanglória, e os vícios carnaís, que são a avareza, e gula e a luxúria (III). [...]
				II	Glo. Ord., Ap 1, 16.		
				III	Glo. Ord., Ap 1, 16.		
			Dilatatio Cláusula II - A fuga do mercenário e a rapina do lobo	IV	Jo 10,12-13.	8 - Sequitur secundum. <i>Mercenarius autem, et qui non est pastor, cuius non sunt oves propriae, videt lupum venientem, et dimittit oves et fugit; et lupus rapit et dispergit oves. Mercenarius autem fugit, quia mercenarius est, et non pertinet ad eum de ovibus (IV).</i> Paulo ante, in hoc eodem capitulo, dixerat Dominus: <i>Amen, amen dico vobis, qui non intrat per ostium in ovile oviun, sed ascendit aliunde, ille fur est et latro. Hic quattuor personae notantur: bonus pastor, fur et latro, mercenarius et lupus.</i>	8. Segue o segundo. Mas o mercenário e o que não é pastor, de quem não são próprias as ovelhas, vê vir o lobo, deixa as ovelhas e foge; e o lobo arrebatava e faz desgarrar as ovelhas. O mercenário foge porque é mercenário e não se importa com as ovelhas (IV). Pouco antes, neste mesmo capítulo, dissera o Senhor: Em verdade, em verdade vos digo: quem não entra pela porta no aprisco das ovelhas, mas sobe por outra parte, é ladrão e salteador. Notamos aqui quatro pessoas: O bom pastor, o ladrão e o salteador, o mercenário e o lobo.
				V	Ap 6,2.4.5-6.8.	Isti sunt illi quattuor equi, de quibus habes concordantiam in Apocalypsi (V): <i>Vidi, inquit ioannes, et ecce equus albus, et qui sedebat super illum, arcum habebat; et data est ei corona, et exivit vincens ut vinceret. Et exivit alius equus, rufus, et qui sedebat super eum datum est ei ut sumeret pacem de terra et ut invicem se interficerent; et datus est illi gladius magnus. Et ecce equus niger, et qui sedebat super eum habebat stateram in manu sua. Et audivi tamquam vocem in medio quattuor animalium dicentium: Bilibris tritici denario uno, et tres bilibres hordei denario uno, et vinum et oleum ne laeseris. Et ecce equus pallidus, et qui sedebat super eum, nomen illi mors, et infernus sequebatur eum. Et data est illi potestas super quattuor partes terrae, interficere gladio, fame et morte, et bestiis terrae.</i>	Figuram aqueles quatro cavalos, de que há concordância no Apocalipse (V): Olhei, e vi um cavalo branco, e o que estava montado sobre ele tinha um arco e foi-lhe dada uma coroa, e saiu como vitorioso para continuar a vencer. E saiu outro cavalo vermelho; e ao que estava montado sobre ele foi dado poder de tirar a paz da terra, a fim de que os homens se matassem uns aos outros; e foi-lhe dada uma grande espada. E vi um cavalo negro; e o que estava montado sobre ele tinha na sua mão uma balança. E ouvi como que uma voz no meio dos quatro animais, que dizia: Um bilibre de trigo por um dinheiro, e três bilibres de cevada por um dinheiro, mas não causes dano ao vinho nem ao azeite. E vi um cavalo amarelo; e o que estava montado sobre ele tinha por nome morte, e seguia-o o inferno, e foi-lhe dado poder sobre as quatro partes da terra para matar à espada, à fome, com a morte natural e por meio das feras da terra.
				VI	Zc 1,8.	ALLEGORICE. <i>Vidi, et ecce equus albus.</i> Equus albus humanitatem significat boni pastoris Iesu Christi, qui bene dicitur equus albus, quia ab omni labe peccati immunis. De hoc equo dicitur in Zacharia (VI): <i>Vidi per noctem, et ecce vir ascendens super equum rufum, et inse stabat inter myrteta quae erant in profundo. ”Per</i>	Sentido alegórico. Olhei, e vi um cavalo branco. O cavalo branco significa a humanidade do bom pastor de Jesus Cristo, chamado com razão cavalo branco, porque imune de toda a mancha de pecado. Deste cavalo diz-se em Zacarias (VI): Tive de noite uma visão, e eis que se me apresentou um homem montado

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
015 (Cont.)	2º Domingo depois da Páscoa (cont.)	Eu sou o bom pastor. (Cont.)	Dilatatio Cláusula II - A fuga do mercenário e a rapina do lobo (Cont.)			noctem in qua cernitur visio, significatur mysticorum obscuritas. Vir super equum rufum Salvator est, cuius vestimenta, idest caro, rubra est sanguine Passionis, qui captivo populo in rufo equo ostenditur; in Apocalypsi Ioannis, iam liberato populo, in albis demonstratur. Hic stat inter myrteta, idest angelicas potestates, quae ei etiam in profundo, idest in carne posito, ministrabant” (VII). Unde in Matthaeo: <i>Et accesserunt angel et ministrabant ei.</i> [...]
				VII	Glo. Ord., ibidem.	Dicamus ergo: Vidi, et ecce equus albus, et qui sedebat super eum habebat arcum. Sessor equi est divinitas, quae tamquam miles humanitati supersedit. ‘Arcus, constans ex chorda et ligno, misericordiam et iustitiam Dei significat. Sicut enim chorda flectit lignum, sic misericordia iustitiam’ (VIII). Unde Iacobus: <i>Misericordia superexaltat iudicium.</i> In primo adventu Christus secum detulit chordam mollem misericordiae, ut peccatores caperet; iu secundo vero adventu percutiet ligno iustitiae, reddens unicuique secundum opera sua. <i>Et data est ei corona.</i> ‘Christo, Deo et homini, data fuit corona secundum humanitatem, qua coronavit eum mater sua, in die desponsationis suae’. Vel, data est ei corona spinea a sua noverca Synagoga. <i>Et exivit vincens ut vinceret. Exivit in eum qui dicitur Calvariae locum,</i> ut dicit Ioannes, <i>baiulans sibi crucem,</i> vincens mundum, ut vinceret diabolum.
				VIII	ALAN. AI, Sermo 3, PL 210, 205.	9 - MORALITER. Vidi, et ecce equus albus. Equus albus significat corpus boni pastoris et Ecclesiae praelati. Hic equus debet esse albus albedine castitatis. Miles huius equi est spiritus, quem freno abstinentiae refrenare, calcaribus divini amoris et timoris, ad accipiendum bravium vitae aeternae, debet incitare. ”Non nocet admisso subdere calcar equo”. ‘Arcus divinam Scripturam significat: per lignum vetus, per chordam, quuae remittit duritiam, novum Testamentum, per sagittam intelligentia vulnerans corda designatur. Hunc ergo arcum debet bonus pastor habere in manu, idest in operatione. De quo lob (IX): Arcus meus in manu mea instaurabitur. Arcus in manu instauratur, cum praedicatio opere adiuvatur’ (X). <i>Et data est ei corona.</i>
				IX	Jb 29,20.	num cavalo vermelho, e estava parado entre uma das murteiras que havia num profundo vale. A noite, em que se observa a visão, significa a obscuridade dos místicos. O homem montado no cavalo vermelho é o Salvador, cujos vestidos, isto é, a carne, é vermelha pelo sangue da Paixão. Mostra-se ao povo cativo, montado em cavalo vermelho; no Apocalipse de S. João mostra-se ao povo já liberto, de vestes brancas. Está entre murteiras, que são as potestades angélicas, que no mesmo profundo vale, isto é, enquanto viveu na carne, o serviam (VII). Lemos em S. Mateus: <i>E aproximaram-se os anjos para o servirem.</i> [...] Digamos, portanto: Olhei, e vi um cavalo branco, e o que estava montado sobre ele tinha um arco. O cavaleiro é a divindade, que, semelhante a soldado, monta a humanidade. O arco, constando de corda e de madeira, significa a misericórdia e a justiça de Deus, pois assim como a corda dobre a madeira, assim a misericórdia dobra a justiça (VIII). Donde a afirmação de S. Tiago: <i>A misericórdia triunfa do juízo.</i> No primeiro advento, Cristo trouxe consigo a corda mole da misericórdia para apanhar os pecadores; no segundo advento, porém, ferirá com o madeiro da justiça, dando a cada um segundo as suas obras. <i>E foi-lhe dada uma coroa.</i> A Cristo, Deus e homem, foi dada uma coroa, segundo a humanidade, <i>com a qual sua mãe o coroou no dia dos seus desposórios.</i> Ou então, foi-lhe dada uma coroa de espinhos pela Sinagoga, sua madrastra. E saiu vitorioso para continuar a vencer. Saiu para o lugar dito do Calvário, como diz S. João, carregando a cruz às costas, vitorioso do mundo para vencer o diabo. 9. Sentido moral. Olhei, e vi um cavalo branco. O cavalo branco significa o corpo do bom pastor e prelado da Igreja. Este cavalo deve ser branco com a alvura da castidade. O soldado deste cavalo é o espírito. Deve refreá-lo com o freio da abstinência e espicaçá-lo com as esporas do amor divino e do temor divino, para receber o troféu da vida eterna. Não faz mal esporear o cavalo excitado. O arco significa a divina Escritura; a madeira designa o Velho Testamento; a corda, que afrouxa a dureza, o Novo; a seta é a inteligência que vulnera os corações. O bom pastor deve, portanto, ter este arco na mão, isto é, em suas obras. Escreve Job (IX): O meu arco fortificar-se-á na minha mão. O arco fortifica-se na mão quando a pregação é

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
015 (Cont.)	2º Domingo depois da Páscoa (Cont.)	Eu sou o bom pastor. (Cont.)	Dilatatio Cláusula II - A fuga do mercenário e a rapina do lobo (Cont.)	X	GREG., MJ, PL 76, 133-135.	'Corona in capite est pura intentio in mente, de qua Ieremias in Threnis (XI): Cecidit corona capitis nostri; vae nobis, quia peccavimus. Corona de capite cadit, cum homo puram intentionem amittit, et ideo: vae ei'. <i>Et exivit vincens, ut vinceret.</i> Exivit a mundi cupiditate, vincens carnis luxuriam, ut vinceret diaboli superbiam. Si talis fuerit equus praelatus bene potest dicere: <i>Ego sum pastor bonus.</i>
				XI	Jr 5,16.	<i>Et exivit alius equus, rufus</i> etc. Equus rufus est 'fur et latro, qui non intrat per ostium in ovile ovium'. 'Ostium est Christus', per quem ion intrat qui 'quaerit quae sua sunt, non quae Iesu Christi'. "Latro dicitur a latendo; fur a furvo, idest nigro. Latro est qui latet, ut incautos spoliaret et occidat; fur est qui furva, idest obscura, nocte subripit aliena". ille fur est et latro, qui sibi ambitiose 'assumit honorem, non Vocatus a Deo tamquam Aaron'. Qui per simoniam assequitur praelaturam fur est, officium pastoris simonia, tamquam nocte furva, usurpando, quia quod alienum est suum facit: oves Dei facit suas, quas furatus est Domino; latro est, quia latet sub praetextu sanctitatis: praetendit ovem, cum sit lupo accipitrem, cum sit struthio; et sic incautos spoliatur virtutibus et occidit in animabus; et ideo recte dicitur <i>equus rufus</i> . Sessor huius equi est spiritus ambitionis et gloriae temporalis, qui <i>sumit pacem de terra</i> , idest mente ipsius furis et latronis. Spiritus enim ambitionis 'miserum non permittit habere quietem mentis', est enim tamquam venator, 'qui sequitur fugientia, discurrit ad quaerenda temporalia'. Unde de eo dicit beatus BERNARDUS: 'Multiplicas praebendas, ascendis ad archidiaconatum, aspiras ad episcopatum, gradatim ascendis, sed in puncto et sine gradu ad infernum descendes'. Et iterum dicit: "Circuit sedulus explorator; simulat et dissimulat; sequitur et obsequitur, manibus et pedibus repens, si quo modo se ingerat in patrimonium Crucifixi". Vel, <i>sumit pacem de terra</i> , cum per talem perditionis filium seminat discordiam in Ecclesia. Unde sequitur: <i>Et ut invicem se interficerent.</i> Gladio discordiae et invidiae fures et latrones, praelati simoniaci, ad invicem se interficiunt, cum sibi detrahunt, cum murmurant et oblatrant. Unde Isaías: <i>Pilosi saltabunt ibi</i> ; et iterum: <i>Pilosus clamabit ibi alter ad alterum.</i> Hodie in Ecclesia

coadjuvada pelas obras (X). E foi-lhe dada uma coroa. A coroa na cabeça é a intenção pura no entendimento. A respeito desta coroa escreve o profeta Jeremias nos Trens (XI): **A coroa da nossa cabeça caiu: ai de nós, que pecámos.** A coroa cai da cabeça quando o homem perde a pura intenção, e por isso, *ai dele! E saiu vitorioso para continuar a vencer.* Saiu da cobiça do mundo, vencendo a luxúria da carne, a fim de vencer a soberba do diabo. Se o prelado for tal cavalo, bem pode dizer: *Eu sou o bom Pastor.*

E saiu outro cavalo, vermelho etc. O cavalo vermelho é o ladrão e salteador, *que não entra pela porta no aprisco das ovelhas.* A porta é Cristo. Não entra por ela quem procura os seus interesses, em vez de procurar os de Jesus Cristo. Ladrão vem de *latendo*, esconder; salteador, em latim *fur*, de *furvus*, negro. Ladrão é aquele que se esconde para espolar e matar os incautos; salteador é aquele que rouba o alheio em noite negra ou escura. É ladrão e salteador aquele que toma para si ambiciosamente a honra, sem ter sido chamado por Deus, como foi Aarão; é salteador quem por simonia consegue uma praelatura, usurpando o ofício de Pastor, como em noite negra, porque faz seu o que não lhe pertence. Faz suas as ovelhas de Deus, que foi roubar ao Senhor. Ladrão é aquele que se esconde a pretexto de santidade; pretende ser ovelha quando é lobo, falcão quando é avestruz. E desta forma espolia das virtudes os incautos e mata-os em suas almas. Por isso, com razão se lhe chama *cavalo vermelho*. Este cavaleiro é o espírito da ambição e da glória temporal, que *rouba a paz da terra*, isto é, rouba o entendimento do próprio ladrão e salteador, pois o espírito de ambição não permite ao miserável ter descanso de alma. Como o caçador persegue a caça, assim corre atrás dos bens temporais. Por isso dele escreve S. Bernardo: Multiplicas as prebendas, sobes ao arquiidiaconado, aspiras ao episcopado; sobes gradualmente, mas num momento e sem degraus descerás ao inferno. E noutro lugar: Como explorador cuidadoso, vai andando à volta; simula e dissimula; segue e cerca, rastejando de mãos e pés, se é que deste modo se intromete no património do Crucificado.

Por outras palavras, rouba a paz da terra, quando, mediante tal filho de perdição, semeia a discórdia na Igreja. Por isso, segue: *E a fim de que os homens se matassem uns aos outros.* Com a espada da discórdia e da inveja, os ladrões e salteadores, os prelados simoníacos, matam-se uns aos outros, ao detraírem entre si, ao murmurarem e ladrarem. Daí a fala de

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
015 (Cont.)	2º Domingo depois da Páscoa (Cont.)	Eu sou o bom pastor. (Cont.)	Dilatatio Cláusula II - A fuga do mercenário e a rapina do lobo (Cont.)			pilosi, idest simoniaci pecuniosi, saltant et ludunt; et unus simoniacus accusat alterum; tota die sunt in causis et curis, clamoribus, vexationibus, dilanationibus. Unde sequitur: <i>Et datus est illi gladius magnus. Gladius acutus et limatus est gloria temporalis, cum qua et pro qua infelices se vulnerant et occidunt.</i> 10 - <i>Et ecce equus niger; et qui sedebat super eum habebat stateram in manu sua</i> etc. Niger, dictus "quasi nubiger, quia non sereno sed fusco opertus est". Equus niger est mercenarius, de quo dicit Dominus: <i>Mercenarius et qui non est pastor, cuius non sunt oves propriae, videt lupum venientem</i> etc. Mercenarius, "dictus quasi mercede conductus", "praelatum, qui sola temporali mercede in Ecclesia servit, significat". De tali dicit Propheta: <i>Confitebitur tibi cum benefeceris ei</i>. Et in Ioanne dicit Dominus: <i>Amen, amen dico vobis, quaeritis me, non quia vidistis signa, sed quia manducastis ex panibus et saturati estis</i>. "Dum saturatus est venter, cantat miserere libenter". Hic mercenarius non est pastor sed idolum. Unde Zacharias (XII): <i>O pastor et idolum derelinquens gregem, gladius super brachium eius et super oculum dextrum eius; brachium eius ariditate siccabitur, et oculum dexter eius tenebescens obscurabitur</i>. In brachio virtus operationis, in oculo lumen rationis designatur. Dicit ergo: <i>Pastor et idolum</i>. Et corrective ponitur, quasi dicat: <i>Non pastor, sed idolum</i>. "Tam sceleratus es, ut non cultor idolorum sed idolum nomineris" (XIII). Idolum nomen habet Dei, sed non est; ita malus pastor, derelinquens gregem, quia eius oves non sunt propriae. "Et ideo gladius, idest furor Domini, super brachium et oculum dextrum eius ariditate gratiae et bonorum operum, siccetur, et lumen rationis, terrenis tenebris (XIV), obscuretur", quia impotens ad operandum et obtenebratus ad discernendum iusto Dei iudicio efficietur. Unde dicitur in primo libro Regum: <i>Heli iacebat in loco suo, et oculi eius caligaverunt, nec poterat videre lucernam Domini antequam extingueretur</i>. "Heli interpretatur extraneus" et significat praelatum mercede conductum, a regno Dei extraneum. Hic iacet in loco suo,
				XII	Zc 11,17.	Isaías: <i>Os peludos farão ali as suas danças</i>; e noutro lugar: <i>Os peludos gritarão uns contra os outros</i>. Hoje, na Igreja, os peludos, isto é, os simoníacos cheios de dinheiro, dançam e jogam; e um simoníaco acusa outro; passam os dias em causas e cuidados, em clamores, vexames e calúnias. Por isso segue: <i>E foi-lhe dado uma grande espada</i>. A espada aguda e limada é a glória temporal, com a qual e pela qual os infelizes se ferem e matam. 10. <i>E eis um cavalo negro; e o que estava montado sobre ele tinha uma balança na sua mão</i> etc. Negro quer dizer quase nebuloso, porque o negro não é coisa límpida mas coberta de trevas. O cavalo negro é o mercenário, de que fala o Senhor: <i>O mercenário e o que não é pastor, de quem não são próprias as ovelhas, vê vir o lobo e foge</i>. O mercenário, assim chamado porque conduzido pela recompensa, significa o prelado que serve a Igreja só pela recompensa temporal. De tal refere o Profeta: <i>Ele te bendirá enquanto lhe fizeres bem</i>. E em S. João diz o Senhor: <i>Em verdade, em verdade vos digo: Vós procurais-me, não porque vistes os milagres, mas porque cometestes dos pães e ficastes saciados</i>. Quando o ventre está saturado, de bom grado canta o Miserere. Este mercenário não é pastor mas ídolo; daí a afirmação de Zacarias (XII): <i>Ó pastor e ídolo, que abandonas o rebanho! A espada cairá sobre o seu braço e sobre o seu olho direito; o seu braço secar-se-á inteiramente, e o seu olho direito será coberto de trevas</i>. O braço designa a virtude do trabalho; o olho, a luz da razão. Diz, pois: <i>Ó pastor e ídolo</i>. E, entendida a sentença correctivamente, é como se dissesse: Não és pastor mas ídolo; és tão celerado que te chamam, não cultor de ídolo (XIII). O ídolo tem o nome de Deus, mas não é. O mesmo se dá com o mau pastor que abandona o rebanho, porque as suas ovelhas não são próprias. E por isso a <i>espada, ou seja, a ira do Senhor, cairá sobre o seu braço e sobre o seu olho direito, a fim de que a sua força e a jactância da sua fortaleza sequem pela aridez da graça e das boas obras, e a luz da razão se escureça com as trevas terrenas (XIV), porque se tornará, por justo juízo de Deus, incapaz de trabalhar e entenebrecido para discernir.</i> Por isso, conta-se no primeiro livro dos Reis: <i>Heli estava deitado no seu aposento, e os seus olhos tinham-se escurecido, e não podia ver a lâmpada de Deus antes de apagada</i>. Heli interpreta-se estranho e significa o prelado conduzido pela recompensa, estranho ao reino
				XIII	Glo. Ord., ibidem.	
				XIV	Glo. Ord., ibidem.	

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
015 (cont.)	2º Domingo depois da Páscoa (cont.)	Eu sou o bom pastor. (Cont.)	Dilatatio Cláusula II - A fuga do mercenário e a rapina do lobo (Cont.)			idest carnis volutabro, dissolutus; cuius oculi, idest lumen rationis et intellectus, caligine, idest amore terrenorum, obtenebrantur; et sic non potest videre lucernam, idest gratiam Dei, antequam extinguatur, idest non perpendit vel cognoscit se lumine gratiae privatum, nisi cum in eo lumen ipsius gratiae fuerit extinctum. Sunt enim multi qui ita excaecantur, ut gratiam Dei se amisisse non cognoscant, nisi cum ab ipsa gratia in mortalis peccati caecitatem ceciderunt. Bene ergo dicitur in Apocalypsi: Et ecce equus niger , idest mercenarius, non sereno gratiae, sed fusco culpae, coopertus.
						<i>Et qui sedebat super eum, habebat stateram in manu sua.</i> Sessor equi nigri, idest mercenarii, est spiritus negotiationis, cuius, calcaribus excitatus, columbam, 'idest Dei gratiam', quae gratis debet dari, tamquam negotiator pretio vendit, et sic 'domum Dei facit domum negotiationis'. Hic habet in manu stateram dolosam, de qua dicit Osee: <i>Chanaan, in manu eius statera dolosa, calumniā dilexit.</i> "Chanaan interpretatur negotiator", et significat Ecclesiae mercenarium, qui, saecularibus negotiis implicitus, curam non habet de Dei ovibus. Dicit HIERONYMUS: Idem negotiatio in clerico, quod usura in laico. [...]
				XV	GREG., HIE. Hom. 14, 3, PL 76, 1128.	11 - Hic mercenarius, quia eius non sunt oves propriae, videt lupum venientem et fugit. "Lupus dictus, quod quasi leoni ita sit ei in pedibus virtus, unde quidquid presserit pede non vivit"; 'insidiatur ovibus, ovium guttur invadit, ut cito transgulet. Factura corporis rigidior [...]. 'Lupus significat diabolum' (XV) et huius mundi tyrannum, 'cuius sessor est diabolus' (XVI).
				XVI	Glo. Int., Ap 6,8.	Hic esst equus quartus, de quo in Apocalypsi: <i>Et ecce equus pallidus, et qui sedebat super eum nomen illi mors</i> etc. Sicut miles per equum, sic diabolus, cui nomen est mors, quia 'per eum mors intravi in orbem terrarum', per huius saeculi crudelem tyrannum diruit et conturbat Christi Ecclesiam. Quem mercenarius cum viderit venientem, <i>dimittit oves et fugit, et lupus rapit et dispergit oves.</i> Ille dimittit et iste rapit, ille fugit et iste dispergit. Diabolus, tamquam lupus, quidquid pede superbiae presserit occidit. Unde David, huius pede premi timens, orabat dicens: <i>Non veniat mihi pes superbiae.</i> Sicut enim omnia membra pedi innituntur, sic omnia vitia superbiae, quia ipsa, 'initium omnis peccati'. Diabolus insidiatur ovibus, idest Ecclesiae fidelibus, quorum guttura restringit, ne peccata confiteantur. Qui

de Deus. Está deitado no seu aposento, ou seja, dissoluto no atoleiro da carne; os seus olhos, isto é, a luz da razão e da inteligência, estão entenebrecidos pela caligem, ou seja, pelo amor dos bens terrenos; e desta forma não pode ver a lâmpada, a graça de Deus, antes de ser extinta, isto é, não pensa ou não se conhece privado da luz da graça, a não ser quando nele a luz da mesma graça estiver extinta. De facto, há muitos que de tal modo se cegam, que não conhecem a perda da graça de Deus senão quando caíram na cegueira do pecado mortal. Com razão, pois, se diz no Apocalipse: E vi o **cavalo negro**, isto é, o mercenário, coberto, não pela serenidade da graça, mas pelas trevas da culpa.

E o que montava sobre ele segurava uma balança na mão. Este cavaleiro, isto é, o mercenário, é o espírito do negócio. Excitado pelas esporas, vende a dinheiro, qual negociante, a pomba, a graça de Deus, que deve ser dada de graça, e dessa maneira faz da casa de Deus casa de negócio. Segura na mão a balança enganosa, a respeito da qual escreve Oseias. *Canaã tem na mão uma balança enganosa; amou a calúnia.* Canaã interpreta-se negociante e significa o mercenário da Igreja, que, intrometido em negócios seculares, não cuida das ovelhas de Deus. Diz S. Jerónimo: O negócio no clérigo é o mesmo que a usura no leigo. [...]

11. *Este mercenário, porque as ovelhas não são dele, vê vir o lobo e foge.* Chama-se lobo por ter nas patas como que a força do leão. Tudo o que pisa com a pata não vive; arma ciladas às ovelhas, agarra-as pelo pescoço para as estrangular depressa. A estrutura do corpo é muito rija, de modo [...]. **O lobo significa o diabo (XV) e o tirano deste mundo, cujo cavaleiro é o diabo (XVI).**

Este é o quarto cavalo, de que se fala no Apocalipse: *E vi um cavalo amarelo, e o que estava montado sobre ele tinha por nome Morte* etc. O que o soldado faz com o cavalo, fá-lo o diabo, cujo nome é Morte, já que por *ele entrou a morte neste mundo*, destruindo e perturbando a Igreja de Cristo por meio do cruel tirano deste século. O mercenário, ao vê-lo aproximar-se, *deixa as ovelhas e foge; e o lobo arrebatada e dispersa as ovelhas.* Aquele abandona e este arrebatada; aquele foge e este dispersa. O diabo, como o lobo, tudo o que pisar com a pata da soberba mata. Por isso, David, temendo ser pisado pela sua pata, orava com estas palavras: *Não venha sobre mim o pé do soberbo.* Assim como todos os membros se apoiam no pé, também todos os vícios se apoiam na soberba, início de todo o pecado. O diabo arma ciladas às ovelhas, os fiéis da Igreja, cujas

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
015 (cont.)	2º Domingo depois da Páscoa (cont.)	Eu sou o bom pastor. (Cont.)	Dilatatio Cláusula II - A fuga do mercenário e a rapina do lobo (Cont.)			tantae est superbiae, ut cervicem ad humilitatem flectere non possit. Improvise impetutationis invadit, sed a sanctis, qui eius non ignorant astutias, deluditur. Hic si hominem incautum viderit, eum a sui criminis confessione et a sui Creatoris laude obmutescere facit. Si vero homo sibi invigilans tentationem eius praeviderit, diabolus se deprehendi erubescit, et sic tentationis vires amittit. Cum vero in sanctis non invenit quod comedat, terram, idest avaros et luxuriosos, vescitur. In montem, idest ad illos qui sunt in dignitatis sublimitate, ascendit, et ibi vento vanae gloriae et pompae saecularis se reficit. Diabolus super omnia duo specialiter timet: ignem caritatis et viam tritam humilitatis. Si haec duo mercenarius haberet, non utique fugeret, sed ideo <i>fugit, quia mercenarius est et non pertinet ad eum de ovibus.</i> Mercenarius et diabolus quadam amicitia coniuncti sunt et pactione confederantur. Dicit diabolus praelato, sicut dixit rex Sodomorum Abrahae, in Genesi: <i>Da mihi animas, cetera</i>, idest lanam, carnem et lac, <i>tolle tibi</i>. Diabolus et saeculi tyrannus faciunt nostri temporis praelatis, sicut lupi piscatoribus Maeotinae paludis. Dicitur quod 'veniunt lupi ad loca propinqua piscatorum et, si dederint eis pisces, non nocebunt eis; si vero non dederint, corrumpent retia, quando extendunt ea super terram ad exsiccandum'. Sic Ecclesiae praelati pisces, idest animas, quae in aqua Baptismatis vivunt, dant diabolo, et bona ecclesiastica saeculari tyranno, ne retia suae negotiationis et temporalis intricationis et connexionem suae consanguinitatis impedian et corrumpant. Bene ergo dicitur: <i>Et ecce equus pallidus et qui sedebat super eum nomen illi mors, et infernus sequebatur eum, "idest insatiabiles terrenis eum imitantur. Et data est illi potestas super quattuor partes terrae, idest super omnes malos ubique morantes"</i> (XVII), <i>interficere gladio "malae persuasionis, fame divini verbi"</i> (XVIII), morte mortalis peccati, et bestiis terrae, idest primis motibus carnis miserae. [...]
				XVII	Glo. Ord., Ap 6,8.	
				XVIII	Glo. Int., ibidem.	

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
017	4.º Domingo depois da Páscoa	Vou para aquele que me enviou.	Dilatatio Cláusula I - O regresso de Jesus Cristo ao Pai	I	2 Sm 21,19.	[...] 4 - Pater misit nobis Filium, datum optimum et donum perfectum, de quo habes concordantiam in hodierna epistola beati Iacobi: <i>Omne datum optimum et omne donum perfectum</i> etc. <i>Optimum</i> , idest summum; <i>perfectum</i> est "cui nihil potest adici". Christus est <i>datum optimum</i> , quia a Patre, summus eius Filius coaeternus, nobis est datus. Unde dicitur in secundo libro Regum (I): <i>Tertium bellum fuit in Gob contra Philisthaeos, in quo percussit Adeodatus, filius Saltus, polymitarius, Bethleemites, Goliath Gethaeum.</i> [Adeodatus] "David - AD LITTERAM - [quia] fuit datus a Deo populo Israel". <i>Filius Saltus</i> , 'quia pascebat oves patris sui in saltu', unde: <i>De post fetantes accepit eum. Polymitarius</i> , "quia mater eius fuit de genere Beseleel", 'qui fuit ut dicitur in Exodo, polymitarius', idest artifex vestium: <i>polymita</i> est vestis multi coloris". <i>Bethleemites</i> , 'quia in Bethleem extitit oriundus'. ALLEGORICE. <i>Tertium bellum fuit in Gob</i> etc. Nota quod triplex bellum diabolus fecit Domino: in caelo, cum per superbiam voluit usurpare divinitatis excellentiam; in paradiso, cum ad iniuriam Creatoris, falsae promissionis blanditiis, primos parentes decepit: in mundo, cum ipsum Deum et hominem tentavit in deserto et affgi fecit crucis patibulo. Unde de hoc tertio bello dicitur: <i>Tertium bellum fuit in Gob, "quod interpretatur lacus" (II)</i> , et significat mundum, in quo est 'lacus miseriae et lutum faecis'. "Lacus dictus, quasi aquae locus, stat enim, nec profluit". In hoc mundo est aquae, idest superbiae, luxuriae et avaritiae locus, quae numquam proluunt, immo quotidie crescunt. In hoc lacu David, qui inerpretatur misericors, est lesus Christus, cuius misericordiae non est numerus, qui a Deo Patre sola misericordia nobis fuit datus, qui est omne datum optimum; <i>interfecit Goliath Gethaeum. "Goliath interpretatur transfigurans; Gethaeus, formidans" (III)</i> ; et significat diabolum, qui <i>transfigurat se in angelum lucis</i> , quia in propria forma formidat deprehendi, Hunc interfecit noster David, cum ei mundi dominium abstulit et carcere inferni reclusit. [...]
				II	Glo. Ord., 2 Sm 21,18.	[...] 4. O Pai enviou-nos o Filho, <i>dádiva excelente e dom perfeito</i> , de que há concordância na epistula de hoje de S. Tiago: <i>toda a dádiva excelente e do perfeito</i> , etc. Excelente, isto é, sumo; perfeito é aquilo a que não pode juntar-se nada. Cristo é dádiva excelente, porque nos foi dado pelo Pai o Filho supremo, eterno como o Pai. Daí o dizer-se no segundo livro dos Reis (I): <i>Houve uma terceira guerra em Gob contra os filisteus, na qual Adeodato, filho do que tecia panos de cores, betlemita, matou Golias de Get.</i> Adeodato é David, à letra, porque foi dado por Deus ao povo de Israel. Foi filho do Salto, porque apascentava as ovelhas do seu pai num salto; donde: <i>Tomou-o do meio do rebanho das ovelhas prenas</i> . Tecia panos de cores, porque a sua mãe descendia de Beseleel, tecelão de panos de cores, isto é, alfaiate, segundo consta no Êxodo. Polimita é uma veste de variada cor. Foi <i>betlemita</i> , porque oriundo de Belém. Sentido alegórico. <i>Houve uma terceira guerra em Gob</i> etc. Nota que o diabo fez tríplice guerra ao Senhor: No céu, quando quis pela soberba usurpar a excelência da divindade; no paraíso, quando enganou os primeiros pais com o engodo de falsas promessas, para injúria do Criador; no mundo, quando tentou no deserto o mesmo Deus e Homem e contribuiu para que fosse pregado no patíbulo da cruz. Escreve-se desta terceira guerra: <i>Houve uma terceira guerra em Gob. Gob interpreta-se lago (II)</i> e significa o mundo, onde há um lago de miséria e lodo de fezes. Lago é como um lugar de água: está e não corre. Neste mundo há um lago de água, lago de soberba, luxúria e avareza, que não correm nunca, antes todos os dias crescem. Neste lago, <i>David</i> , que se interpreta misericordioso, isto é, Jesus Cristo, cuja misericórdia não tem medida, que só por misericórdia Deus Pai no-lo deu, o qual é uma dádiva toda excelente, <i>matou Golias de Get. Golias interpreta-se o que transfigura; Get, o que tem medo (III)</i> . Significa o diabo, que se transfigura em anjo de luz, porque na fórmula própria tem medo de ser descoberto. O nosso David matou-o, ao roubar-lhe o domínio do mundo e ao metê-lo no cárcere do inferno. [...]
				III	Glo. Int., 1 Sm 17,23; JERON., DNHL., PL 23, 822.	
021	1º Domingo depois do Pentecostes.	Havia um homem rico.	Exordium. Sermão ao prelado ou pregador da Igreja.	I	1 Sm 17,40.	1 - [...] Dicitur in primo libro Regum (I) quod David <i>tulit baculum suum, quem semper habebat in manibus, et elegit sibi quinque limpidissimos lapides de torrente, et misit eos in peram pastorem, quam habebat secum, et fundam manu tulit, et processit adversum Philisthaeum.</i> Nota ista quattuor verba: baculum, quinque lapides, peram et fundam. <i>"In baculo crux</i>

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
021 (Cont.)	1º Domingo depois do Pentecostes. (Cont.)	Havia um homem rico. (Cont.)	Exordium. Sermão ao prelado ou pregador da Igreja.			Christi” (II), ‘in quinque lapidibus scientia Veteris Testamenti, in pera gratia Novi’ (III), in funda aequa libra iudicii. David ergo, idest prædicator, debet accipere baculum, idest Christi crucem, ut, ipsi innixus, facilius possit sustinere viae laborem. [...] <i>Et elegit quinque limpidissimos lapides de torrente et misit eos in peram pastorem, quam habebat secum.</i> [...] ‘Quinque lapides sunt quinque libri Moysi’ (IV), per quos scientiam totius Veteris Testamenti intelligimus, quos prædicator in adiutorium suae prædicationis de torrente, idest abundantia Sacrae Scripturae, debet tollere et inperam evangelii reponere. In Novo enim Testamento Veteris intelligentia reponitur, quia <i>rota est medio rotae.</i> Vel, per quinque lapides quinque sensuum durae increpationes designantur, quibus carnis sensibus dediti durissime sunt ferendi. Nam Veteris Testamenti transgressores, lapidibus obruti, figurabant Novi Testamenti peccatores, duris increpationibus ferendos. <i>Et fundam</i>, inquit, <i>manu tulit et processit adversus Philisthaeum.</i> In funda, quae aequales habet habenas, doctrinae et Vitae aequalitas designatur. Hanc fundam prædicator manu debet tollere, ut manus ori, conversatio prædicationi aequaliter respondeat; et sic adversus Philisthaeum poterit procedere et ipsum interficere. “Philisthaeus interpretatur potione cadens” (V) et significat huius mundi divitem purpuratum, potione gulae et luxuriae inebriatum, qui a gratia cadit in culpam et a culpa postmodum ruiturus gehennam, de quo dicitur in hodierno evangelio: <i>Homo quidam erat dives</i> etc. [...]
				II	<i>Glo. Ord.</i> , 1 Sm 17,41.	
				III	<i>Glo. Int.</i> , 1 Sm 17,40.	
				IV	<i>Glo. Int.</i> , 1 Sm 17,40.	
			V	<i>Glo. Ord.</i> , 1 Sm 4,1.		
			Dilatatio Cláusula II - O enterro do Epulão e de Lázaro.	VI	1 Sm 26,12-13.14.16.	[...] 16 - Super hoc habes concordantiam in primo libro Regum (VI), ubi dicitur, quod ‘tulit David hastam et scyphum aquae, quae erat ad caput Saul. Cumque transisset David ex adverso et sederet in vertice montis de longe, et esset grande intervallum inter eos, clamavit et dixit ad Abner: Vide nunc ubi sit hasta regis et ubi sit seyphus aquae, qui erat ad caput eius’. ”David manu fortis”, ”Saul abutens interpretatur”. In hasta divitiarum, in scypho aquae voluptas gulae designatur. David Lazarum mendicum, qui in tantae adversitatis angustia fortis fuit; Saul divitem purpuratum, qui bonis a Deo sibi concessis abusus fuit, significat. David tulit Sauli hastam et scyphum aquae, quia Lazarus, eo quod noluit sibi misereri, abstulit Sauli, ccausative intellige, hastam, idest potentiam divitiarum, et scyphum aquae idest voluptatem gulae. Et Lazarus transivit de angustia cinco pedras, a ciência do Velho Testamento; o surrão, a graça do Novo (III); a funda, a balança exacta do juízo. David, portanto, isto é, o pregador, deve pegar no cajado, isto é, na cruz de Cristo, para que nele apoiado mais facilmente possa suportar o trabalho do caminho. [...] <i>E escolheu na torrente cinco pedras bem lisas, e meteu-as no surrão de pastor, que trazia consigo.</i> [...] As cinco pedras são os cinco livros de Moisés (IV). Por eles entendemos toda a ciência do Velho Testamento. Para auxílio da sua pregação, o pregador deve tomá-los da torrente, isto é, da abundância da Sagrada Escritura, e repô-las no surrão do Evangelho. De facto, o Novo Testamento é resposta à inteligência do Velho, porque uma <i>roda está no meio da roda.</i> Ou então, as cinco pedras designam as duras reprimendas dos cinco sentidos, com que devem ser feridos durissimamente os que se dão aos sentidos da carne. Os transgressores do Velho Testamento, apedrejados, figurava, os pecadores do Novo Testamento, que devem ser feridos com duras reprimendas. <i>E tomou a funda na mão, e saiu contra o filisteu.</i> A funda, que tem correias iguais, designa a igualdade da doutrina e da vida. O pregador deve tomar na mão esta funda, para que a mão e a boca correspondam igualmente à vida e à pregação. Assim, poderá sair contra o filisteu e matá-lo. Filisteu interpreta-se o que cai com a bebida (V), e significa o rico deste mundo coberto de púrpura, inebriado com a poção da gula e da luxúria; cai da graça em culpa, e da culpa se despenhará depois na geena. Dele se diz no Evangelho de hoje: <i>Havia um homem rico</i> etc. [...] [...] 16. Sobre este assunto há concordância no primeiro livro dos Reis (VI) onde se diz <i>que David tomou a lança e o copo de água que estava à cabeceira de Saul.</i> E tendo David passado à parte oposta e parado ao longe no alto do monte, e havendo entre eles grande distância, bradou e disse a Abner: Vê agora onde está a lança do rei e onde está o copo da água, que estava à sua cabeceira. David interpreta-se forte de mão, e Saul o que abusa. A lança designa as riquezas; o copo da água, o prazer da gula. David significa o mendigo Lázaro, forte na angústia de tão grande adversidade; Saul, o rico vestido de púrpura, abusador dos bens que Deus lhe concedera. David tirou a Saul a lança e o copo de água. Lázaro, por não querer compadecer-se de si, roubou a Saul (entenda-se causativamente) a lança, ou seja, o poder da riqueza, e o copo de água, isto é, o

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
021 (Cont.)	1º Domingo depois do Pentecostes. (Cont.)	Havia um homem rico. (Cont.)	Dilatatio Cláusula II - O enterro do Epulão e de Lázaro.			ad quietem et sedit in vertice montis de longe, idest requievit in sinu Abrahae, qui erat longe a poenis divitis. <i>Et elevans oculos a longe etc. Et clamavit David ad Abner: Vide ubi est hasta regis, et ubi est scyphus aquae, qui erat ad caput eius.</i> O epulo dives, ubi est nunc hasta divitiarum, qua solebas percutere pauperes? Ubi scyphus aquae, ubi voluptas gulae? Modo intingat linguam tuam, qui in flamma cruciaris. Bene ergo dicitur: <i>Hic consolatur, tu autem cruciaris.</i> [...]
022	2º Domingo depois do Pentecostes	Um homem preparou uma grande ceia.	Exordium. A luta dos demónios e dos justos.	I	1 Sm 17,1-2.	1- [...] Dicitur in primo libro Regum (I): Congregantes Philisthiim agmina sua in proelium, convenerunt in Socho Iudae, et castrametati sunt inter Socho et Azeca, in finibus Dommim. Porro Saul et filii Israel congregati convenerunt in valle Terebinthi et direxerunt aciem ad pugnandum contra Philisthiim. "Philisthiim potione cadentes" (II), 'Socho tabernacula' (III), "Iudas confessio" (IV), "Azeca decipula" (V), 'Dommim rubra interpretantur' (VI). "Philisthiim sunt daemones, qui, potione superbiae inebriati, de caelo ceciderunt" (VII). Hi congregantes agmina sua, conveniunt in proelium in Socho Iudae, idest ad proeliandum contra illos qui militant in tabernaculis poenitentiae; et inter Socho et Azeca, quae est in finibus Dommim, castrametantur. Daemones enim ad hoc impugnant viros iustus, ut decipula perversae suggestionis decipiant et, decipientes, in sanguinem peccati perducant. Unde dicitur in tertio libro Regum quod 'canes linxerunt sanguinem Achab'. Canes sunt daemones, qui lingunt sanguinem Achab, "qui interpretatur fraternitas paternitatis", idest illius qui solebat habitare in fraternitate poenitentium, qui unum Deum habent Patrem. Filii vero Israel, idest veri praedicatores, in unitate fidei congregati, debent dirigere aciem mentis et praedicationis ad pugnandum contra daemones. Sed, in quo loco? In valle utique Terebinthi, idest humilitate crucis, 'ex qua emanavit praestantissima resina' (VIII) sanguinis Iesu Christi, qui dicit in hodierno evangelio: <i>Homo quidam fecit cenam magnam</i> etc. [...]
				II	Glo. Ord., 1 Sm 4,1.	
				III	Glo. Int., 1 Sm 17, 1.	
				IV	Glo. Int., Gn 29, 35.	
				V	Glo. Ord., 1 Sm 1. c.	
				VI	Glo. Ord., ibidem; JERON., DNLH., PL 23, 857.	
				VII	Glo. Ord., 1 Sm 4,1.	
				VIII	Glo. Int., 1 Sm 17, 2.	
prazer da gula. E Lázaro passou da angústia à quietação e parou ao longe no alto do monte, isto é, descansou no seio de Abraão, que estava longe das pernas do rico. <i>E, levantando os olhos, viu ao longe</i> etc. <i>E bradou David a Abner : Vê agora onde está a lança do rei e onde está o copo de água, que estava à cabeceira.</i> Ó rico Epulão, onde está agora a lança das riquezas com que costumavas ferir os pobres? Onde está o copo de água? Onde está o prazer da gula? Agora molha a tua língua, tu que és atormentado na chama. Com razão se diz pois: <i>Este é consolado e tu atormentado.</i> [...]						
1. [...] Lê-se no primeiro livro dos Reis (I): os filisteus, juntando as suas tropas para combater, reuniram-se em Soco e Judá, e acamparam entre Soco e Azeca, nos confins de Domim. Saul, porém, e os filhos de Israel reuniram-se e foram para o vale de Terebinto, e formaram o exército em batalha para combater contra os filisteus. Filisteus interpretam-se os que caem com a bebida (II); Soco, tabernáculos (III); Judá, confissão (IV); Azeca, armadilha (V); Domim, vermelha (VI). Os filisteus são os demónios que, inebriados pela bebida da soberba, caíram do céu (VII). Estes reúnem-se em Soco e Judá, para combater contra aqueles que militam nos tabernáculos da penitência; e acampam entre Soco e Azeca, que é nos confins de Domim. De facto, os demónios impugnam até os homens justos, para os enganarem com a armadilha da sugestão perversa e, enganados, os conduzirem ao sangue do pecado. Por isso, diz-se no terceiro livro dos Reis que os cães são os demónios. Lambem o sangue de Acab, que se interpreta fraternidade da paternidade, isto é, daquele que costumava habitar na fraternidade dos penitentes, os quais têm um só Deus, o Pai. Porém, os filhos de Israel, ou seja, os verdadeiros pregadores, reunidos na unidade da fé, devem dirigir o exército do espírito e da pregação ao combate contra os demónios. Mas em que lugar? Certo, no vale de Terebinto, isto é, na humildade da cruz, de que saiu o utilíssimo bálsamo (VIII) do sangue de Jesus Cristo, que diz no Evangelho de hoje: <i>Um homem preparou grande ceia</i> etc. [...] <i>O Senhor dos exércitos fará para todos os povos, neste monte, um banquete de manjares deliciosos, um banquete de vinhos puros.</i> Eis de que modo concorda o Evangelho com Isaías: O Senhor diz: <i>Um homem fez uma grande ceia.</i> Isaías: O Senhor dos exércitos fará etc. <i>Ali diz-se grande ceia;</i> aqui, <i>banquete de manjares deliciosos.</i> [...] (IX) o Senhor dos exércitos, ou seja, o						

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
022 (Cont.)	2º Domingo depois do Pentecostes	Um homem preparou uma grande ceia. (Cont.)	Exordium. A luta dos demónios e dos justos. (Cont.)	IX	Glo. Ord., 2 Sm 22,19.	dicitur. [...] (IX) Dominus exercituum, 'idest angelorum' , convivium pinguium, idest conventum omnium sanctorum, qui caritatis pinguedine erunt saginati, de Dei visione gaudio [...] Vocat Dominus ad primam cenam, scilicet poenitentiam. Unde Isaías: <i>Vocavit Dominus Deus exercituum in die illa ad fletum et ad planctum et ad calvitium et ad cingulum sacci.</i> [...] 6 - [...] 'Villa, a vallo, idest aggere terrae vel fossa dicta', 'est amor dominandi', de quo dicit beatus BERNARDUS (X): 'Non ignem, non gladium sic timeo, sicut libidinem dominandi' , [...] Unde habes concordantiam in primo libro Regum, ubi dicitur quod (XI) 'arca foederis Domini exercituum, sedentis super cherubim, venit in castra, quae capta est a Philistiim' . 'Arca est vir contemplativus', 'in quo est manna suavitatis, tabulae utriusque legis, virga correctionis'. Hic dicitur arca foederis Domini [...]
				X	BERN., DC, III, 1, 2, PL 182, 759.	Senhor dos Anjos, fará um banquete de manjares deliciosos [...] O Senhor chama para a primeira ceia, a da penitência. Onde também Isaías: O Senhor Deus dos exércitos convidou-nos naquele dia ao gemido e ao pranto, a rapar a cabeça e a vestir-nos de saco. [...] 6. [...] A quinta, cuja origem etimológica quer dizer monte de terra ou fossa, figura o desejo de dominar, do qual diz S. Bernardo (X): Não temo tanto o fogo nem a espada como temo o prazer de dominar. [...] Com isto está de perfeito acordo o que se lê no primeiro livro dos Reis, onde se diz que (XI) a arca da aliança do Senhor dos exércitos, que está sentado sobre os Querubins, veio ao acampamento, a qual foi tomada pelos Filisteus. A arca é o contemplativo. Nele existe o maná da suavidade, as tábuas de ambas as Leis e a vara da correção. Chama-se-lhe arca da aliança do Senhor [...]
				XI	1 Sm 4,4.5.11.	
			Exordium Cláusula II - A escusa dos convidados.	XII	1 Sm 28,15.	7 - <i>Et necesse habeo exire et videre illam.</i> Nota ista verba: necesse habeo, exire et videre. Qui villam dominationis terrenae sibi acquirit, necessitas sibi incumbit; qui, cum liber esset, se miserabili servitute servum fecit. Sic Saul, ut dicitur in primo libro Regum (XII), necessitate compulsus, descendit ad pythonissam, quae erat in Endor : unde et dixit: Coarctor nimis. Siquidem Philistiim pugnant adversum me, et Deus recessit a me et exaudire me noluit. Villa et pythonissa idem significant. "Endor interpretatur fons generationis", per quem intelligimus Adam, qui fuit fons et origo humanae generationis, qui, dato paradisi pretio in suae animae dispendio, villam dominandi emere voluit, cum falso audivit: <i>Eritis sicut dii</i> . Unde illi qui dominationem [...]
023	3º Domingo depois do Pentecostes.	Iam-se aproximando de Jesus os publicanos.	Dilatatio Cláusula II - O encontro da ovelha perdida.	I	2 Sm 1,17.21.	7. <i>E é-me necessário ir vê-la.</i> Nota as palavras: ser necessário, ir e ver. Quem adquire a quinta da dominação terrena, pesa-lhe a necessidade, porque, sendo livre, fez-se escravo de miserável servidão. Também Saul, como se diz no primeiro livro dos Reis (XII), impelido pela necessidade, dirigiu-se à pitonisa que havia em Endor. Por isso, também disse: <i>Acho-me no último aperto; porque os Filisteus fazem-me guerra, e Deus retirou-se de mim e não me quis ouvir.</i> A quinta e a pitonisa significam o mesmo. Endor interpreta-se fonte de geração. Por ela entendemos Adão, fonte e origem da geração humana. Tendo-se-lhe dado o preço do Paraíso a expensas da sua alma, quis comprar a quinta do domínio, quando ouviu a falsidade: <i>Sereis como deuses</i> . Por isso, aqueles que procuram dominar [...]
				II	Ef 6,16.	[...] 9 - Unde, de huius ovis amissione et amissae dolore, habes concordantiam in secundo libro Regum (I): Planxit David planctum huiusmodi super Saul et super Ionatham filium eius: Montes Gelboe, nec ros nec pluvia veniant super vos, neque sint ibi agri primitiarum, quia ibi abiectus est clypeus fortium, clypeus Saulis, quasi non esset unctus oleo. [...]
						Clypeus est fides, Unde Apostolus (II): Assumentes scutum fidei, in quo possitis omnia tela nequissimi ignea extinguere. Fides temporalia abicit, quia in ipsorum abundantia deperit. In hoc clypeo viri iusti fortiter solent pugnare. Unde dicitur in libro Iosue (III): Leva, inquit Dominus ad Iosue, clypeum qui in manu

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
023 (Cont.)	3º Domingo depois do Pentecostes (Cont.)	Iam-se aproximando de Jesus os publicanos. (Cont.)	Dilatatio Cláusula II - O encontro da ovelha perdida. (Cont.)	III	Js 8,18-19.	<i>tua est, contra urbem Hai, quoniam tradam eam tibi. Cumque elevasset clypeum ex adverso civitatis, insidiae quae latebant surrexerunt confestim, et pergentes ad civitatem ceperunt et succenderunt eam.</i> Clypeus in manu est fides in opere, quam cum a terrenis elevamus, Hai, 'quae interpretatur acervus lapidum' (IV), idest abundantia temporalium, capitur et succenditur. Capitur, ut pauperibus dispergatur, succenditur; cum fervore spiritus quasi pulvis et cinis reputatur. Clypeum cum manu contra Hai elevat, qui fidem opere adjuvat, quibus mundi superbiam et abundantiam, contemnendo, devastat.
				IV	Glo. Ord., Js 8,1.	escudo na mão é a fé posta por obras. Quando a elevamos dos bens terrenos, Hai, que se interpreta montão de pedras (IV) , e simboliza a abundância de bens temporais, é tomada e incendiada. É tomada para ser distribuída aos pobres; é incendiada quando em fervor de espírito se reputa pó e cinza. Eleva o escudo com a mão e contra Hai quem faz acompanhar a fé de obras. Com elas devasta, pelo seu desprezo, a soberba e a abundância do mundo.
				V	2 Sm 1,21.	Bene ergo dicitur (V): Quia ibi abiectus est clypeus fortium, clypeus Saul, quas non esset unctus oleo. Superbi et avari fidem Iesu Christi et gratiam Baptismi, qua sunt inuncti, in sterquilinum divitiarum abiciunt, dum ipsa temporalia quaerunt. [...]
			Dilatatio Cláusula III - A recuperação da dracma perdida	VI	2 Sm 20,8-10.	[...] 14 - Qualiter autem ista drachma perdatur, habes concordantiam in secundo libro Regum, ubi dicitur quod Ioab, filius Sarviae, occidit duos principes exercitus Israel: Abner fillium Ner et Amasam filium Gether. Abner sic interfecit: (VI) Adduxit eum Ioab, ut in eodem libro dicitur, ad medium portae, ut loqueretur ei in dolo; percussit illum in inguine et mortuus est. Quod cum audisset David, ait: Non deficiat de domo Ioab fluxum seminis sustinens, et leprosus, tenens fusum et cadens gladio et indigens pane. Item, Amasam sic interfecit: Porro (VII) Ioab vestitus erat tunica stricta ad mensuram habitus sui, et desuper accinctus gladio dependente ad ilia in vagina, qui fabrefactus levi motu egredi poterat et percutere. Dixit itaque Ioab ad Amasam: Salve, mi frater; et tenuit manu dextera mentum Amasae, quasi osculans eum. Porro Amasa non observavit gladium, quem habebat Ioab; qui percussit eum in latere; nec secundum vulnus apposuit. Nota quod per istos detos duos principes, Abner et Amasam, duo praecepta caritatis, Dei scilicet et proximi intelliguntur. (VIII) Per Abner, "qui interpretatur patris lucerna" , Dei caritas, qua sedentes in tenebris illuminamur. (IX) Per Amasam, "qui populum levans interpretatur" , proximi caritas, quae ipsius necessitatem sublevat, designatur. Haec duo praecepta (X) Ioab, "qui interpretatur inimicus. idest diabolus, noster adversarius" , tali modo inferficat in nobis: primo Dei, secundo proximi caritatem. Adduxit , inquit, Ioab Abner
				VII	2 Sm 20,8-10.	[...] 14. De que modo, porém, se perde esta dracma há concordância no segundo livro dos Reis, onde se diz que Ioab, <i>filho de Sárvia</i> , matou dois príncipes do exército de Israel, Abner, filho de Ner, e Amasa, filho de Geter. Matou Abner desta forma: (VI) Joab trouxe-o, como no mesmo livro se diz, ao meio da porta para lhe falar traiçoeiramente; e feriu-o na virilha e morreu. Ouvindo David o que tinha acontecido, disse Não falte na casa de Joab quem padeça de gonorreia e quem seja leproso e que pegue no fuso e quem seja morto à espada, e quem seja privado de pão. Matou assim Amasa: (VII) Joab estava vestido com uma túnica estreita, que ficava justa ao corpo, e sobre ela levava cingida a espada, pendente até às ilhargas, dentro da sua bainha, a qual tinha sido feita com tal arte, que num momento podia sair e ferir. Disse, pois, Joab a Amasa: Salve, meu irmão. E com a mão direita tomou Amasa pela barba, como para o beijar. Ora Amasa não reparou na espada que Joab trazia, e este feriu-o num lado; e não foi preciso segundo golpe. Nota que por estes dois príncipes, Abner e Amasa, se entendem os dois preceitos da caridade, de Deus e do próximo. (VIII) Por Abner, que se interpreta candeeiro do Pai , entende-se a caridade de Deus com que nós, os que vivemos nas trevas, somos iluminados. (IX) Por Amasa, que se interpreta o que levanta o povo , entende-se a caridade para com o próximo. A caridade alivia-lhe as necessidades. (X) Joab, que se
				VIII	Glo. Ord., 2 Sm 3,17.	
				IX	JERON., DNLH, PL 23, 863.	
				X		

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
023 (Cont.)	3º Domingo depois do Pentecostes (Cont.)	<i>Iam-se aproximando de Jesus os publicanos.</i> (Cont.)	Dilatatio Cláusula III - A recuperação da dracma perdida (Cont.)		Glo. Ord., 2 Sm 1. c.	<i>ad mediun portae</i> etc. Nota ista tria verba: <i>medium portae</i> , in dolo, in inguine. <i>Diabolus</i> , ut in nobis interficiat caritatem Dei, primo adducit nos ad <i>medium portae</i> . Porta est ingressus et egressus vitae nostrae, cuius <i>medium</i> est mundi vanitas. <i>Diabolus</i> enim non ad portam sed ad <i>medium</i> ducit, quia excaecat peccatorem, ut non miserabilem ingressum et egressum vitae suae consideret, sed vanitatem fallacem attendat; (XI) in qua, dum ei loquitur in dolo, temporalia promittendo, percutit eum in inguine, 'idest carnis voluptate' , et sic anima moritur et caritas Dei perditur. Item, Amasam sic interfecit. <i>Porro loab vestitus erat</i> etc. <i>Tunica stricta</i> diaboli sunt omnes perversi, quibus se induit, et ad mensuram sui habitus sibi astringit, quia eorum malitiam suae malitiae coaequare satagit. <i>Gladius in vagina</i> est diaboli suggestio in perversorum mente. [...]
				XI	Glo. Ord., 2 Sm 1. c.	interpreta inimigo, isto é, diabo, nosso adversário , mata assim em nós os dois preceitos: o da caridade para com Deus e o da caridade para com o próximo. <i>Trouxe Joab a Abner ao meio da porta</i> etc. Nota as três palavras: <i>meio da porta</i> , <i>traíçoeiramente</i> , <i>virilha</i> . O diabo, para nos matar a caridade de Deus, primeiro traz-nos ao meio da porta. A porta é a entrada e a saída da nossa vida. A vaidade do mundo é o meio. O diabo, pois, não conduz à porta, mas ao meio, porque cega o pecador a não considerar a miserável entrada e saída da sua vida, mas a atender à vaidade falaz. (XI) Nesta, enquanto lhe fala traíçoeiramente, prometendo bens temporais fere-o na virilha, isto é, no prazer da carne ; e assim a alma morre e a caridade de Deus perde-se. E matou Amasa da seguinte forma. Joab vestia-se de túnica etc. A túnica estreita do diabo são todos os perversos, com que se veste e aperta, segundo a medida do seu hábito, porque se empenha por igualar a malícia deles à própria. A espada na bainha é a sugestão do diabo no espírito dos perversos. [...]
025	5º Domingo depois do Pentecostes.	<i>Quando a multidão se comprimiu à volta de Jesus.</i>	Dilatatio Cláusula IV - A estupfação de Pedro e dos seus companheiros e o abandono de tudo o que possuíam.	I	Jz 15,15.	20 - [...] <i>Stupor</i> , inquit, <i>circumdederat eum</i> etc. Stupet Petrus et eius socii, in tanta captura piscium. Debemus et nos stupere in conversione peccatorum, sicut faciebant illi, de quibus in libro Iudicum, quod percussit (I) Samson Philisthaeos ingenti plaga, ita, ut, stupentes, suram femori imponent. 'Sura est posterior pars tibiae' (II) . Cum Dominus percutit Philisthaeos, "idest daemones" (III) , et liberat Israel, idest animam, de eorum, stupentes suram femori debemus superponere. In femore, carnis delectatio, cui tunc suram superponimus, cum, exemplo peccatoris conversi, carnis delectationem carnis afflictione reprimimus. [...]
				II	ISID., Diff. I, 546, PL 83, 65.	20. [...] O espanto possuía-o etc. Espanta-se Pedro e os seus companheiros por causa de tamanha pesca de peixe. Devemos também nós espantar-nos na conversão dos pecadores, tal como faziam aqueles de que se escreve no livro dos Juizes (I): Sansão fez nos filisteus grande destroço, de sorte que, espantados, punham a sura sobre as coxas. A sura é a parte posterior da tibia (II) . Quando o Senhor fere os filisteus, que são os demónios (III) , e liberta das suas mãos a Israel, isto é, a alma, espantados, devemos pôr a sura sobre a coxa. A coxa designa o deleite da carne. Em cima dela pomos a sura quando, convertidos pelo exemplo do pecador, reprimimos o deleite da carne com a mortificação da carne. [...]
				III	Glo. Ord., 1 Sm 4,1.	
027	7º Domingo depois do Pentecostes	<i>Estando grande multidão com Jesus.</i>	Dilatatio Cláusula I - A comiserção de Jesus Cristo pela turba.	I	2 Rs 6,24-25.	[...] 3 - Dicamus ergo: <i>Cum turba multa esset cum Iesu, nec haberent quod manducarent, convocatis discipulis ait illis: Misereor super turbam, quia ecce iam triduo sustinent me, nec habent quod manducant</i> , et si dimisero eos ieiunos in domum suam, deficient in via, quidam autem ex eis de longe venerunt. Super hoc habes concordantiam in quarto libro Regum, ubi dicitur, quod congregavit (I) Benadad, rex Syriae, universum exercitum suum, et ascendit, et obsidebat Samariam. Factaque est fames magna in Samaria; et tamdiu obsessa est, donec venundaretur caput asini octoginta argenteis, et quarta pars cabi stercoris columnarum quinque argenteis . Et paulo post: <i>Dixit autem Eliseus: Audite verbum Domini; haec dicit Dominus: In tempore</i> [...] 3. Digamos, pois: Estando grande multidão com Jesus, e não tendo que comer, chamando os discípulos, disse-lhes: Tenho compaixão deste povo, porque há já três dias que não se afastam de mim, e não têm que comer. E se os despedir em jejum para as suas casas, desfalecerão no caminho, porque alguns deles vieram de longe. Sobre este assunto confronte-se o quarto livro dos Reis (I) , onde se diz que Benadad, rei da Assíria, juntou todas as suas tropas, e foi sitiá-la Samaria. E houve uma fome em Samaria, e o cerco durou tanto que chegou a vender-se a cabeça de um jumento por oitenta moedas de prata, e a quarta parte dum cabe de esterco de pombas por cinco moedas de prata . E pouco depois: <i>E Eliseu disse: Ouvi a palavra do Senhor: Eis</i>

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
027 (Cont.)	7º Domingo depois do Pentecostes (Cont.)	<i>Estando grande multidão com Jesus. (Cont.)</i>	Dilatatio Cláusula I - A comiseração de Jesus Cristo pela turba (Cont.)			<i>hoc cras, modius similiae uno statere crit, et duo modii hordei statere uno in porta Samariae. Quid Benedad et eius exercitus, quid Samaria et quid fames, quid caput asini et octoginta argentei, quid quarta pars stercoris columbarum et quinque argentei, quid Eliseus et similiae modius, quid stater unus et duo modii hordei significant videamus.</i>
				II	JERON., DNLH, PL 23, 868.	'Benadad interpretatur filius spontaneus' (II) , et significat Luciferum, qui, creatricis gratiae filius, sua sponte, nemine cogente, et ideo irrecuperabiliter, cecidit. Unde Isaías: <i>Quomodo, idest irrecuperabiliter, cecidisti, Lucifer, qui mane oriebaris?</i> Hic est rex Syriae, "quae interpretatur sublimis vel humecta" (III) , idest illorum qui sunt in sublimitate superbiae et humore luxuriae. Iste cum exercitu suo obsidet Samariam.
				III	Glo. Ord., 2 Sm 8,2.	(IV) "Exercitus, ab exercitatione belli dictus , spiritus malignos significat, qui, diuturna bellandi consuetudine exercitati, animam impugnant. Cum tali exercitu obsidet diabolus Samariam, "quae interpretatur custodia" (V) , idest sanctam Ecclesiam vel fidelem animam, quae dum legem custodit ab ipsa custoditur.
				IV	ISID., Etym. IX, 3, 58, PL 82, 348.	4 - De qua civitate et ipsius obsidione dicit Salomon in Ecclesiaste (VI): Civitas parva et pauci in ea viri; venit contra eam rex magnus et vallavit eam, extruxitque munitiones per gyrum et perfecta est obsidio. Inventusque in ea vir pauper et sapiens liberavit urbem per sapientiam suam, et nullus deinceps recordatus est illius pauperis. Nota, quid civitas, quid pauci viri, quid rex magnus, quid vallavit, munitio et obsidio, quid vir pauper urbem liberans, primo allegorice deinde moraliter significant, videamus.
				V	Glo. Ord., 2 Rs 6,24.	"Civitas est Ecclesia, quae dicitur parva respectu malorum, qui multiplicati sunt super numerum bonorum" (VII) . Unde Salomon: <i>Perversi difficile corriguntur et stultorum numerus infinitus. Perversi</i> , idest in contrarium versi, dorsum et non faciem ad Deum vertentes, <i>difficile corriguntur</i> , idest, ad cor non redeuntes iustorum sensu, difficile reguntur; et ideo <i>stultorum</i> , 'qui corde sunt hebetes' <i>numerus infinitus. Multiplicasti</i> , inquit Isaías, <i>gentem et non magnificasti laetitiam</i>
				VI	Ecl 9,14-15.	o que diz o Senhor: <i>Amanhã a esta hora, dar-se-á um módio de flor de farinha por um estáter, e por um estáter se darão dois módios de cevada, à porta de Samaria.</i> Vejamos o que significa Benadad e o seu exército, Samaria e a fome, a cabeça do jumento e as oitenta moedas de prata, a quarta parte do esterco de pombas e as cinco moedas de prata, Eliseu e o módio de flor de farinha, o estáter e os dois módios de cevada. Benadad interpreta-se filho espontâneo (II) e significa Lúcifer. Lúcifer, filho da graça criadora, caiu espontaneamente, sem coacção de ninguém, e, por isso, irreparavelmente. Onde a palavra de Isaías: <i>Como caíste</i> , isto é, irreparavelmente, <i>Lúcifer, tu que ascias de manhã!</i> Lúcifer é o rei da Síria, que se interpreta sublime ou húmida (III) , isto é, rei daqueles que vivem na sublimidade da soberba e mergulham na humidade da luxúria. Com o seu exército cerca Samaria. (IV) O exército, dito assim do exercício da guerra , significa os espíritos malignos como estão no hábito constante de mover a guerra. Com tal exército o diabo cerca Samaria, que se interpreta guarda (V) , isto é, cerca a santa Igreja ou cerca a alma fiel, que, ao guardar a lei, por ela é guardada.
				VII	Glo. Int., Ecl 9,14.	4. Desta cidade e do seu cerco diz Salomão no Ecclesiastes (VI): Havia uma pequena cidade e nela se achavam poucos homens; foi contra ela um grande rei e bloqueou-se e levantou ao redor fortificações, e ficou assim completo o cerco. Ora, encontrava-se nela um homem pobre e sábio, e livrou a cidade pela sua sabedoria, e ninguém mais depois disto se lembrou deste pobre. Vejamos o que significam primeiro no sentido moral e depois no sentido alegórico a cidade, os poucos homens, o grande rei, o bloqueio, a fortificação e o cerco, o homem pobre, o libertador da cidade. A cidade é a Igreja, que se diz pequena por causa dos maus, que se multiplicaram mais do que os bons (VII) . Salomão escreve: <i>Os perversos dificilmente se corrigem, e o número dos tolos é infinito.</i> Os perversos, isto é, os virados ao contrário, virando para Deus não o rosto mas as costas, dificilmente se corrigem, isto é, não entrando em si levados pelo sentir dos justos, dificilmente se governam; e, por isso, o número dos estultos, de coração embotado, é infinito. <i>Multiplicaste a gente</i> , deixou escrito Isaías, <i>e não aumentaste a alegria.</i> <i>E poucos homens se achavam nela.</i> Na Igreja há muitas mulheres, isto é, muitos cristãos moles, efeminados;

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
027 (Cont.)	7º Domingo depois do Pentecostes (Cont.)	Estando grande multidão com Jesus. (Cont.)	Dilatatio Cláusula I - A comiseração de Jesus Cristo pela turba (Cont.)			<i>Et pauci in ea viri.</i> In Ecclesia multae sunt feminae, idest molles et effeminati; sed, heu! Pauci in ea viri, 'idest virtuosos (VIII) . [...]
				VIII	Glo. Int., Ec1.	Segue: <i>Foi contra ela um grande rei</i> etc. (IX). O grande rei é o diabo , de que fala Job: <i>Ele é o rei que domina sobre todos os filhos da soberba</i> . Faz três coisas: ergue um valo, levanta fortificações e desta forma se completa o cerco. (X) O valo faz-se de estacas aguçadas . As fortificações, guarnecidas por um valo ou muros, figuram as obras, os hereges, semelhantes a estacas aguçadas, cravadas nos olhos dos fiéis. As fortificações são todos os falsos cristãos. O diabo cerca a Igreja com o valo dos hereges e com a fortificação dos falsos cristãos. Na Igreja há poucos homens. Mas não temais, pequeno rebanho, este cerco, porque o Senhor com a prova tira proveito, para que possais resistir.
				IX	Glo. Int., Ecl 1. c.	Sequitur: <i>Venit contra eam rex magnus</i> etc. (IX). "Rex magnus est diabolus" , de quo lob: <i>Ipse est rex super universos filios superbiae</i> . Hic tria facit: vallat, extruit munitiones, et sic perficitur obsidio. (X) 'Vallum fit de palis acutis' . Munitiones, quae vallo sunt munita, vel muris, opera, haeretici sunt, quasi pali acuti, oculis fidelium infixi. Munitiones sunt omnes falsi christiani. Vallo haeticorum et munitione falsorum christianorum diabolus obsidet Ecclesiam, in qua sunt pauci viri. Sed, <i>nolite timere, pusillus grex</i> , istam obsidionem, quia <i>faciet Dominus cum tentatione proventum, ut possitis sustinere</i> .
				X	ISID., Etym. XV, 9, 2, PL 82, 550.	Unde sequitur: <i>Inventusque est in ea vir pauper</i> . "Vir pauper est Christus" (XI) : vir secundum divinitatem, pauper secundum humanitatem. Et vide quam bene concordant singula singulis. Iste dicitur vir, et illi viri; iste pauper, illi pauci. <i>Sapiens</i> , contra astutiam diaboli, liberavit urbem a vallo haeticorum et munitione carnalium, et sic per sapientiam suam destruet omnem munitionem. Sed valde dolendum est quod sequitur. <i>Et nullus recordatus est hominis illius pauperis</i> . Immo, quod peius est, dicunt ei in Iob: Recede a nobis, scientiam viarum tuarum nolumus; et, quod his deterius est, ipsum negantes, clamant cum Iudaeis: 'Nolumus hunc, sed Barabbam. Erat autem Barabbas latro', 'qui propter homicidium et seditionem, quam fecerat in civitate, missus fuerat in carcerem'. [...]
				XI	Glo. Ord., Ecl 1.c.	5 - MORALITER. Civitas est anima, quae bene dicitur parva, quia fere iam omnes, ipsam deserentes, ad planitiem, idest corporis voluptatem, inhabitandam descenderunt. [...] Sequitur: <i>Et pauci on ea viri</i> . Viri animae sunt rationis affectus, de quibus dicit Dominus Samaritanae in evangelio Ioannis: <i>Quinque viros habuisti, et hunc quem habes non est tuus vir</i> . Affectus rationis dicuntur quinque viri, pro eo quod debent regere quinque corporis sensus, quos cum infelix anima perdit, non virum sed adulterum recipit, qui eam corrumpit. De qua subditur: <i>Venit rex magnus contra eam</i> . Rex magnus est carnalis appetitus vel sensus, de quo dicit Salomon in eodem Ecclesiaste: <i>Vae terrae, cuius rea puer est, et cuius principes mane comedunt</i> . Et nota quod

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
027 (Cont.)	7º Domingo depois do Pentecostes (Cont.)	<i>Estando grande multidão com Jesus.</i> (Cont.)	Dilatatio Cláusula I - A comiseração de Jesus Cristo pela turba (Cont.)			appetitus carnalis dicitur magnus et puer: magnus, quia magna et impossibilia aggreditur, puer, quia sine deliberatione et discretionem. Et ideo, <i>vae terrae</i> , idest corpori, quod talem habet regem, <i>cuius principes</i> , idest quinque corporis sensus, <i>mane comedunt</i> , idest in pueritia sua gula et luxuria inebriari incipiunt. <i>Qui enim</i> , ut dicit Salomon, <i>a pueritia delicate nutrit filium suum, postea sentiet eum contumacem</i> . Iste rex magnus vallat animam acutis palis primorum motuum, extruit per gyrum munitiones pravarum cogitationum et carnalium delectationum, et sic perficitur obsidio. Ecce , ut dicitur in quarto libro Regum (XII) , quomodo sancta Ecclesia, vel fidelis anima, a Benadad rege Syriae obsessa tenetur.
				XII	2 Rs 6,24-25.	Sed veniat verus Eliseus et liberet Ecclesiam. Veniat vir pauper, idest Sancti Spiritus gratia, quae dicitur pauper, quia cum pauperibus spiritualiter habitat <i>et cum simplicibus sermocinatio eius</i> , et liberet a tam gravi obsidione animam. Sed valde dolendum, quod subiungitur: <i>Et nullus deinceps recordatus est illius pauperis</i> . Unde dicitur in Genesi, quod, 'prosperis succedentibus, oblitus est pincerna regis interpretis sui'. 'Continuus successus temporalium aeternae damnationis manifestum est indicium'. 6 - Revertamur ergo ad materiam, et dicamus: (XIII) Benadad, rex Syriae, obsidebat Samariam, factaque est fames magna in Samaria; et tamdiu obsessa est donec venundaretur caput asini octoginta argenteis . Ecclesia, vel anima, dum a diabolo obsidetur, paulatim refectio gratiae subtrahitur qua subtracta, fames magna, idest ardens desiderium temporalium, fit in Ecclesia. De qua fame dicitur in Genesi, 'quod in universo orbe fames praevaluit et tunc filii Iacob descenderunt in Aegyptum, ut emerent sibi frumentum'. Quia, peccatis nostris exigentibus, refectio gratiae subtracta, ideo omnes famescunt temporalia, non animae sed corporis refectionem, 'non quae Iesu Christi sed quae sua sunt in Aegypto quaerentes'. In tantum iam fames praevaluit quod caput asini venundatur octoginta argenteis. Octoginta argentei significant duplicem stolam, quar octo beatitudinibus constat, quam in octava resurrectionis sumus recepturi. Corpus claritatem, agilitatem, subtilitatem, immortalitatem; anima sapientiam, laetitiam, concordiam, inter carnem scilicet et spiritum, amicitiam,
				XIII	2 Rs 6,24-25.	o apetite carnal se chama grande e criança: grande porque comete grandes coisas e impossíveis; criança, porque procede sem deliberação e sem discrição. E por isso, aí da terra, aqui significando o corpo, que possui tal rei, cujos príncipes, os cinco sentidos do corpo comem de manhã, isto é, começam a inebriar-se na sua puerícia com a gula e a luxúria! <i>Quem, pois, como diz Salomão, alimenta delicadamente desde a puerícia o seu filho, depois senti-lo-á contumaz</i> . Este grande rei bloqueia a alma com as estacas aguçadas dos primeiros movimentos; levanta à roda das fortificações dos pensamentos maus e dos deleites carnaís; e assim se completa o cerco. Eis , como se diz no quarto livro dos Reis (XII) , de que modo a santa Igreja, ou a alma fiel, se mantém cercada por Benadad, rei da Síria . Mas venha o verdadeiro Eliseu libertar a Igreja. Venha o homem pobre, que é a graça do Espírito Santo. Diz-se pobre, porque habita espiritualmente com os pobres, e <i>com os simples é a sua conversação</i> . Venha libertar a alma de tão grave cerco. Mas é muito triste o que se acrescenta: <i>E ninguém depois disto se lembrou deste pobre</i> . Por isso, diz-se no Génesis <i>que sucedendo-lhe prosperamente as coisas, o copeiro-mor esqueceu-se do seu intérprete</i> . O sucesso contínuo nas coisas temporais é indício manifesto de condenação eterna. 6. Voltemos, portando, ao assunto, e digamos: (XIII) Benadad, rei da Síria, ia sitiá Samaria. E houve grande fome em Samaria; e o cerco durou tanto tempo que se chegou a vender a cabeça dum jumento por oitenta moedas de prata . À Igreja ou à alma, quando sitiada pelo diabo, pouco a pouco se lhe subtrai o alimento da graça; uma vez subtraída, acontece na Igreja grande fome, ou ardente desejo de bens temporais. A respeito desta fome escreve-se no Génesis <i>que sobreveio uma fome em toda a terra; e então os filhos de Jacob desceram ao Egipto, para comprar trigo</i> . Por causa dos nossos pecados foi-nos subtraído o alimento da graça. Por isso, todos têm fome de bens temporais, procurando no Egipto não o alimento da alma mas do corpo, <i>não a Jesus Cristo mas a si mesmos</i> . A fome sobreveio em tão grande medida, que uma cabeça de jumento se chegou a vender por oitenta moedas de prata. As oitenta moedas de prata significam o duplo vestido, constante das oito bem-aventuranças, que havemos de receber na oitava ressurreição. O corpo receberá claridade, agilidade, subtileza e imortalidade; a alma, por seu lado, receberá sabedoria, alegria, concórdia entre a carne e o espírito, amizade para com

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
027 (Cont.)	7º Domingo depois do Pentecostes (Cont.)	Estando grande multidão com Jesus. (Cont.)	Dilatatio Cláusula I - A comiseração de Jesus Cristo pela turba (Cont.)			ad Deum scilicet et proximum, habebit. Istos argenteos dant infelices peccatores, ut emant caput asini, idest stoliditatem asininam, idest huius mundi sapientiam, 'quae stultitia est apud Deum'.
						Et quarta pars cadi stercoris columbarum, pro quinque argenteis. 'Cadus graece, mensura latine'. 'Columbae sunt sancti, qui ad fenestras suas volant'. Stercora, temporalia. Quinque argentei sunt quinque virtutes, quae per quinque libros Moysi designatur. [...]
				XIV	2 Rs 13,18.	7 - [...]Super hoc habes concordantiam in quarto libro Regum, ubi dixit Eliseus ad Ioas: (XIV) Percute iaculo terram; et percussit tribus vicibus. "Ioas interpretatur sperans" (XV) , et significat poenitentem, qui sperat de Domini misericordia, cuius praecepto terram sui corporis, iaculo poenitentiae, percutit tribus vicibus. Qui isto triduo sustinent, idest expectant Dominum, eos non dimittit ieiunos in domum suam, immo modio similiae et duobus modiis hordei reficit, ne deficiant in via. [...]
				XV	JERON., DNLH, PL 23, 854.	8 - <i>Suscepimus, Deus, misericordiam tuam in medio templi tui.</i> Nota quod in templo sunt quattuor, scilicet atrium, ostium, medium et oraculum. Quidam sunt in atrio: isti sunt falsi fratres. Quidam in ostio: isti sunt noviter conversi. Quidam in medio: isti sunt proficientes. In oraculo sunt perficientes. Isti significati sunt per quattuor equos, quos vidit Ioannes in Apocalypsi (XVI): 'Vidit enim equum pallidum et nigrum, et qui sedebat super eum habebat stateram in manu sua; et equum rufum, et qui sedebat super eum datum est ei, ut sumeret pacem de terra, et datus est illi gladius magnus. Et vidit equum album, et qui sedebat super illum habebat arcum' . Equus pallens significat falsos fratres, simulatores et callidos, qui super se provocant iram Dei. Hi sunt in atrio, de quo Apocalypsi: 'Atrium eice foras, et noli metiri illud'. A civitate enim Ierusalem falsi hypocritae eicientur foras, cum claudetur ianua, qui modo non sunt mensurati mensura veritatis. 'Atrium ab antro dicitur', quia atrium proprie culina dicitur, idest coquina vel latrina. Hypocritae enim, quia modo decoquunt, idest affligunt, carnes in coquina simulatae sanctitatis, ideo proicientur in latrinam aeterni foetoris.
				XVI	Ap 6,2-8.	Item, equus niger significat noviter conversos, qui, falso mundi candore deposito, nigredinem poenitentiae Deus e para com o próximo. Os infelizes pecadores dão estas moedas de prata pela compra da cabeça dum jumento, isto é, pela compra da estupidez asinina, que é a sabedoria deste mundo, a qual não passa de estultícia para Deus. <i>E a quarta parte do cado de esterco de pombas por cinco moedas de prata.</i> Cado em grego significa medida. As pombas são os santos, que voam para as suas janelas. O esterco são os bens temporais, as cinco moedas de prata são as cinco virtudes, que se designam pelos cinco livros de Moisés. [...] 7. [...] Sobre este assunto há concordância no quarto livro dos Reis, onde disse Eliseu a Joás: (XIV) Fere a terra com a flecha e feriu-a três vezes. Joás interpreta-se o que espera (XV) e significa o penitente, que espera na misericórdia do Senhor, fere três vezes a terra do seu corpo com a flecha da penitência. Os que não se afastam, isto é, os que esperam durante três dias pelo Senhor, não os deixa ir em jejum para casa, antes os alimenta com um móio de farinha-flor e com dois módios de cevada, a fim de não desfalacerem no caminho. [...] 8. <i>Recebemos, ó Deus, a tua misericórdia no meio do teu templo.</i> Nota que no templo há o átrio, a porta, o meio e o oráculo. Uns ficam no átrio: são os falsos irmãos. Outros na porta: os convertidos à pouco. Uns terceiros, no meio: os aproveitados. Os últimos, no oráculo: os perfeitos. Significam eles os quatro cavalos, vistos por S. João no Apocalipse (XVI): Viu, pois, um cavalo amarelo e outro negro, e o que montava tinha na mão uma balança; e um cavalo vermelho, e ao que o montava foi-lhe dado poder de tirar a paz da terra, um uma grande espada; e vi um cavalo branco, e o que estava montado sobre ele tinha um arco. O cavalo amarelo significa os falsos irmãos, simuladores e astutos, que atraem sobre si a ira de Deus. Ficam no átrio, de que se fala no Apocalipse: <i>Põe o átrio de fora, e não o meças.</i> De facto, os falsos hipócritas serão postos fora da cidade de Jerusalém, quando se fechar a porta. Agora não são medidos com a medida da verdade. Átrio vem de antro, porque propriamente o átrio é a cozinha, ou então, a latrina. De facto, os hipócritas, porque agora cozinham, isto é, mortificam a carne na cozinha da santidade simulada, serão lançados na latrina do fedor eterno. O cavalo negro significa os recentemente convertidos. Estes, deposto o brilho do falso mundo, recebem a negrura da penitência. Dizem eles nos trenos de Jeremias: <i>A nossa pele queimou-se como um forno.</i>

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
027 (Cont.)	7º Domingo depois do Pentecostes (Cont.)	<i>Estando grande multidão com Jesus. (Cont.)</i>	Dilatatio Cláusula I - A comiseração de Jesus Cristo pela turba (Cont.)			assumunt. Qui dicunt in Threnis Ieremiae: <i>Pellis nostra, quasi clibanus exusta est</i> . Ex igne enim contritionis et labore satisfactionis exurit, idest extra uritur, pellis mortificati corporis. Isti debent habere stateram in manu. Unde habes concordantiam in prima particula hodiernae epistolae, in qua loquitur Apostolus noviter conversis: <i>Humanum</i> , inquit, <i>dico, propter infirmitatem carnis vestrae</i> : sicut enim exhibuistis membra vestra servire immunditiae et iniquitati ad iniquitatem, ita nunc exhibete membra vestra servire iustitiae in sanctificationem. [...] Habeant ergo noviter conversi stateram in manu, ut sicut exhibuerunt membra sua servire immunditiae, luxuriae et iniquitati, ducenti ad aliam iniquitatem, idest mali consummationem, ita nunc exhibeant membra suae servire iustitiae, ducenti in sanctificationem, idest consummationem boni. [...]
				XVII	<i>Glo. Ord.</i> , Mt 6,10.	Item, equus rufus significat proficientes, qui 'spiritu sunt ferventes, in tribulationibus gaudentes'. Isti sumunt pacem de terra, ' idest carne sua ' (XVII), 'quam qui Christi sunt crucifigunt cum vitiis et concupiscentiis'. Istis datur magnus gladius, per quem intelligitur discretio, quam debent habere in operibus poenitentiae. Hi sunt in medio templi, idest latitudine caritatis, in qua suscipitur misericordia Domini: <i>Suscepimus</i> inquit, <i>misericordiam tuam in medio templi tui</i> . Item, equus albus significat perfectos, qui iam sunt in oraculo, cherubim gloriae prospicientes, manna divinitatis, quae est in urna aurea humanitatis, degustantes. Isti habent in manu arcum, scilicet victoriae, de mundo, diabolo et carne triumphantes. [...]
028	8º Domingo depois do Pentecostes	<i>Guardai-vos dos falsos profetas.</i>	Dilatatio Cláusula I - A simulação dos hipócritas.	I	Mq 3,5.	3 - [...] De his prophetis dicit Michaeas propheta: (I) Haec dicit Dominus super prophetas qui seducunt populum meum, qui mordent dentibus suis, et praedicant pacem; et si quis non dederit in ore eorum quippiam, sanctificant super eum proelium. Nota ista quattuor verba: seducunt, mordent, praedicant et sanctificant. Falsi prophetae seducunt, idest suadendo ducunt, post se innocentes. Mordent, detractionibus. A mordeo dicitur morbus; 'morbus dictus, quod sit mortis via'. Detractio enim est morbus, per quem quasi per viam mors venit in animam. Praedicant pacem, ut pacifici videantur, 'qui viam pacis non in venerunt'. Hi Sunt sacerdotes latrones, qui non dantes mordent increpationibus, et dantibus pacem praedicant et misericordiam promittunt, et super non dantes sanctificant proelium. Sanctum enim et iustum reputant

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
028 (Cont.)	8º Domingo depois do Pentecostes (Cont.)	<i>Guardai-vos dos falsos profetas.</i> (Cont.)	Dilatatio Cáusula I - A simulação dos hipócritas (Cont.)			non dantes persequi, gladio excommunicationis feriri. Qui Si dederint, benedictione solemni, ipsi, a Domino maledicti, 'quorum benedictionibus maledixit Dominus' benedicunt. Dicunt enim dantibus: Vos estis filii Ecclesiae, qui matrem vestram honoratis, qui eus paupertati condoletis, et ideo benedicti estis, quia ei datis. Dicite mihi, falsi prophetae, latrones et homicidae, quae est Ecclesia, nisi fidelis anima, pro qua Dominus animam suam dilectam tradidit ad mortem, 'ut eam faceret sine macula, a et sine ruga?' Qui huic Ecclesiae quod suum est dat, Dominus benedicet. Sed heu! heu! 'hodie cadit asina, et est qui sublevet; perit anima, et non est qui adiuvet'. [...]
				II	2 Rs 8,11-12.	Unde habes concordantiam in quarto libro Regum (II), ubi dicitur quod Eliseus conturbatus est, flevitque vir Dei. Cui Hazael ait: Quare dominus meus flet? At ille respondit: Quia scio quae factururus sis filiis Israel mala; civitates eorum munitas igne succendes, et iuvenes eorum interficies gladio, et parvulos eorum elides, et praegnantem divides . Eliseus bonum Ecclesiae significat praelatum, quia usque ad suffusionem vultus debet flere, quia Hazael, idest diabolus, civitates, idest animas fidelium, igne cupiditatis succendit; iuvenes, idest virtutes, gladio suggestionis interticit; parvulos, idest bona opera adhuc tenera, elidit; et praegnantem, idest propositum bonae voluntatis, dividit. Et quis non flebit super tantis malis? Sed falsi prophetae non curant; tantum habeant unde rapiant. Bene ergo dicit Dominus: <i>Attendite, "idest diligenter cavete" (III), a falsis prophetis.</i> "Falsus dicitur a fando aliud quam verum sit". 'Dicunt: Pax, pax; et non est pax'. [...]
				III	<i>Glo. Int., Mt 7,15.</i>	4 - [...] Cuius umbra, si aliquem contigerit, contra ipsum latrare non poterit, immo ipsum defendit. Quod hodie credentibus haereticorum maxime evenit. [...] 5 - <i>Attendite a falsis prophetis</i> etc. Falsi prophetae sunt carnales affectus, qui, ut animam seducant, naturae fragilitatem et infirmitatem proponunt, rerum abundantiam ostendunt, pacem prophetant, magnam Dei misericordiam esse praedicant; quae ideo submurmurant, ut animam peccatis alliciant. Unde de eis dicit vir iustus, plorans in Ieremia: (IV) A a a, Domine Deus, prophetae dicunt: Non videbitis gladium, et fames non erit in vobis, sed pacem veram dabit in loco isto . Cum carnales affectus sic loquuntur, non restat nisi gemendum et
				IV	Jr 14,13.	4 - [...] Se alguém tocar a sua sombra, não poderá ladrar contra ele, antes o defenderá. Isto acontece hoje sobretudo a quem acredita nos hereges. [...] 5. <i>Guardai-vos dos falsos profetas</i> etc. Os falsos profetas são os afectos carnales. Para seduzirem a alma, apresentam a fragilidade e a enfermidade da natureza, mostram a abundância de coisas, anunciam a paz, e pregam que é grande a misericórdia de Deus. Utilizam a bisbilhotice para aliciar a alma ao pecado. Este o motivo por que deles refere o homem justo, chorando em Jeremias (IV): Ah, ah, ah, Senhor Deus, os profetas dizem: Não vereis espada e não haverá fome entre vós, mas o Senhor dará paz verdadeira neste

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
028 (Cont.)	8º Domingo depois do Pentecostes (Cont.)	Guardai-vos dos falsos profetas. (Cont.)	Dilatatio Cáusula I - A simulação dos hipócritas (Cont.)			dicendum: <i>A a a, Domine Deus</i> . In quo triplici, triplex notatur dolor, idest cordis, oris et corporis. De quo dicit Dominus Ezechieli (V): Tu, fili hominis, propheta, et percutite manum ad manum, et duplicetur aut triplicetur gladius interfectorum. Hic est gladius interfectionis magna, qui obstupescere eos facit. Cum vir iustus audit vocem prophetarum, sibilos gregum, murmur carnalium desideriorum, statim debet percutere manum ad manum et duplicare aut triplicare gladium doloris, quo interticiat falsos prophetas et obstupescere faciat eorum appetitum. Bene ergo dicit Dominus: <i>Attendite a falsis prophetis</i> . Super hoc habes concordantiam in quarto libro Regum (VI), ubi dicit Iehu: Nunc omnes prophetas Baal et universos servos eius et cunctos sacerdotes ipsius vocate ad me; nullus sit qui non veniat. Qui cum congregati fuissent: Praecepit Iehu militibus et ducibus suis: Ingredimini et percutite eos; nullus evadat. Percusseruntque eos in ore gladii. Et protulerunt statuam de fano Baal, et combusserunt et comminuerunt eam. Destruxerunt quoque aedem Baal, et fecerunt pro ea latrinas, usque in diem hanc. Delevit itaque Iehu Baal de Israel. 'Iehu interpretatur commotus' (VII) et significat virum iustum, qui in ira furoris debet commoveri contra seipsum, cum se viderit in tentatione positum. Hic debet congregare omnes prophetas Baal etc. Baal, "qui interpretatur devorator" (VIII), est venter, omnia devorans, cuius prophetae sunt carnales affectus. Hos debet vir iustus in unum congregare et gladio poenitentiae interficere. [...]
				V	Ez 21,14.	lugar. Quando os afectos carnaes assim falam, não resta senão gemer e exclamar: <i>Ah, ah, ah, Senhor Deus</i> . Neste tríplice <i>Ah!</i> verifica-se a tríplice dor do coração, da boca e do corpo. Dela diz o Senhor em Ezequiel (V): E tu, filho do homem, profetiza, esfrega as mãos e dobrem-se e tripliquem-se os golpes desta espada mortífera; esta é a espada da grande matança, que os faz pasmar. Quando o varão justo ouve a voz dos profetas, os silvos dos rebanhos e o murmúrio dos desejos carnaes, imediatamente deve esfregar as mãos, dobrar ou triplicar a espada da dor, para matar os falsos profetas e fazer calar o seu apetite.
				VI	2 Rs 10,19.	Com razão, pois, diz o Senhor: <i>Guardai-vos dos falsos profetas</i> . Sobre este assunto há concordância no quarto livro dos Reis (VI), onde Jeú conta: Chamai-me, pois, agora todos os profetas de Baal e todos os seus ministros e todos os seus sacerdotes; nenhum deixe de vir. Tendo eles reunido, mandou Jeú aos seus soldados e oficiais: Entrai e matai-os; não escape nenhum. E os soldados passaram-nos ao fio da espada e tiraram do fano a estátua de Baal, e queimaram-na e reduziram-na a pó. Destruíram também o edifício de Baal, e em lugar dele fizeram umas latrinas, que ainda hoje existem. Assim exterminou Jeú a Baal de Israel. Jeú interpreta-se comovido (VII), e significa o homem justo, que na ira do furor deve comover-se contra si mesmo, quando se vir tentado. Deve reunir todos os profetas de Baal etc. Baal, que se interpreta devorador (VIII) , é o ventre, que tudo devora; os seus profetas são os afectos carnaes. A estes deve o homem justo reunir e matar com a espada da penitência. [...]
				VII	JERON., DNLH., PL 23, 865.	6. [...] Mas se, pelo espírito, com a espada da penitência, fizemos morrer as obras da carne, os profetas de Baal, lhe queimarmos a estátua, lhe destruímos o edifício, sem dúvida viveremos no presente com a vida da graça, e no futuro com a vida da glória. Semelhante vida se digne conduzir-nos. Aquele que vive e reina por todos os séculos dos séculos. Assim seja.
028 (Cont.)	8º Domingo depois do Pentecostes (Cont.)	Guardai-vos dos falsos profetas. (Cont.)	Dilatatio Cáusula I - A simulação dos hipócritas (Cont.)	VIII	Glo. Int., Jz 6,25.	6 - [...] Si autem spiritu facta carnis, gladio poenitentiae prophetas Baal mortificaverimus, statuam combusserimus, aedem Baal destruxerimus, procul dubio vivemus, 'vita gratiae in praesenti et gloriae in futuro'; ad quas nos perducere dignetur, qui vivit et regnat per omnia saecula saeculorum. Amen.
				VI	SI 63,10-11.	8 - [...] Lemos no Salmo (VI): Introibunt in inferiora terrae , idest infernum, ecce anima daemonibus; tradentur in manus gladii , idest mortis, ecce caro vermibus; partes vulpium erunt , ecce substantia parentibus, qui, tamquam vulpes, astuti, asini defuncti pelli insidiantur. [...]
028 (Cont.)	8º Domingo depois do Pentecostes (Cont.)	Guardai-vos dos falsos profetas. (Cont.)	Dilatatio Cláusula II - A frutificação da árvore boa e o corte da árvore má.	VI	SI 63,10-11.	8. [...] Mas se, pelo espírito, com a espada da penitência, fizemos morrer as obras da carne, os profetas de Baal, lhe queimarmos a estátua, lhe destruímos o edifício, sem dúvida viveremos no presente com a vida da graça, e no futuro com a vida da glória. Semelhante vida se digne conduzir-nos. Aquele que vive e reina por todos os séculos dos séculos. Assim seja.
						8. [...] Lemos no Salmo (VI): Descerão ao inferior da terra , isto é, ao inferno: eis a alma entregue aos demónios. Serão entregues nas mãos da espada , isto é, da morte: eis a carne entregue aos vermes. [...]

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾	
029	9º Domingo depois do Pentecostes	Havia um homem rico que tinha um feitor.	Dilatatio Cláusula II - A convocação dos devedores do dono.	I	Pr 30,11-14.	13 - [...] De qua habes concordantiam in Parabolis Salomonis: <i>Generatio quae patri suo maledicit et quae non benedicit matri suae. Generatio quae sibi munda esse videtur, et tamen non est lota [a] sordibus suis. Generatio cuius excelsi sunt oculi, et palpebrae eius in altum surrectae. (I) Generatio quae pro dentibus gladios habet, et commandit molaribus suis, ut comedat inopes de terra, et pauperes ex hominibus.</i> [...]	13. [...] A respeito desta geração lê-se nas Parábolas de Salomão: <i>Há uma casta de gente que amaldiçoa o seu pai e que não abençoa a sua mãe. Uma gente que se julga pura e, contudo, não está limpa das suas manchas. Gente cujos olhos são altivos e as suas pálpebras levantadas para cima. (I) Gente que em lugar de dentes tem espadas e mastiga com os seus queixais para devorar os que não têm nada na terra e os que são pobres entre os homens.</i> [...]
				II	Glo. Int., Pr 30,14; Sl 57,5.	Item, generatio, quae pro dentibus etc., sunt avari et usurarii, “quorum dentes arma et sagittae” (II) , qui pauperes devorant et substantias aliorum sibi acquirunt. Omnes isti sunt filii huius saeculi, qui filios lucis stultos reputant, se autem prudentiores, ‘quorum prudentia mors est’. [...]	Por último, a gente que em lugar de dentes tem espadas etc., são os avaros e os usurários, cujos dentes são armas e setas (II) . Devoram os pobres e adquirem as fortunas alheias. Todos os mencionados são filhos deste século, que reputam estultos os filhos da luz e se consideram mais prudentes do que eles. A sua prudência, porém, é morte. [...]
030	10º Domingo depois do Pentecostes	Ao aproximar-se Jesus de Jerusalém.	Dilatatio Cláusula I - A piedosa compaixão de Jesus Cristo sobre Jerusalém.	I	Sl 44,4.	6 - [...] Nota quod dicit <i>accingere</i> et non <i>induere</i> . In quo duo innuit, scilicet luxuria refrenatio et diabolicae suggestionis impugnatio. Unde in Psalmo (I): Accingere gladio tuo super femur tuum. Cilicium et gladius idem significant, carnis scilicet afflictionem, quae femur, idest luxuriam, restringit. Unde in Canticis (II): Uniuscuiusque ensis super femur suum propter timores nocturnos. Timores nocturni sunt diaboli et carnis suggestiones occultae, propter quas evitandas, omnis qui lectum veri Salomonis, idest conscientiam suam, in qua requiescit Iesus Christus, vult custodire, debet habere ense mortificationis super femur suae carnis. [...]	6. [...] Nota que emprega o termo <i>accingere</i> (cingir) e não <i>induere</i> (vestir). Com isto, dá a perceber duas coisas: o refreio da luxúria e o combate da sugestão diabólica. Onde o dito Salmo (I): Cinge a tua espada sobre o teu fémur. O cilício e o gládio significam o mesmo, a saber, a mortificação da carne. Ela reprime o fémur, isto é a luxúria. Daí a palavra nos Cânticos (II): Cada um deles leva a espada sobre o fémur, por causa dos temores nocturnos. Os temores nocturnos são os diabos e as sugestões ocultas da carne. Para as evitar, todo aquele que quiser guardar o leito do verdadeiro Salomão, isto é, quem quiser guardar a consciência, em que repousa Jesus Cristo, deve ter a espada sobre o fémur da mortificação da sua carne. [...]
				II	Ct 3,8.	8 - [...] Unde dicit in Ezechiele (III): Ecce ego ad te, et eiciam gladium meum de vagina sua, et occidam in te iustum et impium, iustum putative, de quo dicit Ecclesiastes: <i>Noli esse nimium iustus.</i> “Vagina, dicta quasi bagina, eo quod in ea gladius baiuletur” (IV). Gladius in vagina est divinitas in humanitate. De hac vagina eiciet Pater gladium et vibrabit ipsum, ut dicit Propheta (V): Gladium suum vibrabit. Nota quod gladius vibratus duo facit, scilicet splendorem et umbram tremulam. Pater in die sua vibrabit gladium, idest Filium suum, quia ei omne iudicium dabit, qui splendorem sanctis et umbram tremulam damnationis ostendet impiis. ‘Tollatur, inquit, impius ne videat gloriam Dei,	8. [...] Diz em Ezequiel (III): Eis que venho contra ti e tirarei a minha espada da sua bainha, e matarei no meio de ti o justo e o ímpio. Matará o justo, mas que o é só na opinião dos homens. Dele fala o Ecclesiastes: <i>Não sejas justo em demasia. Bainha, que no latim tem sonância parecida com bagina, tira o nome de nela se levar a espada (IV).</i> A espada na bainha simboliza a divindade na humanidade. Desta bainha o Pai tirará a espada e vibrá-la-á, como diz o Profeta (V): Vibrará a sua espada. Nota que a espada, quando vibrada, produz dois efeitos: esplendor e sombra trêmula. O Pai, no seu dia, vibrará a espada, isto é, o seu Filho, porque lhe dará todo o poder de julgar; ele mostrará aos Santos
				III	Ez 21,8.		
				IV	ISID. Etym. XVIII, 9, 2, PL 82, 647.		
				V	Sl 7,13.		

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
030 (Cont.)	10º Domingo depois do Pentecostes (Cont.)	Ao aproximar-se Jesus de Jerusalém. (Cont.)	Dilatatio Cláusula I - A piedosa compaixão de Jesus Cristo sobre Jerusalém. (Cont.)	VI	Jo 19,37.	quia in terra sanctorum iniqua gessit'. Immo 'videat illum in quem transfixit' (VI). O infelix anima! Nunc autem haec abscondita sunt ab oculis tuis, quos dies et pax tua excaecavit, quibus excaecata, tamquam brutum animal, duceris a diabolo, funiculo cupiditatis, ad ista fugientia capienda. [...]
			Dilatatio Cláusula II - A destruição da cidade de Jerusalém.	V	Lc 19,43-44.	10 - Sequitur secundum. (V) Venient dies in te, et circumdabunt te inimici tui vallo, et circumdabunt te et coangustabunt te undique, et ad terram prosterent te, et filios tuos qui in te sunt; et non relinquent in te lapidem super lapidem, eo quod non cognoveris tempus visitationis tuae. "Venient, venient dies, quando animas exeuntes a corporibus daemones inimici circumdabunt vallo, trahentes eas ad societatem suae damnationis; et undique circumdabunt te et coangustabunt, quando non solum operis, sed etiam locutionis et cogitationis iniquitates ante oculos eorum replicabunt. Et ad terram prosternunt, cum caro in pulverem redigitur. (VI) Filii etiam cadunt, cum in illa die peribunt omnes cogitationes eorum quae cogitationes etiam per lapides significantur, cum subditur: <i>Et non relinquent lapidem super lapidem</i> . Perversus enim cum perversae cogitationi perversiorem adicit quasi lapidem super lapidem struit. Sed cum anima ad ultionem rapitur, talis cogitationum constructio dissipatur; et hoc ideo quia non cognovit tempus visitationis suae. Perversam enim animam Deus visitat aliquando praecepto, aliquando flagello, aliquando miraculo, sed quia superbiens contemnit, nec de malis suis erubescit, in extremo inimicis tradetur, cum quibus in aeterno iudicio damnationis societate colligatur. Et unde infelici haec eversio contingat, subditur: Eo quod non cognoveris tempus visitationis tuae " (VII). [...]
				VI	Sl 145,4.	10. Segue o segundo. (V) Virão para ti dias em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras e te sitiarão e te apertarão por todos os lados; e derribarão por terra a ti e aos teus filhos que estão dentro de ti; e não deixarão em ti pedra sobre pedra; porque não conhecestes o tempo da tua visita. Virão, virão dias em que os demónios inimigos cercarão de trincheiras as almas separadas dos corpos, arrastando-as para a sociedade da sua condenação; e te sitiarão e te apertarão por todos os lados, quando lhes perpassarem diante dos olhos as iniquidades, cometidas por obras, palavras e pensamentos; e derribarão por terra, quando a carne se reduzir ao pó. (VI) Os filhos também caem quando naquele dia perecerem todos os seus pensamentos , significados pelas pedras, ao ajuntar-se: <i>E não deixarão em ti pedra sobre pedra</i> . Mas quando a alma é arrastada para a vingança, esvai-se tal castelo de pensamentos; e isto porque não conheceu o tempo da sua visita. De facto, Deus visita a alma perversa umas vezes com uma ordem, outras com um castigo, outras inda com um milagre; mas porque o soberbo despreza e não se envergonha dos seus males, no momento extremo será entregue aos inimigos, com os quais se coligará em sociedade no eterno juízo da condenação. E do que se ajunta se depreende a triste sorte do infeliz: Porque não conhecestes o tempo da tua visita (VII). [...]
				VII	Glo. Ord., Lc 1. c.	
031	11º Domingo depois do Pentecostes	Dois homens subiram ao templo.	Dilatatio Cláusula II - A arrogância do fariseu. Dilatatio	I	1 Rs 19,10.	[...] Pharisaeus fuit dives mendax: dives dum dixit: <i>Ieiuno bis in sabbato</i> ; mendax cum praemisit: <i>Nom sum sicut ceteri hominum</i> . Hoc ipsum temporis nostri religiosi, divites in sanctitatis apparentia, sed mendaces in mentis elatione, dicunt cum Elia, in tertio libro Regum (I): Zelo zelatus sum pro Domino Deo exercituum; quia dereliquerunt pactum tuum filii Israel, altaria tua destruxerunt, et prophetas tuos occiderunt gladio, et derelictus sum ego solus, et quaerunt animam meam, ut auferant eam . Audiant isti, qui se credunt solos Domino servire et genua ei flectere, quid ipse dicat: <i>Reliqui mihi</i>

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾	
031 (Cont.)	11º Domingo depois do Pentecostes (Cont.)	<i>Dois homens subiram ao templo.</i>	Cláusula II - A arrogância do fariseu.			<i>in Israel septem milia virorum, quorum genua non sunt curvata ante Baal. [...]</i>	crêem ser os únicos a servir o Senhor e fazer-lhe genuflexões ouçam o que ele diz: <i>Eu reservei para mim em Israel sete mil homens, que não dobraram os joelhos diante de Baal. [...]</i>
032	12º Domingo depois do Pentecostes	<i>Saindo Jesus dos confins de Tiro.</i>	Dilatatio Cláusula I - A saída de Jesus Cristo dos confins de Tiro.	I	Sir 21,1-4.	3 - [...] Tyrus est mundus, de cuius angustia habes concordantiam in Ecclesiastico: <i>Fili, peccasti? Non adicias iterum; sed et de pristinis deprecare, ut tibi demittantur. Quasi a facie colubri fuge peccata, et si accesseris ad illa suscipient te. Dentes leonis dentes eius, interficientes animas hominum. (I) Quasi romphaea bis acuta omnis iniquitas, plagae illius non est sanitas.</i> Nota ista tria: colubrum, dentes leonis et romphaeam. In colubro, luxuria; in dentibus leonum, avaritia; in romphaea designatur superbia. [...]	3. [...] Tiro é o mundo, de cujo angústia há concordância no Eclesiástico: <i>Filho, pecaste? Não tornes a pecar; mas faz oração pelas tuas faltas passadas, para que te sejam perdoadas. Foge dos pecados como da vista de uma cobra, porque se te chegares a eles, apoderar-se-ão de ti. Os seus dentes são dentes de leão, que matam as almas dos homens.</i> (I) Todo o pecado é como espada de dois fios; a sua ferida não tem cura. Observem-se as três palavras: a cobra, os dentes de leão e a espada. A cobra designa a luxúria; os dentes dos leões, a avareza; a espada, a soberba. [...]
				II	ISID., <i>Etym.</i> XVIII, 6, 3, PL 82.	(II) Item, ”rhomplaea est gladius ex utraque parte acutus, quam vulgo spatham vocant”. Haec est, superbia, duplici morte interficiens animam. Fuge ergo colubrum luxuriae, dentes avaritiae, romphaeam superbiae. Haec sunt fines Tyri. [...]	(II) A palavra rhomplaea significa gládio aguçado de ambos os lados, que vulgarmente se chama espada. É figura da soberba, que mata a alma com dupla morte. Foge, portanto, da cobra da luxúria, dos dentes da avareza, da espada da soberba. São estes os confins de Tiro. [...]
				III	Sir 24,35-37.	7 – Unde habes concordantiam in Ecclesiastico (III): Qui implet quasi Physon sapientiam, et sicut Tigris in diebus novorum. Qui adimplet quasi Euphrates sensem, qui multiplicat quasi Iordanis in tempore messis, qui mittit disciplinam sicut lucem, assistens quasi Gehon in die vindemiae. [...] Item, est sicut Tigris proficientibus in diebus novorum, idest seminum. Tunc enim Tigris inundat. Nota quod in sagitta sunt tria: lignum, ferrum et penna, qua recte volat. Christus ligno suae Passionis, ferro timoris et penna sui amoris vulnerat corda poenitentium, qui quotidie proficiunt, qui, tamquam bona semina, de virtute in virtutem quotidi crescunt. [...]	7. Há concordância no Eclesiástico (III): É ele que espalha a sabedoria como o Fison, e como o Tigre no tempo dos frutos novos. É ele que faz transbordar a inteligência como o Eufrates, e que a multiplica como o Jordão no tempo da ceifa. É ele que derrama a ciência como a luz, e que aumenta as suas águas como o Geon na estação da vindima. [...] Jesus é como o Tigre para os proeficientes, <i>no tempo dos frutos novos</i> , no tempo das sementeiras, época em que o Tigre inunda. Nota que na seta há três partes: a madeira, o ferro e a flecha que voa em linha recta. Cristo, com a madeira da sua Paixão, com o ferro do temor e com a flecha do amor vulnera os corações dos penitentes, que vão progredindo todos os dias. Como boas sementes, crescem diariamente de virtude em virtude. [...]
			Dilatatio Cláusula II - A cura do surdo e mudo	IV	Is 26,1.	10 - [...] Item, haec manus munit Ecclesiam, munit animam. Unde Isaías (IV): Urbs fortitudinis nostrae Sion; salvator ponetur in ea murus et antemurale. ”Murus a munitione est dictus, eo quod muniat interiora urbis” (V). Sion, idest sancta Ecclesia, est urbs fortitudinis nostrae, ”extra quam non est salus” (VI), in qua Salvator noster fuit positus murus et antemurale. Murus, divinitas; antemurale ipsius est humanitas. Fit enim Verbi Incarnati Ecclesia munita, permanet secura. [...]	10. [...] Esta mão mune a Igreja e mune a alma. Onde Isaías (IV): Sião é a cidade da nossa fortaleza; o Salvador será para ela o muro e o antemuro. Muro vem de munição, por munir os interiores da cidade (V). Sião, figura da santa Igreja, é a cidade da nossa fortaleza, fora da qual não há salvação (VI). Nela o nosso Salvador foi posto como muro e antemuro. O muro é a divindade, e o seu antemuro é a humanidade. De facto, a Igreja do Verbo Encarnado torna-se munida, permanece segura. [...]
				V	ISID., <i>Etym.</i> XV, 2, 18, PL 82, 583.		
				VI	AGOST., <i>DBD</i> , IV, 27, 24, PL 43, 170.		

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
036	Purificação de Maria Virgem Santíssima	<i>Como o incenso que exala fragrância na estação do estio.</i>	Dilatatio Cláusula II - Maria Santíssima, tabernáculo de Cristo	I	Ef 6,14.17.12; 2,2.	4 - [...] Tabernaculum significat beatam Mariam, (I) in qua Christus se armavit lorica iustitiae et galea salutis, ut contra aereas potestates debellaret. De his armis quaere in evangelio (II): Cum fortis armatus etc. [...]
				II	Lc 11,21.	4. [...] O tabernáculo simboliza Maria Santíssima. Nela Cristo armou-se com a couraça da justiça e o capacete da salvação, a fim de combater contra as potestades aéreas (I). Sobre estas armas confira-se o Evangelho (II): Quando o forte armado etc. [...]
038	XIII Domingo depois do Pentecostes	<i>Abençoados os olhos.</i>	Dilatatio Cláusula III - A descida do homem de Jerusalém a Jericó.	I	Jb 9,33.	19 - [...] De quo habes concordantiam in Iob (I): Non est, inquit, qui utrumque valeat arguere, et ponere manum suam in ambobus. Si duo inimici, gládios habentes in manibus, ad invicem pugnarent, quis inter eos se medium vellet ponere et utrumque refrenare, nisi ille qui cum utroque affinitatem haberet? Deus et homo pugnabant ad invicem. Deus gladio poenae, homo gladio culpae. Nullus hanc litem potuit dirimere. Venit Christus utrique parti affinis, quia Dei et hominis Filius, médium se posuit, utrumque refrenavit. ”Hominem enim arguit, ne delinqueret, et patiundo Deo Patri obstitit, ne feriret. Et manum posuit in ambobus, quia et homini exemplum agendi prae-buit, et Deo in se opera quibus placaretur ostendit” (II). [...]
				II	Glo. Ord., ibidem.	21. [...] Mas quantas trevas, quanta miséria, quando desce de Jerusalém para Jericó, que se interpreta lua ou odor e significa a defectiva prosperidade dos bens temporais. De semelhante prosperidade dizem os filhos deste século ao pregador, em Jeremias: Não receberemos de ti a palavra que nos disseste em nome do Senhor, mas pontualmente cumpriremos toda a palavra que sair da nossa boca, de sacrificarmos à rainha do céu e de lhe oferecermos libações... (III) Desde aquele tempo em que deixámos de lhe sacrificar, estamos necessitados de tudo, e temos sido consumidos pela espada e pela fome. A rainha do céu era a lua. Figura a prosperidade defectiva dos bens temporais, a que os carnaís servem. Se lhes vem a faltar essa prosperidade, crêem que são consumidos pela fome e pela espada. Por isso, não querem ouvir a palavra do Senhor. [...]
				III	Jr 44,16-17.18	23 - Ecce habes quod ille, qui ab Ierusalem in Iericho descendit, quantis lamentis dolere et poenitere debet. Ubi et subditur: Accidit autem, ut sacerdos quidam descenderet eadem via et viso illo praeterivit. Similiter et levita, cum esset secus locum et videret eum, pertransiit. In sacerdote amor dominandi, in levita hypocrisis designatur. De his duobus simile quid habes libro ludicum, ubi legitur quod (IV) Abimelech pugnabat fortiter ad capiendam turrin; et appropinquans ostio ignem supponere nitebatur. Et ecce mulier una
						23. Eis de quantos lamentos tem de se doer e penitenciar aquele que desce de Jerusalém para Jericó! Por isso também se acrescenta: E aconteceu que um sacerdotisa descia pelo mesmo caminho, e tendo-o visto, passou de largo. Semelhantemente um levita, chegando perto daquele lugar e vendo-o, passou adiante. O sacerdote designa o amor de dominar; o levita, a hipocrisia. Sobre estes dois há coisa semelhante no livro dos Juizes, onde se lê que (IV) Abimelec combatia fortemente para tomar posse da torre; e

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
038 (Cont.)	XIII Domingo depois do Pentecostes (Cont.)	Abençoados os olhos. (Cont.)	Dilatatio Cláusula III - A descida do homem de Jerusalém a Jericó. (Cont.)	IV	Jz 9,52-54.	<i>fragmen molae desuper iaciens illisit capiti Abimelech, et confregit cerebrum eius. Qui vocacit cito armigerum suum, et ait ad eum: Evagina cito gladium tuum et percutite me, ne forte dicatur quod a femina interfectus sim. Qui iussa complens interfecit cum.</i> Quid Abimelech et turreis, quid ostium et ignis, quid mulier et fragmen molae, quid cerebrum et armiger Abimelech significant videamus.
				V	JERON., DNLH., PL 23, 819.	”Abimelech interpretatur pater meus rex (V) et significat illum qui, quasi pater et rex, aliis vult praeesse. <i>Turris</i> est altitudo dignitatis, ad quam expugnandam accedit. Sed, ut ipsam facilius accendere possit, ignem, idest marchas auri et argenti, de quo Propheta: <i>Ignis in domo impii</i> , supponit ostio, idest illis, qui ostium Ecclesiae videntur esse, ut per ipsos, tali igne adustos, in turrim valeat ascendere. [...] Infeliz Abimelech, qui praeesse desiderat non ut prodesset valeat, iter arripit, non timens fallaciam hospitum, frigus Alpium, calorem italicum, non discrimina Tusciae, non latrones Romae. Accedit tantum ad ostium, supponit ignem, exoneratur auro, oneratur plumbo, in pittacio suspenso. Et quid huic infelici ascendere cupienti eveniat, videamus. <i>Et ecce mulier</i> etc. Mulier ista caro est; fragmen molae, quo confringitur cerebrum, est sollicitudo ambitiosi, quae eius mens dispergitur in praesenti, et postmodum ipse dissipabitur percussione districti iudicii. Unde Iob (VI): Fugiet arma ferrea, et irruet in arcum aereum. Eductus, et egrediens de vagina sua, et fulgurans in amaritudine sua. GREGORIUS: ”Arma ferrea sunt necessitates vitae praesentis, quae dure premunt. Aere sententia aeterna figuratur, quae, quia ab iniquo non attenditur, iuste arcui, qui ex insidiis percutit, comparatur. <i>Fugiet ergo arma ferrea</i> etc., quia dum, praesentes necessitate metuens, multa per avaritiam rapit, aeterni iudicii se percussione opponit. <i>Eductus et egrediens</i> etc. Iniquus, dum prava in cogitatione machinatur, quasi gladius in vagina est; de vagina egreditur, dum per iniquitatem malae operationis aperitur. Fulguris nomine splendor exprimitur cum percussione. Qui ergo praepositus in potestate aliis nocet, fulgurans dicitur, quia unde contra bonos quasi ex luce gloriae extollitur, inde bonorum vita criciatur”.
				VI	Jb 20,24-25.	<i>aproximando-se da porta, tentava pôr-lhe o fogo; e eis que uma mulher, lançando de cima um pedaço de mó, feriu Abimelec na cabeça e quebrou-lhe o cérebro. Então ele chamou imediatamente o seu escudeiro e disse-lhe: Desembainha a tua espada e mata-me, para que se não diga que fui morto por uma mulher. E cumprindo este as ordens, matou-o.</i> Vejamos o que significa Abimelec e a torre; a porta e o fogo; a mulher e o pedaço de mó; o cérebro e o escudeiro de Abimelec. Abimelec interpreta-se o meu pai rei (V) , e significa aquele que quer estar à frente dos outros como se fora pai e rei. A torre é a altura da dignidade. Dela se aproxima para a expugnar; mas, a fim de mais facilmente poder incendiá-la, põe fogo à porta. O fogo são as marcas de ouro e prata. A respeito do fogo traz o Profeta: <i>Há fogo na casa do ímpio</i> . A porta são aqueles que parecem ser a porta da Igreja, a fim de, por meio deles, chamuscados com tal fogo, conseguir subir à torre. [...] O infeliz Abimelec, que deseja governar, não para ser útil, empreende viagem, não temendo o engano dos hospedeiros, o frio dos Alpes, o calor italiano, nem os perigos da Toscana, nem os ladrões de Roma. Aproxima-se apenas da porta, põe fogo, liberta-se do ouro e carrega-se de chumbo, suspenso da cédula. Vejamos o que sucede a este infeliz que deseja subir. <i>E eis que uma mulher</i> etc. Esta mulher figura a carne; o pedaço de mó, que parte o cérebro, é a sollicitude do ambicioso. A sollicitude dispersa o espírito do ambicioso na vida presente, e, depois, ele mesmo desaparecerá com a pancada do juízo rigoroso. Escreve Iob (VI): Fugirá das armas de ferro e cairá no arco de bronze. A espada é tirada e sai da sua bainha, e rutila como um relâmpago na sua amargura. S. Gregório: As armas de ferro são as necessidades da vida presente, que são prementes. O bronze figura a sentença eterna, a qual, por não ser atendida pelo iníquo, justamente se compara ao arco, que fere desde os esconderijos. <i>Fugirá</i> , portanto, <i>das armas de ferro</i> etc. Temendo as necessidades presentes, rouba muitas coisas por avareza, opondo-se aos golpes do juízo eterno. <i>A espada é tirada e sai da sua bainha</i> . O iníquo, quando concebe o mau pensamento, é como espada na bainha; sai da bainha, quando se manifesta pela iniquidade da má acção. O fulgor do relâmpago é acompanhado de estrondo. Diz-se que rutila como um relâmpago aquele que, constituído em autoridade, prejudica o seu semelhante. Daí tira motivo para se

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾	
038 (Cont.)	XIII Domingo depois do Pentecostes (Cont.)	Abençoados os olhos. (Cont.)	Dilatatio Cláusula III - A descida do homem de Jerusalém a Jericó. (Cont.)			Sequitur: Qui vocavit armigerum suum etc. Armiger, "qui arma gerit" et cum ipsis non pugnat, est hypocrisis, per quam infelix Abimelech magis vult perire quam per mulierem, idest per opera carnalia. [...]	levantar contra os bons, como se fora inspirado pela luz da glória, transformando-lhes a vida num tormento. Segue: Ele chamou o seu escudeiro , etc. O escudeiro, que traz as armas e não luta com elas, figura a hipocrisia. O infeliz Abimelec do que às mãos da mulher, símbolo das obras carnavais [...]
				VII	1 Sm 7,10.	25 - Unde dicitur in primo libro Regum (VII): Intonuit Dominus fragore magno super Philisthaeos et exterruit eos, et caesi sunt a filiis Israel . In tonitruo et gladio confessionis Philisthaei, "idest daemones" (VIII), exterriti caeduntur a filiis Israel, idest vere poenitentibus. Bene ergo dicitur: <i>Infundens oleum et vinum, alligavit vulnera eius</i> . Sancti Spiritus gratia vulnera animae ligat, cum spem veniae, stolam gloriae poenitenti repromittit. [...]	25. Por isso, lê-se no primeiro livro dos Reis (VII): O Senhor trovejou com grande estrondo sobre os filisteus, e aterrou-os, e foram derrotados pelos filhos de Israel . Mediante o trovão e a espada da confissão, os filisteus, os demónios (VIII) , possuídos de terror, são derrotados pelos filhos de Israel, figura dos verdadeiros penitentes. Bem se diz pois: <i>Ligou-lhe as feridas, lançando nelas azeite e vinho</i> . A graça do Espírito Santo liga as feridas da alma, quando promete ao penitente a esperança de perdão, a estola da glória. [...]
				VIII	Glo. Ord., 1 Sm 4,1.		
039	XIV Domingo depois do Pentecostes	Jesus dirigia-se a Jerusalém.	Exordium. A infusão da graça.	I	Jb 39,21-22.	6 - [...] Unde de prædicatore dicit Dominus ab Iob (I): Exultat audacter, in occursum pergit armatis. Contemnit pavorem, nec cedit gladio . GREGORIUS: Prædicator "exultat audacter, quia adversis non frangitur. In occursum pergit armatis, quia prave ac male agentibus sese pro defensione iustitiae opponit. Contemnit pavorem etc. In pavore ventura poena metuitur, in gladio iam poena de praesenti percussione sentitur. Quia ergo ventura adversa non metuit, pavorem despicit; quia vero nec superveniente percussione vincitur, nequaquam gladio cedit". [...]	6. [...] Por isso, do pregador diz o Senhor a Job (I): Exulta com brio, corre ao encontro dos armados. Despreza o pavor e não cede à espada . S. Gregório: O pregador <i>exulta com brio</i> , porque não quebra perante a adversidade; corre ao encontro dos armados, porque se opõe, pela defesa da justiça, aos que procedem como perversos e maus. Despreza o pavor e não cede à espada. No pavor teme-se a pena vindoura; na espada já a pena se sente presentemente com o golpe. Porque não teme a adversidade vindoura, despreza o pavor; porque verdadeiramente nem é vencido com o golpe que sobrevier, de modo algum cede à espada. [...]
				II	Jb 7,1.	9 - [...] 'Caro et spiritus sibi invicem adversantur, ut non quaecumque volumus illa faciamus'. Super hoc habes concordantiam in Iob (II): Militia est , inquit, vita hominis super terram . Hominis vita est "militia, idest tentatio, quia [caro], iam corrupta, ex se sibi molestias gignit, et in ipsis bonis quae agit, mala suboriri sentit, ut in otio contemplationis desidiam, in abstinencia vanamgloriam" (III). [...]	9. [...] <i>A carne e o espírito são contrários entre si, para que não façamos tudo aquilo que queremos</i> . Sobre este assunto há concordância em Job (II): A vida do homem é uma milícia sobre a terra . A vida do homem é uma milícia, isto é, uma tentação, porque a carne, já corrupta, de si gera moléstias, e, nos próprios bens que faz, vê surgirem os males, tais como indolência no ócio da contemplação, vanglória na abstinência (III). [...]
				III	Glo. Ord., ibidem; AGOST., Epist, ep. 48, n.2, PL 33, 188.		
042	XVII Domingo depois do Pentecostes	Entrando Jesus em casa.	Exordium. O pregador e as suas armas	I	1 Mac 3,2-4.	1 - In illo tempore: <i>Cum intraret Iesus in domum cuiusdam principis phariseorum sabbato manducare panem, et ipsi observabant eum</i> . Dicitur in primo libro Machabaeorum (I), quod Iudas Machabaeus induit se lorica ut gigas, et succinxit se arma bellica in proeliis, e protegebat castra gladio suo. Similis factus est leoni in operibus suis, e sicut catulus	1. Naquele tempo, <i>entrando Jesus um sábado em casa dum dos príncipes dos fariseus a tomar o pão, eles o estavam ali observando</i> . Diz-se no primeiro livro dos Macabeus (I) que Judas Macabeu se revestiu de couraça como um gigante, se cingiu com as suas armas bélicas para combater, e protegia todo o acampamento com a sua espada .

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
042 (Cont.)	XVII Domingo depois do Pentecostes (Cont.)	Entrando Jesus em casa. (Cont.)	Exordium. O pregador e as suas armas	II	JERON., DNLH., PL 23, 885.	<i>leonis rugiens in venatione. "Iudas interpretatur glorificans" (II), 'Machabaeus, protegens vel percutiens' (III) et significat prædicatorem, qui haec tria debet facere, scilicet glorificare Deum, protegere proximum, percutere diabolum. Hic debet se induere lorica, ut gigas. Nota ista duo: gigas et lorica. In gigante constantia, in lorica designatur patientia, quae duo prædicatori valde sunt necessaria, ut, cum loquitur, sit constans, cum contra eum canes latrant, sit patiens. Debet enim 'exultare ut gigas ad currendam viam'. Unde Iob (IV) de ipso dicit: Exultat audacter et in occursum pergit armatis. Contemnit pavorem, nec cedit gladio. Et sic a <i>summo caelo</i> "empyreum, idest igneo", idest caritate, erit <i>egressio eius</i> ad percutiendum diabolum, qui habitat in corde peccatoris; et tunc necessaria est ei patientiae lorica. (V) "Lorica vocata, eo quod loris careat, solis enim circulis ferreis contexta est". Sic vera patientia non loris humani favoris et timoris circumligatur, sed solis vinculis inflexibilis caritatis contextitur. Ficta vero patientia, plus mundi verecundia vel timore, quam Dei amore, timet illatam iniuriam vindicare. Sequitur: <i>Et succinxit se arma belica</i>, de quibus dicit Apostolus (VI): State succincti lumbos vestros in veritate, calceati pedes Praeparatione evangelii pacis, in omnibus sumentes scutum fidei, in quo possitis omnia tela nequissimi ignea extinguere; et galeam salutis assumite. Et protegebat castra gladio suo, 'idest verbo Dei' sibi credito; quo animas fidelium a tribus debet protegere, scilicet ardore solis, idest tentatione carnis, tempestate fulguris, idest mundanae adversitatis, incursu hostis, idest daemonis. [...]</i>
				III	JERON., o. c., PL 23, 865.	
				IV	Jb 39,21-22.	
042 (Cont.)	XVII Domingo depois do Pentecostes (Cont.)	Entrando Jesus em casa. (Cont.)	Exordium. O pregador e as suas armas	V	ISID., Etym. XVIII, 13, 1, PL 82, 649.	Porém, a paciência fingida, mais por vergonha ou medo do mundo do que por amor de Deus, teme vingar a injúria recebida. Segue: <i>E cingiu-se de armas bélicas</i>. Delas escreve o Apóstolo (VI): Estai firmes, tendo cingido os vossos rins com a verdade, e tendo os pés calçados para ir anunciar o Evangelho da paz; em todas as coisas tomai o escudo da fé, com que possais apagar todos os dardos inflamados do maligno; tomai o elmo da salvação. E protegia o acampamento com a sua espada. A espada é a palavra de Deus, que lhe foi confiada. Esta palavra deve proteger as almas dos fiéis de três coisas: do ardor do sol, isto é, da tentação da carne; da tempestade do trovão, isto é, da adversidade do mundo; da incursão do inimigo, isto é, do demónio. [...]
				VI	Ef 6,14-17.	
			Dilatatio Cláusula I - A entrada de Jesus Cristo na casa dum príncipe	VII	1 Mac 5,40-41.	[...] 5 - Sequitur: <i>Manducare</i>. Christus manducavit, quia manum operationis duxit ad os prædicationis, unde audi qualiter manducavit. <i>Coepit</i>, inquit, <i>Iesus facere et docere</i>. Et iterum: <i>Erat potens in opere et sermone</i>. Unde dictum est Petro: 'Macta et manduca'. Ac si prædicatori diceretur: Macta gladio prædicationis, et manduca, idest manum duc ad os, ut quod aliis prædicas tu prior facias. Unde, super hoc habes concordantiam in primo libro Machabaeorum (VII), ubi ait Timotheus principibus exercitus sui: Cum appropinquaverit Iudas e exercitus eius ad torrentem aquae, si transierit ad nos prior, non

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
042 (Cont.)	XVII Domingo depois do Pentecostes (Cont.)	Entrando Jesus em casa. (Cont.)	Dilatatio Cláusula I - A entrada de Jesus Cristo na casa dum príncipe (Cont.)			<i>poterimus sustinere eum, quia potens poterit adversus nos; si vero timentur transire et posuerit castra trans flumen, transfretum ad eos, et poterimus adversus illum. "Timotheus interpretatur beneficus" (VIII), et significat diabolum, qui suis dilectoribus beneficia, quae sunt potius veneficia, praestare videtur, 'unde potius veneficus quam beneficus debet appellari' (IX). Hic valde timet ne Iudas, idest praedicator, flumen praedicationis transeat, ut scilicet de ripa verborum transeat ad ripam operum. Quod si fecerit, ipsum Timotheum cum suo exercitu effugabit. Sed heu! hodie omnes veniunt usque ad flumen, in ripa stant verborum, ad ripam nolunt transire operum, et ideo diabolus eos non timet, et verba eorum minoris sunt efficaciae. 'Non enim, ut in eodem dicitur libro, sunt de semine virorum illorum per quos salus facta est in Israel' (X). Viri illi fuerunt apostoli, qui, flumen transeuntes, magnam salutem fecerunt in populo Dei. [...]</i>
				VIII	Glo. Ord., 1 Mac 5,6.	<i>junto da torrente, se ele vier primeiro a nós não lhe poderemos resistir, porque terá sobre nós toda a vantagem. Mas se ele temer passar e acampar da outra banda do rio, passaremos nós a ele e teremos vantagem sobre ele. Timóteo interpreta-se benéfico (VIII), e significa o diabo, que parece prestar benefícios aos seus dilectos. São antes venefícios, donde dever chamar-se ante venéfico do que benéfico (IX). Teme muito que Judas, o pregador, passe o rio da pregação, de modo que da margem das palavras passe à margem das obras. Se o fizer, porá em fuga o próprio Timóteo juntamente com o seu exército. Mas ai! Hoje todos vêm até ao rio; ficam na margem das palavras; não querem passar à margem das obras. Por isso, o diabo não os teme, e as suas palavras possuem menor eficácia. Porque não são, conforme se escreve no mesmo livro, da geração daqueles varões, pelos quais veio a salvação a Israel (X). Aqueles homens foram os Apóstolos, que atravessaram o rio e realizaram grande salvação no povo de Deus. [...]</i>
				IX	Glo. Ord., ibidem.	
				X	1 Mac 5, 62.	
044	XIX Domingo depois do Pentecostes	Subindo Jesus para uma barca.	Dilatatio Cláusula I - A subida de Jesus Cristo para uma barca	I	1 Mac 4,36-40.	<i>[...] 5 - Super hoc habes concordantiam in primo libro Machabaeorum, ubi dicit Iudas Machabaeus (I): Ascendamus nunc mundare sancta et renovare. Et congregatus est omnis exercitus, et ascenderunt in montem Sion. E viderunt sanctificationem desertam, e altare profanatum, et portas exustas, et in atriis virgulta nata, sicut in saltu et in montibus, et pastophoria diruta. Et sciderunt vestimenta sua, et planxerunt planctu magno, et imposuerunt cinerem super caput suum; et ceciderunt in faciem suam super terram. In hac auctoritate comprehenditur qualiter anima destruitur et qualiter reaedificatur. Iudas, idest poenitens, congregato omni exercitu, scilicet cogitationum et affectionum, debet ascendere in montem Sion, "quae interpretatur specula (II), idest mentem suam", ex qua potest speculari orientem suae nativitatis, occidentem suae mortis, aquilonem suae adversitatis, meridiem mundanae prosperitatis. Primum, ut se humiliet: secundum, ut se plangat; tertium, ut fortis existat; quartum, ne se elevet. Et quia amissa bona homo tunc cognoscit, cum mala commissas recte prius aspicit, ideo sequitur: Et viderunt sanctificationem desertam etc. Sanctificatio tunc est deserta, cum anima, aqua Baptismatis sanctificata, peccat mortaliter, et sic a Sancti Spiritus gratia efficitur deserta.</i>
				II	Glo. Ord., 1 Mac 4,37; G. NISS., HP, PG 44, 453.	<i>[...] 5. Com isto está plenamente de acordo o primeiro livro dos Macabeus, onde Judas Macabeu diz (I): Subamos agora a purificar e renovar o santuário. E foi reunido todo o exército, e subiram ao monte Sião. E viram deserto o santuário e profanado o altar e as portas queimadas, e nos átrios arbustos nascidos, como no bosque ou nos montes e os pastofórios destruídos. E rasgaram os seus vestidos, e fizeram grande pranto e puseram cinza sobre a cabeça. E prostraram-se com o rosto por terra. Nesta sentença se compreende o modo como a alma se destrói e se reedifica. Judas, o penitente, reunido todo o exército dos pensamentos e dos afectos, deve subir ao monte Sião, que se interpreta observatório (II), isto é, deve subir ao seu entendimento, donde pode observar o oriente do seu nascimento, o ocidente da sua morte, o aquilão da adversidade, o meio-dia da prosperidade mundana. Primeiro, para que se humilhe; segundo, para que se lamente; terceiro, para que se mantenha forte; quarto, para que não ensoberbeça. E porque o homem conhece os bens perdidos quando olha com rectidão os males cometidos antes, segue: E viram o santuário deserto etc. O santuário está deserto quando a alma, santificada pela água baptismal, peca</i>

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
044 (Cont.)	XIX Domingo depois do Pentecostes (Cont.)	Subindo Jesus para uma barca. (Cont.)	Dilatatio Cláusula I - A subida de Jesus Cristo para uma barca			Altare profanatur, cum fides destruitur. Portae exuruntur, cum sensus corporis igne concupiscentiae dissipantur. "In atriis virgulta nascuntur, cum in corde superfluum cogitationum multitudo generatur. Patophoria graece dicuntur thalami vel cubicula, in quibus levitae excubabant in atriis domus Domini, quorum commemoratio fit in ultima visione Ezechielis. Pastophoria ergo diruuntur, cum secreta mentis per desideria illicita dilaniantur". Ecce qualiter anima destruitur, sed videamus qualiter reaedificatur.
						Sciderunt vestimenta sua etc. Nota ista quattuor: sciderunt, planxerunt, imposuerunt, ceciderunt. In scissione vestimentorum, cordis contritio; in planctu, lacrimosa confessio; in impositione cineris super caput, humilis satisfactio; in casu in faciem super terram, ultimae resolutionis recordatio, Unde dictum est primo homini: 'Terra es et in terram ibis'. Qui sic cum Iuda, mundare et renovare sancta, in montem Sion ascendit, vere cum Iesu in naviculam ascendit. [...]
				III	Jz 1,1-2.	[...] 12 - [...] Iudas templum mundat, quia confessio mentem a vitiis purgat. Unde dicitur in libro Iudicum (III), quod consuluerunt filii Israel Dominum, dicentes: Quis ascendet ante nos contra Chananaeum, et erit dux belli? Dixitque Dominus: Iudas ascendet, ecce tradidi terram in manu eius. 'Chananaeus interpretatur zelotypus' (IV), et significat diabolus, qui animam peccatoris quasi zelotypus ardentem diligit, et ne ad Christum revertatur astute satagit. Contra hunc poenitens in confessione debet ascendere et eum de terra mentis suae extirpare et ipsam a vitiis purgare. [...]
			Dilatatio Cláusula III – A cura do paralítico	IV	JERON., DNLH, PL 23, 837.	13 - [...] Super hoc habes quid simile in secundo libro Regum (V), ubi dicitur quod percussit David Philistiim et humiliavit eos; et tulit frenum tributi de manu Philistiim. Et percussit Moab et mensus est funiculo, coaequans terrae; mensus est autem duos funiculos unum ad occidendum et unum ad vivificandum; factusque est Moab David serviens sub tributo.
				V	2 Sm 8,1-2.	AD LITTERAM sic intellige. <i>Percussit David Philisthaeos, et abstulit frenum</i> , idest potestatem, <i>tributi</i> , quam habebant in Israel, de manu eorum. <i>Et percussit Moab et mensus est eos funiculo</i> , idest cui voluit dedit hereditatem, <i>coaequans eos terrae</i> , idest humilians. <i>Et mensus est duos funiculos</i> etc., 'idest ad arbitrium

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
044 (Cont.)	XIX Domingo depois do Pentecostes (Cont.)	Subindo Jesus para uma barca. (Cont.)	Dilatatio Cláusula III – A cura do paralítico (Cont.)	VI	Glo. Ord., 2 Sm 8,2.	suum quos voluit occidit, et quos voluit reservavit' (VI) . MORALITER. "Philisthiim interpretantur potione cadentes" (VII), et significant sensus corporis, qui potione mundanae vanitatis inebriati, cadunt in foveam peccati. Dicuntur etiam 'duplex ruina', quia se et animam ruere faciunt. Unde de hac ruina dicit Dominus: <i>Qui audit verba mea et non facit ea, similis erit viro stulto, qui aedificavit domum suam</i> , idest conversationem suam, <i>super arenam</i> , idest amorem temporalium; et <i>descendit pluvia</i> diabolicae suggestionis, et <i>venerunt flumina</i> concupiscentiae carnalis, et <i>flaverunt vesti</i> mundanae adversitatis vel prosperitatis, et <i>irruerunt in domum illam</i> , et <i>cecidit</i> , quia fundamentum eius erat arena; unde 'arena dicitur, quasi arida'; temporalia enim ab humore gratiae sunt arida; et <i>fuit ruina eius magna</i> .
				VII	Glo. Ord., 1Sm 4,1.	David Philisthaeos percutit et humiliat, cum poenitens sensus corporis percutit in carnis mortificatione et humiliat in suae vilitatis recordatione; et tunc aufert frenum tributi, idest gulae et luxuriae concupiscentiam, qua prius sensus carnis ipsum solebant infrenare, ne foenum dominicae Incarnationis, in praesepio positum, posset manducare, sed tantum aquam terrenae voluptatis bibere. Equus infrenatus non comedere sed bibere potest. Unde de hoc tributo deplorat Ieremias in Threnis: <i>Princeps provinciarum facta est sub tributo</i> . Anima quondam princeps provinciarum, idest quinque sensuum, facta est sub tributo carnalis concupiscentiae, sed David de manu, idest potestate, eorum aufert frenum tributi, cum tollit grabatum suum, 'carnem suam crucifigens cum vitiis et concupiscentiis'. Unde sequitur: <i>Et percussit Moab</i> etc. "Moab interpretatur ex patre" (VIII), et significat motum carnis, quem a patribus nostris contrahimus. Iste Moab quotiescumque consurgit statim debemus percutere, idest reprimere, et funiculo, idest asperitate poenitentiae, sub mensura tamen discretionis, debemus terrae coaequare, idest humiliare, vel ut aequaliter poena respondeat culpa. Metiri etiam debemus duos funiculos, duo genera compunctionis, unum quod est pro peccatis, et hoc ad occidendum, idest motum carnis mortificandun, et unum quod est pro desiderio gloriae, et hoc est ad vivificandum spiritum nostrum. [...]
				VIII	Glo. Ord., 2 Sm 8,2.	matou, segundo o seu arbítrio, os que quis e reservou o que quis (VI). Sentido moral. Os filisteus interpretam-se os que caem com a poção (VII) , e significam os sentidos do corpo, que, inebriados com a poção da vaidade mundana, caem no poço do pecado. Chamam-se ainda dupla ruína, porque fazem ruir a si e a alma. Daí o Senhor dizer desta ruína: <i>O que ouve as minhas palavras e não as cumpre é semelhante ao homem insensato que edificou a sua casa</i> , a sua vida, sobre a areia, isto é, sobre o amor dos bens; e <i>desceu a chuva</i> da sugestão diabólica e <i>vieram os rios</i> da concupiscência carnal e <i>sopraram os ventos</i> da adversidade mundana ou da prosperidade e <i>irromperam contra aquela casa, e caiu</i> , porque o seu fundamento era <i>areia</i> . Areia parece-se com árida. De facto, os bens temporais são áridos da humidade da graça. <i>E foi grande a sua ruína</i> . David derrota os filisteus e humilha-os, quando o penitente derrota os sentidos do corpo na mortificação da carne e os humilha na lembrança da sua vileza; então tira o freio do tributo, isto é, a concupiscência da gula e da luxúria. Com a concupiscência costumavam os sentidos da carne antes enfreá-lo, de forma a não poder comer a erva da Encarnação do Senhor, colocada na manjedoura, mas apenas beber a água do prazer terreno. De facto, o cavalo enfreado não pode comer, mas consegue beber. Por isso, Jeremias deplora, a respeito deste tributo, nos Trenos: <i>A princesa das províncias ficou sujeita ao tributo</i> . A alma, outrora princesa das províncias, ou seja, dos cinco sentidos, ficou sujeita ao tributo da concupiscência carnal; mas David tira o freio do tributo da sua mão, isto é, do seu poder, quando lhe toma o leito, crucificando a própria carne com os vícios e concupiscência. Por isso, segue: <i>E derrotou Moab</i> etc. Moab interpreta-se o que procede do pai (VIII) e simboliza o movimento carnal, contraído dos nossos pais. Este Moab, todas as vezes que se levanta, imediatamente o devemos ferir ou reprimir. Com um cordel, figura da aspereza da penitência, mas sob a medida da discrição, devemos fazê-lo deixar por terra, isto é, humilhar-se; ou então, para que a pena corresponda igualmente à culpa. Devemos ainda medir dois cordéis, isto é, dois géneros de compunção: um pelos pecados, para matar, isto é, para mortificar o movimento carnal; o outro pelo desejo de glória, para vivificar o nosso espírito. [...]

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
045	XX Domingo depois do Pentecostes		Dilatatio Cláusula II. O triplo tabernáculo	I	Mt 22,7.	6 - Sequitur secundum. (I) Rex autem cum audisset, iratus est; et missis exercitibus suis, perdidit homicidas illos, et civitatem illorum succendit. [...] Unde sequitur: <i>Missis exercitibus suis</i> etc. Ibi dicit GLOSSA (II): "Missis exercitibus, idest angelis, per quos exercebit iudicium, peccatores et civitatem perdet, idest carnem, in qua habitaverunt, cum anima in gehenna cremabit", ut qui in utroque peccaverunt, in utroque iuste puniantur. [...]
				II	Glo. Ord., Mt 1. c.	Dei Filius, cum accepit ex beata Virgine corpus, in quo quasi tabernaculo peregrinus et hospes fuit, tunc quasi umbraculum contra aestum diei, idest mundanae prosperitatis, nobis fecit. Unde in Psalmo (III): Obumbrasti, inquit, super caput meum in die belli, idest mundanae prosperitatis, quae valde impugnat Christi pauperes. [...]
				III	Sl 139,8.	6. Segue o segundo. (I) O rei, tendo ouvido isto, irou-se; e mandando os seus exércitos, exterminou aqueles homicidas e pôs fogo à sua cidade. [...] Por isso, segue: <i>Mandando os seus exércitos</i> etc. Comentário da Glosa (II): Estes exércitos são os Anjos, mediante os quais exercerá o juízo, perderá os pecadores e a cidade. Quer dizer, queimará na geena a carne (em que habitaram) juntamente com a alma. Aqueles que pecarem com o corpo e com a alma, é justo serem punidos no corpo e na alma. [...] O Filho de Deus, quando recebeu o corpo da Santíssima Virgem, onde, como num tabernáculo, foi peregrino e hóspede, armou-nos uma espécie de guarda-sol contra a calma do dia, isto é, da prosperidade mundana. Daí a palavra do Salmo (III): Tu puseste a coberto a minha cabeça no dia da batalha, isto é, no dia da prosperidade mundana, que muito impugna os pobres de Cristo. [...]
		O reino dos céus é semelhante a um rei.	Dilatatio Cláusula III - A tríplice veste nupcial	IV	2 Sm 21,19.	[...] 9 - [...] Sobre o caso há coisa semelhante no segundo livro dos Reis (IV), para o fim, onde se diz: Houve mais uma terceira guerra em Gob contra os filisteus, na qual Adeodato, filho de Salto, polimitário em Belém, matou Golias de Get. Note-se que há três guerras: a do diabo, a do mundo e a da carne. Gob, que se interpreta lago (V), é a nossa carne, lago de miséria e lodo de fezes. Neste lago há uma guerra contra os filisteus, os cinco sentidos do corpo, que, inebriados pela poção dos bens temporais, caem no pecado. Nesta guerra e neste lago, o penitente de nome Adeodato, porque iluminado pela graça de Deus, filho de salto, isto é, da solidão, da penitência e da angústia, polimitário, porque humilde e benigno, de Belém, porque contemplativo, saciado com a doçura do pão celeste, este homem tão grande, ao mortificar-se, mata Golias de Get, figura do diabo (VI).
				V	Glo. Ord., 2 Sm 21,18.	Escreve Isaías (VII): O Senhor dos exércitos levantará o flagelo contra ele (contra Assur, o diabo), como feriu Madiã no penhasco de Oreb. Lê-se no livro dos Juízes (VIII) que Gedeão venceu o exército de Madiã com lanternas, trombetas e ânforas partidas. Gedeão é o penitente que na lanterna da contrição, na trombeta da confissão e no partir da ânfora da mortificação da própria carne vence o diabo. Acontece isto no penhasco de Oreb, que se interpreta segura ou corvo (IX). Quer dizer, com o propósito firme e imóvel da sua penitência seca o humor da luxúria e o faz passar por cima da dor e do desprezo, designados no corvo. Deve, pois, revestir-se de tal veste polimita quem quiser entrar nas núpcias da penitência. Se dela carecer, poderá ouvir: <i>Amice habitu, inimice cordis fastu, quomodo huc,</i> idest in
				VI	Glo. Ord., 1Sm 17,23.	
				VII	Is 10,26.	
				VIII	Jz 7,19-21.	
				IX	JERON., DNLH., PL 23, 833.	

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
045 (Cont.)	XX Domingo depois do Pentecostes (Cont.)	<i>O reino dos céus é semelhante a um rei.</i> (Cont.)	Dilatatio Cláusula III - A tríplice veste nupcial (Cont.)			religionem, <i>intrasti non habens vestem</i> humilitatis <i>nuptialem</i> ? Quid detestabilius, quid abominabilius Deo et hominibus quam superbia in religioso? [...]
046	XXI Domingo depois do Pentecostes	<i>Havia um régulo.</i>	Dilatatio Cláusula I - A doença do filho dum régulo	I	Ef 6,10-11.	[...] 11 - Huic primae clausulae concordat prima particula epistolae: <i>Confortamini in Domino</i> , ne in infirmitate, quae ex Capharnaum provenit, deficiatis, <i>et in potentia virtutis eius</i> , qui dixit: (I) Vade, filius tuus vivit, induite vos armaturam Dei, ut possitis stare adversus insidias diaboli . Nota quod, quicumque vult esse miles Dei et eius armaturam indui et fortis stare adversus insidias diaboli, oportet ut habeat equum bonae voluntatis, sellam humilitatis, strepas constantiae, calcaria gemini timoris, frenum temperantiae, 'clipeum fidei, loricam iustitiae, galeam salutis' (II), lanceam caritatis. Qui his armis se induerit, infirmitas Capharnai ipsum non occupabit. Et necessaria sunt, quia <i>non est nobis colluctatio adversus carnem et sanguinem</i> , "idest vitia carnis et sanguinis tantum" (III), <i>sed adversus principes</i> , "idest daemones, qui principantur aliis" (IV), <i>et potestates</i> , "idest eos qui super hos possunt, qui in tenebris peccatorum sunt" (V), <i>adversus mundi</i> , idest mundanorum, <i>rectores</i> , idest ad interitum ducentes, <i>tenebrarum harum</i> , idest horum tenebrosorum, quos praecipitant in opera tenebrosa, idest abominationes supradictas, quas ponit Ezechiel propheta, <i>contra spiritualia nequitiae</i> , idest "spiritus nequam" (VI), <i>in caelestibus</i> , "idest pro caelestibus. Non enim pro parva re, sed pro caelestibus hereditate tollenda pugnant" (VII).
				II	Ef 6,15-17.	[...] 11. Com esta primeira cláusula está de acordo a primeira parte da Epístola: Confortai-vos no Senhor, para que não desfaleçais com a enfermidade, que vem de Cafarnaum, e no poder da sua virtude (daquele que disse: (I) Vai, o teu filho vive revesti-vos da armadura de Deus, para que possais resistir às ciladas do diabo . Todo aquele que quer ser soldado de Deus e revestir-se da sua armadura e resistir fortemente contra as ciladas do diabo, importa que possua o cavalo da boa vontade, a sela da humildade, os estribos da constância, as esporas do duplo temor, o freio da temperança, o escudo da fé, a couraça da justiça, o capacete da salvação (II), a lança da caridade. O que se revestir destas armas não será invadido pela enfermidade de Cafarnaum. E são armas necessárias, <i>porque não temos que lutar contra a carne e o sangue</i> (contra os vícios da carne e da alma somente (III)), <i>mas sim contra os principados</i> (os demónios, que chefiam os outros (IV)) e as <i>potestades</i> (aqueles que têm poder sobre os que estão nas trevas dos pecados (V)), <i>contra os dominadores</i> (que conduzem à morte) <i>do mundo</i> (dos mundanos) <i>destas trevas</i> (destes tenebrosos que eles precipitam em obras tenebrosas, as sobretidas abominações, que traz o profeta Ezequiel), <i>contra os espíritos malignos</i> (o espírito mau (VI)), <i>nos ares</i> , isto é, em vista dos bens celestes. De facto, pugnam não por uma coisa pequena, mas por conseguir a herança celeste (VII).
				III	<i>Glo. Int., Ef 6,12.</i>	
				IV	<i>Glo. Int., ibidem.</i>	
				V	<i>Glo. Int., ibidem.</i>	
				VI	<i>Glo. Ord. e Int., ibidem.</i>	
				VII	<i>Glo. Ord., ibidem.</i>	
			Dilatatio Clausula II - A credulidade do régulo	VIII	Ef 1. c.	[...] 16 - [...] Unde huic, secundae clausulae concordat secunda particula epistolae: <i>State succincti lumbos vestros in veritate</i> . "Lumbi a libidine sunt dicti", "Libido dicta, quod libeat". Ecce maledicta febris, quae regnat in lumbis, et ideo dicit Apostolus (VIII): State succincti lumbos vestros in veritate, et induite loricam iustitiae . "Unicuique secundum ius suum faciendo, ut iustitia quasi lorica sitis protecti, ne pateat locus hosti" (IX).
				IX	<i>Glo. Int., ibidem.</i>	[...] 16. [...] Por isso, com esta segunda cláusula concorda a segunda parte da Epístola: <i>Tende cingidos os vossos rins com a verdade</i> . Rins, etimologicamente, vem duma palavra latina que significa sensualidade, a qual, por sua vez, vem dum verbo latino que significa ser agradável. Eis a maldita febre, que reina nos rins. Por isso, diz o Apóstolo (VIII): Tende cingidos os vossos rins com a verdade, e vesti a couraça da justiça .

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
046 (Cont.)	XXI Domingo depois do Pentecostes (Cont.)	Havia um régulo. (Cont.)	Dilatatio Clausula II - A credulidade do régulo			Et calceati pedes in <i>praeparatione evangelii pacis</i> (X), "ne tangat terram qui praedicat" (XI), idest, ne amore terrenorum praedcet. <i>In omnibus sumentes scutum fidei</i> (XII) "fides est scutum sub quo tuta est iustitia" (XIII); <i>in quo possitis omnia tela nequissimi</i> , "idest omnes insultus diaboli" (XIV), <i>igneae</i> , "idest quae de vitio in vitium incendunt" (XV), <i>extinguere; et galeam salutis assumite.</i> " (XVI) <i>Galea est salus aeterna, cuius memoria mentem obvolvit, ne deficiat</i> " (XVII), <i>et gladium</i> , "ad feriendum hostem" (XVIII), <i>spiritus</i> , "idest quem dat Spiritus Sanctus" (XIX), <i>quod est verbum</i> (XX), idest evangelium, <i>Dei</i> . Quicumque in his sex, quasi in sex horis, se exercuerit et praeparaverit, a septiformi gratia, quasi in septima hora, a febre luxuriae liberabitur. [...]
				X	Ef. 6,15.	
				XI	<i>Glo. Int.</i> , ibidem.	
				XII	Ef 6,16.	
				XIII	<i>Glo. Ord.</i> , ibidem.	
				XIV	<i>Glo. Int.</i> , ibidem.	
				XV	<i>Glo. Int.</i> , ibidem.	
				XVI	Ef 6,16-17.	
				XVII	<i>Glo. Ord.</i> , Ef 6,17.	
				XVIII	<i>Glo. Int.</i> , ibidem.	
				XIX	<i>Glo. Int.</i> , ibidem.	
				XX	Ef 1. c.	
048	XXIII Domingo depois do Pentecostes	Evangelho do vigésimo terceiro domingo depois do Pentecostes: <i>Retirando-se os fariseus.</i>	Exordium. O pregador e a tríplice convocação da trombeta	I	Nm 10,9-10.	1 - In illo tempore: <i>Abeuntes Phariseae consilium inierunt, ut caperent Iesum in sermone.</i> Dicit Osee: <i>In gutture tuo sit tuba quasi aquila super domum Domini, pro eo quod transgressi sunt foedus meum, et legem meam praevericati sunt.</i> Quid ista quattuor: guttur, tuba, aquila et domus significant, videamus. Nota quod tuba, ut dicitur in libro Numeri (I), ad tria convocabat, scilicet ad bellum, epulum et festum. "Tuba est praedicatio" (II). [...] Tuba ergo est praedicatio, quae convocat ad bellum contra vitia, de quo dicit loel propheta (III): <i>Ego Dominus locutus sum. Clamate hoc in gentibus, sanctificate bellum, suscite robustos; ascendant omnes viri bellatores. Concidite aratra vestra in gladios et ligones in lanceas. Infirmus dicat quia fortis ego sum.</i> Cum Dominus interna inspiratione loquitur in praedicatoribus, tunc ipsi clamant in gentibus, idest gentiliter viventibus. Sanctificate bellum etc. Bellum sanctificat, qui prius vitia deponit et post contra spiritualia nequitiae in, "idest pro" , caelestibus, certamen assumit. Qui enim dissentit sentit. Robustos suscitatur, qui firmum propositum non relabendi habet. Viri bellatores tunc ascendant, cum quinque corporis sensus, qui prius erant quasi feminae, animam effeminantes, sed modo tamquam viri bellatores ascendant castis et castigatis moribus, qui prius solebant descendere in profundum vitiorum. Aratra in gladios et ligones in lanceas concidit, qui linguam detractionis, quae quasi aaratro vitan aliorum solebat sulcare, in
				II	<i>Glo. Ord.</i> , Nm 10,7-10.	
				III	Jl 3,8-10.	
						1. Naquele tempo, retirando-se os fariseus, consultaram entre si como surpreenderiam Jesus no que falasse. Diz-se em Oseias: <i>Seja a tua garganta como uma trombeta, como águia sobre a casa do Senhor, porque transgrediram a minha aliança e violaram a minha lei.</i> Vejamos o que significam as quatro palavras: garganta, trombeta, águia e casa. A trombeta, como se lê no livro dos Números (I), convocava para três coisas: para a guerra, para um banquete e para uma festa. A trombeta é a pregação (II). [...] A trombeta, portanto, é a pregação, que convoca para a guerra contra os vícios, de que fala o profeta Joel (III): <i>Eu, o Senhor, falei. Publicai isto entre as nações, santificai a guerra, animai os valentes; venham todos os homens de guerra. Forjai as espadas das relhas dos vossos arados e lanças do ferro dos vossos enxadões. Diga o fraco: Eu sou forte.</i> Quando o Senhor fala pela inspiração interna nos pregadores, eles o anunciam entre as nações, quer dizer, entre aqueles que vivem como gentios. <i>Santificai a guerra</i> etc. Santifica a guerra quem primeiro depõe os vícios e depois luta <i>contra os espíritos malignos espalhados pelos ares</i> . De facto, aquele que não está de acordo sente-o. Anima os fortes quem tem o firme propósito de não recair. Os homens de guerra põem-se em marcha quando os cinco sentidos do corpo, antes semelhantes a mulheres, efeminando a alma, mas agora como homens de guerra, marcham com costumes castos e castigados, eles que primeiro costumavam descer ao profundo dos vícios. Forja

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
048 (Cont.)	XXIII Domingo depois do Pentecostes (Cont.)	Evangelho do vigésimo terceiro domingo depois do Pentecostes: <i>Retirando-se os fariseus.</i> (Cont.)	Exordium. O pregador e a tríplice convocação da trombeta (Cont.)			gladios confessionis et propria accusationis et ligones terrenae sollicitudinis et privati amoris vertit in lanceas caritatis; et sic qui infirmus fuerat et effeminatus potest dicere: Fortis sum, et potens ascendere ex adverso et stare in bello in die Domini. [...]
049	XXIV Domingo depois do Pentecostes	<i>Falando Jesus às turbas.</i>	Dilatatio Cláusula I – A ressuscitação da filha do príncipe da sinagoga	I	Ct 6,11.	7 - [...] Unde dicit sponsa in Canticis (I): Anima mea conturbavit me propter quadrigas Aminadab. "Aminadab interpretatur spontaneus" vel urbanus (II) , et significat corpus nostrum, quod sponte sua se impellit in temporalia, in quibus urbane et delicate semper vult vivere. Quadrigar Aminadab sunt sensus corporis, quae dum circumvolvuntur per lutum et stercus temporalium, anima, idest animalitas, idest sensualitas, conturbat rationem tumultu malarum cogitationum.
				II	<i>Glo. Int.</i> , ibidem.	7. [...] Por isso, diz a esposa nos Cânticos (I): A minha alma ficou toda perturbada por causa dos carros de Aminadab. Aminadab interpreta-se espontâneo ou urbano (II) , e simboliza o nosso corpo, que se dirige espontaneamente para os bens temporais. Neles quer viver sempre de modo urbano e delicadamente. Os carros de Aminadab são os sentidos do corpo. Quando se revolvem no lodo e no esterco dos bens temporais, a alma, isto é, a animalidade, a sensualidade, perturba a razão com o tumulto dos maus pensamentos.
				III	Os 2,18.	8. [...] Sobre este assunto concorda aquilo que diz o Senhor em Oseias (III): Tirarei do país o arco, a espada e a guerra, e os farei dormir com toda a segurança. O arco designa a enganadora sugestão do diabo (IV); a espada, o tumultuoso pensamento do coração; a guerra, o lascivo deleite dos sentidos. Estas coisas tira o Senhor da terra quando lança fora da casa da consciência a turba tumultuante; posta esta fora, entra, e, entrando, pacifica. [...]
				IV	GREG., MJ XIX, 30, 54, PL 76, 135.	8 - [...] Super hoc concordat illud quod dicit Dominus in Osee (III): Arcum et gladium et bellum conteram de terra, et dormire eos faciam fiducialiter. 'In arcu dolosa diaboli suggestio' (IV) , in gladio tumultuosa cordis cogitatio, in bello sensuum lasciviens delectatio designatur. Haec Dominus de terra tunc conterit, cum turbam tumultuantem de domo conscientiae eicit, quae eiecta, intrat, intrans pacificat. [...]
050	Primeiro Domingo do Advento	<i>Haverá sinais no sol e na lua.</i>	Dilatatio Cláusula IV - O quarto advento de Cristo em majestade	I	Is 34,6-10.	[...] 18 - [...] Item, de hac potestate dicit Isaías: (I) Gladius Domini repletus est sanguine incrassatus est adipe, de sanguine agnorum e hircorum, de sanguine medullatorum arietum; victima enim Domini in Bosra, interfectio magna in terra Edom. Et descendent unicornes eius et tauri cum potentibus; inebriabitur terra eorum sanguine, et humus eorum adipe pinguium, quia dies ultionis Domini, annus retributionum iudicii Sion. Et convertentur torrentes eius picem, et humus eius in sulphur, et erit terra eius in picem ardentem. Nocte et die non exstinguetur in sempiternum, ascendetque fumus eius a generatione in generationem. In die iudicii gladius, 'idest potestas, Domini, ulciscens' (II) se de inimicis suis, erit repleta sanguine et incrassata adipe, idest puniet 'peccata et opulentiam carnalium' (III); de sanguine agnorum, 'idest hypocritarum' (IV) qui cum sint lupi, agnos se simulant; et hircorum, "idest libidinosorum" (V) e medullatorum arietum, idest pinguium abbatum et priorum, 'qui sunt duces gregis' (VI). Victima enim,
				II	<i>Glo. Int.</i> , Is 34,5.	[...] 18. [...] Deste poder ainda escreve Isaías (I): A espada do Senhor está cheia de sangue; está toda coberta de gordura, de sangue dos carneiros e dos bodes, de sangue dos carneiros gordos; porque há vítimas do Senhor em Bosra e grande matança na terra de Edom. E com eles cairão os unicórnios, e os touros com os poderosos; a terra se embriagará com o seu sangue e o chão com a sua gordura, porque é o dia da vingança do Senhor, o ano das represálias para fazer justiça a Sião. E converter-se-ão em pez as torrentes e o seu chão em enxofre; e a sua terra em pez ardente. Não se apagará nem de noite nem de dia; o seu fumo subirá para sempre, de geração em geração. No dia do juízo, a espada (o poder) do Senhor, vingando-se (II) dos seus inimigos, encher-se-á de sangue e cobrir-se-á de gordura, isto é, punirá os pecados e a opulência dos carnaís (III). Vingará-se-á do sangue dos cordeiros, que são os hipócritas (IV), pois, sendo lobos, fingem-se cordeiros; e do sangue dos bodes, figura dos
				III	<i>Glo. Int.</i> , Is 34,6.	
				IV	<i>Glo. Int.</i> , ibidem.	
				V	<i>Glo. Int.</i> , ibidem.	

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
050 (Cont.)	Primeiro Domingo do Advento (Cont.)	<i>Haverá sinais no sol e na lua.</i> (Cont.)	Dilatatio Cláusula IV - O quarto advento de Cristo em majestade (Cont.)	VI	<i>Glo. Int., ibidem.</i>	'idest ultio' (VII), <i>Domini erit in Bosra, "quae interpretatur munita" (VIII) idest discordi et dissoluta claustralium congregatione, quae est exterius muris munita, sed interius omni transeunti vitio exposita. [...]</i>
				VII	<i>Glo. Int., ibidem.</i>	
				VIII	<i>Glo. Ord., ibidem.</i>	
053	Quarto Domingo do Advento	<i>O Senhor falou a João.</i>	Dilatatio Cláusula I - A excelência da pregação	I	OVID, <i>EEP</i> II, 3, 53.	[...] 6 - [...] Ad aquilonem se dilatat, qui diabolus impugnantem impugnat. (I) "Ut bene tu pugnes, bene pugnans efficit hostis". [...]
054	Primeiro Domingo depois da oitava do Natal do Senhor	<i>José e Maria estavam admirados.</i>	Dilatatio Cláusula II - O vaticínio de Simeão	I	Is 13,2.	[...] 12 - [...] De quo in Matthaeo: <i>Et tunc apparebit signum Filii hominis in caelo</i> ; et Isaías (I): Super montem caliginosum levate signum, exaltate vocem, levate manum. 'Mons caliginosus est diabolus: mons propter superbiam, caliginosus propter suggestionis caliginem, quam menti infert' (II). Super quem 'prædicatores tune signum levant, cum eum crucis virtute victum prædicant' (III) exaltant vocem, cum 'opportune, importune arguunt, obsecrant, increpant; levant manum, cum quod 'prædicant voce, exercent opere' (IV). [...]
				II	GREG., <i>MJ</i> , PL 76, 669.	[...] 12. [...] Sobre este assunto lê-se em S. Mateus: <i>E então aparecerá o sinal do Filho do homem no céu</i> ; e em Isaías (I): Levantai o estandarte sobre esse monte coberto de trevas, levantai a voz, agitati a mão. O monte coberto de trevas é o diabo. Monte, por causa da soberba; coberto de trevas por causa das trevas da sugestão que introduz no espírito (II). Os pregadores levantam sobre ele o estandarte, quando o pregam vencido pela força da cruz (III); erguem a voz, quando repreendem a tempo e fora de tempo, suplicam e censuram; agitam a mão, quando põem por obra o que pregam com a voz (IV). [...]
				III	<i>Glo. Int., Is 1. c.</i>	14. Segue: (V) E uma espada atravessará a tua mesma alma. A dor que Maria Santíssima suportou na Paixão de seu Filho foi como uma espada que lhe atravessou a alma. [...]
				IV	<i>Glo. Int., Is 1. c.</i>	
				V	Lc 2,35.	
			Dilatatio Cláusula III - A Anunciação ou Natal do Senhor e a penitência	VI	Sb 18,14-16.	17. Com esta parte da Epístola concorda o Intróito da missa de hoje: (VI) Quando tudo repousava no meio do silêncio e a noite estava no meio do seu curso, a tua palavra onnipotente, baixando do céu do teu trono real, saltou de improviso no meio da terra condenada ao extermínio, como um inflexível guerreiro; como uma aguda espada ele levava o teu irrevogável império, e, estando lá, tudo encheu de morte, e, estando sobre a terra, chegava até ao céu. Este é o texto, à letra, do livro da Sabedoria: <i>Quando tudo repousava em tranquilo silêncio.</i>
				VII	Lc 11,21.	Isto é o que diz o Senhor em S. Lucas (VII): Quando um forte armado, o diabo (VIII), guarda a entrada da sua casa, guarda o mundo (IX) ou o inferno, está em paz tudo o que possui. Por isso, Senaquerib, figura do mesmo diabo, diz em Isaías: <i>A minha mão encontrou como um ninho (para defender os fracos) a fortaleza dos povos; e assim como se recolhem os ovos que foram deixados, deixados pela mãe, assim juntei eu toda a terra; e não houve quem movesse a pena, isto é, a mão</i>
				VIII	<i>Glo. Ord., ibidem.</i>	
				IX	<i>Glo. Ord., ibidem.</i>	

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
054 (Cont.)	Primeiro Domingo depois da oitava do Natal do Senhor (Cont.)	José e Maria estavam admirados. (Cont.)	Dilatatio Cláusula III - A Anunciação ou a penitência (Cont.)			<i>terram ego congregavi, et non fuit qui moveret pennam, "idest manum contra me", et aperiret os et ganniret. Ecce quomodo quietum silentium continebant omnia. Et nox in suo cursu medium iter haberet. Medium dicitur respectu extremorum. 'Extrema noctis sunt conticinium et aurora'. Ab Adam usque ad legem fuit quasi conticinium, a lege usque ad beatae Mariae Annuntiationem fuit quasi media nox, in qua praecepti transgresso designatur. Nec Aadam in paradiso, nec populus in deserto praeceptum custodivit; omnes huius noctis caligine erant obtenebrati, et ideo egebant aurora idest dominici adventus beneficio, qui incepit in angelica salutatione. Principium noctis fuit ad Hevam in serpente diabolica suggestio. Initium diei fuit ad Mariam angelica salutatio. Et tunc, o Pater, omnipotens tibi consubstantialis sermo, "idest Filius" (X), tuus a regalibus sedibus, idest a sinu tuae maiestatis, de quo Ioannes: <i>Unigenitus filius, qui est in sinu Patris, ipse narravit.</i></i>
				X	Glo. Ord., Sb 18, 15.	<i>Durus debellator. Hoc est quod dicitur in Luca (XI): Si autem fortior illo supervenerit. Qui 'portas aereas contere et vectes terreos confringere' venerat, sine dubio oportebat ut durus debellator fuisset. De diabolo dicit Dominus in Iob (XII), quod reputat quasi paleas ferrum, et quasi lignum putridum aes. Non fugabit eum vir sagittarius; in stipulam versi sunt ei lapides fundae. Quasi stipulam aestimabit malleum, et deridebit vibrantem hastam. Quid plura? (XIII) Factus est ut nullum timeret. Oportuit ergo ut durus debellator esset, in quo quidquam non haberet, qui eum spoliare veniebat.</i>
				XI	Lc 11,22.	<i>In mediam terram, quae media est inter caelum et infernum, exterminii idest quam diabolus exterminaverat 'idest extra terminos' vitae aeternae posuerat. Unde de eo dicit Isaías: Numquid iste est vir qui conturbavit terram, qui concussit regna, qui possuit orbem desertum et urbes eius destruxit? prosilit, iunctis duobus pedibus divinitatis et humanitatis.</i>
				XII	Jb 41,18-20.	<i>Gladius acutus. Hoc est quod dicit Apostolus (XIV): Vivus est sermo Dei et efficax, et penetrabilior omni gladio ancipiti etc. Gladius est divinitas, qui in vagina humanitatis fuit absconditus. Unde Isaías: Vere tu es Deus absconditus, Deus Israel salvator. Hoc gladio transfossus fuit diabolus, qui terram exterminabat. Unde Isaías: Finitus est pulvis, consummatus est miser, defecit qui conculcabat terram. [...]</i>
				XIII	Jb 41,24.	<i>contra mim, nem abrisse a boca e soltasse o menor grito. Eis de que modo o silêncio profundo continha todas as coisas. E a noite estava no meio do seu curso. Chama-se meio em relação aos extremos. Os extremos da noite são o conticínio e a aurora. Desde Adão até à Lei foi como que o conticínio; desde a Lei à Anunciação de Maria Santíssima foi como que a meia-noite, que designa a transgressão do preceito. Nem Adão no paraíso nem o povo no deserto guardaram o preceito. Todos viviam entenebrecidos com as trevas desta noite. Por isso, precisavam da aurora, do benefício do Advento do Senhor, começado na saudação angélica. O princípio da noite foi para Eva a sugestão diabólica da serpente. O início do dia foi para Maria a saudação angélica. E, então, ó pai, a tua palavra omnipotente, consubstancial a ti, isto é, o teu Filho (X), desceu do trono real, do seio da tua majestade, de que fala S. João: O Filho Unigénito, que está no seio do Pai, ele mesmo é que o deu a conhecer.</i>
						<i>É um inflexível guerreiro. Isto é o que se lê em S. Lucas (XI): Se, porém, sobrevier um mais forte do que ele. Aquele que viera arrombar as portas de bronze e quebrar as trancas de ferro, sem dúvida importava que fosse inflexível guerreiro. Sobre o diabo diz o Senhor em Job (XII) que o ferro é para ele como uma palha e o bronze como um pau podre. Não o fará fugir o frecheiro, as pedras da funda se tornarão para ele em palhas. Reputará o martelo como uma aresta e rir-se-á do brandir da lança. Que mais? (XIII) Foi feito para não ter medo de nada. Importava, portanto, que fosse inflexível guerreiro, em que não houvesse nada que viesse espoliá-lo. Saltou ao meio da terra, que fica entre o céu e o inferno, condenado ao extermínio, isto é, que o diabo exterminara, pusera fora dos limites da vida eterna. Por isso, dele diz Isaías: Porventura é este o homem que pôs a terra em confusão, que fez estremecer os reinos, que fez o mundo um deserto e destruiu as suas cidades? Saltou com os dois pés juntos, o da humanidade e o da divindade. Espada aguda. Isto é o que diz o Apóstolo (XIV): Viva é a palavra de Deus, eficaz e mais penetrante do que a espada de dois gumes etc. A espada é a divindade, que na bainha da humanidade foi escondida. Donde Isaías: Verdadeiramente és um Deus escondido, o Deus salvador de Israel. O diabo foi trespassado com este gládio, ele que exterminava a terra. Afirma Isaías:</i>

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
054 (Cont.)	Primeiro Domingo depois da oitava do Natal do Senhor (Cont.)	José e Maria estavam admirados. (Cont.)	Dilatatio Cláusula III - A Anunciação ou a penitência (Cont.)			18 - <i>Insimulatum imperium tuum portans</i>. Dicit Ioannes: 'Omnia dedit ei Pater in manus'. Et iterum: <i>Omnia quaecumque habet Pater, mea sunt</i>. Item: <i>Mea omnia sunt tua, et tua mea sunt</i>. Portavit ergo imperium Patris, qui 'dedit ei potestatem omnis carnis', 'potestas eius potestas aeterna', 'qui imperat ventis et mari, et obediunt ei'. <i>Insimulatum imperium portans</i>, hoc est quod dicit Marcus; <i>Erat docens eos quasi potestatem habens, et non sicut scribae eorum</i>, qui in hypocrisi et simulatione docebant. Et in Luca: <i>Quod est hoc verbum, quia in potestate et virtute imperat immundis spiritibus et excunt?</i> <i>Et stans replevit omnia morte</i>. Stans, expansis manibus in cruce, morte sua omnia quae fuerant vacuata, per primi parentis inobedientiam, replevit. 'De cuius plenitudine nos omnes accepimus'. <i>Et usque ad caelum attingebat</i>, in quo divinitas, 'sapientia enim attingit a fine usque ad finem fortiter', <i>stans in terra</i>, in quo humanitas designatur. Dicit in Ioanne: <i>Nemo ascendit in caelum, nisi qui de caelo descendit, Filius hominis, qui est in caelo</i>. De eo dicitur in Iob: <i>Excelsior caelo est, et quid facies? Profundior inferno, et unde cognosces? Longior terra mensura eius, et latior mari</i>. Quem, fratres carissimi, humiliter imploremus, ut nos faciat a vitiis ruere et in virtutes resurgere, gladium suae Passionis animam nostram pertransire, qua ad generalis resurrectionis gaudium mereamur pervenire. Ipso praestante, qui est benedictus in saecula. Amen. 19 - <i>Cum quietum slentium contineret omnia</i>. MORALITER exponatur. Dicit Iob de diabolo: <i>Sub umbra dormit, in secreto calami et locis humentibus</i>. In umbra superbia, quae dicitur umbra mortis, idest diaboli. Sicut enim umbra corpus sequitur, sic superbia diabolum. Unde dicitur in Apocalypsi (XV): <i>Et ecce equus pallidus, et qui sedebat super eum nomen illi mors; et infernus sequebatur eum</i>. Ecce equus, miles et scutifer. Equus pallidus est hypocrita; miles enim, nomen [illi] mors, diabolus; scutifer, infernus, idest superbia, quae equum hordeo et aqua, idest austeritate abstinentiae pascit, 'ut videatur hominibus ieunans', cui sellam fictae humilitatis supponit, quem freno silentii infrenat. <i>Stultus</i>, ut dicit Salomon, si tacuerit, sapiens reputabitur, sic et hypocrita, sanctus. Super hunc equum mors ascendit, per mundum discurrit, 'laudes venatur, salutationes in foro,
				XV	Ap 6,2.4.5-6.8.	<i>Feneceu no pó, consumido ficou este miserável, desapareceu o que calcava o país. [...]</i> 18. Ele levava o teu irrevogável império. Diz S. João: <i>O Pai pôs todas as coisas na sua mão</i>. E noutro lugar: <i>Tudo quanto o Pai possui é meu</i>. E ainda: <i>Todas as minhas coisas são tuas, e todas as tuas coisas são minhas</i>. Levou, portanto, o império do Pai, que lhe deu o poder de toda a carne; o seu poder é eterno. Impera aos ventos e ao mar, e obedecem-lhe. <i>Leva o império irrevogável</i>. É isto o que se diz em S. Marcos: <i>Estava-os ensinando como quem tem poder, e não como os escribas deles, que ensinavam na hipocrisia e na simulação</i>. E lê-se em S. Lucas: <i>Que palavra é esta? Ele manda com autoridade e poder aos espíritos imundos e eles saem</i>. <i>E estando lá, tudo encheu de morte</i>. Estando com os braços estendidos na cruz, encheu com a sua morte tudo o que fora esvaziado pela desobediência dos primeiros pais. <i>Da sua plenitude todos nós recebemos</i>. <i>E chegava até ao céu</i>. Este designa a divindade. De facto, a Sabedoria atinge fortemente desde uma extremidade à outra. <i>Estava de pé sobre a terra</i>. Esta designa a humanidade. Diz em S. João: <i>Ninguém subiu ao céu senão aquele que desceu do céu, o Filho do homem, que está no céu</i>. Acerca dele escreve-se em Job: <i>Ele é mais alto do que o céu, e que farás tu? Mais profundo do que o inferno, e como o conhecerás? A sua medida é mais comprida do que a terra e mais larga do que o mar</i>. Imploremos-lhe humildemente, irmãos caríssimos, que nos faça cair dos vícios e ressurgir nas virtudes, que a espada da sua Paixão nos atravesse a alma, a fim de que mereçamos chegar ao gozo da ressurreição geral. Auxilie-nos ele mesmo, que é bendito pelos séculos dos séculos. Assim seja. 19. <i>Quando tudo repousava num profundo silêncio</i>. Exponha-se o sentido moral. Diz Job acerca do diabo: <i>Dorme à sombra no esconderijo dos canaviais e em lugares húmidos</i>. A sombra designa a soberba. Chama-se-lhe sombra da morte, sombra do diabo. Assim como a sombra segue o corpo, também a soberba segue o diabo. Lê-se no Apocalipse (XV): <i>E eis um cavalo amarelo; e o que estava montado sobre ele tinha o nome de Morte, e seguia-o o inferno</i>. Temos aqui um cavalo, um soldado e um escudeiro. O cavalo amarelo é o hipócrita; o soldado, cujo nome é Morte, o diabo; o escudeiro é o inferno, a soberba, que dá ao cavalo cevada e água, isto é, alimenta-o da austeridade da abstinência, para que pareça aos homens pessoa de

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO	EXCERTO ⁽¹⁾
054 (Cont.)	Primeiro Domingo depois da oitava do Natal do Senhor (Cont.)	José e Maria estavam admirados. (Cont.)	Dilatatio Cláusula III - A Anunciação ou Natal do Senhor e a penitência (Cont.)	cathedras in synagogis et primos recubitus in cinis'. Non est superbia super superbiam hypocritae, simulatae aequitas non est aequitas, sed duplex iniquitas". [...] <i>Et nox in suo cursu medium iter haberet.</i> "Nox est dicta a nocendo, quia nocet oculis", et significat mortale peccatum, quo obscuratur lumen rationis. 'Qui ambulat in nocte offendit'. Huius noctis extrema sunt conicinium et aurora, idest consensus mentis excaecatae et infusio gratiae, quorum medium est ipsa actio et consuetudo peccati. Pe hoc medio itinere dicitur in Psalmo: <i>Iter impiorum peribit.</i> Quod tunc evenit, cum omnipotens sermo prosiliit, idest Sancti Spiritus gratiae, quae bene dicitur omnipotens sermo: omnipotens, quia omnia salutis obstacula potens est irrumpere; 'sermo, quia serit et inserit' in mente virtutes, vel quia servat mentem, quam sanavit a peccato. Unde in libro Sapientiae: 'Non herba, idest viror divitiarum, qui cito arescit, nec malagma deliciarum sanavit eos, sed omnipotens sermo tuus, Domine, qui sanat universa', a <i>regalibus sedibus</i> divinae benignitatis et miserationis. Unde Ioel: <i>Convertimini ad Dominum Deum vestrum, quoniam benignus et misericors est.</i> 20 - <i>Durus debellator</i>, in contritione. Gratia enim dicitur durus debellator, quia tamquam malleus mentis duritiem conterit: 'Nonne verba men quasi ignis, et quasi malleus conterens petras?' <i>In mediam terram</i>, idest mentem peccatoris, quae dicitur terra, quia terrena sapit; media, quia inter misericordiam et iustitiam posita. Unde dicit in Ioanne, quod <i>remansit Iesus solus et mulier in medio</i>, 'misericordiae scilicet et iustitiae', <i>stans</i>. <i>Exterminii</i>. Duo sunt termini: ingressus et egressus vitae nostrae. Cum mens hominis in his non habitat, hos non cogitat, tunc est exterminata, idest extra terminos posita. Dicit Isaías: 'Circuit clamor terminum Moab', in quo peccator designatur, in cuius utroque termino est clamor: cum ingreditur mundum, clamans plorat; cum egreditur, sui plorant. Unde in Ecclesiaste: <i>Circuibunt</i>, scilicet cum cadavere, <i>in platea plangentes</i>.	jejum. Põem-lhe em cima a sela da fingida humildade e refreia-o com o freio do silêncio. O <i>insensato</i>, como diz Salomão, <i>se se calar, será reputado sábio</i>. Assim também o hipócrita será reputado santo. A Morte monta neste cavalo, discorre pelo mundo, caça louvores, saudações na praça pública, cátedras nas sinagogas e os primeiros lugares nos banquetes. Não há soberba superior à do hipócrita. A equidade simulada não é equidade mas dupla iniquidade. [...] <i>E a noite estava no meio do seu curso</i>. Noite vem de nocere (fazer mal), porque faz mal aos olhos. Significa o pecado mortal, que escurece o lume da razão. <i>Quem anda de noite, tropeça</i>. Os extremos desta noite são o conticínio e a aurora, isto é, o consentimento do espírito obcecado e a infusão da graça, cujo meio é a própria acção e hábito do pecado. A respeito deste meio caminho diz-se no Salmo: <i>O caminho dos ímpios perecerá</i>. Isto aconteceu quando a palavra onnipotente saltou, isto é, a graça do Espírito Santo, que acertadamente se chama palavra onnipotente: onnipotente, porque pode romper todos os obstáculos da salvação; palavra, porque semeia ou mete no espírito as virtudes, ou então, porque guarda o espírito, sarado ou liberto do pecado. Donte a palavra no livro da Sabedoria: Não foi a erva (o verdor das riquezas), porque depressa se queima, nem cataplasma emoliente (das delícias) que os sarou, mas a tua palavra onnipotente, Senhor, que sara todas as coisas. Ela baixou desde o trono real da divina benignidade e misericórdia. Daí a palavra de Joel: Convertei-vos ao Senhor vosso Deus; porque é benigno e misericordioso. 20. Foi inflexível guerreiro na contrição. Com efeito, chama-se à graça inflexível guerreiro, porque, à semelhança do martelo, esmaga a dureza do espírito: <i>Acaso não é a minha palavra como fogo e como um martelo que esmaga as pedras?</i> <i>Saltou para o meio da terra</i>, quer dizer, para o espírito do pecador. Chama-se-lhe terra, por saborear as coisas terrenas; meio, porque posta entre a misericórdia e a justiça. Lê-se em S. João que ficou sozinho Jesus e a mulher no meio, no meio da misericórdia e da justiça. Condenada ao extermínio. Há dois termos: a entrada e a saída da nossa vida. Quando o espírito do homem não habita neles e deixa de neles pensar, é exterminado, isto é, posto fora dos termos. Escreve Isaías: <i>Os gritos ouviram-se à volta, pelos confins de Moab</i>. Nisto é designado o pecador. Nos seus dois termos há clamor: quando entra no mundo, chora; quando dele sai,

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
054 (Cont.)	Primeiro Domingo depois da oitava do Natal do Senhor (Cont.)	José e Maria estavam admirados. (Cont.)	Dilatatio Cláusula III - A Anunciação ou Natal do Senhor e a penitência (Cont.)	XVI	Is 49,2.	Sequitur: <i>Gladius acutus</i> , in confessione. Gratia tune est gladius acutus, cum linguam peccatori acuit in confessione, ut dicere possit cum Isaia (XVI): Posuit os meum quasi gladium acutum . De quo dicit Dominus Ezechieli: <i>Et tu, fili hominis, sume tibi gladium acutum, radentem pilos, et duces per caput tuum et barbam tuam</i> . Peccator gladio confessionis debet radere caput, in quo mens, ut nullum peccatum remaneat in conscientia, et barbam, in qua boni operis fortitudo designatur, ut non in sed in Domino, a quo est omne bonum, confidat.
						Unde sequitur: <i>Insimulatum imperium tuum portans</i> . Vera confessio simulationem non novit, quae conscientiae veritatem elucidat in conspectu Altissimi et sui confessoris, et tunc pertat insimulatum imperium Domini. Nota quod, confessionis quattuor sunt inimici: amor peccati, pudor confitendi, timor poenitentiae, desperatio veniae. Qui istos quattuor hostes in confessione omnino superat, sine dubio insimulatum Domini imperium portat. Sequitur: Et stans replevit omnia morte, in satisfactione. Gratia tunc stat, eum poenitentem viriliter facit perseverare in poenitentia, ut omnia membra sua repleat morte, idest mortificatione, 'ut mortuus peccato vivat Deo', et tunc de eo poterit dici illud quod sequitur: <i>Et usque ad caelum attingebat, stans in terra</i> . Gratia usque ad caelum attingit, stans in terra, cum poenitentem, adhuc in carne positum, caelesti conversatione caelum facit attingere, ut dicat cum Apostolo: <i>Nostra conversatio in caelis est</i> . Roguemus ergo, fratres carissimi, Dominum Iesum Christum, ut Sancti Spiritus gratiam in mediam exterminii terram mittat, quae mentis durtiam conterat, linguam in confessione exacuat, corporis membra mortificatione repleat, qua caelesti conversatione caelum mereamur attingere. Ipso praestante, qui est benedictus in saecula. Amen.
055	Segundo Domingo depois do Natal do Senhor	Exórdio. Sermão quaresmal aos penitentes	Exordium. Sermão quaresmal aos penitentes	I	Jr 8,6.	1 - [...] Sed, quia rarus vel nullus est qui hoc faciat, ideo conqueritur Dominus per Ieremiam (I): Attendi, inquit, et auscultavi: Nemo quod bonum est loquitur; nullus est qui agat poenitentiam super peccato suo, dicens:
						choram-no os seus. Donde o Eclesiastes: <i>Carpindo, acompanharão o cadáver pelas ruas</i> . Segue: <i>É como uma espada aguda</i> na confissão. A graça é a espada aguda quando aguça a língua do pecador na confissão, de forma que possa dizer com Isaías (XVI): Tornou a minha boca como uma espada aguda . Sobre isto diz o Senhor a Ezequiel: <i>E tu, filho do homem, toma uma navalha afiada, que corte os cabelos; toma-a e passa-a por cima da tua cabeça e da tua barba</i> . O pecador, com a espada da confissão, deve reparar a cabeça, que designa o entendimento, de modo que não fique nenhum pecado na consciência, e faça a barba, que designa a fortaleza da boa obra, de modo que confie, não em si, mas no Senhor, de quem procede todo o bem. Por isso, segue: <i>Levava o teu não simulado império</i> . A verdadeira confissão não conhece a simulação; elucida a verdade da consciência na presença do Altíssimo e do seu confessor. Então leva o império não simulado do Senhor. Quatro são os inimigos da confissão: o amor do pecado, a vergonha de o confessar, o medo da penitência, o desespero do perdão. Quem supera inteiramente na confissão estes quatro inimigos, leva sem dúvida o império não simulado do Senhor. Segue: E estando lá, tudo encheu de morte (na satisfação). A graça está presente, quando faz perseverar virilmente na penitência o penitente, para encher todos os seus membros de morte, isto é, de mortificação, a fim de que morto para o pecado viva para Deus. Então dele poderá dizer-se aquilo que segue: <i>E estando sobre a terra, chegava até ao céu</i> . A graça chega até ao céu, estando sobre a terra, quando, mediante vida celeste, faz chegar ao céu o penitente, vivendo ainda na carne, para que possa dizer com o Apóstolo: <i>Somos cidadãos do céu</i> . Roguemus, portanto, irmãos caríssimos, ao Senhor Jesus Cristo, que envie a graça do Espírito Santo ao meio da terra, desta terra votada ao extermínio, que esmague a dureza do entendimento, estimule a língua na confissão, encha de mortificação os membros do corpo, para que mereçamos, mediante vida celeste, chegar ao céu. Auxilie-nos Ele mesmo que é bendito pelos séculos dos séculos. Assim seja.
						1. [...] Mas porque é raro ou não há ninguém ou não há ninguém que isto faça, queixa-se o Senhor por Jeremias (I): Atendi e escutei: Ninguém fala o que é bom; não há quem faça penitência do seu pecado, dizendo: Que fiz? Todos se voltam para onde a sua paixão os leva,

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾	
						<i>Quid feci? omnes conversi sunt ad cursum suum, quas equus impetu vadens in proelium. [...]</i>	<i>como o cavalo que corre a toda a brida para o combate. [...]</i>
056	Primeiro Domingo depois da Oitava da Epifania	<i>Quando Jesus chegou aos doze anos.</i>	Exordium. Sermão aos pregadores	I	Os 7,15-16.	1 - [...] Sed timeo, ne potius qui eiusmodi sunt hypocrisis tincto colore decorentur. Quicumque ergo desiderat esse verus humilis, exoneret se divitiis, ex quarum contactu humilitas inficitur et superbia generatur. Unde Dominus conqueritur in Osee (I): Ego erudivi, et confortavi brachia eorum, et in me cogitaverunt mmalitiam. Reversi sunt ut essent absque iugo, facti sunt quasi arcus dolosus. Dominus erudit gratuitis, et tamquam filios confortat naturalibus et etiam temporalibus brachia, idest potentiam et virtutem, eorum, ut (II) 'opponant se murum pro domo Israel, et stent fortes in bello' . Sed quia ex adipe procedit iniquitas, <i>reversi sunt, ut essent filii Belial, 'idest absque iugo',</i> in quo superbia designatur - <i>Dereliquerunt Dominum, inquit Isaías, blasphemaverunt Sanctum Israel abalienat sunt retrorsum -, et facti sunt quasi arcus dolosus.</i> Cum enim deberent mittere sagittas sanctae vitae et doctrinae, et percutere adversarium, mittunt sagittas perversae vitae et blasphemiae contra Dominum. [...]	1. [...] Mas temo que estes tais se aformoseiem com a tinta da hipocrisia. Todo aquele, portanto, que deseja ser verdadeiro humilde, despoje-se das riquezas. Ao seu contacto infecciona-se a humildade e gera-se a soberba. Daí a queixa do Senhor em Oseias (I): Eu instruí-os e dei vigor aos seus braços, mas eles meditaram o mal contra mim. Quiseram de novo sacudir o jugo; tornaram-se como um arco falso. O Senhor forma com os dons da graça e como a filhos conforta com os dons naturais e ainda temporais os seus braços, isto é, o poder e a virtude, para que (II) façam em si um muro em defesa da casa de Israel e permaneçam fortes na guerra. Mas porque da abundância procede a iniquidade, <i>voltaram para trás, transformando-se em filhos de Belial, sem jugo, que designa a soberba. Abandonaram o Senhor, diz Isaías, blasfemaram contra o Santo de Israel, voltaram para trás e tornaram-se como um arco falso.</i> Com efeito, em vez de mandar setas de vida santa e de doutrina e ferir o adversário, mandam setas de vida perversa e de blasfémia contra o Senhor. [...]
				II	Ez 13,5.		
057	Segundo Domingo depois da Oitava da Epifania	<i>Tendo Jesus descido do monte.</i>	Dilatatio Cláusula II - A cura do servo paralítico	I	Mt 8,13.	[...] Sequitur (I): Et dixit Iesus centurioni: Vade, et sicut credidisti, fiat tibi, 'quoniam secundum mensuram fidei unicuique datur quod postulat' (II). <i>Et sanatus est puer ex illa hora.</i> Omnipotens sermo tuus, Domine, leprosum mundavit et puerum sanavit.	[...] Segue: (I) E disse Jesus ao Centurião: Vai e seja-te feito conforme creste, porque se dá a cada um segundo a medida da sua fé (II). E naquela mesma hora foi sarado o servo. A tua palavra onnipotente, Senhor, limpou o leproso e sarou o criado.
				II	<i>Glo. Int., ibidem.</i>	9 - MORALITER. 'Centurio militibus stipatus significat praelatum vel quemlibet iustum, qui virtutibus tamquam militibus debet esse munitus' (III). Unde dicitur in secundo libro Regum: (IV) Omnis populus et universi bellatores a dextro et a sinistro latere regis David incedebant; et iterum: (V) Universi servi regis ambulabant iuxta eum, et legiones Cerethi, 'idest exterminatores' (VI), et Phelethi, 'idest vivificadores' (VII), in quibus virtutes designantur, quae vitia exterminant et animam vivificant.	9. Sentido moral. O Centurião rodeado de soldados significa o prelado ou qualquer justo, que deve estar munido de virtudes, como se fossem soldados (III). Onde o ler-se no segundo livro dos Reis (IV) que todo o povo e todos os homens de guerra marchavam à direita e à esquerda do rei David; e noutro lugar (V): E todos os servos do rei caminharam junto dele, e as legiões dos Cereteus, exterminadores (VI), e dos Feleteus, vivificadores (VII). Designam eles as virtudes, que exterminam os vícios e vivificam a alma.
				III	<i>Glo. Ord., Mt 8,9.</i>		
				IV	2 Rs 16,6.		
				V	2Rs 15,18.		
				VI	JERON., DNLH, PL 23, 857.		
				VII	JERON., DNLH, PL 23, 861.		
				VIII	2 Mac 10,29-10.	Unde dicitur in secundo libro Machabaeorum, quod (VIII) cum Iudas Machabaeus et Timotheus convenissent in proeliun et vehemens pugna esset, apparuerunt adversariis de caelo viri quinque in equis, frenis aureis decori, ducatum Iudaeis praestantes; ex quibus duo, Machabaeum medium habentes, armis suis circumseptum, incolumen conservabant, in adrersarios tela el fulmina iaciebant, ex quo et caecitate confusi et	Daí o dizer-se no segundo livro dos Macabeus (VIII) que quando Judas Macabeu e Timóteo se encontraram para o combate e o combate era renhido, apareceram do céu como adversários cinco homens em cavalos, adornados de freios de ouro, que serviam de guia aos Judeus. Dois deles, tendo no meio de si Macabeus, cobrindo-o com as suas armas, guardavam-no para que andasse sem risco de sua

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
057 (Cont.)	Segundo Domingo depois da Oitava da Epifania (Cont.)	Tendo Jesus descido do monte. (Cont.)	Dilatatio Cláusula II - A cura do servo paralítico (Cont.)	IX	Glo. Ord., 2 Mac 10,32.	<i>repleti perturbatione cadebant. ”Timotheus interpretatur beneficus” (IX), ‘et significat diabolum, qui mundi amatoribus modo videtur beneficus, sed postea temporis erit veneficus’ (X) ut quem habuerunt incentorem in culpa, habeant tortorem in poena. Hic, congregato exercitu vitiorum, convenit ad impugnandum Machabaeum, idest virum instum, inter quos, cum vehemens pugna fit, ecce de caelo, idest caelesti pietate, apparent quinque viri, idest quinque virtutes, quae sunt humilitas mentis, castitas corporis, amor paupertatis, excellentia geminae caritatis, propositum perseverantiae finalis. Hae, in equis bonae voluntatis – (XI) Equus, inquit Salomon, paratur ad bellum, et Dominus saluten tribuit -, frenis abstinentiae et disciplinae, aureis discretionem, Iudaeis, idest daemonis et vitii, exitium parant. Ingressus enim virtutis egressum vitii, operatur. Humilitas a cordis elatione castitas a corporis corruptione Machabeum, idest virum iustum, incolumen protegent et defendunt.</i>
				X	Glo. Ord., ibidem.	<i>Quicumque talibus fuerit militibus munitus, bene poterit dicere huic, idest humilitati mentis vel patientiae: Vade ad omnimodae subiectionis obedientiam, ad omnis iniuriae tolerantiam; et vadit, [...]</i>
				XI	Pr 21,31.	<i>2 - [...] Et dixit Isaías LIX (I): Galea salutis in capite eius. Galea humanitas, caput divinitas; caput latens sub galea, divinitas sub humanitate. Non ergo timendum. Ex parte nostra est victoria, quia nobiscum Deus armatus. Gratias tibi, Virgo gloriosa, quia per te nobiscum Deus. Peperit ergo filium suum primogenitum idest ‘ante omnia saecula de Patre genitum’, vel ‘primogenitum ex mortuis’, vel ‘in multis fratribus’. [...]</i>
059	Natal do Senhor	Saiu um édito de César Augusto para que se fizesse o recenseamento de todo o mundo.	Dilatatio Cláusula I - O recenseamento do orbe	I	Is 59,17.	<i>2. [...] Escreve Isaías (I): E pôs sobre a sua cabeça o capacete da salvação. O capacete é a humanidade; a cabeça é a divindade; a cabeça escondida debaixo do capacete é a divindade debaixo da humanidade. Não se deve, portanto, temer. Da nossa parte está a vitória, porque conosco está Deus armado. Graças te sejam dadas a ti, Virgem gloriosa. Por teu intermédio, Deus está conosco. Deus, portanto, à luz do seu primogénito, gerado do Pai antes de todos os séculos, ou o primogénito dentre os mortos, ou entre muitos irmãos. [...]</i>
			Dilatatio Cláusula IV - Sermão alegórico	II	2 Sm 21,19.	<i>[...] 12 - Sequitur: Et filius datus est nobis. Super quo habes concordantiam in secundo Regum XXI (II): Tertium fuit bellum in Gob contra Philisthaeos; in quo percussit Adeodatus, filius Saltus, polymitarius, Bethleemites, Goliath Gethaeum. Nota quod primum bellum fuit in deserto, unde: Ductus est Iesus in desertum etc.; secundum, in campo, idest in publico unde: Erat Iesus eiiciens daemonium; tertium, in ligno, cui affixus</i>

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
059 (Cont.)	Natal do Senhor (Cont.)	<i>Saiu um édito de César Augusto para que se fizesse o recenseamento de todo o mundo.</i> (Cont.)	Dilatatio Cláusula IV - Sermão alegórico (Cont.)			Philisthaeos, 'idest aereas potestates, debellavit'. Hoc tertium bellum fuit factum in Gob, "quod interpretatur lacus" (III) idest in vulneribus Redemptoris, et maxime in vulnere lateris, ex quo emanarunt duo rivi nostrae redemptionis. In hoc lacu Iesus nobis sola misericordia a Deo Patre datus, ut esset noster <i>campio</i> . Qui fuit <i>filius Saltus</i> , quia, spinis coronatus; <i>polymitarius</i> , quia vestem polymitam, 'idest multicolorem', idest humanitatem septiformis gratiae donis decoratam, sibi in utero virginali praeparavit: <i>Bethlehemites</i> , quia de eadem Virgine hodie in Bethlehem natus. Vel, <i>filius Saltus</i> fuit in Passione, <i>polymitarius</i> erit generali resurrectione: tunc enim induet nos veste polymita, quattuor dotibus decorata; <i>Bethlehemites</i> , in aeterna refectioe. Hic noster pugil, in lacu Passionis percussus, percussit Goliath Gethaeum, idest diabolun. [...]
				III	Glo. Ord., 2 Sm 21,18.	nele, debelou os filisteus, as potestades aéreas. Esta terceira guerra foi travada em Gob, que se interpreta lago (III) , isto é, nas chagas do Redentor e, sobretudo, na chaga do lado, donde manaram os dois rios da nossa redenção. Neste lago, Deus Pai, por misericórdia pura, deu-nos Jesus, para que fosse o nosso campeão. Foi filho de Salto, porque no dizer de S. Marcos, habitava no deserto com os animais. Ou então, foi filho de Salto, enquanto o coroaram de espinhos; polimitário, porque no ventre virginal teceu para si uma veste polimita multicolor, a humanidade decorada com os dons da graça septiforme; betlemita, porque da mesma Virgem hoje nasceu em Belém. Ou então, foi filho de Salto na Paixão, será polimitário na ressurreição geral, já que então nos vestirá com a túnica polimita, decorada com os quatro dotes, betlemita, no banquete eterno. Este nosso pugilista, ferido no lago da Paixão, feriu Golias de Get, o diabo. [...]
065	Epifania do Senhor	<i>Quando Jesus nasceu em Belém</i>	Dilatatio Cláusula IV - Sermão alegórico	I	Jo 10,12.	9 - <i>In tempore illo deferetur munus Domino exercituum a populo divulso et dilacerato</i> [...] [...] detulerunt munus aurum, thus et myrrham Iesu Christo, <i>Domino exercituum</i> , idest angelorum. Unde Malachia I: Ab ortu solis usque ad occasum, magnum est nomen meum in gentibus; et in omni loco saerificatur et offertur nomini meo oblatio munda, dicit Dominus exercituum. [...] 13 - Item, <i>gens expectans</i> sunt hypocritae et vanegloriosi: pro omni opere quod faciunt mercedem laudis, ut mercenarii, expectant. Dicitur in Ioanne X (I): Mercenarius videt lupum venientem et dimittit oves et fugit. Lupus, diabolica suggestio; oves, bonae cogitationes. Qui non ob amorem iustitiae, sed propter mercedem vanae gloriae operatur, de facili tentationi cedit. et si quid boni erat propositum dimittit. [...]
				II	1 Sm 18,7-9	14 - Item, <i>gens conculcata</i> sunt invidi, qui aliorum felicitate torquentur et conculcantur: 'Invidia maius non invenere tyranni tormentum Siculi'. Unde primo Regum XVIII (II): Percussit Saul mille, et David decem millia. Iratusque est Saul nimis et displicuit in oculis eius sermo iste; dixitque: Dederunt David decem millia, et mihi dederunt mille. Quid ei superest nisi solum regnum? Non rectis ergo oculis Saul aspiciebat David a die illa et deinceps. Ecce quomodo torquebatur, quomodo conculcabatur. [...]
067	Festa da Purificação de	<i>Depois dos dias da purificação de Maria estarem completos</i>	Dilatatio Cláusula I Sermão moral	I	Jb 39,25.	11 [...] E conhecem o inverno e a chuva: prevêem a tentação. Job (I) , a propósito do cavalo, do varão justo, escreve: Cheira de longe a batalha, a exortação dos

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
	Maria Virgem Santíssima					<i>exhortationem ducum et ululatum exercitus.</i> Duces sunt subtiles tentationes, quae sub specie virtutis rationabiliter videntur exhortari; exercitus, carnalis appetitus, qui velut lupus aperte ululat. Sed vir iustus, odoratu discretionis, utrumque procul deprehendit et ab utroque sibi cavet. [...]
069	Quarta-Feira de Cinzas	<i>Jesus disse para os seus discípulos: Quando jejuam</i>	Dilatatio Cláusila III - Sermão moral	I	Is 10,33-34.	7 - 'Gedeon in lampadibus, tubis et lagenis devicit castra Madian'. Hoc legitur in libro Iudicum VII (I). Simile quid in Isaia X: <i>Ecce dominator, exercituum, confringet lagunculam in terrore; et excelsi statura succidentur, et sublimes humiliabuntur. Et subvertentur condensa saltus ferro; et Libanus cum excelsis cadet.</i> Quid ista quattuor: Gedeon, lampas, tuba et lagena moraliter significant, videamus.
				II	<i>Glo. Int.</i> , Jz 6,32.	"Gedeon interpretatur circuiens in utero" (II) et significat poenitentem, qui antequam ad confessionem accedat, debet circuire in utero propriae conscientiae, in qua concipitur et generatur filius vitae vel mortis. Cuius est aetatis, quot annorum esse poterat, cum primo coepit mortaliter peccare: et postea quanta et qualia et quoties mortalia commisit. Quot et quae fuerunt personae, cum quibus peccavit; commisit; quae lloca quae temporasi private, si publice, si sponte, si coacte, si praeventus tentatione, praevenens tentationem, vel praeveniens tentationem, et tunc deterius. Et si haec omnia confessus fuit; et, si confessus, post quoties recidivavit, quia tunc magis ac magis gratiae Dei ingratus. Si confessionem contempsit, et quanto tempore inconfessus in peccato permansit; et si, in mortali existens, corpus Domini accepit. [...]
072	Ressurreição do Senhor	<i>A amendoeira deverá florir</i>	Dilatatio Cláusula I - Sermão moral	I	2 Sm 3,1.	4 - [...] Unde concordat secundo Regum III: (I) <i>Facta est longa concertatio inter domum Saul et domum David. Domus David proficiens et semper seipso robustior, domus autem Saul decrescens quotidie.</i> 'Domus David, Ecclesia; domus Saulis, "qui interpretatur abutens" (II), Synagoga' (III); quae, donis Dei specialibus abutens, libellum repudií accepit et a legitimi viri toro recessit. Quam longa inter Ecclesiam et Synagogam concertatio fuerit, Actus Apostolorunm ostendit. Ecclesia proficiebat, quia, ut dicitur Actus II <i>Dominus augebat qui salvi fiebant quotidie in idipsum.</i> Synagoga vero quotidie decrescebat. Unde Osee I: Voca nomen eius Non populus meus; quia vos non populus meus, et ego non ero vester Deus; et: <i>Oblivione obliviscar eorum, et domui Iuda,</i>
				II	JERON., DNLH, PL 23, 834.	4. [...] Donde a concordância com o segundo livro dos Reis (I): <i>Houve uma longa guerra entre a casa de Saul e a casa de David, adiantando-se David e fortificando-se cada vez mais, enquanto que a casa de Saul decaía todos os dias.</i> A casa de David é a Igreja; a casa de Saul, que se interpreta abusador (II), a Sinagoga (III). Abusando esta dos dons especiais de Deus, recebeu o libelo de repúdio e afastou-se do leito do legítimo marido. Os Actos dos Apóstolos mostram quão longa foi a guerra entre a Igreja e a Sinagoga. A Igreja progredia, por quem segundo se lê nos Actos, <i>o Senhor aumentava a cada dia mais o número dos que se salvam nele mesmo.</i> A Sinagoga, porém, decrescia todos os dias. Afirma Oseias: <i>Põe-lhe o nome Meu-não-povo, porque vós já não sois o meu povo, e eu não serei mais</i>
				III	<i>Glo. Ord.</i> , 2 Sm 1. c.	

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
072 (Cont.)	Ressurreição do Senhor (Cont.)	A amendoeira deverá florir (Cont.)	Dilatatio Cláusula I - Sermão moral (Cont.)			"idest Ecclesia", miserebor. Ipsi ergo honor et gloria in saecula. Amen.
076	Ascensão do Senhor	Enquanto os onze discípulos estavam à mesa, Jesus apareceu-lhes.	Dilatatio Cláusula I - A última aparição de Cristo	I	2 Sm 7,1-2.	2 - [...] Unde dicitur secundo Regum VII (I), quod 'sedebat rex David in domo sua cedrina, et Dominus dedit ei requiem undique ab universis inimicis suis'. Dicitur in NATURALIBUS, quod 'cedrus est arbor alta et iucundi odoris et diu durans, et odore suo serpentes fugat, et proprietates eius est quod semper in hieme et in aestate facit fructus'. Domus cedrina est viri iusti conscientia: alta per Dei amorem, iucundi odoris per honestam conversationem, diu durans per perseverantiam; odore suae munditiae vel orationis devotae serpentes, idest motus carnales vel daemones, fugat, et tam in hieme adversitatis quam in aestate prosperitatis facit fructum aeternae salutis. Qui in tali domo sedet, undique securus ab universis inimicis, idest diabolo, mundo et carne, requiem habet, quia induitur virtute ex alto, non ex imo, idest mundo, ex quo qui induitur de facili in bello ruit. Qui vero ex alto, virtute Spiritus Sancti, induitur, hostes conterit et virtutis opera facit. [...]
				II	Sl 139,8.	2. [...] Lê-se no segundo livro dos Reis (I): Estava o rei David estabelecido em sua casa de cedro, e Deus tinha-lhe dado paz em toda a parte com todos os seus inimigos. Diz-se em Ciências Naturais que o cedro é uma árvore alta, de agradável cheiro, muito duradoura e com o seu odor afugenta as serpentes. Tem a propriedade de produzir continuamente frutos, de inverno ou verão. A casa de cedro é a consciência do justo: alta pelo amor de Deus, de cheiro agradável pela vida honesta, muito duradoura pela perseverança; o perfume da sua pureza ou devota oração afugenta as serpentes, os movimentos carnales ou os demónios, e tanto no inverno da adversidade, como no estio da prosperidade produz fruto de salvação eterna. Quem se estabelece em tal casa, está por toda a parte seguro de todos os inimigos: o diabo, o mundo e a carne; tem paz, porque se reveste da virtude do alto, não de baixo, do mundo. Quem se reveste do mundo cai facilmente na guerra. Aquele, porém, que reveste do alto, da virtude do Espírito Santo, esmaga os inimigos e faz obras de virtude. [...]
			Dilatatio Cláusula IV - Sermão alegórico	III	1 Sm 17,43.	8. [...] Unde in Psalmo (II): Obumbrasti, inquit, super caput meum in die belli, quo in cruce manibus affixis aereas potestates debellavit. [...]
				IV	Glo. Int., 1 Sm 17,16.	8. [...] Lemos no Salmo (II): Fizeste Sombra sobre a minha cabeça no dia da guerra. Com as mãos presas na cruz debelou as potestades aéreas. [...]
				V	JERON., DNHL, PL 23, 823.	9. Passei este rio Jordão só com o meu cajado, e agora volto com duas partidas. Esta é uma sentença do Génesis. As palavras são de Jacob, que voltava da Mesopotâmia para a terra natal. Podem ainda ser palavras de Cristo, ao voltar do mundo para o Pai, tendo a cruz por seu cajado. Lê-se no primeiro livro dos Reis (III): Disse o filisteu a David: Porventura eu sou algum cão, para vires contra mim com um cajado? O filisteu, que se interpreta o que cai com a bebida (IV), ou dupla ruína (V), é o diabo (VI), que, inebriado com a bebida da soberba, caiu do céu e provocou a queda do homem na dupla ruína da alma e do corpo. Chama-se-lhe cão, porque ladra com a sugestão contra os inocentes e ignora o parente, isto é, o seu Criador. O nosso David, Cristo (VII) , que havia de combater por nós, foi-lhe ao encontro com o cajado da cruz. Por isso, pouco atrás, no mesmo livro (VIII), se diz: David tomou o seu cajado, que trazia sempre nas mãos, e escolheu na torrente cinco pedras bem lisas, e meteu-as no surrão de pastor, que trazia consigo, e tomou a funda na mão, e saiu contra o filisteu. Eis as armas
				VI	Glo. Int., 1 Sm 1. c.	9. Passei este rio Jordão só com o meu cajado, e agora volto com duas partidas. Esta é uma sentença do Génesis. As palavras são de Jacob, que voltava da Mesopotâmia para a terra natal. Podem ainda ser palavras de Cristo, ao voltar do mundo para o Pai, tendo a cruz por seu cajado. Lê-se no primeiro livro dos Reis (III): Disse o filisteu a David: Porventura eu sou algum cão, para vires contra mim com um cajado? O filisteu, que se interpreta o que cai com a bebida (IV), ou dupla ruína (V), é o diabo (VI), que, inebriado com a bebida da soberba, caiu do céu e provocou a queda do homem na dupla ruína da alma e do corpo. Chama-se-lhe cão, porque ladra com a sugestão contra os inocentes e ignora o parente, isto é, o seu Criador. O nosso David, Cristo (VII) , que havia de combater por nós, foi-lhe ao encontro com o cajado da cruz. Por isso, pouco atrás, no mesmo livro (VIII), se diz: David tomou o seu cajado, que trazia sempre nas mãos, e escolheu na torrente cinco pedras bem lisas, e meteu-as no surrão de pastor, que trazia consigo, e tomou a funda na mão, e saiu contra o filisteu. Eis as armas
				VII	Glo. Int., 1 Sm 17, 23.	9. Passei este rio Jordão só com o meu cajado, e agora volto com duas partidas. Esta é uma sentença do Génesis. As palavras são de Jacob, que voltava da Mesopotâmia para a terra natal. Podem ainda ser palavras de Cristo, ao voltar do mundo para o Pai, tendo a cruz por seu cajado. Lê-se no primeiro livro dos Reis (III): Disse o filisteu a David: Porventura eu sou algum cão, para vires contra mim com um cajado? O filisteu, que se interpreta o que cai com a bebida (IV), ou dupla ruína (V), é o diabo (VI), que, inebriado com a bebida da soberba, caiu do céu e provocou a queda do homem na dupla ruína da alma e do corpo. Chama-se-lhe cão, porque ladra com a sugestão contra os inocentes e ignora o parente, isto é, o seu Criador. O nosso David, Cristo (VII) , que havia de combater por nós, foi-lhe ao encontro com o cajado da cruz. Por isso, pouco atrás, no mesmo livro (VIII), se diz: David tomou o seu cajado, que trazia sempre nas mãos, e escolheu na torrente cinco pedras bem lisas, e meteu-as no surrão de pastor, que trazia consigo, e tomou a funda na mão, e saiu contra o filisteu. Eis as armas
				VIII	1 Sm 17,40.	9. Passei este rio Jordão só com o meu cajado, e agora volto com duas partidas. Esta é uma sentença do Génesis. As palavras são de Jacob, que voltava da Mesopotâmia para a terra natal. Podem ainda ser palavras de Cristo, ao voltar do mundo para o Pai, tendo a cruz por seu cajado. Lê-se no primeiro livro dos Reis (III): Disse o filisteu a David: Porventura eu sou algum cão, para vires contra mim com um cajado? O filisteu, que se interpreta o que cai com a bebida (IV), ou dupla ruína (V), é o diabo (VI), que, inebriado com a bebida da soberba, caiu do céu e provocou a queda do homem na dupla ruína da alma e do corpo. Chama-se-lhe cão, porque ladra com a sugestão contra os inocentes e ignora o parente, isto é, o seu Criador. O nosso David, Cristo (VII) , que havia de combater por nós, foi-lhe ao encontro com o cajado da cruz. Por isso, pouco atrás, no mesmo livro (VIII), se diz: David tomou o seu cajado, que trazia sempre nas mãos, e escolheu na torrente cinco pedras bem lisas, e meteu-as no surrão de pastor, que trazia consigo, e tomou a funda na mão, e saiu contra o filisteu. Eis as armas

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
076 (Cont.)	Ascensão do Senhor (Cont.)	<i>Enquanto os onze discípulos estavam à mesa, Jesus apareceu-lhes.</i> (Cont.)	Dilatatio Cláusula IV - Sermão alegórico			adversarium. Christus baculum crucis semper habuit in manibus, quia ante Passionem in operibus, in Passione ipsi manibus affixus, post Passionem ipsius signa reservavit in manibus, ut pro nobis ea Patri ostenderet. Unde dicit Isaia XLIX: <i>Ecce descripsi te in manibus meis.</i> [...]
079	Os apóstolos São Pedro e São Paulo	<i>O Senhor disse a Simão Pedro</i>	Dilatatio Cláusula IV - Sermão alegórico acerca dos apóstolos São Pedro e São Paulo	I	Dt 33,18-19.	9 - <i>Laetare, Zabulon, in exitu tuo, et, Issachar, in tabernaculis. Populos ad montem vocabunt, et immolabunt victimas iustitiae. Yu inundationes maris, quasi lac, sugent.</i> Haec auctoritas Deuteronomii XXXIII (I). In his duobus patriarchis duo principes Ecclesiae Petrus et Paulus designantur. Zabulon, ”qui, interpretatur habitaculum fortitudinis” (II) est beatus Petrus, qui post Spiritus Sancti adventum tantae fortitudinis factus fuit habitaculum, ut qui prius ad vocem ancillae negaverat Dominum, postea non timeret Neronis gladium. Verbo , inquit, caeli, ”idest apostoli” (III), firmati sunt, et spiritu oris eius omnis virtus eorum (IV); et: Ego confirmavi columnas eius (V). [...]
				II	<i>Glo. Int., Gn 49,13.</i>	9. Alegria-te Zabulão na tua saída, e tu, Issacar, nas tuas tendas. Eles chamarão os povos ao monte; aí imolarão as vítimas de justiça. Eles chuparão com elite a inundação do mar. Esta sentença é do Deuteronomio (I). Estes dois Patriarcas designam os dois príncipes da Igreja, Pedro e Paulo. Zabulão, que se interpreta habitação da fortaleza (II) , é São Pedro, que, depois da vinda do Espírito, se tornou habitação de tamanha fortaleza que não temeu o gládio de Nero, ele que primeiro negou o Senhor à voz duma criada. Pela palavra se firmaram os céus, os Apóstolos (III), e pelo espírito de sua boca se formou todo o seu exército (IV); e: Eu confirmei as suas colunas (V). [...]
				III	<i>Glo. Int., Sl 33,6.</i>	Por isso, acrescenta-se: Chamarão os povos ao monte. Donde a concordância dos Números (VI): Falou o Senhor a Moisés, dizendo: Faz para ti duas trombetas de prata batida, com as quais possas convocar a multidão. Estes dois Apóstolos chamam-se trombetas de prata, por causa da sonoridade da pregação; batida, por causa da pancada do martírio. Cristo fez estas duas trombetas, escolheu-as com a sua graça. Com elas convocou ao monte da vida eterna a multidão dos povos. E assim como aquelas trombetas convocavam para a guerra, para um banquete e para uma festa (VII) , estes Apóstolos convidaram os povos para a guerra contra os vícios. Escreve S. Pedro na sua Epístola (VIII): Sede sóbrios e vigiai, porque o diabo, vosso adversário , etc. E S. Paulo (IX): Tomai o escudo da fé, com que possais extinguir todos os dardos de fogo do maligno. [...]
				IV	<i>Sl 33,6.</i>	
				V	<i>Sl 75,4.</i>	
				VI	Nm 10,1-2.	Unde subditur: <i>Populos ad montem vocabunt.</i> Unde concordat Numeri X (VI): Locutus est Dominus ad Moysen dicens: Fac tibi duas tubas argenteas ductiles, quibus convocare possis multitudinem. Isti duo apostoli dicuntur tubae argenteae propter praedicationis sonoritatem, ductiles propter passionis percussionem. Has tubas Christus fecit, idest gratia sua elegit, quibus multitudinem populorum ad montem vitae aeternae convocavit. Et sicut ’illae tubae convocabant ad bellum, epulum et festum’ (VII) sic isti vocaverunt populos ad bellum contra vitia, unde Petrus (VIII): Sobrii, inquit, estote, et vigilate, quia adversarius vester diabolus etc.; et Paulus (IX): Assumentes, inquit, scutum fidei, in quo possitis omnia tela ignea nequissimi extinguere; [...]
				VII	Nm 10,9-10.	
				VIII	1 Pe 5,8-9.	
				IX	Ef 6,16.	
			Cláusula VI - Sermão alegórico acerca de S. Paulo	-	-	16 - [...] vere beatus Paulus fecit, unde Timotheo dicit: <i>In evangelio positus sum ego praedicator et apostolus et magister gentium. Ob quam causam etiam haec patior, sed non confundor.</i> Qui <i>clamorem exactoris</i> , idest Neronis, non audit, cuius gladium non timuit, quia <i>’a caritate Iesu Christi, ut ipse dicit, nulla creatura separare potuit’</i> . [...] 17 - Sequitur: <i>Cui dedi domum in solitudine et tabernacula eius in terra salsuginis.</i> Hoc est quod ipse dicit: <i>Qui operatus est Petro in apostolatu ciurcumcisionis, operatus est et mihi inter gentes, quae dicebantur solitudo, quia sine Deo habitatore, et terra</i>

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽¹⁾
079 (cont.)	Os apóstolos São Pedro e São Paulo	O Senhor disse a Simão Pedro	Dilatatio Cláusula VI - Sermão alegórico acerca de S. Paulo	-	-	salsuginis, idest amaritudinis et sterilitatis; in quibus Deus beato Paulo dedit domum, idest, ut ex ipsis et in ipsis aedificaret domum, idest sanctam Ecclesiam, et tabernacula sanctae militiae, ut pro ipsis contra hostes visibiles et invisibiles pugnaret et domum sibi commissam defenderet. [...]
			Dilatatio Cláusula VII - Sermão moral	X	1 Cor 9,26-27.	19 - [...] In hac terra dedit Dominus Onagro, idest spiritui, tabernacula, idest corporis membra, ut ex ipso et in ipso impugnet diabolum et vitia. "Ut bene tu pugnes, bene pugnans efficit hostis". Unde Apostolus (X): Sic pugno, non quasi aerem verberans - sed ipsos et non solum ipsos et non solum ipsos -; sed castigo corpus meum et in servitute redigo. Unde Genesi XII (XI): "Tetendit, inquit, Abraham tabernaculum suum inter Bethel, "quae interpretatur domus Dei" (XII), et Hai', 'quae interpretatur quaestio vitae' (XIII). Tabernaculum extendere est corpus in poenitentiae satisfactione exercere, et ad caritatis opera dilatare. [...]
				XI	Gn 12,8.	19. [...] O Senhor deu nesta terra ao ónagro, ao espírito, lugar onde albergar-se; deu-lhe os membros corporais, a fim de por eles e neles dar luta ao diabo e aos vícios. Para que tu pugnes bem, o inimigo torna-se bom lutador. Daí o Apóstolo (X): Assim combato, não como quem açoita o ar (mas os próprios ímpios, e não só a eles), mas castigo o meu corpo e o reduzo à servidão. O Génesis (XI): Abraão estendeu a sua tenda entre Betel, que se interpreta casa de Deus (XII), e Hai, que se interpreta questão de vida (XIII). Estender a tenda é exercitar o corpo na satisfação da penitência e dilatá-lo em obras de caridade. [...]
				XII	Glo. Ord., ibidem.	
				XIII	Glo. Ord., ibidem.	

⁽¹⁾ Fonte: Santo António de Lisboa, *Obras completas. Sermões dominicais e festivos* Introd., trad. e notas por Henrique Pinto Rema O.F.M., 2 vols. (Porto: Lello & Irmão, 1987).

b) Tabela B – *Summa Sermonum* pelagiana (SSP), transcrições e traduções das *Picturae Bellorum*

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾
002	2º Sermão da festa de Santo André Apóstolo	O mandato (<i>privilegium</i> da pregação)	Dilatatio	I	1 Sm 29,9.	[...] Tercii secundum leges aborrendi uel aliter occidendi, sicut fecit Saul, 1º Reg XXVIII, c, [9] (I): <i>Ecce tu nosti, etc. [quanta fecerit Saul, et quomodo eraserit magos et ariolos]</i> usque de <i>terra</i> . Ibi enim dicitur quod saul errasit magos et ariolos de terra; et Iheu, III Reg X, d, [18-28]
				II	2 Rs 10,18-28.	(II): <i>Congregauit ergo Iheu, etc. [omnem populum et dixit ad eos: Ahab coluit Baal parum, ego autem colam eum amplius. Nunc igitur omnes prophetas Baal, et universos servos eius et cunctos sacerdotes ipsius, vocate ad me; nullus sit qui non veniat, sacrificium enim grande est mihi Baal; quicumque defuerit non vivet. Porro Hieu faciebat hoc insidiosae, ut disperderet cultores Baal. Et dixit: Sanctificate diem sollemnem Baal. Vocavitque, et misit in universos terminos Israhel, et venerunt cuncti servi Baal; non fuit residuus ne unus quidem qui non veniret. Et ingressi sunt templum Baal; et repleta est domus Baal a summo usque ad summum. Dixitque hiis qui erant super vestes: Proferte vestimenta universis servis Baal. Et protulerunt eis vestes. Ingressusque Hieu et Ionadab, filius Rechab, templum Baal, ait cultoribus Baal: Perquirite et videte, ne quis forte vobiscum sit de servis Domini, sed ut sint servi Baal soli. Ingressi sunt igitur ut facerent victimas et holocausta. Hieu autem preparaverat sibi foris octoginta viros, et dixerat eis: Quicumque fugerit de hominibus his quos ego adduxero in manus vestras, anima eius erit pro anima illius. Factum est ergo cum completum esset holocaustum, praecepit Hieu militibus et ducibus suis: Ingredimini, et percutite eos, nullus evadat. Percusseruntque eos in ore gladii, et proiecerunt milites et duces. Et ierunt in civitatem templi Baal. Et protulerunt statuam in fano Baal, et conbusserunt, et comminuerunt eam. Destruxerunt quoque aedem Baal, et fecerunt pro ea latrinas usque in diem hanc.] usque Deleuit itaque Ieu Baal. III Reg XVIII, g, [40-41] (III): Dixitque ad eos helyas, etc. [Adprehendite prophetas Baal, et ne unus quidem effugiat ex eis. Quos cum apprehendissent, duxit eos Helias ad torrentem Cison, et interfecit eos ibi.] usque Et ait Helyas ad Hason. [...]</i>
				III	1 Rs 18,40-41.	[...] Os terceiros [os pregadores que vivem e ensinam mal, como os hereges, e que não devem ser ouvidos nem imitados], segundo as leis, devem ser abominados ou antes mortos, tal como fez Saúl (I): <i>Bem sabes o que fez Saúl ao eliminar os que invocam os espíritos dos mortos e os adivinhos da terra</i> . Pois aqui, de facto, se diz que Saúl eliminou da terra os adivinhos e os que invocam os espíritos; e Jeú (II): <i>Jeú convocou todo o povo e disse-lhes: Acab tributou algum culto a Baal; mas eu vou, agora, servi-lo muito mais. Convocai, portanto, para junto de mim, todos os profetas de Baal, os seus fiéis e seus sacerdotes. Que não falte ninguém, pois tenho que oferecer a Baal um grande sacrifício. Aquele que faltar, não ficará vivo. Isto era apenas uma armadilha para exterminar todos os adoradores de Baal. A seguir, Jeú deu esta ordem: Promulgai uma assembleia solene em honra de Baal. Depois, enviou mensageiros por todo o Israel a chamar os adores de Baal; estes compareceram todos, sem excepção de nenhum, e reuniram-se no templo de Baal, que se encheu de uma ponta à outra. Jeú disse ao guarda do vestiário: Entrega vestes a todos os adoradores de Baal. O guarda distribuiu vestes a todos eles. Jeú entrou no templo de Baal, acompanhado de Jonadab, filho de Recab, e disse aos adoradores de Baal: Reparai e verificai bem, para que não esteja convosco nenhum dos que servem o Senhor, mas somente os servidores de Baal. Entraram, pois, para oferecer sacrifícios e holocaustos, mas Jeú colocara oitenta homens do lado de fora, dizendo-lhes: Aquele de vós que deixar fugir um só destes homens, que entrego nas vossas mãos, pagará com a própria vida a vida do fugitivo. Terminados os holocaustos, Jeú ordenou aos guardas e aos oficiais: Entrai e matai-o! Não deixeis escapara nenhum! E, assim, foram todos passados ao fio da espada. Os guardas e oficiais lançaram fora os cadáveres, penetraram no santuário do templo de Baal, retiraram o ídolo e queimaram-no. Derrubaram a estela de Baal e destruíram o templo, transformando-o em cloacas, que ainda hoje existem. Desta forma, Jeú exterminou de Israel o culto de Baal. Disse-lhes então Elias: Prende agora os profetas de Baal; não deixeis fugir um só deles! Prenderam-nos, e Elias levou-os ao vale de Quichin, onde os matou. Depois disse Elias a Acab (III). [...]</i>

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾
003	3º Sermão da festa de Santo André, Apóstolo	Invocação do Nome de Deus (a Oração)	Dilatatio	I	Sir 46,5.	[...] Secundo, quando inuocandus; quia in tempore: ¶ Sanitatis. Eccli XIII, e, [18]: <i>Omni uita tua dilige Deum, et inuoca eum in salute tua.</i> ¶ Hostilitatis. Eccli XLVI, b, [6] (I): Inuocabit altissimum, etc. [potentem, et oppugnando inimicos undique; et audiuit illum magnus et sanctus] usque Deus. [...] [...] Segundo, quando deve ser invocado [o Apóstolo Santo André]; em tempo: ¶ de saúde. Ama a Deus durante toda a tua vida e pede-lhe pela tua saúde. ¶ de hostilidade. Ele invocou o Altíssimo, Todo-Poderoso, quando os inimigos o atacavam por todos os lados: o grande Senhor o ouviu (I). [...]
004	4º Sermão da festa de Santo André, Apóstolo	A vocação apostólica e a Ordem dos Pregadores	Dilatatio	I	Ef 6,17.	[...] Ipse reformauit, quando per beatum Dominicum ad pristinum statum reduxit. Iam enim ordo predicatorum degenerauerat a primaue institutionis perfectione. Apostoli enim dispersi per mundum, in singulis ciuitatibus conuersis, episcopus statuebant, et sic processu temporis appropriata sunt loca, ut nulli episcopo liceret falcem in messem mittere alienam. Deinde habundantibus decimis, primiciis, et honoribus, et diuiciis, post tempora martyrum, ceperunt hii qui officium predicationis acceperant, proprium habere, deliciis affluere, honoribus exaltari, diuiciis habundare, et inter hec cepit predicatio sopiri, et hereses pullulare, ita quod cessante diu, et dormitante iam gla- // dio materiali non poterant extirpari ut patet in tholosanis (I) . Vnde placuit miserationi diuine ordinem predicatorum ad statum perfectionis pristine ne tot mala ex defectu predicationis succrescerent. Quod autem idem sit ordo predicatorum et apostolorum patet multipliciter: [...] [...] O próprio [o Filho de Deus] a reformou [à Ordem de São Domingos] quando, por intermédio do bem-aventurado Domingos, a restituiu ao seu antigo estado. Pois a Ordem dos Pregadores tinha-se desviado da primitiva perfeição da instituição. Os apóstolos, dispersos pelo mundo, voltados para todas as cidades, estabeleciam bispos em cada uma delas. E, assim, com o passar do tempo, os lugares foram sendo tomados, de forma que nenhum bispo tinha permissão para enviar a sua foice para outra messe. Em seguida, com a abundância de dízimos, primícias, honras e riquezas, após a era dos mártires, aqueles que assumiram o ofício da pregação começaram a ter propriedades próprias, a desfrutar de luxos, a serem elevados em honras e a prosperar em riquezas. Entretanto, a pregação começou a ser negligenciada e as heresias começaram a brotar, de modo que, tendo cessado o gládio do espírito, que é a Palavra de Deus, e adormecido já o gládio material, não puderam ser erradicadas, como está claro nas epístolas aos Tessalonicenses (I). Por isso, a misericórdia divina determinou que a Ordem dos Pregadores fosse restituída ao estado de perfeição original, para que tantos males não crescessem por falta de pregação. Que a Ordem dos Pregadores é a dos apóstolos é evidente de várias maneiras: [...] Quarto, quia idem officium, scilicet, fideles hedifficare et hereticos extirpare. [...] Em quarto lugar, porque tem a mesma missão, ou seja, edificar os fiéis e extirpar os hereges. [...]
011	1º Sermão da festa de São Nicolau	Valor da esmola	Dilatatio	I	Sir 29,13.	[...] Notandum est hic, quod helemosyna pure propter Deum facta, ualet: [...] [...] Deve notar-se aqui que a esmola feita puramente por Deus, vale: [...] Ad temptationibus resistendum. Eccli IIII [III], g, [33]: <i>Ignem ardentem, etc. [extinguit aquam, et elemosynis resistit peccatis].</i> Item XXIX, b, [18] (I): super scutum potentis, etc. [et super lanceam adversus inimicum] usque tuum pugnavit. [...] Para resistir às tentações. A água apaga o fogo ardente, e a expia o pecado. Mais do que um forte escudo e uma lança poderosa, ele pelejará por ti, contra o teu inimigo (I). [...]
014	4º Sermão da festa de São Nicolau	Eficácia da oração	Dilatatio	I	Ex 17,11.	[...] Huius enim oratio uel deprecatio habet efficaciam [...] [...] Pois a oração ou súplica que lhe é dirigida [a São Nicolau] tem eficácia [...] ¶ In preliis. Exo XVII, [c, 11] (I): Cum leuaret manus Moyses uincebat, etc. [Israhel; sin autem paululum remisisset superabat Amalech]. [...] ¶ No combate. E acontecia que, enquanto Moisés tinha as mãos levantadas, era Israel o mais forte; mas quando descansava as mãos, o mais forte era Amalec (I). [...]

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾
018	8º Sermão da festa de São Nicolau	O cumprimento das promessas	Dilatatio	I	Jdt 11,29-40.	[...] Notandum autem quod homines peccant multipliciter circa uotum, scilicet: [...] Votum stultum faciendo, ut Iepte Iud XI, f, [29-40] (I): <i>factus est ergo super Iepte spiritus Domini</i>, etc., fere usque ad finem capituli, [et circumiens Galaad, et Manasse quoque Galaad, et inde transiens ad filios Ammon, votum vovit Domino, dicens: Si tradideris filios Ammon in manus meas, quicumque primus fuerit egressus de floribus domus meae, mihique occurrerit revertenti cum pace a filiis Ammon, eam holocaustum offeram Domino. Transivitque Iephtae ad filios Ammon, ut pugnaret contra eos, quod tradidit Dominus in manus eius, percussitque ab Aroer usque dum venies in Mennith, viginti civitates, et usque ad Abel, quae est vineis consita, plaga magna nimis; humiliatique sunt filii Ammon a filiis Israhel. Revertente autem Iephtae in Maspha domum suam, occurrit ei unigenita filia sua cum tympanis et choris; non enim habebat alios liberos. Qua visa scidit vestimenta sua, et ait: Heu me, filia mea, decepisti me, et ipsa decepta es: aperui enim os meum ad Dominum, et aliud facere non potero. Cui illa respondit: Pater mi, si aperuisti os tuum ad Dominum, fac mihi quodcumque pollicitus es, concessa tibi ultione atque victoria de hostibus tuis. Dixitque ad patrem: Hoc solum mihi praesta quod deprecor: dimitte me ut duobus mensibus circumeam montes, et plangam virginitatem meam cum sodalibus meis. Cui ille respondit: Vade. Et dimisit eam duobus mensibus. Cumque abisset cum sociis ac sodalibus suis, flebat virginitatem suam in montibus. Expletisque duobus mensibus, reversa est ad patrem suum, et fecit ei sicut voverat, quae ignorabat virum. Exinde mos increbuit in Israhel, et consuetudo servata est, ut post anni circulum conveniant in unum filiae Israhel, et plangent filiam Iephtae Galaaditae diebus quattuor]; [...] [...] Deve notar-se que os homens pecam de várias maneiras face à promessa, a saber: [...] Fazendo uma promessa estulta, como Jefté: <i>Então, o espírito do Senhor desceu sobre Jefté; Jefté atravessou Guilead e Manassés; depois, Mispá de Guilead; de Mispá de Guilead atravessou a fronteira dos amonitas. Jefté fez um voto ao Senhor, dizendo: Se realmente entregas nas minhas mãos os amonitas, pertencerá ao Senhor quem quer que saia das portas da minha casa para me vitoriar pelo meu regresso a salvo da terra dos amonitas; eu oferecê-lo-ei em holocausto</i>. Então Jefté marchou contra os amonitas e travou combate contra eles; o Senhor entregou-os nas suas mãos. Derrotou-os desde Aroer até às proximidades de Minitt, tomando-lhes vinte cidades, e até Abel-Queramim; foi uma derrota muito grande; deste modo, os amonitas foram humilhados pelos filhos de Israel. Quando Jefté regressou em casa em Mispá, eis que a sua filha saiu para o vitoriar, dançando e tocando tamborim; ela era filha única; não tinha mais filhos nem filhas. Ao vê-la, rasgou as suas vestes e disse: Ai, minha filha! Tu fazes-me lançar no desespero! Tu és a minha desgraça! Eu falei demais na presença do Senhor; agora não posso tornar atrás. Ela disse-lhe: Meu pai, tu falaste demais na presença do Senhor; faz comigo segundo o que saiu da tua boca, pois o Senhor deu-te a vingança contra os teus inimigos, os amonitas. Depois, disse a seu pai: Concede-me o seguinte: deixa-me sozinha durante dois meses para que eu vá vaguear pelas montanhas, chorando a minha virgindade, eu e as minhas companheiras. Ele disse: Vai. E deixou-a partir durante dois meses; ela foi com as suas companheiras e chorou sobre as montanhas a sua virgindade. Ao fim de dois meses, voltou para junto de seu pai; este cumpriu nela o voto que havia feito. Ora ela não conhecera homem e foi assim que nasceu em Israel o costume de, todos os anos, as filhas de Israel irem celebrar a filha de Jefté de Guilead, quatro dias por ano (I). [...]
034	1º Sermão da Vigília de Natal	A dieta divina	Dilatatio	I	Pr 30,14.	[...] Tercio, qui sunt qui ab hiis carnibus repelluntur; hii sunt qui carnibus hominum saturantur, scilicet: [...] Hominum necatores. Prou XXX, b, [14] (I): <i>Generatio que pro dentibus gladios</i>, etc. [habet, et commandit moralibus suis, ut comedat inopes de terra, et pauperes] usque ex <i>hominibus</i>. [...] [...] Em terceiro lugar, quem são os que se sentem repelidos por estas carnes [as carnes do Cordeiro de Deus]? Estes são os que se saciam com as carnes dos homens: [...] Os assassinos de homens. <i>Ai da geração cujos dentes são espadas e os maxilares são facas, para devorar os fracos da terra e os pobres de entre os homens (I).</i> [...]

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾
036	3º Sermão da Vigília de Natal	A santificação	Dilatatio	I	Jr 22,7.	[...] Glo: «fletus et ieiunium sanctificatio dicitur, quia per abstinentiam curati sanctificamur». [...] Hereticorum debellatio. Iere XXII, b, [7] (I): Sanctificabo super te interficientem uirum , id est, predicatorum, et arma eius , id est, auctores et rationes quibus eos debellant.
				II	Jr 51,27.	Sarracenorum uastatio. Iere LI, c, [27] (II): leuate signum in terra, etc. [clangite bucina in gentibus, sanctificate super eam gentes, adnuntiate contra illam regibus Ararat, Menni, et Aschenez; numerate contra eam Taphsar, adducite equum quasi bruchum aculeatum]. [...]
052	1º Sermão da festa de Santo Estêvão Protomártir	A abertura do céu	Dilatatio	I	Jr 20,11.	[...] Ecce, inquit, <i>uideo celos</i> , etc., quasi paratum ad: Se inter hostium cuneos adiuuandum, fidelis enim Dominus est Christus qui nunquam suis in tribulatione deest. Ps IX, b, [10]: <i>factus est Dominus refugium pauperi</i> , etc. [<i>adiutor in opportunitatibus, in</i>] usque tribulatione. Iere XX, f, [11] (I): Dominus mecum est tanquam bellator fortis . Ps CXVII, a, [6]: <i>Dominus michi adiutor, non timebo</i> , etc. [<i>quid faciat mihi</i>] usque homo. [...]
054	3º Sermão da festa de Santo Estêvão Protomártir	A coroa da vitória	Dilatatio	-	-	[...] Nota igitur quod Christus rex regum et Dominus dominantium coronat milites suos faciens eos reges. [...]
056	5º Sermão da festa de Santo Estêvão Protomártir	A retribuição	Dilatatio	I	2 Sm 13,29.	[...] Nos uero de VI ^{ex} retributionem generibus uideamus, quas in sacro eloquio reperimus. Reditur igitur: [...] VIº, malum pro malo, sicut Absalom qui occidit Amom pro stupro et incestu sororis. IIº Re XIII, f, [29] (I): federunt pueri Absalom, etc. [adversum Amnom] usque Absalom . [...]
060	2º Sermão da festa de São João Evangelista	A recompensa do justo e o castigo do ímpio	Dilatatio	I	Ex 14,23-31.	[...] Tercium, Dei iusta sententia, ibi, <i>dabitur impius</i> , scilicet, Domicianus a Deo iusto iudice incrudelem mortem et dampnationem, sicut datus est Caym pro Abel. [...] Pharaon pro Israel, Exous VII, VIII, IX, X, XI, XII per totum in quibus fit mentio de X plagis quibus Pharaon propter Israel flagelatus fuit. Item XIII, f, [23-31] (I): Persequentes Egíptii ingressi, etc. [sunt post eos, et omnis equitatus Pharaonis, currus eius et equites, per medium maris. Iamque advenerat vigilia matutina, et ecce respiciens Dominus super castra Aegyptiorum per columnam ignis et nubis, interfecit exercitum eorum; et subvertit rotas curruum, ferebanturque in profundum. Dixerunt ergo Aegyptii: Fugiamus Israhalem; Dominus enim pugnat pro eis contra nos. Et ait Dominus ad Moysen: Extende manum tuam super mare, ut

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾
060 (Cont.)	2º Sermão da festa de São João Evangelista (Cont.)	A recompensa do justo e o castigo do ímpio (Cont.)	Dilatatio (Cont.)			revertantur aquae ad Aegyptios, super currus et equites eorum. Cumque extendisset Moyses manum contra mare, reverso est primo diluculo ad priorem locum; fugientibusque Aegyptiis occurrerunt aquae, et involuit eos Dominus in mediis fluctibus. Reversaeque sunt aquae, et operuerunt currus et equites cuncti exercitus Pharaonis, qui sequentes ingressi fuerunt mare; nec unus quidem superfuit ex eis. Filii autem Israhel perrexerunt per medium sicci maris, et aquae eis erant quasi pro muro a dextris et a sinistris. Liberavitque Dominus in die illa Israhel de manu Aegyptiorum. Et viderunt Aegyptios mortuos super littus maris, et manum magnam quam exercuerat Dominus contra eos; timuitque populus Dominum, et crediderunt Domino, et Moysi servo eius], usque ad finem capituli; Saul et Achitofel et Absalom pro Daud: De primo, 1º Re XXXII [XXXI], a, [1-11] (II): <i>Philisthiim autem pugnabant, etc. [adversum Israhel, et fugerunt filii Israhel ante faciem Philisthiim, et ceciderunt interfecti in monte Gelboe. Irrueruntque Philisthiim in Saul et in filios eius, et percusserunt Ionathan, et Abinadab, et Melchisue, filios Saul. Totumque pondus prelii versum est in Saul; et consecuti sunt eum viri sagittarii, et vulneratus est vehementer a sagittariis. Dixitque Saul ad armigerum suum: Evagina gladium tuum, et percutite me, ne forte veniant incircumcisi isti, et interficiant me illudentes mihi. Et noluit armiger eius; fuerat enim nimio terrore perterritus. Arripuit itaque Saul gladium, et irruit super eum. Quod cum vidisset armiger eius, videlicet quod mortuus esset Saul, irruit etiam ipse super gladium suum, et mortuus est cum eo. Mortuus est ergo Saul, et tres filii eius, et armiger illius, et universi viri eius in die illa pariter. Videntes autem viri Israhel qui erant trans vallem et trans Iordanem, quod fugissent viri israhelitae, et quod mortuus esset Saul et filii eius, reliquerunt civitates suas, et fugerunt; veneruntque Philisthiim, et habitaverunt ibi. Facta autem die altera, venerunt Philisthiim ut spoliarent interfectos, et invenerunt Saul et tres filios iacentes in monte Gelboe. Et preciderunt caput Saul et spoliaverunt eum armis; et miserunt in terram Philistinorum per circuitum, ut annuntiaretur in templo idolorum et in populis. Et posuerunt arma eius in templo Astharoth; corpus vero eius suspenderunt in muro Bethsan. Quod cum audissent] usque habitatores Iabes. [...] De IIIº, IIº Re XVIII, b, [9-15] (III): <i>Accedit autem, etc. [ut occurreret Absalom servis David, sedens mulo; cumque ingressus fuisset mulus subter condensam quercum et magnam, adhesit caput eius quercui, et illo suspensus inter caelum et terram, mulus cui insederet</i></i>
				II	1 Sm 31,1-11.	dificuldade. Os egípcios disseram: «Fujamos diante de Israel, porque o Senhor combate por eles contra o Egito.» O Senhor disse a Moisés: «Estende a tua mão sobre o mar, e que as águas voltem sobre os egípcios, sobre os seus carros de guerra e sobre os seus cavaleiros.» Moisés estendeu a sua mão sobre o mar, e o mar voltou ao seu leito normal, ao raiar da manhã, e os egípcios a fugir foram ao seu encontro. E o Senhor desfez-se dos egípcios no meio do mar. As águas voltaram e cobriram os carros de guerra e os cavaleiros; de todo o exército do faraó que entrou atrás deles no mar, não ficou nenhum. Os filhos de Israel caminharam em terra seca, pelo meio do mar, e as águas eram para eles um muro à sua direita e à sua esquerda. O Senhor salvou, naquele dia, Israel da mão do Egito, e Israel viu os egípcios mortos à beira do mar. Israel viu a mão poderosa com que o Senhor actuou contra o Egito, o povo temeu o Senhor e acreditou nele e em Moisés, seu servo. A Saúl e Aitofel e Absalão, por causa de David: Sobre o primeiro (II): <i>Entretanto, deu-se a batalha entre os filisteus e Israel, e os israelitas fugiram diante deles, caindo feridos de morte no monte Guilboa. Os filisteus atiraram-se contra Saul e seus filhos, matando Jónatas, Abinadab e Malquichua, filhos de Saul. E toda a violência do combate desabou sobre Saul. Os arqueiros descobriram-no e feriram-no gravemente. E Saul disse ao seu escudeiro: Tira a tua espada e respassa-me, para que não venham esses incurcuncisos, me trespassem e escarneçam de mim. Mas o escudeiro não o quis fazer, pois se apoderou dele um grande terror. Então, Saul tomou a sua espada e atirou-se sobre ela. O escudeiro, vendo que Saul estava morto, arremessou-se ele próprio sobre a sua espada e morreu junto dele. Assim, morreram naquele dia Saul e os seus três filhos, o seu escudeiro e todos os seus homens. Os israelitas que moravam do outro lado do vale e além-Jordão, vendo a derrota dos homens de Israel e a morte de Saul e seus filhos, abandonaram as suas cidades e fugiram. Os filisteus vieram e estabeleceram-se nelas. No dia seguinte, os filisteus foram recolher os despojos dos cadáveres e encontraram Saul e os seus três filhos caídos sobre o monte Guilboa. Cortaram-lhe a cabeça, despojaram-no das suas armas e espalharam a notícia por toda a terra dos filisteus, para que se publicasse esta vitória nos templos dos seus ídolos e entre o povo. Puseram as armas de Saul no templo de Astarté e suspenderam o seu cadáver nos muros de Bet-Chan. Quando os habitantes de Jabés souberam. [...] Sobre o terceiro</i>
				III	2 Sm 18,9-15.	

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾
060 (Cont.)	2º Sermão da festa de São João Evangelista (Cont.)	A recompensa do justo e o castigo do ímpio (Cont.)	Dilatatio (Cont.)			<i>pertransivit. Vidit autem hoc quispiam, et nuntiavit Ioab, dicens: Vidi Absalom pendere de quercu. Et ait Ioab viro qui nuntiaverat ei: Si vidisti, quare non confodisti eum cum terra? et ego dedissem tibi decem argenti siclos et unum balteum. Qui dixit ad Ioab: Si adpenderes manibus meis mille argenteos, nequaquam mitterem manum meam in filium regis; audientibus enim nobis praecepit rex tibi, et Abisai, et Ethai, dicens: Custodite mihi puerum Absalom. Sed et si fecissem contra animam meam audacter, nequaquam hoc regem latere potuisset, et tu stares ex adverso. Et ait Ioab: Non sicut tu vis, sed aggrediar eum coram te. Tulit ergo tres lanceas in manu sua, et infixit eas in corde Absalom; cumque adhuc palpitaret herens in quercu, cucurrerunt decem iuvenes armigeri Ioab, et percutientes] usque interfecerunt eum. Acab et Iezabel pro Naboth. IIIº Re XXI, per totum [1-29]. Item XXII, d, [34-38] (IV): <i>Vnus autem quidam tetendit arcum, etc. [in incertum sagittam dirigens, et casu percutiens regem Israhel inter pulmonem et stomachum. At ille dixit aurige suo: Verte manum tuam, et eice me de exercitu, quia graviter vulneratus sum. Commissum est ergo proelium in die illa; et rex Israhel stabat in curru suo contra Syros, et mortuus est vespere. Fluebat autem sanguis plagae in sinum currus. Et preco insonuit in universo exercitu antequam sol occumberet, dicens: Vnusquisque revertatur in civitatem et in terram suam. Mortuus est autem rex, et perlatus est in Samariam; sepelieruntque regem in Samaria, et laverunt currum in piscina Samariae, et linxerunt canes sanguinem eius, et habenas laverunt, iuxta verbum Domini] usque quod locutus fuerat. [...]</i></i>
				IV	1 Rs 22,34-38.	(III): <i>Absalão, montado numa mula, encontrou-se, de repente, em frente os homens de David. A mula passou sob a ramagem espessa de um grande carvalho, e acabeça de Absalão ficou presa nos ramos da árvore, de modo que ficou suspenso entre o céu e a terra, enquanto a mula, em que ia montado, seguia em frente. Alguém viu isto e informou Joab: Vi Absalão suspenso num carvalho. Joab respondeu ao homem que lhe deu a notícia: Se o viste, porque não o abateste logo ali e eu dar-te-ia dez siclos de prata e um cinto? O homem respondeu a Joab: Mesmo que me pusessem nas mãos mil siclos de prata, eu não levantaria a mão contra o filho do rei, porque ele ordenou a ti, a Abisai e a Itai, na nossa presença: Poupai-me o jovem Absalão. Se eu tivesse cometido esta infâmia contra a sua vida, nada se ocultaria ao rei e nem tu me defenderias. Joab respondeu: Não tenho tempo a perder contigo. Tomou, pois, três dardos e cravou-os no coração de Absalão. E como ainda palpitasse com vida, suspenso do carvalho, dez jovens escudeiros de Joab aproximaram-se, feriram Absalão e acabaram de o matar. A Acabe e Jezabel por causa de Nabot (IV): Um soldado, porém, disparou com o seu arco à sorte e feriu o rei de Israel, entre as juntas da sua armadura. E logo o rei disse ao condutor do seu carro: Volta a rédea e leva-me para fora do campo de batalha, porque estou ferido. Mas o combate, naquele dia, foi tão violento que o rei teve de ficar de pé no seu carro diante dos sírios; morreu ao cair da tarde; o sangue saía da sua ferida e inundava todo o carro. Ao pôr-do-sol ouviu-se um clamor que perpassou por todo o exército: Volte cada um para a sua cidade e para a sua terra! O rei morreu! Levaram-no para Samaria e sepultaram-no ali. Ao lavarem o seu carro na piscina da Samaria, onde as prostitutas se banhavam, os cães lambiam o sangue do rei, conforme o oráculo do Senhor. [...]</i>
067	1º Sermão da festa dos Santos Inocentes	Os meninos de Deus	Dilatatio			[...] Videte me et pueros meos oculis fidei et contemplationis, ut nos alliciat quies nostre glorificationis et non impediatur asperitas penitentie uel martirizationis. Dicit autem istos suos multiplici ratione, quia ipsos possidet: [...]
				I	Ap 19, 11.12-14.	Belli inchoatione; Christus enim ueniebat ad debellandos demones et malos homines, cuius modus preliandi et uincendi erat nouus, quia non percutiendo, sed paciendo. Ideo isti quasi exercitus nouus cum rege nouo Christo, primos ictus et primam aciem sunt adepti. Apo XIX, c, [11, 12-14] (I): <i>Vidi celum apertum</i> , id est, Ecclesiam militantem ut intret per fidem quicumque uoluerit, <i>et ecce</i> [...] Vede-me a mim e aos meus filhos com os olhos da fé e da contemplação, para que a serenidade da nossa glorificação nos atraia e não a impeça a aspereza da penitência ou do martírio. Ele chama-os [aos Santos Inocentes] seus por múltiplas razões. Porque os possui: [...] No início da batalha. Pois Cristo, cujo modo de lutar e de vencer era novo, já que não era pela violência, mas pela paciência, vinha para submeter os demônios e os homens maus. Portanto, como um exército novo com um novo rei, Cristo, estes receberam os primeiros golpes e a primeira batalha. <i>Vi o céu aberto</i> , quer dizer, a Igreja militante, para que entre por meio da fé quem desejar e

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾
067 (Cont.)	1º Sermão da festa dos Santos Inocentes (Cont.)	Os meninos de Deus (Cont.)	Dilatatio (Cont.)			<i>equus albus</i> , id est, corpus Christus uirgineus et omnino innocens; et qui sedebat super illum , scilicet, Filius Dei; uocabatur fidelis , in promissis; et uerax , in dictis; et in iusticia iudicat et pugnat . <i>[oculi autem eius sicut flamma ignis, et] in capite eius diademata multa</i> , etc. <i>[habens nomen scriptum quod nemo novit nisi ipse]</i> . Et exercitus qui sunt in celum , id est, acies innocentum; sequebantur eum in equis albis , id est, in corporibus immaculatis; uestiti bissino albo et mundo , quia <i>lauerunt stolas suas in sanguine agni</i> . [...]
069	3º Sermão da festa dos Santos Inocentes	Crueldade versus ternura; O sangue inocente	Dilatatio	I	2 Is 42,13-15.	[...] Notantur uero in auctoritate premissa Vº: Primo, rabida Herodis uoracitas, ibi, <i>absorbuit</i> . [...] Ys XLII, d, [13-15] (I): Dominus sicut fortis , etc. <i>[egredietur, sicut vir proeliorator suscitabit zelum; vocifarabitur, et clamabit; super inimicos suos confortabitur. Tacui semper, silui, patiens fui; sicut parturiens loquar; dissipabo, et absorbebo simul. Desertos faciam montes, et colles, et omne gramen eorum exsicabo; et ponam flumina in insulas, et stagna] usque arefaciam</i> . Item XLIX [LIX], f, [17-21] (II): Indutus iusticia ut lorica , etc. <i>[et galea salutis in capite eius; indutus est vestimentis ultionis, et opertus est quasi pallio zeli. Sicut ad vindictam quasi ad retributionem indignationibus hostibus suis, et vicissitudinem inimicis suis; insulis vicem reddet. Et timebunt qui ab occidente nomen Domini; et qui ab ortu solis gloriam eius, cum venerit quasi fluuius violentus quem spiritus Domini cogit; et venerit Sion redemptor, et eis qui redeunt ab iniquitate in Iacob, dicit Dominus.] usque hoc fedus</i> . Secundo, eiusdem mira crudelitas, ibi, <i>quasi draco</i> . Apo XII, g, [17] (III): iratus est draco , id est, Herodes, in mulierem , id est, contra beatam Virginem in Egiptum fugientem, et abiit Herodes facere prelium cum reliquis de semine eius , id est, cum pueris de genere eius. Tercio, eiusdem insaciabilis auditas, ibi, <i>repleuit uentrem suum</i> . Iob XX, e, [22-29] (IV): Cum satiatus fuerit, arctabitur , etc. <i>[aestuabit, et omnis dolor irruet super eum. Utinam impleatur venter eius, et emittat in eum iram furoris sui, et pluatur super illum bellum suum! Fugiet arma ferrea, et inruat in arcum aereum. Eductus, et egrediens de vagina sua, et fulgurans in amaritudine sua; vadent et venient super eum horribiles. Omnes</i>
				II	2 Is 59,17-21	[...] Notamos, porém, nesta autoridade cinco premissas: Em primeiro lugar, a cruel voracidade de Herodes, daí, <i>engoliu</i> . [...] O Senhor avança como um herói, como um guerreiro acende o seu ardor; lança o grito de guerra, caminha com valentia contra os seus inimigos. Desde há muito tempo que guardo silêncio, que permaneço calado e me contenho. Agora grito como a parturiante, estou ofegante e oprimido. Vou devastar montanhas e colinas, secar toda a sua verdura, transformar os rios em terras áridas e secar os lagos (I). Revestiu-se da justiça como de uma couraça, e da vitória como de um capacete. A vingança é a sua veste de guerreiro. Retribuirá a cada um conforme o que merece: a fúria é para os seus inimigos, e a represália é para os seus adversários; também as ilhas terão represália. Os do Ocidente temerão o Senhor, e os do Oriente temerão a sua glória. A sua vinda será como rio impetuoso, impellido pelo sopro do Senhor. Mas virá a Sião como redentor, para os que renegam o crime, em Jacob. – Oráculo do Senhor (II).
				III	Ap 12,17.	Em segundo lugar, a sua admirável crueldade, logo, <i>como um dragão</i> . furioso estava o Dragão , isto é, Herodes, contra a Mulher , isto é, contra a Virgem refugiada no Egito, e foi Herodes fazer guerra contra o resto da sua descendência , isto é, com os meninos da descendência dela (III).
				IV	Jb 20,22-29.	Em terceiro lugar, a sua insaciável avidez, logo, <i>encheu o seu ventre</i> . Em plena abundância, a necessidade o assaltará, e todos os golpes da infelicidade cairão sobre ele. Deus desencadeará sobre ele o fogo da sua cólera, até o fazer encher a barriga, e fará chover sobre ele os seus dardos. Se fugir diante da arma de ferro, trespassá-lo-á o arco de bronze. Uma seta lhe sairá

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾
069 (Cont.)	3º Sermão da festa dos Santos Inocentes (Cont.)	Crueldade versus ternura; O sangue inocente (Cont.)	Dilatatio (Cont.)			<i>tenebrae absconditae sunt in occultis eius; devorabit eum ignis qui non succenditur; affligetur relictus in tabernaculo suo. Revelabunt caeli iniquitatem eius, et terra consurgens adversus eum. Apertum erit germen domus illius; detrahetur in die furoris Dei. Haec est pars hominis impii a Deo, et hereditas verborum eius a Domino.] usque ad finem capituli. [...]</i>
075	1º Sermão da festa de São Tomás Bispo e Mártir	As virtudes do prelado	Exordium	I	Jb 39,19-22.	<i>Nunquid prebebit equo fortitudinem, etc. [aut circumdabis collo eius himnitum? Numquid suscitabis eum quasi locustas? Gloria narium eius terror. Terram ungula fodit, exultat audacter; in occursum pergit armatis. Contemnit pavorem, nec cedit] usque gladio. Iob XXXIX, e, [19-22] (I).</i>
			Dilatatio	II	Glo. Ord., Ex 15,1.	Orígenes diz sobre aquele: o cavalo e o cavaleiro lançou ao mar, pois os maus homens são cavalos do diabo; os bons, porém, são cavalos de Deus (II). Portanto, com justiça se diz que São Tomás mártir é como um cavalo de Deus: Não darás, etc. Notamos nesta autoridade nove virtudes, que acredito que São Tomás possuía, e que são extremamente úteis para todo o prelado. São elas:
				III	Jo 10,12.	Audácia de coração, logo, És tú que dás força ao cavalo; esta contra a pusilanimidade. O mercenário, e o que não é pastor, a quem não pertencem as ovelhas, vê vir o lobo e abandona as ovelhas e foge (III). Porque se vós não me escutardes e deixardes de cumprir todos estes mandamentos, se desprezardes os meus decretos, se o vosso espírito rejeitar os meus preceitos, chegando ao ponto de não cumprirdes mais os meus mandamentos e de violar a minha aliança, então eis aqui o que vos farei: enviarei contra vós o terror, a fraqueza e a febre, que enfraquecem os olhos e consomem a vida; semeareis em vão a vossa semente, e os vossos inimigos alimentar-se-ão dos seus frutos. Voltarei o meu rosto contra vós e sereis derrotados pelos vossos inimigos; os que vos odeiam dominar-vos-ão, e fugireis sem que ninguém vos persiga, E, se apesar disto não me escutardes, vou continuar a castigar-vos sete vezes mais pelos vossos pecados. Quebrantarei o vosso orgulhoso poder, tornarei duro o vosso céu como o ferro e a vossa terra como o bronze. As vossas forças se consumirão em vão, a vossa terra não dará os seus produtos e as árvores não darão os seus frutos. Se procederdes hostilmente para comigo e, não quiserdes escutar-me, castigar-vos-ei sete vezes mais, conforme os vossos pecados. Soltarei os animais ferozes sobre voz, e eles privar-vos-ão dos vossos filhos,
				IV	Lv 26,14-41.	Audacia cordis, ibi, Nunquid prebebis equo fortitudinem; hoc contra pusillanimitatem. Io X, [b, 12] (III): Mercenarius autem, etc. [et qui non est pastor, cuius non sunt oves proprie, videt lupum venientem, et dimittit oves, et] usque fugit. Deu XXVIII per totum. Leu XXVI, b, [14-41] (IV): Quod si non audieritis, etc. [me, nec feceritis omnia mandata mea; si spreveritis leges meas, et iudicia mea contempseritis, ut non faciat ea quae a me constituta sunt, et ad irritum perducatis pactum meum, ego quoque haec faciam vobis: visitabo vos velociter in egestate, et ardore, qui conficiat oculos vestros, et consumat animas vestras. Frustra seretis sementem, quae ab hostibus devorabitur. Ponam faciem meam contra vos, et corrueitis coram hostibus vestris, et subiiciemini hiis qui oderunt vos; fugietis, nemine persequente. Sin autem nec sic oboedieritis mihi, addam correptiones vestras setuplum propter peccata vestra, et conteram superbiam duritiae vestrae. Daboque vobis caelum desuper sicut ferrum, et terram aeneam. Consumetur incassum labor vester; non proferet terra germen, nec arbores poma praebebunt. Si ambulaveritis ex adverso mihi, nec volueritis audire me, addam plagas vestras in setuplum, propter peccata vestra; inmittamque in vos bestias agri, quae consumant vos, et pecora vestra, et ad paucitatem cuncta redigant, desertaque fiant viae]

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾
075 (Cont.)	1º Sermão da festa de São Tomás Bispo e Mártir (Cont.)	As virtudes do prelado (Cont.)	Dilatatio (Cont.)			vestrae. Quod si nec sic volueritis recipere disciplinam, sed ambulaveritis ex adverso mihi, ego quoque contra vos adversus incedam, et percutiam vos septies propter peccata vestra; inducamque super vos gladium ultorem foederis mei; cumque confugeritis in urbes, mittam pestilentiam in medio vestri, et trademini in manibus hostium, postquam confregero baculum panis vestri, ita ut decem mulieres in uno clibano coquant panes, et reddant eos ad pondus; et comedetis et non saturabimini. Sin autem nec per haec audieritis me, sed ambulaveritis contra me, et ego incedam adversus uos in furore contrario, et corripiam vos septem plagis propter peccata vestra, ita ut comedatis carnes filiorum vestrorum et filiarum vestrarum. Destruam excelsa vestra, et simulacra confrigam. Cadetis inter ruinas idolorum vestrorum, et abominabitur vos anima mea, in tantum ut urbes vestras redigam in solitudinem, et deserta faciam sanctuaria vestra, nec recipiam ultra odorem suavissimum. Disperdamque terram vestram, et stupebunt super ea inimici vestri, cum habitatores illius fuerint. Vos autem dirpergam in gentes, et evaginabo post vos gladium, erique terra vestra deserta, et civitas vestrae dirutae. Tunc placebunt terrae sabatta sua cunctis diebus solitudinis suae; quando fueritis in terra hostili, sabbatizabit, et requiescet in sabbatis solitudinis suae, eo quod non requieverit in sabbatis vestris, quando habitabatis in ea. Et qui de vobis remanserit, dabo pavorem in cordibus eorum in regionibus hostium; terrebit eos sonitus folii volantis, et ita fugient quasi gladium; cadent, nullo persequente, et corruent singuli super fratres suos quasi bella fugientes; nemo vestrum inimicis audebit resistere. Peribitis inter gentes, et hostilis vos terra consumet. Quod si et de hiis aliqui remanserint, tabescent in iniquitatibus suis, in terra inimicorum suorum et propter peccata patrum suorum et sua adfligentur, donec confiteantur iniquitates suas, et maiorum suorum, quibus prevaricati sunt in me, et ambulaverunt ex adverso mihi. Ambulabo igitur et ego contra eos, et inducam illos in terram hostilem, donec erubescat incircumcisa mens eorum] usque tunc orabunt. [...] exterminarão o vosso gado, dizimar-vos-ão e os vossos caminhos ficarão desertos. Se mesmo assim não aceitais a minha correção, mas pelo contrário continuardes a hostilizar-me, também Eu procederei hostilmente contra vós e punir-vos-ei sete vezes mais pelos vossos pecados. Farei vir contra vós a espada vingadora dos direitos da minha aliança, e refugiar-vos-ei nas vossas cidades. Depois lançarei a peste no meio de vós e ficareis à mercê do inimigo. E, além disso, privar-vos-ei do pão, de modo que dez mulheres cozerão o vosso pão num só forno e ser-vos-á distribuído por peso; comê-lo-eis, mas não ficareis saciados. Se, apesar destas coisas, não me escutais e vos portardes hostilmente para comigo, também eu me portarei hostilmente para convosco cheio de furor e castigar-vos-ei sete vezes mais pelos vossos pecados. Devorareis a carne dos vossos filhos e a carne das vossas filhas. Destruirei os vossos lugares altos, derrubarei os vossos altares portáteis e amontoarei os vossos cadáveres sobre os cadáveres dos vossos ídolos; e o meu espírito repelir-vos-á. Transformarei as vossas cidades em ruínas, devastarei os vossos santuários e não terei de respirar mais o odor dos vossos sacrifícios. Depois, Eu mesmo devastarei esta terra, de tal modo que os vossos inimigos, ao ocuparem-na, ficarão estupefactos. Dispersar-vos-ei entre as nações, perseguir-vos-ei à espada; a vossa terra ficará desolada e as vossas cidades ficarão em ruínas. Então, a terra gozará do seu descanso sabático, durante o tempo da sua desolação; e vós estareis na terra dos vossos inimigos. É então que a terra poderá gozar do descanso dos seus anos sabáticos. Descansará durante todo o tempo em que estiver desolada pelo descanso que não teve nos vossos anos sabáticos, quando habitáveis. Quanto aos vossos sobreviventes, dar-lhes-ei tanta angústia na terra dos seus inimigos, que o simples ruído de uma folha a cair os porá em fuga, pensando que alguém os persegue à espada. E cairão, sem ninguém os perseguir. Tropearão e cairão uns sobre os outros, como quando se foge da espada, mesmo sem ninguém os perseguir. Não podereis resistir aos vossos inimigos; perecereis entre as nações e a terra dos vossos inimigos devorar-vos-á. Os que sobreviverem, de entre vós, consumir-se-ão por causa da iniquidade, no país dos vossos inimigos, e também se consumirão por causa das iniquidades dos seus pais. Depois, confessarão a sua iniquidade e a dos seus pais, as transgressões que cometeram contra mim e a sua hostilidade para comigo. Por isso, Eu também os tratarei hostilmente,

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾
075 (Cont.)	1º Sermão da festa de São Tomás Bispo e Mártir (Cont.)	As virtudes do prelado (Cont.)	Dilatatio (Cont.)			<i>deportando-os para o país dos seus inimigos; então o seu coração infiel se humilhará e expiarão a sua iniquidade (IV). [...]</i> Gratia predicationis, ibi, <i>circumdabis collo eius hinnitum</i> contra taciturnitatem. [...] Agilitas actionis et contemplationis, ibi, <i>Nunquid suscitabis eum</i>, quasi leo contra pigricie tarditatem, locusta enim facile in altum se rapit et facile super crura se recipit. [...] Gloriatio propinque occisionis, ibi, <i>gloriam narium eius</i>, propter premii celeritatem. Mors enim que peccatoribus est terror, iustis est gloriatio. Ps CXXVI, f, [2-3]: <i>cum dederit dilectis suis somnum, ecce hereditas Domini.</i> [...] Expulsio terrene cupiditatis, ibi, <i>terram ungula fodit</i>, propter spiritualis gaudii capacitatem. Vngula enim, id est, forti cogitatione, terrenam cupiditatem de corde suo euacuat, ut spirituali gaudio locum faciat. [...] Confidentia bone consciencie, ibi, <i>exultat audacter</i> propter ipsius securitatem. [...] Desiderium aureole, ibi, in <i>occursum pergit armatis</i>, propter ipsius nobilitatem. [...] Contemptus comminationis, ibi, <i>contemnit pauorem</i>, qui est de futuris malis propter Christum acerbiora comminantem. [...] Constanciam contra ictum presentis iugulationis, ibi, <i>nec cedit gladio</i>, propter gaudium iudicis insanabiliter ferientem. Ys XXVII, a, [1] (V): <i>In die illa uisitauit Dominus in gladio suo duro</i>, ut omnes comminuat; <i>et grandi</i>, ut omnes capiat; <i>et forti</i>, ut nullus resistat; <i>super Leuiatan</i>, etc. [<i>serpentem vectem, et super Leviathan, serpentem turtuosam, et occideret cetum qui</i>] usque <i>in mari <est></i>. Si quis autem talis equus est sic gloriosus, et omnibus uel aliquibus pollens ex hiis uirtutibus, uel inde sibi uel alicui homini arroget, quia sicut dicitur Ia I, d, [17]: <i>omne datum optimum</i>, etc. [<i>et omne donum perfectum desursum</i>] usque <i>est</i>. Vnde hic dicitur: <i>Nunquid prebebis equo fortitudinem</i>, etc. [...] Zac X, c, [3] (VI): Visitauit
				V	1 Is 27,1.	A graça da pregação, daí, <i>revestes o pescoço dele com as crinas</i> contra a taciturnidade. [...] A agilidade das obras e da contemplação, logo, <i>És tú que o ensinas a saltar</i>, como um leão contra a tardança do ócio, pois o gafanhoto facilmente se lança para o alto e facilmente se acomoda sobre as suas pernas. [...] A glória da morte iminente, logo, <i>a relinchar terrivelmente</i>, por causa da celeridade do prémio. Pois a morte, que para os pecadores é um terror, para os justos é uma glória. <i>Pois, até durante o sono, Ele o dá aos seus amigos.</i> A expulsão da cobiça terrena, logo, <i>escava a terra com a pata</i>, por causa da capacidade da alegria espiritual. Pois a pata, o pensamento do forte, remove a cobiça terrena do seu coração, para arranjar lugar à alegria espiritual. [...] A confiança na boa consciência, logo, <i>arrogante de força</i> por causa da sua segurança. [...] O desejo da auréola, daí, <i>corre ao encontro dos armados</i>, por causa da sua nobreza. [...] O desprezo da ameaça, logo, <i>ri-se do medo</i>, que é dos males futuros, por causa da amarga ameaça de Cristo [...] Constância contra o golpe da degolação iminente, logo, <i>não recua diante da espada</i>, por causa da alegria do juízo que fere insanavelmente. Naquele dia o Senhor ferirá com o seu gládio duro, para todos quebrantar; grande para todos apanhar; e forte, para que ninguém resista, o monstro Leviatan, serpente sinuosa, o monstro Leviatan, serpente fugidia, e matará esse dragão do mar (V). Se alguém é tão glorioso como este cavalo, e possui todas ou algumas das suas virtudes, ou as pede para si mesmo, ou outro homem as pede, porque segundo consta na Epístola de São Tiago: <i>Toda a boa dádiva e todo o dom perfeito vem do Alto</i>. Donde se diz o

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾	
075 (Cont.)	1º Sermão da festa de São Tomás Bispo e Mártir (Cont.)	As virtudes do prelado (Cont.)	Dilatatio (Cont.)	VI	Zc 10,3.	<i>Dominus exercituum gregem suum, domum Iuda</i> , id est, Ecclesiam; et posuit eos quasi equum glorie sue in bello , contra mundum, carnem et diabolum.	seguinte: <i>És tu que dás força ao cavalo</i> . [...] O Senhor dos exércitos intervirá pelo seu rebanho, a casa de Judá , isto é, a Igreja; e pô-la-á como ao seu glorioso cavalo na guerra , contra o mundo, a carne e o diabo (VI).
078	3º Sermão da festa de São Tomás Bispo e Mártir	A rejeição dos parentes carnis	Dilatatio	I	Ex 32,27.	[...] Dicit ergo: <i>Qui dixit patri</i> , etc.; hic duo breuiter uideamus: Primo, in quibus casibus non debemus consanguineos cognoscere; . Vnus est, si ydolatre uel heretici fiant. Tunc enim non cognoscendi sed puniendi a Domino iudicantur. Exo XXXII, f, [27] (I): ponat uir gladium super femur, etc. [suum. Ite, et redit de porta usque ad portam per medium castrorum, et occidat unusquisque fratrem et amicum, et] usque proximum suum. Deu XIII, c, [6-18] (II): si tibi uoluerit persuadere, etc. [frater tuus filius matris tuae, aut filius tuus vel filia, sive uxor quae est in sinu tuo, aut amicus, quem diligis ut animam tuam, clam dicens: Eamus, et seruiamus diis alienis, quos ignoras tu, et patres tui, cunctarum in circuitu gentium, quae iuxta vel procul sunt, ab initio usque ad finem terrae; non adquiescas ei, nec audias, neque parcat ei oculus tuus ut miserearis et occultes eum, sed statim, interficies. Sit primum manus tuam super eum, et postea omnis populus mittat manum. Lapidibus obrutus necabitur, quia uoluit te abstrahere a Domino Deo tuo, qui eduxit te de terra Aegypti, de domo seruitutis; ut omnis Israhel audiens timeat, et nequaquam ultra faciat quippiam huius rei simile. Si audieris in una urbium tuarum, quas Dominus Deus tuus dabit tibi ad habitandum, dicentes aliquos: Egressi sunt filii Belial de medio tui, et auerterunt habitatores urbis suae, atque dixerunt: Eamus et seruiamus diis alienis quos ignoratis; quaere sollicite et diligenter, rei veritate perspecta, si inveneris certum esse quod dicitur, et abominationem hanc opere perpetrata, statim percuties habitatores urbis illius in ore gladii, et delebis eam, ac omnia quae in illa sunt, usque ad pecora. Quicquid etiam supellectilis fuerit, congregabis in medio platearum eius, et cum ipsa civitate succendes, ita ut universa consumas Domino Deo tuo, et sit tumultus sempiternus. Non aedificabitur amplius, et non adherebit de illo anathemate quicquam in manu tua, ut avertatur Dominus ab ira furoris sui, et misereatur tui, multiplicetque te sicut iuravit patribus tuis, quando audieris vocem Domini Dei tui, custodiens omnia praecepta eius, quae ego praecipio tibi hodie, ut facias	[...] Diz, portanto: <i>Aquele que disse do pai</i> ; vejamos aqui brevemente duas coisas: Em primeiro lugar, em que casos não devemos reconhecer parentes; . Um é se eles se tornarem idólatras ou hereges. Nesse caso, eles não devem ser reconhecidos, mas punidos pelo Senhor. Cinje cada um de vós a espada sobre a coxa. Passai e tornai a passar através do acampamento, de uma ponta à outra, e cada um de vós mate o irmão, o amigo e o vizinho (I)! Se o teu irmão, filho da tua mãe, o teu filho ou a tua filha, a tua companheira ou o amigo a quem estimas vier secretamente seduzir-te, dizendo: Vamos servir os deuses estrangeiros – deuses que nem tu nem os teus pais conheceram, os deuses dos povos que estão à tua volta, na tua vizinhança ou ao longe, de um extremo ao outro da terra – não os aceitarás nem ouvirás; não levantarás para ele olhos de compaixão, nem o ajudarás a esconder-se. Pelo contrário, tens o dever de o matar. A tua mão será a primeira a levantar-se contra ele para lhe dar a morte e, a seguir, a mão de todo o povo. Apedrejá-lo-ás até morrer, porque ele tentou desviar-te do Senhor, teu Deus, que te fez sair da terra do Egito, da casa da servidão. Todo o Israel, ao sabê-lo, tremerá e ninguém repetirá mais tal delito no meio de vós. Quando ouvires dizer numa das tuas cidades que o Senhor, teu Deus, te deu para habitação, que homens perversos, nascidos no meio de vós, desencaminham os habitantes das suas cidades, dizendo: Vamos servir os deuses estrangeiros – deuses que vós não conheceis – farás um inquérito, averiguarás e informar-te-ás bem. Se for verdade que essa abominação foi cometida no meio de vós, passarás ao fio da espada os habitantes dessa cidade. Votarás à destruição essa cidade com tudo o que nela houver, incluindo o gado. Reunirás em seguida no centro da praça todas as riquezas e queimá-las-ás juntamente com a cidade e todos os seus bens, sem excluir nada, em honra do Senhor, teu Deus. Ficarás para sempre em ruínas e não voltará a ser reconstruída. Que a tua mão não retenha coisa alguma da cidade amaldiçoada, para que o Senhor aplaque a sua ira e use de piedade e misericórdia para convosco, e te multiplique como
				II	Dt 13,7-18.		

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾
						<i>quod placitum est in conspectu Domini Dei tui] usque ad finem capituli. [...]</i>
079	4º Sermão da festa de São Tomás Bispo e Mártir	A praga das rãs	Dilatatio	I	Ap 16,13-14.	[...] Primo, quid per ranas intellegitur; ¶ IIº, qualiter expelluntur. Rane dicuntur: [...] Inmundicia hereticorum. Apo XVI, [c, 13-14] (I): Vidi de ore draconis, id est, Luciferi, et de ore bestie, id est, Antichristi, et de ore pseudoprophete, id est, apostolorum Antichristi exisse spiritus tres inmundum in modum ranarum, etc. [Sunt enim spiritus daemoniorum facientes signa, et procedunt ad reges totius terrae congregare illos in proelium ad diem magnum Dei] usque Omnipotens. [...] [...] Em primeiro lugar, o que se entende por rãs; ¶ em segundo lugar, como é que elas são expulsas. As rãs são: [...] A imundice dos hereges. E vi sair da boca do Dragão, isto é, de Lúcifer, da boca da besta, isto é, do Anticristo, e da boca do falso Profeta, isto é, dos apóstolos do Anticristo, três espíritos imundos em forma de rãs. Estes são espíritos demoníacos com poder de realizar prodígios. E dirigiram-se aos reis do mundo inteiro, a fim de os reunir para a batalha do grande dia do Deus Todo-Poderoso (I). [...]
081	6º Sermão da festa de São Tomás Bispo e Mártir	O prelado, cidade fortificada	Exordium	I	Jr 1,18-19.	Ego dedi te hodie in ciuitatem munitam, etc. [et in columnam ferream, et in murum aereum, super omnem terram, regibus Iuda, principibus eius, et sacerdotibus, et populo terrae. Et bellabunt adversum te, et non praevalerunt, quia ego tecum sum,] usque dicit Dominus. Ier I, g, [18-19] (I). E eis que hoje te estabeleço como cidade fortificada, como coluna de ferro e muralha de bronze, diante de todo este país, dos reis de Judá e de seus chefes, dos sacerdotes e do povo da terra. Far-te-ão guerra, mas não hão-de vencer, porque eu estou contigo para te salvar - oráculo do Senhor (I).
			Dilatatio	II	Sl 56,3.	[...] Dicit igitur: Ego dedi te, etc. Vbi notantur III^{or}: Primo, diuine clemencie magnitudo, ibi, ego dedi te hodie. Magnum namque signum est diuine clemencie, quando dignatur Ecclesie sue de pastoribus ydoneis providere. Ier III, d, [15]: dabo uobis pastores, etc. [iuxta cor meum, et pascent vos scientia et] usque doctrina; que contra Ys III, b, [4]: dabo pueros principes, etc. [eorum, et effeminati dominabuntur] usque eis. Secundo, boni prelati multiplex fortitudo, ibi, in ciuitatem munitam; debet prelatus esse ciuitas, id est, ciuium unitas, concordiam inter subditos faciendo; munita, pacienter iniurias sustinendo; columna, infirmos et debiles sustentando; murus, se aduersariis exponendo uel opponendo. Tercio, aduersariorum uaria multitudo, ibi, regibus Iuda principibus eius, et sacerdotibus, et omni populo terre, et bellabunt aduersum te. Ps LV, [a, 3] (II): Conculcauerunt me inimici, etc. [mei tota die; quoniam multi bellantes aduersum] usque me. Quarto, diuini auxilii presentissima promittitudo, ibi, non preualebunt, etc. usque ad finem capituli. Dominus mecum est quasi, etc. [bellator fortis; idcirco qui [...] Diz, portanto: E eis que hoje te estabeleço. Notamos aqui quatro coisas: Em primeiro lugar, a magnitudo da clemência divina, logo, E eis que hoje te estabeleço. É, de facto, um grande sinal da clemência divina quando Ele se digna a prover a sua Igreja com pastores aptos. Dar-vos-ei pastores segundo o meu coração, que vos conduzirão com inteligência e sabedoria. E em oposição, diz-se em Isaías: em vez de príncipes dar-lhes-ei meninos e serão governados por crianças. Em segundo lugar, a força múltipla dos bons prelados, daí, como cidade fortificada; o prelado deve ser uma cidade, isto é, a unidade dos cidadãos, promovendo a harmonia entre os súbditos; fortificada, suportando pacientemente as injustiças; uma coluna, sustentando os fracos e os necessitados; uma muralha, expondo-se ou opondo-se ao adversário. Em terceiro lugar, a variada multidão de adversários, daí, dos reis de Judá e de seus chefes, dos sacerdotes e do povo da terra. Far-te-ão guerra... Os meus adversários perseguem-me continuamente; são numerosos, ó Altíssimo, os que lutam contra mim (II)!
				III	Jr 20,11.	Em quarto lugar, a promessa de auxílio divino, daí, mas não hão-de vencer, etc. até ao final do capítulo. O Senhor, porém, está comigo, como poderoso guerreiro.

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾	
						<i>persequuntur me cadent, et infirmi erunt: confundentur] usque uehementer (III).</i>	<i>Por isso os meus perseguidores serão esmagados e cobertos de confusão (III).</i>
084	1º Sermão da festa de São Silvestre	A libertação da angústia	Dilatatio	I	Jb 15,20-24.	[...] Incurrit autem quis iuste angustiam propter peccatum: [...] Superbie. Iob XV, [c, 20-24] (I): <i>Cunctis diebus suis impius superbit, etc. [et numerus annorum incertus est tyrannidis eius. Sonitus terroris semper in auribus illius; et cum pax sit, ille semper insidias suspicatur. Non credit quod reverti possit de tenebris ad lucem, circumspectans undique gladium. Cum se moverit ad quaerendum panem, novit quod paratus sit in manu eius tenebrarum dies. Terrebit eum tribulatio, et angustia]</i> usque uallabit eum. [...]	[...] A angústia invade o justo por causa do pecado: [...] Da Soberba. <i>A vida do ímpio é um tormento contínuo, e poucos são os anos concedidos ao opressor. Ressoam aos seus ouvidos ruídos aterradores; em tempo de paz, o bandido assalta-o. Não espera subtrair-se às trevas, e sente-se destinado ao fio da espada. É deitado, como pasto, aos abutres, e sabe que está fixado o dia da escuridão. A tribulação e a angústia acometem-no como a um rei que vai para o combate (I).</i> [...]
				II	1 Cr 21,1-13.	Inanis glorie. 1º Paral XXI, a, [1-13] (II): <i>Consurrexit autem satham, etc. [contra Israhel, et concitavit David ut numeraretur Israhel. Dixitque David ad Ioab, et ad principes populi: Ite, et numerate Israhel a Bersabee usque Dan, et adferre mihi numerum ut sciam. Responditque Ioab: Augeat Dominus populum suum centuplum, quam sunt. Nonne, Domine mi rex, omnes servi tui sunt? Quare hoc quaerit dominus meus, quod in peccatum reputetur Israheli? Sed sermo regis magis prevaluit; egressusque est Ioab et circuivit universum Israhel, et reversus est Hierusalem. Deditque David numerum eorum quos circumierat; et inventus est omnis numerus Israhel, mille milia et centum milia virorum educentium gladium; de Iuda autem quadringenta septuaginta milia bellatorum. Nam Levi et Benjamin non numeravit, eo quod Ioab invitus exequeretur regis imperium. Displicuit autem Deo quod iussum erat, et percussit Israhel. Dixitque David ad Deum: Peccavi nimis ut hoc facerem; obsecro, aufer iniquitatem servi tui, quia insipienter egi. Et locutus est Dominus ad Gad, videntem David, dicens: Vade, et loquere ad David, et dic ei: Haec dicit Dominus: Trium tibi optionem do; unum quod voveris, elige, et faciam tibi. Cumque venisset Gad ad David, dixit ei: Haec dicit Dominus: Elige quod volueris. Aut tribus annis famem; aut tribus mensibus te fugere hostes tuos, et gladium eorum non posse evadere; aut tribus diebus gladium Domini, et pestilentiam versari in terra, et angelum Domini interficere in universis finibus Israhel. Nunc igitur vide quid respondeam ei qui misit me. Et dixit David ad Gad: Ex omni parte]</i> usque angustie me premunt. Peccauit Daudid numerando populum quasi ut uideret multitudinem uassalorum et ideo data fuit ei opcio: Aut trium annorum pestilentie;	Da glória vã. <i>Satan levantou-se contra Israel e incitou David a fazer o recenseamento de Israel. David disse a Joab e aos chefes do povo: Ide fazer o recenseamento de Israel desde Bercheba até Dan, e trazei-mo para que eu saiba o seu número. Joab respondeu: O Senhor multiplique o seu povo cem vezes mais! Não são todos eles, ó rei meu senhor, os servos do meu senhor? Para que exige agora isto o meu senhor? Porque pretende uma coisa que será imputada como pecado a Israel? Mas o rei persistiu na ordem que dera a Joab. Joab partiu e, depois de percorrer todo o Israel, regressou a Jerusalém. E entregou a David a lista do recenseamento do povo. Havia em todo o Israel um milhão e cem mil homens aptos para a guerra e, em Judá, quatrocentos e setenta mil. Não fez o recenseamento da tribo de Levi nem da de Benjamim, porque Joab abominava a ordem do rei. Deus não viu isto com bons olhos e feriu Israel. David disse a Deus: «Pequei gravemente, ao agir desta maneira. Agora digna-te perdoar a iniquidade do teu servo, pois agi como um insensato. Então o Senhor dirigiu-se a Gad, vidente de David, nestes termos: Vai dizer a David: Isto diz o Senhor: Proponho-te três coisas; escolhe uma delas, aquela que quiseres que eu te faça. Gad foi ao encontro de David e disse-lhe: Isto diz o Senhor: Escolhe ou três anos de fome, ou três meses durante os quais fugirás dos teus inimigos e serás atingido pela sua espada, ou, durante três dias, a espada do Senhor e a peste, e o anjo do Senhor devastando todo o território de Israel. Vê, pois, que resposta devo dar àquele que me enviou. David respondeu: Estou numa cruel angústia (II).</i> David pecou ao recensear o povo para que visse a multidão de súbditos, e, portanto, foi-lhe concedida uma escolha:

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾	
						Aut trium mensium fuge et hostes et gladium eorum non posse euadere; Aut trium dierum uastationis gladii Domini in uniuersis finibus Israel; [...]	Ou três anos de peste; Ou três meses durante os quais fugiria dos seus inimigos e seria atingido pela sua espada; Ou três dias de devastação do gládio do Senhor em todo o território de Israel. [...]
086	3º Sermão da festa de São Silvestre	A vitória sobre o demónio	Dilatatio	I	AUT. INCERT., VSSPC, II, 529-530.	[...] Quod hic ad laudem Dei dicitur de hebreis respectu egiptiorum, de beato Siluestro cum suis sacerdotibus // optime respectu dei romanorum huius rei talis historia reperitur (I): «Vniuersi pontifices templorum augusto Constantino dixerunt: sacratissime imperator, populus romanus draconis inuictissime periclitatur afflatu; solebant enim uirgines sacrosancte de Vestre omni kalendarum die, ad eum descendere et cibos ei similaginis ministrare. Ex quo autem pietas uitam christianorum legem accepit nichil ei infertur, ideoque indignatur, et cotidie flatu suo populum uexat. Ideo precamur ut solitos maiestati eius iubatis exhibere cibos. Tunc imperator consuluit sanctum Siluestrum utrum illud fieri oporteret, cui sanctus Silvester: si quis militum tuos permitteret contra te facere, etiam supem non faceret sed non prohiberet, quid iudicares? Imperator respondens: Aut gladio, aut incendio interibit. Dixit ei Silvester: hanc penam apud celestem regem incurrit qui contra uoluntatem eius inimici uoluntatem permittit impleri. Tunc Calpurnianus prefectus gentilis dixit: per clementiam uestram, sacratissime imperator, per singulos dies moriuntur plus quam CCC ^{tos} homines, et non est aliud remedium, nisi ut draco placetur. Si tamen semel iratus ampliatis muneribus ualeat placari. Tunc Silvester: Ostendi michi ex hiis qui moriuntur, uel unum qualemcumque ultimum christianum. Et Calpurnianus ait: si christianos non inuadit, descende tu ad illum, et fac eum per mensem cessare ab interfectione humana, et credemus in Christum quem predicas. Et sanctus Silvester constanter ait: Clementissime imperator iube presentari omnes pontifices ut quod prefectus pollicetur omnes promittant. Et sic factum est. Tunc sanctus Silvester abiit ad templum beati pontificis cum duobus presbiteris biduanum ieiunium complens in oratione, et uidit beatum Petrum apostolum tercia nocte sibi talia proferentem: cum hiis cum quibus ieiunasti et orasti descende ad orationem, solo Christi sacramento refecti descendite; ne timeas nec trepidet cor tuum, sed confidens in Deo uade ad draconem in quo Sathanas habitat, et dices ei: Dominus meus Ihesus Christus, natus ex Spiritu Sancto et Maria uirgine, crucifixus, mortuus, surrexit et ascendit in celum, et sedet ad dexteram Patris, hic uenturus est iudicare	[...] O que aqui é dito para louvor de Deus a respeito dos hebreus e dos egípcios, também se pode muito bem aplicar aos deuses dos romanos. Encontra-se isto na seguinte história sobre o bem-aventurado Silvestre com os seus sacerdotes (I): Todos os bispos dos templos do augusto Constantino lhe disseram: Ó santíssimo imperador, o povo romano corre grande perigo devido ao bafo do invictíssimo dragão. Costumavam as virgens da sacrossanta deusa Vesta descer até ele todos os dias das calendas e ministrar-lhe alimentos farináceos. Mas desde que a religião aceitou a lei de vida dos cristãos nada lhe é dado, e, por isso, ele está indignado, e aflige diariamente o povo com o seu bafo. Portanto, suplicamos para que ofereçam os habituais alimentos à sua escamosa majestade. Então, o imperador consultou São Silvestre para saber se isso devia ser feito, ao que São Silvestre respondeu: se algum dos teus soldados permitisse que agissem contra ti, mesmo que não o fizesse pessoalmente, mas não o impedisse, o que julgarias? Respondeu o imperador: Ele perecerá, seja pela espada, seja pelo fogo. Disse-lhe então São Silvestre: nessa pena incorre, junto do rei celeste, quem permite que a vontade do inimigo seja cumprida contra a vontade Dele. Então, o prefeito pagão, Calpurniano, disse: pela vossa clemência, santíssimo imperador, mais de trezentos homens morrem todos os dias, e não há outra solução senão apaziguar o dragão. Se, contudo, ele estiver irado, talvez possa ser aplacado com maiores oferendas. Então, Silvestre disse: Mostra-me, de entre aqueles que estão a morrer, um qualquer cristão. E Calpurniano disse: Se ele não ataca os cristãos, desce tu até ele e faz com que pare de matar seres humanos durante um mês, e acreditaremos no Cristo que pregas. E São Silvestre disse, com firmeza: clementíssimo imperador, ordena que todos os sacerdotes se apresentem, para que todos cumpram o que o prefeito promete. E assim foi feito. E então, São Silvestre foi ao templo do santo Pontífice com dois presbíteros, completando um jejum de dois dias em oração. E na terceira noite viu o bem-aventurado Apóstolo Pedro, que para si proferiu estas palavras: com aqueles com quem jejuaste e oraste, desce em oração, revigorado apenas

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO	EXCERTO ⁽²⁾
086 (Cont.)	3º Sermão da festa de São Silvestre (Cont.)	A vitória sobre o demónio (Cont.)	Dilatatio (Cont.)		uiuos et mortuos. Hunc expecta fixus in loco isto, et cum hoc dixeris ligabis os eius filo canabino quod tecum portabis, et desuper ceram impones, et signabis anulo ferreo, qui signum crucis habebit scultum, et inuenies huc, et hic panem inuenies a me tibi preparatum, de ipsoque te refficies cum ipsis, et per eum omne uenenum abicies, et saluum te christiano principi presentabis. Descendente igitur sancto Siluestro, omnes christiani per omnes ecclesias flentes, orationi incumbabant de celo auxilium postulantes; pontifices autem miserunt cum eo duos exploratores. Orans itaque sanctus Silvester descendit cum presbiteris per gradus CL; exploratores autem ut uenerent ad flatum draconis pre angustia ceciderunt. Sanctus autem Silvester cum suis intrepide descendens; circa medium descensum ceperunt sibilum irascentis draconis audire, cui sanctus Silvester ait: apostolus Christi Petrus me misit ad te, et iussit ut ligem te. Tunc dracho immanissimus squamas faciens ex ore, et sibiliones horridas agens, quasi trabes centenaria ueniebat in furore nimio, ita ut ignis ex oculis, et flamma ex ore eius procederet. Exclamauit autem sanctus Silvester ad Deum et dixit illud Ps LXXIII, [d, 19]: <i>Ne tradas, Domine, bestiis animas confitentes tibi</i>. Et uox facta est ad eum: constans esto, quia tecum est maiestas Dei; accede et liga os eius, quod et factum est. Egrediens autem clausit ianuas ereas et ipsas ligauit dicens: In nomine Domini nostri Ihesus Christi non aperientur a te dracho porte iste donec ueniat Ihesus Chrsitus iudicare seculum per ignem. Cum autem moram faceret sanctus Silvester in ascensu, infideles insultabant christianis dicentes: Silvester uester cum fama uoluit mori. Et conturbata erat Ecclesia; sed cum iam spes reuertendi nulla existeret, ecce adest Silvester incolumis cum sociis exploratores uero qui fere expirauerant pre flatu draconis, reduxit beatus Silvester secum, et coram pontificibus maleficiorum suorum codices combuxerunt // dicentes: sic incendantur et sic pereant, qui non credunt in Christum quod Silvester predicat». Dicit igitur: <i>Illos locustarum et muscarum</i>, etc.; eodem modo accidit hodie: ex minimis enim temptationibus infideles et peccatores pereunt, utpote <i>muscarum</i>, id est, meretricum, <i>et locustarum</i>, id est, uanitatum rerum temporalium tactibus interempti; sanctos uero, nec <i>dentes draconum</i>, id est, temptationes desperationum et iugulationum ualent aliquatenus superare. Comparatur enim diabolus drachoni: [...] com o sacramento de Cristo, desçe. Não temas, nem trema o teu coração, mas, confiante em Deus, aproxima-te do dragão, no qual habita Satanás, e diz-lhe: Meu Senhor Jesus Cristo, nascido do Espírito Santo e da Virgem Maria, crucificado, morto, ressuscitado e ascendido aos céus, onde está sentado à direita do Pai, virá para julgar os vivos e os mortos. Espera que ele fique fixo no mesmo lugar, e quando disseres isto, amarrarás a boca dele com um cordão de cânhamo que carregará contigo, e derramarás cera sobre ele, e selá-lo-ás com um anel de ferro que terá a marca da cruz esculpida. E, através dele, eliminarás todo o veneno, e apresentar-te-ás ileso diante do príncipe cristão. Enquanto São Silvestre descia, todos os cristãos, em todas as igrejas, choravam, dedicando-se à oração, implorando ajuda dos céus. Os pontífices enviaram com ele dois exploradores. E assim, orando, São Silvestre desceu com os presbíteros cento e cinquenta degraus. Os exploradores, quando se aproximaram do bafo do dragão, caíram em aflição. No entanto, São Silvestre desceu determinadamente, com os seus companheiros. A meio da descida, começaram a ouvir o sibilo de raiva do dragão, ao qual São Silvestre disse: O apóstolo de Cristo, Pedro, enviou-me até ti e ordenou que te amarrasse. Então, o terrível dragão, cuspiendo escamas da boca, e emitindo horríveis sibilos, como um tronco de cem anos, avançou furiosamente, de tal modo que lhe saíam fogo dos olhos e chamas da boca. Então, São Silvestre clamou a Deus, dizendo <i>Não entregues, Senhor, às feras a vida dos teus fiéis</i>. E a voz que lhe respondeu disse: Sê firme, pois a majestade de Deus está contigo. Aproxima-te e amarra a boca dele. E assim foi feito. Aproximando-e então. São Silvestre fechou as portas de bronze e predeu-as, dizendo: Em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, estas portas não serão por ti abertas, dragão, até que Jesus Cristo venha julgar o mundo pelo fogo. Como São Silvestre demorasse na subida, os infieis insultavam os cristãos, dizendo: O vosso Silvestre quis destacar-se e morrer em fama. E perturbada estava a Igreja. Mas, quando já não havia qualquer esperança do seu retorno, eis que surge incólume São Silvestre, com os seus companheiros exploradores que, embora quase houvessem verdadeiramente perecido pelo bafo do dragão, o bem-aventurado São Silvestre trouxe de volta. E estes, queimaram diante dos pontífices os livros dos seus feitiços, dizendo: Assim sejam

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾	
086 (Cont.)	3º Sermão da festa de São Silvestre (Cont.)	A vitória sobre o demónio (Cont.)	Dilatatio (Cont.)				queimados e pereçam aqueles que não crêm em Cristo, que São Silvestre prega. Diz, portanto: <i>Eles morrem pelas picadas de gafanhotos e moscas</i> ; Da mesma forma, isso acontece hoje em dia. Pois a partir das menores tentações, os incrédulos e pecadores perecem, como as <i>moscas</i> , isto é, as prostitutas, e os <i>gafanhotos</i> , isto é, aqueles que são destruídos pelos prazeres das coisas temporais. Mas, na verdade, as mordidas dos <i>dentes dos dragões</i> , isto é, das tentações de desesperos e opressões, não podem vencer os santos. Assemelha-se, de facto, o diabo ao dragão: [...]
091	2º sermão da circuncisão do Senhor	A circuncisão de Cristo	Dilatatio	I	1 Is 27,1.	[...] XXVII, a, [1]: (I) Visitabit <Dominus> in gladio suo duro, et grandi, et forti, super Leuiathan, serpentem uectem, et super Leuiathan, serpentem tortuosam , id est, diabolum, et occidet cetum qui est in mari , id est, Antichristum circumcicum cum membris suis circumcisis et ceteris pessimis. [...]	[...] (I) Naquele dia o Senhor ferirá com o seu gládio duro, grande e forte, o monstro Leviatan, serpente sinuosa, o monstro Leviatan, serpente fugidia , isto é, o diabo, e matará esse dragão do mar , isto é, o Anticristo circuncidado, com os seus membros e os restantes ímpios circuncidados. [...]
093	5º sermão da circuncisão do Senhor	A circuncisão do coração	Dilatatio	I	Dt 21,10-13.	[...] Primo, que sit hec circumcisio quam in suis Dominus operatur; ad quod plenius uidendum circumcisionem quadruplicem distinguamus: [...] Quartam, realem: hec est religiosorum, qui omnes res suas a se in religionis introitu circumcidunt. Exo XII, g, [48]: <i>Si quis peregrinorum in uestram uoluerit transire coloniam</i> , Glo: «celeberrimum transitum de mundo ad Deum»; circumcidetur, Glo: «ut deponat ueterem hominem cum actibus suis». Menbra ueteris hominis sunt: ¶ Inobedientia, ¶ luxuria, ¶ auaricia; hec tria circumcidit per triplex uotum, scilicet, obedientie, castitatis, paupertatis; omnis qui religionem ingreditur, siue uir siue mulier, de qua Deu XXI, c, [10-13], dicitur (I): si egressus fueris ad pugnam, etc. [contra inimicos tuos, et tradiderit eos Dominus Deus tuus in manu tua, captivusque duxeris, et videris in numero captivorum mulierem pulchram, et adamaveris eam, voluerisque habere uxorem, introduces eam in domum tuam; quae radet caesariem, et circumcidet ungues; et deponet vestem in qua capta est: sedensque, flebit patrem et matrem uno mense, et postea intrabis ad eam, dormiesque cum illa, et erit uxor tua] , que debet radere <i>caesariem</i> , id est, proprias uoluntates de capite, id est, mente per obedientiam, et circumcidere <i>ungues</i> carni adherentes per continentiam, et deponere uestem , id est, res exteriores per uoluntariam paupertatem; sic enim celebrat circumcisione acutissima petra: [...]	[...] Em primeiro lugar, que circuncisão é esta que o Senhor opera nos seus? Para melhor entender isto, devemos distinguir quatro tipos de circuncisão: [...] Quarta, a real: esta é a dos religiosos, que se circuncidão de todas as suas posses ao entrar na religião. <i>E se morar contigo um estrangeiro residente, que queira fazer a Páscoa</i> , Glo: «a mais celebrada passagem do mundo para Deus»; será circuncidado, Glo: «para depor o velho homem com as suas ações». Os membros do homem antigo são: ¶ a desobediência, ¶ a luxúria, ¶ a avareza; estes três membros são cortados pela tríplice promessa, ou seja, a obediência, a castidade e a pobreza; todos os que entram na religião, sejam homens ou mulheres, dos quais se diz no Deuteronómio Quando fores à guerra contra os teus inimigos e o Senhor, teu Deus, os entregar nas tuas mãos e fizeres prisioneiros, se vires entre os prisioneiros uma mulher de bela aparência, que te agrade e com quem desejes casar, leva-a primeiro par tua casa. Ela rapará a cabeça, cortará as unhas, tirará a sua roupa de prisioneira, permanecerá em tua casa e chorará durante um mês inteiro o seu pai e a sua mãe. Depois disto, poderás unir-te a ela, serás seu marido e ela será a tua mulher (I) . Esta deve rapar a <i>cabeça</i> , isto é, as suas próprias vontades da cabeça, isto é, da mente, pela obediência, e circuncidar as <i>unhas</i> aderidas à carne pela sobriedade, e tirar a roupa , isto é, as coisas exteriores, pela pobreza voluntária; pois, assim, celebra a circuncisão com a pedra maia afiada: [...]
098	4º sermão da Epifania	Cristo, Anjo do Grande Conselho	Dilatatio	I	Jb 5,19-22.	[...] Secundo, quare sextus nuncupetur; ¶ ad hoc potest dici quod in VI diebus opus suum fecit, ¶ et VI etate uenit, ¶ VIº mense acceptus fuit et VI ^{ex} opera misericordiae requirit,	[...] Segundo, porque se chama sexto [o anjo]; ¶ porque Ele fez a sua obra em seis dias; ¶ e veio na sexta idade, ¶ foi aceito no sexto mês, e veio para libertar das seis

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾
098 (Cont.)	4º sermão da Epifania (Cont.)	Cristo, Anjo do Grande Conselho (Cont.)	Dilatatio (Cont.)			et a VI ^{ex} tribulationibus liberare uenit. Iob V, f, [19-22] (I): <i>In VI^{ex} tribulationibus liberauit, etc. [te; et in septima non tangit te malum. In fame eruet te de morte, et in bello de manu gladii. A flagello lingue absconderis, et non timebis calamitatem cum venerit. In vastitate et fame ridebis, et bestias terrae] usque non formidabis. [...]</i>
107	1º Sermão da festa de São Sebastião	As tentações do demónio	Exordium	I	Jb 16,13-14.	<i>Posuit me sibi quasi signum, etc. [circumdedit me lanceis suis, convulneravit] usque lumbos meos.</i> Iob XVI, e, [13-14] (I).
			Dilatatio	II	PS. AMBR., ASS, 23, 85-86, PL 17, 1056A/B; AUT. INCERT., PSS, II, 476.	Bene hoc competit beato Sebastiano, qui iussu Diocleciani cum nollet a proposito fidei resilire « in medio campo ligatus a militis pluribus sagittis fuit penetratus, ut quasi hericius ita hirsutus esset ictibus sagittarum. Nocte uero sequenti Hyrenea uxor Castuli martiris, ueniens ut corpus eius tolleret et sepeliret, et inueniens eum uiuentem duxit ad domum suam, ubi intra paucos dies salutem integram recuperauit in omnibus membris, ita quod illesus aparet» (II); beatus autem Iob, de quo hec dicta sunt, non legitur expositus lanceis uel sagittis hominum, sed temptationibus demonum. Sagitte igitur persecutorum sunt temptationes demoniorum quibus:
				III	Jb 6,4.	Quidam proficiunt ut ipse Iob VI, a, [4] (III): <i>Sagitte domini, etc. [in me sunt, quarum indignatio eribit spiritum] usque meum.</i> Temptationes enim sanctos humiliant dum eis sua infirma manifestant, ne Dei fortia et magna dona superbiendo amittant. [...] Quidam uero deficiunt ut Ananias et Saphira. [...] tales sunt:
				IV	Sir 26,12.	Luxuriosi. Eccli XXVI, d, [15] (IV): <i>Contra omnem sagittam, id est, temptationem diabolicam; aperiet pharetram, id est, conscientiam per consensum; luxuriosi enim quot mulierum pulchritudines intuentur, tot malis consensibus sagittantur.</i> Eccli IX, b, [8-9]: <i>Auerte faciem tuam, etc. [a muliere compta, et ne circumspectas speciem alienam. Propter speciem mulieris multi] usque perierunt, ¶ in anima, ¶ corpore, ¶ diuiciis, ¶ fama.</i>
				V	1 Is 13,17-18.	Inuidi. Ys XIII, e, [17]: (V) <i>Ecce ego suscitabo super uos Medos, qui interpretantur 'adequati uel mensurati aut mensuradores'; hii sunt demones, quorum caput uoluit mensurari et equari Deo; qui argentum non querant, nec aurum uelint, sed animas. Vnde sequitur: sed sagittis paruulos interficient, id est, inuidos. Inuidus enim semper paruulus est in oculis suis.</i> Iob V, a, [2]: <i>paruuli occidit</i>
						tribulações. <i>Seis vezes te salvará da angústia, e, na sétima, o mal não te atingirá. Em tempo de fome, preservar-te-á da morte e, em tempo de guerra, dos golpes da espada. Preservar-te-á do açoite da língua e não temerás quando vier a ruína. Rir-te-ás da devastação e da fome, e não temerás os animais ferozes (I). [...]</i>
						<i>Disparou as suas setas contra mim, atravessou os meus rins sem piedade (I).</i>
						Isto aplica-se a São Sebastião, que a mando de Diocleciano, porque recusou renunciar à sua fé, amarrado pelos soldados no meio de um campo, foi atravessado por múltiplas flechas, de tal modo que, todo espetado pelos golpes das setas, quase parecia um ouriço. A viúva do mártir Cástulo, que se chamava Irene, foi lá de noite para trazer o corpo e o enterrar. Encontrando-o vivo, trouxe-o para sua casa, e aí, passados poucos dias, Sebastião recuperou por inteiro a saúde de todos os membros, de tal modo que parecia ileso (II); e o bem-aventurado Job, a quem pertencem estas palavras, não foi exposto às lanças ou flechas dos homens, mas às tentações dos demónios. Portanto, as setas dos perseguidores são as tentações dos demónios, com as quais:
						Alguns prosperam, como o próprio Job (III): As setas do Todo-Poderoso vêm contra mim e o meu espírito absorve o veneno delas. As tentações, de facto, humilham os santos ao lhes revelarem as suas fraquezas, para que não percam os dons grandes e fortes de Deus por causa do orgulho. [...] Alguns, porém, falham, como Ananias e Safira. [...] tais são:
						Os luxuriosos. Contra toda a flecha , isto é, tentação diabólica; abrirá a aljava , isto é, a consciência pelo consenso (IV). Pois quantas belezas de mulheres contemplam os luxuriosos, tantos são os maus consensos que os atingem. <i>Desvia o teu rosto da mulher formosa e não te detenhas a admirar a beleza da mulher que pertence a outro homem. Muitos se perderam por causa de uma mulher bonita, ¶ na alma, ¶ no corpo, ¶ nas riquezas, ¶ na fama.</i>
						Os invejosos. Eis que suscitarei contra vós os habitantes da Média , que se interpretam adequados, medidos ou medidores; estes são os demónios, cuja cabeça deseja ser medida e igualada a Deus; que não se deixam corromper nem por prata nem por ouro , mas por almas. Por isso, segue: mas os seus arcos abatem os jovens , isto é, os invejosos (V). Pois a inveja é sempre pequena aos seus próprios olhos. <i>A inveja mata os</i>

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾
107 (Cont.)	1º Sermão da festa de São Sebastião (Cont.)	As tentações do demónio (Cont.)	Dilatatio (Cont.)			<i>inuidia</i> . Inuidi enim quot uident prosperitates proximorum, tot sagittis feriuntur in intimis precordiorum.
				VI	1 Sm 31,3.	Augures uel ydolatre, ut Saul qui consuluit phitonissam. Iº Reg XXXI, b [3] (VI): <i>totumque pondus prelii, etc. [versum est in Saul; et consecuti sunt eum viri sagittarii, et vulneratus est vehementer]</i> usque a <i>sagittariis</i> . Augures enim quot aquilas, nisos, corniculas intuentur, tot ictibus letalibus sagittantur.
				VII	1 Rs 22,34.	Verbo Dei incredibiles, ut Achab, qui noluit credere Michee prophete, ideo periit. IIIº Reg XXII, e, [34] (VII): <i>quidam tetendit arcum in incertum, etc. [sagittam dirigens, et casu percussit regem Israhel inter pulmonem et] usque stomachum</i> . Igitur, ut diximus, sagittarii sunt demones. Arcus baliste sagittariorum istorum sunt labia detractorum et adulatorum, que facta sunt ad modum arcus; sagitta uulnerans lingua transfigens. Ier IX, [c, 8] (VIII): <i>sagitta uulnerans lingua eorum, dolum locuta</i> est, uel sagitte repositae in pharetra sunt: ¶ adulationes, ¶ detractones, ¶ maledicta ¶ et blasfemie in memoria conseruate. Ps X, b, [3] (IX): <i>ecce peccatores</i> , id est, demones, <i>intenderunt arcum suum</i> , scilicet, hoc dici potest quando demones mouent labia ¶ detractoris, ¶ adulatoris, ¶ maledici ¶ et blasphemii ad talia dicenda; <i>paruerunt sagittas suas in pharetra</i> : hoc sit quando demones, ¶ causas, ¶ uerba, ¶ modos, ¶ detrahendi, ¶ uel adulandi, ¶ uel maledicendi, ¶ aut blasfemandi, ponit in eius memoria, <i>ut sagittent in obscuro</i> , id est, in medio cordis ubi solus deus uidet <i>rectos corde</i> ; sed sagitta frequenter
				IX	Sl 11,2.	Detractionis, ualde acuta est. Nam tres uel plures interficit. Vnde beatus Bernardus: «omnis detractor, ¶ primo seipsum prodit uacuum caritate, ¶ deinde, quid detrahendo intendit, nisi ut is cui detrahit in odium ueniat, uel contemptum audientibus. Ferit ergo caritatem, et quantum in se necat et extinguit lingua maledica, etiam in absentes uidet quam facile et in breui ingentem multitudinem animorum uelociter currens, sermo tabe malicie detractionis inficere possit unum uerbum uno momento multitudinis audientium, dum aures inficit, animas interficit». Eccli XXVIII, [c, 22] (X): <i>Multi ceciderunt in ore gladii; sed non sic</i> , quod non in uno ictu, uel non in anima, <i>quasi qui interierunt per linguam suam</i> . [...]
				X	Sir 28,18.	Adulationis, toxicata est melle maledictionis et ideo suauiter interfecit auditores per dulcedinem uane laudis.
						<i>pequenos</i> . Pois quantas prosperidades dos próximos vê a inveja, tantas são as flechas disparadas nas profundezas dos seus corações. Os adivinhos ou idólatras, como Saul, que consultou a pitonisa. <i>E toda a violência do combate desabou sobre Saul. Os arqueiros descobriram-no e feriram-no gravemente (VI)</i> . Pois quantas águias, abutres e corvos veem os adivinhos, tantas são as flechas letais os atingem. Os que não acreditam na palavra de Deus, e, tal como Acabe, que não acreditou no profeta Elias, perecem. <i>Disparou com o seu arco à sorte e feriu o rei de Israel entre o pulmão e o estômago (VII)</i> . Portanto, como dissemos, os arqueiros são demónios. Os arcs desses arqueiros são as línguas dos detratores e adutores, que são feitas em forma de arco; a flecha ferindo, a língua perfurando. <i>A seta ferindo a língua deles, é o dolo falado (VIII)</i> , ou as setas guardadas na aljava são: ¶ adulações, ¶ maledicências, ¶ maldições ¶ e blasfémias guardadas na memória. <i>Os ímpios</i> , isto é, os demónios, <i>retesam o seu arco</i> , o que se pode dizer de quando os demónios movem os lábios ¶ maledicentes, ¶ adutores ¶ malditos ¶ e blasfemos para dizer tais coisas; <i>ajustaram as flechas à corda</i> : isto acontece quando os demónios põem na memória deles ¶ causas, ¶ palavras, ¶ modos, ¶ de detrair, ¶ ou de adular, ¶ ou de maldizer, ¶ ou de blasfemar, <i>para disparar às escondidas</i> , isto é, no meio do coração, onde só Deus vê, <i>contra os de coração reto (IX)</i> . Mas frequentemente a seta da Detração é especialmente afiada. Na verdade, mata três ou mais. Daí o dizer São Bernardo: todo o detractor ¶ primeiro, se revela vazio de caridade, ¶ então, o que procura ao detrair, senão inspirar ódio e desprezo na audiência. A língua venenosa desfere um golpe na caridade dos corações de todos os que ouvem e, se possível, mata e extingue completamente. Pior ainda, até mesmo os ausentes são contaminados pela palavra voadora que passa dos presentes para todos os que se encontrarem ao alcance. Veja-se o quão facilmente e em quão pouco tempo essa palavra veloz pode infectar uma enorme multidão de pessoas com a sua malícia doentia. Aquela única palavra, num só momento, enquanto penetra os ouvidos da multidão, destrói as suas almas. <i>Muitos morreram, passados ao fio da espada, mas, porque não num só golpe, ou não na alma, muitos mais pereceram pela sua própria língua (X)</i> . Adulação está envenenada com o mel da maledicência e mata suavemente os ouvintes com a doçura de um elogio

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾
107 (Cont.)	1º Sermão da festa de São Sebastião (Cont.)	As tentações do demónio (Cont.)	Dilatatio (Cont.)	XI	BERN. SD, sermo 17, par. 5, vol 6,1, pag. 153, lin. 22 (PL 183, 585C).	Beatus Bernardus (XI): « leuiter transit, leuiter uolat, sed non leuiter uulnerat ». [...]
				XII	SI 5,13.	Detractionis, tegat te Christo scuto bone uoluntatis, si non odias sed diligas illum cui aperte forte detrahitur et circa detrahentem; sic coronabit te Christus in bono malum uincentem. Ps V, g, [13] (XII): scuto bone uoluntatis tue coronasti nos .
				XIII	SI 91,4-5.	Adulationis, tegat te Christo scuto ueritatis, ut plus aliis de te quam tu tibi credere noli. Veris igitur tuis miseris arma te contra adulantium laudes. Ps. XC, b, [5-6] (XIII): scuto circumdabit te ueritas, etc. [eius; non timebis a timore nocturno; a sagitta volante in die, a negotio perambulante in tenebris, ab incursu, et a demonio] usque meridiano . Timor nocturnus est timor infamationis per detractionem que hee obscurantur; hic non timet iter tecto clipeo ueritatis, uel qui protectus est clipeo ueritatis;
				XIV	BERN., SCC, sermo 24, par. 2, vol. I, pag. 152, lin. 9 (PL 183, 895B).	Quia testem habet Deum superius, ¶ Conscientiam interius; Opinionem bonorum exterius. Iob XVI, g, [20]: Ecce enim in celo testis meus, etc. [et conscius meus in] usque in excelso . Beatus Bernardus (XIV): « sufficit omnino aduersus detractores opinio bonorum cum testimonio conscientie ». Sagitta in die uolans est inanis gloria, ex laude surgens. Beatus Bernardus (XV): « armemus nos aduersus hominum laudes, que a laudabili potissimum uita sumunt materiam. Alioquin uulnerauit sagitta uolans ». Eccli XXVIII, e, [23]: beatus qui tectus est a lingua nequam , duplici scuto predicto.
				XV	BERN., Ibidem, sermo 33, par. 12, PL 183, 957C.	
109	3º Sermão da festa de São Sebastião	Os maus progenitores	Exordium	I	Mq 7,6.	Inimici hominis domestici eius . Mich VII, c, [6] (I).
			Dilatatio	II	PS. AMBR., ASS, 7, 23-25, PL 17, 1031B-1032B.	A verdade desta autoridade foi suficientemente comprovada pelos amigos do mártir, Marceliano e Marco, que foram admiravelmente atormentados por quatro lanças. Mas Deus, por meio do abençoado Sebastião, conservou os seus soldados e subjugou os adversários da fé de Cristo. Onde se lê que, como tivesse sido dada a sentença de degolação, os amigos deles obtiveram um adiantamento de trinta dias, para que pudessem fazê-los concordar em voltar a queimar incenso aos ídolos. Por conseguinte, os amigos abeiraram-se deles e puseram-se a dizer: Donde vos vem tão obstinada determinação e tão insensível coração que suporta humilhar as cãs do pai e causar à mãe já envelhecida novas dores de parto? Agora é, sem dúvida, uma dor incurável, um inconsolável luto, uma irremediável tortura, um incomparável parto,

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾
109 (Cont.)	3º Sermão da festa de São Sebastião (Cont.)	Os maus progenitores (Cont.)	Dilatatio (Cont.)			amicis dicentibus, miseram se clamans mater aduenit, et soluta capite canos sue senectutis ostentans, in conspectu eorum uestem qua pectus tegebatur, scidit, et cunctis fletibus ostendebat eis laxis pellibus, quas suxerant mammas; hec et hiis similia matre prosequente, infirmus pater et iam grauis senio, manibus adducitur seruulorum, et cigneo capiti terram spergens, huiusmodi dabat ad celum uoces: Ad mortem ultro proficiscentibus filiis ualedicturus, ut uniuersa, que a filiis sepulture mee paraueram, ego infelix in filiorum sepulturam expendam. Venite huc iuuenes, flete super iuuenes sponte pereuntes. Venite senes, et mecum super filios plangite, qui uos uiscera paterna habere scitis. Dum hec et alia senior ageret, ecce amborum coniuges cum natis propriis ueniunt, et aspectibus eorum infantulos obtulerunt, et eiulantes uoces emisunt dicentes: Quibus nos seruituras relinquitis? quibus coniungii uestri traditis caritatem? qui putatis erunt horum infantum domini, et domorum ueststrarum audissimi peruasores? qui erunt uestre occupatores familie? Interea dum ista dicuntur et alia refferuntur inter uxorum lacrimas et suspiria et gemitus filiorum, ceperunt milites Christi mollescere, et animos flectere ad dolorem; hec attendens beatus Sebastianus in medium eorum se obiciens dixit: o fortissimi milites Christi. O diuini prelii instructissimi bellatores, nolite coronam deponere sempiternam. Illi quos plorantes attenditis, gauderent si scirent quod nostis» (II). Et faciens beatus Sebastianus optimum et prolixum sermonem martires confirmauit et ceteros ad Christi fidem conuertit. Dicitur igitur: <i>Inimici</i>, etc. Notandum igitur quod parentes carnales nocent filiis multis modis, scilicet: [...] pelo qual se mata a esperança e a alegria e se menospreza a vida, se recusa a glória e, desdenhando-se todos os sentimentos de piedade, se anseia pela atrocidade da morte. Assim suplicamo-vos, ó caríssimos amigos, ponde, de uma vez por todas, fim a estas desgraças, e admoestados lembrai-vos de que sois pais de queridos filhos. Os amigos disseram-lhes tais e semelhantes palavras. Chega então a mãe, gritando que era uma pobre infeliz. De cabelo solto, ostentando as cãs da sua velhice, rasgou à vista deles a veste com que cobria o peito. Nas peles caídas mostrava a todos, lavados de lágrimas, o peito em que eles tinham mamado, e recordava, entre lamentos e choros, os afagos que lhes dera na infância. O pai, enfermo, de estado ainda mais debilitado pela velhice, é conduzido pelas mãos de jovens escravos, polvilhando a cabeça branca com a poeira do chão, dirigia tais palavras ao céu: Vim dizer adeus aos filhos que voluntariamente caminham para a morte, para cumprir tudo o que antevira que os meus filhos haveriam de aplicar à minha sepultura. Vinde para junto daquele, rapazes, e chorai os jovens que voluntariamente vão morrer. Vinde para junto deste, anciãos, e chorai comigo os meus filhos, vós que sentis ter um coração de pai. Então, enquanto o ancião proferia tais e semelhantes palavras, eis que chegam as mulheres de ambos com os filhos. Oferecendo à vista deles os meninos, soltam estas lamentosas palavras: A quem nos abandonais para o servirmos? A quem entregais o amor das vossas esposas? Quem julgas tu que serão os senhores destas crianças e os avidíssimos usurpadores das vossas casas? Quem serão os conquistadores da vossa família? Entretanto, enquanto se diziam tais coisas e se referiam outras, entre as lágrimas das mulheres e os suspiros dos filhos, começam os soldados de Cristo a esmorecer e a ceder à dor; a este espetáculo assistia o bem-aventurado Sebastião que, lançando-se no meio deles, disse: Ó fortísimos soldados de Cristo, ó instruídíssimos guerreiros do divino combate, não renunciéis à perpétua coroa. Esses, que ouvís a chorar, alegrar-se-iam hoje, se pudessem saber o que conhecestes» (II). E fazendo São Sebastião um profundo e longo discurso, fortaleceu os mártires e converteu os demais à fé de Cristo. São chamados, portanto, <i>inimigos</i>, etc. Deve notar-se, portanto, que os pais carnaís prejudicam os seus filhos de várias maneiras, a saber: [...]

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾	
122	1º sermão da festa de São Vicente	A vitória sobre os inimigos da alma	Exordium	I	Ap 2,17.	<i>Vincenti dabo manna absconditum.</i> Apo II, e, [17] (I) .	<i>Ao que sair vencedor, dar-lhe-ei a comer do maná escondido (I).</i>
			Dilatatio	II	AUT. INCERT. PSVLM in Boninus Mombritius, «Sanctuarium seu Vitae Sanctorum». II, 626-627.	Hec uerba licet de quolibet sancto generaliter dicta sint, specialiter tamen uidentur beato Vincentio conuenire. Ipse enim reuera fuit uincens, et hoc non semel neque bis, sed multociens. Vnde dicitur: <i>Vincenti</i> , quasi uincens centies uel centibus uicibus. In toto enim cathalogo martirum Christi uix inuenitur athleta qui tot uictorias habuisset: Vicit enim in uita et in morte, in terra et in mari, ipsum Dacianum quasi equum diaboli furibundum; uicit et ascensorem eius, id est, hostem antiquum. Vnde sicut dicitur Exo XV, a, [1]: <i>equum et ascensorem eius proiecit</i> non solum in terra, sed etiam <i>in mari</i> . Vicit etiam cunctos satellites qui eum torquentes defecerunt, quapropter ait Vincentius Daciano: «Ecce iam de aparitoribus tuis uindictor surge ergo et toto malignitatis spiritu debacare». «Videbis enim me Dei uirtute plus posse dum torqueor, quam possis ipse qui torques». Vicit etiam uniuersa arma eius, id est, genera tormentorum sicut ipse Dacianus testatur. Cum enim cerneret eum exquisita et acerbissima tormentorum genera alicui uultu percurrere et despicere (II) .	Ainda que estas palavras sejam ditas de qualquer santo, em geral, elas aplicam-se especialmente a São Vicente. Pois ele mesmo foi vitorioso, e não uma ou duas vezes, mas muitas vezes. Daí que se chame: <i>Vicente</i> , como <i>aquele que vence cem vezes ou com cem vitórias</i> . Em todo o catálogo dos mártires de Cristo dificilmente se encontra um atleta que tenha tantas vitórias: venceu de facto na vida e na morte, na terra e no mar. Venceu o próprio Daciano, que se assemelhava a um furibundo cavalo do diabo. Venceu também o cavaleiro dele, ou seja, o antigo inimigo. Por isso, como se diz no Êxodo: <i>o cavalo e o seu cavaleiro lançou</i> não só na terra, mas também <i>no mar</i> . Venceu também todos os carrascos que o torturavam, motivo pelo qual Vicente disse a Daciano: Eis que já me vinguei dos teus algozes. Tú próprio me vingaste ao castigá-los. Vereis que, pela força de Deus, posso fazer mais enquanto sou torturado do que podeis fazer vós, que me torturais. Venceu também todas as armas dele, isto é, todos os tipos de tortura, como o testemunha o próprio Daciano, quando percebeu que ele percorria e desprezava com o semblante quaisquer cruelíssimos tipos de tortura (II) .
				III	Is 8,9-10.	Vincimur, inquit, Nec mirum Christus enim qui ait Io XVI, g, [33]: <i>Confidite</i> , quia <i>ego uici mundum</i> ; qui, sicut ait Ps IX, c, [10]: <i>est adiutor in opportunitatibus, in tribulatione</i> . Erat cum beato Vincentio et aliis martiribus. Mt XXVIII, g, [20]: <i>Ecce ego uobiscum sum</i> , etc. [omnibus diebus, usque ad consumationem saeculi] usque in finem <capituli>. Ideo eius presentia roborati dicebant cum Ps CXVII, [a, 6-7]: <i>Dominus michi adiutor; non timebo quid faciat michi homo. Dominus michi adiutor; et ego despiciam inimicos meos</i> ; et Ys VIII, c, [9-10] (III) , insultant martires persecutoribus dicentes: <i>Cogregamini populi</i> , scilicet, persecutorem, <i>et uincimini; et audite procul uniuerse terre: et confortamini</i> . Contra istos qui occidunt corpus, ne timeatis eos. Item: <i>accingite uos et uincimini; inite consilium</i> deocultando nomen Christi, <i>et dissipabitur; loquimini uerbum</i> de martiribus omnino delendis, <i>et non fiet, quia nobiscum Deus</i> . Beatissimus Bernardus (IV) : «Deus ortatur nos ut pugnemus et adiuuat ut uincamus, certantes in bello expectat, deficientes subleuat, uictores coronat» eterna gloria; hec testatur beatus Stephanus qui eum uidit stantem et sibi auxiliantem. Ac VII, g, [55-56]: <i>cum autem esset plenus</i> , etc. [Spiritu Sancto, intendens in caelum, uidit gloriam Dei, et Iesum stantem a dextris Dei; et ait: Ecce video	Vencemos, diz. E não é surpreendente, pois Cristo também disse no Evangelho Segundo São João: <i>Tenham coragem, porque eu venci o mundo</i> ; Como está escrito no Salmo: ele é <i>um refúgio para o oprimido, nos tempos de aflição</i> . Ele estava com o bem-aventurado Vicente e com outros mártires. <i>Eu estarei convosco todos os dias, até ao fim dos tempos</i> . Por isso, fortalecidos pela sua presença, diziam como no Salmo O Senhor está comigo, <i>nada tenho a temer; que mal me poderão fazer os homens? O Senhor está comigo; e hei de ver derrotados os meus inimigos</i> ; e, como em Isaías (III) , os mártires insultam os seus perseguidores, dizendo: <i>Tremam, ó povos</i> , isto é, perseguidores, <i>pois sereis derrotados; e estejam atentas, nações longínquas, pois sereis esmagadas</i> . Contra estes, que matam corpos, não os temeis. <i>Armem-se bem e sereis vencidos; Tracem planos</i> , para esconder o nome de Cristo, <i>e sairão frustrados; pronunciem ameaças</i> sobre a completa destruição dos mártires, <i>e não se realizarão, porque Deus está connosco</i> . Deus exorta-nos a lutar e ajudá-nos a vencer; <i>levanta-nos quando enfraqueçemos e coroa os vitoriosos com a glória eterna (IV)</i> ; Isto é testemunhado por Santo Estêvão, que O viu em pé e a auxiliá-lo. Como estivesse cheio do Espírito Santo, olhou para o céu, viu a glória de Deus, e Jesus, de pé, à direita
				IV	AUT. INCERT. (BERN.?), MHC, 12, PL 184, 504C.		

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾
122 (Cont.)	1º sermão da festa de São Vicente (Cont.)	A vitória sobre os inimigos da alma (Cont.)	Dilatatio (Cont.)			<i>caelos apertos et Filium hominis stantem a dextris Dei]</i> usque exclamantes. Ideo uiriliter uicit beatus Vincentius: fuit autem hispanus quod ei bene congruit; hispanus enim dicitur ab ‘ys’ quod est uir; et ‘pan’ quod est totum, et ‘us’ quod est festinans; quasi uir totus corde et corpore festinans ad brauium. Vnde «assumptus ex eculeo atque ad patibulum raptus, tortores suos ipse pene preueniens moras carnificum arguendo ad penam alacriter properabat» (V). Quia igitur uiriliter uicit, promittit ei Christus dicens: <i>Vincenti dabo manna absconditum</i>, quia uero uicit triplicem hostem, scilicet: Dacianum, carnifices et diabolum. Christus enim <i>manna dedit</i>, quia sicut ait Ps LXVII, c, [11]: <i>Parauit in dulcedine sua pauperi Deus</i>, scilicet, manna:
				V	AUT. INCERT. PSVLM in Boninus Mombritius, «Sanctuarium seu Vitae Sanctorum». II, 627. (ASSS. Jan. II, 395,2).	Spiritualis refectionis; [...] Angelice consolationis. [...] Eterne fruitionis; [...] Nos autem si uolumus de manu Christi <i>manna absconditum</i> capere, oportet prius de hiis tribus hostibus triumphare, scilicet: diabolo, carne, mundo; quia dicit: <i>Vincenti</i>, etc., quasi dicat non alii, quia nullus coronabitur nisi qui legitime certauerit; sed quibus armis oportet expugnare? Attendimus sanctos Patres per que arma uicerunt, ut eis muniti nullatenus formidemus. Diabolum igitur uincemus:
				VI	ATAN., EVRA., VBA, PL 73, 146A.	¶ Per: Spiritualet leticiam. Beatus Antonius (VI): «Vnica ratio uincendi inimicum est sipiritualis leticia». IIº Paral XX, d, [22] (VII): <i>Cum</i> Iosaphat et sui, <i>cepissent laudes canere</i>, etc. [vertit Dominus insidias eorum in semetipsos, filiorum scilicet, Ammon, et Moab, et montis Seir, qui egressi fuerant ut pugnarent contra Iudam, et] usque <i>percussi sunt</i>. Iº Mach XV [XVI], e, [8] (VIII): <i>Et exclamauerunt sacris tubis</i>, etc. [et in fugam conversus est Cendebeus, et] usque <i>castra eius</i>, id est, diaboli. II Ma XII, g, [36-37] (IX): <i>Inuocaui Dominum Iudas</i>, etc. [adiutorium, et ducem belli fieri; incipiens voce patria, et cum hymnis clamorem extollens, fugam Gorgiae militibus] usque <i>incussit</i>, per huiusmodi enim spiritus malus fugatur et spiritus bonus asciscitur; [...]
				VII	2 Cr 20,22.	de Deus. E disse: Reparem! Vejo o céu aberto e o Filho do Homem, de pé, ao lado direito de Deus! Portanto, São Vicente venceu corajosamente: ele foi hispânico, o que se lhe ajustava bem; <i>hispanus</i> deriva de <i>hys</i>, que significa homem; <i>pan</i>, que significa tudo; e <i>us</i>, que significa rápido; como se fosse um homem apressando-se com todo o coração e todo o corpo para a recompensa. Daí o dizer-se: tirado do cavalo e arrastado para o patíbulo, o próprio quase antecipando os seus torturadores e acusando os carrascos de demoras, apressou-se alegremente para o suplício (V). Assim, porque venceu virilmente, Cristo prometeu-lhe, dizendo: <i>Ao que sair vencedor, dar-lhe-ei a comer do maná escondido</i>, porque, verdadeiramente, venceu três inimigos: Daciano, os carrascos e o diabo. Cristo deu o maná, porque como diz o Salmo: <i>Deus preparou para o pobre, na sua do çura, o maná</i>: Da renovação espiritual; [...] Da consolação angelical. [...] Da eterna fruição. [...] Nós, portanto, se queremos receber o <i>maná escondido</i> da mão de Cristo, devemos primeiro triunfar sobre estes três inimigos: o diabo, a carne, o mundo; porque se chama <i>Vicente</i>, etc., como se dissesse “não a outro”, porque ninguém será coroado a não ser aquele que legitimamente tiver combatido; mas com que armas devemos atacar? Consideremos as armas pelas quais os Santos Padres venceram, pois, protegidos por eles nada temos a temer. Vencemos, portanto, o diabo: Pela: Alegria espiritual. Santo António (VI): A única forma de vencer o inimigo é com alegria espiritual. Logo que começaram a entoar este cântico de louvor, o Senhor semeou a discórdia entre os filhos de Amon, de Moab e os que tinham vindo da montanha de Seir atacar Judá, e arremeteram uns contra os outros (VII). Fizeram soar as trombetas. Cendebeu e os seus homens foram derrotados; muitos deles pereceram ao fio da espada e os que escaparam com vida refugiaram-se na fortaleza dele (VIII), isto é, do diabo. Então, Judas invocou o Senhor para que as protegesse e dirigisse o combate. E começando a entoar cantos de guerra na língua pátria, caiu de surpresa sobre os soldados de Górgias e pô-los em fuga (IX), porque desse modo o espírito mau é posto em fuga e é adquirido o espírito bom; [...] Memória da Paixão de Cristo. Posto que Cristo padeceu na sua carne, armai-vos, também vós, com esta consideração (X). Depois travou-se uma batalha no céu: Miguel e os seus anjos declararam guerra ao
				VIII	1 Mac 16,8.	
				IX	2 Mac 12,36-37.	
				X	1 Pe 4,1.	

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾
122 (Cont.)	1º sermão da festa de São Vicente (Cont.)	A vitória sobre os inimigos da alma (Cont.)	Dilatatio (Cont.)	XI	Ap 12,7.	Passionis Christi memoriam. Iª Pe III, a, [1] (X): <i>Christo igitur in carne passo, etc. [et vos eadem cogitatione] usque armemini.</i> Apo XII, c, [7] (XI): <i>factum est prelium magnum in celo, etc. [Michahel et angeli eius praeliabantur cum dracone, et draco pugnabat et angeli eius];</i> et infra [Apo XII, c, 11] (XII): <i>Ipsi uicerunt eum propter sanguinem Agni.</i> Iº Ma VI, d, [34] (XIII): <i>Elephantis ostenderunt sanguinem uue et mori, ut acuendos eos in prelio.</i> <i>Elefantes</i> , id est, sancti, debent inspicere <i>sanguinem uue, et mori</i> , id est, Christi, ut accuantur <i>in prelium</i> . [...]
				XII	Ap 12,11.	<i>Dragão. O Dragão e os seus anjos combateram (XI).</i> E abaixo <i>os próprios venceram-no pelo sangue do Cordeiro (XII).</i> <i>Mostraram aos elefantes sumo de uva e de amoras, para os excitar ao combate (XIII).</i> Os elefantes, isto é, os santos, devem contemplar o <i>sumo de uva e de amoras</i> , quer dizer, de Cristo, para se fortalecerem <i>para o combate</i> . [...]
				XIII	1 Mac 6,34.	Humildade perfeita. Diz um dos pais (XIV): <i>Apenas a humildade vence toda a virtude dos inimigos. Como ouvi os demônios dizer ao seu príncipe: quando perturbamos os monges, convertendo-se um deles, faz penitência e destrói todas as nossas virtudes; Daí Em certa ocasião, o abade Macário, ao voltar da floresta para a sua cela, trazia algumas palmas, e eis que lhe aparece o diabo no caminho com uma foice de ceifeiro. Desejou então ferí-lo com a foice e não conseguiu. O diabo disse-lhe então: muito sofrimento suportou por tua causa Macário, pois não consigo prevalecer contra ti. Pois tudo o que fazes eu também faço: tu jejuas, eu não como absolutamente nada; tu fazes vigílias, eu não durmo absolutamente nada. Somente numa coisa tu me vences. O abade Macário perguntou-lhe: Em quê? E o diabo respondeu: É a tua humildade, pela qual não posso prevalecer contra ti (XV).</i> [...]
				XIV	AUT. INCERT., PELAG., VS, 15, 89, PL 73, 969B/C.	Humilitatem perfectam. Vnde dixit quidam patrem (XIV): « <i>humilitas soluet omnem uirtutem uincit inimici, sicut ego demones audiui loquentes principi suo, quando perturbamus monachos conuertens se unus ex eis agit penitentiam, et destruit omnem uirtutem nostram</i> »; unde « <i>preueniens aliquando abbas Macarius a palude ad celam suam portabat palmulas, et ecce occurrit ei diabolus in uia cum falce messoria, uoluit autem percutere eum cum falce illa et non potuit, et dixit illi: multam uiolentiam pacior a te Macari, quia non possum preualere aduersum te. Ecce enim quicquid tu facis et ego facio: ieunas tu, ego penitus non comedo; uigilas tu, ego penitus non dormio. Vnus est autem solum in quo me superas. Et dixit ei abbas Macarius: quid est illud? et respondit diabolus: humilitas tua, per quam non preualeo aduersum te</i> » (XV). [...]
				XV	AUT. INCERT., PELAG., VS, 15, 89, PL 73, 959A/B.	Vencemos a carne pela: Abstinência discreta. Agostinho: Domai a vossa carne com jejuns e abstinência, tanto quanto a força permitir. <i>rogo-vos que vos abstenhais dos desejos carnaís, que combatem contra a alma (XVI).</i>
				XVI	1 Pe 2,11.	Todo o tipo de contenção. <i>Castigo o meu corpo</i> , isto é, devolvo-o-o à castidade, <i>a fim de não acontecer que seja rejeitado</i> ; o Senhor era senhor da sua carne, não servo. Filósofo: eu sou maior e nasci para coisas maiores do que para ser um escravo vil do meu próprio corpo. Sagrada vigília. <i>Noites sem dormir consomem o corpo.</i> Vencemos o mundo pelo: Amor à pobreza. Assim como o amor às riquezas torna o homem servo do mundo, assim o amor à pobreza torna o homem Senhor do céu e do mundo. [...] Desprezo pelas honras. [...] Fé nas glórias celestes. [...] A quem quer que vença estes três inimigos, Cristo dará, com São Vicente, o <i>maná escondido</i> , porque como se diz na Primeira Epístola aos Coríntios: <i>os olhos não viram, nem os ouvidos ouviram, nem subiu ao coração dos</i>

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾
122 (Cont.)	1º sermão da festa de São Vicente (Cont.)	A vitória sobre os inimigos da alma (Cont.)	Dilatatio (Cont.)			Quicumque igitur istos tres hostes uincit, dabit ei Christus cum beato Vincentio <i>manna absconditum</i> , quod sicut dicitur Iª Cor II, d, [9]: <i>occulus non uidit, nec auris audiuit, nec in cor hominis ascendit, que prepareuit deus uictoribus</i> . Apo XXI, c, [7-8] (XVII): <i>qui uicerit, possidebit hec, et ero illi Deus, et ille erit michi filius. Timidis autem, qui non audent pugnare; et incredulis, qui non habent fidem qui uicit mundum; et executis, id est, excommunicatis; et homicidii et fornicatoribus et ueneficis et ydololatriis et omnibus mendacibus, etc. [pars illorum erit in stagno ardenti igne et sulphure: quod est] usque mors secunda</i> , a qua nos liberet Christus precibus sancti Vincentii, amen.
				XVII	Ap 21,7-8.	<i>homens, que Deus preparou para os vitoriosos. O que vencer receberá estas coisas como herança; Eu serei o seu Deus e ele será meu filho; mas os covardes, que não ousam combater os infiéis, que não têm fé que vença o mundo, os depravados, quer dizer, os excomungados, os assassinos, os impúdicos, os feiticeiros, os idólatras e todos os mentirosos terão como herança o lago ardente de fogo e enxofre, o qual é a segunda morte (XVII).</i> Desta nos liberte Cristo, pelas preces de São Vicente. Amen.
129	8º sermão da festa de São Vicente	O gládio da morte do pecador e a paz do justo	Exordium	I	Jr 34,4-5.	<i>Non morieris in gladio, sed in pace morieris.</i> Iere XXXIII, b, [4-5] (I).
			Dilatatio	II	Pr 12,18.	[...] Hic duo breuiter requiramus: Primo, in quot gladiis peccator occideri, ad minus in IIII ^{or} , hoc est: In gladio conscientie grauiter stimulantis. Prou XII, e, [18] (II): <i>qui promittit</i> in Baptismo fidelitatem Christo, uel in uoto et professione obedientiam prelato, quod si transgreditur <i>quasi gladio pungitur conscientie</i> . Ps XXXVI, [b, 15] (III): <i>Gladius eorum intret in corda ipsorum</i> . In gladio malicie uel iniquitatis acriter trucidantis. Eccli XXI, a, [4] (IV): <i>quasi rumphea</i> , etc. [bis <i>acuta omnis iniquitas, plagae illius</i>] usque <i>non est sanitas</i> , nisi in penitentia. In gladio diaboli crudeliter malignantis. Iste dicitur Golias habens gladium crudelissimum. Ps CXLIII, d, [10-11] (V): <i>de gladio maligno, eripe me</i> . In gladio iudicis Christi iustissime occidentis. Apo XIX, g, [20-21] (VI): <i>Aprehensa est bestia</i> , etc. [et cum ea pseudopropheta qui fecit signa coram ipso, quibus seduxit eos qui acceperunt caracterem bestiae, et qui adorauerunt imaginem eius. Vivi missi sunt hii duo in stagnum ignis ardentis sulphure; et ceteri occisi sunt in gladio sedentis super equum, et procedit de ore ipsius, et omnes aves saturatae sunt carnibus eorum], usque ad finem capituli. Item I, e, [16] (VII): <i>de ore eius gladius, etc.</i> [utroque parte acutus] usque <i>exibat</i> . Ps VII, g, [13]: (VIII) <i>Nisi conuersi fueritis, gladium suum uibrauit</i> . Iob XIX, g, [29] (IX): <i>fugite a facie gladii</i> , etc. [quoniam ultor iniquitatum] usque <i>gladius est</i> . [...]
				III	Sl 37,15.	[...] Consideremos brevemente estes dois aspetos: Em primeiro lugar, por quantas espadas foi morto o pecador. Pelo menos por quatro: Pelo gládio da consciência, que atormenta enormemente. <i>O que promete</i> fidelidade a Cristo no Batismo, ou aos prelados no voto e profissão de obediência, e a transgride <i>é como que ferido por um gládio na consciência (II).</i> <i>Mas a espada deles vai trespassar-lhes o coração (III).</i> Pelo gládio da malícia ou iniquidade, que mata agudamente. <i>Toda a transgressão é como uma espada de dois gumes; a ferida que produz é incurável (IV),</i> senão pela penitência. Pelo gládio do demónio, que maligna cruelmente. Este é Golias, que tem uma espada cruelíssima. <i>Livra-me da espada maligna (V).</i> Pelo gládio da justiça de Cristo, que mata justíssimamente. <i>A besta foi capturada e, como ela, o falso Profeta, o que fazia maravilhas na sua presença e com as quais enganou os que levavam o sinal da Besta e os que adoravam a sua estátua. Os dois foram lançados vivos no lago de fogo e enxofre ardente. Os restantes foram mortos pela espada do Cavaleiro, pela espada que sai da sua boca. E todas as aves do céu se fartaram com as suas carnes (VI).</i> Da sua boca saía uma aguda espada de dois gumes (VII). Se o ímpio não se converter, pode afiar de novo a sua espada (VIII). <i>Temerei o fio da espada, porque há uma espada vingadora da iniquidade (IX).</i> [...]
				IV	Sir 21,3.	
				V	Sl 144,11.	
				VI	Ap 19,20-21.	
				VII	Ap 1,16.	
				VIII	Sl 7,13.	
				IX	Jb 19,29.	
140	9º sermão da festa de São Paulo	Luz dos Gentios	Dilatatio	I	Jr 15,1-4.	[...] Et nota quod merito Spiritus Sanctus huiusmodi iudeos fetidos feces uoluit appellare: [...] Quia porcis, id est, demonibus uel romanis principibus, conculcande et exterminande prohibeantur. [...] Iere XV, a, [1-4] (I): <i>Eice istos a facie mea, etc. [et egrediantur. Quod</i>

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾
140 (Cont.)	9º sermão da festa de São Paulo (Cont.)	Luz dos Gentios (Cont.)	Dilatatio (Cont.)			<i>si dixerint ad te: Quo egrediemur? dices ad eos: Haec dicit Dominus: Qui ad mortem, ad mortem; et qui ad gladium, ad gladium; et qui ad famem, ad famem, et qui ad captivitatem, ad captivitatem. Et visitabo super eos quattuor species, dicit Dominus: gladium ad occisionem, et canes ad lacerandum, et volatilia caeli et bestias terrae ad devorandum et dissipandum. Et dabo eos in fervorem universis regnis terrae, propter Manassen, filium Ezechiae] usque regis Iuda. [...]</i>
180	10º sermão da Anunciação de Maria	Cristo verdadeiro homem e nosso irmão nascido da nobilíssima Virgem Maria, rainha de todos os homens	Dilatatio	-	-	Dei Filii, quia hodie in thalomo uteri uirginalis nouus miles effectus fuit et inde noua arma sumpsit, quibus principem mundi cum toto suo exercitu debellauit.
181	11º sermão da Anunciação de Maria	Maria é a cidade de Deus	Exordium	I	Sl 46,5.	<i>Fluminis impetus letificat ciuitatem Dei.</i> Ps XLV, c [5] (I).
			Dilatatio	II	Jr 8,14.	[...] dicitur autem beata Virgo ciuitas: Primo, quia sicut in tempore guerre ad ciuitatem confugitur, sic tempore temptationis et persecutionis ad Virginem. Iere VIII, f, [14] (II): conuenite et ingrediamur ciuitatem munitam et sileamus ibi , a cantilenis uanis et luxuriam prouocan//-tibus et a uerbis uanis et huiusmodi; sic autem cito liberaberis et laudabis cum Ps XXX [XXXI], [22] (III): benedictus Dominus quoniam mirificauit , etc. [misericordiam suam mihi in ciuitate] usque munita . Ios XX, e, [7] (IV): decreuerunt cedes in Galilea in monte Nephtali, et Sichem in monte Efraim, et Cariatebe, ipse est Ebron in monte Iuda; hec tres ciuitates refugii statute sunt a Iosue citra Iordanem, quia tripliciter beata Virgo confugientibus ad se succurrere consueuit, scilicet: ¶ quia Dei mater ¶ filia ¶ et sponsa; hinc Augustinus (V): «sic timent hostes inuisibiles» . [...]
				III	Sl 31,22.	[...] chama-se cidade à Santíssima Virgem: Primeiro, porque assim como em tempo de guerra se toma refúgio na cidade, assim na hora da tentação e da perseguição se toma refúgio na Virgem. Reuni-vos, vamos para as praças fortes, para aí permanecermos em silêncio (II) , afastados de cantigas vãs e provocações da luxúria, e de palavras vãs e coisas semelhantes; assim, rapidamente serás libertado e louvarás como no Salmo (III): bendito seja o Senhor pois a sua misericórdia para comigo fez maravilhas na cidade fortificada. Designaram então Cadés na Galileia, na montanha de Neftali, Siquém na montanha de Efraim, e Quiriat-Arbá, ou seja, Hebron na montanha de Judá (IV) ; estas três cidades de refúgio foram estabelecidas por Josué deste lado do Jordão porque a Virgem também costuma ajudar de três modos aqueles que em si se refugiam, porque é mãe de Deus, filha e esposa; daí Agostinho (V): temem inimigos invisíveis . [...]
				IV	Js 20,7.	
				V	AGOST., EP, salmo 141, parte 14, PL 37, 1840.	
183	2º sermão da festa de Santo Ambrósio	A solitudine dos prelados	Dilatatio	I	2 Mac 15,19.	[...] sollicitus debet esse prelati: VIIº, circa hostium expugnationem. IIº Mach XV, [d, 19] (I): qui in ciuitate erant, non minima sollicitudo habebat pro hiis qui congressuri erant. [...]
188	1º sermão da festa de São	O leão fortíssimo, dominador das bestas	Dilatatio	I		[...] bestie tripliciter intelliguntur, hoc loco quas uicit beatus Marcus: Primo, demones. [...]

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾
	Marcos Evangelista				1 Cor 15,32.	Secundo, homines bestiales, crudeles, fatui, id est, heretici tyranni. 1ª Cor XV, d, [32] (I): si secundum hominem ad bestias , etc. [pugnavi Ephesi, quid mihi prodest, si mortui] usque non resurgunt . Ti I, f, [12]: cretenses, etc. [semper mendaces, malae bestiae, ventres] usque pigri.
				II	Ap 11,7.	Apo XI, c, [7] (II): bestia , id est, Antichristus, que ascendit de abyso , id est, populo Iudaico, faciet aduersum illos bellum , id est, Helyam et Enoch. [...]
189	2º sermão da festa de São Marcos Evangelista	A face maravilhosa de Cristo e a Sua doce voz	Dilatatio	I	Sf 1,15-18.	[...] Item uox est multum: Vº, dulcis; unde hic dicitur: <i>Vox enim tua dulcis</i> . Can IIII, b, [3]: <i>eloquium tuum dulce</i> . Item eodem, e, [11]: <i>mel et lac sub lingua tua</i> ; sed malis erit amara. Soph I, f, [15-18] (I): Dies ire dies illa , etc. [<i>dies tribulationis et angustiae, dies calamitatis et miseriae, dies tenebrarum et caliginis, dies nebulae et turbinis, dies tubae et clangoris super civitates munitas, et super angulos excelsos. Et tribulabo homines, et ambulabant ut caeci, quia Domino peccaverunt; et effundetur sanguis eorum sicut humus, et corpora eorum sicut stercora. Sed et argentum eorum et aurum eorum non poterit liberare eos in die ire Domini; in igne zeli eius devorabitur omnis terra, quia consummationem cum festinatione faciet cunctis habitantibus terrae</i>] usque in finem capituli. [...]
190	3º sermão da festa de São Marcos Eangelista	A morte do pecador	Dilatatio	I	2 Cr 28,6-8.	[...] Ps LXXX, c, [8]: <i>In tribulationem inuocasti me et liberaui te. Exaudiui te in abscondito tempestatis</i> . [...] Grauis hostilitatis, sicut tempore Achaz, regis Iude II Paral XXVIII, b, [6-7] (I): Occidit facee, filius Romelie, de Iuda , etc. [<i>centum viginti milia in die uno, omnes viros bellatores; eo quod reliquissent Dominum, Deum patrum suorum. Eodem tempore occidit Zechri, vir potens ex Ephraim, Masiam filium regis, et Ezricam, ducem domus eius, Helcanam quoque, secundum a rege. Ceperuntque filii Israhel de fratribus suis ducenta millia mulierum, puerorum, et puellarum, et infinitam praedam, pertuleruntque eam</i>] usque in Samariam. [...]
194	2º sermão da festa de São Filipe e São Tiago Menor	Martírio de São Filipe, Apóstolo	Dilatatio	I	PS. ABD., HCA, II, 385; ORDER., HE, 12, PL 188, 156A-157B.	«Philippus apostolus Domini nostri Ihesu Christi, post ascensionem Domini saluatoris, per annos XX ^{ti} instanter predicauit gentibus per Siciam euangelium. Vbi cum tentus esset a gentibus et ductus ad statuum Martis et compelleretur ad sacrificandum, exiit de subdtus basi in qua statua Martis stabat dracho ingens et percussit filium pontificis qui ministrabat ignem sacrificiis. Percussit etiam et duos tribunos qui preerant prouincie quorum officiales tenebant in uinculis sanctum apostolum; de flatu autem draconis omnes morbidum redditi uehementer egrotare ceperunt. Tunc sanctus Philippus dixit omnibus: Audite
						Em segundo lugar, os homens bestiais, cruéis, tolos, quer dizer, os heréticos tiranos. Se fosse apenas por motivos humanos, de que me adiantaria ter combatido contra as feras em Éfeso (I)? Os de Creta são sempre mentirosos. São animais perigosos e comilões preguiçosos. A Besta , isto é, o Anticristo, que sobe do abismo , quer dizer, o povo judaico, fará guerra contra eles (II) , isto é, contra Elias e Enoque. [...]
						[...] A voz é muito: Em quinto lugar, doce; Por isso, diz-se aqui: <i>A tua doce voz. O teu falar é doce</i> . Há <i>mel e leite</i> sob a tua língua; mas para os maus será amarga. Um dia de ira, aquele dia, dia de angústia e tribulação, dia de destruição e devastação, dia de trevas e de escuridão, dia de nuvens e de névoas espessas. Dia de trombeta e de alarme contra as cidades fortes e as altas torres angulares. Afligirei os homens e eles caminharão como cegos, porque pecaram contra o Senhor. O seu sangue será derramado como pó e as suas entranhas como esterco. Nem a sua prata nem o seu ouro poderão salvá-los no dia da ira do Senhor, toda a terra será devorada pelo fogo do seu zelo; pois ele vai destruir, sim, vai exterminar todos os habitantes da terra (I). [...]
						[...] Na angústia chamaste por mim e Eu salvei-te. Respondi-te escondido no trovão. [...] Das grandes hostilidades, como a do tempo de Acáz, rei de Judá (I): Pecá, filho de Remalias, matou, num só dia, cento e vinte mil homens de Judá, todos guerreiros valorosos, porque tinham abandonado o Senhor, Deus de seus pais. Zicri, um guerreiro de Efraim, matou Massaiás, filho do rei, Azericam, chefe do palácio, e Eclana, o segundo depois do rei. Os filhos de Israel fizeram, entre os seus irmãos, duzentos mil prisioneiros, incluindo mulheres, jovens e donzelas. Recolheram também grandes despojos, que levaram para Samaria. [...]
						Filipe apóstolo de nosso Senhor Jesus Cristo, depois da ascensão do Salvador, durante vinte anos pregou o Evangelho aos pagãos, na Cítia. Ali, quando foi conduzido pelos pagãos a uma estátua de Marte e obrigado a oferecer-lhe sacrifícios, emergiu da base na qual estava a estátua de Marte um dragão que matou o filho do sacerdote que ministrava os sacrifícios. Ele também matou os dois tribunos que estavam no comando da província, cujos oficiais mantinham o apóstolo acorrentado; devido ao bafo do dragão todos os presentes começaram a ficar violentamente doentes. Então São Filipe disse a

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾	
194 (Cont.)	2º sermão da festa de São Filipe e São Tiago Menor (Cont.)	Martírio de São Filipe, Apóstolo (Cont.)	Dilatatio (Cont.)			consilium meum et recuperabitis sanitatem. Sed et isti qui sunt mortui resuscitabuntur. Draco quoque qui uobis est noxius, in Dei mei nomine fugabitur; dicunt ei omnes: dic nobis quid faciamus; dicit eis Philippus apostolus: Deicite hunc Martem et confringite et in loco in quo fixus uidetur stare crucem Domini nostri Ihesu Christi erigite et hanc adorate. Tunc illi qui cruciabantur ceperunt clamare: Recuperetur in nobis uirtus et statim confringemus hunc Martem; facto itaque silentio apostolus dixit: precipio tibi draco in nomine Domini nostri Ihesu Christi, exi de loco isto et uade et morare in locum desertum ubi non est accessus hominum, et nulla utilitas humanis commodis ministratur, ita ut uadens neminem noceas. Tunc draco ille seuissimus exiens, cepit ire festinatissimus et ultra nusquam comparuit. Apostolus autem Dei filium pontificis qui ministrabat ignem sacrificiis et II tribunos qui mortui fuerant in nomine Ihesu Christi suscitauit. Omnemque urbem que morbida fuerat de draconis flatu sanitati restituit. [...]» (I).	todos: Ouvi o meu conselho e recuperareis a saúde. Os que estão mortos também serão ressuscitados. E também o dragão, que para vós é nocivo, em nome Deus, será afugentado. Responderam-lhe todos: Diz-nos o que fazer. disse-lhes o apóstolo Filipe: Derrubai e quebrai este Marte, e, no lugar onde ele está fixo, erguei e adorai a cruz de nosso Senhor Jesus Cristo. Então os que estavam agoniados começaram a clamar: Que a virtude seja em nós restituída e que esmaguemos imediatamente este Marte. Feito isso, em silêncio o apóstolo disse: Eu te ordeno, dragão, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que saias deste lugar e vás morar num lugar deserto, onde não cheguem os homens, e onde nenhuma vantagem sirvas aos interesses humanos, de modo que, fugindo, não prejudiques ninguém. E então, o dragão, saindo do seu próprio corpo, começou a fugir apressadíssimo e nunca mais apareceu. O apóstolo de Deus ressuscitou, então, em nome de Jesus Cristo, o filho do sacerdote que ministrava os sacrifícios e os dois tribunos que haviam sido mortos. E ainda restituiu a saúde à cidade, que ficara doente com o bafo do dragão. [...] (I).
202	1º sermão da Invenção da Santa Cruz	A Cruz, lenho de justiça	Exordium	I	Sb 14,7.	<i>Benedictum lignum per quod fit iusticia.</i> Sap XIII, b, [7] (I).	
			Dilatatio	II	AUT. INCERT., ISC; J. CIR., SCI, I, 376-379	Lemos aqui a tríplice justiça feita pelo lenho da cruz, expressa na História da festividade de hoje; lê-se, portanto: a gente bárbara derrotada e a gente católica libertada e a idolatria esmagada; diz, portanto, na História (II): No mês de janeiro uma multidão inumerável de bárbaros que queriam fazer a travessia e saquear todas as regiões para Oriente, reuniu-se junto ao rio chamado Danúbio. Quando ouviu isto, reunindo o seu exército e partindo, o imperador Constantino um forte em frente ao rio Danúbio, e fixou um fosso e não permitiu atravessar o rio. Por isso eles permaneceram no mesmo local durante muitos dias. Reunida uma multidão imensa de bárbaros, eles marcharam sobre o agosto Constantino. Este, quando viu tal multidão, ficou em grande tristeza. E, quando estava já ordenada a rendição para o dia seguinte, naquela noite, o rei Constantino, olhando, viu a forma especialmente luminosa do sinal da cruz, e ouviu uma voz que disse para si: Com este sinal vencerás. Pensando para si ser de Deus este sinal, levantou-se com grande temor e chamou todos os príncipes do seu exército e fez uma cruz semelhante à que lhe fora mostrada na visão, e ordenou que o seguissem para a guerra contra os	
				III	AGOST., DT, lib. 3, cap. 10, 31, PL 42, 1027.	Triplicem iusticiam per lignum crucis factam expresse in Hystoria festiuitatis legimus hodiernae; legitur enim: ¶ gens barbara debellata ¶ et gens catholica liberata ¶ et ydolatria comminuta; dicit ergo Hystoria (II): «In mense ianuario congregata est multitudo innumerabilis barbarorum iuxta fluuium qui uocatur Danubius, querentes transitum facere et depredari omnes regiones usque ad orientem. Quod cum audisset Constantinus imperator congregans exercitum et ueniens, castrum posuit iuxta littus Danubii econtra, et fixit uallum et non permisit transire fluuium. Vnde factum est ut dies plurimos ibidem permanerent. Congregata uero multitudine barbarorum immensa, transitum faciebant super augustum Constantinum. Qui cum uidisset tantam multitudinem in multa tristicia factus est. Cumque in crastinum dispositum esset ut committerent nocte illa aspiciens rex Constantinus uidit specialiter signum crucis preclara forma, et audiuit uocem sibi dicentem: ‘In hoc uinces’. At ille cogitans cuius Dei esset hoc signum, surrexit cum magno timore et uocauit omnes principes exercitus sui, et fecit similitudinem crucis que ei in uisu ostensa est, et precepit ut se precederet contra aduersarios in bellum. Quod cum fecisset uel factum fuisset congregientes plurimis barbarorum interfectis	

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾
202 (Cont.)	1º sermão da Invenção da Santa Cruz (Cont.)	A Cruz, lenho de justiça (Cont.)	Dilatatio (Cont.)		// reliquis uero factis sibi subiectis cum magna uictoria reuersus est. Et post paucos dies iussit uocari omnes sacerdotes ydolorum et ostendit eis ipsum signum crucis, et interrogauit eos cuius deorum esset hoc signum. Qui responderunt: signum hoc non est terrenorum deorum quos nos colimus et adoramus, sed uirtus celestis. Cum signum istud per templa nostra transiret, dii nostri omnes in terra ruerunt et confracti sunt; christiani uero milites qui militabant illo tempore nazarei uocabantur qui dixerunt regi: hec uictoria tua que tibi ostensa est, signum crucis de celo Ihesu Christi Filii Dei uiui est. Qui cum uideret perisse genus humanum non despexit, sed uoluntate Patris descendit et passus est in cruce et nos obtulit Deo. Quod cum audisset Constantinus uocauit Eusebium episcopum, et cum didicisset ab eo de ipsa cruce cum magno gaudio et perfecta fide in Domino, misit matrem suam Helenam reginam in oriente cum plurima multitudine exercitus ad inquirendam crucem Christi et edificare loca sancta et sanctam resurrectionem Domini nostri Ihesu Christi; factum est autem in tempore illo regnante Constantino augusto uenit Helena regina in Ierosolimam, que sollicitate inquirebat sanctum et desiderabile lignum in quo Christus pependisset; legerat enim omni studio quemadmodum Dominus Ihesus Christus incarnatus homo factus est et in cruce exaltatus, et ex mortuis tercia die resurrexisset; non quieuit donec sanctam crucem eius inquireret». Ait ergo: benedictum, etc.; fit autem per lignum crucis iusticia quadruplex: Primo, quia per ipsum iuste diabolus uincitur. Augustinus in libro XIII [De Trinitate] (III): «placuit Deo ut propter eruendum hominem de diaboli potestate, non potentia diabolus, sed iusticia uinceretur; atque ita et homines ymitantes Christum iusticia quereret diabolum uincere, non potentia». Item: «qui salutem humani generis in ligno crucis constituisti: ut unde mors», etc. «[oriebatur, inde uita resurgeret: et qui in ligno uincebat, in ligno quoque uinceretur: per Christum Dominum nostrum. Per quem maiestatem tuam laudant Angeli, adorant Dominationes, tremunt Potestates. Caeli, caelorumque Virtutes, ac beata Seraphim, socia exultatione concelebrant. Cum quibus et nostras voces, ut admitti jubeas, deprecamur,	adversários. Quando cumpriu isto, mortos muitos dos bárbaros enfrentados e submetidos a si os restantes, regressou com uma grande vitória. E, poucos dias depois, mandou chamar todos os sacerdotes dos ídolos e mostrou-lhes o próprio sinal da cruz, e perguntou-lhes de que Deus era esse sinal. Eles responderam: Este sinal não é dos deuses terrenos que nós veneramos e adoramos, mas do poder celeste. Quando passámos o teu sinal pelos nossos templos, todos os nossos deuses caíram na terra e foram arruinados. Os soldados cristãos que lutavam naquele tempo eram chamados de nazarenos. Eles disseram ao rei: esta tua vitória é-te oferecida; o sinal da cruz do céu é do Filho de Deus; Jesus Cristo está vivo. Este não ignorou quando viu a humanidade perecer, mas pela vontade do Pai desceu à terra e sofreu na cruz e ofereceu-nos a Deus. Quando ouviu isto, Constantino chamou o bispo Eusébio, e, quando lhe contou da própria cruz com grande alegria e perfeita fé no Senhor, enviou a sua mãe, a rainha Helena, para o Oriente com um grande número de tropas para procurar a cruz de Cristo e edificar os lugares santos e a santa Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo. Aconteceu que naquele tempo em que reinava o augusto Constantino, veio para Jerusalém a rainha Helena, que procurava o santo e desejável lenho no qual Cristo tinha sido suspenso. Lera, de facto, com grande atenção de que modo o Senhor Jesus Cristo encarnado, foi feito homem e exaltado na cruz, e depois de morto ressuscitou ao terceiro dia. Não descansou até que procurou a sua cruz. Digo, portanto: bendita seja a quádrupla justiça pelo lenho do Senhor: Primeiro, porque através dele o diabo é vencido. Diz Santo Agostinho no XIII livro da <i>De Trinitate</i> (III): aprouve a Deus que, para arrancar o homem do poder do diabo, fosse este vencido não pelo poder, mas pela justiça, e, deste modo, também os homens que imitam Cristo procurassem vencer o diabo pela justiça e não pelo poder. Tú, que estabeleceste a salvação de todos os homens no lenho da cruz, para que de onde a morte nascia, daí a vida pudesse ressurgir, e para que aquele que vencia no lenho, no lenho fosse também vencido, através de Cristo, Nosso Senhor. Pelo qual os Anjos louvam a Tua majestade, as Dominações adoram, e as Potestades tremem. Os Céus e as Virtudes dos céus, e os bem-aventurados Serafins, celebram com comum alegria. E rogamos junto destes para que ordenes que as nossas vozes

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾	
202 (Cont.)	1º sermão da Invenção da Santa Cruz (Cont.)	A Cruz, lenho de justiça (Cont.)	Dilatatio (Cont.)			supplici confessione dicentes: Sanctus [...]», usque in finem prefationis. [...]	sejam admitidas, dizendo em suplicante confissão: Santo [...], até ao final da prece. [...]
214	2º sermão da festa de São Gervásio e São Protásio	A caridade fraterna	Dilatatio	I	Sl 76,3-4.	[...] Nos igitur seruemus pacem unitatem hiis de causis: Primo, ut preceptum Domini compleamus. [...] Secundo, ut Deum socium habeamus. [...] Tercio, Vt diabolus deuincamus. Ps LXXV, [a, 3-4] (I): <i>factus est in pace locus eius, etc. [et habitatio eius in Sion. Ibi confregit potentias arcuum, scutum, gladium] usque et bellum.</i>	[...] Portanto, nós manteremos a paz e a unidade por estas razões: Primeiro, para que possamos cumprir o mandamento do Senhor. [...] Segundo, para que possamos ter Deus como nosso aliado. [...] Terceiro, para que possamos derrotar o diabo. <i>Em Jerusalém fixou o seu santuário e a sua morada em Sião. Ali quebrou as flechas do arco; o escudo, e a espada, e a guerra (I).</i> [...]
216	2º sermão da festa de São João Baptista	Os privilégios do predestinado João Batista	Dilatatio	I	2 Is 49,2.	[...] huic triplici beneficio respondet ipse dupliciter: Primo, uocali gratiarum actione. [...] <i>Posuit os meum quasi gladium acutum (I)</i> , predicandi officium et gratiam largiendo; ecce III ^m beneficium; [...]	[...] Ele próprio responde a este triplo benefício de duas maneiras: Primeiro, através da ação vocal das graças. [...] <i>E fez da minha boca uma espada afiada (I)</i> , que dá o ofício da pregação e a graça; Eis o terceiro benefício; [...]
219	5º sermão da festa de São João Baptista	A palavra de Deus, como uma espada	Exordium	I	2 Is 49,2.	<i>Posuit os meum quasi gladium acutum.</i> Ys XLIX, a, [2] (I).	<i>E fez da minha boca uma espada afiada (I).</i>
			Dilatatio	II	Mq 3,1-12.	In hiis uerbis beatus Iohannes ascribit sue predicationis efficaciam creatori. Vtutur autem methonomia ponendo continens pro contento. Os, scilicet, pro sermone dicens: <i>Posuit os meum</i> , etc.; bene autem uocat predicationem suam <i>gladium</i> , quia uicia non palpat, sed ualde acriter et audacter pungebat et percutiebat apostemata et nequities peccatorum. Mt III, c, [7-10]: <i>progenies uiperarum</i> , etc. [<i>quis demonstravit vobis fugere a ventura ira? Facite ergo fructum dignum penitentiae. Et ne velitis dicere intra vos: Patrem habemus Abraham. Dico enim vobis quoniam potens est Deus de lapidibus istis suscitare filios Abrahæ. Iam enim securis ad radicem arborum posita est. Omnis ergo arbor quæ non facit fructum bonum excidetur, et] usque in ignem mittetur; ecce securis et ignis, que sunt priusquam gladius; huic bene competit illud Mich III, a, [1-12] (II): <i>Audite principes Iacob, etc. [et duces domus Israhel: Numquid non vestrum est scire iudicium? qui odio habetis bonum, et diligitis malum; qui violenter tollitis pelles eorum desuper eis, et carnem eorum desuper ossibus eorum. Qui comederunt carnem populi mei, et pellem eorum desuper excoierunt, et ossa eorum confregerunt, et conciderunt sicut in lebet, et quasi carnem in medio ollæ. Tunc clamabunt ad Dominum, et non exaudiet eos; et abscondet faciem suam ab eis in tempore illo, sicut nequiter egerunt in adinventionibus suis. Haec dicit Dominus super prophetas qui seducunt populum meum, qui mordent</i></i>	Nestas palavras, São João atribui ao Criador a eficácia da sua pregação. Mas a metonímia perde-se ao colocar o recipiente no lugar do conteúdo. A <i>boca</i> , para falar, dizendo: <i>E fez da minha</i> , etc.; e ele corretamente chama a sua pregação de <i>espada</i> , porque ela não acariciava os vícios, mas picava e feria com muita precisão e destreza os apóstatas e as iniquidades dos pecadores. <i>Vendo, porém, que muitos fariseus e saduceus vinham ao seu baptismo</i> , disse-lhes: <i>Raça de víboras quem vos ensinou a fugir da cólera que está para vir? Produzi, pois, frutos dignos de conversão e não vos iludais a vós mesmos, dizendo: Temos por pai a Abraão! Pois, digo-vos: Deus pode suscitar, destas pedras, filhos de Abraão. O machado já está posto à raiz das árvores, e toda a árvore que não dá bom fruto é cortada e lançada no fogo; eis o machado e o fogo, que estão antes do gládio; a isto bem se aplica o que se diz no Livro de Miqueias (II): Ouvi, dirigentes de Jacob, e vós, chefes da casa de Israel: porventura, não devíeis saber o que é justo? Aborrecem o bem e amam o mal, arracam-lhes a pele e roeram-lhe os ossos. Devoraram a carne do meu povo, arrancaram-lhe a pele e roeram-lhe os ossos, fizeram-no em pedaços como na marmita, como carne dentro da caçarola. Então clamarão ao Senhor, mas Ele não lhes responderá. Esconder-lhes-á a sua face nesse dia, por causa da malícia que puseram nas suas obras. Assim fala o Senhor contra os profetas que</i>

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾
219 (Cont.)	5º sermão da festa de São João Baptista (Cont.)	A palavra de Deus, como uma espada (Cont.)	Dilatatio (Cont.)			<i>dentibus suis, et prædicant pacem; et si quis non dederit in ore eorum quippiam, sanctificant super eum proelium. Propterea nox vobis pro visione erit, et tenebrae vobis pro divinatione; et occumbet sol super prophetas, et obtenebrabitur super eos dies. Et confundentur qui vident visiones, et confundentur divini; et operient omnes vultus suos, quis non est responsum Dei. Verumtamen ego repletus sum fortitudine spiritus Domini, iudicio, et virtute, ut annuntiem Iacob scelus suum, et Israhel peccatum suum. Audite hoc, principes domus Iacob, et iudices domus Israhel, qui abominamini iudicium, et omnia recta pervertitis; qui aedificatis Sion in sanguinibus, et Hierusalem in iniquitate. Principes eius in muneribus iudicabant, et sacerdotes eius in mercede docebant, et prophetae eius in pecunia divinabant; et super Dominum requiescebant, dicentes: Numquid non Dominus in medio nostrum? Non venient super nos mala. Propter hoc, causa vestri, Sion quasi ager arabitur, et Hierusalem quasi acerbus lapidum erit, et mons templi in excelsa silvarum], per totum capitulum usque in finem capituli. Ait ergo: posuit os meum, etc.; bene autem sermo diuinus gladius appellatur et specialiter propter VI^{ex}: Primo, quia milites Christi armat. Can III, e, [7-8] (III): en letulum Salomonis, id est, humilem Ecclesiam saluatoris. LX^a fortes ambiunt, id est, uniuersi boni prelati et predicatorum custodiunt, ex fortissimis Israel: ¶ primo, fortes contra mundum ¶ IIº, fortiores contra carnem ¶ IIIº, fortissimi contra demones; omnes tenentes gladios: ¶ primo, auctoritates ¶ IIº, sententias ¶ IIIº, sermones, ab omni erroris rubigine perlitos. Et ad bella doctissimi: ¶ primo, docti, per ingenium naturale ¶ IIº, doctiores, per studium ¶ IIIº, doctissimi per Spiritum Sanctum.</i> Secundo, quia cordis intima ipsorum audientium penetrat. He III, e, [12] (IV): Viuus est sermo Dei, ideo, uiuificat; et efficax, ideo, nichil repugnat; et penetrabilior omni gladio ancipit, ideo, non est conscientia que se abscondat; pertingens usque ad diuisionem anime et spiritus, ideo, quid sit sensualitas quid rationis indicat; compagum quoque et medularum, ideo, cogitationes et intentiones explicat; unde sequitur: discretor cogitationum et discretionum cordis. Tercio, quia a parentibus et mundanis amicis separat. Mt X, f, [34-35] (V): Non ueni pacem mittere, sed gladium, etc. [Veni enim, separare hominem adversus patrem suum, et filiam adversus matrem suam, et nurum adversus] usque socrum suam; et quare hoc? quia inimici hominis, domestici eius. Melius est enim ab
				III	Ct 3,7-8.	desencaminham o seu povo: Quando têm alguma coisa para mastigar, anunciam a paz. Mas declaram guerra santa àquele que não lhes põe nada na boca. Por isso, em lugar de visões, tereis a noite, e trevas, em vez de adivinhações. Pôr-se-á o sol sobre os profetas, para eles se obscurecerá o dia. Serão confundidos os videntes, envergonhados os adivinhos. Todos esconderão a boca, porque Deus deixará de lhes falar. Eu, porém, estou cheio de força de espírito do Senhor, da justiça e da fortaleza, para anunciar a Jacob a sua maldade e a Israel o seu pecado. Ouvi isto, dirigentes da casa de Jacob, e chefes da casa de Israel, que aborreceis a justiça, e entortais tudo o que é recto, que edificais Sião com o sangue, e Jerusalém com o crime. Os seus chefes dão sentenças por suborno, os seus sacerdotes só ensinam mediante salário, os seus profetas vaticinam por dinheiro. Apoiam-se no Senhor, dizendo: Não está o Senhor no meio de nós? A desgraça não nos atingirá. Por isso, por vossa causa, Sião será lavrada como um campo, Jerusalém será reduzida a um monte de pedras, e o monte do templo será um outeiro na floresta. Diz, portanto: e fez da minha, etc.; bem se chama a palavra de Deus de gládio divino, por seis razões: Primeiro, porque arma os soldados de Cristo. A liteira de Salomão, isto é, a humilde Igreja do salvador, sessenta soldados a escoltam, isto é, todos os bons prelados e pregadores a guardam, dos mais fortes de Israel: primeiro, fortes contra o mundo; segundo, fortes contra a carne; terceiro, fortes contra os demónios. Todos cingidos de espadas: primeiro, de autoridades; segundo, de sentenças; terceiro, de palavras, livres de toda a ferrugem do erro. E experimentados no combate (III): primeiro, experimentados por engenho natural; segundo, ainda mais experimentados pelo estudo; muitíssimo experimentados pelo Espírito Santo.
				IV	Heb 4,12.	Segundo, porque penetra no mais íntimo do coração dos próprios ouvintes. Na verdade, a palavra de Deus é viva, e por isso dá vida; e eficaz, e por isso nada se lhe opõe; e mais afiada que uma espada de dois gumes, e por isso não há consciência que se esconda; penetra até à divisão da alma e do corpo, por isso indica o que é a sensualidade e o que é a razão; das articulações e das medulas, por isso explica os pensamentos e as intenções; segue: e discerne os sentimentos e intenções do coração (IV).
				V	Mt 10,34-35.	Terceiro, porque separa dos pais e dos amigos mundanos. Não penseis que vim trazer a paz à terra; não vim trazer a paz, mas a espada. Porque vim separar o filho do seu pai, a filha da sua mãe e a nora da sua

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾
219 (Cont.)	5º sermão da festa de São João Baptista (Cont.)	A palavra de Deus, como uma espada (Cont.)	Dilatatio (Cont.)			amicis et parentibus separari, quam cum eis pariter interire. Augustinus (VI): «uere gladius iste acutus est, quia quem percutit a mundo diuidit».
				VI	P. LOMB., CEP, PL 192, 221B.	Quarto, quia carnalitatem hominum consumit et deuorat. Deu XXXII, [f, 42] (VII): <i>gladius meus deuorabit carnes</i> , id est, carnales concupiscentias et motus earum. IIº Reg XI, g, [25] (VIII): <i>Nunc hunc et nunc illum consumit gladius</i> ; unde per hoc separatur homo etiam a seipso. Vº, quia contra hereticos pugnat. Apo II, d, [16] (IX): <i>pugnabo cum illis in gladio oris mei</i> . II Mach XV, e, [16] (X): <i>Accipe gladium sanctum, munus a Deo, quo deicies aduersarios populi mei Israel</i> .
				VII	Dt 32,42.	VIº, quia membra diaboli amputat. Iob XL, g, [25] (XI): <i>diuident eum amici? concident eum negotiatores?</i> quo gladio? Eph VI, e, [16-17] (XII): <i>In omnibus sumentes scutum</i> , etc. [fidei, in quo possitis omnia tela nequissimi ignea extinguere. Et galeam salutis assumite, et gladium spiritus, quod est] usque uerbum Dei; hoc gladio amputat Dauid, id est, predicator, caput Golie, id est, diaboli, qui est fortissimus philisteus. Iº Reg XVII, g, [50-51] (XIII): <i>Cumque galdium non haberet, etc. [in manu David, cucurrit, et stetit super philistaeum, et tulit gladium eius, et eduxit eum de vagina sua; et interfecit eum, praeciditque] usque caput eius</i> .
				VIII	2 Sm 11,25.	Quinto, porque luta contra os hereges. <i>Lutarei contra eles com a espada da minha boca</i> (IX). <i>Toma esta santa espada, dom de Deus, com a qual triunfarás dos inimigos do meu povo de Israel</i> (X).
				IX	Ap 2,16.	Sexto, porque amputa os membros do diabo. <i>Será que os pescadores o vão vender e o dividem entre vários negociantes</i> (XI)? Com que espada? <i>Acima de tudo, tomai o escudo da fé, com o qual tereis a capacidade de apagar todas as setas incendiadas do maligno. Recebei ainda o capacete da salvação e a espada do Espírito, isto é, a palavra de Deus</i> (XII); com este gládio amputou David, isto é, o pregador, a cabeça a Golias, isto é, ao diabo, que é um fortíssimo filisteu. <i>E, como não tinha espada na mão, David correu para o filisteu e, quando já estava junto dele, arrancou-lhe a espada da bainha e acabou de o matar, cortando-lhe a cabeça</i> (XIII).
				X	2 Mac 15,16.	
				XI	Jb 40,25.	
				XII	Ef 6,16-17.	
				XIII	1 Sm 17,50-51.	
223	1º sermão da festa de São João e São Paulo	O ‘espelho do príncipe cristão’	Dilatatio	I	2 Sm 11,1-17.	[...] Vt igitur rex quilibet terram suam non destruat sed exaltet, indiget istis bonis: [...] Xº, exercitatione utili pro uitanda ociositate ne cadat in laqueos luxurie sicut Dauid. II Reg XI, a, [1-17] (I): <i>eo tempore quo solent reges ad bella procedere</i> , etc. [misit David Ioab, et servos suos cum eo, et universum Israhel, et vastaverunt filios Ammon, et obsederunt Rabba; David autem remansit in Hierusalem. Dum haec agerentur, accidit ut surgeret David de strato suo post meridiem, et deambulare in solario domus regie; viditque mulierem se lavantem ex adverso super solarium suum; erat autem mulier pulchra valde. Misit ergo rex, et requisivit quae esset mulier; nuntiatumque est ei quod ipse esset Bethsabee, filia Heliam, uxor Uriae Etthei. Missis itaque David nuntiis, tulit eam. Quae cum ingressa esset ad illum, dormivit cum ea; statimque sanctificata est ab immunditia sua, et reversa est in domum suam concepto fetu. Mittensque nuntiavit David, et ait: Concepi. Misit autem David ad Ioab dicens: Mitte ad me Uriam Ettheum. Misitque Ioab Uriam ad David. Et venit Urias ad David. Quaesivitque David quam recte ageret Ioab et
						[...] Qualquer rei, portanto, para que não destruía, mas eleve a sua terra, necessita destes bens: [...] Em décimo lugar, de atividades úteis para evitar a ociosidade e não cair nas armadilhas da luxúria, como David. <i>Na época em que os reis saem para a guerra, David enviou Joab com os seus oficiais e todo o Israel; eles devastaram a terra dos amonitas e sitiaram Rabá. David ficou em Jerusalém. E aconteceu que uma tarde David levantou-se da cama, pôs-se a passear no terraço do seu palácio e avistou dali uma mulher que tomava banho e que era muito formosa. David procurou saber quem era aquela mulher e disseram-lhe que era Betsabé, filha de Eliam, mulher de Urias, o hitita. Então David enviou emissários para que lhe trouxessem. Ela veio e David dormiu com ela, depois de purificar-se do seu período menstrual. Depois, voltou para sua casa. E, vendo que concebera, mandou dizer a David: Estou grávida. Então, David mandou esta mensagem a Joab: Manda-me Urias, o hitita. E Joab enviou Urias, o hitita, a David. Quando Urias chegou, David pediu-lhe notícias de Joab, do exército e da</i>

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾
223 (Cont.)	1º sermão da festa de São João e São Paulo (Cont.)	O ‘espelho do príncipe cristão’ (Cont.)	Dilatatio (Cont.)			<i>populus, et quomodo administraretur bellum. Et dixit David ad Uriam: Vade in domum tuam, et lava pedes tuos. Et egressus est Urias de domo regis, secutusque est eum cibus regius. Dormivit autem Urias ante portam domus regiae cum aliis servis domini sui, et non descendit ad domum suam. Nuntiatumque est David a dicentibus: Non ivit Urias in domum suam. Et ait David ad Uriam: Numquid non de via venisti? quare non descendisti in domum tuam? Et ait Urias ad David: Arca, et Israhel, et Iuda habitant in papilionibus, et dominus meus Ioab et servi domini mei super faciem terrae manent; et ego ingrediari domum meam ut comedam et bibam, et dormiam cum uxore mea? Per salutem tuam et per salutem animae tuae, non faciam rem hanc. Ait ergo David ad Uriam: Mane hic etiam hodie, et cras dimittam te. Mansit Urias in Hierusalem in die illa et altera. Et vocabit eum David ut comederet coram se et biberet, et inebriavit eum; qui, egressus vespere dormivit in strato suo cum servis domini sui, et in domum suam non descendit. Factum est ergo mane, et scripsit David epistolam ad Ioab, misitque per manum Uriae, scribens in epistula: Ponite Uriam ex adverso belli, ubi fortissimum est proelium, et derelinquite eum ut percussus intereat. Igitur cum Ioab obsideret urbem, posuit Uriam in loco ubi sciebat viros esse fortissimos. Egressique viri de civitate bellabant adversum Ioab, et ceciderunt de populo servorum David, et] usque mortuus est etiam Urias Etheus; eodem modo per ociositatem et mulieres subuersum fuit cor Salomonis. [...]</i> <i>guerr. E depois disse-lhe: Desce à tua casa e lava os teus pés. Urias saiu do palácio do rei, e este, em seguida, enviou-lhe comida da sua mesa real. Mas Urias não foi a sua casa e dormiu à porta do palácio com os outros servos do seu senhor. E contaram-no a David, dizendo-lhe: Urias não foi a sua casa. David perguntou a Urias: Não voltaste, porventura, de uma viagem? Porque não foste a tua casa? Urias respondeu: A Arca de Deus habita numa tenda, assim como Israel e Judá. Joab, meu chefe, e seus servos dormem ao relento, e eu teria coragem de entrar na minha casa para comer e beber e dormir com a minha mulher? Pela tua vida, pela tua própria vida, não farei tal coisa! David disse-lhe: Fica aqui também hoje, e amanhã te enviarei. E Urias ficou em Jerusalém, naquele dia. No dia seguinte, David convidou-o a comer e beber com ele, e embriagou-o. Mas à noite, Urias não foi a sua casa; saiu e deitou-se com os outros servos do seu senhor. No dia seguinte de manhã, David escreveu uma carta a Joab e enviou-lha por Urias. Dizia nela: Coloca Urias na frente, onde o combate for mais aceso, e não o socorras, para que ele seja ferido e morra. Joab, que sitiava a cidade, pôs Urias no lugar onde sabia que estavam os mais valentes guerreiros do inimigo. Os assediados fizeram uma incursão contra Joab, e morreram alguns homens de David, entre os quais Urias, o hitita (I); da mesma forma, pela ociosidade, foi derrubado o coração de Salomão [...]</i>
226	2º sermão da festa de São Pedro e São Paulo	A missão de São Pedro e São Paulo	Dilatatio	I	Jb 38,22-23.	<i>Letare Zabulon in exitu tuo et Ysacar, etc. [in tabernaculis tuis. Populos ad montem vocabunt; ibi immolabunt victimas iustitiae. Qui inundationem maris quasi lac surgent, et thesauros absconditos] usque arenarum. Deu XXXIII, e, [18-19].</i> Beatus Petrus et Paulus a multis comendantur figuraliter in hiis uerbis: [...] Vº, a thesauris, scilicet, sapientibus et philosophis, quos inter gentes absconditos inuenerunt, ibi, <i>et thesauros absconditos arenarum</i>. Conuerterunt enim philosophos predestinatos qui in tenebris gentium latitabant, sicut Dionisium, Clementem et huius de quibus Iob XXXVIII, d, [22-23] (I): <i>Numquid ingressus es thesauros niuis, etc. [aut thesauros grandinis aspexisti, quae preparavi in tempus hostis, in die pugnae]</i> usque <i>belli?</i> ecce triplex pugna. Isti enim pugnaverunt: ¶ primo, contra diabolum ¶ IIº, contra mundum ¶ IIIº, contra carnem. [...] <i>Alegre-te, Zabulão, nas tuas viagens, e tu Issacar, nas tuas tendas! Eles convidarão os povos para a montanha; ali oferecerão sacrifícios de justiça; porque exploram as riquezas dos mares e os tesouros escondidos nas praias. Os bem-aventurados Pedro e Paulo são figurativamente elogiados por muito nestas palavras: [...]</i> Quinto, pelos tesouros, isto é, pelos sábios e filósofos, que eles encontraram escondidos entre as nações, daí <i>e os tesouros escondidos nas praias</i>. Converteram, pois, os filósofos predestinados que se escondiam na escuridão das nações, como Dionísio, Clemente e outros de quem se fala em Job (I): Penetraste os depósitos da neve e visitaste os armazéns do granizo, que Eu reservo para o tempo de angústia, para os dias de luta e de batalha? Eis a tripla batalha. Pois eles lutaram: primeiro, contra o diabo; segundo contra o mundo; terceiro, contra a carne. [...]

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾	
227	3º sermão da festa de São Pedro e São Paulo	Saúl e Jónatas, príncipes da Sinagoga; Pedro e Paulo, príncipes da Igreja	Dilatatio	I	2 Sm 21,9.	<i>Saul et Ionathas amabiles et decori, etc. [in vita sua, in morte quoque non sunt divisi: aquilis velociores, leonibus] usque fortiores. II Reg I, [d, 23].</i> Per istos duos principes Sinagoge pulcre Petrus et Paulus fuerunt Ecclesie principes prefigurati. Saul enim interpretatur ‘expetitus’; hic fuit figura Pauli quam sancta Ecclesia a Domino postulavit. I [II] Reg XXI, f, [9] (I): da michi eum , scilicet, gladium Golie; hoc gladio persequabatur Goliath, id est, diabolus, Ecclesiam saluatoris, sed eodem decapitatus est postea. [...]	<i>Saul e Jónatas, amados e gloriosos, jamais se separaram, nem na vida nem na morte, mais velozes do que as águias, mais fortes do que os leões.</i> Por estes dois príncipes da Sinagoga foram prefigurados Pedro e Paulo, os príncipes da bela Igreja. Saul interpreta-se ‘desejado’; esta era a figura de Paulo exigida à santa Igreja pelo Senhor. Entregou-a (I) , isto é, à espada de Golias; com esta espada, Golias, isto é, o diabo, perseguiu a Igreja do salvador, mas acabou por ser decapitado com a mesma. [...]
228	4º sermão da festa de São Pedro e São Paulo	Os apóstolos, príncipes dos povos	Exordium	I	Sl 47,10.	Principes populorum congregati cum Deo Abraham. Ps XLVI, g, [10] (I).	Reuniram-se os príncipes dos povos ao povo do Deus de Abraão (I).
			Dilatatio	II	Ef 6,12.	Dominus Ihesus Christus Deus, non solum Abrahe sed et Ysaac et Iacob uno, ut breuius et plenius explicemus, est Deus uiuorum et mortuorum: hic multa genera principum sub se habet. Verumtamen istorum quidam congregantur cum eo, alii contra eum; de hiis III ^{or} genera uideamus. Sunt igitur principes: Primi, demoniorum. Lu XI, [b, 15]: <i>In Beelzabub, principe demoniorum, eicit demonia.</i> Io XII, [e, 31]: <i>Nunc principes mundi huius eicietur foras; isti congregantur contra Christum Deum et seruos eius.</i> Eph VI, c, [12] (II): Non est nobis colluctatio aduersus carnem, etc. [et sanguinem, sed aduersus principes et potestates, aduersus mundi rectores tenebrarum harum, contra spiritualia nequitiae] usque <i>in celestibus</i> ; de istorum figura dicitur in Iosue IX, a, [1]: <i>Ceteri reges trans iordanem</i> ; et infra, [IX, 2,] (III): Congregati sunt pariter, etc. [ut pugnarent contra Iosue et Israhel uno animo, eademque] usque <i>sententiam.</i>	O Senhor Jesus Cristo, Deus, não só de Abrão, mas também de Isaac e de Jacob, para explicar de forma breve e completa, é o Deus dos vivos e dos mortos: abaixo de si Ele tem muitos tipos de príncipes. No entanto, alguns aliam-se a ele, outros contra ele. Vejamos estes quatro príncipes. São, portanto, os príncipes: Primeiro, dos demónios. <i>É por Belzebu, chefe dos demónios, que Ele expulsa os demónios. Agora é que o dominador deste mundo vai ser lançado fora.</i> Estes estão reunidos contra Cristo, Deus e os seus servos. Porque não é contra os seres humanos que temos de lutar, mas contra os Principados, as Autoridades, os Dominadores deste mundo de trevas, e contra os espíritos do mal que estão nos céus (II) ; sobre estas figuras diz-se em Josué: todos os reis do outro lado do Jordão; aliam-se para dar combate a Josué e a Israel (III).
				III	Js 9,2.	Secundi, hereticorum. Ps CVI, g, [40]: <i>effusa est contentio</i> , etc. [<i>super principes, et errare fecit eos in inuio, et non in</i>] usque <i>uia</i> ; omnes heretici disconueniunt et contendunt inter se, licet contra ecclesiam uniantur, sicut uulpes Sansonis. Ys I, [f, 23]: <i>principes tui infideles socii furum</i> , id est, demonum, <i>omnes diligunt munera</i> : ¶ primo cordis ¶ IIº, oris ¶ IIIº, manus. Os VII, [a, 5]: <i>ceperunt principes furere a uino</i> ; omnes etiam isti congregantur contra Dominum. Ys III, b, [7-9]: <i>Nolite me constituere principem populi</i> , id est, cetus heretici; possunt esse uerba alicuius catholici potentis, quem ipsi uolunt sibi perficere, ut a Deo in suis confusionibus defendantur et assignat causas quare non uult eis preesse, scilicet, quia omnis in culpam et in gehennam, et contra Deum pugnant, et	Segundo, dos hereges. <i>Mas Deus, que mostra desprezo pelos poderosos, fê-los vagar por desertos sem caminhos.</i> Todos os hereges discordam e contendem uns contra os outros, embora estejam unidos contra a Igreja, como as raposas de Sansão. <i>Os teus governantes são rebeldes, companheiros de ladrões</i> , isto é, demónios, andam todos à procura de regalias: primeiro com o coração; segundo, com a boca; terceiro, com as mãos. <i>Os príncipes adoeceram com o ardor do vinho</i> ; também todos estes se aliam contra o Senhor. <i>Não me façais chefe do povo</i> , isto é, cabeça dos hereges; Estas podem ser as palavras de algum católico influente, que os próprios desejam atrair para a sua causa, a fim de serem defendidos por Deus nas suas confusões e que assinala as razões pelas quais não quer liderá-los, a saber: porque

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾
228 (Cont.)	4º sermão da festa de São Pedro e São Paulo (Cont.)	Os apóstolos, príncipes dos povos (Cont.)	Dilatatio (Cont.)			oculos maiestatis eius prouocant; unde sequitur: <i>ruit enim Ierusalem</i> , etc. [et Iudas concidit, quia lingua eorum et adinventiones eorum contra Dominum, ut provocarent oculos maiestatis eius. Agnitio vultus eorum] usque respondebit eis.
				IV	Ap 12,7-8.	Tercii, angelorum. Eph III, d, [10]: <i>ut innotescat principatibus et potestatibus</i> , etc. [in caelestibus per ecclesiam multiformis sapientia] usque Dei. Isti ab initio mundi congregati sunt cum Deo Abrahe ad uoluntatem eius omnimodis adimplendam et potestatem contrariam expugnandam. Apo XII, [b, 7-8] (IV): factum est prelium magnum in celo: Et Michael et angeli eius preliabantur cum dracone , etc. [et draco pugnabat et angeli eius; et non valuerunt, neque locus inventus est eorum amplius] usque in celo . Quarti, populorum. Isti sunt apostoli. Ps LXVII, f, [28]: <i>principes Iuda, duces eorum; principes Zabulon, principes Nephthali</i> . XLVI, f, [10]: <i>principes populorum congregati sunt cum Deo Abraham</i> . Isti congregati sunt cum Deo Abraham: ¶ hic in pugna ¶ in celo in corona ¶ hic in miseria ¶ illic in gloria ¶ hic passione ¶ illic in consolatione: [...]
229	5º sermão da festa de São Pedro e São Paulo	A exemplar amizade de São Pedro e São Paulo	Exordium	I	Pr 18,19.	Frater qui adiuuatur a frate quasi ciuitas firma . Prou XVIII, f, [19] (I).
			Dilatatio	II	1 Pe 2,11.	Hii sunt Petrus et Paulus. [...] Adiuuerunt autem se Petrus et Paulus: [...] Tercio, morum predicatione. Iª Pe II, a, [1-3]: <i>deponentes omnem malitiam</i> , etc. [et omnem dolum, et simulationes, et invidias, et omnes detractones, sicut modo geniti infantes, rationabile, sine dolo lac concupiscite, ut in eo crescatis in salutem, si tamen gustastis quoniam] usque <i>dulcis est dominus</i> . Item eodem, d, [11] (II): obsecro uos tamquam , etc. [advenas et peregrinos abstinere vos a carnalibus desideriis, quae militant] usque aduersus animam . Ro XIII, g, [12-14] (III): abiciamus ergo opera tenebrarum, etc. [et induamus arma lucis. Sicut in die honeste ambulemus, non in comesationibus et ebrietatibus, non in cubilibus et in pudicitias, non in contentione et aemulatione; sed induimini Dominum Iesum Christum, et carnis curam ne feceritis] usque in desideriis . [...]
				III	Rm 13,12-14.	VIIIº, tyrannorum debellacione; debellauerunt namque Neronem et complices eius, non materiali gladio sed spirituali; non enim uicit apostolos, sed potius e contrario; probatio: ‘Ille uictor dicitur cuius intentio adimpletur. Intencio autem Neronis erat per mortem apostolorum fidem Christi infirmare; hoc non est factum. Intencio
						Um irmão ajudado pelo irmão é como uma praça forte (I). Estes são Pedro e Paulo. [...] Pedro e Paulo ajudaram-se: [...] Terceiro, na pregação dos costumes. <i>Portanto, ponde de parte toda a malícia, falsidades, hipocrisias, invejas e toda a espécie de maledicências; como crianças recém-nascidas, ansiai pelo leite espiritual, não adulterado, para que ele vos faça crescer para a salvação, se é que já saboreastes como o Senhor é bom. Rogo-vos que, como estrangeiros e peregrinos, vos abstenhais dos desejos carnis, que combatem contra a alma (II). Despojemo-nos, por isso, das obras das trevas e revistamo-nos das armas da luz. Como quem vive em pleno dia, comportemo-nos honestamente: nada de comazainas e bebedeiras, nada de devassidão e libertinagens, nada de discórdias e invejas. Pelo contrário, revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não vos entregueis às coisas da carne, satisfazendo os seus desejos (III)</i> . [...]
						Oitavo, na derrota dos tiranos; pois eles lutaram contra Nero e os seus cúmplices, não com uma espada material, mas com uma espada espiritual. Nero não venceu os apóstolos, pelo contrário diz-se que é vitorioso aquele cuja intenção é cumprida. Mas a intenção de Nero era

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾	
229 (Cont.)	5º sermão da festa de São Pedro e São Paulo (Cont.)	A exemplar amizade de São Pedro e São Paulo (Cont.)	Dilatatio (Cont.)			apostolorum erat pro amore Christi mori, et morte sua fidem eius confirmare: et hoc factum est’.	enfraquecer a fé de Cristo pela morte dos apóstolos; isso não aconteceu. A intenção dos apóstolos era morrer pelo amor de Cristo e confirmar a sua fé através da sua morte. E assim foi feito.
233	9º sermão da festa de São Pedro e São Paulo	Obediência e boas obras	Dilatatio	I	Dt 33,18-19.	[...] Item Deu XXXIII, e, [18-19]: <i>letare Zabulon in exitu, etc. [tuo; et Isachar in tabernaculis tuis. Populos vocabunt ad montem; ibi immolabunt victimas iustitiae. Qui inundationem maris quasi lac surgent, et thesauros absconditos] usque harenarum; hic per Zabulon, ut iam dictum est beatus Petrus, doctor sancte Ecclesie, designatur. Iste enim quasi turris et forte et inexpugnabile habitaculum est; letatur igitur Zabulon, id est, beatus Petrus; in exitu suo, quia sentiens se Dei fortitudine esse munitum, securus ad pugnam exiit contra hostes, ex quibus rediit honustus magnis spoliis. [...]</i>	[...] <i>Alegra-te, Zabulão, nas tuas viagens, e tu, Isaac, nas tuas tendas! Eles convidarão os povos para a montanha; ali oferecerão sacrifícios de justiça; porque exploram as riquezas dos mares e os tesouros escondidos nas praias.</i> Como já foi dito, por Zabulão interpreta-se São Pedro, doutor da Santa Igreja. Este, de facto, assemelha-se a uma torre, um forte e um habitáculo inexpugnável; <i>alegra-te</i> , portanto, <i>Zabulão</i> , isto é, São Pedro; nas tuas viagens, porque sentindo-se fortalecido pela força de Deus, saiu em segurança para a batalha contra o inimigo, da qual voltou honrado com grandes despojos. [...]
235	2º sermão da festa de Santa Marina	A verdadeira e a vã glória	Exordium	I	Gl 6,14.	<i>Michi autem absit gloriari nisi in cruce Domini nostri Ihesu Christi.</i> Gal VI, f, [14] (I).	<i>Quanto a mim, porém, de nada me quero gloriar, a não ser na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo (I).</i>
			Dilatatio	II	AUT. INCERT., PSM, II, 192.	Pulcre conuenit beate Marine uirgini uerba ista, que per signum crucis fuit ab inimico humani generis liberata, sicut plane in eius hystoria continetur, ubi sic legitur (II): « <i>post eculei suspensionem, duram flagellatorum corporis lacerationem et multam sanguinis effusionem, iussit eam prefectus in carcere tenebroso recludi. Ingressa uero carcere in signaculo fidei se perarmans et frontem uexillo crucis confirmans, cepit orare dicens: Deus qui omnia in sapientia fecisti, qui celos palmo ponderasti, terram uirtute fundasti et mari terminum posuisti, cuius uisu dant nubes pluuiam, cuius descensu contremiscunt inferi, quem omnes gentes expectant iudicem terribilem, respice in me ancillam tua, et ne derelinquas me, cuius nutu gubernatur omnia que sub celo sunt; esto michi adiutor, ut uideam inimicum humani generis, qui michi aduersari conatur per ministrum suum Olimbrium qui mecum pugnat, et uictoriam feram de eo et loquar contra eum facie ad faciem et uincam eum per uirtutem tuam, quia tu es iudex uiuorum et mortuorum. Tunc, ecce draco subito exiliuit de angulo carceris, intolerabilis, uariis coloribus, dentes eius ut apri preminentes, oculi eius sicut facule ignis ardentes, de naribus eius procedebat fumus, lingua eius flammam anhelabat, super collum eius erant serpentes uarii et gladius radians uidebatur ante eum et fetor intolerabilis, et in carcere sibilauit. Hec uidens Dei uirgo tremore concussa est, et immutata est facies eius et facta est ut nix. Et ecce angelus Domini subito confortauit eam dicens: Noli timere; et exurgens Dei uirgo orauit dicens: Deus inuisibilis et</i>	Estas palavras aplicam-se lindamente à virgem Santa Marina, que pelo sinal da cruz foi libertada do inimigo de todos os homens, como está claramente contido na sua história, onde se lê o seguinte (II): depois da suspensão no cavalete, da severa laceração do seu corpo pelas flagelações e de muito derramamento de sangue, o prefeito ordenou que fosse trancada num escuro cárcere. Tendo entrado, porém, no cárcere, armando-se com o sinal da fé e fortalecendo a fronte com o estandarte da cruz, começou a orar, dizendo: Deus, que tudo fizeste com sabedoria, que pesaste os céus com a palma da Tua mão, que criaste a terra com virtude e estabeleceste o limite do mar, cujos olhos dão nuvens de chuva, cuja descida faz o submundo estremecer, a quem todas as nações esperam como um terrível juiz, olha para mim, Tua serva, e não me abandones. Tu, por cuja vontade são governadas todas as coisas que existem sob o céu. Sê aquele que me ajuda, para que eu veja o inimigo de todos os homens, que está a tentar opôr-se a mim por intermédio do seu ministro Olimbrio, que comigo luta, e possa alcançar a vitória sobre ele e falar contra ele face a face, e vencê-lo pela tua virtude, pois és o juiz dos vivos e dos mortos. Então, eis que, de repente, um enorme dragão emergiu do canto do cárcere, intolerável, com várias cores. Os seus dentes eram como os de um javali, os seus olhos como tochas de fogo ardentes. Do seu nariz saia fumo e a sua língua ofegava com chamas. Sobre o seu pescoço estavam várias serpentes e diante dele uma espada radiante. E o seu fedor era intolerável, e ele sibilava no cárcere.

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾
						incomprehensibilis, quem fontes abissi colaudant, qui paradisum in Eden plantasti, qui descendens in anima sola cum uirtute diuinitatis ad inferos uectes feratos confregisti et animas beatorum que ibi detinebantur liberasti, qui drachonem illum antiquum primi uinculis indissolubilibus colligasti et eum inextinguibili igne concremandum dereliquisti, extingue, queso, huius draconis iram et omnes eius uirtutes euacua. Hec dum illa incessanter oraret, aperto ore draco, deglutiuit eam. Tunc Dei uirgo cruce Christi in fronte portabat. Ipsi uero crux Christi crevit in uentre draconis, qui in duabus partibus diuisus est. Tunc Dei uirgo apparuit ilesa, quasi nichil fuisset perpressa». [...] Vendo-o, a serva de Deus foi tomada de tremores, e o seu rosto transformou-se e tornou-se da cor da neve. E eis que, subitamente, um anjo do Senhor a confortou, dizendo: Não temeis. E levantando-se, a virgem de Deus orou, dizendo: Deus invisível e incompreensível, a quem as fontes abissais louvam, que plantaste o paraíso no Éden, que apenas em alma, com o poder da divindade, desceste aos inferiores para quebrar as bestas do mundo e aí libertaste as almas dos bem-aventurados que estavam aprisionados, que amarraste aquele antigo dragão com laços indissolúveis e o queimaste com fogo inextinguível, extingue, rogo-te, a ira deste dragão, e tira-lhe todas as suas capacidades. Este, enquanto ela orava incessantemente, abriu a boca e engoliu-a. Mas a virgem de Deus carregava a cruz de Cristo à sua frente. A própria, cravou a cruz de Cristo no ventre do dragão, que foi dividido em duas partes. Então a virgem de Deus emergiu ilesa, como se nada tivesse sofrido. [...]
254	8º sermão da festa de São Tiago Apóstolo	As tribulações	Dilatatio	I	CALIST, <i>LSJ</i> , 2, 20.	<i>Inuoca me in die tribulationis et eruam te et honorificabis me.</i> Ps XLIX, [c, 15]. Hoc quod Deus dicit de se, scilicet, quod se inuocantes a tribulationibus liberabit et sanctis membris suis confert ut et ipsi inuocantes se liberent et ab aduersitatibus et periculis tueantur, sicut in multis miraculis sancti Iacobi comprobatur, de quibus unum breuiter requiramus. Dicit igitur Calixtus papa (I): «cum meis temporibus multis miraculorum signis beatissimus Iacobus per totum orbem longe lateque refulsisset, accidit ut bellum maximum inter comitem Fontis Calcarie et alium militem suum Guillelmum nomine oriretur, qui cum in pugna contra ipsum comitem equitaret cum suis militibus, utrique in bello conuenerunt, sed deficiente exercitu militis uertit terga, et ille miles captus in presentia comitis ducitur. Cumque comes decollari eum iussisset et miles uiua uoce clamaret: Iacobe, apostole Dei, quem Herodes Ierosolimis gladio occidit, adiuua me et libera me ab hoc spiculatoris gladio. Ter ictum immerso collo erectis ad celum manibus sustinuit et nichil lesionis accepit. Videns autem spiculator quod acumen gladii ei nocere non poterat, direxit mucronem in uentrem ipsius, ut sic eum perforaret; beatus uero Iacobus sic illum ebetauit, quod nec ictum eius ipse persensit. Cumque ad hec comes omnesque qui simul aderant mirarentur, iussit eum in castro suo uinctum recludi. Mane autem facto, eo beatum Iacobum gemitibus inuocante, ecce ipse apostolus coram eo stans ait: ecce assum quem uocasti. // Tunc impleta est domus
				II	2 Cr 32,20-22.	<i>Invoca-me no dia da tribulação; Eu te livrarei e tu me glorificarás.</i> Isto é o que Deus diz sobre si, ou seja, que livrará das tribulações os que o invocam e que confere aos seus santos membros que aqueles que os invoquem também se livrem das adversidades e sejam guardados dos perigos, como é comprovado em muitos milagres de São Tiago, dos quais mencionaremos brevemente um. Diz o papa Calisto (I): Depois de transcorrido muito tempo, e quando já o nosso glorioso Santiago resplandescia por todo o mundo, em todas as direções, pelos seus muitos milagres, aconteceu que entre os condes de Fuente Calcaria e um seu cavaleiro vassalo chamado Guillermo se suscitou uma forte contenda. Tendo este saído a cavalo decidido a pelear contra o conde, um e outro com os seus soldados encontraram-se e travaram combate. Mas falhando, a tropa do cavaleiro voltou as costas, e ele mesmo foi feito prisioneiro e levado à presença do conde. E, quando o conde ordenou que o degolassem, clamou em alta voz o cavaleiro: São Tiago, apóstolo de Deus, a quem Herodes matou à espada em Jerusalém, ajuda-me e livra-me da espada do carrasco. E três vezes ele suportou o golpe no pescoço inclinado, levantando para o céu as mãos, sem que nele aparecesse qualquer ferida. Vendo, pois, o carrasco, que não podia feri-lo com a lâmina da espada, dirigiu-lhe a ponta contra o ventre para o atravessar. Mas São Tiago entorpeceu-a tanto que ele nem sentiu o choque dela. Admirado

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾
254 (Cont.)	8º sermão da festa de São Tiago Apóstolo (Cont.)	As tribulações (Cont.)	Dilatatio (Cont.)		ipsa tanto odore et serenissima luce, quod omnes milites et qui ibi aderant in paradisi amenitate se esse crederent. Et ipso fulgore precedente beato Iacobo, ac manu eum tenente, coram omnibus usque ad postremam portam castris, factis quasi cecis custodibus, peruenit et, apertis ianuis, ambo pariter usque ad unum miliarium perrexerunt; unde factum est ut iste miles statim amore beati Iacobi accensus, eius limina uisitare, et hec omnia que supra diximus enarrauit». Dicit ergo: <i>Inuoca me</i>, etc.; hoc patet quod tribulatio impellit hominem ad Deum inuocandum; ita liberatio debet compellere ad Deum honorandum quod quia Ezechias rex non fecit grauissime uapulauit. Ipse namque in tribulatione Sennacherib ad Deum clamauit et Dominus eum mirifice liberauit. II Paral XXXII, e, [20-22] (II): <i>Orauerunt igitur Ezechias rex et Ysaías</i>, etc. [<i>filii Amos, prophetae, aduersum hanc blasphemiam, ac vociferati sunt usque in caelum. Et misit Dominus angelum, qui percussit omnem virum robustum, et bellatorem, et principem exercitus regis Assyriorum; reversusque est cum ignominia in terram suam. Cumque ingressus esset domus dei sui, filii qui egressi fuerant de utero eius interfecerunt eum gladio. Salvavitque Dominus Ezechiam et habitatores Hierusalem de manu Sennacherib, regis Assyriorum, et de manu omnium; et prestitit eis quietem</i>] usque <i>per circuitum</i>; sed quia de liberatione sua Deo dignitas laudes et honores non retulit, sed potius superbiuit, ideo usque ad mortem egrotauit. Vnde ibidem sequitur: <i>In diebus illis egrotabit Ezechias</i>, etc. [<i>usque ad mortem, et oravit Dominum; exaudivitque eum, et dedit ei signum. Sed non iuxta beneficia quae acceperat retribuit, quia elevatum est cor eius; et facta est contra eum ira, et contra Iudam et</i>] usque <i>Ierusalem</i>; dicit igitur: <i>Inuoca</i>, etc.; permittit Deus hominem tribulari: [...]	com todas estas coisas, o conde, e todos os que o acompanhavam, mandou que o encerrassem amarrado num castelo. Mas ao amanhecer do dia seguinte, invocou São Tiago entre os seus gemidos e ali o próprio apóstolo, pondo-se diante dele, disse: Aqui tens quem chamaste. A divisão encheu-se então de perfume e de luz claríssima, tanto que todos os soldados e demais que ali estavam acreditaram estar instalados na amenidade do paraíso. E, no meio do esplendor, precedendo-o e levando-o pela mão São Tiago, na presença de todos e tendo os guardas sido cegados, chegou o cavaleito até à porta traseira do castelo e, estando esta aberta, continuaram juntos até uma milha de distancia fora das muralhas. Assim, aconteceu que este cavaleiro, inflamado ao ponto de se apaixonar por São Tiago, veio visitar o seu corpo e igreja no dia da sua trasladação e contou tudo exatamente como dissemos. Diz, portanto: <i>Invoca-me</i>, etc.; é claro que a tribulação impele o homem a invocar Deus; então, a libertação deve obrigar-nos a honrar Deus, porque uma vez que o rei Ezequias não o fez, foi severamente esmagado. Pois o próprio, em tribulações com Senaquerib, invocou Deus e o Senhor miraculosamente o livrou. Mas o rei Ezequias e o profeta Isaías, filho de Amós, puseram-se em oração para implorar o auxílio do céu a este respeito. O Senhor enviou então um anjo que exterminou todos os guerreiros valentes, comandantes e oficiais do exército no próprio acampamento do rei da Assíria. Este voltou para o seu país coberto de ignomínia. E, ao entrar no templo do seu Deus, alguns dos seus filhos assassinaram-no ali mesmo, à espada. Deste modo, o Senhor livrou Ezequias e os habitantes de Jerusalém da mão de Senaquerib, rei dos Assírios, e de todos os seus inimigos, e concedeu-lhes a paz em todas as fronteiras (II). Mas porque ele não trouxe louvores e honras dignos da sua libertação a Deus, mas antes se orgulhou, ficou doente a ponto de morrer. Daí se diz: <i>Por aqueles dias, Ezequias contraiu uma doença mortal. Orou ao Senhorm que lhe respondeu e o curou milagrosamente. Mas Ezequias não correspondeu ao benefício recebido do Senhor, porque se orgulhou em seu coração; por isso a ira do Senhor inflamou-se contra ele e contra Judá e Jerusalém.</i> Diz-se, portanto: <i>Invoca-me</i>, etc.; Deus permite que o homem seja tribulado: [...]

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO	EXCERTO ⁽²⁾
255	9º sermão da festa de São Tiago, Apóstolo	São Tiago, patrono da Hispânia	Dilatatio	I CALIST., <i>LSJ</i> , 2, 19.	<i>Terram, in qua dormis, tibi dabo</i>, etc. [et semini tuo. Eritque semen tuum quasi pulvis terrae; dilataberis ad occidentem, et orientem, et septentrionem, et] usque meridiem. Ge XXVIII, [c, 13-14]. Secundum Historiam uidit Iacob scalam in somnis cuius cacumen tangebatur celos, et angelos ascendentes et descendentes per eam et Dominum innixum scale dicentem sibi: <i>Terram in qua</i>, etc. Hec secundum litteram non uidentur adimpleta Iacob, ut patet in ueteri testamento. Vidit igitur hoc Iacob in somnis, Iacobus uero apertis oculis scala, crux Christi cui Dominus innixus erat et per hanc angeli ascenderunt, quia homines per eam redempti, eorum numerum impleuerunt et honorem auxerunt; per hanc etiam descenderunt, quia postquam crux erecta est pro omnibus ad celum deferendis, angeli ad terram uenerunt. Huic igitur, id est, beato Iacobo, dicit Christus: <i>terram, in qua dormis tibi dabo</i>, id est, Hispaniam, in qua corpus tuum quiescit tibi dabo. Ad quid autem dedit eam illi? Primo, ut illam a sarracenorum manibus liberaret; hoc patet in multis exemplis, sed unum breuiter uideamus, uel memoremus (I): «Cum rusticorum turba ad festum beati Iacobi conuenisset, orantes dicebant: beate Iacobe, bone miles ab instantibus malis et futuris nos subleues. Tunc quidam episcopus nomine Stephanus quidam grecia uenerat, et in eadem ecclesia inclusus sanctam uitam ducebat, indigne ferens uerba rusticorum ait: stultissimi et gens fatua, beatum Iacobum non militem sed piscatorem // uocare uos conuenit, quia piscator piscium et hominum, non miles fuit. Ecce autem in sequenti nocte beatus Iacobus candidissimis uestibus ornatus et armis splendidissimis indutus, quasi miles effectus, duas clauas insuper manu tenens apparuit illi, quem tertio uocans, sic allocutus est: Stephane, serue Dei, qui me non militem sed piscatorem uocare iussisti, ideo taliter tibi appareo ut Deo militare eiusque athletam esse, meque in pugna contra sarracenos christianos anteire et pro eis uictorem existere amplius non dubites. Impetraui enim a Domino ut uniuersis me diligentibus ac toto corde inuocantibus protector sim et adiutor in cunctis periculis, et ut firmiter hoc credas cum hiis clauibus quas manu teneo portis Colimbrie urbis apertis, que VIIem annis a Fernando rege christianorum obsidione premitur, crastina die LXª IIIª intromissis christianis eorum reddam potestati; hoc dicto, ab eius oculis euauit. Sequenti uero die matutinis expletis, seniore partem tam clericorum quam laicorum conuocans, que <i>Esta terra, na qual te deitaste, dar-ta-ei, assim como à tua posteridade. A tua posteridade será tão numerosa como o pó da terra; estender-te-ás para o Ocidente, para o Oriente, para o Norte e para o Sul.</i> Segundo a História, São Tiago viu uma escada nos seus sonhos, cujo topo tocava os céus, e anjos que subiam e a desciam por ela, e o Senhor encostado à escada, que lhe disse: <i>Esta terra, na qual</i>, etc. Isto não se cumpriu à letra com São Tiago, como está claro no Antigo Testamento. São Tiago viu isto em sonhos: com os olhos abertos, viu a escada, a cruz de Cristo na qual o Senhor estava apoiado, e, através dela, os anjos subiram, porque os homens foram por ela redimidos, ampliaram o seu número e aumentaram a sua honra. Através da cruz, também desceram, porque depois de a cruz ter sido erguida para levar todos para o céu, os anjos vieram à terra. A este, portanto, isto é, ao beato São Tiago, Cristo diz: <i>a terra em que dormes te dou</i>, isto é, a Hispânia, na qual repousa o teu corpo, te dou. Mas porque a deu a ele? Primeiro, para que a libertasse das mãos dos sarracenos; isto está claro em muitos exemplos, mas vejamos brevemente, ou lembremos brevemente, um (I): Como uma multidão de aldeãos convergissem à festa do bem-aventurado São Tiago, orando, diziam: Bem-aventurado São Tiago, bom cavaleiro, livra-nos dos males presentes e futuros. Então, certo bispo chamado Estêvão, que viera da Grécia e que, recolhido na mesma igreja, levava uma vida santa, levando a mal as palavras dos aldeãos disse: Aldeãos tontos, néscios, não devem chamar cavaleiro ao bem-aventurado São Tiago, mas antes pescador, porque foi pescador de peixes e de homens, e não cavaleiro. E eis que na noite seguinte lhe apareceu São Tiago, vestido com as mais brancas vestes e portando as mais esplêndidas armas, como um cavaleiro, que tinha sobre a mão duas chaves. E, quando o chamou pela terceira vez, disse: Estêvão, servo de Deus, que ordenaste que não me chamassem cavaleiro, mas sim pescador, apareço-te como tal para que não duvides mais de que luto ao serviço de Deus e sou o seu campeão e na luta contra os sarracenos, precedo os cristãos e saio vitorioso por eles. Consegui do Senhor, ser protetor e auxiliador de todos os que me amam e me invocam com todo o coração em todos os perigos. E para que acredites mais firmemente nisto, com estas chaves que tenho na mão abrirei amanhã as nove portas da cidade de Coimbra, que há sete anos é assediada por Fernando, rei dos cristãos. E, introduzindo os cristãos na cidade, devolvê-la-ei ao

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾
255 (Cont.)	9º sermão da festa de São Tiago, Apóstolo (Cont.)	São Tiago, patrono da Hispânia (Cont.)	Dilatatio (Cont.)			occulis uiderat, auribus audierat enarravit, quod postea multis argumentis uera esse approbata sunt; diem enim et horam scripserunt, quibus post captam ciuitatem nuncii a rege missi ueritati testimonium perhibuerunt, asserentes in illa die et hora urbem predictam captam esse». Secundo, ut eam ab ydolorum sordibus expurgaret; [...] Tercio, ut eam ab hereticorum putredine conseruaret; Deo enim gratias et patrono Hispanie sancto Iacobo, nullam christianorum prouintiam uidemus hodie tam sincere ut Hispaniam ab hereticorum putredine conseruatam; bene autem putredinem uocauit hereticos. [...] Quarto, ut eam sua presentia decoraret. [...] Vº, ut ad eum in extremis mundi finibus situm totus orbis accurrens Dominum adoraret et terram sanctificatam reputaret. [...] seu poder. Dito isto, desapareceu perante os seus olhos. No dia seguinte, depois das matinas, chamou à parte os mais velhos, tanto dos clérigos como dos leigos, e contou-lhes exatamente o que tinha visto com os seus olhos e ouvido com os seus ouvidos. E que era verdade foi depois demonstrado com muitas provas; pois eles registaram o dia e a hora, de cuja verdade deram testemunho os mensageiros enviados pelo rei depois da tomada da cidade, que asseguraram que em tal data e hora tinha sido tomada. Em segundo lugar, para que a limpasse da sujidade dos ídolos; [...] Em terceiro lugar, para que a preservasse da corrupção dos hereges; Pois graças a Deus e a São Tiago, padroeiro da Hispânia, nenhuma das províncias dos cristãos vemos hoje destruída pela putrefação dos hereges; bem chamei os hereges de putrefactos. [...] Quarto, para que a glorificasse com a sua presença. [...] Quinto, para que, acorrendo para ele, localizado nos confins do globo, todo o mundo adorasse o Senhor e reputasse a terra santificada.
258	12º sermão da festa de São Tiago, Apóstolo	Eleição e ministério de São Tiago	Dilatatio	I	CALIST., <i>LSJ</i> , 1, 9.	[...] Nota quod in domo magna summi regis, id est, Ecclesia ¶ primo, eliguntur aliquis ad ministrandum ¶ IIº, ad seruandum ¶ IIIº, ad militandum. Ad hec tria elegit Dominus beatum Iacobum: [...] Tercio, ad militandam bonam miliciam, quia ¶ phyletum ab ydolatria reuocabit, ut dicitur in uita eius (I) ¶ demones incendiis cruciabit ¶ angelo ut hunc solueret imperauit; sic et Iacob: Primo, patri sedule ministrauit, [...] Secundo, oues soceri sollicitate conseruauit. [...] Tercio, triumphauit: Primo, de Laban. [...] Secundo, de angelo. Ge XXXII, g, [24-29] (II): <i>ecce uir luctabatur</i>, etc. [<i>cum eo usque mane. Qui cum uideret quod eum superare non posset, tetigit nervum femoris eius, et statim emarcuit. Dixitque ad eum: Dimitte me, iam enim ascendit aurora. Respondit: Non dimittam te, nisi benedixeris mihi. Ait ergo: Quod nomen est tibi? Respondit: Iacob. At ille: Nequaquam, inquit, Iacob appellabitur nomen tuum, sed Israhel; quoniam si contra Deum fortis fuisti, quanto magis contra homines prevalebis. Interrogavit eum Iacob: Dic mihi, quo appellaris nomine? Respondit: Cur quaeris nomen meum? Et benedixit ei</i>] usque in eodem loco; hic nomen [...] Nota que na casa do rei supremo, ou seja, na Igreja: primeiro, alguns são eleitos para ministrar; segundo, alguns são eleitos para servir; terceiro, alguns são eleitos para lutar. O Senhor elegeu o bem-aventurado Tiago para estas três coisas: [...] Terceiro, para lutar a boa milícia, porque: chamará Fileto da idolatria, como diz na vida dele (I); atormentará os demónios com fogo; ordenará ao anjo que o liberte; [...] e Tiago: Primeiro, serviu diligentemente o pai, [...] Segundo, guardou sollicitamente as ovelhas. [...] Terceiro, triunfou: Primeiro, sobre Labão. [...] Segundo, sobre o anjo. [...] <i>Alguém lutou com ele até ao romper da aurora. Vendo que não podia vencer Jacob, bateu-lhe na coxa, e a coxa de Jacob deslocou-se, quando lutava com ele. E disse-lhe: Deixa-me partir, porque já rompe a aurora. Jacob respondeu: não te deixarei partir enquanto não me abençoares. Perguntou-lhe então: qual é o teu nome? Ao que ele respondeu: Jacob. E o outro continuou: O teu nome não será mais Jacob, mas Israel; porque combateste contra Deus e contra os homens e conseguiste resistir. Jacob interrogou-o, dizendo: Peço-te que me digas o teu nome. Porque me perguntas o meu nome? –</i>
				II	Gn 32,24-29.	

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾
258 (Cont.)	12º sermão da festa de São Tiago, Apóstolo (Cont.)	Eleição e ministério de São Tiago (Cont.)	Dilatatio (Cont.)	III	Gn 32,28.	bonum in melius commutauit. Ge XXXII, g, [28] (III): Nequaquam inquit, etc. [Iacob appellabitur nomen tuum, sed Israhel; quoniam si contra Deum fortis fuisti, quanto magis contra homines] usque preualebis. Tercio, de Esau. [...] eodem modo elegit Dominus ordinem nostrum uel quelibet clericum ad tria predicta, scilicet: Primo, ad ministrandum VII^{em}: [...] Secundo, ad seruandum uerbum Dei in corde. Tercio, ad militandum: - Primo, contra Laban inanis glorie. Laban enim ‘candidus’ interpretatur, id est, uanegloriosus. - Secundo, contra Seyr iracundie. Seyr namque ‘hirsutus’, scilicet, iracundus interpretatur. ¶ IIIº, contra Esau gule. [...] respondeu ele. E então abençoou-o naquele lugar (II). Este nome bom mudou para melhor. E o outro continuou: O teu nome não será mais Jacob, mas Israel; porque combateste contra Deus e contra os homens e conseguiste resistir (III). Terceiro, sobre Esaú. [...] Do mesmo modo, elegeu o Senhor a ordem dos nossos, ou qualquer clérigo, para os três ofícios acima mencionados: Primeiro, para ministrar [...] Segundo, para guardar a palavra de Deus no coração. Terceiro, para lutar: - Primeiro, contra a glória vã de Labão. Labão interpreta-se ‘candido’, isto é, vanglorioso. - Segundo, contra a ira de Seir. Seir, portanto, ‘hirsuto’, interpreta-se irado. - Terceiro, contra a gula de Esaú. [...]
264	2º sermão da festa de São Domingos	As virtudes de São Domingos	Exodium Dilatatio	I II	Pr 21,28. BOEC, DCP, II, 24, PL 63, 599A.	Vir obediens loquetur uictoriam. Prou XXI, g, [28] (I). O homem obediente cantará a vitória (I). Cum Deus dixerit in die iudicii unicuique nostrum: quid tu fecisti pro me. Aliter respondebit peccator transgrediens et aliter iustus obediens. Nam peccator loquetur uel respondebit se nichil boni, immo multa mala, fecisse: Primo, quia Deum inhonorando, arma eius, id est, uirtutes abiecit. Boetius (II): «A qua talia contuleramus arma, que nisi prius abiecisset inuita te firmitate tuerentur». Secundo, diabolum honorando, cum in prelio temptationis spontanee cessit. Tercio, seipsum damnando, quia flammis eternis se subiecit; ideoque tunc accipiet sententiam ut eat cum domino cui cessit, id est, diabolo, et ab eo accipiat stipendium, quia a quo quis superatus est huius seruus est. Iustus uero, ut beatus Dominicus, loquetur uel respondebit: Domine, amore uestro multociens pugnaui et per gratiam uestram et auxilium uestrum uici et de multis hostibus uictorias habui. Talis accipiet sententiam a iudice, ut quia bene et uiriliter exercuit milicie statum promoueat ad regnum, accipietque ut dicitur Sa V, e, [17]: <i>regnum decoris</i>, id est, celum, <i>et diadema speciei de manu Domini</i>, cantantibus angelis et dicentibus: «Amauit eum Dominus et ornauit eum et ad portas paradisi coronauit eum». Talis fuit beatus Dominicus et ideo cantatur de ipso: «Transit pauper ad regni solium», etc. [dux ad sceptrum, victor ad praemium, mors in vitam, labor in otium: praesens cedit luctus in gaudium]». Item: «Pro paupertatis cingulo stola dotatur regia». Nunc igitur uideamus VI^{ex} uictorias quas habuit sanctus iste et etiam quibus armis habuit uictoriam: Quando Deus perguntar, no dia do juízo final, a cada um dos nossos: “Que fizeste-te tu por mim?”, de uma forma responderá o pecador, que transgrediu, e de outra o justo, que obedeceu. Na verdade, o pecador dirá ou responderá para si não ter feito nada de bom, mas antes muitos males: Primeiro, desonrando Deus, porque atirou fora as suas armas, isto é, as suas virtudes. Boécio (II): Do qual trouxemos tais armas que, se não as tivesses atirado fora antes, te teriam guardado do mal com firmeza. Segundo, honrando o diabo, quando cedeu espontâneamente no combate da tentação. Terceiro, condenando-se a si mesmo, porque se atirou às chamas eternas. E, do mesmo modo, receberá então a sentença para se juntar ao senhor a quem se submeteu, ou seja, ao diabo, e receberá dele uma recompensa, porque aquele que é vencido por alguém, torna-se seu servo. O justo, como o bem-aventurado Domingos, dirá ou responderá: Senhor, muitas vezes lutei pelo vosso amor, e, com a vossa graça e auxílio, venci e obtive vitórias sobre muitos inimigos. Tal, receberá a sentença do juiz para que, porque serviu bem e corajosamente na milícia, seja promovido para o reino, e receba, como se diz no Livro da Sabedoria, um <i>reino de glória</i>, quer dizer, o céu, e <i>um diadema brilhante da mão do Senhor</i>, com os anjos cantando e dizendo: O Senhor amou-o e honrou-o, e coroou-o junto às portas do paraíso. Tal foi o bem-aventurado Domingos e, por isso, se canta a seu respeito: O pobre passou o trono do reino, etc. o líder para o cetro, o vencedor para a recompensa, a morte para a vida, o trabalho para o descanso: a tristeza presente

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾	
264 (Cont.)	2º sermão da festa de São Domingos (Cont.)	As virtudes de São Domingos (Cont.)	Dilatatio (Cont.)			Primo, de diabolo per orationis assiduitatem et eximiam humilitatem. [...] Secundo, de mundo per honorum calcionem et uoluntariam paupertatem. [...] Tercio, de propria uoluntate per deuotam obedientiam. Hoc patet quod subiectus fuit in ordine sancti Augustini. Vnde bene competit ei illud Prou XV [XVI], g, [32] (III): qui dominatur animo suo expugnatore urbium.	cede lugar à alegria. Da mesma forma: Diante do cinto da pobreza, é dotado da vestimenta real. Agora, portanto, vejamos as seis vitórias que teve este santo e também as armas com as quais obteve a vitória: Primeiro, sobre o diabo, pela assiduidade da oração e exímia humildade. [...] Segundo, sobre o mundo, pelo desprezo das honras e pobreza voluntária. [...] Terceiro, sobre a própria vontade, pela devota obediência. Nisto está evidente que foi um súbdito da ordem de Santo Agostinho. Pelo que bem se lhe aplica o Provérbio (III): Vale mais dominar-se a si mesmo do que conquistar uma cidade.
				III	Pr 16,32.	Quarto, de propria carne, per efficacem abstinentiam; [...] Vº, de hereticis, per miraculorum multitudinem et mirabilem pacienciam. VIº, de ceteris peccatoribus, per conuersationem honestissimam et predicationis efficaciam.	Quarto, sobre a própria carne, pela eficaz abstinência; [...] Quinto, sobre os hereges, pela quantidade de milagres e admirável paciência. Sexto, sobre os restantes pecadores, pela honestíssima conduta e pela eficácia da pregação.
268	6º sermão da festa de São Domingos	São Domingos, guarda e porteiro do palácio do Senhor	Exordium	I	Pr 27,18.	Qui custos est Domini sui glorificabitur. Prou XXVII, [c, 18] (I).	O que vela pelo seu senhor será glorificado (I).
			Dilatatio	II	Sb 10,12.	Hic est beatus Dominicus, qui dicitur ‘dominicus’, id est, a Domino, uel Domino custoditur innocens a peccato. Sa X, e, [12] (II): Custodiuit illum , id est, beatum Dominicum, ab inimicis , id est, ¶ diabolo ¶ mundo ¶ et carne, et a seductoribus , hereticis, tutauit illum , etc. [et certamen forte dedit illi ut vinceret, et sciret quoniam omnium potentior est] usque sapientia ; uel dominicus, id est, ‘Domini custos’, id est, Christi quem custodiuit:	Este é o bem-aventurado Domingos, que se chama “dominicus” isto é, “pertencente ao senhor”, ou “inocente protegido pelo Senhor do pecado”. Protegeu-o , isto é, ao beato Domingos, dos seus inimigos , isto é, o diabo, o mundo e a carne, e defendeu-o de quantos o atacavam , os hereges, etc. e após um duro combate, deu-lhe a vitória, para lhe ensinar que a piedade é mais poderosa que tudo (II); ou “dominicus”, isto é, “guarda do Senhor”, ou seja, de Cristo, a quem protegia:
				III	Ef 6,17.	Primo, tanquam strenuus miles ducem in bello, assistens ei inter feras acies, id est, rebelles cuneos hereticorum Albigensium, et gladio spiritus quod , sicut ait apostolus [Eph VI, c, 17], est uerbum Dei (III); prestans a dextris et a sinistris, id est, in prosperis et aduersis, ibi enim Christus mirabiles ictus sustinebat, sed beatus Dominicus adiuiuit eum, quia coadiutor erat dei hoc prefiguratum fuit. II Reg XXI, f, [15], ubi dicitur (IV): deficiente Dauid , scilicet, in bello, Iesbidenob , qui interpretatur ‘ coequatur michi ’ (V); hic est diabolus, qui Filio Dei uoluit coequari. Ys XIII, d, [13- 14]: <i>In celum conscendam</i> , etc. [<i>super astra Dei exaltabo solium meum; sedebo in monte testamenti, in lateribus Aquilonis; ascendam super altitudinem nubium; similis ero</i>] usque altissimo ; cuius membra sunt heretici, quibus impugnat Dauid, id est, Christum; Abisay // ‘ pater	Primeiro, como um soldado vigoroso ao líder na guerra, ajudou-o no meio dos ferozes fios de espada, isto é, dos rebeldes blocos dos hereges Albigenses, e com a espada do espírito que , como diz o apóstolo, é a palavra de Deus (III) , destacando-se à direita e à esquerda, isto é, nas circunstâncias prósperas e adversas, onde, efetivamente, Cristo suportava admiráveis golpes. Mas o bem-aventurado Domingos auxiliou-o, pois era o adjutor de Deus, como foi prefigurado. Onde se diz (IV): falhando David na guerra com Isbi-Benobe , que se interpreta “ coigual a mim ” (V) ; este é o diabo, que desejou igualar o Filho de Deus. <i>Subirei aos céus; estabelecerei o meu trono acima das estrelas de Deus; sentar-me-ei na montanha da Assembleia, na extremidade do céu; subirei acima das nuvens e serei semelhante ao Altíssimo</i> ; cujos membros são os hereges,
				IV	2 Sm 21,15.		
				V	JERON., DNHL. PL 23, 817.		

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾
268 (Cont.)	6º sermão da festa de São Domingos (Cont.)	São Domingos, guarda e porteiro do palácio do Senhor (Cont.)	Dilatatio (Cont.)	VI	JERON, <i>DNHL</i> (PL 23, 819).	salutis mee’ interpretatur (VI); hic est beatus Dominicus, qui misterio predicationis sue, pater effectus est salutis multorum, quos per euangelium genuit. Cum igitur Daud deficeret, id est, fides Christi periclitaretur in partibus Albigenium, <i>presidio ei fuit Abysai</i> , id est, beatus Dominicus, quia membra hostis, id est, diaboli amputavit, per se et per suos filios predicatorum, iuxta illud Iob XL, g, [25]: <i>Concident eum amici, diuident illum negotiatores</i> , et ipsum in cordibus multorum deficientem, uel pene extinctum uiuificauit. [...]
312	6º sermão da festa da degolação de São João Baptista	O cárcere do corpo, deambulatório do homem interior	Dilatatio	I	2 Rs 24,8-16.	[...] Notandum autem quod in custodia ponitur quis specialiter propter tria: Primo, propter zelotipiam; non enim zelotipus sine custodia dimittit sponsam, sic nec Christus dilectam animam. Exo XX, g, [a, 5]: <i>ego sum Dominus Deus tuus fortis, zelotes</i> . Vnde si animam tuam non tenes sub disciplina in carcere penitencie, time ne repudiata sit. [...] ¶ hiis est carcer tribulatio mundi. [...] ut Ioachin, IIIº Reg XXIII [XXIII], c, [8-16] (I): <i>decem et octo annorum erat ioachin, etc. [cum regnare coepisset; et tribus mensibus regnavit in Hierusalem. Nomen matris eius Nohesta, filia Elnathan de Hierusalem. Et fecit malum coram Domino, iuxta omnia que fecerat pater eius. In tempore illo ascenderunt servi Nabuchodonosor, regis Babylonis, in Hierusalem, et circumdata est urbs munitionibus; venitque Nabuchodonosor, rex Babylonis, ad civitatem cum servis suis ut obpugnarent eam. Egressusque est Ioachin, rex Iuda, ad regem Babylonis, ipse et mater eius, et servi eius, et principes eius, et eunuchi eius; et suscepit eum rex Babylonis, anno octauo regni sui. Et protulit inde omnes thesauros domus Domini, et thesauros domus regie; et concidit universa vasa aurea quae fecerat Salomon, rex Israhel, in templo Domini iuxta verbum Domini. Et transtulit omnem Hierusalem, et universos principes, et omnes fortes exercitus, decem milia, in captivatem; et omnem artificem et clusorum; nihilque relictum est, exceptis pauperibus populi terrae. Transtulit quoque Ioachin in Babylonem, et matrem regis, et uxores regis, et eunuchos eius; et iudices terrae duxit in captivatem de Hierusalem in Babylonem; et omnes viros robustos, septem milia, et artifices, et clusores milia, omnes viros fortes et bellatores]; usque duxit rex babilonis eos captiuos in babilonem; et Sedechias, [...] XXIII [XXV], a, [1-7] (II): <i>factum est autem, etc. [anno nono regni eius, mense decimo, decima die mensis, venit Nabuchodonosor, rex Babylonis, ipse et</i></i>
				II	2 Rs 25,1-7.	[...] Mas deve notar-se que se é colocado sob custódia especificamente por três razões: Primeiro, por ciúme; pois um homem ciumento não deixa sem guarda a sua esposa, nem a sua alma amada a Cristo; <i>Eu, o Senhor teu Deus, sou um homem zeloso</i> . Se não tens a tua alma sob disciplina no cárcere da penitência, não temes que seja repudiada. Para estes, o cárcere é a tribulação do mundo. [...] como Joiaquin (I): <i>Joiaquin tinha dezoito anos quando começou a reinar e reinou três meses em Jerusalém; o nome de sua mãe era Neústa, filha de Elnatan de Jerusalém. Fez o mal aos olhos do Senhor, como o seu pai. Foi nesse tempo que os homens de Nabucodonosor, rei da Babilónia, vieram sobre Jerusalém e a sitiaram. Nabucodonosor chegou à cidade, quando as suas tropas a sitiavam. Joiaquin, rei de Judá, saiu ao encontro do rei da Babilónia, com a sua mãe, com os altos funcionários, com os oficiais e com os eunucos; e o rei da Babilónia prendeu-o. Isto aconteceu no oitavo ano do reinado de Nabucodonosor. E como o Senhor tinha anunciado, Nabucodonosor levou dali todos os tesouros do templo do Senhor e do palácio real e quebrou todos os objectos de ouro que Salomão, rei de Israel, fizera para o santuário do Senhor. Levou cativa toda a corte de Jerusalém, todos os chefes e todos os notáveis, ao todo dez mil, com todos os ferreiros e artífices; deixou apenas os pobres do país. Deportou Joiaquin de Jerusalém para a Babilónia, com a sua mãe, as suas mulheres, os eunucos do rei e os grandes do país. Todos os homens de valor, aptos para a guerra, em número de sete mil, os ferreiros e os artífices, em número de mil, o rei da Babilónia levou-os cativos para a Babilónia. E Sedechias [...] (II): <i>No nono ano do seu reinado, no dia dez do décimo mês, Nabucodonosor marchou com todo o seu exército contra Jerusalém. Acampou diante da cidade e elevou trincheiras em redor dela. O cerco</i></i>

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾
312 (Cont.)	6º sermão da festa da degolação de São João Baptista (Cont.)	O cárcere do corpo, deambulatório do homem interior (Cont.)	Dilatatio (Cont.)			<i>omnis exercitus eius, in Hierusalem, et circumdederunt eam, et extruxerunt in circuitu eius munitiones; et clausa est civitas atque vallata usque ad undecimum annum regis Sedeciae, nona die mensis; prevaluitque fames in civitate, nec erat panis populo terrae. Et interrupta est civitas; et omnes viri bellatores nocte fugerunt per viam portaeque est inter duplicem murum ad hortum regis. Porro Chaldei obsidebant in circuitu civitatem. Fugit itaque Sedecias per viam quae ducit ad campestris solitudinis. Et persecutus est exercitus Chaldeorum regem, comprehenditque eum in planitie Hiericho; et omnes bellatores qui erant cum eo dispersi sunt, et reliquerunt eum. Adprehensum ergo regem duxerunt ad regem Babylonis in Reblatha, qui locutus est cum eo iudicium. Filios autem Sedeciae occidit coram eo; et oculus eius effodit, usque uinxit eum catenis, et duxit in babilonem; hic carcer est sponse immaculate et filiorum. [...]</i>
321	9º sermão da festa da Natividade da Virgem Maria	Maria, ramo do tronco de Jessé	Dilatatio	I	Ex 17,9-10.	<i>Egredietur uirga, etc. ut supra. In precedenti collatione dictum est de uirge proprietatibus, nunc in ista de propriis fructibus uel utilitatibus uirge uideamus. Virga igitur: [...]</i> <i>IXº, hostium agmina debellantur. Exo XVII, g, [9-10] (I): elige uiros et egressus pugna contra Amalec, etc. [Cras ego stabo in vertice collis habens virgam Dei in manu mea. Fecit Iosue ut locutus ei erat Moyses et pugnavit contra] usque Amalec. [...]</i>
324	1º sermão da festa da exaltação da Santa Cruz	A cruz gloriosa	Exordium Dilatatio	I II	Gl 6,14. R. MAUR., <i>Hom.</i> , hom. 70, PL 110, 131D-133C; B. MOMBR., SVS, I, 379/80.	<i>Michi autem absit gloriari nisi in cruce Domini nostri Ihesu Christi. Gal VI, f, [14] (I).</i> Hec uerba beati apostoli obtime conueniunt Eraclio fidelissimo imperatori. Dicit igitur: <i>michi autem absit</i> , etc.; quasi dicat: ego nolo gloriari sicut impiissimus Cosroe in fama excellencia intrare argentea, in deitate falsa, in christianorum rapina, sed nolo <i>gloriari in cruce Domini nostri Ihesu Christi</i> , per cuius uirtutem de hoste triumphauit, regnum persarum obtinui, Cosroe decapitauit et ab eo cruce recuperata Ierusalem cum magna gloria repedauit; horum autem que diximus hystoria talis est (II): <i>Tempore illo postquam Constantino Augusto contra Maxentium tyrannum properanti ad belum, signum crucis celitus fuisset ostensum, et ipso feliciter obtinente triumphum ab Helena iam dicti principis matre crux fuisset inuenta, atque per sanitatem egroti et resurrectionem mortui fuisset euidenti ueritatis indicio declarata, regina uoti compos effecta, ita salubre lignum fecit seccari per medium, ut et crucem Constantinopolim defferret ad filium et crucem Ierosolimis crucis argenteis conditam reseruaret, in loco sancto sapienti usa consilio, scilicet, ut ubi fuerat</i>
						<i>da cidade durou até ao décimo primeeiro ano do reinado de Sedecias. No nono dia do quarto mês, como a cidade se visse apertada pela fome e a população não tivesse mantimentos, abriu-se uma brecha na muralha da cidade. Então o rei e todos os homens de guerra fugiram de noite pela porta que está entre os dois muros, junto do jardim do rei. Entretanto, os caldeus cercavam a cidade. Os fugitivos tomaram o caminho da planície do Jordão, mas o exército dos caldeus perseguiu o rei e alcançou-o na planície de Jericó. Então as tropas, que o acompanhavam, abandonaram-no e dispersaram-se. O rei Sedecias foi preso e conduzido a Ribla, diante do rei da Babilónia, que pronunciou a sentença contra ele. Degolou os filhos na presença de Sedecias, furou-lhe os olhos e levou-o para a Babilónia, ligado com duas cadeias de bronze. [...]</i> <i>Brotará um ramo, etc. Na anterior conversa falámos sobre as propriedades do ramo. Vejamos agora, nesta, sobre os próprios frutos ou utilidades do ramo. [...]</i> <i>Nono, derrota das tropas dos inimigos. Escolhe para nós homens, e sai para combater contra Amalec. Amanhã eu permanecerei firme no cimo da colina e terei a vara de Deus na minha mão. Josué fez como Moisés lhe tinha dito, para combater contra Amalec. (I). [...]</i> <i>Quanto a mim, porém, de nada me quero gloriar, a não ser na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo (I).</i> Estas palavras do apóstolo aplicam-se perfeitamente ao fidelíssimo imperador Heráclio. Diz, portanto: <i>Quanto a mim, porém, de nada, etc.</i> ; como se dissesse: Eu não desejo glorificar-me como o ímpio Cosroe, entrar na fama prateada, na falsa divindade, no saque dos cristãos, senão <i>gloriar-me na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo</i> , por meio da qual triunfei sobre o inimigo, conquistei o reino dos persas, decapitei Cosroe e recuperei Jerusalém com grande glória; tal é a história do que dissemos (II): <i>Naquele tempo depois de o Augusto Constantino ter abalado para a guerra contra o tirano Magêncio, de ter sido exibido no céu o sinal da cruz, e de pelo próprio ter sido obtido o mais feliz dos triunfos; depois de já se dizer que a cruz fora achada por Helena, mãe do príncipe, e de a sua autenticidade ter sido provada com indicio claro da verdade através da cura dos enfermos e da ressurreição dos mortos, cumpridos os votos feitos, a rainha fez ser cortado o lenho salutar pelo meio, de modo que levando a cruz para o filho e para Constantinopla reservasse a cruz</i>

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾
324 (Cont.)	1º sermão da festa da exaltação da Santa Cruz (Cont.)	A cruz gloriosa (Cont.)	Dilatatio (Cont.)			membris Dominicis aptata supplicio, ibidem glorificata ueneraretur a populo. Multorum itaque temporum labente curriculo, cum exigente mole peccaminum, flagellari permetteret Dominus populum christianum per seuitiam paganorum; Chosdroe quidam prophanus et impius regnum est adeptus Persarum, qui in tantam prorumpere ausus est proteruiam, ut ab incolis gentium uicinarum quas impetu uastans barbarico suo neffando dominio subiugerat, coli se iuberet ut Deum et uocaret se regem regum et dominum dominantium. Nec hoc ei solum suffecit ad sue damnationis // interitum, uerum etiam Syriam et Palestinam cum subiugasset et Egyptum, regna que infra et extra limitaneum conglutinabantur per circulum, suo crudelissimo dominatui subiugauit, ac postea Ierosolimam adiit, ecclesias Christi subuertit uastauitque totam finitimam regionem, incendit atque predauit. Ad sepulcrum ergo Domini cum uoluisset accedere, territus rediit, sed tamen ligni salutaris partem, quam religiosa regina ibi in testimonium uirtutis reliquerat, asportauit; fecerat namque turrem argenteam, inter quam lucentibus gemmis tronum construxerat aureum, ubi solis quadrigam et lune uel stellarum imaginem collocaret, atque per occultas fistulas aque meatus aduxerat, ut quasi deus pluuias desuper infundere uideretur. Et dum subterraneo specu equis in circuitu trahentibus, circumacta turris fabrica moueri uidebatur, quasi quodammodo rugitum tonitruui iuxta possibilitatem artificis menciebatur. In hoc itaque loco sedem sibi parauerat, atque iuxta eam quasi collegendam crucem Dominicam posuerat; filio suo regno tradito, ipse in fano huiusmodi residebat. Illo itaque tempore Heraclius arcem tenebat imperii, uir armis strenuus, lingua eruditus, corpore decorus, et quamuis seculari actui deditus, totus tamen erat in fide catholicus, et erga dei cultore suplex benignolus et deuotus; pergens igitur Chosdroe contra Heraclium iuxta Danubium magnum fluuium cum suo consedit exercitu. Tandem inspirante gratia saluatoris utrisque principibus placuit ut ipsi singuli in medio pontis fluminum dimicaturi confligerent, et cui sors uictoriam contulisset, ipse sine in damno utriusque exercitus imperium usurparet; decreuerunt etiam cum iuramento, ut si quis ex eorum populo principi suo uenire in auxilium presumpsisset, cruribus excisis et brachiis ab eo in flumine mergeretur. Cumque utrique populo hec pactio placuisset, inuicem inter se ut dictum est dimicantes, diu multumque in pontis medio sunt congressi. Tandem pulsatus Dominus lacrimis

original na argêtea Jerusalém da cruz, agindo no lugar santo com sábio conselho, para que onde fora usada no suplício dos membros do senhor, pudesse ser gloriosamente venerada pelo povo. E assim, no curso de muitos tempos, como permitisse o Senhor que, devido ao peso esmagador dos pecados, o povo cristão fosse flagelado pela crueldade dos pagãos, o profano e ímpio Cosroes obteve o reino dos Persas. Este, ousou irromper em tamanha petulância, que ordenou a todos os habitantes dos povos vizinhos que, devastando com bárbaro ímpeto, subjugara ao seu nefando domínio, que o adorassem como a um Deus e que o chamassem rei dos reis e senhor dos senhores. E isto não lhe bastou, para sua própria danação e destruição, mas como tivesse subjugado a Síria, a Palestina e o Egito, submeteu também ao seu cruelíssimo domínio os reinos que estavam unidos por um círculo abaixo e além das fronteiras, e depois avançou para Jerusalém, derrubou as igrejas de Cristo e devastou, incendiou e saqueou toda a região vizinha. E como tivesse desejado chegar ao sepulcro do Senhor, voltou para trás aterrorizado, mas levou uma parte do lenho salutar, que a piedosa rainha ali deixara em testemunho da sua virtude. Pois fizera uma torre argêtea, no interior da qual construira um trono áureo com cintilantes pedras preciosas, onde colocara a imagem da quadriga do sol, da lua e das estrelas, e instalara canos ocultos e cursos, para que fosse visto como um deus a derramar águas de cima. À medida que num canal subterrâneo os cavalos eram puxados em círculo, a estrutura circundante da torre parecia ser movida, e era emitido como que um rugido de trovão, tal a habilidade do artífice. Preparou, portanto, uma sede para si neste lugar, e pusera junto a ela, como coligada, a cruz do Senhor. Entregue o reino ao seu filho, o próprio residia deste modo no templo. E assim, naquele tempo possuía a cidadela do império Heráclio, vigoroso homem de armas, erudito no discurso, decoroso no corpo e, embora dado a assuntos seculares, totalmente católico na sua fé e, portanto, benevolente e devoto adorador de Deus. Assim, marchando contra Heráclio, Cosroes estabeleu-se com o seu exército junto do grande rio Danúbio. Pela graça inspiradora do Salvador, agradou a um e outro príncipe que apenas os próprios combatessem no meio da ponte do rio, e que aquele a quem a sorte concedesse a vitória, o próprio usurpasse sem perdas o comando do outro exército.

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾
324 (Cont.)	1º sermão da festa da exaltação da Santa Cruz (Cont.)	A cruz gloriosa (Cont.)	Dilatatio (Cont.)		christianorum, per uirtutem Sancte Crucis, cui se die eodem memoratus princeps attentius commendauerat, fidei suo Heraclio Christus concessit de hoste triumphum. Tantaque mentis mutatio Chosdroe inuasit exercitum, ut non solum predictam pactionem nequaquam uellent transcendere, sed etiam uoluntarii, cum omni sua familia atque prole Heraclio se subderent tam potestate quam fide; quos ille benigne suscipiens in hoc illis clementiam prestitit, ut omnes ad Bap̄tismum conuolarent: quod ita se facturos omnes pariter spon̄derunt. Ipse autem christianissimus princeps cum suo tantum exercitu regna que Chosdroe tenuerat circumquaque perlustrans, ad sedem ipsius uenit; cum paucis ad eum ascendit, sedentemque eum in trono repperit. Nullus namque ex eius exercitu erat qui ei exitum belli aliquatenus nunciasset, quia propter suam crudelitatem eum exosum habebant. Nec immerito, quippe qui manifesto Deo erat contrarius, quomodo a creatura Dei potuisset esse amatus. Cumque tremefactus salutationis uerba proferret Heraclio, ille respondit: si uis salutem habere, pro eo quod de ligno Sancte Crucis, quamuis indignus, honorifice iuxta modulum suum tractasti, etsi credere Domino Ihesu Christo uolueris, et seruum te illius esse cuius ego sum famulus, in ueritate confessus fueris, regnum tibi Persarum tantum cum patrimonio et uita, acceptis a te pacis obsidibus, dabo; sin autem aliud egeris, mox meo gladio interibis. Cumque ille nequaquam acquiesceret, Heraclius extracto gladio, caput illius amputauit. Sepeliri eum, quia rex fuerat, iussit, filiumque eius paruulum quem cum eo inuenerat baptizari mandauit, ipseque eum de sacro fonte leuauit, uel suscepit, erat enim iam X // annorum; descriptiones etiam regni Persarum sub eius nomine fecit, totumque argentum turris illius in predam sui exercitus deputauit, aurum uel gemmas in uasis uel utensilibus ad restaurationem ecclesiarum, quas tyrannus destruxerat, reseruauit. Suscipiens igitur lignum gloriosissime crucis, quod impius asportarat, cum magna exultatione repedabat, et gaudentes omnes populi cum ramis palmarum, cereis et lampadibus uel diuerso glorie apparatu, cum hymnis et canticis obuia alii pergunt, atque alii subsecuntur». Dicit igitur: <i>Michi autem absit gloriari</i>, etc. Gloriandum autem est in Cruce:	Também decretaram com um juramento que, se algum do povo deles supusesse vir em auxílio do seu príncipe, fosse afogado com as pernas e os braços decepados dele. E como a um e outro povo agradasse este acordo, como foi mencionado, combatendo entre si, encontraram-se no meio da ponte durante muito tempo. Finalmente, tocado pelas lágrimas dos cristãos, o Senhor, por intermédio do poder da Santa Cruz, à qual o mencionado príncipe se tinha encomendado no mesmo dia com grande devoção, concedeu ao seu fiel Heráclio o triunfo sobre o inimigo. E tamanha foi a mudança de espírito que invadiu o exército de Cosroes que, não só de modo algum desejaram transgredir o pacto previsto, como se submeteram voluntariamente, com todas as suas famílias e filhos, tanto ao poder como à fé de Heráclio. Recebendo-os aquele com benignidade, mostrou-lhes nisto tanta clemência para que todos acorressem ao Batismo, que, desse modo, lhe prometeram unanimemente que haveriam todos de fazer. O próprio príncipe cristianíssimo, tanto percorreu com o seu exército os reinos e vizinhanças que Cosroes possuía, que chegou à casa do próprio. Subindo até ele com poucos, encontrou-o sentado no trono. Nenhum dos que estavam no exército dele lhe tinha comunicado o desfecho da guerra, pois detestavam-no em razão da sua crueldade. E não sem mérito, pois como poderia aquele que tantas vezes era manifestamente contrário a Deus ser amado pelas criaturas de Deus? E quando, tremendo, proferiu palavras de saudação a Heráclio, este respondeu: se desejas ter a salvação, pela forma como, apesar de indigno, trataste honrosamente do lenho da Santa Cruz, de acordo com a sua medida, e posto que queiras acreditar no Senhor Jesus Cristo e confesses em verdade para ti ser servo daquele de quem eu sou servo, conceder-te-ei o reino dos Persas, juntamente com o património e a vida, aceitando da tua parte os reféns de paz. No entanto, se agires de outra forma, logo perecerás pela minha espada. E, porque de forma alguma ele concordou, Heráclio, desembainhado o gládio, cortou-lhe a cabeça. Ordenou que o sepultassem, pois fora rei, e mandou que batizassem o pequeno filho dele, que encontrara com ele, e o próprio o levantou da fonte sagrada, ou adotou, tinha já dez anos. Fez também repartições do reino dos Persas sob o nome dele, e destinou toda a prata daquela torre ao espólio do seu exército. Reservou o ouro e as pedras preciosas nos vasos ou

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾	
324 (Cont.)	1º sermão da festa da exaltação da Santa Cruz (Cont.)	A cruz gloriosa (Cont.)	Dilatatio (Cont.)				nos utensílios para a restauração das igrejas que o tirano destruíra. Tomando, portanto, o lenho da gloriosíssima cruz, que o ímpio levava, retirava-se com grande exultação e, jubiloso todos os povos, uns seguem à dianteira e outros os precedem com ramos de palmeiras, velas e lamparinas ou outro aparato de glória, e com hinos e cânticos. Diz, portanto: <i>Quanto a mim, porém, de nada me quero gloriar, etc.</i> Deve glorificar-se na Cruz:
				III	Zc 1,8.	Primo, sicut gloriatur currens ad brauium in equo uelocissimo, nam tam uelocissime equus current iste, ut quamuis sit longe a peccatoribus salus, tamen dixit Christus latroni sedenti in equo crucis, Lu XXIII, f, [43]: <i>hodie mecum eris in paradiso</i> ; de hoc equo ait Za I, [b, 8] (III): <i>ecce uir ascendens super equum rufum</i> . Glo (IV): «Vir super equum rufum Saluator est, cuius uestimenta, id est, caro rubra est sanguine passionis, qui captiuo populo, in ruffo equo ostenditur»; liberato uero in albis demonstratur. Apo VI, a, [2] (V): <i>Ecce equus albus et qui sedebat super illum habebat arcum</i> , etc. [et data est ei corona, et exiuit vincens] usque <i>ut uinceret</i> .	Primeiro, como se gloria aquele que corre para o prêmio no cavalo velocíssimo, pois este cavalo corre tão rapidamente que, embora a salvação esteja longe dos pecadores, Jesus disse ao pecador montado no cavalo da cruz: <i>hoje mesmo estarás comigo no paraíso</i> ; sobre este cavalo diz Zacarias (III): <i>eis que se me apresentou um homem montado num cavalo vermelho</i> . O homem montado no cavalo vermelho é o Salvador, cujas vestes, isto é, a carne, é vermelha pelo sangue da Paixão. Mostra-se ao povo cativo, montado em cavalo vermelho (IV); mostra-se já liberto, de vestes brancas. <i>E vi que apareceu um cavalo branco; o cavaleiro levava um arco e foi-lhe dada uma coroa. Depois, partiu vencedor para novas vitórias</i> (V).
				IV	Glo. Ord., Zc 1,8; MART., Serm., sermo 26, PL 208, 959B.	Secundo, sicut gloriatur princeps in uexillo terribilissimo; si quis enim haberet tale uexillum quod quociens in campum produceretur, semper fuga hostibus incuteretur, multum in eo gloriaretur; de hoc dicitur (VI): « Vexilla regis prodeunt: fulget crucis misterium, quo carne carnis conditur, suspensus est patibulo ». ¶ Item (VII): « Ecce crucem Domini, fugite partes aduerse ». ¶ Item, cum Iulianus Apostata semel se signaret, fugerunt demones qui erant circa eum. Vnde cum quereret quare fugerent, dixerunt: propter signum Saluatoris; quapropter postea Saluatoris in membris suis persequi non cessauit quia Domini sui signaculum crucis terribili fugerunt.	Segundo, como se gloria o príncipe no terribilíssimo estandarte; pois aquele que tivesse tal estandarte que, sempre que fosse erguido em campo, incutisse a fuga nos inimigos, muito se glorificaria nele. Deste se diz (VI): Avançam os estandartes do rei: brilha o mistério da cruz, pelo qual a carne é incorporada à carne, erguido é o patíbulo. Eis a cruz do Senhor, fugi inimigos (VII). Como o apóstata Juliano marcasse em si o sinal da cruz, os demónios que estavam em torno dele fugiram. Quando ele perguntou porque fugiam, eles disseram: Por causa do sinal do Salvador. Por isso, depois, o sinal do Salvador não cessou nos seus membros perseguidos, porque fugiam aterrorizados da cruz do seu Senhor.
				V	Ap 6,2.	Tercio, sicut gloriatur preliaturus in gladio probatissimo. Ambrosius (VIII): « Video quid egeris diabole, ut gladius quo peremtus es, obstrueretur; promatur gladius quo ueri golie caput est amputatum, aperiatur humus ut salus surgat; quid egisti diabole? ut absconderes lignum crucis, nisi ut iterum uinceretis? » [...]	Terceiro, como se gloria no afiadíssimo gládio aquele que haverá de combater. Ambrósio (VIII): Vejo o que fizeste-te, diabo, para travar o gládio pelo qual foste destruído; para tirar o gládio pelo qual a cabeça de Golias foi cortada, para abrir a terra logo que surja a salvação; o que fizeste diabo? para quê esconderes o madeiro da cruz, senão para vences de novo [...]
				VI	BOP, In Exalt. S. Crucis, In I Vesperis, Dominica I Passionis, Ad I Vesperas, Hymnus.	[...] Hic de Vº rectoribus aliquid perstringamus, horum: Primus est rector omnium creaturarum; iste est Deus. [...]	[...] Elaboremos aqui brevemente sobre outros cinco governantes, dos quais: O primeiro é governante de todas as criaturas; este é Deus. [...]
				VII	BOP, In Exaltatione S. Crucis, Ad Matutinum, In II Nocturno, Resp. IV.		
				VIII	AMBR., DOT, 73, 44, 394, PL 16, 1400A/B.		
330	1º sermão da festa de São Cornélio	Os governantes	Dilatatio				

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾
330 (Cont.)	1º sermão da festa de São Cornélio (Cont.)	Os governantes (Cont.)	Dilatatio (Cont.)	I	Ef 6,11-12.	Secundus, tenebrarum, id est, peccatorum; iste est diabolus et angeli eius. Ephe VI, d, [11-12] (I): <i>Induite uos armaturam dei</i> , etc. [ut possitis stare adversus insidias diaboli. Quoniam non est nobis colluctatio adversus carnem et sanguinem, sed adversus principes et potestates, adversus mundi] usque rectores tenebrarum.
				II	AGOST., EP, salmo 76, parte 7, PL 36, 975.	Augustinus (II): «adversus rectores mundi, id est, adversus diabolum et angelos eius, quos rectores mundi dicit, quia ipsi regunt dilectores mundi, non enim regunt mundum qui constat ex celo et terra, sed mundum peccatores dicit, de quo alibi, Io XII, [I, b, 10]: <i>et mundus eum non cognovit</i> ; talem mundum illi regunt contra quos habemus perpetuas inimicicias, quia et quod patimur homines importunos illi faciunt, instigant enim et inflammant eos et tanquam uasa sua monent et uelut organa tangunt; contra eos uero habemus occultam luctam». [...]
341	1º sermão da festa de São Maurício e companheiros	O que deve dar ou atribuir ao Príncipe	Dilatatio	I	E. LUGD., PMA, II 281/2.	Reddite que sunt Cesaris Cesari et que sunt Dei Deo. Mt XXII, [21]. Hoc dominicum uerbum eleganter impleuit legio Thebeorum. Notandum uero quod tres sunt Thebe: Prima, in Grecia, a qua thebei ¶ IIª, in Iudea, a qua Helyas tesbites; Tercia, in Egipto, unde fuit beatus Mauricius cum legione Thebeorum, quorum hodie sollemnia celebramus; horum hystoria talis est (I): « Dioclecianus cum ad imperium totius orbis fuisset electus, ad consortium imperii uel laboris olim sibi commilitonem herculium Maximianum Cesarem fecit, eumque contra quosdam ad Galias destinavit. In cuius exercitu legionem Thebeam ire precepit, que legio VI milia DC^{ti} LX^a VI^{ex} uiros ualidos continebat. Erat autem Maximianus ¶ ydolorum cultor precipuus ¶ animo ferus ¶ auaricia anxius ¶ libidine deditus, opere crudelis, ceterisque uiciis obsessus potestatem imperialem nimia crudelitate polluerat. Transcensis igitur Alpibus Octodorum uenit, ibique sacrificaturus ydolis, iussit exercitum conuenire, atroci proposita iussione, ut per aras demonibus consecratas iurarent, christianos uero uelut inimicos deorum suorum ab omnibus persequendos; hoc autem cum ad legionis Thebee noticiam peruenisset, transiuit opidum Octodorum per VIII^o miliaria, ut necessitatem committendi sacrilegium preterirent, quod cum Cesar audisset, furore repletus, misit post eos satellites, qui ipsos ad »
						O segundo, das trevas, isto é, dos pecadores; este é o diabo e os anjos dele. <i>Revesti-vos da armadura de Deus, para terdes a capacidade de vos manterdes de pé contra as maquinações do diabo. Porque não é contra os seres humanos que temos de lutar, mas contra os Principados, as Autoridades, os Dominadores deste mundo de trevas, e contra os espíritos do mal que estão nos céus</i> (I). Agostinho (II): Contra os governantes do mundo, isto é, contra o diabo e os seus anjos, que se chamam governantes do mundo, porque os próprios governam os amantes do mundo; não governam o mundo que consta do céu e da terra, mas o mundo dos pecadores, sobre o qual se fala em no Evangelho segundo João: <i>e o mundo não o conheceu</i> ; tal mundo governam eles, contra os quais temos inimizades eternas, porque o que sofremos são eles que inspiram aos homens perigosos, instigando-os e inflamando-os. E aconselham-nos como se fossem os seus vasos, e dirigem-nos como instrumentos. Levamos contra eles uma verdadeira luta oculta. [...]
						Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus. A legião tebana cumpriu devidamente este comando. Deve-se notar que existem três Tebas: a primeira, na Grécia, de onde vêm os tebanos; a segunda, na Judeia, de onde vem Helias, o tesbita; a terceira, no Egito, de onde foi o bem-aventurado Maurício com a sua legião tebana, cuja solenidade celebramos hoje. A história destes é a seguinte (I): Depois de Diocleciano ter sido eleito para o governo de todo o mundo, nomeou para o consórcio do poder ou do cargo Maximiano César, seu anterior comilitão, e destacou-o para as Gálias contra uns quantos. No exército dele mandou ir a legião tebana, que continha seis mil seiscientos e sessenta e seis homens aptos. Maximiano era então um ferveroso adorador dos ídolos, feroz no temperamento, cheio de avareza, devotado à luxúria, aos trabalhos cruéis e, cercado por outros vícios, manchara com demasiada crueldade o poder imperial. Atravessados os Alpes, veio para Octoduro, e aí haveria de sacrificar aos ídolos. Mandou o exército reunir, tendo notificado os seus homens da abominável ordem de jurarem, sobre os altares consagrados aos demónios, os cristãos como inimigos dos seus deuses que deviam ser por todos perseguidos. Quando esta notícia chegou à legião tebana, esta foi além da cidade de Octoduro oito milhas, para evitarem a obrigação de cometer

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾
341 (Cont.)	1º sermão da festa de São Maurício e companheiros (Cont.)	O que deve dar ou atribuir ao Príncipe (Cont.)	Dilatatio (Cont.)			sacramentorum suorum sacrilegia reuocarent. Erat autem in legione primicerius Mauricius et signifier Exuperius et Candidus senator; hii miti affatu responderunt ob hoc transgressos se Octodorum, quod iam fama sacrificiorum ad eos peruenerat, nec fas sibi uisum esse ut demonum aris christiani contaminarentur, Deum uiuum se colere et imperatori obedire ad hostium reipublice debellationem, non ad ydolorum immolationem». Euangelici namque precepti sub armis custodes reddebant que Dei erant, et que Cesaris Cesari restituebant; dicit ergo: <i>Reddite</i> , etc. Videamus igitur que sunt Cesaris, siue principis, et que Dei, ut cuilibet sua reddere festinemus. Itaque principi uel regi debemus reddere:
				II	Rm 13, 4.	Primo, orationem. [...] Secundo, subiectionem. [...] Tercio, honorem. [...] Quarto, timorem. Ro XIII, [a, 4] (II): si male feceris time, non enim sine causa gladium portat. Vº, tributum. [...] ¶ Dei autem et creatoris nostri sunt hec que ei reddere debemus: Primo, terra cum suis. [...] Secundo, celum cum suis. [...] Tercio, aer cum suis. [...] Quarto, aqua cum suis. [...] Vº, salus corporalis et spiritualis. [...] VIº, corpus et anima. [...] VIIº, dies et nox. [...]
342	2º sermão da festa de São Maurício e companheiros	As armadilhas da perdição	Exordium	I	Sir 27,29.	sacrilégio. Quando César ouviu isto, cheio de fúria, enviou atrás deles guardas imperiais, que os chamassem para os seus sacramentos sacrílegos. Nessa legião o primicério chamava-se Maurício, o signífero Exupério e o senador Candido. Estes responderam humildemente que tinham ido além de Octoduro porque já tinha chegado até eles o rumor dos sacrifícios, que não achavam certo que os cristãos fossem contaminados nos altares dos demónios, que adoravam para si o Deus vivo e que obedeciam ao imperador para derrota dos inimigos da república, não para imolação dos ídolos. Guardados debaixo de armas, devolviam os preceitos evangélicos que eram de Deus, e restituíam a César o que era de César. Diz, portanto: <i>Dá</i> , etc. Vejamos, portanto, o que é de César, ou do príncipe, e o que é de Deus, para que, desse modo, possamos dar a cada um o que lhe pertence. Portanto, devemos dar ao príncipe ou ao rei: Primeiro, interceder a Deus por ele. [...] Segundo, obediência. [...] Terceiro, honrá-lo. [...] Quarto, respeitá-lo. Se fazes o mal, então debes ter medo, pois para alguma coisa ele traz a espada (II). Quinto, pagar os impostos. [...] A Deus e nosso criador são estas as coisas que lhe devemos dar: Primeiro, os seres que vivem na terra. [...] Segundo, os seres que vivem no céu. [...] Terceiro, os seres que vivem debaixo do céu. [...] Quarto, os seres que vivem na água. [...] Quinto, a saúde corporal e espiritual. [...] Sexto, o corpo e a alma. [...] Sétimo, o dia e a noite. [...]
			Dilatatio	II	E. LUGD., PMA, II, 283.	Aqueles que se alegram com a dor dos piedosos, perecerão na armadilha, e a dor os consumirá ainda vivos (I).
						A culpa e a punição de Maximiano César encontram-se suficientemente descritas nestas palavras. A história, porém, continua da seguinte forma (II): Quando Maximiano César ouviu que a Legião Tebana não desejava regressar a Octoduro para cometer sacrilégios, enfurecido, ordenou que a sorte funesta entregasse à morte cada décimo homem. Porque a legião tinha seis mil seiscientos e sessenta e seis soldados, a décima parte que ordenou matar equivale a seiscientos e sessenta e seis. Mas os próprios ofereceram com alegria os pescoços aos sicários e a

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾
342 (Cont.)	2º sermão da festa de São Maurício e companheiros (Cont.)	As armadilhas da perdição (Cont.)	Dilatatio (Cont.)			pulcrum ¶ et efficacem sermonem fecit commilitones suos ad martirii gloriam exhortando; legio igitur leta prebet assensum et hec Cesari per satellites nuntiantur, scilicet, legionem nolle aliquatenus redire; qui inclementi precepit iussione ut decimum iterum renouare crudelitatis ordo confirmeret. Igitur crudelia precepta peraguntur reliquis ut Octodorum redeant iubetur. Tunc beatus Exuperius ¶ longum ¶ pulcrum ¶ et efficacem sermonem fecit, sicut beatus Mauricius, exhortans socios ad martirium preciosum et legio prebet assensum, nec uult aliquatenus remeare. Iratus igitur Cesar precepit de tanto exercitu nullum penitus derelinqui laniatur itaque grex dominicus ¶ nec ualitudine ¶ nec multitudine ¶ nec armis se defendit, solum reminiscens se illum confiteri, qui nec reclamando ad occisionem ductus est et quasi agnus non aperuit os suum; fluxerunt tunc preciosi sanguinis riui, que nequam rabies absque bello tantam humanorum corporum stragem dedit que feritas ex sententia sua tot simul perire uel reos ferire iussit. Ne iussi punirentur, id est, multitudo non obtinuit, cum multum esse soleat, quod multitudo derelinquit, peracta tandem cede in percussores sanctorum preda diuiditur et ad epulandum uictrix turba gaudens et exultans consedit; sed audiamus quod inde Maximianus progressus exitum consecutus sit. Cum dispositis insidiis genero suo Constantino, tunc regnum tenenti mortem moliretur, deprehenso dolo illius apud Maxiliam captus, nec multo post strangulatus tetrismoque suplicio affectus, impiam uitam digna morte finiuit»; bene itaque dicitur: <i>laqueo</i>, etc.; patet hic quod duplici contritione conterentur qui de iustorum casibus iocundantur, scilicet ¶ primo, in presenti, de qua hic: <i>dolor autem consumet illos antequam moriantur</i> ¶ IIº, in futuro, de qua dicit hic: <i>laqueo peribunt qui oblectantur casu iustorum</i>. Vt enim pertrahat eos diabolus ad laqueum gehenne ¶ primo, stringit eos laqueo multiplicis culpe, scilicet: única contenda entre eles foi por serem os primeiros a alcançar o fim glorioso da morte. E, consumado o crime, a legião recebeu a ordem de regressar a Octoduro. Então, o bem-aventurado Maurício proferiu um discurso longo, belo e eficaz, exortando os seus comilitões à glória do martírio. A legião, jubilosa, dá o consentimento, e estas coisas, ou seja, que de modo algum a legião deseja regressar, são comunicadas por intermédio de emissários ao César. Este, inclemente, ordenou que uma segunda vez o método da crueldade fizesse morrer um em cada dez homens. Os cruéis preceitos são, portanto, executados e aos restantes é ordenado que regressem a Octoduro. Então, o bem-aventurado Exupério proferiu um discurso longo, belo e eficaz, como o bem-aventurado Maurício, exortando os companheiros ao precioso martírio. E a legião dá o consentimento, e não deseja de modo algum regressar. Portanto, irado, César ordenou que de tão grande exército nenhum homem fosse poupado. O rebanho do Senhor não se defende nem pela força, nem pela multidão, nem pelas armas, lembrando-se apenas de confessar aquele foi conduzido para a morte sem protestar, e, como o cordeiro, não abriu a sua boca. Correram então preciosos rios de sangue, e nem a inútil fúria da guerra causou tamanho massacre dos corpos humanos e a ferocidade da sua sentença mandou morrer ou atingir ao mesmo tempo tantos acusados. Para que fossem punidos como ordenado, a multidão de sicários cercou a legião, e a todos matou todos sem a menor distinção. Terminado, enfim, o massacre dos santos, o espólio é dividido pelos sicários e a vitoriosa turba, jubilosa e exultante, retira-se para celebrar. Mas ouçamos agora qual foi o fim obtido por Maximiano. Quando planeava, com insídias bem tramadas, a morte ao seu genro, Constantino, que então possuía o reino, descoberto junto daquele o dolo, Maximiliano, capturado, e não muito depois estrangulado e afligido por um terrível suplício, terminou com uma morte merecida a sua vida impia. E, assim, com razão se diz <i>armadilha</i>, etc. Aqui fica claro que aqueles que se alegram com os infortúnios dos justos são aprisionados por uma dupla constrição: primeiro, no presente, sobre a qual se diz isto: <i>e a dor os consumirá ainda vivos</i>; segundo, no futuro, sobre a qual se diz isto: <i>Aqueles que se alegram com a dor dos piedosos, perecerão na armadilha</i>. Para os arrastar para

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾	
342 (Cont.)	2º sermão da festa de São Maurício e companheiros (Cont.)	As armadilhas da perdição (Cont.)	Dilatatio (Cont.)			Primo, luxurie. [...] Secundo, auaricie. Isti laquei sunt ¶ primo, periurium ¶ IIº, rapina ¶ IIIº, furtum ¶ IIIIº, fraus et huiusmodi. [...] Tercio, superbie. [...] Quarto, adulationis false. [...] Vº, mali exempli seu conuersionis. [...] VIº, heretice deceptionis. [...] VIIº, eterne dampnationis. [...]	a armadilha da geena, o diabo, primeiro, aperta-os com a armadilha das múltiplas culpas, a saber: Primeiro, com a luxúria. [...] Segundo, com a avareza. Estas armadilhas são: primeiro, o perjúrio; segundo, a rapina; terceiro, o furto; quarto, a fraude e coisas semelhantes. [...] Terceiro, com a soberba. [...] Quarto, com a falsa adulação. [...] Quinto, com o mau exemplo ou a má vida. [...] Sexto, com a decepção herética. [...] Sétimo, com a eterna condenação. [...]
343	1º sermão da festa de São Cosme e São Damião	O abandono de Deus leva à condenação eterna	Exordium	I	3 Is 65,11-12.	<i>Vos qui dereliquistis Dominum, etc. [qui oblití estis montem sanctum meum, qui ponitis Fortunae mensam et libatis super eam, numerabo vos] usque in gladio. Ys LXV, c, [11-12] (I).</i>	<i>Quanto a vós, que abandonaste o Senhor, vos esqueceste do meu monte santo, que preparastes as mesas e enchestes as taças a Gad e a Meni, deuses do destino, vou destinar-vos à espada (I).</i>
			Dilatatio	II	1 Is 27,1.	[...] et contra quem bene hic dicitur: <i>Vos qui dereliquistis, etc.</i> IIIIº describit per prophetam Dominus in hiis uerbis, scilicet, tres culpas et unam penam; describit enim: Primo, Dei derelictio [...] Secundo, bonorum celestium et spiritualium obliuio [...] Tercio, ydolatrie executio [...] Quarto, eterna dampnatio, ibi, <i>numerabo uos in gladio.</i> Ys XXVII, a, [1] (II): <i>In die illa uisitabit dominus, etc. [in gladio suo duro, et grandi, et forti, super Leviathan, serpentem vectem, et super Leviathan, serpentem tortuosum, et occidet cetum que] usque in mari est.</i>	[...] E contra quem bem diz aqui: <i>Vós que me abandonaste, etc.</i> Quatro coisas descreve o Senhor pelo profeta nas suas palavras, a saber, três culpas e uma pena; descreve, efetivamente: Primeiro, o abandono de Deus [...] Segundo, o esquecimento dos bens celestes e espirituais [...] Terceiro, a execução da idolatria [...] Quarto, a danação eterna, daí, <i>vou destinar-vos à espada.</i> <i>Naquele dia o Senhor ferirá com o seu gládio duro, grande e forte o monstro Leviatan, serpente sinuosa, o monstro Leviatan, serpente fugidia, e matará esse dragão do mar (II).</i>
345	1º sermão da festa de São Miguel Arcanjo	A hierarquia celeste	Exordium	I	Gn 32,2.	[Thema] <i>Castra Dei sunt hec.</i> Ge XXXII, a, [2] (I).	<i>São estes os acampamentos de Deus (I).</i>
			Dilatatio			[...] Hodie festum est angelorum et etiam fratrum Cisterciensium, Predicatorum et Minorum, et quorumlibet aliorum religiosorum, quibus omnibus bene congruunt hec uerba patriarche Iacob quibus ait: <i>castra</i>, etc. Ipse enim presentes angelos uidens et futuros Cistercienses, Predicadores, Minores et quoslibet alios religiosos, prophetando quasi digito ostendens dixit: <i>castra</i>, etc.; hec ergo auctoritas, angelos, quasi fons copiosus ebulliens et redundans de medio paradisi, id est, diuini eloquii, deriuatur in IIIIº riuulos, quorum ¶ primus est sensus hystoricus ¶ IIº^{us}, allegoricus ¶ IIIº^{us}, tropologicus, id est, moralis ¶ IIIIº^{us}, anagogicus. Igitur ¶ primo <i>hystorice</i>, <i>castra Dei</i> dicuntur illi exercitus angelorum, qui tunc Iacob apparuerunt, dum enim // Iacob sicut dicitur Ge XXXI, a, [1-55], de Mesopotâmia ad patrem suum ex mandato Domini rediret et fratris sui Esau, cui primogenita et benedictionem subriperat, timore	[...] A festa de hoje é dos anjos e também dos irmãos Cistercienses, Pregadores e Menores, e de quaisquer outros religiosos, aos quais bem se aplicam estas palavras do patriarca Jacob, nas quais diz: <i>os acampamentos</i>, etc. O próprio, de facto, vendo os presentes anjos e os futuros Cistercienses, Pregadores, Franciscanos e quaisquer outros religiosos, disse profetizando, como apontando o dedo: <i>os acampamentos</i>, etc.; esta autoridade, os anjos, como copiosa fonte borbulhando e transbordando do meio do paraíso, isto é, da palavra divina, resultam em quatro rios dos quais: o primeiro, é o sentido histórico; o segundo, o alegórico; o terceiro, o tropológico, isto é o moral; e o quarto, o anagógico. Portanto, primeiro, no sentido histórico, os <i>acampamentos de Deus</i> chamam-se aqueles exércitos de anjos que então apareceram a Jacob, enquanto Jacob, como diz no Génesis, regressava a mando do Senhor da Mesopotâmia para o seu pai e para o seu irmão Esaú, cuja

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾
345 (Cont.)	1º sermão da festa de São Miguel Arcanjo (Cont.)	A hierarquia celeste (Cont.)	Dilatatio (Cont.)	II	2 Rs 6,14-17.	nimio trepidaret et Deum, ut se de manu eius erueret, suppliciter exoraret dicens, Ge XXXII, c, [11]: <i>erue me de manu fratris mei, quia ualde eum timebo</i>; aparuerunt ei exercitus angelorum parati ad tria ¶ primo, ad confortandum ¶ IIº, ad auxiliandum ¶ IIIº, ad liberandum; quibus ille uisis, iam ¶ primo confortatus ¶ IIº, securus effectus ¶ IIIº, exhilaratus, ait: <i>castra</i>, etc., quasi diceret, Ps CXVII, [a, 6]: <i>Dominus michi adiutor non timebo quid faciat michi homo</i>. Angeli autem dicuntur <i>castra</i>: Primo, propter custodiam et deffensionem ciuium, id est, fidelium hominum; dicitur enim IIIº Reg VI, c, [14-17] (II), quod misit Benedab rex Sirie ut caperent Helyseum qui cum uenissent nocte, etc. [circumdederunt civitatem. Consurgens autem0 diluculo minister uiri Dei, egressus est, viditque exercitum in circuitu civitatis, et equos, et currus; nuntiavitque ei dicens: Eheu! eheu! domine mi, quid faciemus? At ille respondit: Noli timere; plures enim nobiscum sunt, quam cum illis. Cumque orasset Heliseus, ait: Domine, aperi oculos huius, ut videat. Et aperuit Dominus oculos pueri, et vidit, et ecce mons plenus equorum et curruum igneorum] usque in circuitu Helyse; hii sunt exercitus angelorum custodientium Helyseum. [...] Secundo, propter debellationem hostium, id est, demonum et malorum hominum. Apo XII, [b, 7-8] (III): factum est prelium magnum, etc. [<i>in caelo, Michael et angeli eius proeliabantur cum dracone, et draco pugnabat et angeli eius; et non valuerunt, neque locus inventus est eorum amplius</i>] usque <i>in celo</i>. Iob XXV, [a, 3] (IV): Numquid est numerus militum eius; hic dicit Gregorius (V): «Angelicos spiritus recte Dei milites dicimus, quia certare eos contra potestates aerias non ignoramus; que tamen certamine non labore sed imperio peragunt, quoniam quicquid agendo contra inimicos spiritus appetunt, ex adiutorio cuncti potentis possunt». Ys XXXVII, [g, 36] (VI): egressus angelus Domini, percussit in castris Assiriorum CLXXXº Vº milia; hanc autem debellationem perficient in die iudicii, Mt XIII, f, [41-42]: <i>mittet Filius hominis, etc. [angelos suos, et colligent de regno eius omnia scandala, et eos qui faciunt iniquitatem, et mittent eos in caminum ignis. Ibi erit fletus et] usque stridor dentium</i>. Item eodem [XIII, f, 49]: <i>exibunt angeli et separabunt malos de medio iustorum</i>. Tercio, propter continuum sui imperatoris obsequium. Dan VII, [c, 10]: <i>milia milium</i>, etc. [<i>ministrabant ei, et decies</i>
				III	Ap 12,7-8.	primogenitura e benção roubara, e tremia com enorme temor a Deus, pois implorava para libertar-se da mão dele: <i>Salva-me, por favor, da mão do meu irmão Esaú, pois temo que ele me ataque</i>. Apareceram-lhe os exércitos de anjos preparados para três propósitos: primeiro, para consolar; segundo, para auxiliar; terceiro, para libertar. Com os quais já ele estava: primeiro, consolado; segundo, a sentir-se seguro; terceiro, alegrado. Diz: <i>acampamentos</i>, etc., como dissesse: <i>O Senhor é o meu protetor; não temo o que me possam fazer os homens</i>. Os anjos chamam-se <i>acampamentos</i>: Primeiro, por causa da guarda e defesa da cidade, isto é, da fé dos homens; diz, de facto, no Livro dos Reis (II), que o rei da Síria, Benedab enviou para capturarem Eliseu cavalos, carros e as melhores tropas, que chegaram de noite e cercaram a cidade. Na manhã seguinte, o criado do homem de Deus, saindo cedo, viu o exército que cercava a cidade com cavalos e carros. E aquele servo disse a Eliseu: Ah!, meu senhor, que vamos fazer agora? Eliseu respondeu-lhe: Não temas! Aqueles que estão conosco são mais numerosos do que os que estão com eles.» Eliseu, depois de fazer uma oração, disse: «Senhor, abre-lhe os olhos para que veja. O Senhor abriu os olhos do Servo e ele viu o monte repleto de cavalos e carros de fogo, em redor de Eliseu. Estes são os exércitos de anjos que guardam Eliseu. [...] Segundo, por causa da derrota dos inimigos, ou seja, dos demónios e dos homens maus. Depois, travou-se uma batalha no céu: Miguel e os seus anjos declararam guerra ao Dragão. O Dragão e os seus anjos combateram, mas não resistiram. E nunca mais encontraram lugar no céu (III). Alguém pode contar o número das suas legiões (IV)? São Gregório diz o seguinte (V): Bem chamamos aos espíritos angelicais soldados de Deus, porque não ignoramos que combatem contra as potestades aéreas. No entanto, eles não executam esse combate pelo esforço, mas pelo poder, porque o que quer que busquem fazer contra os espíritos inimigos, podem realizar com a ajuda do todo-poderoso. Veio o anjo do Senhor e matou no campo dos assírios cento e oitenta mil homens (VI). Terminam esta derrota no dia do juízo: <i>O Filho do Homem enviará os seus anjos, que hão-de tirar do seu Reino todos os escandalosos e todos quantos praticam a iniquidade, e lançá-los na fornalha ardente; ali haverá choro e ranger de dentes. Sairão os anjos e separarão os maus do meio dos justos.</i>
				IV	Jb 25,3.	
				V	P. LOMB., SLQ, 1, 37, c. 1, PL 192, 621; STRAB., ICC, PL 113, 1157C.	
				VI	Is 37,36.	

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾
345 (Cont.)	1º sermão da festa de São Miguel Arcanjo (Cont.)	A hierarquia celeste (Cont.)	Dilatatio (Cont.)			<i>milies centena milia</i>] usque <i>assistebant ei</i> . Glo (VII): « hec sunt milia et hoc decies milia centena de quibus in psalmo LXVII, d, [18]: <i>currus dei decem milibus multiplex milia letantium; Dominus in eis in syna sancto</i>». IIIº Reg XXII, c, [19] (VIII): <i>Vidi Dominum</i> , etc. [<i>sedentem super solium suum, et omnem exercitum caeli adsistentem ei a dextris et</i>] usque <i>a sinistris</i> . Ys [LXII, c, 6] (IX): <i>super muros tuos Ierusalem</i> , etc. [<i>constitui custodes; tota die et tota nocte perpetuo non tacebunt. Qui</i>] usque <i>reminiscimini Domini</i> ; ecce continuum obsequium Dei dicuntur: Primo, creatione. [...]
				VII	Glo. Ord., Dn 7,10.	Terceiro, por causa da contínuo serviço do seu Senhor. <i>Mil milhares o serviam, dez mil miríades lhe assistiam.</i> Estes são os milhares e estas as dez mil miríades de que se fala no Salmo 57: <i>Os carros do Senhor são milhares de milhares; o Senhor vai neles do Sinai para o santuário (VII). Eu vi o Senhor sentado no seu trono, rodeado de todo o exército celeste à sua direita e à sua esquerda (VIII). Sobre as tuas muralhas, ó Jerusalém, Eu pus sentinelas, que nem de dia nem de noite deixaram de repetir: Vós, os que tudo recordais ao Senhor, não repouseis (IX)!</i> eis que o contínuo serviço de Deus chama-se:
				VIII	1 Sm 22,19.	Primeiro, criação. [...]
				IX	Is 62,6.	Quarto, confirmação da vontade; do mesmo modo dizemos na “oração dominical” <i>seja feita a vontade no céu</i> , ou seja, nos anjos, que conformam toda a sua vontade com a vontade divina; <i>e na terra</i> , isto é, em nós terrenos. <i>Bendizei o Senhor, todo o seu exército de astros, que sois seus servos e executores da sua vontade.</i> Bem se chamam “acampamentos” no plural, por causa da quantidade. Alguém pode contar o número das suas legiões (X)? São nove ordens, como nove fileiras, ordenadas em três hierarquias, como em três acampamentos, que segundo Dionísio, se chamam: A primeira, epifania; [...]
				X	Jb 25,3.	A segunda, hiperfania; [...]
				XI	Ct 6,9.	A terceira, hipofania [...]

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾
345 (Cont.)	1º sermão da festa de São Miguel Arcanjo (Cont.)	A hierarquia celeste (Cont.)	Dilatatio (Cont.)		Primo, Seraphim; adaptatur acies contemplatiuorum, qui diuino amore ardent et ceteros accendunt. Secundo, Cherubim; adaptatur acies doctorum, qui pleni sunt diuina scientia et alios scientiam docent. Tercio, Tronis; adaptatur acies confessorum, de quibus Dominus profert sententias absolviendo reos seu penitentes. Quarto, Dominationibus; adaptatur acies abbatum, priorum, qui exemplo bono docent alios dominari. Vº, Principatibus; adaptatur acies subpriorum et aliorum obedientialium, ut sunt cellerarii et alii qui docent subditos reuereri prelatos. VIº, Potestatibus; adaptatur acies magistrorum nouitiorum, quia eos orationibus consolationibus rationibus contra temptationes demonum protegent et qualiter ipsis resistent instruunt. VIIº, Virtutibus; adaptatur acies illorum quibus Deus concessit gratiam miraculorum ut beato Benedicto, Roberto, Bernardo, beato Dominico, Francisco, Antonio et aliis multis. VIIIº, Archangelis; adaptatur acies omnium aliorum subpeditorum et specialiter generalium Predicatorum. IXº, Angelis; adaptatur fratrum uisitorum; dicuntur etiam congregationes fratrum <i>castra Dei</i>, quia ¶ orando ¶ uigilando ¶ studendo ¶ publice predicando ¶ secreto admonendo, localiter discurrendo, pugnant pro patria, id est, Ordine et Ecclesia: Primo, defendendis, uel defendenda ecclesia singulariter. Iudit XVI, d, [3-4] (XII): Deus conterens bella, etc. [Dominus nomen est illi. Qui posuit castra sua in medio populi sui, ut eriperet nos de manu omnium] usque inimicorum nostrorum. Za IX, [8] (XIII): circumdabam tronum uel domum meam ex hiis qui militant michi euntes et reuertentes. Secundo, dilatandis, sicut promissum est eis. [...]	verdadeiramente, os outros fiéis, fortalecidos por eles, digam: <i>Estes são os acampamentos de Deus</i>. Assim como nos acampamentos dos anjos existem nove ordens ou fileiras, assim nos acampamentos dos religiosos acima referidos existem nove distinções de irmãos que lhes correspondem convenientemente: Primeiro, aos Serafins; correspondem as fileiras dos contemplativos, que ardem de amor divino e inflamam os outros. Segundo, aos Querubins; correspondem as fileiras dos doutores, que são plenos de divino conhecimento e o ensinam aos outros. Terceiro, aos Tronos; correspondem as fileiras dos confessores, pelos quais o Senhor profere sentenças, absolvendo os penitentes. Quarto, às Dominações; correspondem as fileiras dos abades ou priores, que pelo bom exemplo ensinam os outros a dominar-se. Quinto, aos Principados; correspondem as fileiras dos sub-priores e outros que lhes devem obediência, como são os mestres de ofícios e outros que ensinam os subordinados a reverenciar os prelados. Sexto, às Potestades; correspondem as fileiras dos mestres de noviços, porque pelas suas orações, pelos bons conselhos e por outras razões, protegem contra as tentações dos demónios e instruem sobre como resistir-lhes. Sétimo, às Virtudes; correspondem as fileiras daqueles religiosos a quem Deus concedeu a graça dos milagres, como São Bento, São Roberto, São Bernardo, o bem-aventurado Domingos, São Francisco, Santo António, e muitos outros. Oitavo, aos Arcanjos; correspondem as fileiras dos detentores da mais alta autoridade, e especialmente os Superiores Gerais da Ordem dos Pregadores. Nono, aos Anjos; correspondem fileiras dos irmãos visitadores; chamam-se também acampamentos de Deus às congregações de frades, porque orando, fazendo vigílias, estudando, pregando publicamente, advertindo em privado, percorrendo os caminhos, lutam pela pátria, quer dizer, pela Ordem e pela Igreja: Primeiro, defendendo-as ou defendendo a Igreja individualmente. Porque Deus é o Senhor que esmaga as guerras, porque me reconduziu ao seu acampamento, no meio do povo e me arrancou às mãos dos meus perseguidores (XII). Colocar-me-ei junto da minha casa, como uma sentinela contra os vadios (XIII).
				XII	Jdt 16,3-4.	

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾
345 (Cont.)	1º sermão da festa de São Miguel Arcanjo (Cont.)	A hierarquia celeste (Cont.)	Dilatatio (Cont.)	XIII	Zc 9,8.	Tercio, ditandis. Vnde quidam de predicatoribus uel prelati, scilicet, Paulus ait IIª Cor VI, [c, 10]: <i>sicut agentes multos autem locupletantes</i> : - Primo, hostium subiugatione. IIª Cor X, a, [3-6] (XIV): <i>In carne ambulantes</i> , etc. [<i>non secundum carnem militamus. Nam arma militiae nostrae non carnalia sed potentia Deo ad destructionem munitionum consilia destruentes, et omnem altitudinem extollentem se aduersus scientiam Dei, et in captiuitatem redigentes omnem intellectum in obsequium Christi, et in promptu habentes ulcisci omnem inoboedientiam, cum impleta fuerit</i>] usque <i>uestra obedientia</i> . Orígenes (XV): «puto sane quod sancti repugnantes aduersus istos incentores uiciorum, et uincentes minuant exercitum demonum, uelut quam plurimos eorum interimant: nec ultra fas sit illi spiritui qui ab aliquo sancte, caste et pudice uiuendo uictus est alium hominem impugnare; hoc putant quidam intelligendum tantum de illo uitio in quo superatus est, ut si de superbia aliquem uirum sanctum temptat et uincitur, ulterius non liceat ei illum uel alium de superbia temptare». Iud V, e, [20] (XVI): <i>stelle manentes</i> , etc. [<i>in ordine de cursu suo, aduersum Sisaram</i>] usque <i>pugnauerunt</i> .
				XIV	2 Cor 10,3-6.	Segundo, aumentando-as, como lhes foi prometido. [...] Terceiro, enriquecendo-as. Daí o que Paulo diz sobre os pregadores ou prelados na Segunda Epístola aos Coríntios: <i>por pobres, nós que enriquecemos a muitos</i> : - Primeiro, com a subjugação dos inimigos. <i>Pois embora vivamos numa natureza frágil, não lutamos por motivos humanos. As armas do nosso combate não são de origem humana, mas, por Deus, são capazes de destruir fortalezas. Destruímos os sofismas e toda a altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus e cativamos todo o pensamento para o conduzir à obediência a Cristo. Estamos prontos a punir qualquer desobediência, quando a vossa obediência for completa</i> (XIV). Orígenes (XV): Penso que os santos, resistindo contra os incitadores dos vícios, e vencendo, diminuem o exército dos demónios, como se matassem muitos deles. E não mais é permitido a esse espírito que foi derrotado por alguém que viveu de forma santa, casta, e pudica, atacar outro ser humano. Alguns acham que isto se aplica apenas em relação ao vício no qual ele foi superado, ou seja, se ele tentar um homem santo com orgulho e for derrotado, não mais lhe será permitido tentar esse homem ou qualquer outro com o orgulho. <i>Dos céus combateram as estrelas, combateram das suas órbitas contra Sísera</i> (XVI).
				XV	P. LOMB., <i>SLQ</i> , 2, 6, C. 8, PL192, 664; ORIG., <i>ILJ</i> , hom. 15, 6. PG 12, 903C/D.	- Segundo, com a exaltação e imitação do seu Senhor. <i>Vi o céu</i> , isto é, a Igreja militante ou a religião, para quem desejar entrar, <i>e eis que apareceu um cavalo branco</i> , o corpo glorificado de Cristo. <i>O cavaleiro</i> , Deus, <i>chama-se “Justo e Verdadeiro”</i> . <i>Ele julga e combate com justiça</i> (XVII). E os exércitos celestes (XVIII), isto é, as congregações de pregadores e de religiosos, e também dos prelados e dos beatos que pertencem à Igreja, <i>seguiram-no montados em cavalos brancos</i> , isto é, em corpos castos, vestidos de linho branco e puro. - Terceiro, com a aquisição do melhor estipêndio, sobre o qual <i>Combati o bom combate, terminei a corrida, permaneci fiel. A partir de agora, já me aguarda a merecida coroa da justiça</i> (XIX). <i>Virá o dia em que o Senhor do universo será a coroa de glória e o diadema cintilante dos sobreviventes do seu povo: espírito de justiça para os que julgam no tribunal, e espírito de valentia para os que repelem o inimigo, diante das portas da cidade</i> (XX): Primeiro, da Instituição; pois o próprio [Cristo] reuniu e instituiu a primeira fileira de pregadores quando, como está escrito em Mateus: <i>Caminhando ao longo do mar</i>
				XVI	Is 5,20.	- Secundo, Domini sui exaltatione et imitatione. Apo XIX, d, [11] (XVII): <i>Vidi celum</i> , id est, Ecclesiam militantem uel religionem, <i>apertum</i> , ut intret quicumque uoluerit, <i>et ecce equus albus</i> , corpus Christi glorificatum, <i>et qui sedebat super eum</i> , scilicet, Deus, <i>uocabatur fidelis et uerax, et in iusticia iudicat et pugnat</i> ; et infra [XIX, c, 14] (XVIII): <i>et exercitus qui sunt in celo</i> , id est, congregationes predicatorum et religiosorum, ac etiam prelatorum beatorum qui sunt in ecclesia, <i>sequebatur eum in equis albis</i> , id est, corporibus castis, <i>uestiti bissinum album mundum</i> .
				XVII	Ap 19,11.	- Tercio, stipendii optimi acquisitione, de quo IIª Ti IIII, b, [7-8] (XIX): <i>bonum certamen</i> , etc. [<i>certavi, cursum consummavi, fidem servavi; in reliquo reposita est mihi corona</i>] usque <i>iusticie</i> . Ys XXVIII, b, [5-6]: (XX) <i>In die illa</i> nominabili, scilicet, iudicii, <i>erit Dominus corona glorie</i> , etc. [<i>et sertum exultationis residuo populi sui, et spiritus iudicii sedenti super iudicium, et fortitudo reuertentibus</i>] usque <i>de bello ad portam celi empirei</i> : Primo, Institutionis; ipse enim ipsam primam aciem predicatorum collegit et instituit quando, sicut dicitur [Mt III, c, 18-19]: <i>Ambulans iuxta mare galilee</i> , etc. [<i>vidit duos fratres, Simonem, qui vocatur Petrus, et Andream</i>]
				XVIII	Ap 19,14.	
				XIX	2 Tm 4,7-8.	
				XX	Is 28,5-6.	
				XXI	Jl 2,11.	

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾
345 (Cont.)	1º sermão da festa de São Miguel Arcanjo (Cont.)	A hierarquia celeste (Cont.)	Dilatatio (Cont.)			<i>fratrem eius, mittentes rete in mare: erant enim piscatores. Et ait illis:] usque uenite post me, quasi post ducem, ac si diceret: quod me uideritis facere, facite. Ioel II, [c, 11] (XXI): Dominus dedit uocem suam ante faciem exercitus sui; ipse enim prius predicauit quam apostoli, quia multa sunt nimis castra eius, etc. [quia fortia, et facientia] usque uerbum eius; quod autem illa die institutus fuit ordo Predicatorum, patet [...]</i>
				XXII	Lc 10,19.	Secundo, promissionis; [...] Tercio, armatoris. Ipse enim eos armauit quando armaturas ad capiendos homines eis tribuit, scilicet: . Primo, scientiam predicandi. ¶ IIº, gratiam miracula faciendi. . Tercio, demones subiugandi. Lu X, [d, 19] (XXII): ecce dedi uobis potestatem , etc. [<i>calcandi supra serpentes, et scorpiones, et supra omnem virtutem inimici; et nihil uobis</i>] usque nocebit . Quarto, promulgationis. Ipse enim promulgauit quando, sicut dicitur Lu X, a, [1]: <i>misit eos binos</i> , etc. [<i>ante faciem suam, in omnem civitatem et locum quo erat ipse</i>] usque <i>uenturus</i> . Vº, confirmationis. Ipse enim confirmauit quando in die pentecoste Spiritum Sanctum ad robur suis discipulis dedit, Ac II, a, [1-4]: [...] VIº, reformationis. Ipse enim per beatos Bernardum, Dominicum, Franciscum, predicatorum ordinem reformatu, quia iam deformatus erat et degenerauerat a statu prime sue institutionis. Tercio, tropologice, id est, moraliter; <i>castra Dei</i> dicuntur hee que in anima sunt multitudines uirtutum et spiritualium donorum. Beatissimus Bernardus (XXIII): « aduerte in sancta anima ¶ que uirtutum acies habeantur ¶ quanta in affectibus ordinatio ¶ quanta in moribus disciplina ¶ quanta in orationibus armatura ¶ quantum in actibus robur ¶ quantus in zelo terror ¶ quanta cum hostibus conflictuum assiduitas ¶ quanta triumphorum numerositas »; « puto nunc clamitare demonia, si contigerit incidere in talem animam sic armatam (XXIV). Exo XIII, [f, 25] (XXV): fugiamus Israel; quia Dominus pugnat pro ea ».
				XXIII	BERN., SCC. Sermo 39, parte 4, PL 183, 978D-979A.	da Galileia, etc. viu dois irmãos: Simão, chamado Pedro, e seu irmão André, que lançavam as redes ao mar, pois eram pescadores. Disse-lhes: Vinde comigo e eu farei de vós pescadores de homens, quase como se dissesse: “faz o que me vires fazer”. À frente ao seu exército, o Senhor faz ouvir a sua voz. Efetivamente, o próprio pregou antes que os apóstolos, porque são inúmeros os seus batalhões, poderoso, o executor da sua palavra (XXI). Que a Ordem dos Pregadores foi instituída naquele dia, é evidente [...] Segundo, da promessa. [...] Terceiro, do armeiro. Efetivamente, o próprio armou-os quando lhes deu as armas para capturar homens, a saber: . Primeiro, a ciência da pregação. Segundo, a graça de fazer milagres. . Terceiro, o poder para subjugar demónios. Olhai que vos dou poder para pisar aos pés serpentes e escorpiões e domínio sobre todo o poderio do inimigo; nada vos poderá causar dano (XXII). Quarto, da promulgação. Efetivamente, o próprio promulgou quando, como se diz em Lucas: <i>enviou-os dois a dois, à sua frente, a todas as cidades e lugares aonde Ele havia de ir</i> . Quinto, da confirmação. Efetivamente, o próprio confirmou, quando no dia do Pentecostes deu o Espírito Santo para força dos seus discípulos: [...] Sexto da reforma. Efetivamente, reformou a ordem dos pregadores, através dos bem-aventurados Bernardo, Domingos e Francisco, pois já estava deformada e degenerara do seu primeiro estado de instituição. Terceiro, no sentido tropológico, quer dizer, moral, os <i>acampamentos de Deus</i> são as multidões de virtudes e de dons espirituais que estão na alma. Beatíssimo Bernardo (XXIII): Considera que fileiras de virtudes existem numa alma santa, quanta ordem e regularidade nos seus afetos, quanta disciplina no uso de todas as suas faculdades, que arsenal de força nas suas orações, quanta resolução inabalável nas suas ações, quão formidável o seu zelo, quanta constância nos combates que sustém com o próprio inimigo das almas, e quão numerosos os triunfos que obtém sobre ele! Acredito que quando os demónios encontram tal alma, assim armada, eles choram (XXIV). Fugamos diante de Israel, porque o Senhor combate por eles (XXV). Quarto, no sentido anagógico, os acampamentos de Deus são todos os exércitos que já possuem o reino dos céus. [...]
				XXIV	BERN., SCC, sermo 39, parte 5, PL 183, 979C/D.	
				XXV	Ex 34,25.	

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾	
346	2º sermão da festa de São Miguel Arcanjo	Os ministérios dos anjos	Dilatatio	I	Is 37, 36.	Nonne omnes sunt administratorii spiritus? He I, g, [14]. Queritur in quibus angeli ministrant nobis; ministrant nobis [...] IXº, hostes expugnando. Ys XXXVII, [g, 36] (I): egressus est angelus, etc. [Domini, et percussit in castris Assyriorum] usque CLXXXª V milia. [...]	Não são todos eles espíritos encarregados de um ministério? Questiona-se em que nos ministram os anjos; ministram-nos [...] Nono, vencendo os inimigos. Veio o anjo do Senhor e matou no campo dos assírios cento e oitenta mil homens (I). [...]
347	3º sermão da festa de São Miguel Arcanjo	As missões dos anjos	Dilatatio	I	Js 5,13-14.	Facis angelos tuos spiritus et ministros tuos ignem urentem. Ps CIII, a, [4]. ‘Ignis urens’ dicitur Seraphim. Vnde satis patet per hoc quod angeli mittuntur; si quis queris ad quid? dicitur quod: [...] VIº, sanctam Ecclesiam custodiendo. Ios V, [13-14], dixit Iosue ad angelum euaginum habentem gladium: noster es an aduersariorum? etc. [Qui respondit: Nequaquam, sed sum princeps] usque exercitus Domini (I). [...]	Fazes dos ventos teus mensageiros e do fogo ardente teus ministros. “Fogo ardente” interpreta-se Serafim. É suficientemente evidente por isto que os anjos são enviados. Se questionado para quê? É dito que: [...] Sexto, para guardar a santa Igreja. Disse Josué para o anjo que tinha uma espada desembainhada: És um dos nossos ou nosso inimigo? Ele respondeu: Não, sou um dos príncipes dos exércitos do Senhor (I). [...]
351	1º sermão da festa de São Jerónimo	Os efeitos da inveja	Dilatatio	I	1 Sm 18,6-9.	[...] Hic uideamus aliqua de hiis que fuit inuidia operata et que cotidie operatur; hec igitur: [...] Vº, Dauid fugauit. Iº Reg XVIII, b, [6-9] (I): porro cum reuerteretur percusso Filisteo Dauid, etc. [egressae sunt mulieres de universis urbis Israhel, cantantes, chorosque ducentes in occursum Saul regis, in tympanis laetitiae, et in sistris, et praecinebant mulieres ludentes, atque dicentes: Percussit Saul mille, et David decem milia. Iratus est autem Saul nimis, et displicuit in oculis eius iste sermo, dixitque: Dederunt David decem milia, et mihi dederunt mille, quid ei superest nisi solum regnum. Non rectis ergo oculis Saul aspiciebat David] usque a die illa et deinceps: ecce inuidia. Item I Reg XIX, c, [9-10] (II): porro Dauid psallebat, etc. [in manu sua, nisque est Saul configere lancea David in pariete. Et declinavit David a facie Saul, lancea autem casso vulnere perlata est in parietem. Et David] usque aufugit et saluatus es: ecce fuga.	[...] Vejamos aqui algumas destas coisas que a inveja operou e opera quotidianamente: [...] Vº, a fuga de David. Ao regressar o exército, depois de David ter morto o filisteu, de todas as cidades de Israel as mulheres saíram ao encontro de Saul, cantando e dançando alegremente, ao som de tambores e címbalos. E, à medida que dançavam, cantavam em coro: Saul matou mil, mas Daid matou dez mil Saul irritou-se em extremo e ficou sumamente desgostoso por isso. E disse: Dão dez mil a David e a mil apenas mil! Só lhe falta a coroa! A partir daquele dia, não voltou a olhar para David com bons olhos (I): eis a inveja. Estava ele sentado em sua casa com a lança na mão e david tocava harpa. Saul intentou cravar David à parede com a lança, mas David desviou-se e a lança foi cravar-se na parede. David escapou e fugiu naquela mesma noite (II): eis a fuga.
				II	1 Sm 19,9-10.		
356	2º sermão da festa de São Francisco de Assis	As sete vias franciscanas	Dilatatio	I	CELAN., VP, parte 71, 18.	[...] Sunt igitur VII semite per quas Dominus Ihesus duxit beatum Franciscum et quas ipse suis sequentibus dereliquit et per quas poterant ad Christum peruenire sicut ipse peruenit, quarum: [...] Vº, uiriliter pugne. Vnde dicitur in uita eius (I): «In ecclesiis fratribus derelictis et in deserto positus solus ad orandum nocte pergebat in quibus diuina gratia protegente, multos timores multasque angustias superauit; manu ad manum cum diabolo conflitabat, cum in hiis locis non solum temptationibus ipsum pulsaret interius, uerum etiam exterius ruinis et subuersionibus deterreret; sed sciens fortissimus miles	[...] São, portanto, sete os caminhos pelos quais o Senhor Jesus guiou o bem-aventurado Francisco e que o próprio deixou para os seus seguidores, e pelos quais podiam chegar a Cristo como o próprio chegou: [...] Quinto, pela luta viril. Por isso, lê-se na vida dele (I): Ele saía sozinho à noite para rezar em igrejas abandonadas ou naquelas que se situavam em lugares remotos, e ali, com a graça de Deus enquanto proteção, superou muitos medos e ansiedades. Lutou corpo a corpo com o diabo, que não só o atacava interiormente com tentações em tais lugares, mas o aterrorizava também com o repentino colapso e ruína

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾	
356 (Cont.)	2º sermão da festa de São Francisco de Assis (Cont.)	As sete vias franciscanas (Cont.)	Dilatatio (Cont.)			Christi Dominum suum ubique omnia posse terroribus non cedebat, sed aiebat in corde suo: uel amplius, maliuole, potes in me malicie tue arma excutere, quam si in publico coram omnibus maneremus». [...]	dos edifícios à sua volta. Mas sabendo o valente soldado de Cristo que o seu Senhor estava em todo o lado, onnipotente, não se rendeu a nenhum erro, mas disse no seu coração: ‘Não podes brandir as armas da tua maldade contra mim aqui, malvado, mais do que se estivessemos num espaço público apinhado, com toda a gente a olhar. [...]
358	2º sermão da festa de São Dionísio	Preparação para a batalha contra	Exordium	I	Jb 39,25.	Procul odoratur bellum, etc. [exhortationem ducum, et ululatum] usque exercitus. Iob XXXIX, e, [25] (I).	De longe, fareja a batalha, a voz atrodoadora dos chefes e o alarido dos exércitos (I).
			Dilatatio	II	GREG., MJ, 31, 44, 1, PL 76, 619C.	Hec auctoritas pulcre uersificata est in beato Dionisio, qui bellum crudelissimi Neronis gestum Rome fuit in Grecia odoratus et illuc cursu concito properauit. «Cum enim sanctos apostolos Petrum et Paulum tentos a Nerone audisset subrogato sibi episcopo Atheniensium plebem tradidit, et magno apostolorum amore et martirii desiderio Romam ire festinauit, ut simul cum eis, si ita uellet Christus occumberet; sed eos iam martirizatos iam inuenit et beatum Clementem summum pontificem constitutum, a quo reuerentissime fuit susceptus et ad conuersionem Galliarum destinatus sociis sibi et ministris ydoneis assignatis, qui maximam partem Galliarum predicationibus et tribulationibus et miraculis Christo Domino acquisiuit». Dicit igitur: <i>procul</i> , etc.; ex parte Neronis erant <i>ululatus exercitus ad fidei expugnationem</i> ; ex parte apostolorum erat <i>exhortatio ducum ad fidei defensionem</i> : ad hoc currebat Dionisius.	Esta autoridade é lindamente versificada no bem-aventurado Dionísio, que tendo farejado a guerra travada em Roma pelo cruelíssimo Nero, estava na Grécia e apressou-se para ali com grande rapidez. Quando ouviu que os santos apóstolos Pedro e Paulo eram perseguidos por Nero, entregou o povo ao bispo de Atenas seu sucessor, e apressou-se a ir a Roma pelo grande amor dos apóstolos e desejo de martírio, de modo que, à semelhança deles, se Cristo assim o desejasse, sucumbisse. Mas encontrou-os já martirizados e já constituído sumo pontífice o bem-aventurado Clemente, pelo qual foi recebido com grande reverência e designado para a conversão das Gálias com companheiros e ministros idóneos a si concedidos. Através das pregações, tribulações e milagres, Dionísio ganhou para o Senhor Cristo a maior parte das Gálias. Diz, portanto: <i>De longe</i> , etc.; da parte de Nero estava <i>o alarido dos exércitos</i> para conquista da fé; da parte dos apóstolos estava <i>a voz atrodoadora dos chefes</i> para a defesa da fé: para esta corria Dionísio.
						Notandum autem quod est bellum: Primo, temptationis future; hoc odoratur discretus iustus. Gregorius (II): « bellum procul odorari est ex causis precedentibus, que uitiorum pugne sequantur agnoscere ».	Deve notar-se, portanto, que a batalha é: Primeiro, contra a tentação futura; esta é farejada pelo justo discreto. Gregório (II): “ Cheirar a batalha de longe ”, significa prever em pensamento os vícios quando estão ainda distantes, de modo que não possam, ao serem inesperados, ser capazes de superá-lo.
						Secundo, prauitatis heretice; hoc odoratur predicator feruidus. Ps LXVII, g, [31] (III): dissipa gentes que bella uolunt . 1ª Cor X, d, [XV, 32] (IV): si secundum hominem ad bestias pugnaui Ephesi .	Segundo, contra as maldades dos hereges; esta é farejada pelo pregador fervoroso. Dispersa as nações que desejam a guerra (III). Se, como homem, lutei contra as feras em Éfeso (IV).
						Tercio, gentis pagane; hoc odoratur princeps catholicus qualis fuit Dauid. Ps XVII, e, [d, 38] (V): persequar inimicos meos, etc. [et comprehendam illos, et non convertar donec] usque deficiant . Item eodem, f, [40] (VI): et precinxisti me uirtute ad bellum .	Terceiro, contra o povo pagão; esta é cheirada pelo príncipe católico, como foi David. Persequi os meus inimigos e alcancei-os; não retrocedi sem os ter derrotado (V). Tu deste-me forças para o combate (VI).
						Quarto, multe pecunie; hoc odoratur aduccatus cupidus de quo bello Ia IIII, a, [1] (VII): Vnde bella et lites, etc. [in	Quarto, contra muita riqueza; esta é farejada pelo movido pela cobiça. Desta guerra fala-se em Tiago (VII): De onde vêm as guerras e as lutas que há entre

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾
358 (Cont.)	2º sermão da festa de São Dionísio (Cont.)	Preparação para a batalha contra (Cont.)	Dilatatio (Cont.)	VII	Tg 4,1.	<i>vobis, nonne hinc ex concupiscentiis vestri, quae militant in membris vestris, concupiscitis et non habetis, occiditis et zelatis et non potestis adipisci, liteigatis et belligeratis, non habetis propter quod non postulatis, petitis et non accipitis eo quod male petatis, ut in concupiscentiis vestris]</i> usque <i>insumatis</i> . Vº, persecutionis extreme, id est, Antichristi; hoc odorati sunt ¶ patriarche ¶ prophete ¶ Christus ¶ apostoli ¶ et predicatorum moderni. Apo XIII, [b, 7] (VIII): <i>datum est ei bellum facere cum sanctis et uincere illis</i> .
				VIII	Ap 13,7.	VIº, persecutionis primitivae Ecclesie; hoc odoratus fuit beatus Dionysius et ceteri martyres de quo He XI, f, [33-34] (IX): <i>sumpsi uicerunt regna, etc. [operati sunt iustitiam, adepti sunt repromissiones, obtulerunt ora leonum, extinxerunt impetum ignis, effugerunt aciem gladii, convaluerunt de infirmitate, fortes facti sunt in bello, castra verterunt]</i> usque <i>exterorum</i> . [...]
				IX	Heb 11,33-34.	VIº, persecutionis primitivae Ecclesie; hoc odoratus fuit beatus Dionysius et ceteri martyres de quo He XI, f, [33-34] (IX): <i>sumpsi uicerunt regna, etc. [operati sunt iustitiam, adepti sunt repromissiones, obtulerunt ora leonum, extinxerunt impetum ignis, effugerunt aciem gladii, convaluerunt de infirmitate, fortes facti sunt in bello, castra verterunt]</i> usque <i>exterorum</i> . [...]
366	5º sermão da festa de São Lucas Evangelista	As quatro quadrigas e os quatro cavalos de Cristo	Exordium	I	Ct 6,11.	<i>Anima mea turbavit me propter quadrigas Aminadab.</i> Can VI, g, [11] (I). A voz é a Sinagoga dos eleitos, ou a Igreja, ou a alma fiel, que, ao ouvir o estrépido das quadrigas, quer dizer, a pregação dos quatro evangelistas, é perturbada para a penitência. Estas são as quadrigas de Aminadab que se interpreta “espontâneo”, ou “votos próprios”. Este, é Cristo, que espontaneamente sofreu a morte por nós, e foi por todos os povos desejado. <i>Virá o desejado de todas as nações</i> . Agora vejamos brevemente sobre as quatro quadrigas que tinha este nosso Aminadab: A primeira, foi a dos patriarcas, que trouxeram a quadriga da Lei Natural, que corre sobre quatro rodas: primeiro, não dizer; segundo, não fazer aos outros o que não desejaríamos para nós; terceiro, dizer; quarto, e fazer aos outros o que desejaríamos para nós. Nesta quadriga, segundo se diz em Zacarias são os <i>cavalos vermelhos</i> (II); porque os patriarcas praticaram combates de sangue, como Abraão (III): <i>Ao saber que o seu parente Lot ficara prisioneiro, Abraão armou trezentos e dezoito dos seus servos mais valentes, nascidos na sua casa, e perseguiu os inimigos até Dan. E dividindo a sua tropa, ele e os seus servos atacaram-nos de noite e destroçaram-nos, perseguindo-os até Hoba, situada no norte de Damasco</i> ; e os filhos de Jacob (IV): <i>No terceiro dia, sofrendo ele dores violentas, dois dos filhos de Jacob, Simeão e Levi, irmãos de Dina, tomaram cada um a sua espada, marcharam resolutamente sobre a cidade e mataram</i>
			Dilatatio	II	Zc 6,2.	Vox est ¶ Sinagoge quoad electos ¶ uel Ecclesie, uel fidelis anime, que audito strepitu quadrigarum, id est, predicatione IIIIº euangelistarum, ad penitentiam conturbatur. Iste quadriga sunt Aminadab qui interpretatur ‘spontaneus’, uel proprium uota. Hic est Christus qui spontaneus pro nobis mortem pertulit et a cunctis gentibus desideratus fuit. Ag II, c, [8]: <i>ueniet desideratus cunctis gentibus</i> . Nunc de IIIIº quadrigis quas iste noster Aminadab habuit, breuiter uideamus: Prima fuit patriarcharum qui traxerunt quadrigam naturalis legis, que IIIIº currit rotis, scilicet: ¶ prima, non dicere, ¶ IIª, non facere alii quod tibi odis, ¶ IIIª, dicere ¶ IIIIª, et facere alii quod tibi uis. In hac quadriga, sicut dicitur Za VI, a, [2] sunt <i>equi ruffi</i> (II); quia patriarche prelia sanguinis exercebant, ut Abraham, Ge XIII, e, [14-15] (III): <i>Cum audisset Abraham captum uidelicet Loth, etc. [fratrem suum, numeravit expeditos uernaculos suos trecentos decem et octo, et persecutus est eos usque Dan. Et divisit sociis inruit super eos nocte, percussitque eos, et persecutus est usque Hoba, que est]</i> usque <i>ad leuam Damasci</i> ; et filii Iacob, XXIII, f, [XXXIII, 25-29] (IV): <i>ecce die tercio quando grauissimus dolor, etc. [est, arreptis duo Iacob filii Symeon, et Levi fratres Dinae, gladiis, ingressi sunt urbem confidenter, interfecitque omnibus masculis. Emor et Sychem pariter necauerunt tollentes Dinam de</i>
				III	Gn 14,14-15.	

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾
366 (Cont.)	5º sermão da festa de São Lucas Evangelista (Cont.)	As quatro quadrigas e os quatro cavalos de Cristo (Cont.)	Dilatatio (Cont.)	IV	Gn 34,25-29.	<i>domo Sychem sororem suam, quibus egressis, inruerunt super occisos ceteri filii Iacob, et depopulati sunt urbem in ultionem strupi: oves eorum, et armenta, et sinos cunctaque vastantes quae in domibus et in agris erant, parvulos quoque et uxores eorum duxere]</i> usque captiuas.
						Secunda, fuit prophetarum qui traxerunt quadrigam mosaice legis, que III ^{or} currit rotis, scilicet ¶ prima doctrina moralium ¶ IIª, cerimonialium ¶ IIIª, iudicialium ¶ IIIª, mixtorum.
						In hac quadriga, sicut dicitur Iac [Zac], VI, a, [2], fuerunt equi negri (V) , quia prophete multas tribulationes sustinebant, sicut Helyas, Ysaías, Ieremias et multi alii.
				V	Zc 6,2.	Tercia fuit apostolorum et euangelistarum, qui traxerunt quadrigam euangelice legis, que III ^{or} currit rotis, scilicet ¶ prima, doctrina hystorie ¶ IIª, allegorie ¶ IIIª, tropologie ¶ IIIª, anagoge.
				VI	Zc 6,3.	In hac quadriga sunt equi albi , Za VI, a, [3] (VI) , quia apostoli et euangeliste ¶ castitate ¶ et innocentia pallebant. Quarta est nouissimorum predicatorum, qui traxerunt quadrigam tocius Sacre Scripture, et ideo III ^{or} rotis currit; predicatio enim populorum uadit et concordat ¶ primo, legi nature ¶ IIº, mosayce ¶ IIIº, euangelice ¶ IIIº, sequentium Patrum doctrine ut Augustinus, Ieronimus, Gregorius et huiusmodi.
				VII	Zc 6,3.	In hac quadriga sunt equi uarii et fortes , Za VI, a, [3] (VII) , quia predatores uarietatem preferunt in habitu et fortitudinem in predicationis discursu; de hiis III ^{or} quadrigis ait Za VI, a, [1] (VIII): Vidi, et ecce III^{or} quadrige egredientes de medio duorum montium , id est, de concordantia duorum testamentorum, et montes illi, scilicet, montes erei, quia sicut ait Dominus [Mt XXIII, c, 35]: <i>celum et terra transibunt, uerba autem mea non transibunt; os enim durabile est ualde</i> .
				VIII	Zc 6,1.	Harum igitur III ^{or} quadrigarum est: ¶ Iugum, Christi desiderium uel preceptum suaue. Mt XI, g, [30]: <i>Iugum meum suaue est</i> ; ¶ Auriga, Spiritus Sancti gratia. Eze I, c, [20]: <i>quocumque ibat spiritus illuc et rote pariter leuabantur</i> . Ys LXIII, c [14]: <i>spiritus Domini ductor eius fuit</i> . Ps CXLII, f, [10]: <i>spiritus tuus bonus deducet me in terra recta</i> .
todos os varões. Passaram a fio de espada Hamor e Siquém, seu filho, levaram Dina da casa de Siquém e retiraram-se. Os filhos de Jacob despojaram os cadáveres e saquearam a cidade porque tinham ultrajado a sua irmã. Apossaram-se do seu gado miúdo e graúdo, dos seus jumentos e do que estava na cidade e nos campos. Levaram todos os seus bens, os seus filhos e as suas mulheres e tudo o que estava nas casas.						
A segunda, foi a dos profetas que trouxeram a quadriga da Lei Mosaica, que corre sobre quatro rodas: primeiro, a doutrina moral; segundo, o ensino dos ritos; terceiro, as determinações legais; e quarto, o conjunto dos vários ensinamentos.						
Nesta quadriga, segundo a Epístola de São Tiago, são os cavalos negros (V) , porque muitas tribulações sofreram os profetas, como Elias, Isaías, Jeremias e muitos outros.						
A terceira, foi a dos apóstolos e evangelistas, que trouxeram a quadriga das leis evangélicas, que corre sobre quatro rodas: primeiro, a doutrina histórica; segundo, a alegórica; terceiro, a tropológica; quarto, a anagógica.						
Nesta quadriga são os cavalos brancos (VI) , porque os apóstolos e evangelistas empalideciam com castidade e inocência.						
A quarta, é a dos novíssimos pregadores, que trouxeram a quadriga de toda a Sagrada Escritura, que é veloz e corre também sobre quatro rodas; pois com a pregação dos povos vai e concorda: primeiro, a Lei Natural; segundo, a Lei Mosaica; terceiro, a Lei Evangélica; quarto, a doutrina dos Santos Padres como Agostinho, Jerónimo, Gregório e outros iguais.						
Nesta quadriga são de várias cores e fortes os cavalos (VII) , porque os pregadores preferem a variedade no hábito e a força no discurso da pregação; Destas quatro quadrigas diz Zacarias (VIII): De novo levantei os olhos e tive uma visão: eis que quatro carros saíam de entre as duas montanhas , isto é, da concordância dos dois testamentos; e as duas montanhas eram de bronze, porque como diz o Senhor: <i>O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão-de passar</i> .						
Na quarta destas quadrigas é: o jugo, o desejo de Cristo ou o preceito suave. <i>Pois o meu jugo é suave</i> ; o auriga, a graça do Espírito Santo. <i>E erguiam-se igualmente da terra, porque o espírito dos seres viventes se encontrava nas rodas. O espírito do Senhor foi conduziu-os. O teu espírito bom conduzir-me-á a terra recta</i> .						

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾	
367	6º sermão da festa de São Lucas Evangelista	As três quadrigas e os quatro cavalos de Faraó ou do demónio	Exordium	I	Hab 3,8.	<i>Quis ascendet super equos tuos et quadrigae tue saluatio?</i> Aba III, c, [8] (I).	<i>Quanto montas nos teus cavalos, nos teus carros triunfantes? (I)</i>
			Dilatatio	II	Ex 15,4.	In precedenti collatione dictum est de Christi equis et quadrigis, nunc de Pharaonis, id est, diaboli equis et quadrigis aliquantulum uideamus; de hiis dicit super Exo XV, [a, 4] (II): <i>currus Pharaonis et exercitum eius proiecit in mare</i> . Origenes (III): «homines qui nos insequuntur equis et habent ascensores suos, sunt ¶ alii quos Dominus ascendit et creuerunt super omnem terram; de quibus dicitur Aba III, [b, 8]: <i>equitatus tuus salus</i> ¶ alios ascendit diabolus et angeli eius. Iudas equus fuit, ascensorem habuit Dominum de equitatu salutis; cum ceteris enim apostolis missus, egrotis salutem prestitit, ubi uero se diabolus strauit qui <i>post bucellam introiuit in eum equus sathane factus, et illius habenis ductus contra Dominum equitauit; omnes ergo persecutores equi sunt et habent angelos malos quibus urgentur ascensores, ideo feroces sunt; si uideris persecutorem tuum nimis seuientem, scito quia ab ascensore perurgetur et ideo seuus est et truculentus</i> ».	Na precedente conversa falámos dos cavalos e das quadrigas de Cristo. Vamos, porém, dizer alguma coisa das quadrigas e dos cavalos do Faraó, quer dizer, do Diabo; sobre eles fala o Êxodo (II): <i>os carros de guerra do faraó e o seu exército Ele atirou ao mar</i> . Orígenes (III): Os homens que nos perseguem a cavalo e têm os seus próprios cavalos e cavaleiros, são. Uns que o Senhor montou e difundiu sobre toda a terra; a estes chama Habacuc <i>a cavalaria da salvação</i> . Os outros, monta o diabo e os seus anjos. Judas foi um cavalo que tinha como cavaleiro o Senhor, da cavalaria da salvação. Enviado, efetivamente, com outros apóstolos, restituiu a saúde aos enfermos, mas entregou-se ao diabo. Depois que o buçal entrou nele, tornou-se um cavalo de Satanás, e conduzido pelas rédeas dele cavalgou contra o Senhor. Portanto, todos os perseguidores são cavalos e têm como cavaleiros maus anjos pelos quais são instigados, e por isso que são ferozes; se vires o teu perseguidor muito feroz, sabe que ele é instigado por um cavaleiro e, por isso, é feroz e implacável.
				III	Glo. Ord. Ex 15,4.	Beatissimus uero Bernardus assignat tres quadrigas diaboli sic: «De prima quadriga, habet malicia currum suum, rotis III ^{or} consistentem, quarum ¶ prima seuitia ¶ II ^a , impacientia ¶ III ^a , audacia ¶ III ^a , impudencia; trahitur autem duobus equis: ¶ primo, terrena potencia, ¶ II ^o , seculari pompa; aurige ¶ primus, tumor ¶ et II ^{us} liuor. Velox est currus iste ad effundendum sanguinem, qui nec ¶ innocentia sistitur ¶ nec patientia retardatur ¶ nec timore frenatur, nec pudore cohibetur. De II ^a , habet luxuria quadrigam suam; rete eius ¶ prima ingluuies uentris ¶ II ^a , libido cohitus, ¶ III ^a , mollicies uestium ¶ III ^a , ocii soporisque resolutio. Duo equi ¶ primus, prosperitas uite ¶ II ^{us} , rerum habundantia; aurige ¶ primus, ignauie torpor ¶ II ^{us} , infida securitas; et utuntur // ¶ primo, conopeo dissimulationis ¶ II ^o , flabello adulationis. De III ^a , habet auaritia quadrigam cuius rote: ¶ prima pusillanimitas ¶ II ^a , inhumanitas ¶ III ^a , contemptus Dei ¶ III ^a , mortis obliuio. ¶ Duo equi ¶ primus, rapacitas ¶ II ^{us} , tenacitas; uno solo contento seruitore, scilicet, ardore habendi» (IV). In hiis tribus quadrigis diabolus:	Verdadeiramente, São Bernardo atribui três quadrigas ao diabo: Sobre a primeira quadriga, tem a Malícia o seu carro, sustentado sobre quatro rodas, e estas são: primeiro, a cólera; segundo, a impaciência; terceiro, a ousadia; quarto, a imprudência. É puxado por dois cavalos: primeiro, o poder mundano; segundo, o fausto secular. O auriga: primeiro, a Arrogância; segundo, a Inveja. Veloz é este carro para derramar o sangue, porque nem pára às ordens da inocência, nem o retarda a paciência, nem o refreia o temor, nem o coíbe a vergonha. Sobre a segunda, tem a Luxúria a sua quadriga. As suas rodas são: primeiro, os prazeres da mesa; segundo, os desejos sexuais; terceiro, a moleza dos vestidos; quarto, o relaxamento do ócio e do sono. Dois são os seus cavalos: o primeiro, a vida próspera; o segundo, a abundância de riquezas. O auriga, primeiro, o Torpor da Indolência; segundo, a Falsa Confiança em si mesmo. Sobre a terceira, tem a Avareza a sua quadriga cujas rodas são: primeiro, a mesquinhez; segundo, a desumanidade; terceiro, o desprezo de Deus; quarto, o esquecimento da morte. Dois cavalos: primeiro, a rapacidade; segundo, a tenacidade; tudo isto fundido
				IV	BERN., SCC, sermo 39, parte		

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾	
367 (Cont.)	6º sermão da festa de São Lucas Evangelista (Cont.)	As três quadrigas e os quatro cavalos de Faraó ou do demónio (Cont.)	Dilatatio (Cont.)		6.9, PL 183, 980A-981B.	Primo, gloriatur. Iudit I, e, [b, 4] (V): <i>Arfaxat gloria in gloriam quadrigarum suarum.</i>	numa só paixão, o desejo furioso de ter (IV). Nestas três quadrigas o diabo:
				V	Jdt 1,4.	Secundo, ad bellum egreditur. Iudit II, e, [11] (VI): <i>profectus est Holofernes et omnis exercitus cum quadrigis.</i>	Primeiro, gloria-se. <i>A glória de Arfaxat está na glória das suas quadrigas</i> (V).
				VI	Jdt 2,11.	Tercio, expedite accelerat. Naum III, a, [2-3] (VII): <i>Vox flagelli, etc. [et vox impetus rotae, et equi frementis, et quadrigae ferventis, equitis ascendentis, et micantis gladii, et fulgurantis hastae, et multitudinis interfectae, et gravis ruinae nec est finis] usque cadauerum.</i>	Segundo, abala para a guerra. <i>Holofernes partiu e todo o exército com as quadrigas</i> (VI).
				VII	Na 3,2-3.	Quarto, de diuiciis se iactat. Ys XXXVII, e, [24] (VIII): <i>In multitudine quadrigarum mearum, etc. [ego ascendi altitudinem montium iuga Libani, et succidam excelsa cedrorum eius electas abietes illius, et introibo altitudinem summitatis eius saltum] usque Carmeli eius;</i>	Terceiro, corre velozmente. <i>Ruído de chicotes, barulho de rodas, cavalos a galope, movimento de carros! Ginetes ao assalto, espadas que reluzem, lanças que cintilam, multidão de feridos! Mortos em massa, cadáveres sem fim</i> (VII)!
				VIII	1 Is 37,24.	Christus autem hiis quadrigis comminatur: Primo, collisionem. Naum II, c, [4] (IX): <i>quadriga eius collisa uertitur.</i>	Quarto, gloria-se da multidão de riquezas. <i>Com a multidão dos meus carros, subi ao cimo dos montes, aos cumes do Líbano. Cortei os seus cedros mais altos e os seus ciprestes mais belos. Chegueu até ao cimo mais alto e entrei nos lugares mais densos do seu bosque</i> (VIII). Mas Cristo ameaça essas quadrigas:
				IX	Na 2,4.	Secundo, combustionem. Naum II, g, [13] (X): <i>ecce ego ad te dicit Dominus exercituum, etc. [et succendam usque ad fumum quadrigas eius, et leunculos tuos comedet] usque gladius.</i>	Primeiro, com a colisão. <i>Os carros deles precipitam-se colidindo uns contra os outros</i> (IX).
				X	Na 2,13.	Tercio, dispersionem. Ys XLIII, e, [17] (XI): <i>qui eduxit quadrigam et equum, etc. [agmen et robustum, simul obdormierunt nec resurgent, contriti sunt quasi lignum et] usque extincti sunt.</i>	Segundo, com a combustão. <i>Eis-me contra ti, diz o Senhor do universo. Reduzirei os seus carros a fumo e a espada devorará os seus leõezinhos</i> (X).
				XI	Is 43,17.		Terceiro, com a dispersão. <i>Que pôs em campanha carros e cavalos, tropa de soldados e chefes; caíram para nunca mais se levantarem, extinguíram-se como um pavio que se apaga</i> (XI).
368	7º sétimo sermão da festa de São Lucas Evangelista	A missão dos evangelistas	Exordium	I	Sl 18,15.	<i>Misit sagittas suas, etc. [et dissipavit eos, et fulgure multiplicavit, et] usque conturbavit eos</i> Ps XVII, c, [15] (I).	<i>Ele desferiu as suas flechas e dispersou-os, e multiplicou os relâmpagos e pô-los em fuga</i> (I).
			Dilatatio	II	P. LOMB., CP, PL 191, 194A; Glo. Int., Sl 17,15.	III ^{or} notantur in hac auctoritate: Primo, euangelistarum missio, ibi, <i>misit sagittas suas.</i> Augustinus (II): « <i>misit sagittas, id est, euangelistas, cum pennis uirtutum recte uolantes</i> »; III ^{or} penne harum sagittarum sunt III ^{or} uirtutes cardinales, scilicet: ¶ prima, prudentia ¶ IIª, temperantia ¶ IIIª, iusticia ¶ IIIª, fortitudo; de quibus Eze I, [b, 6]: <i>III^{or} penne uni.</i>	Devem notar-se quatro coisas nesta citação: Primeiro, o envio dos evangelistas, daí, <i>desferiu as suas flechas.</i> Agostinho (II): <i>Desferiu as suas flechas, quer dizer, os evangelistas, com as penas da virtude voando a direito.</i> As quatro penas das flechas são as virtudes cardeais: primeiro, a prudência; segundo, a temperança; terceiro, a justiça; quarto, a fortaleza. Sobre as quais diz Ezequiel: <i>cada um tinha quatro penas.</i>
				III	Sl 35,15-16.	Secundo, persecutorum peieratio, ibi, <i>dissipauit eos.</i> Ps XXXIII, d, [16] (III): <i>dissipati sunt nec compuncti, etc. [temptaverunt me, subsannaverunt me subsannatione, frenduerunt super me] usque dentibus suis.</i> Iob III, [b, 11]: <i>catuli leonis dissipati sunt.</i> Prou XX, g, [26] (IV): <i>dissipat impios, etc. [rex sapiens, et curvat super eos] usque formicem.</i>	Segundo, a morte dos perseguidores, daí, <i>dispersou-os.</i> <i>Dilaceravam-se sem parar. Rodeavam-me e escarneciam; rangiam os dentes contra mim</i> (III). Os filhotes da leoa dispersaram-se. <i>O rei sábio joeira os ímpios e faz passar sobre eles a roda</i> (IV).
				IV	Pr 20,26.	Tercio, miraculorum multiplicatio, ibi, <i>fulgura multiplicauit, in «miracula», ut dicit Augustinus. [...]</i>	Terceiro, a multiplicação dos milagres, daí, <i>multiplicou os relâmpagos, nos “milagres”, como diz Agostinho. [...]</i>

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾	
368 (Cont.)	7º sétimo sermão da festa de São Lucas Evangelista (Cont.)	A missão dos evangelistas (Cont.)	Dilatatio (Cont.)			Quarto, predestinatorum conuersio, ibi, <i>conturbauit eos</i> , ad penitentiam; [...]	Quarto, a conversão dos predestinados, daí <i>pô-los em fuga</i> , para a penitência; [...]
372	3º sermão da festa de São Simão e São Judas	Os homens maléficos	Dilatatio	I	2 Sm 20,21-22.	[...] Notandum igitur quod illi homines dicuntur pestilentes, qui alios corrumpunt, tales sunt: [...] Vº, seditiones mouentes. [...] (I) Ait mulier ad Ioab: etc. [<i>Ecce caput eius mittetur ad te per murum, ingressa est ergo ad omnem populum, et locuta est eis sapienter, qui abscissum caput Seba filii Bochri, proiecerunt ad Ioab, et ille cecinit tuba, et recesserunt ab urbe unusquisque</i>] usque <i>in tabernacula sua</i> . [...]	[...] Deve notar-se, portanto, quais daqueles homens se chamam pestilentos, que corrompem os outros. Esses são: [...] Quinto, os que movem sedições. [...] (I) A mulher disse a Joab: « <i>A sua cabeça será lançada por cima do muro</i> ». <i>A mulher voltou à cidade e comunicou a todo o povo a sua sábia decisão. Cortaram a cabeça a Cheba, filho de Bicri, e atiraram-na a Joab. Este tocou a trombeta e todos se retiraram da cidade, cada um para sua casa.</i> [...]
376	2º sermão da festa de Todos os Santos	Bem-aventurados os pobres	Dilatatio	-	-	<i>Beatus pauperes</i> , etc.: Primo, quoniam assimilantur Christo, qui fuit pauperrimus: [...] Secundo, quoniam eliguntur ad pugnandum ¶ contra mundum ¶ carnem ¶ et diabolum, quasi milites expediti. Ys XLIX, [XLVIII, b, 10]: <i>elegi te in camino paupertatis</i> . [...]	<i>Bem-aventurados os pobres</i> , etc.: Primeiro, porque se assemelham a Cristo, que foi paupérrimo: [...] Segundo, porque foram eleitos para lutar contra o mundo, contra a carne e contra o diabo, como guerreiros expeditos. <i>Elegi-te no caminho da pobreza</i> . [...]
382	8º sermão da festa de Todos os Santos	Os santos, varões gloriosos	Exordium	I	Ecl 44,1.	[Thema] Laudemus uiros gloriosos. Eccli XLIII, a, [1] (I).	Louvemos os varões gloriosos (I).
			Dilatatio	-	-	[...] <i>Laudemus</i> , etc.; circa hanc auctoritatem Vº breuiter requiramus: Primo, qui sunt illi uiri; [...] Secundo, quare uiri dicuntur, quia propter IIIº: [...] Quarto, quia ad bella procedentes Christo uero regi fideliter militarunt: Primo carnem domando, nam sicut dicitur Gal V, g, [24]: <i>carnem suam crucifixerunt cum uiciis et concupiscentiis</i> . Secundo, mundum contempnendo, iuxta hoc quod dicitur Iº Io II, d, [15]: <i>Nolite diligere mundum</i> , etc. [<i>neque ea quae in mundo</i>] usque <i>sunt</i> . Tercio, diabolum expugnando et ei uiriliter resistendo, iuxta illud quod ait Ia IIII, c, [7]: <i>resistite diabolo // et fugiet a uobis</i> . Iº Pe V, d, [8-9]: <i>sobrii estote</i> , etc. [<i>et uigilate, quia aduersarius uester diabolus tamquam leo rugiens circuit, quaerens quem deuoret, cui resistite fortes</i>] usque <i>in fide</i> ; de quibus legitur Iud VII, b, [7]: <i>In CCC^{is} uiris qui lambuerunt</i> , etc. [<i>aquas liberabo vos, et tradam Madian in</i>] usque <i>manu tua</i> ; hii sunt qui sicut dixi pro fide Trinitatis ¶ primo cum carne ¶ IIº, cum mundo ¶	[...] <i>Louvemos</i> , etc.; vejamos brevemente cinco coisas sobre esta citação: Primeiro, quem são aqueles homens; [...] Segundo, porque se chamam varões. Por quatro razões: [...] Quarto, porque saíndo para a guerra, combateram fielmente por Cristo, verdadeiro rei: Primeiro, domando a carne, como se diz nos Gálatas: <i>Crucificaram a sua carne com os seus vícios e concupiscências</i> . Segundo, desprezando o mundo, de acordo com o que se diz na Primeira Epístola de João: <i>Não amem este mundo nem aquilo que lhe pertence</i> . Terceiro, combatendo o diabo e resistindo-lhe virilmente, de acordo com o que se diz na Epístola de Tiago: <i>Resisti ao diabo, que ele fugirá de vós. Estejam alerta, pois o vosso inimigo, o Diabo, anda à vossa volta, como um leão a rugir, procurando a quem devorar. Estejam firmes na fé</i> ; sobre o que se lê no Livro de Judite: <i>É com os trezentos homens que beberam a água com a língua que Eu vos salvarei e entregarei os madianitas nas tuas mãos</i> . Estes são os que, como disse, pela fé da

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾
382 (Cont.)	8º sermão da festa de Todos os Santos (Cont.)	Os santos, varões gloriosos (Cont.)	Dilatatio (Cont.)			IIIº, cum diabolo pugnaverunt et eos uicerunt ydrias sicut ibi dicitur, id est, corpora confringendo et lampadibus, id est, miraculis coruscando. [...]
384	1º sermão da festa de São Martinho	S. Martinho, confiante e seguro como o leão	Dilatatio	I	SULP., <i>Dialog.</i> , II, 2, PL 20, 163A.	<i>Iustus quasi leo confidens absque terrore erit.</i> Prou XVIII, [XXVIII], c, [1]. Tria queruntur hic: Primo, quare beatus Martinus <i>iustus</i> dicitur. [...] Secundo, quare leoni comparatur. [...] Tercio, <i>absque</i> quo <i>terrore</i> esse aseritur, quia: Primo, malorum hominum in mundo; cum enim diceret ei Iulianus cesar quod non causa religionis sed timoris nollet sequenti die prelium ingredi contra barbaros, ait (I): «ego signo crucis non clipeo protectus aut galea hostium cuneos penetrabo securus». [...]
401	6º sermão da festa de São Clemente	A cidade e o rio caudaloso, são a Igreja e a pregação	Exordium	I	Sl 46,5.	<i>Fluminis impetus letificat ciuitatem Dei.</i> Ps XLV, b, [5] (I).
			Dilatatio	II	Ecl 9,14.	Hec auctoritas III ^{or} modis exponitur: Primo, hystorice [...] Secundo, allegorice; [...] Tercio, tropologice <i>ciuitas</i> est mens fidelis. Ecc ^{te} IX, f, [14] (II): <i>ciuitas parua</i> , id est, mens humilis, <i>et pauci in ea uiri</i> , id est, motus uiriles et uirtuosi iuditio suo, non Dei qui uirtuositatem eius uidet; <i>uenit contra eam rex magnus</i> , id est, diabolus, qui est rex habens magnum exercitum superbiorum, <i>et uallauit eam</i> , uallo diuersorum tribulationum, <i>extruxitque munitiones per girum</i> multarum temptationum, <i>et perfecta est obsidio</i> , quia sicut ait apostolus [IIª Cor VII, 5] (III): <i>foris pugne intus timores</i> ; [Ecc ^{te} IX, 15] <i>liberauit urbem (IV)</i> . Ps XC, g, [15]: <i>cum ipso sum in tribulatione, eripiam eum et clarificabo eum, longitudine dierum</i> , etc. [replebo eum, et ostendam illi salutare] usque <i>meum</i> ; ‘ <i>flumen letificans</i> ’ est habundans deuotio caritatis. Ys XLVIII, f, [18]: <i>Vtinam attendisses mandata</i> , etc. [mea, facta fuisset sicut <i>flumen pax tua, et iustitia tua sicut</i>] usque <i>gurgites maris</i> . Nam cum mandata Dei sollicito et hylariter adimplentur, dona eius, inter que caritas maiorem locum tenet, in anima mirabiliter augmentantur. [...]
				III	2 Cor 7,5.	Tem esta autoridade quatro modos de ser exposta: Primeiro, no histórico [...] Segundo, no alegórico; [...] Tercio, no sentido tropológico, a <i>cidade</i> é a alma fiel. <i>Cidade pequena</i> , quer dizer, alma humilde, <i>e com poucos homens</i> , isto é, atitudes heroicas e virtuosas no seu juízo, não no de Deus, que vê a sua virtuosidade; <i>contra a qual vem um grande rei</i> , isto é, o diabo, que é um rei com um grande exército de orgulhosos, <i>e cavou em torno dela um fosso</i> , um fosso de diversas tribulações, <i>e levantou em redor dela fortificações</i> de muitas tentações, <i>e o cerco estava terminado (II)</i> , porque como diz o apóstolo (III): <i>Lutas, por fora; temores, por dentro. Libertou a cidade (IV)</i> . Estarei ao seu lado na tribulação, para o salvar e encher de honras. <i>Hei-de recompensá-lo com longos dias e mostrar-lhe a minha salvação</i> . “O rio que alegra” é a abundante devoção do amor. <i>Se tivesses atendido ao que Eu mandava! O teu bem-estar seria como um rio, a tua felicidade como as ondas do mar</i> . Pois quando os mandamentos de Deus são cumpridos com diligência e alegria, os Seus dons, entre os quais o do amor ocupa o lugar de maior destaque, são maravilhosamente aumentados na alma. [...]
				IV	Ecl 9,15.	Quarto, Anagogice <i>ciuitas</i> , ecclesia triumphans. Ps LXXXVI, a, [3]: <i>gloriosa dicta sunt de te ciuitas Dei</i> quia, que sicut dicitur [Iª Cor II, c, 9], <i>oculus non uidi, nec auris audiuit, que preparauit Deus diligentibus se</i> . Ys [LXIII,

N.º	SERMÃO	TEMA	PARTE	CITAÇÃO		EXCERTO ⁽²⁾
401 (Cont.)	6º sermão da festa de São Clemente (Cont.)	A cidade e o rio caudaloso, são a Igreja e a pregação (Cont.)	Dilatatio (Cont.)			b, 4]: <i>occulus non uidit Deus absque te. Flumen letificans</i> est Spiritus Sanctus. Io VII, f, [38-39]: <i>flumina de uentre eius fluent</i> etc. [aquae vivae. Hoc autem dixit de Spiritu quem accepturi erant credentes] usque in eum. [...]
406	5º sermão da festa de Santa Catarina	O prazer espiritual do amor a Cristo	Dilatatio	I	Sl 27,3.	<i>Delectauerunt te, o Christe, omnes filie regum in honore tuo.</i> Ps XLIII, [9-10]. De multis filiabus regum ad litteram potest hoc intelligi, inter quas magna fuit beata Catherina, que cum aliis sanctis Christum delectauerunt in honore suo, id est, delectabilem et honorabilem ostenderunt, et hoc multis modis, scilicet: [...] VIº, de ipso in omnibus periculis firmissime confidendo. Ps XXVI, a, [1]: <i>Dominus illuminatio mea</i> , etc. [et salus mea quem timebo, Dominus protector vitae meae a quo] usque trepidabo. Item eodem, b, [3] (I): <i>si consistant aduersus me castra</i> , etc. [non timebit cor meum, si exurgat aduersus me proelium, in hoc ego] usque sperabo. [...]

⁽²⁾ Fonte do texto latino: Bernardino Fernando da Costa Marques, “Mundividência cristã no sermão de Frei Paio de Coimbra” (PhD diss., Universidade de Coimbra, 2011).

c) Tabela C – *Picturae Bellorum* (SA e SSP): identificação e classificação

ID	MOTE	PICTURA	FONTE IMAGÉTICA					TOPOI				MENSAGEM			REF. ⁽³⁾
			OBRA			EPISÓDIO	LOCALIZAÇÃO	DLO. INT.	HTS. ESP.	ARM. ESP.	CER. ALG.	TIPO	ASSUNTO	DESCRIPTOR	
001	Sermão sobre o ternário maldito	Trespasseamento do coração de Adão pelo Diabo, com as lanças da gula, da vanglória e da avareza.	a	BIB	-	ANON.	Derrota e morte de Absalão	AT, HIST, 2Sm, 18,4	X		X	Moral	Ética (Vícios)	Advertência moral contra os três vícios da gula, da vanglória e da avareza.	SA 004 (Dom, 1, Qua., 3, I-IV)
			b	CME	<i>Glo. Ord.</i>	ANON.	Abner e David	AT, HIST, 2Sm, 3,17							
			c	CME	<i>Glo. Ord.</i>	ANON.	Derrota e morte de Absalão	AT, HIST, 2Sm, 18,9							
			d	CME	<i>Glo. Ord.</i>	ANON.	Amnon e Tamar	AT, HIST, 2Sm, 13,14							
002	Sermão sobre a discrição	Farejamento da batalha da carne pelo cavalo de guerra da alma fiel, com o nariz da discrição.	a	BIB	-	ANON.	Cavalo de guerra de Job	AT, SAP, Jb, 39,25			X	Moral	Ética (Virtudes)	Reflexão sobre a importância da virtude cristã da discrição na evasão dos pecados carnis e de outras tentações diabólicas.	SA 006 (Dom, 2, Qua., 8, I)
003	Sermão aos pregadores	Saída do pregador em combate contra os demônios, com a instalação do acampamento da sua vida e das tendas da sua pregação junto da pedra do socorro (Cristo).	a	BIB	-	ANON.	Saída de Israel ao encontro dos Filisteus	AT, HIST, 1Sm, 4,1	X		X	Moral	Pregação	Disposição sobre o dever do pregador em libertar, por intermédio da sua pregação, o pecador cativo do pecado, seguindo o preceito da <i>imitatio Christi</i> .	SA 007 (Dom, 2, Qua., 13, I-IV)
			b	ONO	<i>DNLH</i>	JERON.	-	-							
			c	CME	<i>Glo. Ord.</i>	ANON.	Saída de Israel ao encontro dos Filisteus	AT, HIST, 1Sm, 1 c.							
			d	CME	<i>Glo. Ord.</i>	ANON.	Saída de Israel ao encontro dos Filisteus	AT, HIST, 1Sm, 1.c.							
004	Sermão sobre a confissão, em que são necessárias cinco coisas	Armamento do penitente com as setas das compunções do coração, o arco da confissão, o assobio da acusação sincera, o cão dos remorsos de consciência, e o dardo da advertência, da indignação e da satisfação.	a	BIB	-	ANON.	Envio de Esaú à caça por Isaac	AT, PENT, Gn, 27,3-4			X	Moral	Penitência	Elenco dos requisitos exigidos pela Igreja Católica ao penitente: contrição, confissão, acusação sincera, remorsos da consciência, advertência, indignação e satisfação.	SA 007 (2 Dom, 2, Qua., 1, V-X)
			b	BIB	-	ANON.	Job: queixas contra os amigos	AT, SAP, Jb, 6,4							
			c	CME	<i>Glo. Ord.</i>	ANON.	Job: queixas contra os amigos	AT, SAP, Jb, 6,4							
			d	CME	<i>Glo. Ord.</i>	ANON.	Job: queixas contra os amigos	AT, SAP, Jb, 6,4							
			e	BIB	-	ANON.	Job: o confronto com Deus	AT, PENT, Gn, 9,13							
			f	BIB	-	ANON.	Súplica contra os maldizentes	AT, SAP, Sl, 119,4							
005	Sermão contra os curiosos e acerca dos	Armamento dos varões penitentes com as espadas do amor e do temor divino, e	a	BIB	-	ANON.	Vingança de Dina pelos seus irmãos	AT, PENT, Gn, 34,25-26		X	X	Moral	Penitência	Apelo à contrição e à confissão, para debelação dos vícios e salvação da alma.	SA 007 (2 Dom, 2, Qua.,

ID	MOTE	PICTURA	FONTE IMAGÉTICA					TOPOI				MENSAGEM			REF. ⁽³⁾		
			OBRA			EPISÓDIO	LOCALIZAÇÃO	DLO. INT.	HTS. ESP.	ARM. ESP.	CER. ALG.	TIPO	ASSUNTO	DESCRIPTOR			
	que se dedicam às coisas do século	saída dos mesmos a matar o diabo e a sua soberba, para resgatar destes a alma, ligada à cadeia do mau hábito.	b	CME	Glo. Int.	ANON.	Os filhos de Jacob	AT, PENT, Gn, 29,33								11, XI-XIII)	
			c	CME	Glo. Int.	ANON.	Os filhos de Jacob	AT, PENT, Gn, 29,34									
006	Sermão ao pregador	Fortificação do arco da pregação, composto da madeira do Velho Testamento e da corda do Novo, na mão daquele que coadjuva o que prega pelas obras, e apoio desse arco na força de Cristo	a	BIB	-	ANON.	Bênçãos de Jacob	AT, PENT, Gn, 49,24					Moral	Pregação	Disposição sobre o dever do pregador em aumentar a comunidade dos fiéis coadjuvando pelas obras a sua pregação, e conciliando nela a mensagem do Antigo e do Novo Testamentos.	SA 008 (Dom, 3 Qua., 7, II-VI)	
			b	CME	Glo. Int.	ANON.	Os filhos de Jacob	AT, PENT, Gn, 30,24									
			c	DBT	DDT.	ALAN.	-	-			X						
			d	BIB	-	ANON.	Job: dias felizes do passado	AT, SAP, Jb, 29,2									
			e	CME	MJ	GREG.	-	-									
007	Sermão sobre a armadura do diabo e a luta do mesmo.	Saída do diabo do acampamento dos pecadores, protegido pela armadura de bronze dos fortes defensores dos seus partidos, composta pela couraça dos maus, pelas escarcelas da luxúria e pelo escudo daqueles que repelem de si as setas da pregação.	a	BIB	-	ANON.	David e Golias	AT, HIST, 1Sm, 17,4-7					X	Doutrinal	Demonologia	Associação do diabo ao pecado, e aos vícios da malícia, luxúria e rejeição dos ensinamentos transmitidos pela pregação.	SA 008 (Dom, 3 Qua., 8, VIII-XXII)
			b	CME	Glo. Int.	ANON.	David e Golias	AT, HIST, 1Sm, 17,23									
			c	CME	Glo. Int.	ANON.	David e Golias	AT, HIST, 1Sm, 17,21									
			d	BIB	-	ANON.	Auto-elogio do Apóstolo	NT, SPA, 2Cor, 11,14									
			e	CME	Glo. Ord.	ANON.	Elegia de David	AT, HIST, 2Sm, 1,2									
			f	CME	Glo. Ord.	ANON.	Oráculo contra os Filisteus	AT, PROF, Is, 14,31									
			g	BIB	-	ANON.	Oração de Habacuc	AT, PROF, Hab, 3,7									
			h	CME	Glo. Ord.	ANON.	Oração de Habacuc	AT, PROF, Hab, 3,7									
			i	CME	Glo. Ord.	ANON.	David e Golias	AT, HIST, 2Sm, 1,2									
			j	BIB	-	ANON.	Muro exterior	AT, PROF, Ez, 40,3.5									
			k	CME	MJ	GREG.	-	-									
			l	BIB	-	ANON.	Grandeza e sabedoria de Deus	AT, SAP, Jb, 40,18									
			m	CME	MJ	GREG.	-	-									
			n	BIB	-	ANON.	Ainda sobre o crocodilo	AT, SAP, Jb, 41,6-8									

ID	MOTE	PICTURA	FONTE IMAGÉTICA					TOPOI				MENSAGEM			REF. ⁽³⁾
			OBRA			EPISÓDIO	LOCALIZAÇÃO	DLO. INT.	HTS. ESP.	ARM. ESP.	CER. ALG.	TIPO	ASSUNTO	DESCRIPTOR	
			o	CME	<i>Glo. Ord.</i>	ANON.	Cavalo de guerra de Job	AT, SAP, Jb, 39,22							
008	Sermão sobre a armadura de Cristo e a sua vitória	Guarda do átrio do mundo pelo diabo, e respetivo desarmamento e derrota por Cristo, descido do trono real do Pai à terra condenada ao extermínio, qual inflexível guerreiro, protegido pela couraça da justiça e pelo capacete e as vestiduras da Humanidade.	a	BIB	-	ANON.	Parábola do Homem Valente	NT, EVG, Lc, 11,21-22	X	X		Doutrinal	Cristologia	Alusão à libertação da humanidade do domínio diabólico, por intermédio da Encarnação.	SA 008 (Dom, 3, Qua., 10, XXIII-XXVIII)
			b	CME	<i>Glo. Ord.</i>	ANON.	Parábola do Homem Valente	NT, EVG, Lc, 11,21							
			c	BIB	-	ANON.	Noite de morte para os egípcios e de libertação para os israelitas	AT, SAP, Sb, 18,15							
			d	CME	<i>Glo. Ord.</i>	ANON.	Parábola do Homem Valente	NT, EVG, Lc, 11,22							
			e	BIB	-	ANON.	Intervenção do Senhor	AT, PROF, Is, 59,17							
			f	BIB	-	ANON.	David mata Golias	AT, HIST, 1Sm, 17,45-50							
			g	BIB	-	ANON.	Oração de um justo em provação	AT, SAP, Sl, 34,2							
009	Sermão contra os soberbos	Guarda do átrio do coração pelo Espírito da Soberba, derrotado e despojado das armas dos cinco sentidos do corpo pela inflexível Humildade.	a	BIB	-	ANON.	Parábola do Homem Valente	NT, EVG, Mt, 12,29	X		X	Moral	Ética (Vícios)	Reprovação moral do vício da soberba.	SA 008 (Dom, 3, Qua., 13, XXIX)
010	Sermão sobre a tríplice limpeza e a sua significação	Varrimento dos pecados da Babilónia da alma por Deus na confissão, com a vassoura da satisfação.	a	BIB	-	ANON.	Sátira contra o rei da Babilónia	AT, PROF, Is, 14,23	X		X	Moral	Penitência	Exortação à expiação dos pecados da alma observando dois momentos do processo penitencial: a confissão e a satisfação.	SA 008 (Dom, 3, Qua., 20, XXX)
011	Sermão contra os túbios	Incursão demoníaca conduzida pela banda da tibieza e da ociosidade sobre a cidadela da alma, tomada pelos espíritos malignos e incendiada pelo fogo da iniquidade, com a captura das suas virtudes.	a	BIB	-	ANON.	Saque e incêndio de Ciclag pelos amalecitas	AT, HIST, 1Sm, 30,1-2	X	X	X	Moral	Ética (Vícios)	Advertência moral contra a ociosidade e a tibieza.	SA 008 (Dom, 3, Qua., 20, XXXI-XXXIV)
			b	CME	<i>Glo. Ord.</i>	ANON.	Derrota em Horma	AT, PENT, Nm, 14,43							
			d	BIB	-	ANON.	David e Betsabé	AT, HIST, 2Sm, 30,1-2							
			d	ONO	<i>DNLH</i>	JERON.	-	-							
012		Exortação militar ao armamento do pregador de	a	BIB	-	ANON.	Cerco de Jerusalém	AT, PROF, Jr, 6,1			X	Moral	Pregação	Disposição sobre a obrigação moral do pregador em confortar	SA 011 (Dom, 5,

ID	MOTE	PICTURA	FONTE IMAGÉTICA					TOPOI				MENSAGEM			REF. ⁽³⁾
			OBRA			EPISÓDIO	LOCALIZAÇÃO	DLO. INT.	HTS. ESP.	ARM. ESP.	CER. ALG.	TIPO	ASSUNTO	DESCRIPTOR	
	Sermão aos pregadores ou aos prelados	fortaleza no meio da Igreja militante, à entoação da trombeta da pregação entre os hipócritas e à elevação do estandarte da cruz entre os estéreis de boas obras.	b	BIB	-	ANON.	Família de Jacob	AT, PENT, Gn, 35,18						espiritualmente os fiéis da Igreja, debelar os vícios, e anunciar a Paixão de Cristo.	Qua., 1, I-X)
			c	CME	<i>Glo. Ord.</i>	ANON.	Oráculo sobre Judá e Jerusalém	AT, PROF, Is, 1,1							
			d	CME	<i>Glo. Ord.</i>	ANON.	Oráculo dirigido ao povo de Deus	AT, PROF, Jr, 1							
			e	CME	<i>Glo. Ord.</i>	ANON.	Oráculo dirigido ao povo de Deus	AT, PROF, Jr, 1							
			f	CME	<i>Glo. Ord.</i>	ANON.	As alegrias do sábio	AT, SAP, Pr, 3,16							
			g	BIB	-	ANON.	As alegrias do sábio	AT, SAP, Pr, 3,16							
			h	CME	<i>Glo. Ord.</i>	ANON.	Oráculo sobre Judá e Jerusalém	AT, PROF, Is, 1,1							
			i	BIB	-	ANON.	A esmola	NT, EVG, Mt, 6,2							
			j	BIB	-	ANON.	As quadrigas de Aminadab	AT, SAP, Sb, 6,3							
013	Sermão sobre as portas, que são os cinco sentidos do corpo	Apavoramento dos espíritos imundos pela alma que põe em ordem de batalha os afetos da razão e os pensamentos do entendimento, para o combate contra os vícios.	a	BIB	-	ANON.	As quadrigas de Aminadab	AT, SAP, Ct, 6,3	X			Moral	Ética (Virtudes)	Incitamento moral à ordenação dos afetos da razão e dos pensamentos do entendimento.	SA 014 (Dom. Oct. Pa., 5, I-II)
			b	CME	<i>Glo. Ord.</i>	ANON.	Vem o amado	AT, SAP, Ct, 2,7							
014	Sermão alegórico e moral acerca de Cristo e do prelado da Igreja	Saída, da boca de Cristo, da espada de dois fios da pregação, que no Velho Testamento corta as obras carnis, e no Novo as concupiscências.	a	BIB	-	ANON.	Visão do Ressuscitado	NT, APC, Ap, 1,10-16		X		Doutrinal	Cristologia	Alusão à ação evangelizadora de Cristo.	SA 015 (Dom, 2, P/Pa., 5, I -II)
			b	CME	<i>Glo. Ord.</i>	ANON.	Visão do Ressuscitado	NT, APC, Ap, 1,16							
015	Sermão alegórico e moral acerca de Cristo e do prelado da Igreja	Saída, da boca do prelado da Igreja, da espada de dois fios da confissão, aguçada de ambas as partes, para cortar os vícios espirituais (soberba e vanglória) e os vícios carnis (avareza, gula e luxúria).	a	BIB		ANON.	Visão do Ressuscitado	NT, APC, Ap, 1,10-16		X		Moral	Penitência	Exortação moral à confissão dos prelados da Igreja, para debelação dos vícios espirituais da soberba e da vanglória, e dos vícios carnis da gula e da luxúria.	SA 015 (Dom, 2, P/Pa., 7, III)
			b	CME	<i>Glo. Ord.</i>	ANON.	Visão do Ressuscitado	NT, APC, Ap, 1,16							
016	Sermão acerca dos quatro cavalos e do que significam; e sobre a natureza da	Visão de Cristo, cavaleiro, montado sobre o cavalo branco da sua Humanidade, envergando vestes brancas	a	BIB	-	ANON.	Visão dos quatro ginetes	NT, APC, Ap, 6,2.4.5-8.8		X		Doutrinal	Cristologia	Referência à libertação da humanidade do domínio diabólico por Cristo, através da sua Paixão.	SA 015 (Dom, 2, P/Pa., 8, V-VIII)
			b	BIB	-	ANON.	Primeira visão: os cavaleiros	AT, PROF, Zc, 1,8							

ID	MOTE	PICTURA	FONTE IMAGÉTICA					TOPOI				MENSAGEM			REF. ⁽³⁾
			OBRA			EPISÓDIO	LOCALIZAÇÃO	DLO. INT.	HTS. ESP.	ARM. ESP.	CER. ALG.	TIPO	ASSUNTO	DESCRIPTOR	
	murta, do espigue e da ortiga e seu significado	perante o povo liberto (depois de se ter apresentado junto da humanidade cativa montando o corcel vermelho da sua Paixão), empunhando um arco composto da corda flexível da misericórdia e da rígida madeira da justiça divina, e levando sobre a cabeça a coroa de espinhos.	c	CME	Glo. Ord.	ANON.	Primeira visão: os cavaleiros	NT, PROF, Zc, 1,8							
			d	DGM	AI	ALAN.	-	-							
017	Sermão acerca dos quatro cavalos e do que significam; e sobre a natureza da murta, do espigue e da ortiga e seu significado. Um sermão contra o prelado iníquo. Igualmente, a respeito da natureza do lobo e o que significa.	Surgimento do Espírito, do Espírito da Ambição e da Glória Mundana, do Espírito do Negócio e do Diabo, devidamente armados e montados, respetivamente, sobre o corcel branco do prelado casto, o cavalo vermelho do que por simonia consegue uma prelatura, o cavalo negro do prelado mercenário, que procura recompensas temporais, e o corcel amarelo do tirano deste mundo.	a	BIB	-	ANON.	Visão dos quatro ginetes	NT, APC, Ap, 6,2.4.5-8.8	X	X		Moral	Ética (Vícios)	Condenação moral dos prelados envolvidos em práticas simoníacas.	SA 015 (Dom, 2, P/Pa., 9, IX-XVIII)
			b	BIB	-	ANON.	Job: dias felizes do passado	AT, SAP, Jb, 29,2							
			c	CME	MJ	GREG.	-	-							
			d	BIB	-	ANON.	Fala o Senhor	AT, PROF, Jr, 5,16							
			e	BIB	-	ANON.	O mau pastor	AT, PROF, Zc, 11,17							
			f	CME	Glo. Ord.	ANON.	O mau pastor	AT, PROF, Zc, 11,17							
			g	CME	Glo. Ord.	ANON.	O mau pastor	AT, PROF, Zc, 11,17							
			h	HOM	HIE	GREG.	-	-							
			i	CME	Glo. Int.	ANON.	Visão dos quatro ginetes	NT, APC, Ap, 6,8							
			j	CME	Glo. Ord.	ANON.	Visão dos quatro ginetes	NT, APC, Ap, 6,8							
			k	CME	Glo. Ord.	ANON.	Visão dos quatro ginetes	NT, APC, Ap, 6,8							
018	Sermão na Anunciação ou Natal ou Paixão do Senhor	Moção de tríplice guerra contra o Senhor (no céu, no paraíso e no mundo) pelo diabo, derrotado, espoliado do seu domínio da terra e aprisionado no cárcere do Inferno por Cristo, na batalha da Paixão.	a	BIB	-	ANON.	Guerra contra os filisteus	AT, HIST, 2Sm, 21,19	X			Doutrinal	Cristologia	Referência à libertação da humanidade do domínio diabólico por Cristo, através da sua Paixão.	SA 017 (Dom, 4, P/Pa., 4, I-III)
			b	CME	Glo. Ord.	ANON.	Guerra contra os filisteus	AT, HIST, 2Sm, 21,18							
			c	CME	Glo. Int.	ANON.	David mata Golias	AT, HIST, 1Sm, 17,23							
			d	ONO	DNLH	JERON.	-	-							
019	Sermão ao prelado ou pregador da	Munição do pregador com o cajado da cruz de Cristo, as	a	BIB	-	ANON.	David mata Golias	AT, HIST, 1Sm, 17,4	X	X		Moral	Pregação	Enumeração dos atributos necessários ao pregador para, por	SA 021 (Dom, 1,

ID	MOTE	PICTURA	FONTE IMAGÉTICA						TOPOI				MENSAGEM			REF. ⁽³⁾
			OBRA			EPISÓDIO	LOCALIZAÇÃO	DLO. INT.	HTS. ESP.	ARM. ESP.	CER. ALG.	TIPO	ASSUNTO	DESCRIPTOR		
	Igreja: que deve vencer o diabo com uma funda e uma pedra, ou seja, com obras e com palavras	cinco pedras da ciência veterotestamentária, o surrão da graça neotestamentária e a funda do exato juízo, e saída do mesmo contra os ricos, inebriados com a gula e a luxúria.	b	CME	Glo. Ord.	ANON.	David mata Golias	AT, HIST, 1Sm, 17,41							intermédio da sua pastoral, salvar da geena a alma dos pecadores (ricos, glutões e luxuriosos).	P/Pe., 1, I-II)
			c	CME	Glo. Int.	ANON.	David mata Golias	AT, HIST, 1Sm, 17,4								
			d	CME	Glo. Int.	ANON.	David mata Golias	AT, HIST, 1Sm, 17,4								
			e	CME	Glo. Ord.	ANON.	A Arca, morte de Eli e seus filhos	AT, HIST, 1Sm, 4,1								
020	Sermão sobre a luta dos demónios e dos justos	Ajuntamento das tropas demoníacas para combater aqueles que militam nos tabernáculos da penitência, e condução, por parte dos verdadeiros pregadores, reunidos na unidade da fé, do exército do espírito e da pregação ao combate das mesmas, na humildade da cruz.	a	BIB	-	ANON.	David e Golias	AT, HIST, 1Sm, 26,12-13.14.16								
			b	CME	Glo. Ord.	ANON.	A Arca, morte de Eli e seus filhos	AT, HIST, 1Sm, 4,1								
			c	CME	Glo. Int.	ANON.	David e Golias	AT, HIST, 1Sm, 17,1								
			d	CME	Glo. Int.	ANON.	Os filhos de Jacob	AT, PENT, Gn, 29,35								
			e	CME	Glo. Ord.	ANON.	A Arca e os Filisteus	AT, HIST, 1Sm, 1. c.	X		X	Moral	Pregação	Consideração sobre a obrigação do pregador em proteger os penitentes dos ataques demoníacos.	SA 022 (Dom, 2, P/Pe., 1, I-IX)	
			f	CME	Glo. Ord.	ANON.	A Arca e os Filisteus	AT, HIST, 1Sm, 1. c.								
			g	ONO	DNLH	JERON.	-	-								
			h	CME	Glo. Ord.	ANON.	A Arca, morte de Eli e seus filhos	AT, HIST, 1Sm, 4,1								
			i	CME	Glo. Int.	ANON.	David e Golias	AT, HIST, 1Sm, 17,2								
021	Sermão sobre o pranto e dor pela perda da inocência batismal e sua recuperação	Descarte, por parte dos soberbos e avarentos, do escudo da fé de Jesus Cristo e da graça do Batismo, erguido pelos justos contra a cidade da abundância de bens temporais.	a	BIB	-	ANON.	Elegia de David	AT, HIST, 2Sm, 1,17.21								
			b	BIB	-	ANON.	As armas do Cristão	NT, SPA, Ef, 6,16								
			c	BIB	-	ANON.	A cidade de Ai é conquistada	AT, HIST, Js, 8,18-19		X	X	Moral	Ética (Virtudes)	Reprovação moral do descarte das virtudes da fé e da graça do Batismo pelos soberbos e avarentos.	SA 023 (Dom, 3, P/Pe., 9, I-V)	
			d	CME	Glo. Ord.	ANON.	Emboscada contra Ai	AT, HIST, Js, 8,1								
			e	BIB	-	ANON.	Elegia de David	AT, HIST, 2Sm, 1,21								
022	Sermão sobre o modo como o diabo		a	BIB	-	ANON.	Joab mata Abner	AT, HIST, 2Sm, 20,8-10	X			Doutrinal	Demonologia	Imputação da extinção dos preceitos da caridade de Deus e	SA 023 (Dom, 3,	

ID	MOTE	PICTURA	FONTE IMAGÉTICA						TOPOI				MENSAGEM			REF. ⁽³⁾	
			OBRA			EPISÓDIO	LOCALIZAÇÃO	DLO. INT.	HTS. ESP.	ARM. ESP.	CER. ALG.	TIPO	ASSUNTO	DESCRIPTOR			
	matou em nós a caridade de Deus e do próximo	Entrega da morte aos príncipes da caridade de Deus e do próximo pelo diabo.	b	BIB	-	ANON.	Joab mata Amassá	AT, HIST, 2Sm, 20,8-10							do próximo no Homem à ação do diabo.	P/Pe., 14, VI-XI)	
			c	CME	<i>Glo. Ord.</i>	ANON.	Abner e David	AT, HIST, 2Sm, 3,17									
			d	ONO	DNLH	JERON.	-	-									
			e	CME	<i>Glo. Ord.</i>	ANON.	David recebe a notícia da morte de Saul	AT, HIST, 2Sm, 1. c.									
			f	CME	<i>Glo. Ord.</i>	ANON.	David recebe a notícia da morte de Saul	AT, HIST, 2Sm, 1. c.									
023	Sermão sobre os dois peitos de Jesus Cristo, a sua Encarnação e Paixão	Estupefação do pecador no ferimento dos demónios e na libertação da alma fiel do mal por Deus, e consequente colocação, pelo mesmo, da sura da mortificação sobre a coxa do deleite carnal.	a	BIB	-	ANON.	Sansão incendeia as searas dos filisteus	AT, PROF, Jz, 15,15	X				Moral	Penitência	Exortação moral à estupefação na conversão divina dos pecadores, bem como à mortificação da carne, por parte dos prelados e pregadores da Igreja.	SA 025 (Dom, 5, P/Pe., 20, I -III)	
			b	SIN	Diff. I	ISID.	-	-									
			c	CME	<i>Glo. Ord.</i>	ANON.	A Arca, morte de Eli e seus filhos	AT, HIST, 1Sm, 4,1									
024	Sermão alegórico e moral acerca da pequena cidade sitiada por grande rei.	Cercos da Igreja, e dos poucos cristãos virtuosos, seus habitantes, pelo diabo, com as estacas aguçadas dos hereges e as fortificações dos falsos cristãos, e libertação da mesma por Cristo	a	BIB	-	ANON.	Absurdos da existência	AT, SAP, Ecl, 9,14-15				X	X	Doutrinal	Apologética	Alusão à intervenção da Divina Providência na purga dos hereges e dos falsos cristãos da Igreja Católica, através de Cristo.	SA 027 (Dom, 7, P/Pe., 4, VI-XI)
			b	CME	<i>Glo. Int.</i>	ANON.	Absurdos da existência	AT, SAP, Ecl, 9,14									
			c	CME	<i>Glo. Int.</i>	ANON.	Absurdos da existência	AT, SAP, Ecl, 9,14									
			d	CME	<i>Glo. Int.</i>	ANON.	Evangelho da infância de Jesus	AT, SAP, Ecl, 1. c.									
			e	ENC	<i>Etym.</i>	ISID.	-	-									
			f	CME	<i>Glo. Ord.</i>	ANON.	Evangelho da infância de Jesus	AT, SAP, Ecl, 1. c.									
025	Sermão alegórico e moral acerca da pequena cidade sitiada por grande rei.	Cercos da alma e dos afetos da razão, seus habitantes, pelo apetite carnal, com as estacas aguçadas dos maus pensamentos e as fortificações dos deleites carnis, e libertação da mesma pela graça do Espírito Santo.	a	BIB	-	ANON.	Absurdos da existência	AT, SAP, Ecl, 9,14-15				X	X	Moral	Ética (Vícios)	Acautelamento do caráter pernicioso, para a alma fiel, da luxúria e dos pensamentos carnis, e incitamento à evocação do auxílio e proteção da graça do Espírito Santo.	SA 027 (Dom, 7, P/Pe., 5, XII)
			b	BIB	-	ANON.	Cercos de Samaria	AT, HIST, 2Rs, 6,24-25									
026	Sermão acerca dos cinco livros de	Ocorrência de grande fome de bens temporais na alma fiel, ou	a	BIB	-	ANON.	Cercos de Samaria	AT, HIST, 2Rs, 6,24-25				X	Moral	Ética (Vícios)	Condenação moral da perda das oito bem-aventuranças (claridade,	SA 027 (Dom, 7,	

ID	MOTE	PICTURA	FONTE IMAGÉTICA					TOPOI				MENSAGEM			REF. ⁽³⁾
			OBRA			EPISÓDIO	LOCALIZAÇÃO	DLO. INT.	HTS. ESP.	ARM. ESP.	CER. ALG.	TIPO	ASSUNTO	DESCRIPTOR	
	Moisés e sua interpretação e significado	na Igreja, sitiadas pelo diabo, obrigando à troca das moedas argêntas das bem-aventuranças pela cabeça de jumento da sabedoria mundana, e das cinco moedas argêntas das cinco virtudes pela quarta parte do esterco dos bens temporais.	b	BIB	-	ANON.	Joacaz, rei de Israel	AT, HIST, 2Rs, 13,18						agilidade, sutileza e imortalidade do corpo, e sabedoria, alegria, concórdia entre a carne e o espírito, e amizade para com Deus e para com o próximo da alma), e das cinco grandes virtudes cristãs (inocência baptismal, piedade da religião, espírito devoto e mortificação da carne, confissão dos pecados e amor de Deus e do próximo) em favor da busca de bens e benefícios temporais.	P/Pe., 6, XIII)
027	Sermão acerca dos cinco livros de Moisés e sua interpretação e significado	Ferimento da terra do corpo com a flecha da penitência.	a	BIB	-	ANON.	Morte de Eliseu	AT, HIST, 2Rs, 13,18				Moral	Penitência	Observação sobre a misericórdia divina concedida aos que mortificam o corpo durante o processo penitencial.	SA 027 (Dom, 7, P/Pe., 7, XIV-XV)
			b	ONO	DNLH	JERON.	-	-		X					
028	Sermão moral relativo ao átrio, à porta, ao meio e ao oráculo do templo e aos quatro cavalos e o seu significado	Visão do cavalo amarelo dos falsos irmãos, (simuladores da santidade), do cavalo negro dos recentemente convertidos (detentores de uma balança, para que assim como puseram os seus membros ao serviço da imundice, da luxúria e da iniquidade, assim sirvam a justiça, que leva à santificação), do cavalo vermelho dos aproveitados (abducentes da paz da sua carne e portadores da espada da discórdia nas obras de penitência), e do cavalo branco dos perfeitos (possuidores do arco da vitória, porquanto triunfantes do mundo, do diabo e da carne).	a	BIB	-	ANON.	Visão dos quatro ginetes	NT, APC, Ap, 6,2-8				Moral	Penitência	Caracterização de quatro tipos de prelados na penitência: os simulados, os recentemente convertidos, os aproveitados e os perfeitos.	SA 027 (Dom, 7, P/Pe., 6-8, XIII-XVII)
			b	CME	Glo. Ord.	ANON.	O Pai-Nosso	NT, EVG, Mt, 6,1			X				
029	Sermão contra os falsos profetas	Choro do bom prelado da Igreja perante o incêndio das cidades fortes das almas fiéis pelo diabo, com o fogo da cobiça; perante o seu	a	BIB	-	ANON.	Eliseu prevê o extermínio de Israel por Hazael	AT, HIST, 2Rs, 8,11-12			X	Moral	Apologética	Condenação moral da despreocupação herética pela assistência espiritual aos fiéis, entregues ao vício da cobiça, abertos à sugestão diabólica e	SA 028 (Dom, 8, P/Pe., 3, II-III)
			b	CME	Glo. Int.	ANON.	Os falsos profetas	NT, EVG, Mt, 7,15			X				

ID	MOTE	PICTURA	FONTE IMAGÉTICA						TOPOI				MENSAGEM			REF. ⁽³⁾
			OBRA			EPISÓDIO	LOCALIZAÇÃO	DLO. INT.	HTS. ESP.	ARM. ESP.	CER. ALG.	TIPO	ASSUNTO	DESCRIPTOR		
		extermínio das virtudes, com a espada da sugestão; perante o seu esmagamento das boas obras; e perante o seu esvaziamento do propósito da boa vontade.													destituídos do propósito da boa vontade.	
030	Sermão moral acerca dos falsos profetas, isto é, dos afetos carnaís	Duplicação e triplicação dos golpes da espada da dor pelo varão justo, visando a eliminação dos afetos carnaís e dos seus apetites.	a	BIB	-	ANON.	O cântico da espada	AT, PROF, Ez, 21,14	X		X		Moral	Penitência	Incitamento moral à penitência, para afastamento dos pensamentos carnaís.	SA 028 (Dom, 8, P/Pe., 5, V)
031	Sermão moral acerca dos falsos profetas, isto é, dos afetos carnaís	Reunião e extermínio dos afetos carnaís pelo homem justo, com a espada da penitência.	a	BIB	-	ANON.	Exterminação do culto de Baal	AT, HIST, 2Rs, 10,19	X		X		Moral	Penitência	Incitamento moral à penitência, tendo em vista o afastamento dos pensamentos carnaís.	SA 028 (Dom, 8, P/Pe., 5, VI-VIII)
			b	ONO	DNLH	JERON.	-	-								
			c	CME	Glo. Int.	ANON.	Destruição do altar de Baal	AT, HIST, Jz, 6,25								
032	A quádrupla geração e o seu significado	Devoração dos pobres e das fortunas alheias pelos avarentos e usurários, cujos dentes são armas e setas.	a	BIB	-	ANON.	Provérbios de Agur	AT, SAP, Pr, 30,11-14			X		Moral	Ética (Vícios)	Condenação moral da avareza e da usura.	SA 029 (Dom, 9, P/Pe., 13, I-II)
			b	CME	Glo. Int.	ANON.	Provérbios de Agur	AT, SAP, Pr, 30,14								
			c	BIB	-	ANON.	Prece contra os perseguidores	AT, SAP, Sl, 56,5								
033	Tema aos penitentes e de que modo se deve fazer penitência	Posicionamento do gládio da mortificação sobre o fémur da carne, pelos que desejam guardar a consciência dos diabos e das sugestões ocultas da carne.	a	BIB	-	ANON.	Poema para o rei	AT, SAP, Sl, 44,4			X		Moral	Penitência	Exortação à mortificação da carne, para refreamento da luxúria.	SA 030 (Dom, 10, P/Pe., 6, I-II)
			b	BIB	-	ANON.	Sonhos de amor	AT, SAP, Ct, 3,8								
034	A alegria dos carnaís	Remoção da espada da divindade (do Filho de Deus) da bainha da humanidade, e sua vibração pelo Pai no dia do Juízo Final, produzindo esplendor, sobre os Santos, e a sombra trémula da condenação, sobre o ímpio.	a	BIB	-	ANON.	A espada de Deus no meio de Israel	AT, PROF, Ez, 21,8			X		Doutrinal	Escatologia	Exposição do dogma católico do Juízo Final.	SA 030 (Dom, 10, P/Pe., 8, III-VI)
			b	ENC	Etym.	ISID.	-	-								
			c	BIB	-	ANON.	Oração de um justo perseguido	AT, SAP, Ct, 7,13								
			d	BIB	-	ANON.	O peito aberto pela lança	NT, EVG, Jo, 19,37								
035	Tema de sermão sobre a miséria deste exílio e o fim do homem	Cercos da cidadela da alma separada do corpo pelos demónios inimigos, com as trincheiras da condenação, seu	a	BIB	-	ANON.	Jesus chora sobre Jerusalém	NT, EVG, Lc, 19,43-44			X		Doutrinal	Escatologia	Alusão ao juízo particular do homem, após a sua morte, e à condenação eterna da alma do pecador.	SA 030 (Dom, 10, P/Pe.,
			b	BIB	-	ANON.	Hino ao Deus de Misericórdia	AT, SAP, Sl, 145,4								

ID	MOTE	PICTURA	FONTE IMAGÉTICA					TOPOI				MENSAGEM			REF. ⁽³⁾
			OBRA			EPISÓDIO	LOCALIZAÇÃO	DLO. INT.	HTS. ESP.	ARM. ESP.	CER. ALG.	TIPO	ASSUNTO	DESCRIPTOR	
		cerco e apertamento, com as iniquidades cometidas por obras, palavras e pensamentos, e seu derribamento por terra, com a redução da carne a pó.	c	CME	<i>Glo. Ord.</i>	ANON.	Evangelho da infância de Jesus	NT, EVG, Lc, 1. c.							10, V-VII)
036	A luxúria, a soberba e a natureza da cobra, e a tríplice natureza e rapina dos avaros	Duplo perecimento da alma, ao ser atingida pelo golpe da espada de dois fios da soberba.	a	BIB	-	ANON.	Fugir do pecado	AT, SAP, Sir, 21,1-4			X	Moral	Ética (Vícios)	Acautelamento do caráter danoso, para a alma fiel, do vício da soberba.	SA 032 (Dom, 12, P/Pe., 3, I-II)
			b	ENC	<i>Etym.</i>	<i>ISID.</i>	-	-							
038	A confissão	Proteção da fortaleza da alma no interior da cidade da Igreja, munida do muro da divindade e do antemuro da humanidade.	a	BIB	-	ANON.	Hino de vitória	AT, PROF, Is, 26,1				Moral	Ética (Virtudes)	Disposição sobre a obrigação moral dos fiéis em levarem à Santa Igreja o dom da fé no Verbo Encarnado, que protege a Igreja e a alma.	SA 032 (Dom, 12, P/Pe., 10, IV-VI)
			b	ENC	<i>Etym.</i>	<i>ISID.</i>	-	-							
			c	APL	DBD	AGOST.	-	-							
039	Um sermão em louvor da mesma Virgem. A construção do tabernáculo e o cestinho de vime de Moisés e seu significado.	Armamento de Cristo no tabernáculo da Virgem, com o escudo da justiça e o capacete da salvação, a fim de combater as potestades aéreas.	a	BIB	-	ANON.	As armas do Cristão	NT, SPA, Ef, 14.17.12; 2,2.				Doutринаl	Mariologia	Exposição do dogma mariano da Maternidade Divina.	SA 036 (In Fe. Pur. Ma., 4, I-II)
			b	BIB	-	ANON.	Parábola do Homem Valente	NT, EVG, Lc, 11,21.			X				
040	Um tema sobre a queda do nosso primeiro parente, e a misericórdia do Redentor	Mediação do combate opondo Deus, armado com o gládio do castigo, e o homem, munido do gládio da culpa, por Cristo, cujo sofrimento evitou o ferimento do segundo pelo primeiro.	a	BIB	-	ANON.	Job: o confronto com Deus	AT, SAP, Jb, 9,33	X			Doutринаl	Cristologia	Referência à doutrina cristológica da salvação e reconciliação da humanidade com Deus por intermédio da Paixão de Cristo.	SA 038 (Dom, XIII, P/Pe., 19, I-II)
			b	CME	<i>Glo. Ord.</i>	ANON.	Job: o confronto com Deus	AT, SAP, Jb, 9,33			X				
041	Um sermão moral sobre os sete filhos de Job, que são as sete beatitudes	Consumpção dos carnis pela espada e pela fome da falta de bens temporais.	a	BIB	-	ANON.	Sacrifícios à rainha do Céu	AT, PROF, Jr, 44,16-17.18			X	Moral	Ética (Vícios)	Condenação moral do desejo de bens temporais.	SA 038, (Dom, XIII, P/Pe., 21, III)
042	Contra os hipócritas, e aqueles que procurar posições de honra	Aproximação do prelado ambicioso de poder à torre da altura da dignidade eclesiástica, para a expugnar, e quebramento do seu cérebro	a	BIB	-	ANON.	Morte de Abimélec no cerco a Tebes	AT, HIST, Jz, 9,52-54				Moral	Ética (Vícios)	Admoestação moral contra o amor de dominar.	SA 038 (Dom, XIII, P/Pe., 23, IV-V)
			b	ONO	DNLH	JERON.	-	-			X				

ID	MOTE	PICTURA	FONTE IMAGÉTICA					TOPOI				MENSAGEM			REF. ⁽³⁾
			OBRA			EPISÓDIO	LOCALIZAÇÃO	DLO. INT.	HTS. ESP.	ARM. ESP.	CER. ALG.	TIPO	ASSUNTO	DESCRIPTOR	
		com a pancada do juízo rigoroso, provocada pelo arremesso do pedaço de mó da solicitude do cimo das muralhas, pela carne.													
043	Contra os hipócritas, e aqueles que procurar posições de honra	Fuga do iníquo das armas de ferro das necessidades da vida presente, e queda do mesmo no arco de bronze da sentença eterna.	a	BIB	-	ANON.	Sofar: o castigo do criminoso	AT, SAP, Jb, 20,24-25			X	Moral	Ética (Vícios)	Advertência moral contra a ambição desmedida do prelado iníquo.	SA 038, VI
044	Contra os hipócritas, e aqueles que procurar posições de honra	Derrota dos demónios pelos verdadeiros penitentes, mediante o trovão e a espada da confissão.	a	BIB	-	ANON.	Samuel, juiz e mediador	AT, HIST, 1Sm, 7,1	X	X		Moral	Penitência	Valorização da confissão, no âmbito do processo penitencial.	SA 038 (Dom, XIII, P/Pe., 23, VII-VIII)
			b	CME	<i>Glo. Ord.</i>	ANON.	A Arca, morte de Eli e seus filhos	AT, HIST, 1Sm, 4,1							
045	Sobre a constância da mente	Exultação do pregador, qual cavalo de guerra, com o brio da inquebrantabilidade perante a adversidade, e seu avanço ao encontro dos armados de perversidade e malícia, e desprezo do pavor da pena vindoura e da espada da pena presente.	a	BIB	-	ANON.	Cavalo de guerra de Job	AT, SAP, Jb, 39,21-22	X	X		Moral	Ética (Virtudes)	Disposição sobre a obrigação moral dos pregadores na preserverança perante a adversidade, e na oposição aos que procedem com perversidade e malícia, em favor da defesa da justiça.	SA 039 (Dom, XIV, P/Pe., 6, I)
046	Um tema sobre os contemplativos, e sobre a natureza da água	Enfrentamento entre a carne e o espírito na batalha da tentação.	a	BIB	-	ANON.	Dificuldades na vida do homem	AT, SAP, Jb, 7,1	X			Doutrinal	Antropologia	Conceção das duas dimensões da natureza humana – material (corpo) e espiritual (alma) – como contrárias e conflitantes entre si, e da carne como geradora dos males do ócio da contemplação e da vanglória da abstinência.	SA 039 (Dom, XIV, P/Pe., 9, II)
			b	CME	<i>Glo. Ord.</i>	ANON.	Dificuldades na vida do homem	AT, SAP, Jb, 7,1							
			c	EPI	Epist.	AGOST.	-	-							
047	Tema de sermão acerca do pregador e do prelado da Igreja e das suas armas	Saída do pregador para ferir o diabo sediado no coração do pecador, equipado com a couraça da paciência (entretrecida pelos anéis da inflexível caridade), com o cinturão da verdade, com as sandálias do anúncio do Evangelho da paz, com o escudo da fé, com o elmo da salvação e com a espada da	a	BIB	-	ANON.	Elogio de Judas Macabeu	AT, HIST, 1Mac, 3,2-4	X		X	Moral	Ética (Virtudes)	Elenco das virtudes e atributos necessários ao pregador para, por intermédio da sua pastoral, glorificar a Deus, proteger o próximo e ferir o diabo (paciência, caridade, verdade, fé, conhecimento do Evangelho).	SA 042 (Dom, XVII, P/Pe., 1, I-IV)
			b	ONO	DNLH	JERON.	-	-							
			c	ONO	DNLH	JERON.	-	-							
			d	BIB	-	ANON.	Cavalo de guerra de Job	AT, SAP, Jb, 39,21-22							
			e	ENC	<i>Ety.</i>	ISID.	-	-							
			f	BIB	-	ANON.	As armas do Cristão	NT, SPA, Ef, 6,14-17							

ID	MOTE	PICTURA	FONTE IMAGÉTICA					TOPOI				MENSAGEM			REF. ⁽³⁾
			OBRA			EPISÓDIO	LOCALIZAÇÃO	DLO. INT.	HTS. ESP.	ARM. ESP.	CER. ALG.	TIPO	ASSUNTO	DESCRIPTOR	
		palavra de Deus, através da qual protege o acampamento das almas dos fiéis contra a tentação da carne, a adversidade do mundo e a incursão do demónio.													
048	O ternário maldito, que o Senhor destruiu na sua Paixão, para nos dar a paz	Atemorização do diabo e dispersão do seu exército, com a travessia do rio da pregação (da margem das palavras à margem das obras) por parte do pregador e das suas hostes.	a	BIB	-	ANON.	Campanhas de Judas contra a Galileia e Guilead	AT, HIST, 1Mac, 5,40-41	X			Moral	Ética (Virtudes)	Consideração sobre a superioridade ético-moralizante dos ensinamentos proferidos pelos prelados dados à prática do que pregam aos fiéis.	SA 042 (Dom, XVII, P/Pe., 1, VIII-X)
			b	CME	<i>Glo. Ord.</i>	ANON.	Judas faz guerra aos povos vizinhos	AT, HIST, 1Mac, 5,6							
			c	CME	<i>Glo. Ord.</i>	ANON.	Judas faz guerra aos povos vizinhos	AT, HIST, 1Mac, 5,6							
			d	BIB	-	ANON.	Combates na zona marítima	AT, HIST, 1Mac, 5,62							
049	A subida e renovação da alma	Reunião do exército dos pensamentos e dos afetos por parte do penitente, e subida do mesmo ao monte do entendimento, para aí encontrar o santuário da alma deserto da graça do Espírito Santo, o altar da fé profanado, as portas dos cinco sentidos do corpo queimadas com o fogo da concupiscência, os átrios do coração tomados dos arbustos dos pensamentos supérfluos e os pastofórios dos segredos do espírito destruídos pelos desejos ilícitos, e explodir num paroxismo penitencial, rasgando os vestidos (com a contrição do coração), fazendo grande pranto (com a lacrimosa confissão), deitando sobre a cabeça cinza (com a humilde satisfação) e prostrando-se com o rosto por	a	BIB	-	ANON.	Purificação do templo	AT, HIST, 1Mac, 4,36-40				Moral	Penitência	Evocação dos três principais estágios do processo penitencial.	SA 044 (Dom, XIX, P/Pe., 5, I-II)
			b	CME	<i>Glo. Ord.</i>	ANON.	Purificação do templo	AT, HIST, 1Mac, 4,37							
			c	HOM	HP	G. NISS.	-	-							

ID	MOTE	PICTURA	FONTE IMAGÉTICA					TOPOI				MENSAGEM			REF. ⁽³⁾
			OBRA			EPISÓDIO	LOCALIZAÇÃO	DLO. INT.	HTS. ESP.	ARM. ESP.	CER. ALG.	TIPO	ASSUNTO	DESCRIPTOR	
		terra (com a lembrança da última dissolução).													
050	Tema de sermão referente aos cinco filhos de Matatias e ao seu significado	Marcha do penitente contra o diabo, e extirpação deste último do terreno do espírito, na guerra da confissão.	a	BIB	-	ANON.	Tradições sobre a conquista de Canã. No Sul.	AT, HIST, Jz, 1,1-2	X			Moral	Penitência	Asseveração sobre o dever do penitente em reconciliar-se com Deus, anunciando os seus pecados e os seus vícios durante a confissão.	SA 044 (Dom, XIX, P/Pe., 12, III-IV)
			b	ONO	DNLH	JERON.	-	-							
051	Tema de sermão sobre a mortificação da carne e a repressão dos sentidos	Derrota e humilhação dos sentidos do corpo por parte do penitente, com a sua mortificação e o arrebatamento da sua posse do freio do tributo da concupiscência da gula e da luxúria, e medição do movimento carnal com o cordão da aspereza da penitência, sob a medida da discrição.	a	BIB	-	ANON.	Guerras e triunfos de David	AT, HIST, 2Sm, 8,1-2	X	X		Moral	Penitência	Exortação moral à mortificação da carne, para contenção da concupiscência da gula e da luxúria.	SA 044 (Dom, XIX, P/Pe., 13, V-VIII)
			b	CME	Glo. Ord.	ANON.	Guerras e triunfos de David	AT, HIST, 2Sm, 8,2							
			c	CME	Glo. Ord.	ANON.	A Arca, morte de Eli e seus filhos	AT, HIST, 1Sm, 4,1							
			d	CME	Glo. Ord.	ANON.	Guerras e triunfos de David	AT, HIST, 2Sm, 8,2							
052	Tema para a Anunciação do Senhor	Extermínio dos pecadores e incêndio da cidade da carne (em que habitaram) com o fogo da geena, por exércitos de Anjos enviados pelo Senhor no dia do Juízo.	a	BIB	-	ANON.	Parábola do grande banquete	NT, EVG, Mt, 22,7	X	X		Doutrinal	Angelologia	Crença na condenação à geena da alma e do corpo dos pecadores, por Anjos enviados à Terra aquando do Juízo Final.	SA 045 (Dom, XX, P/Pe, 6, I-II)
			b	CME	Glo. Ord.	ANON.	Evangelho da infância de Jesus	NT, EVG, Mt, 1. c.							
053	As três guerras. Fala-se da natureza da salamandra e do pardal e das penas do Inferno.	Entrega da morte ao diabo pelo penitente, aquando da mortificação, na guerra travada na carne, contra os cinco sentidos do corpo.	a	BIB	-	ANON.	Guerra contra os filisteus	AT, HIST, 2Sm, 21,19	X			Moral	Penitência	Incitamento do penitente à mortificação da carne.	SA 045 (Dom, XX, P/Pe., 9, IV-VI)
			b	CME	Glo. Ord.	ANON.	Guerra contra os filisteus	AT, HIST, 2Sm, 21,18							
			c	CME	Glo. Ord.	ANON.	David e Golias	AT, HIST, 1Sm, 17,23							
054	As três guerras. Fala-se da natureza da salamandra e do pardal e das penas do Inferno.	Triunfo do penitente sobre o exército do diabo, no penhasco da penitência, com a lanterna da contrição, a trombeta da confissão e a ânfora partida da mortificação da carne.	a	BIB	-	ANON.	Vitória de Gedeão sobre o exército de Madiã	AT, PROF, Is, 10,26	X	X		Moral	Penitência	Apelo à contrição, à confissão e à mortificação da carne por parte do penitente.	SA 045 (Dom, XX, P/Pe., 9, VII-IX)
			b	BIB	-	ANON.	Em perseguição do inimigo	AT, HIST, Jz, 7,19-21							
			c	ONO	DNLH	JERON.	-	-							
055	Um sermão no Natal do Senhor	Apetrechamento do bom prelado com o cavalo da boa	a	BIB	-	ANON.	As armas do Cristão	NT, SPA, Ef, 6,10-11	X		X	Moral	Ética (Virtudes)	Enumeração das virtudes necessárias ao bom prelado (boa	SA 046 (Dom,

ID	MOTE	PICTURA	FONTE IMAGÉTICA					TOPOI				MENSAGEM			REF. ⁽³⁾
			OBRA			EPISÓDIO	LOCALIZAÇÃO	DLO. INT.	HTS. ESP.	ARM. ESP.	CER. ALG.	TIPO	ASSUNTO	DESCRIPTOR	
		vontade, a sela da humildade, os estribos da constância, as esporas do duplo amor, o freio da temperança, o escudo da fé, a couraça da justiça, o capacete da salvação e a lança da caridade, ora para sua proteção contra a invasão dos inimigos da soberba, do ócio, da dor da pobreza e da consolação das riquezas, ora para combate dos vícios da carne e da alma, dos demónios, dos que têm poder sobre os pecadores, dos que conduzem à morte dos mundanos, e do espírito mau, em vista dos bens celestes.	b	BIB	-	ANON.	As armas do Cristão	NT, SPA, Ef, 6,15-17						vontade, humildade, constância, duplo amor, temperança, fé, justiça, salvação, caridade) para afastamento dos vícios (soberba, ócio, dor da pobreza, consolação daas riquezas), dos demónios, dos que têm poder sobre os pecadores, dos que conduzem à morte dos mundanos e do espírito mau, em vista dos bens celestes.	XXI, P/Pe., 11, I-VII)
			c	CME	<i>Glo. Int.</i>	ANON.	As armas do Cristão	NT, SPA, Ef, 6,12							
			d	CME	<i>Glo. Int.</i>	ANON.	As armas do Cristão	NT, SPA, Ef, 6,12							
			e	CME	<i>Glo. Int.</i>	ANON.	As armas do Cristão	NT, SPA, Ef, 6,12							
			f	CME	<i>Glo. Ord.</i>	ANON.	As armas do Cristão	NT, SPA, Ef, 6,12							
			g	CME	<i>Glo. Int.</i>	ANON.	As armas do Cristão	NT, SPA, Ef, 6,12							
			h	CME	<i>Glo. Ord.</i>	ANON.	As armas do Cristão	NT, SPA, Ef, 6,12							
056	A febre da luxúria	Armamento do bom prelado com o cinturão da verdade, a couraça da justiça, as sandálias do anúncio do Evangelho da paz, o escudo da fé (que apaga todos os dardos dos insultos diabólicos, inflamados de vício para vício), o elmo da eterna salvação e a espada do Evangelho, para o combate contra a luxúria.	a	BIB	-	ANON.	A Igreja e o Evangelho	NT, SPA, Ef, 1. c.	X		X	Moral	Ética (Vícios)	Reprovação moral do vício da luxúria, e discriminação das virtudes e atributos necessários ao bom prelado para seu afastamento (verdade, justiça, fé, salvação, conhecimento do Evangelho e do modo de o anunciar).	SA 046 (Dom, XXI, P/Pe., 16, VIII-XX)
			b	CME	<i>Glo. Int.</i>	ANON.	A Igreja e o Evangelho	NT, SPA, Ef, 1. c.							
			c	BIB	-	ANON.	As armas do Cristão	NT, SPA, Ef, 6,15							
			d	CME	<i>Glo. Int.</i>	ANON.	As armas do Cristão	NT, SPA, Ef, 6,15							
			e	BIB	-	ANON.	As armas do Cristão	NT, SPA, Ef, 6,16							
			f	CME	<i>Glo. Ord.</i>	ANON.	As armas do Cristão	NT, SPA, Ef, 6,16							
			g	CME	<i>Glo. Int.</i>	ANON.	As armas do Cristão	NT, SPA, Ef, 6,16							
			h	CME	<i>Glo. Int.</i>	ANON.	As armas do Cristão	NT, SPA, Ef, 6,16							
			i	BIB	-	ANON.	As armas do Cristão	NT, SPA, Ef, 6,16-17							
			j	CME	<i>Glo. Ord.</i>	ANON.	As armas do Cristão	NT, SPA, Ef, 6,17							
			k	CME	<i>Glo. Int.</i>	ANON.	As armas do Cristão	NT, SPA, Ef, 6,17							
			l	CME	<i>Glo. Int.</i>	ANON.	As armas do Cristão	NT, SPA, Ef, 6,17							

ID	MOTE	PICTURA	FONTE IMAGÉTICA					TOPOI				MENSAGEM			REF. ⁽³⁾
			OBRA			EPISÓDIO	LOCALIZAÇÃO	DLO. INT.	HTS. ESP.	ARM. ESP.	CER. ALG.	TIPO	ASSUNTO	DESCRIPTOR	
			m	BIB	-	ANON.	A Igreja e o Evangelho	NT, SPA, Ef, 1. c.							
057	Tema de sermão acerca do pregador, ou do prelado da Igreja, e sobre as riquezas dos pecadores; e sobre a tríplice convocação da trombeta.	Entoação da trombeta da pregação, a convocar os pecadores para a guerra contra os vícios, santificação da mesma guerra, com a deposição dos vícios, animação dos valentes propósitos de não recair no pecado, marcha dos cinco sentidos do corpo com costumes castos e castigados, e forja das espadas da confissão e da própria acusação, dos enxadões da solicitude terrena e do amor próprio, e das lanças da caridade.	a	BIB	-	ANON.	As trombetas da assembleia	AT, PENT, Nm, 10,9-10				Moral	Pregação	Defesa do chamamento dos pecadores à penitência como uma das finalidades da pregação	SA 048 (Dom, XXIII, P/Pe., 1, I-III)
			b	CME	<i>Glo. Ord.</i>	ANON.	As trombetas da assembleia	AT, PENT, Nm, 10,7-10							
			c	BIB	-	ANON.	O anúncio do castigo e a ruína da Samaria	AT, PROF, Jl, 3,8-10		X	X				
058	As quatro hastes de Zacarias e seu significado	Perturbação da razão com o tumulto dos maus pensamentos, provocado pelos carros de guerra dos sentidos corpóreos sendo conduzidos pela carne em direção aos bens temporais.	a	BIB	-	ANON.	As quadrigas de Aminadab	AT, SAP, Ct, 6,11				Moral	Ética (Vícios)	Advertência moral contra a avidez de bens temporais, suscitada pelos sentidos do corpo.	SA 049 (Dom, XXIV, P/Pe., 7, II)
			b	CME	<i>Glo. Int.</i>	ANON.	As quadrigas de Aminadab	AT, SAP, Ct, 6,11		X	X				
059	As quatro hastes de Zacarias e seu significado	Arrebatamento, por parte do Senhor, do arco da enganadora sugestão do diabo, da espada do tumultuoso pensamento do coração e da guerra do lascivo deleite dos sentidos da casa da consciência.	a	BIB	-	ANON.	Israel, esposa infiel ao Senhor	AT, PROF, Os, 2,18				Moral	Ética (Vícios)	Alusão à purga divina de três males da consciência dos fiéis: da sugestão do diabo, do pensamento do coração e do deleite dos sentidos.	SA 049 (Dom, XXIV, P/Pe., 8, III-IV)
			b	CME	MJ	GREG.	-	-			X				
060	Tema de sermão sobre o dia de Juízo e a condenação dos pecadores	Cobertura da espada do poder divino com o sangue dos pecados e a gordura da opulência dos carnisais, no dia do Juízo, e vingança da mesma do sangue dos hipócritas, dos libidinosos e dos gordos abades e priores, habitantes na fortificação da congregação desavinda e dissoluta dos	a	BIB	-	ANON.	Castigo de Edom	AT, PROF, Is, 34,6-10				Doutrinal	Escatologia	Acautelamento da punição divina dos hipócritas, dos libidinosos, dos gordos abades e priores, e dos claustrais dados aos vícios transeuntes, aquando do Juízo Final.	SA 050 (Dom, 1 de Ad., 18, I-VIII)
			b	CME	<i>Glo. Int.</i>	ANON.	Castigo de Edom	AT, PROF, Is, 34,5							
			c	CME	<i>Glo. Int.</i>	ANON.	Castigo de Edom	AT, PROF, Is, 34,6			X				
			d	CME	<i>Glo. Int.</i>	ANON.	Castigo de Edom	AT, PROF, Is, 34,6			X				
			e	CME	<i>Glo. Int.</i>	ANON.	Castigo de Edom	AT, PROF, Is, 34,6							

ID	MOTE	PICTURA	FONTE IMAGÉTICA					TOPOI				MENSAGEM			REF. ⁽³⁾			
			OBRA			EPISÓDIO	LOCALIZAÇÃO	DLO. INT.	HTS. ESP.	ARM. ESP.	CER. ALG.	TIPO	ASSUNTO	DESCRIPTOR				
		claustrais, exteriormente fortificada por muros, mas interiormente exposta a todo o vício transeunte.	f	CME	Glo. Int.	ANON.	Castigo de Edom	AT, PROF, Is, 34,6										
			g	CME	Glo. Int.	ANON.	Castigo de Edom	AT, PROF, Is, 34,6										
			h	CME	Glo. Ord.	ANON.	Castigo de Edom	AT, PROF, Is, 34,6										
061	Sobre a ressurreição da alma dos pecados	Elevação do estandarte da pregação da cruz vitoriosa sobre o diabo, por parte dos pregadores.	a	BIB	-	ANON.	Queda da Babilónia	AT, PROF, Is, 13,2					Moral	Pregação	Disposição sobre o dever do prelado em pregar o diabo vencido pela força da cruz, e em pôr em obras os preceitos pregados.	SA 054 (Dom, 1 P/Oct. Nat., 12, I)		
			b	CME	MJ	GREG.	-	-										
			c	CME	Glo. Int.	ANON.	Oráculo sobre Judá e Jerusalém	AT, PROF, Is, 1. c.			X							
			d	CME	Glo. Int.	ANON.	Oráculo sobre Judá e Jerusalém	AT, PROF, Is, 1. c.										
062	O duplo parto de Maria Santíssima. E sobre a Paixão de seu Filho.	Sofrimento da alma de Maria Santíssima devido ao seu trespassamento pela espada da Paixão de seu Filho.	a	BIB	-	ANON.	Cântico de Simeão	NT, EVG, Lc, 2,35			X		Doutrinal	Mariologia	Alusão à angústia da Virgem no episódio da Paixão de seu Filho.	SA 054 (Dom, 1 P/Oct. Nat., 14, V)		
063	A anunciação ou Natal do Senhor	Cessação do domínio diabólico do mundo, e da noite da era anterior à vinda de Cristo, pelo salto do Filho de Deus, qual inflexível guerreiro, do trono real do Pai ao meio da terra posta fora dos limites da vida eterna pelo diabo, e trespassamento deste último com a aguçada espada da divindade que, escondida na bainha da humanidade, encheu da morte da Paixão tudo o que fora esvaziado pelos primeiros pais, chegando até à divindade celeste.	a	BIB	-	ANON.	Noite de morte para os egípcios e de libertação para os israelitas	AT, SAP, Sb, 18,14-16					X	X	Doutrinal	Cristologia	Exposição da doutrina da redenção da humanidade por Cristo, mediante a sua Encarnação e Paixão.	SA 054 (Dom, 1 P/Oct. Nat., 17, VI-XIV)
			b	BIB	-	ANON.	Parábola do Homem Valente	NT, EVG, Lc, 11,21										
			c	CME	Glo. Ord.	ANON.	Parábola do Homem Valente	NT, EVG, Lc, 11,21										
			d	CME	Glo. Ord.	ANON.	Parábola do Homem Valente	NT, EVG, Lc, 11,21										
			e	CME	Glo. Ord.	ANON.	Noite de morte para os egípcios e de libertação para os israelitas	AT, SAP, Sb, 18,15										
			f	BIB	-	ANON.	Parábola do Homem Valente	NT, EVG, Lc, 11,22										
			g	BIB	-	ANON.	Ainda sobre o crocodilo	AT, SAP, Jb, 41,18-20										
			h	BIB	-	ANON.	Ainda sobre o crocodilo	AT, SAP, Jb, 41,24										

ID	MOTE	PICTURA	FONTE IMAGÉTICA					TOPOI				MENSAGEM			REF. ⁽³⁾
			OBRA			EPISÓDIO	LOCALIZAÇÃO	DLO. INT.	HTS. ESP.	ARM. ESP.	CER. ALG.	TIPO	ASSUNTO	DESCRIPTOR	
			i	BIB	-	ANON.	Entrada no repouso de Deus pela fé	NT, HEB, Heb, 4,12							
			j	BIB	-	ANON.	Parábola do Homem Valente	NT, EVG, Lc,							
			k	BIB	-	ANON.	Ainda sobre o crocodilo	AT, SAP, Jb,							
			l	BIB	-	ANON.	Entrada no repouso de Deus pela fé	NT, HEB, Heb,							
064	Sermão moral acerca da penitência	Interrupção do repouso do diabo à sombra da soberba, e da noite do pecado mortal, graças ao salto da graça do Espírito Santo, qual inflexível guerreiro, para o meio do espírito do pecador, e ao trespassamento dos quatro inimigos do não simulado império do Senhor (amor do pecado, vergonha de o confessar, medo da penitência e desespero do perdão) pela espada da confissão, capaz de fazer chegar o penitente ao céu, estando ele na terra.	a	BIB	-	ANON.	Noite de morte para os egípcios e de libertação para os israelitas	AT, SAP, Sb, 6,2.4.55-6.8	X	X		Moral	Penitência	Exortação moral à verdadeira consciencialização do pecado, confissão e mortificação do corpo.	SA 054 (Dom, 1, P/Oct. Nat., 19, XV-XVI)
			b	BIB	-	ANON.	Restauração de Sião e salvação universal. A missão	AT, PROF, Is, 49,2							
065	Sermão moral acerca da penitência	Discorrimento do diabo pelo mundo, montado sob o corcel amarelo do prelado hipócrita, e tendo por escudeiro a soberba, responsável pela alimentação da montaria diabólica com a cevada e a água da austeridade da abstinência, pelo seu selamento, com a sela da fingida humildade, e pelo seu freiamento, com o freio do silêncio.	a	BIB	-	ANON.	Visão dos quatro ginetes	NT, APC, Ap, 6,2.4.5-6.8			X	Moral	Penitência	Advertência moral contra os prelados hipócritas, simuladores da penitência.	SA 054 (Dom, 1, P/Oct. Nat., 19, XV)
066	Tema de sermão aos pregadores	Conversão dos pregadores ricos num arco falso, que em vez de mandar setas de vida santa e de doutrina e ferir o	a	BIB	-	ANON.	Alianças com estrangeiros	AT, PROF, Os, 7,15-16			X	Moral	Ética (Vícios)	Condenação moral da riqueza, instiladora do vício da soberba nos religiosos.	SA 056 (Dom, 1, P/Oct.

ID	MOTE	PICTURA	FONTE IMAGÉTICA					TOPOI				MENSAGEM			REF. ⁽³⁾		
			OBRA			EPISÓDIO	LOCALIZAÇÃO	DLO. INT.	HTS. ESP.	ARM. ESP.	CER. ALG.	TIPO	ASSUNTO	DESCRIPTOR			
		adversário, mandam setas de vida perversa e de blasfêmia contra o Senhor.														Ep., 1, I-II)	
067	Tema de sermão acerca da luta do diabo contra o justo e os cinco soldados que o defendem	Reunião do exército dos vícios por parte do diabo, para dar batalha ao varão justo, e preparação da sua derrota pelo aparecimento das cinco virtudes da humildade do espírito, da castidade do corpo, do amor da pobreza, da excelência da dupla caridade e do propósito da perseverança final como adversárias, montando os cavalos da boa vontade, adornados com os freios da abstinência e da disciplina, de ouro, pela discrição, os quais servem de guia aos penitentes.	a	BIB	-	ANON.	Górgias e as fortalezas de Idumeia	AT, HIST, 2Mac, 10,29-10					Moral	Ética (Virtudes)	Elenco das cinco virtudes indispensáveis ao prelado da Igreja, ou a qualquer justo (humildade, castidade, amor da pobreza, dupla caridade e propósito da preseverança final).	SA 057 (Dom, 2 P/Oct. Ep., 9, VIII-XI)	
			b	CME	Glo. Ord.	ANON.	Górgias e as fortalezas de Idumeia	AT, HIST, 2Mac, 10,32									
			c	CME	Glo. Ord.	ANON.	Górgias e as fortalezas de Idumeia	AT, HIST, 2Mac, 10,32									
			d	BIB	-	ANON.	Sabedoria e insensatez	AT, SAP, Pr, 21,31									
068	O recenseamento do orbe	Posicionamento do capacete da humanidade sobre a cabeça da divindade, pelo Senhor.	a	BIB	-	ANON.	Intervenção do Senhor	AT, PROF, Is, 59,17				X		Doutrinal	Cristologia	Exposição da doutrina da Encarnação de Cristo.	SA 059 (In Nat. Dom., 2, I)
069	Sermão alegórico	Enfrentamento e ferimento do diabo por Cristo, na guerra do madeiro, travada no lago da Paixão.	a	BIB	-	ANON.	Guerra contra os filisteus	AT, HIST, 2Sm,	X				Doutrinal	Cristologia	Exposição da doutrina da salvação e redenção da humanidade por Cristo, através da sua Paixão.	SA 059 (In Nat. Dom., 12, II)	
			b	CME	Glo. Ord.	ANON.	Guerra contra os filisteus	AT, HIST, 2Sm,									
070	Sermão alegórico	Fuga do prelado mercenário (que trabalha pela recompensa da vanglória), e abandono, pelo mesmo, do rebanho dos bons pensamentos, aquando da aproximação do lobo da sugestão diabólica.	a	BIB	-	ANON.	Jesus, Porta e Bom Pastor das ovelhas	NT, EVG, Jo, 10,12			X			Moral	Ética (Vícios)	Reprovação moral dos prelados que trabalham, não por amor da justiça, mas por vanglória.	SA 065 (In Ep. Dom., 9, I)
071	Sermão moral	Farejamento da batalha da tentação pelo cavalo de guerra do justo, com o olfato da discrição.	a	BIB	-	ANON.	Cavalo de guerra de Job	AT, SAP, Jb, 39,25				X		Moral	Ética (Virtudes)	Reflexão sobre a importância da virtude cristã da discrição na evasão dos pecados carnis e de outras tentações diabólicas.	SA 067 (In Fe. Pur. Mar., 11, I)
072	Sermão moral	Ocorrência de uma longa guerra entre a Igreja,	a	BIB	-	ANON.	Batalha de Guibeon	AT, HIST, 2Sm, 3,1		X			Doutrinal	Apologética		SA 072 (In Res.	

ID	MOTE	PICTURA	FONTE IMAGÉTICA					TOPOI				MENSAGEM			REF. ⁽³⁾		
			OBRA			EPISÓDIO	LOCALIZAÇÃO	DLO. INT.	HTS. ESP.	ARM. ESP.	CER. ALG.	TIPO	ASSUNTO	DESCRIPTOR			
		fortificada e aumentada pelo Senhor, e a Sinagoga, diariamente diminuída.	b	ONO	DNLH	JERON.	-	-							Alusão à intervenção da Divina Providência no conflito opondo a Igreja e a Sinagoga.	Dom., 4, I-III)	
			c	CME	Glo. Ord.	ANON.	David recebe a notícia da morte de Saul	AT, HIST, 2Sm, 1. c.									
073	A última aparição de Cristo	Oferecimento divino de proteção e de paz para com os inimigos (o diabo, o mundo e a carne) ao fiel estabelecido na casa de cedro da consciência do justo, alta pelo amor de Deus, de cheiro agradável pela vida honesta, muito duradoira pela perseverança, perfumada pela pureza ou devota oração, repelente dos movimentos carnis ou dos demónios, e geradora de fruto de salvação eterna.	a	BIB	-	ANON.	Promessas de Deus a David	AT, HIST, 2Sm, 7,1-2					X	Moral	Ética (Virtudes)	Enumeração das virtudes próprias dos fiéis que usufruem de paz interior, aos quais Cristo se revela (amor de Deus, honestidade, perseverança, pureza, devota oração, renúncia à carne, boas obras).	SA 076 (In Asc. Dom., 2, I)
074	Sermão alegórico	Saída de Cristo contra o diabo, armado com o cajado da cruz, com o qual mata o adversário da humanidade.	a	BIB	-	ANON.	David mata Golias	AT, HIST, 1Sm, 17,4	X		X		Doutrinal	Cristologia	Exposição da doutrina da salvação e redenção da humanidade por Cristo, através da sua Paixão.	SA 076 (In Asc. Dom., 9, VIII)	
075	Sermão alegórico acerca dos apóstolos São Pedro e São Paulo	Entoação de duas trombetas de prata, os apóstolos São Pedro São Paulo, por causa da sonoridade da pregação, batida, por causa da pancada do martírio, a convocar os povos para a guerra contra os vícios, a incitar à vigilância do adversário diabólico, e a aconselhar o revestimento dos fiéis com o escudo da fé, capaz de extinguir todos os dardos de fogo do maligno.	a	BIB	-	ANON.	As trombetas da assembleia	AT, PENT, Dt, 33,18-19					X	Panegírico	Apostolado	Exaltação da ação evangelizadora e do martírio dos apóstolos São Pedro e São Paulo	SA 079 (In Ap. Pet. et Pau., 9, I-IX)
			b	CME	Glo. Int.	ANON.	Bênçãos de Jacob	AT, PENT, Gn, 49,13									
			c	CME	Glo. Int.	ANON.	Hino à palavra criadora e providente	AT, SAP, Sl, 33,6									
			d	BIB	-	ANON.	Hino à palavra criadora e providente	AT, SAP, Sl, 33,6									
			e	BIB	-	ANON.	O Senhor é juiz	AT, SAP, Sl, 75,4									
			f	BIB	-	ANON.	As trombetas da assembleia	AT, PENT, Nm, 10,1-2									
			g	BIB	-	ANON.	As trombetas da assembleia	AT, PENT, Nm, 10,9-10									
			h	BIB	-	ANON.	Exortação aos fiéis	NT, CAT, 1Pe, 5,8-9									

ID	MOTE	PICTURA	FONTE IMAGÉTICA					TOPOI				MENSAGEM			REF. ⁽³⁾
			OBRA			EPISÓDIO	LOCALIZAÇÃO	DLO. INT.	HTS. ESP.	ARM. ESP.	CER. ALG.	TIPO	ASSUNTO	DESCRIPTOR	
			i	BIB	-	ANON.	As armas do Cristão	NT, SPA, Ef, 6,16							
076	A vocação apostólica e a Ordem dos Pregadores	Incapacidade de erradicação das heresias da Igreja, devido à cessação do gládio do espírito, que é a Palavra de Deus.	a	BIB	-	ANON.	As armas do Cristão	NT, SPA, Ef, 6,17			X	Doutrinal	Apologética	Associação do surgimento e crescimento das heresias na Igreja, após a Era dos Mártires, ao descurar da pregação por parte dos que se encarregavam do ofício, fruto da sua corrupção por vícios mundanos (dízimos, primícias, honras, riquezas).	SSP 004 (4 In Fe. S. And., I)
077	A santificação	Convocação dos pregadores ao combate dos hereges, munidos das armas dos autores e dos argumentos, por intermédio das quais vencem os oponentes, sendo santificados.	a	BIB	-	ANON.	Contra o rei de Judá	AT, PROF, Jr, 22,7			X	Doutrinal	Apologética	Nomeação da submissão herética pelo pregador como uma das formas de santificação.	SSP 036 (3 In Vig. Nat., I)
078	Os meninos de Deus	Visão da Igreja militante aberta e surgimento de Cristo sobre o cavalo branco do seu corpo, liderando os exércitos celestes dos santos inocentes, montados sobre os corcéis brancos dos seus corpos imaculados.	a	BIB	-	ANON.	Vitória do Messias	NT, APC, Ap, 19,11.12-14		X	X	Panegírico	Hagiologia	Elogio dos Santos Inocentes, e do seu martírio.	SSP 067 (1 In Fe. S. In., I)
079	Crueldade versus ternura; O sangue inocente	Enfurecimento de Herodes contra a Virgem refugiada no Egito, e moção de guerra pelo mesmo contra os meninos da sua descendência.	a	BIB	-	ANON.	Primeiro sinal: o Dragão contra a Mulher	NT, APC, Ap, 12,17	X			Doutrinal	Mariologia	Exposição do dogma da maternidade divina.	SSP 069 (3 In Fe. S. In., III)
080	As virtudes do prelado	Pertença de São Tomás a Deus, qual cavalo de guerra que, fortalecido pela audácia de coração contra a pusilanimidade, revestido da graça da pregação contra a taciturnidade e dotado da agilidade das obras e da contemplação contra o ócio, resfolega com a morte iminente, escava fora com as	a	BIB	-	ANON.	Cavalo de guerra de Job	AT, SAP, Jb, 39,19-22			X	Moral	Ética (Virtudes)	Enumeração das nove virtudes possuídas por São Tomás, necessárias a todos os bons prelados (audácia de coração, graça da pregação, agilidade das obras e da contemplação, glória da morte iminente, confiança na boa consciência, desejo da auréola, desprezo da ameaça e constância contra o golpe da degolação iminente).	SSP 075 (1 In Fe. S. Tom., I-VI)
			b	CME	<i>Glo. Ord.</i>	ANON.	Cântico de vitória	AT, PENT, Ex, 15,1							
			c	BIB	-	ANON.	Jesus, Porta e Bom Pastor das ovelhas	NT, EVG, Jo, 10,12							
			d	BIB	-	ANON.	Maldições	AT, PENT, Lv, 26,14-41							
			e	BIB	-	ANON.	Ressurreição	AT, PROF, Is, 27,1							

ID	MOTE	PICTURA	FONTE IMAGÉTICA					TOPOI				MENSAGEM			REF. ⁽³⁾
			OBRA			EPISÓDIO	LOCALIZAÇÃO	DLO. INT.	HTS. ESP.	ARM. ESP.	CER. ALG.	TIPO	ASSUNTO	DESCRIPTOR	
		patas a terra da cobiça mundana, exulta com a confiança da boa consciência, corre ao encontro do martírio, despreza o pavor e não recua perante o golpe da degolação iminente.	f	BIB	-	ANON.	Libertação e regresso de Israel								
081	O prelado, cidade fortificada	Estabelecimento divino do pregador como cidade fortificada, promotora da harmonia entre os súbditos e apta a defender-se pacientemente das injustiças, como coluna de ferro, capaz de sustentar os fracos e necessitados, e como muralha de bronze, opondo-se à multidão de adversários da Igreja.	a	BIB	-	ANON.	Vocação de Jeremias					Moral	Ética (Virtudes)	Disposição sobre o dever moral do prelado em promover a harmonia entre os fiéis, suportar pacientemente as injustiças, sustentar os fracos e necessitados e opor-se aos inimigos da fé da Igreja.	SSP 081 (6 In Fe. S. Tom., I-III)
			b	BIB	-	ANON.	Confiança no meio das perseguições								
			c	BIB	-	ANON.	Nova confissão de Jeremias				X				
082	As tentações do demónio	Trespasseamento dos homens com as flechas da luxúria, da inveja e da idolatria, e com as setas da detração (especialmente aguçadas) e da adulação (envenenadas com o mel e o doce vinho do vão louvor), defletíveis com os escudos da boa vontade e da verdade.	a	BIB	-	ANON.	Job: inocência e súplica					Moral	Ética (Vícios)	Advertência moral contra as tentações da luxúria, da inveja, da idolatria, da detração e da adulação.	SSP 107 (1 In Fe. S. Seb., I-XV)
			b	HAG	ASS	PS. AMBR.	Martírio de São Sebastião								
			c	HAG	PSS	AUT. INCERT.	Martírio de São Sebastião								
			d	BIB	-	ANON.	Job: queixas contra os amigos								
			e	BIB	-	ANON.	Mulher má e mulher virtuosa								
			f	BIB	-	ANON.	Queda da Babilónia				X				
			g	BIB	-	ANON.	Derrota e morte de Saul								
			h	BIB	-	ANON.	Morte de Acab								
			i	BIB	-	ANON.	Corrupção moral de Judá								
			j	BIB	-	ANON.	Confiança do justo								
			k	BIB	-	ANON.	A maledicência								

ID	MOTE	PICTURA	FONTE IMAGÉTICA					TOPOI				MENSAGEM			REF. ⁽³⁾
			OBRA			EPISÓDIO	LOCALIZAÇÃO	DLO. INT.	HTS. ESP.	ARM. ESP.	CER. ALG.	TIPO	ASSUNTO	DESCRIPTOR	
			l	HOM	SCC	BERN.	-								
			m	BIB	-	ANON.	Oração da manhã contra os inimigos	AT, SAP, Sl, 5,13							
			n	BIB	-	ANON.	Deus é o meu amparo	AT, SAP, Sl, 91,4-5							
			o	CME	SCC	BERN.	-	-							
			p	CME	SCC	BERN.	-	-							
083	A vitória sobre os inimigos da alma	Recompensa de São Vicente, invicto atleta de Cristo, por Deus, com os manás da renovação espiritual, da consolação angelical e da eterna fruição, graças ao seu triunfo sobre três inimigos, na batalha do martírio: sobre o diabo, sobre a montaria deste último (Daciano) e sobre os seus carrascos, armados com topos os tipos de tormentos.	a	BIB	-	ANON.	À igreja de Pérgamo	NT, APC, Ap, 2,17							
			b	HAG	PSVLM	AUT. INCERT.	Martírio de São Vicente	-							
			c	BIB	-	ANON.	A libertação	AT, PROF, Is, 8,9-10	X		X	Panegírico	Hagiologia	Enaltecimento da santidade de São Vicente, e do triplo triunfo por si obtido aquando do seu martírio (sobre o diabo, sobre Daciano, e sobre os seus carrascos).	SSP 122 (1 In Fe. S. Vic., I-IV)
			d	MST	MHC	AUT. INCERT. (BERN.?)	-	-							
084	A vitória sobre os inimigos da alma	Recompensa divina, com o maná da vida eterna, do homem triunfante sobre três inimigos, na batalha da sua vida terrena: sobre o diabo, mediante as armas da alegria espiritual, da memória da Paixão de Cristo e da humildade perfeita; sobre a carne, através das armas da discreta abstinência, da contenção e da sagrada vigília; e sobre o mundo, com as armas do amor à pobreza, do desprezo pelas honras e da fé nas glórias celestes.	a	HAG	PSVLM	AUT. INCERT.	Martírio de São Vicente	-							
			b	HAG	VBA	ATAN., EVRA.	Antão narra as suas experiências com os Demónios	-							
			c	BIB	-	ANON.	Vitória de Josafat sobre os amonitas e moabitas	AT, HIST, 2Cr, 20,22	X		X	Moral	Ética (Virtudes)	Enumeração dos atributos espirituais necessários ao cristão para triunfar sobre o diabo (alegria espiritual, memória da Paixão de Cristo, humildade), a carne (abstinência, contenção, vigílias) e o mundo (amor à pobreza, desprezo pelas honras e fé nas glórias celestes), e alcançar a vida eterna.	SSP 122 (1 In Fe. S. Vic., V-XVII)
			d	BIB	-	ANON.	Vitória dos filhos de Simão sobre Cendebeu	AT, HIST, 1Mac, 16,8							
			e	BIB	-	ANON.	Campanha de Judas contra Górgias	AT, HIST, 2Mac, 12,36-37							
			f	BIB	-	ANON.	Luta contra o pecado	NT, CAT, 1Pe, 4,1							

ID	MOTE	PICTURA	FONTE IMAGÉTICA					TOPOI				MENSAGEM			REF. ⁽³⁾
			OBRA			EPISÓDIO	LOCALIZAÇÃO	DLO. INT.	HTS. ESP.	ARM. ESP.	CER. ALG.	TIPO	ASSUNTO	DESCRIPTOR	
			g	BIB	-	ANON.	Primeiro sinal: Miguel e o Dragão	NT, APC, Ap, 12,7							
			h	BIB	-	ANON.	Primeiro sinal: Miguel e o Dragão	NT, APC, Ap, 12,11							
			i	BIB	-	ANON.	Campanhas de Antíoco V e de Lísias	AT, HIST, 1Mac, 6,34							
			j	SNT	VS	AUT. INCERT., PELAG.	S. Macário e o diabo	-							
			k	SNT	VS	AUT. INCERT., PELAG.	S. Macário e o diabo	-							
			l	BIB	-	ANON.	Cristo, pedra angular	NT, CAT, 1Pe, 2,11							
			m	BIB	-	ANON.	Os novos céus e a nova terra	NT, APC, Ap, 21,7-8							
085	O gládio da morte do pecador e a paz do justo	Perecimento do pecador pelos gládios da consciência, da malícia, do demónio e do juízo de Cristo	a	BIB	-	ANON.	Assalto à cidade	AT, PROF, Jr, 34,4-5							
			b	BIB	-	ANON.	Uso da língua	AT, SAP, Pr, 12,18							
			c	BIB	-	ANON.	A sorte do justo e do ímpio	AT, SAP, Sl, 37,15							
			d	BIB	-	ANON.	Fugir do pecado	AT, SAP, Sir, 21,3							
			e	BIB	-	ANON.	Oração pela prosperidade	AT, SAP, Sl, 144,11							
			f	BIB	-	ANON.	Vitória do Messias	NT, APC, Ap, 19,20-21							
			g	BIB	-	ANON.	Visão do Ressuscitado	NT, APC, Ap, 1,16							
			h	BIB	-	ANON.	Oração de um justo perseguido	AT, SAP, Sl, 7,13							
			i	BIB	-	ANON.	Job: Sofrimento e esperança	AT, SAP, Jb, 19,29							

ID	MOTE	PICTURA	FONTE IMAGÉTICA				TOPOI				MENSAGEM			REF. ⁽³⁾
			OBRA		EPISÓDIO	LOCALIZAÇÃO	DLO. INT.	HTS. ESP.	ARM. ESP.	CER. ALG.	TIPO	ASSUNTO	DESCRIPTOR	
086	Cristo verdadeiro homem e nosso irmão nascido da nobilíssima Virgem Maria, rainha de todos os homens	Investidura de Cristo como guerreiro no tálamo do útero virginal, e sua munição com as armas pelas quais derrotou o príncipe do mundo, com todo o seu exército.	-	-	-	-	-	-	X	X	Doutrinal	Mariologia	Exposição do dogma mariano da Maternidade Divina.	SSP 180 (10 In Fe. Anu. Mar.)
087	Maria é a cidade de Deus	Refúgio dos fiéis da guerra da tentação na cidade forte da Santíssima Virgem, vivificada pelo rio do Espírito Santo.	a	BIB	-	ANON.	Deus, nosso protetor e nossa força	AT, SAP, Sl, 46,5	X	X	Doutrinal	Mariologia	Exposição do dogma mariano da Maternidade Divina.	SSP 181 (11 In Fe. Anu. Mar., I-V)
			b	BIB	-	ANON.	Falta de sabedoria	AT, PROF, Jr, 8,14						
			c	BIB	-	ANON.	Oração na hora da provação	AT, SAP, Sl, 31,22						
			d	BIB	-	ANON.	Cidades de refúgio	AT, HIST, Js, 20.7						
			e	CME	EP	AGOST.	-	-						
088	A Cruz, lenho de justiça	Vitória de Cristo sobre o Diabo, através do lenho de justiça.	a	BIB	-	ANON.	Os ídolos são coisas vãs	AT, SAP, Sb, 14,7	X	X	Doutrinal	Cristologia	Exposição da doutrina da salvação e redenção da humanidade por Cristo, através da sua Paixão.	SSP 202 (1 In Inv. S. Cruc., I-III)
			b	HAG	ISC	AUT. INCERT.	Batalha da Ponte Mílvia	-						
			c	HAG	SCI	J. CIR.	Batalha da Ponte Mílvia	-						
			d	DGM	DT	AGOST.	-	-						
089	A palavra de Deus, como uma espada	Infalibilidade da espada da pregação no armamento dos soldados de Cristo (os bons prelados e pregadores, responsáveis pela guarda da Igreja), na penetração dos corações dos ouvintes, na separação dos pais e dos amigos mundanos, na consumpção e devoração do homem carnal, na luta contra os hereges e na amputação dos membros do diabo, decepado pelo pregador.	a	BIB	-	ANON.	Restauração de Sião e salvação universal. A missão	AT, PROF, Is, 49,2	X	X	Doutrinal	Pregação	Elenco das propriedades da pregação eficaz (ser exercida por bons prelados e pregadores, ser persuasiva, afastar os mundanos e combater os vícios carnisais, os hereges e o diabo).	SSP 219 (5 In Fe. Ioa. Bap., I-XIII)
			b	BIB	-	ANON.	Contra os chefes e os falsos profetas. As falsas profecias.	AT, PROF, Mq, 3,1-12						
			c	BIB	-	ANON.	Sonhos de amor	AT, SAP, Ct, 3,7-8						
			d	BIB	-	ANON.	Entrada no repouso de Deus pela fé	NT, HEB, Heb, 4,12						
			e	BIB	-	ANON.	Coragem e desprendimento	NT, EVG, Mt, 10,34-35						
			f	CME	CEP	P. LOMB.	-	-						

ID	MOTE	PICTURA	FONTE IMAGÉTICA					TOPOI				MENSAGEM			REF. ⁽³⁾	
			OBRA			EPISÓDIO	LOCALIZAÇÃO	DLO. INT.	HTS. ESP.	ARM. ESP.	CER. ALG.	TIPO	ASSUNTO	DESCRIPTOR		
			g	BIB	-		Cântico de Moisés	AT, PENT, Dt, 32,42								
			h	BIB	-	ANON.	David e Betsabé	AT, HIST, 2Sm, 11,25								
			i	BIB	-	ANON.	À igreja de Pérgamo	NT, APC, Ap, 2,16								
			j	BIB	-	ANON.	Exortação e sonho de Judas	AT, HIST, 2Mac, 15,16								
			k	BIB	-	ANON.	Grandeza e sabedoria de Deus	AT, SAP, Jb, 40,25								
			l	BIB	-	ANON.	As armas do Cristão	NT, SPA, Ef, 16,17								
			m	BIB	-	ANON.	David mata Golias	AT, HIST, 1Sm, 50,51								
090	A missão de São Pedro e São Paulo	Envolvimento dos apóstolos São Pedro e São Paulo numa batalha tripla: contra o diabo, contra o mundo e contra a carne.	a	BIB	-	ANON.	Mistérios do universo	AT, SAP, Jb, 38,22-23		X			Panegírico	Apostolado	Elogio dos Apóstolos São Pedro e São Paulo.	SSP 226 (2 In Fe. Pet. et Pau., I)
091	Saúl e Jónatas, príncipes da Sinagoga; Pedro e Paulo, príncipes da Igreja	Perseguição da Igreja pelo diabo, com a espada de São Paulo, e sua decapitação pela mesma.	a	BIB	-	ANON.	Os guibeonitas contra a família de Saul	AT, HIST, 2Sm, 21,9	X		X		Panegírico	Apostolado	Evocação da experiência de São Paulo enquanto soldado romano e temível perseguidor de cristãos, antes da sua conversão.	SSP 227 (3 In Fe. Pet. et Pau., I)
092	Os apóstolos, príncipes dos povos	Reunião dos demónios e hereges para dar combate a Deus, e alinhamento dos anjos e dos apóstolos, príncipes dos povos, a Seu favor.	a	BIB	-	ANON.	Ao rei universal	AT, SAP, Sl, 47,1		X			Panegírico	Apostolado	Elogio dos Apóstolos.	SSP 228 (4 In Fe. Pet. et Pau., I-IV)
			b	BIB	-	ANON.	As armas do Cristão	NT, SPA, Ef, 6,12								
			c	BIB	-	ANON.	Astúcia dos guibeonitas	AT, HIST, Js, 9,2								
			d	BIB	-	ANON.	Primeiro sinal: Miguel e o Dragão	NT, APC, Ap, 12,7-8								
093	A exemplar amizade de São Pedro e São Paulo	Entreajuda dos apóstolos São Pedro e São Paulo na derrota dos tiranos, Nero e os seus cúmplices, com uma espada espiritual.	a	BIB	-	ANON.	Sabedoria e insensatez	AT, SAP, Pr, 18,19		X	X		Panegírico	Apostolado	Elogio dos Apóstolos São Pedro e São Paulo.	SSP 229 (5 In Fe. Pet. et Pau., I-III)
094	Obediência e boas obras	Saída de São Pedro, fortalecido por Cristo como uma torre, um forte e um	a	BIB	-	ANON.	Benção das tribos	AT, PENT, Dt, 33,18-19	X			X	Panegírico	Apostolado	Elogio do Apóstolo São Pedro.	SSP 233 (9 In Fe.

ID	MOTE	PICTURA	FONTE IMAGÉTICA					TOPOI				MENSAGEM			REF. ⁽³⁾
			OBRA			EPISÓDIO	LOCALIZAÇÃO	DLO. INT.	HTS. ESP.	ARM. ESP.	CER. ALG.	TIPO	ASSUNTO	DESCRIPTOR	
		habitação inexpugnável, para a batalha contra o inimigo, e seu retorno com grandes despojos.													Pet. et. Pau., I)
095	A verdadeira e a vã glória	Triunfo de Santa Marina sobre o diabo, com o sinal da cruz de Cristo	a	HAG	PSM	AUT. INCERT.	Santa Marina e o Dragão	-	X			Panegírico	Hagiologia	Elogio de Santa Marina.	SSP 235 (2 In Fe. Marin., I)
096	Eleição e ministério de São Tiago	Eleição divina de São Tiago para lutar a boa milícia (convertendo Fileto, atormentando demônios com fogo, ordenando a sua libertação ao anjo), e seu triunfo sobre Labão, sobre o anjo e sobre Esaú.	a	HAG	LSJ	CALIST.	Conversão de Fileto	-	X			Panegírico	Apostolado	Elogio do Apóstolo São Tiago	SSP 258 (12 In Fe. Iac., I-III)
			b	BIB	-	ANON.	Jacob regressa à sua terra	AT, PENT, Gn, 32,24-29							
			c	BIB	-	ANON.	Jacob regressa à sua terra	AT, PENT, Gn, 32,28							
097	Eleição e ministério de São Tiago	Eleição divina da O.P. para o combate contra a vanglória de Labão, contra a ira de Seir e contra a gula de Esaú.	-	-	-	-	-	-	X			Moral	Ética (Vícios)	Defesa do combate da vanglória, da ira e da gula como um dos fins da eleição na Igreja.	SSP 258 (12 In Fe. Iac., III)
098	As virtudes de São Domingos	Triunfo de São Domingos sobre o diabo, com as armas da assiduidade da oração e da exímia humildade; sobre o mundo, através do cálcio das honras e da pobreza voluntária; sobre a vontade própria, pela devota obediência; sobre a própria carne, pela eficácia da abstinência; sobre os hereges, pela quantidade de milagres e admirável paciência; e sobre os restantes pecadores, pela honestíssima conduta e eficácia da pregação	a	BIB	-	ANON.	Sabedoria e insensatez	AT, SAP, Pr, 21,28	X	X		Moral	Ética (Virtudes)	Enumeração das virtudes necessárias ao afastamento do diabo (oração assídua e humildade), do mundo (firmeza das honras e pobreza voluntária), da vontade própria (obediência), da carne (abstinência), dos hereges (santidade e paciência), e dos restantes pecadores (honestidade e eficácia da pregação).	SSP 264 (2 In Fe. Dom., I-III)
			b	BIB	-	ANON.	Sabedoria e insensatez	AT, SAP, Pr, 16,32							
099	São Domingos, guarda e porteiro do palácio do Senhor	Proteção de Deus por São Domingos na batalha contra os Albigenses, membros do diabo, decepados pelo vigoroso soldado com a espada do espírito, que é a palavra de Deus.	a	BIB	-	ANON.	O insensato	AT, SAP, Pr, 27,18	X	X		Panegírico	Hagiologia	Elogio da ação predicatória conduzida por São Domingos contra os Albigenses.	SSP 268 (6 In Fe. Dom., I-VI)
			b	BIB	-	ANON.	Salomão implora a sabedoria	AT, SAP, Sb, 10,12							
			c	BIB	-	ANON.	As armas do Cristão	NT, SPA, Ef, 6,17							
			d	BIB	-	ANON.	Guerra contra os filisteus	AT, HIST, 2Sm, 21,15							

ID	MOTE	PICTURA	FONTE IMAGÉTICA					TOPOI				MENSAGEM			REF. ⁽³⁾			
			OBRA			EPISÓDIO	LOCALIZAÇÃO	DLO. INT.	HTS. ESP.	ARM. ESP.	CER. ALG.	TIPO	ASSUNTO	DESCRIPTOR				
			e	ONO	DNLH	JERON.	-	-										
			f	ONO	DNLH	JERON.	-	-										
100	A gloriosa cruz	Glorificação dos fiéis na cruz, como se gloriam aquele que corre para o prémio da salvação no velocíssimo cavalo, o príncipe no terribilíssimo estandarte, e aquele que combate no afiadíssimo gládio.	a	BIB	-	ANON.	Caridade fraterna	NT, SPA, Gl, 6,14					Moral	Ética (Virtudes)	Exortação moral à glorificação dos fiéis na cruz de Cristo.	SSP 324 (1 In Fe. Exa. Cruc., I-VIII)		
			b	HOM	Hom.	R. MAUR.	Triunfo de Heráclio sobre Cosroes	-										
			c	HAG	SVS	B. MOMBR.	Triunfo de Heráclio sobre Cosroes	-										
			d	BIB	-	ANON.	Primeira visão: os cavaleiros	AT, PROF, Zc, 1,8			X							
			e	CME	<i>Glo. Ord.</i>	ANON.	-	AT, PROF, Zc, 1,8										
			f	HOM	Serm.	MART.	-	-										
			g	HOM	SCC	BERN.	-	-										
			h	BRV	BOP	ANON.	-	-										
			i	OFN	DOT	AMBR.	-	-										
101	As armadilhas da perdição	Aperto dos que se alegram com o infortúnio dos justos pelo diabo, com as armadilhas da luxúria, da avareza, da soberba, da adulação, do mau exemplo, ou má vida, da decepção herética e da eterna condenação.	a	BIB	-	ANON.	O mau prejudica-se a si próprio	AT, SAP, Sir, 27,29					Moral	Ética (Vícios)	Elenco dos vícios conducentes à eterna condenação (luxúria, avareza, soberba, adulação, mau exemplo, ou má vida e decepção herética).	SSP 342 (2 In Fe. Maur., I)		
			b	HAG	PMA	E. LUGD.	Martírio da Legião Tebana	-			X							
102	A hierarquia celeste	Guarda e defesa da cidade da fé dos homens, derrota dos demónios e dos homens maus no dia do Juízo, e contínuo serviço do Senhor pelas nove fileiras angelicais (Serafins, Querubins, Tronos, Dominações, Principados, Poderes, Virtudes, Arcanjos, Anjos), ordenadas em três acampamentos (epifania, hiperfania e hipofania).	a	BIB	-	ANON.	Jacob regressa à sua terra	AT, PENT, Gn, 32,2					X	X	Doutrinal	Angelologia	Explanação sobre a hierarquia dos anjos, agrupados em nove ordens, ou coros angelicais (Serafins, Querubins, Tronos, Domínios, Principados, Poderes, Virtudes, Arcanjos, Anjos), distribuídas por três hiararquias (epifania, hiperfania, hipofania).	SSP 345 (1 In Fe. Mich., I-X)
			b	BIB	-	ANON.	Os guerreiros sírios	AT, HIST, 2Rs, 6,14-17										
			c	BIB	-	ANON.	Primeiro sinal: Miguel e o Dragão	NT, APC, Ap, 12,7-8										
			d	BIB	-	ANON.	Bildad: soberania de Deus	AT, SAP, Jb, 25,3										
			e	SNT	SLQ	P. LOMB.	-	-										
			f	CME	ICC	STRAB.	-	-										

ID	MOTE	PICTURA	FONTE IMAGÉTICA					TOPOI				MENSAGEM			REF. ⁽³⁾	
			OBRA			EPISÓDIO	LOCALIZAÇÃO	DLO. INT.	HTS. ESP.	ARM. ESP.	CER. ALG.	TIPO	ASSUNTO	DESCRIPTOR		
			g	BIB	-	ANON.	Morte de Senaquerib	AT, PROF, Is, 37,36								
			h	CME	<i>Glo. Ord.</i>	ANON.	O ancião e o filho de homem	AT, PROF, Dn, 7,1								
			i	BIB	-	ANON.	Morte dos sacerdotes de Nob	AT, HIST, 1Sm, 22,19								
			j	BIB	-	ANON.	Jerusalém restaurada	AT, PROF, Is, 62,6								
			k	BIB	-	ANON.	Bildad: soberania de Deus	AT, SAP, Jb, 25,3								
103	A hierarquia celeste	Guarda e defesa dos fiéis, dilatação da fé e enriquecimento da Igreja por parte das fileiras dos nove tipos de irmãos (contemplativos, doutores, confessores, abades ou priores, vice priores, mestres e noviços, santos milagreiros, pregadores e visitantes), constituintes dos acampamentos das ordens religiosas (de Cister, dos Pregadores, dos Menores), armados pelos seus primeiros abades e mestres (São Bento, São Domingos, São Francisco), e pelos que vieram depois (Frei Roberto, Frei Jordão, etc.).	a	BIB	-	ANON.	Jacob regressa à sua terra	AT, PENT, Gn, 32,2								
			b	BIB	-	ANON.	As quadrigas de Aminadab	AT, SAP, Ct, 6,9								
			c	BIB	-	ANON.	Cântico de Judite	AT, HIST, Jdt, 16,3-4								
			d	BIB	-	ANON.	A nova terra	AT, PROF, Zc, 9,8								
			e	BIB	-	ANON.	Refutação das calúnias	NT, SPA, 2Cor, 10,3-6								
			f	HOM	<i>ILJ</i>	ORIG.	-	-								
			g	BIB	-	ANON.	Maldições contra os ambiciosos	AT, PROF, Is, 5,2								
			h	BIB	-	ANON.	Vitória do Messias	NT, APC, Ap, 19,11	X		X	Doutrinal	Eclesiologia	Estabelecimento de uma correspondência entre a hierarquia dos anjos e a das congregações religiosas, compostas por nove categorias de irmãos, diferenciáveis quanto às suas funções (contemplativos, doutores, confessores, abades ou priores, vice-priores, mestres e noviços, santos milagreiros, pregadores e visitantes).	SSP 345 (1 In Fe. Mich., XI-XXI)	
			i	BIB	-	ANON.	Vitória do Messias	NT, APC, Ap, 19,14								
			j	BIB	-	ANON.	Paulo no crepúsculo da vida	NT, SPA, 2Tm, 4,7-8								
			k	BIB	-	ANON.	Destruição de Samaria	AT, PROF, Is, 28,5-6								
			l	BIB	-	ANON.	Os gafanhotos e o Dia do Senhor	AT, PROF, Jl, 2,11								
			m	BIB	-	ANON.	Regresso dos discípulos	NT, EVG, Lc, 10,19								
			n	HOM	SCC	BERN.	-	-								
			o	HOM	SCC	BERN.	-	-								

ID	MOTE	PICTURA	FONTE IMAGÉTICA					TOPOI				MENSAGEM			REF. (3)
			OBRA			EPISÓDIO	LOCALIZAÇÃO	DLO. INT.	HTS. ESP.	ARM. ESP.	CER. ALG.	TIPO	ASSUNTO	DESCRIPTOR	
			p	BIB	-	ANON.	Decálogo ritual	AT, PENT, Ex, 34,25							
104	Preparação para a batalha contra	Farejamento das batalhas contra a tentação futura, pelo justo; contra as maldades dos hereges, pelo pregador; contra a gente pagã, pelo príncipe católico; contra a cupidez das riquezas, pelo cobiçoso; contra as perseguições do Anticristo, pelos patriarcas, os profetas, Cristo, os apóstolos e os pregadores modernos; contra a perseguição à Igreja Primitiva, por São Dionísio e os restantes mártires.	a	BIB	-	ANON.	Cavalo de guerra de Job	AT, SAP, Jb, 39,25				Moral	Ética (Vícios)	Acautelamento contra as tentações futuras, as heresias, o paganismo, a cupidez, as perseguições do Anticristo, e as perseguições à Igreja.	SSP 358 (2 In Fe. Dion., I-IX)
			b	CME	MJ	GREG.	-	-							
			c	BIB	-	ANON.	Epopeia triunfal de Israel	AT, SAP, Sl, 68,31							
			d	BIB	-	ANON.	Os mortos também ressuscitam	NT, SPA, 1Cor, 15,32							
			e	BIB	-	ANON.	Aparição divina e triunfo	AT, SAP, Sl, 18,38		X					
			f	BIB	-	ANON.	Aparição divina e triunfo	AT, SAP, Sl, 18,4							
			g	BIB	-	ANON.	Origem das discórdias	NT, CAT, Tg, 4,1							
			h	BIB	-	ANON.	Segundo sinal: a Besta marítima	NT, APC, Ap, 13,7							
			i	BIB	-	ANON.	A fé exemplar dos antepassados	NT, HEB, Heb, 11,33-34							
105	As quatro quadrigas e os quatro cavalos de Cristo	Perturbação da alma fiel com o estrépito da voz da Sinagoga, ou da Igreja, provocado pela passagem das quatro quadrigas de Deus: a quadriga da lei natural, assente sobre as rodas do não dizer e não fazer aos outros o que não desejaríamos para nós, e do dizer e fazer aos outros o que desejaríamos para nós, e puxada pelos cavalos vermelhos dos Patriarcas; a quadriga da lei mosaica, cujas rodas são a doutrina moral, o ensino dos ritos, as determinações legais e o conjunto dos vários ensinamentos, e os cavalos negros que a puxam, os Profetas; a quadriga das leis evangélicas, que anda sobre a	a	BIB	-	ANON.	As quadrigas de Aminadab	AT, SAP, Ct, 6,11				Doutrinal	Apostolado	Defesa dos Apóstolos e Evangelistas, como São Lucas, como sucessores dos Patriarcas e dos Profetas bíblicos, e antecessores dos Novos Pregadores, na sua condição de mensageiros do Evangelho.	SSP 366 (5 In Fe. Luc., I-VIII)
			b	BIB	-	ANON.	Oitava visão: os carros	AT, PROF, Zc, 6,2							
			c	BIB	-	ANON.	Abraão e Lot	AT, PENT, Gn, 14,14-15							
			d	BIB	-	ANON.	Vingança de Dina pelos seus irmãos	AT, PENT, Gn, 34,25-29							
			e	BIB	-	ANON.	Oitava visão: os carros	AT, PROF, Zc, 6,2	X	X					
			f	BIB	-	ANON.	Oitava visão: os carros	AT, PROF, Zc, 6,3							
			g	BIB	-	ANON.	Oitava visão: os carros	AT, PROF, Zc, 6,3							
			h	BIB	-	ANON.	Oitava visão: os carros	AT, PROF, Zc, 6,1							

ID	MOTE	PICTURA	FONTE IMAGÉTICA					TOPOI				MENSAGEM			REF. ⁽³⁾
			OBRA			EPISÓDIO	LOCALIZAÇÃO	DLO. INT.	HTS. ESP.	ARM. ESP.	CER. ALG.	TIPO	ASSUNTO	DESCRIPTOR	
		doutrina histórica, alegórica, tropológica e anagógica, e é puxada pelos cavalos brancos dos Apóstolos e Evangelistas; e a quadriga de toda a Sagrada Escritura, assente sobre a Lei Natural, a Lei Velha, a Lei Nova e a doutrina dos Santos Padres, e puxada pelos cavalos fortes e multicolores dos Novos Pregadores.													
106	As três quadrigas e os quatro cavalos de Faraó ou do demônio	Transição de Judas da cavalaria da salvação, cujos cavalos (os apóstolos) Deus montou e difundiu pela terra, para a cavalaria do Diabo, integrada pelos corcéis montados por este último (Judas) e pelos anjos do mal (os perseguidores).	a	BIB	-	ANON.	As cinco imprecções	AT, PROF, Hab, 3,8							
			b	BIB	-	ANON.	Cântico de vitória	AT, PENT, Ex, 15,4							
			c	CME	<i>Glo. Ord.</i>	ANON.	Cântico de vitória	AT, PENT, Ex, 15,4	X	X		Doutrinal	Apostolado	Alusão ao episódio da traição de Cristo por Judas Iscariotes.	SSP 367 (6 In Fe. Luc., I-III)
107	As três quadrigas e os quatro cavalos de Faraó ou do demônio	Destruição, pelos carros de guerra de Cristo, das três quadrigas em que o diabo se gloria, abala para a guerra e corre velozmente: a quadriga da malícia, sustentada pelas quatro rodas da cólera, da impaciência, da ousadia e da imprudência, e puxada pelos dois cavalos do poder mundano e do fausto secular, tendo como aurigas a Arrogância e a Inveja; a quadriga da luxúria, assente sobre as quatro rodas dos prazeres da mesa, dos desejos sexuais, da moleza dos vestidos e do relaxamento do ócio e do sono, puxada pelos dois cavalos da vida próspera e da abundância de riquezas, e tendo por aurigas o Torpor da	a	BIB	-	ANON.	As cinco imprecções	AT, PROF, Hab, 3,8							
			b	HOM	SCC	BERN.	-	-							
			c	BIB	-	ANON.	Guerra entre Nabucodonosor e Arfaxad	AT, HIST, Jdt, 1,4							
			d	BIB	-	ANON.	Guerra contra as nações ocidentais	AT, HIST, Jdt, 2,11							
			e	BIB	-	ANON.	Os crimes de Nínive	AT, PROF, Na, 3,2-3	X	X		Moral	Ética (Vícios)	Advertência moral contra os vícios da malícia, da luxúria e da avareza.	SSP 367 (6 In Fe. Luc., IV-IX)
			f	BIB	-	ANON.	Resposta de Isaías	AT, PROF, Is, 37,24							
			g	BIB	-	ANON.	Anúncio de Salvação	AT, PROF, Na, 2,4							

ID	MOTE	PICTURA	FONTE IMAGÉTICA				TOPOI				MENSAGEM			REF. ⁽³⁾
			OBRA		EPISÓDIO	LOCALIZAÇÃO	DLO. INT.	HTS. ESP.	ARM. ESP.	CER. ALG.	TIPO	ASSUNTO	DESCRIPTOR	
		Indolência e a Falsa Confiança; e a quadriga da avareza, que anda sobre a mesquinhez, a desumanidade, o desprezo de Deus e o esquecimento da morte, sendo puxada pelos cavalos da rapacidade e da tenacidade.												
108	A missão dos Evangelistas	Desferimento, por Cristo, das flechas dos evangelistas, cujas quatro penas são as virtudes cardeais (prudência, temperança, justiça e fortaleza), e dispersão dos perseguidores pelas mesmas.	a	BIB	-	ANON.	Aparição divina e triunfo	AT, SAP, Sl, 18,15	X	X	Doutrinal	Apostolado	Asseveração da destruição dos perseguidores e da conversão dos predestinados à penitência enquanto missões dos Evangelistas, como São Lucas.	SSP 368 (7 In Fe. S. Luc., I-IV)
			b	CME	CP	P. LOMB.	-	-						
			c	CME	Glo. Ord.	ANON.	Oração de um inocente contra os inimigos	AT, SAP, Sl, 17,15						
			d	BIB	-	ANON.	Oração de um justo em provação	AT, SAP, Sl, 35,15-16						
			e	BIB	-	ANON.	Sabedoria e insensatez	AT, SAP, Pr, 20,26						
109	Os santos, varões gloriosos	Saída dos santos, varões gloriosos, para o combate em nome de Cristo contra a carne, o mundo e o diabo, pelos mesmos vencidos com o martírio e o brilho dos milagres.	a	BIB	-	ANON.	As obras de Deus estão acima de todo o louvor	AT, SAP, Ecl, 44,1		X	Panegórico	Hagiologia	Elogio de Todos os Santos.	SSP 382 (8 In Fe. Omn. Sanct., I)
110	A cidade e o rio caudaloso, são a Igreja e a pregação	Cerca da alma humilde, parca de atitudes heroicas e virtuosas no seu juízo, pelo diabo e seu exército de orgulhosos, com o fosso das tribulações e as fortificações das tentações, e salvação da mesma pelo rio da abundante devoção do amor.	a	BIB	-	ANON.	Deus, nosso protetor e nossa força	AT, SAP, Sl, 46,5	X	X	Moral	Ética (Virtudes)	Exortação ao cultivo da virtude teologal do amor de Deus.	SSP 401 (6 In Fe. Clem., I-IV)
			b	BIB	-	ANON.	Absurdos da existência	AT, SAP, Ecl, 9,14						
			c	BIB	-	ANON.	Alegria de Paulo pelas boas notícias	NT, SPA, 2Cor, 7,5						
			d	BIB	-	ANON.	Absurdos da existência	AT, SAP, Ecl, 9,15						

⁽³⁾ Referências remetentes para a localização das *Picturae* nas Tabelas A e B.

d) Tabela D – Signos e símbolos da guerra (SA e SSP): identificação, sentidos e significados

ID	SIGNIFICANTE	SENTIDO	SIGNIFICADO		REFERÊNCIA ⁽⁴⁾
001	Abimelec	Negativo	Prelado ambicioso	“Abimelec [...] significa aquele que quer estar à frente dos outros como se fora pai e rei”	SA 038 (Dom, XIII, P/Pe., 23, IV)
002	Abissai	Positivo	São Domingos	“Abissai [...] este é o bem-aventurado Domingos”	SSP 268 (6 In Fe. Dom., VI)
003	Abner	Positivo	Caridade de Deus	“Por Abner [...] entende-se a caridade de Deus”	SA 023 (Dom, 3, P/Pe., 14, VII)
004	Absalão	Negativo	Adão	“Trespassei o coração a Absalão [...] Este foi Adão”	SA 004 (Dom, 1, Qua., 3, IV)
005	Acampamento	Negativo	Coração	“Nos seus campos mora o diabo, pois a morada do diabo é o coração do homem mau”	SA 008 (Dom, 3, Qua., 8, XIII)
		Positivo (Dominante)	Hierarquias angelicais (epifania, hiperfania, hipofania)	“os acampamentos de Deus chamam-se aqueles exércitos de anjos que então apareceram a Jacob”	SSP 345 (1 In Fe. Mich., I)
			Conventos e congregações cistercienses, dominicanos, franciscanos e de outros religiosos	“no sentido alegórico, os acampamentos de Deus são os conventos e congregações dos irmãos da ordem Cisterciense, dos frades Pregadores, dos irmãos Menores, e de outros religiosos”	SSP 345 (1 In Fe. Mich., X)
			Virtudes e dons espirituais	“os acampamentos de Deus são as multidões de virtudes e de dons espirituais que estão na alma”	SSP 345 (1 In Fe. Mich., XXII)
			Santos	“os acampamentos de Deus são todos os exércitos que já possuem o reino dos céus”	SSP 345 (1 In Fe. Mich., XXV)
			Alma do fiel	“E protegia o acampamento com a sua espada. A espada é a palavra de Deus, que lhe foi confiada. Esta palavra deve proteger as almas dos fiéis”	SA 042 (Dom, XVII, P/Pe., 1, IV).
006	Aljava	Positivo	Coração contrito	“setas na aljava são as punções e dores do coração contrito”	SA 007 (2 Dom, 2, Qua., 11, V)
			Consciência	“abrirá a aljava, isto é, a consciência”	SSP 107 (1 In Fe. S. Seb., IV)
			Memória	“as setas guardadas na aljava são: adulações, maledicências, maldições e blasfêmias guardadas na memória”	SSP 107 (1 In Fe. S. Seb., VIII)
007	Amalecitas	Negativo	Demónios	“Amalecitas [...] significam os demónios”	SA 008 (Dom, 3, Qua., 20, XXXII)
008	Amasa	Positivo	Caridade para com o próximo	“Por Amasa [...] entende-se a caridade para com o próximo”	SA 023 (Dom, 3, P/Pe., 14, IX)
009	Aminadab	Negativo	Corpo	“Aminadab [...] simboliza o nosso corpo”	SA 049 (Dom, XXIV, P/Pe., 7, II)
		Positivo	Cristo	“Aminadab que [...] Este, é Cristo”	SSP 366 (5 In Fe. Luc., I)
010	Arco	Positivo (Dominante)	Confissão	“O arco simboliza a confissão”	SA 007 (2 Dom, 2, Qua., 11, VIII)
			Pregação	“O seu arco é a pregação”	SA 008 (Dom, 3, Qua., 7, IV)
			Misericórdia e justiça de Deus	“O arco, constando de corda e de madeira, significa a misericórdia e a justiça de Deus”	SA 015 (Dom, 2, P/Pa., 8, VII)
			Divina Escritura	“O arco significa a divina Escritura”	SA 015 (Dom, 2, P/Pa., 9, VIII)
			Vitória	“um arco, o arco da vitória”	SA 027 (Dom, 7, P/Pe., 8, XVII)
		Negativo	Sentença eterna	“O bronze figura a sentença eterna, a qual [...] justamente se compara ao arco”	SA 038 (Dom, XIII, P/Pe., 23, VI)
			Enganadora sugestão do diabo	“O arco designa a enganadora sugestão do diabo”	SA 049 (Dom, XXIV, P/Pe., 7, IV)
			Línguas dos detratores e adutores	“Os arcos desses arqueiros são as línguas dos detratores e adutores”	SSP 107 (1 In Fe. S. Seb., VII)
			Pregador soberbo	“tornaram-se como um arco falso”	SA 056 (Dom, 1, P/Oct. Ep., 1, II)

ID	SIGNIFICANTE	SENTIDO	SIGNIFICADO		REFERÊNCIA ⁽⁴⁾
011	Arqueiros	Negativo	Demónios	“os arqueiros são demónios”	SSP 107 (1 In Fe. S. Seb., VII)
012	Armadilha	Negativo	Sugestão perversa	“armadilha da sugestão perversa”	SA 022 (Dom, 2, P/Pe., 1, I)
			Geena	“armadilha da geena”	SSP 342 (2 In Fe. Maur., II)
			Luxúria	“com a armadilha das múltiplas culpas, a saber: [...] com a luxúria.”	SSP 342 (2 In Fe. Maur., II)
				“não cair nas armadilhas da luxúria”	SSP 223 (1 In Fe. S. Pet. et S. Pau., I)
			Avareza	“com a armadilha das múltiplas culpas, a saber: [...] com a avareza.”	SSP 342 (2 In Fe. Maur., II)
			Perjúrio	“Estas armadilhas são: primeiro, o perjúrio”	SSP 342 (2 In Fe. Maur., II)
			Rapina	“Estas armadilhas são: [...] a rapina”	SSP 342 (2 In Fe. Maur., II)
			Furto	“Estas armadilhas são: [...] o furto”	SSP 342 (2 In Fe. Maur., II)
			Fraude	“Estas armadilhas são: [...] a fraude e coisas semelhantes”	SSP 342 (2 In Fe. Maur., II)
			Soberba	“com a armadilha das múltiplas culpas, a saber: [...] com a soberba.”	SSP 342 (2 In Fe. Maur., II)
			Falsa adulação	“com a armadilha das múltiplas culpas, a saber: [...] com a falsa adulação”	SSP 342 (2 In Fe. Maur., II)
			Mau exemplo ou má vida	“com a armadilha das múltiplas culpas, a saber: [...] com mau exemplo ou má vida”	SSP 342 (2 In Fe. Maur., II)
			Deceção herética	“com a armadilha das múltiplas culpas, a saber: [...] com a decepção herética”	SSP 342 (2 In Fe. Maur., II)
			Eterna condenação	“com a armadilha das múltiplas culpas, a saber: [...] com a eterna condenação”	SSP 342 (2 In Fe. Maur., II)
013	Arma	Negativo	Defensores do diabo	“As armas do diabo são aqueles que o defendem”	SA 008 (Dom, 3, Qua., 8, XVIII)
			Cinco sentidos do corpo	“As armas [...] são os cinco sentidos do corpo”	SA 008 (Dom, 3, Qua., 15, XXIX)
			Necessidades da vida presente	“As armas de ferro são as necessidades da vida presente”	SA 038 (Dom, XIII, P/Pe., 23, VI)
			Dentes dos avarentos e usurários	“os avarentos e os usurários, cujos dentes são armas e setas.”	SA 029 (Dom, 9, P/Pe., 13, I-II)
		Positivo (Dominante)	Forma humana	“Toma as armas, ó Filho de Deus, isto é, toma a forma humana”	SA 008 (Dom, 3, Qua., 10, XXVIII)
			Autores e argumentos	“armas, quer dizer, de autores e argumentos”	SSP 036 (3 In Vig. Nat., I)
			Alegria espiritual	“Vencemos, portanto, o diabo: pela alegria espiritual”	SSP 122 (1 In Fe. S. Vic., VI-XVII)
			Memória da Paixão de Cristo	“Vencemos, portanto, o diabo: [...] Memória da Paixão de Cristo”	SSP 122 (1 In Fe. S. Vic., VI-XVII)
			Humildade	“Vencemos, portanto, o diabo: [...] Humildade Perfeita”	SSP 122 (1 In Fe. S. Vic., VI-XVII)
				“as armas com as quais obteve a vitória: [...] pela assiduidade da oração e exímia humildade.”	SSP 264 (2 In Fe. Dom., II)
			Abstinência	“Vencemos a carne pela: Abstinência discreta”	SSP 122 (1 In Fe. S. Vic., VI-XVII)
				“as armas com as quais obteve a vitória: [...] pela eficaz abstinência”	SSP 264 (2 In Fe. Dom., III)
			Todo o tipo de contenção	“Vencemos a carne pela: [...] Todo o tipo de contenção”	SSP 122 (1 In Fe. S. Vic., VI-XVII)
			Sagrada Vigília	“Vencemos a carne pela: [...] Sagrada vigília”	SSP 122 (1 In Fe. S. Vic., VI-XVII)
			Pobreza	“Vencemos o mundo pelo: Amor à pobreza”	SSP 122 (1 In Fe. S. Vic., VI-XVII)
				“as armas com as quais obteve a vitória: [...] pelo desprezo das honras e pobreza voluntária”	SSP 264 (2 In Fe. Dom., II)
			Desprezo pelas honras	“Vencemos o mundo pelo: [...] Desprezo pelas honras”	SSP 122 (1 In Fe. S. Vic., VI-XVII)

ID	SIGNIFICANTE	SENTIDO	SIGNIFICADO		REFERÊNCIA ⁽⁴⁾
				“as armas com as quais obteve a vitória: [...] pelo desprezo das honras e pobreza voluntária”	SSP 264 (2 In Fe. Dom., II)
			Fé nas glórias celestes	“Vencemos o mundo pelo: [...] Fé nas glórias celestes”	SSP 122 (1 In Fe. S. Vic., VI-XVII)
			Assiduidade da oração	“as armas com as quais obteve a vitória: [...] pela assiduidade da oração e exímia humildade.”	SSP 264 (2 In Fe. Dom., II)
			Devota obediência	“as armas com as quais obteve a vitória: [...] pela devota obediência”	SSP 264 (2 In Fe. Dom., II)
			Pregação	“armas para capturar homens, a saber: [...] a ciência da pregação”	SSP 345 (1 In Fe. Mich., XXI)
				“as armas com as quais obteve a vitória: [...] pela honestíssima conduta e pela eficácia da pregação”	SSP 264 (2 In Fe. Dom., III)
			Milagres	“armas para capturar homens, a saber: [...] a graça de fazer milagres”	SSP 345 (1 In Fe. Mich., XXI)
				“as armas com as quais obteve a vitória: [...] pela quantidade de milagres e admirável paciência”	SSP 264 (2 In Fe. Dom., III)
			Poder para subjugar demónios	“armas para capturar homens, a saber: [...] o poder para subjugar demónios”	SSP 345 (1 In Fe. Mich., XXI)
			Admirável paciência	“as armas com as quais obteve a vitória: [...] pela quantidade de milagres e admirável paciência”	SSP 264 (2 In Fe. Dom., III)
			Honestíssima conduta	“as armas com as quais obteve a vitória: [...] pela honestíssima conduta e pela eficácia da pregação”	SSP 264 (2 In Fe. Dom., III)
014	Assur	Negativo	Diabo	“contra Assur, o diabo”	SA 045 (Dom, XX, P/Pe, 9, VII)
015	Auriga	Positivo	Graça do Espírito Santo	“o auriga, a graça do Espírito Santo”	SSP 366 (5 In Fe. Luc., I-VIII)
		Negativo (Dominante)	Arrogância e inveja	“O auriga: primeiro, a Arrogância; segundo, a Inveja.”	SSP 367 (6 In Fe. Luc., IV)
			Torpor da indolência e falsa confiança	“O auriga, primeiro, o Torpor da Indolência; segundo, a Falsa Confiança em si mesmo.”	SSP 367 (6 In Fe. Luc., IV)
016	Babilónia	Negativo	Alma do pecador	“O Senhor varre Babilónia quando lava dos pecados a alma”	SA 008 (Dom, 3, Qua., 20, XXX)
017	Bainha	Negativo	Espírito dos Perversos	“A espada na bainha é a sugestão do diabo no espírito dos perversos”	SA 023 (Dom, 3, P/Pe., 14, XI)
		Positivo (Dominante)	Humanidade (Dominante)	“A espada na bainha simboliza a divindade na humanidade”	SA 030 (Dom, 10, P/Pe., 6, IV)
				“na bainha da humanidade”	SA 054 (Dom, 1, P/Oct. Nat., 17, XIV)
018	Batalha	Negativo	Carne	“a batalha da carne”	SA 006 (Dom, 2, Qua., 8, I)
		Positivo	Prosperidade Mundana	“no dia da batalha, isto é, no dia da prosperidade mundana”	SA 045 (Dom, XX, P/Pe, 6, III)
019	Benadad	Negativo	Lúcifer	“Benadad [...] significa Lúcifer”	SA 027 (Dom, 7, P/Pe., 3, II)
020	Betacarém	Negativo	Casa dos desumanos e isentos de boas obras	“Betacarém, casa estéril daqueles que são áridos da humanidade da graça, estéreis de obras boas”	SA 011 (Dom, 5, Qua., 1, X)
021	Bosra	Negativo	Congregação desavinda e dissoluta dos claustrais	“Bosra [...] simboliza a congregação desavinda e dissoluta dos claustrais”	SA 050 (Dom, 1 de Ad., 18, VIII)
022	Cajado	Positivo	Cruz de Cristo	“O cajado designa a cruz de Cristo”	SA 021 (Dom, 1, P/Pe., 1, II)
				“cajado da cruz”	SA 076 (In. Asc. Dom., 9, VII)
023	Cananeu	Negativo	Diabo	“Cananeu [...] simboliza o diabo”	SA 044 (Dom, XIX, P/Pe., 12, IV)
024	Capacete	Positivo	Humanidade	“O capacete é a humanidade”	SA 008 (Dom, 3, Qua., 10, XXVI)
				“O capacete é a humanidade”	SA 059 (In Nat. Dom., 2, I)

ID	SIGNIFICANTE	SENTIDO	SIGNIFICADO		REFERÊNCIA ⁽⁴⁾
			Salvação	“tomai o elmo da salvação”	SA 042 (Dom, XVII, P/Pe., 1, I-IV)
				“o capacete da salvação”	SA 046 (Dom, XXI, P/Pe., 11, I)
				“o elmo é a salvação eterna”	SA 046 (Dom, XXI, P/Pe., 16, XVII)
025	Capitães	Negativo	Razão vã	“exortação dos capitães, isto é, as sugestões da razão vã, que são compreendidas por meio dos capitães”	SA 006 (Dom, 2, Qua., 8, I)
			Tentações subitas	“Os capitães são as tentações subitas”	SA 067 (In Fe. Pur. Mar., 11, I)
026	Castelo	Positivo	Pensamentos	“castelo de pensamentos”	SA 030 (Dom, 10, P/Pe., 10, VI)
027	Cativos	Positivo	Virtudes	“e tudo o que de virtude há dentro dela será feito cativo”	SA 008 (Dom, 3, Qua., 20, XXXIV)
028	Cavaleiro	Positivo (Dominante)	Salvador	“O homem montado no cavalo vermelho é o Salvador”	SA 015 (Dom, 2, P/Pa., 8, VI)
				“O homem montado no cavalo vermelho é o Salvador”	SSP 324 (1 In Fe. Exa. Cruc., IV)
			Divindade	“O cavaleiro é a divindade, que, semelhante a soldado, monta a humanidade”	SA 015 (Dom, 2, P/Pa., 8, VI)
			Espírito	“O soldado deste cavalo é o espírito”	SA 015 (Dom, 2, P/Pa., 9, VIII)
			Humildade do espírito	“a humildade do espírito, a castidade do corpo, o amor da pobreza, a excelência da dupla caridade e o propósito da perseverança final. Montam os cavalos”	SA 057 (Dom, 2, P/Oct. Ep., 9, VIII-X)
			Castidade do corpo	“a humildade do espírito, a castidade do corpo, o amor da pobreza, a excelência da dupla caridade e o propósito da perseverança final. Montam os cavalos”	SA 057 (Dom, 2, P/Oct. Ep., 9, VIII-X)
			Amor da pobreza	“a humildade do espírito, a castidade do corpo, o amor da pobreza, a excelência da dupla caridade e o propósito da perseverança final. Montam os cavalos”	SA 057 (Dom, 2, P/Oct. Ep., 9, VIII-X)
			Excelência da dupla caridade	“a humildade do espírito, a castidade do corpo, o amor da pobreza, a excelência da dupla caridade e o propósito da perseverança final. Montam os cavalos”	SA 057 (Dom, 2, P/Oct. Ep., 9, VIII-X)
			Propósito da perseverança final	“a humildade do espírito, a castidade do corpo, o amor da pobreza, a excelência da dupla caridade e o propósito da perseverança final. Montam os cavalos”	SA 057 (Dom, 2, P/Oct. Ep., 9, VIII-X)
			Filho de Deus	“o cavaleiro o Filho de Deus”	SSP 067 (1 In Fe. S. In., I)
			Deus	“O cavaleiro, Deus”	SSP 345 (1 In Fe. Mich., XVII)
		Negativo	Espírito da ambição e da glória temporal	“Este cavaleiro é o espírito da ambição e da glória temporal”	SA 015 (Dom, 2, P/Pa., 9, XI)
			Espírito do negócio	“Este cavaleiro [...] é o espírito do negócio”	SA 015 (Dom, 2, P/Pa., 10, XI)
			Diabo	“O que o soldado faz com o cavalo, fá-lo o diabo”	SA 015 (Dom, 2, P/Pa., 11, XVI)
				“O cavalo amarelo é o hipócrita; o soldado, cujo nome é Morte, o diabo”	SA 054 (Dom, 1, P/Oct. Nat., 19, XV)
029	Cavalo	Positivo (Dominante)	Varão justo	“Por isso, diz Job do varão justo: Cheira de longe”	SA 006 (Dom, 2, Qua., 8, I)
				“a propósito do cavalo, do varão justo”	SA 067 (In Fe. Pur. Mar., 11, I)
				“esta é farejada pelo justo discreto”	SSP 358 (2 In Fe. Dion., II)
			Boa vontade	“O cavalo [...] isto é, a boa vontade”	SA 013 (In Pa. Dom., 4, I)
				“cavalo da boa vontade”	SA 046 (Dom, XXI, P/Pe., 11, I)

ID	SIGNIFICANTE	SENTIDO	SIGNIFICADO		REFERÊNCIA ⁽⁴⁾
				“Montam os cavalos da boa vontade”	SA 057 (Dom, 2, P/Oct. Ep., 9, XI)
			Humanidade do bom pastor de Cristo	“O cavalo branco significa a humanidade do bom pastor de Jesus Cristo”	SA 015 (Dom, 2, P/Pa., 8, VI)
			Corpo do bom pastor e prelado da Igreja	“O cavalo branco significa o corpo do bom pastor e prelado da Igreja”	SA 015 (Dom, 2, P/Pa., 9, VIII)
			Perfeitos	“O cavalo branco significa os perfeitos”	SA 027 (Dom, 7, P/Pe., 8, XVII)
			Corpo de Cristo	“cavalo branco, isto é, o corpo de Cristo”	SSP 067 (1 In Fe. S. In., I)
				“um cavalo branco, o corpo glorificado de Cristo”	SSP 345 (1 In Fe. Mich., XVII)
			Corpos castos	“cavalos brancos, isto é, em corpos imaculados”	SSP 067 (1 In Fe. S. In., I)
				“cavalos brancos, isto é, em corpos castos”	SSP 345 (1 In Fe. Mich., XVIII)
			Apóstolos e Evangelistas	“Nesta quadriga são os cavalos brancos, porque os apóstolos e evangelistas empalideciam com castidade e inocência”	SSP 366 (5 In Fe. Luc., VI)
				“estas foram farejadas pelos patriarcas, os profetas, Cristo, os apóstolos e os pregadores modernos”	SSP 358 (2 In Fe. Dion., VIII)
			Aproveitados	“O cavalo vermelho significa os aproveitados”	SA 027 (Dom, 7, P/Pe., 8, XVI)
			Patriarcas	“Nesta quadriga [...] são os cavalos vermelhos; porque os patriarcas praticaram combates de sangue”	SSP 366 (5 In Fe. Luc., I)
				“estas foram farejadas pelos patriarcas, os profetas, Cristo, os apóstolos e os pregadores modernos”	SSP 358 (2 In Fe. Dion., VIII)
			Recentemente convertidos	“O cavalo negro significa os recentemente convertidos”	SA 027 (Dom, 7, P/Pe., 8, XVI)
			Profetas	“Nesta quadriga [...] são os cavalos negros, porque muitas tribulações sofreram os profetas”	SSP 366 (5 In Fe. Luc., V)
				“estas foram farejadas pelos patriarcas, os profetas, Cristo, os apóstolos e os pregadores modernos”	SSP 358 (2 In Fe. Dion., VIII)
			Pregadores	“Nesta quadriga são de várias cores e fortes os cavalos, porque os pregadores preferem a variedade no hábito e a força no discurso da pregação”	SSP 366 (5 In Fe. Luc., VI)
				“esta é farejada pelo pregador fervoroso”	SSP 358 (2 In Fe. Dion., III-IV)
				“estas foram farejadas pelos patriarcas, os profetas, Cristo, os apóstolos e os pregadores modernos”	SSP 358 (2 In Fe. Dion., VIII)
				“O pregador <i>exulta com brio</i> ”	SA 039 (Dom, XIV, P/Pe., 6, I)
			São Tomás	“Tomás mártir é como um cavalo de Deus”	SSP 075 (1 In Fe. S. Tom., I-VI)
			Cruz	“cavalo da cruz”	SSP 324 (1 In Fe. Exa. Cruc., II)
			Príncipe católico	“esta é cheirada pelo príncipe católico, como foi David”	SSP 358 (2 In Fe. Dion., V-VI)
			Cristo	“estas foram farejadas pelos patriarcas, os profetas, Cristo, os apóstolos e os pregadores modernos”	SSP 358 (2 In Fe. Dion., VIII)
			São Dionísio	“esta foi farejada pelo bem-aventurado Dionísio e os restantes mártires”	SSP 358 (2 In Fe. Dion., IX)
		Negativo	Ladrão e salteador	“O cavalo vermelho é o ladrão e salteador”	SA 015 (Dom, 2, P/Pa., 9, XI)
			Mercenário	“O cavalo negro é o mercenário”	SA 015 (Dom, 2, P/Pa., 10, XI)
			Tirano	“o tirano deste mundo [...] Este é o quarto cavalo, de que se fala no Apocalipse: E vi um cavalo amarelo”	SA 015 (Dom, 2, P/Pa., 11, XV)

ID	SIGNIFICANTE	SENTIDO	SIGNIFICADO		REFERÊNCIA ⁽⁴⁾
			Falsos irmãos	“O cavalo amarelo significa os falsos irmãos”	SA 027 (Dom, 7, P/Pe., 8, XVI)
			Hipócrita	“O cavalo amarelo é o hipócrita”	SA 054 (Dom, 1, P/Oct. Nat., 19, XV)
			Cobiçoso	“esta é farejada pelo movido pela cobiça”	SSP 358 (2 In Fe. Dion., VII)
			Judas Iscariotes	“Judas foi um cavalo que tinha como cavaleiro”	SSP 367 (6 In Fe. Luc., III)
			Poder mundano e fausto secular	“É puxado por dois cavalos: primeiro, o poder mundano; segundo, o fausto secular.”	SSP 367 (6 In Fe. Luc., IV)
			Vida próspera e abundância de riquezas	“Dois são os seus cavalos: o primeiro, a vida próspera; o segundo, a abundância de riquezas”	SSP 367 (6 In Fe. Luc., IV)
			Rapacidade e tenacidade	“Dois cavalos: primeiro, a rapacidade; segundo, a tenacidade”	SSP 367 (6 In Fe. Luc., IV)
030	Cidade	Positivo	Bom prelado	“a força múltipla dos bons prelados, daí, como cidade fortificada”	SSP 081 (6 In Fe. S. Tom., I)
			Fé dos homens	“defesa da cidade, isto é, da fé dos homens”	SSP 345 (1 In Fe. Mich., II)
			Alma fiel	“A cidade é a alma”	SA 027 (Dom, 7, P/Pe., 5, XI)
				“a cidade é a alma fiel”	SSP 401 (6 In Fe. Clem., I)
			Virgem	“chama-se cidade à Santíssima Virgem”	SSP 181 (11 In Fe. Anu. Mar., I)
			Igreja Triunfante	“a cidade é a Igreja Triunfante”	SSP 401 (6 In Fe. Clem., IV)
031	Cinturão	Positivo	Verdade	“Estai firmes, tendo cingido os vossos rins com a verdade”	SA 042 (Dom, XVII, P/Pe., 1, V)
				“Tende cingidos os vossos rins com a verdade”	SA 046 (Dom, XXI, P/Pe., 16, VIII)
032	Couraça	Negativo	Maus	“A couraça do diabo são os maus”	SA 08 (Dom, 3, Qua., 8, XX)
		Positivo (Dominante)	Justiça (Dominante)	“A couraça de Jesus Cristo foi a justiça”	SA 08 (Dom, 3, Qua., 10, XXVI)
				“a couraça da justiça”	SA 046 (Dom, XXI, P/Pe., 11, I)
				“para que estejais protegidos pela justiça como por uma couraça”	SA 046 (Dom, XXI, P/Pe., 16, VIII)
			Paciência	“a couraça a paciência”	SA 042 (Dom, XVII, P/Pe., 1, I)
033	Dardo	Positivo (Dominante)	Advertência	“Deve ainda possuir o dardo da advertência, da indignação e da satisfação”	SA 007 (2 Dom, 2, Qua., 11, X)
			Indignação	“Deve ainda possuir o dardo da advertência, da indignação e da satisfação”	SA 007 (2 Dom, 2, Qua., 11, X)
			Satisfação	“Deve ainda possuir o dardo da advertência, da indignação e da satisfação”	SA 007 (2 Dom, 2, Qua., 11, X)
		Negativo	Insultos do Diabo	“todos os dardos péssimos (isto é, todos os insultos do diabo)”	SA 046 (Dom, XXI, P/Pe., 16, XIV)
034	David	Positivo	Jesus Cristo (Dominante)	“David [...] isto é, Jesus Cristo”	SA 017 (Dom, 4, P/Pa., 4, II)
				“O nosso David, Cristo”	SA 076 (In. Asc. Dom., 9, VII)
				“David, isto, é Cristo, ataca”	SSP 268 (6 In Fe. Dom., V)
			Pregador	“David, portanto, isto é, o pregador”	SA 021 (Dom, 1, P/Pe., 1, III)
				“com este gládio amputou David, isto é, o pregador”	SSP 219 (5 In Fe. Ioa. Bap., XII)
			Mendigo Lázaro	“David significa o mendigo Lázaro”	SA 021 (Dom, 1, P/Pe., 16, VI)
			Penitente	“David derrota os filisteus e humilha-os, quando o penitente derrota os sentidos do corpo”	SA 044 (Dom, XIX, P/Pe., 13, VII)
				“Nesta guerra e neste lago, o penitente de nome Adeodato”	SA 045 (Dom, XX, P/Pe, 9, V)

ID	SIGNIFICANTE	SENTIDO	SIGNIFICADO		REFERÊNCIA ⁽⁴⁾
			Fiéis de Cristo	“David, isto é, os fiéis de Cristo em perigo nas partes dos Albigenses”	SSP 268 (6 In Fe. Dom., VI)
			Igreja	“A casa de David é a Igreja”	SA 072 (In Res. Dom., 4, I)
035	Escarcelas	Negativo	Escusas da luxúria	“Escarcelas são as escusas da luxúria”	SA 008 (Dom, 3, Qua., 8, XXI)
036	Escudeiro	Negativo	Hipocrisia	“O escudeiro, que traz as armas e não luta com elas, figura a hipocrisia.”	SA 038 (Dom, XIII, P/Pe., 23, VI)
			Soberba	“escudeiro é o inferno, a soberba”	SA 054 (Dom, 1, P/Oct. Nat., 19, XV)
037	Escudo	Negativo	Os que repelem de si a pregação	“O escudo do diabo, são aqueles que repelem de si as setas da pregação”	SA 008 (Dom, 3, Qua., 8, XXII)
		Positivo (Dominante)	Cruz	“o escudo, ou seja, a cruz”	SA 008 (Dom, 3, Qua., 10, XXVIII)
			Fé (Dominante)	“O escudo é a fé”	SA 023 (Dom, 3, P/Pe., 9, I)
				“escudo é a fé”	SA 046 (Dom, XXI, P/Pe., 11, I)
				“a fé é um escudo, sob o qual está segura a justiça”	SA 046 (Dom, XXI, P/Pe., 16, XII)
			Boa vontade	“com o escudo da boa vontade em Cristo”	SSP 107 (1 In Fe. S. Seb., XI)
			Verdade	“com o escudo da verdade em Cristo”	SSP 107 (1 In Fe. S. Seb., XII)
038	Espada	Positivo (Dominante)	Amor divino	“devem empunhar as espadas do amor e do temor divino”	SA 007 (2 Dom, 2, Qua., 11, XIII)
			Temor divino	“devem empunhar as espadas do amor e do temor divino”	SA 007 (2 Dom, 2, Qua., 11, XIII)
			Pregação	“E saía da sua boca uma espada de dois fios. Da sua boca, isto é, por insinuação sua, saiu a pregação”	SA 015 (Dom, 2, P/Pa., 5, II)
				“Mata com a espada da pregação”	SA 042 (Dom, XVII, P/Pe., 5, VII)
				“e ele corretamente chama a sua pregação de espada”	SSP 219 (5 In Fe. Ioa. Bap., I)
			Confissão (Dominante)	“A espada é a confissão”	SA 015 (Dom, 2, P/Pa., 7, III)
				“espada da confissão”	SA 038 (Dom, XIII, P/Pe., 25, VII)
				“espadas da confissão e da própria acusação”	SA 048 (Dom, XXIII, P/Pe., 1, III)
				“O pecador, com a espada da confissão”	SA 054 (Dom, 1, P/Oct. Nat., 19, XVI)
			Discrição	“grande espada, pela qual se entende a discrição”	SA 027 (Dom, 7, P/Pe., 8, XVII)
			Dor	“dobrar ou triplicar a espada da dor”	SA 028 (Dom, 8, P/Pe., 5, V)
			Penitência	“espada da penitência”	SA 028 (Dom, 8, P/Pe., 5, VIII)
			Divindade	“A espada na bainha simboliza a divindade na humanidade”	SA 030 (Dom, 10, P/Pe., 6, IV)
			Mortificação da carne	“O cilício e o gládio significam o mesmo, a saber, a mortificação da carne”	SA 030 (Dom, 10, P/Pe., 6, I)
			Pena presente	“na espada já a pena se sente presentemente com o golpe”	SA 039 (Dom, XIV, P/Pe., 6, I)
			Palavra de Deus	“A espada é a palavra de Deus”	SA 042 (Dom, XVII, P/Pe., 1, VI)
				“tendo cessado o gládio do espírito, que é a Palavra de Deus”	SSP 004 (4 In Fe. S. And., I)
				“bem se chama a palavra de Deus de gládio divino”	SSP 219 (5 In Fe. Ioa. Bap., II)
			Evangelho	“e a espada [...] ou seja, Evangelho”	SA 046 (Dom, XXI, P/Pe., 16, XX)
			Poder do Senhor	“a espada (o poder) do Senhor”	SA 050 (Dom, 1 de Ad., 18, I)
			Divindade	“A espada é a divindade”	SA 054 (Dom, 1, P/Oct. Nat., 17, XIV)

ID	SIGNIFICANTE	SENTIDO	SIGNIFICADO		REFERÊNCIA ⁽⁴⁾
			Paixão de Cristo	“espada da sua Paixão”	SA 054 (Dom, 1, P/Oct. Nat., 18)
			Autoridades, sentenças e palavras	“Todos cingidos de espadas: primeiro, de autoridades; segundo, de sentenças; terceiro, de palavras”	SSP 219 (5 In Fe. Ioa. Bap., III)
			Consciência	“gládio da consciência”	SSP 129 (8 In Fe. S. Vic., I-III)
			Justiça de Cristo	“gládio da justiça de Cristo”	SSP 129 (8 In Fe. S. Vic., VI-IX)
		Negativo	Glória temporal	“espada aguda e limada é a glória temporal”	SA 015 (Dom, 2, P/Pa., 9, XI)
			Má persuasão	“para matar com a espada da má persuasão”	SA 015 (Dom, 2, P/Pa., 11, XVII)
			Sugestão do diabo	“A espada na bainha é a sugestão do diabo no espírito dos perversos”	SA 023 (Dom, 3, P/Pe., 14, XI)
				“mata com a espada da sugestão os jovens”	SA 028 (Dom, 8, P/Pe., 3, II)
			Morte	“Serão entregues nas mãos da espada, isto é, da morte”	SA 028 (Dom, 8, P/Pe., 8, VI)
			Soberba	“a espada, a soberba”	SA 032 (Dom, 12, P/Pe., 3, I-II)
			Castigo	“espada do castigo”	SA 038 (Dom, XIII, P/Pe., 19, I)
			Culpa	“gládio da culpa”	SA 038 (Dom, XIII, P/Pe., 19, I)
			Iníquo	“O iníquo, quando concebe o mau pensamento, é como espada”	SA 038 (Dom, XIII, P/Pe., 23, VI)
			Tumultuoso pensamento do coração	“a espada, o tumultuoso pensamento do coração”	SA 049 (Dom, XXIV, P/Pe., 7, IV)
			Dor de Maria Santíssima	“A dor que Maria Santíssima suportou na Paixão de seu Filho foi como uma espada”	SA 054 (Dom, 1, P/Oct. Nat., 12, V)
			Malícia	“gládio da malícia ou iniquidade”	SSP 129 (8 In Fe. S. Vic., IV)
			Demônio	“gládio do demônio”	SSP 129 (8 In Fe. S. Vic., V)
039	Esporas	Positivo	Amor e temor divino	“e espicaçá-lo com as esporas do amor divino e do temor divino”	SA 015 (Dom, 2, P/Pa., 9, VIII)
			Duplo temor	“as esporas do duplo temor”	SA 046 (Dom, XXI, P/Pe., 11, I)
040	Estandarte	Positivo	Cruz	“levantai o estandarte da cruz”	SA 011 (Dom, 5, Qua., 1, X)
				“Os pregadores levantam sobre ele o estandarte, quando o pregam vencido pela força da cruz”	SA 054 (Dom, 1, P/Oct. Nat., 12, II)
041	Estribos	Positivo	Constância	“estribos da constância”	SA 046 (Dom, XXI, P/Pe., 11, I)
042	Exército	Negativo	Demônios	“e a gritaria do exército, isto é, as tentações dos demônios”	SA 006 (Dom, 2, Qua., 8, I)
			Espíritos malignos	“O exército, dito assim do exercício da guerra, significa os espíritos malignos”	SA 027 (Dom, 7, P/Pe., 3, IV)
			Vícios	“o exército dos vícios”	SA 057 (Dom, 2, P/Oct. Ep., 9, X)
			Apetite carnal	“o exército é o apetite carnal”	SA 067 (In Fe. Pur. Mar., 11, I)
		Positivo (Dominante)	Espírito e pregação	“exército do espírito e da pregação”	SA 022 (Dom, 2, P/Pe., 1, I)
			Pensamentos e afetos	“reunido todo o exército dos pensamentos e dos afectos”	SA 044 (Dom, XIX, P/Pe., 5, I)
			Anjos	“Estes exércitos são os Anjos”	SA 045 (Dom, XX, P/Pe., 6, II)
			Fileiras dos santos inocentes	“Os exércitos celestes, quer dizer, as fileiras dos inocentes”	SSP 067 (1 In Fe. S. In., I)
			Congregações de pregadores e religiosos e dos prelados e beatos da Igreja	“os exércitos celestes, isto é, as congregações de pregadores e de religiosos, e também dos prelados e dos beatos que pertencem à Igreja”	SSP 345 (1 In Fe. Mich., XVIII)

ID	SIGNIFICANTE	SENTIDO	SIGNIFICADO		REFERÊNCIA ⁽⁴⁾
043	Faraó	Negativo	Diabo	“os cavalos do Faraó, quer dizer, do Diabo”	SSP 367 (6 In Fe. Luc., III)
044	Fileira	Positivo	Ordens angelicais	“São nove ordens, como nove fileiras”	SSP 345 (1 In Fe. Mich., X)
			Distinções de irmãos	“Assim como nos acampamentos dos anjos existem nove ordens ou fileiras, assim nos acampamentos dos religiosos acima referidos existem nove distinções de irmãos”	SSP 345 (1 In Fe. Mich., XI)
045	Filisteu	Negativo	Demónios (Dominante)	“Filisteus [...] significam os demónios”	SA 007 (2 Dom, 2, Qua., 1, II)
				“Os filisteus são os demónios”	SA 022 (Dom, 2, P/Pe., 1, I)
				“Quando o Senhor fere os filisteus, que são os demónios”	SA 025 (Dom, 5, P/Pe., 20, III)
				“os filisteus, os demónios”	SA 038 (Dom, XIII, P/Pe., 25, VII)
			Pecadores	“Sai dos campos dos filisteus, que [...] significam os pecadores”	SA 008 (Dom, 3, Qua., 8, XII)
			Rico deste mundo	“Filisteu [...] significa o rico deste mundo”	SA 021 (Dom, 1, P/Pe., 1, V)
			Sentidos do corpo	“Os filisteus [...] significam os sentidos do corpo”	SA 044 (Dom, XIX, P/Pe., 13, VII)
				“Neste lago há uma guerra contra os filisteus, os cinco sentidos do corpo”	SA 045 (Dom, XX, P/Pe, 9, V)
			Potestades aéreas	“debelou os filisteus, as potestades aéreas”	SA 059 (In Nat. Dom., 2, I)
046	Fortificações	Negativo	Diabo	“O filisteu [...] é o diabo”	SA 076 (In. Asc. Dom., 9, III)
			Falsos cristãos	“As fortificações são todos os falsos cristãos”	SA 027 (Dom, 7, P/Pe., 4, X)
			Carnais	“fortificação dos carnavais”	SA 027 (Dom, 7, P/Pe., 4, X)
			Tentações	“fortificações de muitas tentações”	SSP 401 (6 In Fe. Clem., II)
047	Freio	Positivo	Abstinência (Dominante)	“fortificações dos pensamentos maus e dos deleites carnavais”	SA 027 (Dom, 7, P/Pe., 5, X)
				“Deve refreá-lo com o freio da abstinência”	SA 015 (Dom, 2, P/Pa., 9, VIII)
			Temperança	“adornados com os freios da abstinência e da disciplina”	SA 057 (Dom, 2, P/Oct. Ep., 9, XI)
				“freio da temperança”	SA 046 (Dom, XXI, P/Pe., 11, I)
048	Funda	Positivo	Silêncio	“refreia-o com o freio do silêncio”	SA 054 (Dom, 1, P/Oct. Nat., 19, XV)
			Balança exata do juízo	“a funda, a balança exacta do juízo”	SA 021 (Dom, 1, P/Pe., 1, III)
049	Gedeão	Positivo	Penitente	“A funda, que tem correias iguais, designa a igualdade da doutrina e da vida”	SA 021 (Dom, 1, P/Pe., 1, IV)
				“Gedeão é o penitente”	SA 045 (Dom, XX, P/Pe, 9, VII)
050	Gob	Negativo	Mundo	“Gedeão [...] significa o penitente”	SA 069 (In Cap Ieiunii., 7, II)
			Carne	“Gob [...] significa o mundo”	SA 017 (Dom, 4, P/Pa., 4, II)
			Chagas do Redentor	“Gob [...] é a nossa carne”	SA 045 (Dom, XX, P/Pe, 9, V)
051	Golias	Negativo	Diabo	“em Gob [...] nas chagas do Redentor”	SA 059 (In Nat. Dom., 12, III)
				“Golias [...] significa o diabo”	SA 008 (Dom, 3, Qua., 8, X)
				“Golias [...] Significa o diabo”	SA 017 (Dom, 4, P/Pa., 4, III)
				“Golias de Get, figura do diabo”	SA 045 (Dom, XX, P/Pe, 9, VI)
				“a Golias, isto é, ao diabo, que é um fortíssimo filisteu”	SSP 219 (5 In Fe. Ioa. Bap., XII)

ID	SIGNIFICANTE	SENTIDO	SIGNIFICADO		REFERÊNCIA ⁽⁴⁾
				“Golias, isto é, o diabo”	SSP 227 (3 In Fe. Pet. et Pau., I)
052	Guerra	Negativo	Tentação (Dominante)	“A vida do homem é uma milícia sobre a terra. A vida do homem é uma milícia, isto é, uma tentação”	SA 039 (Dom, XIV, P/Pe., 9, III)
				“assim como em tempo de guerra se toma refúgio na cidade, assim na hora da tentação e da perseguição se toma refúgio na Virgem”	SSP 181 (11 In Fe. Anu. Mar., I-V)
				“Combate da tentação”	SSP 264 (2 In Fe. Dom., II)
			Lascivo deleite dos sentidos	“a guerra, o lascivo deleite dos sentidos”	SA 049 (Dom, XXIV, P/Pe., 7, IV)
053	Guerreiro	Negativo	Espírito da soberba	“O valente armado é o espírito da soberba”	SA 008 (Dom, 3, Qua., 15, XXIX)
		Positivo (Dominante)	Humildade	“O mais forte é a humildade”	SA 008 (Dom, 3, Qua., 15, XXIX)
			Cinco sentidos do corpo	“Os homens de guerra põem-se em marcha quando os cinco sentidos do corpo”	SA 048 (Dom, XXIII, P/Pe., 1, III)
			Cristo	“O Filho Unigénito [...] É um inflexível guerreiro”	SA 054 (Dom, 1, P/Oct. Nat., 17, X)
			Graça do Espírito Santo	“Com efeito, chama-se à graça inflexível guerreiro”	SA 054 (Dom, 1, P/Oct. Nat., 19, XV)
			Bons prelados e pregadores	“Convocarei contra ti destruidores, isto é, pregadores”	SSP 036 (3 In Vig. Nat., I)
				“sessenta soldados a escoltam, isto é, todos os bons prelados e pregadores a guardam”	SSP 219 (5 In Fe. Ioa. Bap., III)
			Espíritos angelicais	“Bem chamamos aos espíritos angelicais soldados de Deus”	SSP 345 (1 In Fe. Mich., V)
054	Habitantes da Média	Negativo	Demónios	“habitantes da Média, que se interpretam adequados, medidos ou medidores; estes são os demónios”	SSP 107 (1 In Fe. S. Seb., V)
055	Hai	Negativo	Abundância de bens temporais	“Hai [...] simboliza a abundância de bens temporais”	SA 023 (Dom, 3, P/Pe., 9, IV)
056	Hazael	Negativo	Diabo	“Hazael, o diabo, incendeia”	SA 028 (Dom, 8, P/Pe., 3, II)
057	Inimigo	Negativo	Diabo (Dominante)	“da incursão do inimigo, isto é, do demónio”	SA 042 (Dom, XVII, P/Pe., 1, VI)
				“Vencemos, portanto, o diabo”	SSP 122 (1 In Fe. S. Vic., VI-XVII)
				“combateram: primeiro, com a carne; segundo, com o mundo; terceiro, com o diabo”	SSP 226 (2 In Fe. Pet. et Pau., I)
				“obteve a vitória: Primeiro, sobre o diabo”	SSP 264 (2 In Fe. Dom., II)
				“dos seus inimigos, isto é, o diabo, o mundo e a carne”	SSP 268 (6 In Fe. Dom., II)
				“combateram fielmente por Cristo [...] combatendo o diabo”	SSP 382 (8 In Fe. Omn. Sanct., I)
			Carne	“Vencemos a carne”	SSP 122 (1 In Fe. S. Vic., VI-XVII)
				“combateram: primeiro, com a carne; segundo, com o mundo; terceiro, com o diabo”	SSP 226 (2 In Fe. Pet. et Pau., I)
				“obteve a vitória [...] sobre a própria carne”	SSP 264 (2 In Fe. Dom., III)
				“dos seus inimigos, isto é, o diabo, o mundo e a carne”	SSP 268 (6 In Fe. Dom., II)
				“combateram fielmente por Cristo [...] domando a carne”	SSP 382 (8 In Fe. Omn. Sanct., I)
			Mundo	“Vencemos o mundo”	SSP 122 (1 In Fe. S. Vic., VI-XVII)
				“combateram: primeiro, com a carne; segundo, com o mundo; terceiro, com o diabo”	SSP 226 (2 In Fe. Pet. et Pau., I)
				“obteve a vitória: [...] Segundo, sobre o mundo”	SSP 264 (2 In Fe. Dom., II)
				“dos seus inimigos, isto é, o diabo, o mundo e a carne”	SSP 268 (6 In Fe. Dom., II)

ID	SIGNIFICANTE	SENTIDO	SIGNIFICADO		REFERÊNCIA ⁽⁴⁾
				“combateram fielmente por Cristo [...] desprezando o mundo”	SSP 382 (8 In Fe. Omn. Sanct., I)
			Vontade própria	“obteve a vitória [...] Terceiro, sobre a própria vontade”	SSP 264 (2 In Fe. Dom., II)
			Hereges	“obteve a vitória [...] Quinto, sobre os hereges”	SSP 264 (2 In Fe. Dom., III)
			Pecadores	“obteve a vitória [...] Sexto, sobre os restantes pecadores”	SSP 264 (2 In Fe. Dom., III)
			Tentação futura	“a batalha é [...] contra a tentação futura”	SSP 358 (2 In Fe. Dion., II)
			Maldades dos hereges	“a batalha é [...] contra as maldades dos hereges”	SSP 358 (2 In Fe. Dion., III-IV)
			Pagãos	“a batalha é [...] contra o povo pagão”	SSP 358 (2 In Fe. Dion., V)
			Riqueza	“a batalha é [...] contra muita riqueza”	SSP 358 (2 In Fe. Dion., VII)
			Perseguição do Anticristo	“a batalha é [...] contra a perseguição extrema, isto é, a do Anticristo”	SSP 358 (2 In Fe. Dion., VIII)
			Perseguição à Igreja Primitiva	“a batalha é [...] contra a perseguição da Igreja Primitiva”	SSP 358 (2 In Fe. Dion., IX)
			Demónios	“aos adversários, aos demónios e aos vícios”	SA 057 (Dom, 2, P/Oct. Ep., 9, XI)
			Vícios	“aos adversários, aos demónios e aos vícios”	SA 057 (Dom, 2, P/Oct. Ep., 9, XI)
058	Insígnias	Positivo	Humildade	“as insígnias da humildade”	SA 008 (Dom, 3, Qua., 15, XXIX)
059	Isbi-Benobe	Negativo	Diabo	“Isbi-Benobe [...] este é o diabo”	SSP 268 (6 In Fe. Dom., IV)
060	Israel	Positivo	Pregador (Dominante)	“Israel [...] significa o pregador”	SA 007 (2 Dom, 2, Qua., 1, II)
				“os filhos de Israel, ou seja, os verdadeiros pregadores”	SA 022 (Dom, 2, P/Pe., 1, I)
			Alma	“a Israel, isto é, a alma”	SA 025 (Dom, 5, P/Pe., 20, III)
			Verdadeiros penitentes	“pelos filhos de Israel, figura dos verdadeiros penitentes”	SA 038 (Dom, XIII, P/Pe., 25, VII)
061	Jerusalém	Positivo	Igreja militante	“Jerusalém é a Igreja militante”	SA 011 (Dom, 5, Qua., 1, VIII)
062	Jeú	Positivo	Homem justo	“Jeú [...] significa o homem justo”	SA 028 (Dom, 8, P/Pe., 5, VII)
063	Joab	Negativo	Diabo	“Joab [...] significa bem o diabo”	SA 004 (Dom, 1, Qua., 3, I)
				“Joab [...] isto é, diabo”	SA 023 (Dom, 3, P/Pe., 14, X)
064	Joás	Positivo	Penitente	“Joás [...] significa o penitente”	SA 027 (Dom, 7, P/Pe., 7, XV)
065	Judas Macabeu	Positivo	Pregador (Dominante)	“Judas interpreta-se o que glorifica; Macabeu, o que protege ou fere. Significa o pregador”	SA 042 (Dom, XVII, P/Pe., 1, III)
				“Teme muito que Judas, o pregador”	SA 042 (Dom, XVII, P/Pe., 5, VII)
			Penitente	“Judas, o penitente”	SA 044 (Dom, XIX, P/Pe., 5, I)
			Varão justo	“para dar batalha a Macabeu, ao varão justo”	SA 057 (Dom, 2, P/Oct. Ep., 9, X)
066	Judeus	Positivo	Penitentes	“aos Judeus, aos penitentes”	SA 057 (Dom, 2, P/Oct. Ep., 9, XI)
067	Jugo	Positivo	Desejo de Cristo	“o jugo, o desejo de Cristo ou o preceito suave”	SSP 366 (5 In Fe. Luc., I-VIII)
068	Lança	Negativo (Dominante)	Gula	“três lanças, isto é, a gula, a vanglória e a avareza”	SA 004 (Dom, 1, Qua., 3, II)
			Vanglória	“três lanças, isto é, a gula, a vanglória e a avareza”	SA 004 (Dom, 1, Qua., 3, II)
			Avareza	“três lanças, isto é, a gula, a vanglória e a avareza”	SA 004 (Dom, 1, Qua., 3, II)
			Poder da riqueza	“lança, ou seja, o poder da riqueza”	SA 021 (Dom, 1, P/Pe., 16, VI)
		Positivo	Caridade	“a lança da caridade”	SA 046 (Dom, XXI, P/Pe., 11, II)

ID	SIGNIFICANTE	SENTIDO	SIGNIFICADO		REFERÊNCIA ⁽⁴⁾
069	Levi	Positivo	Confissão de boca	“Levi [...] confissão de boca”	SA 007 (2 Dom, 2, Qua., 11, XIII)
070	Mercenário	Negativo	Prelado que serve a Igreja só pela recompensa temporal	“O mercenário significa o prelado que serve a Igreja só pela recompensa temporal”	SA 015 (Dom, 2, P/Pa., 10, XI)
071	Moab	Negativo	Movimento carnal	“Moab [...] simboliza o movimento carnal”	SA 044 (Dom, XIX, P/Pe., 13, VIII)
072	Pedras	Negativo	Solicitude do ambicioso	“o pedaço de mó, que parte o cérebro, é a solicitude do ambicioso”	SA 038 (Dom, XIII, P/Pe., 23, V)
		Positivo (Dominante)	Paixão de Cristo	“Cristo venceu com a pedra da Paixão o diabo”	SA 008 (Dom, 3, Qua., 10, XXVII)
			Ciência do Velho Testamento	“as cinco pedras, a ciência do Velho Testamento”	SA 021 (Dom, 1, P/Pe., 1, I)
			Duras reprimendas dos sentidos	“as cinco pedras designam as duras reprimendas dos cinco sentidos”	SA 021 (Dom, 1, P/Pe., 1, IV)
073	Penhasco de Oreb	Negativo	Dor e desprezo	“no penhasco de Oreb, que se interpreta segura ou corvo [...] dor e do desprezo, designados no corvo”	SA 045 (Dom, XX, P/Pe, 9, IX)
074	Quadriga	Negativo	Sentidos do corpo	“Os carros de Aminadab são os sentidos do corpo”	SA 049 (Dom, XXIV, P/Pe., 7, II)
			Malícia	“Sobre a primeira quadriga, tem a Malícia o seu carro”	SSP 367 (6 In Fe. Luc., IV)
			Luxúria	“Sobre a segunda, tem a Luxúria a sua quadriga”	SSP 367 (6 In Fe. Luc., IV)
			Avareza	“Sobre a terceira, tem a Avareza a sua quadriga”	SSP 367 (6 In Fe. Luc., IV)
		Positivo	Lei Natural	“quadriga da Lei Natural”	SSP 366 (5 In Fe. Luc., I)
			Lei Mosaica	“quadriga da Lei Mosaica”	SSP 366 (5 In Fe. Luc., IV)
			Leis Evangélicas	“quadriga das leis evangélicas”	SSP 366 (5 In Fe. Luc., V)
			Toda a Sagrada Escritura	“quadriga de toda a Sagrada Escritura”	SSP 366 (5 In Fe. Luc., VI)
075	Samaria	Positivo	Igreja ou alma	“cerca Samaria [...] isto é, cerca a santa Igreja ou cerca a alma fiel”	SA 027 (Dom, 7, P/Pe., 3, V)
076	Sandálias	Positivo	Anúncio do Evangelho	“e tendo os pés calçados para ir anunciar o Evangelho da paz”	SA 042 (Dom, XVII, P/Pe., 1, V)
				“E tende os pés calçados, prontos para ir anunciar o Evangelho da paz”	SA 046 (Dom, XXI, P/Pe., 16, X)
077	Saul	Negativo	Rico vestido de púrpura	“Saul, o rico vestido de púrpura”	SA 021 (Dom, 1, P/Pe., 16, VI)
			Sinagoga	“a casa de Saul [...] a Sinagoga”	SA 072 (In Res. Dom., 4, II)
078	Sela	Positivo	Humildade	“a sela da humildade”	SA 046 (Dom, XXI, P/Pe., 11, I)
		Negativo	Fingida Humildade	“Põem-lhe em cima a sela da fingida humildade”	SA 054 (Dom, 1, P/Oct. Nat., 19, XV)
079	Seta	Positivo	Punções e dores	“setas na aljava são as punções e dores do coração contrito”	SA 007 (2 Dom, 2, Qua., 11, V)
			Pregação	“O escudo do diabo, são aqueles que repelem de si as setas da pregação”	SA 008 (Dom, 3, Qua., 8, XXII)
			Inteligência	“a seta é a inteligência que vulnera os corações”	SA 015 (Dom, 2, P/Pa., 9, VIII)
			Vida santa e doutrina	“em vez de mandar setas de vida santa e de doutrina”	SA 056 (Dom, 1, P/Oct. Ep., 1, II)
			Penitência	“flecha da penitência”	SA 027 (Dom, 7, P/Pe., 7, XV)
			Amor	“a flecha do amor”	SA 032 (Dom, 12, P/Pe., 7, III)
			Evangelistas	“Primeiro, o envio dos evangelistas, daí, desferiu as suas flechas”	SSP 368 (7 In Fe. S. Luc., I)
		Negativo	Dentes dos avarentos e usurários	“os avarentos e os usurários, cujos dentes são armas e setas.”	SA 029 (Dom, 9, P/Pe., 13, I-II)
			Vida perversa e blasfêmia	“setas de vida perversa e de blasfêmia”	SA 056 (Dom, 1, P/Oct. Ep., 1, II)
			Glória vã	“A seta que voa de dia é a glória vã”	SSP 107 (1 In Fe. S. Seb., XIV)

ID	SIGNIFICANTE	SENTIDO	SIGNIFICADO		REFERÊNCIA ⁽⁴⁾
			Adulações	“as setas guardadas na aljava são: adulações, maledicências, maldições e blasfêmias guardadas na memória”	SSP 107 (1 In Fe. S. Seb., VIII)
			Maledicências	“as setas guardadas na aljava são: adulações, maledicências, maldições e blasfêmias guardadas na memória”	SSP 107 (1 In Fe. S. Seb., VIII)
			Maldições	“as setas guardadas na aljava são: adulações, maledicências, maldições e blasfêmias guardadas na memória”	SSP 107 (1 In Fe. S. Seb., VIII)
			Blasfêmias	“as setas guardadas na aljava são: adulações, maledicências, maldições e blasfêmias guardadas na memória”	SSP 107 (1 In Fe. S. Seb., VIII)
			Tentação diabólica	“Contra toda a flecha, isto é, tentação diabólica”	SSP 107 (1 In Fe. S. Seb., IV)
080	Sião	Positivo	Santa Igreja	“Sião, figura da santa Igreja”	SA 032 (Dom, 12, P/Pe., 10, V)
			Entendimento	“Sião [...] isto é, deve subir ao seu entendimento”	SA 044 (Dom, XIX, P/Pe., 5, II)
081	Siceleg	Positivo	Alma	“Siceleg [...] é a alma”	SA 008 (Dom, 3, Qua., 20, XXXIV)
082	Simeão	Positivo	Coração contrito	“Simeão [...] significa o coração contrito”	SA 007 (2 Dom, 2, Qua., 11, XII)
083	Surrão	Positivo	Graça do Novo Testamento	“o surrão, a graça do Novo”	SA 021 (Dom, 1, P/Pe., 1, III)
084	Tabernáculo	Positivo	Justo	“O justo é o tabernáculo do testemunho”	SA 007 (2 Dom, 2, Qua., 13, III)
			Penitência	“tabernáculos da penitência”	SA 022 (Dom, 2, P/Pe., 1, I)
			Maria Santíssima	“O tabernáculo simboliza Maria Santíssima”	SA 036 (In Fe. Pu. Ma., 4, I-II)
			Corpo da Virgem	“recebeu o corpo da Santíssima Virgem, onde, como num tabernáculo”	SA 045 (Dom, XX, P/Pe, 6, II)
085	Técua	Negativo	Hipócritas	“em Técua, isto é, entre aqueles que, quando praticam alguma obra boa, como os hipócritas”	SA 011 (Dom, 5, Qua., 1, IX)
086	Tenda	Negativo	Corpo	“Estender a tenda é exercitar o corpo na satisfação da penitência e dilatá-lo em obras de caridade”	SA 079 (In Ap. Pet. et Pau., 19, XIII)
087	Timóteo	Negativo	Diabo	“Timóteo [...] significa o diabo”	SA 042 (Dom, XVII, P/Pe., 5, VII)
				“Timóteo [...] significa o diabo”	SA 057 (Dom, 2, P/Oct. Ep., 9, X)
088	Torre	Negativo	Altura da dignidade	“A torre é a altura da dignidade”	SA 038 (Dom, XIII, P/Pe., 23, V)
089	Troféu	Positivo	Vida eterna	“o troféu da vida eterna”	SA 015 (Dom, 2, P/Pa., 9, VIII)
090	Trombeta	Positivo	Pregação (Dominante)	“E fazei soar a trombeta da pregação”	SA 011 (Dom, 5, Qua., 1, VIII)
				“A trombeta é a pregação”	SA 048 (Dom, XXIII, P/Pe., 1, II)
			Confissão	“na trombeta da confissão”	SA 045 (Dom, XX, P/Pe, 9, VIII)
			São Pedro e São Paulo	“Estes dois Apóstolos chamam-se trombetas de prata”	SA 079 (In Ap. Pet. et Pau., 9, II)
091	Vale de Terebinto	Positivo	Humildade da Cruz	“vale de Terebinto, isto é, na humildade da cruz”	SA 022 (Dom, 2, P/Pe., 1, I)
092	Valo	Negativo	Hereges	“valo dos hereges”	SA 027 (Dom, 7, P/Pe., 4, X)
			Primeiros movimentos	“estacas aguçadas dos primeiros movimentos”	SA 027 (Dom, 7, P/Pe., 5, XI)
			Diversas tribulações	“um fosso de diversas tribulações”	SSP 401 (6 In Fe. Clem., II)
093	Zabulão	Positivo	São Pedro	“Zabulão [...] é São Pedro”	SA 079 (In Ap. Pet. et Pau., 9, II)

ID	SIGNIFICANTE	SENTIDO	SIGNIFICADO	REFERÊNCIA ⁽⁴⁾
			“Zabulão, isto é, São Pedro”	SSP 233 (9 In Fe. Pet. et. Pau., I)

⁽⁴⁾ Referências remetentes para a localização das associações simbólicas nas Tabelas A e B.

2. Glossários

a) Breve glossário de parenética

ALEGORIA: figura de retórica; narrativa ficcional simbólica que transmite um significado não explícito; representação de uma realidade abstrata através de uma realidade concreta, por meio de analogias, metáforas, imagens e representações. Engloba géneros como a fábula, a parábola e o apólogo e pode ser polissémico, implicando um processo interpretativo para a sua compreensão. Foi utilizada por escritores antigos como Platão, Cícero e Agostinho, mas tornou-se particularmente popular durante a Idade Média, quando teve como função primária ser o método da exegese, facilitando a explicação dos sentidos mais profundos que a mentalidade simbólica medieval imaginava ocultos nas *Escrituras*. As *Picturae* presentes na literatura cristã medieval, investidas de uma forte carga simbólica, resultavam quase sempre de interpretações espirituais do texto bíblico (abarcando os sentidos alegórico, tropológico e anagógico), privilegiados em detrimento do sentido literal. Ver [Exegese](#), [Exemplum](#), [Pictura](#), [Similitudinem](#).

ANGELOLOGIA: o mesmo que angeliologia. Ramo da teologia consagrado ao estudo da natureza, propósito e hierarquia dos anjos, conforme descritos nas *Escrituras* e concebidos nas tradições teológicas subsequentes. Os seus fundamentos doutrinários foram estabelecidos no século IV d.C. por Santo Agostinho, que concebeu a natureza destes habitantes celestiais como puramente espiritual e livre e lhes atribuiu as funções de glorificadores divinos, mensageiros da Sua vontade e garantes da sua realização. Para o bispo de Hipona, ambos feitos à imagem de Deus, os anjos – criaturas imateriais –, e os homens – seres materiais –, partilhavam a mesma origem. Quanto à noção de hierarquia angelical, encontrou um dos seus mais importantes fundamentos na *De Caeleste Hierarchia* (séc. IX), tratado teológico atribuído à figura algo obscura de Pseudo-Dionísio, o *Aeropagita*, que agrupava os anjos em nove coros, ou ordens, por sua vez ordenados em três tríades: a epifânica, integrada pelas ordens angelicais que dispunham de um contacto mais próximo com o Criador, contemplando e glorificando a Deus, designadamente os Serafins (que cantam louvores e se consomem em adoração), os Querubins (que guardam e transmitem os mistérios sagrados), e os Tronos (que manifestam a onnipotência divina); a hiperfânica, composta pelos anjos que dirigem os planos da sabedoria, tendo como missão governar os diversos mundos, como seria o caso das Dominações (que desempenham missões relevantes), dos Principados (que servem como guias dos mensageiros), e das Potestades (que cuidam da forma das vontades); e hipofânica, formada pelos anjos executantes das ordens divinas e protetores dos homens, nomeadamente, as Virtudes (que removem obstáculos à concretização dos desígnios de Deus), os Arcanjos (mensageiros dos mesmos desígnios), e os Anjos (seus executantes). Recuperada por Pedro Lombardo nas suas *Sentenças* (séc. XII) e perfilhada pela teologia vitoriana, a hierarquia angelical, tal como concebida por Pseudo-Dionísio, providenciou um esquema mental oportuno à conceção que das suas próprias hierarquias e funções fizeram a Igreja e as ordens religiosas ao longo de toda a Idade Média, nas figuras de, entre outros, Honório de Autun, São Boaventura e Frei Paio de Coimbra.

ANTROPOLOGIA: ciência que estuda o ser humano e a sua evolução biológica e sociocultural. As constantes reflexões e reformulações da noção de corpo como parte integrante do sistema cultural refletem a importância que assume para o homem ocidental. Tal noção de corporeidade é influenciada por questões culturais, filosóficas, ideológicas, sociológicas e históricas, bem como pela própria noção de *persona*. Nas comunidades primitivas, o indivíduo não era compreendido como ser singular, diferenciado dos outros, mas pertencia a um todo, a uma sociedade não sujeita a regras ou convenções, onde o corpo era uma entidade plena, sem limitações. Durante a antiguidade clássica, o ideal de corpo perfeito e saudável, em permanente aperfeiçoamento, difundiu-se e foi enaltecido em festas, em cerimónias e nas artes. Platão sublima a alma, que devia reger o corpo sensível e material, controlado pelos desejos e paixões, a fim de o elevar ao mundo das Ideias. Outra corrente de pensamento da antiguidade clássica, o gnosticismo, defendia que o autoconhecimento, obtido através da espiritualidade, libertaria a alma superior da sua restrição corpórea. O cristianismo retomou a noção clássica de corporeidade, reconhecendo que o corpo, à imagem do seu Criador, é perfeito quando segue a Sua vontade. A dicotomia alma-corpo foi adotada, embora lhe tenha

sido acrescentado outro elemento, o espírito, pois o homem passa a ser compreendido como um ser que incorpora no recetáculo do corpo (a carne), o espírito de Deus e a sua consciência pessoal (a alma). Durante a Idade Média, apesar de continuar a ser considerado como uma obra divina, à semelhança do Criador e por essa razão digno de louvor e objeto de estima, o corpo, origem do pecado e da fragilidade, era simultaneamente desprezível. A ele se contrapunha a alma, que devia reger os apetites da carne, de acordo com as regras do espírito. O pensamento de Santo Agostinho, que reitera o princípio do pecado original que condena a humanidade, culpada e fraca, à morte para toda a eternidade, reafirma o dualismo alma-corpo. Agostinho define como princípio orientador do homem que este se deve manter afastado do corpo impuro, lugar de dor, de tentação e do indevido, almejando antes ao aperfeiçoamento da alma como forma de controlar as emoções, os prazeres e os afetos, e assim, chegar a Deus. Esta ânsia de dominar a fraca carne reflete a vontade de subjugação do material pelo espiritual, em que a fuga ao mundano se processa através do controlo espiritual da carne. O monaquismo era exemplo paradigmático desta evasão pois quando o monge se isolava em contemplação, oração e penitência libertava-se do corpo, rejeitava as tentações mundanas e abraçava o espiritual e o divino. Esta rejeição obsessiva da carne estendeu-se a toda a sociedade ocidental, que assumiu o novo conceito de corpo segundo os preceitos religiosos cristãos. O corpo apagou-se, ordenou-se e passou a ser rigorosamente controlado. O Estado instituiu regras austeras e penas severas para os comportamentos corporais. E porque a nação é composta por vários elementos com propriedades e funções específicas, que em conjunto colaboram em sintonia, o corpo humano serviu frequentemente como metáfora social e política. Foi facilmente estabelecida a associação do rei medieval, detentor do poder e garante da ordem social, ao cérebro, lugar da razão, que comanda o corpo humano. Em *A Cidade de Deus*, Santo Agostinho também aplica esta metáfora orgânica à cidade, onde o soberano, mandatado por Deus, agia como garante da estabilidade e equilíbrio. Esta associação decorre novamente da conotação negativa atribuída ao corpo, pois tal como este, a cidade necessita do controlo da razão sobre o equilíbrio emocional, emotivo ou impulsivo.

APOLOGÉTICA: do verbo grego *apologeitai* (que significa “defender-se”), a apologética, como disciplina teológica, visa a defesa racional ou a justificação da fé religiosa como conjunto sistemático de verdades que constituem a crença que se professa. A apologética católica pode entender-se como demonstração racional do repositório da Revelação sufragada pela autoridade divina e pelo magistério da Igreja. O debate entre as posições antagónicas, que estrutura a discursividade dos escritos, entre o dialogar catequético e a dissertação expositiva, desenvolve-se no confronto entre verdade e erro, refletindo a controvérsia, passível de emotividade, intolerância e negativismo. O convicto triunfalismo de uma causa, a exaltação ou glorificação de uma personalidade dimensionam a apologia enquanto intenta provar, como insustentável, a atitude do incrédulo. O confronto, através dos séculos, com a idolatria, heresia, descrença, agnosticismo, ateísmo, cultos, seitas e religiões acatólicas, na dialética da afirmação/negação, gira dentro de um esgrimir polémico, suscetível de virulência e agressividade discursiva.

APOSTOLADO: do latim *apostolatus*, designa o nome dado ao ofício do apóstolo. Refere-se à missão de propagar, difundir ou ensinar uma doutrina, fé ou crença. A palavra apóstolo, do verbo grego enviar, significa enviado, mensageiro, embaixador. Em sentido estrito e no âmbito da tradição cristã, apostolado tem um significado eminentemente religioso. O Novo Testamento diz-nos, no Evangelho de São Lucas (Lucas 6:13), que o termo “apóstolos” foi atribuído por Jesus Cristo aos seus doze discípulos mais próximos: Simão Pedro, André, Tiago filho de Zebedeu, Tiago, filho de Alfeu, João, Filipe, Bartolomeu, Tomé, Mateus, Tadeu, Simão e Judas Iscariote. Num sentido mais lato, a palavra Apóstolo designa todo aquele que é enviado por Deus para proclamar e testemunhar a fé de Cristo e da sua Igreja, pregando o Evangelho aos homens, e nessa condição, o nome “apóstolos” é dado aos vários pregadores do evangelho, mesmo que não pertençam à hierarquia da Igreja, a ponto de o apostolado ser referido como um dos dons espirituais próprios da comunidade cristã (1 Coríntios 12,28). Neste sentido, as palavras “missão” e “apostolado”, tal como “missionário” e “apóstolo”, são etimologicamente equivalentes. Os termos “missão” e “missionário” provêm do verbo latino *mitto*, que significa enviar, tal como as palavras apóstolo e apostolado. Durante a Idade Média, a expansão do cristianismo foi facilitada pelos esforços missionários que permitiram a difusão e o estabelecimento da fé católica, instituindo a Igreja e o Papa como uma força europeia dominante, cujo poder, autoridade e controlo se definiu não apenas no nível espiritual, mas também no plano político. Esses esforços missionários desenvolvidos nas cidades em expansão pelas ordens

mendicantes que surgiram no século XIII, difundiram o retorno à austeridade da vida religiosa e espiritual e pugnaram pela realização de obras de caridade, pela difusão dos ensinamentos do Senhor e pelo serviço aos pobres e doentes. Esta apologia da pobreza, da simplicidade e a aproximação ao povo contribuíram para a renovação da imagem da Igreja, degradada pela ostentação e afastamento dos ideais cristãos. Não apenas restabeleceram a fé e a crença na Igreja como travaram vícios, pecados e as crescentes heresias que se espalhavam pela Europa, recorrendo a uma pregação simples, mas profunda e cheia de devoção, em igrejas e ao ar livre. Ver [Pregação](#).

ARS PRAEDICANDI: 1. Retórica de pregação desenvolvida na Idade Média e que se inspirou em fontes judaicas e clássicas. Por volta de 1200, eram essencialmente quatro os teóricos da pregação: Santo Agostinho, Gregório Magno, Guiberto de Nogent e Alano de Lille. Além disso, não existia consenso sobre se a antiga *Ars Rhetorica* podia servir como uma efetiva teoria da pregação. Esta prática fora até então essencialmente levada a cabo por clérigos e destinada a audiências clericais. Mas, entre os finais do século XII e no século XIII, as Cruzadas e o conflito da Igreja Católica contra as heresias culminou num reforço pontifício da pregação popular. Coincidindo com o desenvolvimento do comércio, das cidades e das universidades, a rápida expansão dos mendicantes pela Europa é sintomática desse o esforço pontifício exercido no sentido de cativar e educar os leigos, que exigiu técnicas atualizadas de formulação de sermões, uma *forma praedicandi* que delineava a escolha do tema e estabelecia a subdivisão do sermão, de acordo com regras predefinidas. **2.** Género literário que compreende os manuais teóricos e práticos sobre a arte da pregação. Das mais de 300 *Artes Praedicandi* que sobreviveram do período medieval, perfazem um conjunto relativamente extenso as que remontam aos séculos XII e XIII, e que atingiram grande popularidade em contexto europeu, como foi o caso do *Liber quo ordine sermo fieri debeat*, do beneditino Guiberto de Nogent (†1125); da *Summa de arte praedicatoria*, do teólogo cisterciense Alano de Lille (†1203); da *De artificioso modo praedicandi*, atribuída ao cónego regular Alexandre de Ashby (†séc. XIII); da *Summa de arte praedicandi*, do subdiácono da catedral de Salisbúria, Tomás de Chobham (†c. 1233); da *Ars dilatandi sermones*, atribuída a Ricardo de Thetford (†séc. XIII); da *Ars concionandi*, de Pseudo-Boaventura; da *Ars praedicandi*, composta pelo teólogo e bispo de Paris, Guilherme d’Auvergne (†1249); do *Processus negociandi theamata sermonum*, de João de Rupella; da *Rudimentum doctrinae*, elaborada pelo franciscano Guiberto de Tournai (†1284); da *De eruditione religiosorum praedicatorum*, do Mestre Geral da O.P., Humberto de Romans (†1277); da *Ars faciendi sermones*, do franciscano João de Gales (†1285), etc. Embora variem em conteúdo e alcance, estes tratados oferecem, no seu conjunto, um retrato bastante completo da estrutura preconizada para o sermão moderno, refletindo a entrada do método de ensino universitário ao serviço da função pastoral. A influência da retórica clássica na *ars praedicandi* reflete-se nos *topoi* dialéticos utilizados para o desenvolvimento do sermão que abrangia uma variedade de tipos, sendo o temático o mais comum neste período. O sermão temático era geralmente composto por várias partes: pelo tema, extraído da Bíblia; o pró-tema (ou antetema), também da Bíblia, que deveria captar a atenção dos ouvintes, tornando-os recetivos e de bom-humor, predispondo-os a uma oração invocando a ajuda de Deus; a reintrodução do tema, iniciada com uma citação das Escrituras, dos Padres ou de um filósofo moral, que utiliza as autoridades escriturísticas como prova dos termos presentes no tema através do argumento, da narração, do exemplo ou outros meios de explicação; finalmente, o desenvolvimento, em que as partes do tema são divididas e subdivididas para facilitar a organização e a apresentação do sermão, processo levado a cabo com a aplicação de variados princípios hermenêuticos. O recurso às Concordâncias bíblicas das autoridades é absoluto, como garante da consistência e fidelidade das interpretações e ensinamentos. Eram utilizados entre outros: as máximas, os *Exemplum*, a etimologia, os quatro sentidos da interpretação das escrituras, o ritmo, a consonância métrica e a cadência (estes três últimos serviam também um propósito mnemónico), a multiplicação de sinónimos, a interpretação de um nome, as categorias lógicas, a causa e efeito, os silogismos e as enteléquias, e o humor. Para a apresentação do sermão são ainda fornecidos conselhos práticos e considerações sobre a ética, a personalidade e o comportamento do pregador, bem como as características dos diferentes tipos de público. Por vezes são recomendados auxílios homiléticos aos quais o pregador pode recorrer na preparação do seu sermão, tais como Comentários bíblicos, Glosas, Concordâncias, tratados sobre vícios e virtudes, coleções de *Exempla*, *Florilegia*, *Distinctiones*, *Similitudines*, listas alfabéticas, tabelas de tópicos para localizar materiais e coleções de modelos de sermões. Esta especialização das *Ars Praedicandi*, quer ao nível da esquematização dos textos

e divisões, quer ao nível da performance do pregador produziu reações adversas por parte de alguns críticos. Outros, no entanto, elogiaram-lhe a arquitetura, a ordem, a firme sustentação nas *Escrituras* e os comentários pertinentes e inteligentes.

CONCORDÂNCIA: ferramenta que engloba as ocorrências de um termo no Antigo e do Novo Testamento. Existem diferentes tipos de concordância bíblica, como as temáticas, que trabalham temas ou assuntos e listam versículos relacionados com esses temas; as exaustivas, que listam todas as ocorrências de um termo; e as abreviadas, que listam as principais ocorrências de um termo. Como auxílios bíblicos na elaboração dos sermões eram amplamente aceites e utilizados os *Breviários*, as *Distinctiones*, as *Concordâncias* e, sobretudo, as *Glosas Bíblicas*, isto é, os comentários produzidos pelos Doutores da Igreja sobre o texto das *Sagradas Escrituras*, com o propósito de elucidar acerca do sentido de certas passagens mais herméticas nele contidas. Para o desenvolvimento destas ferramentas e para que se pudessem tornar acessíveis aos pregadores foram implementadas várias técnicas, nomeadamente o desenvolvimento de configurações tanto para os livros como para as páginas; a criação de sistemas de referência, incluindo a adoção dos numerais árabes; e a aceitação da ordem alfabética como um meio de ordenar palavras e ideias. Um *compendium de auctoritates*, seria concebido para auxiliar à redação dos sermões, organizado por tópicos e alfabeticamente, e destinado normalmente aos pregadores com formação universitária cada vez mais necessitados de um manual de referência para a criação de sermões que se tornavam mais complexos em estrutura e dependentes da citação das autoridades. Tornou-se o veículo através do qual as fontes dos séculos XII e XIII foram disponibilizadas a muitos autores posteriores, incluindo não apenas pregadores, mas também teólogos, místicos, advogados e poetas vernáculos.

CRISTOLOGIA: parte da teologia que compreende o estudo da natureza divina e, simultaneamente, humana de Jesus Cristo, bem como das Suas doutrinas e obras. Procurando fundamentação nas *Escrituras*, a cristologia aprofunda questões elementares como a sua proveniência, o seu papel no plano divino e de que forma o seu mistério e sacrifício afetam a humanidade. Tema de debates desde as origens da Igreja cristã, a cristologia foi abordada nos primeiros concílios ecuménicos, como o de Niceia (325 d.C.) e o de Calcedónia (451 d.C.), onde se discutiram questões como a natureza de Cristo e a sua relação com Deus e onde se estabeleceram os parâmetros de ortodoxia e heresia para a cristologia no Ocidente. Do século IV ao VII, a reflexão teológica fez-se internamente a partir dos debates sobre o cristianismo correlacionado com as outras tradições religiosas e com as mutações socioculturais e políticas que ocorrem neste período no Ocidente latino. O mistério de Cristo e da salvação universal implica não apenas os que morrem na fé cristã, mas também os povos que ainda não conhecem a doutrina de Cristo. Os Padres latinos são confrontados com o problema de comunicar às gerações vindouras os mistérios da fé cristã. O modo de comunicar, reinventado no contexto de múltiplas tradições religiosas e culturais, requereu não apenas criatividade linguística, mas também uma maior fundamentação escriturística da cristologia, mediante a leitura, explicação e interpretação das *Escrituras*, com destaque para as homilias bíblico-litúrgicas e para a prática exegética da escritura. Mas os Padres latinos não se limitaram a transmitir o que professaram os primeiros concílios ecuménicos, antes fizeram a sua tradução para latim e estudaram a teologia dos Padres gregos, criando a sua própria teologia. Ambrósio baseou-se em Orígenes, Agostinho nos Padres Capadóciotes e Cassiodoro copiou os escritos dos Padres latinos para permitir que perdurassem na tradição cristã. Cassiano e Isidoro traduziram para a sua língua, numa preocupação de recolha e transmissão do que se produziu nos séculos anteriores. A teologia medieval, particularmente antes do século XI, enfatizava a divindade de Jesus em detrimento da sua humanidade. Os eclesiásticos medievais concebiam-no como um juiz severo que manifestava a justiça de Deus. O interesse pela humanidade de Jesus era professado principalmente por místicos e artistas. Os primeiros - começando com Bernardo de Claraval (1090-1153) e continuando com Francisco de Assis (1181/82-1226), Meister Eckhart (c. 1260-1327/28?) e Tomás de Kempis (1379/80-1471) - procuraram estabelecer uma união mística entre Jesus e o crente. No entanto, a maior contribuição medieval para a Cristologia residiu na reflexão sobre o objetivo da Encarnação de Jesus. A visão tradicional defendia que, pelo facto de os seres humanos terem pecado, tinham uma dívida para com o Diabo, estando sujeitos a ele; Cristo pagou essa dívida morrendo em nome da humanidade. Também se dizia que Deus tinha enganado o Diabo ao tornar-se humano e que o Diabo não o reconhecia por detrás

da sua forma humana. Ao submetê-lo à morte, o Diabo abusou da sua autoridade, o que o fez perder o seu poder sobre os homens. Na sua obra histórica *Cur Deus homo* ("Porque é que Deus se fez homem"), Santo Anselmo da Cantuária (1033/34-1109) formulou a teoria mais incisiva sobre a Expição de Cristo, ao defender que a morte de Jesus na cruz era absolutamente necessária porque não havia outra forma racionalmente inteligível de a humanidade se reconciliar com Deus a quem ofendera com o seu pecado; essa satisfação só poderia ser dada por alguém que fosse simultaneamente divino - porque podia vencer o pecado - e humano - culpado do pecado. A teoria de Anselmo foi também significativa ao apresentar um sistema abrangente que se centrava na interligação entre Deus, Jesus e a humanidade, excluindo o Diabo. Por sua vez, o teólogo francês Pedro Abelardo (1079-1142) apresentou outra teoria da Expição no seu comentário aos Romanos: Deus enviou o seu filho para ser um professor e um modelo a seguir, revelando assim o seu amor pela humanidade. Segundo Abelardo, Jesus desperta nos pecadores o amor a Deus, que é simultaneamente fundamento do perdão divino dos pecados e da reconciliação com Deus. Acima de tudo, a teologia medieval caracterizou-se pela reafirmação de posições cristológicas anteriores e não pelo desenvolvimento de novas formulações.

DEMONOLOGIA: estudo dos demónios em contexto de crenças religiosas, de mitos, de folclore, etc. A demonologia cristã baseia-se principalmente na Bíblia (Antigo Testamento e Novo Testamento), na exegese das escrituras, nos escritos dos primeiros filósofos e eremitas cristãos, na tradição e em lendas incorporadas de outras crenças, nomeadamente das religiões dualistas da antiga Pérsia, da Grécia e da Babilónia. A demonologia está presente em todas as religiões e assume um sentido negativo. Sempre existiu, desde a alta antiguidade, um dualismo moral entre os anjos e os demónios, também presente na simbologia bíblica de carácter apocalíptico e que se perpetuou na representação do mundo celeste. O bem e o mal, sujeitos a personificação, resultam em anjos bons (de Deus) e anjos maus (de Satan). Satanás designa um qualquer inimigo humano; o anjo do mal. É por vezes traduzido para grego por Demónio ou Diabo. Satanás significa ainda oponente, acusador (no sentido contrário a defensor, em tribunal) ou pode apenas simbolizar o mal. O termo demónio tem origem grega (*daimon*) e o seu significado é muito complexo dada a variedade e multiplicidade de sentidos e nuances difíceis de compreender. Em última análise, designa uma entidade espiritual que se situa entre o mundo celeste e o mundo terreno, sob domínio de Deus, mas às ordens de Satanás, e que por isso exerce a sua força maléfica contra os seres humanos. Designa, em linguagem eclesiástica, um anjo caído. No Novo Testamento, surgem como simples criaturas, que por não cumprirem o plano divino da criação foram destituídas do seu poder. No século XII, alguns escritores formulavam ensinamentos sobre os demónios, nomeadamente São Bruno, fundador dos cartuxos, para quem os demónios emanavam algum tipo de poder. Guibert de Nogent afirmava que antes do Juízo Final, o diabo e os seus anjos vêm ao mundo para tentar os homens, já que depois não conseguirão sair do Inferno e o mundo ficará deles completamente purificado. Yves de Chartres explicava como podem os demónios prever o futuro. Por possuírem corpo etéreo, são mais inteligentes do que os homens já que a possibilidade de voar lhes facilita o conhecimento. Por isso sabem o que vai acontecer antes do homem. Por outro lado, adquiriram durante a sua longa vida uma experiência que os ajuda a compreender os factos mais rapidamente. São Bruno, bispo de Segni explica a queda de Satanás durante a luta com São Miguel, no Apocalipse XII. O trono divino fica no céu, onde os demónios não têm lugar. Em resultado da luta contra as hostes divinas, o dragão, e os seus anjos, foram projetados *de supernis in terram*, a terra que representa os pecadores em cujos corações ele reina. Mas o dragão não tem poder sobre os santos e Behemoth, caído devido ao orgulho, é preso para que os homens possam resistir às suas artimanhas e astúcia.

ECLESIOLOGIA: do termo grego *ekklēsia* (latim: *ecclesia*), que significa "congregação" ou "igreja", associado ao sufixo *logia*, que indica habitualmente o estudo de determinada matéria. Na teologia cristã, a eclesiologia é o estudo da Igreja, que compreende as origens do cristianismo, a relação da Igreja com Jesus, a função da própria Igreja, bem como a sua política, a sua disciplina, a sua escatologia e a sua liderança. Desde o início, a Igreja debateu-se com inúmeras questões, entre as quais a de saber se devia ser governada por um concílio de presbíteros ou por um único bispo, qual deveria ser a autoridade do bispo de Roma sobre os outros bispos principais, qual seria o papel da Igreja no mundo, se a salvação seria possível fora da instituição da Igreja, qual deveria ser a relação entre a Igreja e o Estado, e questões de teologia e liturgia, entre outras. O modelo eclesiológico da Igreja como instituição sustenta que só a Igreja Católica é "una,

santa, católica e apostólica”. A Igreja - composta por todos os católicos batizados e professores, clérigos ou leigos - constitui a sociedade fundada por Cristo, de origem divina e liderada pelo Papa. A autoridade espiritual universal da hierarquia da Igreja provem da sucessão apostólica dos seus bispos, em especial, do bispo de Roma (o Papa), que a recebe diretamente de São Pedro Apóstolo, a quem Cristo deu “as chaves do Reino dos Céus”.

ESCATOLOGIA: do grego *éschaton* (que significa “último”). Designa frequentemente o conjunto de ideias que os diferentes povos têm sobre o fim último da humanidade ou da história. Na perspetiva cristã, designa a parte da teologia sistemática que trata dos acontecimentos últimos do homem, mas não propriamente do fim da sua vida. Esta designação surge pela primeira vez na obra de F. Oberthur, *Biblische antropologie* (Antropologia Bíblica), publicada nos anos 1807-1810. Durante séculos utilizou-se o termo *novissimis* para designar estes acontecimentos que a escatologia engloba num fim - desta vida neste mundo -, e num novo e definitivo começo. A teologia Patrística acentua mais a dimensão coletiva e histórica na sua abordagem destes acontecimentos, e tem por temas de reflexão o fim do mundo, o juízo final e a ressurreição dos mortos; a partir do século XIII-XIV a teologia preocupa-se mais com a componente individual e os seus temas de reflexão escatológica são a morte, o juízo, o inferno e o paraíso. Autores como Tomás de Aquino ou Pedro Lombardo elaboram os *De novissimis*, tratados teológicos, cronológicos e espaciais, dedicados aos últimos acontecimentos, que analisam o destino do ser humano e de toda a criação, sintetizando as reflexões dos séculos anteriores. A abordagem desta doutrina era tão definitivamente profética e apocalíptica, dando tal preponderância à morte, ao juízo e ao inferno, e de tal forma imbuída da interpretação literal das Escrituras e dos conceitos milenaristas, que influenciou a escatologia cristã e a associou, durante séculos, à salvação individual da alma, mantendo-a afastada da história coletiva, da salvação da humanidade e da esperança cristã na vida eterna.

ÉTICA: do grego *éthikè* (que significa “caráter”) e *éthos* (que designa “comportamento”, “costumes” ou “hábitos”). A ética fornece um relato sistemático do julgamento de um indivíduo sobre a conduta correta a partir dos princípios da moral (certo e errado). Na Idade Média, a influência do cristianismo, inspirada por Santo Agostinho, contrapõe uma nova visão do mundo e de práticas de vida, dando primazia ao espiritual e à vida eterna e relegando para segundo plano os aspetos materiais da vida. A teologia cristã, dedica-se exclusivamente ao mundo interior, ao encontro da alma com Deus e determina o sentido teocêntrico da civilização e cultura medievais. A busca do verdadeiro sentido da vida e a inquietação espiritual conduzem o homem na procura de um ideal, a santidade, o pleno humano à imagem da plenitude divina. Este ideal coloca o homem medieval em constante tensão entre o corpo e a alma, entre o pecado e a graça, entre o certo e o errado. A ética na tradição bíblica diz respeito às ações individuais bem como às de toda a comunidade cristã, e é condicionada pela cultura e pelas percepções do que é certo ou errado. A moral cristã, princípio do conhecimento e do julgamento do que é certo e errado, é subordinada às leis divinas, nomeadamente a *Lex Naturalis*: a capacidade que Deus dá ao homem de discernir racionalmente o certo do errado; a *Lex Aeterna*: a sabedoria e a direção divinas; a *Lex Divina*: os preceitos e mandamentos estipulados por Deus; a *Lex Moralis*: o entendimento dado ao homem por Deus; a Lei do Antigo Testamento e a Lei do Evangelho; a Lei Civil e a Lei da Igreja. Cada uma destas leis divinas enquadra a compreensão objetiva do homem, funda a sua consciência, o seu sentimento interior do que é certo ou errado, e guia a ética e a moral que regem a sociedade e a participação na vida cristã. A ética medieval cristã substitui o determinismo ou a incerteza da ação humana pela ordenação da vida pessoal - na busca da felicidade -, e social - na vivência em comunidade -, através de um conjunto de virtudes e hábitos que evitam ações causadoras de desordem - a tentação e o pecado.

EXEGESE: do grego *exégésis* (que significa “interpretação”, “tradução” ou “extração dos factos”). Consiste na análise, explicação ou clarificação de um texto; interpretação ou comentário sistemático e objetivo do verdadeiro sentido de um texto, especialmente das escrituras, ou dos sentidos bíblicos contidos nas palavras (exegese bíblica). A hermenêutica é por muitos considerada como sinónimo da exegese porque, tal com esta, é uma técnica de interpretação ou explicação de textos. A principal diferença entre ambas consiste na especificidade das regras que cada sistema de interpretação possui. De forma simplista podemos associar a hermenêutica à teoria e a exegese à prática. O sentido original da hermenêutica associa-se à bíblia e consiste na compreensão das escrituras, do significado de cada frase e cada palavra, bem como

dos seus possíveis sentidos, e pode ser aplicada tanto na vertente epistemológica, com a interpretação de textos como na ontológica, remetendo para a interpretação de uma realidade. A hermenêutica bíblica antecede a exegese, já que teve o seu início na própria Bíblia, quando um autor fazia referência a outras partes dos textos sagrados, e tinha por fim preparar a pregação e o ensino dos apóstolos. Nesta altura predominava a interpretação canónica, de carácter quase sempre profético. Mais tarde, à medida que surgiam novas questões teológicas e práticas, que exigiam interpretações mais elaboradas e sistemáticas é adotada uma abordagem histórica e alegórica das Escrituras assente na retórica e na filosofia. No tempo dos Pais da Igreja, os métodos hermenêuticos davam a primazia ao sentido alegórico ou metafórico das passagens escriturais, principalmente quando o sentido direto era difícil ou absurdo. Mantinham a “substância” da Escritura, e para o fazerem, interpretavam por vezes, de maneira forçada. Orígenes não sistematizou os possíveis sentidos não literais, limitando-se a chamar-lhes espirituais ou místicos. Os autores seguintes continuaram a procurar um sentido mais profundo e formalizaram um esquema quádruplo para interpretar as escrituras como literais, alegóricas, morais e anagógicas. Segundo este princípio qualquer passagem bíblica podia ser interpretada em sentido literal, que remetia para a análise de passagem em termos históricos; em sentido alegórico, doutrinal ou simbólico, que apontava a verdade em que se devia crer; em sentido tropológico, moral ou figurado, que ensinava o que se devia fazer; ou em sentido anagógico, místico ou escatológico, que indicava ao que se devia aspirar. Muitas vezes os três últimos eram simultaneamente interpretados como alegóricos. À medida que o sentido espiritual ganhava terreno sobre os outros, houve também uma preocupação crescente com o sentido histórico como é evidente pelas obras que saíam da abadia de São Vítor, no século XII. Hugo de São Vítor, por exemplo, só abandona o sentido histórico/literal quando a tradição cristã explicitamente a sanciona. Mais tarde, Tomás de Aquino inova ao estipular que a intenção autoral, o sentido textual, deveria servir de guia à interpretação das escrituras, sendo essa a interpretação literal. No entanto, considera que a intenção do autor tanto poderia ser alegórica, se no caso de parábolas ou visões o autor estivesse a empregar uma metáfora, como literal, no sentido habitual da palavra.

EXEMPLUM: narrativa curta, normalmente incorporada num sermão moralista ou doutrinal, que servia para ilustrar um ponto forte do discurso; ação realizada por alguém e usada como exemplo ou modelo. Na literatura, os *exempla* eram ensinamentos morais didáticos, geralmente baseados na vida de santos ou de outras pessoas que exemplificavam um ideal moral. As coleções de *exempla*, compilações de alegorias, contos populares ou lendas, de características didático-morais serviam de inspiração e ajudavam os pregadores medievais a adornar os seus sermões, a sublinhar conclusões morais ou a ilustrar uma passagem da Bíblia. Durante a Idade Média foram compiladas famosas coleções especialmente dirigidas a pregadores, entre as quais o livro de *exempla* de Jacques de Vitry (c. 1200), *Les contes moralisés* de Nicholas Bozon (depois de 1320), e o *Parabola de Odo* de Cheriton (depois de 1225). Em português encontramos exemplos na narrativa “Castelo Perigoso” (Códice Alcobacense nº 199, BN) e, sobretudo, no *Horto do Esposo* (Códice Alcobacense nº 198 e nº 212, BN), de autor desconhecido, obra que incorpora numerosas narrativas de pendor moralista ancoradas na autoridade dos mais importantes doutores da Igreja católica.

GLOSAS: do latim *glossa*, uma transcrição do grego *glossa* (que significa “a língua” ou “órgão da fala” e, figurativamente, uma língua ou idioma). Os gramáticos gregos utilizaram a palavra *glossa* para designar, primeiramente, uma palavra do texto que necessitava de uma explicação e, em seguida, a própria explicação. Na Idade Média passou a designar certas compilações de glosas sobre o texto de um determinado manuscrito da Sagrada Escritura. Por volta do século XI-XII, os teólogos iniciaram a contribuição mais significativa deste período para o estudo da Bíblia e para a exegese: a *Glossa*. As anotações às Sagradas Escrituras providenciando algumas explicações às passagens mais complexas começaram por ser colocadas nas margens da Bíblia, para depois serem escritas em colunas, paralelamente aos textos sagrados. Mais tarde, compiladas em manuscritos separados, constituíram uma fonte comparativa de interpretação bíblica. A *Glossa Ordinaria*, atribuída a Valafredo Estrabão (†849) e compilada durante o século XII, organiza uma coleção de comentários bíblicos sob a forma de glosas, retiradas maioritariamente dos Padres da Igreja, com o objetivo de ilustrar os vários sentidos (principalmente o literal) dos textos da *Vulgata Latina*. Constitui o comentário bíblico mais popular e influente da Idade Média, sobrevivendo em

milhares de manuscritos e sendo constantemente referenciada por Tomás de Aquino, Boaventura e outros escolásticos medievais. Outro comentário bíblico, a *Glossa Interlinearis*, cujo nome atesta o facto de ter sido escrita sobre as palavras do texto da *Vulgata Latina*, foi iniciada por Anselmo de Laon (†1117), célebre doutor escolástico. Depois do século XII, as cópias da *Vulgata Latina* eram geralmente fornecidas com ambas as glosas, a *Glossa Ordinaria* sendo inserida na margem, no topo e nos lados, e a *Glossa Interlinearis* sendo colocada entre as linhas do texto da *Vulgata*; mais tarde, a partir do século XIV, a *Postilla* de Nicolau de Lyra e as *Adições* de Paulus Brugensis foram adicionadas ao pé de cada página.

HAGIOLOGIA: composição de palavras gregas que significa “escrever o sagrado”. O termo tem sido historicamente entendido como um género literário que descreve a vida de pessoas veneráveis, especialmente santos ou um subgénero da biografia que procura enaltecer o exemplo moral. Sendo o género literário predominante na tradição medieval cristã, a hagiografia tinha como marcas distintivas o martírio e os milagres. Inicialmente, o culto dos santos deu origem a listas de mártires, elaboradas nas igrejas com vista à celebração de aniversários, e que progressivamente se tornam no núcleo dos martirológios. A par dos martirológios e dos calendários surgem as narrativas dos martírios e as biografias escritas por contemporâneos dos santos celebrados pela Igreja. Alguns relatos, em prosa ou verso, compostos por autores que não viveram os acontecimentos narrados, tinham como propósito edificar os fiéis ou satisfazer a sua curiosidade piedosa. São também compostos ou organizados textos para fins litúrgicos a partir de documentos históricos ou de composições artificiais. Tendo estes textos inicialmente existido como monografias, são posteriormente sucedidos pelas coleções hagiográficas que reúnem obras da mesma natureza, ou onde se incluem obras de naturezas diferentes, mas escritas pelo mesmo autor. Entre as coleções mais famosas da Idade Média, podemos citar as de Gregório de Tours, *In Gloria Martyrum* e *In Gloria Confessorum*, ou os diálogos de São Gregório Magno, *De Vita et Miraculis Patrum Italicorum*. As obras que integram as coleções sucedem-se pela ordem histórica das vidas dos santos, mas por vezes, as biografias respeitam as datas do calendário, como no caso dos Passionários ou Legendários. O Legendário Romano serve de base a todos os outros legendários, que adotam algumas variantes determinadas pelos cultos locais. São constituídos por extensas lendas de biografias e paixões. No século XIII, as coleções assumem um formato mais manuseável pelo que as lendas são condensadas num tamanho mais reduzido. Destas, a *Legenda Aurea* do dominicano Jacobo de Voragine é sem dúvida a mais famosa. A maior parte das coleções de vidas de santos, sobretudo nas línguas modernas, são inspiradas pela ideia de edificar e interessar o leitor, sem grande preocupação para com a verdade histórica.

MARIOLOGIA: estudo ou doutrina relativos à Virgem Maria. São quatro os dogmas estabelecidos pela doutrina mariológica: Maternidade Divina (Maria é mãe de Deus) Virgindade Perpétua (antes, durante e após o parto), Conceção Imaculada (concebida sem a mancha do pecado original) e Assunção aos Céus (elevação de Maria de corpo e alma ao Céu). Os primeiros escritos sobre a teologia mariana são reflexões sobre as Escrituras. No século II, Maria é descrita como a nova Eva, que na sua obediência, em contraste com a primeira, gera Jesus. Nos três primeiros séculos é clara a convicção na virgindade de Maria *ante partum*, mas não no *post partum* e *in partu*. Santo Ambrósio (†397) e Santo Agostinho (†430) defendem tanto a virgindade de Maria durante e após o parto, como na sua concepção. Lentamente reforça-se a ideia de que Maria é imaculada e no Concílio de Latrão de 649, é proclamada a virgindade perfeita e perpétua de Maria - antes e depois do nascimento de Jesus. No século VI surgem reflexões sobre a Assunção, e no VIII, são elaborados estudos sobre a sua mediação com Deus. Santo Ambrósio Autpert (†784) considera Maria como *Mater Gentium* (mãe das nações), *Mater Credentium* (mãe dos crentes) e *Mater Electorum* (mãe dos eleitos), dos quais ela também é mãe, por ser mãe de Cristo. Mas a ideia de Maria como mãe espiritual do corpo místico da Igreja só surge claramente no século XII. Na sua obra *Patrologia Latina*, Guerrico de Igny (†1157) afirma: “Como a Igreja de que é figura, Maria é mãe de todos aqueles que renascem para a vida”. É também a partir do século XII que o significado da compaixão de Maria com Cristo no Calvário se torna parte da mariologia. A sistematização da teologia mariana inicia-se com Santo Anselmo (†1109), precursor da escolástica. Na sua obra *De conceptu virginali*, Santo Anselmo relaciona a santidade e a virgindade de Maria, a sua mediação e intercessão, com a maternidade divina. Hermann de Tournai (1137) no seu *De Incarnatione* designa Maria como “o pescoço da Igreja” (*collum Ecclesiae*). Por sua vez, São Bernardo

(†1153) coloca Maria entre Cristo e a Igreja terrena, reafirmando o seu papel mediador, e em *De laudibus beatae virginis* compara a mediação de Maria a um aqueduto que traz as graças da fonte, que é Cristo. Não designa Maria como mãe espiritual, mas sim como “Nossa Senhora”, rainha poderosa e terna da misericórdia. A sua oposição à festa e à doutrina da concepção de Maria estabelece um padrão seguido pelos maiores escolásticos. As *Sentenças* de Pedro Lombardo (†1160) dedicam a Nossa Senhora apenas algumas questões como corolário da cristologia. Os comentários de outros escolásticos, como São Boaventura, São Alberto Magno, São Tomás de Aquino, às *Sentenças* seguem-lhe o exemplo. No entanto, o autor desconhecido do *Mariale super missus est*, do século XIII, outrora atribuído a Santo Alberto, dá um passo em frente quando descreve Maria na sua compaixão como “a associada de Cristo, a companheira semelhante a Ele (Gn 2,21)”. Associa, portanto, a mulher Maria ao homem Jesus, de forma análoga à associação feita entre o primeiro casal, Eva e Adão. Na *Summa theologiae*, São Tomás mostra uma visão profunda da maternidade divina. Partindo da verdade revelada de que Maria é Mãe de Jesus, São Tomás examina a santidade de Maria, a sua virgindade e a sua dignidade. Os seus textos homiléticos, introduzem ainda a mediação e a realeza de Maria. Durante os séculos seguintes a abordagem global da mariologia não registou avanços significativos. No século XV, à semelhança da teologia, a mariologia era já um sistema fechado, especializado e desligado da vida dos cristãos. Os estudiosos ocupavam-se mais da devoção do que de pesquisas teológicas. A doutrina separava o céu da terra, a palavra da realidade, o subjetivo do objetivo. A Virgem Maria surge muito distante, inacessível ao comum dos mortais, originando o afastamento dos cristãos da liturgia em benefício das devoções, nomeadamente das devoções marianas, associadas ao subjetivismo e sentimentalismo. O povo procura o maravilhoso, os milagres, e desenvolvem-se as “falsas” devoções. Na Igreja multiplicam-se os calvários, os caminhos da Cruz, as vias sacras, as missas no túmulo de Cristo.

PERFORMANCE: ato por intermédio do qual as prédicas eram entregues às audiências, a cujas necessidades o pregador, instruído pelas *Artes Prædandi*, devia atender, adaptando o idioma e o estilo de pregação, por forma a maximizar a sua eficácia. Os sermões foram durante séculos o principal veículo de instrução e de transmissão de questões de fé, de moral e de comportamento, mas a performance da pregação encerra-se em textos que não refletem a voz, os gestos, as expressões, a interação do pregador com o seu público, tornando-se por isso difícil de apreender. Na Idade Média, a entrega de sermões deixa de ser privilégio dos bispos para passar a ser função dos párocos, e no século XIII era responsabilidade regularmente cumprida pelos frades franciscanos ou dominicanos. A frequência da pregação e da escrita dos sermões foi incentivada por reformas que obrigavam à utilização das línguas vernáculas, nomeadamente quando dirigidas a leigos. As *Artes Prædandi*, o princípio orientador da teoria medieval da pregação, tinham como objetivo regular o conteúdo do sermão e o desempenho do pregador. A sua performance era regulada por diversos conceitos, nomeadamente: a eficácia da entrega do sermão, que se tentava controlar delimitando o desempenho do pregador como comprovam os sucessivos apelos à contenção do discurso e dos gestos; a transformação da audiência, que se procurava conseguir empregando linguagem emotiva e gestos apropriados; o enquadramento, quando se considerava a adequação do discurso e da localização da sua entrega, nomeadamente através da regulamentação do espaço de pregação por parte das autoridades eclesiásticas; e a construção de identidade social, que se refletia na exortação à exemplaridade moral do pregador. Finalmente, a performance resultava da conjugação de todos os recursos que o pregador tinha ao seu alcance para cativar e persuadir as audiências e a sua eficácia demonstrava-se pela conversão ou arrependimento de quem o escutava ou por ações que por vezes atingiam um forte impacto social. A performance de um pregador contribuía, acima de tudo, para a construção, ou destruição, da sua identidade autoritária, tanto para si próprio como perante os outros.

PICTURA: imagens narrativas construídas a partir de metáforas, símiles, alegorias, exemplos e outros recursos retórico-linguísticos, que se facultavam ao leitor, ou ao ouvinte, tendo por objetivo fixar-lhe a atenção, ajudá-lo a seguir as ideias e facilitar-lhe a assimilação de mensagens religiosas precisas, registando-se-lhe ultimamente na memória sob a forma de imagens mentais. As *Picturae* não só experimentaram uma complexificação e diversificação significativas na literatura religiosa dos séculos centrais da Idade Média como o seu uso conheceu então um aumento exponencial, em particular no âmbito

da pregação. O Homem medieval vivia numa realidade de dimensão simbólica, onde a verdade se ocultava sempre por trás de um símbolo. Esta simbologia medieval refletia-se em todos os domínios da vida: política, arte, arquitetura, literatura... No universo literário, o símbolo assumia frequentemente a forma de alegoria, distanciando-se do método da exegese, a função primária para a explicação dos sentidos profundos das Escrituras. O método interpretativo da Bíblia tendia a basear-se, quase sempre, em interpretações espirituais, abrangendo os sentidos alegórico, tropológico e anagógico, em detrimento do sentido literal. A literatura alegórica cristã utilizou intensamente uma panóplia de efeitos literários e artifícios retóricos, tais como *exempla*, etimologias, provérbios, sentenças, símbolos, alegorias e personificações, *similitudines* e analogias, abrangendo temas bíblicos, anatómicos, zoológicos, botânicos, mineralógicos, meteorológicos e bélicos. O pensamento simbólico era, muitas vezes, polissêmico e polivalente pois atribuía vários sentidos ou valorações morais ao mesmo símbolo.

PREGAÇÃO: do latim *praedico* (que significa “proclamar”, “publicar”, “louvar”, “pregar”). É o ato de anunciar do púlpito a palavra de Deus, pronunciar sermões, evangelizar ou propagar o cristianismo. Numa cultura predominantemente oral, a pregação (*praedicatio*) foi o mais influente e difundido meio de comunicação social ao serviço da instrução religiosa e moral na sociedade medieval, particularmente em contexto urbano. O teólogo Alan de Lille (†1202), autor do primeiro tratado retórico da pregação desde Santo Agostinho, a *Summa de arte praedicatoria* (c.1170), define a pregação como uma instrução, aberta e pública, nos costumes e na fé, com o objetivo de formar a humanidade. No final da Idade Média, a intensificação da pregação surge como consequência de várias iniciativas da Igreja, entre as quais a reforma intelectual promovida por Pedro, o Cantor (†1197) em Paris e o IV Concílio de Latrão (1215). O cânone 10 deste Concílio exortava os bispos a nomearem colaboradores que os apoiassem no ofício de pregar e ouvir confissões, associando a partir de então e definitivamente, as duas atividades. Na sequência deste renovado empenhamento pastoral, as novas ordens mendicantes, em particular, os franciscanos e os dominicanos (*Ordo praedicatorum*) estabeleceram-se nos centros urbanos em desenvolvimento onde orientavam as necessidades religiosas, morais e intelectuais da sociedade em transformação. Para estas ordens, a pregação era fundamental não apenas para a fundação, expansão e consolidação da Igreja, mas para a continuidade da ordem social, como um todo. A convivência direta entre o pregador e a sua audiência permitiu modelar os conteúdos dos sermões e abordar novas questões utilizando uma linguagem mais eficaz. A pregação nas praças públicas, nas igrejas ou nas catedrais, passou a fazer parte da paisagem cultural dos últimos séculos da Idade Média, não apenas nas grandes celebrações do calendário religiosos, mas também em eventos urbanos, ocasiões festivas e durante conflitos e crises sociais e políticas.

REPORTATIONES: sermões-modelo (ou *themata sermonis*), escritos com base nas notas de alguém que os ouviu *in loco*, para ajuda dos pregadores na composição das suas próprias prédicas, reunidos e postos em circulação, a partir de finais do século XII, sob a forma de coleções. A prática intensa da pregação tornou-se uma característica importante da vida religiosa na Igreja Ocidental medieval. As novas ordens mendicantes consideravam a pregação como o seu principal dever e as bibliotecas dos seus conventos foram apetrechadas com instrumentos de apoio à redação dos sermões. Simultaneamente, assistir a sermões e tomar notas que poderiam ser reutilizadas para proferir novos sermões tornou-se um hábito entre os estudantes de teologia. Normalmente, ocorriam duas fases de composição. Primeiro tomavam-se notas concisas enquanto se ouvia o pregador e numa fase posterior, procedia-se à reconstituição e ao desenvolvimento do texto; tentavam, por isso, reter as palavras-chave e certas frases que lhes permitissem reconstituir mais tarde a argumentação lógica e a retórica persuasiva do sermão tal como o ouviram. As compilações de *Reportationes*, importantes repertórios de *materia praedcabilis*, concebidos para ajudar os pregadores na composição das suas próprias prédicas, circularam sob a forma de sermonários *Ad Status*, que incluíam sermões dirigidos a grupos sociais específicos ou ainda sob a forma de sermões inspirados em temas ou datas do ano litúrgico.

RETÓRICA: do grego *rhetoriké*, e do latim *rhetorica*, retórica. Técnica de construção do discurso; conjunto de regras relativas à eloquência; arte de bem falar. Refere-se ao treino sistemático de preparação que os *orators* ou oradores públicos receberam a partir do século IV a.C., para situações que exigiam

capacidades extraordinárias de discurso público, como a argumentação jurídica ou os discursos políticos. Os primeiros manuais latinos existentes, o *De inventione* de Cícero e o pseudo-Ciceroniano *Rhetorica ad Herennium*, ambos escritos no ano I a.C., apesar de serem considerados fortemente dependentes dos manuais técnicos gregos, originaram a forma clássica da retórica romana. Do *Rhetorica ad Herennium*, fortemente influenciado pelos textos de Aristóteles, provêm as instruções sobre as divisões da arte: *inventio*, a conceção de uma matéria, verdadeira ou plausível, que se torne convincente; *dispositio*, a ordenação e a distribuição da matéria, tornando claro o lugar de cada coisa; *elocutio*, a adequação de palavras e frases ao assunto tratado; *memoria*, a retenção mental da matéria, das palavras e da disposição; *pronuntiatio*, a regulação graciosa da voz, do rosto e dos gestos. Os teóricos Idade Média ocidental dependiam fortemente da tradição retórica greco-romana para organizar as suas necessidades comunicativas. Do Século XI ao XIII sobreviveram cerca de vinte e dois manuscritos com comentários ao *De Inventione* e à *Rhetorica ad Herennium*, compilados como relatos de palestras proferidas em catedrais de ensino, em escolas monásticas ou da corte. No século XIII, a premente necessidade da igreja em comunicar as suas elaboradas doutrinas salvíficas produziu uma grande variedade de sermões e de manuais de pregação (a *Ars Predicandi* - arte de pregar, e a *Ars Precandi* - arte de rezar), que se juntaram a um conjunto menor de manuais inspirados na antiga *Ars Poetica* de Horácio, destinados a flexibilizar o ornamentado discurso latino da época. No entanto, o ensino formal das universidades centrou-se na estrutura teórica do sistema retórico clássico e na formação em *Ars Dictaminis* (arte da escrita epistolar), *Ars Poetriae* (arte da poética) e *Ars Predicandi* (arte de pregar).

SACRAMENTOLOGIA: ramo da teologia cristã que estuda os sacramentos, a sua natureza, significados, efeitos e prática no âmbito da tradição cristã. O termo sacramento deriva do grego *mysterion* que denominava algo sagrado, oculto ou secreto. Etimologicamente *sacramentum* significa algo que santifica (*res sacrans*), e foi a palavra escolhida em latim eclesiástico para traduzir *mysterion*. Tertuliano (c. 160 a 212 d.C.), define *sacramentum* como um rito litúrgico de santificação do homem e glorificação de Deus. Santo Ambrósio de Milão (340 a 397 d.C.) relaciona o sacramento com o conceito helénico de *mysterion*, uma experiência transcendente que a razão humana conhece mediante a Revelação, mas que nem por intermédio da contemplação mística consegue compreender totalmente. Para Santo Agostinho, os gestos simbólicos dos profetas ajudam a compreender os sacramentos - signos sagrados do sacrifício invisível -, pois através da ação e das palavras visíveis compreende-se o não corpóreo, isto é, o espiritual. Isidoro de Sevilha no seu *Etimologias* (século VII) refere que os sacramentos da Igreja emanam a força divina que salva os homens. No século XII, o despertar do estudo sistemático dos sacramentos inscreve-se nas Sumas de Teologia onde a questão sacramental assume uma abordagem dogmática sistematizada e específica. Hugo de São Vítor defende que os sacramentos, para além do seu carácter simbólico, são simultaneamente eficazes na sua capacidade santificadora e redentora. Na mesma linha São Boaventura no seu *Breviloquium* refere-se à “medicina dos sacramentos” que Deus ministra aos homens pecadores quando santificados na liturgia da Igreja, facultando-lhes a visão do paraíso escatológico através da simbologia dos sacramentos. No século XIII, Tomás de Aquino considerou-os instrumentos na mão de Deus, prolongando a vida dos homens, os mistérios de Cristo e o grande mistério de Deus. Definiu-os como símbolos sensíveis que permitem ao homem conhecer as coisas inteligíveis; sinais da salvação, instituídos por Cristo e entregues à Igreja. Aquino define três grandes finalidades dos sacramentos: edificar a Igreja; estruturar o culto da Igreja; e santificar os fiéis, livrando-os do pecado e conferindo-lhes graça sacramental.

SERMO ERUDITUS: designa o estilo expositivo formal, retórico e adornado, usado na pregação aos clérigos. As imagens narrativas utilizadas pelos pregadores assumiam um cariz mais abstrato e intrincado que se justificava desde logo pela natureza, também ela mais complexa e abstrata, das noções que se impunha aos clérigos reter.

SERMO HUMILIS: sermão de estilo coloquial, direto e acessível reservado à pastoral de audiências menos esclarecidas, como eram, por norma, as leigas, cuja expressão no início designava precisamente aqueles que não sabiam ler. As imagens narrativas às quais os pregadores recorriam nas suas arengas

tendiam a ser mais concretas e menos rebuscadas do que *Sermo Eruditus*. A preocupação crescente com a comunicação aos fiéis refletia-se na apologia do uso do estilo coloquial e da pregação da humildade.

SERMO MODERNUS: também chamado sermão erudito ou temático, é um género literário tradicional com regras fixas e uma herança estilística. Dentro deste quadro tradicional, um pregador podia integrar referências a imagens e histórias (*Exempla*) que tinham como objetivo despertar o deleite e o interesse do público (*dilatatio*). Este estilo de sermão assumiu lenta preponderância sobre a homilia tradicional. A sua estrutura era, normalmente, dividida em três partes. A primeira parte iniciava-se com o *thema*, a proclamação de um texto extraído da liturgia que servia de mote. Seguia-se a leitura do prothema ou antethema, isto é, de outro texto concordante, ou referente a *materia praedicabilis*, e indicava-se a divisão temática. Finalizava-se esta primeira parte com um convite à oração. Na segunda parte, materialmente mais extensa e formal, desenvolvia-se o tema em três momentos: a introdução ao *thema*; a *divisio* das partes; e a *dilatatio*, ou seja, a explanação da *materia praedicabilis*. Era nesta fase que o pregador utilizava a argumentação, fundamentada na Sagrada Escritura, na autoridade dos Santos Padres, nos Doutores da Igreja, nos autores profanos admitidos – Platão, Aristóteles, Cícero e Séneca, e poetas como Horácio, Virgílio ou Ovídio. Na terceira parte, a *clausio*, o pregador concluía exortando à conversão e à penitência. Enquanto os sermões “antigos” dos Padres da Igreja consistiam num comentário, versículo a versículo, da leitura do dia do Evangelho, os sermões “modernos” do século XIII eram construídos em torno de um *thema* ou de um único versículo bíblico. De facto, o *thema* de um sermão *modernus* era muitas vezes comparado pelos autores de manuais de pregação ao tronco de uma árvore (o sermão), do qual brotavam os vários ramos.

SIMILITUDINEM: do latim *similis* (que significa “semelhante”, “parecido”, “similar”). Os auxílios à pregação incluíam, entre outras compilações, as coleções de similitudes ou *similitudines*. Definida como uma semelhança ou comparação, uma parábola ou alegoria, a similitude tinha muito em comum com os *exemplum*, aos quais, no entanto, faltavam os detalhes específicos ou históricos. Entre os relatos da oratória de Santo Anselmo (†1109), preservados pelos seus discípulos, encontram-se alguns sermões que contêm muitas das *similitudines* por si utilizadas como ferramentas retóricas para fazer reter os textos na memória dos ouvintes. Uma coleção muito mais sistemática de similitudes foi reunida por Guilherme de Montibus no seu *Similitudinarium*. Famoso professor em Inglaterra durante o final do século XII e início do século XIII, Montibus (ca.1140-1213) ensinou em Paris e depois na escola da catedral de Lincoln. Neste tratado, destinado a estudantes, professores e pregadores que iriam explicar a doutrina teológica aos leigos, os *similes* eram organizados alfabeticamente para facilitar a sua procura. Montibus distinguia similitudes de exemplos: as *similitudines*, na sua maioria, eram extraídas do mundo da natureza, os *exempla*, da história humana. Um livro de similitudes foi também atribuído a Stephen Langton, Mestre em teologia nas escolas de Paris, arcebispo da Cantuária de 1207 a 1208, notável pregador e estudioso da Bíblia. As *Similitudines* de Langton foram absorvidas por algumas cópias do *Similitudinarium* de Guilherme de Montibus. As várias coleções e a sua aplicação nos sermões sublinham o quão útil a similitude podia ser para o pregador medieval. Ver [Alegoria](#), [Exemplum](#), [Pictura](#).

b) Glossário de signos e símbolos

ABIMELEC (Abimelech): filho de Gedeão e um dos Juízes da *Bíblia*, tornado rei de Siquém depois de eliminar todos os seus setenta irmãos, à exceção de Jotão. Após a sua vitória sobre o líder desejado dos siquemitas, Gaal, filho de Ebed, foi morto ao tentar tomar Tebas, atingido na cabeça por um pedaço de mó atirado do cimo das muralhas da cidade por uma mulher. Negativamente conotado, figura o prelado sequioso de poder. - SA 038 (Dom, XIII, P/Pe., 23, IV). Ver [Gedeão](#), [Guerreiro](#), [Pedra](#) e [Torre](#).

ABISSAI (Abysai): sobrinho do rei David e um dos seus comandantes. Venceu uma batalha contra Edom no vale do Sal e outra contra amonitas e sírios. Liderou a revolta de Absalão e salvou David do gigante

filisteu, Isbi-Benobe, que matou, conquistando um lugar ao lado dos “três valentes” do fundador da dinastia de Jerusalém. Por tudo isto, foi-lhe simbolicamente assimilado o instituidor da Ordem dos Pregadores, Domingos de Gusmão, que, com a sua pregação, protegeu os fiéis de Cristo dos albigenses. - SSP 268 (6 In Fe. Dom., VI). Ver [David](#), [Espada](#), [Guerreiro](#) e [Isbi-Benobe](#).

ABNER (*Abner*): primo de Saul e comandante das suas hostes. Aquando da morte deste último, primeiro procurou continuar a guerra contra David, com quem, mais tarde, negociou a união das tribos. O seu assassinato junto aos portões de Hebron, às mãos de Joab e Abissai, comprometeu os planos unificadores de David, de quem mereceu uma elegia. Compreensivelmente, simboliza a caridade de Deus. - SA 023 (Dom, 3, P/Pe., 14, VII). Ver [Guerreiro](#) e [Joab](#).

ABSALÃO (*Absalom*): terceiro filho de David, fruto da sua junção com Masaach. Assassinou o seu irmão Amnon (primogénito de David) pela desonra da sua irmã Tamar e conspirou contra o seu pai, a quem procurou, sem sucesso, usurpar o trono. Culminando este conflito em batalha, foi derrotado, e, enquanto escapava, a sua cabeça ficou presa num carvalho densamente ramificado. Morreu trespassado pela lança de Joab. Figura Adão, arquétipo do pecador no imaginário literário e teológico ocidental. - SA 004 (Dom, 1, Qua., 3, IV). Ver [David](#), [Guerreiro](#), [Joab](#) e [Lança](#).

ACAMPAMENTO (*Castrum*): instalação temporária estabelecida por forças militares durante operações no campo, treino, ou transições entre missões. É projetado para fornecer abrigo, segurança e suporte logístico às tropas. Designa a alma do fiel que, anunciando a palavra de Deus, o pregador deve proteger da tentação da carne, da adversidade do mundo e dos demónios. O acampamento dos Filisteus simboliza o coração do homem mau, habitáculo do Diabo. Já os acampamentos de Deus figuram hierarquias angelicais (epifania, hiperfania, hipofania); os conventos e as congregações da ordem Cisterciense, dos Pregadores e dos Menores; a alma do fiel; e os exércitos de santos. - SA 008 (Dom, 3, Qua., 8, XIII), 042 (Dom, XVII, P/Pe., 1, IV); SSP 345 (1 In Fe. Mich., I, X, XXII, XXV). Ver [Fileiras](#), [Golias](#), [Inimigo](#), [Tabernáculo](#) e [Tenda](#).

ALJAVA (*Pharetram*): acessório militar concebido para armazenar e transportar setas que, fixado nas costas, na cintura ou na lateral do arqueiro, atende às suas necessidades operacionais em contexto de guerra. Pela sua capacidade contentora, simboliza o coração, passível de albergar no seu interior dores e punções, bem como a consciência, que se abre a toda a tentação diabólica, e a memória, capaz de guardar adulações, maledicências, maldições e blasfémias. - SA 007 (2 Dom, 2, Qua., 11, V); SSP 107 (1 In Fe. S. Seb., IV, VIII). Ver [Arco](#) e [Seta](#).

AMALECITAS (*Amalecitrae*): Povo inimigo de Israel, reputado na *Bíblia* como a mais aguerrida das tribos beduínas. Considerado, na tradição bíblica, como descendente de Amalec. É negativa a sua valoração

moral, representando os demónios, que o pregador deve sair a combater, procurando livrar das suas mãos o ímpio. - SA 008 (Dom, 3, Qua., 20, XXXII). Ver [Cativos](#), [Inimigo](#) e [Siceleg](#).

AMASA (*Amasam*): comandante da hoste de Absalão. Morreu durante a revolta do terceiro filho de David contra o seu pai, pela espada de Joab, que o beijou, segurando-o pela barba enquanto lhe desferia o golpe fatal com a arma que trazia escondida no lado esquerdo das suas vestes militares. Por ele se entende a caridade para com o próximo. - SA 023 (Dom, 3, P/Pe., 14, IX). Ver [Guerreiro](#) e [Joab](#).

AMINADAB (*Aminadab*): responsável pela guarda da Arca do Testamento após a sua restituição pelos filisteus e antes de ser levada para Jerusalém por David. Refere-se-lhe, presumivelmente, o trecho 6,12-13 do *Cântico dos Cânticos*, em que se mencionam as Quadrigas de Aminadab. A conotação negativa de que se reveste, enquanto símbolo do corpo que se dirige espontaneamente para os bens temporais, contrasta com a valorização positiva que lhe é também cometida, como prefiguração de Cristo - SA 049 (Dom, XXIV, P/Pe., 7, II); SSP 366 (5 In Fe. Luc., I). Ver [Guerreiro](#) e [Quadriga](#).

ARCO (*Arcus*): arma portátil composta por uma vara flexível, retesada por uma corda amarrada nas extremidades, que serve para lançar setas. Enquanto símbolo, pauta-se pela sua polivalência e plurissignificação. Pela sensação de penetração e precisão mortífera que evoca, significa a confissão, a pregação, a misericórdia e a justiça de Deus, bem como a divina Escritura e a vitória. A sua destrutividade penetrante converte-o igualmente num símbolo de outros elementos destrutivos, como a sentença eterna, a enganadora sugestão do Diabo, o pregador soberbo e as línguas dos detratores e adúladores. - SA 007 (2 Dom, 2, Qua., 11, VIII), 008 (Dom, 3, Qua., 7, IV), 015 (Dom, 2, P/Pa., 8, VII; 9, VIII), 027 (Dom, 7, P/Pe., 8, XVII), 038 (Dom, XIII, P/Pe., 23, VI), 049 (Dom, XXIV, P/Pe., 7, IV), 056 (Dom, 1, P/Oct. Ep., 1, II); SSP 107 (1 In Fe. S. Seb., VII). Ver [Aliava](#), [Arma](#) e [Seta](#).

ARMA (*Arma*): instrumento concebido ou usado para infligir danos corporais ou materiais. São-lhe atribuídas várias significações, variáveis quanto à sua valorização moral. Ora figura os defensores do Diabo, os cinco sentidos do corpo, as necessidades da vida presente e os dentes dos avaros e usurários; ora a forma humana de Cristo, os autores e argumentos ao dispor dos pregadores e as virtudes morais – a alegria espiritual, a humildade, a contenção, a sagrada vigília, o amor à pobreza, o desprezo pelas honras, a fé nas glórias celestes, a assiduidade da oração, a devota obediência, a abstinência, a ciência da pregação, a graça de fazer milagres, o poder para subjugar demónios, a admirável paciência, a honestíssima conduta e a eficácia da pregação. - SA 008 (Dom, 3, Qua., 8, XVIII; 10, XXVII; 15, XXIX), 029 (Dom, 9, P/Pe., 13, I-II), 038 (Dom, XIII, P/Pe., 23, VI); SSP 036 (3 In Vig. Nat., I), 122 (1 In Fe. S. Vic., VI-XVII), 264 (2 In Fe. Dom., II), SSP 345 (1 In Fe. Mich., XXI), 264 (2 In Fe. Dom., III). Ver [Arco](#), [Armadilha](#), [Cajado](#), [Dardo](#), [David](#), [Espada](#), [Funda](#), [Golias](#), [Lança](#) e [Seta](#).

ARMADILHA (*Decipula*, *Laqueus*): dispositivo projetado para causar dano, capturar ou incapacitar adversários de forma indireta. Utilizada pelo Diabo para atrair e condenar o pecador, representa a sugestão perversa, a geena, a luxúria, a avareza, o perjúrio, a rapina, o furto, a fraude, a soberba, a adulação, o mau exemplo ou má vida, a decepção herética e a eterna condenação. - SA 022 (Dom, 2, P/Pe., 1, I), 342 (2 In Fe. Maur., II); SA 008 (Dom, 3, Qua., 8, XVIII). Ver [Arma](#).

ARQUEIRO (*Sagittarius*): combatente especializado no uso do arco, detentor de habilidades específicas de mira, força e coordenação no arremesso de flechas. Simboliza os demónios, que se servem das línguas dos detratores e dos adutores para ferir. - SSP 107 (1 In Fe. S. Seb., VII). Ver [Arco](#), [Guerreiro](#) e [Seta](#).

ASSUR (*Assur*): um dos descendentes de Sem que, de acordo com a tradição, construiu a cidade de Nínive, na Assíria; inimigo de Israel. Representa o Diabo. - SA 045 (Dom, XX, P/Pe, 9, VII). Ver [Inimigo](#).

AURIGA (*Auriga*): condutor de carros cuja principal função é a de controlar e direcionar os cavalos que puxam a quadriga. Simboliza a Graça do Espírito Santo, que guia e orienta o pregador no anúncio do Evangelho; a arrogância e a inveja, que dirigem a malícia; e ainda o torpor da indolência e a falsa confiança, que guiam a luxúria. - SSP 366 (5 In Fe. Luc., I-VIII). Ver [Cavalo](#) e [Quadriga](#).

BABILÓNIA (*Babylonem*): antiga “cidade-estado” situada na margem oeste do Eufrates, no sul da Mesopotâmia, nascida da desintegração do império Acádio, cerca de 1950 a.C. Maioritariamente habitada por povos cananeus de origem semita, evoluiu para dar origem a um poderoso império com capital em Babel, cujo domínio sobre grande parte do antigo Oriente, inclusive sobre a Palestina, ditou o célebre “exílio babilónico”, em 587 a.C. Cidade da técnica, da prostituta e do anticristo, contrapõem-se na *Bíblia* a Jerusalém, cidade da graça, da esposa e de Cristo. Figura a alma do pecador, de onde Deus varre os pecados. - SA 008 (Dom, 3, Qua., 20, XXX). Ver [Cidade](#) e [Jerusalém](#).

BAINHA (*Vagina*): revestimento para a lâmina de uma espada ou punhal, tipicamente feito em couro ou metal. Simboliza tanto o espírito dos perversos, que alberga a sugestão diabólica, como a humanidade, que acolhe a divindade (Cristo). - SA 023 (Dom, 3, P/Pe., 14, XI), 030 (Dom, 10, P/Pe., 6, IV), 54 (Dom, 1, P/Oct. Nat., 17, XIV). Ver [Espada](#).

BATALHA: ação militar de larga escala ocorrida num tempo e espaço determinados entre duas forças militares organizadas de grande dimensão. Negativamente conotada, figura o conflito interior do homem contra os vícios da tentação da carne e da prosperidade mundana. - SA 006 (Dom, 2, Qua., 8, I), 045 (Dom, XX, P/Pe., 6, III).

BENADAD (*Benadad*): rei da Assíria; protagonizou um cerco à cidade israelita de Samaria, onde, por intervenção divina, foi derrotado por Acab, na batalha de Apeque. A sua morte, profetizada por Eliseu, foi-

lhe entregue por Hazael, que assim lhe usurpou a coroa. Por ele se entende Lúcifer, que sitia a Igreja ou a alma fiel com os espíritos malignos. - SA 027 (Dom, 7, P/Pe., 3, II). Ver [Exército](#), [Guerreiro](#), [Hazael](#), [Inimigo](#) e [Samaria](#).

BETACARÉM (*Bethacarem*): cidade denominada “Casa estéril”. Inscrita no território compreendido entre Tércua e Jerusalém, nela foi erigido um farol que serviria para alertar contra os ataques dos inimigos de Israel. Simboliza, de acordo com a sua denominação, o lar dos desumanos e isentos de boas obras. - SA 011 (Dom, 5, Qua., 1, X). Ver [Cidade](#) e [Estandarte](#).

BOSRA (*Bosra*): cidade cujo nome significa “a fortificada”. Situada no sopé do monte Hauran, pertenceu ao reino Nabateu e mais tarde tornou-se metrópole da província romana da Arábia, sob o nome de Nova Trajana Bosra. Simbolicamente, equipara-se à congregação desavinda e dissoluta dos claustrais. - SA 050 (Dom, 1 de Ad., 18, VIII). Ver [Cidade](#).

CAJADO (*Baculum*): bordão de pastor; tomado como arma por David, aquando da sua saída contra o gigante Golias. Designa a cruz de Cristo, em que devia apoiar-se o pregador no seu ofício. - SA 021 (Dom, 1, P/Pe., 1, II), 076 (In. Asc. Dom., 9, VII). Ver [Arma](#), [David](#), [Funda](#), [Golias](#), [Pedra](#) e [Surrão](#).

CANANEU (*Chananaeus*): habitante de Canaã, antigo território situado entre o mar Mediterrâneo e o mar Morto, ocupado pelos Hebreus. Considerado, na tradição bíblica, como “descendente” de Canaã e de seu pai Cam, o filho proscrito de Noé. Simboliza o Diabo, a ser extirpado pelo penitente do seu espírito. - SA 044 (Dom, XIX, P/Pe., 12, IV). Ver [Inimigo](#) e [Israel](#).

CAPACETE (*Cassis, Galea*): proteção de cabeça hemisférica, com ou sem crista ou viseira, por vezes complementada com aba, e habitualmente feita de metal ou couro. O seu simbolismo foi bebido das *Epístolas Paulinas*, onde evoca as suas propriedades protetoras, figurando a salvação. Relaciona-se também com o próprio simbolismo da cabeça, simbolizando a humanidade, sob o qual está latente a cabeça da Divindade. - SA 008 (Dom, 3, Qua., 10, XXVI), 046 (Dom, XXI, P/Pe., 11, I; 16, XVII), 59 (In Nat. Dom., 2, I). Ver [Escarcelas](#), [Couraça](#) e [Escudo](#).

CAPITÃES (*Duces*): habitualmente os oficiais-sénior da companhia, responsáveis pelo cumprimento das ordens superiores e pela gestão direta das operações. Significam a razão vã, cujas exortações são as vontades carnis, bem como tentações subtis, que, sob a aparência de virtude, parecem exortar racionalmente. - SA 006 (Dom, 2, Qua., 8, I), 067 (In Fe. Pur. Mar., 11, I). Ver [Exército](#).

CASTELO (*Constructio*): complexo fortificado, geralmente com guarnição permanente, que estrategicamente se situava em lugares altos ou na clareira de uma floresta, servindo tanto como residência como para defesa de uma cidade ou região. Na alma, a protegê-la, eleva-se o castelo dos pensamentos, que

se esboroa quando aquela é arrastada para a vingança. - SA 030 (Dom, 10, P/Pe., 10, VI). Ver [Cidade](#), [Fortificação](#) e [Torre](#).

CATIVOS (*Captivi*): indivíduos capturados e aprisionados pelo inimigo em contexto de guerra. Simbolicamente, designam as virtudes, aprisionadas aquando do assalto dos espíritos malignos à alma. - SA 008 (Dom, 3, Qua., 20, XXXIV). Ver [Benadad](#), [Exército](#) e [Samaria](#).

CAVALEIRO (*Sessor, Ascensor*): combatente de elite a cavalo, provido de um conjunto de armas características. Símbolo de grande polivalência na tradição cristã, figura Deus, Cristo, o espírito e certas virtudes, como a humildade, a castidade, o amor da pobreza, a dupla caridade e o propósito da perseverança final. É também sinónimo do Diabo, do espírito do negócio e do espírito da ambição e da glória temporal. - SA 015 (Dom, 2, P/Pa., 8, VI; 9, VIII, IX; 10, XI; 11, XVI), 054 (Dom, 1, P/Oct. Nat., 19, XV), 057 (Dom, 2, P/Oct. Ep., 9, VIII-X); SSP 067 (1 In Fe. S. In., I), 324 (1 In Fe. Exa. Cruc., IV), 345 (1 In Fe. Mich., XVII). Ver [Arco](#), [Cavalo](#), [Escudeiro](#), [Espada](#), [Esporas](#), [Estribos](#), [Freio](#) e [Sela](#).

CAVALO (*Equus*): animal fundamentalmente adestrado para uso em combate e imagem central de uma aristocracia guerreira. É alargado o leque das suas conotações simbólicas, figurando o varão justo, a boa vontade, São Tomás, a cruz de Cristo, o príncipe católico, Cristo e São Dionísio, mas também o cobiçoso, Judas Iscariotes, o poder mundano e o fausto secular, a vida próspera e abundância de riquezas e a rapacidade e tenacidade. Sendo branca a sua pelagem, cor da pureza e do Bem na teologia cristã, representa a humanidade do bom pastor de Cristo, o corpo do bom prelado da Igreja, os perfeitos, o corpo de Cristo, os corpos imaculados e castos e os apóstolos e evangelistas, alvos pela sua castidade e inocência; se vermelha, tonalidade associada aos pecados, ao Inferno e ao sangue, por ele se entende o ladrão e salteador, os aproveitados e os patriarcas, que viveram em guerras de sangue; se negra, matiz ligado à aflição e à penitência, bem como aos pecados e ao Mal, significa o prelado que serve a Igreja apenas pela recompensa temporal, os recentemente convertidos e os profetas, que muitas tribulações sofreram; se amarela, cor da avareza, da inveja, da mentira e da traição, simboliza o tirano, os falsos irmãos e o hipócrita; e se multicolor, os pregadores, que preferem a variedade no hábito. - SA 006 (Dom, 2, Qua., 8, I), 013 (In Pa. Dom., 4, I), 015 (Dom, 2, P/Pa., 8, VI; 9, VIII, XI; 10, XI; 11, XV), 027 (Dom, 7, P/Pe., 8, XVII, XVI), 046 (Dom, XXI, P/Pe., 11, I), 054 (Dom, 1, P/Oct. Nat., 19, XV), 057 (Dom, 2, P/Oct. Ep., 9, XI), 067 (In Fe. Pur. Mar., 11, I); SSP 067 (1 In Fe. S. In., I), 075 (1 In Fe. S. Tom., I-VI), 324 (1 In Fe. Exa. Cruc., II), 345 (1 In Fe. Mich., XVII, XVIII), 358 (2 In Fe. Dion., II-IX), 366 (5 In Fe. Luc., I, V, VI), 367 (6 In Fe. Luc., III, IV). Ver [Cavaleiro](#), [Esporas](#), [Freio](#), [Jugo](#), [Quadriga](#), [Escudeiro](#), [Estribos](#) e [Sela](#).

CIDADE (*Urbs*): centro da vida económica, política, cultural e social no período medieval. Simbolicamente, surge como centro espiritual, designando a fé dos homens, a alma do fiel ou pecador e a Igreja triunfante, perpetuamente assediadas pelo Diabo e pelos vícios. Se fortificada, representa a Virgem, onde os fiéis buscam refúgio na hora da tentação, ou o bom prelado, promotor da unidade entre os fiéis, apto a defender-se das injustiças, capaz de sustentar os fracos e necessitados e ainda de se expor e

opor aos adversários da Igreja. - SA 027 (Dom, 7, P/Pe., 5, XI); SSP 081 (6 In Fe. S. Tom., I), 181 (11 In Fe. Anu. Mar., I), 345 (1 In Fe. Mich., II), 401 (6 In Fe. Clem., I, IV). Ver [Babilónia](#), [Betacarém](#), [Bosra](#), [Castelo](#), [Fortificação](#), [Gob](#), [Hai](#), [Jerusalém](#), [Samaria](#), [Siceleg](#), [Técua](#) e [Torre](#).

COURAÇA (Lorica): armadura que protege o tórax, o abdómen e as costas do guerreiro, feita de pequenos anéis de metal entrelaçados ou de “escamas” de metal unidas por tiras. Simboliza os maus, inseparavelmente ligados ao Diabo e de tal modo fundidos entre si que se tornam impenetráveis à graça divina e à pregação; a justiça, de que se revestiu Cristo quando expulsou o Diabo do mundo; e a paciência, entretecida pelos vínculos da inflexível caridade, que o pregador enverga quando sai a ferir o Diabo sediado no coração do pecador. - SA 008 (Dom, 3, Qua., 8, XX; 10, XXVI), 042 (Dom, XVII, P/Pe., 1, I), 046 (Dom, XXI, P/Pe., 11, I; 16, VIII). Ver [Capacete](#), [Escarcelas](#), [Escudo](#) e [Golias](#).

DARDO (Iaculum, Telum): arma de arremesso, semelhante a uma lança curta e delgada, que é lançada com a mão. Simboliza a advertência, a indignação e a satisfação que o penitente deve possuir para que se mortifique, indigne e satisfaça pelos seus pecados. De igual modo, designa os insultos do Diabo, que se inflamam de vício para vício. - SA 007 (2 Dom, 2, Qua., 11, X), 046 (Dom, XXI, P/Pe., 16, XIV). Ver [Arma](#).

DAVID (David): segundo filho de Jessé que, tendo começado por ser pastor, sucedeu a Saul como rei de Israel. Vencedor do gigante Golias e dos Filisteus. Foi fundador da dinastia de Jerusalém, cidade que se converteu na capital do seu reino. Autor de numerosos salmos. Surgem-lhe simbolicamente associados Cristo, que expulsou do mundo o Diabo; o pregador, que se apoia na cruz de Cristo e amputa a cabeça do Diabo; o penitente, que derrota os sentidos do corpo e, mortificando-se, o Diabo; o mendigo Lázaro, que roubou ao rico o poder da riqueza e o prazer da gula; e os fiéis de Cristo em perigo nas partes dos albigenses, salvos por São Domingos. A sua casa simboliza a Igreja. - SA 017 (Dom, 4/Pa., 4, II), 021 (Dom, 1, P/Pe., 1, III; 16, VI), 044 (Dom, XIX, P/Pe., 13, VII), 045 (Dom, XX, P/Pe., 9, V), 072 (In Res. Dom., 4, I), 076 (In Asc. Dom., 9, VII); SSP (219 (5 In Fe. Dom., V), 219 (5 In Fe. Ioa. Bap., XII), 268 (6 In Fe. Dom., VI). Ver [Abissai](#), [Cajado](#), [Funda](#), [Golias](#), [Guerreiro](#), [Pedra](#), [Saul](#) e [Surrão](#).

ESCARCELAS (Ocreae): peça de armadura que se pendurava com tiras no peitoral e protegia o ventre e a parte superior da coxa. Simboliza as escusas da luxúria, com que o luxurioso se defende da culpa deste pecado. - SA 008 (Dom, 3, Qua., 8, XXI). Ver [Capacete](#), [Couraça](#), [Escudo](#) e [Golias](#).

ESCUDEIRO (Armiger): pajem; responsável pelo porte e cuidado das armas e do cavalo do seu senhor, que acompanhava nas campanhas militares. Significa a hipocrisia, pela qual perece o prelado ambicioso, e a soberba, que serve o Diabo, instilando no hipócrita a austeridade da abstinência (para que pareça aos homens pessoa de jejum), a fingida humildade e o silêncio. - SA 038 (Dom, XIII, P/Pe., 23, VI), 054 (Dom, 1, P/Oct. Nat., 19, XV). Ver [Abimelec](#), [Cavaleiro](#), [Cavalo](#), [Sela](#) e [Freio](#).

ESCUDO (*Clypeus, Scutum*): peça defensiva portátil e manobrável capaz de absorver o impacto das armas inimigas, fossem estas empunhadas manualmente ou lançadas pelo ar. Pelas suas propriedades defletoras, representa os que repelem de si a pregação. Encontram-se-lhe também associados elementos salvíficos como a cruz, com que Cristo vence o Diabo; a fé, com que o justo se protege da abundância dos bens temporais e das ciladas do Diabo e sob a qual está segura a justiça; a boa vontade, que protege contra a detração; e a verdade, que defende da adulação. - SA 008 (Dom, 3, Qua., 8, XXII; 10, XXVIII), 023 (Dom, 3, P/Pe., 9, I), 046 (Dom, XXI, P/Pe., 11, I; 16, XII); SSP 107 (1 In Fe. S. Seb., XI, XII). Ver [Capacete](#), [Couraça](#), [Escarcelas](#), [Golias](#) e [Setas](#).

ESPADA (*Gladium*): arma branca de lâmina comprida, com dois gumes, utilizada para cortar e perfurar. O punho e as guardas podiam apresentar diferentes tipologias. Era geralmente transportada numa bainha à cintura. Símbolo ambivalente e plurissignificante, designa o amor e temor divino, de que se devem munir os penitentes; a pregação, que corta as obras carnavais e as concupiscências e fere com precisão e destreza os apóstatas e as iniquidades dos pecadores; a confissão, aguçada de ambas as partes para cortar os vícios espirituais e carnavais, empunhada pelos penitentes, para rapar os pecados da sua própria consciência; a dor, que o varão justo deve dobrar ou triplicar para matar os falsos profetas e fazer calar o seu apetite; a penitência, com que o varão justo deve matar os afetos carnavais; a divindade, brandida por Deus aos homens no dia do Juízo, e que trespassa o Diabo; a pena que o pregador não teme; a mortificação da carne, que reprime a luxúria; a palavra de Deus, que protege as almas dos fiéis e os prelados e pregadores contra a tentação da carne, a adversidade do mundo e o Demónio, penetra no coração dos ouvintes, separa os religiosos dos pais e amigos mundanos, consome e devora os carnavais, combate os hereges e amputa os membros do Diabo; o Evangelho, dado pelo Espírito Santo para ferir o inimigo do espírito; a acusação própria, que deve ser forjada pelo penitente; o poder do Senhor, que punirá os pecados e a opulência dos carnavais no dia do Juízo; a Paixão de Cristo, que atravessa a alma fiel; as autoridades, as sentenças e as palavras que cingem os bons prelados e os pregadores; a consciência e a justiça de Cristo que matam o pecador. São também várias as conotações negativas que lhe estão associadas, figurando a glória temporal, com a qual e pela qual os infelizes se ferem e matam; a má persuasão diabólica; a sugestão do diabo, que mata a caridade do próximo e outras virtudes; a morte da carne; a soberba, que mata a alma com dupla morte; o castigo, com que Deus fere o Homem; a culpa com que o Homem enfrenta o Criador; o tumultuoso pensamento do coração, que Deus lança fora da consciência; a dor, que trespassou a alma de Maria Santíssima durante a Paixão de Cristo; a malícia e o Demónio, que matam o pecador. - SA 007 (2 Dom, 2, Qua., 11, XIII), 015 (Dom, 2, P/Pa., 5, II; 7, III; 9, XI; 11, XVII), 023 (Dom, 3, P/Pe., 14, XI), 027 (Dom, 7, P/Pe., 8, XVII), 028 (Dom, 8, P/Pe., 3, II; 5, V, VIII; 8, VI), 030 (Dom, 10, P/Pe., 6, I, IV), 032 (Dom, 12, P/Pe., 3, I-II), 038 (Dom, XIII, P/Pe., 19, I; 23, VI; 25, VII), 039 (Dom, XIV, P/Pe., 6, I), 042 (Dom, XVII, P/Pe., 1, VI; 5, VII), 046 (Dom, XXI, P/Pe., 16, XX), 048 (Dom, XXIII, P/Pe., 1, III), 049 (Dom, XXIV, P/Pe., 7, IV), 050 (Dom, 1 de Ad., 18, I), 054 (Dom, 1, P/Oct. Nat., 12, V; 17, XIV; 18; 19, XVI), SSP 004 (4 In Fe. S. And., I), 129 (8 In Fe. S. Vic., I-III, IV, V, VI-IX), 219 (5 In Fe. Ioa. Bap., I, II). Ver [Arma](#) e [Bainha](#).

ESPORAS (*Calcaria*): acessórios metálicos dotados de rosetas espinhosas, que se adaptam à parte posterior do calçado do cavaleiro. Quando pressionadas contra o flanco da montada, estimulam o seu andamento ou aceleração. Simbolizam o amor e temor divinos, com os quais o espírito espicaça o corpo do bom pastor, para que alcance a vida eterna. Figuram também o duplo temor, de que se mune todo aquele que quer ser soldado de Deus, para resistir às ciladas do Diabo. - SA 015 (Dom, 2, P/Pa., 9, VIII), 046 (Dom, XXI, P/Pe., 11, I). Ver [Cavaleiro](#), [Cavalo](#), [Esporas](#), [Freio](#), [Jugo](#) e [Sela](#).

ESTANDARTE (*Signum, Vexillum*): insígnia de uma unidade militar, ostentando a heráldica do respetivo comandante. É simultaneamente um sinal de comando e de toque de reunir. Simbolicamente, associa-se-lhe a cruz, que os pregadores elevam sobre os destituídos de humanidade e de boas obras, ao pregarem a Paixão de Cristo, e sobre o Diabo, quando o proclamam vencido pela força da cruz. - SA 011 (Dom, 5, Qua., 1, X), 054 (Dom, 1, P/Oct. Nat., 12, II). Ver [Insígnia](#).

ESTRIBOS (*Strepas*): acessórios, geralmente metálicos, presos por tiras de couro ajustáveis às abas da sela, onde os cavaleiros colocam os pés para montar e desmontar, equilibrar-se e controlar o cavalo. Designam a constância, virtude indispensável ao soldado de Deus. - SA 046 (Dom, XXI, P/Pe., 11, I). Ver [Cavaleiro](#), [Cavalo](#), [Esporas](#), [Freio](#), [Jugo](#) e [Sela](#).

EXÉRCITO (*Exercitus*): força militar organizada. Habitualmente constituída por tropas pesadas e ligeiras, adapta-se facilmente a várias situações e tipologias de combate. Por ele, tanto se entendem o espírito e a pregação, que os verdadeiros pregadores dirigem ao combate contra os demónios, os anjos, mediante os quais Deus exercerá o Juízo, e os pensamentos e afetos, reunidos pelo penitente na sua consciência para reedificar a alma; como os espíritos malignos, com que o Diabo cerca a Igreja ou a alma fiel, e os vícios, que o Maligno reúne para dar batalha ao varão justo. Sendo celestes, figuram as fileiras dos santos inocentes e as congregações dos pregadores, religiosos, prelados e beatos da Igreja, que seguem Cristo. A gritaria ou alarido do exército são as tentações dos demónios e o apetite carnal. - SA 06 (Dom, 2, Qua., 8, I), 022 (Dom, 2, P/Pe., 1, I), 27 (Dom, 7, P/Pe., 3, IV), 044 (Dom, XIX, P/Pe., 5, I), 045 (Dom, XX, P/Pe., 6, II), 057 (Dom, 2, P/Oct. Ep., 9, X), 067 (In Fe. Pur. Mar., 11, I); SSP 67 (1 In Fe. S. In., I), 345 (1 In Fe. Mich., XVIII). Ver [Fileira](#).

FARAÓ (*Pharaonis*): título bíblico do rei do antigo Egito, considerado, na cultura egípcia, como um deus sobre a terra. Inimigo do povo hebreu. Simboliza o Diabo. - SSP 367 (6 In Fe. Luc., III). Ver [Inimigo](#).

FILEIRA (*Acies*): formação ordenada de soldados numa linha, durante desfiles, marchas ou em combate. Figura as nove ordens angelicais (Serafins, Querubins, Tronos, Dominações, Principados, Potestades, Virtudes, Arcanjos e Anjos) e as nove tipologias de irmãos que lhe correspondem (contemplativos,

doutores, confessores, abades e priores, subprios, mestres de noviços, santos, superiores gerais das ordens, visitadores). - SSP 345 (1 In Fe. Mich., X, XI). Ver [Acampamento](#) e [Exército](#).

FILISTEU (*Philisthaeum*): pertencente ao povo de origem ariana, possivelmente oriundo da ilha de Creta (na Grécia), que se fixou por volta de 1.200 a.C. na costa sul da Palestina. Principal inimigo dos hebreus, que oprimiram na época dos juízes e de Saul, foi subjugado por David. São consistentemente negativas as suas conotações, simbolizando os demónios, os pecadores, o rico deste mundo, os sentidos do corpo, as potestades aéreas e o Diabo. - SA 007 (2 Dom, 2, Qua., 1, II), 008 (Dom, 3, Qua., 8, XII), 21 (Dom, 1, P/Pe., 1, V), 022 (Dom, 2, P/Pe., 1, I), 25 (Dom, 5, P/Pe., 20, III), 038 (Dom, XIII, P/Pe., 25, VII), 044 (Dom, XIX, P/Pe., 13, VII), 045 (Dom, XX, P/Pe., 9, V), 059 (In Nat. Dom., 2, I), 76 (In. Asc. Dom., 9, III). Ver [David](#), [Golias](#), [Isbi-Benob](#) e [Inimigo](#).

FORTIFICAÇÃO (*Munitione*): estrutura militar erigida para defesa de uma posição face a ataques inimigos. Quer fosse permanente (forte, castelo) ou de cariz temporário (valo, trincheira), fazia-se frequentemente valer dos obstáculos naturais do terreno (altitude, cursos de água). A sua construção podia também atender a propósitos ofensivos, como o de conter e isolar forças inimigas numa determinada área. Simboliza os falsos cristãos e os carnavais, com que o Diabo cerca a Igreja, bem como as tentações, os maus pensamentos e os deleites carnavais, com que sitia a alma dos fiéis. - SA 027 (Dom, 7, P/Pe., 4, X; 5, X); SSP 401 (6 In Fe. Clem., II). Ver [Castelo](#), [Torre](#) e [Valo](#).

FREIO (*Frenum*): peça metálica que atravessa a boca da cavalgadura e que, prendendo-se às rédeas, permite controlar a sua direção, velocidade e movimentos. Figura a abstinência, com que o bom prelado deve refrear o seu corpo; a temperança, a ser possuída por todo aquele que quer ser soldado de Deus para resistir às ciladas do Diabo; o silêncio, com que a soberba refreia o hipócrita; e a disciplina, que serve de guia aos penitentes. - SA 015 (Dom, 2, P/Pa., 9, VIII), 46 (Dom, XXI, P/Pe., 11, I), 054 (Dom, 1, P/Oct. Nat., 19, XV), 057 (Dom, 2, P/Oct. Ep., 9, XI). Ver [Cavalo](#), [Cavaleiro](#) e [Escudeiro](#).

FUNDA (*Funda*): arma primitiva constituída por duas tiras de couro ou duas cordas que seguram um recetáculo de couro ou tecido onde é depositada uma pedra que é lançada graças à velocidade gerada pela paragem abrupta de um movimento circular intenso e repetido. Sendo as suas correias iguais, designa a balança do exato juízo, ou a igualdade da doutrina e da vida, com a qual, praticando os preceitos pregados, o pregador vence o rico mundano. - SA 021 (Dom, 1, P/Pe., 1, III, IV). Ver [Arma](#), [David](#), [Golias](#) e [Pedra](#).

GEDEÃO (*Gideon*): herói bíblico e juiz de Israel. Com um exército de apenas 300 homens atacou, durante a noite, um acampamento com 135.000 medianitas, instalado no vale de Jezreel. Empunhando tochas acesas, entoando trombetas e partindo ânforas, instilou terror nos inimigos, confundindo-os, levando-os a combaterem entre si e, mais tarde, intercetando-os e decapitando o seu líder, Oreb, no penhasco que lhe tomou o nome. Na sequência desta vitória abdicou da dignidade régia em favor de Deus. Simboliza o

penitente, que na lanterna da contrição, na trombeta da confissão e no partir da ânfora da mortificação da própria carne vence o Diabo. - SA 045 (Dom, XX, P/Pe, 9, VII), 069 (In Cap Ieiunii., 7, II). Ver [Guerreiro](#), [Trombeta](#) e [Penhasco de Oreb](#).

GOB (Gob): antiga cidade, presumivelmente situada na Filisteia (Palestina), referenciada na *Bíblia* (2 Sm 21,18-19) como cenário de várias batalhas opondo os homens de David aos filisteus, entre os quais Golias e outros gigantes. Figura o mundo, onde Cristo derrotou o Diabo; a carne, onde o penitente se bate contra os cinco sentidos; e as chagas do Redentor, de onde emanou a redenção da Humanidade. - SA 017 (Dom, 4, P/Pa., 4, II), SA 045 (Dom, XX, P/Pe, 9, V), 059 (In Nat. Dom., 12, III). Ver [Cidade](#), [David](#) e [Filisteu](#).

GOLIAS (Goliath): gigante de Get e campeão dos filisteus. Atemorizou os maiores guerreiros do exército de Saul com a sua altura (9 côvados) e pesada armadura de bronze (capacete, couraça e escarcelas). Morreu durante a terceira batalha entre filisteus e hebreus em Gob, enfrentando David em combate singular, ao ser atingido por uma pedra lançada pela funda do jovem pastor. Surge, invariavelmente, associado ao Diabo. - SA 008 (Dom, 3, Qua., 8, X), 017 (Dom, 4, P/Pa., 4, III), 045 (Dom, XX, P/Pe, 9, VI); SSP 219 (5 In Fe. Ioa. Bap., XII), 226 (3 In Fe. Pet. et Pau., I). Ver [Capacete](#), [Couraça](#), [David](#), [Escarcelas](#), [Gob](#), [Guerreiro](#) e [Inimigo](#).

GUERRA (Bellum): estado de conflito armado entre duas ou mais entidades, que se caracteriza pela prática de atos de violência intencionais, envolvendo mortes e destruição. Imagem da calamidade espiritual, simboliza a tentação e o lascivo deleite dos sentidos. - SA 039 (Dom, XIV, P/Pe., 9, III), 049 (Dom, XXIV, P/Pe., 7, IV); SSP 181 (11 In Fe. Anu. Mar., I-V), 264 (2 In Fe. Dom., II).

GUERREIRO (Debellator, Bellator, Miles): aquele que faz das armas profissão, atua em conflitos armados e se distingue pela sua coragem e experiência em combate. Representa o espírito da soberba, guardião do coração do homem; a humildade, que expulsa do coração humano a soberba; os cinco sentidos do corpo, que marcham com costumes castos e castigados; Cristo e a graça do Espírito Santo, que põem termo, respetivamente, ao domínio diabólico do mundo e ao pecado; os bons prelados e pregadores, que guardam a Igreja e derrotam os hereges com autores e argumentos; e espíritos angelicais, que combatem contra as potestades aéreas. SA 008 (Dom, 3, Qua., 15, XXIX), 048 (Dom, XXIII, P/Pe., 1, III), 054 (Dom, 1, P/Oct. Nat., 17, X; 19, XV); SSP 036 (3 In Vig. Nat., I), 107 (1 In Fe. S. Seb., VII), 219 (5 In Fe. Ioa. Bap., III), 345 (1 In Fe. Mich., V).

HABITANTES DA MÉDIA (Medos): povo indo-europeu oriundo da Ásia Central, que se estabeleceu, no final do século VII a. C., no planalto montanhoso iraniano e aí fundou o reino da Média. Considerado, na tradição bíblica, como descendente de Madaí, e seu pai Jafé (filho de Noé). Significa os demónios, que se pretendem igualar a Deus. - SSP 107 (1 In Fe. S. Seb., V). Ver [Inimigo](#).

HAI (*Hai*): antiga cidade cananea. Foi capturada e destruída pelos hebreus sob comando de Josué, que contra ela teria elevado o seu escudo. Simboliza a abundância de bens temporais, tomada para ser distribuída aos pobres e incendiada quando considerada pó e cinza. Contra ela deve ser erguida a fé acompanhada de obras. - SA 023 (Dom, 3, P/Pe., 9, IV). Ver [Cidade](#) e [Escudo](#).

HAZAEI (*Hazael*): cortesão do rei de Damasco, Benadad II, a quem assassinou e usurpou o trono. Como profetizado por Eliseu, saqueou e destruiu a cidade e o templo de Jerusalém. Simboliza o Diabo, que incendeia com a cobiça as almas dos fiéis, mata com a sugestão as virtudes, esmaga as boas obras e rasga pelo meio o propósito da boa vontade. - SA 028 (Dom, 8, P/Pe., 3, II). Ver [Benadad](#), [Cidade](#), [Espada](#), [Inimigo](#).

INIMIGO (*Inimicus, Hostis*): que é antagónico ou ativamente hostil a algo ou alguém. Aquele que procura ferir, derrubar ou confundir um adversário. Figura o Diabo, a carne, o mundo, a vontade própria, os hereges e as suas maldades, os pecadores, a tentação futura, os pagãos, a riqueza, o Anticristo, a perseguição à Igreja primitiva, os demónios e os vícios. - SA 042 (Dom, XVII, P/Pe., 1, VI); SSP 122 (1 In Fe. S. Vic., VI-XVII), 226 (2 In Fe. Pet. et Pau., I), 264 (2 In Fe. Dom., II, III), 268 (6 In Fe. Dom., II), 358 (2 In Fe. Dion., II-IX), 382 (8 In Fe. Omn. Sanct., I). Ver [Amalecitas](#), [Assur](#), [Benadad](#), [Cananeu](#), [Faraó](#), [Filisteu](#), [Golias](#), [Habitantes da Média](#), [Hazeal](#), [Isbi-Benobe](#) e [Timóteo](#).

INSÍGNIA (*Insignia*): sinal distintivo de afiliação, posição, patente ou autoridade, especialmente em contextos militares, organizacionais ou heráldicos. Simboliza a humildade, virtude distintiva do corpo destituído dos sentidos viciosos e do orgulho. - SA 008 (Dom, 3, Qua., 15, XXIX). Ver [Estandarte](#).

ISBI-BENOBE (*Iesbidenob*): gigante filisteu de Get que combateu os hebreus. A sua arma era uma lança cuja ponta de bronze pesava 300 siclos. Foi morto em Gob por Abissai, que assim salvou a vida ao rei David. Representa o Diabo, que desejou igualar Cristo - SSP 268 (6 In Fe. Dom., IV). Ver [Abissai](#), [David](#), [Espada](#) e [Guerreiro](#) e [Inimigo](#).

ISRAEL (*Israel*): (1) território situado no Médio Oriente, onde se estabeleceram, por volta do século XI a.C., os “descendentes” de Jacob, rebatizado Israel depois do seu combate com Deus. Simboliza a alma, libertada por Deus dos demónios. (2) designativo usado na *Bíblia* para referir o povo de Deus. Figura o pregador e o verdadeiro penitente. - SA 007 (2 Dom, 2, Qua., 1, II), 022 (Dom, 2, P/Pe., 1, I), 025 (Dom, 5, P/Pe., 20, III), 038 (Dom, XIII, P/Pe., 25, VII). Ver [Exército](#) e [Filisteu](#).

JERUSALÉM (*Hierosolime, Hierosolyma, Hierusalem, Ierusalem, Ierolosimis*): capital do antigo reino de Israel e da Terra Santa. Na teologia bíblica, a cidade eleita por Deus, em oposição à Babilónia, e o centro cultural de todas as tribos. Simboliza a Igreja militante. - SA 011 (Dom, 5, Qua., 1, VIII). Ver [Babilónia](#) e [Cidade](#).

JEÚ (Iehu): filho de Josafat e neto de Nimechi. Comandante no exército de Jorão de Israel, assassinou o seu mestre, bem como Acazias de Judá, tomando para si o trono de Israel. Atendendo ao chamamento do profeta Eliseu, exterminou a dinastia de Omeri e passou a fio de espada todos os sacerdotes e adoradores de Baal, figura principal do panteão dos deuses cananeus. Simboliza o homem justo que reúne e mata, pela penitência, os afetos carnavais. - SA 028 (Dom, 8, P/Pe., 5, VII). Ver [Espada](#) e [Guerreiro](#).

JOAB (Ioaab): sobrinho de David e general dos seus exércitos, em cuja liderança se notabilizou em especial na conquista de Jerusalém. Planeou o assassinato de Abner, por lealdade a David e vingança pessoal. Matou Amasa, à traição, e Absalão, contra a vontade do rei. Defendeu as pretensões de Adonias ao trono de Israel contra as do sucessor nomeado por David, Salomão, às ordens de quem foi executado. Figura o Diabo, que matou Adão com os vícios da gula, da vanglória e da avareza, e liquidou no Homem os preceitos da caridade para com Deus e para com o próximo. SA 004 (Dom, 1, Qua., 3, I), 023 (Dom, 3, P/Pe., 14, X). Ver [Abissai](#), [Abner](#), [Absalão](#), [Amasa](#) e [David](#).

JOÁS (Ioas): filho de Joacaz e neto de Jeú, foi rei de Israel. Combateu contra Amassias, rei de Judá e Hazael, rei da Síria, cuja terra feriu três vezes com a flecha, a pedido do profeta Eliseu. Por ele se entende o penitente, que fere o seu corpo com a penitência. - SA 027 (Dom, 7, P/Pe., 7, XV). Ver [Seta](#).

JUDAS MACABEU (Iudas Machabaeus): terceiro filho de Matatias, liderou as hostes hebraicas na revolta iniciada pelo seu pai contra o domínio selêucida e a helenização forçada da Judeia. Obteve inúmeras vitórias sobre os inimigos de Israel, nomeadamente sobre o general selêucida Timóteo. Após a reconquista de Jerusalém, purificou o Templo das práticas pagãs, reuniu e organizou os judeus numa “nação” e implementou reformas religiosas, preservando a religião judaica. Foi morto em combate na batalha de Elasa. Figura o pregador, que deve glorificar a Deus, proteger o próximo e ferir o Diabo; o penitente, que deve purificar e reedificar a alma; e o varão justo, que o Diabo assedia com vícios. - SA 042 (Dom, XVII, P/Pe., 1, III; 5, VII), 044 (Dom, XIX, P/Pe., 5, I), 057 (Dom, 2, P/Oct. Ep., 9, X). Ver [Exército](#), [Guerreiro](#), [Sião](#) e [Timóteo](#).

JUDEUS (Iudaei): gentílico com valor étnico-religioso e cultural. Povo descendente dos hebreus, na tradição bíblica eleitos por Deus para receber e guardar a lei divina, testemunhar a existência e unicidade do Criador, cumprir os Seus mandamentos e preparar o caminho para a vinda do Messias. Significam os penitentes, guiados pela abstinência e disciplina. - SA 057 (Dom, 2, P/Oct. Ep., 9, XI). Ver [Freio](#).

JUGO (Iugum): espessa peça de madeira, adaptada ao cachaço de um ou dois animais de tração, que serve para os apor ao carro ou ao arado. Simboliza o desejo de Cristo ou o preceito suave, a unir e reger os pregadores. - SSP 366 (5 In Fe. Luc., I-VIII). Ver [Auriga](#), [Cavalo](#) e [Quadriga](#).

LANÇA (Lancea): arma ofensiva de haste longa, geralmente de madeira, encimada por uma curta e afiada ponta de ferro ou pedra. Concebida tanto para arremesso quanto para ataques de estocada. São implacáveis, mortíferos e inexoráveis os golpes da gula, da vanglória e da avareza, com os quais o Diabo trespassou Adão; indesmentível o poder da riqueza, roubado pelo mendigo Lázaro ao rico vestido de púrpura; e inigualável a força da caridade, no armamento de todo aquele que quer ser soldado de Deus. - SA 004 (Dom, 1, Qua., 3, II), 021 (Dom, 1, P/Pe., 16, VI), 042 (Dom, XVII, P/Pe., 5, VII). Ver [Absalão](#), [Arma](#), [David](#), [Joab](#) e [Saúl](#).

LEVI (Levi): terceiro filho de Jacob e Lia, foi líder dos levitas, tribo que lhe tomou o nome e acabou assimilada pela tribo de Judá. Protagonizou, em conjunto com os seus irmãos, Simeão, Rúben e Judá o assassinio de Siquém e seu pai Hemor, bem como o extermínio de todos os heveus, vingando assim o rapto e desonra da sua irmã, Dina. Representa a confissão que em conjunto com o coração contrito, liberta a alma do Diabo e do mau hábito. - SA 007 (2 Dom, 2, Qua., 11, XIII). Ver [Espada](#), [Guerreiro](#) e [Simeão](#).

MERCENÁRIO (Mercenarius): combatente profissional, cuja prestação de serviços militares decorre do pagamento de um estipêndio, e não de um ideal ou lealdade a um senhor. Significa o prelado que serve a Igreja só pela recompensa temporal. - SA 015 (Dom, 2, P/Pa., 10, XI). Ver [Guerreiro](#).

MOAB (Moab): reino da antiga Palestina. Foi habitado pelos descendentes de Moab, nascido, segundo a *Bíblia*, da relação incestuosa entre Lot e a sua filha mais velha. Situado a leste do Mar Morto e de Israel, manteve por vezes relações de conflitualidade com este reino, cujos reis – Saul, David, Omri, Acab e Jorão – tiveram dificuldades em conter as suas incursões. Negativamente conotado, simboliza o movimento carnal, subjugado pelo penitente. - SA 044 (Dom, XIX, P/Pe., 13, VIII). Ver [David](#) e [Inimigo](#).

PEDRA (Lapis): matéria mineral dura e compacta de que é feita a rocha, especialmente usada, em contexto militar, para fins ofensivos, servindo como projétil manual ou de funda e trabuco. Figura a solicitude, cuja pancada faz perecer o prelado ambicioso. Encontram-se-lhe igualmente associados sentidos mais positivos, representando a Paixão de Cristo, pela qual é vencido o Diabo; a Ciência do Velho Testamento, arremessada pelo pregador; e as duras reprimendas dos sentidos, com que devem ser feridos durissimamente os carnaís. - SA 008 (Dom, 3, Qua., 10, XXVII), 021 (Dom, 1, P/Pe., 1, I, IV), 038 (Dom, XIII, P/Pe., 23, V). Ver [Abimelec](#), [Arma](#), [David](#), [Funda](#) e [Golias](#).

PENHASCO DE OREB (Petra Oreb): localização bíblica desconhecida, presumivelmente situada a oeste do rio Jordão, onde os efraimitas, às ordens de Gedeão, decapitaram o príncipe medianita, Oreb. Designa a dor e o desprezo da carne, nos quais o penitente vence o Diabo. - SA 045 (Dom, XX, P/Pe, 9, IX). Ver [Gedeão](#).

QUADRIGA (*Quadrigae*): carro aberto de duas ou quatro rodas, usualmente (mas não forçosamente) puxado por quatro cavalos. Durante a Antiguidade foi sobretudo utilizado como veículo régio e de altos dignitários, em ocasiões solenes, na caça, em corridas e em batalhas. Pertencendo ao Diabo, simboliza os sentidos do corpo, através dos quais este se dirige espontaneamente para os bens temporais; a malícia, sustentada pela cólera, a impaciência, a ousadia e a imprudência, e puxada pelo poder mundano e pelo fausto secular; a luxúria, assente sobre os prazeres da mesa, os desejos sexuais, a moleza dos vestidos e o relaxamento do ócio e do sono, puxada pela vida próspera e pela abundância das riquezas e guiada pelo torpor da indolência e pela falsa confiança em si mesmo; a avareza, que anda sobre a mesquinhez, a desumanidade, o desprezo de Deus e o esquecimento da morte, sendo puxada pela rapacidade e pela tenacidade. Integrando os arsenais divinos, figura, por sua vez, a Lei Natural, que corre sobre o não fazer e o não dizer aos outros o que o próprio não desejaria para si, e o dizer e fazer aos outros o que o próprio desejaria para si, puxada pelos patriarcas; a Lei Mosaica, que anda sobre a doutrina moral, o ensino dos ritos, as determinações legais e o conjunto dos vários ensinamentos, puxadas pelos profetas; as Leis evangélicas, que se deslocam sobre as doutrinas histórica, alegórica, tropológica e anagógica e puxadas pelos apóstolos e evangelistas; e toda a Sagrada Escritura, que corre sobre a Lei Natural, a Lei Mosaica, as Leis Evangélicas e a doutrina dos Santos Padres, puxada pelos novos pregadores. - SA 049 (Dom, XXIV, P/Pe., 7, II); SSP 366 (5 In Fe. Luc., I, IV, V), 367 (6 In Fe. Luc., IV). Ver [Aminadab](#), [Auriga](#) e [Cavalo](#).

SAMARIA (*Samaria*): antiga capital do reino de Israel, estabelecida no século IX a.C. pelo rei Omri, no topo de uma colina situada a noroeste de Siquém. Foi, cerca de 850 a. C., assolada por uma grande fome, na sequência do cerco que lhe pôs Benadade II, levantado, de acordo com a narrativa bíblica, por intervenção divina. Simboliza a Igreja e a alma fiel, assoladas pela carência de bens temporais, quando sitiadas pelo Diabo. - SA 027 (Dom, 7, P/Pe., 3, V). Ver [Benadad](#) e [Cidade](#).

SAUL (*Saul*): filho de Quis, da tribo de Benjamim, foi o primeiro rei de Israel, ungido por desígnio divino pelo profeta Samuel. Liderou os hebreus contra os seus muitos inimigos, especialmente os filisteus. O seu orgulho, desobediência para com os preceitos divinos e ciúmes face ao heroísmo de David ditaram o trágico fim do seu reinado. Morreu combatendo contra os filisteus no monte Gilboa, sucedendo-lhe David. Figura o rico vestido de púrpura. A sua casa é a Sinagoga - SA 021 (Dom, 1, P/Pe., 16, VI), 72 (In Res. Dom., 4, II). Ver [David](#), [Filisteu](#) e [Guerreiro](#).

SELA (*Sella*): assento acolchoado, normalmente revestido de couro, cingido no dorso de um animal de montaria para proporcionar conforto e equilíbrio ao cavaleiro, distribuindo uniformemente o seu peso. Representa a humildade ou o seu fingimento - SA 046 (Dom, XXI, P/Pe., 11, I), 054 (Dom, 1, P/Oct. Nat., 19, XV). Ver [Cavalo](#), [Cavaleiro](#), [Esporas](#), [Estribos](#) e [Freio](#).

SETA (*Sagitta, Iaculum, Penna*): flecha, projétil de arco e besta constituído por uma haste fina e reta de madeira, com uma ponta afiada na extremidade dianteira e penas servindo de estabilizadores na traseira. É utilizada em contexto bélico e cinegético. São múltiplos e moralmente divergentes os seus significados

simbólicos, designando, ora as punções e dores albergadas no coração contrito, a pregação, a inteligência que fere os corações, a vida santa e a doutrina, a penitência, o amor e os Evangelistas, ora os dentes dos avarentos e usurários, a vida perversa e blasfema, a glória vã, as adulações, as maledicências, as maldições, as blasfémias e a tentação diabólica. - SA 007 (2 Dom, 2, Qua., 11, V), 008 (Dom, 3, Qua., 8, XXII), 015 (Dom, 2, P/Pa., 9, VIII), 027 (Dom, 7, P/Pe., 7, XV), 029 (Dom, 9, P/Pe., 13, I-II), 032 (Dom, 12, P/Pe., 7, III), 056 (Dom, 1, P/Oct. Ep., 1, II); SSP 107 (1 In Fe. S. Seb., IV, VIII, XIV), 368 (7 In Fe. S. Luc., I). Ver [Aljava](#), [Arco](#) e [Arqueiros](#).

SIÃO (Sion): a mais oriental das duas colinas da antiga Jerusalém, onde se erguia a cidade forte jebusita conquistada por David e tornada a capital do seu reino. A sua zona mais elevada acolheu, posteriormente, o templo mandado erigir por Salomão para albergar a Arca da Aliança. Representa a Santa Igreja, guarnecida por Cristo, fora da qual não há salvação, assim como o entendimento, ao qual deve subir o fiel para se penitenciar. - SA 032 (Dom, 12, P/Pe., 10, V), 044 (Dom, XIX, P/Pe., 5, II). Ver [Cidade](#) e [David](#).

SICELEG (Siceleg): antiga cidade bíblica situada no território de Judá, a sudoeste de Hebron, a leste de Gerara e a oeste do Mar Morto no extremo Sul, na direção da fronteira do antigo reino de Edom. Cedida pelo rei filisteu, Aquis de Get, a David, a quem serviu de base militar e de refúgio durante a sua fuga de Saul, foi saqueada e incendiada pelos amalecitas. Figura a alma, tomada pelos espíritos malignos e incendiada pelo fogo da iniquidade. - SA 008 (Dom, 3, Qua., 20, XXXIV). Ver [Amalecitas](#), [Cidade](#) e [Inimigo](#).

SIMEÃO (Simeon): segundo filho de Jacob e Lia. A sua tribo sofreu inúmeros revezes militares, vindo a ser assimilada pela tribo de Judá. Protagonizou, em conjunto com os seus irmãos Rúben, Levi e Judá, o massacre de Siquém, pelo qual vingou o rapto e desonra da sua irmã, Dina. Significa o coração contrito que, em conjunto com a confissão, libertam a alma cativa do Diabo e do mau hábito. - SA 07 (2 Dom, 2, Qua., 11, XII). Ver [Espada](#), [Guerreiro](#) e [Levi](#).

SURRÃO (Pera): bolsa de couro usada pelos pastores para transportar o farnel. Nele, David levava as cinco pedras com que abateu Golias, no seu confronto com o gigante filisteu. Figura a graça do Novo Testamento, que o pregador deve transportar consigo. - SA 021 (Dom, 1, P/Pe., 1, III). Ver [Cajado](#), [David](#), [Funda](#), [Golias](#) e [Pedra](#).

TABERNÁCULO (Tabernaculum): tenda sagrada portátil onde até à construção do templo de Salomão os hebreus faziam os seus sacrifícios. Montada no centro do acampamento militar, assinalava nele a presença de Deus como rei guerreiro. Designa o justo, que quando colocado na linha de batalha, enquanto combate é combatido; a penitência, onde militam os justos; Maria Santíssima, onde Cristo se armou para combater os demónios; e o corpo da Virgem, onde o Filho de Deus foi peregrino e hóspede. - SA 007 (2

Dom, 2, Qua., 13, III), 022 (Dom, 2, P/Pe., 1, I), 036 (In Fe. Pu. Ma., 4, I-II), 045 (Dom, XX, P/Pe, 6, II). Ver [Acampamento](#) e [Tenda](#).

TÉCUA (*Thecua*): cidade denominada “Trombeta”, situada a sul de Jerusalém, na fronteira do deserto da Judeia, perto de Belém. Terra natal do profeta Amós. Simboliza os hipócritas, entre os quais o pregador deve fazer soar a sua pregação. - SA 011 (Dom, 5, Qua., 1, IX). Ver [Cidade](#) e [Trombeta](#).

TENDA (*Tabernaculum, Tentoria*): estrutura portátil de tecido resistente, sustentada por postes, cordas ou armações, utilizada como abrigo temporário por militares em campanha. Simboliza o corpo, armado na satisfação da penitência e nas obras da caridade. - SA 079 (In Ap. Pet. et Pau., 19, XIII). Ver [Tabernáculo](#).

TIMÓTEO (*Timotheum*): comandante de um dos exércitos selêucidas da região de Guilead, foi um feroz inimigo dos hebreus, liderados por Judas Macabeu. Designa o Diabo, temeroso que o pregador atravessasse o rio da pregação, da margem das palavras à margem das obras; e líder dos vícios, que reúne e conduz para dar batalha ao varão justo - SA 042 (Dom, XVII, P/Pe., 5, VII), 057 (Dom, 2, P/Oct. Ep., 9, X). Ver [Judas Macabeu](#), [Exército](#) e [Inimigo](#).

TORRE (*Turris*): fortaleza, atalaia; construção vertical, geralmente estreita, alta e fortificada, que, integrando um castelo, se erguia acima das suas muralhas, servindo como núcleo defensivo contra forças invasoras. Figura a altura da dignidade, de que se aproxima o prelado ambicioso para a expungar. - SA 038 (Dom, XIII, P/Pe., 23, V). Ver [Abimelec](#), [Castelo](#) e [Fortificação](#).

TROFÉU (*Bravium*): conjunto dos despojos do inimigo que ficam em poder do vencedor. Simboliza a vida eterna, conquistada pelo espírito do bom pastor e prelado casto - SA 015 (Dom, 2, P/Pa., 9, VIII). Ver [Cavalo](#), [Esporas](#), [Freio](#) e [Guerreiro](#).

TROMBETA (*Tuba, Bucina*): instrumento de sopro, geralmente com corpo metálico, comprido e afunilado, mais frequentemente usado em contextos militares, para convocar para a guerra, assinalar o início ou fim de uma operação, alertar para um ataque iminente ou proclamar uma vitória. Designa a pregação, a entoar pelo pregador entre os estêreis de boas obras e a convocar para a guerra contra os vícios; a confissão, que o penitente, fazendo soar, vence o Diabo; bem como São Pedro e São Paulo, cuja sonoridade da pregação convida os povos para a guerra contra os vícios - SA 011 (Dom, 5, Qua., 1, VIII), 045 (Dom, XX, P/Pe, 9, VIII), 048 (Dom, XXIII, P/Pe., 1, II), 079 (In Ap. Pet. et Pau., 9, II). Ver [Gedeão](#), [Guerra](#) e [Técua](#).

VALE DE TEREINTO (*Valle Terebinthi*): vale do carvalho ou de Elá; local situado perto de Jerusalém, entre as colinas mais ocidentais de Judá e a planície costeira, onde os hebreus, liderados por Saul, defrontaram os filisteus e David matou Golias. Simboliza a humildade da cruz, para onde os verdadeiros

pregadores devem dirigir o espírito ao combate contra os demónios - SA 022 (Dom, 2, P/Pe., 1, I). Ver [Exército](#), [David](#), [Filisteu](#), [Golias](#), [Guerreiro](#) e [Inimigo](#).

VALO (*Vallum*, *Fovea*): **(1)** parapeito com estacas aguçadas que defende um campo entrincheirado. Designa os hereges, com que o Diabo cerca a Igreja, e os primeiros movimentos, com que o apetite carnal bloqueia a alma. **(2)** fosso, valado ou barranco. Figura as diversas tribulações que o Diabo cava em torno da alma humilde. - SA 027 (Dom, 7, P/Pe., 4, X; 5, XI); SSP 401 (6 In Fe. Clem., II). Ver [Cidade](#), [Fortificação](#) e [Inimigo](#).

ZABULÃO (*Zabulon*): sexto filho de Jacob e de Lia, neto de Isaac, foi o patriarca e epónimo da sua tribo, uma das doze de Israel, que se distinguia pelo espírito guerreiro e pela devoção. Simboliza São Pedro, destemido perante o gládio de Nero e fortalecido pela força de Deus na batalha contra o Inimigo. - SA 079 (In Ap. Pet. et Pau., 9, II); SSP 233 (9 In Fe. Pet. et Pau., I). Ver [Inimigo](#).

1. Índice geral

RESUMO/ABSTRACT	5
GRATIAM ACTIO	13
I. EXORDIUM	19
1) Tema	21
2) Práticas metodológicas	24
3) Visões historiográficas	27
a) A guerra medieval na historiografia	27
b) Novos caminhos historiográficos	33
c) Estudos antonianos e pelagianos	38
d) Historiografia e Psicomaquia	44
4) Estrutura	47
II. DILATATIO	52
1) Clausula I: Pregadores e parenética	54
a) Paisagens medievais	54
b) Horizontes monásticos	60
i) O ideal de vida apostólica	60
ii) O movimento mendicante	65
c) Paradigmas parenéticos	78
i) Pregadores	88
(1) <i>Munus prædicandi</i>	88
(2) Dois pregadores portugueses: Santo António e Frei Paio	91
(a) Testemunhos	91
(b) Primeiros anos	94
(c) Itinerários	96
(d) Anos finais	99
(e) Morte e memória	100
ii) Sermonários	102
(1) O estilo: <i>Sermo Modernus</i>	103
(2) A forma: os <i>Sermones</i> e a <i>Summa Sermonum</i>	110
(a) Materialidade	110
(b) Contextos	114
(c) Objetivos	116
(d) Estrutura e fontes	118
(e) Motivos	122
2) Clausula II: Imagética bélica	124

a)	A Psicomaquia na tradição literária cristã	124
i)	Origens bíblicas.....	125
ii)	Cristianismo primitivo.....	131
iii)	Primeiro monaquismo.....	139
iv)	Tempos alto-medievais	145
v)	Era das Cruzadas	152
vi)	Mendicância.....	166
b)	As <i>Picturae Bellorum</i> nos sermonários de Santo António e Frei Paio.....	172
i)	Florestas de Símbolos.....	173
(1)	Combatentes Espirituais	175
(2)	Equipamentos Metafóricos.....	188
(3)	Operações Militares Alegóricas	201
(4)	Arenas de Combate Interior	211
ii)	Vozes de Deus.....	218
(1)	Emissores: Santo António e Frei Paio	224
(2)	Destinatários: pregadores e menoritas.....	235
(3)	Canais: Sermones e Summa Sermonum.....	241
(4)	Sinais e mensagens (de significantes a significados): <i>Picturae Bellorum</i>	249
(a)	Mensagens éticas	250
(b)	Mensagens penitenciais	264
(c)	Mensagens cristológicas e apostólicas	268
(d)	Mensagens predicatórias	274
(e)	Mensagens apologéticas, hagiológicas e mariológicas	276
(f)	Mensagens escatológicas.....	281
(g)	Mensagens angelológicas e demonológicas	282
(h)	Mensagens antropológicas e eclesiológicas	285
III.	CLAUSIO	290
	CORPUS FONTIS	307
1)	Fontes	309
a)	Fontes primárias	309
b)	Fontes secundárias.....	309
2)	Estudos	318
	TABULAE	360
1.	Tabelas	362
a)	Tabela A – <i>Sermones antonianos</i> (SA), transcrições e traduções das <i>Picturae Bellorum</i> 365	
b)	Tabela B – <i>Summa Sermonum pelagiana</i> (SSP), transcrições e traduções das <i>Picturae Bellorum</i>	421

c) Tabela C – <i>Picturae Bellorum</i> (SA e SSP): identificação e classificação.....	485
d) Tabela D – Signos e símbolos da guerra (SA e SSP): identificação, sentidos e significados	516
2. Glossários	530
a) Breve glossário de parenética.....	530
b) Glossário de signos e símbolos	541
INDICES	560
1. Índice geral	562
2. Índice analítico	565
3. Índice de ilustrações	574

2. Índice analítico

A

Ab Insulis, 232
Ab urbe condita, 29
 Abadia de Bonnevaux, 158
 Abadia de Monte Cassino, 145
 Abadia de Montier-la-Celle, 157
 Abadia de Nossa Senhora de Bec, 162
 Abadia de São Pedro de Montes, 83
 Abadia de São Vítor de Paris, 95, 154
Abbreviatio in gestis et miraculis sanctorum, 108
Abelardo, 165
Abimelec, 178, 184, 255, 297
Abissai, 179, 296
Abner, 177, 179, 284, 296, 382
Absalão, 177, 178, 179, 184, 251, 297
Abu Ya'qub Yusuf. Consulte **al-Mansur**
 Acampamento, 203, 206, 260, 284, 285, 297
Acta Maximiliani Thebestensis, 138
Acta S. Sebastiani Martyris, 233, 300
Acta sancti Marcelli centurionis, 138
Ad martyres, 136
Adalberão de Laon, 57
Adão de Eynsham (abade), 161
Adhortatio ad claustrales, 157
Afonso II (rei), 72, 74, 98
Afonso III (rei), 70, 71, 100
Agátias Escolástico, 30
Agostinho de Hipona, 83, 95, 120, 131, 136, 173, 232, 299
Aimo de Auxerre, 83
Aimo de Halberstadt, 83
Alano de Lille, 104, 219, 220, 232
 Alcácer do Sal, 71
Alcuíno de York, 150, 151
 Alemanha, 108, 110
 Alenquer, 72
Alexandre de Ashby, 104
Alexandre IV (papa), 115
 Aljava, 190, 194, 195, 264, 297
al-Mansur, 71
al-Tabari, 30
Álvaro Pais, 87
Amadeu de Hauterive, 158
Amalecitas, 180, 184, 296, 297
 Amarelo, 202, 252, 253, 267, 268
Amasa, 177, 179, 284
Ambrósio Autperto, 149, 295
Ambrósio de Milão, 83, 120, 134, 135, 232, 233, 295
Amiano Marcelino, 29
Aminadab, 177, 184, 254, 273, 296
Anábase, 28
Anais (al-Tabari), 30
Anekdotia, 30

Angelologia, 249, 282, 283, 285, 301
Annales, 29
Anselmo de Cantuária, 155, 295
Anselmo de Laon, 108, 119, 231
Antão do Egito, 96, 98, 139, 140, 141
 Antioquia, 152, 278
António de Coimbra, 264
António de Lisboa, 7, 9, 22, 23, 24, 25, 37, 38, 39, 41, 42, 44, 47, 48, 49, 54, 56, 60, 62, 70, 75, 80, 87, 88, 91, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 110, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 145, 172, 173, 176, 181, 188, 189, 195, 200, 203, 205, 206, 207, 211, 214, 217, 221, 222, 224, 225, 226, 227, 228, 230, 231, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 242, 243, 244, 246, 248, 249, 251, 252, 253, 254, 255, 257, 258, 259, 261, 264, 266, 267, 268, 269, 270, 274, 276, 277, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 286, 291, 292, 293, 296, 297, 299, 300
António de Santarém, 87
 Antropologia, 249, 284, 301
 Apologética, 137, 249, 276, 301, 530
 Apostolado, 98, 120, 249, 268, 301
 Apúlia, 169
 Arcela, 100
 Arco, 191, 195, 252, 255, 264, 265, 270, 274
Aristóteles, 54, 121
 Arma, 190, 195, 251, 261, 262, 264, 270, 277, 279, 280
 Armadilha, 191, 195, 256, 297
 Armadura, 284
Arnaldo de Sarrano, 87
Arqueiros, 183, 191, 296
Ars concionandi, 104
Ars dilatandi sermones, 104
Ars faciendi sermones, 104, 221
Ars prædicandi, 293
Ars prædicandi (Guilherme d' Auvergne), 104
Ars prædicandi (tratado), 90, 103, 104, 105, 117, 218, 220
Assídua. Consulte *Vita Prima*
 Assis, 65
Assur, 178, 184, 296, 297
Atanásio de Alexandria, 140, 141, 227, 295
Aurélio Clemente Prudêncio, 7, 9, 23, 134, 135, 217, 295
 Auriga, 257, 296
 Áustria, 110
 Auxerre, 152
Averróis, 122
Avicena, 122

B

Babel, 212

Babilónia, 212, 267, 297, 298
 Baina, 194, 269, 297
Bartolomeu de Silves, 83, 85
 Basílica de Santo António de Pádua, 92
 Bassano, 168
Beato de Liébana, 35
Beda, 83, 121
 Beguinato, 63, 171
 Beira Interior, 70
Bellum Iugurthinum, 29
Bellum poenicum, 28
Benadad, 184, 297
Benignitas, 92
Bento de Núrria, 144, 145, 147, 148, 150, 168, 285, 286, 295
Beowulf, 31
Bernardo de Claraval, 78, 82, 95, 120, 153, 158, 164, 165, 168, 227, 257, 295
 Betacarém, 212, 297, 298
Bíblia, 27, 42, 43, 67, 68, 75, 78, 79, 88, 90, 103, 105, 106, 107, 108, 119, 120, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 141, 143, 161, 163, 164, 166, 169, 174, 176, 178, 179, 180, 182, 189, 192, 193, 194, 212, 213, 221, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 240, 252, 253, 260, 261, 264, 267, 269, 270, 273, 274, 280, 283, 284, 295, 296, 297, 299, 355, 361, 397, 440, 457, 527
Bíblia dos Setenta. Consulte Bíblia
Boaventura de Bagnoregio, 295
Boécio, 54, 121
 Bolonha, 61, 76, 95, 96, 97, 115, 121, 278, 324
Boosco Deleitoso, 42
 Borgonha, 62
Boso de Bec (abade), 162
 Bosra, 212, 297, 298
 Braga, 21, 36, 39, 73, 81
 Branco, 202, 252, 268, 273, 277
Breviarium iuxta ritum Ordinis Prædicatorum, 233
Breviarium secundum consuetudinem romane curiæ, 106
Bruno de Colónia, 62

C

Cajado, 192, 270, 275, 297
 Caleruega, 65
Calisto II (papa), 232
 Cambridge, 76
 Campo San Piero, 114, 115
Cananeus, 180, 184, 296, 297
Canção dos Nibelungos, 31
 Canonização, 92
Cantar de mio Cid, 31
 Capacete, 192, 253, 259, 260, 269, 279, 297
Capitães, 183, 257, 296
Carlos Magno (imperador), 31, 32
Carmen ad Rotbertum regem, 57
Cassiano, 150

Cassiodoro, 83, 122
 Castelo, 204, 297
Catão, 122
 Catarismo, 63, 64, 65, 68, 130, 171, 176, 179, 226, 279
 Catedral de Espoleto, 102
 Catedral de Pádua, 101
Caterniones de sermonibus, 84
Cathemerinon, 135
Cavaleiro, 181, 182, 184, 252, 262, 264, 272
 Cavalo, 201, 202, 206, 207, 252, 253, 257, 259, 261, 262, 263, 267, 268, 270, 272, 273, 274, 277, 297
 Cerco, 281
César Augusto (imperador), 29
Cesário de Arles, 121, 140

Ch

Chanson de Guillaume, 31
Chanson de Roland, 31
Chronicon Paschale, 30

C

Cícero, 54, 121, 236
 Cidade, 203, 206, 207, 261, 263, 272, 277, 295, 297
 Cinturão, 193, 253, 260, 297
Cipriano de Cartágo, 132, 133, 137, 295
Ciro, o Jovem, 28
 Cítia, 279
Claudio, 122
Cláudio Eliano, 122
Clemente de Roma (papa), 132, 295
Clemente IV (papa), 87
Cneu Névio, 28
Codex Calistinus. Consulte Liber Sancti Iacobi
 Coimbra, 71, 72, 77, 86, 95, 96, 100, 114, 115, 116, 117, 226, 272, 292
Collationes Patrum, 142, 227
Collectanea in epistolas Pauli, 232
Comentarii de Bello Gallico, 29
Commentaria in Psalmos, 232
Commentarium in Apocalypsin, 35
Comodiano, 133, 295
 Comunicação, 7, 23, 24, 25, 34, 35, 36, 37, 47, 49, 173, 218, 222, 224, 225, 241, 249
Constantino (imperador), 29, 139, 271
 Convento de San Romano, 167
 Convento de São Domingos de Coimbra, 97, 100, 116, 117, 236
 Convento de São Domingos do Porto, 100
 Corinto, 132
Cornélio Tácito, 29
Cosroes II (imperador), 263
 Couraça, 193, 253, 259, 269, 284, 297
 Craon, 159
Cristiano Drutmário, 83
 Cristologia, 86, 249, 268, 301

Cromácio de Aquileia, 83

Crónica (Pseudo Josué), 30
Crónica (Pseudo Zacarias), 30
Crónica (Sebeos), 30
Crónica (Teófanos), 30
Crónica dos 24 Gerais da Ordem dos Frades Menores, 87
 Cruzadas, 32, 58, 59, 60, 64, 68, 69, 87, 88, 125, 152, 154, 166, 167, 171, 295
Cum dicat Dominus (bula), 102

D

Daciano (imperador), 262, 278

Dardo, 191, 255, 265, 297
David, 28, 46, 124, 130, 170, 176, 177, 178, 179, 184, 192, 194, 212, 213, 234, 235, 237, 240, 296, 319
De afflictione et lectione, 155
De artificioso modo praedicandi, 104
De Baptismo contra Donatistas, 232
De Caeleste Hierarchiaem, 283
De Differentiis Verborum, 232
De eruditione religiosorum praedicatorum, 104
De Expugnatione Lyxbonensi, 81
De humanis moribus per similitudines, 156
De laudibus sanctae crucis, 151
De mortalitate, 132
De Officiis, 134
De rerum naturis, 121
De trinitate, 232
De viduitate, 83
Decretales Gregorii IX, 121, *Consulte Liber Extra*
Decretos laicales, 74
Decretum Gratiani, 95, 121
 Demonologia, 249, 282, 301
Dialogorum, 120
Diálogos, 144
Diocleciano (imperador), 136, 255
Diógenes, 122
Diogo de Acebes (bispo), 65
Dioscórides, 122
Distinctiones dictionum theologicalium, 232
Divina Comédia, 283
Divitum Prudentium, 85
Domingos de Gusmão, 65, 66, 68, 74, 75, 76, 97, 101, 167, 168, 170, 171, 176, 179, 245, 262, 279, 285, 292, 293
Domingos Peres de Lisboa, 110
Donato, 54, 122
 Douro, 272
 Dragão, 278

E

Eclesiologia, 40, 249, 284, 285, 301
 Édito de Milão, 139
 Édito de Tolerância, 139

Egito, 280
Elias, 99
Elogio da Nova Milícia, 153
 Emília-Romanha, 99
 Emoções, 23, 24, 34, 36, 37, 47, 218
Enarrationes in Psalmos, 232
Enginhardo, 32
Entheticus Major, 166
Epicteto, 126
Epicuro, 122
Epistolae (Agostinho de Hipona), 232
Epístolas, 162
Epístolas (Bernardo de Claraval), 227
Epístolas (Ivo de Chartres), 227
 Eremitério de Campo San Piero, 99
 Escarcelas, 193, 284, 297
 Escatologia, 249, 280, 281, 301, 534
 Escolas, 48, 54, 55, 58, 74, 76, 77, 95, 118, 119, 136, 236, 297
Escribão Largo, 122
Escudeiro, 182, 255, 268, 296
 Escudo, 192, 195, 253, 255, 258, 259, 260, 271, 279, 284, 297
Esmaragdo de Saint-Mihiel (abade), 83, 149, 150, 227
Esmaragdo de Saint-Mihiele (abade), 295
 Espada, 189, 195, 251, 252, 253, 254, 260, 263, 265, 266, 267, 269, 270, 271, 275, 277, 279, 280, 281, 282, 297
 Espoleto, 102
 Esporas, 194, 259, 297
 Estandarte, 205, 275, 297
Estêvão de Langton, 79
Estêvão de Muret, 62
 Estribos, 194, 259, 297
 Ética, 126, 131, 134, 154, 166, 249, 250, 251, 252, 254, 255, 257, 259, 262, 263, 264, 301, 534
Etymologiae, 120, 232
Euquerio de Lião, 138, 295
Euquerio de Lugduno, 121
Eusébio de Cesareia, 29
Eusébio de Vercelli, 140
Eusébio Galicano, 83
 Eustóquia, 142
Everaldo de Barres, 154
 Évora, 28, 72, 77, 87
Evrágio Escolástico, 30
Evrágio Pôntico, 140, 295
 Exegese, 43, 105, 107, 174, 175, 204, 212, 214, 225, 231, 240
 Exército, 204, 206, 257, 258, 263, 265, 275, 277, 283, 297
Expositio in regulam Sancti Benedicti, 149
Ezzelino III da Romano (conde), 99, 168

F

Faraó, 178, 184, 257, 296, 297

Fernando I (imperador), 272
Fernando Martins. Consulte **António de Lisboa**
Fileiras, 204, 297
Filipe II (rei), 86
Filisteus, 176, 177, 179, 180, 184, 212, 284, 296, 297
Flandres, 56
Flávio Josefo, 122
Flecha, 190, 256
Flores seu legendæ Sanctorum, 108
Fons sapientiae (bula), 240
Fonte Avellana, 124
Formula vitae, 67
Fortaleza, 206
Fortificação, 124, 163, 204, 206, 253, 263, 281
Fortificações, 297
França, 63, 68, 98, 110, 115, 140, 226, 237, 239, 293
Francisco de Assis, 65, 66, 67, 68, 74, 75, 98, 99, 123, 167, 169, 170, 171, 220, 221, 285, 286, 292, 293
Frederico I (imperador), 64
Frederico II (imperador), 99
Freio, 193, 260, 297
Fulberto de Chartres, 84
Fulco, 164
Fulgêncio de Ruspe, 84, 121
Funda, 192, 275, 297

G

Galando de Regni, 162, 163, 227
Galeno, 54
Gedeão, 177, 178, 213, 296
Geraldo de Aurillac, 151
Gerardo de Frachet, 92, 93, 171
Géraud du Pescher, 221
Germânia, 68
Gesta de Afonso Henriques, 31
Gesta septem abbatum Beccensium, 162
Gesto, 220
Get, 176
Gil de Santarém, 93, 96
Gilberto de Senlis, 158
Gilo de Paris, 152, 295
Giovanni di Pietro Bernadone. Consulte **Francisco de Assis**
Glosa Interlinear, 108, 119, 130, 231
Glosa Ordinária, 41, 107, 108, 119, 130, 231, 299
Gob, 212, 297, 298
Godofredo de S. Vítor, 154, 295
Godofredo de Villehardouin, 32
Golias, 176, 184, 192, 194, 213, 234, 240, 284, 296, 297, 546
Gormond et Isambert, 31
Graciano, 121
Grado, 168
Grécia, 256
Gregório de Nissa, 232

Gregório IX (papa), 98, 102, 121, 167, 168, 169, 240, 295
Gregório Magno (papa), 83, 85, 95, 120, 144, 145, 148, 150, 295, 299
Gregório VII (papa), 60, 61, 232, 252
Gualter, 72
Guerreiro, 182, 184, 188, 266, 269, 275, 280, 296
Guiberto de Nogent, 104
Guiberto de Tournai, 104
Guido da Cartuxa, 153, 295
Guilherme d'Auvergne (bispo), 104
Guilherme de Tiro, 32
Guilherme III de Paris, 79
Guilherme Pérault, 171, 295, Consulte **Guilherme III de Paris**
Guillermo de Fuente Calcaria, 272
Guimarães, 72, 73, 77

H

Hagiologia, 249, 276, 301
Hagiólogo Lusitano, 93
Hai, 212, 297, 298
Hazael, 178, 184, 297
Heimskringla, 31
Henrique II (rei), 165
Heráclio (imperador), 263
Herberto de Losinga, 162
Heródoto de Halicarnasso, 27, 28
Higino, 54
Hildeberto de Lavardin, 83
Hildeberto de Tours. Consulte **Hildeberto de Lavardin**
Hipócrates, 54
História (Menandro Protetor), 30
História (Teofilato Simocata), 30
Historia certaminis apostolici, 278
História da Guerra do Peloponeso, 28
História das Guerras, 30
História de S. Domingos, 93, 96
Historia ecclesiastica, 278
Historia Eclesiástica (Eusébio de Cesareia), 29
História Eclesiástica (Evrágio Escolástico), 30
Historia Francorum qui ceperunt Iherusalem, 32
História Nova, 30
Historia rerum in partibus transmarinis gestarum, 32
Historia scholastica, 121
Historia Vie Hierosolimitane, 152
Historiam de Hierosolymitano itinere, 152
Histórias (Agátias Escolástico), 30
Histórias (Heródoto de Halicarnasso), 28
Histórias (Tucídides), 28
Homiliae XL in Ezechielem, 232
Homilias, 85
Honório de Auto, 164
Honório III (papa), 66, 67, 69, 167, 295
Horácio, 54, 121, 135
Hugo, 84

Hugo de Lincoln (bispo), 161
Hugo de Payns, 153
Hugo de S. Vitor, 78, 82, 121
Humberto de Romans (mestre geral), 92, 104
Hungria, 68
Hymnus Omni Hora, 135

I

Ígor Sviatoslavich, 31
Igreja de S. João de Latrão, 99
In Salomonis Ecclesiasten Homiliae XIX, 82
Inimigo, 181, 184, 258, 297
Inocêncio III (papa), 60, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 85, 89, 106, 111, 121, 171
Inocêncio IV (papa), 100
Inquisição, 64, 76
Insígnias, 205, 297
Instructiones adversus gentium deos pro christiana disciplina, 133
Inter alia desiderabilia (bula), 100
Inventio Sanctae Crucis, 233, 299
Isbi-Benobe, 178, 179, 296, 297
Isidoro de Sevilha, 120, 147, 232, 299
Israel, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 212, 213, 296, 297
Iste pauper clamavit, 85
Itália, 26, 56, 64, 68, 98, 110, 115, 140, 145, 226, 237, 239, 293
Ivo de Chartres (bispo), 78, 83, 159, 227

J

Jacques de Longuyon, 176
Jerónimo, 299
Jerónimo de Estridão, 106, 120, 131, 140, 141, 142, 232, 295, 475
Jerusalém, 59, 127, 129, 139, 164, 176, 177, 178, 179, 212, 213, 258, 297, 394, 395, 397, 399, 462, 470, 511
Jeú, 179
Joab, 177, 179, 184, 251, 284, 296, 297
João Alexandrino, 83
João Cassiano, 140, 142, 227, 295
João Crisóstomo, 83, 120
João Damasceno, 121
João de Fécamp (abade), 159
João de Fruttuaria, 155, 160, 295
João de Gales, 104
João de Mailly, 108
João de Rupella, 79, 83, 104, 110, 118
João de Salisbúria, 46, 165, 166
João Fróis, 86
João Froissart, 32
João Gil de Zamora, 87
João Halgrin de Abbeville, 79
João Parente, 99
João Peckham, 171

João XXI (papa), 86
Joás, 179
Jordão da Saxónia, 285
Jorge Cardoso, 93
Josué, 212
Joviano (imperador), 30
Judas Macabeu, 177, 178, 296
Judeia, 213, 280
Jugo, 194, 297
Juliano (imperador), 30, 144
Julião de Vézelay, 163
Júlio César (imperador), 29
Júlio, o Veterano, 138
Justiniano (imperador), 30
Juvenal, 122

L

Lança, 191, 251, 259, 297
Languedoque, 63, 64, 171
Lanzo, 155
Las Navas de Tolosa, 71
Latim, 22, 27, 29, 42, 44, 50, 54, 81, 106, 111, 113, 116, 127, 140, 141, 220, 224, 225, 236, 291
Lugarais, 65
Leão Magno (papa), 82
Lectiones epistolarum vel evangeliorum, 83
Legenda Aurea, 108, 121
Legenda Maior, 170
Legenda Secunda, 92
Leiria, 72
Levi, 179, 296
Liber de situ et nominibus locorum hebraicorum, 232
Liber Extra, 95
Liber Homelarium, 85
Liber qui dicitur 'Dominus uobiscum', 124, 155, 163
Liber quo ordine sermo fieri debeat, 104
Liber Sancti Iacobi, 272
Liber sententiarum, 121
Liber sermonum, 82, 85
Libro de Buen Amor, 42
Librum Sermonum Sancti Augustini, 84
Licet Sacrosancta (bula), 168
Língua vulgar, 22, 32, 81, 220
Lisboa, 21, 26, 27, 28, 31, 33, 35, 36, 39, 40, 41, 54, 71, 72, 77, 81, 94, 106, 226, 227, 255, 263, 277, 292, 331, 334, 348
Litteras quas (bula), 102
Livro da Vida Solitária, 42
Livro das confissões, 42
Lo cavalier armat, 171
Lucano, 122
Lúcio III (papa), 64, 89
Luís de Sousa, 93, 96
Luís I, o piedoso (rei), 151
Lyon, 63

M

Macário do Egito, 84, 140
Magêncio (imperador), 29
Magna Vita Sancti Hugonis, 161
 Magrebe, 226
Marcelo de Tânger, 138
Marcial, 122
 Marcionismo, 130
Marco Aurélio, 126
Margarida de Antioquia, 278
Marina de Antioquia. Consulte **Margarida de Antioquia**
Marino, 155
 Mariologia, 40, 43, 86, 249, 276, 301
Martim Pérez, 42
Martinho de Leão, 233
Martinho de Polónia. Consulte **Martinho de Tropau**
Martinho de Tours, 41, 79, 140, 143, 144, 151
Martinho de Tropau, 79
Maurício de Tebas, 138
Maximiliano (imperador), 256
Maximiliano de Tébessa, 138
Máximo de Turim, 83
Meditationes de humana conditione, 233
Menandro Protetor, 30
Mercenário, 182, 296
Midianitas, 177, 180, 296, 297
 Miles Christi, 45, 49, 129, 131, 141, 149, 150, 151, 152, 167, 169, 170, 172, 217, 237, 239, 275, 300, 475
 Militia Christi, 45, 46, 124, 125, 126, 129, 131, 135, 136, 139, 140, 141, 143, 146, 147, 150, 151, 154, 166, 167, 171, 172, 217, 227, 230, 238, 241, 295
 Minho, 272
Mira circa nos (bula), 169
 Mondego, 70, 97, 101
 Montepellier, 76
Moralia in Job, 120, 148, 232
 Mosteiro beneditino de Reichenau, 108
 Mosteiro de Santa Clara de Arcela, 100
 Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, 24, 61, 82, 85, 95, 96, 98, 114, 115, 120, 227
 Mosteiro de Santa Cruz de Cortes, 84
 Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, 26, 41, 79, 82, 110, 118, 121, 272
 Mosteiro de Santo André de Vercélio, 98
 Mosteiro de São João de Tarouca, 110, 118
 Mosteiro de São Vicente de Fora, 84, 95
 Mosteiro de São Vítor de Paris, 119
 Múrcia, 77

N

Narbona, 171
 Nepotismo, 61
Nero (imperador), 136, 178, 256, 271

Nicolaísmo, 61
Nicolau de Santa Maria, 86
 Nínive, 178
Norberto de Xanten, 62
 Norte de África, 96
 Nova Trajana Bosra, 212

O

Odão de Cluny (abade), 151, 295
Odilo de Cluny (abade), 161
Odo Cluny, 83
Omellie per quas legunt ad mensam in dominico, 84
 Ordem da Santíssima Trindade para a Redenção dos Cativos (O.SS.T.), 67
 Ordem de Cister (O.Cist.), 48, 62, 63, 78, 82, 84, 85, 118, 154, 158, 168, 285
 Ordem de Cluny (O.Clun.), 62, 158
 Ordem de Fontevault (O.Font.), 63
 Ordem de Grandmont (O.Gram.), 62, 157
 Ordem de S. Bento (O.S.B.), 73
 Ordem do Templo (O.T.), 153, 154
 Ordem dos Carmelitas (O. Carm.), 67
 Ordem dos Cartuxos (O.Cart.), 62, 153, 154, 157, 160
 Ordem dos Cavaleiros do Templo (O.T.), 153
 Ordem dos Cónegos Rergrantes de Santo Agostinho (C.R.S.A.), 61, 73, 82, 95, 114, 154
 Ordem dos Cónegos Regulares Premonstratenses (C.R.P.), 62, 63
 Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho (O.E.S.A.), 67
 Ordem dos Florenses (O.F.), 168
 Ordem dos Frades Menores (O.F.M.), 23, 24, 48, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 79, 82, 85, 87, 91, 96, 98, 103, 106, 115, 116, 117, 166, 167, 168, 169, 171, 218, 220, 227, 235, 236, 237, 240, 241, 242, 253, 285, 292, 295
 Ordem dos Humilhados (O.Hum.), 63, 65
 Ordem dos Mercedários (O. de M.), 67
 Ordem dos Pregadores (O.P.), 23, 24, 48, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 82, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 100, 101, 103, 104, 106, 110, 116, 117, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 179, 218, 227, 235, 236, 237, 240, 241, 242, 247, 262, 277, 279, 285, 286, 292, 295
Orderico Vital, 278
Orígenes, 83, 120, 130, 131, 232
 Osma, 65
Ovídio, 54, 121
 Oxford, 76

P

Pacómio do Egito, 139
 Pádua, 7, 26, 38, 41, 76, 99, 100, 101, 102, 168
 Paio, 292
Paio de Coimbra, 7, 9, 22, 23, 24, 25, 26, 37, 41, 42, 43, 44, 47, 48, 49, 54, 56, 60, 62, 70, 80, 83, 87,

88, 91, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 110, 111, 112, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 172, 173, 176, 181, 188, 189, 195, 200, 203, 206, 207, 211, 214, 217, 222, 224, 225, 226, 227, 228, 230, 231, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 242, 243, 245, 246, 247, 249, 255, 256, 257, 261, 262, 263, 268, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 282, 283, 284, 285, 291, 292, 293, 296, 299

Palência, 75

Papias, 120

Parábolas, 162, 227

Paris, 31, 32, 76, 146

Pascásio Radberto, 149, 295

Passio Agaunensium Martyrum, 138

Passio Iuliani milites, 138

Passio Perpetuae et Felicitatis, 137

Passio S. Margaritae Virginis et Martyris, 233, 278, 300

Passio Sancti Vicentii Levitae et Martyris, 233, 300

Pataria, 64

Patérculo., 122

Paulino de Nola, 140

Paulo de Tebas, 140

Paulo Diácono, 32

Paz de Deus, 59

Pedra, 191, 194, 254, 275, 297

Pedro, 267

Pedro Abelardo, 156

Pedro Comestor, 121

Pedro Crisólogo, 83

Pedro Damião, 121, 124, 125, 155, 159, 163, 295

Pedro de Celles (abade), 154, 157, 295

Pedro de Poitiers, 79

Pedro de Reims, 111

Pedro de Saint-Pierre-sur-Dives, 162

Pedro de Tubedobe, 295

Pedro Eanes (abade), 110, 118

Pedro Hispano. *Consulte João XXI (papa)*

Pedro João Olivi, 171, 295

Pedro Julião. *Consulte João XXI (papa)*

Pedro Lombardo, 79, 121, 232

Pedro Mangot, 154

Pedro Pitões (bispo), 81

Pedro Tudebode, 152

Pedro Valdo, 63

Pedro, o Diácono, 148

Pedro, o Venerável, 154, 156, 157, 158, 295

Pelágia. *Consulte Margarida de Antioquia*

Pelágio Abril. *Consulte Paio de Coimbra*

Penhasco de Oreb, 213, 297, 298

Península Balcânica, 64

Península Ibérica, 61, 69, 72, 74, 77, 93, 96, 239

Penitência, 62, 63, 65, 66, 75, 104, 123, 168, 170, 179, 202, 204, 221, 249, 264, 265, 266, 267, 268, 275, 301, 419, 514

Performance, 219, 221

Peristephanon, 136

Perpétua, 137, 295

Pérsio Flaco, 122

Pictura, 7, 9, 25, 37, 49, 50, 159, 172, 173, 174, 175, 176, 182, 185, 193, 195, 201, 211, 217, 219, 221, 222, 224, 225, 226, 228, 230, 231, 232, 234, 235, 237, 238, 239, 242, 243, 244, 245, 246, 249, 250, 253, 257, 261, 264, 268, 271, 273, 274, 296, 297, 299, 301, 364

Pirenéus, 112

Plactus de transitu Odilonis abbatis, 161

Platão, 122

Plínio, 54, 121

Políbio, 28

Portes, 160

Porto, 21, 26, 27, 43, 72, 73, 77, 81, 100

Poverello. *Consulte Francisco de Assis*

Pregação, 22, 26, 38, 43, 61, 63, 64, 65, 69, 71, 73, 75, 76, 78, 80, 81, 82, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 103, 104, 105, 106, 115, 116, 117, 119, 166, 167, 168, 169, 173, 178, 180, 190, 192, 199, 205, 213, 218, 219, 220, 221, 222, 227, 236, 249, 260, 261, 262, 270, 271, 274, 275, 279, 284, 293, 295, 296, 298, 300, 301, 340, 364, 418, 460, 541

Prémontré, 62

Preto, 202, 252, 273

Primeira Epístola de Clemente, 132

Prisciano, 54

Processus, 83

Processus negociandi theamata sermonum, 104

Procópio de Cesareia, 30

Provença, 63

Pseudo Agostinho de Hipona, 84

Pseudo Ambrósio, 300

Pseudo Anselmo de Cantuária, 156

Pseudo Boaventura, 104

Pseudo Crisóstomo, 84

Pseudo Dionísio, 283

Pseudo Jerónimo, 84

Pseudo Josué, o Estilita, 30

Pseudo Orígenes, 84

Pseudo Zacarias de Mitileno, 30

Psicomaquia, 7, 9, 15, 23, 24, 42, 45, 46, 47, 48, 49, 60, 123, 124, 125, 129, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 144, 145, 148, 152, 156, 165, 169, 171, 172, 173, 174, 175, 185, 195, 196, 211, 214, 217, 225, 227, 228, 234, 237, 242, 245, 246, 247, 248, 249, 268, 269, 274, 277, 284, 291, 296, 298, 299, 573

Públio Siro, 122

Q

Quadriga, 203, 206, 254, 257, 273

Quintiliano, 54

R

Rábano Mauro, 83, 108, 121, 150, 151, 233, 295

Raimundo de Aguilers, 32
Raimundo de Penhafort, 77
Raimundo VI de Toulouse (conde), 64, 171
Raymundina, 92
Redemptor noster (bula), 87
Regra de S. Bento, 62, 144, 146, 147, 148, 149, 150, 157, 227
Regra de Santo Isidoro de Sevilha, 147
Regra de Sto. Agostinho, 62, 66
Regra do Mestre, 145
Regula bullata, 67, 167
Regula non bullata, 67, 167
Regula primitiva, 67
Reichenau, 108
Reims, 62
Reino de Leão e Castela, 70
Reino de Portugal, 21, 22, 23, 24, 35, 47, 48, 61, 70, 72, 73, 77, 80, 81, 82, 87, 95, 100, 112, 114, 226, 237
Reino Nabateu, 212
Religiosam Vitam (bula), 66
Renânia, 56
Replicatio sermonum a prima conversione, 83
Res Gestae, 29, 30
Ricardo de São Bonifácio (conde), 99
Ricardo de Thetford, 104
Rigaldina, 92
Rimini, 115
Rinaldo de Jenne (cardeal-bispo). Consulte **Alexandre IV (papa)**
Roberto, 285
Roberto de Arbrissel, 63, 159
Roberto de Châtillon, 158
Roberto de Clari, 32
Roberto de Grosseteste, 79
Roberto de Molesme, 63
Rodrigo Díaz de Bivar, 31
Roma, 99, 256, 278
Rudimentum doctrinae, 104

S

Salústio, 29
Salvaterra, 71
Samaria, 213, 297
Sancho I (rei), 70, 97
Sancho II (rei), 70, 74, 97, 99, 100, 226
Santarém, 71, 72, 73, 77, 87
Santiago de Compostela, 272
Saul, 176, 178, 179, 180, 184, 296, 297
Sebeos, 30
Sela, 194, 259, 297
Sententiarum libri quatuor, 232
Septuaginta. Consulte *Bíblia*
Sermo, 83
Sermo in transitu sancti Malachiae, 83
Sermo LXI, 82
Sermones, 79

Sermones (Álvaro Pais), 87
Sermones (Ivo de Chartres), 83
Sermones Centum, 78
Sermones de sanctis, de tempore, quadragesimales, de Beata Maria Virgine, 80
Sermones de Santo Malachia, 82
Sermones de tempore et de sanctis (Guilherme Pérault), 79
Sermones de tempore et de sanctis (Martinho de Polónia), 80
Sermones de tempore, de Sanctis et de diversis, 83
Sermones Dominicales et Festivi, 7, 9, 22, 24, 25, 26, 38, 40, 41, 42, 44, 47, 49, 103, 110, 112, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 121, 122, 125, 172, 174, 175, 176, 179, 180, 182, 184, 185, 188, 192, 196, 199, 200, 206, 210, 211, 217, 222, 225, 230, 231, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 241, 243, 244, 246, 249, 250, 257, 264, 268, 269, 270, 271, 274, 276, 281, 282, 284, 293, 297, 298, 364
Sermones dominicales et festivi communes, 87
Sermones in Cantica Canticorum, 83
Sermones Super Cantica Canticorum, 79
Sermones Ugonis, 85
Sérvio, 122
Seta, 190, 191, 195, 251, 255, 264, 267, 274, 284, 297
Sião, 212, 297
Siceleg, 213, 297
Sicília, 54
Silves, 71, 83, 85, 87
Simão IV de Montfort (conde), 171
Simbólica, 23, 24, 34, 35, 36, 37, 38, 41, 42, 47, 49, 50, 123, 129, 144, 152, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 179, 180, 182, 183, 184, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 199, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 211, 212, 218, 221, 251, 264, 278, 280, 296, 297, 298
Simeão, 179
Simeão, o Estilita, 140
Similitudo militis, 156
Simonia, 61, 252
Siquém, 178, 179
Síria, 179
Slovo o Polku Igoreve, 31
Snorri Sturluson, 31
Sobre os edifícios, 30
Soeiro Gomes (provincial), 72, 74, 96
Solet annuere (bula), 67
Solino, 122
Speculum regis, 87
Suábia, 108
Suetónio, 29
Sulpício Severo, 143, 144, 227, 295
Summa de arte prædicandi, 104
Summa de arte prædicatoria, 104, 219
Summa de virtutibus et vitiis, 171
Summa Sermonum, 7, 9, 22, 24, 25, 26, 27, 42, 43, 44, 47, 49, 50, 95, 96, 100, 101, 103, 110, 111, 114,

115, 116, 117, 119, 120, 121, 125, 172, 175, 176, 179, 180, 182, 184, 185, 188, 192, 196, 199, 200, 201, 206, 210, 211, 214, 217, 222, 225, 230, 231, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 241, 244, 246, 247, 249, 250, 263, 268, 272, 273, 274, 276, 278, 281, 282, 284, 293, 295, 297, 298
Surrão, 194, 275, 297

T

Tabernáculo, 204, 297
Tarracóna, 135
Tebas, 178
Técua, 297, 298
Tejo, 70
Telo (presbítero), 95
Tenda, 204, 297
Teófanos, o Confessor, 30
Teofilato Simocata, 30
Terêncio, 122
Terra Santa, 59, 68
Tertuliano, 136, 295
Tiago de Vitry, 111
Tiago de Voragine, 80, 108, 121
Tíbulo, 122
Timóteo, 177, 184, 296, 297
Tito Lívio, 29
Toledo, 54, 322
Tomás Becket (arcebispo), 165
Tomás de Aquino, 282
Tomás de Celano, 169, 170, 295
Tomás de Chobham, 104
Tomás de Perseigne, 164
Tomás Galo, 98
Torre, 204, 254, 297
Toulouse, 65, 76, 167
Tours, 151
Tractatus de ordine vitae, 160
Tractatus de ordine vitae et morum institutione, 155
Trás-os-Montes, 70
Tréguas de Deus, 59
Trombeta, 205, 265, 271, 275, 297
Tucídides, 28
Túnis, 77

U

Ugolino dos Condes de Segni (cardeal). *Consulte*
Gregório IX (papa)

Ulpiano, 122
Universidade, 55, 58, 75, 76, 77, 79, 88, 95, 96, 103, 171, 218
Universidades, 86

V

Valafrido Estrabão, 107, 231, 233, 299
Valdismo, 63, 64, 65, 250
Vale de Elá. *Consulte* Vale de Terebinto
Vale de Terebinto, 213, 297
Vale do Carvalho. *Consulte* Vale de Terebinto
Valério de Bierzo, 83
Valo, 205, 206, 263, 281, 297
Varrão, 122
Verba seniorum, 233
Vermelho, 202, 252, 267, 270, 273
Verona, 99
Vicenza, 168
Vida apostólica, 60, 61, 63, 65, 122, 292, 295
Vida de S. Martinho, 227
Vida de Santo Antão, 140, 227
Virgílio, 54
Vita Caroli, 32
Vita del Dialogus, 92
Vita Fratrum, 171
Vita Prima, 92, 93, 101, 169
Vita prima sancti Francisci, 169
Vita sancti Geraldi Auriliacensis comitis, 151
Vita venerabilis Amedaei Altae Ripae, 158
Vitae Fratrum, 92, 93, 95, 101
Vulgata, 108, 225, *Consulte* Bíblia

X

Xanten, 62
Xenofonte, 28

Z

Zabulão, 177, 178, 184
Zacarias de Roma, 72
Zaratustra, 126
Zoroastrismo, 126
Zósimo, 30

3. Índice de ilustrações

Diagrama 1: Modelo de Descodificação de uma Mensagem Poética.....	223
Diagrama 2: Modelo de Descodificação de uma Mensagem Poética. Diagrama de Comunicação Aplicado [SA e SSP].....	288
Gráfico 1: Combatentes Espirituais – Significantes I [SA e SSP]	175
Gráfico 2: Combatentes Espirituais – Significantes II [SA e SSP]	181
Gráfico 3: Combatentes Espirituais – Sentido [SA e SSP]	183
Gráfico 4: Combatentes Espirituais – Significados I [SA e SSP]	185
Gráfico 5: Combatentes Espirituais – Significados II [SA e SSP].....	186
Gráfico 6: Combatentes Espirituais – Significados III [SA e SSP].....	188
Gráfico 7: Equipamentos Metafóricos – Significantes [SA e SSP].....	189
Gráfico 8: Equipamentos Metafóricos – Sentido [SA e SSP]	195
Gráfico 9: Equipamentos Metafóricos – Significados I [SA e SSP]	196
Gráfico 10: Equipamentos Metafóricos – Significados II [SA e SSP].....	199
Gráfico 11: Equipamentos Metafóricos – Significados III [SA e SSP]	200
Gráfico 12: Operações Militares Alegóricas – Significantes [SA e SSP]	201
Gráfico 13: Operações Militares Alegóricas – Sentido [SA e SSP].....	206
Gráfico 14: Operações Militares Alegóricas – Significados I [SA e SSP].....	207
Gráfico 15: Operações Militares Alegóricas – Significados II [SA e SSP]	209
Gráfico 16: Operações Militares Alegóricas – Significados III [SA e SSP]	210
Gráfico 17: Arenas de Combate Interior – Significantes [SA e SSP]	211
Gráfico 18: Arenas de Combate Interior – Sentido [SA e SSP].....	214
Gráfico 19: Arenas de Combate Interior – Significados I [SA e SSP].....	215
Gráfico 20: Arenas de Combate Interior – Significados II [SA e SSP]	216
Gráfico 21: Arenas de Combate Interior – Significados III [SA e SSP]	217
Gráfico 22: Emissores – Fontes Imagéticas [SA e SSP]	228
Gráfico 23: Emissores – <i>Topoi</i> da Psicomaquia [SA e SSP].....	234
Gráfico 24: Destinatários – Figurações Bélicas [SA e SSP]	238
Gráfico 25: Destinatários – Fontes Imagéticas [SA e SSP]	239
Gráfico 26: Destinatários – <i>Topoi</i> da Psicomaquia [SA e SSP].....	241
Gráfico 27: Canais – Distribuição de <i>Picturae Bellorum</i> [SA e SSP].....	242
Gráfico 28: Canais – Distribuição de <i>Picturae Bellorum</i> [SA]	243

Gráfico 29: Canais – Distribuição de <i>Picturae Bellorum</i> [SSP]	245
Gráfico 30: Sinais e Mensagens – Assuntos das <i>Picturae Bellorum</i> [SA e SSP]	250